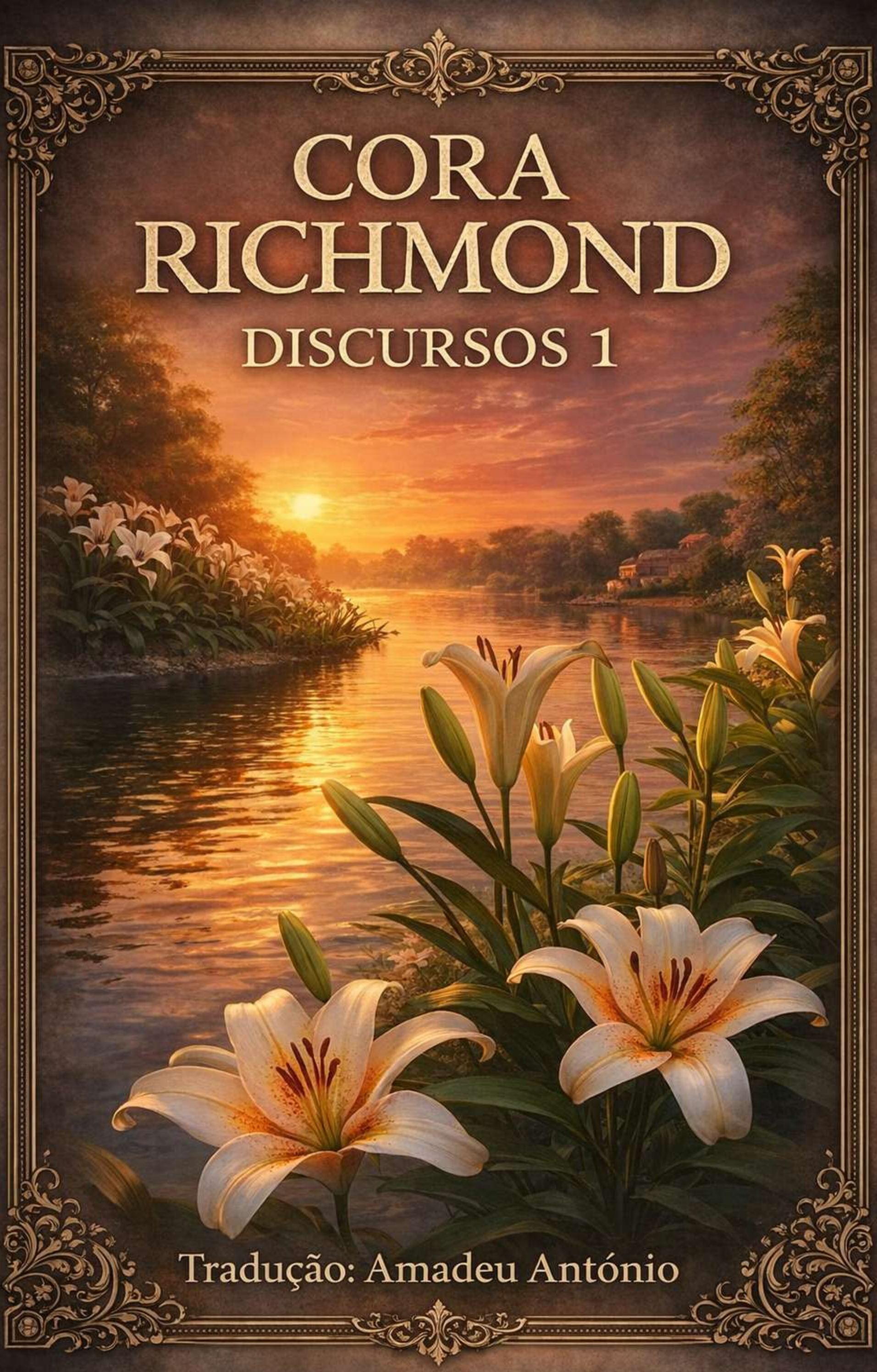
CORA RICHMOND

DISCURSOS 1



Tradução: Amadeu António

ÍNDICE:

APRESENTAÇÃO DO ESPIRITUALISMO
FATOS & FANTASIAS DA RELIGIÃO 1 a 5
EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS - CURA MORAL E ESPIRITUAL
RESPOSTA A DIVERSAS QUESTÕES DE IMPORTÂNCIA RESPEITANTES AO MUNDO ESPIRITUAL
NIRVANA - DE UM A OITO - DO CAOS ATÉ AO COSMOS
EVIDÊNCIAS DA IMORTALIDADE
JUIZ JOHN EDMONDS - MAIS ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS PORQUE PASSEI NA VIDA DO ESPÍRITO
JUIZ JOHN WORTH EDMONDS - EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU PELA ALTURA DA MUDANÇA CHAMADA MORTE E NO INGRESSO NA VIDA DO ESPÍRITO
JUIZ EDMONDS - O GOVERNO SOCIAL (ALMAS GRUPO) E POLÍTICO (AFINIDADE) DA VIDA ESPIRITUAL
JUIZ JOHN W. EDMONDS - AS EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU NA VIDA DO ESPÍRITO
SEGUNDA PALESTRA
JUIZ JOHN WORTH EDMONDS
JUIZ EDMONDS - A ESFERA DA SABEDORIA
O JUIZ EDMONDS DESPEDE-SE - HOMENS RICOS DE NOVA IORQUE
OS DOIS ESTADOS: O REAL E IDEAL
PALAVRAS DE DESPEDIDA DO EDITOR DO ESPÍRITO
JAMES MAPES - PERGUNTAS & RESPOSTAS
REALIZAÇÕES DO SÉCULO XX
UMA AULA subordinada à CURA ESPIRITUAL - DR. BENJAMIN RUSH
RESPOSTAS A QUESTÕES METAFÍSICAS acerca da alma
THOMAS JEFFERSON FALA SOBRE A DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA
O MEU LAR CELESTIAL - JAMES ABRAM GARFIELD
JAMES GARFIELD - MAIS SOBRE O MEU LAR CELESTIAL
EPES SARGENT - O DIA A SEGUIR À MORTE
A LEI DA INVOCAÇÃO, OU ORAÇÃO (ATRAÇÃO)
INDIVIDUALIDADE, A SUBSTÂNCIA DA VIDA DO ESPÍRITO
ORAÇÃO
A NECESSIDADE E A EFICÁCIA DA ORAÇÃO
O ESPÍRITO
O ESPÍRITO HUMANO INDIVIDUAL
AS FRATERNIDADES DAS ALMAS DESINCORPORADAS
O CONTINENTE PERDIDO DA ATLÂNTIDA
O SIGNIFICADO DO ESPIRITUALISMO
PROF. AGASSIZ FALA SOBRE A EVOLUÇÃO
HORACE GREELEY - A ASSOCIAÇÃO GREELEY
A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE O ESPIRITUALISMO E A CIÊNCIA
CORA RICHMOND - EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS
COMUNICAÇÕES DE ADIN AUGUSTUS BALLOU A SEU PAI
A ETERNA PROGRESSÃO DO ESPÍRITO HUMANO
A NATUREZA E OCUPAÇÕES DA EXISTÊNCIA ESPIRITUAL
O SOCIALISMO IDEAL
OS SINAIS DOS TEMPOS
A NATUREZA DA EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO - OS DONS ESPIRITUAIS
(VIDA ESPIRITUAL)
(ESTADOS ESPIRITUAIS QUE FAZEM FRONTEIRA COM O ESTADO MATERIAL)
O DOM DA CURA - DR. BENJAMIN BUSH

“A MENTE HUMANA”
O TEMPLO DO SOL
O TRIÂNGULO SAGRADO
A PRESENTE CRISE (THEODORE PARKER E HENRY CLAY)
APÓS A MUDANÇA DESIGNADA POR ‘MORTE’
(OS DIVERSOS ESTADOS E OCUPAÇÕES NA VIDA DO ESPÍRITO)
A GRANDE PIRÂMIDE DO EGIPTO
O DILÚVIO
REALIZAÇÕES DO SÉCULO XX
UMA VISÃO DO FUTURO
AS EXPERIÊNCIA PORQUE O SR. WILLIAM THOMAS STEAD PASSOU ANTES E APÓS A MORTE
ENTRE OS LÍRIOS
A REPÚBLICA E OS PERIGOS QUE CORRE - REAIS E IMAGINÁRIOS
O PODER DA ORAÇÃO
O TERRAMOTO DE JAVA* E OUTROS DESASTRES VISTOS DE UM PERSPECTIVA ESPIRITUAL
O ESPIRITUALISMO FILOSOFADO
O FECHO DO PERIÉLIO DE 1883 - QUE COISA PRESSAGIARÁ ELE?
O FUTURO MATERIAL E ESPIRITUAL DA TERRA
O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DO ANTIGO SÍMBOLO DA CRUZ
ESPÍRITOS GUARDIÃES E OS ANJOS DA GUARDA
A ORIGEM DO HOMEM
A ESFERA DAS ESFERAS ESPIRITUAIS 1&2
VIDA NOUTROS MUNDOS 1 E 2
VIDA E MORTE I
VIDA E MORTE II
SOBRE A MEDIUNIDADE
NÚMEROS MÍSTICOS
A CURA ANGÉLICA DAS ALMAS
A FILOSOFIA DA TENTAÇÃO
A NATUREZA DA VIDA ESPIRITUAL
ALGUNS MÉTODOS PARA A PRODUÇÃO DE MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS
ALGUMAS SUGESTÕES ADICIONAIS SOBRE MÉTODOS DAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS
ALMA, ESPÍRITO, MENTE E CORPO
CASAMENTO NA VIDA ESPIRITUAL
COMO AS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS SÃO PRODUZIDAS
EXCERTOS
O ESPIRITUALISMO MODERNO
O SOCIALISMO À LUZ DO ESPIRITUALISMO
RAZÃO E FÉ
RESPOSTAS A VÁRIAS QUESTÕES IMPORTANTES
UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DO TERMO LOGOS
UMA MENSAGEM ORIUNDA DOS DOMÍNIOS DA ALMA
AS RELAÇÕES QUE TEMOS COM MARTE
UMA PROPOSTA ESPIRITUAL
O SUCESSO DE CRISTO
O SUCESSOR DE CRISTO
CLARIVOLÊNCIA, OU PENSAMENTO CLARO
A CONDIÇÃO DO SUICIDA NA VIDA ESPIRITUAL
ACERCA DO MUNDO ESPIRITUAL

CONDIÇÃO NECESSÁRIA P/ ASSEGURAR COMUNICAÇÃO COM O MUNDO DO ESPÍRITO
PSICODINÂMICA – ESPIRITUALSMO VERSUS CIÊNCIA
DECRETOS IMUTÁVEIS DE DEUS
PALESTRA 11 DEZEMBRO DE 1859
EXCERTO BANNER 1880
CRIAÇÃO
DARWINISMO
A MORTE E A ALMA HUMANA
A MORTE E A VIDA PARA ALÉM
A EXPERIÊNCIA DE MORTE DE ADIN BALLOU
A COLHEITA DE MORTE ENTRE GRANDES HOMENS
EXISTIRÁ COISA TAL COMO DESTINO?
DEFIRENÇA ENTRE OCULTISMO, TEOSOFIA E CIÊNCIA ESPIRITUAL
ENTRARÁ, A CIÊNCIA, EM CONFLITO COM A BÍBLIA?

APRESENTAÇÃO DO ESPIRITUALISMO

UM DOCUMENTO ORGANIZADO PELOS GUIAS DA SRA. CORA L. V. RICHMOND PARA O PARLAMENTO MUNDIAL DAS RELIGIÕES EM CHICAGO, OUTUBRO DE 1893.

EMITIDO PELA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESPIRITUALISTAS
600 Pennsylvania Avenue S. E.
Washington, D.C.
Progressive Thinker 1893-4, pág. 38

"Deus é espírito, e aqueles que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade." – Jesus.

"Agora, irmãos, no que diz respeito aos dons espirituais, não quero que sejais ignorantes." – São Paulo.

"Milhões de seres espirituais caminham pela Terra tanto quando estamos acordados como quando dormimos." – Milton, Hesíodo.

"Uma pequena nuvem está a surgir no ocidente, não maior do que a mão de um homem, e um dia cobrirá toda a Terra; essa nuvem é o Espiritualismo." –

Lord Brougham.

"Não tive tempo, no meio da minha vida ocupada, enquanto resolvia o problema da liberdade humana, para investigar os fenómenos do Espiritualismo; no entanto, acredito que a sua filosofia e os seus fenómenos são verdadeiros e que o Espiritualismo será a religião do futuro." – Theodore Parker.
"Mais cedo do que imaginamos, raiará o dia em que uma ciência sem Deus será um absurdo não científico." – Giles B. Stebbins.

DECLARAÇÕES GERAIS

O Espiritualismo, como nome, é sinónimo de tudo o que se relaciona com o espírito:

1. O espírito universal que permeia e governa o universo como Inteligência Universal;
2. O espírito individual, quer expresso no ambiente terreno, quer na maior liberdade do reino superior.

Especificamente, o nome aplica-se aos aspetos religiosos, filosóficos e fenomenológicos de um movimento que teve os seus inícios modernos numa série de manifestações espirituais, mentais e físicas, há quarenta e cinco anos. [1848]

Este movimento e estas manifestações surgiram sem serem procurados por aqueles que estavam na vida mortal; apareceram quase simultaneamente em diferentes partes deste país e, muito pouco depois, em várias partes do mundo.

As manifestações e o nome Espiritualismo – de fato, o movimento como um todo e nas suas diversas partes – foram o resultado de inteligências impulsionadoras exteriores e manifestamente superiores aos seres humanos no estado terreno.

Para conveniência apenas, e sem qualquer intenção de separar qualquer parte do tema do todo, e sem esquecer que o nome, na sua totalidade, significa tudo o que alguma vez foi expresso do reino dos espíritos para aqueles que estão na vida mortal, e tudo o que foi desvendado pela aspiração e inspiração do espírito humano, o autor dividirá o assunto em três grandes tópicos, a saber:

1. O Aspeto Fenomenológico.
2. O Aspeto Filosófico.
3. O Aspeto Religioso.

O autor está convencido de que este método de apresentação melhor representará todas as classes de mentes interessadas neste movimento grandioso, quer no seu todo, quer através de qualquer um destes departamentos específicos.

PARTE I

Na apresentação, o autor inverterá a ordem, considerando primeiro

O ASPETO RELIGIOSO

Se, como declara São Paulo, "a fé é a substância das coisas esperadas, a evidência das coisas não vistas", então a fé mais exaltada deve ser sinónima do conhecimento mais positivo, e a palavra "fé" deve ter sido mal interpretada no seu significado essencial pela maioria dos religiosos denominacionais.

Aqueles que aceitam o Espiritualismo como uma nova manifestação de, ou uma nova religião (usando sempre a palavra "religião" na sua interpretação mais ampla) fazem-no com base nos seguintes princípios:

1. A Inteligência Suprema; a Mãe-Pai, Deus; a Alma Universal; o Pai Divino, ou qualquer outro nome ou termo que o indivíduo escolha como sinónimo do Bem Infinito, do Amor e da Sabedoria.
2. A alma (ou espírito) como uma entidade imortal, sempre em ligação com o Eterno e o Bem Infinito, buscando continuamente e recebendo evidências da presença amorosa do Todo; assim como o sol é a luz do universo visível, este Amor e Sabedoria Infinitos são a luz de todas as almas.
3. O reconhecimento da mensagem divina de Deus para o Homem, seja por perceção direta despertada no Homem, seja por inspiração vinda dos reinos superiores dos espíritos e seres angélicos.
4. O reconhecimento do Grande Mestre Messiânico ou Mestres como a voz da verdade para o mundo.

Aqueles que recebem o Espiritualismo no seu aspeto religioso dividem-se em:

1. Espiritualistas Cristãos, que aceitam a vida de Cristo, personificada em Jesus de Nazaré, como a mais elevada expressão da revelação religiosa da verdade e que consideram que, sem definições denominacionais ou sectárias, a vida e as obras de Jesus são a orientação mais elevada. No entanto, reconhecem que todas as épocas foram abençoadas com mestres espirituais escolhidos para trazer à Terra a mensagem da imortalidade e do amor de Deus pelo Homem.

A maioria destes Espiritualistas Cristãos são membros de diferentes igrejas cristãs. Em todas as igrejas denominacionais da cristandade existem aqueles que aceitam a comunicação espiritual ensinada pelo Espiritualismo como parte da sua religião.

2. Espiritualistas que aceitam a palavra "religião" na sua interpretação mais ampla, reconhecendo que as religiões de todas as épocas têm a sua base primordial na inspiração e estão dispostos e prontos a aceitar as verdades recebidas em qualquer e todas as formas de fé. Consideram que Zoroastro ou Zardhust, Moisés, Buda e Jesus foram intérpretes da verdade para as eras em que viveram; que os profetas, videntes e outros dotados de dons espirituais em todas as épocas foram os meios de

apresentar verdades espirituais ao Homem; que os dons espirituais, testemunhados hoje entre os médiuns para manifestações espirituais, são semelhantes (com as devidas adaptações ao estado geral da humanidade) aos que ocorreram no passado, especialmente os que acompanharam cada nova dispensação ou manifestação da verdade religiosa, sendo particularmente semelhantes aos mencionados na epístola de Paulo sobre os dons espirituais.

3. Existem ainda outros que acreditam que o Espiritualismo é uma nova dispensação religiosa; não apenas como uma nova afirmação de revelações antigas, perpetuando o bem em todas as religiões passadas, mas como uma nova e viva inspiração do Infinito como a luz deste dia. Acreditam que o Espiritualismo, na sua totalidade – fenómeno, filosofia e revelação – constitui a base da nova religião.

Os Espiritualistas não possuem credo sectário, artigos de fé ou declaração de crença, exceto a verdade tal como é percebida pelo indivíduo, concedendo a cada um o privilégio de adorar Deus segundo os ditames da sua consciência.

Há um sentimento de fraternidade com todos, e encontram-se no terreno comum da verdade espiritual universal.

Deus, manifestado no Amor Infinito. Fraternidade Universal das Almas.

PARTE II

O ASPETO FILOSÓFICO

"Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia." – Shakespeare, em *Hamlet*.
"Somos todos partes de um todo estupendo,
Cujo corpo é a Natureza e Deus a alma." – Pope

Toda a religião é amor (amor a Deus, fraternidade humana);
Tal como a ciência é a verdade ou o conhecimento demonstrado, assim a filosofia é sabedoria.

A filosofia do Espiritualismo é a fusão harmoniosa de todas as suas partes num único todo perfeito; a união dos seus fenómenos e do espírito, o encontro e a fusão do seu corpo e da sua alma.

Para muitos – talvez para um número maior de mentes reflexivas do que a maioria das pessoas imagina – o aspeto filosófico do Espiritualismo é o mais cativante e, como lhes parece, o seu lado mais abrangente. Para o autor, é um dos lados do triângulo equilátero, cuja base é a parte fenomenológica e cujo outro lado é a religião – triângulo que resolve o círculo da imortalidade.

A perfeição lógica da filosofia do Espiritualismo está na sua afirmação primordial.

A sua harmonia com a ética mais elevada reside no inquestionável propósito de elevação do indivíduo e da humanidade como um todo, através da substituição do crescimento individual e do desenvolvimento rumo à perfeição espiritual por qualquer outro método de alcançar o bem supremo, tanto aqui como no além.

As suas proposições são:

1. Que a existência presente e contínua do espírito consciente, o *ego*, reside na alma e não é uma concessão especial do Infinito, nem o resultado do contato com o organismo humano.

Que, independentemente das ideias dos indivíduos ou grupos acerca de uma existência consciente *a priori* ou de um estado prévio da inteligência individual incorporada em cada vida humana, há apenas uma conclusão filosófica baseada nas evidências fenomenológicas e intuitivas do Espiritualismo, a saber: que a mudança chamada morte (ou separação do corpo) não é apenas uma mudança natural (inerente a todos os organismos), mas é o próximo passo na existência do espírito, libertando ou ativando as suas capacidades no estado ou reino seguinte, e sendo tão perfeitamente coerente com o Plano Divino quanto o nascimento na forma humana.
De fato, que este próximo estado ou etapa é a sequência legítima da existência terrena, e que cada espírito humano retoma a sua linha de vida ativa no plano espiritual exatamente onde, como espírito individual, o fio parece quebrado ou perturbado pela morte.

2. Que o reino espiritual contém tudo o que os espíritos são ou necessitam nesse estado de existência, assim como o estado terreno contém tudo o que é necessário para a expressão terrena.

3. Que estados fixos de felicidade ou miséria não são possíveis em nenhuma fase da expressão espiritual, mas que cada espírito, de acordo com o seu crescimento, continua as suas atividades individuais e desenvolvimento, progredindo gradualmente de estados inferiores para superiores, através de ciclos infinitos.

4. Que nenhum Espírito ou Anjo é demasiado elevado ou santo para alcançar e auxiliar os que estão abaixo, nem há quem esteja demasiado baixo para ser ajudado pelos que estão acima.

"Ciclo após ciclo os séculos avançam,
Sempre para o alto todas as almas tendem,
Vistas na luz perfeita do amor perfeito,
Todas num supremo propósito sempre se unem."

6. Que os diversos estados em que os espíritos se encontram após a libertação do seu envolvimento físico, os princípios relativos e absolutos que regem esses estados, a fusão de espíritos em condições mais e menos perfeitas de desenvolvimento, a comunhão com os que estão na existência terrena e o auxílio prestado a estes; enfim, que os princípios que governam o reino espiritual e a sabedoria pela qual esse reino permeia, circunda e rege toda a vida são dados a conhecer.

A Filosofia do Espiritualismo é a Filosofia da Vida.

A ciência material afirma ter provado a indestrutibilidade do átomo primordial, ou qualquer que seja o termo último para a matéria.

O Espiritualismo prova a imortalidade da alma individual com fundamentos, deduções e provas tão inegáveis quanto os princípios da matemática.

Na sua definição final, é a Filosofia das Filosofias, tal como é a Religião das Religiões e (se necessário) a Ciência das Ciências.

Abrange as afirmações primordiais e finais sobre a matéria, os princípios primordiais e finais da mente, os princípios primordiais e finais do espírito na entidade eterna, a alma, e tudo o que se relaciona com estados e condições, graus e estágios de expressão, tudo o que diz respeito ao ser e inclui cada parte e fator na sua explicação do todo.

PARTE III

O ASPETO FENOMENOLÓGICO

Esta fase do tema é por vezes designada como científica, embora o autor não considere, pessoalmente, que as palavras "ciência" e "científico", tal como são geralmente entendidas, possam ser aplicadas à investigação das próprias fases fenomenológicas do Espiritualismo.

Há quarenta e cinco anos, cientistas como o Professor Robert Hare, da Filadélfia; James J. Mapes, de Nova Iorque, e, mais tarde, Alfred R. Wallace, Professor Crookes e Mr. Varley, de Inglaterra; Camille Flammarion, de França; Professor Zollner, da Alemanha, e dezenas de outros cientistas notáveis investigaram os fenómenos físicos do Espiritualismo e declararam, de forma unânime, que não existe nenhuma lei da ciência material com a qual estivessem familiarizados que pudesse explicar tais fenómenos. Concluíram que a única explicação possível é aquela sempre sustentada pelas inteligências manifestantes, ou seja, que a fonte dos fenómenos são espíritos desencarnados operando por meios e métodos completamente desconhecidos por qualquer ciência humana.

Como resultado das experiências de investigação dos fenómenos espiritistas, conduzidas por tantos eminentes cientistas em várias partes do mundo, ao longo dos quarenta e cinco anos em que o Espiritualismo, enquanto nome e manifestação, tem estado presente no mundo – desde os pequenos ruídos próximos de Rochester, Nova Iorque, até aos vários e numerosos fenómenos dos dias de hoje – há apenas uma conclusão entre os cientistas: a causa dos fenómenos é imanente nos próprios fenómenos, ambos estão demonstrados além de qualquer possibilidade de contestação ou dúvida; e investigar os fenómenos físicos, mentais ou intuitivos do Espiritualismo separadamente do tema como um todo, na tentativa de encontrar outra causa que não seja a ação dos espíritos, é um esforço tão desnecessário quanto investigar a luz do dia na esperança de descobrir outra fonte de luz além do sol.

Os fenómenos, a filosofia e a inspiração convergem em torno de pessoas chamadas "Médiuns", denominação que lhes foi atribuída pelas inteligências manifestantes, os espíritos que atuam sobre e através

deles. No presente momento, não existe conhecimento, nem entre os Espiritualistas nem entre os investigadores, dentro ou fora do Espiritualismo, sobre o que constitui essencialmente a mediunidade.

Os médiuns são escolhidos pelas inteligências espirituais que desejam manifestar-se, independentemente de nacionalidade, raça, classe ou condição social. Embora o dom particular ou fase da mediunidade possa parecer depender ou ser modificado pelos estados mental e físico do indivíduo, a mediunidade *per se* é a ação das inteligências espirituais que governam as manifestações.

As dificuldades para abordar esta investigação a partir de um ponto de vista puramente científico são evidentes, mesmo que a palavra "científico" seja alargada a todos os tipos de investigação.

As dificuldades são brevemente enunciadas: os fenómenos físicos são geralmente a base da investigação científica e, naturalmente, essa investigação deve partir do efeito para a causa. Assim, desde o início, a investigação deve limitar-se aos resultados apenas.

Por vezes, a ciência alcança um conhecimento perfeito dos resultados, mas apenas uma compreensão aproximada das causas.

Com os fenómenos espiritistas, a causa é imanente desde o início, e a ciência nada tem a fazer senão reconhecê-la.

Isto pode ser ilustrado da seguinte forma:

Se alguém ouve uma batida à porta do seu quarto ou da sua casa e, ao abrir a porta, encontra um amigo ou qualquer outra pessoa ou coisa como a causa dos sons, perde imediatamente o interesse no fenómeno dos sons e ocupa-se com o interesse maior de receber o seu amigo. Não há nada para resolver.

Se, no entanto, ele ouve repetidamente os sons e, ao dirigir-se à porta, não descobre nenhuma pessoa ou coisa que os pudesse ter produzido, inicia a sua investigação para descobrir a causa.

Desde a primeira manifestação dos fenómenos do Espiritualismo até à última, a causa ou origem dos fenómenos tem sido tão evidente quanto os próprios fenómenos.

Por métodos tão inteligentes quanto a linguagem, sinais ou qualquer sistema estabelecido de comunicação entre mente e mente nos estados humanos, estas inteligências espirituais foram reconhecidas. Invariavelmente, declararam ser espíritos individuais que outrora viveram em formas terrenas, acompanhando essa declaração com provas de identidade pessoal inteiramente separadas e independentes de qualquer indivíduo na forma terrena no momento da manifestação.

A causa dos fenómenos é, portanto, tão claramente idêntica aos resultados que torna uma investigação científica, baseada na descoberta de uma nova causa, completamente irrelevante. Ignorar o conhecimento já adquirido é totalmente anticientífico e ilógico. Assim, todas as investigações do Espiritualismo *de nervo*, que afirmam *a priori* que a origem das manifestações ainda é desconhecida, equivalem a ignorar o assunto por completo.

Sem dúvida, os métodos de comunicação entre os dois estados de existência consciente – um precedendo e o outro seguindo a mudança chamada morte – tornar-se-ão uma área de estudo interessante no futuro do Espiritualismo, ou serão revelados pelo mesmo reino e pelas mesmas inteligências que impulsionaram o movimento para a vida mortal.

Possivelmente, esse estudo levará à obtenção de dados científicos que permitirão um conhecimento mais aprofundado dos métodos pelos quais os espíritos desencarnados comunicam com os que estão no ambiente humano.

Até agora, não houve necessidade de formular fatos, pois cada manifestação foi dada com o propósito específico de transmitir a inteligência desejada dos espíritos desencarnados para os que vivem na Terra.

Uma vez que a filosofia, ou racionalidade, de todo o assunto inclui tanto a causa quanto o resultado – e uma vez que estes se resumem na única palavra Espiritualismo – o tema, na sua totalidade, está diante do mundo, e as suas subdivisões podem ser abertas ao estudo.

As conclusões são invariavelmente as mesmas, quer se chegue a elas pelo método científico, por deduções filosóficas ou por inspiração direta, a saber: inteligências humanas individuais existem para além dos

estados terrenos (e presumivelmente são imortais) e manifestam-se sob condições desconhecidas para aqueles que vivem na Terra.

A demonstração disto e tudo o que dela decorre em relação às relações entre Espíritos – encarnados e desencarnados – e ao universo como um todo, constitui o domínio do Espiritualismo.

Não há solução para os fenómenos físicos, mentais ou espirituais dentro do domínio conhecido da ciência; e, embora os métodos de comunicação entre os dois estados ainda sejam desconhecidos, a evidência da existência dos espíritos desencarnados e da sua comunicação com este mundo está demonstrada.

Os espiritualistas não são, de forma alguma, inflexíveis quanto aos termos, e o autor reconhece plenamente aqueles que investigam dentro das linhas da ciência exata e valoriza o seu trabalho. No entanto, a maioria dos espiritualistas, ao considerar o tema como um todo, acredita que está além do domínio da ciência exata e pertence ao domínio do conhecimento revelado ou intuitivo.

Seja qual for a visão adotada sobre a investigação científica do tema – quer na sua totalidade, quer apenas nos seus fenómenos físicos – é apropriado afirmar aqui que todas as mentes científicas que investigaram os fenómenos deste movimento admitem que o Espiritualismo forçará uma reformulação ou recriação das bases e termos científicos.

Isto inclui o reconhecimento de um vasto reino inexplorado entre o reino do espírito e o domínio da ciência anteriormente reconhecido – quer esse reino inclua uma "quarta dimensão do espaço", como sugerido pelo Professor Zollner, quer se revele um campo de forças ocultas que interagem com os estados material e espiritual, ou, ainda, que os métodos de comunicação se provem simplesmente independentes da volição individual.

A adoção final de qualquer um destes métodos, ou de qualquer outro não mencionado, deverá ser determinada por revelações futuras e, em qualquer caso, a nova formulação será incorporada ao Espiritualismo como parte da sua totalidade.

Os cientistas espiritualistas resumem o assunto da seguinte forma:

1. A existência do espírito humano individual; a continuação da existência consciente do espírito individual após a mudança chamada morte; a intercomunicação entre os dois estados, pela ação voluntária de espíritos desencarnados que se comunicam com aqueles que vivem na Terra, seja através da ação automática sobre o cérebro ou qualquer parte do organismo humano sem a consciência do indivíduo afetado.
2. A ação sobre objetos sensíveis ou não sensíveis, sem a intervenção de qualquer ser humano, exceto que essas manifestações geralmente ocorrem na presença de um médium, que não contribui voluntariamente para a sua produção.
3. A ação sobre todos os corpos e substâncias na Terra ou na sua atmosfera, sem intervenção humana e por métodos desconhecidos em qualquer ciência existente.

A declaração científica do Espiritualismo é a demonstração da verdade da imortalidade.

PARTE IV

RESUMO DO SEU TRABALHO E INFLUÊNCIA

Num movimento totalmente impulsionado pelo reino do espírito e conduzido pela onda da inspiração, embora inteligentemente acolhido e auxiliado desde o início por muitas das mentes mais brilhantes da Terra, é totalmente impossível nomear ou enumerar todas as pessoas que ele alcançou.

Sociedades foram organizadas em todos os estados da União e em várias partes do mundo como centros para aqueles que tiveram experiências individuais e para receber as manifestações e ministrações do mundo espiritual. No entanto, o Espiritualismo propagou-se mais por meio de experiências individuais do que por esforços organizados.

Já em 1860, o falecido Arcebispo Hughes, de Nova Iorque, estimava que havia dez milhões de espiritualistas apenas nos Estados Unidos. Proporcionalmente, hoje deveria haver trinta milhões.

Os espiritualistas não reivindicam um número exato, e a quantidade não é importante na afirmação da verdade. Se os seus princípios e manifestações forem percebidos por apenas um, todo o mundo deve seguir.

A organização dos espiritualistas em sociedades locais e agora numa Associação Nacional tem mais o propósito de fomentar a fraternidade e a proteção mútua do que qualquer objetivo sectário, além de permitir o acesso às manifestações e ministrações, bem como aos ensinamentos espirituais transmitidos através dos médiuns.

Enquanto movimento global, a amplitude da sua influência é imensurável.

As suas manifestações abrangem todos os domínios do pensamento humano.

A sua presença no mundo alterou por completo a visão das mentes mais reflexivas sobre a morte, o além e a sua relação com a vida terrena, ao mesmo tempo que abriu caminho para a investigação de um vasto reino intermédio, incluindo as possibilidades latentes do espírito humano enquanto encarnado.

O Espiritualismo chegou aos cientistas nos seus laboratórios e estudos, e, dentro do seu refinado cadinho, reformulou a demonstração da imortalidade.

Entrou nas igrejas de todas as denominações, religiões e línguas, posicionou-se ao lado de clérigos, sacerdotes e ministros e sussurrou-lhes a mensagem da vida imortal, perguntando:

"Não são todos eles espíritos ministradores?"

O Espiritualismo provou ser o solvente de todas as religiões e filosofias, corrigindo ideias erróneas originadas de interpretações humanas imperfeitas sobre a vida futura e substituindo-as por conhecimento.

Restaurou os dons espirituais, tornando-os uma parte reconhecida da consciência da humanidade.

Milhares e centenas de milhares já o reconhecem pelo nome, dentro e fora das igrejas, das escolas de filosofia e dos domínios da ciência – e milhares mais o aceitam como verdade.

As suas fontes de inspiração são as hostes invisíveis.

Os seus mestres e mensageiros são os grandes, os sábios e os entes amados que partiram.

Abriu um caminho régio, ou interior, para o conhecimento a muitos que são os seus instrumentos escolhidos, tocando mentes infantis com fatos e dados, com conhecimento científico e filosófico, com sabedoria muito além dos seus anos e com eloquência desconhecida da arte mortal.

Não só criou uma literatura própria, com centenas de volumes de experiência e filosofia, e dezenas de periódicos que publicam as suas demonstrações e defendem as suas proposições, mas também permeou a melhor literatura da época, tocando e iluminando as mentes de escritores como Dickens, Thackeray, Longfellow, Phelps e muitos outros com a sua presença viva.

A sua influência elevadora faz-se sentir em cada vida que aceita as suas verdades e em todo o mundo, ao tornar os objetivos da vida terrena consistentes com a existência contínua – passos primordiais no caminho eterno – e ao estabelecer a base da vida como espiritual, e não material.

Para uma era materialista e descrente, demonstrou a existência do espírito humano para além da mudança chamada morte.

Para aqueles que tinham "esperança" e "fé", através de qualquer crença religiosa na vida futura, acrescentou conhecimento. E para ambos, abriu portais que nem sequer tinham sido deixados "entreabertos" entre os reinos espiritual e material.

Removeu o medo da morte, e do que poderia acontecer ao espírito após a dissolução do corpo, ao proporcionar o conhecimento dos estados e condições daqueles que passaram por essa mudança – conforme declarado pelo testemunho dos espíritos desencarnados, que, pela própria natureza da questão, são as únicas fontes autênticas de informação sobre a existência futura.

Construiu uma ponte sobre o abismo, unindo os dois estados de existência pelo arco-íris do amor.

Mensageiros imortais trouxeram o conhecimento do seu estado de existência e anunciaram, de formas inconfundíveis, a proximidade desse chamado "país desconhecido".

Mãos invisíveis reacenderam os fogos sobre os altares da inspiração que há muito estavam desolados.

Anjos e espíritos ministradores voltaram a afinar as vozes dos mortais para os cânticos imortais.

E removeram a pedra da entrada do sepulcro do coração de milhares de seres humanos que acreditavam que os seus mortos já não viviam. A sua autoridade é a verdade onde quer que se encontre. Os seus livros sagrados são a inspiração de todas as eras. Os seus Oráculos e Sacerdotes são aqueles que a verdade unge e a inspiração chama. O seu credo é a lei não escrita do conhecimento, da sabedoria, da verdade e do amor. Os seus cerimoniais são o serviço de uma vida nobre. A sua comunhão é com espíritos afins, e a sua fraternidade é com todos. Os seus altares são o espírito humano; os seus templos, as almas viventes.

É a porta aberta, a luz presente, a demonstração, a filosofia e a religião da alma imortal. De olhar sereno e sem medo, esta Presença de visão aberta contempla o que foi e o que será, o presente e o futuro, com igual interesse e coragem, nascidos da verdade perfeita.

As "fontes da vida eterna" são suas, e convida os mortais a beber sem receio nas suas fontes vivas. O "pão da vida" é seu, e convida todos os espíritos a participar livremente do seu tesouro abundante.

Da vindima do espírito, o vinho do seu reino eterno destila-se em correntes de inspiração viva. Poetas bebem quando este cálice dourado é pressionado contra os seus lábios e entoam os cânticos das esferas. Sábios recolhem, da sua casa de tesouros aberta, a sabedoria dos céus. Videntes e profetas, inspirados de novo, revelam uma vez mais o tema imortal – sempre antigo, sempre novo.

A mãe enlutada esquece a sua dor e enxuga as suas lágrimas ao ouvir as mensagens de amor. Os cansados encontram descanso nos seus caminhos eternos e serenos. Os fracos encontram força na sua ajuda sem limites. O crime, o pecado e todas as imperfeições e sombras humanas desaparecem gradualmente, mas de forma certeira, diante da sua luz toda-poderosa. O mundo inteiro, tocado, despertado, arrebatado, erguido da letargia das proposições materialistas e das afirmações dogmáticas; das prisões dos sentidos, dos túmulos da morte e do

desespero; dos sepulcros onde a esperança, a fé e o amor mais elevado estavam quase sepultados – volta-se para esta nova alvorada e exclama:

"Não é esta a luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo?"

FATOS E FANTASIAS DA RELIGIÃO 1

No Music Hall, Boston, 20 de agosto de 1859.

DISCURSO DA TARDE

A série de discursos matinais no Music Hall, sobre "Fatos e Fantasias Religiosas" (três dos quais já publicámos), e a série de discursos da tarde, tendo sido combinadas no seu final, adiamos a publicação das palestras finais para inserirmos as três proferidas à tarde, a primeira das quais apresentamos abaixo.

O QUE SIGNIFICA MORALIDADE?

Propomos, nesta tarde, falar sobre Moralidade — investigar o verdadeiro e legítimo significado do termo e tentar distinguir entre moralidade, enquanto tal, e as manifestações de qualquer outro princípio.

Na consideração geral do mundo cristão e, mais especialmente, dos religiosos, a moralidade é vista como idêntica ou, pelo menos, quase inseparavelmente ligada à ideia de religião. Esta visão é inteiramente errada. O respeito que os homens têm pela moralidade não se restringe aos países cristãos nem a religiosos de qualquer espécie. Nos países pagãos da antiguidade, a moralidade era pregada pelos filósofos e, de acordo com o padrão imperfeito da época, era certamente praticada entre o povo. Mesmo entre as tribos selvagens do mundo, nos dias de hoje, existe um certo padrão de moralidade que é seguido e praticado.

E, nas terras cristãs, certamente, não é apenas entre aqueles que se dizem seguidores do manso e humilde Jesus que devemos procurar a prática da moralidade. Quantos há que nunca frequentam uma igreja, que são até infiéis, mas que dão um exemplo de benevolência e moralidade que os cristãos fariam bem em seguir? Não são homens religiosos, mas são homens morais, muito mais morais do que milhares daqueles que, todos os domingos, ajoelham perante Deus nos bancos

almofadados de esplêndidas igrejas, e que, no restante da semana, enganam o próximo e oprimem os pobres.

A diferença entre moralidade e religião é esta: Religião é a forma fixa e positiva através da qual a alma adora, segundo as regras dessa forma, um Deus ou deuses. É uma lei social, subordinada a todas as condições e exigências da época. A religião pode existir durante anos sem mudanças; um código de moral pode mudar todos os dias – mas isso não é moralidade. O que era correto para Moisés e os antigos judeus torna-se horrendo para os cristãos modernos. Aquilo que o hindu ou o chinês considera correto, o cristão abomina. Excelências morais que, num país e numa nação, parecem as melhores e mais verdadeiras, no vosso país são desprezadas e odiadas. E por quê? Porque o padrão moral, embora subordinado à religião de cada país, está ainda mais subordinado aos caprichos, paixões ou sistema político de uma nação.

Quando religião e política estão unidas, quando Igreja e Estado formam a autoridade dominante de um povo, a moralidade pública fica subordinada à religião; a religião torna-se a igreja, a religião torna-se o Estado, a religião governa a vida privada, a religião determina cada ato e cada feito de uma pessoa. Tudo deve ser feito religiosamente; e, assim, a religião passa a servir tanto aos propósitos mais baixos quanto aos mais elevados, tanto às ambições mais vis quanto às benevolências mais sublimes, tanto às paixões mais grosseiras quanto às aspirações mais elevadas e sagradas.

A religião é feita causa de guerra e fome, para satisfazer ambições mesquinhas, vis e baixas. A religião submete-se a tudo o que é vil e rasteiro; mas a Igreja e o Estado sancionam-no. A França Católica e a Áustria Católica podem lutar – uma pela Igreja e pelo Estado, a outra por uma liberdade que nunca foi conhecida em casa e nunca poderá ser concedida por elas no exterior. A Inglaterra Protestante pode matar milhares para expandir os seus domínios, poder e riqueza, e o mandamento pode ser emitido pela igreja, e o ministro pode proclamá-lo do púlpito, e os cristãos podem dizer: "Não matarás!"

A moralidade dos antigos diferia da moralidade cristã, em teoria, neste aspeto. Epicuro, que é frequentemente citado como defensor da libertinagem, mas que na realidade era um moralista rigoroso à sua maneira, tinha um padrão de excelência moral que, em essência, era

este: a maior quantidade de prazer para o indivíduo. O padrão moral cristão é a maior quantidade de bem para o maior número de pessoas.

A moralidade pagã submete-se à paixão; a moralidade cristã consiste em tornar a paixão subordinada à razão. A moralidade pagã busca o prazer do momento presente, sem considerar o futuro; a moralidade cristã busca a bondade e a grandeza, para que o futuro também seja abençoado. A moralidade pagã encontra deleite apenas nos prazeres mais baixos; a moralidade cristã encontra deleite nos pensamentos, sentimentos e aspirações elevados de uma mente cultivada. Essa é a diferença entre ambas.

Não dizemos que o cristianismo, como teologia, tenha feito isto; dizemos que o cristianismo, como força moral, o fez. Pois, lembrai-vos, há muito pouca teologia na religião de Cristo. Não havia organizações eclesiásticas, não havia Igreja e Estado, não havia templos sacerdotais, não havia salões de culto, não havia santuários, imagens ou formas esculpidas, não havia credo além do do amor, não havia forma de adoração além da bondade constante e incessante, não havia igreja senão o mundo da humanidade, não havia restrição além da verdade positiva, eterna e perfeita. Esse é o código moral do cristianismo. Não era teologia, salvo o que os homens lhe adicionaram; não tinha credo, exceto aquele que mencionámos; não tinha organização, exceto a do amor e da fidelidade constante ao trabalho então iniciado.

A moralidade cristã, então, é a maior quantidade de bem para o maior número de pessoas. Esta moralidade teve de se tornar subordinada às regras teológicas, tornando-se um assunto de forma e cerimónia. A diferença entre o certo e o errado é feita subserviente ao capricho das seitas teológicas. O ministro, a Igreja, o credo devem dizer-vos o que é certo e o que é errado. "Algumas partes da Bíblia são verdadeiras, outras não", diz um. Outro diz: "É tudo verdade, tudo bom, tudo correto; não é apenas o padrão da religião, mas também o da moralidade."

Outro afirma: "Deveis aceitar apenas o que vos dizemos para aceitar." Outro ainda declara: "A vida de uma pessoa deve ser inteiramente devotada à Igreja." Assim, percebeis que cada homem é feito subordinado, não ao mais alto padrão de moralidade estabelecido, não à religião cristã, adotada na vossa própria Constituição, que foi a mais elevada e grandiosa do mundo – mas que tem sido tristemente deteriorada pela prática dos seus seguidores!

Direito, estritamente falando, é aquilo que, na estimativa de quem pratica o ato, é estritamente e inteiramente Justo. Esse direito, segundo o verdadeiro padrão, é aquilo que em todos os momentos, e sob todas as circunstâncias ou tentações, seja qual for a ocasião, é a regra do nosso dever absoluto.

Errado é tudo o que está em oposição ao direito. Ora, não estamos a pregar sobre qualquer assunto religioso, mas a restringir-nos puramente à aplicação prática do nosso tema. Pois, seja qual for a nossa opinião sobre o tema do mal, isso nada tem a ver com a ação individual da humanidade. Se Napoleão III tivesse conseguido libertar toda a Itália, o mundo inteiro teria dito: "Que grande! Que bom! Que virtuoso! Que moral!".

Mas se ele tivesse conseguido, provavelmente teria resultado numa tirania ainda maior do que aquela que ele exerce em casa. Bondade, virtude, gentileza, excelência e direito, bem como a caridade, começam sempre em casa. Napoleão III restringe a sua própria imprensa, é justamente impopular no seu próprio país, não é bom em casa.

A Itália não poderia esperar dele nada melhor do que aquilo que a França recebe. E mesmo que ele a tivesse libertado, e não lhe tivesse imposto correntes de escravidão mais pesadas e mais opressivas do que as que já usava antes, a intenção não teria sido boa. Pois ele procurava glória, fama e autoengrandecimento, enquanto a Liberdade permanecia sentada, de asas fechadas, em silêncio diante dele.

Ele não é moral ou bom por realizar um bom ato de forma não intencional. Não é justo aquilo que por vezes produz o bem; absolutamente justo é apenas aquilo que, para quem age, é sincera e conscientemente considerado justo. Aos olhos da Divindade, que é infinita, perfeita e divina, justo é aquilo que produz os maiores e melhores resultados; aos olhos dos homens mortais, que são humanos e finitos, justo é aquilo que tem a aprovação da consciência.

Sois cristãos. Acreditais nos Dez Mandamentos de Moisés, e no Décimo Primeiro Mandamento dado por Jesus — "Amarás o Senhor teu Deus." Acreditais na Regra de Ouro; é o padrão professado da vossa religião, da vossa moralidade, da vossa organização social; a vossa constituição baseia-se nela, as vossas leis são moldadas de acordo com os seus requisitos. Mas o que sois vós? Vejamos. Passaremos pelo

primeiro destes dois mandamentos – o amor a Deus. "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Sois membros de uma igreja cristã. Assinaram o credo, foram batizados na igreja, são um dos seus filhos. Perto de vós está um homem com quem tendes negócios a tratar amanhã. Ele é o vosso próximo, o vosso irmão de igreja, e vós olhais para ele, em consequência de algum negócio no qual ele levou a melhor sobre vós, talvez com ódio, talvez com desprezo secreto. Ele é vosso irmão. Talvez não o ajudásseis se ele chegasse, faminto, à porta do próprio templo onde adorais. Amais o vosso próximo como a vós mesmos?

"Não roubarás." Esta é uma palavra chocante para ser usada na boa sociedade, na sociedade cristã, onde apenas os marginalizados são supostamente ladrões, e a lei providencia imediatamente um remédio, enviando-os para o presídio ou para a prisão. Mas "Não roubarás" é um dos requisitos do código moral das vossas leis. Vejamos: sois um corretor, um banqueiro, um comerciante. Aqui está uma pobre viúva, com filhos órfãos, a coser para sustentar a sua vida e conseguir um pedaço de pão. Vós — que sois cristãos — porque ela não pode pagar o aluguer do trimestre, porque não pode, mesmo esforçando a vista sobre o seu trabalho, fazer mais do que garantir comida para os seus filhos — tirais-lhe do seu magro sustento o último cêntimo que possui, e se puderdes tirar mais, fá-lo-eis certamente.

"Não roubarás!" O próprio vizinho, na vossa igreja, a quem prometestes, ao entrar nela, amar como a vós mesmos, estais a procurar uma forma de roubar; de maneira respeitável, é verdade, de tal forma que a lei não vos possa tocar, mas roubá-lo, se puderdes. Sois comerciantes; alguém que desconhece os vossos preços entra na vossa loja. Roubais-lhe todo o dinheiro que conseguirdes antes que ele saia. Se ele obtém o valor do seu dinheiro, muito bem — mas é uma sorte se isso acontecer. "Não roubarás!" Sois banqueiros, e fostes confiados no vosso negócio para guardar em segurança o dinheiro que vos foi confiado. A certa altura, o banco faliu, os credores ficaram arruinados, e vós retirais-vos com os juros desse dinheiro que roubastes aos outros. Sois cristãos!

"Não matarás" é o padrão da vossa humanidade cristã. A Inglaterra cristã vai à guerra com a Índia para obter maiores posses. A América cristã, por vezes, tolera a guerra e o derramamento de sangue dentro do seu próprio território, desde que existam circunstâncias atenuantes — isto é, desde que o assassino tenha muito dinheiro para comprar a

opinião pública e a "Justiça" legal. Isto é algo que, por vezes, se conhece até no vosso meio.

Assim poderíamos percorrer todo o longo catálogo dos mandamentos, e não passa uma única hora em que, no meio desta comunidade cristã, cercados por igrejas cristãs, com pedras da calçada cristãs para caminhar, e casas cristãs por toda a parte, e pessoas cristãs a percorrerem as ruas — não passa uma única hora sem que um ou mais destes mandamentos sejam flagrantemente violados. A vossa moralidade não está à altura do critério que professais. Não sois aquilo que dizeis ser — pessoas morais e cristãs. E, ai de nós!, nem mencionaríamos isto, tal é a ironia que ressoa — mas "Amai-vos uns aos outros!", o mandamento de Jesus, seguido por ele em cada passo da sua vida, a Regra de Ouro, "Fazei aos outros o que quereis que vos façam a vós" — não ensinada por ele em primeiro lugar, mas por ele praticada de forma belíssima — disso não falaremos, exceto como algo a alcançar num futuro radiante, quando os homens seguirem aquilo que ensinam, praticarem aquilo que professam e forem aquilo que dizem ser.

Moralidade — encontra-se ela em casa? Virtudes cristãs — encontram-se elas algures por aqui, pairando ao redor, tocando os corações daqueles que nos ouvem? Sim; mas não as encontramos, na sua maioria, nos grandes templos de culto religioso; não as encontramos onde os homens mais as professam; não as encontramos entre os cristãos de negócios, que ao domingo afirmam ser cristãos, vestindo grunhidos santificados, para os despirem durante o resto da semana, pensando que Deus não o sabe; não as encontramos aí, nem entre a multidão leviana que desconhece o significado da palavra moralidade.

Raramente a encontramos nas salas da legislação, onde justiça não passa de outro nome para injustiça, e liberdade é uma zombaria do próprio termo; não encontramos virtude nos membros do Congresso, nos oradores da Legislatura; não a encontramos nos governantes e dirigentes dos vossos Estados e do vosso país; por vezes, nem no próprio Presidente a encontramos — nem sempre. Onde encontramos a virtude? Nos verdadeiros e vivos corações, cuja vida diária é uma prece proferida, cujo pensamento e sentimento constante não se prendem com formas cristãs, mas sim com caridades cristãs.

Aqui está uma mãe, pobre, ignorada, a vigiar o leito do seu filho. A criança está a morrer. Ela sabe que tem de a deixar partir; trabalhou

arduamente e por muito tempo para sustentar-lhe a vida, e homens e mulheres cristãos tiveram pena dela, mas nunca a ajudaram. A criança está a morrer. Ela sente e sabe que terá de se separar dela; e, no entanto, o seu forte coração de mulher cristã ergue-se em fé e esperança e, mesmo no meio da angústia da despedida, ela sente e murmura: "Seja feita a tua vontade!" O seu coração é forte; cumpriu o seu dever; a sua consciência está limpa, pois nada fez de errado. Aí está a virtude cristã.

Aqui está um homem cujo pão de cada dia depende do trabalho constante das suas mãos. Poucos o conhecem; e, no entanto, ele é justo e honesto, embora pobre, e percorre tranquilamente o caminho da sua vida. É bondoso para com aqueles que são ainda mais pobres do que ele, e divide, até ao último pedaço de pão, com quem estiver a sofrer. É desconhecido e ignorado; mas cumpre verdadeiramente a sua vida e o seu destino; e algo nos diz que ele é um cristão.

Quem aqui presente hoje não se recorda, com a mais profundo fervor de amor, da sua mãe, e de como, na infância, com constante zelo e amor materno, ela vigiava e guiava cada pensamento, sentimento e passo vosso, para que não entrásseis no caminho da tentação e do perigo, e rezava ao grande Pai para que Ele vos guiasse por todo o bem? E quando, por fim, chegaram os anos da idade adulta e tivestes de deixar o lar, com que devoção, ainda que triste, esse amor de mãe preparou a vossa partida; e cada peça de roupa, cada artigo necessário tinha de passar pelas suas mãos; e qualquer pequeno gesto ou ato de bondade que pudesse ser recordado depois da vossa partida, ela fazia questão de oferecer; e então, quando a mala estava finalmente arrumada, e cada coisa tinha sido santificada pelas suas lágrimas sagradas e pelas suas preces, saindo do seu coração transbordante para que fôsseis abençoados e prósperos, o volume sagrado — a sua única confiança, o seu amparo, a sua segurança — foi colocado na mala, e, por último, mas não menos importante, uma longa e afetuosa carta cristã da mãe, assinada pela sua própria mão e manchada pelas suas lágrimas. Aí está um cristão.

Uma mulher cujo pensamento e ato são devotados aos seus filhos, à sua casa, aos seus amigos, assistindo em cada boa palavra e ação — essa mulher é uma cristã. Segui-a — segui-a na sua vida diária — a paciência resignada, a longa perseverança, a tristeza, mas ainda assim a alegria apaixonada e o pensamento feliz que se traduzem na sua forma de viver — segui-a à igreja, segui-a para casa e na sociedade. Ela

espalha luz ao seu redor. Os pobres recebem bênçãos das suas mãos. O mundo não o sabe. Ela não coloca o seu nome, com pompa, no topo de cada lista de subscrição, para que todo o mundo possa dizer:

"Que caridosa! Que bondosa!" Mas se há um ato de bondade a ser feito, uma lágrima de simpatia a ser derramada, uma mão a ser estendida aos oprimidos e caídos, essa mulher está sempre pronta a dar tudo. Aí está uma mãe cristã. A vossa terra foi abençoada com tais mães. Podeis agradecer-lhe por toda a virtude moral e excelência que possuís agora; e se não tendes princípios, a culpa não é dela, mas vossa, porque não seguistes o seu conselho.

Mais uma vez: o padrão moral da sociedade não é o maior bem para o maior número. A lei social não o permite, nem mesmo na América republicana e democrática. Ainda devem existir seitas e partidos, ainda devem existir certas leis sociais que podem ou não estar em conformidade com o que é justo, mas que, ainda assim, devem ser obedecidas. Nem a saúde, nem a felicidade, nem a religião, nem a virtude cristã, nem a moralidade em si são tidas em consideração; "a sociedade" exige-o, "a respeitabilidade" requer isso.

Mas a moralidade é algo muito diferente disto. Lembrai-vos disto, homens e mulheres cristãos, vós que afirmam ser seguidores do manso e humilde Jesus — o mais elevado padrão de moralidade que Jesus alguma vez proclamou foi o do amor perfeito por toda a humanidade, da bondade e justiça perfeitas, da caridade e virtude perfeitas. Esse é o mais alto padrão alguma vez conhecido, provavelmente o mais alto que jamais será conhecido, ainda que incontáveis eras se somem ao passado.

Lembrai-vos de que o vosso padrão de moralidade é elevado; e que cada dia, cada hora e cada momento das vossas vidas devem ser um passo no vosso progresso em direção à sua concretização. Lembrai-vos de que não viveis apenas para vós mesmos, mas para todo o bem que puderdes fazer e para todos aqueles com quem vos relacionais.

Lembrai-vos de que não sois pagãos, que acreditam que vivem esta vida e depois se afundam na inexistência; lembrai-vos de que não sois filósofos pagãos, que acreditam no gozo do presente, deixando o futuro cuidar de si mesmo, e que crêem que o eu deve ser cultivado enquanto todo o resto do mundo é esquecido. Sois cristãos; acreditais na

fraternidade universal de toda a humanidade; acreditais que todos são vossos irmãos, vossas irmãs, vossos vizinhos, vossos amigos; acreditais que deveis ter pensamentos de bondade, realizar atos de amor que falem mais alto do que as palavras podem falar, revelando uma cristandade profunda e verdadeira em si mesma.

Moralidade. Não é certo que, em circunstância alguma, um homem cause dano a outro. É certo que todos os homens, em todas as circunstâncias, façam o bem ao próximo, se puderem. Se não puderdes fazer um favor ou praticar um ato de bondade para com alguém, não lhes causeis nenhum mal. Garantimos que, se estas regras, sem quaisquer outras, fossem rigorosamente seguidas por todos os homens, de todas as classes, que professam ser cristãos, o crime, a contenda, a guerra, a luta, o pecado e a miséria de toda espécie desapareceriam, os presídios e cadeias seriam transformados em escolas e universidades, os asilos de pobres seriam esquecidos, não haveria pobres, pois todos seriam ricos na riqueza da bondade humana, e todos seriam felizes na consciência de boas ações e pensamentos. A justiça é severa, estrita e inflexível, mas sempre bondosa; e a Justiça, por si só, expressa o elevado padrão da nossa moralidade, a nossa conceção do que a moralidade deveria ser, a nossa própria conceção de religião.

É certo fazer o que é certo; é errado fazer o que não é certo. O bem é aquilo que sempre acrescenta à felicidade do outro. O errado é aquilo que sempre traz infelicidade. Se estais a fazer algo que traz infelicidade, e pensais, conscientemente, que é certo, e que deveis sacrificar a vossa felicidade, lembrai-vos de que isso é errado. Prazer não é felicidade; pois a felicidade é constante e, tal como uma luz firme, brilha como a estrela da manhã, constante no céu. O prazer é um brilho efémero, fosforescente, que resplandece por um momento e desvanece, deixando apenas descontentamento. Aquilo que traz prazer não é sempre certo; mas aquilo que traz verdadeira, constante e perfeita felicidade — isso é certo.

Apresentámos-vos, tão brevemente quanto possível, a nossa conceção de certo e errado. O padrão não difere daquele que já ouvistes. Não vos trouxemos novas ideias sobre o tema. Mas confiamos ter despertado algumas conceções simples nas vossas mentes, que vos levam a supor que a moralidade não é uma questão complicada de filosofia mental, nem um assunto a ser teorizado, mas que o certo e o errado nunca podem ser relativizados, que o errado nunca pode ser tornado certo por

todos os sofismas do materialismo, que o certo nunca pode ser tornado errado por todas as perversões das mentes pervertidas, nem um pode ser trocado pelo outro, mas que ambos se apresentam na sua natureza essencial, clara, positiva e definida, de tal modo que todos os homens os podem compreender, se assim quiserem — a mente mais simples tanto quanto a mais erudita, e talvez a mente simples melhor do que aqueles que aprenderam de forma deturpada o que é certo e o que é errado.

O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o escravo e o livre — todos sabem, ou podem saber, isto. Se ides praticar um ato que sabeis que irá prejudicar alguém, não precisais de parar para questionar se é certo ou não; sabeis que é errado. Se ides pronunciar uma palavra que manchará a reputação e a honra de alguém inocente, sabeis que é errado. Se estais prestes a dar um passo na vida privada ou social que sabeis que ferirá os sentimentos de alguém — seja por meio de uma palavra, de um olhar — sabeis que é errado, e nem mesmo a gratificação da vossa mesquinha inveja ou malícia o poderá justificar. Se estais prestes a assumir um cargo de confiança pública, a ocupar um cargo, e sabeis o que é justo e verdadeiro, não precisais de consultar a vossa consciência; pois sabeis quando estais a agir corretamente.

Ainda que sejais um demagogo, bajulando o favor público, ainda que estejais dispostos a qualquer baixeza para obter um cargo, ainda que saibais, ao obtê-lo, que não podereis desempenhar corretamente as suas funções, ainda assim sabeis quando fazeis o que é certo e quando fazeis o que é errado. Não há desculpa para um homem inteligente, que compreende a sua posição em relação aos outros; não há desculpa para um homem ignorante que, por nada saber, nada deveria fazer, alegando que não sabe o que é certo e o que é errado. A vossa consciência, e as consequências que inevitavelmente decorrem das vossas ações, dizem-vos sempre a verdade.

Podeis julgar a partir da causa e do efeito, nos caminhos do quotidiano. Não precisais de compreender os elevados padrões da teologia e da religião; não precisais de recorrer ao Catecismo, ao Credo, aos eleitos, aos ministros ou à Igreja; não precisais de pedir conselho à opinião pública. A vossa própria consciência — o registo escrito da vossa alma, a vossa própria inteligência — o motor da vossa mente, a vossa própria benevolência e humanidade — a fonte da vossa própria vida — estas coisas dir-vos-ão o que é certo e o que é errado.

Que todos, pois, se esforcem por alcançar a mais elevada bondade que a melhor mente alguma vez concebeu, a moralidade perfeita, constante e ininterrupta de uma vida boa e virtuosa, despretensiosa, verdadeira, pura e perfeita, e sempre a mesma. Essa é a maior religião. Sabendo isto, conheceis a única condizente com o caráter cristão, a única que o próprio Cristo alguma vez seguiu.

RELIGIÃO, OS SEUS FATOS E FANTASIAS 2

No Music Hall, Boston, 28 de agosto de 1859.
Discurso da Manhã.

Teremos hoje o prazer de chamar a vossa atenção para uma série de discursos que nos propomos apresentar à vossa consideração, sobre RELIGIÃO, OS SEUS FATOS E FANTASIAS. O nosso discurso de hoje será estritamente confinado à origem ou causa da religião — Deus, e a necessidade da sua existência.

É claro que não professamos, nem desejamos que se entenda, que sabemos mais sobre a Divindade, as suas leis ou os seus modos de agir do que vós. Mas professamos e defendemos que tudo o que a alma humana compreende sobre religião, e toda a ciência que revela verdades intelectuais, pode e deve ser reduzida a uma religião simples e genuína, na qual todas as mentes possam perceber e compreender o verdadeiro valor e a natureza das aspirações da alma para com a Divindade.

Todas as religiões, tanto as do presente como as de épocas passadas, assumem primeiro uma posição e depois tiram conclusões. Nada é provado, nada é demonstrado; todas as religiões, todos os credos de todas as seitas, baseiam-se apenas numa suposição, e essa é a suposição da existência de uma Divindade, sob qualquer forma que seja; a existência positiva e eterna de uma mente infinita que controla tudo. Ora, a existência de tal ser está longe de estar provada. Nem a inspiração, nem as deduções da metafísica, nem todos os esforços dos teólogos ou dos homens de ciência conseguiram demonstrar à mente humana que existe, de fato, uma Divindade pessoal, omnipotente e omnipresente.

É da natureza da mente humana não assumir nada sem provas. A natureza da inteligência no homem leva-o a questionar se algo existe, quando a sua existência não é provada. O homem tem, portanto, cinco sentidos, cada um dos quais lhe é dado para informá-lo, primeiro, da sua própria existência; segundo, da existência de tudo o que está fora de si; e, terceiro, das relações que existem entre si e toda a criação ao seu redor. Mas o poder ou princípio da mente humana, que reconhece e compreende a existência de um Pai infinito, sempre foi assumido. Apenas por presunção se basearam todos os credos, todas as religiões, todas as igrejas, todas as dinastias eclesiásticas; e as formas sagradas e santificadas das religiões antigas, mesmo daquelas que adoravam o verdadeiro Deus, conceberam-no com base em meras suposições.

Sendo este o caso, devemos determinar quais são as causas dessa suposição, quais são os fundamentos essenciais da crença na existência positiva de uma Divindade, e como a mente humana pode alcançar essa crença. Não estamos, neste discurso, a tentar interferir com as religiões estabelecidas do nosso tempo, nem a presumir que sois completamente ignorantes dos fatos e ideias que iremos expressar; estamos simplesmente a tentar ilustrar, segundo o nosso melhor conhecimento, a visão que toda a mente inteligente deve ter sobre a religião e as suas consequências. Provamos a existência de uma Divindade pela sua absoluta necessidade.

A nossa inteligência diz-nos que não devemos assumir nada. Não dizemos que há um Deus porque as estrelas brilham intensamente; não dizemos que há um Deus porque o universo gira harmoniosamente; não dizemos que existe uma força externa, inteligente e positiva na natureza, porque todos os homens sempre acreditaram nisso; não dizemos que há um poder, um princípio divino, omnipotente e eterno, existente nos céus, numa forma pessoal e tangível, porque a religião o afirma, porque os teólogos o dizem, ou porque grandes, bons e sábios homens sempre acreditaram nisso.

Dizemos que existe um Deus; e essa palavra compreende tudo o que a mente humana alguma vez foi capaz de conceber — tudo o que a mente alguma vez saberá — tudo aquilo a que os anjos, ou legiões de anjos, alguma vez alcançaram. Dizemos que sabemos que há um Deus, não que acreditamos, não que temos provas disso através da revelação, de tempos passados, ou de qualquer coisa além da própria mente; **sabemos** que há um Deus, pela necessidade da sua existência — um

poder, uma inteligência, fora e superior a toda a matéria, que guia, controla e determina tudo.

Por que sabemos isto? Nunca pode haver uma forma de existência sem uma origem ou causa. Sempre que vemos matéria a existir, aparentemente sem uma causa externa e motriz, essa matéria é fria, inerte e sem alma. Não pode haver forma, nem movimento, nem vida, nem organização sem inteligência. A organização é sempre o resultado de alguma existência, e toda a existência é sempre o resultado de uma causa superior e preexistente. Assim, a necessidade da existência de uma Divindade é demonstrada pela própria natureza da matéria.

Embora os homens de ciência tentem mostrar que as leis da natureza existem por si só, que possuem o poder e a perfeição da Divindade, tal coisa não pode existir. Se a natureza fosse o seu próprio Deus, a natureza não teria leis. Nem vós, nem eu, nem todos os homens de ciência do mundo poderiam compreender as leis da natureza, se ela fosse a sua própria divindade. Se o princípio da vida existisse por si só na matéria, e apenas nela, vós, como cientistas, geólogos, astrónomos, químicos, ou como estudiosos de qualquer ramo da ciência, nunca poderíeis compreender um único processo das suas operações; pois onde há inteligência infinita, conhecimento infinito, perfeição infinita, tudo é belo, divino, glorioso, para além da compreensão do homem.

A razão pela qual o homem não pode conhecer a existência de uma Divindade através da inspiração imperfeita ou da ciência imperfeita, é que tanto a inspiração quanto a ciência chegam ao homem através de fontes humanas e limitadas. Nas demonstrações da filosofia, tentamos, por meio do intelecto, provar a existência de Deus: mas há sempre algo em falta, devido à limitação imposta pela matéria.

Os homens dizem que há um Deus porque, em tempos antigos, quando Moisés recebeu a Lei, a inspiração do Pai desceu sobre ele; porque os profetas e videntes da antiguidade ouviram a sua voz e compreenderam o seu significado; porque Jesus de Nazaré proclamou a sua existência e o representou em forma humana; porque, de Génesis a Apocalipse, há uma inspiração perfeita e divina do Altíssimo, da qual a criação, o seu progresso, desenvolvimento e conclusão — uma revelação da verdadeira religião, o cumprimento da profecia e a manifestação do Todo-Poderoso — são todos perfeitamente exibidos e demonstrados.

Essa é a base da vossa evidência da existência da Divindade. Dizeis: "Acredito em Deus, porque a Bíblia o afirma; acredito em Deus, porque Moisés e os profetas ouviram a sua voz; acredito em Deus, porque profecias foram dadas por inspiração e cumpridas, e, portanto, Deus deve existir." Mas, em tudo isso, estritamente falando — e lembrai-vos de que não estamos a desrespeitar as vossas crenças religiosas — não há qualquer evidência da existência de uma Divindade. Nenhuma.

A inspiração de Moisés não foi além das necessidades da sua época, nem, ousamos dizer, além das suas próprias capacidades de inteligência, auxiliadas pela mais profunda compreensão da sua alma. Defendemos que pode ter havido nele uma inteligência superior à normalmente manifestada, e que as exigências da sua posição lhe trouxeram, por absoluta necessidade, a inspiração que recebeu.

A existência de uma agência divina externa, distinta daquilo que conhecemos como leis naturais, **não** está provada por tudo isso. E, especialmente para vós, porque nenhuma palavra escrita, nenhuma expressão mecânica pode jamais transmitir o espírito e a essência da Divindade,

Nenhum poder de vida perpétua pode jamais ser transmitido por expressões arbitrárias ou mecânicas. Toda a vida na natureza é espontânea; toda a perfeição na natureza é o resultado de um princípio absoluto e fixo dentro de si mesmo — uma existência superior, mais elevada do que a manifestação em si. Na inspiração, então, não há nenhum princípio grandioso, divino ou vivo naquilo que é frio e sem vida. Não podeis compreender o que Deus falou a Moisés, apenas lendo o que Moisés escreveu. Não podeis compreender como Cristo viveu, apenas lendo o registo da sua vida. Não podeis receber a inspiração de Paulo, simplesmente lendo as suas epístolas. Não podeis compreender a Revelação de São João, na ilha de Patmos, apenas pelo seu relato. Deve haver algum poder, algum espírito, alguma vida e inspiração que não estejam encerrados.

As portas do templo estão sempre abertas, para permitir que até vós possais perceber o que São João viu e quis dizer. Ao tentar, portanto, provar a existência de uma Divindade através da inspiração do passado, os teólogos perdem-se inteiramente na escuridão que envolve o presente; pois, se Deus, ou o espírito do poder infinito, alguma vez existiu, ou alguma vez pôde existir, se alguma vez houve necessidade de

uma Divindade ou de um poder criador, essa necessidade e esse poder permanecem tão constantes, tão incessantes e tão duradouros quanto a própria causa. Se a matéria alguma vez precisou de um Deus, ou de um Espírito da Vida, para a colocar em movimento, essa matéria necessita desse Deus, desse Espírito da Vida, para a manter em movimento. Se a alma humana alguma vez precisou de uma Divindade para a sustentar e perpetuar, a alma humana sempre precisará.

Se a inspiração foi concedida aos homens para que pudessem compreender a existência de Deus, a inspiração deve ser concedida agora aos homens para que possam perceber a existência de Deus. Um livro escrito não é suficiente; caracteres arbitrários de linguagem, formas e costumes não são suficientes; traduções, interpolações, interpretações do que já foi dado não são suficientes: deve haver uma vida, um espírito, um poder presente, movendo-se, pensando, agindo, vivendo com cada sopro de vida que respira ou faz pulsar o nosso coração. Acreditais na existência de um Deus. Porquê? Porque vos ensinaram a acreditar nisso, porque a história carrega consigo tesouros de revelações passadas; porque desde tempos imemoriais têm existido revelações e inspirações para provar a existência da Divindade; mas não é por isso que acreditais.

Tendes alguma outra evidência; caso contrário, a vossa crença não é crença: estais iludidos; não tendes evidência; e, se por um momento apenas perdessem essa evidência, cairíeis no ateísmo e na infidelidade. Porquê? Porque não tendes uma base positiva e uma evidência concreta para a vossa crença na existência de Deus. É mera suposição; e provaremos que assim é antes de concluirmos o nosso discurso.

Mas, antes de mais, permiti-nos observar que, entre todas as evidências que a religião oferece sobre uma mente suprema e controladora, não há nenhuma mais bela e perfeita do que aquela que chega a cada alma, separadamente e distintamente, e que responde a todas as outras inspirações, seja no Livro da Natureza ou no Livro da chamada Revelação.

Acreditais em Deus. Porquê? Porque fostes educados para acreditar nisso. Pegai num recém-nascido, que ainda não aprendeu a distinguir os objetos ao seu redor, cuja mente ainda não concebeu um pensamento, cujos olhos mal suportam a luz: colocai-o numa ilha isolada, longe do contato humano e da inteligência; e essa criança, ainda que nascida de pais cristãos, ainda que nascida de pais intelectuais, ainda que possua

todas as características inerentes à vossa natureza, não falará, não indicará inteligência da forma como vós o fazeis, não responderá às vossas perguntas aos vinte e um anos de idade, e, portanto, só poderá ser considerada uma existência mecânica. Não terá inteligência além daquela necessária para satisfazer as suas exigências físicas e naturais.

Pela necessidade da sua existência e pela necessidade da sua natureza, fará apenas isso: pela necessidade do meio em que está inserida, proteger-se-á das intempéries; procurará alimento e sustento; limitar-se-á inteiramente a satisfazer as exigências do seu corpo físico. Colocai essa criança na sociedade, numa sociedade civilizada e cristã, rodeada por todos os desenvolvimentos que a inteligência, a arte e a ciência podem oferecer, e direis: "Aqui está uma alma humana." Na mesma idade, um ser humano falará e agirá conforme foi ensinado, falará, pensará e agirá, porque pode dizer: "Aqui está um Deus" — e foi ensinado a acreditar nisso; porque tem uma vida conceitual para além da criação visível; porque foi ensinado a acreditar na existência de tal vida; porque pode dizer: "Aqui está um poder na inteligência, no pensamento e na mente"; porque a inteligência, o pensamento e a mente foram despertados pela associação.

Mas na condição natural dessa criança, sem qualquer contato com a inteligência, sem qualquer instrução, sem qualquer educação, **não acreditamos** que haveria uma única ideia de Deus ou a capacidade de conceber, no tumulto dos elementos ao seu redor, nas forças da natureza física ou nos recantos secretos da alma, a presença de um Pai Todo-Poderoso.

O que prova isto? Prova que a mente humana não reconhece nada que não lhe seja provado, e que a alma humana, por mais ativa que seja, está sujeita ao controlo perpétuo das circunstâncias e das leis; que tudo o que sabeis sobre religião, ciência e arte é o resultado do que foi conhecido no passado, e não de conceções originais vossas.

Nos países pagãos, quando a religião ainda era uma questão incerta e sujeita às conceções mais degradantes e indignas, as ideias de religião representavam os conceitos mais baixos e primitivos da mente humana; e apenas em proporção exata ao desenvolvimento da mente nessas épocas e países é que a religião poderia existir. Nenhuma inspiração excedia as exigências do dia, nenhuma inspiração ia além da paixão do momento, nenhuma era superior à mente humana. Cada deus de

madeira ou pedra, cada forma de teologia, era moldada pelas paixões humanas. Medo, amor, ódio, vingança, misericórdia, justiça — todas as qualidades da natureza humana foram personificadas.

A única diferença entre os deuses criados pelos pagãos e o Deus criado pelos cristãos é que os deuses dos pagãos eram manifestados de forma física e tangível. O Deus do cristão está fora e para além do alcance dos sentidos, e, portanto, é um Deus concebido pela mente, estritamente e inteiramente um Deus ideal, possuindo todos os atributos da natureza humana, intensificados e tornados infinitos pela imaginação; possuindo todos os atributos que a alma pode conceber, num grau intensificado, mas ainda assim um Deus imaginário, inteiramente imaginário. Como, então, podemos demonstrar que a alma humana alguma vez teve, ou alguma vez terá, uma evidência positiva de inteligência real fora de si mesma? Nós diremos.

Como dissemos antes, **sabemos** e podemos provar a existência da Divindade — podemos prová-la a partir das necessidades absolutas da existência. A matéria, por si só, é inerte, a menos que seja animada pelo movimento. O movimento não pode existir sem uma causa. Essa causa deve ter um método. O método nunca pode existir sem inteligência ou lei. A lei é sempre o resultado de uma força ou poder superior, que existe por si só, consciente, perfeito. Portanto, pela própria natureza de toda a existência, **deve** haver uma Inteligência externa, positiva e eterna; talvez penetrando e existindo em todas as coisas que se movem, mas ainda assim consciente — inteiramente existente por sis só e inteiramente autocontida. Esta é uma verdade que não pode ser refutada.

Nenhuma alma humana, possuindo por mais elevados que sejam os atributos, possuindo todas as qualidades que se diz existirem na Divindade, pode alguma vez manifestar essas qualidades exceto através da matéria. Toda a inteligência fora de si mesmo perde-se para a inteligência do homem, a menos que seja trazida ao contato com a matéria — tal como toda a comunicação entre os homens. Só isso permite que a mente se una à mente de outro; pois todas as almas aqui presentes hoje estão identificadas e unidas em leis fixas e positivas, uma misturando-se com a outra, e estão, assim, sempre sujeitas às leis da sua existência. A Divindade manifesta-se, portanto, na matéria. Pois não há lei, por mais inexplicável que seja, que não possa ser compreendida quando se desenvolve através do contato com a matéria.

Não há lei, por mais misteriosa que seja, que não possa ser demonstrada através da matéria. Não há lei, por mais perfeita que seja, que não possa, no seu funcionamento, ser simplificada pela luz que sobre ela se projeta a partir da sua conexão com a matéria. Assim, a mente humana e as leis da Divindade estão igualmente sujeitas às manifestações da matéria, precisamente porque essas manifestações são as manifestações da sua existência. Talvez, ao apresentar esta visão, possamos destruir essa grandiosa conceção de um Deus inteligente, identificado e pessoal, que, como se diz no Livro Sagrado, fez o homem à sua própria imagem — essa imagem sendo supostamente, segundo os teólogos cristãos ortodoxos, a forma humana.

Mas quando consideramos a existência absoluta da natureza de Deus, o poder e a qualidade da sua própria existência, a vida infinita do seu espírito, devemos reconhecer que as formas da matéria são subordinadas às suas exigências e que a forma humana é apenas o porta-voz da alma — a alma sendo feita à imagem de Deus. Como? Possuindo cada um e todos os atributos que existem em Deus, em qualidade, mas não em quantidade.

Toda a inteligência que existe na matéria é da mesma espécie de inteligência. Não podeis dividir a natureza em diferentes departamentos no que diz respeito a esta inteligência. A flor que desabrocha na primavera e parece morrer quando chegam os ventos do inverno possui o mesmo tipo de inteligência que permeia a forma humana. A mais pequena folha que tremula ao vento possui, nas suas veias e artérias e na sua causa de vida, a mesma qualidade de inteligência que faz com que a mente do homem se eleve, conte as estrelas e lhes dê nomes. A própria terra, que vibra sob os vossos pés, embora pareça inerte e fria, tem a mesma qualidade de inteligência que existe na mente do homem. Mas a qualidade difere, a combinação difere.

No homem, não vemos apenas uma qualidade, mas a vasta acumulação de eras num único e grandioso reservatório — a mente — o que faz dele a imagem do Pai.

Há uma necessidade de uma alma no homem, pelo mesmo princípio que há uma necessidade de uma Divindade. O fato de a alma no homem ter existência não é tanto provado pela inspiração e pela religião, como pela sua absoluta necessidade.

Nenhum corpo ou forma de existência pode possuir organização sem inteligência; e a inteligência deve ser, em si mesma, um atributo apenas da existência por si só. Portanto, todas as qualidades da inteligência, ou classes de inteligência, devem ser reduzidas a algum princípio positivo; e Deus, a alma e a vida da natureza devem ser da mesma essência, da mesma qualidade, da mesma divindade, da mesma lei, controlando e guiando tudo.

Não há outra maneira, segundo a nossa visão, de provar positivamente a existência de um Deus ou a existência absoluta da alma humana. De acordo com as regras estritas do raciocínio matemático, a alma deve ser o fundamento de todas as manifestações exteriores na mente humana; e, embora possamos tentar analisar as suas qualidades, embora possamos tentar compreender de que é composta, só podemos dizer que é uma substância que existe por si só e positiva, que pertence à vida da mente humana.

A sua forma, o seu contorno, o seu movimento, nunca podem ser definidos. O químico não pode detetar a sua presença; o geólogo não pode traçar a sua origem; o astrónomo não pode ler a sua existência nos céus estrelados. A mente pode compreender a sua causa e existência, pode compreender as suas manifestações, pode perceber os seus efeitos, mas a sua causa está com a Grande Causa de toda a inteligência — a Luz.

A luz é a grande bênção da natureza, que vivifica, refina e chama à existência tudo o que parece existir na natureza — e, no entanto, a luz em si mesma não pode ser analisada. Os homens de ciência podem dizer-vos todos os seus efeitos; podem pegar num raio de luz e separar as suas várias partes; podem dizer-vos em que circunstâncias a luz artificial pode ser produzida; podem classificar os diferentes tipos e categorias de luz; mas sobre a luz em si, como elemento de poder, nunca vos poderão dizer a causa ou a origem.

Não podem dizer-vos porque é que o sol é luminoso, mas apenas descrever os seus efeitos. Não podem dizer-vos como a luz chega ao olho; podem apenas descrever as suas várias refrações, as suas diversas tonalidades como reveladas no brilho prismático. A causa, a fonte, a substância positiva da luz, nunca foi determinada.

E assim é com a Divindade. Sabemos que ela existe, tal como sabemos que deve existir uma causa luminosa na natureza — pela necessidade absoluta de uma causa à qual os fenómenos possam ser atribuídos. Sabemos que a luz não pode ser produzida sem um elemento original de luz, um elemento positivo e real, que cria para si mesmo as condições da sua manifestação. Sabemos que a inteligência e a alma não podem existir sem uma causa e uma fonte positiva de existência. Sabemos que todas as diversas manifestações da natureza, tão harmoniosas, perfeitas e belas na sua organização, não podem existir sem uma causa.

Não aceitamos na nossa teoria nenhum dos vários ensinamentos da revelação como provas da existência da Divindade. A inspiração é uma necessidade da própria natureza da vida; onde quer que haja vida, desafiamos qualquer homem a dizer que não há inspiração. Prova-se a existência de Deus pelo fato de Ele ter falado a Moisés, a Jesus e a João, mais do que pelo fato de todas as manhãs o sol derramar a sua torrente de luz sobre a Terra? A inspiração do sol matinal não prova a existência de Deus com a mesma força?

A existência da Divindade não se manifesta na inspiração do presente, pelo simples fato de que sois seres vivos e pensantes agora? Aqueles que pronunciam palavras que não compreendem, aqueles que leem mecanicamente as expressões inspiradas do passado e as chamam de infalíveis, aqueles que proclamam a Divindade manifestada em Cristo como o único Deus, aqueles que dizem que Deus só falou uma vez à humanidade, começando em Génesis e terminando no Apocalipse — que a Sua voz tem estado silenciosa desde então — aqueles que repetem palavras que uma vez foram inspiradas, mas que agora são formas mortas e frias — esses dizem que sabem que há um Deus. Saber?

Uma coisa é pronunciar a palavra "conhecimento", outra coisa é possuí-lo. O conhecimento é a prova positiva e inegável da existência, da natureza ou do poder de qualquer coisa. O conhecimento não só confere uma autoridade positiva ao seu possuidor, mas é sempre capaz de se demonstrar a qualquer outra mente. Agora, nós sabemos que há uma Divindade. A base do nosso conhecimento foi explicada. Através do mesmo processo de raciocínio, do mesmo curso de investigação, da mesma análise, qualquer pessoa possuidora de inteligência, alma e vida, como todos os seres humanos possuem, pode saber que há um Deus.

Toca a tua mão — sentes. Sabes disso. Mas podes ser enganado. Apenas um dos teus sentidos prova que algo tocou a tua mão: o sentido do tato. Há na mente humana grandes suscetibilidades e poderes de imaginação; podes ter imaginado que algo te tocou. Olha à distância, para um deserto arenoso. "Vê aquela bela oásis", dizes. "É rica em verdura, e fontes cintilam ao sol." O viajante sedento apressa os seus passos, por milhas e milhas, e poderia viajar milhares de milhas — ainda assim, oásis continua à distância, e nunca a alcança, até que a escuridão chega e ele não tem água para saciar a sua sede. É uma miragem.

Não era um oásis o que ele viu — foi enganado; era apenas o reflexo dos raios do sol e uma segunda refração sobre a areia. Ele viu — mas não era o que viu — ele viu, e desapareceu. O sentido da visão não pode ser sempre fiável. Ouves um som. Pode ser resultado da tua imaginação; pode estar numa direção, e tu pensas que vem de outra. Pode não ter havido som algum, apenas uma impressão no tímpano do teu ouvido, consequência de alguma doença interna do cérebro. O sentido da audição não pode ser sempre fiável.

Assim podemos analisar cada um dos cinco sentidos do corpo e veremos que nenhum deles é estritamente fiável em todas as circunstâncias. Os homens dizem que não acreditam em nada além do que veem, ouvem, tocam, saboreiam ou cheiram. Mas todos esses sentidos podem enganar a mente. Não podes confiar em qualquer um deles, ou mesmo em todos eles juntos, sob todas as circunstâncias.

Há algo fora deles, superior a eles, dentro deles, que os controla, e no qual se pode sempre confiar; e esse algo é o intelecto positivo — o intelecto que não é enganado pelos sentidos, o intelecto que não está sujeito às formas estritas e técnicas de uma ciência envelhecida e empoeirada, o intelecto que não foi influenciado pelos rígidos requisitos das ciências físicas modernas, mas sim aquela lei positiva natural da mente humana, que não aceita nada — nem mesmo a evidência dos sentidos — a menos que se prove pela perfeita harmonia da sua existência.

Se ouves um som, e esse som é semelhante a outros que já ouviste, a tua mente conclui imediatamente que se trata de um som real e verdadeiro. Mas se ele for diferente de qualquer outro que tenhas ouvido antes, sabes, então, que não pode ser fruto da tua imaginação, pois, uma vez que nunca o ouviste antes, não poderias imaginá-lo. Os homens

nunca podem imaginar algo que não tenham visto ou ouvido. Portanto, o teu conhecimento desse fato depende inteiramente do raciocínio que a tua mente aplica ao assunto: nunca ouviste um som assim antes; logo, ele deve ser um som que realmente ouviste. Mas deve haver uma causa.

A mente põe-se imediatamente a trabalhar para descobrir essa causa. De onde veio o som? A direção da qual provém é logo investigada; e antes que a mente aceite que realmente ouviu um som, precisa de conhecer a sua causa e a sua origem. Assim, a mente é, afinal, o critério dos sentidos. Nunca vemos ou ouvimos nada que a mente não critique. Nunca vemos ou ouvimos nada que a mente não classifique, que não comece de imediato a procurar a sua causa. Quando a causa é encontrada, ficas convencido da correção da impressão transmitida pelos teus sentidos; até encontrares a causa, duvidas dela.

É à mente do homem que deve ser feito o apelo final em tudo aquilo que constitui o seu conhecimento. E assim é com o nosso conhecimento da existência da Divindade. A inspiração não prova ao homem a existência de Deus. Apenas através da inspiração da sua própria mente pode o homem, e apenas assim, raciocinar do conhecido para o desconhecido. Se a causa não puder ser rastreada com certeza, o resultado não será acreditado.

Hoje, se cada um de vós fosse questionado rigorosamente pela sua própria inteligência sobre a sua crença na existência de uma Divindade, não poderia, em consciência, dizer que acredita nela, a menos que, através dos processos estritos do raciocínio, conseguisse encontrar a causa dessa crença. Não basta dizer que te disseram que Deus existe; não basta dizer que foste educado para acreditar nisso; não basta dar uma razão contra a qual a mente possa, mesmo que minimamente, encontrar objeções. Acreditas na existência de Deus porque, por dedução matemática absoluta, sabes que o mundo, o universo, não podem existir sem Deus.

Acreditas na existência do sol porque sabes que o calor solar deve ter uma causa da qual provém; acreditas nas estrelas de luz porque sabes que nenhuma luz poderia ser produzida sem uma causa; acreditas na verdade porque sabes que a verdade tem uma fonte – um princípio perfeito não pode existir sem uma origem de verdade; acreditas em todos os atributos e qualidades da mente humana que são considerados sagrados porque sabes que certas manifestações do caráter humano

não podem existir sem uma causa positiva. Acreditas nas revelações da história, não porque saibas que são estritamente verdadeiras, mas porque o espírito geral da vida que permeia tudo é demonstrado pelos aspetos do presente.

Não acreditas na história apenas porque é história, pois todos os homens escrevem a história de formas diferentes; mas cada história tem a sua própria verdade, e acreditas nela porque as demonstrações do passado foram consistentes com a natureza humana e com o estado das coisas, tal como se desenvolveram no presente. Só acreditas naquilo que a tua própria mente, a tua própria inteligência, a tua própria alma te demonstram positivamente. Sabemos que isto é verdade, e por isso sabemos que, quando falamos de Deus, da alma, ou de qualquer poder fora das meras manifestações da matéria, estamos a falar à tua inteligência.

Precisamos de provar a nossa base antes de construir qualquer argumento sobre ela. Precisamos de provar que há um Deus antes de falar dos seus atributos; precisamos de provar que há uma alma antes de falar do seu destino; precisamos de provar que há uma fonte de religião antes de assumir que a religião tem uma existência verdadeira, pois a religião deve ser a consequência de uma fonte absoluta, de uma causa viva. Todos os poderes da natureza, todos os poderes da inteligência, todos os poderes da mente humana podem ser reduzidos a um único e simples elemento positivo de uma primeira, grande e inteligente causa.

Quão bela é essa conceção da Divindade que não é prejudicada pela análise fria das suas obras! Quanto mais se conhece a beleza do universo, mais se adora o seu Autor; quanto mais se compreende a alma, os seus grandes e divinos resultados e manifestações, mais reverentemente se adora a Causa e a Fonte de tudo!

Não podemos prolongar mais este tema hoje. Pode parecer-vos abstrato, metafísico, visionário; mas é o prelúdio indispensável dos discursos que esperamos ter o prazer de vos apresentar.

RELIGIÃO, FATOS E FANTASIAS 3

No Music Hall, Boston, 4 de setembro de 1859.
Discurso da manhã.
[O segundo de uma série de quatro discursos]

O nosso tema de hoje não é um que surja de um pensamento original, nem algo que tenhamos recolhido de uma nova esfera de inspiração. É tão antigo quanto a humanidade e a própria história, tão antigo quanto o pensamento mais antigo que algum anjo ou arcanjo tenha concebido; e, no entanto, pensamos que é sempre novo, sempre divino, sempre capaz de inspirar pensamentos mais elevados do que aqueles que já foram dados antes: a religião, enquanto questão de inteligência e não de inspiração.

Há uma semana, chamámos a vossa atenção para a nossa ideia da existência de Deus, provada pela luz natural, sendo esta o resultado da necessidade, e não estando provada em consequência de qualquer inspiração exterior ou sobrenatural além daquela que é constante e incessante. Hoje, o nosso tema será uma continuação do mesmo assunto. Provámos, ou tentámos provar, que Deus, por necessidade, deve existir no universo e que, para estabelecer qualquer religião ou qualquer teoria de adoração, deve primeiro ser demonstrado que há um objeto de adoração.

Toda a religião assenta com base na presunção na sua natureza, assume a existência de um Ser Divino, assume a existência de uma alma no homem, assume a existência de uma vida para além do túmulo, assume o caráter divino de Jesus de Nazaré, assume tudo no longo catálogo de exigências teológicas. E isto não é o resultado da inteligência da religião, mas das superstições e credos das eras passadas. A religião, portanto, é o nosso tema enquanto necessidade da mente humana, enquanto resultado absoluto e positivo da necessidade da existência da Divindade.

Deus existe, como assumimos no último domingo de manhã, como a necessidade do universo, e a Sua inspiração, o Seu poder e a Sua

presença são tão constantes e incessantes quanto a própria luz do sol. O mundo e o universo não poderiam mover-se sem a Sua inspiração constante, assim como a luz do dia não pode existir sem a luz do sol. Nenhuma estrela, nenhum mundo, nenhuma galáxia de mundos poderia existir, em todo o vasto universo, apenas por meio de uma simples e morta lei matemática, a menos que o espírito da vida estivesse presente em todo o lado, em todos os momentos e sob todas as circunstâncias.

E se há uma alma humana no homem, feita à imagem da Divindade e dotada de poderes, faculdades e afetos que correspondem aos que existem na grande Essência Divina, então essa alma não pode viver um único momento sem a inspiração absoluta da presença de Deus, assim como o corpo físico não pode viver, respirar e mover-se sem os elementos vitais que o permeiam. Esta, acreditamos, é uma proposição evidente por si mesma, que não requer provas nem teorizações para que compreendam a sua clareza.

A primeira questão a ser demonstrada, então, é se há uma alma no homem superior àquela combinação de matéria que se manifesta na inteligência humana. Respondemos que sim. Não é pela teologia que isto se prova, não através da revelação, nem através das inspirações do passado, mas através das provas absolutas do presente. Como? Toda a forma criada deve ter uma origem e um criador. Toda a forma que seja simétrica e tangível deve ter uma causa inteligente de vida. Toda a causa de vida deve ser positivamente inteligente, identificada e individual. Toda a inteligência individual deve possuir, em si mesma, o poder ou a qualidade de preservar a vida; e onde quer que haja um princípio de vida, não pode haver morte. E se o homem é feito à imagem de Deus, essa semelhança reside nesse princípio individual de vida autocriadora e autossustentada, que é a alma humana.

Não poderíeis respirar, pensar, agir ou sentir hoje sem o poder constante e a presença dessa alma que vos criou. Não dizemos que ela está incorporada numa forma ou figura, não dizemos que o químico a pode analisar, não dizemos que o geólogo a pode rastrear nos elementos da Terra, nem que o astrónomo a pode encontrar nos vastos reinos da natureza, mas dizemos que a mente humana pode provar a si mesma, através de proposições autoevidentes, que a alma tem uma existência real e que, seja qual for a forma que assuma, ela é, como o seu Criador, omnipresente, ubíqua, capaz, tal como o Pai, de ser a criadora da sua própria forma. Assim como o espírito de Deus permeia o universo e dá

origem a toda a vida, beleza e animação, também o espírito do homem permeia o seu corpo e atrai para si todos os elementos possíveis para a sua preservação.

A religião, na alma humana, é simplesmente o reconhecimento de um Poder superior ao que está concentrado na forma humana. Lembrem-se disto: a religião é o reconhecimento, pela alma ou mente do homem, de um Poder superior ao existente na sua forma humana. A religião como teoria, como teologia, como forma de culto, tem a sua origem na fraqueza consciente da natureza humana. Provaremos que todo o culto religioso é e sempre foi o resultado de uma única paixão: o medo.

Não provaremos que a religião em si mesma é o resultado dessa paixão, mas provaremos que todas as formas de culto religioso tiveram a sua origem nesse único sentimento de medo. Os antigos pagãos — tomemos, por exemplo, os primeiros egípcios, entre os quais se supõe que a religião teve a sua primeira, ou quase primeira, origem — não adoravam um Deus de inteligência, poder e grandeza, um Ser invisível, sábio e omnipresente, um Criador de vida, luz, majestade e amor, mas adoravam todos os elementos ou formas da natureza que consideravam superiores às forças físicas que a humanidade então possuía.

Todos os animais do mar, jacarés, baleias, o vasto mastodonte que então pisava a Terra, todas as aves e peixes que não podiam explicar, todos os insetos que os infestavam e destruíam as suas colheitas, todas as estações do ano, quer favoráveis quer desfavoráveis, todas as forças dos ventos e das marés, todos os elementos da terra, do ar e do céu eram igualmente divinizados. Porquê? Porque não os podiam controlar; não os podiam compreender; e, portanto, consideravam-nos seres superiores. Temiam-nos.

Quando vinham pestes e fomes, os deuses estavam zangados; e como apaziguar a sua ira tornou-se a sua maior preocupação. Foi então que surgiu a forma de adoração conhecida como oferendas ou sacrifícios. Esta prática foi instituída única e exclusivamente devido a essa paixão do medo, as primeiras formas de culto religioso.

Os ventos e as ondas eram considerados habitados por deuses ou espíritos que controlavam os seus movimentos; sempre que estavam enfurecidos, as ondas elevavam-se a alturas gigantescas. O rio Nilo, que era o objeto especial de adoração entre os antigos egípcios, quando

transbordava, trazia toda a fertilidade e riqueza ao país e era a base do seu sucesso agrícola. Quando o Nilo transbordava excessivamente, cobrindo grandes partes do território, as pessoas fugiam para as montanhas para se salvarem da devastação. Muitos historiadores acreditam que a história do Dilúvio, registada no Antigo Testamento, pode ter tido a sua origem nestas inundações do Nilo.

Por mais verdadeira que esta teoria possa ser, aquele rio foi, de fato, um objeto especial de adoração. Os insetos que, em grande quantidade, destruíam as suas colheitas eram considerados espíritos malignos, enviados das regiões das trevas como consequência da ira do demónio que tudo permeava e controlava. A questão seguinte era como apaziguar a fúria desses deuses desconhecidos. Surgiu então, na mente daquele povo, a ideia de que deviam adorar tudo aquilo que considerassem superior a si mesmos. Ventos ou ondas, animais ou insetos, terra, ar ou céu, tudo deveria receber a sua adoração.

Noutras nações, encontramos a história daqueles que adoravam o sol, a lua e as estrelas — um pequeno avanço em relação aos primeiros adoradores, pois o sol, a lua, as estrelas e todos os corpos celestes eram considerados seres misteriosos que habitavam o espaço, sendo o sol o objeto especial de adoração. Assim, podemos traçar, em todas as primeiras histórias da religião, esse único princípio ou paixão: o medo de um poder superior, algo capaz tanto de abençoar como de prejudicar a humanidade, o medo de qualquer coisa que não pudessem controlar ou compreender.

Quando o sol brilhava, os deuses sorriam para eles; quando o céu estava nublado, os deuses estavam zangados. Cada movimento de uma estrela especial era observado com o mais intenso interesse pelos antigos astrólogos, que tentavam compreender se os deuses lhes eram favoráveis ou não. Aqui, então, encontramos a origem exclusiva do princípio ou da forma de adoração.

A religião nada tem a ver com isso. A religião não está morta; a religião não é essa paixão que leva os homens a adorar simplesmente porque têm medo. Isso não é religião, e nós provaremos isso. Deve haver um princípio ou um poder religioso na mente humana, para além dessa única paixão do medo, que leva os homens a acreditar na existência de uma Divindade. Mas essa paixão do medo existe em todos os países, sejam pagãos ou civilizados, cristãos, muçulmanos ou persas; e vemos que o

princípio fundamental de todas as formas de adoração tem a sua origem nessa mesma paixão da natureza humana. A inteligência modificou a ciência, derrubou a superstição dos antigos egípcios, mas não destruiu nem reduziu a paixão do medo.

Tomemos, por exemplo, a vossa própria religião, a de Cristo. À parte a inteligência, que rejeita a ideia de uma divindade terrível e vingativa, à parte as revelações da ciência, que proíbem os homens de acreditar em algo contrário às leis da natureza, à parte a humanidade inata, que a cultura e a civilização sempre despertam, as formas de adoração religiosa, quando sinceras, ainda têm a sua origem na paixão do medo.

A ortodoxia cristã ensina que Deus é um ser infinitamente sábio, omnipotente, todo-poderoso e vingativo — que tendes apenas uma oportunidade de salvar as vossas almas da condenação eterna, e que essa oportunidade vos é dada através da vida e da morte, especialmente da morte, de Jesus de Nazaré. Agora, esclarecemos-vos que, à parte esse medo ou terror, as formas de culto religioso que hoje existem não poderiam existir.

Porque é que os homens professam amar a Deus? Porque formam igrejas, seitas e credos? Porque se curvam em adoração e seguem os ditames do credo ao qual se submetem? Porque chamam pelo nome do Pai e lhe pedem que perdoe as suas transgressões? Porque professam acreditar em Jesus de Nazaré e nele crucificado, no seu poder de os salvar através da expiação, da purificação dos seus pecados pelo seu sangue?

Porque é que eles — com toda a sinceridade, é verdade, mas ainda assim movidos pela paixão do medo — se curvam e pedem a Deus que os salve do tormento? Porque têm medo. São como uma criança que os pais tentam corrigir, que se comporta bem por causa das ameaças da mãe, e apenas porque teme ser castigada; não por amor à bondade, não porque ama a sua mãe, mas por medo do castigo.

Assim acontece com os cristãos que acreditam em Deus, que acreditam na religião, movidos pelo medo de serem eternamente castigados, e não pelo amor à bondade. Os muçulmanos, que são tão sinceros nas suas formas de adoração quanto os cristãos, e que acreditam que Maomé é o único profeta de Deus, ou de Alá, seguem um código moral que, no seu entendimento, é tão elevado quanto aquele que os cristãos defendem. E,

embora a devastação e a ruína tenham assolado muitos países que abraçaram a religião muçulmana, vemos que continuam sinceros, continuam devotos, continuam apegados aos grandes princípios da sua inspiração; vemos que mantêm tanta confiança e fé no seu Profeta quanto os cristãos mantêm em Jesus.

A adoração deles é religiosa; e, para apaziguar a ira do seu Deus e ganhar o seu favor, são capazes de sacrifícios tão grandes quanto os cristãos. Os hindus, os persas, os chineses — todos têm as suas formas de culto. Zoroastro, grande no poder da sua inspiração, acreditava que do Grande Pai vinham todas as fontes do conhecimento. E no Zend-Avesta dos medos e persas encontramos ensinamentos morais tão elevados, inspirações tão profundas quanto aquelas que, por vezes, saíram dos lábios de Cristo.

O que prova tudo isto? Prova que, para cada era e para cada nação, Deus, o Pai, falou tanto quanto falou aos cristãos através da sua Bíblia e da sua inspiração; que a Moisés veio a inspiração que ele era capaz de receber e de que necessitava para conduzir e concretizar com sucesso as suas realizações na história dos Filhos de Israel; que aos primeiros profetas e videntes veio uma inspiração tão elevada e sagrada quanto a que podiam receber, que era capaz de os controlar, guiar e dirigir nas suas vidas terrenas; que a Jesus Cristo veio uma inspiração que incorporava tudo o que fora dado antes, superior a qualquer outra que tenha sido dada desde então, o verdadeiro e prático ideal de vida cristã.

E que a cada um dos videntes e profetas dos tempos antigos, tanto aos pagãos que foram inspirados pelos princípios e vidas cristãs, como aos cristãos que foram inspirados pelos mesmos princípios, foi concedida uma inspiração exatamente proporcional às expectativas, aos desejos e às necessidades da época em que viveram. E, se há um Espírito, um Pai, um Deus, uma Divindade, Ele, pela sua natureza infinita e omnisciente, sabe o que cada homem, cada nação e cada civilização necessitou e necessitará.

Quanto ao culto religioso, já discutimos amplamente a sua origem no medo. Agora, consideremos o princípio da religião em si – a sua origem, os seus resultados, o seu destino. À parte das formas de adoração religiosa, que têm a sua raiz na paixão do medo, há uma Inteligência superior no homem, especialmente na era presente, que surge da observação real dos sentidos e da compreensão da mente, provando de

forma conclusiva não apenas a existência de um Ser divino e superior, mas também a existência do elemento religioso no homem.

O ateu diz que não acredita em Deus. Porquê? Porque a Bíblia, que é dita ser a palavra de Deus, está cheia de erros; porque os cristãos e todas as classes de seitas religiosas praticam o que não professam e professam o que não praticam; porque muitas das suposições da religião, nas suas formas de adoração e credos, foram provadas como falsas. Mas, pergunta o inquiridor ao ateu, "em que acreditas, então?" "Nas leis da natureza." "E de onde surgiram essas leis?" "Da própria natureza." "A matéria existe por si só?" "Sim." "Que força mantém a matéria em movimento?" "O espírito da vida, que é inerente e coexistente com a matéria." "E o que é esse espírito da vida?" "Não sei. Mas não acredito em um Deus – isto é, não acredito numa Divindade pessoal, identificada, absoluta, que possua todas as paixões e princípios humanos, e que os homens adoram." "Mas acreditas numa inteligência que controla, guia e dirige todo o universo?" "Sim." "Onde está essa inteligência?" "Na matéria." "Ela deve ser omnipresente, existir por si só, gerar-se a si própria?" "Sim." "Então, isso é Deus."

O infiel diz: "Não acredito na vida imortal; não há vida além do túmulo; a alma do homem morre quando o corpo morre e retorna ao pó." Muito bem, o que é essa alma, essa mente, de que falas? "Oh, é simplesmente o resultado da combinação dos sentidos físicos." Pois bem, diz o ateu materialista ou infiel, "não acreditamos que haja qualquer poder ou princípio na mente humana que não seja resultado da matéria." Muito bem, essa inteligência é superior à matéria, concordas? "Sim." "Controla a matéria?" "Sim." "Então, não pode morrer com a matéria; pois qualquer coisa que cause a existência da matéria deve existir por si só; qualquer coisa que controle, guie e dirija a matéria deve ser superior e, portanto, não pode morrer com a matéria." "Mas não acreditamos nisso." "Porquê?" "Porque não temos provas disso."

É uma razão aceitável, mas ainda assim, há uma prova que nem o ateu, nem o infiel, nem o mais materialista dos filósofos pode negar: existe uma prova da existência da alma, superior e exterior à matéria e, portanto, além dela. Essa prova está no fato de que, em todas as épocas e em todas as circunstâncias, o homem reconhece a superioridade de um poder mais alto. Embora o princípio da adoração tenha a sua origem no medo, a causa desse princípio está ainda mais profundamente enraizada, como ilustraremos. O ateu ou infiel inteligente, que, quando

está seguro em terra, bem conhecedor do caminho que percorre, não encontra nada que abale a sua confiança em si mesmo e nas imutáveis leis da natureza, encontra-se de repente lançado ao vasto oceano, com nada além de uma frágil tábua entre si e o túmulo aquático que se abre para o receber.

Ele não acredita em Deus, nem na imortalidade. A morte está diante dele, e as águas abrem as suas bocas para o devorar, enquanto as ondas se erguem como montanhas. Ele tem medo, ele é um covarde; as leis da natureza seguirão o seu curso; ele morrerá! Para onde irá? Quem controla essas leis? Quem permeia o vento oceânico e o céu tempestuoso? Quem fala na voz do trovão e é visto no clarão do relâmpago? Involuntariamente, sem pensar, sem consultar o seu intelecto, sem recorrer às leis da natureza, esse homem materialista, orgulhoso, curva-se em oração, eleva a sua voz e as suas mãos para os céus, e clama a Deus que o salve e, se não puder salvá-lo da sepultura aquática, que ao menos lhe permita viver além do túmulo.

Não é esta uma prova de que a alma, por natureza e necessidade, aspira à imortalidade e a reconhece? Não é esta uma prova de que a alma do homem, através da sua própria conceção, com a assistência da inteligência, da civilização e da própria religião, pode e deve provar a existência da alma para além da morte? É verdade. Vós, que sois cientistas, vós, que sois materialistas, vós, que sois ateus, vós, que sois infiéis – todos, quando chega a hora da provação, reconhecem Aquele que os criou; todos, quando seguem o materialismo até o ponto em que a matéria se esquece de si mesma, quando seguem o ateísmo até se perderem na escuridão, quando seguem a incredulidade até negarem tudo o que é grandioso e divino, até que a própria vida pareça nada, então, no vosso pensamento mais secreto, pela razão mesma do vosso intelecto, deveis e reconhecereis algo além da vossa compreensão, algo além da vossa alma, algo além da matéria.

E isso é tudo o que precisamos.

O intelecto pode demonstrar, de forma positiva, que a matéria, por si só, sem ser permeada pelo espírito da vida, não é capaz de movimento. O intelecto pode demonstrar, de forma positiva, que, para o homem existir, deve haver um poder de movimento; que, para que haja um poder de movimento, deve haver uma inteligência; que, para que haja uma inteligência, deve haver uma fonte e uma causa dessa inteligência; e que

essa fonte e causa da inteligência deve ser não apenas superior a todas as suas leis e manifestações, mas também superior a toda a matéria; portanto, deve haver um Deus.

Pelo mesmo princípio, deve haver uma alma humana, pois a inteligência que existe no homem não apenas manifesta todas as qualidades da inteligência que existe abaixo do homem, mas também uma qualidade mais elevada e superior, que se afirma como existente, que torna o homem superior a toda a matéria inferior a ele, que faz com que um único pensamento, expandido, embelezado e exemplificado pela inteligência, seja maior do que todo o universo material, que faz com que uma única aspiração da alma humana seja mais divina, mais perfeita, mais bela do que o mais brilhante lampejo de luz ou do que o mais grandioso sistema entre todos os vastos sistemas solares do universo.

O que é isso? É o reconhecimento gradual, pela mente humana, da sua própria aliança com a Divindade; é o reconhecimento progressivo, pela inteligência, daquilo que é perfeito e divino, e que, quanto mais conhece Deus, mais O adora, e quanto mais conhece a alma humana, mais divina ela se torna. Nem a matéria, nem os sentidos, nem o homem, nem as estrelas, nem as ondas das montanhas, nem as nuvens tempestuosas podem chamar os homens à adoração; mas o pensamento de que, para além das estrelas, ou dentro e ao redor delas, para além do ribombar do trovão, para além da onda do oceano, para além do clarão do relâmpago, para além da luta material e do conflito, e para além da beleza e perfeição materiais, existe uma Mente, um Poder, um Pensamento, que vive, que se move e que fala através de toda a natureza.

E isso é verdade em relação à humanidade. Conversais uns com os outros, sois encantados pelo intelecto, pelo pensamento, pela afeição, pelo sentimento, e um grande homem faz com que todos sintam a sua grandeza, enquanto um homem pequeno sente a sua própria insignificância na presença daqueles que são maiores. A mente conquista a matéria. Ainda que os homens possam ser notáveis pela sua presença física, pelo seu poder mental e pela sua grandeza, há algo que vai além disso. O que é? O poder da mente sobre a matéria – a verdadeira religião da alma.

Pois não há outra religião senão aquela que compreende a natureza da alma humana e, através dela, a natureza de Deus. Não há outra religião senão aquela que, ao fazer o bem ao homem, louva a Divindade. Não há

religião mais elevada do que aquela em que, ao fazer o bem ao próximo, o homem oferece sacrifícios a Deus. Não há credo maior ou mais divino do que aquele que Jesus de Nazaré ensinou e praticou – amor constante, imortal e sempre sofredor. E a mente humana, a ciência humana, o coração humano, têm absolutamente demonstrado esta verdade.

A ciência não destruiu a religião, não refutou a existência de Deus e da alma humana; mostrou apenas que, ainda que o universo possa ser mais elevado, mais vasto e maior do que tudo o que o homem pode conceber, há ainda uma fonte mais elevada, maior e mais divina além dele. Demonstrou apenas que, embora o homem, na sua forma física, seja capaz de feitos grandes e maravilhosos, fora dessa forma, no mundo da mente, ele faz ainda mais.

A ciência, embora possa dissecar o corpo físico, nomear todos os músculos, tendões, ossos e artérias, explicar a circulação do sangue, identificar o órgão da mente, nunca poderá dizer de que é feita a mente. A alma é como os raios de luz, cujos efeitos conhecemos e compreendemos, mas cuja causa não pode ser detetada, nem mesmo pela ciência.

Assim raciocinamos do conhecido para o desconhecido; assim, do mundo dos fatos, demonstramos o mundo que muitos chamam de fantasia, mas que é mais real, mais imutável e mais positivo do que toda a matéria reunida. Pois a matéria está em constante mudança. A morte está escrita em cada folha, árvore e flor – mudança, que é um ciclo, não um fim – decomposição – decadência. Até as estrelas e os mundos estão sujeitos a essa mudança. Mas a mente é tão constante e real quanto a sua fonte.

E quando um fato mental é positivamente demonstrado, ele não pode mudar; quando uma verdade religiosa é conhecida, nenhum tempo, lugar ou circunstância pode alterá-la. Todos reconhecem que a religião mais elevada que o homem pode conhecer é o amor pelo próximo. É uma proposição evidente por si mesma, uma verdade que nenhuma época ou circunstância pode modificar. Todos sabem que, se é errado matar um homem, é errado em todas as épocas e circunstâncias. Todos sabem que, se é errado violar um mandamento, é errado em qualquer tempo.

A regra de ouro nunca pode ser alterada. É a mais elevada, a mais sagrada e a melhor de todas. A ciência não pode derrubá-la; a arte não pode embelezá-la; os rituais religiosos não podem torná-la mais maravilhosa; o culto em templos ou em lugares sagrados não pode torná-la mais bela. Somente a vida diária e constante de homens e mulheres verdadeiramente devotos pode ensinar a sua verdade. O intelecto reconhece-a; a ciência comprova-a; a história do mundo demonstra-a. Isto é religião.

A inspiração não é a causa da religião; é o seu resultado, assim como o perfume é o resultado da flor. Ninguém pensa em atribuir a flor ao seu perfume, mas dizemos que o perfume é a inspiração da flor. Se não houvesse uma alma no homem, através da qual a inspiração é recebida, não poderia haver inspiração.

A inspiração implica, primeiro, uma fonte ou causa de inspiração; segundo, algo a ser inspirado; e terceiro, um tema de inspiração. Se Moisés e os profetas não tivessem possuído, inerentemente, uma natureza religiosa, nenhuma inspiração lhes teria sido concedida. Se todos os filósofos pagãos, que ofereceram às suas nações e épocas provas de inspiração religiosa, não tivessem possuído, inerentemente, um poder religioso, a inspiração nunca poderia ter-lhes sido concedida.

As formas de inspiração, expressas em palavras, caracteres e letras, compõem o culto religioso. Mas a inspiração em si é o resultado da religião.

Se és inspirado, tem a certeza de que a tua religião não é o resultado dessa inspiração, mas a sua causa. Se acreditas na inspiração da Bíblia, tem a certeza de que a tua religião não deve basear-se exclusivamente nessa crença; pois isso nunca pode ser suficiente.

Deves ter a religião primeiro – então vem a inspiração. Acreditas em Deus. A tua crença não é o resultado do que qualquer homem te disse, não é o resultado do que leste, não é o resultado de nenhum credo ou forma de culto, mas da tua própria experiência e compreensão.

Tem a religião primeiro, e as formas difundir-se-ão em toda a tua vida, embelezando, aperfeiçoando e reorganizando toda a tua configuração mental. Reconhece a religião primeiro, e tudo o que é feito de rituais, cultos e credos virá na medida das tuas necessidades. Reconhece a

religião primeiro, como um elemento da tua mente, e a bela estrutura arquitetónica do templo onde adorarás e te comunicarás com Deus será construída e moldada pelas qualidades da tua mente.

O templo crescerá a partir da tua vida diária e da tua prática, e cada pensamento e sentimento será uma grande coluna que sustentará a imponente estrutura da imortalidade.

Tenta confinar a religião a um livro, a um credo, a um nome. Tenta restringi-la a uma inspiração do passado. Tenta prendê-la a uma única nação ou país. Não, nunca!

A religião é, como o Pai Celestial, o espírito que permeia a alma humana, e recebe a sua inspiração como a flor recebe a luz do sol.

E quando ouvires falar de culto religioso, quando conheceres as suas formas, lembra-te de que são apenas o perfume da flor da religião. A semente, o germe, a raiz estão profundamente implantados na alma, e através da vida e luz da sua própria influência preservadora e embelezadora, ela atrai a luz do sol e a chuva da grande Fonte da Vida e retribui com a sua fragrância e beleza.

Ó religião – caminhas pelos corredores e galerias das nossas almas como um anjo de luz, espalhando flores ao longo do nosso caminho; és a virtude suprema da humanidade, coroando o intelecto com um brilho mais radiante, tornando toda a ciência mais gloriosa, tornando toda a arte mais profunda, divina e sagrada, tornando todo o culto a tua própria imagem luminosa, tornando toda a vida humana mais elevada, maior e melhor do que a paixão, o intelecto ou a ciência poderiam torná-la.

A religião é o elemento que permeia a natureza do homem e da mulher; pertence à alma, manifesta-se através da mente e torna tudo na vida ainda mais belo e ainda mais perfeito.

Não provámos a existência da religião? Será a inspiração a causa da tua religião? Não. Pois, assim como uma flor não pode existir sem uma semente, assim como uma pedra plantada na terra nunca dará origem a uma flor, mesmo que o orvalho desça e o sol brilhe, a inspiração, por si só, não pode gerar religião na tua alma. Mas a religião, quando plantada no coração humano, pode dar como fruto o seu resultado mais luminoso e glorioso: a inspiração.

RELIGIÃO, FACTOS E FANTASIAS 4

No Music Hall, Boston, 11 de setembro de 1859
DISCURSO DA MANHÃ
[O terceiro de uma série de quatro discursos]

Há uma semana, chamámos a vossa atenção para o tema da religião e a sua relação com a mente humana, e provámos a existência de um elemento religioso no homem como um resultado natural da sua inteligência. Demonstrámos que a inspiração é simplesmente a expressão ou o reflexo desse elemento, assim como a fragrância é a expressão e o reflexo da flor. Esta manhã, falaremos mais detalhadamente sobre a forma de religião conhecida como culto e sobre a relação do culto com os verdadeiros sentimentos religiosos.

A diferença entre a verdadeira religião e o mero culto é a mesma diferença entre o amor e o medo. A diferença entre as aspirações e os impulsos de uma alma guiada por uma consciência elevada e inteligente da existência de uma Divindade, e o culto de uma mente ignorante e rebaixada que, pelo medo, concebe a Divindade como um Deus vingativo e maligno, é a diferença entre a nossa conceção de um anjo e a vossa conceção de Deus; pois a conceção de uma divindade baseada no medo é inferior àquela que a verdade nos dá de um ser finito e exaltado.

A religião é o amor da alma por Deus. O culto, como forma, é o medo da alma ou da mente perante uma divindade vingativa. A religião é a estrela mais brilhante na constelação de pensamentos e sentimentos da mente. O culto, sem religião, o culto pelo hábito, é a nuvem sombria que paira sobre o espírito e o impede de ultrapassar os nevoeiros do erro. O culto é o que os homens chamam de religião; religião é o que chamamos de amor.

Nos antigos relatos históricos, encontramos, como demonstrado no nosso discurso do último domingo, que o princípio do culto teve a sua origem no medo e que todas as formas de culto, enquanto tais, não têm o seu fundamento apenas no elemento da religião, mas, quando acompanhadas pelo medo, manifestam-se sob a forma de credos, oferendas, seitas e sociedades, até que estas, em vez da Divindade, se tornem os verdadeiros objetos de adoração. Sempre adoramos aquilo que tememos, mas reverenciamos aquilo que amamos.

Os homens curvam-se em idolatria perante aquilo que não compreendem; mas quando sentimos uma ligação, algo que nos une ao objeto ou à pessoa, então inclinamo-nos em reverência e amor.

Uma criança que é ensinada a temer os seus pais obedece silenciosamente, implicitamente, mas com medo. Uma criança que é ensinada a obedecer por amor, questiona gentilmente, mas sempre cumpre antes que haja uma ameaça. A vontade que adora Deus pelo medo, curva-se em silêncio e temor, submetendo-se ao poder, mas sem questionar.

A alma que ama a Deus não tem medo de ir além dos credos, dogmas ou doutrinas, além dos registos escritos do destino, e buscar algo mais profundo; pois o amor de Deus é infinito, a sua natureza não tem limites, o seu universo é eterno, o conhecimento dos seus filhos é incessante e constante.

Procurar conhecer Deus não é uma afronta à sua bondade. Esforçar-se por amá-lo mais, questionando as suas obras, não é desobedecer aos seus mandamentos. Cumprir, no mais alto e perfeito grau, as aspirações da alma, não significa amar menos a Deus; pelo contrário, reverenciámo-lo e adoramo-lo ainda mais.

O culto, portanto, pode ser definido através das várias qualidades da mente humana associadas ao medo, idolatria, superstição e admiração pelo maravilhoso – as várias faculdades que formam a compreensão material da Divindade.

A religião, por outro lado, pode ser reconhecida em todas as faculdades da benevolência, consciência, reverência, adoração, sublimidade e idealismo – as mais elevadas capacidades da mente, que se expandem para toda a humanidade e para todo o universo.

Se perguntardes a um verdadeiro religioso porque é religioso, ele responderá que a sua mente não lhe permite ser de outra forma, porque o seu coração o impulsiona a ser religioso, porque a sua alma não pode deixar de expressar as suas aspirações, os seus pensamentos e os seus sentimentos, porque ele deve expressar o amor que a inspiração da natureza traz ao seu ser.

Que contraste!

O culto dos credos não é nada mais do que idolatria. A única diferença entre os idólatras em terras pagãs e os idólatras em terras cristãs é que os pagãos adoram formas tangíveis, enquanto os cristãos adoram um Ser invisível. A única diferença entre as religiões de diferentes povos não está nas doutrinas, mas nos homens. Pois a verdadeira religião é a mesma onde quer que seja conhecida.

Seja no Islão, no Hinduísmo, no Budismo ou no Cristianismo, se for verdadeira religião, será sempre baseada no amor, e nunca na submissão forçada pelo medo.

A religião não depende de credos, coroas ou cidades fortificadas; a sua existência não está limitada a doutrinas específicas. Tudo o que é amor e a expressão desse amor pertence à perfeição de uma vida verdadeiramente religiosa.

Agora, perguntemo-nos: o culto trouxe mais bem ou mais mal à mente humana?

Lembrai-vos, falamos com bondade, com respeito pelas vossas crenças religiosas; não estamos a violar o santuário do vosso credo sagrado; apenas pedimos que escutem. Não precisais aceitar o que dizemos, a menos que o desejem.

O princípio do medo, manifestado na tendência do culto à idolatria, sempre degradou a mente humana.

Desprezais o homem ou a mulher que teme a vossa presença. Desprezais a vós mesmos, se sentis que sois capazes de inspirar o medo em vez do amor.

Um homem que inspira medo sente-se sempre diminuído, sente-se mesquinho, sente-se pequeno na sua própria alma.

Quando adoramos Deus através do medo, as nossas almas encolhem-se dentro dos limites estreitos do credo que nos aprisiona e sentimo-nos privados da própria presença de Deus.

Mas quando O adoramos através do amor, as nossas almas expandem-se para todo o vasto universo; sentimo-nos maiores, melhores, mais sábios, mais verdadeiros. Gostamos mais de nós mesmos à medida que conseguimos amar mais a Deus.

Vejamos, então, qual é o efeito das religiões de hoje e dos credos religiosos sobre as almas e as mentes dos homens.

A religião, enquanto credo, não existe; portanto, devemos voltar à origem do culto religioso.

A teologia moderna tem as suas raízes no passado, a sua organização em associações eclesiásticas, e todas as suas formas de culto originam-se da era da idolatria, quando a inteligência ainda não era conhecida.

As religiões de hoje exigem que os homens aceitem não apenas a crença na religião, mas também as condições de mente que essa crença impõe.

Se prometes "temer a Deus", então deves adorá-lo através do medo.

Se prometes adorá-lo apenas de acordo com certos credos e doutrinas, então limitas a tua própria compreensão da Divindade.

Por exemplo, nas vossas conceções de Deus, o Infinito, o Onisciente, o Omnipotente, fizestes um erro. No alvorecer da criação, quando os seus filhos surgiram pela primeira vez na Terra, proclamados como os mais elevados da Sua criação, podeis realmente acreditar que Ele tenha cometido qualquer erro ou deslize, ou que, por falta de previsão ou devido a uma organização imperfeita, os seus filhos tenham caído do seu estado mais elevado?

Quando acreditais que, devido a essa queda, toda a raça humana foi degradada; quando acreditais que, para renovar a humanidade, Ele cobriu a Terra com água, poupando apenas alguns que pudessem ser justos; quando acreditais que Ele ainda teve de enviar o Seu Filho Unigénito, Jesus Cristo, para salvar o mundo, e que a sua vida não foi suficiente, mas que a sua morte teve de expiar todos os pecados da humanidade.

Quando acreditais que, apesar de todo este sacrifício, de toda esta suposta má orientação e falta de penetração do Altíssimo, ainda assim a vasta maioria da humanidade está condenada à perdição eterna, então a vossa conceção de Deus não pode ser elevada, não pode ser ampla, não pode expandir a alma; adorais a Deus através do medo.

Os homens que constroem credos começam sempre pela crença na depravação inerente da alma humana desde a queda de Adão. Depois, fundamentam as suas doutrinas na expiação vicária, a qual, segundo a nossa conceção – recordemos que é apenas a nossa conceção – é a pior ideia que já entrou na mente humana. A ideia de que um Deus infinito de amor precisaria de oferecer um sacrifício a Si mesmo para corrigir um erro que Ele próprio teria cometido; a ideia de que os inocentes devem sofrer pelos culpados em consequência de um erro ocorrido na manhã da criação; a ideia de que homens e mulheres devem construir a salvação das suas almas sobre a morte de alguém que nunca viram, e, ainda mais, que nunca amaram verdadeiramente; a ideia de que, através do sangue e da morte de um homem, todos os homens podem ser purificados dos seus pecados, e que, portanto, não são responsáveis pelos seus próprios atos e escolhas – consideramos esta a mais degradante de todas as doutrinas que a mente humana alguma vez aceitou sobre a Divindade.

Se os homens são agentes livres – não afirmamos que o sejam –, mas se o são, como a teologia defende, então têm responsabilidade individual, e não uma expiação vicária. Se os homens não são agentes livres, mas atuam de acordo com certas leis absolutas, sob a orientação de uma inteligência suprema, então podem pensar que agem livremente, mas fora dessa perceção individual, existe um destino eterno e omnipotente. Como poderia então a expiação vicária afetá-los?

A ideia de que Deus, o Pai do amor, por qualquer erro que tenha cometido na criação, condenaria os seus filhos a sofrer tormentos eternos; a ideia de que Ele tem o poder – não negamos o Seu poder absoluto –, mas a ideia de que não haveria em Sua mente uma qualidade que os teólogos chamam de justiça, a qual impediria que condenasse à tortura aqueles que Ele próprio afirma amar; a ideia de que os homens devem curvar-se diante Dele pelo medo, como são ensinados a fazer pelo culto teológico, em vez de O amarem e O adorarem pelas Suas qualidades divinas – consideramos tudo isto como o efeito, não da religião, mas da ausência de amor e verdade.

Acreditamos que, quando homens e mulheres restringem as suas mentes aos limites estreitos de um credo, perdem o verdadeiro poder da religião. Pois, embora todas as igrejas e todas as denominações tenham o seu próprio bem a realizar, esse bem consiste em combater e superar as superstições das eras passadas.

Da Igreja Romana surgiram os primeiros líderes da Reforma Protestante. Da Igreja Protestante Inglesa surgiram todas as várias seitas e denominações adaptadas a cada mente, cada uma delas preservando sombras dos antigos símbolos herdados da Igreja Católica, que, por sua vez, os recebeu dos antigos idólatras egípcios.

De todas estas formas de culto, temos vindo a observar uma diminuição gradual do dogmatismo, um culto cada vez menos baseado no medo e uma religiosidade cada vez mais baseada no amor. Até que aqueles mais livres e liberais, ainda que se apeguem a todas as formas das igrejas e credos – e acreditamos que sejam úteis e justos –, ainda assim amam toda a humanidade e acreditam que Deus é um Pai de amor.

Compararemos agora os efeitos do culto teológico com os da verdadeira religião.

Jesus de Nazaré, aquele que é considerado o fundamento de toda a crença religiosa, aquele que é apontado como a base de todas as associações eclesiásticas, doutrinas e denominações teológicas, nunca ensinou um credo.

A religião de Jesus era o amor constante que fluía do seu grande coração, a inspiração constante do seu espírito divino, os seus atos incessantes de bondade e benevolência. Pregava na montanha ou à beira do rio; a inspiração do Espírito Santo vinha sobre Ele; ministrava aos que sofriam, sempre que encontrava um necessitado no seu caminho. Não tinha um dia sagrado – todos os dias eram igualmente sagrados para Ele.

Não tinha um grande templo de catedrais para reunir os seus seguidores em adoração – pois o céu era o seu templo. Não tinha um credo – pois a lei do amor infinito era o seu único credo. A sua doutrina era vencer o mal com o bem, não retribuir o mal com o mal. Os cristãos acreditam nisto ou dizem acreditar. Mas raramente o praticam. Em vez de amor verdadeiro, há apenas uma aparência de amor nos rituais da organização cristã. Em vez de fé genuína, há apenas um reflexo de fé na forma de culto. Em vez de esperança verdadeira, há apenas um vestígio de esperança disfarçada de expectativa.

Em vez de uma devoção cristã constante e inabalável ao bem, há um reconhecimento tácito da sua verdade, mas, em maior ou menor grau,

uma persistência no erro. Em vez de vencer o mal com o bem, há uma forma teológica de o contornar, retribuindo o mal com o mal. Em vez de conquistar os inimigos pelo amor, cobrindo-os com brasas ardentes na forma de bondade, devolvem golpe por golpe, palavra por palavra, inimizade por inimizade, até que o verdadeiro cristianismo se perde. Em vez de amor por toda a humanidade, há amor pela nossa igreja, pela nossa sociedade, pelo nosso credo e pelo nosso ministro. Em vez de amar o Pai e adorá-lo pelo amor, há o medo como fundamento do culto. Em vez de seguir o exemplo de Jesus Cristo, há fé na sua morte e na expiação vicária. Em vez de viver através da sua vida, há uma constante morte através da sua morte. Um destes é culto; o outro, religião. Qual escolheis?

Mais uma vez, o espírito de toda a natureza, independentemente da inspiração, revela que a religião não é um credo fixo, nem uma fé convencional, mas um elemento positivo, imortal e constantemente fluindo na vida da alma, e que as formas da religião apenas a expressam de forma limitada ou, por vezes, obscurecem completamente a sua manifestação natural. Como adorarias a Deus, se em vez dos ensinamentos do teu ministro e do teu credo, seguisse os impulsos da tua própria alma? Se fosses sincero, se fosses um ser religioso e inteligente, se tivesses humanidade e vida na tua alma, adorá-lo-ias em cada ato, em cada pensamento; farias de cada dia um dia sagrado, de cada hora um tempo para ações consagradas.

Mas, sob as rígidas formas da organização religiosa, és levado a acreditar que Deus exige o teu culto apenas em momentos específicos, aos domingos, em determinados horários, ou quando alguma circunstância especial te leva a agradecer-Lhe pelas bênçãos que te concede.

Mas não está cada hora e cada momento repleto de bênçãos? O sol não brilha todos os dias, como brilha ao domingo? Os pássaros não cantam e as flores não florescem todos os dias? Então, o teu coração deveria fazer de cada dia um dia sagrado; e se, por hábito ou sentimento religioso, desejas um dia mais consagrado do que os outros, não faças desse dia o único dia da tua religião, mas usa as tuas vestes de domingo como um halo de luz em todos os teus dias. Reveste-te da armadura da tua religião no teu trabalho, no teu escritório, quando a tentação de fazer o mal te assalta.

Usa a tua religião como um raio de luz brilhante no teu rosto; deixa que ela se manifeste nos teus pensamentos e sentimentos, deixa que ela se torne parte da tua vida, pois todos os acontecimentos da vida são designados pelo Pai para o bem, e não para o mal. Mas como adoras a Deus? Não tens pensamentos de amor ou adoração na tua mente, mas rezas apenas porque acreditas que deves repetir as tuas orações para seres salvo. Pedes ao Pai que abençoe a tua igreja, as tuas crenças, a tua família, a tua comunidade, e que estenda as Suas bênçãos ao mundo – mas especialmente àqueles por quem tens interesse.

Mas será que o amor do Pai escolhe os filhos que deve abençoar? As bênçãos do céu não são livres para todos? O sol não brilha sobre todos? A chuva não cai igualmente sobre justos e injustos? A terra não é fértil tanto para os ímpios como para os piedosos? Deus abençoa os justos com mais bens terrenos do que os injustos? Não!

Na Sua magnificência divina, Ele acolhe todos os Seus filhos no Seu seio, e, muitas vezes, acreditamos que aqueles que erram Ele acolhe ainda mais de perto – assim como uma mãe observa mais atentamente o filho que se desvia, para que ele não se perca.

Não vemos nós que uma mãe segura com mais ternura o filho que errou, do que aquele que sempre lhe foi obediente? Ela sente-se segura no amor do filho que a respeita, mas aquele que se afasta, ela vigia com um amor mais intenso. E pensamos que, se Deus é verdadeiramente um Pai de amor e justiça, Ele também velará pelos que erram e enviará os Seus anjos para estarem mais próximos deles, do que daqueles que nunca se desviaram.

As prisões e os cárceres são lugares mais adequados para os mensageiros celestiais do que as igrejas e os templos, pois estes podem aprisionar a alma, enquanto aqueles apenas acorrentam o corpo. As igrejas, por um lado, e as prisões, por outro, ilustram claramente o nosso pensamento sobre o culto religioso. Os que estão aprisionados na alma, nas igrejas, temem a Deus e o Seu castigo. Os que estão aprisionados no corpo, nas prisões, temem a punição da lei e revoltam-se contra ela. Ambas as condições são o resultado do medo – da religião baseada no medo.

Pois, se aquele prisioneiro, aquele criminoso que está atrás das grades, tivesse sido ensinado a acreditar que Deus é um Pai de amor, que Ele é

omnipotente e está em toda a parte, que Ele não é um Deus de ira, mas de misericórdia, se lhe tivesse sido ensinado que Deus vela por cada ato através do amor, e não pela tirania do castigo, nenhuma prisão ou penitenciária existiria hoje. Se os cristãos fizessem da sua religião uma parte da sua vida diária, não haveria roubos, nem crimes de qualquer espécie. Os que não são cristãos em teoria, muitas vezes seguem melhor o exemplo de Cristo, enquanto dentro das igrejas se escondem aqueles que, sem serem expostos, cometem os mesmos pecados.

Se um pobre menino, por fome extrema, rouba uma maçã ou um bolo de uma banca na rua, é condenado pelas leis cristãs e enviado para a penitenciária. Mas mercadores cristãos e homens cristãos podem roubar viúvas e órfãos, e a justiça cristã não os alcança. Se essa criança tivesse sido educada com amor, se os cristãos lhe tivessem sorrido com bondade, ele nunca roubaria, mas pediria comida.

Se os homens cujas vidas inteiras são uma sucessão de crimes públicos fossem finalmente descobertos e condenados à prisão, mas tivessem sido criados com bondade no seio da religião cristã, guiados pelo amor e pela compaixão para esquecerem os seus erros, em vez de serem forçados a lembrar-se constantemente deles, haveria menos miséria e mais amor verdadeiro. Haveria menos profissão de Cristianismo e mais prática do mesmo; haveria menos homicídios, menos suicídios, menos crimes de qualquer espécie; haveria menos formalismo e mais sentimento genuíno; haveria menos culto, mas mais religião autêntica.

Saí deste templo hoje, onde confiamos que adorastes em espírito e verdade, e olhai para os vastos céus, cobertos de nuvens esta manhã, mas sempre carregados de bênçãos para a humanidade. Não adorais tanto a Deus quando estais fora deste templo quanto O adorais aqui dentro? Ide para os vossos negócios; não amais o Deus da humanidade sempre que percebeis nos corações humanos verdadeiros princípios cristãos? Não amais mais a humanidade e a Deus por causa disso? Voltai para os vossos lares, onde a paz, o amor e a felicidade vos rodeiam; não é esse também um santuário de adoração? E, em meio às bênçãos da vida, não sentis no vosso íntimo um louvor sincero a Deus? Não é isso religião? Ide às ruas e vede os rostos pálidos e famintos dos pobres; e, sob o impulso do sentimento humano, dai-lhes uma moeda para comprar pão; não sentis gratidão por terdes feito isso?

Encontrai um amigo na rua, alguém abatido e oprimido, e, com palavras de simpatia e encorajamento, afastai-o do sofrimento e do desespero; não vos sentis mais felizes e melhores por isso? Ide até à viúva e ao órfão, deixai de lado as vestes de luto, enxugai as lágrimas que caem, e chorai – se puderdes, se o vosso coração o sentir – com aqueles que choram, para que eles possam sorrir quando vós sorrires. Não vos sentis felizes?

Não é isso religião? O outro, é apenas culto. Acreditai, então, que tudo o que a mente humana pode conceber como religião é a mais alta expressão de todas as virtudes, de toda a bondade e de todas as qualidades cristãs, manifestadas na vida diária, constante e prática. E todo o culto que não estiver acompanhado dessas qualidades, tudo o que as nações tenham inventado ou as eras tenham reverenciado como adoração, jamais foi suficiente para aliviar os sofrimentos da humanidade ou adicionar um único raio de luz à gloriosa coroa da verdadeira religião. A humanidade fala a todos com a voz da bondade e da religião; mas credos e rituais falam apenas com a voz da teologia.

Referir-nos-emos brevemente a uma palavra que os teólogos frequentemente repetem com grande insistência: "Deus é um Deus de justiça".

Agora, a justiça implica, antes de mais nada, amor e bondade; e, em segundo lugar, poder de punição, se necessário. Na administração política, a justiça significa que aquilo que cada um merece lhe será concedido. As leis são formuladas para que todos as cumpram; se alguém as desobedece, a justiça exige que seja punido. Com base nesta conceção de justiça, os homens disseram que a justiça é uma das características da natureza de Deus.

Não acreditamos nisso. O amor cobre tudo o que a justiça poderia abranger. Podeis ofender-vos quando uma lei é violada. Uma nação pode sentir-se afrontada quando as suas leis são desrespeitadas.

Mas Deus, que faz as leis, compreende todas as razões que levam os homens a desobedecê-las. Os homens não desobedecem às Suas leis porque desejam desafiá-Lo, mas porque não as compreendem totalmente. Deus fica ofendido quando alguém se desvia do caminho certo? Os vossos atos podem afetá-Lo de alguma forma? A Sua administração torna-se menos perfeita? A Sua infinidade é reduzida? Ele

deixa de ser Ele mesmo porque vós não O compreendeis? Não! Então, qual a necessidade da justiça? O próprio ato traz consigo a sua consequência, seja ela uma recompensa ou um castigo. O Pai é amor absoluto.

RELIGIÃO, OS SEUS FACTOS E FANTASIAS 5

No Music Hall, Boston, 18 de setembro de 1859
[O último de uma série de quatro discursos sobre "Religião, os seus Fatos e Fantasias."]

Unimos nesta ocasião os dois temas principais desta série de discursos que tivemos o prazer de vos apresentar – um sobre Religião, os seus Fatos e Fantasias, e o outro sobre a Economia Natural e Divina da Criação. Agora, reunimos estes dois temas, grandes por si mesmos, mas ainda mais grandiosos quando unidos, num ponto culminante: a relação entre o Homem e a Divindade. Tentámos ilustrar, nos nossos discursos matinais, que a diferença entre a verdadeira religião e as formas de culto é a diferença entre o amor e o medo. Acreditamos ter demonstrado esta teoria de forma clara para aqueles que nos ouviram.

Afirmámos que o culto, enquanto forma, é o resultado da paixão do medo na mente humana. Demonstrámos isto através da análise das revoluções históricas, da história das nações e da origem das suas formas de adoração. Afirmámos também que a verdadeira religião tem o amor como fundamento. E provámos isso através da própria natureza da religião e dos atributos da mente humana. Nos nossos discursos vespertinos, falámos sobre a Divindade, não no sentido de um conhecimento absoluto, mas raciocinando do conhecido para o desconhecido, abordámos a economia divina no governo. Esta tarde falaremos sobre a economia divina na religião, sobre a união do Natural com o Divino, sobre a perfeição no Homem e a perfeição em Deus.

Religião, então, é amor. Vejamos. Onde encontramos mais religião? Não está nas formas misteriosas e cerimónias das igrejas, nem na falsa solenidade dos tribunais eclesiásticos e do seu poder, nem nos credos teológicos e nas suas dinastias, nem no reinado conjunto da Igreja e do Estado, onde as formas de culto e de governo se fundem numa só; mas onde? Na pulsação silenciosa de um coração que ama. Religião! Ela

coroa de beleza o rosto da esposa e da mãe. Tudo o que nela fala de religião está impregnado de amor. Se ela louva a Deus, fá-lo pelo seu lar, pelos seus filhos, pelos seus amigos. Se ela adora a Deus, fá-lo cuidando e protegendo-os. Se ela vê beleza na criação divina, é nos que ama e adora. Se uma mãe reza, fá-lo pelo seu filho errante, para que ele se arrependa. Se ela bendiz o Pai Celestial e se curva em humilde adoração diante do altar de Jesus, fá-lo por amor, fruto do seu espírito abnegado e sacrificado.

Não conhecemos amor mais semelhante ao de Jesus de Nazaré do que o amor de uma mãe devota, dedicada, pura e abnegada. Parece-nos que, se devesse haver uma expiação pelos pecados da Terra e dos homens, as lágrimas que cada mãe derrama pelos seus filhos seriam suficientes para lavar todas as faltas que a sua descendência pudesse cometer. Parece-nos que, se Deus Pai exigisse uma expiação vicária, o amor sofredor, silencioso e dedicado das mães seria suficiente, na grande eternidade, para salvar os seus filhos. Parece-nos que, se Deus exigisse orações, lágrimas e sacrifícios, as preces das mães, as lágrimas do seu amor sofredor, e as ofertas da sua devoção maternal seriam mais do que suficientes.

Assim era o amor de Jesus de Nazaré. Ele não deu a sua vida como oferta ao Pai. Ele não se sacrificou pelo bem dos homens porque achava que Deus o amaria mais por isso. Ele foi humilde e abnegado, não por obrigação, mas porque, pela própria natureza do seu ser, amava ser assim. Ele amava os oprimidos. Ele amava os desesperados e os aflitos. Ele amava os rejeitados e os desprezados. Ele amava a bondade pelo simples fato de ser boa. Ele amava a verdade pelo simples fato de ser verdadeira. Ele amava igualmente aqueles que estavam na luz e aqueles que ainda caminhavam na escuridão. Lembrai-vos disto: a religião está encarnada no amor de uma mãe.

Talvez tenhas uma irmã – ou já tiveste. Uma criatura pura e de coração simples, que dedicou a sua vida a fazer do lar um lugar de luz e felicidade. Ela acreditava em Jesus. Ela acreditava na religião. Ela acreditava em Deus, através de tudo o que a fazia feliz. O pai era para ela o símbolo da nobreza e da bondade. A mãe era a fonte de inspiração e sabedoria. O irmão era o objeto do seu carinho e dedicação. E cada ato e cada palavra do seu amor eram expressões de uma religião vivida através do amor. Se rezava à noite, era para que aqueles que amava fossem unidos pelo vínculo do amor. Se alguma vez sentia tristeza, era

por aqueles que se tinham desviado do caminho do bem. Se sentia remorso, era por temer que tivesse negligenciado algum dever ou algum gesto de bondade. Ali havia religião.

Até mesmo no coração puro de uma criança inocente há religião. Sem conhecer credos ou doutrinas, a criança vê nos olhos amorosos da mãe, no céu azul, nas estrelas cintilantes e na Terra cheia de vida, algo que desperta nela o amor e a adoração. Ela sente a presença da vida e do divino, sem saber porquê. Isso é religião – a expressão espontânea da alma infantil.

Mas há um amor ainda maior, mais profundo, que abarca todas as nações e todos os povos. Este não tem seita, nem credo, nem doutrina, nem ritual, nem cerimónia. A sua religião é o amor universal e filantrópico.

Este amor foi o amor de Jesus. Foi o amor dos mártires e dos santos. Foi o amor dos filantropos que, sem medo do castigo divino, sem necessidade de um credo religioso, fazem o bem pelo simples prazer de fazer o bem, amam a virtude pela própria virtude, amam a verdade pela própria verdade. O amor que os filantropos sentem pela humanidade não é limitado por credos nem por fronteiras. Ele não conhece tempo nem espaço. Estende os seus braços sobre o mundo inteiro, abraçando tanto os puros como os pecadores, e até acolhendo com mais ternura aqueles que se afastaram do caminho do bem.

Segundo a nossa conceção, o vínculo que torna o homem divino e o une a Deus é a mente. Pois, embora o Pai não desça na Sua omnipotência até ao sofrimento individual de cada um, embora, como Ser perfeito, Ele não possa sofrer, sabemos que, através da intuição e dos mistérios da alma, existe uma união, um poder e uma força nessa religião do amor. Essa força torna todas as almas iguais aos olhos de Deus, aos olhos da verdadeira humanidade, aos olhos de todos aqueles que verdadeiramente adoram a Deus.

Comecemos novamente pela economia divina. Tentámos ilustrar, no último domingo à tarde, que a economia divina se assemelha, nas suas formas ou nos princípios que incorpora, às formas mais elevadas de governo concebidas pelos homens. Falámos disso num sentido metafísico. Agora falaremos num sentido palpável.

Apesar da necessidade das formas de governo no mundo, apesar da necessidade das organizações estatais, apesar de todo o poder que é tangível numa organização fixa e positiva de leis perfeitas, todo filantropo inteligente, todo filósofo, todo verdadeiro religioso sabe que, se o amor – o amor humano, que é divino – governasse e guiasse os grandes benfeitores da humanidade, nem as leis nem as suas penas, nem as leis nem as suas consequências seriam necessárias.

Todo filantropo sabe que a prisão e o cárcere não são tão eficazes na reforma dos criminosos quanto palavras amáveis e instrução saudável. Todo filósofo da mente sabe que prender homens em correntes e lançá-los em celas escuras e lúgubres nunca pode assegurar a elevação da alma ou do espírito. Todo verdadeiro religioso sabe que a sociedade não é beneficiada, que a dignidade do governo não é mantida, que, embora, se tivermos leis, devamos ter penalidades para a sua violação, a verdade, a perfeição e a dignidade, até mesmo do vosso governo, seriam melhor mantidas se as prisões fossem convertidas em hospitais morais e religiosos para instrução daqueles que vivem na ignorância, para restaurar as qualidades morais que foram esmagadas, quebradas e deformadas.

Todos sabem disso e, levando essa ideia ainda mais longe, todos os que já refletiram sobre a economia política sabem que até mesmo o bem-estar político de qualquer nação seria melhor promovido por um sistema adequado de instrução do que pela aplicação de castigos através de leis arbitrárias. Todos sabem que, se todos os homens fossem ensinados a serem bons, justos e honestos, não haveria necessidade de leis. Todos sabem que, se as nações cristãs não violassem as suas próprias leis cristãs, não haveria necessidade de exércitos. Todos sabem que a forma mais elevada de governo é aquela que governa pela absoluta lei da bondade, e não pela força. E todos sabem que, na grande economia divina e na aspiração de todas as almas humanas, o único e supremo objetivo deve ser a obtenção deste perfeito amor.

Como, então, com esta visão do caso, podemos entender que a forma mais elevada de governo humano conhecida ou concebida é também a forma de governo pela qual a Divindade, num grau infinito, governa o universo? Se uma única alma pode ser conduzida da escuridão para a luz através do amor, se uma única alma, pela bondade, pode ser instruída a tornar-se pura, verdadeira e justa, se todas as almas humanas, através de uma forma adequada de educação, instrução e

governo, podem ser levadas a compreender a harmonia da lei e da ordem sem necessidade de força ou regras arbitrárias, então, na economia divina, essa lei deve ser suprema.

Sabemos, portanto, que é da natureza da Divindade governar pelo amor, e não pelo medo.

Como já dissemos antes, e continuamos a afirmar, não houve erros na história dos governos passados da Terra. Sabemos que todos tendem para um único ponto de desenvolvimento – a perfeição da raça humana. Da mesma forma que hoje tendes um governo republicano, que é a forma de governo mais elevada conhecida no mundo, da mesma forma que a vossa religião se baseia na lei do amor e o vosso governo político se baseia na lei da justiça e da bondade, assim um dia estas leis moldarão e governarão tudo. Nenhuma forma arbitrária de lei vos governará, apenas aquelas cuja única pena será a consciência da vergonha que o próprio infrator sentirá ao violar uma lei moral, social ou civil.

Todos conhecem a profunda humilhação de cometer um crime; todos sabem o que sente aquele que sofre no cadafalso. Todos sabem que quem infringe uma lei moral, mesmo que ninguém mais o saiba, carrega em si o peso da sua própria degradação. Todos sabem que quem mente secretamente se sente humilhado cada vez que recorda a sua falsidade. Todos sabem que quem comete qualquer transgressão contra a moralidade sente-se completamente degradado na sua própria consciência.

Então, nessa organização ou por meio desse poder, os homens serão levados a não cometer crimes ou, se os cometerem, a própria punição estará dentro deles mesmos. Não seria melhor, mais grandioso e mais sábio do que uma lei arbitrária forçar os homens a fazerem o bem sem que saibam o porquê?

Estamos cientes de que as grandes massas fazem o bem por hábito, porque a sociedade as força a fazê-lo; são religiosas porque é costume sê-lo. Assim, as vossas leis civis, sociais e arbitrárias estão sempre a caminhar para o bem, mesmo que nunca o alcancem plenamente. Isso é melhor do que uma liberdade ilimitada para fazer o mal.

Mas quando, através da instrução e do conhecimento de si mesmos, os homens entenderem que não pecam contra os outros, mas contra si próprios; que, se violarem as leis do país, não é o país, mas as suas próprias almas que são prejudicadas; que, se transgredirem as regras do bem, é a si mesmos que mais prejudicam; que, se assassinarem alguém, esse crime pesa mais sobre as suas próprias almas do que sobre a vítima assassinada; que, se roubam, roubam a vida e a dignidade de si mesmos – então, sentirão que nenhuma punição arbitrária é necessária, mas que a bondade, o amor e a justiça serão as únicas leis que governarão as suas vidas.

Não esperamos que isso aconteça agora; não estamos sequer a desenhar um futuro ideal. Estamos apenas a apresentar uma conceção possível para a mente humana.

Tudo o que a mente humana é capaz de conceber, ela é capaz de alcançar. Tudo o que pensais poder conhecer, pela própria força do vosso pensamento, podeis conhecer. Tudo o que aspiras compreender, pela própria força dessa aspiração, podeis compreender. Tudo o que desejais alcançar em bondade, em virtude moral, em conhecimento prático, isso podeis e deveis alcançar.

O maior dos homens, a mente humana da mais alta qualidade de inteligência que qualquer alma humana já concebeu como possível, será, com certeza e positivamente, um fato fixo na história da inteligência. Tudo o que Jesus ensinou e praticou na sua vida, como sendo divino, todas as mentes e almas humanas são capazes de praticar e ensinar. Deus, o Pai, governa através do amor.

Sem entrar nos detalhes metafísicos da criação física, que ilustram claramente, em cada domínio, que esse elemento que está no homem e na história do mundo mental – e que assume o nome de amor divino ou amor religioso – permeia a criação, podemos apenas afirmar que o amor é o fundamento de toda a vida, que o princípio da própria vida é o amor do Grande Pai, operando em e através de todas as coisas.

Retirai esse amor, e nem a inteligência, nem a vastidão do poder matemático, nem toda a simetria de uma mente ampla e independente, nenhuma altura ou profundidade de poder poderia jamais ter formado a criação sem esse único e positivo elemento divino do amor.

Esse amor chega até vós através da folha que se abre na primavera, através das incontáveis belezas das florestas, é visível em todas as formas da matéria criada. Ele é até mesmo percetível na vida inorgânica, onde não existem meios visíveis de vida, mas as incontáveis transformações do granito provam claramente que há um espírito de vida a permeá-lo. Essa vida, no seu grau, é semelhante à vida do homem; essa inteligência, no seu grau, é da mesma qualidade da inteligência que existe no ser humano.

Já tratamos disso antes e repetimos agora: a mesma qualidade de inteligência existe em toda a criação. O que difere é apenas a quantidade. A inteligência do homem é da mesma qualidade que a Inteligência da Divindade, apenas em proporção infinitesimal. O homem é uma gota, e Deus, o Pai, é o oceano. O homem é um átomo, e Ele é o todo. Mas a qualidade dessa inteligência é a mesma daquela que possui a Grande Mente Universal.

Então, o mesmo amor, a mesma religião, a mesma qualidade de verdadeira adoração que existem na alma humana são frutos desse mesmo sentimento e princípio.

É por a flor amar a sua fonte de vida que ela cresce, floresce e espalha o seu perfume pelo ar. É por o pássaro selvagem ser feliz na sua existência que canta no verão. É por a substância da qual se forma a luz do sol ser, em si mesma, luz, vida e poder, que os seus raios fluem dela. É por a terra, ao se estender para receber a luz do sol, possuir em si um elemento de inteligência, a existência divina da vida e do poder, que ela absorve os raios solares, aperfeiçoa-se e embeleza-se com os materiais dos quais é feita. É por as vossas almas se elevarem em direção a essa luz e captam os seus vislumbres que a religião brota espontaneamente do vosso interior.

A religião é o resultado desse amor dentro de vós, e não a sua causa. A inspiração é o resultado desse amor, e não a sua origem.

Todas as formas de adoração, todas as formas de amor, todas as formas de pensamento divino e de excelência moral têm o seu crescimento e a sua origem nessa mesma fonte.

Como, então, governa o Pai os seus filhos?

Além das leis morais e materiais do universo, que para a mente materialista não são percetíveis como coisas divinas – embora para nós sejam divinas no seu grau, assim como o homem é – além disso, há no mundo do pensamento da alma humana uma existência separada que, embora possa ser material, está fora e acima de todas as formas conhecidas de matéria que o homem pode analisar e conceber.

Agora, essa substância palpável e positiva, que é a alma do homem, ou o resultado da sua alma, está sob o controle e a orientação absoluta da vasta influência superior do amor da Divindade.

E, assim como todas as coisas na natureza e todas as leis na natureza têm a sua origem nessa mesma fonte, tudo o que está na mente humana e todas as aspirações dos corações humanos têm a sua origem e o seu nascimento na mesma economia divina.

A mesma força que faz com que a flor absorva uma determinada cor ou um determinado raio de luz, para o seu próprio propósito peculiar, é a mesma que faz com que os homens, conforme a sua constituição, absorvam certos elementos da natureza divina que os tornam diferentes uns dos outros.

E é apenas quando compreendeis que a qualidade desse amor, dessa inteligência e dessa divindade está em toda parte e é a mesma, que podeis compreender o verdadeiro e perfeito governo divino.

Os teólogos cristãos dizem que Deus é justo.

Mas o que é a justiça?

Ela é resultado, primeiro, da presunção de que deve haver uma lei arbitrária; segundo, de que essa lei pode ser violada; e terceiro, de que, através da justiça, o criador ou controlador da lei pode administrar uma punição que pareça justa e apropriada ao seu poder.

Assim, a justiça é inteiramente uma conceção da inteligência humana.

Mas quando a reduzimos aos seus elementos originais, encontramos apenas amor.

Porque o Pai, a Fonte de toda a vida, criou essas leis e princípios como um reflexo do seu próprio ser. Os indivíduos apenas as adaptam para os seus próprios fins.

O teólogo diz: “Se violardes a lei divina, ela vos punirá.”

Mas nós dizemos: não podeis violar uma lei divina. Se uma lei é divina, não pode ser violada. E, se uma lei pode ser violada, então não é divina. Porque Deus não conhece outra lei senão a do amor universal, infinito e absoluto. Podeis prejudicar o seu governo? O fundamento do seu universo depende da vossa obediência ou desobediência a uma lei? O seu governo está sujeito ao vosso controle e poder individuais?

Não!

O governo de Deus repousa na vastidão, na beleza e na perfeição da totalidade da mente universal. E, portanto, a sua lei não pode ser violada. O que os teólogos querem dizer, na realidade, é apenas isto: Se houver alguma imperfeição na vossa natureza moral, sofrereis por isso – assim como um homem sofre quando há uma imperfeição na sua natureza física. Ele apenas quer sugerir que, se houver alguma falta de cultivo na vossa natureza moral, essa falta se manifestará, e quando a descobrirdes, deplorareis profundamente a vossa ignorância. Ele simplesmente quer dizer que aquilo que no finito parece divino, no infinito é perfeito e absoluto; que no finito parece imperfeito, no infinito é glorioso e perfeito.

Novamente, em todas as leis divinas, parece haver um elemento controlador, um poder positivo, uma força suprema. Se essas leis divinas devem aplicar-se às naturezas morais dos homens, elas devem ser as que melhor se adaptam a alcançar tais naturezas. Ora, sabemos que a lei mais elevada, capaz de alcançar tanto os crimes em suas formas mais degradadas quanto suas manifestações mais brandas, é a lei da bondade.

Devemos, então, concluir que a lei mais elevada na Divindade, que alcança as mentes mais baixas e degradadas, deve ser a do amor e da bondade e que, raciocinando do conhecido para o desconhecido, tudo o que reside no mundo da mente é simplesmente o poder, a magnitude, a perfeição e a simplicidade de um único princípio na divindade – o amor. Não acreditamos que o mais alto anjo ou arcanjo, aquele que paira mais

próximo do trono de Deus (como é chamado), conheça alguma forma de governo mais elevada, alguma justiça mais verdadeira, alguma lei mais perfeita, algum castigo mais eficaz do que a administração do amor.

Não acreditamos que qualquer anjo seja demasiado elevado para ministrar ao mais humilde dos mortais da Terra. Não pensamos que alguma alma seja tão elevada que não possa inclinar-se até a mais baixa alma e, por meio do amor e da bondade, erguê-la novamente para a pureza. Não acreditamos que Deus seja tão onipotente, tão infinito e tão divino na sua majestade, que a menor dor dos seus filhos não encontre nele resposta e conforto por estar Ele demasiado distante. Não acreditamos que Ele não possa estar presente nos mais íntimos anseios de cada alma humana, conhecendo, sentindo e compreendendo para punir o erro.

E também não acreditamos que os homens tenham sofrido, morrido ou suportado qualquer castigo sem que seu sofrimento tenha estado dentro do alcance do amor divino. Não recorremos à ira, nem à vingança, nem à justiça e nem mesmo à misericórdia para explicar as vastas vicissitudes da vida humana, a multiplicidade de sofrimentos humanos e os chamados erros da humanidade.

Podemos simplesmente recorrer ao amor do Pai e ver que, através do sofrimento, da dor e da angústia, todas as almas são trazidas até Ele.

A dor finita e a alegria infinita podem ser a mesma coisa. Aquilo que hoje vos parece uma grande fonte de sofrimento e angústia, amanhã ou daqui a alguns anos pode tornar-se a maior fonte de alegria que já experimentastes. Aquilo que parece doloroso no seu nascimento, como a luz do sol para um homem que esteve preso durante muito tempo na escuridão, tornar-se-á, quando vos habituardes a ele, grandioso, bom e belo.

E, oculto sob o sofrimento, a dor e o desespero, vereis o anjo sorridente do amor de Deus. Este pensamento se assemelha à antiga teoria ortodoxa. Mas não são apenas alguns poucos "escolhidos" que Deus favorece com sofrimentos para revelar o seu amor. Não se trata de que, como dizem:
"Por trás de uma providência severa, Ele esconde um rosto sorridente".

Não!

O amor divino não se revela apenas àqueles que o reconhecem, mas a todos os seus filhos, a todas as condições da vida, a todos os estágios de desenvolvimento da mente humana.

O elemento positivo e divino do amor opera os seus fins benéficos sobre todos. Olhai para a mãe: Ela ama menos o seu filho quando administra um castigo que sabe ser necessário? Quando ela o adverte de seus erros e o instrui no conhecimento e na sabedoria, há menos amor no coração dessa mãe do que no coração da mãe indulgente, que permite à criança, porque é “graciosa” ou “jovem”, cometer qualquer ato de imprudência?

A mãe que corrige com justiça e amor é menos amorosa do que a que deixa o filho à mercê dos seus próprios erros?

Não, pelo contrário: ela ama tanto quanto a outra, mas com um amor mais sábio e verdadeiro.

O Pai Celestial, que vê através da luz e das trevas, que sabe que tudo isso são apenas aparências da vida material, também sabe que mesmo na dor, na escuridão, na miséria, no desespero e até no erro, a alma, no fim, será purificada pelo fogo e sairá da escuridão mais resplandecente. Ele sabe que o resultado será uma organização perfeita, divina e infinita na individualidade da alma humana. Se os homens duvidam da imortalidade, devem duvidar de todos os propósitos da vida humana.

Se duvidam de um futuro que seja, em si mesmo, a recompensa e a compensação divina e perfeita para tudo o que no presente foi escuro, terrível e inexplicável, então devem duvidar de toda a economia divina do universo. Nem mesmo a beleza da natureza, nem a perfeição da Terra, nem a simetria e harmonia do universo podem fazer com que um homem acredite no amor que habita na justiça e misericórdia do Pai, se ele não tiver fé. E como acreditar que Deus faria o homem viver uma vida de sofrimentos apenas para nunca mais conhecer a alegria?

Não!

Esses são os vossos dias de erro, os vossos dias de imaturidade, os vossos primeiros e vacilantes passos.

Estas são as vossas tristezas mais profundas, os vossos impulsos para o erro, mas também o vosso caminho de aprendizado para o que é certo.

Estas são as severas correções do amor divino, que finalmente vos guiarão para a perfeição de toda a felicidade. O que se revela aqui é a grandiosidade de uma economia divina que transcende tempo, espaço e matéria. Não falamos de formas parciais ou limitadas de manifestação do Divino, mas de uma lei absoluta e perfeita, que governa a vida em todas as suas expressões.

Cada ser humano faz parte de uma família universal, uma pequena porção de uma imensa coletividade de almas que vivem não apenas na Terra, mas em outros mundos, outras estrelas, em todo o vasto espaço infinito. O que chamamos de vida não é apenas o presente que experimentamos, mas a soma do passado, do presente e do futuro, o grande "Eu Sou" que define a própria eternidade.

Se há algo que podemos afirmar sobre essa economia divina, é que ela é fundamentada em um amor onipotente, universal e perfeito. A ordem do universo, a harmonia da criação, a conexão entre todas as coisas – não há falha, não há imperfeição, não há falta de sintonia nesse sistema divino.

E se no coração humano existe um amor capaz de vencer o ódio, o medo, a vingança, o ressentimento, o crime e toda forma de sofrimento, então deve haver um Amor Divino, infinito e absoluto, que governa todas as coisas, e que é a essência do próprio Criador. Não é preciso buscar esse amor em algum ponto distante do universo. Não é preciso perguntar onde Deus habita, nem procurar compreender o mecanismo de Suas leis no vasto cosmos. Ele está aqui, dentro de cada um de nós.

Se sentimos amor, se conhecemos a compaixão, se somos capazes de estender a mão ao outro, então já experimentamos a centelha do próprio Deus dentro de nós. Essa economia divina pode ser percebida em todas as manifestações do pensamento humano que superaram barreiras de tempo e espaço.

Pode ser vista naqueles que desafiaram impérios e reinos para plantar a semente da verdade. Pode ser vista nos grandes filantropos, que arriscaram suas vidas em meio a guerras, doenças e fome para aliviar o sofrimento humano. Pode ser vista nos laços de solidariedade que unem as pessoas, mesmo nas situações mais difíceis. Pode ser vista até nos lugares mais inesperados – onde há crime, ainda há resquícios de compaixão; onde há escuridão, ainda há lampejos de luz.

Mas quão mais radiante e gloriosa é essa economia quando se manifesta no pensamento elevado, na busca sincera pela verdade, na unidade de propósitos que conecta todas as almas!

Se não soubéssemos que há algo além do que conhecemos, que há uma inteligência maior do que a humanidade já expressou, poderíamos pensar que a mente humana, por si só, é divina e onipotente. Pois o pensamento que busca a verdade revela, por si mesmo, a presença de Deus. Pois a lei do amor, que governa as estrelas e os corações humanos, é tão grandiosa quanto simples.

Quem já sentiu a alma se expandir para além do corpo e da matéria? Quem já percebeu o pensamento crescer de tal maneira que o mundo parecia pequeno demais para contê-lo? Quem já experimentou um momento de inspiração tão profunda, diante de um tema grandioso e perfeito, que sentiu dentro de si a própria essência do divino? Se já vivestes isso, então compreendeis o que queremos dizer com "o divino na humanidade". Então compreendeis a ligação entre o finito e o Infinito. Então compreendeis o verdadeiro sentido da religião, que não é feita de dogmas ou rituais, mas da conexão viva entre Deus e o homem. Assim como as partículas do universo se atraem entre si, as almas se atraem umas às outras e ao grande centro de toda a existência. Se os átomos não possuíssem uma essência comum, eles não poderiam formar a matéria, não poderiam atrair-se e criar os corpos celestes e os mundos.

E, da mesma forma, se as almas humanas não tivessem uma origem e um destino comuns, não poderiam se unir, não poderiam se conectar, não poderiam formar a grande unidade da Criação.

Todas as almas, com suas diferenças apenas de combinação e expressão, fazem parte do mesmo Todo Divino. Assim concluímos esta série de palestras. Mas o tema é tão infinito quanto a eternidade. Ele só terá fim quando o pensamento cessar de existir. Ele só será totalmente compreendido quando o finito alcançar o Infinito.

EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS

Uma palestra proferida em Cavandish Rooms, na noite de Domingo, 16 de Maio de 1875

CURA MORAL E ESPIRITUAL

Pelo espírito do falecido doutor Benjamin Rush

Senhor presidente e amigos,

Muitos porventura recordar-se-ão das primeiras doze palestras que fiz até ao presente, pelo que agora acho não só uma honra pessoal mas um favor particular, ter de novo permissão para me dirigir a vós com o meu tópico favorito da cura espiritual. Estarão recordados que no discurso de conclusão dos primeiros cinco prometi falar mais sobre esse assunto.

Tenho agora que lhes chamar a vossa especial atenção para aqueles estágios da cura espiritual que foram submetidos à minha observação e experiência pessoal desde que parti da vida terrena, já que o tempo atribuído à minha nova experiência foi suficiente para o surgimento e a queda de reinos, a formação e a decadência de impérios, o aperfeiçoamento da ciência, a descoberta e a ilustração de diversos princípios na arte e no mecanismo que eram desconhecidos que me eram desconhecidos quando me encontrava na terra, e um certo avanço humano no campo da *matéria médica* - menor, contudo, no da medicina e da teologia do que nos outros dois sectores do conhecimento humano.

Infelizmente esses dois sectores são estreitamente cobertos pelas teorias das escolas, e requerem muito mais a moldar o mundo teologicamente ou no sentido da medicina (que está fundada nas escolas) do que em qualquer outro sector da vida; porém, como a medicina é a religião do corpo, e a teologia é a medicina da alma, parece-me a mim maravilhosamente estranho que com respeito a ambos esses tópicos a humanidade tenha sido deixada a arrastar-se por toda a extensão cansativa, ou então dar passos ousados e romper as barreiras do que é considerado heresia tanto em medicina como em religião.

Em razão disso imploro que me permitam propor umas quantas teorias respeitantes aos efeitos da vida inicial tida na existência espiritual.

Parecerá inicialmente a alguém não familiarizado com a ciência da filosofia espiritual, que a partida da vida terrena liberte o espírito de vez de todas as consequências da dor e do sofrimento que tenham feito parte do corpo. Vou-lhes provar não ser esse o caso com uma ilustração que é o inverso da proposição que pretendo fazer. Fui chamado a assistir, nos meus primeiros anos de profissão médica, a uma pessoa que teve uma perna amputada. Alguns doze a dezoito meses posteriormente ele assegurou-me que continuava a sofrer dores na parte mais baixa da perna que tinha sido amputada. Eu disse-lhe que isso devia ser imaginação sua, já que não tinha membro algum nessa parte inferior da perna. “Não, doutor,” disse-me ele, “asseguro-lhe que toda a vez que se dá uma mudança de tempo, eu sinto os mesmos sintomas que costumava sentir, e muita vez coloco a minha mão na perna, esquecendo-me que o membro fora amputado.”

Se esse fosse um caso isolado, bem que eu o poderia ter considerado o resultado da imaginação; mas descobri desde então que na maioria dos casos essa sensação prossegue durante anos, e por vezes durante o resto da vida terrena, desde que o membro espiritual não tenha sofrido amputação. Se aplicarem esta regre pelo inverso, descobrirão que o espírito, ao deixar o corpo que durante anos tenha sido afetado por uma doença, apresentará precisamente a mesma aflição na configuração espiritual, porventura em grau menos intenso, porém, não estou seguro de ser menos intenso - inteiramente correspondente à doença que afligira o corpo material; e se a causa da doença tiver sido mental em vez de física, conforme é suposto pela ciência, ela continuará a afetar a forma espiritual até que um remédio mental específico seja encontrado para a doença; pelo que temos na existência espiritual pessoas cujos corpos espirituais sofreram um desgaste em virtude de carência de nutrição ou de vitalidade, devido à aproximação de átomos espirituais com os átomos físicos devastados.

Temos tuberculosos que entram no mundo espiritual com corpos espirituais consumidos tal como os seus corpos físicos foram na terra. Por vezes esses tuberculosos são aqueles cujos corpos físicos não apresentam decadência mas que estiveram enfermos, que embora apresentassem uma constituição forte, não mostravam sinal nenhum de enfermidade na vida exterior; pelo que existem espíritos emaciados, espíritos com diversos tipos de aflições que correspondem por simpatia

àquelas por que foram afetadas na terra, e todos eles igualmente agravados pela consciência de imperfeições mentais e da consciência; de modo que, em vez de se verem libertados da ignorância ou do sofrimento por o corpo ter perecido, os efeitos deles tornam-se de forma palpável mais claros, e as pessoas que tenham sofrido intensamente na terra, mas que tenham conseguido esconder isso da observação externa, apresentam no espírito um tipo forma espiritual deformada ou uma forma espiritual que não tem vitalidade, tudo produto da natureza intensa e fixa do sofrimento suportado na terra.

Eu asseguro-lhes que os primeiros estágios da vida espiritual não foram exagerados pelo Juiz Edmonds conforme ele o ilustrou no seu recente discurso. Antes pelo contrário, se ele foi, como eu fui, convocado a misturar-me e a assistir às diversas ordens de sofrimento, ele ter-se-ia imaginado num campo de batalha espiritual em vez de numa esfera da partida comum de espíritos da vida terrena. A verdade está em que, os vossos espíritos, à vista de um espírito desincorporado, apresenta formas deformadas, despedaçadas ou rasgadas em determinados lugares, deformadas noutros; imperfeitas aqui, demasiado grandes acolá, e tudo em tal grau pervertido em relação ao propósito e intenção original que dificilmente reconheceriam a forma original. Não o refiro em tom de censura, mas como mero fato palpável; mas quando consideram os vossos corpos físicos e as suas enfermidades, seria estranho encontrar uma pessoa que nunca tivesse sofrido dores ou não tenha tido um mal que se tenha perpetuado, ou que não se queixasse da natureza do tempo ou de alguma outra condição física que a leve a sofrer.

Mas quando se acrescenta a isso o poder de perceber o sofrimento mental, podem imaginar os tipos de características e formas os espíritos não apresentam, quando todos os átomos têm tendência para se moldar e ser substituído de acordo com o estado de espírito e o espírito, assim como o estado corporal. Não estou a exagerar o quadro. Garanto-lhes que muitas almas encerradas na vida terrena, que evidenciem porventura aspirações e luta por se alçar acimado sofrimento, ainda não possuem o poder adequado para superar os efeitos desse sofrimento, e vêem-se ainda amarrados em algum grau ao estado espiritual anterior por algum efeito do sofrimento, e não conseguem escapar às consequências, exceto por algum processo de cura espiritual.

Eu anunciei a existência na natureza de um remédio específico para toda a doença; mas considero as especificidades físicas e materiais como falhas no alcance das causas primárias da doença humana. Seguindo o assunto em ligação com os estados da vida espiritual, descubro enquanto regra geral que a causa de uma enfermidade particular reside no fato do poder mental ou da vontade não se achar suficientemente equilibrada pata manter uma ação igual em todas as partes dos corpos espiritual e material; e que se isso pudesse ser alcançado não poderia, de forma nenhuma, dar-se a invasão da doença.

Passarei agora a descrever uns quantos exemplos típicos a que fui chamado a assistir na vida espiritual. Fui chamado junto de uma pessoa que falecera vítima da doença puramente física da tuberculose.

Descobri que se supunha que a formação de tubérculos pulmonares e de úlceras finais de decomposição nos pulmões seriam resultado de tendências puramente físicas, mas que a forma espiritual tinha padecido de detioração em consequência, e que o espírito entra na vida do espírito num estado de exaustão do poder da vontade, pelo que durante um período de tempo o espírito sozinho não conseguiu encontrar suficientes partículas no corpo material que tinha habitado e que o cercara para compor um poder suficiente para moldar um corpo espiritual, e que, sem ajuda, o espírito poderia ter persistido, e poderia ter-se esforçado por retirar sustento daquilo que tinha entrado em decadência, aliviado daquilo que tinha sido a sua desgraça, e alimento daquilo que, no seu estado de decomposição, deve constituir um veneno.

Nesse caso, o primeiro caso teria sido voltar a atenção do meu espírito para a investigação da causa. Descobri que a causa era mental, que algum sofrimento ou padecimento mental tinha provocado uma negligência das leis adequadas da higiene dos alimentos, do vestuário, ou das mudanças da atmosfera, expondo o sistema espiritual ao processo do esgotamento do contínuo desgaste ou da contínua prostração nervosa.

A doença deve, consequentemente, ser enfrentada de um ponto de vista espiritual em vez de físico; e se eu não conseguisse providenciar um remédio, um outro espírito poderia ter o poder de o fazer. Sempre descobri, contudo, uma cura apresentando ao espírito aquilo que lhe tinha provocado a moléstia numa forma contrária. O antídoto deveria ser desviar a mente, afastá-la gradualmente da causa e da contemplação da

sua aflição, dado que as fontes da alegria são maiores do que as da aflição no mundo da mente.

Eu fui convocado para testemunhar os efeitos exercidos no espírito de uma pessoa cuja vida tinha sido inteiramente ocupada com os prazeres e atividades do corpo - uma indulgência excessiva com a comida e a bebida em toda a forma da existência física, até o corpo não mais conseguir mais manter o espírito em si. Em tais casos descobri o espírito privado de nutrição. Encontrei os átomos todos enrugados, todas as porções da fibra atenuados e um aspeto macilento, como se o espírito tivesse sido sujeito à fome e ao frio numa região desconhecida. A ama emaciada em vão procurava lutar por resgatar alimento da massa de corrupção que tinha deixado para trás chamada corpo corpóreo, cujos átomos da sua totalidade tinham sido convertidos em *animálculos*, que tinham predado a estrutura vital. Onde existir um excesso demasiado de poder físico, aí prossegue o processo formativo da vida, em que átomos infinitésimos por fim se desenvolvem em *animálculos*, e deixam o corpo numa massa de corrupção.

Nesse caso o meu único e inicial desejo foi o de convencer o espirito de que a nutrição não podia ser encontrada no sentido do corpo físico, e que deveria por conseguinte ser produzido pelos processos de sustentação de outros espíritos auxiliares, que no estágio correspondente da vida, ou quase correspondente, podiam produzir o requisito ambiental que nutrisse essa alma faminta.

Fui chamado a dar uma ajuda a um caso distinto de insanidade que os médicos terrenos tinham pronunciado como o resultado de doença física, da qual se pensaria que o espírito, ao partir do corpo natural, se veria naturalmente aliviado. Descobri, ao contrário, que a insanidade fora do foro mental, e que toda a perversão da expressão externa da mente se devia ao fato do espírito ter sido indulgente num sentido enquanto se sacrificara noutro.

Descobri que o espírito se encontrava acometido pela doença de toda uma vida, e que precisava ser curado pela aplicação de princípios espirituais, ao ver que o caso da insanidade residia no fato de que na formação do tecido externo da estrutura espiritual não tinha existido volição suficiente para aperfeiçoar uma porção dessa estrutura. Daí que, no contato que teve com a vida terrena, o espírito exemplificasse a

mesma falta de controlo apropriado. Eu apliquei o processo de cura no seguinte sentido: gradual e continuamente, com a mais persistente vontade, voltar a atenção do desafortunado espírito da enfermidade, e trazendo as partículas efetivas de pensamento requeridas para edificar e fortalecer a vontade.

O cirurgião faz isso com o membro enfraquecido ou partido, porque não fazê-lo em relação a um pensamento débil ou inutilizado - já que esse é o membro do espírito, e o braço forte com que a alma alcança a matéria? Se descobrirmos, consequentemente, um membro deslocado ou partido, aplicamos as mesmas ataduras e gesso.

Eu encontro espíritos cujos membros materiais se encontram completamente despedaçados, que não possuem volição que os controle, e que podem ter-se tornado assassinos ou criminosos sob o ímpeto de falta de poder de se governar. Se um assassino vier para o mundo dos espíritos, é um corpo espiritual despedaçado aí; no caso de um maníaco, toda a maquinaria, como no caso da mola de um relógio partida, se encontra em desordem, por aquela função vital se encontrar desfeita em pedaços. Substituo isso pelas partículas que reúno do meu próprio cérebro e da atmosfera e que me compõem um mundo ou círculo de espíritos auxiliares cuja função é prover a tais deficiências, e que se decidem ininterruptamente ao estudo das deformações e imperfeições das mentes humanas e dos espíritos desincorporados para que possam chegar a conhecer que propriedades requerem fortalecimento e o que requer uma verificação no mundo das causas espirituais.

Então descobri o que eu considerava ser a verdadeira arte da cura. Primeiro, o conhecimento de e simpatia com a causa do sofrimento, seja ela qual for. Não pode haver nada desempenhado quer da cura física ou espiritual sem este Conhecimento e Compaixão. Por intermédio desta médium declarei em privado que se conseguissem arranjar algum farmacêutico que lhes prepare uma só receita a vosso pedido que eu lhes pudesse passar, designadamente a Compaixão, não mais existiria doença no mundo. Só que a compaixão não pode ser administrada sem conhecimento.

Não podem sentir simpatia por uma pessoa em sofrimento ou aflição sem terem vós próprios passado pelo sofrimento ou aflição. Não terão experiência adequada do que o amor ou a mágoa seja a menos que vós

próprios a tenham experimentado; e inútil será para uma pessoa que tenha perdido um amigo pela morte dizer que sente comiseração para com um enlutado. Essa compaixão constitui a força subtil que todo verdadeiro médico emprega. Lembrem-se de que eu não substituo a cirurgia ou a *matéria médica*, mas afirmo que um cirurgião dotado de um conhecimento adequado e destituído de compaixão não será um terapeuta, embora possa ser um bom cirurgião.

Um médico dotado de compaixão e sem conhecimento é muita vez melhor do que aquele que tenha conhecimento e careça de compaixão, pelo que a perfeita arte da cura consiste na posse de ambos esses requisitos.

Creio que tenha sido Wilberforce quem disse com respeito aos criminosos: “Eu jamais vejo um criminoso mas aquilo que julgo que posso conseguir em seu lugar.” A compaixão infinita de uma simpatia infinita que é retratada na personificação do Filho do Homem, que acatou com o sofrimento da humanidade para poder chegar a saber como curá-los constitui o verdadeiro segredo de todo poder de cura. Afirmo por isso que todo poder adequado de cura deverá no futuro depender do requisito do conhecimento daquelas leis ocultas que ligam a alma ao corpo e uma compaixão apropriada a toda sorte de sofrimento humano. Digo ‘humano’ por isso se estender ao supramundano assim como à vida terrestre, por todo espírito ser humano, muito embora se encontre além do ambiente terreno.

Por isso desejo agora considerar um elemento primordial que a seguir à compaixão, precisa existir onde a cura espiritual tenha lugar. Refiro-me a um elemento que, que no mundo dos espíritos, é primaz; e isso se houver mais algum que seja fundamental de acordo com o meu amigo Professor, será um deles. Recordar-se-ão que nenhuma cura ancestral por parte de uma gente espiritual teve lugar sem o que era chamado Fé, e que isso foi gradualmente decrescendo no mundo, à medida que o conhecimento externo foi ocupando o seu lugar. Considero que o grande infortúnio do século 19 é que, nos métodos comuns da ciência, as qualidades espirituais sejam ignoradas. A Fé, a Esperança, a Alegria, o Amor - tudo quanto constitui a origem da simpatia mental e espiritual - são qualidades e propriedades reais; e como tenho frequentemente referido aos banais efeitos do medo e da raiva, ou de qualquer paixão física, também eu refiro com a máxima confiança a essas qualidades

espirituais de tributos divinos ou superiores que formam a única atmosfera palpável de que um espírito ou uma força espiritual pode depender.

Afirmo sem receio de me contradizer que o processo da cura deve ser executado por funções vitais que tenham uma ligação imediata com o sistema nervoso, em que age através da qualidade espiritual da Fé. É a fé que leva o agricultor a deitar à terra a semente na esperança de uma colheita, que leva o pássaro a aguardar no ninho até que os inexperientes sejam libertos, o que leva a mãe a saber que a sua cria não venha para sempre a ser uma cria, a experiência de séculos é aquilo que ergue a fé, e eu afirmo que é a fé que pelos subtis processos da reconstrução nervosa e vital, edifica o tecido humano quando a doença o tiver desperdiçado; e se o médico conseguir inspirar essa qualidade ele conseguirá fazer qualquer coisa como seu paciente. Caso não consiga, o melhor é que encerre o seu caso e se ponha a andar, porquanto todos os medicamentos físicos só produzirem resultado até certo ponto, e deixarem o espírito e a força nervosa inteiramente intocadas.

Sei agora que a grande maioria das doenças curadas no mundo são curadas pela fé que a humanidade tem nas leis e processos de cura da natureza, e que nenhum milagre foi alguma vez efetuado que não possa ser efetuado uma e outra vez pelos processos diretos e absolutos do poder espiritual; que, se um homem com um membro amputado sente o membro amputado, então aquele que tiver perdido qualquer membro externo ou função espiritual pode vê-la recriada pelo processo inverso da depleção. Os milagres efetuados nas covas e tumbas de santos em França - os casos registados e autenticados de cura que de tempos a tempos ocorrem na história da Igreja Cristã - o fato de certas pessoas possuírem um certo poder sobre os indivíduos para restabelecer quase num instante a função vital destruída - o registo atual da reforma da porção destruída do corpo humano - que eu sei ser verdadeira. Que os átomos espirituais gozam disso no seu próprio poder sob condições adequadas para voltar a atrair as propriedades que compõem o vital do organismo, e que para que a cura ser perfeita deve existir uma ciência que não só possa amputar um membro e erradicar o veneno que tenha deixado o corpo emaciado pela tuberculose ou qualquer outra doença, mas podem, creio bem, reconstruir de novo a porção destruída; e eu tenho conhecimento de que isso foi efetuado sob extraordinárias e peculiares condições, e que só requer as mesmas condições para que se

tenha esse processo de cura a substituir o lugar de todos os outros no mundo.

Descrevo a Fé, pois, como aquela condição do espírito do paciente que se dispõe a colher o benefício do poder de cura. Se vocês inverterem um magneto e sob o seu arco tentarem atrair o aço ou metal, descobrirão que não exerce atração; assim, se inverterem as partículas do fluído nervoso pelo medo ou pelo ódio, ou pela falta de confiança, não existirá recetividade para com a influência de cura, ou qualquer atração que possa proporcionar. O alimento não será nutriente, o ar não revitalizará; e eles arrastar-se-ão ao logo do seu percurso de dia para dia, enquanto se vão tornando cada vez mais fracos. Não fora esse o caso e não poderia existir uma contínua doença a penetrar no corpo físico; mas é por causa disso que as funções vitais são gradualmente minadas.

A fé é aquilo que coloca as partículas face a face com o poder de cura, tão propenso a recebê-lo quando o terapeuta é de o dar, e Ele que foi o mestre da cura deu como qualificação especial não só a fé da mulher num exemplo a tornou sã, mas da fé do homem que tornou a sua filha e outro ao seu servo são, mostrando ser um princípio vital que pode ser transmitido de pessoa a pessoa, e a cujo ponto magnético ou centro a força de cura pode ser transmitida. Falo disto por ser elemento essencial em todos os tipos de manifestação espiritual, e porque embora muito difamado, abusado, e na linguagem científica do presente, considerado uma relíquia da superstição, não existe maior força exaltada ou poder no universo do que esse sublime elemento de recetividade que se mostra disposto a acolher todo o bem que a criação tem a oferecer.

Vou enunciar o princípio de uma outra forma. Se estiverem esfomeados e vocês estiverem preocupados com qualquer outro assunto, a comida deixa de os nutrir. Se estiverem acometidos pela dor ou pesar, a mágoa ou a tristeza, o alimento transforma-se em amargor, e as forças vitais são destruídas. Se estiverem acometidos (afetados) pela raiva, a comida transforma-se num estorvo, o sangue recusa-se a circular, e o resultado pode ser uma apoplexia. Se estiverem dominados pelo medo, não poderão partilhar do alimento, porque se o fizerem, ele não desempenhará qualquer função vital. Isto mostra a íntima ligação existente entre as forças nervosas conforme a ação da mente no mais vital dos processos da vida humana, a fabricação do sangue. Se isto é verdade com respeito às influências prejudiciais, o contrário deve ser

válido quanto ao que lhes trouxer alegria e prazer. Daí que o júbilo e a alegria facilitem a assimilação do alimento.

Consequentemente, a fé facilita, e constitui o poder sobre o qual qualquer bem pode entrar-lhes na vossa mente e espírito; e o verdadeiro médico espiritual, que ministra as necessidades da vida espiritual, compreende isso justamente na proporção em que a sua congregação confia nele, pelo que ele dispõe do poder de satisfazer as necessidades dos seus espíritos, e justamente na proporção em que dele duvidam, também ele carece do poder de servir às suas necessidades. Isso é de tal modo palpável e claro, só que para as perturbadoras leis da ciência pura, conforme é chamada, eu não o devia ter referido, mas desejo deixar claro e simples que quem quer que receba um benefício deve estar disposto a acolhê-lo

Fui chamado desde que me tornei espírito, a fim de considerar o caso de uma jovem que estava a morrer de tuberculose. A mãe dessa moça recusava por completo dar o seu consentimento de a permitir ser curada pelo magnetismo, ou por qualquer agente espiritual, dizendo que preferia que a sua filha morresse do que ser curada por tal método diabólico. A filha faleceu, com o ambiente dessa mãe a rodeá-la até à morte. Preciso não será dizer que em doze horas a mãe teria dado toda a sua vida caso por algum processo ou por algum instrumento a vida da filha pudesse ser restaurada, mas a fé que podia restaurar a filha na sua saúde de novo chegou tarde demais. Assim, aqueles que erram na cegueira e na ignorância enfrentam a punição desse erro, e as leis misericordiosas providas por uma infinita variedade de processos de compensação agora habilitam o espírito dessa filha de modo a ministrar à mágoa da alma da mãe acometida pelo pesar.

Assim, de entre todas as coisas a cultivar, quer na terra quer na vida do espírito, estejam certos de ter à mão o solvente que os leve a tornar-vos num recipiente adequado das bênçãos por que anseiam. Estejam certos das portas da simpatia e da atmosfera da fé sejam tratadas tão livres e puras quanto lhes seja possível ser. A aplicação destes princípios ao espírito na vida do espírito poderão parecer-lhes muito mais simples e menos difíceis de solucionar do que a sua aplicação às carências físicas no ambiente da vida terrena; porém desejo declarar rapidamente o que faço em relação aos espíritos na vida do espírito que saem da existência terrena mutilados, diminuídos, doentes e deprimidos. Existe na esfera

que habito uma cura peculiar e propriedade solvente, o resultado da luz e da vida que é requerido para os propósitos de cura. Diz respeito a uma porção da esfera ametística visitada pelo Juiz Edmonds, que representa a mistura dos raios da terra com a luz espiritual que a ilumina e purifica.

A propriedade de cura é inata no espírito. Não creio que possa ser em grande medida cultivada, desde que alguns possuem o dom do conhecimento e outros o da sabedoria, e outros ainda o da cura. Creio existir um tom e uma qualidade particular de requisito do espírito para a cura, e enquanto outros podem transmitir conhecimento, eles não possuem o poder da sua aplicação, e enquanto uns possam ter compaixão, embora não o requisito da força de vontade de aplicar essa compaixão a propósitos indispensáveis e práticos. Por isso, a esfera da cura constitui uma esfera distinta. Nenhum espírito entre enquanto curandeiro que não possua as propriedades espirituais diretas representadas, nomeadamente, a força de vontade, a compaixão, o conhecimento, e o exercício num sentido voluntário de toda propriedade requisito do controlo pessoal.

Para fazerem bem a alguém precisam ter sempre comando sobre vós próprios; e nenhuma vontade desequilibrada, ninguém enfraquecido por qualquer sofrimento, poderá tornar-se um auxiliar adequado. Nós, por conseguinte, somos escolhidos pela qualificação das nossas naturezas inatas, e fico satisfeito por dizer que o número daqueles que se aglomeram ao meu redor com quem eu coopero na cura espiritual, dão evidência do fato de que esse dom, junto com o do conhecimento e da sabedoria, existe em larga medida na mente humana. Nós aplicamos a cura desta maneira:

Averiguando direta ou indiretamente a causa do sofrimento, esse espírito individual particular ou pessoa especial é enviada que possa administrar o pensamento requerido; e se a alma se achar faminta de compaixão, de afeto, de alegria, ou de qualquer outra qualidade espiritual, então aquele espírito da nossa esfera que mais alegria evidenciar, ou mais amável, ou mais compassivo, é imediatamente enviado. E, se o espírito, não tendo qualquer conhecimento do que possa ser requerido, precisar apenas de uma coisa, nomeadamente quietude e repouso, a mais ativa força de vontade entre nós é mobilizada sobre esse espírito de forma a induzir o repouso; e tão certo quanto a agulha responde à estrela polar, também o espírito responderá à ação simpática

e genuína de uma vontade que se decida a fazer com que esse espírito repouse.

Se pudessem compreender que o repouso de qualquer trabalho mental ou físico é tudo quanto é requerido para dar uma possibilidade à natureza de os curar, encontrariam uma infinita quietude como melhor adaptada àqueles que sofram de doença mental ou perturbação nervosa. O espaço atribuído, o amplo compartimento, a presente provisão feita para toda necessidade individual, é tal na nossa esfera que se eu lhes pudesse fazer um desenho dele, e pudesse ser tomado como modelo para todo hospital ou casa de refúgio no mundo, a cura que resultaria desse repouso e isolamento somente haveria de exceder tudo quanto tem lugar agora em todo o mundo. Afastem os sofredores uns dos outros, e nós removemo-los do ambiente do seu sofrimento, não estabelecemos qualquer possível comunicação, porquanto existe contágio na aflição como existe no riso, só que o pesar, a aflição é venenosa, enquanto a alegria é salutar.

Assim, se houver crianças a brincar num prado viçoso por onde o espírito inválido passeie, e reconheça lentamente uma criança bem-amada, o interesse será de imediato fixado, a doença é esquecida, e o novo pensamento desperta com respeito ao modo de vida e educação adaptada a essa criança. Se o inválido padecer de um desapontamento passado, como o resultante da ambição, ou da esperança, ou do amor, então gradualmente isso será suplantado pela apresentação de outras possibilidades na vida, e jamais é demasiado tarde para até mesmo uma esperança desapontada reviver, ou um fracasso resultante da ambição se voltar na direção correta do fazer bem pela humanidade. Acendam uma esperança nas mentes desesperadas, e terão a panaceia para todo o desespero. Convençam-nos de que todo sofrimento não durará para sempre e a esperança já terá dado início à sua eficácia

Assim, nas vastas planícies e caramanchões, e no retido sossegado das nossas moradas, despertamos todo o dia sonhos de vida terrena, revivemos as esperanças desaparecidas, tornamos possível a realização dos mais altos sonhos e aparamos as arestas aos sofredores com a forte tutela de uma vontade habituada que conhece e antecipa toda a sua necessidade, e provê força para os seus pés caminharem. Se o aleijado possuir membros artificiais na terra, o espiritualmente deformado tê-los-á fornecidos me qualidades espirituais, e nós nunca lhe damos tempo nem

oportunidade para fracassar ou recair nas profundezas de que tenham sido resgatados.

A provação, com toda a ambiência horrível que tem na terra, é iluminada pelos raios subtis de uma volição consciente iluminada que a dispersa como a neblina à luz do sol. Que uma fé iluminada e refinada e uma sublime esperança entrem nas abóbadas da prisão que agora deformam os vossos centros da civilização - a esperança de que não é demasiado tarde, de que pode dar-se um recomeço da vida, de que não foi inteiramente desperdiçada, de que existe uma oportunidade, e o grande poder de cura dessa esperança iluminará todas as celas de masmorras e torne a perdição do criminoso tão gloriosa quanto a do mártir.

Se fosse possível nos grandes cilindros da humanidade sofredora que aflui para os hospitais empregados para esse propósito, apontar ao processo harmonioso da verdadeira vida harmoniosa, isso impediria tal sofrimento e conduziria futuras gerações lentamente contudo seguros, ao auge da saúde física que apresentaria um alívio até mesmo para aqueles que parecem condenados a sofrer uma dor excruciante. Conforme existe, a ciência, por um lado, com a sua severa pesquisa, e a filosofia, por outro, com a sua terrível finalidade aperta o espírito com cadeia de gelo, e a esperança não tem lugar a elevar o espírito do desespero. Espero que chegue o tempo em que estes remédios adotados na vida espiritual pelos processos diretos da aplicação científica venham a restaurar corpos deformados e decadentes, renove a visão que se tenha turvado por acidente ou pela idade, remova a surdez que aumenta gradualmente, por ação da prostração nervosa, e supra a vitalidade exaurida que o presente sistema de vida traz ano após ano quase como que numa epidemia. Se não desejarem crime num determinado sentido, então não devem chegar ao estado de exaustão em toda a vitalidade nervosa noutro. Uma civilização corrupta, esgotada e fatigante deverá sofrer uma erupção de doença e crime: se o reprimirem aqui ela irromperá numa outra direção.

Se não for uma epidemia numa cidade lotada, será uma febre tifoide numa cidade remota, resultante da falta de conhecimento sanitário; mas se a epidemia for reprimida nos vossos centros de civilização isso alterar-se-á para doenças nervosas, e toda a comunidade será afligida por tensão indevida e excitação nervosa. Se não for um mal crónico de

algum tipo, então tornar-se-á numa epidemia mental, e gradualmente as invasões danificarão a beleza e perfeição daquilo que pretendido ser a mais alta habitação da terra - o templo humano.

Num futuro por vir espero uma raça de seres humanos que venha a habitar a terra cujas faculdades e força de vontade venham a estar em sintonia com a harmonia. Não quero dizer uma raça de lutadores de prémios, ou uma raça como a gigante e atlética dos filhos da antiga Grécia. Não queremos heróis do desporto para a civilização moderna, mas uma raça em tal acordo harmonioso que, sem o extremo da força bruta, possa vir a haver perfeita saúde e atividade em todas as áreas da mente e do corpo.

O fato é que essa raça tipifica o ideal e o homem que futuro; e não há dúvida de que dos fragmentos das vidas humanas que eu vejo ao meu redor, devidamente cultivados e harmonizados pelas leis da saúde e da harmonia, poderá vir sobre a terra, enquanto descendência e produto da presente um tipo futuro de seres cujo poder e qualidade porão em ação de forma harmoniosa, o trabalho harmonioso e adequado dos espíritos, total e inteiramente livres, dotados de corpos perfeitos e livres do pecado e do sofrimento. *Mens sana in corpore sano*.

Tais possibilidades já se encontram diante de vós. Os génios, os sábios, os grandes da humanidade, e aqueles que despejam as suas vidas numa perpétua corrente de alegria sobre a terra, distribuindo bênçãos a cada passo, são profecias do que a raça que se aproxima será. Dotado de todo bom e perfeito dom, a grande lei da simpatia e da cura estende o seu benigno e potente balanço, e vós devereis dispersar e dissipar aquelas nuvens e centros de sofrimento e do crime, até que toda a alma, em sintonia com o mais elevado acordo com o céu, receba o bálsamo da cura que é dado pelo fruto da Árvore da Vida que se destina à “cura das nações.”

Cora (Scott, Hatch, Tappan) Richmond

RESPOSTA A DIVERSAS QUESTÕES

DE IMPORTÂNCIA RESPEITANTES AO MUNDO ESPIRITUAL

Uma preleção inspirada, entregue por Cora L.V. Tappan, então com menos de dezoito anos, no Salão de Cleveland, Londres, na tarde de Domingo 19 de Abril de 1874

Um redator de uma das revistas Espiritualistas propôs diversas questões pertinentes com respeito ao modo de existência na vida do espírito, e é com o propósito de respondermos a essas questões que iremos dar um discurso e tocar a natureza absoluta da existência espiritual, e a forma como corresponde à vida temporal e terrena. A despeito do Espiritualismo se achar no mundo há um quarto de século, e não obstante os escritos de Swedenborg e de outros que foram inspirados pelo espírito, parece haver, não só entre aqueles que são novos por entre a investigação espiritual mas também entre os Espiritualistas, tal diversidade de opiniões e tal perplexidade respeitante à substância e natureza da substância espiritual, que achamos que nenhuma expressão de autoridade ainda foi dada pela qual a mente possa avaliar essa existência, embora tenham sido inúmeras as lições dadas. A principal dificuldade, contudo, assenta no próprio investigador. Quando o espírito lhes afirma que o mundo espiritual é tão tangível quanto o vosso mundo, logo o investigador conclui que seja consequentemente um mundo material. A diferença entre tangibilidade e materialidade é muito distinta.

Pode ser que, aquilo que para o espírito é tangível não seja de forma nenhuma material para os vossos sentidos; e a substância de que a existência espiritual é composta não pode ser medida pelas leis que controlam as substâncias materiais na Terra. Com tais premissas o investigador começará bem; porém, quando o espírito afirma que a existência espiritual é realmente tão tangível quanto a vida terrena, o homem de ciência acredita logo que pode avaliar a materialidade pelos mesmos padrões que aplica às formas grosseiras da matéria que o rodeia, e julga que a praia da existência espiritual seja feita de grãos de areia que possam ser pesados e medidos pelos métodos comuns da ciência; além disso, que as montanhas e vales devam ser feitos dos tipos variados de rocha e solo que se encontra na terra, e que os rios devam ter o mesmo tipo de água; e que de um modo geral, torne a vida espiritual uma representação exata da vida terrena.

As dúvidas a que nos referimos acentuam, em primeiro lugar: Será o cenário da vida espiritual um duplicado exato da terra? Caso não seja, qual será a substância de que a terra do espírito é composta? Bom, é do conhecimento de todo o homem de ciência que existe uma variedade infinita de substâncias impercetíveis ao toque do homem, mas que ainda assim são materiais. É do conhecimento de todos os homens de ciência que a mais subtil das substâncias são aquelas qualidades muito refinadas que não podem ser analisadas a menos que atuem especificamente sobre substâncias mais grosseiras como a eletricidade, o magnetismo, e outros poderes subtis e forças da natureza. Agora, a substância de que o pensamento é composto nenhum cientista professou ainda ter analisado; contudo é tão palpável para o espírito que, ao entrar neste salão, alguém dotado do dom do espírito, ou um ser espiritual, perceberá a qualidade dos vossos pensamentos tão prontamente quanto vós percebeis a qualidade das vestes uns dos outros. Isso poderá, é claro, soar estranho, mas em ciência espiritual constitui deveras uma realidade.

Quando, em consequência, vós considerais que o pensamento é, em si mesmo, uma das substâncias mais grosseiras, terão alguma informação porque avaliar as demais substâncias que circundam e compõem a existência espiritual. Todos aqueles elementos que existem na atmosfera da vida, que não são percetíveis ao vosso sentido material, e que formam uma via ou agente da mente na conversa que estabelece com a mente, constitui os elementos que compõem a vida espiritual.

Swedenborg enunciou a doutrina das correspondências, por meio da qual afirma que toda forma terrena tem o seu perfil correspondente na vida espiritual. Só que com isso ele não diz que toda a forma espiritual seja uma forma literalmente transcrita da existência material: daí que ele não diga que toda a casa, edifício ou vale tenha o seu protótipo exato no estado espiritual. Ele também pode não afirmar que exista alguma coisa na existência espiritual que para fins espirituais responda pelas flores, árvores, pássaros, paisagens, montanhas e vales; mas isso é o que ele implicitamente quer dizer. As substâncias acham-se, conforme afirmamos, não só na atmosfera da terra, mas as mais exaltadas delas encontram-se além do pálio da atmosfera terrena naquilo que é conhecido por espaço.

Quando avaliais um objeto material aqui na terra, avaliai-lo como algo exterior a vós, e o homem de ciência e o metafísico concluem que

qualquer objeto que seja independente da vossa vontade, e tenha forma própria e leis próprias, não será para ser controlado pela vossa mente particular. Mas na vida do espírito tudo é ao inverso; aquilo que é objetivo para vós torna-se irreal e vago para o espírito. Esta sala, aparentemente sólida e tangível, é para o espírito quase um vapor, e não apresenta qualquer impedimento à aproximação ou partida dos seres espirituais. As substâncias que vós considerais as mais formidáveis e as menos passíveis de ser movidas são para os espíritos quase como o vapor lhes parece a vós; ao passo que o pensamento ou a essência dessas substâncias que são para vós intangíveis constituem para os espíritos uma realidade.

Daí que, onde é afirmado pelos espíritos que existem cenários e paisagens, montanhas e vales, rios e flores, pássaros e todas as coisas que correspondem à vossa vida terrena, eles anunciam um paradoxo espiritual, a menos que também afirmem que essas substâncias são espirituais por natureza; que o espírito entra exatamente aquela esfera da vida espiritual que corresponder à qualidade que o seu pensamento e poder da sua vontade puderem criar e estabelecer ao redor espiritualmente; e que vastas quantidades de espíritos vão quer para vales envoltos na escuridão, ou para entre vales, ou montanhas que lhes erguem as cabeças para a luz, e se vêm envoltos apenas pelo pensamento, justamente na proporção da combinação da sua vontade e do poder das suas mentes de controlar esses átomos da matéria.

Vocês têm, em ciência, conhecimento de uma lei como a da afinidade química. A substância que a mente estabelece ao seu redor na vida espiritual corresponde a essa lei da terra, e o espírito veste-se, cobre-se, rodeia-se daquelas qualidades da atmosfera ou das substâncias atmosféricas que tiverem o poder de atrair. Sejam essas substâncias claras e belas; sejam elas formadas na forma de montanhas ou vales; sejam elas planícies planas ou cumes sublimes e imponentes, isso depende da natureza da que exista o centro de vida e de influência. Nesta terra a matéria possui as suas próprias leis obstinadas - as suas próprias leis inflexíveis e estúpidas. As forças cegas da natureza aparentemente operam ao seu jeito, e resistem eternamente à agressão do homem. Na vida do espírito sucede o contrário. A Matéria não é objetiva; não é resistente; não dificulta; não impede a passagem dos espíritos - daquelas formas que os espíritos possuem; e os cenários de que se vêm cercados podem mudar à vontade por um ou mais espíritos individuais.

A geografia do mundo do espírito - se é que oi posso dizer assim - não constitui uma coisa fixa e inamovível como a geografia da terra, exceto na medida em que está em relação com os próprios planetas e mundo, e em que o espaço interestelar que compõe o vasto reino da existência espiritualizada se acha repleto de um tipo de substância que o espírito governa e controla à vontade; pelo que o cenário que aí abunda é do tipo que os espíritos eles próprios podem moldar. As almas imponentes dotadas de consciência e conhecimento que ultrapassa a vossa compreensão podem assim governar os átomos das substâncias espirituais a essa luz de modo a formar vastos quadros - planícies, templos, vales, montanhas e coisas vivas - em resposta ao pensamento ou desejo de que assim seja.

Vocês leem que nos tempos antigos o espírito de Deus desceu na forma de uma pomba. Foram, em diversas sessões e noutros locais onde os espíritos se manifestaram, testemunhadas flores, pássaros, símbolos de diversos tipos, pelo que a questão surgiu naturalmente. Será isso uma realidade? São realidades espirituais. A forma espiritual é tal que, se o espírito desejar apresentar-lhes uma flor, só precisará de pensar para o fazer, e conhecimento das leis que governam a direção dos átomos a fim de produzir essa flor diante da vossa visão.

E na vida do espírito só é preciso que essas substâncias de que as flores espirituais são feitas sejam reunidas de modo a rodear o espírito com a forma que ele ou ela possam escolher pedir. Entendam-nos. Todas essas coisas são comandadas pela lei; porém, não se trata das leis que governam as substâncias materiais. Trata-se de leis espirituais, que têm origem e assento na vontade do próprio espírito, e daí venham até vós e controle e governe a matéria.

Vocês sabem os progressos que a ciência tem conseguido no controlo dos elementos da terra por parte da humanidade. Vocês sabem a força e o poder que a vontade e a mente do homem tem até mesmo sobre um torrão de barro a que chamais os vossos corpos materiais. Na vida do espírito, quando essas substâncias se sujeitam ao espírito em vez de se mostrarem agressivos a ele, conseguis prontamente perceber que todas as funções do espírito são absolutas e positivas, e que não são como são aqui, negativas e obedientes em larga medida às leis da matéria.

Um outro erro que os investigadores cometem é o seguinte: não se distanciar o suficiente do habitual costume de medir todas as coisas pelos padrões do conhecimento terrestre e da ciência terrena; e é um

completo, absoluto erro supor quer os espíritos por vezes se materializam e têm permissão para o fazer numa forma grosseira ante a vossa visão terrena, que por isso sejam obrigados a ocupar formas grosseiras. É um erro supor igualmente que os dons do espírito tendam a uma constante reprodução dessas formas físicas da vida aqui. Não tendem. A existência espiritual só se expressa a si mesma através das vossas formas terrenas por esse ser o único modo por que podem chegar até vós. Mas na vida espiritual as almas são de tal modo recetivas ou suscetíveis ao poder do espírito que é um domínio em que o pensamento é supremo, e em que a habita, em que todas as graças e virtudes principais, toda a bondade, todas as aspirações, assumem uma forma tangível e real.

O pensamento é emitido pela vossa mente e perde-se por entre as ondas da materialidade que os cercam, mas vós tendes o poder de os seguir; vocês não percebem que após ele lhes sair da boca para fora. Mas na vida do espírito o pensamento é projetado e atinge a mente a quem se destina - é uma substância que possui uma vibração literal e real que corresponde ao som. A pessoa que propôs estas questões deseja igualmente saber se o espírito depende do enunciado verbal e se da audição do pensamento. Estamos certos de que o homem, se tivesse pesado o sentido do termo 'espírito' não teria colocado esta pergunta. O pensamento constitui o poder da expressão do espírito, e em vez do emprego de palavras, que são meras vibrações feitas na atmosfera externa com o fim de alcançar o sentido material, a mente avançada conversa com a mente através do pensamento.

Sabem que muita vez sucede na terra o caso de duas mentes muito similares e que se encontram em perfeita simpatia quase conseguem ler o pensamento uma da outra. Sabem que por vezes, quando se encontram sentados com uma migo uma frase qualquer é proferida, e vós dizeis: "Ora, eu estava justamente a pensar na mesma coisa!" Acabam de falar numa pessoa, e dizem: "Tinha justamente essa pessoa na ideia," demonstrando o poder que a mente tem de influenciar outra. Na vida do espírito onde haveria necessidade de linguagem quando o pensamento se expressa a si mesmo diretamente ao pensamento? Aqueles espíritos que se encontram mais avançados, menor necessidade têm de materializar a expressão; e quando eles se expressam por linguagem física, é somente nas formas grosseiras da vida do espírito que se encontram mais perto da vossa terra.

Mas esta pessoa diz igualmente que existe uma língua do espírito que corresponde de certo modo ao antigo Hebraico. Há diversas línguas que os espíritos empregam na interação que mantêm com os mortais que por vezes corresponde à língua terrena, e por vezes é simbólica; porém, não há necessidade de mensagens vocais ou escritas entre os espíritos na vida do espírito. O próprio pensamento é suficiente para alcançar a mente de quem quer que esteja em simpatia com as pessoas que exprimam o pensamento; mas onde haverá necessidade de expressão física onde não há necessidade de audição, nem de qualquer dos sentidos materiais?

Mas depois, diz a mesma pessoa, necessitaremos de uma forma material? É dito que a forma espiritual com efeito se assemelha à forma humana, só que é mais perfeita, mais etérea, mais espiritual. Nós respondemos, as funções da forma do espírito são espirituais, e exprimem a mais elevada forma de pensamento que o próprio espírito alcançou. Anjos, espíritos, todas as formas de seres que partiram, são representadas como tendo formas como aquelas possuídas na terra, apenas mais belas, só que mais belas e mais etéreas. Agora, diz o interrogante, se houver necessidade de voz ou de audição, ou de qualquer dos sentidos que possuem na terra, por que razão o espírito possui um protótipo exato da forma humana? Nós respondemos: cada traço, cada expressão do rosto, toda a feição da forma humana ou rosto, representa igualmente uma qualidade espiritual. A alma não possui qualquer dos sentidos que designais por materiais, mas um sentido supremo; no caso do espírito, porém, trata-se de um sentido concentrado, a perceção.

Têm consciência de que, quando uma pessoa é invisual apresenta um sentido de tato invulgarmente intenso; quando uma pessoa é surda, o sentido da visão é geralmente muito apurado; quando é muda, o sentido da audição é extremamente ativo; o que mostra que o sentido da alma não é senão um só, e que essa é a expressão diversificada do sentido da alma de que vós dependeis no corpo físico. O corpo físico representa o sentido do espírito somente, que é a perceção.

Se conseguis per o pensamento do vosso amigo, ireis, por conseguinte, pronunciar palavras que são, quando muito, demasiado débeis para transmitir a ideia que tendes se podeis plenamente sentir o poder desse pensamento em vez da vibração e do sentido fastidioso? E se tivessem que viver dos elementos contidos no ar e na atmosfera, onde haveria

necessidade dessas formas de fomento e de sustento de que geralmente fazeis uso?

Nós respondemos: Sim, mas o sustento espiritual, conforme dissemos antes, é espiritual, e não material. Aqueles elementos que formam a substância do corpo espiritual encontram-se na atmosfera da vida espiritual. O espírito sustenta esse corpo espiritual pela constante atração e rejeição dos átomos que lhe correspondem, e de que necessita. Há fome e sede, porém, não as formas grosseiras das vossas necessidades físicas; vocês têm consciência de que eles podem ser muito modificados pela atenção para com as leis da saúde e da materialidade.

E pode ser que num momento do futuro, quando a atmosfera for cada vez mais refinada, não venham a requerer das formas grosseiras de nutrição de que agora necessitais. Não há razão para suporem que isso constitua uma finalidade; porque a presente compreensão que têm da vida espiritual ilustra o fato da forma espiritual poder ser sustentada e reabastecida com vida, vitalidade e sustento a partir dos elementos que a cercam.

Pela mente material acostumada a julgar literalmente toda a expressão que emana da vida espiritual não temos esperança de que estas palavras venham a ser compreendidas. Mas por aquelas mentes que estão acostumadas a julgar as coisas espirituais do ponto de vista do espírito, sabemos que elas também serão compreendidas. Podem imaginar, em verdade podem mesmo experimentar, períodos de exaltação e de uma ocupação inusual, em que a fome e a sede e todas as necessidades corporais parecem secundárias, e só aquelas substâncias são ingeridas que são mesmo requeridas ao sustento da vida. Têm registado diversos exemplos de pessoas que se encontravam num estado de elevada exaltação espiritual que viveram um mês ou dois subsistindo inteiramente com base na atmosfera; e há um ou dois casos de pessoas agora na terra que, segundo se diz, não ingeriram qualquer alimento físico há diversos anos; o que demonstra que num estado refinado do corpo físico todos vós, ou os habitantes da terra, serão capazes de atrair da atmosfera aqueles elementos particulares que são exigidos para o sustento do corpo físico.

Claro que isso deverá suceder daqui a muitos séculos; mas o fato de que isso foi conseguido até certo ponto prova que pode ser conseguido por completo no futuro; e o fato de ter sido conseguido até certo ponto

indica algo sobre a maneira como os seres espirituais subsistem. Nós temos dito que o alimento do espírito é o pensamento. Com isso referimos que o que quer que o corpo espiritual requeira que, sem mais nenhum cuidado particular senão o da volição ou vontade, o espírito é capaz de absorver para si próprio, e que cria a sua própria forma física, e sustenta a própria vida física sem nenhum dos processos fastidiosos pelos quais os vossos espíritos sofrem desgaste e peso a mais na terra. Os seus trajes são igualmente compostos pelos elementos da vida espiritual e qualquer que seja o átomo de matéria que seja necessário ao adorno do espírito a alma pode atrair a si mesma na proporção da pureza e conhecimento que tiver, em que nós dissemos que a alma se ostenta.

Vejam como os lírios crescem e de desenvolvem a partir dos germes, absorvendo pouco a pouco a substância do solo, impalpável aos vossos sentidos. O lírio abre as suas folhas e a seguir as suas pétalas; e o tempo todo os raios do sol, o orvalho e os elementos da terra obedecem silenciosamente às ordens desse simples poder que se encontra no germe da flor. De uma forma transcendente acima disso acha-se o poder da alma do homem, no adorno do seu espírito, no embelezamento da sua vida espiritual com as substâncias e qualidades que correspondem a esse desenvolvimento; e não mais perfeita é essa flor alva como a neve do que o pensamento ou a mente e as vestes do homem cujo espírito é avançado e perfeito; nem mais perniciosa é a alga na piscina viscosa do que a existência espiritual daquele que cujos pensamentos são estreitos e baixos e mundanos.

Vós envolveis-vos, vós vestis-vos alimentais-vos com o sustento da vida espiritual, justo na proporção do poder do pensamento, do conhecimento e bondade que possuís. Os homens não herdam as suas habitações espirituais. Não existem vastas extensões de terreno de que podeis tornar-vos possuidores por herança. Não há montes nem vales, edifícios que lhes pertençam pela lei da primogenitura. Vós não possuís nada que vós próprios não tenhais criado Nessa vida espiritual que as almas mais baixas e mais subdesenvolvidas habitam existe uma escassez, um aparente vazio, uma perda, uma ausência pronunciada de forma, exceto o fato de as sombras apresentarem forma; sem beleza, exceto o fato de a deformidade constituir beleza; e somente pela cultura dos mais elevados e nobres atributos poderá o espírito sequer imaginar qual possa ser a vida e o poder e propósito da existência espiritual.

O autor das perguntas deseja igualmente saber se os espíritos serão dependentes do caminhar como locomoção, ou se poderão mover-se de lado para lado à vontade, mostrando de novo que começa a raciocinar de forma exteriorizada no sentido do mundo espiritual, em vez de primeiro considerar o espírito e então as leis espirituais. O poder do espírito assenta na vontade, na mente, na volição. Justamente na proporção da elevação ou conhecimento da alma é o seu poder de se mover de um lado para outro. Vós pensais em Nova Iorque, e de imediato vos encontrais lá mentalmente; pensam na China; se já lá estiveram, o vosso pensamento não se detém e atravessa todos os estágios intermediários dessa jornada, mas de imediato vos encontrais lá. Pensam no vosso lar, no vosso pequeno quarto, em todos aqueles que aí são atraídos a vós: estas paredes não formam qualquer impedimento, nem há qualquer necessidade de irem até lá; mas se tiverem vontade por meio do poder e do conhecimento do espírito, ver-vos-eis lá sem o estorvo dos vossos corpos físicos.

Assim que abandonam estes vossos corpos físicos, o espírito em quem quer que seja que queira ser - o desejo forma o poder por meio do qual o espírito se move. Voo não é termo apropriado, já que não existem as fabulosas asas. É simplesmente o poder de pairar ou de se mover, e depende por completo da força do espírito no conhecimento espiritual se esse voo é rápido ou lento, se será instantaneamente transportado ou gradualmente, ou se não vai em absoluto. Há almas que não se conseguem alçar; permanecem apegadas ao torrão de barro que deixaram para trás, de tão pouca espiritualidade que têm. Casas assombradas, cemitérios, esses espíritos inquietos que atormentam os sensitivos da terra - são dessa natureza. Por vezes não conseguem mover-se de um lugar a outro por os seus espíritos se encontrarem aí especados (presos) pelas correntes e algemas dos seus feitos passados.

Mas o poder dos espíritos que são livres desses infortúnios é *pura vontade*, e assim a rapidez de transição por que passam de um lugar a outro é mais veloz do que o relâmpago, desde que ele leva tempo que pode ser medido pelo vosso cronómetro. Para o pensamento não há tais divisões de tempo. Leva tempo, porém de uma natureza tão débil que não conseguis medi-lo pelo método de cálculo que empregais na terra. Instantaneamente o vosso ente querido se encontra ao vosso lado caso a vontade, a oração, a volição se achar presente.

Por conseguinte, compreenderão por estas respostas às perguntas que todo o tema da vida espiritual, dos seus métodos, das formas de existência aí, da natureza e qualidade da alma, da terra que os espíritos habitam, das suas ocupações e emprego, das suas moradas no reino em que habitam, é um assunto de tal modo desconhecido das mentes terrenas que em verdade precisais primeiro fazer uma pausa a fim de estudar o alfabeto antes de poderem conhecer a língua da vida espiritual e a sua importância; por aqui a que estais acostumados a julgar do tempo, do sentido, das coisas materiais, do espaço, da forma e da ocupação aqui é diretamente o inverso da forma espiritual, da vida espiritual, da ocupação espiritual e da sensação espiritual. Aquilo a que chamais realidade é para o espírito a sombra absoluta. As montanhas que vós considerais intransitáveis são vapor para o espírito.

As substâncias que prezais tanto como o ouro, a prata e as pedras preciosas são escória; e a mais encantadora das habitações terrenas não passa de uma representação débil e vã em comparação com a habitação do espírito que é tecido das próprias malhas dos vossos próprios pensamentos e atos. Nós retratamos-lhes a morada do espírito cuja vida terrena e cuja vida espiritual foram feitas perfeitas pelo conhecimento.

Todo pensamento e aspiração aqui de benevolência se tornam numa realidade imediata, e se alçam à atmosfera da vida espiritual, a aguardar essa alma quando se encontrar liberta da forma terrena. Assume alguma forma de harmonia - pássaro, flor ou árvore; alguma cor ou luz - os matizes do arco-íris que representam na perfeição a luz resplandecente do céu.

Os corredores, as alas, as abóbodas, as entradas são todas moldadas de acordo com os atos e pensamentos da vida terrena. Tudo é simbolizado. Não encontrareis um fio do tecido da vossa mente perdido. Aí se encontra a totalidade, entrelaçados nas substâncias e finos tecidos das substâncias que compõem as vossas formas espirituais; e em vez das árvores e formas grosseiras a que chamamos aqui a terra, encontrarão os interstícios dessas mansões espirituais repletas de imagens que terão pensado na terra. Por vezes pensamentos indesejáveis espreitarão de algum canto da vossa morada na vida espiritual; um ou outro pensamento de inveja e de malícia.

Talvez um pequeno demónio feito de discórdia, emboscado em algum armário de que não tivessem conhecimento. Mas principalmente, se as

vossas aspirações foram boas e elevadas, as paredes serão a maior grandeza do edifício; a sua imponência, a sua beleza, a sua arte - tudo será feito subserviente à alma que se acha em vós, que forjou o seu progresso divino; e se tiverem existido imagens de graciosidade na terra, quanto mais não transcenderão aqueles que brotam das graças dos bons atos, das beneficências da bondade, da mente exaltada! Cada ato de amabilidade se torna num anjo que de imediato se põe num pedestal de amor humilde, e de imediato vós entrais ele os saúda com cânticos e ações de graça. Cada obra da vossa vida que tenha sido feito se torna numa encarnação aí, e na forma de anjo ou ave proclama o louvor que é devido por tais boas obras. Toda a aspiração e oração se torna num pássaro alado, ou numa encantadora flor que adorna o caminho dessa vida em que entrareis.

Mas mais importante que tudo, aqueles atos amáveis de caridade com que tiverem agraciado as vidas dos vossos companheiros, vejam como desabrocham como lírios brancos ao redor do verde da vossa nova morada; e, a superior e acima de tudo, aquele amor supremo e perfeito que forma todo o império da alma, que transcende todo conhecimento e toda luta, todo o amor, cria a abóbada resplandecente: e as estrelas que cintilam aí são os pensamentos e feitos e palavras do vosso dedicado coração aqui.

Isto não é imagem de sonho nenhuma. É tão real que os anjos nas suas moradas e os espíritos daqueles a quem amais estão agora mesmo a ajudar a moldar as paredes e arcadas deste templo que lhes felicitará a visão; que até mesmo agora os pensamentos que lhes ocupam a mente como nuvens brancas nas asas da aspiração, e que pairam para esse reino que um dia os há de receber ao entrarem; e a própria ideia que têm aqui esta noite começará a saudá-los desse esconderijo aí; e se for de glorificação será alvo como o lírio, e se for de desdém não lhes parecerá belo.

Estas são as realidades do reino espiritual; estas são as substâncias de que as almas são feitas; estes são os poderes que governam e regem na vida espiritual; estes são os elementos que poderão ajudar a adornar e a embelezar a vossa terra, tirá-los das formas insignificantes de barro que vós idolatrais agora para as realidades da alma viva, da vida, do poder, do espírito que se encontra dentro de vós.

NIRVANA - DE UM A OITO
DO CAOS ATÉ AO COSMOS

No AUM (UM) encontra-se o TODO. Não existe outra UNIDADE PERFEITA.

"SÊDE VÓS PERFEITOS, COMO O VOSSO PAI NOS CÉUS É PERFEITO."

O termo "Nirvana" tem sido de tal modo mal interpretado pelas mentes Ocidentais que se torna difícil remover uma falsa impressão, ou melhor, difícil transmitir ou despertar a impressão correta. A mente Ocidental supõe que a "Não Existência" ou aquele estado que ultrapassa o "desejo" ou "vida" humana signifique aniquilação ou morte. Isso brota do fato de toda a instrução proveniente das escolas Teológicas e Científicas do Continente Ocidental e da Grã-Bretanha - incluindo igualmente uma porção da Europa se encontrem num processo de transmitir conhecimento em vez de o despertarem.

Embora Kant, Locke e mais uma mão cheia de outros filósofos admitam *a priori* uma consciência uma mente -- um conhecimento a priori (NT: Resultante da análise ou da teoria, transmitido justamente). E embora os teólogos concordem que a alma ou o espírito "pertença a Deus," não existe perceção alguma do que o estado do que o estado da pré-existência da alma possa ter sido nem perceção nenhuma absoluta -- da alma incondicional -- nem sequer com respeito ao significado dos termos.

A Não-existência não significa o esquecimento mas um estado mais vasto do que a existência. A alma existe sempre, pelo que não tem necessidade de existência, e não pode, em possibilidade alguma, enquanto alma possuir forma.

Quando o Oriental fala do "Bem Eterno," isso significa aquilo que é sem forma, por ser ilimitado. Assim é a alma. As limitações são materiais e lidam com ela apenas relativamente, não em termos absolutos. Como a linguagem é empregue a fim de expressar as limitações da mente, também os números foram anteriormente usados. Como uma expressão ou definição simbólica de "Alma," "Divindade," Perfeição."

Contudo, não se deve inferir que a "palavra" ou o número que expressa a perfeição seja, por conseguinte, a perfeição; assim como o termo amor enquanto a posse ilimitada disso divina e que tudo permeia. Como se

achou que a matemática era a única ciência exata, também era empregue pelos antigos -- em especial pelos Magos e os mestres Herméticos -- a fim de simbolizar a divindade.

Os algarismos e as suas elevadas potencialidades geométricas com eles relacionados ou a eles associadas, foram em certa época no Egipto e na Índia, assim como na Grécia, a única linguagem que expressava a Divindade, a Alma, a Eternidade, o Infinito. As limitações deste papel não admitirão uma elaboração muito afincada sobre esta matéria, pelo que nos vemos obrigados pela falta de espaço a precipitar-nos rapidamente para as conclusões.

PRIMEIRA

É a unidade. Representado enquanto círculo é o Eterno, representado enquanto segmento é aquilo que conduz a outras unidades do todo. O Um é igualmente a alma. A derradeira (e primordial) unidade do ser. A primeira nota em música. Considerada num contexto relativo é um dos primeiros passos da limitação ou da divisão. O Átomo, (o rosto) de que não há restauro, exceto por outros algarismos e a perfeição. A primeira vibração da cor Vermelho.

SEGUNDA

É a unidade dividida (na Alma), a meia esfera. A separação do estado do absoluto rumo ao relativo; o hemisfério; uma das partes do Duad. No sentido da alma um fator igual na dualidade da alma.

O princípio feminino ou masculino que, na natureza assim como na humanidade expressa a dualidade da Unidade Divina. O segundo raio da vibração: o Laranja (Compromisso).

TERCEIRA

O primeiro acorde correto no harmónico; o solvente. A medida do círculo; a terceira proposição em matemática. O Nome Perfeito do Egipto, da Judeia, e da Índia.

1 - Brama (bem, criativo). 2 - Vishnu (o que preserva, benfeitor) 3 - Shiva (desintegração, manifestação. Somos da opinião de que este "Mal" (Shiva) era venerado na Índia por se acreditar ser a parte mais essencial ou agente potencial da natureza tripla de Deus, por a morte, a desintegração e a morte deverem ser igualmente importantes na criação.

Não temos aqui tempo para descrever o pleno valor do número três. O Pai, a Mãe, o Filho (Osíris, Isis, Hórus). A "Trindade" dos Cristãos. O Solvente da Alquimia. O único princípio da matemática que mede as espirais. O Malcuth e o Kittru. O acorde primordial que reconcilia na mente o glóbulo quebrado do som. "As três dimensões do espaço." O três sagrado da Livre Maçonaria. A segunda cor primária, o Amarelo.

QUARTA

A Tétrade da química. O duplo-duad. A exposição do quadrângulo. O "quadrado" cujos lados iguais determinam o círculo. Os "Quatro Cantos" da terra e dos céus. A "família inteira." Pai, Mãe, Filho, Filha. O complemente e a conclusão do dois. Na China o quatro constitui o número sagrado da vida. Conforme na Maçonaria Livre aquilo que regula a vida -- "no quadrado." O símbolo da vida. O "Tetragramaton," além do qual não existe símbolo ou fala que possa passar. O segundo compromisso da cor (Verde).

QUINTA

O segundo acorde perfeito dos harmónicos O Pentagrama da Geometria. Os cinco livros de Moisés. A estrela de cinco pontas (o Pentagrama prometido ao Mago como indicador do novo círculo Messiânico. O quinto grau da Maçonaria Livre; o afastamento do quadrado. A terceira e última das cores primárias. Aquilo que representa a formação da maior parte dos raios Astrais e de muitos cristais -- Aquilo que precede -- nos graus do Mago o grande sexto passo. Os cinco Éteres. (Na cor, o Azul).

SEXTA

O nome completo. O "Reino"; a Coroa e o Rei; O triângulo duplo do Egipto e da Judeia. O Sexto Grau da Maçonaria Livre; o Compasso e o Quadrado." A afirmação mais extremada do nome perfeito, e a perfeita mensuração.

A Estrela de Seis Pontas é a figura mais completa da geometria; é o símbolo do "nome Secreto" nos altares Hebraicos "por trás do véu." O seis na escala harmónica (2-4-6).

O duplo três.

Torna-se impossível afirmar nos tempos modernos o valor desse número e o símbolo geométrico no Oriente. Desde o Egipto, a Pérsia, a Índia, até à Fenícia e à Grécia chegou esse símbolo. O símbolo potencial de todas as coisas. A perfeita mistura da Terra e dos Céus. Os Céus a descer à Terra, a Terra alçada aos Céus. A sexta Dispensação. Nos harmónicos, a sexta nota. Na cor, a sombra mais profunda, o místico (Índigo).

SÉTIMA

A escala completa da música. O terceiro acorde -- a última vibração da cor -- o raio final que conduz ao primário. As Sete Esferas" da filosofia do Mago (Éteres ou Atmosferas). O término rítmico do simbolismo. O "Dia do Repouso," na criação ou conclusão do "Logos," a "Palavra," ou o "Édito." A esfera "além da qual não se pode passar."

Sete são os raios que compõem o arco da luz.

Sete são as vibrações que precisam trazer à luz as Esferas da Vida, para que a Terra e o Céu se encontrem.

A Realização, o Templo, o Santuário.

As sete estrelas da Ursa Maior. As "Riquezas que governam o "submundo" e tornam os sistemas uma escala harmónica.

Os sete planetas que os Antigos criam ser os sete palácios ou cidadelas de Luz.

Podíamos continuar *ad infinitum*, mas foi escrito o suficiente para mostrar que a Alma da natureza constitui uma grande escala harmónica; que a harpa de Apolo é a alaúde de Orféu, o movimento rítmico e a forma do universo estabelecido na música da Alma.

OITAVA

O Selo, a Oitava completa, o recomeço da escala harmónica. O círculo completo -- o retorno à unidade. A esfera restaurada. A repetição do Um. O restauro da Alma na sua perfeita unissonância através dos sete estados da vida - Nirvana.

JUIZ JOHN EDMONDS

MAIS ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS PORQUE PASSEI NA VIDA DO ESPÍRITO

Domingo, 2 de Maio de 1875

Através da Mediunidade de Cora Lodencia Veronica Scott (Hatch, Tappan, Richmond)

Senhor presidente e amigos:

Quando me foi pedido, pelos guias desta médium para uma vez mais discursar diante de vós com respeito às experiências porque passei na vida do espírito, foi com uma certa relutância que aquiesci, considerando a exaltada natureza do último discurso, e as necessariamente imperfeitas experiências porque passei. Lembrar-se-ão, porventura, alguns de vós, que já se passaram cerca de doze meses desde que me dirigi aos mortais por intermédio desta médium, altura em que fis o primeiro discurso que proferi após ter deixado o meu envoltório mortal.

Encontrava-me na existência espiritual há menos de um mês. Retomo agora o fio da narrativa onde o deixei, com a observação preliminar de que, pelo calendário do tempo terreno (que me informa que se passaram doze meses) devia considerar ter sido doze vezes doze quando penso em todas as ideias e experiências que se amontoaram na minha existência, desde que deixei o mundo material.

Não obstante toda a minha vida terrena parecer curta em comparação com a incomparável sucessão de acontecimentos que, quando nos vemos livres da sujeição material do corpo físico desgastado, torna o espírito jovem e contente de novo com a consciência imortal. Sob tais circunstâncias perdoar-me-ão a apresentação de personalidades, já que é só pela experiência pessoal que poderemos compensar o conjunto da grande conexão da vida humana com a vida espiritual.

Eu fui recebido, conforme foi mencionado no discurso anterior, pela companheira e amiga da minha vida terrena, cuja constante assistência durante a porção mais tardia da minha existência foi tudo quanto tornou a vida suportável à face da Terra. Assim que tomei consciência da mudança por que passara, que nada de terreno que supere o gosto possivelmente poderá comunicar-lhes à ideia, tomei consciência de dois fatos distintos na minha existência: o primeiro, que preciso substituir

ideias por coisas; que todos os tipos externos não passavam de aparências, e que as realidades tinham lugar dentro. Daí, ao entrar na existência espiritual surpreendi-me ao descobrir não só as características de amigos familiares, mas o que me pareceu mais distintamente característico, as suas qualidades mentais individuais retratadas, só que em vez do aspeto, semblante, da forma, do perfil em que a humanidade se baseia quase em exclusivo na identificação e na amizade, eu descobri as qualidades mentais de tal modo espelhadas e combinadas em cada indivíduo que encontrei, que se tornava impossível distinguir a forma exterior do ser interior, e a expressão completa deles era usada no seu semblante e vestes. Consequentemente, sempre que a minha companheira se aproximava, pela delicadeza da aura que a cercava e amabilidade da expressão, eu sabia qual seria o significado da mensagem recebida da sua parte.

À medida que reconhecia, um a um, os amigos anteriores da minha vida terrena, que tinham vindo ao meu encontro para me congratular e conversar, como fora seu costume em coisas familiares, descobri para minha surpresa que os traços distintos de carácter que tinham tido na existência terrena, seja de probidade, honestidade, virtude, integridade, amabilidade, ou de um saber generalizado, eram tipificadas pela cor e expressão do semblante e da forma que aparecia diante de mim.

De modo que o meu amigo, o Dr. Dexter, que tinha sido meu colega de trabalho na investigação do Espiritualismo, e da parte de quem eu recebera muitas das minhas primeiras e mais convincentes comunicações, apareceu-me como vidro transparente, dotado de toda a forma e perfil do meu amigo, porém, como um verdadeiro médio sempre aparece, transparente até ao âmago, de modo que, antes que todo pensamento adotasse forma audível à minha consciência do espírito, revelava-se-me através das vibrações da sua própria mente.

O mecanismo do corpo espiritual, correspondendo quase precisamente ao mecanismo externo, tornou-se bastante visível, mas em vez de sangue via pensamentos, em vez de força nervosa apresentava impulsos da vontade, e em vez das funções das faculdades peculiares do organismo externo da vida, via-se as correspondentes faculdades da vida espiritual; pelo que toda a atmosfera que o circundava foi de imediato iluminada pela particular transparência da sua forma. Uso este com um exemplo típico.

Gradualmente aprendi a distinguir os espíritos pelas suas qualidades, e em vez de os nomear pelos nomes que tinham tido na terra, descobri que cada um deles tinha o nome da sua existência espiritual correspondente à qualidade que mais os adornava. Daí que, aquele amigo que acabei de referir, usasse uma luz cristalina de mediação entre os dois mundos aquando na terra, pelo que também na sua recém-descoberta existência ele é uma luz cristalina de mediação entre os estados superior e inferior da existência espiritual por meio da qual a luz do superior possa brilhar para a inferior em correntes desimpedidas e perfeitas.

Isso facultou-me todo um novo conhecimento da minha própria mediunidade, e eu descobri que naquelas competências que me tinham sido inculcadas antes de deixar o meu corpo terreno de consciência espiritual e visão, eu ainda não era um (meio) transparente; por outras palavras, embora eu pudesse ser motivado, por meu intermédio não teria sido dada nenhuma evidência particularmente convincente e distinta do poder do espírito, porém, os impulsos emitidos sobre a minha natureza partilhavam mais da natureza da inspiração, e eu refletia a luz, porém, não permitia que ela brilhasse. Contudo, até mesmo a luz refletida é preferível a nenhuma; e se nós próprios formos motivados e inspirados por inteligências superiores em qualquer esfera da vida que seja em que possamos ter existência, tornar-nos-emos no instrumento do poder espiritual.

Eu percebi logo qual era a qualidade particular que me marcava. A luz que parecia circundar-me e pela qual eu era diretamente reconhecido, era o que é conhecido na existência terrena como, porventura, destemor, ou sinceridade de propósito, de modo que, quem quer que entrasse em contato comigo, jamais duvidaria quanto às opiniões que eu defendia. Curiosamente, essa aura rodeava-me com um tipo de luz azulada, ou atmosfera, por meio da qual eu pareço ser conhecido no meu estado espiritual, de modo que, sempre que me acercava de qualquer indivíduo que se encontre nas esferas do pensamento correspondente, eles têm instantaneamente noção, através desta aura, da personalidade de quem se lhes dirige, ou deseja abordá-los.

Pudésseis vós ver, por clarividência - como sem dúvida muitos de vós podeis, aqui nesta sala - e perceberíeis que a influência que o meu espírito traz é de um matiz ou raio azulado, que também é transmitido a todo o meu corpo espiritual, e que é a atmosfera distinta daquilo que é

conhecido na terra como integridade, mas que afinal, é a simples expressão daquilo que pensamos e queremos dizer.

Eu fui, por conseguinte, apresentado às assembleias dos amigos mais chegados - pessoais primeiro, após o que, um a um, os meus outros amigos vieram ao meu encontro nas novas vestes do seu aspeto espiritual, usando uma forma parecida à da sua habitação terrena, só que resplandecentes com a contribuição do pensamento espiritual que traduzia a sua distinta qualidade. Recordo bem a atmosfera distinta que o meu amigo Professor Mapes usava ao vir ao meu encontro após ter passado da vida terrena, depois de me ter precedido numa data de anos.

Descobri o mesmo tipo de configuração de cérebro, a mesma qualidade de peculiaridades físicas; porém, tudo se achava iluminado por um matiz peculiar pálido de amarelo, que conforme me é dado compreender, constitui um sinal da qualidade dele de solvibilidade, com o que me refiro à qualidade de solver (encontrar solução) para todas as ciências por um princípio de raciocínio; e se houvesse uma característica que mais distinguisse a sua mente da de outro, era a de uma compreensão geral de todas as ciências por uma luz particular e qualidade de pensamento, de que talvez terão oportunidade de ouvir falar no próximo Domingo à noite.

Essa aura representa a sua qualidade espiritual, e está para a atmosfera mental como a luz do sol é para a atmosfera terrena, designadamente, um solucionar de elementos incongruentes e aparentemente irreconciliáveis num princípio definido de método e pensamento. Do mesmo modo, outros amigos pessoais - o Dr. Wilson, o Governador Talmadge e outros - me abordaram e foram reconhecidos. Porém, não obstante a natureza interessante dessas qualidades e aspetos pessoais, eu estava de tal modo determinado a aprender em larga medida sobre a natureza da existência espiritual e a particular esfera da ação de certas mentes distintas que, com um extremo anseio formulei uma questão no meu espírito. Era a de que o guia, sob cuja orientação e sabedoria a maioria das minhas comunicações (enquanto me encontrara na terra) tinham sido recebidas e de quem tinham declaradamente vindo me devia aparecer e conduzir.

(NT: Consultar as duas obras publicadas em vida intituladas 'Espiritualismo I' e 'Espiritualismo II' da autora, em conjunto com o Dr. George M. Dexter, por cuja meio recebeu as referidas comunicações),

Instantaneamente, com esse pensamento que por fim inundou todo o meu ser, com intensidade tal que excluiu todos os outros amigos da minha mente, e consciência, surgiu um som de uma investida como a de muitas águas a correr, e voltando o olhar para cia eu observei uma luz que se assemelhava mais a uma geada branca do que qualquer coisa que possa descrever, só que resplandecente e brilhante até fazer com que toda a atmosfera parecesse um ponto de uma chama luminosa. Soube então que a distinta clareza e os aspetos aguçados do pensamento que constituíam as qualidades terrenas assim como espirituais de Lorde Bacon encontravam-se ante mim. Não preciso dar-lhes conta.

Não preciso referir-lhes as maravilhas da mente que esse homem possuiu na terra, somado ao poder espiritual desenvolvido pela consciência das leis não vistas da vida invisível, para os levar prontamente a acreditar que todo pensamento advindo do seu cérebro e mente parecia tão claro e tão penetrante que eu dificilmente conseguia suportar a sua presença; e embora tivesse ansiado por isso, desejei naquele instante que ele não tivesse surgido, por sentir que cada um desses aspetos afiados de pensamento sondava a minha natureza mais recôndita, e que encontrava toda a fraqueza, os pontos fracos do intelecto que eu possuíra na terra.

Os pontos cintilantes pareciam penetrar e procurar todo sentimento e fracasso que eu tivera na minha carreira terrena, e num instante todas as questões de filosofia ou lei, toda a experiência individual, todo o defeito especial da minha compreensão espiritual me eram revelados de forma distinta, e esses pontos particulares cristalinos dessa aura pareciam penetrar-me o ser, até eu estremecer de forma palpável enquanto espírito na presença do meu guia. Porém, senti instantaneamente a firme resistência da minha própria natureza, e embora consciente de imperfeições, eu disse: “Finalmente fui verdadeiro,” e com isso regressou a minha coragem; e então pedi ao meu guia que me conduzisse a quaisquer cenários, reuniões ou concelhos ou locais de instrução na vida espiritual que mais se adaptassem à minha condição.

Com isso fui uma vez mais acompanhado pelo mesmo ser amável que me tinha recebido na vida espiritual, e os dois seguimos o guia, à medida que aparentemente nos conduzia a uma planície um pouco elevada acima do cenário em que eu tinha vindo a residir o tempo todo, mas que se achava perfeitamente de acordo com algumas planícies da vida

terrena, só que mais luminosa, e possuidora de uma qualidade de atmosfera melhor e mais elevada. Tal elevação pareceu-me ser um ponto de observação, e ele disse-me: ”Agora, com a tua permissão, caso possas dedicar um tempo dos teus amigos da vida terrena com quem desejarás conversar, irás ausentar-te comigo durante vários meses.”

Eu dei-lhe permissão pedindo apenas que pudesse regressar, o que fiz, alguns nove meses volvidos, para fazer um outro discurso por intermédio desta médium na cidade de Liverpool. Regressei igualmente a alguns amigos na América, com quem conversei com respeito a algumas das primeiras experiências por que passei na vida espiritual. Então pus-me a cargo do meu guia, pedindo-lhe somente que, se houvessem aspetos que eu desejasse comunicar à Terra, e tivesse oportunidade de o fazer, mo fosse permitido, com a ideia de, tão rápido quanto eu recebesse tal conhecimento, o transmitir às mentes na terra.

Ele sorriu diante dessa ideia, por a característica principal dos meus últimos dias passados na terra ter sido a de que qualquer bênção ou graça que existisse na comunhão espiritual, ela pertenceria à humanidade e, mortal ou espírito, eu não poderia encontrar a minha paz enquanto houvesse uma oportunidade de convencer ou sequer de influenciar toda mente à investigação com respeito a esta sumamente importante questão da existência futura. Assim, à medida que o meu espírito dava, um a um, os passos, eu sentia que precisaria regressar e derramar de uma forma palpável as provas da continuidade da minha vida, e daquilo que me trouxera.

Eu fui, pois, apresentado àqueles estados de existência espiritual que tipificam a condição imediata da alma ao abandonar a vida terrena, e posso dizer que não fora pelo conhecimento anterior que eu possuía da existência espiritual e o fato de ter consciência de ter passado da vida terrena, eu não teria de modo nenhum tido consciência de me encontrar entre cenários espirituais, de tão naturais e absolutamente humanas, e em certos exemplos, tão terrenos que tais cenários eram, mas pela linha divisória que vi, que os separava da comunicação consciente com os mortais, pude realmente acreditar que aqueles seres que eu via caminhavam e conversavam como homens e mulheres na terra.

Dificilmente precisarei dizer que esse estado de existência imediatamente circundava a atmosfera terrestre, e que, para além das multidões que se moviam de lá para cá na forma humana, essas outras multidões se moviam precisamente do mesmo modo, e aparentemente

concentradas nas mesmas atividades, embora com a seguinte diferença - a de que aqueles que se encontravam desencarnados pareciam mover-se de uma forma muito mais vaga, e, onde não havia conhecimento na maneira de influenciar os mortais, eles pareciam andar comparativamente sem objetivo.

Pelo que a maioria dos espíritos que passam da vida terrena não informados da natureza da mudança se encontravam de verdade numa existência sem finalidade durante um período de tempo, já que, dotados das mesmas faculdades, possuidores da mesma inteligência e aparentemente do mesmo organismo, ainda assim não há necessidade de empenho nem de proteção do frio e da fome, e assim esses seres buscam uma similitude de coisas físicas acompanhando aqueles que se encontram na terra e que desfrutam dos prazeres externos, pelo que o homem que busque o prazer se afaste do vosso seio por uma morte súbita continua um homem que buscará o prazer no mundo do espírito, furtado do poder físico de o gozar, e desfrutando apenas daquilo que parece ser refletido nas mentes dos seus companheiros e amigos; e isso constitui uma porção do seu castigo e maneira tentadora de testemunhar aquilo em que não podem participar em pleno, o que os leva após algum tempo a sentir a insatisfatória natureza das suas buscas e atividades.

O Hades, pois, não se encontra longe. Se o procurarem num sentido literal, encontrarão o seu primeiro grau na terra, e o seu segundo grau no estado intermédio de vida espiritual que circunda a terra e forma uma vasta massa da busca de prazer da parte de classes não espirituais e não inteligentes que parte da vida diária sem instrução com respeito à natureza da existência para que vão.

Se houver comentário que possa fazer mais significativo quanto à tendência crescente do pensamento moderno para o materialismo do que esse, então não tenho capacidade de imaginar que comentário seja, já que aquela porção da humanidade que constitui a vida essencial da existência permanecer inexperiente e inculta, o espírito irá para a vida do Espírito comparativamente sem um rumo ou objetivo, sem uma âncora ou piloto, a tatear nas malhas cegas de um materialismo que não consegue, nem pela sua inteligência, elevar o espírito, e que não transmite qualquer ânimo mais significativo para com a natureza que aquele que existe no torrão ou no verme. Os espíritos como esses passam diariamente, hora a hora, a todo o instante da terra. Encontrá-los-eis em meio aos centros apinhados da civilização. Movem-se com o

balanço da maré da humanidade, e movem essa maré frequentemente para sua própria diversão e passatempo.

Onde houver uma erupção de violência entre a população ou uma briga de bêbados, e encontrareis aí espíritos que pela similitude da natureza são atraídos, e que também formarão um vasto número - uma turba de força espiritual que incrementa a turbulência da maré terrena. Onde se der um surto causado por algum erro ou opressão, e haverá quantidades de espíritos desses sem rumo e descontrolados, e sem qualquer conhecimento previamente obtido, que também procurarão isso como saída para a agitação que os move. Onde houver algum jovem descontrolado, embriagado de prazer (ou pelo álcool) aí encontrarão igualmente o seu protótipo à procura no entusiasmo desse jovem inebriado jovem a fim de consumir essa porção da sua vida que não foi plenamente gasta no mesmo sentido, e que, sem conhecimento, o tenha levado, porventura, de uma forma irrevogável, a ir para o mundo dos espíritos.

Vós pensais que este espaço é vazio e composto de ar inútil e desocupado. Cada um de vós trás consigo os seus companheiros e amigos da vida espiritual aí concebidos por qualquer motivo de interesse, curiosidade ou exaltação que os tenha trazido; e eles formam uma audiência mais palpável e visível à perceção do espírito do que vós que estais a escutar o som da voz da médium. A atmosfera povoada acha-se repleta daqueles que se encontram nos estágios intermediários da vida do espírito; e nós verificamos que a atmosfera da terra contém todas as variedades de estados espirituais que se pode procurar em quantidades de esferas se numeradas e parceladas em infinita variedade e em que no vosso próprio pequeno globo é mantido e cingido a toda a volta como numa solução de luz e sombra misturadas, cujas inteligências espirituais se acham cada uma determinada com uma ideia qualquer de prazer ou conhecimento, algum dos quais se encontra menos informado que vós, e outros mais informados, mas todos quantos se acham sujeitos às mesmas leis da vida individual, raciocínio, ação, emoção e poder.

Essa foi a minha primeira lição. Assombrado, verifiquei que a população da terra, em vês de ser o que eu supusera, era porventura constituída por dez ou cem vezes esse número, e que muitos desses seres nunca chegam a deixar a atmosfera da terra, e nunca vão além do plano que pode ser considerado a aura dos elementos físicos da terra, e que a sua vida espiritual e a sua existência consciente, as esperanças que têm na

imortalidade, e toda a ideia de progresso se acham centradas no círculo estreito que terá formado, porventura, a sua habitação terrena, e de que, por falta de cultivo da volição espiritual, se vêm capazes de ascender ou desembaraçar a si próprios por uma maneira qualquer. Esses são os espíritos que se acham aprisionados; condenados durante um tempo, sem dúvida, para percorrerem a noite da sua carreira terrena, por falta de poder de superação do desejo espiritual que os eleve para cima.

Depois suscitou-se-me a lição à mente, da importância de ensinar aos jovens e aos velhos que a vida terrena não é a vida toda que existe, e que dentro do verdadeiro homem ou mulher, se encontra o homem real ou a mulher real envolto da fragilidade mortal, mas possuidor de atributos que, se cultivados e encorajados habilitam de imediato o espírito a elevar-se desta atmosfera de barro e os sentidos a receber o batismo da luz espiritual a que tem direito. De modo que, sejam quais forem as virtudes que possam possuir, deixem que tenham em mente que a ausência de qualidades espirituais constitui as cadeias que prendem a alma à terra quando ela partir do corpo, e que o enlutado solitário pelas amarras do luto egoístas do amigo que tenha ultimamente partido, impedem por simpatia que esse espírito sequer saiba da natureza da mudança pela qual passou.

Felizmente o conhecimento que se tornou parte da minha existência habilitou-me, porém, não sem muitos escrúpulos de consciência, nem muito sofrimento pungente, e não sem consciência de inferioridade e fraqueza, triunfar sobre as deficiências físicas da vida terrena. Mas foi por isso que consegui ver, como que num panorama, essa variada cena de seres espirituais e de poderes na terra e ao seu redor, com uma massa de atmosfera de elementos mesclados numa mistura variada o testemunho do efeito dessa luz e sombra sobre a humanidade.

Enquanto observava essa combinação de influências e o meu guia me indicava vários casos de insanidade, embriaguez e outros vícios agravados por espíritos incultos e não esclarecidos eu volta e meia via súbitos raios de luz como aqueles que são por vezes testemunhados nas pradarias do Oeste durante uma temível colisão dos elementos, só que no caso destes parecia não haver qualquer destruição, e eu disse, enquanto os observava, “Que luzes serão estas que parecem penetrar esta densa atmosfera espiritual, e de que todos os espíritos não desenvolvidos parecem recuar como se de fogo se tratasse? O meu guia disse-me:

“Estes são raios de pensamento provenientes de espíritos avançados dirigidos àqueles na terra com quem estão em simpatia, e instantaneamente contemplei, com a minha compreensão a aumentar com o desejo de conhecimento que aquelas luzes se tornavam mais e mais frequentes e dotadas de diversas cores de diferentes níveis de rapidez e poder. Também vi que em determinadas direções ou locais havia raios de luz mais frequentes d que noutros, e ele disse-me:

“Aqueles são pontos selecionados pelas inteligências espirituais para a frequente repetição de certos pensamentos ou expressões de poder que são somente conhecidos quer em conexão com a inspiração ou com alguma forma de mediunidade ou dom espiritual que existe com frequência onde o nome Espiritualismo não é conhecido, mas existe sempre de acordo com alguma lei da analogia espiritual.”

Descobri que esses pontos ou raios compridos de luz, rápidos ou lentos, carregavam com eles uma atmosfera que influenciava as inteligências circundantes, e que quem quer que fosse o recetor deles, devia, de momento, ser elevado à esfera da inteligência de onde a luz pudesse vir.

O meu guia disse-me: “Desse modo alcancei eu a tua mente antes de deixares a Terra, mas pudesses tu ter visto e terias descoberto que uma vibração perpétua de luzes combinadas oriunda de diversos espíritos que te rodeiam te tocavam a mente, mas sempre que te sentisses incomodado ou oprimido com os cuidados materiais isso interrompia essa luz, e a vibração cessava. É por isso que por vezes experimentas um sufoco espiritual por cerrares a válvula que comunica com as atmosferas superiores da existência espiritual, pelo que a mente não consegue respirar. Mantém desimpedidas as vias da comunhão espiritual pelo cultivo constante e descobrirás que a atmosfera da mente será tão livre e clara quanto aquela atmosfera que é requisito da saúde física quando contiver quantidade suficiente de oxigénio.”

Eu disse: “Então, todos os estados mentais de depressão e das condições naturais relativas à natureza espiritual na terra se devem a que essas luzes sejam excluídas?” e de súbito os raios cintilantes do meu guia dispararam em várias direções e eu pude descobrir que certas mentes líderes se tornaram recetáculos desses raios.

Ele disse-me: “Descobrirás que onde quer que o raio de luz tenha penetrado, haverá uma mente afim com a qual mantenho simpatia

espiritual, e que, inconsciente ou não, recebe o meu pensamento, e é, consequentemente, exaltado em espírito." Quando penetrei numa atmosfera um pouco mais elevada, percebi que, em vez da nuvem direta que pairava sobre a terra, havia na realidade mais dessa aparência luminosa do que eu havia inicialmente suposto, e que a nuvem na realidade não envolvia a massa total da humanidade, mas que pairava sobre certos locais e determinadas condições da mente, enquanto exterior a tudo isso parecia haver um cinturão ou aura de luz ametista.

Eu disse: "Que é isto?" "É o estágio seguinte da existência espiritual que forma um cinturão exterior daquele aspeto nublado que se acha sobre a terra e da qual, até mesmo aqueles que se encontram espiritualmente em estados sombrios recebem a sua inspiração." Fui então atraído para essa atmosfera que, qual puro crepúsculo da manhã envolve toda a terra e todo aquele aspeto turvo ou nublado. Na minha perspetiva esse crepúsculo jamais tinha sido representado exceto nos puros matizes do ar da montanha que o viajante poderá ter visto nos cenários Alpinos ou em algum alvorecer matutino da América. A ametista era de tal modo perfeita que quase se podia esculpir a partir dela uma joia cristalina em qualquer lugar particular.

As luzes que se dirigiam á terra a partir desta esfera pareciam ser de uma delicadeza insuperável, e eu não podia compará-las a nenhuma outra coisa que lágrimas vertidas em sofrimento pelo sofrimento da humanidade e dos espíritos que se encontravam não desenvolvidos. Cada uma das gotas ametistas penetrava um ponto particular qualquer de escuridão e de sofrimento, e instantaneamente parecia que se erguia uma chama pura de brancura, como se a alma tivesse sido confortada e como se alguma luz tivesse penetrado até mesmo o local mais negro.

Eu disse-lhe: "Quem dirige mais neste local sombrio?" E ele disse: "Todos aqueles que, tendo sido elevados um grau da vida terrena se encontram agora decididos a beneficiar aqueles que se encontram abaixo," e então vislumbrei um trono de iminência talhado na cor ametista e aparentemente adornado com vários dispositivos de formato humano entretidos juntos, contudo distinto.

Mas ao me chegar mais perto, descobri que eram seres humanos, mas mais importante, como reclamassem um lugar de elevada posição, descobri um cujo nome na terra fora Wilberforce, mas que tem nesta esfera da filantropia um lugar elevado e distinto definido pelo benefício dos demais pela elevação dos espíritos na prisão e o resgate dos seres

humanos da sua escravidão material. Não preciso dizer que a maior e melhor de todas as nações, cujo traço particular e distinto de carácter era o da assistência àqueles que se encontravam em sofrimento, eu descobri nesse corpo ametista.

Parecia feito de lágrimas e simpatia, e adornado de uma tal graça subtil e elementos de sabedoria que, quem quer que fosse enviado como mensageiro do centro dessa luz carregava consigo a simpatia alada e a atenção do sentimento por aqueles que estavam em sofrimento.

Encontrei aí mulheres afetuosas, cujos olhos tinham enfraquecido com o delírio da febre na terra, por causa da assistência que elas prestavam ao sofrimento humano em hospitais e campos de batalha, que iam para essa esfera da chama ametista para residir ainda como espíritos auxiliares aos esmagados e abatidos no campo de batalha da vida. Contemplei todos aqueles que, com encanto e poder no coração, tinham posto de parte o egoísmo e procurado resolver o grande problema do sofrimento humano; e podia ver até onde, à distância a luz atenuada misturada com uma glória maior, e parecia existir um alvor como se fosse o Filho do Homem a iluminar o esplendor e a tornar aquilo completamente visível com a glória da sua presença.

O meu guia levou-me então a um outro estágio cuja chama luminosa se assemelhava ao mais refinado fio de ouro, e onde parecia reinar o pensamento mais puro e mais claro. Pude prontamente ver, pelas indicações previamente recebidas, que esta era a esfera do conhecimento e do pensamento e ciência puras. Encontrei aí o meu amigo, o Professor Mapes a um dos portais externos a desfrutar-se no esplendor do pensamento claro e a resolver um problema qualquer que sem dúvida ele lhes poderá comunicar; mas descobri igualmente que o conhecimento típico da vida não era tornado norma nesta esfera de pensamento puramente dourado, mas que todas as aparências de que a ciência tinha pedido emprestadas as suas deduções são governadas por outras leis interiores que lhes serão melhor explicadas por um mestre em filosofia do que por um que tenha somente envolvido por natureza, mas que sinta maior interesse pelas condições da vida humana.

Através dessa esfera passamos para um outro portal, cuja luz se assemelhava à que rodeava o meu guia - uma atmosfera cristalina prateada semelhante a geada, que ele me informou tratar-se da atmosfera da filosofia pura. Confesso que senti a mesma sensação lancinante, como se toda a qualidade da mente estivesse a ser

submetida à mais minuciosa busca da parte de algum ser ou seres a quem eu não conseguia ver. Senti que o meu intelecto era débil e as minhas deduções fracas, que o meu poder e razão de argumento equivalia a nada, que todos os meus pensamentos eram em si mesmos imperfeitos e fragmentados, e que eu quase parecia um pedinte em andrajos, em meio àquilo que me pareceu a mim perfeito. Encontrei aí os mestres em filosofia, todos aqueles cujas mentes tinham lapidado, com a lâmina afiada de dois gumes o objetivo da vida material, atacando o equilíbrio existente entre o espírito e a matéria.

Encontrei, como disse, que o meu guia pertencia a esta esfera; aí encontrava-se igualmente Locke, o mestre em metafísica. Encontrei igualmente muitos dos filósofos das escolas Alemãs; encontrei o antigo Sócrates e Platão refletidos na elevada atmosfera acima da minha cabeça. Encontrei todos quantos se tinham atrevido a tomar o meio-termo entre a revelação absoluta e a ciência material e criado um sistema de filosofia sublime, e o resultado de ambos era representado nessa esfera cristalina. Próximo à entrada mais exterior encontrei o meu amigo Mapes, que pertence a essa esfera, mas achei que aí não me sentia em casa, embora me pudesse sentar-me nos portais e cultivar a sabedoria deles.

Fui conduzido a uma outra iminência, e aqui parecia haver uma assembleia de uma mistura de tons e cores a representar todos os matizes que eu tinha visto na vida espiritual, mas igualmente variados na ordem e harmonia como nunca tinha visto - o puro alvor da distância parecia uma cúpula a coroar todos os outros níveis; mas ao me aproximar mais descobri tratar-se de um concelho de inteligências espirituais tido num ambiente fora da terra e próximo a um dos planetas mais velhos cuja atmosfera de sabedoria parecia aquilo em que os espíritos que constituíam esse concelho se moviam.

Descobri tratar-se de uma convocatória daqueles que se reuniam em certos períodos a fim de discutir as medidas benéficas destinadas ao bem-estar do homem, e que nenhuma medida passava em qualquer governo humano, que tenha por tendência a melhoria de qualquer estado existencial humano, que não fique a dever a essa sábia assembleia de conselheiros a sua existência.

O mais antigo dos legisladores, informou-me o meu guia, era o génio que presidia à convocatória - o mais antigo dos presentes registos da civilização. Pertenceu ao Egipto e representou o Adão da raça atual;

porém, não propriamente o começo da vida humana na terra. Vi aí cada nome típico - ou antes, poderia dizer mais corretamente, poder, pois nós não conhecemos os espíritos pelo nome mas apenas pelo poder - que tinham dispensado a lei às nações da terra. Confúcio encontra-se na sua esfera, Zoroastro na sua, o antigo Licurgo de Esparta, a cintilar como uma luz branca através das trevas, assim como Sólon, o sábio, o legislador dos Atenienses realizou ali um foro solene enquanto eles discursavam com base nas medidas do governo humano. Encontrei igualmente filósofos e poetas, sábios e reis, cada qual na sua própria atmosfera de sabedoria ou de luz, concentrados em assuntos que conferem avanço e grandeza à humanidade. Moisés, que feriu a rocha no deserto, enquanto preservava as tábuas sagradas do céu para poder derramar sobre o mundo os mandatos das mais elevadas nobres leis. Contemplei todos quantos tinham tomado parte nas disputas da Grécia e de Roma; o orgulho de Atenas e a glória do Império de Roma empossados num conclave solene e inteligente, a meditar no bem e a debater os problemas que darão à luz às grandes gerações do tempo.

Os planetas são influenciados por eles, os povos são governados por eles, a terra, que à semelhança de um pequeno ponto, naquele momento parecia pairar ao longe; e aquelas mentes gigantescas, cada uma das quais parecia capaz de afundar o mundo com o pensamento meditava e discursava sobre as questões adaptadas aos governos humanos. E escutei aquilo que a língua não consegue descrever-lhes na atmosfera externa ao tempo e à perceção, mas que se o mundo durar - e de certeza que irá durar - deverá por fim, através de diversas vias e múltiplas mudanças de governo humano, ser forjado e cristalizado na forma perfeita. Pensei em todos os esgotantes dias e noites de labuta da terra, onde com complexos códigos humanos e volumes de comentários eu pesquisei com olhar atento a questão da justiça humana, e disse:

"Ah, um raio desta esfera divina que golpeie as nações da terra e afaste a forma externa e a substitua pelo código puro da vida humana e da justiça humana."

E enquanto eu pensava isso, ecoou uma voz pelo corredor em que me encontrava, a dizer: "Assim será. Aqueles que criaram as leis humanas receberam-nas de concelhos primordiais de justiça, e não obstante se encontrarem pervertidos pela corrente turva da vida humana, ou ambição, ou derramamento de sangue, tempo virá em que até mesmo a lei mais antiga, que é a lei da justiça, será retomada, quando mesmo a

mais antiga fé, que é a fé comum do homem no seu irmão, será restaurada, e em que mesmo a mais antiga forma de governo, que é o governo de justiça e sabedoria, sem o complexo mecanismo de tudo quanto agora constitui a lei, deverá ser estabelecida no altar da humanidade, e as nações todas adorarão."

E o meu amigo que se senta na cadeira poderá testemunhar da presente tendência das nações da terra é a de que um raio de luz desse mesmo concelho que eu visitei sempre raie sobre as nações. Virão a existir códigos de justiça uniformes, leis internacionais em que será impossível uma nação violar os direitos ou privilégios de outra. Virá a existir uma competência que removerá a pesada e contraditória maquinaria da presente jurisprudência humana, e as superiores e simples regras como as de Licurgo ou Sólon serão restauradas ou adaptadas aos usos humanos, e desse modo influenciar os governos da terra. Eles hão de regressar à inspiração original e antiga.

As leis sábias de Moisés serão retomadas e não superadas por nenhuma outra lei exceto as do manso Nazareno, e não mais assistirão às intermináveis discussões e quezílias das lutas e da opinião humanos, mas a decisão final do pensamento humano, que com maior poder do que com a espada e uma maior eficácia do que a da legislação, deverá submeter e influenciar a humanidade pela voz da sabedoria unificada.

Eu percebi que esse era o tema dos concelhos quando estive presente, e vi com visão de profecia que a nova luz que chega à humanidade para desenvolver a natureza espiritual e revelar os atributos superiores tornará possível que as cortes de justiça, a legislação humana e todo objetivo de governo, quer seja executivo ou legislativo, sejam governados por esses mesmos poderes. Vi onde Washington, sob o impulso da verdadeira liberdade recusou ser rei; vi onde a Inglaterra recebeu o seu orgulho e glória - glória essa que ainda não se eclipsou por causa daquela luz daquele fulgor firme da liberdade humana que raia qual gloriosa manhã sobre o mundo.

Observei nesses concelhos os estadistas que, na juventude da vida terrena, eu reverenciara com uma reverência que chegava a ser adoração, ali sentados à guisa de alunos, para poderem arrancar desses concelhos solenes aquela palavra de sabedoria que levaria a que o tumulto da guerra da terra terminasse, e eu digo que a Inglaterra se destaca por um passo dado durante os últimos meses que representará um precedente e uma profecia desse tempo que vira, em que todas as

questões que interessarão à humanidade, serão decididas pela humanidade - quando a guerra e a contenda fundadas em questões de honra nacional não mais terão lugar, e o arbítrio dos sábios e justos concelhos da terra tomarão o lugar do pavor do arbítrio da espada.

Creio que o concelho (Convenção) de Genebra foi o precursor dessa época; creio que a cura pacífica da ferida internacional seja a profecia e a realização da alvorada desse dia. Acredito que a simplicidade e a seriedade com que todas as mentes que estão determinadas a resolver os problemas que afetam a sociedade humana e o governo serão auxiliadas e inspiradas por esses sábios concelhos, e se Deus quiser, ajudarei todos quantos, como o meu amigo aqui, esperem por esse dia como a realização do mais elevado tipo de governo humano.

Se Deus quiser eu farei do trabalho de levar por diante um trabalho muito querido para mim na terra tarefa minha, em que poderemos ver as nações da terra unidas no compromisso de honra e justiça mútuas em que mais ninguém à exceção do rufião, o canalha e o pirata se poderão atrever a empunhar a espada contra a vida humana. Reis nos seus tronos, governos nos seus lugares, todos a obedecer à lei superior da humanidade que reina suprema na terra, nos estados intermediários e nos supremos concelhos onde acredito que o Príncipe da Paz habita e espera coroar e ungir o seu sucessor na terra - a Humanidade.

JUIZ JOHN WORTH EDMONDS

EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU PELA ALTURA DA MUDANÇA CHAMADA MORTE E NO INGRESSO NA VIDA DO ESPÍRITO

O Juiz Edmonds discursou diante de uma vasta plateia, em Londres, por intermédio da Sra. Tappan (Cora Richmond) a 17 de Maio de 1874.

UMA MENSAGEM PROVENIENTE DO JUIZ EDMONDS

Citamos o seguinte do *Religious-Philosophycal Journal* (Chicago). Na medida em que se o publica ver-se-á que está em verdadeira harmonia com a declaração mais longa do juiz através da Sra. Tappan, cujo relato começa se publica aqui.

(Do *New York Sun*, 10 de Abril de 1874)

NOTÍCIAS DO JUIZ EDMONDS

Às 10 horas da manhã de ontem, um repórter do *Sun* visitou uma das mais notáveis médiuns desta cidade para saber se o juiz Edmonds estava pronto para falar com os seus amigos. A médium conduziu o repórter a uma sala de extensão nos fundos dos espaçosos salões e disse que os espíritos geralmente não eram capazes de se comunicar tão logo após desencarnarem. Ele retirou a cobertura da mesa, e deixou apenas duas lousas sobre ela; e o repórter e a médium sentaram-se em lados opostos, tendo a médium pedido ao repórter para espreitar por baixo para ver se não havia nada além de uma mesa comum e se as lousas não tinham nada escrito. O repórter, obedecendo às instruções, viu uma mesa comum de nogueira preta; só isso e nada mais: viu que nada estava escrito nas lousas; pôs a mão espalmada sobre a mesa e, quando a médium fez o mesmo, cobrindo quase os dedos do repórter, ouviram-se instantaneamente pequenas batidas, regulares e débeis, como o tique-taque de um relógio.

Então eles foram-se tornando mais altas e foram ouvidas em diversas partes da mesa e contra a cadeira do repórter. A mesa balançou. Quando a mesa parou, as lousas sobre ela sofreram sacudidelas para cima e para baixo. Uma cadeira gótica, fortemente estofada, deslizou violentamente para dentro da sala e voltou para onde viera. Em seguida, aproximou-se rapidamente da mesa, posicionando-se do lado oposto ao repórter. A dupla ardósia dobrada por dobradiças, com um pedaço de pedra-sabão encerrada, deslizou rapidamente para o lado da mesa junto à referida cadeira. Então, foi ouvido o ruído de uma escrita rápida durante vários minutos. Quando cessou, a lousa dupla deslizou para o lado, foram ouvidas batidas sob as quatro mãos ainda estendidas; o médium abriu as lousas dobradas; elas estavam cobertas de linhas bem escritas, e o repórter leu o seguinte:

"Aos meus amigos: Finalmente o meu espírito está livre da escória e do barro, e agora a minha alegria é perfeita; pois agora entrei no portão dourado que vira entreaberto. A receção que tive na nova vida foi grandiosa e impressionante. A primeira que me acolheu foi a minha querida e fiel esposa, que havia sido uma estrela cintilante na minha vida terrena; e agora a sua doce e amável influência dá-me forças para voltar e dar aos meus amigos o ramo de oliveira da vida eterna, para provar que alcancei as margens sempre verdes dessa vida eterna. Também reencontrei os meus velhos amigos que partiram antes de mim. Levei algum tempo até que conseguir entender a mudança que sofri. Pois antes de deixar a terra, eu sonhara com a terra dos espíritos e contava

encontrar-me ainda num sonho. Mas eu vejo que é um longo sonho que se torna realidade. Se todos vocês pudessem conhecer e sentir as bênçãos desta bela verdade, dedicar-lhe-iam mais tempo e menos tempo ao abuso de outros que acreditam na sua bondade. Muitas vezes vou estar ao lado dos meus amigos; mas somente em espírito eles me verão; não obstante, tentarei trazer-vos toda a alegria, até que a tristeza e o sofrimento não existam mais. Não posso, agora dizer mais. Agradeço aos meus amigos a sua última homenagem aos meus restos mortais. Sou sempre um amigo de todos. J.W. Edmonds."

DISCURSO

Amigos da divisão entre os dois mundos, saúdo-os esta noite. Em qualquer altura dos últimos vinte anos eu teria considerado o dia de maior orgulho da minha vida encontrar-me diante da audiência aqui presente a discursar com respeito ao mundo espiritual. Hoje, por intermédio de uma forma emprestada e uma maneira indesejada eu venho com saudações de ambos os mundos. Eu devo-lhes uma explicação por poucas palavras do modo da minha elocução desta noite. Quando um organista se senta junto ao instrumento a tocar, ele está um tanto habituado a estudá-lo; com as interrupções, as pausas, os diversos métodos da construção através do instrumento ele pode não estar familiarizado pelo que ele precisará limitar o seu poder à capacidade do instrumento.

É um tanto na mesma condição que me apresento diante de vós. Felizmente, o instrumento que emprego encontra-se em sintonia com as expressões dos espíritos, e aquilo que perco de vigor poderei ganhar em graça de estilo e espiritualidade. Tenham paciência se não me conseguirem reconhecer nesta forma, mas fiquem certos de que as ideias são minhas; mas por meio da amável ajuda daqueles guias que a instruíram e treinaram para estes pronunciamentos, eu sou habilitado a narrar-lhes uma história do maior triunfo da minha vida - o triunfo que obtive sobre a morte.

Alguns de vós estareis familiarizados com a história da experiência que tive no Espiritualismo, e talvez com um pouco da história da minha vida. Não reconheço senão uns quantos rostos aqui, que tenha conhecido antes. Há alguns, e um deles, venerável na causa do Espiritualismo que eu reconheço; saúdo-o, pois. O meu corpo terreno foi posto de parte; porém, o meu espírito, com renovada atividade, e com todas as

faculdades plenas e completas como quando me encontrei no vosso seio, encontra-se aqui esta noite.

Sinto-me repleto unicamente do fogo e fervor da minha recém-descoberta existência. Posso dizer que passei a mudança chamada morte sem uma só dor de sofrimento. O meu corpo, é verdade, encontrava-se debilitado. É verdade que tinha vindo a sofrer há uns anos da debilidade e de falta de forças; mas é igualmente verdade que, por meio de uma série de instruções e por meio de uma interligação constante com amigos familiares que se encontravam na vida do espírito, eu cheguei a saber que a morte não devia ser temida.

Nesse instante final da minha vida e durante as poucas semanas que precederam a partida da minha existência terrena, eu estive sempre consciente da presença de auxílio da parte de um espírito amável - daquela que tinha sido minha companheira do princípio da minha vida - aquela cuja morte me levara a ansiar por saber para que região do espírito o que parte pode ir, e a única que, durante todos os anos em que busquei o conhecimento, foi a minha guia constante e auxiliar. Ela acolheu-me; acalmou-me os últimos momentos e mostrou-me o caminho para a existência espiritual. Por meio da sua bondosa ajuda ou bani todo pensamento de medo da morte e saudei com exultação a hora que nos haveria de reunir no espírito

Disse que passei dessa vida sem uma dor; não tinha nem sequer consciência do sofrimento; mas o meu corpo afundou num doce repouso sobre o qual o meu espírito, já libertado, permaneceu e contemplou como vós haveríeis de ficar a olhar uma veste gasta. Não tinha consciência de perda alguma de um instante sequer, de tempo; a minha mente não sofreu qualquer torpor. Não tive consciência nem sequer do mais breve intervalo da perda de controlo de todas as faculdades. Eu sabia que estava para falecer.

Também tive consciência a todo instante de que o meu espírito perdia o controlo do corpo físico. Reentrei nessa morada por intervalos para olhar ao redor, coo vós fazeis numa habitação que estais para abandonar, para ver como os meus entes amados que se encontravam junto a mim estavam a aguentar - a ver se teriam medo da nova vida na qual eu estava para entrar - a ver se o suportariam tão bem quanto deviam depois de longos anos de instrução que tivéramos juntos.

Houve oração e força de espírito, e uma adorável gentileza; também houve, é verdade, uma relutância persistente emboscada por abrir mão da forma física do espírito prestes a partir - aquela saudade sincera por se agarrar à forma vital do querido e amado amigo. Eu admoestei os meus filhos para não prantearem; preveni-os da mudança que sabemos terá que chegar; e adverti-os, em nome do fulgor da verdade que nos tinha sido revelada, que devemos saber que a morte tinha perdido o seu terror.

Afirmo que não só não conheci intervalo algum de sono ou de perda de consciência como pulei para a minha recém-descoberta existência como haveríamos de saltar das amarras que nos tivessem aprisionado durante anos. Tinha-me sentido agrilhoado e algemado nos últimos anos da minha vida pelo sofrimento físico. Sentira-me um tanto amarrado e preso pelas correntes da carne que se tornaram demais para serem suportadas. Pulei encantado como alguém saltaria para um par dourado, como alguém haveria de se lançar na atmosfera após ter estado emparedado numa prisão.

Senti a minha jovialidade, força, vigor - tudo quanto tinha sido meu retornava. Senti-me individualmente mais do que isso: que a despeito de todas as experiência que tivera na vida espiritual, não obstante as visões, a comunhão e as visitas que tinham acontecido entre mim e os espíritos dos que tinham partido, que eu nunca chegara verdadeiramente a conhecer a natureza da minha existência espiritual até que o elo final que me unia à terra fosse rompido. Mas para meu total espanto contemplei a forma completamente renovada como a forma da juventude e do vigor.

Vi os amigos - todos os amigos que tinha conhecido e com quem me acostumara a conversar como amigos - cada um deles viçoso, cada um deles mais sábio com a experiência cumulada da vida espiritual. Pela primeira vez senti o poder consciente da expressão espiritual - não como uma voz nem um som, uma palavra, mas como comunhão da alma. Todo pensamento se tornava palpável e toda expressão tornada clara àqueles que se encontravam ao meu redor. Discursamos sobre o corpo que eu tinha posto de lado, como vós discursais sobre qualquer coisa externa. Era agora apontado e referido como um espírito na total posse das faculdades espirituais, ao passo que antes tinha estado um tanto cego pela consciência persistente dos sentidos que tinham sido deixados ficar a traz de mim no meu corpo físico.

O primeiro pensamento que me acudiu foi: "Poderei falar à minha filha?" Não podia; quer dizer, não podia fazer som nenhum audível, mas podia incutir de forma palpável e percetível nas mentes deles e a minha filha mais nova teve consciência da minha presença, muito embora estivesse consciente de que o corpo tinha perecido e compreendido que a centelha de vida se tinha desvanecido.

O sentido espiritual que me chegou, ou consciência espiritual, foi a de movimento. Nas visões que tinha tido, alguns de vocês lembrar-se-ão, vi-me a mim próprio transportado de um lugar na vida espiritual para outro, pelo que me parecera ser cavalos, ou o modo habitual de locomoção. Agora senti o novo poder encontrado, ou sentido espiritual de locomoção. A minha companheira disse-me: "Vamos agora visitar o nosso lar espiritual." Eu procurei ao redor alguma forma de transporte quando, para meu assombro, assim que o desejo se apoderou da minha mente, dei por mim a cavalgar, primeiro devagar, porém, à medida que a minha vontade aumentava, com maior rapidez, e por fim com tal rapidez que, se tivesse havido qualquer objeto a interferir eu não os teria visto.

O voo pareceu-me instantâneo; parecemos cruzar um vasto intervalo de espaço. Por vezes penso se os mundos não estarão a passar por nós; por vezes pensava que consigo ouvir o som distinto dos planetas nas suas esferas; outras vezes julgava escutar o som de mésica afastada. Mas agora encontrávamo-nos num vestíbulo onde uma atmosfera iluminada de luz e sombra misturadas parecia prevalecer.

Esse vestíbulo, foi-me dito, marcava a entrada entre a atmosfera espiritual e a material, e eu estava agora prestes a entrar na terra real do espírito. Eu tinha aí estado antes, nas visões que tivera; mas percebi que que enquanto antes tinha visto espiritualmente com a ajuda de outros, agora via com as minhas próprias faculdades; e as lentes diferiam bastante das lentes que tinha tomado emprestadas das visitas anteriores. Agora descobria novas belezas a cada passo ou em cada ponto que alcançávamos.

Descobri que a minha visão espiritual se encontrava não só acelerada para os objetos ao redor como na verdade via a alma desses mesmos objetos; que cada forma, apesar de aparentemente tangível como aquelas paredes, eram na realidade transparentes; e que uma corrente vital inundava cada objeto que eu contemplava.

A seguir indaguei com respeito à natureza das estruturas Essa forma de vestíbulo em que eu entrara era mais uma passagem massiva ou templo do que qualquer outra coisa que eu consiga retratar. Combinava formas de graciosidade com vários tons e graus de cor, tão distintamente misturadas e tão harmoniosamente em acordo que eu só conseguia acreditar ser uma forma vital. A minha companheira ao perceber o meu desejo disse: “É bem verdade que esta substância difere de qualquer coisa que conheçam na terra; porque enquanto parece ser feita de pedaços de mármore e de pedras preciosas, não é outra coisa que o pensamento vitalizado, a atmosfera viva do reino em que tu entraste; e cada alma que aqui passa deixa algo ou contribui com algo para a beleza desta entrada.” Pude então perceber ao meu redor uma atmosfera de um alvor imaculado como neve e azulada, com um halo de um santo.

Essa atmosfera azulada adquiriu forma e contornos ao meu redor, e instantaneamente surgiu uma arcada por meio da qual eu passei. Olhei para trás e essa arcada foi deixada para sinalizar que uma outra alma tinha entrado nesta terra. Entretanto, todos esses arcos, e as formas que os adornavam, e todas as imagens tratadas pareciam adquirir voz, e uma harmonia distinta de acolhimento saudou o meu espírito. Não se assemelhava a nenhuma música que tivesse alguma vez escutado; assemelhava-se ao som de um acorde; parecia-se mais com a harmonia misturada do pensamento perfeito, que se pode escutar no espírito, mas não podemos nunca ouvir com o sentido terreno.

Avançamos, eu e a minha companheira somente; porquanto todos os outros espíritos que eu tinha visto se encontravam agora invisíveis. Passamos em frente. Entretanto abriu-se diante da minha visão uma terra vasta e maravilhosa. De cada lado majestosas correntes de montanha corriam por entre os vales e belas cascatas dançavam pelas vertentes da montanha. Lembro-me disso como a entrada para a nossa morada do espírito. Passamos velozmente e em silêncio, e sem quaisquer meios externos de locomoção diretos entre duas cadeias de montanha até entrarmos numa planície aberta. Aí se encontrava o ponto selecionado da nossa morada espiritual. Ao entrarmos pela passagem estreita, não mais larga que a entrada de um simples cômodo, notei muitos dispositivos peculiares, e figuras turvas a perscrutar do que pareciam rochas sólidas.

Reparei que esses dispositivos possuíam formas e rostos similares e que se apreciam com palavras e pensamentos e coisas eu são palpáveis

para a mente. Podia ver cada um dos pensamentos e cada um dos feitos que fizera na minha vida. Alguns eram sombrios; contudo, outros achavam-se repletos de formas mais agradáveis; outros eram o que eu de bom grado tinha esquecido - características de aspereza e discórdia; outras em sintonia com desprezo e raiva; mas eu percebi à medida que avançava que prevaleciam mais rostos e figuras amáveis, e que à medida que realmente entrava no espaço aberto, após me ter tornado num espírito vivo, não via mais formas senão as do amor e da simpatia, e outros sons senão de deleite.

Aqui pareci estar mergulhado numa corrente de que cada gota de cada glóbulo era tão palpável e distinto quanto as pérolas separadas no colar de uma senhora. Cada um desses glóbulos parecia conter algum pensamento carinhoso ou alguma essência palpável; mas à medida que eu mergulhava nessa corrente a minha forma foi picada por cada gota individual embora cada uma delas me retirasse alguma possível mancha de matéria. Quanto mais me demorava na corrente, mais fácil se tornava sustentá-la. Primeiro parecia queimar e morder como fogo, mas depois foi ficando cada vez mais delicioso até eu perceber que cada glóbulo me falava e representava alguma verdade da minha mente. Por fim, quando eu sai do outro lado, fui recebido com um sorriso da parte da minha companheira, que me disse: “Isso retira de ti as últimas manchas do teu corpo terreno, mas não os últimos efeitos de todas as tuas faltas terrenas.”

Eu conseguia perceber ter consciência de alguma diferença existente entre ela e eu; que eu não tinha entrado total e inteiramente no seu estado, mas desde que me banhara nesse belo rio podia perceber ter adquirido mais conhecimento e mais sabedoria, e que as minhas imperfeições gradualmente me deixavam. A seguir ela conduziu-me a um magnífico pavilhão que de cada lado se achava adornado de flores que não tinham nome na terra.

Não são formas nem feitios como as que estais acostumados a ver, mas os seus aromas compõem música no ouvido, e a sua própria forma e cores representam um pensamento qualquer, ou oração, ou aspiração. Ela conduziu-me ainda mais perto da entrada da morada. Eu podia distinguir a forma e os contornos e podia retratar-lhes as suas paredes e entrada; mas não os deterei com isso para além de lhes dizer que em todas as imagens que vi da sua formação, podia divisar os atributos daquela com quem me encontrava.

Podia ver que tinha sido adornado com os pensamentos habituais que tinham sido dela aqui e na vida espiritual. Toda oração e ato e aspiração à bondade, toda caridade amável, tinham tomado forma nesta morada. Podia igualmente ver os meus próprios pensamentos entrelaçados nela; os pensamentos de bondade, de oração e de aspiração que eu tinha formado, e os atos de que me tinha esquecido havia tempo ali encadeados à minha frente, não o formato de pilares nem de estátuas e coisas assim, mas vivo e belos.

Podia até mesmo ver os pensamentos e as orações e aspirações da minha vida todos ali todos ordenados em linha diante de mim, mas não as minhas imperfeições, e disse logo: "Como poderá ser isto? que na nossa morada eu contemple os pensamentos do bem mas não as minhas imperfeições?" Num instante me chegou o pensamento dela em reposta: "Não pode existir imperfeição na morada dos nossos espíritos. Tu viste-as ao longo do teu caminho; mas só aquilo que é perfeito pode assomar uma forma derradeira na morada viva do espírito perfeito."

Então vi o quão imperfeito eu era; e a cena da minha indignidade subjugou-me de tal modo que eu me teria afastado dessas regiões encantadoras. Mas ela pediu-me para não vacilar nem recear já que todo pensamento e mácula de materialidade pelos meus próprios esforços haveriam de ser superados. - "Ainda não," disse ela "estás plenamente preparado para aqui morares constantemente; mas este é o teu lar, e pelo esforço e pela oração, pelo conhecimento diário e de hora a hora descobrirás que por fim serás capaz de permaneceres aqui nesta morada do espírito livre e contente e consciente."

Então, pela primeira vez senti-me cansado. O esplendor da nova morada, o encanto do espírito, a consciência de me encontrar livre do sofrimento, tudo isso me subjugou e eu não fui logo capaz de compreender que era realmente um espírito e que não deveria mais voltar ao meu corpo. Ela conduziu-me a uma alcova separada do resto da habitação por meio do que pareceu ser uma treliça de vinhas e de flores. Eu segui-a rumo a isso e aí repousei não sei quanto tempo; mas quando despertei pareceu-me que as minhas faculdades espirituais se tinham renovado e que a primeira glória agradável do espírito que me tinha subjugado me deixara mais forte, e eu disse-lhe a ela que se encontrava sempre a meu lado: "Agora estou pronto; mostra-me mais desta bela vida."

Instantaneamente, não logo lentamente, e com aparente relutância, mas instantaneamente o nosso caminho abriu-se e eu vi diante de mim, à distância, é verdade, mas ainda assim clara e distintamente diante de mim, uma multidão de espíritos. A aproximar-se vinham aqueles com quem tinha tido maior intimidade e familiaridade na terra. Um dos primeiros espíritos que me saudou dessa assembleia, que se adiantou como que com pressa e rapidez para dar a entender a sua aproximação, era o meu amigo Horace Greeley, o último editor do *New Iorque Tribune*, e por vezes um investigador do Espiritualismo, porém nunca um Espiritualista manifesto.

Ele disse: "Apressei-me a cumprimentá-lo e a desfazer uma injustiça que tem anos." Eu disse: "Porquê?" "Por," disse-me ele, "eu ter subestimado o testemunho que me deu sobre a questão desta nova vida, que descubro ser mais do que concreta. Encontro-me agora em paz depois de ter feito esta confissão." Eu sempre lhe dissera que ele pouco sabia da realidade da vida espiritual, e quando nos reunimos em círculos a investigar juntos, ele votara a sua atenção pata a busca de reformas políticas, enquanto eu o fazia em função do conhecimento espiritual. Fiquei encantado com aquela confissão; pareceu acalmar-me e fortalecer-me.

A seguir encontrei o Professor Mapes, o meu velho e estimado amigo e assistente na investigação espiritual. "Ah!" disse-me ele, "não fazia ideia dos poderes do espírito uma vez separado da matéria quando na terra; mas vejo agora que todas as suas visões eram mais do que verídicas." Aí não preciso enumerar-lhes todos quantos me vieram ao encontro, uns atrás dos outros neste mundo resplandecente saudar-me e dar-me as boas-vindas. Foi como se eles estivessem reunidos em concurso para cumprimentarem o espírito acolhido; mas não tinha sido com esse propósito que se tinham reunido.

Encontravam-se reunidos ali por terem o hábito de discursarem e inquirirem sobre temas concernentes à existência espiritual. Pareciam organizados em grupos; cada grupo detentor de uma mente central. No centro de um vi Franklin, que parecia apontar para os ouvintes dele, ou àqueles que o assistiam, algum experimento elemental que ele desejava que eles seguissem, com respeito às presentes manifestações na terra. Ele possui uma mente líder em todas as questões de ciência. A ciência das manifestações elétricas tem sido, desde que entrou na vida

espiritual, o tema especial das suas investigações - esse e outras forças aliadas.

Mas posso-lhes dizer que as suas descobertas são conhecidas como manifestações físicas, isso forma o seu estudo e a busca que empreende dos seus temas favoritos, que ele, com a ajuda daqueles que se encontram na mesma esfera, está a resolver o problema das vibrações físicas, dos movimentos físicos, dos ruídos físicos, das aparições físicas através de médiuns na terra; que ele é o centro desse grupo especial de espíritos que recebem dele instruções, que eles por sua vez transmitem a outros espíritos; e esses outros espíritos encontram-se dispersas presentemente por toda a terra, a fazer demonstrações e a revelar aos mortais a verdade do poder que o espírito tem sobre a matéria.

Não é necessário, nem tampouco disponho eu de tempo, para me estender acerca dos aspetos e lugares particulares nessas manifestações que os relacionam e ligam à sua mente particular. Mas todos vós havereis de reconhecer esse fato, que as manifestações físicas ocorrem por ondas; que têm início num determinado ponto, e que então passam sobre a terra quais ondas do mar, até que por fim as nações mais distanciadas da terra recebam algo desses poderes. A presente onda que está a atravessar a Inglaterra - aquela de forma e aparição visível - ocorreu na América, onde as primeiras aparições ocorreram.

Ela chegou aqui; e atingirá as nações distanciadas; e por fim, será seguida por uma outra onda que ainda não teve início. Assim, isso torna-se não só um sistema de ética, mas um grande esquema de descobertas científicas; o que significa que no mundo espiritual estão muito mais determinados, lamento dizer, do que a maioria das mentes científicas que se encontram na terra, na busca e descoberta desses novos poderes.

Eu vi um outro centro e um outro instrutor, cujo vigor e tempo pareciam ser devotados à forma das manifestações mentais e manifestações de inspiração. Também ele era instruído, e mostrava ciência e poder; refiro-me a Mesmer, cuja descoberta dos princípios do Mesmerismo constituiu uma época na história da ciência. Também ele agora está a contribuir para a ciência do controlo do espírito. Também ele possui os seus pupilos e assistentes; eles movem-se por sobre a terra em harmonia uns com os outros, a inspirar médiuns, a contribuir para o seu desenvolvimento, e a assistir a grupos de espíritos que se amontoam ao

seu redor, num esforço por poderem enviar uma mensagem aos seus amigos.

Vi reunidos ao redor deles por toda a parte, cada qual atraído para o centro, essas multidões de espíritos que, á semelhança de crianças, estudavam o alfabeto dessa descoberta recente, porque poderão visitar as vossas lareiras e, seja por pancadas, seja pela inspiração ou por algum outro método desconhecido de vós, revelar-lhes a sua presença; os vossos amigos, os amigos de milhares e de centenas de milhares na terra, que se voluntariaram para se reunir a essas sociedades de instrução na vida espiritual, como vós vos juntais às aulas de instrução de telegrafia, ou de qualquer outro sistema de comunicação por meio da qual possais chegar aos vossos amigos; reunidos à espera pelo próprio poder que move agora a terra, e revelar a presença de espíritos entre os mortais.

Um outro grupo mais elevado discutia intensamente a história das nações, e entre as suas mentes pude distintamente descortinar os rostos e formas dos estadistas que tinham partido; um grupo especial tinham o seu centro em Washington; outros em Napoleão e em César, que tendo superado a sua sede de sangue, estão agora ansiosos apenas pelo bem-estar e prosperidade das nações. Eu posso vê-los, com os seus rostos resplandecentes, a instruir vastas multidões de espíritos, que, por seu turno, estão dispostos a passar para os corpos legislativos das nações, tal como o grande impulso de liberdade mobilizou o Congresso dos Estados Unidos. Aí posso ver o saudoso Lincoln, cujo espírito ressuscitou por causa do amor que tinha pela liberdade; mas por entre a esplendorosa e radiante multidão se via ainda grandes medidas de melhoramento humano. Vejo lá o falecido e saudoso Charles Sumner, que ascendeu para o seu nova herança, e aí, como aqui, debate a liberdade do escravo.

Vi muitos outros nomes que não posso agora revelar-lhes, mas cujos rostos me foram familiares, e cuja consciência e pensamento só pude perceber encontrar-se muito além das minhas faculdades recentemente descobertas. Mas é-me dito que à medida que me for familiarizando mais com estas cenas, e que à medida que efetivamente me for tornando conhecido por entre aqueles que se sentam aos pés da sabedoria corporificada das eras, que também eu deverei prosseguir com um trabalho para que fui mais do que fraco para conseguir mais do que um começo enquanto aqui estive - fraco por causa da débil organização e

das faculdades limitadas do senso humano, porém, sincero como todos vós sabeis. Sinto que o meu trabalho está agora justamente a começar; sinto que este é com efeito o meu trabalho, e que todos os meus esforços e ideias de reunir conhecimento será para transmitir esse conhecimento àqueles que se encontram escravos das trevas.

Afirmo que com todo o concurso esplendoroso de espíritos que tenho diante de mim, só podia sentir o quão maravilhoso e perfeito e divino é aquele grande dom da inteligência que é dado a toda a alma que sobrevive e resiste à corrosiva influência do tempo, e toma o seu lugar na sua própria esfera do espírito quando o tempo e a carne entrarem em decadência. "Ah, se os olhos dos mortais que eu acabei de deixar - se pudessem ver como eu vejo, se pudessem conhecer o que eu agora conheço! Que grandiosas bênçãos não poderiam recair sobre a humanidade, muito maiores do que este perpétuo medo da morte - este terror que se gera qual pesadelo sobre as eras - será afastado, e encontrar-se-ão face a face com a vida e a imortalidade."

Mas nem tudo é um mar de rosas, aqui. Uma vez mais, eu senti as minhas imperfeições, mas na presença dessa ideia senti-me conturbado e enfraquecido em espírito; com todo o acolhimento de que fui alvo, não pude deixar de sentir: "Quão pequeno ainda sou!" Em meio àquele conhecimento e àquela sabedoria acumulada das eras quão envergonhado não me senti como uma criança, e senti a minha própria nudez do espírito. Mas aí vieram ao meu encontro, de algum lugar que eu não tinha antes descoberto, formas que se ajoelharam diante de mim, cada qual a depositar uma flor a meus pés e a dizer: "Foi o primeiro a falar-me da vida espiritual; foi o primeiro de quem recebi conhecimento na terra sobre a existência espiritual."

Com as suas flores também veio incenso, cânticos de louvor e orações; e eu senti-me fortalecido, e o meu espírito pareceu absorver em si essas oferendas, até a minha forma se tornar mais forte, e eu me sentir encantado por os ter ajudado. Senti-me coberto pelas suas oferendas de amor; e eles disseram-me: "Você fez isto por nós; revelou-nos, antes de passarmos da terra o nosso estado de existência futuro, e agora trazemos-lhe estas oferendas." Aí eu pareci crescer em estatura; as minhas vestes assemelharam-se mais às vestes daqueles que eu tinha contemplado; e com cada nova oferenda senti um sentimento novo de vigor e de gratidão; por fim saí a flutuar e fui ocupar o meu lugar em meio a rostos familiares, que me disseram: "Agora tornaste-te um de nós."

Desde que aqui tenho estado - e tem parecido eras, embora pelo calendário terreno não tenha passado mais que um mês - tenho em certos momentos tomado o meu banho do costume no rio que corre ao lado da nossa morada; e com cada novo banho sinto que algum impulso espiritual e poder me são revelados - sinto que alguma fraqueza e alguma matéria fenecem em mim; de modo que agora permaneço só, livre, confio eu, daquelas manchas que aderem ao espírito embora se debata há anos; as manchas do pensamento habitual e dos sentimentos sem defesa. Contudo, ainda sinto que longos anos deverão transcorrer antes que eu conquiste as alturas de muitas das almas que eu vejo. Sinto que longos esforços de conquista pessoal precisam ser meus antes que alcance a resplandecente herança de alguns cujos espíritos são quase demasiado deslumbrantes de entrar em contato.

E por vezes, com a minha adorável companheira a meu lado, sentamo-nos ambos num silêncio sossegado na nossa morada espiritual e comungamos com almas sublimes, com uma cuja verdade viva e perfeito amor a humanidade está familiarizada. Pouco a seguem nas peugadas que deixou, pouco a mão de apoio eleva e sustenta. Muito além desta multidão de espíritos reunidos, de conselheiros grandiosos, sábios e bons, consigo vislumbrar uma luz esplendorosa, uma glória mais radiante do que qualquer coisa que a terra possa retratar ou as palavras descrever, e um amor, uma amabilidade insuperável e uma forma radiante, cujas palavras agora lhes dou: "Um novo mandamento lhes dou, que vos ameis uns aos outros." Esta palavra ressoa até às hostes angélicas, dos espíritos e dos mortais até lhes chegar ao coração e erradicar o medo e o ódio e a malícia e todas as lutas e os tornar um a partir deste instante com o espírito de Deus.

JUIZ EDMONDS

O GOVERNO SOCIAL (ALMAS GRUPO) **E POLÍTICO** (AFINIDADE) **DA VIDA ESPIRITUAL**

28 de Agosto de 1874

Senhor Presidente, irmãos e irmãs da Sociedade Psicológica, e amigos - Passam já alguns quatro meses desde que o espírito que aqui se lhes dirige deixou a vida terrena. Desde essa altura fiz, em Londres, e através desta médium, uma descrição da minha entrada na vida espiritual, e prometi continuar em data futura a narrativa das minhas experiências. Isso foi-me pedido esta noite pelos guias da médium, com o propósito de divulgar informação sobre o seguinte assunto: “A Governança Política e Social da Vida Espiritual.”

Aqueles de vós que se acham familiarizados com a história do Espiritualismo, lembrar-se-ão, sem dúvida, de mim como o John Worth Edmonds de Nova Iorque. Os que não têm tal familiaridade poderão não saber que por um período de vinte anos antes de eu deixar a terra, eu estivera em constante comunhão com espíritos através do meu próprio cérebro assim como através do organismo e mediunidade de todos quantos tiveram proeminência neste movimento na América.

Eu jamais defendi o Espiritualismo na Inglaterra, exceto talvez através dos meus trabalhos, mas aqueles de vós que os conhecem, estão cientes de que, por todo o mundo, até onde o testemunho vai, até onde a minha experiência individual se estende, retomarei aqui o fio à meada na narrativa onde a deixara.

Disse numa preleção anterior respeitante à minha experiência, as sensações que tive ao passar da terra, a consciência plena que tive durante esse período, a receção que encontrei na vida do espírito da parte da minha adorada companheira, a quem certa vez achara morta, mas que por muitos anos foi ainda a minha companheira, após ter tomado consciência do Espiritualismo, e sobre o sucedido das sensações tidas após a plena adoção da vida do espírito, e da adaptação da vida aos meus modos de pensar.

Contudo, apenas dei início à récita concernente à adaptação do meu pensar, à minha nova existência, porque, não obstante teoricamente familiarizado com a vida espiritual e com os testemunhos dos espíritos

com respeito a ela, e conquanto em visões eu tivesse constantemente visto, conversado com e visitado os espíritos nos seus lares, não tive uma perceção cabal da natureza do espírito e dos seus métodos de comunicação com os espíritos na vida espiritual, por ainda abrigar algumas das minhas condições terrenas até nesses períodos de visão.

Mas quando me separei por completo do meu corpo, descobri para meu assombro que as coisas e as vistas que tinham parecido mais tangíveis e reais na terra eram bastante sombrias e vagas, e que as substâncias mais sólidas e terrenas, quando vistas do ponto da perspetiva do espírito, se tornavam como vapor e esponjosas, e que dentro de todo objeto substancial terreno e a circundá-lo também se via uma condição primário do espírito; que toda flor, árvore, arbusto, rocha - todas as coisas a que me acostumara a considerar sólidas na terra, se desvanecia e em vez disso eu via o espírito da flor, o arbusto, a árvore, e a rocha como o elemento essencial e unicamente vital na sua existência.

Descobri igualmente que o ar que tinha tido a aparência de espaço, se achava muito mais repleto de vida e de partículas de uma existência espiritual do que substâncias sólidas da terra; e descobri que os espíritos que habitavam os primeiros estágios da vida espiritual me pareciam muito mais tangíveis do que as multidões das vias públicas da cidade de Nova Iorque ou do que a densa multidão das ruas de qualquer grande metrópole.

Para minha completo espanto eu descobri esse espaço repleto de vida, e que essa vida não era somente atómica mas organizada, e que essa organização, em vez de se afeiçoar sombria e vaga, era perfeitamente tangível aos meus sentidos espirituais. Após ter sido admitido na minha esfera de vida espiritual, que poderei aqui explicar não é apenas um local, mas uma condição, e depois de ter passado pelo preparo que a minha amável companheira tinha preparado para mim, para eu poder ser completamente libertado da influência da doença física e das reclamações corporais, eu descobri que todo pensamento e sentimento, emoção, ânsia, desejo e aspiração de toda a minha vida se tinha moldado numa forma, e que ela se tinha tornado na morada do meu espírito - que essas formas eram variadas segundo a natureza do pensamento; que em certos casos assumia a forma de estrelas, de flores, de pássaros ou de outras formas simbólicas; que noutros casos elas se mostram vagas e sombrias, representando nuvens, e isso, compreendi eu, são os meus desejos que não eram suficientemente

sublimes para se moldarem na forma espiritual; mas nas partes mais recônditas da morada em que eu fui admitido, e onde a minha adorada companheira me tinha aguardado, eu descobri que essas formas sombrias e contornos não penetravam, e que somente as ideias cabais e perfeitas tinham aí entrado.

Esses pensamentos cabais e perfeitos adotaram a forma e os contornos de proporções geométricas absolutas. Algumas eram semelhantes a estrelas, e eram moldadas como triângulos, outras eram de natureza esferoide e globular e que todas eram trabalhadas com o mais fino mosaico, a formar um templo completo, só que todo transparente, e de tal qualidade e substância que joia alguma se podia igualar a elas no brilho; e que sempre que eu me virava a procurar uma explicação dava com a explicação já a entrar na minha consciência como se a voz e todos os outros métodos externos não mais fossem requeridos.

O que achei bastante singular foi que sempre que a minha companheira estava para me falar, em vez de o que era dito adotasse a forma audível, como é habitual na terra, entrava na minha consciência no seu real estado espiritual, e eu não ouvia qualquer som, e o pensamento não transmitido por palavra nenhuma, mas era como se eu lhe tivesse percebido o sentido. Depois descobri que não sentia, ouvia, nem via de acordo com a interpretação usual da visão, da audição e do sentir, e concluí em consequência que não precisava de alimento de acordo com o significado usual do termo.

Mas também tinha consciência de possuir uma organização física distinta, que a cada nova hora na minha nova existência se tornava cada vez mais transparente e luminosa, e que cada pensamento que me chegava do meu amado guia se tornava um novo poder de alvor na minha estrutura, até descobrir que todo o meu corpo era composto dos pensamentos, emoções, sensações, desejos e ânsias com que a minha mente se tinha envolto nos seus melhores e mais elevados momentos, e que até ao último dia da minha vida terrena eu tinha contribuído para a minha estrutura espiritual com as minhas orações e aspirações, e as ideias que os meus guias espirituais me devam.

Oprimido com uma consciência de humildade, como só a alma pode conhecer quando vai à presença de seres espirituais, senti igualmente um súbito apoio decorrente dos pensamentos, sentimentos e emoções daqueles espíritos que tinham ganho forças por meu intermédio; e sempre que evitava entrar nesse estado espiritual por o considerar

demasiado sagrado, descobria essas obras e palavras de amabilidade, tais como tinham sido, a voltar a mim de novo, como flores que me eram lançadas no caminho para me dar coragem no meu estado espiritual.

Por fim do meu preparo eu emergi nos concelhos dos espíritos, cujos nomes me tinham sido familiares na terra, e alguns dos quais tinham sido meus guias espirituais. Descobri comitivas de seres reunidos no que me pareceu uma vasta planície, ou mais propriamente a falar num templo aberto, pois conquanto tivesse pilares e arcos e todas as formas que pertencem a um edifício magnificamente construído, apresentava uma transparência que não concordava com nenhuma das ideias de um edifício. Parecia-me ser uma estrutura em que as paredes se achavam definidas como imagens, e se estendiam tão longe quanto o olho podia alcançar. Descendo de uma pequena elevação um espírito veio até mim, e eu reconheci-o como um dos meus espíritos guias, o qual durante longos anos me tinha instruído. Refiro-me a Lorde Bacon, o qual enquanto espírito tinha comunicado de forma distinta comigo durante vinte anos, e que agora me conduzia a uma pequena elevação onde se achava reunido um grupo de pessoas.

Em vez do usual traje de vestuário terreno, ou quaisquer evidências de título, eu descobri que cada um deles se encontrava vestido, como eu próprio estava, com uma substância espiritual transparente que adotou a forma de nuvem ou vapor, que se arranjava em pregas. Sempre que me chegava um pensamento da parte deles, essa nuvem tornava-se cada vez mais luminosa; e se o pensamento que desejassem transmitir fosse percebido por mim, a nuvem em si mesma parecia composta de uma luz absoluta. Os tons variavam, porquanto parecia haver cor assim como substância nas suas vestes, e cada tom parecia corresponder a um princípio dominante da mente.

Quando Lorde Bacon me falou consigo descobrir uma luz pura azul a emanar das suas vestes; e quando busquei o sentido disso, descobri que significava justiça e verdade combinadas; e quando outras pessoas me falaram de quem eu tinha conhecido de certo modo na terra, eu descobri que o matiz do seu traje correspondia em grau aos traços principais do seu carácter, e que o mais puro e alvo de entre eles eram aqueles distinguidos na terra pelos motivos mais exaltados e a mais pura humanidade. Vi uma luz a brilhar um pouco distante de nós entre um grupo de outros, vestidos de branco, e disse: "De quem se trata?" e em quanto eu falava, veio a resposta: "O amigo da humanidade -

Wilberforce." Ao redor dele vi um grupo de amigos da humanidade, cada qual determinado junto com ele em idealizar alguma grandiosa e beneficente medida para o melhoramento da condição da humanidade.

Em breve descobri que aqui não havia necessidade de jurisprudência e que enquanto até ao último instante da minha vida eu estivera absorto em rever e corrigir o que eu considerava erros perigosos na nossa jurisprudência legal, e enquanto o meu pensamento mais recente estivera ocupado com a revisão dos estatutos da minha própria nação na terra, descobri que aqui não havia necessidade de leis estatutárias.

Ao perguntar - mas em sequer precisava perguntar porquê - pude descobrir que as leis da mente são em si mesmas estatutárias - que são feitas conformemente para um propósito infinito, e que são tão invioláveis e tão constantes quanto as leis que governam o universo físico. "Não requer estatuto," disse-me o meu guia, "Levar os átomos a atrair um o outro na proporção da sua afinidade molecular. Não se requer qualquer estatuto estabelecer a lei pela qual o sol controla e governa os planetas que se encontram no âmbito do seu sistema pelo processo natural da lei inevitável."

Eu descobri, pois, que entre uma e outra mente existia uma lei tão subtil e tão inviolável quanto aquilo que existe entre os átomos e os mundos, e que essas leis são tão conclusivas que nenhuma alma pode ser atraída ou associar-se a nenhuma outra alma a menos que a substância daquilo de que é composta seja similar; Pelo que não pode existir necessidade alguma de leis externas arbitrárias; por todas as almas serem atraídas não só para a esfera mais adequada à sua condição, como para a classe de mentes às quais elas naturalmente assimilam, e para os companheiros particulares por quem sentem maior atração. Daí que aqueles que vivem na terra e que, à semelhança de mim e da minha adorada companheira tiver sido separado pela morte, não necessita ter medo de uma separação final, já que entre vós e os amigos que amais aí existe uma atração espiritual, e isso responde pela lei na vida espiritual.

Aqueles filhos que se acham separados dos seus pais pela lei da morte não precisam temer a separação final, nem os pais que permanecem na terra precisam lamentar a perda dos seus filhos, já que, se o amor que os une for autêntico, não poderá existir mais separação do que poderia existir entre dois átomos que são atraídos um para o outro pela lei inevitável a que aludi. Descobri igualmente que essas associações de espíritos que são atraídos um para o outro por objetos e propósitos

mútuos, tal como o grande projeto da filantropia, grandes sistemas legislativos de governo humano, grandes planos de descoberta científica, se acham cada um organizados no que poderei designar por famílias, sendo a família em si mesma primeiro o centro essencial da alma no seu amor - ou seja, marido e mulher, pai e filho - os espíritos afins que compõem uma grupo familiar exclusivo.

Mas nós temos famílias mais vastas, e essa é a sociedade da vida do espírito. Descobri que a sociedade consiste não numa massa de pessoas forçadas contra a vontade por circunstâncias e condições externas, e que tampouco consiste nos métodos artificiais que constituem a sociedade terrena, sendo edificada primeiro pela família, e de pois pela riqueza e por fim pela posição social ou inteligência, ou como no caso da Inglaterra e de outros países Europeus, consiste primeiro na monarquia, a seguir na aristocracia, e por fim pelas categorias de pessoas que as circunstâncias e o uso tiverem forçado a associar-se. Encontrei somente associações ou famílias de almas afins.

Encontrei somente sociedades de espírito similar atraídas umas para as outras por propósitos mútuos de bem, e cada qual obtendo vigor da associação umas com as outras. Descobri que esses grupos de organizavam a si mesmos de acordo com aquelas leis da atração em maior ou menor número, e que todas as mentes ao longo da história terrena que estiveram empenhadas em seguir a mesma linha de pensamento inevitavelmente se encontram na vida do espírito. Platão anda de mãos dadas com Confúcio. Esses por sua vez andam de mãos dadas com grandes filósofos da atualidade, e todos convergem para o mesmo plano na vida espiritual.

Aqueles que são considerados estranhos, e que por uma similitude de busca e de objetivos exaltados alcançaram a mesma ideia, na vida do espírito tornam-se membros da mesma sociedade, e reconhecem-se uns nos outros um espírito da mesma natureza, embora cada qual nunca tenha conhecido o nome do outro na terra. Os poetas têm a sua morada especial, e associam-se; os artistas também têm as suas; mas a questão principal e dominante que desejo realçar é que descobri uma lei terminante - uma lei inevitável - a de que nenhum espírito busca o conhecimento pelo mero prazer que o conhecimento confira, mas que tão prontamente quanto esse conhecimento seja obtido por um espírito, ele terá prazer em partilhar esse conhecimento a outros, de modo que aqueles que perseguem constantemente qualquer linha de estudo pelo

mero propósito egoísta de satisfazer uma paixão pelo estudo estão a excluir-se da sociedade dos espíritos beneficentes, ao passo que aqueles que perseguem o conhecimento com a intenção de o transmitirem a outros, obtêm desse modo uma energia adicional.

Descobri imediatamente após receber o conhecimento respeitante a essas sociedades de espíritos que sentia forte desejo de transmitir esse conhecimento àqueles a quem tinha deixado na terra, e mesmo depois de ter passado pelos primeiros estágios do crescimento espiritual não pude permanecer nesse mundo, e ao receber esse conhecimento, sem o expressar a alguma outra mente residente na terra, e desse modo chegar aos meus semelhantes.

Descubro igualmente a cada dia à medida que obtenho um novo conhecimento dos métodos daquela vida em que entrei, que tenho um mais forte e ardente desejo de transmitir esse conhecimento aos meus semelhantes, que posso assinalar-lhes quantos dos métodos de aprendizagem considerados importantes, não são válidos na vida do espírito, e que muitas das coisas negligenciadas na terra são da maior importância quando vocês vêm entrar na morada de espíritos.

A sabedoria escolar e os métodos educativos ligados a todos os tipos de dons humanos são válidos em si mesmos como um teste para a consecução da mais elevada felicidade humana; mas descubro que os legisladores e todas as pessoas envolvidas em desenvolver os métodos humanos têm muito pouco que fazer na vida do espírito, por causa da lei que referi anteriormente - a de que não pode haver conflito de jurisprudência desde que só existe uma lei na vida do espírito, a lei da adaptação espiritual, já que é tão perfeitamente impossível um espírito entrar num estado ou esfera para a qual ele ou ela não se tenha adaptado quanto é para um cavalo tornar-se homem, e é perfeitamente impossível uma alma sentir-se confortável ou desejar habitar uma esfera para a qual não se tenha adaptado como uma ave transformar-se numa serpente.

Mas à medida que o conhecimento aumenta, o desejo de avançar também aumenta, e então o espírito tem consciência de uma ânsia de entrar num grau superior ou seguinte do avanço espiritual; mas isso sobrevém de forma bastante impalpável, e por um processo tão gradual, que não se verifica a mudança violenta de um estado da vida do espírito para outro, como existe entre aquilo a que chamais morte da vossa vida

e a existência espiritual, mas envolve um gradual descartar de ideias de ontem e adoção de novas ideias de hoje.

Tudo isso enquanto o espírito não tem o objetivo de perseguir a sua própria felicidade. Descubro que se trata de uma grande apoquentação no mundo, e um grande erro, que a humanidade sempre deva ter a intenção de perseguir a felicidade. Na vida do espírito é a última coisa em que se pensa; aqueles que perseguem a felicidade são pessoas que se encontram no mais baixo estágio da vida espiritual, que não têm qualquer conhecimento, e que não transmitem o conhecimento aos demais, enquanto aqueles que são felizes são principalmente felizes por intermédio do conhecimento que recebem e transmitem aos outros.

Encontro grupos de espíritos filantropos constantemente empenhados em esforçar-se por transmitir às mentes terrenas os melhores métodos de melhoramento da condição da humanidade. Refiro-me àqueles ligados às questões sociais que externamente são tão difíceis de responder, e que para o espírito são tão facilmente resolvidas pelas suas leis e associações - a diferença existente entre a riqueza e a pobreza, entre a virtude e o crime; a diferença existente entre os estratos sociais elevados e baixos; todas essas formam problemas do mais perplexo, não só na ligação que têm com a própria lei, mas principalmente em ligação com a filantropia moral. A solução é simples e evidente, designadamente, as condições baixas existem por causa da falta de conhecimento existente no mundo. Rem ovam as barreiras que atualmente dividem as inferiores das altas classes da sociedade, conforme vós as designais, e descobrirão que elas consistem principalmente em conhecimento em diversos estágios e graus.

Descubro igualmente os complexos problemas que ligam os governos humanos uns com os outros - e o próprio problema do governo humano está em processo de ser solucionado desta forma - todos os criadores de governos no mundo, desde o tempo de Moisés até ao presente e ao longo de uma prolongada linha de governantes religiosos deram a expressão mais rude de poder civil à face da terra, tendo sido guiados pelo simples impulso de poder e força material, ao passo que a lei em si mesma devia ter sido mantida longe da vista - por não dever parecer constituir um poder, mas dominado e governado pelo mesmo método com que a lei natural governa o universo; por nenhum governo conseguir ter êxito até que os seus métodos se tornem como o pai de uma família,

ou como o governante de uma sociedade distinta que ama os seus governantes.

As leis deviam ser subservientes na medida exata dos requisitos e necessidades das pessoas; mas chega a ser uma questão de fato que nos estágios espirituais da existência a própria lei constitui o produto de um estado e de uma condição, e como não existem reis, nem impérios, nem governantes, nem cortes, métodos de legislação exceto aquele que designei, todos os outros sistemas parecem desvanecer-se e afundar na insignificância, já que, onde houver um erro a corrigir haverá ignorância, e onde quer que o conhecimento entre o erro cessa instantaneamente. Se eu pudesse aplicar essas leis às necessidades da humanidade, como eu pretendo fazer em algum momento futuro, eu podia apontar que a antiga oração do Mestre,

"Venha a nós o teu reino, e a Tua vontade seja feita na terra como é feita no céu," não constitui uma oração inútil; por ser possível, praticável, e completamente passível de demonstração que essas mesmas leis de governo, e de receber e transmitir conhecimento, podiam predominar na terra como aquelas que prevalecem nas regiões da vida espiritual, e que aquelas que tomarão o lugar e usurpam os governos forçados do mundo, e tornam o governo em si mesmo num produto espontâneo do pensamento e da mente dos seres assim governados.

Também lhes direi que qualquer sistema direto de conhecimento que seja perseguido na vida espiritual é perseguido diferentemente do que existe na terra. O geólogo, o astrónomo, o químico, cada qual se concentram na resolução do subtil e do misterioso ligado à área da natureza, não perseguem esse conhecimento como o homem externo ou terreno faz. Vós tendes consciência dos processos nas mentes terrestres - de que o astrónomo começa com a observação externa, observação externa essa que se acha limitada à visão ou aos instrumentos a que ele tem acesso. O mesmo sucede com o químico; ele inicia a solução dos seus problemas justamente por meio daqueles processos conforme lhe são acessíveis externamente, indo passo a passo até ao ponto que deseja alcançar pela lenta repetição do experimento. Na vida espiritual acontece o contrário.

O conhecimento do astrónomo baseia-se, não em observações externas, nem em instrumentos matemáticos construídos à semelhança daqueles na terra, mas no poder da mente. Toda a mente pode situar-se com o seu suficiente conhecimento exatamente na justa posição no

universo a fim de descobrir não só os raios de luz e a sua densidade, mas igualmente as partes componentes de planetas, a sua estrutura, e, se preciso for, os seus habitantes. A vida química é igualmente descoberta a partir de dentro e não de fora, e todos os processos químicos que são estudados pelo homem são somente processos químicos aproximados, ao passo que a verdadeira química decorre, impercetível ao olho de todo cientista investigador, ou como queiram. Passa-se o mesmo igualmente com a evolução do pensamento espiritual.

É costume basear as esperanças da espiritualidade em tais observações externas como derivam dos registos - do testemunho dos espíritos, e daqueles métodos adaptados da compreensão externa. Na vida espiritual é diferente. O espírito julga com base no seu próprio estado, designadamente o estado ou qualidade do próprio espírito, e não é mais possível enganar o espírito com respeito às intenções, pensamentos, desejos, sentimentos, ânsias de outro espírito do que lhes é possível a vós excluir a luz do dia quando vos encontrais a campo aberto. Não pode existir dissimulação nem fraude, no estado espiritual, por tudo ser claro e simples.

Com essa revelação (desvelar) do espírito há igualmente uma qualidade adicionada à alma que raramente é possuída na terra, com o que me refiro à compaixão *(NT: Caridade, no sentido lato),* e aqueles que conhecem a maioria dos pensamentos e as imperfeições dos seus companheiros espirituais da mesma natureza são os que os condenam menos, enquanto apenas o espírito ignorante julga severamente, e só a compreensão humana e infinita condena, de modo que, quando o espírito entra na vida do espírito e se descobre perante o olhar daqueles que podem ver, existe ainda uma tal compaixão persistente e um tal espírito omnipresente de misericórdia que a alma embaraçada ante as suas imperfeições, não receia, e quando envergonhada dá o seu primeiro passo no sentido do melhoramento.

Eu próprio, posicionado no meio deste concurso de seres celestes, reconhecedor da sua amável beneficência e propósito piedoso das suas vidas terrenas e espirituais, senti-me humilde - senti-me a afundar-me na completa insignificância - e pensei - "Que foi que fiz, que poderei fazer, para merecer a companhia de mentes tais como estas?

Cada ponto fraco da minha existência terrena, toda tolice humana, toda ideia injusta pensada na minha juventude, até mesmo toda a palavra

dura, surgiram diante de mim, e durante um tempo pareci estar rodeado delas. Mas então um propósito mais elevado veio em meu auxílio. Vi-os como seres alvos e jovens a pairar acima de mim e senti que, como todo o desígnio da minha vida tinha sido eminentemente sincero, como eu me tinha esforçado seriamente tanto pela verdade quanto eu possivelmente poderia esforçar-me com a minha compreensão, que não estava inteiramente condenado, até mesmo na sua presença.

Mas vi almas a entrar na vida espiritual que tinham saído da sua existência terrena cheios de poder e grandeza, fama terrena, e eminência; e vi-os diante dos olhos de anjos amáveis mas penetrantes completamente diminuídos em espírito, aparentemente, com toda a grandeza que tinham deixado para trás, sem qualquer graça espiritual, e em vez do esplendor e da magnificência e do louvor e da aclamação, vi-os perante essas almas isentas de condenação em silêncio como anões espirituais, e não escutei qualquer palavra de reprovação da parte de nenhum dos seres que os observavam.

Mas do seio da assembleia espiritual vi crianças envoltas porventura em vestes alvas como neve ir céleres para o lado da alma desfigurada a envolvê-la com os seus mantos brancos como se a escudá-lo da consciência da sua própria deformação, e vi-os de seguida a dirigir-lhes uma palavra de carinho ou pensamento e a recordar-lhes alguma boa obra ou palavra que tivesse tido na vida terrena que o tornasse mais belo aos olhos dos espíritos e da sua própria consciência. E durante todo esse tempo não ouvi da parte dos espíritos ou anjos uma só voz condenatória, nem um só pensamento de reprovação, mas apenas a mesma compaixão que vós sentiríeis por um ser de corpo completamente deformado que pudesse estar diante de vós hoje.

Mais que isso, eu vi esses pensamentos de compaixão espiritual e de amor tomar forma e armar a deformação exterior dessa desafortunada alma, até na sua humildade ele se sentir grato pela bondade que assim lhe fora concedida, e essa humildade se tornar o primeiro passo no seu avanço espiritual.

Mas fui conduzido a outros estágios da vida do espírito, um dos quais, a título de ilustração, eu mencionarei. É o estado em que a determinação e o pensamento e a vontade, permanecem os mesmos após deixarem o corpo que foram antes, mas eu darei uma ilustração de um exemplo brilhante da história. Um Imperador - cujo nome não mencionarei, mas o qual porventura podereis determinar pelo próprio exemplo - cuja ambição

se traduziu pelo desenvolvimento de uma dinastia, cuja única intenção e objetivo na vida, dotado de um incomparável e gigante poder intelectual, foi a hereditária linhagem de descendência do seu próprio nome - eu vi que essa mente, ao entrar na existência terrena, permaneceu durante anos concentrado no mesmo pensar de que se ocupara na terra - a perpetuação da sua própria dinastia.

Vi que quando a sua sucessão no nome e a sua sucessão em poder real na realidade se manteve, que ele, mais do que aquele que se sentou no trono do Império, governara a nação - que todos os pensamentos do monarca terreno foram guiados, dirigidos, influenciados e governados pelo monarca espiritual - por ele ainda imaginar que poderia, com o poder do seu império, obter uma glória adicional para o seu nome na terra. Vi isso a continuar até o reinado ou império atingir um elevado estado de refinamento, aperfeiçoamento e glória que tinha obtido quando o imperador original estivera na terra. Vi então que chegou a esse espírito uma súbita ânsia ou saudade por algo para lá da fama terrena - por ele se ter tornado subitamente ciente de que no seu estado espiritual ele n ada poderia ganhar com a fama terrena, o aplauso, a eminência, ou até mesmo da perpetuação do próprio nome, e vi-o cheio de remorso voltar-se para dentro para uma outra luz que ele tinha rejeitado no seu poder terreno, e rogar de forma suplicante por um raio de caridade e compaixão.

Vi esse rei desolado, só, sem o séquito, cortesãs, títulos ou amigos, mais um exilado no espírito do que na terra, primeiro tomar consciência da sua pobreza espiritual, por cujo traje ele não se imaginara adornado - o poder da ambição e da fama terrena - até mesmo as leis perfeitas que ele pensara ter emoldurado para o seu povo, o abandonaram e se tornaram como nada no espírito, quando a pedra-preciosa certa vez rejeitada e a joia da sua vida, designadamente o amor, o teriam envolvido com infinito esplendor.

Mas por fim, quando o desânimo e tormento o atingiram e ele sentiu a sua pobreza e desgraça, e se sentiu impotente, veio das esferas acima uma única luz branca, e a dádiva de um lírio da neve caiu-lhe aos pés, a amortalhá-lo no seu esplendor, e a inspirá-lo pela primeira vez a vida espiritual do amor, e ele olhou para cima e sentiu-se grato. Desde essa altura o império que ele governara na terra desvaneceu-se; os seus destinos mudaram.

O seu rei tornou-se um exilado e morreu, e ele, que procurara desenvolvê-lo foi levado para um outro reino, mais elevado, melhor, e mais glorioso do que aquele que ele podia ter alcançado na terra, designadamente, o reino da humildade e do amor espiritual; e agora ele não trocaria toda a sua luz e beleza pelo império mais orgulhoso, a maior das famas, ou o estado mais sublime da ambição humana, já que unicamente através do amor pode a alma entrar no reino dos céus.

JUIZ JOHN W. EDMONDS

AS EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU NA VIDA DO ESPÍRITO

PRIMEIRA PALESTRA

Domingo, 28 de Novembro de 1875

Através da mediunidade da Srª Cora Hatch Tappan Richmond, 1876

Senhor Presidente, caros amigos:

Não seu que mérito possa ter que me possa ter habilitado a ter a honra de receber o convite para proferir uma palestra esta noite. Se se lembrarem que só estou há dezanove meses na vida do espírito, e que devo ter muito menos experiência do que muitos daqueles que geralmente controlam esta médium, e se considerarem que eu devo sob dificuldades que brotam da falta de experiência, e o fato de eu não pertencer ao círculo dos guias dela que geralmente a colocam no estado de transe, também o considerarão um tanto estranho. Mas aquilo que tenho a dizer esta noite digo-o com a mesma disposição e sinceridade com que sempre o fiz na terra.

As palavras que vou proferir serão as da experiência efetiva da vida espiritual, e formarão uma porção do testemunho dos espíritos que passaram da vida terrena para a existência espiritual. Eu fiz quatro discursos anteriores através desta médium com respeito à experiência que tive na vida espiritual. Se alguém tiver lido esses discursos, talvez goze de alguma vantagem ou preparo para aquilo que vou dizer esta noite. Não faço intenção de repetir mais o que proferi na altura do que o necessário, a título de prefácio daquilo que tenho a dizer, dado que um conto frequentemente repetido, embora seja verdadeiro, torna-se

enfadonho, além de ter muitas outras coisas que ainda tenha a transmitir-lhes.

Com a vossa permissão, recapitularei a breves trechos o que enunciei nessas ocasiões, dizendo que na minha passagem da vida terrena para a espiritual não experimentei temor algum, e que nos últimos estágios nenhuma das dores corporais; por me encontrar perfeitamente consciente da natureza da vida para que me estava a dirigir. Não consciente de tudo quanto até então me fora revelado, mas a certeza da existência espiritual era justamente tão palpável para mim antes de eu deixar a minha moldura terrestre como tinha sido antes ou passou a ser depois. Eu não necessitava da evidência que a vida espiritual proporcionava para me provar a realidade da existência da alma após a morte.

Considero que um conhecimento do Espiritualismo ilumina o caminho; torna o valo da sombra da morte luminoso; liberta a mente de um das maiores sujeições humanas, a do medo. O Espiritualismo fez-me isso. Durante vinte e cinco anos eu não acreditei, mas *soube*, que o espírito viveria. E durante esses vinte e cinco anos não deixei de perseguir esse tema com objetividade e sinceridade, e recebi, através de outros médiuns e através da minha própria mediunidade -- porquanto eu fora afortunado o suficiente para possuir poderes mediúnicos -- as comunicações espirituais dos meus guias e guardiães. E durante esses vinte e cinco anos eu obtive mais felicidade e experimentei mais alegria do que em todas as experiências prévias da minha vida. Um meio século prévio não me trouxera aquilo que o quarto de século me trouxe.

A morte foi furtada do seu terror. Os que me foram queridos na vida terrena, que eu supusera perdidos foram-me restituídos. Pude comungar com os grandes e os bons de quem eu tinha lido, mas que nunca tinha podido ver. Era diariamente privilegiado com a presença de uma companhia divina, ante a qual eu parecia afundar na insignificância, e em cujas mãos eu coloquei a minha orientação nas minhas instruções espirituais. Em meio a isso, estive igualmente ocupado com ocupações terrenas, e não superei inteiramente muitos traços de carácter que por vezes repeliam os meus guardiães espirituais.

Na plena virilidade da minha vida terrena eu fui ativo, orgulhoso, arrogante e injusto, e esses traços repeliam as presenças divinas que de outro modo poderiam ter andado mais por perto de mim. Eu fora severo no julgamento, por vezes, e considerara as massas da humanidade

inferiores; pelo que não estava no modo caritativo, que é a atmosfera mais certa para convidar os espíritos celestes. Mas eles vieram a mim, em meio ao meu orgulho terreno, e em meio a tudo quanto ocupa a atenção de um homem de cinquenta anos. Eu recebi a consciência da sua presença e orientação; e desde essa altura passei a viver mais no mundo do espírito do que no mundo temporal, e experimentei um maior deleite espiritual.

Algumas dessas experiências foram comunicadas e foram publicadas; outras permanecem na minha própria consciência agregadas à herança que recebi desde que vim para esta existência. Mas a minha morte foi como a maturação do feixe. Joguei fora o meu corpo externo de tão bom grado e avidez quanto o amadurecimento do milho faz com a casca. Eu considerei-o uma asca; tornara-se um ónus e encontrava-se fraco e cambaleante.

Muitas das faculdades recusavam-se a executar as suas funções, e o próprio cérebro ficava fatigado quando a mente e o espírito não. Fiquei contente com a mudança. Era um desprendimento tal ninguém consegue experimentar até também ter passado da vida terrena para a espiritual. Se vocês agora pudessem subitamente passar da fraqueza para o vigor, do sofrimento corporal para a perfeita e absoluta liberdade da dor; se vós que estais com os cabelos cinza da idade e dos trabalhos pudésseis agora ver-vos restaurados na virilidade com a consciência da vossa experiência presente, entenderíeis o que eu senti quando passei pela morte.

Antes da mudança se consumar, já um vislumbre do meu lar do espírito me tinha sido dado, e eu ingressei na companhia dos meus companheiros e amigos como se tivesse entrado nos primeiros dias da minha vida, com um poder e compreensão renovados. Estive consciente cada instante do tempo que passou entre a decadência do corpo, ou da cessação da respiração, e a atual existência no espírito. Antes que o corpo tomasse o último alento, a minha forma espiritual já se encontrava a seu lado, e eu observava aqueles que me tinham sido queridos que tinham ficado na terra, a forma que se encontrava deitada abaixo de mim. Não o lamentei. Encarei o fato com a mesma complacência com que vocês encaram uma veste jogada fora quando dispõem de uma outra lustrosa. Creio que eu estava total e inteiramente preparado para entrar na vida espiritual, e estava na medida do que dizia respeito ao temor da morte e à consciência dessa vida.

Mas pouca ideia fazia eu do preparo requerido ao espírito para ingressar na companhia dos seres espirituais que tenham passado da vida terrena há muitos anos. Pouca ideia fazia eu das impurezas que ficam ao redor do espírito mesmo quando livre do corpo temporal. Não imaginava as imperfeições emboscadas que ainda continha em mim, que me tornavam inapto para a sua divina companhia; e quando eles se juntaram ao meu redor, vi com humilhação muita dessa força ostentada passada e o que eu supusera vir a ser as minhas vestes resplandecentes do meu espírito estavam estragado e contaminado com as sombras da minha qualidade de ser. Ainda tinha ao meu redor evidências do orgulho e da arrogância que não tinha superado inteiramente. Ainda havia juízos duros que pareciam surgir ante mim e que pareciam envolver-me num nevoeiro escuro, e por um bocado pensei que isso me separaria da companhia daqueles que eu amava. Mas não separou.

Gradualmente, a minha esposa terrena e minha companheira do espírito veio ao meu encontro na sua luz e beleza, e mandou que eu a seguisse. Eu ergui-me, não por vontade própria, mas aparentemente pela dela; por eu ainda não ter descoberto a minha força de vontade de espírito. Ela levou-me ou conduziu-me a uma cena um pouco acima da terra, e aí eu pareci deter-me incapaz de prosseguir. Voltando-se para mim, ela disse: "Preciso agora deixar-te por um bocado entregue às tuas reflexões." E eu fiquei a refletir. E toda a minha vida, cada pensamento e ações surgiu diante de mim com se fosse uma personalidade. Toda a opinião falsa, cada palavra dura e juízo; cada pessoa a quem eu tinha dirigido uma palavra de indelicadeza, ou de quem tinha pensado mal, pareciam surgir diante de mim, na visão da minha mente, e condenar-me. Eu vi os meus defeitos e as minhas imperfeições como uma realidade. O orgulho, com a sua cabeça erguida, a insensibilidade com o seu dedo de desprezo -- tudo em procissão. Então eu fui desesperadamente erguido à esfera da minha companheira e amigos e senti-me desolado.

Então, pareceu surgir das sombras que me circundavam, pessoas a quem eu tinha estendido, na minha qualidade oficial, a clemência que brotava da justiça mais do que da compaixão; alguém a quem eu porventura tinha dado esmola; outros a quem eu tinha ajudado a superar as dificuldades terrenas, e cada um deles veio até mim com uma oferenda qualquer de paz ou de afeto, uma flor ou um símbolo de recordação qualquer; e à medida que chegavam, as sombras pareciam cair-me dos olhos, e as minhas vestes tornaram-se mais brilhantes.

Então vi criminosos a quem eu tinha assegurado o perdão, e por causa de quem eu fora injustamente censurado na terra.

Esses vieram com oferendas mas, mais do que todos os outros, pareciam derramar brilho sobre o meu caminho. Mas principalmente a conquista triunfal assentava em ter esquecido a injustiça que supunha ter sofrido da parte de qualquer ser humano aquando me encontrara na minha vida terrena, e ter lançado fora o ódio e as ideias injustas que tinha alimentado contra ele. Então, nesse instante de existência espiritual, senti que podia alçar-me a um outro estado.

Antes de me juntar à minha companheira, porém, tive um vislumbre daqueles estados que rodeiam a vida terrena no imediato. Vi as assombrações fétidas do vício e do crime a transbordar de espíritos tão baixos e de degradados quanto aqueles da terra. Vi as latrinas a que na terra chamais cidades, repletas de seres humanos, porém povoadas no ar acima por mais seres tão sombrios quantos eles. Vi ao redor de prisões aqueles que ainda se agarravam à recordação do erro, e comecei por pensar que a vida do espírito era mais escuridão do que luz; que se isso viesse a ser a minha morada e esses os meus companheiros, eu precisaria de reparar, por aquela parecer uma esfera sombria que envolvia a terra, e que a mantinha sob o seu domínio como um fumo negro e espesso.

Mas à medida que eu esqueci os meus próprios erros, interessei-me pelos espíritos que me rodeavam, e escutei as suas reclamações e ofensas; e vi que cada um dos espíritos aprisionados à terra se achava atado por algum orgulho ou vaidade ou ódio ou um outro pensamento que eu descobria ser ímpio. Vi que cada um desses espíritos nesses locais sombrios se achava delimitado por alguma paixão, ou alguma recordação de algum crime anterior, e por isso não podia alçar-se da condição em que se encontrava. Quando lhes perguntava se tinham alguma vontade de o conseguir, eles ainda protestavam dizendo que estavam felizes e contentes e que não podiam mudar, nem tinham vontade de mudar, até que esta vingança ou aquela tolice particular fosse cumprida.

No meu desespero voltei-me de novo para a ideia da minha amável companheira, e quando a vi ela encontrava-se distante num declive esverdeado onde parecia predominar uma atmosfera dourada sem nuvens. Por um forte esforço da vontade induzido pelo amor e pelo desejo, eu ergui-me mas entre ela e eu parecia haver um rio que pensei

ser intransponível, por desconhecer por que processo conseguiria atravessá-lo. Passado pouco tempo chegou-me a sua voz através das águas: “Mergulha nas águas.” Não precisei de um segundo aviso Mergulhei, mas cada glóbulo da água pareceu-me ter o aspeto de um pequeno ponto que me penetrava o corpo. Cada uma das fibras individuais experimentava a sensação de dor, e se tivessem sido escorpiões, as gotas de água não poderiam ter sido mais nítidas e pungentes aos meus sentidos. Elas rolavam-me pelo corpo, e separavam-se à medida que me aproximava., mas durante todo esse tempo mantive o olho fixado nela e pareci ser atraído para ela pela minha própria vontade e a dela.

Quando eu emergi da corrente a sensação de dor desapareceu de imediato, e com ela pareceu como que desvanecer-se a aparência sombria que previamente se tinha agarrado às minhas vestes. Pareceu igualmente desvanecer-se toda a recordação de dor terrena. O sofrimento físico por que eu tinha passado durante muitos anos pareceu ter deixado o seu estado debilitado no meu espírito. E ao passar por aquela corrente o meu corpo pareceu-me revigorado e o meu espírito recebeu novos poderes.

Ela disse-me que agora eu devia passar para a minha morada. E à medida que eu avançava, guiado pela sua gentil presença, parecia que não pisávamos o chão mas flutuar justamente acima dele, e o próprio chão, embora tangível, parecia menos escurecido e sólido do que a terra que eu havia frequentemente pisado. Notei igualmente uma sensação na sensação. Na terra eu tinha escutado intensamente cada ruído da fala, ao passo que agora sentia-me consciente de que podia ler-lhe os pensamentos e, sempre que achava que um pensamento me chegava à mente vindo da parte dela, não parecia ser pela fala mas mais como se o próprio pensamento fosse lido ou conhecido.

E mudança nenhuma de pensamento me passava pela mente que ela não tivesse consciência de imediato, ou a que não respondesse, segundo aquilo que conhecia. Pensei em Dante e a sublime visão que tivera, quando o objetivo da sua pesquisa foi igualmente afastado pela corrente brilhante -- e aquele Paraíso em que foi por fim admitido tornou-se para mim numa realidade viva.

Mas eu tive outras lições e experiências. Parecíamos aproximar-nos de um local onde havia montanhas de cada lado, que projetavam rochedos que, aparentemente eram tão tangíveis quanto qualquer montanha e

rochedo que eu tivesse visto. Mas, ao me acercar deles eles adotaram uma forma diferente, e nos rochedos achava-se gravado, com que em palavras vivas, muitas das minhas anteriores alocuções e ideias que eu achava não terem sido revelados a homem nenhum, e então, por trás delas vi ervas daninhas de várias formas indecorosas, que pareciam ser o resultado das minhas imperfeições. Eu recuei horrorizado e disse:

"Será este o lar em que devo ser admitido?" E ela disse-me: "Precisas passar e reconhecer cada ideia e ato da tua vida terrena. Se o tiveres dominado, ele não te poderá prejudicar, senão, não terás lugar melhor para o superar do que aqui e agora." E assim enfrentei-os sob o seu olhar gentil, enquanto ela liderava o caminho em silencia o tempo todo, e quando alguma humilhação especial ou experiência surgia gravada na rocha ou numa árvore, que eu desejasse não estivesse aí, ela parecia voltar-se e não reparar na minha humilhação. Bastava que eu o experimentasse. E assim fui avançando.

Por vezes deparava-me com dificuldades técnicas, e parecia experimentar os problemas intelectuais do princípio da minha vida de novo, e certa vez esbarrei com uma barreira sólida do que parecia um penedo intransitável, sobre o qual se via escrito, "Infidelidade." Voltei-me como que a ver o que poderia significar, e então vi outras palavras, "Dúvida," "Materialismo," "Insensatez Intelectual," que se referiam a um período da minha vida em que as perspetivas religiosas que tinha foram abaladas e em que a ciência material obteve supremacia sobre a minha razão.

Eu tinha sido membro ou participante juntamente com ela de uma igreja Cristã. Ela tinha sido uma devota zelosa; eu tinha sido um crente. Durante muitos anos antes de ela falecer eu tornei-me descrente, mas nunca lho contei. Porém, nessa presença e nessa hora eu enfrentei essa descrença cara a cara, e foi como se uma porta se tivesse fechado, e me tivesse impedido do que pudesse existir além.

Mas atualmente o som da minha nova religião chegou.me aos ouvidos; escutei a suave batida do primeiro despertar da consciência da vida espiritual. Parecia formões ou brocas a separar o outro lado do penedo, e logo recordei a sensação que experimentei pela primeira vez quando, na presença das irmãs Fox, pela primeira vez percebi que as pancadas tinham sido produzidas por alguma inteligência invisível. O ruído estava agora a repetir-se-me à consciência, e logo as pedras foram separadas e pouco a pouco, pude obter vislumbres do que se encontrava além delas.

Passamos por haver uma abertura, e então notei o que não tinha observado antes -- que todas as rochas e formas e feitios indecorosos que tanto me tinham angustiado, desapareceram á media que passávamos por eles, e não mais existiam, uma vez que tinham sido enfrentadas e reconhecidas e vencidas.

Entramos então na região para que, ela tinha-mo dito, durante muitos anos tinha estado preparado. Os gentis pensamentos da minha pós-vida, o reconhecimento de amigos na existência espiritual, as flores da esperança que surgiram após os receios da morte foram vencidos, os próprios pensamentos e aspirações dos anos posteriores, teceram guirlandas ao meu redor; e eu pude ver onde cada tesouro enterrado da minha vida de jovem veio ao meu encontro nesse mundo interior com um poder e beleza adicional.

Havia ali flores que na terra não tinham nome, mas que vós reconhecereis sob o nome de Esperança e Verdade, que gradualmente se terão desvanecido de vós na vida terrena e na experiência humana, mas que aqui descobri que tinham uma floração imorredoura. Havia atos de bondade e gentileza que eu tinha esquecido, cuidadosamente preservados e acalentados no santuário desta vida interior. E desenvolvia-se gradualmente na minha mente uma consciência da habitação para que em breve eu passaria. Eu não posso, na verdade não devo, invadir a santidade dessa morada interior. No céu como na terra nós temos a nossa morada e habitação. É santa para todo o olhar exceto o dos nossos amigos. Os afins espiritualmente que aí vieram ao meu encontro eram almas cujas ideias mais recônditas estavam ligadas às minhas -- a minha família ou os meus amigos imediatos e mais chegados e afins em espírito, a quem não cumprimentava de mão desde os dias da minha juventude.

Conforme digo, não posso pedir-lhes isso. Mas se houver algum entre vós aqui que, ao entrar para a sua vida espiritual, desejar vir, então convidá-lo-ei e pedir-lhe-ei para passar comigo para a morada encantada na qual a minha companheira me recebeu. Mas antes que me pudesse dirigir ao templo interno, antes que o santuário que tinha sido preparado, recebesse o meu espírito, experimentei uma e outra vez a escoriação daquele batismo de água; tentei uma e outra vez purgar-me de todas as recordações da aparente insensatez, do orgulho, ou de qualquer coisa que pudesse retardar-me o espírito. Mas a estrutura dessa mesma habitação estava graciosa e simplesmente na forma.

Não continha qualquer estilo arquitetónico terreno; mas parecia ser feita de caramanchões e mármore e de tudo quanto é refinado e belo, a morada do espírito na região do pensamento. Reparei em cada objeto, que, por mais palpável que fosse, parecia transparente, e pude ver os glóbulos a correr pelas artérias das flores, e contemplar as diminutas fibras em cada porção da estrutura. Notei que o mais secreto e o melhor dos meus pensamentos terrenos parecia ser gravado nessa mente santuário como se à espera da minha chegada. E depois disso pareci repousar.

Ao despertar encontrava-me num outro local, e tinha consciência da presença de um outro guia. Encontrava-me a campo aberto, numa planície que parecia estender-se até ao horizonte de um lado, e do outro tinha montanhas. Ante mim encontrava-se o meu guardião espiritual; aquele que por muitos anos me tinha dirigido as investigações e instruções no Espiritualismo. Inicialmente pensei que devia ser uma presença mais elevada, de tão brilhantes que eram as suas vestes e resplandecente o seu rosto. Mas em breve descobri através da minha própria visão e pela intuição que não era mais nem menos do que aquele que se chamara Lorde Bacon.

A atmosfera dele era de um azul pálido, como a cintilação da luz através de um vitral de cristal perfeito. Brilhou de intensidade, e os seus raios pareciam dirigidos para o meu próprio espírito. Ele pareceu sondar a minha alma mais recôndita, e eu achei que ele estaria a avaliar as tolices que eu cometera. Pensei que os meus poderes intelectuais seriam deficitários e que ele me julgava por essa deficiência. Não se tratava de uma questão do coração, conforme tinha acontecido com o meu guia anterior, mas tratava-se agora de uma questão de compreensão.

Não conseguem sonhar nem por um instante como pareceu superficial e falso e vaidoso a própria estrutura do meu pensar terreno pareceu. Todo o conhecimento que tivera, que eu julgara ser considerável, pareceu desvanecer-se ou comparar-se a teias de aranha. O meu sistema de filosofia pareceu ser sondado de lés a lés, e pareceu não passar de uma rede de sofismas. O que eu supusera ser um juízo acertado quanto à lei pareceu afundar na insignificância da opinião de um menino de escola. Julguei que ele me criticava os métodos intelectuais, e vi de imediato os defeitos que tinham existido na minha estrutura mental. Como desejei poder escapar à sua presença. Nenhum catraio absentista na presença de um mestre irado alguma vez ansiou

por escapar ao castigo como eu o desejei daquele olhar doce mas ainda assim penetrante e firme. Pareceu como se eu devesse chorar com a dor do exame de consciência e do escrutínio.

Pareceu-me que eu não tivera qualquer mérito intelectual, e que em nenhum aspeto da filosofia humana tinha a verdade tinha alguma vez sido alcançada por mim. Enquanto estive ali diante do seu olhar, considerei que o meu tempo tinha sido desperdiçado; e todas as visões esplêndidas que eu tinha tido em relação ao melhoramento da condição do homem ao codificar e alterar as leis, pareceram-me o mais perfeito contrassenso. Mas então, após a mais completa humilhação, pensei -- e esse pensamento deu-me forças para enfrentar o olhar dele -- que pelo menos eu tinha sido verdadeiro; que, se as minhas convicções tinham infelizmente sido deficitárias eu não tinha evitado o que acreditara ser correto. Mas então surgiu um olhar de ternura nos seus olhos, e eu senti encontrar-me na posição de um aluno favorecido e amigo.

Ele falou-me a seguir na linguagem do espírito, que é o pensamento, e perguntou-me se desejaria ser gradualmente instruído nos métodos da minha recém-descoberta vida. Velozmente, como se com o poder da sua e da minha vontade -- pois eu descobrira que sempre que quisesse fazer alguma coisa imediatamente tinha o poder de o fazer -- ele avançou comigo a seu lado, até que numa pequena eminência mais elevada do que aquela em que ambos tínhamos estado, eu vi uma assembleia de gente.

Parecia reunir uma multidão; e ao redor centros resplandecentes em todas as direções que se assemelhavam a grupos de pessoas reunidas, com se a escutar ou a discursar uns para os outros. Aquilo, disse ele, era o concelho geral da sua esfera, onde se assistia a discussões como entre mestre e aluno quanto às grandes questões da filosofia que lhes interessam em especial. Aqui as pessoas eram instruídas quanto aos métodos por que deveriam ensinar os outros espíritos, ou certas pessoas eram despachadas para as esferas terrenas a ver se poderiam aí deixar impressões.

Descobri que aí havia um centro brilhante que me aguardava, e ele tomou assento entre o seu grupo que parecia ser de alunos seus, após ter primeiro trocado algumas palavras com um outro espírito cujo nome na altura não conheci. Mas finalmente o grupo pareceu dispersar-se e a conversa terminar, sem que eu tivesse tido conhecimento de muito do que tinham dito, e nós avançamos.

Isso terminou a minha primeira entrevista com o meu guia. Mas subsequentemente, e noutras entrevistas, recebi o que agora irei contar-lhes. Foi-me permitido ver as esferas da vida espiritual do ponto de vista do espírito, em vez do da terra, como eu as tinha previamente visto. Ao ver essas esferas notei que acima da terra havia uns trechos negros de nuvens, um tanto como as manchas no sol, que pareciam pairar sobre os grandes centros habitacionais dos homens. Mas esses pontos não eram tão numerosos nem tão extensivos quanto eu inicialmente supusera na minha entrada na vida do espírito; por descobrir que a atmosfera de negrume que rodeava a terra era penetrada aqui e ali por pontos de luz. Eu disse: “Que luzes são aquelas?”

O meu guia respondeu: “Aqueles são pontos de impressão espiritual em que o mundo espiritual fez invasões nas nuvens que circundam a terra, e podes estar certo de que, onde quer que um ponto de luz apareça é um centro de ação espiritual; pode ser na assembleia de uma nação; pode ser no chalé de um pobre camponês: mas um espírito está a agir sobre a terra onde quer que tu vejas um ponto desses.”

Foi-me então revelado o fato de que esses pontos de luz tinham a forma de cones invertidos, cujas pontas pareciam assentar em, ou próximo a alguma mente na terra, e derramar uma aura de luz espiritual ao seu redor; enquanto a base ou porção mais larga do cone parecia estar ligada a uma esfera espiritual qualquer. O meu guia disse-me: “Esse é o modo por que eu influenciei a tua mente quando te encontravas na terra. Tu eras a ponta do cone; a luz gradualmente centrou-se aí, da minha mente ou esfera para a tua, e isso criou o poder ou bateria, espiritualmente falando, através da qual eu comuniquei contigo.”

Eu olhei ao redor e vi imensos cones desses, dirigidos para a terra e provenientes das esferas de luz que eu visitara previamente. Vi que por vezes eram dirigidos para um ministro no púlpito, e outras vezes para um homem de ciência no seu estúdio; outras vezes dirigiam-se para uma assembleia de gente onde alguma pessoa discursava sobre os poderes e encantos da vida espiritual. Mas em todos oso casos denotava o constante e crescente poder do mundo espiritual.

Após ter inspecionado os estágios mais baixos da vida do espírito que descrevi anteriormente, visitei a esfera seguinte, a da transição entre a atmosfera terrestre e a primeira esfera da existência espiritual interestelar. Essa é sobretudo uma esfera de cura espiritual ou moral

para todos quantos tenham estado vinculados à terra, e estejam prontos para passar da atmosfera da terra para uma esfera de cura espiritual. O Dr. Benjamin Rush, anteriormente de Filadélfia, foi o primeiro a quem eu fui apresentado nessa esfera.

A porção particular dela que tinha a seu cargo para supervisão parecia estender-se a uma vasta extensão. A atmosfera parecia adaptada a toda a forma de cura e o cenário combinado. Para os criminosos havia asilos em vez de prisões. Como me pareceu que fosse um aliso para as almas, eu perguntei: “Que é isto?” Ele respondeu: “É para os moral e espiritualmente enfermos.” Então eu disse: “Têm aqui alguma prisão ou cadeia?” “As prisões,” disse ele, “encontram-se junto à terra e na sua esfera.

Toda a alma que se acha vinculada à terra encontra-se aprisionada. Mas quando elas entram nesta esfera, é para um asilo que vêm.” Então eu perguntei: “Não crê que o crime deva ser punido?” Ele respondeu: “Cremos que o crime seja o resultado de enfermidade mental. Não puniriam um homem que tivesse uma dor de cabeça ou uma febre. Não o enforcariam por ter uma perna partida. Como haverão, pois, de o castigar se as suas faculdades morais se acharem estropiadas?”

E fez-se uma nova luz no meu espírito. Eu tinha sido leniente para com os criminosos por me apiedar deles, mas tinha sido severo em relação ao crime. Poderia ser possível que todos os métodos terrestres estivessem errados, e que aqui eu tivesse encontrado no segundo estágio da vida espiritual que a justiça humana fosse culpada? O termo “Justiça” parecia-me demasiado empalidecido à minha mente, e suscitou-se-me um outro termo mais brilhante e belo, que era “Caridade.” Descobri que aqui, nesta esfera de cura mental e espiritual, todos quantos se achavam espiritualmente mutilados ou deformados eram recebidos e que, fosse qual fosse o crime, insanidade, ou erro que tivesse cometido, ele recebia a instrução necessária para o seu alívio. Sabem que nos hospitais bem regulamentados as alas se acham afastadas tanto quanto possível umas das outras, e que de fato, se fosse possível, melhor seria que cada paciente fosse inteiramente isolado.

Neste asilo espiritual eu descobri que quem quer que se achasse exausto ou tivesse sido tentado a misturar-se com influências aviltadas, era colocado nalguma retiro sequestrado e frio, rodeado por toda a influência que os afastaria de toda a ideia de enfermidade. Geralmente punimos os criminosos na terra lembrando-lhes constantemente que são

criminosos. Geralmente aproveitamos a oportunidade, ao inspecionarmos as prisões, para lhes dar a entender o quão ignóbeis foram os seus crimes e medonho o seu pecado, mas aqui descobri que nenhum desses métodos prevalecia. A maior das precauções era tomada para não influenciar a consciência sequer da ofensa que a pessoa tinha cometido; e se houvesse uma obliquidade positivamente moral, mais carinhosos se mostravam os assistentes para com ele.

Sabem que é costume nas boas sociedades ignorar os defeitos físicos. Se um cego estiver perto de vós, todos procurais por todos os meios possíveis levá-lo a esquecer a cegueira de que padece. Metem conversa com ele, e louvam as ideias que expressa e as palavras que profere. Com os moralmente enfermos isso já não é feito na terra. As pessoas condenam umas às outras pela cegueira moral. Na vida do espírito descubro que aquele que é moralmente cego é tratado com a mesma delicadeza e ternura que vós, na boa sociedade, tratais aqueles que se encontram fisicamente enfermos. Nunca se referem a uma enfermidade. Tais indivíduos são conduzidos por estágios graduais a libertar-se ou superar as suas enfermidades, e quando se fortalecem o suficiente a consciência que têm é o maior motivo para a reforma.

Em breve um espírito descobrirá as suas deficiências. É despertando a combatividade que levam a que os homens adiram ao crime com frequência. Na minha própria experiência terrena, quando estive envolvido na reforma das prisões, conheci criminosos de que me convenci que se haveriam de reformar se fossem libertados da reclusão e da censura. Eu próprio ajudei à libertação dessas pessoas, ciente de que pelo seu cativeiro elas só ficariam mais endurecidas. Descobri que esse método era defendido e realizado na vida espiritual até ao extremo absoluto, e que uma vez um espírito é admitido na sua esfera de cura, não é alvo de reprovação alguma por causa das ofensas que tenha cometido ou das imperfeições que tenha tido.

Descobri que o que quer que tendesse a aliviar o sofrimento era inconscientemente exercido sobre a mente. Se uma mãe tivesse ficado insana na terra pela perda de um filho, eu descobri que esse equilibro mental era restaurado, não todo de uma vez, levando a criança à sua presença, mas colocando-a nalguma posição onde ela pudesse ver a criança a brincar à distância; e por fim a criança seria conduzida às proximidades dela. Qualquer alma que na vida do espírito fosse capaz de trazer o bálsamo da cura à alma criminosa que padecesse de pecado,

esse espírito seria convocado na sua esfera ou morada para assistir ao sofredor.

Vós podereis julgar os métodos dessa esfera quando eu lhes disser que tudo parece silêncio e ordem e perfeição, governado pela tranquilidade do poder da vontade e a ação singular dessa mente individual. Mas o Dr. Rush disse-me que o que eu vira era apenas uma das menores porções da esfera da cura -- em cujo trabalho ele empregava a sua alma, na vida do espírito. Poderão ter ideia de que, quando a febre-amarela irrompeu em Filadélfia em 1793, de entre todas as pessoas, o Dr. Rush foi a única que conseguiu deter a sua devastação. Eu perguntei-lhe com conseguira, e ele disse: “Eu tinha um segredo; tal como tenho aqui. Afasto os sofredores uns dos outros.

A simpatia é a causa de morte em noventa e nove dos casos nesse tipo de doença. Afastava famílias umas das outras e dispersava a devastação do contágio pela falta de contiguidade. Esse era o segredo,” disse ele, “de toda a reforma criminal. Não congreguem os criminosos em massas agregadas. Cadeias e penitenciárias são casas de pestilência moral, crime crescente em proporção geométrica direta. Onde quer que dois criminosos ou três se reúnam haverá um ambiente de crime. Eles nutrem-se com base na mágoa, dor, condenação, e na ideia de serem proscritos; e toda cadeia ou penitenciária nas nações Cristãs constitui uma monstruosidade moral para o mundo do espírito. Tudo quanto encerre o crime e o confine numa forma de agregado torna-se fonte de pestilência moral para as cidades lotadas.

“Quanto à pena de morte,” disse esse grande terapeuta que então se tornou num mestre de moral e de leis, “Com respeito à pena de morte, por cada execução que tem lugar na terra, é criada uma centena de assassinos. Os germes do crime, quais doenças esporádicas, pairam no ar, e prendem-se àqueles que lhes forem suscetíveis; e quem quer que divulgue os detalhes do crime, quer seja um mensageiro de asas brancas ou a imprensa ou a execução pública, torna-~se nessa medida num distribuidor do miasma do crime.

“Sobre os métodos da cura não posso agora discorrer, mas direi que como um trampolim inicial não deveria certamente existir legislação exceto aquela que tendente à cura moral. Pensei que a próxima oportunidade que tenha de falar através de lábios mortais eu direi isto e esforçar-me-ei por o impor nas mentes dos legisladores: A cura moral deve substituir o lugar daquilo a que a humanidade chama de punição do

crime. As leis deverão ser de tal modo alteradas de forma a tratar os criminosos do mesmo modo que vós tratais aqueles que se encontram física e mentalmente enfermos, e se possuem asilos para aqueles que são invisuais e surdos, e escrita em Braile para os invisuais, também deveis ter asilos e escrita em Braile para aqueles que se encontram espiritual e moralmente cegos.

A vingança não pertence ao homem; tampouco a retribuição, que dizem respeito ao infinito, e a lição do homem há de resultar dos ensinamentos do Grande Mestre, e desta mensagem que lhes trago do mundo dos espíritos. Que hajam instituições não só dedicadas à cura da enfermidade moral mas para a prevenir. Quem quer que seja considerado moralmente enfermo na infância deveria ser rodeado e fortalecido de modo a que a doença não venha a invadir a alma. Haverão então poucos criminosos remetidos para o mundo dos espíritos, e o trabalho dos grandes terapeutas na vida do espírito diminuirá rapidamente."

Eu podia ter-me demorado ali durante eras a observar os processos desse estado inimitável, mas como não era o meu trabalho nem a minha esfera, não pude ficar, por ninguém ter permissão para aí permanecer inativo. Não há espectadores a menos que possam ser úteis, o que foi uma outra lição; mas senti-me muito satisfeito por escapar à consciência de quase me intrometer no sagrado de um trabalho em que não tinha papel a desempenhar. Mas tão logo me preparei para partir, e quando supusera não ter qualquer função aí, vi um pobre homem que tinha vindo a sofrer de remorsos, e ao me voltar para ele pareceu cair diante de mim e pedir-me perdão.

Tinha sido uma ofensa qualquer superficial, mas tinha-o enviado um maníaco para o mundo dos espíritos, e eu tinha sido enviado, inconscientemente, para lhe sanar o espírito. Fizera-o com a minha presença, e quando eu senti que ele se tinha prostrado diante de mim nem sequer me lembrava da ofensa que ele tinha cometido até que uma longa retrospeção ma trouxe à mente. Podem ter a certeza de que eu o perdoei. Não retiro crédito nenhum por o ter feito, porque, se pudesse ter feito outra coisa além de garantir perdão certamente não poderia ter entrado nessa esfera.

No culminar dessa esfera de cura pareci obter um vislumbre e vi Howard e Wilberforce e todos os grandes filantropos do passado, juntamente com muitos outros, cujos nomes são sagrados na história

humana, a tratar das suas vidas ali como aqui, na redenção e melhoramento da humanidade, e essa esfera parecia culminar na luz e glória do semblante insuperável d Grande Terapeuta cujo toque se assemelhava a magia, e que dissera, quando a mulher lhe foi levada ao encontro d'Ele: "Aquele que estiver livre do pecado entre vós, que atire a primeira pedra." E ao longo dos corredores enegrecidos das eras essa voz pareceu reverberar uma vez mais; e eu desejei ter mil línguas e uma miríade de vozes para poder comunicar isso de imediato às mentes e corações terrenos, e criar aí com aqui uma esfera de cura para a alma enferma do pecado.

Esta noite não posso dizer-lhes aquilo que experimentei noutras esferas. Se mo for permitido, continuarei o meu discurso no próximo Domingo à noite, e então contar-lhes-ei a experiência por que passei nas esferas da Justiça e da Sabedoria, e do amor, os vislumbres que fui capaz de receber, porém em nenhum dos quais entrei em pleno nessa vida que espero alcançar por uma busca firme da verdade e do conhecimento neste mundo.

Agradeço-lhes a amável atenção que me prestaram. Devido à falta de poder de fazer qualquer discurso de improviso de que gozei quando estive na terra, fui auxiliado nesta oratória pelo guia do costume da médium. Mas as ideias são todas minhas, e eu enuncio-as na onda da vida espiritual embora garanta que não trocaria o que aqui experimentei e conheci, mesmo neste curto espaço de tempo, por toda a grandeza e riqueza, e fama da terra. Aquelas almas dos ressuscitados e grandes, sobre quem discorrerei daqui em diante, possuem tais tesouros inefáveis, que se pudessem saber deles partiriam de imediato deste lugar com a ideia assente na verdade somente, em busca da orientação dessa elevada sabedoria para poderem igualmente ingressar na condição em que se encontram.

SEGUNDA PALESTRA

5 de Dezembro de 1875

Senhor Presidente, amigos:

Antes de prosseguir com o meu discurso, pedem-me que defina o que quero dizer com “esferas” -- se me refiro a um estado ou a um local quando falo na “esfera da cura,” na “esfera da sabedoria,” e na “esfera da justiça.” Eu descobri que o termo “esfera”, na vida do espírito, tanto significa uma condição como um local; que os espíritos que são diferentes não optam por ocupar posições contíguas, e que por isso aqueles que se encontram mais próximo da terra e das suas associações, ocupam a localidade mais próxima à terra; e também que a primeira esfera da vida espiritual se situa na atmosfera da terra, sendo composta de substância mais densa e consistindo numa vida que corresponde mais de perto àquela da terra. Foi essa esfera que Swedenborg viu quando descobriu a doutrina das correspondências; que para cada árvore e flor e rocha e lago, existe um lago e uma rocha e uma flor e uma árvore na primeira esfera da vida do espírito, por todas essas substâncias terem as suas existências correspondentes.

A esfera da cura, a que me referi, forma a primeira esfera fora da atmosfera da terra. A ciência revelou que essa atmosfera se estende por alguns cem quilómetros ou perto disso, o que, é claro, não é estabelecido por nenhuma mensuração atual. A esfera da cura começa, na sua atmosfera, justamente onde a esfera terrena termina.

Pedirei a vossa atenção esta noite para as experiências por que eu passei na esfera da justiça, sabedoria e amor. Não quero dizer que tenha habitado essas esferas, mas visitei-as e espero habitá-las quando tiver alcançado justiça, sabedoria e amor suficientes para permanecer permanentemente nesses domínios.

Também me é pedido que defina o que quero dizer com existência objetiva da vida do espírito. À primeira vista pensar-se-á *a fortiori (NT: Com muito mais razão)* que as condições da vida espiritual serão tais que tornem as formas objetivas menos tangíveis e as formas espirituais mais palpáveis, e eu descubro *certiorari (NT: Como recurso excecional)* que isso é verdade -- que as formas espirituais são aquelas que para os sentidos humanos são menos palpáveis, ao passo que as formas físicas que vós considerais mais palpáveis se tornam cada vez menos palpáveis

à medida que o espírito retrocede da vida e das condições terrenas. Pelo que o que vós considerais substância sólida é para mim no meu estado espiritual sombrio, e aquilo que vós considerais sombrio é para mim palpável. Com essa diferença, que é simplesmente uma reversão dos métodos de mensuração das formas objetivas e subjetivas, os estados espirituais são precisamente similares aos estados correspondentes na terra.

Lembrar-se-ão que na noite de Domingo passado eu declarei que enquanto visitava a esfera da cura chegara à conclusão de que o termo 'justiça,' conforme é aplicado na terra, é termo impróprio, dado que parece que em vez de punição se verificava cura pelo crime e as suas causas; e que em vez de retribuição havia um médico mental e moral que aplicava a cura para as condições do crime.

Os meus guias viram a decisão positiva a que eu tinha chegado, e após termos deixado a esfera da cura, eu fui conduzido à esfera da justiça. Inicialmente pareceu-me fria, e eu senti um arrepio palpável à medida que passamos para a região onde a atmosfera, em vez de ser dourada, era tingida com uma ligeira cor azulada e parecia quase glacial.

Apresentava uma clareza ao seu redor e uma penetração que me levou a supor que essa esfera ser uma onde há pouco sentimento. Contudo, pude observar que isso era apenas aparente. Mas enquanto me encontrava dentro dessa atmosfera descobri uma condição mental exata correspondente àquilo que se poderá experimentar quando se é avaliado por uma mente superior, e eu senti como que toda a porção da minha vida estava a ser ponderada e eu vi uma descrição precisa, de cada lado, dos atos que eu supusera ser corretos e aqueles que normalmente eram imperfeitos.

E embora a minha vida tivesse sido o que a maioria dos meus companheiros considerara boa, embora me tivesse esforçado por lidar com justiça com o meus parceiros e nunca tivesse enganado intencional ou conscientemente ninguém, ainda descobri uma vasta proporção de cada um dos lados do que pareceria ser injustiça -- tão forte que inicialmente pensei que representasse uma preponderância para esse lado. Achei que a parcialidade que manifestara me tinha conduzido em determinadas direções e que aqui, como que por um contrabalanço efetivo, a própria atmosfera pareceu carregada com as ações e implementações da minha vida em ligação com a minha carreira oficial e civil; e que embora durante a maior proporção estivesse do lado que eu

acreditara ser o justo, ainda assim havia pouco equilíbrio, por causa do sentimento, do preconceito, da educação, do orgulho e daquelas imperfeições que tanta vez nos deformam o juízo.

Eu tinha tentado manter o meu juízo claro e livre, mas descobri que em muitos casos, por linhas delgadas e quase inconscientes de simpatia e sentimento o balanço tinha pendido para o lado do sentimento e não para o da justiça. Descobri que embora me tivesse esforçado por manter o julgamento claro e interpretar as leis da minha nação de acordo com as mais elevadas normas eu ainda era avaliado ou influenciado nas minhas decisões por uma parcialidade para o que eu considerara ser a norma humana mais elevada; e quando supusera estar a agir de forma caridosa descobri muita vez que se tratava mais de sentimento do que de uma caridade genuína. A emoção é habitualmente tomada por caridade no vosso mundo, e eu não fui superior a isso.

Essa justiça, ou esfera da justiça, em que eu entrei pareceu desobstruir todos os poderes desnaturados da mente que derrotavam os fins da justiça, e eu vi com clareza que embora a esfera da cura e da compaixão tivesse que ver com criminosos assim como com aqueles que se achavam enfermos, não obstante, e para fins da justiça, a austera Némesis da retribuição (paga, castigo), a lei absoluta da compensação prevalece por toda a parte com uma precisão infalível. Fiquei atónito e pareci ficar imediatamente exaltado, por sentir que de todas as qualidades a justiça era porventura aquela a que predominava como principal na minha mente. Mas rapidamente essa exaltação foi-me tirada pela consciência de que nas minhas próprias opiniões e crítica eu não tinha seguido a justiça nem as suas sugestões por eu nem sempre ter tido conhecimento nem paciência, nem os atributos por meio dos quais pudesse medir com absoluta imparcialidade a causa e o efeito do erro humano.

O crime enquanto tal, na esfera da justiça é tratado com uma severidade infalível. O criminoso é enviado, não para a penitenciária, mas para a esfera da cura. Porém, o crime é execrado; e pela severa luz desta esfera de justiça eu pude ver para onde os homens fortes colocados em altos cargos estavam a ser abatidos como que com uma segadeira potente. Pude ver mesmo nesta hora na terra como um indicado para o cargo de uma esfera especial apontou com certeza infalível aqueles que não lidaram com justiça e honra com os seus companheiros; e que essa é a esfera onde todas as ações da vida

humana são avaliadas e medidas e onde, caso seja necessário, os exemplos são dados pela exposição da criminalidade e imperfeição humanas. Não fora essa esfera ser perfeitamente equilibrada pela da compaixão (caridade), e eu poderia ver que essa pudesse igualmente ter sido a esfera onde os antigos profetas Hebreus obtiveram a sua inspirações quanto ao carácter vingativo de Deus.

Nessa esfera pareceu existir uma precisão de tal modo palpável -- olho por olho e dente por dente -- no que à lei diz respeito, que quase me senti oprimido com o poder contundente e penetrante da luz que a parecia impregnar. As mentes que ocupam essa esfera pareciam ter uma clareza cristalina em cuja ideia nenhuma mancha de parcialidade podia entrar, e que podiam ver a linha de causa e efeito com uma certeza exata e capazes de marcar, como que no devido equilíbrio e proporção, a medida da justiça que as nações merecem.

Eu podia ver a ascensão e queda de impérios conforme identificados nesta esfera, pois todo acontecimento que ocorra na terra é aqui registado; e pude ver onde os crimes e os casos de corrupção e de materialismo tinham provocado a compensação e a retribuição que se tinham seguido. Pois com uma certeza infalível o contrabalanço no mundo moral é preservado assim como no equilíbrio no mundo material. Se ocorrerem tempestades e tormentas, verificar-se-á uma calmaria. Assim também no mundo moral, caso se verifique corrupção e materialismo, haverá desolação e decadência.

Eu vi o antigo Oriente na sua imagem de orgulho ali, e monarcas que tinham governado como deuses na terra afastavam-se um a um, como num panorama que se desdobrava diante dos meus olhos, por causa da corrupção dos sentidos e do poder e glória físicos que os tinha traído nessa corrupção. Vi o Egipto no seu orgulho e esplendor, e vi a linha exata do desvio que sofreu da antiga fé e governo -- que a tinha exaltado -- para o poder material e a sua consequente corrupção, uma rocha sobre a qual todas as nações tropeçam e caem, enquanto a reação da retribuição gera a punição.

Pude ver como que com visão clarividente, as duas marés diferentes das correntes morais, como forças magnéticas e elétricas; podia ver que no mundo moral tão certo quanto a mente achar-se murada na materialidade e render-se às suas sequências, assim também virá a reação da retribuição moral, a punição não é acessada por nenhum poder vingativo, mas estando sempre em existência e acertada desde o

princípio, tal como os próprios elementos foram dispostos. Podia ver que certas mentes são eleitas na terra para ser os vingadores da justiça, e que até mesmo o carácter de Judas não é impossível na ilustração dos modos por que a lei divina é executada.

Podia ver que os grandes guerreiros da terra, cuja ambição fora a sua desgraça, também tinham sido tornados instrumentos de retribuição; e que onde as nações tinham pisado nas nações, elas por sua vez eram pisoteadas aos pés por causa da lei da retribuição -- que aquele que tinham semeado ventos colhiam tempestades, e aqueles que ao uso da espada recorrem, pela espada deverão perecer. Pude ver que essa lei é inevitável, e uma lei por meio da qual o homem aprende através da experiência o valor da suprema lei da amabilidade. Pude ver onde Alexandre, os Césares, os Napoleões da história tinham sido usados como flagelos às mãos do Pode Infinito no extermínio das nações, que por sua vez tinham exterminado outras. Pude ver que essas também receberam a sua recompensa de retribuição por causa da ambição e da paixão e amor ao poder que as tinha conduzido. Aí vi o carácter de Lúcifer a quem Milton tão graficamente retracta:

"Alto num trono de estado real, que de longe
Ofusca a riqueza de Ormuz e de Indo,
Ou onde o lindo Oriente com a mão mais rica
Adorna os seus reis com pérola bárbara e ouro,
Satanás exaltado sentou-se, por mérito alçado
Por essa pérfida eminência; e, do desespero
Assim, elevado, alçado além da esperança, aspira
Além dessas alturas, não saciado para prosseguir
Guerra vã com o Céu."

Tivesse Milton retratado o anticristo de todas as eras -- aqueles reis e governantes cuja ambição tinham deixado enlouquecidos -- e não poderia ter sido mais literal do que aquele que eu vi na história das mentes empregues como instrumentos no surgimento e queda de nações e impérios. Lado a lado com eles encontravam-se os salvadores e os profetas, para que a luz e as porções enegrecidas do quadro pudessem ser visíveis para a humanidade, e para que pudessem a lei na perfeição da sua operação.

O que é verdade em relação às mentes proeminentes e líderes individuais é igualmente verdade em relação a cada espírito individual. Pude ver que toda a alma humana é como que pesada, numa balança; e

o quadro do dia do juízo surgiu diante de mim e eu vi aquele livro onde é registado com uma certeza infalível, pelos anjos que registam as vidas humanas, todo pensamento e ato, e pude crer que o vidente de fato teve a visão do juízo que é retratado no admirável Apocalipse; pois ali presente na esfera da justiça, eu vi os mortos, pequenos e grandes, diante desse lugar do juízo; o livro foi aberto e as suas vidas foram lidas a cada um -- não a mim nem às hostes dos anjos que se encontravam ao redor, mas só à alma individual.

O juízo era fato, pois quem, que possua uma consciência desperta, suporta o registo da sua vida individual sem se retrair? Quem aguentaria permanecer na presença do poderoso anjo que tem a seu cargo a esfera da justiça sem se sentir intimidado e humilhado? Ninguém consegue suportar aí estar que não seja perfeito.

Todas as pessoas devem passar pela esfera da justiça. O dia do juízo vem a cada alma que tenha passado ligada à terra, e não há outro caminho para as regiões além senão através da esfera da cura, que desperta a consciência, e da esfera da justiça, que habilita essa consciência a agir integralmente.

Não há caminho para os céus senão pelo julgamento, e aquele que teve a visão estava acertado exceto que não se aplica a nenhum ponto no tempo, mas a *todo* o tempo; pois os mortos, ou aqueles que passaram do vosso seio, são todos os dias julgados nessa esfera e estão a passar com esperanças renovadas e poderes libertos onde o equilíbrio tiver sido conseguido. Se o espírito que entra na esfera da justiça não conseguir a luz penetrante e o olhar perscrutador do instrutor, ou do espírito aponte para lhe ler o livro da vida, então esse espírito será de novo reenviado para a esfera da cura, ou é-lhe atribuído o desempenho de um trabalho adequado até que os poderes despertos consigam suportar o olhar escrutinador.

Vocês sabem a tortura e a dor física que são necessárias para se submeterem uma operação cirúrgica. Sabem como fogem até mesmo da dor da extração de um dente. Para o escrutínio perscrutador moral não há sedativos disponíveis. Precisam ser aí fortes o suficiente para enfrentar e suportar o olhar de escrutínio que lhes é aplicado pela vossa própria consciência desperta. O anjo só lhes revela o livro da vida. Não é proferida qualquer palavra, nem ideia de condenação; mas ele é-lhes colocado defronte, e como um funcionário falso cuja conta é detetada manipulada, vocês são levados a confrontar o vosso registo. Cabe-lhes a

vós decidir; mais ninguém decide por vós. Aí está com a contabilidade de cada lado, e se a balança pender para a justiça e a honestidade, até mesmo assim a humildade impedi-los-á de uma exaltação desmedida.

Mas para que a alma não desespere, para que não se veja privada de esperança, esse não é considerado um estado final, embora, por ora, não tenhamos consciência de alguma vez nos erguermos dele; de momento parece que estejamos eternamente perdidos. Bem que podia aqui imaginar de novo aquela visão do Apocalipse e as visões de Swedenborg bem que se podem aplicar às almas que se estejam a submeter ao juízo e que sintam a humilhação que lhe é inerente e se sintam perdidas. Esse sentimento é o primeiro passo para a vossa salvação; pois que com ele a recém-desperta esperança e o desejo despertado excita as chamas que os bafejam pelo menos nas esferas além. Mas se tiverem cometido injustiça na terra, se tiverem tido o ódio ou malquerença em relação a qualquer ser -- se tiverem cometido um erro que não tenham tido vontade de reparar, podem estar certos de que não podereis passar essa esfera da justiça sem primeiro vos esforçardes por proceder ao reparo integral e por alguma forma realizarem a retribuição requerida.

Se houver alguém na terra que ao som da minha voz sinta animosidade para com qualquer espírito, suplico-lhes que o libertem, para que eles por sua vez, pela consciência de serem perdoados, possam passar quanto antes pelo fogo cruel do juízo; porquanto por ora ainda estarão porventura a pairar sobre vós, remetidos para vós pela ordem severa do exame de consciência e condenação da esfera da justiça, e aguardam aquele pensamento do perdão para que possam ser libertados da escravidão das suas maldades passadas. Se alguém tiver passado para a vida do espírito que tenha cometido alguma injustiça contra vós, ou contra o qual tenhais um pensamento de rudeza, suplico-lhes para que os libertem neste instante, para que eles nem vós possam sofrer mais nessa esfera da justiça inexorável;

Por o equilíbrio precisar ser obtido por alguma forma mais cedo ou mais tarde e o amável sentimento que perdoa antes mesmo de o perdão ser buscado, e que vem ao encontro do errante a meio do cominho apressa a hora da libertação.

Eu assisti a cenas nessa esfera que bem poderiam corresponder ao Inferno de Dante -- almas a gemer na agonia do erro não recompensado que elas próprias tinham cometido; almas ainda não libertas por causa

do ódio que as prendera -- e pude escutar os sons da sua angústia, semelhantes a gemidos de tormento, que pareciam não parar de se ouvir; mas eu soube que embora o vingador ali estivesse, também estava o libertador, e eu pude distinguir mesmo em meio a essa chama fria e perscrutadora o raio terno que iluminava o caminho defronte, e soube que para toda a alma havia libertação quando surgisse o arrependimento.

Essa esfera da justiça acha-se a cargo de poderosos anjos que são designados para assumir o controlo da jurisdição das nações da terra. Dessa esfera é igualmente designado um guia individual ou guardião para cada alma; e que aquilo que fazeis e pensais é conhecido no próprio instante em que é feito ou imaginado. As grandes esferas da vida espiritual são como centros nervosos; vós na terra sois a parte mais extrema, e todo pensamento ou pulsar da mente na terra, ou em qualquer dos estados da vida espiritual, são conhecidos na esfera da justiça e compreendidos por aqueles designados para aí assumirem o controlo.

O grande coração da terra, a gemer por causa dos seus muitos erros, é conhecido e compreendido aí; e era isso que o profeta queria dizer quando dizia: “A vingança é minha; eu retribuirei, disse o Senhor.” Por todos os erros serem aqui corrigidos; toda a compensação é aqui encontrada; toda a retribuição conhecida alcançada e o exato equilíbrio mantido nessa esfera divina.

Ah! Eu podia retratar a justiça perante a qual aqueles que se encontram no poder na minha própria terra vacilariam e empalideceriam. Podia revelar-lhes registos desta esfera infalível, em que as suas vidas são peneiradas e os seus caminhos conhecidos, até o próprio chão sob os seus pés parecerem tremer. Mas não me cabe a mim. A hora chega quando nenhum homem sabe. O dardo cai quando menos é esperado, e aquele que transgredir pode contar com o dia do juízo a qualquer hora. Contudo, não por meio do medo nem do castigo, mas através daquele amor da bondade que transcende todo medo eu vos retrataria os caminhos da vida.

Por mais interessantes e subtis que fossem os métodos dessa esfera, senti não mais aguentar o cenário. Pareceu-me que as cargas do mundo aí se encontravam, e que aguardavam ser corrigidas -- como se erros antigos fossem acumulados na solidez das montanhas e rochas que clamavam por vingança. Ainda assim, os anjos aí encontravam-se cheios

de uma contemplação sábia e de paz; e, observando-lhes os rostos não vi sinal algum de severidade ou rudeza, mas apenas profunda serenidade e paz e firmeza que podem perseverar o tempo todo e aguardar a maturação da colheita da eternidade.

A seguir entrei na esfera da sabedoria. Aqui a luz azulada e dourada achava-se fundida numa que parecia safira. Nessa esfera, descobri, todas as ciências têm a sua origem e começo. As leis e princípios subtis da natureza são aqui conhecidos eras antes que surja uma mente na terra que esteja pronta para a receber. Descobri que os diversos sistemas de ciência conhecidos e ensinados na terra eram considerados nesta esfera como que o palrear de catraios comparados com a sabedoria dos anos da maturidade. Pude aqui ver eminentes esferas de mentes iluminadas -- Herschel, por entre aqueles interessados pela maravilhosa ciência da Astronomia; Humboldt, ainda a solucionar os mistérios subtis e leis da natureza; o nosso recém-falecido Agassiz, ainda empenhado em perseguir aquelas linhas subtis da vida em que todas as formas das coisas criadas honram o seu Criador.

Encontrei nesta esfera o meu amigo, o Professor Mapes, ainda empenhado na resolução daqueles problemas que na terra lhe absorveram a atenção -- problemas da vida natural, os princípios da mecânica, os subtis mistérios da química, tudo quanto lhe era cada vez mais revelado à compreensão. Descobri que a ciência tem a sua filosofia completa aqui, e que as leis do universo da matéria só são compreendidas assim que o seu sistema é capaz de o confirmar completa e perfeitamente.

Nesta esfera, descobri, o meu guia entrava com toda a liberdade, e que na realidade ele pertencia ali; a luz da sua atmosfera correspondia ao azul profundo em que ele entrara. Quando vi os sistemas perfeitos de ideias e escutei as declarações de alguns deles, perguntei: “Por que razão não são elas reveladas à terra? Por que razão andam os homens a tatear às cegas, e a chegar pouco a pouco às soluções dos problemas eras sem fim, se aqui são clara e integralmente resolvidas?”

Eles responderam: “Nós também obtivemos conhecimento ao longo de eras sem fim, e aquilo que alcançamos agora é o resultado. Não podemos pensar pelas crianças, nem podemos acelerar o seu poder de compreensão do que a lei da vida permite. Herschel não poderia ter descoberto o maravilhoso mistério do universo estelar até que as suas faculdades tivessem sido preparadas pelo crescimento para receber a

ideia. Então ele descobriu o sistema geométrico do movimento do sistema sideral e aquele grande ponto central ao redor do qual o próprio sistema solar gira.

"Sempre que existir na terra uma mente adaptada para ase tornar num profeta no mundo da ciência, ele recebe imediatamente a verdade mais elevada que pode receber do mundo dos espíritos. Galileu a insistir diante da Inquisição no movimento da terra, foi uma profecia da ciência, muito antes do seu tempo."

E nessa serena esfera eu vi-o, como que apontado pelo meu guia, num estado de tal tranquilidade de conhecimento que ele parecia conhecer o próprio significado das vozes de todas as estrelas. Vi todas as grandes mentes que a ciência exaltara no seu tempo e locais em grupos constelados, a brilhar com estrelas com cores variadas, porém, harmoniosas. O meu guia disse-me que essa esfera da sabedoria se estendia muito além do espaço interestelar -- até mesmo ao reino celestial, e que o grande e mais poderoso anjo que inspirara a primeira ciência no antigo Egipto, lhe presidia; que era conhecido como Kadmon entre os Egípcios, e que a sua ciência tinha efetivamente sido uma revelação; que ele agora domina esta esfera, e que aqueles que parecem ser diretores são seus súbditos, cada um dos quais recebe luz e sabedoria das esferas acima deles, até por fim a esfera da sabedoria, como aquela da justiça, culminar nalgum ponto do reino celestial no qual algum anjo poderoso detentor de vasto conhecimento, sabedoria e justiça, deter o poder; da parte de quem pensamentos na sua justa proporção descem, pouco a pouco, até as gotas atingirem a terra.

Foi-me dito pelo meu guia que quem quer que invente aquilo que contribua para elevar ou melhorar a humanidade da escravidão do trabalho, ou quem quer que doe uma verdade científica perfeita ao mundo, é exaltado no espírito do mesmo modo que um profeta entre os seus; que aqueles que legaram ao mundo as muitas imprensas de múltiplas vozes por meio das quais o ignorante pode aprender, e a mente mais humilde chega a conhecer mais sobre as maravilhas que sucedem no mundo que as rodeia, são salvadores da humanidade.

Laurens Coster, de Haarlem, (holanda) de quem se diz que foi inventor da máquina de impressão, eu vi na esfera acima da minha, ainda empenhado na perseguição do conhecimento e seriamente alistado na resolução nos mistérios de outras línguas que se encontram para além do alcance do conhecimento humano. Vi William Caxton aí, que

introduziu a impressora na Grã-Bretanha no século quinze. Ele, do mesmo modo, a partir da humilde posição de tipógrafo, foi elevado na terra do espírito à esfera da sabedoria enquanto continua a ser um dos maiores trabalhadores do mundo.

Aí vi o nosso amado e reverenciado Dr. Franklin, a resplandecer em meio a um grupo que se tinha reunido ao seu redor, como discípulos ao redor do mestre. A sua face parecia brilhar com fogo celestial e a sua mente ainda estava empenhada na resolução de subtis problemas da ciência. Ele disse-me, com o rosto a irradiar alegria, que do seu círculo, em conexão com o qual ele era um dos principais instrumentos, as primeiras pancadas (batidas) que indicaram a presença do mundo do espírito ao pensamento moderno, foram inventadas, e que ele fora um dos primeiros designados para se encarregar dessa linguagem subtil entre os dois mundos.

Mais potente, disse ele, do que os elementos da eletricidade, mais espantosas do que as maravilhas reluzentes do relâmpago, é essa força subtil que o mundo do espírito agora emprega para conversar com os marais; e, considerando que a eletricidade fora transformada no moço de recados do mundo, também essa força se transformará no mensageiro para as nações e no servo do homem nas esferas da vida do espírito e no plano da existência material. Não é eletricidade, mas um agente mais subtil que ainda não tem nome na terra; que ele me pediu para lhes designar pelo nome de “Força Psicodinâmica,” a força de vontade mental sobre os átomos da matéria, que tem o seu instrumento principal na *força de vontade* e que é mais subtil do que a eletricidade ou o magnetismo, ou qualquer outra força que ainda precise ser designada na terra.

Sentei-me ali a escutar o seu discurso até parecer que tinham passado séculos e pude ver revelados, uma atrás do outro, pequenos aspetos de invenções que tinham sido bênçãos para a humanidade; e ele disse-me que havia milhares de invenções à espera de algum avanço mental suficiente que possibilitasse recebê-las e legá-las ao mundo.

Ah! Então pensei o estudante no seu sótão à meia-noite, e na luz gloriosa que ele deverá ceder ao mundo a partir da sua fé e conhecimento e não por causa do aplauso do mundo. Pensei na fome e na privação, e na perseguição de todos os inventores encontraram às mãos dos homens. Então vi nessa esfera glorificada como o conhecimento é exaltado, e como aqueles que beneficiam o seu género são reverenciados entre os anjos.

Essa é a esfera da sabedoria; e dela parece advir todos aqueles métodos de emancipação da humanidade da servição e da labuta; e só pude louvar o Infinito quando vi muitos mais métodos a aguardar algum cérebro fértil e mente desinteressada que os apresentasse às pessoas. E pensei nos nossos inúmeros milhões -- como também eles, poderão ser elevados; e orei para que surja a hora em que algum novo profeta no mundo da ciência possa nascer entre os homens que não venha a ser apedrejado, insultado nem perseguido, mas possa ser reconhecido até mesmo entre os seus e no seu tempo e geração.

O Dr. Franklin disse-me que esse subtil poder da força espiritual que é empregue pelos espíritos nos seus métodos de conversa uns com os outros, haveria de se tornar de mais-valia no mundo da mecânica do que o vapor ou a eletricidade, ou qualquer força atualmente empregue na terra. Pensei então no que já fizera -- ao descartar as cargas de um milhar de almas que de outra forma estariam no desespero, e acreditei nele.

Quando tiver passado o tempo, e à medida que crescer em conhecimento, ser-me-á permitido habitar a esfera da sabedoria, por se me ajustar melhor do que a da justiça. Não desejo aplicar à humanidade nem aquilo que ela merece. Prefiro permanecer onde a filosofia e a ciência lancem os seus raios benignos e eliminar, de certa forma, a necessidade e a justiça pela exaltação da reverência que o homem tem pela humanidade e por todas as coisas mais.

Uma outra esfera se abriu. Só pude obter um vislumbre dela. A glória pareceu-me demasiado esplendorosa para que até eu a suportasse; mas vi que estava limitada pelo lar que a minha amada companheira me tinha preparado; e que as mães cujos corações ainda se encontravam na terra entre os seus amados, aí residiam enquanto o seu amor era vertido para baixo com a refulgência mais resplandecente para os objetos amados na terra. Vi aqueles cujo amor tinha exaltado e coroado e glorificado -- que, por um objetivo amado, tinham passado perigos e prisões, tortura e chamas, ou que, pelo amor à verdade, se tornaram mártires ou santos -- agora exaltados no mundo das almas.

Então soube que a esfera do amor interpenetrava todas as outras esferas, e que embora alguns pudessem permanecer na da justiça, ou na da compaixão, ou sabedoria, com efeito a esfera abrangente era aquela do amor; pois aí vi muitas das mesmas pessoas que eu tinha visto nas esferas da justiça e da sabedoria; mas principalmente aqueles que aí

habitam eram tais que tinham sido exaltados e emancipados pelo seu amor -- aqueles que, se tinham esquecido de si próprios (abnegados) e que tinham sido glorificados; patriotas que tinham morrido para salvar o seu país, todos colocados no altar que acreditavam ser o melhor e o mais elevado. Aqueles que tinham servido ao longo de uma vida longa de paciência e labutado em algum indigno -- aqueles que tinham dedicado todas as suas vidas em paciente labuta e sofrimento em prol do amor. Esses vi eu coroados e glorificados com flores-de-lis da paz alva na testa, e uma doce paciência e reconhecimento consciente. Aí vi mesmo aquela a quem Cristo perdoou -- a qual muito tendo pecado, também amou muito; e além, a luz fundiu-se a as esferas pareceram todas misturar-se, e eu contemplei o Filho do Homem, com amor e piedade da humanidade, e que através desse amor fora exaltado; e soube que santo e mártir eram glorificados não por causa do sue credo, mas por aquele amor que os exaltara.

Então surgiu diante de mim uma longa linha daqueles que, desconhecidos da história, tinham vivido vidas de sacrifício e de devoção, e soube que, embora a justiça seja grandiosa e a sabedoria seja gloriosa, o amor exalta muito mais a humanidade do que tudo o mais, e que a pequenina casinha de campo coroada pela sua presença é glorificada, e que a grande propriedade terrena sem ele é vazia e estéril.

Vi onde o amor do céu se fundia e misturava com toda a justiça em perdão, toda a retribuição em paz, todo o desespero em esperança; e tive conhecimento de que a coroação gloriosa das esferas celestes que beiram o reino celestial era a esfera do amor onde se encontra o Filho do Homem, que concedeu à terra a lição da “Paz na terra e boa vontade entre os homens,” e aquele mandamento, “Amai-vos uns aos outros.”

JUIZ JOHN WORTH EDMONDS

Boa noite, amigos. Venho até vós da terra do espírito. Atravessei o rio e encontro-me no vosso círculo, onde sou capaz de comunicar convosco através de um organismo humano. Pela primeira vez visito os meus amigos do Sul, e rezo para que a minha visita lhes possa trazer as verdadeiras e perfeitas leis da harmonia. Estou encantado por aqui me encontrar, Irmão Watson. Encontramo-nos quando eu me encontrava na forma, e desejei ceder algumas ideias para o seu livro "The Clock Struck Three"; mas a cena final chegou - o grande pêndulo da minha existência terrena parou de se mover.

Eu deixei a terra para passar a trabalhar a partir do mundo do espírito, e encontro-me aqui esta noite consoante a minha voz interior me incita a fim de comunicar para o seu Magazine. Desde as costas celestiais muitos amigos observam com interesse a pequena barca carregada de verdades espirituais que você largou sobre as águas do Sul.

Desejo, já que de vez em quando venho, manter os corações todos quentes, cheios do amor Divino, como aquele amor que emanou do espírito de Jesus, que aperfeiçoa todos os círculos através do amor e da harmonia. Durante anos antes de deixar o corpo eu esgotei-me com a sua debilidade. O velho baú quase se foi, caído à terra. Mas a minha missão não terminara; embora a árvore abanasse, o meu espírito ainda mantinha o seu domínio. Os meus amigos espirituais foram os meus constantes assistentes; pela sua ajuda e constantes instruções o espírito foi preparado para proceder à partida em paz. Foi pouca a dor que senti. Foi uma separação gradual do corpo. Por vezes eu parecia perder todo o controlo do corpo - e via-me livre dos seus ónus - quando o pesar dos meus filhos, me mantinham preso à terra, e eu voltava a animar o corpo de novo. Continuei a fazer isso até que o espírito conquistou a vitória, e a minha nova vida começou.

Livre dos limites que me tinham aprisionado durante anos e pressionado pelo sofrimento físico, eu pulei com toda a alegria de um espírito recém-nascido no maravilhoso mar de uma nova vida - nascido de novo, cheio de vigor, viçoso. Com as mais sinceras aspirações que inundam a alma com o começo do verão, eu agarrei todo pensamento que me veio ao encontro da parte dos meus amigos espirituais que se encontravam comigo a contemplar o velho corpo - a conversar sobre ele como se poderia conversar sobre um manto bem gasto, que após um longo serviço tinha sido posto de lado.

A minha companheira, que tinha partilhado as alegrias e tristezas da vida terrena, e tinha sido a minha guia espiritual e conselheira através dos longos anos da minha busca pelo conhecimento, foi a primeira a vir ao meu encontro e a guiar-me- até ao seu lar espiritual. Com a sua mão entrelaçada na minha, pelo poder da vontade avançamos com estupenda rapidez através do espaço - deslizamos ao longo de um raio de luz elétrica. Eu reparei em muitos desses raios de luz de cada um dos nossos lados que se cruzavam e voltavam a cruzar em diferentes pontos. Vi espíritos a chegar e a partir; todos aparentemente decididos com a um objetivo qualquer; todos pareciam ter um trabalho a fazer.

Ao entrar no plano espiritual novas belezas se apresentaram constantemente a si mesmas. Flores que nunca mais acabava, árvores grandiosas e persistentes, com vinhas graciosas encadeadas de cada um dos lados; sons de música distante vieram saudar-me os ouvidos, e a fragrância de inúmeras flores deixaram-me os sentidos em transe. Tudo parecia tão perfeitamente natural que eu mal podia perceber que tinha procedido à mudança. Mas não me vou estender acerca disso, já que você, amável amigo, colocou nas páginas do "Clock Struck Three" o primeiro discurso que fiz desde o mundo do espírito, emitido em Londres, através da Sra. Cora Lodencia Veronica Tappan. Aí faço uma descrição completa da minha entrada no belo plano da imortalidade, e delineio em detalhe todas as suas encantadoras cenas e arredores.

Esta noite desejo falar dos espíritos que se encontram fora do corpo, e do poder que têm de controlar os espíritos encarnados. Uma das maiores dificuldades com que os amigos que regressam têm que se debater é a ansiedade excessiva da parte dos amigos terrenos de receber comunicados com respeito aos assuntos do mundo; agarrados como e encontram por meio da falsa instrução ao material em detrimento do espiritual, repelem os mestres mais perfeitos e avançados, que os aguardam fora para lhes ministrar o alimento espiritual, e eles atraem os espíritos mundanos ou não desenvolvidos que tenha vontade de comunicar com base em qualquer tema que os curiosos e os espiritualmente ignorantes possam propor, muita vez comunicando falsos testemunhos e conduzindo as suas vítimas a um mais profundo desapontamento e pesar.

"Não podeis servir a Deus e a Mamon." Todo investigador traz as suas próprias condições consigo: assim como a vossa alma palpita, também o espírito avança. Se, no âmbito da verdade espiritual buscais receber a

verdade, ela ser-lhes-á dada. Se, em toda a seriedade e sinceridade avançardes até ao escabelo do trono do vosso Pai a pedir o conhecimento que possais melhorar na graça espiritual, atraireis aqueles que, por meio do amor de Deus, vêm gerir as vossas carências e guiá-los ao longo do caminho que conduz a um cuja verdade viva e amor perfeito é conhecido da humanidade.

Sois vós os da terra que possuís o poder de controlar o espírito e não o espírito que tem poder de vos controlar; imortal e mortal trabalham em uníssono. O espírito só pode controlar na medida em que providenciarem condições; assim como as vossas condições forem, assim será a influência controladora. Se, em perfeita harmonia buscardes os vossos amigos espirituais com ansiedade no coração, a implorar por mais luz, então espíritos de conhecimento, na harmonia do amor com o Mestre da Galileia virão e sustentá-los-ão com o pão da vida.

Se, na pureza do espírito, procurardes conversar com os amados que tenham partido antes, ajudareis à sua vinda; e se acontecer que do lar tenha partido um cujo caminho tenha lugar nos lugares escuros, cujo espírito tenha sido envolto pela sombra do pecado, o vosso espírito em busca desse infeliz com uma oração sincera e um desejo puro ajudá-lo-á a receber a luz cuja entrada o seu infeliz organismo, enquanto tiver estado na terra, terá impedido.

Muitos dos que ainda não provaram do pão da vida, clamam: "Por que razão os nossos entes queridos não vêm a nós? Se existir alguma verdade no Espiritualismo, porque não vêm até nós os nossos amados? Estamos ansiosos por saber tudo a respeito da comunhão do espírito. Porque não vêm eles?" Ter-lhe-eis vós dado uma oportunidade? Tereis buscado alguém por intermédio de quem eles possam comunicar? E se tiverdes, tereis ido até junto dele com o coração cheio de graça? Não tereis ido como aquele que se arrasta sob as sombras da estrada, para que o mundo não possa vê-los a roubar, o vosso espírito a cochichar por mera curiosidade:

"Eu vou procurar, mas já sei que são todos impostores?" Poderíeis vós esperar, com tais condições enganadoras a envolvê-los, receber uma saudação dos vossos amados? Levando convosco à presença do organismo sensitivo o espírito da dúvida, vós transmitis de imediato as vossas condições à médium, que a vai inundar, ou a ele, de medo e um sentimento de inquietação que tornará as condições para o controlo

impossíveis ou, caso um controlador surja, provará ser vago e insatisfatório.

Ides-vos embora insatisfeitos, a culpabilizar a médium e a duvidar da verdade da comunhão do espírito quando tereis sido vós próprios quem terá provocado o fracasso, fechado o acesso com as vossas próprias mãos e afastado os vossos amados que estavam à espera do lado de fora - vós, com a vossa pouca fé, e iníquo preconceito. Se desejardes conhecer a verdade do poder do espírito, buscai com um desejo sincero - determinados a conhecer a verdade, e não aceiteis senão aquilo que à vossa razão parecer verídico; buscai como céticos sinceros e honestos, e em quase todos os casos, recebereis provas da presença dos vossos amados. A todos, crentes e não crentes, eu diria para nunca abordardes os vossos amigos espirituais com motivos mercenários Se o fizerdes, sereis levados ao vale das trevas e sereis constantemente enganados por bugigangas brilhantes - e sereis levados por diante por um fogo-fátuo que no fim os afundará no pântano da dúvida.

Os vossos verdadeiros amigos espirituais conhecem as vossas necessidades. Eles guiá-los-ão com respeito a como haveis de vos mexer enquanto estiverdes no plano terreno. Vivei puros no espírito, sejam verdadeiros para com todos os impulsos superiores da vossa natureza para poderem atrair aqueles espíritos que, pelas leis perfeitas, se tenham aperfeiçoado; assim, desenvolvei-vos para poderdes ajudar ao desenvolvimento dos desafortunados que, da terra do espírito, venham à terra produzir desarmonia. Esforçando-vos por os elevar, vós elevar-vos-eis. Todo feito por gentileza a um desses, contribuirá para a alegria no céu, e trará ao vosso lar uma multidão de almas santificadas que assistirão constantemente às vossas carências espirituais e os elevarão acima do vale do pecado e colocarão mais perto de Deus.

JUIZ EDMONDS

A ESFERA DA SABEDORIA

18 de Março de 1877

(NOTA: O texto, raro, apresenta cortes substanciais na publicação original, digitalizada)

Senhor Presidente e Amigos: Nos discursos que proferi anteriormente, através deste organismo, tratei da entrada na Vida do Espírito, das sensações e experiências que acompanharam essa entrada, e dos três estados distintos de existência espiritual por que passei, por vezes como visitante e outras vezes como uma porção da minha existência. Esses três estados são as esferas que circundam imediatamente a Terra, que incluem aquela das sombras, ou condição daqueles que sofrem pelos erros e crimes cometidos aquando da sua estada no corpo; a esfera da Beneficência ou Cura, onde as almas são tratadas com relação às suas imperfeições morais, e onde o tema da cura recebe a atenção da matéria moral. A terceira esfera que descrevi foi a do Concelho das Nações, em que eu visitei diversas porções daqueles grupos que estão ligados ao bem e interesse dos governos da Terra.

Descrevi até agora essas esferas de forma variada e procurei transmitir a impressão que me causaram pelo contato que tive com essas associações espirituais. Esta noite avanço para um outro nível, e apresento-lhes os resultados de uma visita que fiz a uma esfera de sabedoria. Decerto que se encontra além daquela do conhecimento, embora incorpore muito do aprendizado e verdade científica. Sem dúvida que se situa além da do bem-estar externo dos governos nacionais no presente aspeto que assumem na Terra; parece misturar a lei espiritual com a lei externa e constituir o objetivo no presente raio das atmosferas espirituais ligadas à terra, em que a sabedoria se une à misericórdia e a beneficência e a justiça se combinam na transmissão aos outros e àqueles que se encontram abaixo a devida combinação das leis espirituais.

Porém, foi com pesar que reparei que aqueles que creem na filosofia espiritual têm demasiada tendência a avaliar a Vida Espiritual pela vida da terra; quer dizer, a vida terrena exterior. Eu próprio encontrava-me um tanto equivocado com respeito a isso, quando me encontrava no vosso seio. Tendo-me convencido da verdade espiritual numa idade avançada

da minha vida, ou pelo menos durante os anos que seriam considerados como além da maturidade, o hábito da minha mente fixou-se e eu interpretei com respeito à opinião externa e da consciência externa muitas coisas que precisam ser interpretadas unicamente com relação ao espírito.

Vós podíeis sentir-vos ofendidos e afrontados se, no período da virilidade, alguém lhes apresentasse os brinquedos que usavam em criança, e lhes dissessem que era próprio brincar com eles, instrutivos e os edificariam pelo resto da vossa existência. Quem quer que espere levar consigo para a eternidade as frivolidades, as personalidades, os gostos e os apetites externos que os rodeiam aqui, estará enganado.

É verdade que nos estágios iniciais da existência espiritual essas frivolidades e ambições têm muito que ver com a decisão da condição imediata que o espírito terá após a morte; e é verdade que há casos que poderá considerar que os espíritos estejam na prisão, onde as cadeias dos apetites externos se agarram ao espírito durante muitos anos, e possivelmente durante gerações. Porém, não é verdade que num sentido geral o espírito retenha as necessidades exteriores do corpo, os desejos temporais que rodeiam o corpo aqui, nem as aspirações que pertencem exclusivamente à vida terrena.

De modo que, avaliando o conhecimento das esferas e a consciência que o espírito deve experimentar ao passar pelas diversas esferas da Vida do Espírito, devemos por de lado o julgamento externo, e considerar que quando vierem para a Vida do Espírito, estareis, em certa medida, por trás dos bastidores da existência externa, que são em grande medida escárnio e a aparência. Digo isto como uma palavra de aviso, para que não embelezeis com a imaginação externa aquilo que vou dizer, mas para que possa penetrar os vossos espíritos e neles formar uma convicção da sua verdade.

Em tudo o que relato, as experiências são reais; mas são reais com respeito ao próprio espírito e o seu meio. Esse meio toma parte da natureza das existências espirituais e substâncias, e em caso nenhum são materiais nas suas combinações. Acho necessário proceder a estas explicações por pensar que haja certas mentes aqui que porventura conhecem um pouco deste assunto; mas há outros que, bastante conhecedores, ainda assim pouco sabem no sentido genuíno da compreensão do espírito.

Eu mencionei num discurso anterior que o conhecimento externo da mente do homem, chamada cultivo intelectual, não eleva necessariamente a natureza espiritual, e que muitas mentes científicas não se encontram, por conseguinte, espiritualmente esclarecidas; que as regiões que fazem fronteira entre as das trevas e as da luz se acham repletas de infantes intelectuais, aqueles que na terra eram cientistas por natureza, porém, não cultivavam uma aspiração genuína espiritual. Depois de tudo, muitas das mentes científicas na terra podem ser avaliadas como não encontrando-se entre os mais elevados dos espíritos na Vida do Espírito, mas existindo na ala intelectual da existência, além da qual poderão (...) passar pelo espírito da vida, que (...) de uma aspiração espiritual e intuitiva.

Mas a esfera da Sabedoria de que vou falar e em cujo interior não me encontro, mas tão só a olhar por dentro, é composta por aquelas pessoas que parecem ter ido além do estágio da mera filantropia, no sentido externo da palavra; além do estágio da mera compaixão pelo sofrimento, na (...) definição de compaixão e simpatia, além do estágio de uma mera busca de conhecimento intelectual à maneira da ciência, além do nível do estudo das leis da natureza com o mero objetivo de lhe conhecer os aspetos técnicos, e além da aspiração da descoberta de mundos em função de um mero aduzirem ao conhecimento que têm do sistema planetário. A esfera da Sabedoria compreende aqueles (...) da terra cujos poderes foram dedicados à elevação da sua espécie e em relação com esses poderes (...) apresentar aquilo que elevaria o pensamento do homem espiritualmente, assim como o seu conhecimento externo.

O alfabeto constitui um mero método de aquisição de conhecimento, e não constitui finalidade nenhuma em si mesmo. A linguagem representa o método para descrever o pensamento, e é o pensamento que reside para lá da palavra que a humanidade busca. Assim, na vida depois da morte, o conhecimento técnico do espírito e da sua existência não é adequado. Requer-se sabedoria para se perceber que a existência signifique alguma coisa, que é enobrecedora, inspiradora, estimulante; que conduz a alma a um ambiente em que não só a linguagem e o uso do alfabeto, as formas externas do aprendizado, as matemáticas, os governos humanos, as teologias humanas, não possuem qualquer uso, mas onde se revelam completamente vazias e sem sentido, por o espírito se encontrar num estado mais elevado de perceção e conhecer a verdade sem esses agentes da vida externa, que não passam de

trampolins. Espero ter-me tornado claro, pois à volta disto gira aquilo que desejo dizer com respeito a esta esfera da mais alta sabedoria.

Eu tenho andado em busca de um estado de existência espiritual em que possa entender os meios pelos quais as inteligências espirituais influenciem a vida e as ações humanas e consigam a reconciliação de leis espirituais com aquelas que parecem controlar a natureza externa e as ordens das nações e dos homens. Encontrei isso aqui, mas não encontrei o seu poder de orientação e de controlo até finalmente eu ter descoberto ou ter-me acercado ou abeirado da esfera da sabedoria, onde já descobri que o meu guia e instrutor pertencem.

Aquele que me guiou nas minhas fracas tentativas terrenas para a compreensão da natureza espiritual; aquele que me tinha suportado pacientemente na confusão e conceção errada que eu alimentava quanto à verdade espiritual; aquele que me tinha, passo a passo, iniciado nos níveis da vida espiritual, e que agora aparentemente me conduzia tão longe quanto podia chegar, até aos limites dessa esfera da Sabedoria onde ele parecia livre para entrar e passar, mas até onde eu não tinha o poder de chegar. Vós podeis saber que ele foi o meu guia nas comunicações que eu recebi na terra, pelos livros que publiquei. Refiro-me a Lorde Bacon.

“Nesta esfera da Sabedoria,” disse-me ele, “fui eu admitido não por qualquer saber ou conhecimento externo que tivesse; nem pelo discernimento do pensamento externo quanto aos assuntos dos homens, à relação dos governos, ou às filosofias que combinam o mundo externo; mas à vontade de compreender a verdade, que me tornou o espírito tão humilde e simples quanto a mente de uma criança.” Não entendendo bem o que me dizia, eu disse: “Que quer dizer com isso?”

Ao que ele retrocou: “A sabedoria no seu estado perfeito brota do perfeito amor pelo Infinito, e esse amor e essa sabedoria, exercitados ao longo de todos os estágios da existência espiritual, constitui o governo da Vida do Espírito. As formas exteriores de governo, como as que têm expressão na terra, constituem as simples imperfeições do pensamento humano, fragmentos imperfeitos de leis que são percebidas de forma indistinta; ao passo que por trás dessas leis exteriores indisciplinadas residem as leis últimas do universo, e os homens são governados na qualidade de nações, sociedades e indivíduos por esta corrente de silenciosas e imutáveis leis espirituais, que os move que queiram quer não, e os guia por fim ao propósito do progresso e do avanço espiritual.

Por isso, na esfera que eu habito, nós temos qualquer necessidade de comiseração nem qualquer necessidade de filantropia, necessidade alguma da caridade que é exercida na terra."

Inicialmente isso soou-me a indiferença. Segundo a mais elevada compreensão da inteligência e da instrução espiritual da religião, a caridade, a benevolência, a filantropia, constituíam as aspirações mais sublimes do espírito humano. Lembro-me bem das tentativas que fiz por melhorar a condição de sofrimento dos necessitados da terra. Lembro-me bem do interesse que tive por certas filosofias de que me pareceram que o bem-estar da nação e da sociedade humana dependiam. Lembrava-me bem da esfera de Beneficência, onde Willberforce e certos médicos eminentes da terra e distintos filantropos tinham sido vistos, e disse: "Quer dizer que essas não são as aspirações mais elevadas da mente?"

E com calma e nitidez a luz daquela esfera dourada vibrou na minha direção numa resposta clara que se assemelhava ao tinir de um sino. E ele disse-me: "Não sabes que há um amor que transcende mesmo a piedade, e que é de tal modo omnipotente e que tudo permeia que não precisa de se expressar através da comiseração, mas exerce supremo controlo pelo próprio poder da sua força omnipotência? Não sabes que há uma sabedoria que vai além do melhoramento da condição de sofrimento que, no sofrimento que, pelo sofrimento e através do sofrimento da humanidade os conduz ao conhecimento e ao pensamento elevado?"

Mesmo então a ideia não me entrou de todo na mente até que ele me pediu que olhasse para a terra. Vi miríades de seres humanos a debater-se com circunstâncias externas e com uma variedade e diversidade de objetos. Aqui um pobre e ali um milionário bem-sucedido. "Bom," disse ele, "da perspetiva da terra aquele que assiste ao pobre é um filantropo; aquele que condena, ou pelo menos não simpatiza com o milionário é considerado justo; e o estado mais elevado da sociedade humana é aquele que tenta reconciliar ambos esses estados.

NA ESFERA DA SABEDORIA, O POBRE É OBJETO DE INVEJA (...) E DO HOMEM DA RIQUEZA DEVEM SENTIR COMISERAÇÃO, POR POSSUIR PODER EXTERNO ENQUANTO O OUTRO PADECE DE POBREZA DE ESPÍRITO; NÃO SÓ ISSO, NA ESFERA DA SABEDORIA SENTE-SE ISSO, POR A GRANDE COMPENSAÇÃO DA

NATUREZA SER A DE QUE, AQUELE QUE POSSUI QUALQUER TIPO DE RIQUEZA, E ISSO SOMENTE ÀS CUSTAS DE UM OUTRO TESOURO MELHOR, SABE DA POBREZA DE QUE PADECE PELO PRÓPRIO ATO DE ACRÉSCIMO DO OUROPEL E DO BRILHO EXTERNO. REMOVAM-LHE O TESOURO EXTERNO E O MILIONÁRIO SENTIRÁ A ESCASSEZ DA SUA (...); AFASTEM DO OUTRO A INTERDIÇÃO QUE A POBREZA LHE IMPÕE, E A ALMA LIBERTA SENTIR-SE-Á NA PRESENÇA DOS SEUS PARES. POR ISSO, A ESFERA DA SABEDORIA, AQUELE QUE APRENDE A VALORIZAR OS DONS DO ESPÍRITO PELA POSSE DE (...) E AQUELE QUE CULTIVA A PACIÊNCIA E A IMAGINAÇÃO PELO SOFRIMENTO EXTERNO, SÃO APENAS DOIS CAMINHOS DIFERENTES PARA O MESMO ALVO."

Então, ele mostrou-me um criminoso que na terra fora condenado por um crime declarado talvez de assassinato, e que era culpado pelo delito de crime. Também me mostrou um homem de imaculada reputação, sem mácula perante o mundo, um homem devoto (...) um filantropo de boa intenção, na medida em que o mundo o concebe, que buscava apenas aquilo que era justamente correto na consciência da sua própria probidade. O criminoso era alguém de quem vós e eu nos ocuparíamos.

O criminoso era alguém por quem eu teria exposto os meus dons, o que quer que pudessem ter apresentado, quando estive na terra. As extenuantes circunstâncias do caso teriam sido todas suportadas. Eu teria conseguido a sua libertação, ou melhorado a sua condição, em pessoa, e teria despendido cada energia da minha mente para chegar até ao espírito dele. Enquanto o homem que caminhava com probidade perante o mundo eu teria considerado um modelo de emulação.

Da esfera da Sabedoria, que o meu guia habitava, ele mostrou-me como que com a lente do espírito, que o criminoso tinha recompensas que o homem devoto não possuía; ele tinha noção das suas imperfeições, enquanto o hipócrita se via, por aquela inconsciência, impedido de entrar nos reinos dos céus. Aquele que é virtuoso, e se (...) com base na virtude que tem, ergue uma grande barreira entre ele próprio e o reino dos céus do que aquele que, consciente das suas faltas, tem o poder do arrependimento, por meio do qual poderá ascender.

E então vi que todo o problema moral do mundo estava invertido, que aquilo por que o homem se esforça e cobiça, pelos meios externos de uma bondade e caridade equivocada, não é muita vez a coisa a ser ganha. O único aspeto alcançado é que o exercício dessas qualidades beneficia a alma que as exercita, e geralmente aqueles em quem são exercidas; e que da esfera da Sabedoria, que o meu amigo habita,

parece haver um esplendor de perfeição estendido na direção da terra, uma linha nivelada de luz que abençoava o alto e o baixo, o rico e o pobre, o devoto e o ímpio, na exata posição espiritual em que se encontram.

E eu podia ver que, façam os homens o que quiserem, essas linhas de luz convergem por corredores graduais ou sinuosos para o ponto dos céus em que esta esfera da Sabedoria se acha. A Beneficência é ótima, a Caridade é bela, se for inconsciente; a frescura de uma vida de pureza é aromática à ideia dos anjos, e a bondade que derrama a sua doce luz sobre a terra por um suave ministério torna-se inconscientemente uma porta aberta para o ministério dos anjos. Mas todos esses esforços exteriores por cumprir com os aparentes deveres da vida caem e empalidecem diante do olhar de sondagem do espírito que encontrará a maior parte do mérito do espírito e o pesará na balança equitativa da esfera do Amor e da Sabedoria.

Não vos podeis, pois, admirar que, por essa ‘pesagem’ e contemplação desses aspetos, todos os esquemas mesquinhos para a reforma humana e a filantropia humana, para a liberalização do governo humano, me pareçam como que brinquedos nas mãos de uma criança. Não vos admirareis, pois, se eu cheguei a compreender a razão por que o mundo angélico não promove esta missão, ou essa reforma, ou qualquer necessidade particular que a humanidade pensa que tem. Foi-me perguntado muita vez, enquanto ainda era cidadão do mundo exterior, por me saberem em comunicação com o Espírito da Vida, se os espíritos tinham tanto interesse no bem-estar humano e no aperfeiçoamento moral do mundo, por que razão não se interessavam por qualquer reforma especial que ocorra no mundo, provando desse modo o interesse que têm pelo avanço da humanidade?

Os espíritos interessam-se por reformas especiais, mas são espíritos especiais; são aqueles que com toda a probabilidade se interessam por essas mesmas reformas se estivessem aqui entre vós, e não tenham ainda passado além da influência da simpatia externa que os induziria a favorecer esta ou aquela filantropia particular. Há igualmente espíritos interessados em especulações externas e esses professam dar concelho com respeito a assuntos de negócios, e em alguns casos foram bem-sucedidos; mas vós compreendereis prontamente que um espírito desses não poderá ter ido longe na região das causas espirituais para

ainda ser capaz de tratar de meras externalidades da vida exterior e mexer com as coisas que dizem respeito aos sentidos do homem

Por isso, ao ir ainda mais longe, descobri que a esfera da Beneficência ou Cura, tratava o crime como uma enfermidade moral, vós prontamente podereis entender que os espíritos não se empenharão em nenhuma codificação de leis que torne as regras da justiça humana mais estrênuas, nem poderão, por nenhuma forma aparente, chegar aos governos da terra até que a própria humanidade tenha sido elevada a um nível superior de legislação reconhecida. As pessoas têm a tendência para supor que os governos e a lei social sejam em si mesmos uma causa de um bem humano,

Mas o contrário é mais o caso. As leis são o resultado da condição média da mente humana, e o governo que melhores leis tem deve ser o governo que tenha o melhor estado e condição de leis. Por conseguinte, o Mundo do Espírito deve estar mais concentrado no alcance da condição das mentes individuais, e em instruí-las e em fundirem a sua vida na sua, do que em instruir os detalhes do governo externo ou formas ou métodos de reforma.

Um outro pormenor é o de que a religião - a razão do porquê o Mundo do Espírito não revela por uma forma qualquer tangível a verdadeira religião da humanidade, e desse modo poupa toda esta peregrinação, curso desviante a que as diferentes religiões do mundo conduzem os homens. Da esfera da Sabedoria, pois, eu percebi que aquilo de que eu jamais tivera qualquer dúvida enquanto estive na terra, que a religião Cristã era a mais elevada na sua forma de aspiração moral e espiritual que alguma vez foi dada ao homem; mas que, devido à imperfeição das perceções da humanidade, a interpretação dessa religião deve permanecer imperfeita, e que quantidade alguma de instrução espiritual poderá alterar, senão gradualmente, o estado das teologias cogitadas no mundo; que isso deve sobrevir como resultado do crescimento, o qual tem lugar pela inspiração espontânea das esferas da Vida do Espírito, que se encontram a um passo à vossa frente, seja qual for essa esfera.

“Quão inútil, pois,” disse-me o meu magnífico mestre, “darmos qualquer orientação a um estado de espírito que não esteja preparado para ver essa orientação. O cego só poderá ser conduzido por um processo gradual de aprendizagem; o jovem só pode ser instruído por métodos graduais de progresso; não há verdade alguma arbitrária, absoluta, e inapta que possa chegar a qualquer mente humana. Os anjos do céu

mais distante possuem somente esse nível de verdade para que aspiraram e se desenvolveram.”

Então vi a luz polida acima da qual a luz central desta esfera do Amor e da Sabedoria parecem formar-se (...) a religião mais adaptada parta a humanidade. Não havia nenhuma cerimónia visível; mas depois não havia sinal algum ou símbolo percetível. Não havia nada por que pudesse ser medida a configuração exterior ou lei da Igreja, mas eu senti que alastrava, como a luz do sol, as diversas religiões das esferas intermediárias e a da própria terra; e vi aqueles raios de luz dessa central alva a resplandecer através das esferas (...) Beneficência, a derramar luz e beleza àqueles que curavam os moralmente enfermos.

Via luz dirigida para baixo para os espíritos que se encontravam na prisão, aqueles que ainda se encontravam envoltos no seu orgulho, na sua personalidade, nas suas ideias externas; reis mortos que deixam a vida com erros sem resposta, que palmilham a terra para cima e para baixo à espera da hora da sua restituição; milionários falecidos, que se extinguem com um enorme peso de ouro no espírito e aguardam na prisão da pobreza e da imperfeição espiritual; almas cheias de orgulho e paixão externos -- vi esses raios a penetrar até mesmo aí, e que a perfeição divina da vida acima se encontrava, que tinha algo para toda condição da vida abaixo dela; que o princípio de Cristo expressado no Cristianismo quer dizer aquilo que é capaz de ser perfeitamente compreendido segundo a condição de toda alma, e que tinha algo para cada uma; e que aqui sobre a terra as diferentes ordens de religião são igualmente essenciais para os diferentes estágios do pensamento humano, quanto os diferentes graus de escolaridade numa escola de aprendizado, ou os diferentes passos que damos antes de atingirmos os altos níveis da matemática.

Por conseguinte, vi que a própria religião é a pureza alva da esfera do Amor e da Sabedoria, completa e perfeita em si mesma, mas que é violada de acordo com a compreensão dos homens; que o próprio Cristo cortou o pão da vida através do manso ministério do seu espírito, de acordo com a compreensão daqueles que o seguiram, e que os vários instrutores das diversas religiões têm cada um partido o pão da vida e dispensado os diferentes raios da verdade espiritual de acordo com o preparo que a terra tem para o receber; mas que a luz em si própria, a forma externa não faz diferença com o brilho do Espírito da Verdade.

Ansioso por saber cada vez mais, eu disse: “”Quais serão os espíritos mais conhecidos na terra que tenham ascendido até às alturas que eu agora percebo?” O meu guia e instrutor respondeu: “Muito poucos daqueles cujos nomes são conhecidos entre os homens, mas principalmente aqueles que cultivaram a sabedoria nos mais humildes caminhos da vida, pela consciência de que Deus é sábio, confiando nas leis do Infinito, e realizando cada dever à medida que lhes foi posto diante de si a cada dia. O alvor dessas vidas não foram contempladas pelos homens, não foram notabilizados pela história - alguns nomes resplandecentes, como aquele que emitiu grandes leis ao povo pelo amor ao povo; uns quantos exemplos ilustres, como aquele que, através do martírio pelo princípio, foram pelo mundo das almas.

Mas na grande maioria aquelas vidas não narradas nem registadas que em silêncio passaram para a esfera da Sabedoria, e que por fim, através de diversas mudanças, alcançaram aquele apogeu e se tornaram guardiães dos homens. Essas almas, olhando a partir da sua morada, não tomam parte nas legislações dos governos humanos, na ministração e nos assuntos da Igreja nem do Estado, na filantropia externa que constituem alguns dos estágios do crescimento humano, mas ao invés com uma luz suave irradiam para as esferas abaixo deles, e pelo seu próprio brilho cativam os homens para os caminhos da verdade.”

Eu recomendar-lhes-ia a atenção para a diferença existente entre a esfera do conhecimento ativo, da participação ativa da boa vontade, da filantropia ativa, e aquela da real sabedoria e verdade, como eu as vi. Há uma diferença. O homem que empunha a tocha, que traz a luz até este edifício, que ilumina as vossas cidades, que contribui para a iluminação do mundo, volta para todo o canto da terra o seu brilho como uma chama ativa. As estrelas não saem dos seus lugares para virem até vós.

O sol não se desloca do seu sítio na direção da terra, mas emite luz; é a luz que atravessa o espaço por meio da vibração; é a atmosfera da terra que a recebe ou rejeita. O conhecimento ativo da terra é a pequena candeia colocada no vosso meio para vos alumiar nos vossos deveres diários; a grande Sabedoria Divina tornada esfera além, que eu não consegui devido à sua própria alvura, constitui o sol, que ilumina e derrama brilho pelas esferas abaixo, mas não se desvia da sua posição, pois por meio do seu próprio centro encerra o universo moral sob o seu controlo, e é o sol e escudo e vigor desse universo.

A vinda de Cristo à terra constituiu um raio dessa luz; mas o Cristo que se encontra acima da humanidade como o mais elevado exemplo que os seres humanos devem seguir é o Espírito da Verdade que alcança a compreensão somente na medida em que a percebem, mas encontra-se sempre aí, à espera que cresçam.

Eu olhei e olhei, ainda à procura do meu instrutor, que parecia encontrar-se um pouco afastado de mim, quando por fim, por aquele processo que é indescritível aos sentidos externos, mas constitui o movimento do espírito através do espaço, cheguei perto desta morada onde a minha companheira da terra me recebera, conforme disse antes, na minha experiência da entrada inicial na Vida do Espírito. Eu senti-me certa vez quase indigno de ali entrar. Senti que as qualidades dela, o seu estado espiritual, eram muito sublimes e angélicos para que eu fosse à sua presença. Eu sentira as imperfeições da minha vida terrena a fechar-se demasiado ao meu redor; mas descrevi antes o processo pelo qual ela me recebeu na porção externa do lar que parecia estar preparado.

Agora senti, para minha surpresa que esse lar se situava na esfera que eu agora visitava; e eu abordara-o por um outro caminho, e pelas experiências das diversas esferas que eu visitei. Pareceu que eu me tornara mais digno de penetrar no templo interno preparado (...)* ela; e o meu guia e instrutor mostrou-me a sabedoria e as leis que controlam essa esfera da Sabedoria na (...) divina ordem dos corpos espirituais celestes. Ele mostrara-me como a sabedoria, agindo com base na compaixão humana forja os grandes resultados da terra. Faltava ela mostrar agora o grande milagre do amor.

**(NT: Texto adulterado na publicação original, pelo que as reticências reportam-se a partes omitidas.)*

Eu digo-lhes que, consciente como eu era da sua presença na terra, que ela ainda me conduziu àqueles inevitáveis e infinitos laços que pertencem ao próprio espírito do homem; uma (...) sabedoria, que por mais vasta que fosse, que nenhum conhecimento por mais supremo que fosse, poderia começar a (...) com luz que brilhava sobre (...) agora quando eu de novo me vi na sua presença.

Todo o constrangimento que eu senti quando entrei na Vida do Espírito tinha-se evaporado. Todos os pensamentos de ternura que emergiram em mim foram como que no espelho; eu senti aquilo que estava (...) e mais elevado e nobre em mim próprio. Espelhado no rosto dela eu via luz

refletida de todas as sublimes esperanças de aspiração da juventude, as ambições em prol do amor pela humanidade, a realização daquilo que é somente conhecido nos primeiros anos, e que mais tarde a idade viril rouba (...) mas não o espírito.

Contemplei o rosto dela como as outras partes de mim próprio; vi o espírito dela como o complemento da minha vida, e via agora que vida alguma se acha completa sem esse amor que constitui o centro da alma da sabedoria, e que a vida humana com as suas grandes imperfeições, com as suas sombras e pesares, as suas adversidades e leis imperfeitas, é imperfeita por causa da inadequada mistura desses dois elementos da vida.

Ai que a sabedoria do homem, intimando os concelhos do intelecto humano, história, génio, ciência, e arte, intimam também o mais recôndito espírito do universo, a forma velada da alma da verdade, a Isis velada na religião Egípcia, o coração de Jove (Júpiter) expirando no suave espírito que fora sua vida, a Maria que foi mãe de Cristo, o amor que constitui o espírito e alma do universo.

Mas então a minha mente foi iluminada. Vi através do orbe esférico em que fora admitido como um dos satélites mais afastados, anjos completos nas suas vidas e perfeitos na sua alma, que tinham sonhado com a vida além na beatitude de uma tal infinita ternura como esta: mães, cujas almas se tinham purificado através do sofrimento; esposas e filhas sem mancha na terra, cujos espíritos tinham legado, por meio de vidas de devoção, oferendas de amor ignorado - todos quantos, através da santificação desse poder abençoado de auxílio desenvolvido as maravilhas da vida, despercebidas na terra.

Eu observava agora que, ressuscitados, transfigurados e glorificados, eles se tornavam eles se tornavam intérpretes em igualdade de circunstância da palavra de Deus ao homem; e os espíritos, reinos, principados e poderes, na Vida do Espírito, na esfera dos anjos, são tornados completos apenas pelo triunfo daquela intuição que representa a alma do amor, e aquela voz que constitui a alma da sabedoria; o mesmo amor do Espírito mais recôndito.

A esta abençoada companheira da minha vida, a este espírito, mais do que ao instrutor e amigo que referi, estou eu em dívida por essa experiência. Mas encontrando-me agora à beira dessa esfera que se estende muito longe, vejo a forma de Cristo Jesus, o Nazareno, o

Homem de Deus, o Narrador da Verdade, junto daqueles que foram participantes a curvar-se; e vi que nenhuma vida é completa sem essa docilidade, sem esta esfera do amor, e que até mesmo a Madalena que caiu a seus pés, perdoado por muito ter amado, ascende às alturas dessa esfera mais cedo do que aquele que volta o rosto, e tem consciência da sua probidade e retidão aqui.

A voz desta sabedoria, penetrando ainda mais fundo, soou até como as cantigas das crianças, que não têm qualquer consciência de vergonha, nem conhecimento do intelecto exterior, nem impureza quanto a ambição externa, mas que são alvas e puras como as flores, e se tornam profusamente formosas. E assim contemplei o templo da Adoração Humana. Parecia feito de amor e de sabedoria - iguais porções da vida do homem na terra; e todos quantos aí entraram, todos quantos depuseram as suas oferendas nesse santuário, devem igualmente ter um equilíbrio de amor e sabedoria nas suas almas.

Esse templo foi cingido a toda a volta com crianças, e luz dos seus rostos tornou o lugar alegre. Flores que eram a oferenda das suas vidas resplandeceram nessa morada abençoada, no interior da qual se encontravam os veneradores. Eram aqueles que tinham sido tornados contentes e livres e fortes pelo sofrimento, pelo sacrifício pessoal, a ausência de orgulho, o espírito de abnegação, a realização da esfera do Amor e da Sabedoria onde todas as almas são convidadas a comparecer.

E aí vi a profecia traçada a luz dourada no céu; para que toda a alma que se encontra na terra, todo o coração que definhe no sofrimento, todo local de desolação, e todo deserto do erro humano, toda a profundidade do sofrimento humano e os espíritos que se encontram na prisão, aqueles que se encontram cingidos pela ambição e pelo orgulho, e aqueles que ainda se acham com desejos de vingança despertem um dia; e pela voz justamente de tal amor como o que descobri naquela quem e precedeu na Vida do Espírito e que aguardou por mim nesta esfera angélica, serão ressurectos e livres e sem vergonha, por serem perdoados à luz do amor e da sabedoria.

Eu chamei a mim próprio um homem reto na terra. Cumpri com os meus deveres e orgulhei-me da minha virtude; mas passei na Vida do Espírito nos primeiros meses da entrada que fiz aí, pelo flagelo dessa consciência de mim. Fui de certo modo impedido dessa presença benigna na qual por fim fui reconstituído; e agora, com esta bênção e o

deleite que ela traz, espero cumprir plenamente a vida do espírito pela humildade que a consciência disso traz, a esfera do Amor e da Sabedoria.

O JUIZ EDMONDS DESPEDE-SE

HOMENS RICOS DE NOVA IORQUE

Imediatamente após o falecimento de Vanderbilt, diversos cavalheiros que o conheceram durante anos no Caminho (de Ferro, conforme se depreende), desejaram que os amigos da médium indagassem a respeito da condição espiritual em que se encontra, e em resposta a essa demanda de informações sobre o seu estado, o Juiz Edmonds controlou a médium e fez o relato que se segue. No decurso das suas observações, ele aparentemente foi interrompido, e a médium não pôde continuar durante um certo tempo. Retomando, o juiz anunciou que Vanderbilt havia entrado na sala, e protestado com ele por causa das declarações que fizera, após o que completou a seguinte narrativa:

Foi-me solicitados que descrevesse a condição de alguns dos homens ricos notáveis de Nova Iorque, e eu, como diz Otelo:

"Falarei deles como eles são; sem exagero algum,
Mas sem malícia.

É contrário, ao propósito geral deste trabalho, que um homem fale por outro; mas, como me foi permitido fazer umas observações, fá-lo-ei tão livremente quanto faria se estivesse a discursar numa sala de aula em Nova Iorque, e me esforçasse por apontar os maus resultados de um certo curso na vida, com o propósito de esclarecer os meus antigos concidadãos, não desejando dizer nada de indelicado ou depreciativo destes senhores que, enquanto na terra, foram meus companheiros citadinos, e que agora são residentes no mundo espiritual, embora numa parte diferente da minha.

A cidade de Spring Garden, onde resido, e da Sociedade de Beulah, de que sou membro (e de que Greeley é presidente) ainda não são suscetíveis de se provar atraentes a homens como Vanderbilt, ou A.T.

Stewart; mas se quiserem visitar a cidade que eu habito, ficarei muito encantado em recebê-los.*

CORNELIUS VANDERBILT

Foi comentado em tom de brincadeira por um famoso teólogo, que conseguiu convertidos ao Cristianismo às dúzias, e que pela sua maravilhosa eloquência levou o pecador mais endurecido às lágrimas de arrependimento - ainda que em cuja vida tenha corrido uma corrente bastante contrária à sua instrução e chamado sagrado - foi dito com respeito a ele que ele tinha aberto um bar de ostras no mundo do Espírito! Esse, porém, não é fato literal, o público com graça adapta assim a punição aos seus deméritos, e ao mesmo tempo que o aplaude como um orador, avalia vivamente os pontos fracos que tem como homem.

Da mesma maneira lida a opinião pública com o rei dos caminhos-de-ferro, Vanderbilt, e sarcasticamente especula quanto ao que lugar de honra que o seu arrependimento no leito de morte venha a dar-lhe nas Margens Douradas. Ele fechou a porta dos seus estábulos no seu passo acelerado, virou as costas aos amigos chegados, esvaziou os bolsos de milhões, e começou sozinho e a pé, a sua viagem solitária para um mundo quase desconhecido, onde os homens são levados ao seu verdadeiro valor, e onde vantagens estranhas de riqueza e poder que eles conseguiram na terra, são inteiramente destituídas de valor.

Ontem, uma oração foi feita sobre o corpo de este homem outrora rico, hoje ele é um habitante do mundo do Espírito - pobre e quase sem amigos! Ele terá que começar a sua vida de novo, e desenvolver as suas faculdades superiores, que quase foram suprimidas dentro dele.

Os homens, na vida terrena, sentem uma espécie de satisfação em acreditar que, a seguinte, a justiça seja aplicada, e que o pobre homem se venha a tornar rico, e o homem rico pobre, e que aqueles que agora estão no poder se venham a sentar aos pés daqueles que agora se curvam de uma forma abjeta diante deles. Num certo sentido, essa é uma visão correta do que sucede. Todo homem é aí possuidor daquilo que adquiriu na Terra, mental e moralmente, seja isso bom ou ruim.

O desenvolvimento mental que Vanderbilt alcançou de desenvolver e de se exceder, colocá-lo-iam no mundo espiritual entre os menores dos mais baixos se ele não possuísse algumas outras intuições de aspiração que o salvem da companhia desse tipo. Eu encontrei-me com ele quando chegou aqui; a sua mãe e alguns amigos juntaram-se a ele, mas ele parecia desapontado e destroçado quando o levaram para o seu lar sossegado e humilde.

A sua vida aqui por um tempo será de um treino severo. Ele não pode mais dirigir os seus milhões e controlar e forçar os homens a ceder-lhe a parte de leão. Não foi agradável ver a multidão de espíritos - vítimas do desastre da ponte de Ashtabula, que confrontaram Vanderbilt, e descarregaram a sua censura nele, por não aplicar uma pequena porção da sua imensa riqueza para tornar o seu caminho-de-ferro seguro contra desastres e acidentes, motivado por todo aparato da arte e da invenção.

Não há desculpa para a negligência, o descuido, a falta de supervisão pontes e más, à exceção da pobreza. A falta de sono e comida pode tornar o homem negligente; falta de uma boa aptidão na engenharia pode fazer com que uma ponte se desprenda pela força ou maré, ou pelo peso excessivo que sobre ela seja colocado; mas quando o presidente desse caminho-de-ferro é dono de milhões, tem às suas ordens os melhores engenheiros do mundo.

Os seus funcionários deviam ser tão bem pago que a falta de descanso e a falta de comida nunca devessem servir de desculpa para os acidentes. Se um prémio fosse oferecido às pontes construídas, e a vida humana fosse tida como tão preciosa quanto o dinheiro, não teríamos tantos convidados relutantes apressadamente levados para a vida do espírito. Até que o homem aprenda a lidar justamente com os seus semelhantes, ele não poderá ser feliz no mundo do espírito.

Todos os esquemas atuais de negócio e comércio estão errados. Os meios pelos quais um homem obtém riqueza e detém o controlo do mercado, e destrói e oprime o seu vizinho, estão errados; tais práticas não são permitidas no mundo do espírito, e a pessoa que tem nesse tipo de vida descobre que a sua ocupação se desvaneceu embora quando ele atinge o nosso planeta do espírito.

* * *

Lamento dizer que as impressões religiosas de Vanderbilt não eram muito bem fundamentadas. Sustentadas numa incubadora de enfermaria, tinham apenas a existência de um cogumelo e já tinham chegado a um fim prematuro. Ele foi ouvido a praguejar logo após a sua chegada, e a amaldiçoar o seu ministro por não lhe ter dado uma ideia mais verídica do céu.

Os hábitos de uma vida longa não são alterados pela repentina passagem da terra para uma esfera espiritual. Há três dias atrás eu falei-lhes sobre a sua chegada à vida espiritual; ele já está de volta à Terra, numa tentativa de desfazer a sua vontade e de contribuir com novos legados. Ele anda ao redor da casa e dos estábulos ele certa vez possuiu, e em vão a esforçar-se por fazer com que os seus amigos o vejam e ouçam, e está a começar a perceber que a morte não é o repouso sossegado nos braços de um Redentor Crucificado, que dos ensinamentos que lhe foram ministrados nas suas horas de fraqueza ele supusera que fosse!

Fico feliz por dizer que os seus esforços poderão não se revelar inúteis, e que os esforços que faz por remediar os seus erros com toda a probabilidade produzirão algum resultado benéfico da imensa fortuna que ele deixou para trás.*

Vanderbilt era eminentemente um homem de intuições e, se fosse deixado à Natureza, teria tido uma ideia correta acerca da vida espiritual. No entanto, as visões artificiais e falsas do céu, tão em voga entre os cristãos, sufocaram qualquer opinião de senso comum que ele possa ter formado, e transformaram-lhe as ideias e esperanças que adotaram uma via errática.

Ele estava bem ciente das manifestações espirituais que ocorriam na terra, mas, infelizmente, as suas comunicações não eram de uma ordem elevada e foram direcionadas para a aquisição de riqueza material. E aqui devo erguer a minha voz contra uma má aplicação grosseira da mediunidade. É verdade que uma classe de espíritos de baixo tipo existem no mundo espiritual. Existem aí vastas multidões de homens sem educação de todas as raças da terra: batoteiros, jogadores, e sensualistas do mais baixo tipo, que se dão por muito satisfeitos por controlar uma médium e disseminar as suas ideias perversas.

Lamento dizer que os ricos de Nova Iorque assumem, na vida espiritual, uma posição mais baixa do que muitos dos ricos nobres homens da Inglaterra. A América, que foi o refúgio do pobre e do oprimido de outros países devia despertar nos corações de todos os que fizeram imensas fortunas nas suas margens protetoras, um desejo de ajudar os errantes sem-abrigo - filhos da labuta e da pobreza, que poderiam ser auxiliados espiritual e materialmente por uma sábia distribuição de uma parte da grande riqueza que eles acumularam.

Homens ricos que na terra não conseguiram acumular tesouros no céu, no mundo espiritual são vagabundos pobres, que subsistem da caridade dos espíritos bondosos, que na terra foram certa vez carregadores humildes e funcionários pobres desses mesmos indivíduos.

*Dito antes do seu testamento ser contestado.

ALEXANDER TURNEY STEWART

Encontra-se mais agradavelmente situado aqui. Ele criou para ele próprio muitos amigos na vida do espírito pelos esforços que fez por melhorar a condição das mulheres trabalhadoras, e por construir casas baratas e desejáveis para mecânicos, funcionários, e os homens diligentes. Os pontos de vista que tinha da vida empresarial foram rigorosos e duros, mas ele considerou justamente a ociosidade como a maldição da existência; e uma falta de uma atividade sistemática como causa da maioria das misérias da vida; e nessa opinião ele estava correto; mas o bem que ele poderia ter feito ele deixou por fazer. Todo homem devia considerar-se um representante dos anjos invisíveis e devia dispor dos seus acúmulos em benefício da humanidade.

JOHN JACOB ASTOR

Passou muito do seu tempo na Alemanha e na América; ele encontra-se afortunadamente situado e está a fazer muito bem. Ele frequentemente visita o seu amigo Washington Irving e está a colher os benefícios da biblioteca que ele fundou, como sem dúvida Vanderbilt irá no futuro colher vantagens da faculdade em que ele investiu.

Você sabem que o Novo Testamento diz: "Fazei das riquezas da injustiça para vós amigos; para que, quando as riquezas vos faltarem,

eles os recebam nas moradas eternas." Isso é verdade, porque quanto mais amigos fizerem e mantiverem na terra, melhor será para a pessoa quando ele se tornar um habitante do nosso mundo imortal. Jesus ensinou essa verdade aos seus discípulos.

Ele foi um médium e um clarividente, e estava perfeitamente familiarizado com as verdades de que eu lhes estou a dar conta, com que eu desejo que todo homem rico e pobre de Nova Iorque se familiarize de uma forma prática.

OS DOIS ESTADOS:
O REAL E IDEAL

A médium, depois de ter lido um discurso do juiz Edmonds feito por intermédio da Sra Cora Richmond, inquiriu o ilustre juiz quanto à razão da descrição que fez da vida do espírito por meio dessa talentosa médium se revelava diferente do que descrevera e transmitira através de si própria; e enquanto se encontrava sentada à mesa, recebeu a seguinte comunicação em resposta à sua pergunta.

Foi-me dirigida a pergunta: "Como poderá justificar a diversidade das descrições do Mundo Seguinte, feitas por si através de diferentes médiuns? Através de uma você representa-o como uma condição objetiva, e através de uma outra como uma condição subjetiva; numa descreve-a como comportando árvores e flores, colinas e vales, riachos e atmosfera, palácios e cabanas e chalés, "coisas de beleza tal que representam uma alegria perene," e muitos dos acessórios científicos e artísticos da vida terrena; ao passo que em outros casos, e através de uma outra médium, você descreve o mundo espiritual como sendo tão subjetivo quanto os nossos próprios sonhos, e os espíritos são descritos como habitando estados criados pelas suas próprias mentes, semelhantes ao estado de uma pessoa insana que se imagina rei, e usa um lenço desbotado ou chapéu rasgado sobre a cabeça como uma coroa, enquanto aqueles que são sãos a contemplam como ela é, uma pobre criatura abandonada num asilo de loucos!

"Os espíritos, dotados de um orgulho exagerado, são descritos como criadores de paredões de gelo em meio aos quais se encerram, do mesmo modo que o inseto coral constrói a sua fortificação preciosa em

que se encerra a fim de evitar o inimigo; e diz-se que esses muros, ou estados ou condições se desvanecem ou crescem de acordo com o estado avançado ou retardado do paciente!" Meus amigos e leitores, ambas as descrições são corretas: uma é literal e outra a condição ideal ou da condição alma do 'espírito'.

Mesmo no vosso mundo externo, existem discrepâncias similares na interpretação do carácter, dos lugares e das coisas. Por exemplo, se um habitante de um outro mundo solicitasse a um entusiasta religioso que se descrevesse a si próprio e ao mundo em que vivia, ele haveria de se descrever a si próprio dizendo que vivia com o Ser Divino, e que estava sempre num estado de oração, por ter sido vil, mas que fora purificado por algum processo misterioso pelo sangue de Cristo! Do vosso mundo maravilhoso ele haveria de falar numa linguagem depreciativa, como "um lugar escuro, um lugar insalubre, um deserto de pecado!" Que impressão acha que tal linguagem transmitiria ao ouvinte?

Por outro lado, um amante da natureza, como Bryant ou Wordsworth, exultaria com a beleza da paisagem, falaria da terra como um lugar de alegria e descrever-se-ia a si próprio como um apreciador do canto dos pássaros, e amante do ar perfumado de rosas! O budista absorto na contemplação religiosa, nunca ergue os olhos do seu livro sagrado, mesmo enquanto caminha, e contempla os homens que passam por ele como fantasmas, enquanto se encontra intoxicado num sonho espiritual de ópio; assim são as freiras pálidas e os sacerdotes austeros da Igreja Católica Romana. Pensa você que eles veem a terra como você a vê?

Eu lembro-me de uma época, há muitos anos atrás, durante a minha vida terrena, em que um certo homem chamado Miller, afirmou que a destruição da terra ocorreria numa determinada data; muitas pessoas deixaram-se empolgar com a ideia, e crendo implicitamente nessa informação, aguardava o terrível momento num estado que beirava a insanidade. Todos os propósitos terrenos se tornaram abomináveis a seus olhos; as casas em que moravam, as roupas que vestiam e os negócios que tratavam tornaram-se desagradáveis e depravados para eles, e aqueles que não podiam acreditar como eles, eram evitados como demónios!

Como acha que essas pessoas teriam descrito o vosso estado terreno a um habitante de Júpiter, de Marte ou de Saturno? Seria possível que eles fizessem uma descrição justa da condição do povo de terra?

Assim, no meu caso, embora eu me esforce por dar uma explicação correta da vida do Espírito através das médiuns que controlo, ainda assim as minhas observações são tingidas pelos seus estados mentais, assim como pela própria condição mental em que me encontro no momento do controlo. Se eu visitar as regiões polares e conversar com o Esquimós, emprego comparações adaptadas ao clima ao qual essas pessoas estejam acostumadas e que sejam capazes de entender; e essas comparações deverão ser muito diferentes das comparações que eu uso para com um habitante dos trópicos.

Tive a felicidade de ver e conversar com Sócrates e Platão, Aristóteles, Pitágoras, Buda, Maomé, Bacon e Voltaire, mas de que modo lhe deverei descrever essas entrevistas? Devo dar-lhe conta do lugar e do momento da ocorrência? Devo dizer-lhe como estes conhecidos se encontravam vestidos e o aspeto que tinham à minha perceção? Se eu fizer isso, você responderá que a minha descrição é demasiada material. Se eu adotar a linguagem típica oriental, e disser, como no Apocalipse, que eles estavam "vestidos com o sol," e que surgira "um som como que de um vento impetuoso" enquanto eles falavam, algum desses modos de descrição lhe transmitirá uma ideia perfeita do fato à mente?

Torna-se difícil para a maioria dos médiuns transmitir uma impressão natural do mundo espiritual, pois eles terem sido condicionados pela educação religiosa que receberam dos seus antepassados.

Tome o exemplo de um Indiano ou de um Chinês, e ele irá descrever o mundo do Espírito como um mundo de realidades. Mas os nativos da Cristandade há tanto tempo que foram ensinados a encarar a alma como um nada impalpável, um mito, uma chama, algo destituído de forma ou consistência, uma identidade capaz de sentir o ardor de um fogo infernal material sem ser consumida! Por não não compreenderem o espírito na sua condição natural. Monges e padres. Clérigos e dissidentes, ensinaram-lhes a desprezar o corpo como uma forma indigna, que nenhum parentesco ou semelhança tem com a alma. Fomos ensinados que o vestir, e toda a parafernália da civilização são o resultado da Queda Original, e, por isso, deve ser ignorado por um espírito puro e elevado.

As pessoas não se lembram do fato de que toda a maravilhosa maquinaria de design do homem, os aparelhos das forças da natureza empregues na produção de novos resultados, a tecelagem das sedas, das rendas e dos belos objetos, são o resultado dos poderes divinos do homem e que, quanto mais ele progride no desenvolvimento, mais ele se torna capaz de projetar e criar como um verdadeiro deus! No mundo espiritual, as capacidades do homem são multiplicadas por dez, e os objetos que ele projeta aumentam na mesma proporção.

Eu saudei com prazer enquanto estive na terra, esta médium através da qual falo agora, por ter percebido nela a faculdade de receber impressões naturais, e por ter descoberto que através dela, os espíritos poderiam descrever cenas e lugares reais, enquanto através de outras igualmente talentosos eles poderiam apenas descreva semelhanças poéticas e vagas dos fatos.

Eu gostaria que você desse atenção ao que vou dizer: lembre-se que no mundo espiritual, assim como na terra material, existem dois estados: o ideal, visionário, e a condição materialista real, por assim dizer; e que esses estados se acham interligados um com o outro; e que a mente está sempre em busca de uma expressão da ideia que tem por uma forma visível, no mundo espiritual como no vosso mundo; e, como o Criador formou os milhões de mundos objetivos nos céus siderais e todos os objetos naturais que vocês veem na terra, assim irão continuar, como Ele, para formar na vida do Espírito artigos objetivas em resultado do pensamento criativo que têm, e a viver uma vida tão real e objetiva como a que vocês agora vivem na terra.

PALAVRAS DE DESPEDIDA DO EDITOR DO ESPÍRITO

Em vida, o juiz Edmonds, foi um homem de uma calma persistência de propósito que possuiu, em grau acentuado, uma perspicácia aguçada, parecida com a de um advogado, que lhe permitia penetrar o rumo de um caso quase à primeira vista. Ele exibiu as mesmas qualidades admiráveis no decurso destes trabalhos, que ele supervisionou no espírito. Foi a seu pedido que o manuscrito foi levado a Londres para ser publicado, por ser composto em grande parte de contribuições Inglesas, e ele ter, em face de muitas dificuldades, aderido ao seu curso a esse respeito.

A Sra. Horn cruzou o Atlantico três vezes, para Londres, numa negociação necessária ligada ao produto desta Obra, e o Juiz alegremente lhe deu o seu auxílio nos arranjos e remoção de dificuldades.

Ele sempre fez parte do grupo na introdução de novos letrados do espírito nos nossos saraus, e a sua cortês e genial companhia fez com que as séances fossem sempre lembradas, como as conversas intelectuais que lemos que ocorreram nos dias de Johnson e Coleridge, ou dos Salons Francêses da Madame Roland, ou da Madame de Stael.

O meu trabalho está agora completo, e aqui lhe dirijo um agradecimento, Sr. Horn, e à médium, pela atenção que têm demonstrado para os convidados que lhes apresentei.

Procurei a ajuda dos indivíduos mais intelectuais e competentes do presente século, com a finalidade de representar ao público as diferentes fases da vida do Espírito. O Espiritualismo encontra-se em constante progresso. Profecias, feitas nos primeiros anos de seu início, estão a cumprir-se. Credos antigos estão a desaparecer. À luz dessas novas verdades, é impossível ao homem manter as sombrias superstições do passado. As principais mentes da Alemanha, França e Inglaterra estão a despertar para o fato de que os habitantes de outro mundo estão a bater às suas portas. A Igreja treme pelo seu culto mitológico, sob a voz desta Nova Dispensação.

A América sempre tomou a iniciativa nos movimentos progressistas, e este grandioso evento do século XIX, que abre a grande passagem a Noroeste para o Mar Polar da morte, tornando-a navegável, e desvendando os mistérios que mantiveram a humanidade num estado de medo e tremor durante séculos, tem ficado a dever-se à sua empresa e espírito de investigação.

Todas as eras tiveram os seus "Mistérios," em que o sacerdócio ensinou às pessoas a acreditar como estando ligadas ao seu estado futuro, para que pudessem, assim, fortalecer o seu próprio poder e alcançar uma influência sobre as mentes ignorantes e supersticiosas, ao professar serem os intermediários, os intérpretes desses pavorosos mistérios sagrados às pessoas, que eram incapazes de os sondar.

A nossa missão é esclarecer a humanidade e provar que os sagrados mistérios do Cristianismo, à semelhança das crenças supersticiosas do passado - presentes no eclipse, no terramoto e nas erupções vulcânicas - são o resultado de leis simples, e não milagres a serem recebidos com uma fé inquestionável.

Quanto à ocupação dos espíritos: o seu modo de viver os seus credos e as teorias que têm da vida; afirmações feitas por diferentes indivíduos no mundo do espírito irão variar de acordo com o seu desenvolvimento, a sua inteligência e a posição ou local que ocupam no Mundo Seguinte.

É verdade que o Mundo Seguinte é o espírito refinado deste, e por isso é um pouco semelhante, mas não mais similar do que o era a condição geológica inicial da Terra, quando se achava imprópria para ser habitada pelo homem, em comparação com a condição atual do globo. O processo de refinamento teve que ter lugar na vossa esfera antes do homem poder existir: do mesmo modo o mundo do espírito foi refinado na sua presente condição.

Daqui a muitos séculos, a Terra será refinada a condições que permitirão que as pessoas vivam visivelmente na vossa atmosfera, enquanto que agora podemos manifestar-nos apenas por breves instantes.

Prevalece uma ideia equivocada entre muitos quanto às diferentes esferas existentes no mundo espiritual. Supõe-se que essas esferas sejam estratos ou camadas, uma acima da outra. Senti-me inclinado a essa crença, enquanto eu vivia na terra, mas desde então descobri o erro que isso era. Um mundo espiritual é um vasto globo, muitas vezes maior que a Terra, por não poder dar o tamanho exato. As diferentes localidades desse mundo espiritual denominamos "esferas."

As pessoas que passam da terra, de acordo com o seu desenvolvimento, são atraídas para diferentes partes desse imenso globo, e a palavra "Golfo," aquilo que Dives viu (conforme representado na Bíblia), que o separou dos seus companheiros, é a condição que existiu numa localidade distante das outras, localidade essa a que todos os indivíduos necessitados de reforma, todos os homens dos antros baixos, ou mal-intencionados, todas as pessoas subdesenvolvidas são atraídas por uma lei fixa. É tanto sua casa e terra natal quanto a Região

Polar é para os Esquimós. Eles podem progredir e desenvolver-se por meio da educação do mesmo modo que um Indiano comedor de caracóis pode sair da condição baixa em que se encontra para uma mais elevada e mais civilizada.

Mas o tempo e os seus próprios esforços, e não um milagre qualquer, produzirão essa mudança e resultado. Na terra há muitos locais onde vivem aqueles a quem chamamos "espíritos presos à terra." As suas habitações têm lugar na solidez das montanhas, ilhas desabitadas, grandes pradarias e planícies, e nas regiões polares. O frio e o calor extremos geram uma atmosfera espiritual interior desconhecida da química terrena, e que nunca aparece no vosso termómetro ou barómetro.

Uma comunidade espiritual habitou as montanhas da Ásia e da África desde a mais antiga existência do homem. As montanhas históricas da Grécia e da Itália tiveram os seus residentes espirituais, conhecidos dos clarividentes Gregos e Romanos e retratados na antiga mitologia. Mas à medida que a civilização avançava, e as estradas eram feitas sobre as colinas e vales, os espíritos da Terra desertaram dessas montanhas, florestas e vales, para regiões mais abandonadas.

A prática da Igreja Católica de erigir uma capela ou santuário e crucifixo nos distritos solitários habitados por espíritos, para exorcizar os chamados espíritos vis, embora considerada uma superstição, baseava-se numa perceção instintiva das leis que governam os espíritos entre os dois mundos; pois o magnetismo das pessoas vivas perturba o repouso e a morada dos espíritos, e eles são obrigados a afastar-se quando a solidão se torna um lugar generalizado de recurso.

Durante a Idade das Trevas, quando o Cristianismo ensinou aos homens a crueldade ao invés do AMOR! Nos tempos do Martírio e da inquisição, os espíritos presos à terra eram quase tão bárbaros quanto os selvagens e os canibais. A horrenda visão relatada por Dante, e as pinturas dos monges medievais e pintores inspirados, que representavam as torturas das almas condenadas, foram retiradas de visões parciais e passageiras relativas à condição dos espíritos, que passaram da terra em meio à rapina e ao assassinato, e às inúmeras crueldades da era, fértil em invenções para produzir dor e angústia.

Existe um significado espiritual em toda fábula. Todo credo que tenha conquistado um lugar nos afetos da humanidade tem um significado espiritual interior baseado nos princípios eternos da Verdade! Os quadros da vida após a morte retratados pelos Brâmanes Maometanos, os Egípcios, os Hebreus, os Gregos e os Romanos, continham este germe da verdade espiritual. A linguagem é simbólica, e as imagens da pós-condição da alma representadas pelos escritores Orientais das Escrituras, são simbólicas de estados mentais, e não de realidades.

É bem sabido por todos os observadores e estudantes de medicina que a alma é capaz de experimentar um sofrimento mais intenso do que o corpo. O desespero, o remorso e o desejo de vingança causam maior tormento do que a dor infligida ao corpo, de modo que os indivíduos recorrem ao suicídio e a todas as espécies de atos corporais para diminuir a angústia da alma. Por isso, como o espírito se torna muito mais suscetível à dor ou ao prazer extático quando liberado do corpo, os quadros clarividentes do Céu e do Inferno, conforme suportados pela alma, são emblemáticos desses estados, e não lugares verdadeiros; como, por exemplo, o Mar de Gelo descrito por Dante, o céu de húris* dos Maometanos, ou o lago de fogo ardente dos Cristãos.

Chegamos agora a um ponto na História do Mundo, em que o conhecimento prático tomou o lugar da especulação do ideal. A verdade pura usurpou o Reino do Romance. Uma mudança paralela seguiu-se no mundo dos espíritos.

Os anjos ou mensageiros da Terra-Espírita não mais se dirigem aos cidadãos terrenos em linguagem hiperbólica, mas por palavras sucintas e explícitas, livres das alusões metafóricas empregadas pelos profetas da antiguidade, eles dão à humanidade informação relativa ao Mundo Seguinte, sem adornos; uma informação que descreve um mundo de causa e efeito, e não um paraíso e céu miraculosos, não adaptáveis a seres de amor e pensamento, mas uma terra espiritualizada, para a qual a experiência mortal é dada ao homem, para o adaptar a viver com prazer ou dor, de acordo com o desenvolvimento e o uso aqui feito das vantagens materiais.

* *Virgens prometidas aos Maometanos.*

Médium de transe: Susan G. Horn

JAMES MAPES

PERGUNTAS & RESPOSTAS

(NT: Numa série de palestras públicas feitas pelo falecido Professor James Mapes, através da médium Cora Richmond, em transe, em finais da década de 80 do século XIX, subordinadas ao tema "Espiritualismo e Ciência", foram colocadas algumas questões da parte do auditório, respeitantes a uma diversidade de assuntos, das quais extraio alguns excertos que passo a publicar, de forma aleatória.)

Pergunta: Quererão os guias dizer-nos o que cultivar, o que fazer, o que evitar de modo a tornar-nos seres mais sábios, mais inteligentes e felizes do que somos no presente?

Resposta: A terra é velha de vários milhares de anos, e essa tem sido a questão desde que a humanidade tem habitado o mundo - tem sido uma questão suprema. A felicidade humana tem sido firmemente procurada. Um método de a conquistar passa, não por a perseguir de forma tão ardente. É bom deixar a felicidade entregue a si própria; deixar que o indivíduo cumpra com o seu dever sem pensar se resultará na felicidade dele próprio ou não; se virá a causar felicidade aos demais. Deixem que aquelas coisas que os afligem - que compõem as desgraças da vida humana - existam, e simplesmente cumpram com o dever individual que mais perto estiver da vossa consciência. Não conhecemos nenhum método melhor de lançar fora este sentimento hereditário do que aquele que sugerimos.

Claro que a aquisição de conhecimento, as exigências da verdade, o aperfeiçoamento de todas as formas de conseguir um discernimento sobre a criação Divina pertence à grande constelação de coisas que se espera que esta humanidade faça; mas a simples prescrição que damos é a de não buscarem a felicidade individual, mas de a concederem a outros, que então regressará de volta aos vossos próprios corações.

Pergunta: Não haverá uma retribuição para os animais pela crueldade de que são alvo em troca do bom serviço e da fidelidade que prestam?

Resposta: Existe uma retribuição em todas as coisas. Mas por vezes a retribuição vem aos outros, ainda assim, torna o equilíbrio perfeito. Por exemplo, vós fazeis uma boa ação a alguém, e essa pessoa faz uma boa

ação a mais alguém, e assim uma cadeia de boas ações é instaurada e o equilíbrio é mantido, embora ninguém pratique uma boa ação para convosco. Assim sucede na natureza; a crueldade infligida pelo ser humano, que é tido como possuidor de inteligência humana, sobre o seu servo estúpido, encontra reação no fato da natureza sempre providenciar que tais pessoas por vezes sofram, de forma que o animal estúpido seja compensado. É claro que existe sempre uma retribuição que assiste a toda a forma de sofrimento; e se pudessem penetrar dentro das mentes desses animais estúpidos, descobririam que são recompensados por essa crueldade por meio das leis da natureza. Mas nisso, é claro que não podemos penetrar esta noite.

Pergunta: Será capaz de visitar outros planetas no sistema solar? Poderá dizer-me se os habitantes desses planetas transcendem os desta Terra?

Resposta: Os habitantes de alguns dos planetas transcendem os vossos. Aqueles que estão ao no alcance do meu conhecimento, especialmente Vénus, possuem uma inteligência e uma espiritualidade que transcendem em muito qualquer coisa existente na vossa Terra, tanto mais que caso vocês fossem apresentados aos habitantes eles os tomariam por seres de formas inferiores. Se vocês possuíssem um instrumento suficientemente poderoso, vocês poderiam descobrir que eles já têm consciência do trânsito de Vénus que se aproxima, e que erigiram fortes torres de luz para poderem atrair a atenção dos homens de ciência da Terra.

Mas se tivessem um telescópio suficientemente potente essas luzes tornar-se-lhes-iam visíveis, e um sistema de luzes interativas e de sinais poderiam ser postas em prática entre vós e esse planeta. Isto poderá parecer-lhes não mais do que uma sombra vaga de um sonho, contudo provar-se-á correto. Construam um telescópio suficientemente potente que seja capaz de discernir um objeto tal como uma cidade, e descobrirão essas torres e luzes elementares já preparadas para vocês verem; por eles saberem que estais a debater-vos numas trevas como as do Egipto.

Pergunta: Será a inteligência dos habitantes do planeta governada pela relativa distância a que se encontram do sol central?

Resposta: Não, depende da idade do planeta; embora a proximidade do sol e o movimento acelerado aumentem o desenvolvimento do planeta. A

vossa Terra está a passar por uma mudança que dará lugar a uma ordem de seres mais elevada; não que vocês venham a ser destruídos, mas que venham a ser suprimidos (por) organismos superiores; e os espíritos que habitam esses corpos serão muito mais afortunados do que vós sois, tal como vós sois muito mais afortunados do que os cefalópodes que surgiram há milhares de anos atrás.

Pergunta: Quando um espírito vem ao mundo, como, por exemplo, no caso de um bebé, será esse espírito novo, ou de onde derivará?

Resposta: Não é novo; deriva da fonte do espírito, Eu disse-lhes que todo o universo se acha repleto de espírito: não existe nenhuma criação nova; mas o espírito é atraído à Terra, e o germe da existência física é então organizado. Contudo, não é criado então.

Pergunta: Será, então, a primeira vez que o espírito terá assumido a forma viva, do mesmo modo que o espírito no átomo; ele entra no átomo, e torna-se numa substância?

Resposta: Bem, vocês não sabem, por os átomos não iniciarem a sua vida na altura em que começais a investiga-los. Os átomos sempre existiram em alguma forma de vida. Assim Deus, o Espírito, sempre existiu, e o espírito que vem à forma finita sempre existiu, e nos acreditamos que sempre terá existido nalguma forma de vida - diferente da vossa vida, mas ainda assim uma forma de vida, por o espírito precisar trabalhar eternamente, do mesmo jeito que os átomos trabalham; mas Deus expressa-se em cada alma e em toda a esfera, de modo que o espírito poderá não ter habitado a organização humana antes, mas terá ainda assim avançado, ou talvez descido da Mente Infinita, e está a ajustar-se à habitação da Terra.

Pergunta: Será o intelecto perfeitamente destituído de valor no estágio seguinte?

Resposta: Não. É bastante valioso. Eu afirmei que o meu intelecto se meteu no caminho da minha intuição; mas descobri mais tarde que é bastante útil. É útil sem a intuição, mas assemelha-se a um corpo sem alma. O intelecto não passa do mecanismo do Espírito, e a dificuldade está em que nós procuramos fazer com que satisfizesse em vez dela, mas isso nunca acontecerá.

Pergunta: Terá a distância do planeta do sol alguma coisa que ver com a inteligência dos seus habitantes?

Resposta: Dissemos que tem algo que ver com isso, na medida em que a rapidez da revolução e dos raios de luz agem sobre o organismo. Mas essa não é a razão principal, que assenta na idade do planeta - o tempo desde que foi ejetado do sol. O planeta não foi formado conforme certa vez se pensou. Cada sol ejetou ou desenvolveu de si próprio os planetas que revolvem ao seu redor, e o mais antigo é o mais avançado. Mas isto adentra um campo vasto demais para uma noite só. Alguma outra noite, quando o círculo da inteligência for favorável, terei prazer em que façam mais perguntas.

REALIZAÇÕES DO SÉCULO XX

Um discurso dado através da mediunidade de Cora LV Richmond, ante a igreja da alma, Chicago, Illinois na virada do século 20

"Há indicações atuais, de que a ciência está bem ciente, de que a Terra está a preparar-se para uma daquelas grandes mudanças cíclicas, às quais nos referimos. Vocês estão cientes da existência influências mútuas, não apenas na conjunção dos planetas e outros grandes fatos astronómicos, que os planetas exercem uns sobre os outros, mas que existe em astronomia a chamada "precessão dos equinócios." Vocês entendem que os pólos da Terra estão gradualmente, gradualmente, muito gradualmente a mudar; que deve chegar um momento em que haverá uma reação, e com essa mudança deve chegar o que é conhecido como um dos grandes períodos em que os continentes sofrerão destruição, em que toda a Terra sofrerá uma mudança geográfica, em que, porventura apenas os Noés, os precursores das futuras gerações, serão preservados. É claro que sempre deverá restar a semente da raça humana, e do reino animal, os germes das plantas, aquilo que trará os resultados futuros.

"Se as pessoas não estivessem tão ansiosas por apontar falhas ao Antigo Testamento, em vez de encontrar o significado interno e esotérico, elas saberiam que o grande dilúvio de Noé é apenas uma das tradições ou registos de um certo período de tempo, de um ciclo em que houve um dilúvio glacial. Calculamos o tempo em cerca de 25.000 anos entre cada uma dessas grandes mudanças cíclicas. Consideramos que o tempo

desde o último dilúvio glacial está quase passado, mas provavelmente não chegará ao cataclismo no século XX.

Os precursores, no entanto, já aqui se encontram: Em certas linhas de profecia, no aparecimento de muitos fanáticos religiosos que veem o "fim do mundo" a cada instante e que tentam preparar para ele; e entre os cientistas, bem como entre aqueles que estudaram esses grandes ciclos e o seu significado espiritual; e afirmamos encontrar-se entre aqueles que anunciaram essa grande mudança cíclica.

"Os precursores já aqui se encontram: na maior das agitações e variações atmosféricas; nos maiores tumultos por terra e mar; no efeito sobre as vidas humanas, causa de muitos erros a serem cometidos; mais acidentes com ferrovias, carros e acidentes nos oceanos, e grandes epidemias físicas e epidemias morais. Esses grandes crimes são precursores dessa mudança. Estes são dias de culminares.

Existem tantos gênios no crime quanto nas invenções, e as pessoas também descobrem novas maneiras de torturar os seus criminosos; novas maneiras de colocar os criminosos fora do caminho em vez de ensiná-los a agir melhor. A eletrocussão é uma dessas descobertas que permitem que as pessoas demonstrem (como supõem, no interesse da lei) o melhor método para se torturarem mutuamente, seja por causa da assim chamada, ou erroneamente chamada, 'justiça', seja por vingança, que encontra o culminar num período como este.

"As vidas humanas também procurarão encontrar muitos paliativos para os erros existentes. Mas os paliativos não são curas. Reformas sociais são geralmente anestésicos morais. A ciência da *Matéria Medica* descobriu muitos anestésicos e constitui a presente forma de prática da *Matéria Medica* acalmar a dor com mais frequência do que curar as doenças. A cura dos pacientes é deixada para o cientista cristão, o curador espiritual e magnético e esse tipo de pessoas. Os médicos são proficientes em cirurgia e anestesia, e isso significa que as causas de doenças humanas não foram removidas, mas que são usados paliativos.

"O século 20 marca o anúncio da Morte no sentido teológico dos velhos tempos. Os cemitérios e tudo quanto lhes diz respeito darão lugar ao

conhecimento do reino do espírito, da luz que está além, da força e beleza e grandeza que têm lugar nele.

"O século XX é o precursor do grande cataclismo, do Dilúvio Glacial, e todas as forças da mente e do espírito marcam a época mais rapidamente do que a matéria. Portanto, há apogeus internos que trarão o culminar de maneiras de instaurar a paz; pontos culminantes na religião que levarão uma grande quantidade de lutas sectárias a um novo esclarecimento da raça; culminâncias nas relações comerciais que produzirão um reajuste geral, já que as nações estarão tão cingidas que serão atingidas por outras nações através do intercâmbio comercial. Haverá grandes mudanças na relação entre capital e trabalho, já que agora ambos esses campos se acham divididos. Mas o homem representará mais do que um dólar e a humanidade representará mais do que o dinheiro. Está chegando a hora em que essas forças serão aliadas pela necessidade, e a necessidade trará equalização e crescimento.

"A fraternidade não pode ser forçada, mas a fraternidade gradualmente tomará o lugar do aglomerado egoísta. Assim que as pessoas entenderem que cada um é incluso como parte do todo. Vocês lutam contra o mundo agora, o "eu" está contra todo o resto. Foi uma grande proposta a que foi feita no âmbito da ciência quando o sol se tornou o centro do sistema solar, em vez da Terra. Deixou a Terra porque a ciência descobriu que era pequena demais para ser o centro de tanta magnificência. Quando o centro encontrou o seu próprio lugar, o universo pareceu ficar melhor ajustado. Agora, o "eu" é suposto ser o centro do universo em todas as mentes humanas. Assim que isso for mudado e o "eu" for relegado ao seu próprio lugar, como parte do todo - e a alma preservar a sua identidade - o universo funcionará melhor convosco. Toda a família humana não estará contra vós, vocês serão um com ela."

UMA AULA SUBORDINADA À CURA ESPIRITUAL

DR. BENJAMIN RUSH

1745? - 1813

MÉDICO E PROFESSOR DE QUÍMICA

SIGNATÁRIO DA

DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA

ATRAVÉS DA MÉDIUM DE TRANSE

CORA LV RICHMOND

NO PARKER MEMORIAL HALL, BOSTON
NA TARDE DE DOMINGO 15 DE FEVEREIRO DE 1880

ABAIXO CONFORME RELATADO E PUBLICADO NO BANNER OF LIGHT
DESTACADO NA PÁGINA FRONTAL - 28 DE FEVEREIRO DE 1880

INVOCAÇÃO

Infinito Criador e Preservador, tu que és o bálsamo de toda a alma, curador de todos que se encontram doentes, voltamo-nos para ti como fonte do ministério final, através de cujas leis e beneficentes misericórdias todas as formas de vida encontram o ser e a preservação, de quem vida e morte emanam igualmente. As formas mutáveis de ser exterior, mesmo aquilo que os homens chamam de enfermidade, não é senão outra mudança em direção àquele supremo da vida que é inteiramente teu. Tu és a perfeição; todas as outras coisas têm que ser imperfeitas.

Tu és infinito: todas as outras coisas têm que ser finitas; e como o finito não pode abranger o infinito, a imperfeição do homem não pode medir a Tua perfeição. Mas o que quer que exista na vida emana de ti, e as potências do ser exterior fluem em direção a Ti e de Ti. O homem Te louva por aquele conhecimento alcançado através do sofrimento, pela vitória que brota da experiência, por aquela iluminação que é o resultado dos diversos caminhos que ele deve seguir em direção à derradeira verdade; pelo espírito que por fim controla a matéria; pelo pensamento

que usurpa o lugar da força física; pela volição que finalmente coroa toda a vida humana com o supremo poder sobre os elementos abaixo do homem.

Oh, que os teus filhos se voltem para Ti enquanto fonte do conhecimento, lembrando que, por mais perfeito que seja o livro da natureza, existe um mais perfeito, o livro da intuição, traçado dentro da alma; aquela iluminação nascida das suas fontes vivas e claras; aquele poder cristalizado dentro do espírito, que emana de ti.

Como a razão é apenas a serva do espírito, podemos voltar-nos da razão para a inspiração destinada à orientação; do exterior para a vida interior; do externo para o espírito; do pensamento que é visível e manifesto para aquilo que é real e invisível; pois, conforme toda força da vida é na realidade impercetível, e somente o funcionamento da força se manifesta, assim também os poderes perfeitos do espírito devem sempre ser invisíveis, contudo, representados para sempre na luz e na vida os seus maravilhosos trabalhos. Oh Deus! sê Tu a eterna presença, e como o Cristo revelou através dos poderes do espírito as maravilhas dos dons que podem pertencer a cada um, assim deixa que os teus filhos cobicem fervorosamente os melhores dons, buscando aqueles para os quais estejam mais adaptados, e procurando a luz e orientação para realizar todos os deveres necessários da vida.

Voltamo-nos para Ti como fonte no deserto, como o oásis no vasto deserto da vida material; como a luz no meio do espaço, separado e a arder para sempre para orientação dos teus filhos. Assim nos voltamos para Ti, louvando-Te por todas as vias do conhecimento humano, mas principalmente por aquela fonte primordial, nascida da intuição e da adoração, a coroação da glória do espírito humano. Amém.

A PALESTRA

A outro é dado o dom da cura, pelo mesmo espírito. Como cristãos, alguém poderia pensar que haja pouca necessidade de uma palavra pronunciada em nome de um método que forma um dos predicados do mundo cristão; mas como os cristãos legislam de modo adverso à sua religião, e desaprovam nas suas ações aquilo que eles aprovam na sua teologia, é conveniente que esses não reivindiquem santidade especial, aqueles que não têm interesse nos princípios usuais da Igreja, mas em nome de uma filosofia mais profunda e de uma maior ajuda humana, reivindiquem para a cura espiritual, o que o cristão lhe nega. Hoje, os curadores dos doentes, no sentido em que Cristo curou, encontram-se

entre aqueles geralmente ignorados pelas escolas de *Matéria Medica.* Quando a medicina se tornou uma ciência, ela deixou de ser uma religião e, com a cessação dessa sua qualidade espiritual essencial, deixou de ser a cura.

A escola de Esculápio pode ter sido fundada na descoberta inata dos antídotos fundamentais das doenças; mas a escola da medicina moderna é um sistema de contradições tão complicado que requer a maior fé para se aceitar qualquer sistema de prática médica. A cirurgia, em verdade, é uma escola por si só; todavia, estamos muito enganados se até mesmo a cirurgia não tem sua antítese espiritual que acabe por a suplantar, já a cura superior suplantará os métodos inferiores da descoberta humana.

Duas forças ou métodos são necessários no tratamento da doença: primeiro, que um antídoto para o veneno efetivo que tenha sido quer introduzido no sistema por uma doença contagiosa, ou gerado por alguma falta de saúde no sistema; segundo, um ajuste do sistema onde não haja veneno, orgânico ou não. Os antídotos para os venenos são especificidades facilmente detetáveis por aqueles que seguem os métodos profissionais naturais de cura, e são tão frequentemente encontrados entre os Índios inexperientes e não instruídos da América do Norte como entre os mais altamente graduados das faculdades de medicina, e tão frequentemente conhecidos por aqueles que praticam a cura entre os magos e feiticeiros do Oriente, como entre aqueles que fizeram o estudo da medicina sua vida longa perseguição, ao passo que, a determinação no sistema humano, quando não existe um veneno real ou epidemia, ou a doença de malária presente, é mais frequentemente realizado pela presença real do médico do que por qualquer remédio que ele administre ou faça com que seja administrado.

Com base numa centena de anos de experiência em ambos os mundos, posso afirmar com segurança que o sistema humano é curado pela mente em noventa e nove por cento de casos; que o poder ou influência que o médico, enfermeiro ou acompanhante tem sobre a mente do paciente é o poder de restauro; que o agente corretivo empregado afeta a doença na proporção exata em que a mente do paciente ou do assistente esteja de acordo com ele; e que, onde se verificar um resultado dinâmico real, será com mais frequência e liberdade produzido pela conformidade mental do paciente e pela administração mental daqueles que participam.

Venenos diretos e distintos produzirão resultados diretos e distintos, tal como os antídotos, assim como os chamados acidentes físicos, ou

qualquer outro choque violento que ocorra sobre as habituais vibrações recorrentes do sistema; porém, se houver um remédio igualmente violento à mão, seja na mente ou no corpo físico, geralmente será eficaz.

E a promessa de que, aqueles que têm fé tomarão veneno não se ferirão, e tocam o fogo sem se queimarem, não será mais uma impossibilidade física do que o conhecimento de que a mente humana, em face do medo, leva o corpo, acamado há anos, a pular da cama e a correr para as ruas em busca de segurança; faz com que uma pessoa ferida no campo de batalha não tenha consciência da sua ferida e leve adiante a luta por muitas horas; faz com que uma pessoa afligida por uma doença fatal se desfaça dessa aflição e se recupere inteiramente dela sob o estímulo da alegria súbita, ou faça com que uma pessoa morra de medo de uma doença que nunca teve, e com a qual nunca tenha vindo a entrar em contato.

Quando as doenças humanas são orgânicas, raramente são repentinamente fatais; mas a mente acalenta-as até à fatalidade por um período de vinte e cinco ou cinquenta anos, o que, quando muito, constitui uma média muito justa da vida humana. Aqueles que herdam doenças raramente morrem de repente, mas por sintomas premonitórios, cuidadosamente instilados na mente numa idade precoce por uma mãe ou acompanhante sempre vigilante, a doença é confirmada na mente dos jovens. Ela é levada adiante até anos mais tarde, e acha-se ainda confirmado na mente, e todo sintoma de tosse ou outra circunstância concomitante é atribuído à mácula hereditária, até que finalmente se desenvolve numa doença real, e na boa velhice a profecia é cumprida que eles seguirem na esteira dos seus antepassados.

Às vezes, uma doença deste tipo surge repentina e inesperadamente na flor da vida, e levam pessoas que não deveriam encontrar-se predispostas à doença, e prova-se contrária às expectativas humanas, que confundem até as habilidades e a vigilância médicas, e mostram que a doença, na sua maior parte, não é herdada; que a ideia dela é herdada e que a suposição da doença é mais frequente na mente do que no organismo físico real.

A diátese (NT: Tendência ou predisposição para doenças hereditárias, que em homeopatia é chamado de *miasma*) de todo ser humano é mais ou menos afetada pelas afeções escrofulíticas, pulmonares ou outros incidentes que ocorram numa vida que seja civilizada demais. As doenças do Pele-vermelha são principalmente o resultado de um acidente ou de epidemia no seu carácter; na constituição deles não têm

doenças; [1880] não contraem doenças hereditárias, porque a natureza com o seu laboratório de remédios; a sua farmácia está sempre à mão e a intuição do pele-vermelha sabe como aplicá-la.

Para as epidemias que são o resultado de privações, injustiças ou algo desse tipo, a natureza não oferece nenhum remédio imediato; portanto, os Índios sofrem mais nesses casos; mas para as doenças comuns que afligem as nações civilizadas, os aborígenes não têm conceção alguma e, portanto, não dispõem de remédios.

NO NOSSO AVANÇO E CIVILIZAÇÃO, COMPROMETEMO-NOS POR MELHORAR A NATUREZA, A SUPLEMENTAR A AÇÃO DA NATUREZA POR MÉTODOS ARTIFICIAIS, QUE, ATUALMENTE LEVADOS AO EXTREMO, PRODUZEM UM SISTEMA DE PRÁTICA EM QUE, SE EM DEFINITIVO INSISTISSEM PLENAMENTE, FARIA DE TUDO OS SERES HUMANOS BÊBADOS OU DEVASSOS, FARIA DE TODOS OS SERES HUMANOS IMBECIS OU LUNÁTICOS, PORQUANTO A APLICAÇÃO DOS ANESTÉSICOS A UMA RAÇA TÃO ALTAMENTE SENSÍVEL E SUSCETIBILIZADA COMO A RAÇA MODERNA DOS SERES CIVILIZADOS, É DE FATO UM EXCESSO DE MEDICAÇÃO QUE ATUALMENTE PRODUZ OS RESULTADOS MAIS SURPREENDENTES.

COM TODO O AVANÇO PARA A MELHORIA SUPERIOR DA HUMANIDADE EM OUTRAS DIREÇÕES, É UM FATO SURPREENDENTE QUE A MEDICINA E A TEOLOGIA TENHAM AVANÇADO MENOS. AQUELES QUE TRATAM OS CORPOS E AQUELES QUE TRATAM AS ALMAS, PERMANECEM ADVERSOS NÃO APENAS AOS PRIMEIROS PRINCÍPIOS DE CURA, MAS ADVERSOS A QUALQUER INVASÃO DE SEU DOMÍNIO. TODO AVANÇO NA PRÁTICA DA MEDICINA FOI COMBATIDO; TODA PERSPETIVA LIBERAL CONCERNENTE AO DOMÍNIO DA NATUREZA E A SUA APLICAÇÃO ÀS EXIGÊNCIAS HUMANAS ENCONTROU A MESMA OPOSIÇÃO, E HOJE VOCÊS VEEM-SE CONFRONTADOS NOVAMENTE COM O MESMO TIPO DE DEMAGOGIA DAQUELES QUE, ACREDITANDO-SE NA POSSE DE TODA A VERDADE, E DE TODA A CIÊNCIA FINAL, PRECISAM SER POSTOS À PROVA DE NUNCA PERDEREM UM PACIENTE, E NUNCA TEREM UM REMÉDIO QUE FALHE.

QUANDO A *MATÉRIA MEDICA* PUDER FAZER ISSO, ELES PODEM ALEGAR O DIREITO DE PRESCINDIREM DE DAR OUVIDOS ÀS ALEGAÇÕES DE QUALQUER OUTRO TIPO DE PRÁTICA. QUANDO AS ESCOLAS DA CIÊNCIA MODERNA PUDEREM DETERMINAR EXATAMENTE AS QUALIDADES E PROPRIEDADES DE UM DADO REMÉDIO E A SUA APLICAÇÃO AO SISTEMA HUMANO COM UMA PRECISÃO INFALÍVEL, E PROVAR QUE, EM TODOS OS CASOS, EXISTE A CAPACIDADE DE O AJUSTAR ÀS NECESSIDADES DO CORPO HUMANO, ENTÃO E SÓ ENTÃO, ELES PODEM ALEGAR, "NÃO HAVERÁ QUALQUER MUDANÇA!"

Hoje vocês encontram-se à beira de mudanças, e essas mudanças requerem uma consideração cuidadosa, séria e adequada. Que pessoas irresponsáveis venham a ser encarregadas do importante cargo de talvez decidir acerca da vida de um ser humano, parecerá, *à priori*, uma proposição muito surpreendente. Mas *quem serão essas pessoas irresponsáveis?*

A qualificação requerida para a realização de uma determinada coisa não deve somente ser concedida pela lei humana, mas pela divina. A mãe herda e possui o direito de cuidar do seu filho; unicamente em caso de negligência e abuso extremos é que esse direito lhe é retirado. Os curadores devem ser tanto obra de Deus, assim como do homem. O dom da cura é como o dom da poesia, do ensino ou da arte. Podemos ter escolas e métodos, mas a cura em si é um domínio, é uma faculdade da mente, é algo concedido pela natureza e atinge as várias ramificações do corpo humano.

O espírito está lá e afirma sua preeminência. Se o homem fosse apenas um epítome de compostos químicos, poderiam estabelecer-se escolas de ciência com o fim de se determinar com precisão o que sustentaria a vida e melhor removeria a doença; mas como o homem não é apenas um epítome de compostos químicos, mas uma expressão última de algo que está para além da química, além da anatomia, além da fisiologia, além de qualquer constituição de estrutura que a antropologia tenha determinado, então precisamos decidir sobre a capacidade de curar de acordo com a condição do homem enquanto ser espiritual.

Eu sei que a mente do paciente determina o sucesso do médico; Eu sei que na maioria das doenças que afligem a humanidade, há uma falta de ajuste nervoso e espiritual; Eu sei que na maioria das epidemias, novecentas e noventa e nove pessoas em mil morrem de medo, em vez de doenças; sei que quem quer que detenha o poder de inspirar confiança na área epidêmica verificaria instantaneamente a disseminação da doença, que se estenderia apenas àqueles infetados ou que possuíssem a condição negativa do sistema que a predisponha à infeção; sei que o poder que a mente exerce sobre o corpo humano é por vezes absoluto, e que o poder de uma outra mente pode estabelecer uma positividade que a leve a superar os efeitos do veneno, os efeitos do medo, os efeitos da constipação, os efeitos de qualquer elemento supostamente destrutivo da vida, e que a própria morte é detida e desprezada com frequência pela volição que entra

EM CONTATO COM ELA, REAJUSTANDO AS PARTÍCULAS À EXATA POLARIDADE DA VIDA.

Ciente disso, pois, hoje, falo em nome do sublime e divino dom da cura. Enquanto o homem se encontrava no estado físico, unicamente remédios violentos, as aplicações físicas se faziam necessários. A idade do ferro exigiu o tratamento heroico da alopatia. Houve um tempo em que o corpo humano apenas cedia, porventura, aos remédios mais violentos e mais grosseiros da natureza; mas mesmo assim encontramos magia no Curandeiro de Nazaré; mesmo assim, encontramos feitiços nos oráculos e potências nas fontes de cura e nos lugares santificados, provando que, apesar da idade do ferro, a idade do ouro pode permear e ter lugar por meio disso.

HOJE [1880] VOCÊS ESTÃO A CHEGAR À IDADE DE PRATA; A IDADE DE OURO AINDA NÃO SURGIU. AS LEIS DA *MATÉRIA MEDICA* ESTÃO A MUDAR, E MÉTODOS E PRÁTICAS MAIS SUBTIS E OCULTOS SÃO APROVADOS. A HOMEOPATIA CONSTITUI O ESPÍRITO DA ALOPATIA, É O ESPÍRITO RESSUSCITADO, TALVEZ, MAS POTENTE, PORVENTURA POR CARECER DOS MÉTODOS MAIS GROSSEIROS DE COMPOSTOS MAIS MATERIAIS.

O VASTO HERBÁRIO DA NATUREZA PRODUZ EM VÁRIAS FORMAS DE DESTILAÇÃO OS REQUISITOS EXATOS PARA O CORPO FÍSICO. SE NÃO HOUVESSEM NERVOS, ACOMPANHADOS DE PODER CEREBRAL OU MENTAL, PODERÍAMOS ENCONTRAR ESSES REMÉDIOS PARA TODOS OS MALES; ELES SEMPRE ESTARIAM À MÃO; VOCÊS SEMPRE SABERIAM O QUE FAZER; MAS O ANTÍDOTO PARA UM CONSTITUI UM VENENO PARA OUTRO. A RAZÃO ESTÁ NA DIFERENÇA DA ESTRUTURA DOS NERVOS E DO TECIDO ESPIRITUAL, E ESSA DIFERENÇA PRECISA SER INVESTIGADA, CUIDADOSAMENTE MEDIDA E ASSIM DETERMINADO PELO VERDADEIRO MÉDICO QUE O REMÉDIO APROPRIADO SERÁ DESCOBERTO. MESMO QUE OS SINTOMAS SEJAM OS MESMOS, A DOENÇA SERÁ COMPLETAMENTE DIFERENTE.

AS SIMULAÇÕES DE CERTAS DOENÇAS NO SISTEMA HUMANO QUE ENGANAM O MÉDICO, QUE BROTAM DE CERTOS ESTADOS NERVOSOS, MUITAS VEZES SÃO MUITO DESCONCERTANTES; MAS ESTAS TÊM AS SUAS FONTES EM ESTADOS ESPIRITUAIS E MENTAIS, QUE SOMENTE AQUELE QUE VERDADEIRAMENTE DISCERNE, O VERDADEIRO MÉDICO, PODERÁ AVERIGUAR.

Fui chamado à cabeceira de um paciente extremamente nervoso, sensível e sofredor, e se eu não tivesse tido outro discernimento ou experiência além daquele que geralmente acompanha o estudante de medicina, eu teria começado a ministrar a aplicação do costume para a febre tifoide nervosa. Eu descobri que não existia tal doença; os sintomas

achavam-se presentes, mas as causas eram bem diferentes. Houve um problema; a mente foi afetada; a doença era secundária; os sintomas foram simulados e a verdadeira cura teve que ser mental.

A mudança de ar é eficaz; a mudança de ambiente por vezes opera maravilhas; mas a palavra apropriada dita no momento certo e no lugar adequado constitui frequentemente potencial maior, e a própria presença de uma mente calma, que tenha confiança no poder de cura derradeiro do universo, é em si uma poção da força, um agente corretivo real. Como a terra e o ar contêm tudo o que é essencial para o sustento, a perpetuação e a saúde do homem, a terra, o ar e o espírito contêm tudo o que é essencial para o seu bem-estar espiritual e físico. Para julgar isso corretamente, precisamos mencionar primeiro o espírito como a potência de cura; a luz solar e o ar como os seguintes; os agentes corretivos como o último e mais baixo na escala de cura.

Primeiro, espírito, porque sem a mente e o contato ou *rapport* efetivo, não há cura ou restauração real. O curador mágico, aquele que teve o dom do espírito na dispensação Cristã, exceto em casos raros, dependia totalmente da vontade ou força de vontade, a saber, o espírito que fluía dele para a pessoa afligida. Em certos casos, a terra ou a argila eram usadas como meio de transmitir a força magnética; em outros, a água ou uma vestimenta era usada como instrumento para estabelecer a *relação* adequada entre o curador e o paciente. A fé, dizia ele, era essencial para vós.

Eu considero a fé essencial em todas as coisas; significa recetividade e uma condição que capacita a pessoa a receber a doação proporcionada; a fé do rei de que o seu filho seria salvo; a fé da mulher a quem era proibido que Cristo curasse, mas que foi restaurada pelo seu ardente desejo; a fé da viúva; a fé de todos que receberam o ministério e foram declarados íntegros era o ambiente em que a cura espiritual poderia ser transmitida. Se vocês não tiverem fé no vosso médico ou no vosso curador, não recorram a ele; esse é o único requisito essencial.

Também precisam ter o dom; mas muitas pessoas que não são chamadas médicos possuem o dom de curar, e como foi estabelecido na terra, não numa escola de teologia e numa escola de *Matéria Medica,* um sistema de cura espiritual, o mundo espiritual estabeleceu-o fora das escolas de teologia e de medicina, e a terra foi beneficiada pelo mesmo, embora não tenha sido sancionado por sacerdote, prelado ou médico algum.

Os praticantes no mundo de hoje cobiçam fervorosamente toda a preconização da família humana, mas a cura magnética no momento atual usurpa uma grande proporção dessa prática. E fá-lo deliberadamente; fá-lo conscientemente; fá-lo com o consentimento de seres humanos inteligentes; e contanto que sejam inteligentes e conscientes do que estão a fazer e empreguem médicos desse tipo, não me parece razoável que outros seres humanos, afirmando serem igualmente inteligentes, devam privá-los desses meios de restauro.

Bem que poderão legislar contra o ar da montanha, o ar do mar ou os banhos de mar, ou qualquer outro requisito que vários seres humanos considerem essencial para a sua própria recuperação, ou legislar contra qualquer tipo de alimento, ou qualquer tipo de diversão ou qualquer outro tipo de recreação, ou qualquer tipo de leitura. O princípio é precisamente o mesmo. Aquilo que acho bom para mim pode não ser bom para vós. Vocês não são obrigados a empregá-lo, e neste país, onde a maior liberdade do indivíduo é cuidadosamente preservada, é estranho que, tendo encontrado o segredo da recuperação, vocês não sejam capaz de o exercer.

Mas o segredo jaz mais fundo do que isso. É o grito dos velhos tempos contra a inovação; é o carro antigo da Força Bruta, a rolar de outra maneira e a sacrificar as suas vítimas. É o mesmo tipo de sentimento, alterado para o tempo, lugar e ocasião do século XIX e uma república livre. O sentimento é exatamente o mesmo que teria crucificado os próprios fundadores da medicina, caso se tivesse apresentado em contradição com a lei e os costumes estabelecidos da terra. E quem foi mais perseguido do que esses perseguidores de hoje?

Encontramo-nos, pois, em meio a este tema, sob a conclusão calma e deliberada de que aqueles que tentam destruir o espírito estão a lutar contra o que não conhecem. A cura magnética não nasce da argila; não é um epítome da poeira; não é o resultado do produto químico do cadinho; não é fornecido nas escolas do mundo; mas tem a sua origem numa fonte mais elevada, a saber, o espírito do homem, encarnado e desencarnado, a abrir caminho, como antigamente na forma de milagres e maravilhas, e é do assim chamado espírito, mas na forma de um poder que neste momento tem mais adeptos do que qualquer outro sistema de prática, e no final do dia é mais capaz de aliviar e de remover os males do mundo do que qualquer outro sistema.

Eu digo àqueles que têm o dom da cura, seja comissionado por qualquer escola do homem ou não, vocês não podem deixar de o

exercer. Eu digo àqueles que têm o poder do espírito de remover doenças que não podeis ser silenciados; os muros da prisão não os prenderiam; não podem ser suprimido por nenhuma multa ou formulação judicial; os júris não podem bani-los; não podem ser submetidos por nenhum juízo oriundo dos tribunais humanos de justiça.

Lembrem-se, é um dom divino; é um dom humano. Ele vem a vós das fontes mais íntimas do Espírito; é o método natural, se os seres humanos estiverem a sofrer, e em vez de suprimirem esse dom por qualquer lei ou legislação, em vinte e cinco anos, ele suplantará completamente as formas presentes de tratamento; em cinquenta anos, dificilmente haverá qualquer outro método de cura no mundo. Em cem anos não haverão escolas de *Matéria Medica*, pois a ocupação terá terminado e vocês serão instruídos a partir dessa fonte com respeito à antropologia humana no sentido mais amplo e mais sublime.

Para aqueles que não terminam com o protoplasma, mas começam nele, e passam para o espírito nos seus diversos estágios, como a fonte de toda a vida e cura da coroa da cabeça até a sola dos pés, o homem é um epítome das forças espirituais, e entender isso é entender a lei da existência.

Medo, terror, servidão a toda lei física, prendem-nos a doenças. Felicidade, alegria, esperança espiritual, aspiração, são remédios de cura.

Teremos enfermarias, não baseadas, como agora, em sistemas de tratamento que frequentemente sujeitam o paciente a mais tortura do que ao remédio, e lhes deixam o sistema destruído para a vida toda; mas enfermarias onde todos os atributos da mente e do espírito fluam harmoniosamente juntos; onde a música, a luz do sol, as flores, as crianças e os anjos ministram o trabalho de cura, em vez de gaiolas cirúrgicas e frascos de remédios e drogas; onde nenhuma enfermeira, com passos suaves e sussurros cuidadosos, administra hora a hora a poeira que lhes é prescrita.

Mas onde as horas passam inconscientemente para o paciente, onde a recuperação é como um anjo alado que se eleva acima de vós; onde o médico não é revelado, e às vezes nem é conhecido; onde os assistentes são vossos amigos; onde as vozes fluem para vós daqueles escolhidos para lhes ministrar; onde os acidentes podem ser evitados; onde os membros quebrados podem ser ajustados sem o uso de anestésicos artificiais; onde o sono hipnótico tomará o lugar das drogas; onde o poder magnético tomará o lugar da cirurgia; onde toda forma de

sofrimento humano será controlada pela voz e volição da mente; e onde o poder de cura do espírito estará sempre pronto para responder à vossa demanda. Para aqueles que são hoje ostracizados, perseguidos, condenados, eu digo, tenham coragem, pois o mundo espiritual é mais forte que o mortal, assim como a alma é maior que o corpo; o curador é mais mágico do que todas as doenças da terra.

Cristo, o mestre, e Cristo, o curador, nascem no mundo em nome da Verdade e da verdadeira cura. A religião para a mente e para o corpo andarão de mãos dadas. Teremos remédio para a alma e, portanto, o corpo recuperar-se-á.

CORA RICHMOND

RESPOSTAS A QUESTÕES METAFÍSICAS ACERCA DA ALMA

PUBLICADO NO THE NEW IORQUE EVENING POST

Após participar num pequeno grupo particular de atendimento a perguntas
Numa residência particular em Nova Iorque

PROFERIDO EM COMPLETO ESTADO DE TRANSE
POR
CORA LV HATCH
1858

"O seguinte," relata o New Iorque Evening Post, "é um relato preciso de um diálogo que teve lugar numa residência particular da cidade, entre a Sra. Hatch e uma comitiva de dez ou uma dúzia de convidados. Nenhuma das perguntas fora previamente submetida ao conhecimento da Sra. Hatch, mas a cada uma delas foi dada uma resposta imediata e sem hesitação. As respostas são tão notáveis quanto qualquer coisa que tenha sido alvo de especulações teológicas que recentemente nos tenha chegado ao conhecimento. A sessão levou uma hora e dez minutos.

Pergunta - Existirá alguma relação inevitável entre doença e pecado? E se não, o que quer a resposta que nosso Salvador deu a certos escribas quando eles murmuraram que ele blasfemava - "Por que pensais mal nos vossos corações? Qual é mais fácil dizer: 'Os teus pecados são-te

perdoados,' ou dizer: 'Levante-se e anda?' - E uma vez mais, em resposta aos mensageiros de João, que tinham vindo inquirir se ele era o que estava para vir, ou se deveriam procurar por outro, a saber: 'Vá e mostrem novamente a João aquelas coisas que veem e ouvem: os cegos recebem a visão, e os paralíticos andam; os leprosos são purificados e os surdos ouvem; os mortos ressuscitam e os pobres pregam-lhes o evangelho." E se existe alguma relação, ela existirá depois da morte? E os espíritos conhecerão a doença e a recuperação?

Mrs. Hatch - Pecado, no usual sentido do termo, implica a violação de uma lei. Contudo, foi aplicado inteiramente a leis morais ou intelectuais; à violação daquelas leis que se aplicam à alma. Como se disse que a alma representa uma formação distinta e positiva, distinta da formação física, como a sua existência não foi considerada como parte do corpo, ou da vida do corpo, pensa-se que o pecado não tem influência sobre o homem externo. Mas qualquer lei que produza um efeito sobre o sistema físico do homem precisa, na sua fonte primitiva, ser da alma. Por quê?

Por a alma do homem, na sua identidade, na sua essência e na sua formação, aplicar, agregar, assimilar substâncias externas, até vocês acabarem por ver a forma do homem. A forma externa é o crescimento do espírito. A natureza do espírito desenvolve a forma do corpo. O corpo simplesmente aloja, expande-se, desdobra-se, para que os processos de identidade se desenvolvam e manifestem de modo mais efetivo.

O pecado, pois, como tal - não sendo um elemento positivo, mas uma expressão da ignorância das leis da Natureza - pode ser definido como físico ou mental mas, em qualquer dos casos, aplica-se à alma; por todas as doenças físicas, quando traçadas até à sua fonte última, procederem de uma falta de desenvolvimento no espírito. A doença traduz uma falta de ação adequada em alguma parte do sistema, e isso deve tender a produzir um incremento da ação ou superabundância de outras partes, que representa a inflamação.

Isto deve proceder da falta de conhecimento das leis da saúde e da natureza; pois, se fossem bem compreendidas, nunca seriam violadas: consequentemente, procede de uma carência de desdobramento do intelecto ou alma - uma falta de ação da alma. Portanto, no texto da escritura citado: "Pois, qual será mais fácil dizer: 'Os teus pecados te são perdoados,' ou dizer: 'Levanta-te e anda'"- quer a alma ou o corpo sejam tornados íntegros, não importa, pois a doença de ambos surge da mente.

Perguntam, pois, se as relações de pecado e doença se aplicam ao espírito na sua existência futura, e se o espírito conhece doença e recuperação. Nós respondemos que sim. A doença consiste na falta de ação em algumas partes do sistema e num excesso de ação em outras partes, conforme a definimos. Como isso é verdade com respeito à forma externa, também é verdade com respeito à espiritual. Há uma carência ou um excesso na capacidade do espírito no cérebro, que opera sobre o espírito como doença e recuperação. Quando o espírito adquire um conhecimento das leis que governam a sua natureza - quando um equilíbrio é produzido nas suas faculdades, no mundo espiritual, através das manifestações do desdobramento da alma, no espírito inteligente e identificado - então não há mais doença.

Consequentemente, os espíritos conhecem a doença - não do corpo, pois isso é deixado para trás - mas enfermidade nas faculdades da sua própria natureza, já que melhora para sempre, e não cresce, mas sempre se desdobra rumo a formas superiores e mais perfeitas de existência.

Pergunta - Será a alma, ou, por outras palavras, aquilo que anima a forma, e será o homem - uma entidade absoluta e independente, ou será o resultado da organização (corpo)?

Mrs. Hatch - É uma entidade absoluta e independente.

Pergunta - Como será, então, que as qualidades da alma são herdadas, de modo que uma raça de homens apresente uma certa semelhança?

Mrs. Hatch - As qualidades da alma não são herdadas, exceto as da Divindade. As qualidades da manifestação ou combinação da alma - daquilo que tem uma forma externa - são sempre herdadas, na medida em que a alma se identifica e se expande através das gerações e das nações, nas suas essências externas. Mas a alma, enquanto tal, na sua essência distinta e positiva, não herda nada exceto da Deidade. As manifestações da identidade em formas externas e em desenvolvimentos de combinações e modos de pensamento, conforme testemunhado em nações e gerações de famílias de homens, são o resultado das condições da vida externa; e dos desdobramentos do espírito; e como não existem dois indivíduos no mundo iguais na forma externa, também duas almas não se desdobram da mesma maneira, mas se combinam e são trabalhados de maneira diferente.

Por exemplo, para o ilustrar com uma teoria familiar na Natureza: na química, as primárias de todas as substâncias são semelhantes, mas não as suas combinações em qualquer forma de existência. Vocês percebem um desenvolvimento diferenciado, uma agregação diferente, uma variedade constante no externo; e as mesmas diferenças, a mesma diversidade, existem nas essências internas, as combinações de espírito e da alma. Portanto, não é a alma em essência que é mudada, mas as capacidades da alma como que forjadas a partir do exterior. A diferença reside no intelecto.

Pergunta - Nesse caso existirá alguma diferença radical ou implícita entre a alma de um dos indivíduos mais degradados da raça humana - como, por exemplo, a do Bosquímano - e a de uma da raça branca ou Caucasiana?

Mrs. Hatch - Nenhuma nos elementos implícitos à alma, caso contrário a educação ou o desenvolvimento não poderia produzir o seu efeito - não poderia extrair as manifestações mais elevadas da alma. Se houvesse uma diferença de espécies, uma diferença essencial nos elementos interiores, e não poderia ser assimilada através dos meios educacionais, através dos processos de desdobramento pelos quais o conhecimento externo é adquirido, nem a alma desdobrar-se até à mais elevada capacidade que o homem concebe. Consequentemente, a alma do Bosquímano é radicalmente idêntica à do Caucasiano ou a qualquer alma humana. Todas as almas procedem de uma Fonte Primordial.

Pergunta - Em relação aos Bosquímanos, não sei, já que não há evidência alguma de que eles tenham sido cultivados. Os Bosquímanos são sobre a mais baixa raça de homens conhecida.

Mrs. Hatch - Mas onde quer que haja uma centelha de inteligência a manifestar-se sob a forma de razão e de capacidade de juízo, existe uma alma. Se o Bosquímano não tem essa razão e capacidade de juízo, ele não será um homem; ele não tem alma humana. Muitos dos animais manifestam a capacidade da humanidade até certo ponto, cada animal na sua própria esfera, mas nenhum deles tem as faculdades combinadas da razão e da capacidade de juízo.

Pergunta - Poderemos inferir que o talento espiritual na mais baixa ordem da raça humana, como a do Bosquímano, seja o mesmo que em outras raças?

Mrs. Hatch - Você pode inferir isso do que dizemos, que as essências que tornam o homem uma individualidade, uma alma - as essências que tornam o homem o filho do seu Pai - essas essências são semelhantes onde quer que vocês as encontrem. Seja no Hindu, no Hotentote ou no Bosquímano, na forma mais baixa de inteligência, se essa cornija do arco da razão se encontrar presente, você encontrará uma alma humana e uma alma imortal.

Mas, conforme expressamos a ideia de diferenças de formação e de desenvolvimento, é claro que o desdobramento da alma do Bosquímano requer um período de tempo mais prolongado, que se estenda porventura a diversas gerações. Mudanças significativas, agregados maiores e segregações de pensamento e sentimento, por assim dizer, manifestadas através do externo, são necessárias à assimilação das suas formas de existência àquelas das raças mais favoravelmente dispostas e desenvolvidas. Mas com a natureza das essências espirituais, isso não tem nada que ver. O espírito sendo de Deus, deve ser perfeito.

Pergunta - Onde começa a alma, esse arco de coroação, na criação?

Mrs. Hatch - Ela começa com o homem. O “elo de ligação,” como é referido pelos vossos cientistas, entre as criações animal e humana, ou entre a razão e o instinto, não definimos claramente, nem supomos que seja suscetível de definição. Mas afirmamos que, no Bosquímano, ou na ordem inferior da espécie humana, onde quer que exista, os fundamentos da identidade individual tornam-se perfeitos; que onde quer que vocês encontrem uma suscetibilidade de desdobramento, aí tem início a individualidade do espírito; e se não houver tal suscetibilidade no Bosquímano - se ele não for capaz de alcançar as formas superiores de inteligência - então não será imortal.

Pergunta - Dependerá o desenvolvimento da alma da instrução humana?

Mrs. Hatch **-** O desenvolvimento da alma, na sua essência interior e positiva, não depende da instrução humana; mas as circunstâncias da sua identidade na vida externa dependem, em grande medida, da instrução humana. Por exemplo, a menos que a alma perceba intuitivamente a sua essência e finalidades, não é suscetível de ser educada neles. A menos que haja uma fonte intuitiva de conhecimento, a instrução humana não poderá proporcioná-lo. Se, através da educação, aqueles poderes superiores do espírito do Bosquímano não forem invocados, é evidente que eles não existirão; mas quando, por educação, eles são considerados, também é evidente que eles tinham existência na alma, e somente o cultivo externo fora requerido para os desenvolver.

A educação externa é simplesmente uma manifestação externa das leis e princípios inerentes à alma, que é perfeita em si mesma, embora não desenvolvida, sendo um desdobramento ou coruscação (fulgor) da Deidade. Portanto, é que a intuição divina é a fonte primordial do conhecimento do homem, enquanto a educação externa é apenas um meio de a suscitar.

Pergunta - Então, o homem começa onde tem início o poder de desenvolvimento ou melhoria intelectual?

Mrs. Hatch -Sim. Por exemplo, podem cultivar um animal; podem ensinar muitas coisas que parecem inteligência. Ele irá manifestar um grau de inteligência, mas não apresentará fonte de pensamento. Ele não manifestará originalidade, exceto na sua esfera; ele não manifestará aspirações mais elevadas do que as pertencem aos seus instintos animais, à sua natureza animal. Mas quando um imortal é instruído, vocês verão originalidade, aspirações e anseios. A fonte fluirá. Abrem a passagem e o dilúvio irá irromper. Esse é o verdadeiro teste da alma e o único teste que pudemos descobrir.

Pergunta - Será a existência da alma humana, conforme transparece no homem, o começo da sua existência, ou será que, enquanto entidade, ela existiu antes de surgir na forma humana?

Mrs. Hatch - Nós concebemos o seguinte: que a alma humana, enquanto elemento, deve ter existido durante toda a eternidade passada, dentro dos limites do Universo; que a alma individual, enquanto entidade, individualidade positiva, nunca existiu até que se manifestasse na forma

humana. Essa manifestação torna-se no trampolim da consciência para a individualidade, para uma imortalidade consciente. A vossa alma era tão imortal antes de entrar na forma humana como foi depois desse evento; era tão perfeita na sua combinação; o seu destino achava-se inteiramente marcado, mas não para a consciência externa; vocês não possuíam aquela identidade que lhes assiste enquanto pessoa individual.

Por exemplo, o espírito não percebe o tempo nem o espaço, mas concebe princípios; consequentemente, o espírito, quando identificado na forma humana, mede, analisa, desdobra e percebe as coisas, de acordo com os poderes relativos que possui. Vê objetos externos na essência apenas. A alma não conhece nem tempo nem espaço, como tal, apenas relativamente. As ideias são trabalhadas conforme a alma se manifesta numa forma externa. Mas a alma nunca pode voltar atrás; nunca pode retornar à sua condição original.

Não existe coisa alguma como retrocesso no Universo, o que poderá parecer-lhes retrocesso é apenas a reação da natureza, de acordo com as leis divinas. Se sua alma tivesse sido uma entidade antes da sua existência atual, essa entidade seria percebida por você. Em essência, o vosso espírito concebe uma existência anterior, por conceber a Deidade; por conceber uma concórdia e harmonia universal; por se elevar para a Luz de onde surgiu, mas não por conceber uma identidade prévia.

Pergunta - Que ideia, pois, deveríamos ter do estado da existência de um espírito antes de assumir a forma humana?

Mrs. Hatch - Você deveria ter a seguinte ideia: que as essências da formação da alma humana alguma vez existiram distintas e positivas, mas que o tempo para a ultimação e desdobramento não ocorreu até que a formação de uma vida humana tenha ocorrido na Terra; que todo pensamento consciente da alma está aqui a ser desenvolvido nas formas da Terra; que as essências do espírito são continuamente expandidas, assim como as essências e poderes do Universo externo; que não existiu uma significativa criação da humanidade no começo, mas a humanidade então permitiu prosseguir no seu próprio desenvolvimento, mas que a Fonte da Vida ainda está aberta e flui livremente; que a Deidade ainda está a criar a partir de si mesma almas que são parte do seu ser; e sendo criados, eles são lançadas ou emitidas como são os sóis, os planetas e os sistemas, a partir de um sol central que uma vez criado, e desse modo

lançado na existência, não podem e nunca mais voltarão de novo a Deus do mesmo modo que a estrela criada a partir da essência do sol voltar para esse sol de novo; mas deverão para sempre girar na órbita prescrita para eles, e à luz do grande centro do qual eles brotaram.

Pergunta - Será possível especificar o tempo que levou a criação ou formação das coisas?

Mrs. Hatch - É impossível formar uma ideia precisa do tempo. Vocês podem julgar um pouco com base nos ensinamentos da geologia, mas é muito indefinido. Vocês podem analisar e tirar conclusões relacionadas com princípios, mas não em relação a fatos.

Pergunta - Que interpretação deverá ser atribuída à indicação de Moisés quanto ao tempo da origem da raça humana?

Mrs. Hatch - Devem interpretar não apenas seis mil anos, mas que mais de seiscentos milhões de anos decorreram desde a formação da Terra, e que esse registo é a mais alta inspiração de Moisés, ou daquele que o elaborou. Os seis dias da criação devem referir-se a longos períodos, eras ou épocas, e não devem ser levadas num sentido literal. A manhã e a noite significam o começo e o encerramento de um período, tal como vocês falam da manhã e da noite da vida, sem se referir ao nascer e pôr-do-sol.

Pergunta - Teremos liberdade para supor que a raça humana tenha brotado de um único par?

Mrs. Hatch - Vocês têm liberdade para supor o que quiserem; Não temos a liberdade de expressar qualquer decisão com respeito a fatos positivos. Supomos que cada nação, cada país por todo o mundo, teve o seu Adão e Eva, e é nisso que as nações diferem em coisas externas e em combinações da alma, mas não na essência.

Pergunta **-** *Então, em que, se transformará a teoria da queda do homem por intermédio de Adão?*

Mrs. Hatch **-** Provavelmente, a participação do fruto da árvore do conhecimento e a consequente “queda,” como vocês expressam, seja

uma parte da experiência de todas as nações.

Pergunta - Será toda a humanidade condenada pela ofensa de um só?

Mrs. Hatch - Toda a humanidade é feita a partir das mesmas essências, e supõe-se que sigam as mesmas leis. Todas as nações terão, pois, tomado parte da árvore do conhecimento nas eras anteriores do seu desenvolvimento; e é razoável supor que as consequências fossem semelhantes, se não as mesmas; e que a “queda” resultaria do princípio do materialismo que brota do desejo de conhecimento. Mas, estrita e filosoficamente falando, não existiu coisa alguma em tempo algum como a *queda* do homem, pois aquilo que é verdadeiramente sábio e bom nunca pode tornar-se menos que isso. Poderão haver angulosidades ou digressões temporárias, que para a compreensão finita poderão parecer más, mas para o Infinito são apenas meios de se desenvolvimento de um bem maior.

Se o homem se tivesse contentado no seu estado primitivo, ou no Jardim do Éden, ele não poderia ter sido alvo de tentação; mas os seus anseios por uma condição mais elevada levaram-no a experimentos, e assim ele tomou parte da árvore do conhecimento, que não é a morte, mas vida. Vocês acham que o conhecimento prova ser fatal para a ignorância e, nesse sentido, os nossos primeiros pais podem ter morrido, mas não para o mérito moral e intelectual. Foi uma morte para uma condição inferior, mas um nascimento para uma superior; já que a criação da forma externa representa uma morte para o corpo, mas uma vida para o espírito.

Pergunta - Como é que toda nação que tenha alguma história tradicional, tem uma tradição do dilúvio, geralmente concordante com aquela relacionada no Antigo Testamento? Terá o dilúvio tido uma dimensão universal?

Mrs. Hatch - A ideia que temos é simplesmente a seguinte: De acordo com revelações científicas, seria impossível que toda a superfície da terra fosse coberta de água até a profundidade relacionada ao dilúvio. Isso deve referir-se a um princípio ou poder, como a queda do homem - um dilúvio que terá varrido com todos os princípios do mal, deixando apenas um princípio chamado "Noé." Também pode referir-se ao povo

de um país - a um dilúvio local. Estas são suposições nossas e baseamo-las em ambos os casos na lei da Natureza.

Nós não supomos que um Adão e uma Eva literais tenham permanecido num jardim literal chamado Éden, onde tenham sido tentados por uma serpente literal, ou demónio, a comer uma maçã literal. Supomos que a humanidade fosse simples e inocente no seu desenvolvimento; que eles adoravam a Deidade de acordo com essa inocência e simplicidade; e que, quando a “árvore do conhecimento,” ou o desejo que o homem tinha de conhecimento brotou dentro deles, eles comeram do fruto - eles buscaram o conhecimento.

Consequentemente, deve ter, pois, havido uma "queda" (ou mais propriamente uma reação, pois uma queda implica um retrocesso, o que é impossível) daquele estado de pureza mais elevado que então prevalecia, e daí um dilúvio de materialismo que se terá varrido sobre eles. O dilúvio, ao acometê-los qual destruição por parte de elementos do mal, deve referir-se tanto a um princípio quanto a maçã e a queda do homem. As montanhas mais altas podem referir o orgulho e a ambição; os mais baixos vales a ignorância e a obscuridade mental; a ideia de Noé construir a arca, para a salvaguarda do princípio, para confiança dos homens, confiança, segurança, naqueles elementos primitivos da Verdade e da Sabedoria Divinas.

Afirma-se que as montanhas mais altas tenham sido cobertas. Se essas montanhas fossem tão altas quanto o são agora, seria impossível um dilúvio cobri-las. Talvez, como indicado pelos depósitos de conchas, toda a terra tenha sido em algum momento submersa; mas imaginamos que as montanhas tivessem sido levadas para debaixo de água, e não a água sobre elas. Terramotos e grandes convulsões da natureza podem tê-las erguido.

No desenvolvimento anterior da linguagem, foram usadas figuras em representação de ideias; mas o significado nem sempre foi positivamente expresso. Consequentemente, não se deve supor que as traduções dos antigos registos devam ter sido feitas literalmente, e que montanhas, rios, vales, árvores, maçãs e jardins do Éden devam ser tomadas como existências absolutas e locais específicos. É bastante razoável supor que essas coisas se refiram a princípios.

Pergunta - Então, que deveremos nós inferir da universalidade da tradição de um dilúvio?

Mrs. Hatch - A condição subdesenvolvida do homem era, então, semelhante em todo o mundo, como agora a civilização e inteligência do século XIX permeia todos os países. As mesmas ideias estão a surgir na Europa e na América, e estão a propagar-se às terras mais distantes. Isso prova que o desenvolvimento do pensamento, do sentimento, da revelação é em todos os lugares o mesmo. E se a divindade criou um princípio espiritual, que vocês podem denominar como o dilúvio, que arrastou os princípios do mal de todas as nações, não poderá o modo da representação desse princípio ter-se espalhado por todas as nações, ou surgido e sido adoptado em todas as nações, já que houve um Adão e Eva em toda a nação, e as revelações da ciência e da arte estão em harmonia em todos os países nos dias de hoje?

Pergunta - Que significado terá a "serpente" na história de Adão e Eva?

Mrs. Hatch - A serpente significa simplesmente a forma do tentador. A serpente sempre foi vista como astuta, insinuante, ardilosa, tentadora, já que encanta, tenta, fascina a ave; e é mesmo razoável supor que a figura tenha sido usada para expressar a ideia do tentador, ou daquilo que tenta toda a gente, e não mais Adão e Eva do que todo homem e mulher da era atual. Pode representar aquilo que tenta e atrai o homem desde a infância até a velhice, e conduz ao desenvolvimento dos seus poderes.

Cada um de vocês, na sua experiência, encontra um momento em que esse tentador se aproxima de vós; e vocês tomam parte, ou esforçam-se por partilhar do fruto da árvore do conhecimento, e nunca ficam satisfeitos. Sem esse tentador, onde estariam as revelações da arte e da ciência? Onde estariam as revelações divinas de Jesus de Nazaré, que vieram depois do dilúvio para purificar e iluminar as nações da Terra?

Pergunta - Levando em consideração os desenvolvimentos subsequentes que a humanidade sofreu, o progresso que conseguiu nas artes e nas ciências e em todo o conhecimento, não deveríamos interpretar o que é chamado de "queda" antes como uma elevação?

Mrs. Hatch - Certamente. Como reação do desenvolvimento primitivo, foi progresso. Tudo o que é oposto é chamado de queda, mas nos

grandes princípios generalizados da Natureza constitui um desdobramento. Não existe queda ou retrocesso; pois, se existisse, então a Deidade não reinaria sozinha. Uma queda é apenas uma reação, conforme é visível em todas as criações externas.

Pergunta - Como deveremos interpretar os relatos do ressuscitar dos mortos no Novo Testamento, o de Lázaro, a da filha de Jairo, etc.?

Mrs. Hatch - Lázaro, como Maria e Marta, era um amigo íntimo que estava associado a Jesus. Era muito natural que, quando Jesus se aproximasse do túmulo do seu amigo, ele exclamasse: “Lázaro está morto;” mas os princípios da Natureza interdizem a ideia de que, depois que o espírito realmente se foi, a forma sem vida posse ser reanimada. A morte significa uma falta de ação e, se realmente existe morte, não poderá haver ressurreição; mas nos registos da ciência médica vocês encontram muitos exemplos bem autenticados do retiro do espírito das suas funções, de modo que há uma aparência de morte, que pode ser removida pela aplicação de meios médicos apropriados para restaurar a animação.

O que é que se segue? Que Jesus, no desenvolvimento da sua natureza, possuía esse poder sobre os elementos, que os médicos obtêm com a ajuda da ciência, e por meio da sua psicologia ou magnetismo, como é chamado nos dias atuais, que era o poder que detinha sobre a mente, trouxe de volta o espírito do seu amigo que se havia temporariamente retirado das suas funções em razão de uma desarmonia espiritual ou do que quiserem chamar-lhe. Dizem que o corpo se encontrava morto havia três dias; e é avançado na qualidade de opinião do escritor, ou melhor, daqueles que foram com Jesus à sepultura, que a decadência já havia começado a verificar-se, embora não se afirme positivamente que tal tenha sido o caso.

Ninguém está preparado para dizer que a vida não pode ser trazida de volta, onde o poder perfeito se apresente, exceto nos casos em que a decadência absoluta tenha ocorrido. Elias, na perfeição do seu desenvolvimento, pode ter tido os mesmos poderes, mas não no mesmo grau. Assim, neste século, tem havido muitos exemplos de pessoas supostamente mortas, que foram ressuscitadas por esse mesmo poder, por esse mesmo desenvolvimento do poder da vontade em harmonia com a Natureza. No caso da filha de Jairo, o próprio Jesus disse que ela

não estava morta, mas adormecida. Possuindo esse poder perfeito, ele percebeu imediatamente a condição da mulher.

Pergunta - Então esse poder é alcançável por todos os homens, embora em menor grau?

Mrs. Hatch - Na medida em que Jesus era o Filho de Deus, ele possuía todos os elementos da humanidade, conforme manifestado na forma externa; e como no desenvolvimento da sua forma natural, tudo estava em harmonia com a sua espiritual, ele era a maior e mais perfeita manifestação da humanidade divina que sempre existiu. Mas, na medida em que ele era o Filho do mesmo Deus, a humanidade na sua essência distinta e positiva, seja na forma de um homem do século dezanove ou de um das eras passadas, pode possuir os mesmos elementos de combinação externa, e pode manifestar nos seus desdobramentos e exercer o mesmo poder ou um poder semelhante.

Pergunta - Por que será a mediunidade, ou a interferência de um segundo indivíduo, atualmente necessária?

Mrs. Hatch **-** Isso é requisito, que o espiritual ou o divino deva achar-se em estreita relação com a Deidade, ou a fonte do espírito, como o físico em estreita relação com o mundo externo. Quantos de vocês se acham assim? Encerrados nas formas externas do materialismo, da desarmonia e da imperfeição, vocês não percebem a presença divina que é mostrada em toda a parte, e que, se vocês acreditassem e compreendessem, também possuiriam esses poderes que era suposto ser milagrosos.

Pergunta - Como é que nos é dito que, por altura da morte de Jesus, o poder tenha sido revelado de maneira mais milagrosa - que os mortos se tenham erguido das suas sepulturas e tenham andado pelas ruas de Jerusalém, onde terão sido vistos por homens vivos?

Mrs. Hatch - Supomos que isso possa referir-se àqueles a quem as pessoas acreditavam estarem mortos e que tenham visto depositadas no sepulcro. Eles não tinham ideia nenhuma do poder que um espírito possui de se manifestar; e quando eles enterravam um amigo, lamentavam-no como perdido, e diziam: “O meu amigo está no túmulo.”

Os espíritos dos mortos podem ter-se tornado visíveis, e eles disseram que aqueles que supostamente estariam mortos saíram das suas sepulturas, já que é uma expressão favorita dos espiritualistas, que os seus amigos que tinham partido "tinham vindo da sepultura" para conversar com eles; por outras palavras, que a individualidade particular surge e se manifesta.

Mas em resposta à pergunta que fez, dizemos que foi um exercício maior de um poder divino. Como Jesus era maior, assim, na iluminação da sua presença e na glória da sua imortalidade, todos os que se achavam no âmbito da sua influência perceberam essa essência divina, e habilitaram-se a penetrar o véu que os separava do outro mundo e a ver os seus amigos atarefados a aglomerar-se ao seu redor.

Pergunta - O que se entende por perfeição com respeito ao Cristo?

Mrs. Hatch - Usamos o termo no seguinte sentido: visto que em nenhuma manifestação ou desenvolvimento da sua vida ele foi submetido a qualquer das desarmonias, doenças, males ou pecados dos outros homens, nós chamámo-lo de perfeito; por no seu elemento divino ele ter sido perfeito, como o são todos os homens; e por, nas manifestações desse elemento divino, não ter existido imperfeição, até onde os homens, no lapso de mil e oitocentos anos, puderam descobrir. Portanto, ao falarmos dele em termos relativos, usamos a palavra “perfeição.” Não obstante, as diferentes formas de manifestação são meios diferentes de superar a perfeição; mas vocês denominam isso de progresso, mas é apenas uma mudança de forma.

Pergunta - O que se entenderá por pecado contra o Espírito Santo?

Mrs. Hatch - É dito: “Se pecares contra o Filho do homem, ser-te-á perdoado; mas se pecares contra o Espírito Santo, isso não te será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo vindouro.” Primeiro explicaremos o que se entende por perdão. Se você ferirem o vosso irmão ou o vosso amigo, ele poderá perdoá-los, e vocês não se devem contentar até que ele o tenha perdoado, e aliviado das consequências de lhes ter causado dano. O Filho do homem é suposto referir Jesus. Vocês pode pecar contra ele, recusando-se porventura a crer nele, embora o vosso conhecimento, o vosso desenvolvimento os leve a crer que ele seja o Cristo. Isso pode ser perdoado.

Mas o Espírito Santo é o Espírito Divino da inspiração que entra em toda a alma, que se manifesta em todo indivíduo. É a intuição que constitui a relação direta que temos com a Deidade, por meio da qual ela se desdobrou. O que se seguirá? Que se vocês pecarem contra o Espírito Santo, aquela inspiração que vem a vós enquanto indivíduos, esse pecado não tem efeito sobre ninguém além de vós próprios; por isso, ninguém poderá perdoá-los e vocês deverão suportar as consequências do vosso pecado. Se vocês resistirem à inspiração da vossa própria luz e conhecimento, vocês deverão suportar as consequências, pois não pode ser perdoado, nem neste mundo nem no mundo vindouro. Se vocês se retardarem assim no vosso progresso, o efeito deverá permanecer para sempre.

Pergunta - Existirá algum processo particular, ou, poder-se-á alguma instrução ser dada sobre um curso a seguir, pela qual um homem possa habilitar-se a entrar em contato com essências espirituais? Por outras palavras, como poderá alguém tornar-se médium?

Mrs. Hatch - Faremos o possível por explicar resumidamente a questão: após o que pediremos, em consequência da condição física em que se encontra, que a médium seja desculpada. Os espíritos, nas suas essências distintas, conforme os informamos, percebem, compreendem, não pelo tempo ou espaço externo, mas intuitivamente, os elementos da existência; e eles trabalham melhor, por intermédio dos meios da forma e identidade externas, no cérebro humano.

Provavelmente, cada um de vós, na vossa experiência, se tenha interessado tanto nas sua identidade externa que às vezes esqueça a essência espiritual interior, e imagine que o cérebro externo - o intelecto - seja o "vós", o "eu," o "Eu," e que tenha agido sobre vós e os tenha usado com base nesse princípio. Mas aqueles que são profundamente instruídos em ciência e que estão constantemente a estudar, não a mente externa, mas a imortal, têm uma conceção diferente da sua identidade.

O materialista prova que o espírito, no seu desenvolvimento, é um poder que governa a matéria, mas só a compreende nas suas manifestações externas. Assim, diferentes estudos e meios de educação produzem diferentes resultados nas mentes dos homens, e a maior parte

da raça humana se torna tão exteriorizada que não sabe nada a não ser por provas externas positivas. Que é que se segue? Que o espírito do homem, exteriorizando-se assim, requer treino para produzir qualquer coisa interna. A mente manifestou-se apenas na direção da forma externa e, portanto, é necessário uma educação que permita que ela se manifeste internamente. Esta é a regra geral, que não pretendemos aplicar individualmente.

Vocês deviam esforçar-se por harmonizar toda faculdade, todo poder, toda função da alma, em proporção e relação exata uns com os outros; esforcem-se por torná-los todos perfeitos, até onde vocês conseguirem ver qualquer desenvolvimento e beleza. Se virem uma tendência em qualquer sentido prejudicial ao vosso bem-estar espiritual, então devem, enquanto homens razoáveis, retirar o vosso espírito disso e dirigi-lo para um outro canal. Enquanto homens de raciocínio, conscientes, devem perceber e apreciar os vossos próprios defeitos e deformações, e devem esforçar-se por os reparar.

Se vocês tiverem uma tendência para a debilidade física, esforçam-se por aferir isso por meio dos remédios adequados; portanto, se o vosso espírito se achar imperfeito, vocês devem direcionar as vossas faculdades superiores no sentido de removerem essa imperfeição. Façam isso e vocês descobrirão que, por meio do jejum e da oração nos tempos antigos, os videntes e profetas entravam no mundo espiritual; assim, jejuando e orando, vocês também podem se tornar videntes e profetas; vocês também se acharão espiritualizados como eles. Nenhum de vocês é excluído; todos vocês têm a capacidade na essência divina interior; e vocês podem desenvolvê-la, se quiserem, pela cultura e controlo apropriadas de vossas faculdades e poderes.

O MOVIMENTO ROTATIVO GERA GRAVIDADE (ATRAÇÃO)

Pergunta: Há algum tempo o Professor Pierce deu uma palestra perante o auditório do Instituto Lowell nesta cidade, sobre o arrefecimento da Terra e do sol. Foi um discurso que mais pareceu uma divagação sobre um tema importante, mas como aquele que interpela as hipóteses avançadas pelo professor apela agora aos cientistas da vida do espírito por informação.

Resposta: Como não somos responsáveis pelas opiniões do Prof. Pierce, e como o tema não nos foi apresentado à consideração, preferimos não responder neste círculo a uma questão que exigiria pelo menos todo um discurso, porquanto para adequadamente cobrirmos os diversos processos da formação e desintegração dos planetas requereria certamente mais tempo do que uma mera resposta a uma pergunta.

Contudo, isso deve ser considerado verdadeiro - que todos os corpos planetários pertencentes ao sistema solar estejam gradualmente a passar da condição de vapor a uma inteira dureza ou cristalização; que esse processo de arrefecimento requer milhões de anos a realizar-se, tempo esse durante o qual os planetas desempenham as suas funções na forma de dar à luz a diversas formas de vida genérica.

Tendo-se expressado nas diversas formas de existência, a terra virá, sem dúvida, a deixar de existir enquanto planeta, e deverá passar a outras formas de vida genérica, porventura do caos original, ou gradual desintegração através do movimento. O próprio sol, com toda a probabilidade, experimentará um arrefecimento similar, e cessação final que emitirá luz, mas isso deverá suceder daqui a incontáveis milhões de anos, pelo que o processo é muito gradual.

GRAVIDADE

Pergunta: Newton, segundo é referido, referiu que a gravidade é a simples expressão da lei pela qual os planetas tendiam para o sol. Terá Newton tido razão quanto a isso?

Resposta: A gravidade é termo usado para significar a atração dos corpos em movimento para o centro, ou dos átomos uns para os outros. Á medida que os planetas rodopiam em torno do sol, o movimento concêntrico produz uma tendência para o sol. Qualquer que tenha sido o poder que os tiver expelido ou separado originalmente do sol, mantém-nos numa certa posição relativa com respeito ao sol. Um certo grau de movimento levará um objeto a gravitar para o centro desse movimento; daí que os planetas possuam duas leis da gravidade, um no sentido do centro ou eixo do planeta e a outro rumo ao centro do sistema solar, que é o sol.

A gravidade mais significativa é feito na direção do sol, mas a gravidade calculável exercida sobre a superfície da terra é exercida no sentido do centro da terra, conforme será evidenciado pelo fato daqueles objetos

que se encontram à face da terra, embora se encontrem entre vós e o sol, ainda assim sofrem um efeito da gravidade no sentido do centro da terra, em vez de no sentido do sol. Não fora esse o caso, quando é noite do vosso lado, e dia do lado da China, tudo na China iria ao encontro do sol, e aterra em breve ficaria despovoada; mas, como tudo é atraído para o centro da gravidade ou movimento da terra, para o centro de gravidade da terra, a gravidade exercida pelo sol só mantém o planeta em posição, e confere vitalidade à substância da terra.

Pergunta: Como é que as operações da natureza sofreram mudança (a ser verdade o que a narrativa descreve) no ato de dominar os ventos, etc., à ordem dada por Jesus?

Resposta: De que modo as operações da natureza sofrem uma mudança na superação da lei da gravidade, etc., quando mesas e pianos são erguidos do chão e os médiuns pairam no ar? De que forma são suspensas as operações da natureza, quando as chamadas formas materializadas surgem e os corpos sólidos passam pelos corpos sólidos (paredes)?

A natureza não é tão facilmente interrompida ou perturbada: existe uma outra natureza, uma natureza superior, que interrompe, sempre que lhe apraz, as chamadas leis orgânicas habituais do universo, e sempre que for necessário a inteligência do universo, personificada nos seres espirituais, ou até na humanidade, é capaz de interromper o chamado curso da natureza.

Bem que podiam ao invés perguntar de que modo um homem poderá fazer com que um rio corra na direção oposta em que originalmente corre pela mera alteração da força específica da gravidade e deflexão do canal numa forma nova. Caminhos-de-ferro, instrumentos de telegrafia e toda a invenção do homem representam quer uma superação ou uma interrupção de alguma lei orgânica previamente ativa; porém, ao mostrar concordância com uma outra lei não descoberta previamente, não se verifica interrupção alguma mas uma superação.

Bom, existem leis no universo que podem imediatamente suspender a ação vital de qualquer pessoa aqui presente. Vós quase que podíeis consegui-lo com a vossa própria volição; fazem-no quando tomam uma porção de veneno; uma lei supera outra; a lei orgânica é tomada por parte da lei da desintegração, pelo que uma mente suficientemente forte é capaz de suspender qualquer uma das ações habituais das chamadas

leis da natureza, sem interferir por forma nenhuma com o equilíbrio e a harmonia do universo, porque, se existe uma mente suficiente que consiga isso, também existe uma mente suficiente que não interrompa o equilíbrio do universo nessa atividade; essas proposições correm em paralelo. Vocês têm no vosso seio uma das manifestações do Espiritualismo de hoje que responde suficientemente à outra.

CONTROLO DOS ELEMENTOS

Pergunta: Poderá um espírito humano, no corpo ou fora dele, ter qualquer efeito na atmosfera em geral ou na condição do tempo?

Resposta: Qualquer espírito que possua conhecimento suficiente, quer se encontro no corpo ou fora dele, é capaz de controlar a atmosfera e as condições do tempo. A humanidade consegue gradualmente isso atualmente, não por ação da vontade de espíritos, mas pela alteração das condições materiais de vida. Sempre que se verificar fogo de canhão durante um bom bocado de tempo, seguro será que se seguirá uma tempestade; onde quer que haja maquinaria que provoque contínuas mudanças de correntes, ou fumo que suba à atmosfera das cidades fabris, a atmosfera será afetada. Uma grande humidade foi trazida às áreas da porção ocidental deste continente com a introdução de maquinaria e caminho-de-ferro e diversos outros processos de civilização, o que foi provocado pelo homem num agregado; a vontade do indivíduo, possuindo poder suficiente para mover um átomo, violentamente agitado, provocará um redemoinho.

PERCEÇÃO DOS ESPÍRITOS

Pergunta: Virá algum tempo, num futuro próximo, em que inteligências do espírito que certa vez tenham vivido no planeta, venham a materializar-se nos seus corpos individuais e a falar com as pessoas à plena luz do dia?

Resposta: Há duas respostas a dar a essa pergunta. Sem dúvida que chegará altura em que, não só as formas materializadas dos vossos amigos, mas de antigas presenças se tornarão visíveis entre vós com mais frequência do que atualmente; porém, a materialização não é a forma de expressão mais elevada da presença dos espíritos, embora seja porventura a mais importante no mundo de hoje, para aqueles que buscam obter provas materiais.

Mas virá tempo em que verão espíritos ancestrais e conversareis com eles cara a cara, quando eles serão capazes de se personificar no vosso meio, mas será mais pela elevação da visão humana e o cultivo da visão espiritual no vosso meio do que pela descida de formas materializadas. É verdade que o progresso verá ambas as formas de expressão; que passará a haver uma maior facilidade de materialização é sem dúvida verdade; porém, quando o tempo chegar desses espíritos mais antigos de materializarem e de caminharem com os homens, como seres humanos, não mais terão necessidade de o fazer, já que vós sereis capazes de os ver através da visão espiritual.

PERIÉLIO DOS PLANETAS

Pergunta: Numa pergunta anterior feita com respeito ao periélio dos planetas, eu perguntei em que altura a maior perturbação ocorreria, e a resposta que recebi foi "Entre os dias de 1880 e 1885." Não o poderá localizar com maior precisão, e não poderão as mentes científicas da vossa esfera predizer, a partir das leis naturais, o ano, e até mesmo o mês do ano, em que a sua posição causarão as perturbações mais significativas?

Resposta: Não há um ano ou meses particulares do ano para a realização disso, já que o periélio requer um certo número de anos para a consecução disso, embora uma porção dos planetas, dois deles, tenham passado o periélio.- A altura particular em que a agitação se fará sentir mais não é provável que seja um momento exato em que os planetas se encontrem no periélio, já que um certo tempo é requerido para a pulsação (não da luz, porque isso exigiria milhares de anos, mas da influência magnética) a alcançar a terra.

O momento exato será no ano de 1881, que foi predito como o fim do mundo, sendo um término cíclico, na decorrência da posição dos planetas ser tal que que virá a dar-se, nesse ano, uma maior perturbação eletromagnética do que em qualquer outro período de tempo; mas, do ano 1881 até 1885 verificar-se-á, no que toca à observação humana, uma pressão igualmente considerável; os efeitos físicos em particular, contudo, serão espiritualmente visíveis em 1881. Não haverá um mês especial no ano, já que todo o ciclo do ano será igualmente afetado.

INTELIGÊNCIA & INDIVIDUALIDADE

Pergunta: Existirá consciência alguma que não seja individualizada?

Resposta: Não; já enfatizamos essa questão em respostas que demos anteriormente a diversas perguntas. Não pode existir inteligência no universo destituída de individualidade, já que a inteligência é uma expressão da individualidade. Bem que também poderiam perguntar se existirá fragrância sem a presença de uma flor, ou ação química sem a presença de átomos; se poderá haver algum resultado sem uma causa que o anteceda. A inteligência é resultado da identidade, e é tão distintamente passível de ser detetada quanto a luz o é em relação à fonte dessa mesma luz. Como não pode existir luz sem uma causa adequada também não pode existir inteligência sem aquilo que produz a inteligência, designadamente, a individualidade.

BENEFÍCIO DA ORAÇÃO

Pergunta: Que benefício terá a oração oral na abertura das reuniões, ou em qualquer outra altura?

Resposta: Podemos indagar do inquiridor do benefício que o discurso oral terá, ou de tudo quanto exista. Os benefícios são diversos, de acordo com os estados dos indivíduos. O benefício particular da oração está no fato de desejarem orar; é uma oferta espontânea e expressão do espírito e é válida enquanto que tal, e produz a relação correta entre aquele que invoca e os poderes espirituais. Bem que poderão perguntar qual o benefício da respiração. Não conseguireis viver lá muito bem sem ela. Podereis perguntar qual o benefício que qualquer das expressões humanas.

Vós falais uns com os outros, por desse modo poderem transmitir o vosso pensamento, trocar ideias. A oração é válida enquanto agente intermediário entre a mente e o poder do espírito, entre o finito e o Infinito, entre as inteligências encarnadas e desencarnadas, por no ato da oração o pensamento geralmente adquirir uma maior clareza e uma maior fixação na mente. Muito poucas pessoas conseguem pensar com clareza sem uma forma qualquer de expressão. Mesmo quando pensam em silêncio dão por vós a pensar por palavras; por isso a oração constitui a afixação da individualidade, a assinatura ou o símbolo das aspirações da mente, e frequentemente convida outros a juntar-se na aspiração, que não possam por outra forma consegui-lo.

INTELIGÊNCIA & ADORAÇÃO

Pergunta: A prática da adoração não apresentará tendência para retardar o incremento da inteligência nas nações civilizadas?

Resposta: Se esta pergunta fosse inteiramente invertida seria melhor. O incremento da inteligência nas nações civilizadas não induzirá a mais elevada prática da veneração? A adoração constitui a forma mais elevada de inteligência. Toda a forma da vida humana possui a sua expressão, e a bitola ou calibre da inteligência de uma nação constitui o seu mais elevado padrão de adoração. Por adoração não nos referimos propriamente à forma, embora a própria forma não passar de uma expressão de um padrão conforme é crença frequente entre os Espiritualistas, de que os diversos exercícios religiosos por todo o mundo Cristão tendem a degradar e a escravizar a mente. A oração exprime a matéria apropriadamente; se existir liberdade de adoração a mente será exaltada; mas é idêntica evidência significativa de idolatria não crer em adoração alguma quanto é a aceitação de toda a forma de adoração que não exprima espírito.

INTELIGÊNCIA E INDIVIDUALIDADE

Pergunta: Existirá inteligência individual alguma que não tenha vivido neste planeta?

Resposta: Pedis-nos que sejamos infinitos, eternos e tenhamos o dom da omnipresença. Não o sabemos. Existem inteligências que nunca habitaram este planeta; mas, na medida do que podemos apurar, não existem inteligências exceto as que tiverem vivido em algum planeta, em algum momento. O que existe na eternidade, no infinito, não podemos asseverar.

ESPÍRITOS GUARDIÃES E ANJOS DA GUARDA

Pergunta: Terão todas as pessoas um espírito guardião? E, a ser assim, será sempre o mesmo espírito? E poderemos conhecer com certeza quem esse espírito seja?

Resposta: Todas as pessoas possuem espíritos guardiães; todos têm anjos da guarda. O anjo da guarda nunca muda, mas está convosco

desde o momento do nascimento, e antes, mesmo. O espírito guardião muda, de acordo com a condição em que se encontrarem e necessidade, e é designado ou eleito pelo vosso anjo da guarda. O espírito guardião de hoje poderá ser uma criança, um pai ou uma mãe, ou um da vossa casa; poderá ser um irmão, uma irmã, um amigo favorito.

Poderão ter mais do que um espírito guardião; pode não haver mais do que um anjo da guarda, e isso pode ser do vosso conhecimento, se possuírem o desenvolvimento da comunhão do espírito, ou se for prudente saberem quem seja. Nem sempre é sensato, já que os seres humanos associam demasiada importância aos nomes terrenos, e consideram que, se o seu espírito guardião comportar um nome exaltado, será objeto de um certo crédito ou louvor.

Podereis ter um espírito guardião que tenha tido uma vida muito baixa na terra, que seja capaz de os auxiliar mesmo assim. É por vezes designado de forma tão sábia que nem suspeitais; mas, se se tratar de membros do vosso lar, ou amigos chegados que tenham passado da vida terrena, há formas por que poderão chegar a conhecer-se, através da comunhão com a vossa própria intuição, ou por comunicação direta por meio de médiuns espirituais.

Geralmente, os vossos pensamentos mostrarão uma maior simpatia com um que seja vosso espírito guardião. Se pensarem continuamente nele, se a vossa mente reverter para ele, podereis estar certos de que estará junto a vós, e de que os auxiliará. Poderá ser uma criança adorável, poderá ser uma mãe ou um pai, um irmão ou irmã; em cada um dos casos darão por uma mudança de pensamentos mais na direção deles do que da de qualquer outro espírito; desse modo poderão chegar a saber que é vosso guardião.

FACULDADE DE PREDIÇÃO DOS ESPÍRITOS

Pergunta: Faça o favor de explicar o método através do qual os espíritos podem por vezes predizer eventos futuros, como a morte, e dar todos os detalhes dela com anos de antecipação.

Resposta. O autor da pergunta deseja que expliquemos como os espíritos podem por vezes predizer eventos futuros como a previsão de morte com anos de antecedência. Nós respondemos: Os acontecimentos não passam da externalização de fatos já existentes. Momentos de nascimento e de morte são fatos; as espiritualidades ou realidades já surgiram, e milhares de anos antes de virem à vida externa um espírito

suficientemente sábio terá conhecimento disso; por isso, o vosso anjo da guarda conhece a vossa linha de vida.

Um espírito auxiliar poderá conhecer somente um acontecimento isolado que lhe seja permitido conhecer pelo anjo da guarda. Isso poderá ser uma previsão destinada a atrair a atenção. Muita vez um acontecimento é assim previsto e predito de modo a chamara a atenção de modo mais eficaz para esses métodos espirituais.

Suponham que têm um filho na escola preparatória, e confidenciam a um amigo: "No ano que vem faço intenção de mandar o meu filho para um colégio," ou "No ano que vem pretendo enviar o meu filho à França ou à Inglaterra." P rapaz não terá conhecimento disso, mas alguém que tenha dir-lhe-á: "Vejo-te numa cidade distante; vejo-te rodeado por majestosos edifícios; vejo-te a atravessar o oceano; irás para um país estrangeiro num ano destes." Ele interrogar-se-á da razão desse indivíduo predizer tal coisa - mas o seu pai disse-lho.

Agora, os espíritos que têm a incumbência de lhes guiar a vida medem pela vossa linha de vida o passo seguinte exato que virá a acontecer-lhes e, se for suficientemente elevado, verá não só essa linha mas as linhas convergentes que a cruzam, como um homem no monte não só vê a estrada porque lá tenha chegado mas vê muitas outras estradas que a intersectam, que no vale não conseguia perceber. Por conseguinte, não passa de um novo desdobramento do que já se apresenta em existência, espiritualmente. A linha das causas é alinha das realidades; a linha dos efeitos é a linha das sombras.

IDENTIDADE ETERNA

Pergunta: Se todos tivemos uma identidade eterna, por que razão será necessário estarmos encerrados na carne para obtermos memória, ou uma consciência dessa identidade?

Resposta: Não dissemos que seja por isso que se encontram encerrados na carne. Tendo possuído uma identidade eterna o fato de se encontrarem encerados na carne constitui uma expressão disso, ou uma experiência disso; o fato de se encontrarem encerrados uma centena ou um milhar de vezes forma outras expressões. Vós precisais fazer algo e existir em qualquer parte, e no desdobrar ou expressão da vossa vida, parece ser ordem universal que se venham a encerrar na forma humana.

O astrónomo não pergunta por que será necessário que as estrelas se encontrem onde estão, porque tenham certas ordens de crescimento,

mas esforça-se por investigar os fatos com referência nisso. Não sabemos se será necessário saber porquê. Que vos encontrais aqui é evidente; que começais aqui e aqui terminareis é igualmente evidente. Agora, os começos, a sucessão e os términos são precisamente aquilo que são; eternos, caso o homem seja imortal.

Se tiverem um fim aqui, o homem não será imortal. A mente humana, que se acha entre ambas já agarrou um lugar na imortalidade futura, por estar por vir. É tão necessário saber que vocês provêm de qualquer parte quanto que se dirigem para qualquer parte. Isso é tudo quanto é necessário.

O fato da eternidade é evidente, na natural sequência da lógica. Porque aqui se encontram sem dúvida chegais a saber através das várias experiências por que passam, desde que o ser humano realiza e recebe na vida humana aquilo que claramente se estampa na mente a necessidade de existir em qualquer parte; E como isso se repete até que a vida humana encontre a sua plena expressão, assim lhes é necessário vir, a fim de servir assim como de receber; obter conhecimento assim como transmiti-lo. O viajante explora o Mar do Norte e o centro de África em busca de informação.

Os vossos espíritos, num outro estado poderão voluntariamente desejar essa experiência a fim de ver o que podíeis fazer na vida humana a fim de marcarem o caminho com a vossa individualidade, cada qual a considerar que ele ou ela podia conseguir mais do que outro. Depois desta vida terminar, não há nenhum de vós que não siga: "Ah, se eu tivesse uma oportunidade de novo!" Tentar de novo constitui um outro começo aqui nesta vida. Não tereis com frequência achado que as crianças sabem mais do que os pais, por terem tentado com maior frequência, e que compreendem melhor os objetivos da vida?

FORMAÇÃO DO PENSAMENTO

Pergunta: De que forma se forma uma ideia na mente humana?

Resposta: Existem muitas mentes que não se acham repletas de ideias, mas a origem das ideias tem cabimento no espírito, mas não são *formadas*, mas expressadas. Nunca tivemos conhecimento de que uma ideia se formasse a menos que lá se encontrasse intrinsecamente; a menos que que a tivesse gerado por uma existência espontânea; nenhuma quantidade de exercício ou de processo formativo poderia alguma vez produzi-la.

A mente não passa da expressão do espírito, e é amplamente impressionada a partir de fora e de dentro até o pensamento, que partilha tanto da vida física quanto da espiritual, ser projetado. A real fonte das ideias, contudo, deve ter lugar dentro do espírito, e idênticas aos jatos de uma fonte, as ideias partilham da forma do cérebro por meio do qual correm, mas mesmo assim são ideias, puras e simples.

Uma fonte de água pode emanar em correntes ou jatos, em perfeito nevoeiro ou borrifos, de acordo com a fonte ou o formato da abertura por meio da qual é projetada; assim, as ideias adotam inevitavelmente a forma da mente ou cérebro. A mente do homem não passa da expressão transitória da ideia, que muda com o estágio do crescimento que alcance, ao passo que o espírito, o princípio mais recôndito nunca muda, mas é, na realidade, tudo quanto há acerca das ideias.

PROGRESSÃO ANIMAL

Pergunta: Os animais progredirão no conhecimento na vida do espírito do mesmo modo que o género humano, o permanecerão sempre animais?

Resposta: Essa é uma pergunta muito singular na medida em que se existirem animais na vida do espírito, eles poderão progredir enquanto animais, porém, não como seres humanos. Não é necessário aferir a norma de todas as coisas no universo pela humanidade, embora pareça que seja a tendência de o fazer. De uma vez por todas, afirmamos que os animais não se tornam seres humanos, não obstante a similitude existente os últimos e os primeiros. A inteligência humana permanece sempre humana e a inteligência humana permanece para sempre animal, e é empregue na natureza enquanto tal. Serve o propósito que serva num planeta e noutro, de acordo com o estado de crescimento do planeta.

Agora, um cão poderá ser um cão avançado, e no entanto não ser humano; e pode ser um espírito canino muito avançado, e ainda assim não ser humano. A terra do espírito destinada ao reino animal é um estrato da atmosfera que só interpenetrado por certos indivíduos animais. Há quem se encontre com os sues cães em espírito, ou cavalos ou pássaros; isso deve-se ao fato de serem atraídos para eles. Eles não habitam necessariamente sempre esse reino, nem trarão sempre consigo esses tesouros.

O animal avança na vida do espírito de acordo com a condição em que se encontre; o ser humano avança de acordo com as condições

humanas; eles não se misturam necessariamente exceto para uso, na terra. Tempo virá em que os cavalos não terão qualquer valor, devido a outros modos de locomoção. Tempo virá em que os cães serão comparativamente inúteis, por a humanidade deixar de caçar. As depredações do ladrão da meia-noite ou assassino não mais evitadas pelo amistoso ladrar do cão.

O homem apega-se àquilo que o protege ou depende dele; e parece ter atração por tudo quanto pareça constituir uma atração. Mas tempo virá em que a sua vida será separada do reino animal. Nos estados do espírito que se situam muito para além dessas atrações, ele não tem necessidade de associação com os animais; eles, contudo, possuem a sua própria vida espiritual, e isso funde-se de novo na forma, neste ou noutros planetas, segundo o reino animal, porém, não de acordo com o humano.

CONCEÇÃO & REALIDADE

Pergunta: Será possível à mente humana conceber alguma coisa que não exista?

Resposta: Tanto quanto diga respeito ao fato, as conceções humanas podem transcender realidades; portanto, na medida do que diga respeito ao espírito, a conceção humana não consegue transcender ou igualar as realidades. Uma conceção constitui um parto a uma forma concebida, e a maior parte dos disparates possui uma criação dessas; a realidade acha-se na mente daquele que concebe, a existência acha-se no seu estado espiritual.

É bastante possível conceber uma forma qualquer de competição ou de situação geral, circunstância, que não tenha uma existência externa fatual, mas não é possível conceber nada que não *possa* ter uma existência, que pode não ter uma existência, sob circunstâncias adequadas.

Sem dúvida que a mente humana é criativa assim como recetiva, e por conseguinte, sendo criativa, é capaz de sugerir muitas coisas que não existem no mundo visível, mas que existam obrigatoriamente no mundo invisível da mente que a crie. Pudessem vós ver as formações que circundam os indivíduos e descobririam as formas vivas e as realidades exatamente adaptadas às suas conceções. Muita gente é acusada de exagero e de falsidade, que realmente crê naquilo que afirma. As suas mentes criam imagens e essas imagens tornam-se reais ante os seus próprios olhos; são uma realidade para elas; conforme o inebriado

percebe uma serpente ao redor dos seus pés e a pessoa insana percebe o ar povoado de objetos que vós não descortinais, também a mente imaginativa realmente cria um mundo próprio. Para todos os efeitos espirituais, esses produtos da imaginação constituem realidades. Se for isso que o inquiridor quer dizer, nesse caso não será possível à mente humana conceber alguma coisa que não exista, por toda a conceção produzir a realidade.

PERCEÇÃO ESPIRITUAL DOS OBJETOS SÓLIDOS

Pergunta: Os espíritos verão objetos sólidos mais ou menos transparentes de acordo com o grau de desenvolvimento que tenham alcançado?

Resposta: Como não existem objetos sólidos, os espíritos veem-nos transparentes ou não de acordo com o degrau de densidade dos objetos. A visão humana é arranjada com respeito à referência das superfícies externas e raios de luz; porém, a ciência afirma que toda forma de vida supostamente sólida da matéria é na realidade porosa; que a pedra, a madeira e até mesmo o vidro, são distintamente porosos.

O espírito vê a forma material ou objeto conforme ele é, e vê-o mais ou menos com visão terrena, de acordo com o fato de se encontrar próximo à terra, ou se afastar da terra ou avançar para uma condição espiritual. A mera matéria é vista com referência ao espírito, e parece tornar-se sólida na proporção à medida que as propriedades espirituais ligadas à matéria externa se torna mais e mais objetivas. Para o espírito avançado, as substâncias externas estão em relação com o espírito tal como a sombra está para com a realidade.

O SURGIMENTO DO HOMEM

Pergunta: Quão distante no passado será calculado pelas inteligências do espírito, que o primeiro homem tenha feito a sua aparição nesta terra, e em que condição?

Resposta: Já que acabamos de responder a uma pergunta relacionada com esta, dizendo que provavelmente não terá existido um primeiro homem, mas tipos iniciais de homens, pelo que vamos responder a isto. É calculado, com respeito à idade do planeta, que o primeiro aparecimento de humanos tenha sido por volta de há uma centena de milhões de anos. Que as formas da vida humana à face da terra tenham sido criadas é verdade, mas as primeiras expressões em quase todos os

casos foi quer de gigantes ou de anões, ou das formas mais vis da vida humana apreciáveis.

Contudo, não quer necessariamente dizer que tais formas se assemelhassem ao que conheceis como os Bosquímanos, ou a qualquer forma de vida animal abaixo do homem, mas que cada forma de vida tenha sido humana - que tenha sido humana na sua fase inferior, é mais que provável; mas tal baixeza não inclui necessariamente nenhuma semelhança mais acentuada com o reino animal do que a que encontrais na humanidade hoje, mas apenas uma menor facilidade de expressão através das funções orgânicas e tecido cerebral da vida.

PODER DO ESPÍRITO & PRESTIDIGITAÇÃO

Pergunta: Os espíritos auxiliarão os magos das nações Orientais nas suas assombrosas performances? Os feitos alegados serão realmente realizados, conforme parecem sê-lo, ou será que a psicologia tem parte nisso?

Resposta: Em qualquer dos casos o poder psicológico é poder do espírito. Contudo, não há referência mais significativa a quaisquer fatos no mundo do que certas ordens de manifestações no Oriente serem produzidas pelo poder oculto ou do espírito. Também há uma certa classe de manifestação, coo a do prestidigitador, que são produzidas pela psicologia ou pela rapidez de movimentos. Vós não sois psicologizados na presença de um professor de magia no vosso próprio país; encontrais-vos simplesmente sob a ação de uma ilusão dos sentidos, que enganam os sentidos. Existem duas linhas distintas de profissão, ou manifestação, no Oriente; uma é a hábil manipulação em que os sentidos são iludidos, como são entre os prestidigitadores do vosso próprio país.

Mas existe uma outra classe de manifestações que só pode ser produzida por forças ocultas ou espirituais. O asceta, o faquir, sujeitou-se durante anos ao preparo pela comunhão constante e intercurso com os poderes espirituais, e esses poderes espirituais, por obra dessa prontidão da habilidade que a prática do ascetismo severo gera, são ativados a fim de manifestar através do verdadeiro mago na vossa presença hoje. Toda a manifestação que tenha a sua origem nas forças ocultas deriva diretamente do poder e da intervenção do espírito, ao passo que aquelas manifestações que sejam passíveis de ser ensinadas e que dependem principalmente do exercício da destreza e da ilusão dos

sentidos, não depende nem do poder espiritual nem do poder psicológico mas somente, conforme foi dito anteriormente, da rapidez de movimentos e da destreza da manipulação.

Se algo ocorrer na vossa presença, com os olhos bem abertos, mais rápido no movimento do que a sexta parte do segundo, o vosso olho não o conseguirá discernir com facilidade. Em todas as questões de mera perícia, tais como as que são praticadas pelo adepto, dá-se simplesmente um enganar os sentidos; mas essa alta magia ou profundo poder que tem a sua origem em forças espirituais ou ocultas constitui um poder precisamente similar àquele da mediunidade que ocorre no vosso próprio país.

THOMAS JEFFERSON
FALA SOBRE
A DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA

Uma Palestra feita por Cora L.V. Hatch (Mais tarde Richmond)

(7 dias antes do seu 21º aniversário)

No salão de Dodworth, Nova Iorque, noite de Domingo, 14 de Abril de 1861, por altura da conflagração do conflito da secessão.

A voz do meu país chama e eu preciso obedecer; a voz da humanidade fala e não posso permanecer surdo os seus incómodos. O espírito de direito e a questão do governo humano sempre foram e são-no hoje o tema mais importante que pode ocupar a mente do estadista ou do orador filantropo; e hoje eu sou chamado a testemunhar a ameaça de derrube daquilo que se supõe que seria o maior benefício jamais concedido a uma nação e à sua posteridade.

A questão que envolve não dizem tanto dizem respeito às formas de lei e funções do governo, como à sua aplicação às exigências do povo; e isso deveria atrair a atenção não apenas dos monárquicos e diplomatas, mas de todos os que prezam o bem-estar da humanidade no íntimo. Há um escasso século atrás, aqueles que venceram a batalha da liberdade supunham que uma providência propícia lhes lançava um sorriso ante os esforços que empreendiam por reparar os ferimentos reais ou pretensos

dos seus compatriotas, e dar-lhes o privilégio, em função da sua inteligência e vigor, de controlar os seus próprios interesses políticos.

Separados por uma vasta extensão de água do governo matriz, e tendo os direitos pertencentes a esse governo sido pervertidos pela baixeza e traição de um monarca que não se importava com os interesses reais dos seus súbditos distantes, não era de modo algum antinatural que mentes acostumadas a pensar e a agir com base em tais tópicos por si mesmas, devessem desejar expulsar um sistema de má administração destrutivo da liberdade e felicidade das Colónias.

Liberdade, é verdade - mas uma liberdade que deve ligá-los de corpo e alma ao intercâmbio de favores e concessões mútuas, sem dar a nenhum governante o poder que os prive do seu direito; este foi o princípio vital subjacente à luta de 1776. É a mesma questão que agora apela à decisão do povo, e o mesmo instrumento em que as suas principais ideias foram proclamadas ao mundo, foi submetido à mais vil má interpretação por parte daqueles que procuram, neste momento, privar a pessoas dos seus direitos legítimos.

O direito do povo de jogar fora fidelidade ao governo foi declarado por todos os estadistas e historiadores condicionado às seguintes condições:

1 º --- Quando o dito governo se elevar tanto acima do povo a ponto de chegar a promulgar leis em que as pessoas não tenham qualquer voz.
2º --- Quando as leis elaboradas pela voz do povo sejam executadas no espírito de opressão e tirania.
3 º --- Quando o monarca se recusa a permitir que leis legitimamente elaboradas entrem em execução de todo.

Nestas circunstâncias, qualquer pessoa tem o direito de resistir à opressão; em primeiro lugar, pelo protesto e pelo recurso, e, se isso se revelar inútil, por oposição e revolução forçadas.

A teoria ou um governo monárquico estão baseados no direito legítimo dos reis à obediência dos seus súbditos; estão a acabar com a noção de direito divino nesta época. Supunha-se que a segurança para o sucesso da nova nação fosse tripla, e englobasse:

1º --- A inteligência e a probidade dos cidadãos;
2º --- Um afastamento da sede de poder opressivo,
3ª --- A consolidação fundamental do sistema de governo que eles propuseram estabelecer.

Embora eu não negue que todo súbdito deva fidelidade ao governo que ainda o protege, quando esse governo toma a forma de tirania, ele pode ignorar completamente o seu poder; e essa, considero ter sido a posição destas colónias. Pensaram, quer em verdade ou não, que as pessoas poderiam entender melhor as suas próprias necessidades, do que um monarca distante e dissoluto (George III de Inglaterra), que não tinha conhecimento dos seus personagens, e nem qualquer interesse neles, exceto enquanto estavam ligados às suas valiosas fontes de receita.

Portanto, a guerra de 1776 foi baseada, primeiramente, na voz, nos interesses e na felicidade deste povo; segundo, nas verdades que supostamente deveriam estar por base do seu governo; e, em terceiro lugar, por base do sucesso que tal governo deve cumprir, se gerido com inteligência e probidade.

Pois a democracia que estava para ser aqui o poder dominante, não era aquele monstro incontrolável e caprichoso que, em outros países, tantas vezes quebrou o tecido justo da Liberdade, com as suas contendas egoístas, mas a voz de um povo moral, intelectual e espiritualmente elevado acima do alcance da ambição sem lei e do conflito anárquico; e assim, pois, acreditava-se, com confiança, que um governo assim fundado só poderia ter sucesso e florescer cada vez mais, conforme surgissem geração após geração, cada qual uma melhoria em relação à sua antecessora. Hoje, demonstram de longe o contrário; mas antes de passar para o presente estado de coisas, vamos mostrar o significado do instrumento que declara o propósito dos líderes e fundadores do vosso governo.

Embora apreciemos a honra que rodeia o nome de Washington*, o seu valor e integridade comprovados, não se deve supor que, como indivíduo, ele fosse de qualquer maneira o autor dos princípios sobre os quais esse governo se baseia. Pelo contrário, aqueles que se retiraram da reflexão pública foram talvez os verdadeiros autores e líderes que produziram e fabricaram os meios que ele empregou com tanto sucesso, e em lhe dirigir os movimentos rumo ao triunfo final.

Pessoalmente, tem-nos sido dito que tivemos muito a ver com o enquadramento da Declaração de Independência, mas esse não é o caso; por ter sido solicitado aos líderes do sentimento público que cada um enquadrasse e apresentasse ao Congresso um documento que devesse transmitir as suas ideias sobre as causas e predicados da revolução presente; e a maioria escolheria entre esses o que expressasse mais claramente os votos dos representantes do povo; e foi dito que nós moldamos a maior parte do documento; mas tal não foi literalmente o caso; foram inúmeros os autores; e entre os mais proeminentes, de fato, o verdadeiro autor da Declaração de Independência, foi o autor dos "Os Direitos do Homem" e da "A Era da Razão," mais do que quem, com a devida deferência pelos preconceitos religiosos, se deve dizer, que estadista e diplomata mais seguro nunca viveu.

Apesar de todas as denúncias preconceituosas, as obras que ele escreveu permanecem até hoje livres de controvérsia, e os princípios que ele incorporou nos "Direitos do Homem" encontram-se plasmados na sua Declaração de Independência. Todos os estadistas e diplomatas do seu país adotaram desde então o seu método e estilo de conversação e correspondência, como mais apropriado a um povo democrático.

Não vamos falar sobre religião, mas propomo-nos a mostrar que a moralidade não é fanatismo; esta foi a conceção dos fundadores do vosso governo; esta é sua conceção atual. A moralidade tem crescido entre vós; o preconceito e a intolerância têm desaparecido da vista à medida que a educação e a inteligência avançaram. Democracia significa, num sentido distinto, a voz do povo; e enquanto os fanáticos supõem que os autores da Declaração pretendiam referir-se a uma certa classe, conhecida como escravos, eles estão muito errados. Foi em nome do povo livre das colónias, que na altura se achava submetido à tirania Britânica, que o documento foi composto, a fim de mostrar ao mundo cristão que sabíamos em que terreno estávamos. Prisioneiros e bens móveis, obviamente, não foram incluídos nessa Declaração.

A escravidão era então uma instituição Britânica, vinculada nas colónias, com a qual os fundadores da nossa liberdade desejavam não ter nada que ver, e que não era mencionada naquele manifesto de um povo livre e esclarecido; e é mais do que absurdo atribuir aos seus fundadores tal loucura. Enquanto os seus princípios são Católicos, eles são ao mesmo tempo conservadores; mas as suas expressões foram

motivadas pelas necessidades do povo e pelos predicados do governo que desejavam fundar. A perversão do sentido desse documento só pode ser atribuída ao fanatismo, seja de um extremo ou do outro.

Há apenas uma maneira de garantir uma forma democrática de governo; (Eu não gosto da palavra Republicano, pois soa a fanatismo, e prefiro Democracia, por soar como as vozes misturadas da vasta massa de homens livres inteligentes) e essa é por reflexão a vontade do grande corpo que seleciona representantes.

Uma vez mais, muito se fala sobre a cláusula da Declaração que afirma que todos os homens nascem livres e iguais. Bem, agora, é claro, na interpretação literal dos termos, todos os homens não nascem iguais - ricos e pobres não são iguais; uma criança embalada no luxo não é como filha da pobreza, embora esta possa suplantar aquela em inteligência e valor.

Não há igualdade no valor dos indivíduos, quando comparados uns com os outros; mas em comparação com o governo sob o qual eles vivem, os direitos de um são tão importantes quanto os direitos de outro; por isso, se os direitos de qualquer um forem negligenciados, ele reivindicará a proteção do governo, e se o governo falhar, então, é claro, em consequência da sua igualdade, todos os homens nascem livres e iguais. Não queremos dizer que o escravo negro fosse igual ao homem branco, capaz de entender os princípios da liberdade; nem que o Índio selvagem, o Malaio ou o Hindu compreendam as nossas formas de governo, embora talvez sejam superiores à raça branca em alguns aspetos; mas que todos os homens, de acordo com a sua condição, sendo as outras coisas iguais, são livres politicamente; que o homem que labuta o solo, se honesto e justo, é igual a um rei nesse mesmo grau, e pode ser igual em intelecto, embora as suas habilidades não tenham o mesmo alcance.

Portanto, o jornaleiro e o homem que preenche o mais alto cargo no Estado são iguais, se ambos forem capazes de se governar a si próprios. Portanto, foi feita a afirmação de que todos os homens nascem livres e iguais. Uma vez mais, a interpolação, a representação falsa e as versões intolerantes do significado da Declaração basearam-se na cláusula que diz que todos os homens têm o "direito à vida, liberdade e à busca da felicidade."

Inquestionavelmente, de acordo com todas as regras do governo, todo homem deve sua vida, liberdade e oportunidades de felicidade ao

governo sob o qual tenha nascido; por conseguinte, o predicado da afirmação era que todo homem que se vincule a leis absurdas em que ele tenha tido voz no esboço, terá uma melhor segurança na vida, liberdade e felicidade, do que outro que é controlado por leis em que ele não tenha tido qualquer participação. Portanto, é admitido por todas as pessoas esclarecidas, que um homem não possa legitimamente privar-se da sua própria vida; portanto, a vida de um homem não é dele, literalmente falando, nem pode vender-se em absoluto ao cativeiro de outro homem, para que o contrato seja legal. A busca da felicidade é o que cada um está a unir-se como objeto e objetivo da vida; e a felicidade é conferida principalmente por fazer o bem aos outros; consequentemente, qualquer obtenção de felicidade através do puro egoísmo é verdadeiramente impossível.

Quando um homem pertence a um governo sob o qual ele é compelido a dedicar todos os seus pensamentos ao bem-estar dos outros, ele é mais feliz. É isso que significa a referida cláusula. Vocês compreendem que um homem que seja, livre, no um sentido de ser incontido por qualquer obrigação moral, religiosa ou social, é, de fato, de todos os homens, o mais escravizado, por recear constantemente a morte e o desapontamento, e por ele não saber o que significa a sua liberdade. O homem numa comunidade bem governada, que tenha mais obrigações a cumprir, é o mais livre. Leis de nenhum tipo o prejudicam, pois ele está disposto a vincular-se a elas em prol dos benefícios que elas conferem à sociedade como um todo. Portanto, o termo Liberdade, conforme aplicado à vossa União, significa o pato mútuo do seu povo, em prol da proteção mútua.

Eu sempre tive confiança na voz daquela quantidade de pessoas que conseguem tanto entender e controlar-se, quanto fazer leis e cumpri-las. Ainda tenho confiança nos corações e mentes de um povo que, por meio de longa experiência, exemplo e preceito, conheceu os benefícios decorrentes de tal estado de coisas; e sei que, hoje, não existe outra nação tão moral, virtuosa e inteligente quanto a dos Estados Unidos da América.

Eu por conseguinte, sei que a voz da maioria do vosso povo será a voz da mais alta moralidade e da melhor sabedoria do mundo; e que nenhum poder de opressão ou tirania poderá jamais arrancar os princípios gerados pela Constituição, ou os métodos de pensamento e sentimento aos quais vocês se acostumaram.

O conhecimento que vocês adquiriram não pode ser destruído, e está fora do alcance de qualquer classe de fanáticos destruir a força daquela integridade genuína que existe nesta nação.

Eu tenho a maior confiança nas pessoas. Eu sei que elas estão cheias de honra e integridade. Eu sei, também, que há homens corruptos, fanáticos e intolerantes entre eles; e mais em proporção do que em outros lugares, por causa da maior liberdade que têm de propagar as suas doutrinas. Mas sei que a grande voz deste povo é uma voz democrática; uma voz de unidade e harmonia, baseada em princípios inevitáveis que estão em operação há quase um século; e os seus resultados demonstram claramente que, por mais que certas secções, através da diversidade de interesses, possam ter superado os laços de união, ainda assim a própria nação é inabalável; e tudo o que tenho a lamentar é essa luta que nasce de contendas inflamadas e iradas, e que um instrumento destinado a responder a propósitos de uma harmonia duradoura devam ser pervertidos para fins de guerra.

Garanto-lhes que a Declaração não tem mais a ver com o estado atual das coisas do vosso país do que com a constituição da França ou da Itália. Ela brotou de uma diversidade de interesses sectoriais e monetários; e de tal fanatismo, de um lado, e tão profunda intolerância de outro, quase mergulhou a nação na ruína.

Com o tempo, esses grupos deverão quer exterminar uns aos outros ou despertar para a consciência dos seus erros, ao passo que o grande corpo da nação não será prejudicado. Atrevemo-nos a afirmar que a Declaração de Independência sempre foi considerada como dizendo respeito exclusivamente àqueles que deviam ser governados pelos seus princípios; não a uma nação exterior, nem a um interesse distante qualquer; não tinha nada que ver com essa questão da escravidão, pois não fazia referência ao Africano, mais do que ao Indiano ou ao Malaio. Tem que ver apenas com as pessoas que deveriam ser controladas em consequência de terem a vitória do seu lado; com aquela classe de mentes iluminadas que formariam a fundação do governo; e hoje é o mesmo.

Se puderem beneficiar o Africano, ou qualquer outra raça estrangeira, é vosso dever fazê-lo; mas introduzir qualquer pessoa exterior no nosso meio e torná-lo um ponto de discórdia entre nós é inteiramente alheio à questão; e a consideração da escravidão deve ser excluída da vossa legislação. Nisto, deveria ser simplesmente reconhecido, como uma

instituição enxertada no nosso sistema social pelo governo Britânico e por pessoas que agora procuram fugir da responsabilidade que têm no assunto, repudiando a sua própria descendência - a escravidão Americana.

Eu depositaria essa responsabilidade exatamente onde ela pertence, e não procuraria desfigurar o carácter dos vossos antepassados com uma mancha tão vil, quanto se torna implícito ao torná-la a aposta pela qual a segurança da nação está em perigo. Eu fico enrubescido ao reconhecer que haja pessoas no vosso país que têm tão pouca consideração pelo dever patriótico a ponto de introduzirem nos conselhos nacionais, uma questão tão fora e além dos limites, e até mesmo do reconhecimento legítimo. Enquanto possa existir como uma instituição à parte, não devia ser permitido que interferisse com a administração apropriada das leis; não deve ser transformada numa questão de discussão; a sua moralidade não deve ser pensada em conexão com o governo.

Deixem que os fanáticos e aqueles que não têm mais nada a fazer, se intrometam na questão. É uma instituição que finalmente se destruirá a si própria; ou, se isso não suceder, será uma instituição que não fará mal algum. Mas não permitam que a alta classe de políticos que preenche os vossos cargos de confiança interfira no assunto.

Pode servir aos propósitos daqueles que nunca se ocuparam e nunca se ocuparão de qualquer cargo importante; que não fazem nada além de falar; para os filantropos e moralistas, que se fascinam com os peculiares "ismos," e não seguem mais nada, até que se exaura; mas não servirá para quem sente que pertence, enquanto cidadão, estadista ou diretor executivo, a uma comunidade que é tão sincera e forçosamente conservadora quanto, em geral, esta é. Não é que as coisas não requeiram emenda, mas não devem ser alteradas pelo fanatismo, pelo egoísmo nem pela anarquia.

Que aqueles que falam tão alto em honra, justiça e liberdade se lembrem que esta nação deve o seu sucesso à integridade e ao conservadorismo do povo, e que, se esses valores forem destruídos, a nação será destruída com eles, e a vida da árvore da liberdade se esvairá. O conservadorismo de um povo livre e esclarecido constitui sempre a sua mais vigorosa salvaguarda. Há sempre aqueles em número suficiente que visam descobrir novas verdades e explorar as regiões da filosofia transcendental; mas cabe ao governo discutir questões nacionais num espírito de conservadorismo, sobriedade e

sabedoria, e nunca introduzir elementos que são calculados para estabelecer o selo da morte nas suas próprias fundações.

O senso comum prático é o único meio de sucesso para o povo Americano; e a voz e eleição da democracia constituem para sempre os princípios dos quais esta nação depende. Vocês nunca encontrarão segurança fora disso; e menos que isso não responderá ao propósito. A liberdade é demasiado rara; a justiça raramente também é encontrada; e a integridade, tão harmoniosamente desenvolvida, é demasiado querida para ser menosprezada; e os sentimentos acalentados acham-se firmemente fixados na rocha da justiça para serem abalados pela denúncia de um cristianismo simulado, ou pelos esforços de aqueles que procuram pelo fogo, espada e pelas vozes vociferantes precipitar o povo a um derramamento de sangue e rebelião. Portanto, possa Paz, Justiça e Integridade ser vossas; e nunca esqueçam aquele princípio sobre o qual se forma a integridade, a honra e o brilho da nação; a voz do povo, que é o meu povo; do país que é meu país e a minha casa.

Thomas Jefferson
Autor principal da Declaração de Independência e terceiro presidente dos Estados Unidos
Nascimento: 13 de Abril de 1743 NS, Condado de Albemarle, Virginia
Morte: 4 de Julho de 1826 em Monticello, na Virgínia.

Thomas Paine
Autor real da Declaração de Independência 1776

Nascimento: 29 de Janeiro Thetford Inglaterra 1737
Morte: 8 de Junho de 1809, 59 Grove Street em Greenwich Village, NYC, EUA

Comentário adicional:

THOMAS JEFFERSON foi o amigo mais próximo de THOMAS PAINE. Paine, enviado para a América da Inglaterra por Benjamin Franklin, tinha uma grande visão para a sociedade e era firmemente anti esclavagista, e também um dos primeiros a defender uma organização mundial de paz e segurança social para os pobres e idosos. Mas as visões radicais que tinha sobre religião destruir-lhe-iam o sucesso.

"Todas as instituições religiosas nacionais parecem-me nada mais do que invenções humanas, criadas para aterrorizar e escravizar a humanidade, e para monopolizar o poder e o lucro."

"O que aprendemos com essa coisa pretensa chamada religião? Nada que seja útil ao homem e tudo o que é desonroso para o seu Criador."

Thomas Paine 1794 In: 'A Era da Razão.'

Na segunda parte de A Era da Razão, Paine escreve sobre a doença e a febre que o acometeram enquanto esteve na prisão:

"Fui acometido de uma febre que, no seu progresso, tinha todos os sintomas de se tornar mortal, de cujos efeitos não recuperei. Foi então que me lembrei com uma satisfação renovada e me congratulei a mim próprio com toda a sinceridade por ter escrito a primeira parte de 'A Era da Razão.'"

O conteúdo do trabalho pode ser brevemente resumido pela seguinte citação:

"As opiniões que eu avancei... são o efeito da convicção mais clara e há muito estabelecida de que a Bíblia e o Testamento são imposições feitas ao mundo, que a queda do homem, o relato de Jesus Cristo enquanto o Filho de Deus e da sua morte para apaziguar a ira de Deus e a salvação decorrente desse estranho meio são tudo uma fabulosa invenção, desonrosa para a sabedoria e o poder do Todo-Poderoso; que a única religião verdadeira assenta no Deísmo, pela qual eu na altura pretendia dizer, e quero agora dizer, a crença de um Deus, e uma imitação do seu carácter moral, ou a prática daquilo que é chamado de virtudes morais - e que era apenas nisso (no que diz respeito à religião), que eu depositava todas as minhas esperanças de felicidade no futuro. Assim o afirmo eu agora - e assim me ajude Deus."

Com relação às suas perspetivas religiosas, em 'A Era da Razão' (iniciado na França em 1793), Paine afirmou:

"Eu não acredito no credo proferido pela igreja Judaica, pela igreja Romana, pela igreja Grega, pela igreja Turca, pela igreja Protestante, nem por qualquer igreja que eu conheça. A minha mente é a minha própria igreja.

Todas as instituições nacionais clericais, sejam elas judaicas, cristãs ou turcas, parecem-me nada mais que invenções humanas, criadas para aterrorizar e escravizar a humanidade e monopolizar o poder e o lucro."

Ele descreveu-se a si próprio como um "Deísta" e comentou:

Quão diferente é [o Cristianismo] para a profissão pura e simples do Deísmo! O verdadeiro Deísta tem apenas uma Deidade, e a sua religião consiste em contemplar o poder, a sabedoria e a benignidade da Deidade nas suas obras, e em tentar imitá-la por todos os meios - moral, científico e mecânico.

Comentário do Tradutor:

Será curioso notar que a impressão que Jefferson tinha de Washington, foi ilustrada numa entrevista que Joshua Brookes lhe fez em Monticello, em Agosto de 1799, que as registou da seguinte maneira:

George Washington é um mestre duro, muito severo, um marido duro, um pai duro, um governador difícil. Desde a sua infância ele sempre regeu e governou severamente. Ele foi inicialmente educado no governo de escravos, e depois governou um exército e a seguir uma nação. Ele pensa bem em tudo, é despótico em todos os aspetos, desconfia de todos os homens, acha que todo homem é um patife e nada além de severidade se adequará. Ele não tem qualquer noção de deixar as pessoas entregues a si próprias para agir; ele acha que elas não conseguem pensar e que deviam obedecer apenas.

Como morei perto dele e o via todos os dias, eu achava que sabia o que tinha em mente naquela época, mas depois eu descobri que tinha ideias de que eu nem suspeitava. Se ele tivesse morrido quando o Congresso se reuniu em Nova Iorque, ele teria sido o maior homem que já viveu, mas agora ele está a perder a reputação de dia para dia. Ele não é o homem que era, senão ele não se permitiria ser conduzido como é, ou dar a sua sanção às coisas que ele sanciona. Ele traz teólogos constantemente ao seu redor por achar certo manter as aparências, mas é um incrédulo.

As palavras de Jefferson oferecem um lembrete dramático de que até mesmo os fundadores não se encaravam olhos nos olhos, politicamente. Apesar de considerarem os partidos perigosos para a República

(Washington descrevera-os como "banais" no seu discurso de despedida), em 1799 as diferenças políticas já haviam precipitado os Federalistas e Republicanos, os dois principais partidos da República Inicial.

A amargura que demonstrou para com o que ele percebeu como influência federalista sobre Washington é prontamente evidente. Independentemente disso, a atitude pouco carinhosa de Jefferson em relação a Washington, que morreu alguns meses depois dos comentários que fez a Brookes, não foi bem recebida por Martha. Ela descreveu a visita que Jefferson fez a Mount Vernon em 1801 como "a ocorrência mais penosa da sua vida," fora a morte de George.

In: “Nova Iorque Historical Society”

O MEU LAR CELESTIAL

JAMES ABRAM GARFIELD

Um discurso que pretende ter sido proferido pelo falecido Presidente Garfield, através da mediunidade de Cora Richmond.

O Salão Fairbank esteve repleto na noite passada, por ter sido anunciado que James A. Garfield, o falecido Presidente, iria controlar o organismo da Srª Cora Richmond, a notável oradora de transe, nesta ocasião e discursar sobre o “Meu Lar Clestial.” Foi igualmente anunciado que o Sr. Lincoln estaria presente.

Após os serviços preliminares, a Srª Richmond alcançou o estado de transe. O espírito que se manifestou apresentou-se como Abraham Lincoln. Ele referiu-se ao discurso que tinha proferido duas semanas antes, sobre “O Pesar da Nação: Irá Ele Ser Alterado para Alegria?” e disse que enquanto tinha estado a proferi-lo, o espírito de Garfield estivera a seu lado, absorvido e interessado. Quando ele concluiu, o Sr. Garfield comentou que acreditava conseguir dominar o processo fisiológico que capacitava um espírito desincorporado a controlar um cérebro físico, e expressou um desejo sincero de o fazer.

Desde então eles visitaram a médium com frequência, o que por vezes se traduziu por uma indisposição para ela, por o controlo de um espírito que tenha passado do leito de sofrimento ser altamente prejudicial para o

sujeito; mas eles acreditavam que os fins justificavam os meios, pelo que ele teve a satisfação de anunciar que o Sr. Garfield tinha não só dominado questão psicológica, mas que isso resultaria de forma nenhuma prejudicial para a médium assim que o esforço estivesse concluído. Com isso, ele viria a dar lugar ao seu amigo, o falecido Presidente Garfield. Uma mudança notável tomou conta da médium, e aquilo que foi dito foi tingido e efetivado por uma forte personalidade.

"Então, eu via por um vidro escuro. Agora, cara a cara."

(Alusão ao trecho de Coríntios 13:12)

"Esta transposição das palavras do Apóstolo soam ininterruptamente na minha ideia desde a mudança solene a que chamais morte, mas que eu agora aprendi a chamar nascimento. Aquilo que essa mudança implica, caros amigos, ninguém o pode asseverar por completo até que tenha dado esse solene salto; mas devo tentar, por as ideias estarem ardentes por uma expressão, e o espírito não consegue sossegado no seu lar celestial a menos que uma palavra seja transmitida à terra e àqueles que ficaram para trás.

"Ao despertar da vida mortal, descobri que após o choque inicial do ferimento físico não havia esperança de recuperação; que o tempo que foi gasto na tentativa de restaurar o corpo, pela assistência dos médicos, pela assistência de enfermeiros amáveis e o amável cuidado de amigos, assim como pelas orações da nação, era um preparo para o meu nascimento espiritual; que aí era conhecido que eu estava para chegar, e que mesmo o meu próprio espírito, através de um tipo de consciência dupla, estava ciente disso.

Debati-me para viver. Pensei que iria aguentar-me; mas nesses intervalos de sono e de um delírio parcial dos sentidos o meu espírito manteve conversa com seres espirituais que me rodeavam, e eles disseram-me que eu estava a chegar. Vou-lhes contar mais sobre essa consciência dupla um pouco mais à frente, por ser uma característica significativa da nossa admirável existência. O período, conforme dizia, que foi gasto na tentativa de restaurar o corpo, foi para mim um período de traino espiritual e de preparo para o nascimento, e quando a hora da dissolução o meu espírito assim como os sentidos obscurecidos foram inundados pela plena consciência de que eu ia falecer, que a hora tinha chegado. Até essa altura eu tinha esperado ser capaz de recuperar e satisfazer os deveres para que fora indicado.

“Com enorme alegria, com humildade e gratidão eu venho agora para lhes dar conta do que me sucedeu desde então. Quando aquilo a que chamam morte chegou, pareci por um instante estar abarrotado num túnel estreito: em retrospeção, de trás, parecia sobrecarregar-me, enquanto diante de mim se encontrava o futuro, e só eu preenchia o túnel. Pensei que o passado e o futuro se devem encontrar, e devem passar um ao outro. Viria eu a ser esmagado por eles? Não havia qualquer sensação, mas parecia uma sublime consciência que eu estivesse para ser aniquilado entre essas duas forças que me pressionavam e se amontoavam sobre mim. Nunca o conseguirei descrever por palavras.

Foi o supremo momento da existência; maior do que o nascimento, maior do que a morte, maior do que a realização da virilidade fora para a consciência. Eu estava para ser esmagado, e conforme nos sentimos à beira do Niágara, que a nossa vida é destituída de valor em comparação com a sua vastidão, ou como alguns sentem diante da aproximação de um motor potente, que vão depositar as suas vidas na presença de tal poder, assim eu me senti quando do passado as lembranças trovejaram de uma existência carregada por vezes de imperfeições, mas de muita alegria, amontoou-se sobre mim, para ser recordado; e do futuro o poder, e a glória, e vastidão de uma luz de alvorada parecia irromper em mim.

“Muitas vezes recordo que durante a enfermidade que me acometeu, eu parecera erguer-me como alguém se eleva do fundo do oceano, e que vi a manhã a irromper à distância. Então, um cuidado carinhoso e terno do médico, uma oração por parte dos amigos, atrair-me-iam de volta, e eu submergia nas ondas da vida mortal. Agora eu era impelido. O passado acorreu numa corrida poderosa e, pressionando-me em frente, eu fui forçado na direção do mundo dos espíritos, e aí fiquei, desconcertado é verdade, mas tão inteiramente consciente que teria chamado os meus criados habituais para verem a cena que tinha diante de mim. E chamei, só que eles não me ouviam. A morte não nos dividira mas eu realizara então que o tempo e a sensação sim, e que eles se encontravam no oceano enquanto eu me tinha alçado acima dele. Então esse passado de que falava veio amontoar-se sobre mim, todas as cenas da minha infância, da minha juventude e maturidade, o amor, a esperança, a aspiração, a alegria, o rosto da minha mãe, a luz brilhante de todo semblante; tudo isso veio pôr-se diante de mim em retrospeto. Mas outros rostos vieram que não recordava - que eu nunca tinha visto na

terra. Mas um rosto à boca do túnel de que eu parecia emergir resplandeceu benigno e terno, leal e carinhoso.

"Era o rosto de Abraham Lincoln. Não me podia enganar. Ali estava na plena luz da grandeza espiritual que não posso descrever, mas com todas as feições perfeitas, com todas as expressões naturais, apenas um brilho transparente que me levou a sentir com se eu estivesse na presença de um anjo, embora eu reconhecesse a expressão do meu amigo.

De mãos estendidas, com ambos os braços estendidos, ele acolheu-me dizendo: "Eu sabia que estava ed regresso; seja bem-vindo." E então o meu pai, cuja presença me fora negada na terra, veio cumprimentar-me. Eu não sei como foi que soube que era o meu pai, mas desde o instante em que vi o reu rosto benigno eu chamei-lhe pai, e chamou-me filho. Outras faces que me pareceram igualmente familiares, embora eu não tivesse qualquer conhecimento de onde ou quando eu as tinha visto, vieram acolher-me. Eu tratei-os de diversas maneiras, de irmão, amigo, parente, a quem nunca me conhecera na vida terrena, e no entanto, eu conhecia.

"Mas deixem que lhes fale aqui justamente dessa consciência dupla a que me referi. Eu descobri que os *tinha* conhecido. Eu disse ao meu amigo e guia, o Sr. Lincoln: "Porque será que, nunca tendo visto ou recordado o meu pai, nunca tendo visto muitos destes amigos na vida terrena, eu sei quem eles são?" Ele disse, a sorrir: "Irá ser surpreendido com muitas das cenas que o irão saudar na vida do espírito. Nós levamos uma vida dupla na terra; uma é a vida exterior dos sentidos, a outra é a vida dos sonhos. Os nossos sonhos provam, afinal, ser a maior realidade, pois no sono, muitas vezes, quando não nos vemos perturbados pelos cuidados materiais, o espírito encontra e trava conversa com os amigos que partiram. Há de achar muitas cenas familiares, e há traçar muitas das ideias que teve no estado de vigília de volta à terra do espírito."

"Ah, quão estupendo aquilo não pareceu! Então pareceu que eu acabara de despertar de um sonho; que a minha vida terrena tinha sido um sono, e que eu me encontrava agora restaurada nos meus sentidos habituais, e no entanto eu podia lembrar-me da prolongada luta pela existência; como a nação pela sua voz unida me colocara na posição de ser seu servo; como eu aceitara esse elevado cargo com respeitosa humildade e gratidão, porém receio, não fora eu capaz de satisfazer a

elevada responsabilidade, e como com um súbito mergulho esse cargo me foi arrebatado dos deveres da vida, e eu me vi prostrado, a lutar pela existência num mar de dor e incerteza.

A voz da minha esposa, o carinho no auxílio dos meus subordinados, o ruído dos médicos que me consultavam, a incerteza, a dúvida, a alegria — tudo isso me veio de volta, e ainda assim não conseguia aliviar-me da alegria da sensação de ter despertado de um sonho, e que, por mais agradável que fosse, aquilo para que despertara constituía a maior alegria.

“Hão de sentir-se surpreendidos com isto, mas eu não consigo explicar-lhes o quão incrivelmente grandioso parece nascer de novo; como sem dúvida no amor do Pai, e com a consciência de existir na vida espiritual um poder que eleva, com perfeita certeza de um futuro estado, eu ainda não tinha uma consciência adequada do que esse estado poderia querer significar ao despertar total do espírito. Não lhes consigo transmitir isso agora Posso somente dizer-lhes que foi a manhã do meio-dia da existência, uma luz acrescentada a uma luz, uma alegria que desabrochou numa alegria total, um grupo de estrelas onde apenas tinha existido uma antes.

“Eu passei por entre outros amigos. Via cenas familiares ao meu redor por toda a parte, belas paisagens, pedaços de beleza feitos dos sonhos da minha infância, porções de terreno que eu tinha visto no começo da minha vida e desejara perpetuar mas não tivera mão de artista - tudo belas vistas que eu desejara preservar na minha juventude e virilidade, os afetos do meu coração, as esperanças, as ambições — as imperfeições também; e quanto mais eu avançava por esta bela terra, pois terra parecia ser, só que tão transparente quanto o arco-íris e tão clara quanto a atmosfera — quanto mais eu avançava mais eu parecia inadequado para me apropriar, para desfrutar.

Mais eu sentia a insignificância dos meus pensamentos, e ainda assim, como uma criança ansiosa, incapaz de compreender a vastidão que o rodeia, eu prossegui para as novas cenas, as novas vistas, as novas formas, e cada qual tinha o aspeto de alguma que eu tinha conhecido e amado, e alguém que eu amara e não conhecera, invisivelmente amara de forma impalpável. Os laços da mente e do espírito atraíram-mos à presença; e isso também me recebeu no reino.

“Quanto tempo durou eu não sei dizer, mas eu pareci passar ininterruptamente, encontrar-me com mentes que eu tinha conhecido na vida pública, muitos a quem a nação designara grandiosos e os mais elevados — mas de quem eu senti não conseguir aproximar-me — encontrar-me com eles todos em gentileza, e eles acolheram-me sem surpresa; Pareciam ter sabido da minha vinda; acolheram-me de bom grado, mas não havia exibição, nem ostentação, cerimónia alguma nem saudação formal; era o mesmo que se eu tivesse ido até à porta da minha mãe e visto o seu sorriso à luz do sol, à espera à tardinha de acolher o seu rapaz.

“Não houve diligência maior ou mais elevada do que isso — do que a de que me amavam e pareciam saber que eu estava a chegar, e cada qual teve uma palavra de amabilidade de acolhimento. Eu senti-me tanto à vontade, tão humilhado, tão contente, tão cheio de orgulho e alegria, que senti vontade de ir buscar os meus amados para ali.

“A seguir veio-me à memória o fato de me encontrar entre os mortos e deles se encontrarem entre os vivos. Que coisa será viver, se isso impede durante todo o período da vida de um homem aquilo que vi então? Que coisa será viver senão lutar durante quarenta ou cinquenta anos da idade adulta sem saber da existência de cenas dessas próximo e ao redor? Que coisa será viver, se, como uma cúpula descarada, enublada do lado da terra, impede a glória do estado espiritual? E ainda assim os meus queridos encontravam-se entre os vivos, e eu era suposto estar entre os mortos. Ouvi o som de sinos a tocar. Chegou até mim como um ruído do fundo do mar, uma coisa opaca engolfada pelas ondas. Ouvi as ondas a espraiar-se na margem, as ondas da compaixão da nação. Não me refiro às palavras de elogio enunciadas nos altos lugares; essas são banais; dizem respeito à adulação natural que o homem tem pelo semelhante. Refiro as palavras e pensamentos de compaixão que vós estendeis àqueles que sofrem — a surgir sem parar cada vez mais próximo, como a aproximação de um grande mar solene, um mar de soluçar. Veio e envolveu-me a toda a volta; chegou e irrompeu em lágrimas sobre a minha cabeça; e pelo meio, ouvi muitos canhões, e então subitamente eu estava no meio do comboio funerário.

“Escutei os sons da música marcial. Não vi a multidão que se apinhava nas ruas; não vi o carro fúnebre; via somente as formas e escutei os soluços daqueles que me tinham amado. Podia vê-lo; não havia dissimulação. Somente aqueles que me tinham amado foram vistos e

conhecidos nessa hora, não as massas que se mexiam de forma desleixada, muitos de quantos envergavam o pesar externo por dever, mas todos a dar-me mais do que na minha qualidade normal eu merecia, ainda assim sentia o palpitar daqueles que me tinham amado, e ouvia-os a derramar as suas lágrimas, e teria erguido a minha voz — ergui-a, mas ela não pode ser ouvida.

"Então, de novo disse a mim próprio e ao meu amigo, que não me abandonara: "Estarei no mundo dos vivos ou dos mortos? Porque não me escutam quando falo? Porque não respondem quando eu os consolo? Que será que nos divide?" E de nodo o semblante benigno brilhou qual anjo e disse: "É o tempo e a razão que os divide. O espírito vive, só que o corpo constitui o véu existente entre vós e eles — os seus corpos mortais." Oh! Como eu tentara penetrar esse véu! Como eu tentara erguer a minha voz do que o som da música, mais alta do que a linguagem do trompete, mais alta do que todas as palavras que foram proferidas, por mais carinhosas, amáveis, compassivas; mas quem haveria de romper o silêncio e de lhes dizer que eu estava presente? Nem um só; e se o tivesse feito eu teria pensado que fosse um doido.

"Sem dúvida que estas palavras desta noite, por mais importantes que seja para o meu espírito ofegante enunciá-las, e esforçar-me por chegar àqueles a quem amo, e que se importam comigo, irão cair como os enunciados de um entusiasta, enquanto palavras ociosas de uma pompa vã e exibição continuarão em tom solene a ser dirigidas de uma forma brasonada à nação como verdades. Oh! Mas pode chegar a hora — deve chegar — em que aquilo que conheço agora será revelado a todos, quando vós ireis ver e escutar como eu agora vejo e escuto, e quando com os vossos amigos que estão mortos bem junto a vós sem voz que lhes dirijam, nem pensamento que os receba, vocês recordarão aquilo que eu disse, e não os empurrarão para longe cheios de angústia, cheios de pesar ou lamento.

"O espírito da nação de que falo esta noite; sei que a sua forma será preservada. Sei que nenhuma mão se intrometerá entre vós e a sua lei, a sua harmonia, o desenvolvimento da sua justiça. Sei que a nação será preservada. Isso não é nada. É grandioso aos olhos do homem. Mas conhecer esta outra nação, maior e mais vasta; conhecer Washington, Adams, Jefferson, Lincoln, todo os que aqui se encontram; sentir o aperto da sua mão direita e a camaradagem dos seus corações e espíritos palpitantes; ser conduzido à presença e camaradagem das suas

mentes e sentir-nos um verme — é isso que eu sinto. Conseguirão vocês perceber, meus amigos, que não passa de um ligeiro pulsar único do coração, e o espírito é libertado nesta presença imortal? Conseguem perceber que todos os vossos amados se encontram onde eu me encontro e onde devo viver? E não devo viver nem devo conhecer esta vida que veio ao meu encontro a menos que consiga levá-los a ter conhecimento dela também — quero dizer, vós da terra de quem eu estou perto e para quem sou querido, quaisquer que possam ser os vossos nomes.

"A minha mãe, ah, a minha mãe! Tu que me assististe e guardaste durante os primeiros anos; tu que me sustentaste na mocidade; a conduzir-me e a orientar-me delicada, admirável, amavelmente; tu que preencheste o lugar de ambos os pais com um monte de preocupações da vida madura ao teu redor, que abençoaste os anos culminantes da maturidade dos teus filhos; tu que observaste aquele crescimento da maturidade estender-se ao que pensaste ser uma utilidade mais elevada, e te sentiste feliz com cada alegria e tiveste simpatia por toda a mágoa; tu que ainda recentemente gritaste por mim — mas eu estava presente, embora não soubesses disso — minha mãe, naquela hora de importância solene em que a voz da nação foi elevada e mantido em suspenso com enorme ovação, voltei-me para ti em busca de uma bênção, e dei-te o primeiro louvor; e agora elevado a um estado mais alto, coroado com uma masculinidade mais altiva, oh, mãe, não me receberás? Toco a tua testa e tu não sabes. Coloco o lírio do meu amor sobre o teu coração; não me sentes?

"Esposa minha, a quem eu ouvi a chorar à luz desse novo lar, silencioso, sem voz altiva, mas com o choro do espírito, que parecia dizer: "Estamos separados para sempre até que a morte me leve daqui": Oh, não sabes que estou contigo? Não passa um dia, não passa intervalo nenhum de horas em que eu não tenha estado perto. O meu lar tem lugar no lar da vida terrena. Acima dele deverá ser criado o meu templo espiritual; acima dele deverá pairar a atmosfera do meu lar celeste. Não sabes que eu estou aí?

"Filha minha, fala comigo! A luz dos teus olhos cheios de lágrimas, qual flor coberta de orvalho, brilha sobre o meu novo estado. O teu não é um espírito esmagado mas apenas curvado que tanto mais se erguerá com as lágrimas; mas não sintas que me afastei. Meus bravos filhos, a quem eu também quero amparar e fortalecer.

Perdoem-me se me refiro àqueles já conhecidos do meu coração, mas se não puder enunciar estas palavras o meu espírito estoura pelas costuras e volta à terra. Amparado e fortalecido pelo meu amor, o meu lar celeste encontra-se em Mentor, onde os amados se encontram; mas estende-se tão alto quanto qualquer espírito que me conheça e me abençoe possa alcançar. Todo este cainho desde a simples habitação terrena até à vastidão do espírito que agora me acompanha e me cerca, se acha a exalação do ar do lar, a estender-se e a alargar, glorificado e embelezado.

"Ah, nação, despe o luto e orna as paredes com brilho de neve se quiseres dar conta do local onde me encontro, pois não estou entre os mortos! Não ficarei morto. A nação, se optar por isso, receberá novas da minha parte, mas aqueles que estão por perto e são queridos precisam escutar a minha voz, precisam compreender a minha presença, e em todos os momentos e forma em que puder pronunciar essa palavra, ou levá-la a ser sentida àqueles da minha casa, eu o farei.

"Pelo vosso amor e amabilidade, pela compaixão que eu sinto me trouxe até aqui — sem a qual estas débeis elocuções não poderiam ser dadas — eu devo agradecer com devoção. Quantidades do espírito permanecem por enunciar, milhares de ideias permanecem por pronunciar — recordações aglomeram-se e profecias que despertarão deveres mais elevados e realizações mais sublimes. Toda a simpatia e louvor, toda a voz de encorajamento que tiver sido dada, me amparará e elevará para mais alto empenho, embora saiba que não o mereço. Não me iludo nem por um instante.

A circunstância, o momento, a ocasião, a tendência da compaixão humana foi o que edificou esta ideia nos vossos corações. Mas disto estou eu certo: Não grande, não sábio, não o homem de estado, não dotado de nenhum dos grandes dons com que muitos gostariam de me cobrir, eu fui ainda o filho sincero de uma república sincera, um cidadão devoto de uma comunidade cujas leis louvei além de todo louvor, cuja prosperidade eu desejei logo atrás do seu desenvolvimento espiritual, e cuja compaixão e orações me ajudarão a suportar até que aprenda mais a fundo as lições deste elevado concelho, onde me sento a escutar como o mais humilde entre aqueles que são sábios, grandes e bons que têm o bem-estar da nação a seu cargo.

"Esses elogios e gestos de compaixão, a receção que fazem da minha presença aqui esta noite, os pensamentos que me seguirão apos esta

elocução e a esperança que de algum modo estas palavras possam alcançar aqueles com quem eu vivi na terra — a quem eu também chegarei de uma forma estreita — isso aumentarão o brilho da glória do meu nascimento espiritual, e levar-me-á a um maior empenho no meu lar celeste."

* * *

O discurso foi encerrado e o presidente fez alguns anúncios, quando a médium se ergueu de novo, e o que se segue foi dito:

"O meu amigo e conselheiro admoestou-me no sentido de enunciar mais uma palavra. A novidade deste método de comunicação pode ter tornado a minha elocução não tão consecutiva quanto é costume. Um outro pensamento vai para a nação, para a barra da justiça, ante cujo tribunal o pobre maníaco se vê agora intimado.* Lembrar-se-á a nação de *summum jus, summa injuria*,** e esforçar-se-á na presença da justiça por não esquecer que a misericórdia é sua serva, o seu sustentáculo. Da minha parte, se as leis da nação declararem que ele deva vir para o mundo dos espíritos, eu que na terra tive o nome de James Abram Garfield, prometo-lhes que serei o primeiro a acolhê-lo no mundo do espírito.

**(NT: Refere-se, provavelmente a algum fato pontual que estivesse a decorrer. no âmbito da justiça)*

***(NT: Excesso de direito, excesso de injustiça. Termo oriundo do Latim que indica que, da observância rigorosa da justiça e da lei pode advir injustiça)*

JAMES GARFIELD
MAIS SOBRE O MEU LAR CELESTIAL

UM DISCURSO FEITO POR INTERMÉDIO DE CORA RICHMOND

Uma vasta audiência reuniu-se no Salão Fairbank na noite passada -- diz o Chicago “Times” de 31 de Outubro -- para escutar uma palestra proferida por Cora Richmond pretendendo ser controlada pelo falecido Presidente James A. Garfield, sob o tema

Dá lugar à verdade na Terra!
Tão formosa na forma e de rosto tão esplendoroso,
Que despertou para o nascimento celestial,
Só tu vês a sua perfeita graça.

Meus amigos. Uma vez mais surjo diante de vós com esta aparência; uma vez mais em resposta à vossa amável simpatia dirijo palavras que, senão válidas para vós, certamente o serão para o meu espírito. Imperfeita conforme deverá ser esta forma de expressão, difícil quanto é transmitir através de outro organismo e cérebro o pensamento do espírito, ainda assim, quando não se dispõe de nenhum outro canal de comunhão, e quando este, por amável convite da banda do espírito nos é estendido, eu certamente seria mais do que um espírito se recusasse a palavra que está ardente de expressão.

Desde a última vez que eu a vós me dirigi aqui o meu espírito familiarizou-se mais com a sua nova forma de vida, acostumou-se mais a esta forma de comunhão, por muitos médiuns terem recebido visitas da minha parte. Através de todas as médiuns possíveis tenho passado uma palavra de saudação ou expressão, para que mais me possa apossar do conhecimento necessário para falar aquilo que irei aprender no meu lar espiritual.

A primeira ideia que me acudiu após a morte foi como quando estamos ao entardecer sobre algum monte a contemplar a glória do céu do poente, as vistas de uma beleza dourada a abrir-se ante a nossa visão, grandes volutas de luz carmesim que só podíamos penetrar com a visão da Deidade - tudo trabalhado com grandeza diante de mim. O esplendor era tão grande, a vastidão tão profunda que inicialmente pareceu ofuscar o poder da mente e do pensamento; mas deu-se uma rápida reação, e então lá surgiu aquilo que corresponde ao desaparecimento da luz.

Com isso quero dizer que após o clarão da receção dos amigos, da consciência do ser, na posse de todas as faculdades da mente e do pensamento - após isso ter sido plenamente assegurado ao poder espiritual desperto, eu senti uma onda de retrospeção. Para alguém que tinha sentido isso na vida terrena não surge qualquer resposta de lisonja quando os anos da vida humana são gravados pelo monitor austero, a consciência.

E justamente aqui quero confessar de novo que durante esse período de exame de consciência me senti inundado do maior arrependimento por as oportunidades concedidas na vida terrena não terem sido aperfeiçoadas por mim numa busca do conhecimento espiritual. Não foi por falta de advertência, nem mensagens diretas e assistência; o poder de cura que eu mal compreendi foi-me dado para me reabilitar a saúde através de mãos gentis, e mais que uma mensagem do mundo dos espíritos, a predizer que a nomeação política que nunca me entrara na ideia podia ser realizada. Mais tarde vieram advertências e avisos, profecias do perigo para a vida humana na minha pessoa, de que me ri e pus de lado como sonhos ociosos do fanatismo.

Encontro-me agora aqui para confessar a esses amigos, alguns dos quais se acham aqui presentes, que se esforçaram por me esclarecer com respeito ao poder que os espíritos têm de comunicar com os mortais, que nessa hora de retrospeção eu senti profundamente a falta desse conhecimento, e que teria de bom grado dado mais pela posse do conhecimento que me teria concedido falar com o mundo dos espíritos quando na terra, do que todas as honras que vieram à minha existência terrena, coroadas como estavam com a maré cheia da simpatia da nação.

E assim falo respeitosamente e com toda a consideração por todos os sinais de simpatia e respeito que chegaram até mim na hora solene da vida e da morte. Agora, se tivesse esse conhecimento, o conhecimento que alguns dos meus companheiros tinham, eu daria todos os anos da vida política, todos os anos do treino para o sucesso nas realizações terrenas; por achar que a falta desse conhecimento constitui a fraqueza do espírito.

Se as minhas palavras servir para chegar nem que seja um só coração dos que aqui estão presentes, quer ele acredite na personalidade desta mensagem ou não, que por ora ele se lembre que os poderes do espírito são imorredouros; que eles apenas bastarão quando ele puser de lado a

sua morada material, e embora o espírito seja construído das satisfações dos deveres, e apesar da sua resistência ser moldada na realização daquilo que de momento parece ser o mais sublime e melhor, não vos enganeis a vós próprios quanto ao que seja o melhor e o mais sublime.

Lembrem-se de que a parte espiritual do homem constitui a parte mais significativa; que a sua existência é eterna; que as suas manchas sentis ao entrar no estado espiritual, e que a sua resistência constitui o poder do mundo espiritual; e embora sentindo isso, considerando a fraqueza da natureza humana e a tendência para o erro, eu jamais prejudiquei arbitrariamente o próximo. Senti a falta desse conhecimento que poderia ter possuído, das oportunidades desprezadas, e da sobrevalorização daqueles deveres que afinal deviam ter sido melhor desempenhados, tivesse o espírito tido plena consciência da sua herança imortal.

Quando este resplendor do espírito voltou de novo - o resplendor de simpatia do mundo abaixo - então senti a vastidão do reino espiritual ao meu redor e acima de mim. Era noite, no que dizia respeito à terra. Aquilo que tinha sido glorioso e belo na vida terrena tinha sido esmaecido pela mudança da morte, somente a luz do amor restava, e ela ficou mais bela, e permaneceu como uma estrela no horizonte da existência mortal, existência que se desvanecia da minha visão espiritual. Então surgiu as perfeitas profundezas da visão da noite. Não era mais escuro, mas esfera após esfera, e estrela e mundo e sistema de esplendor um atrás do outro; e em meio a isso despertou um anseio na minha mente, sentido muita vez quando na terra, dos fundadores da nação, da república, que, parecendo mais pequenos a cada instante em comparação com o reino mais vasto em que eu entrara, ainda tinham sido a esperança, a luz de orientação da ambição terrena e do amor, e eu firmemente acreditei (conforme agora creio) ser a esperança e luz de orientação das nações rumo à liberdade.

Fui conduzido ao conselho da nação, e aí se encontravam aqueles que tinham outrora governado com sabedoria ou de forma insensata de acordo com o conhecimento e condição em que tinham vivido. No seu meio encontravam-se três. Eles foram-me apontados por terem mais que ver com a formação daquela maravilhosa declaração que moldara o caminho para a libertação do nosso povo, para a fundação do governo dos nossos fundadores - o velho Adams, Thomas Jefferson; mas principalmente, e coroado com a maior luz e a irradiar um esplendor mais antigo eu via o rosto e a forma de Thomas Paine, que redigiu com tinta

de fogo a maravilhosa declaração que firmava a liberdade do povo da terra, a herança da liberdade humana. E ao contemplar o seu semblante, a longa noite que o tinha separado do amor deste povo surgiu diante de mim, e eu disse:

"Quem afastará o obscurecimento do rosto desse espírito que, amando ao homem, amou a Deus?"

Mas eu sei que esse obscurecimento está a ser afastado, e que as pessoas se recordarão em meio às suas liberdades o pensamento brilhante, o génio maravilhoso, o esplendor incomparável deste grande espírito. Eu não estava satisfeito com isso mas fui levado adiante. O meu guia, que eu mencionei previamente (Lincoln) ainda estava a meu lado; ele levou-me a concelho atrás de concelho daqueles eminentes da história, os estupendos génios da liberdade das eras passadas.

Através da França e da Inglaterra, erguiam-se diante de mim os conselheiros que tinham elaborado leis justas, os governantes que tinham sido amáveis e humanos, e aqueles na vida mais humilde que tinham servido a liberdade todos não reconhecidos: a Roma, onde agora o Império murcho se encontra meio sem folgo e a apalpar nas trevas; a Roma, onde só ultimamente a noite negra da igreja Romana reinava com ininterrupto poder e influência; a Roma, onde, de toda a terra, os sinais de despotismo eram notável e distintamente revelados, onde uma proibição ainda impera, a chocar como um pesadelo - o poder atual da igreja de Roma a estender a sua influência por todas as nações da cristandade - e foi-me dito por aqueles presentes no concelho que isso representaria o próximo grande perigo para a República.

Aquando na terra eu não pensara assim; nem sei disso agora; mas aqueles mais sábios que eu afirmaram que essa irá ser a luta - a liberdade religiosa ou a escravatura religiosa sob a proibição de um poder que clamará em seu auxílio toda a porção ignorada de todas as nações da Cristandade.

Eu só podia ver o que me era revelado, e revelo-o conforme mo foi revelado. Para além desse testemunho vi, além dos campos manchados de sangue do Cristianismo, para além dos terrores que tinham sido cravados na história de dois mil anos de guerra religiosa, para além das lutas da política dividia em secções, e as diferenças que tinham sido introduzidas nos governos locais; eu via a Roma antiga erguer-se diante da visão esplendorosa, e dela as almas patriotas que se extinguiram

quando a grande nação Romana foi fundada - o império - aquilo que constituía a glória do mundo. E aqueles que eram enumerados entres esses salvadores não estavam os Césares, nem os governantes reais, mas aqueles que tinham proferido as palavras de verdade e de liberdade, e conceberam leis em câmaras secretas que deviam conceder a Roma o governo do mundo.

Vi a Grécia e os estadistas que lhe conferiram a mais alta iminência por entre as nações da terra - Sólon, Licurgo - grandiosas e importantes constelações de grandeza. Passei às velhas cidades do Egipto onde, erguendo-se diante de mim, como se reproduzidas no estado espiritual, se via as maravilhosas cidades que se tinham extinguido da face da terra; e aí no meio vi aquele de quem foram concebidas todas as liberdades que foram a herança das nações da terra desde então - uma grandeza, mais sublime, mais majestosa na forma do que qualquer que a vossa visão possa retratar ou que o olho do homem possa contemplar - porém sem governar com base no direito do rei, nem do poder da herança individual, mas pelo esplendor da sua grandeza incomparável, cuja influência é sentida nas nações do mundo, mas que é desconhecido até de nome; um governante apontado pela prosperidade política das nações em cujo governo encerra sabedoria, justiça e amor; que me foi dito é o árbitro dos destinos da terra e que, com milhões de espíritos governa e determina os destinos das nações dos homens - estadistas que se erguem para prestar os seus serviços - e pelas cintilações da sua esfera inspira palavras de eloquência e de patriotismo da terra.

E à distância estendendo-se por longos corredores de luz, ou agrupados em constelações de beleza, via mentes poderosas, antigas no esplendor e no pensamento, com o porte majestático da juventude perene, a glória das suas próprias conquistas, cada um coroado com a excelência das suas próprias vidas. A distâncias indistintas vi contornos de outros reinos, e à distância uma luz mais brilhante que apontava para um esplendor mais antigo, cuja expressão, sequer, não podia vislumbrar, cujos agrupamentos se assemelhavam a grupos de estrelas desprovidas de forma, mas foi-me dito que também essas eram esferas de almas. E mesmo para além dessas via linhas ainda mais brilhantes, e expressões mais brilhantes, que me foi dito serem anjos que mantinham uma vigilância sobre toda a terra, e que sustentavam os modelos de toda a verdade que chegue ao homem.

Não conseguireis conceber o quão pequenos no meio dessas glórias os meus débeis pensamentos se tornaram? Não conseguireis conceber quão insignificante o átomo poderá sentir-se ao entender o universo ao redor? Sem essa compreensão e apenas com um débil vislumbre, quão diminuto pareceu o espírito que eu possuía? E ainda assim entre eles eu fui reconhecido, e sorrindo aquele que fora meu irmão e amigo pôs-se a meu lado ali, e disse que nos é dito que essa é a nossa herança se nós também cumprirmos, de acordo com a medida da nossa capacidade, os deveres de cada momento que passa.

É-me dito que todo segredo pode ser revelado; que a terra não contém tesouros lendários que a mente do homem não possa herdar pela comunhão com o mundo das almas; que quando as cidades forem exumadas as mentes do passado serão atraídas a vós; mesmo agora os antigos reis da Babilónia afluem ao local misterioso de onde os antigos registos dos seus feitos estão agora a ser revelados, e o mundo conhecerá mais por causa dessas escavações externas. É-me dito que não existe arte alguma subtil, nenhuma ciência profunda, nenhuma maravilha do antigo Egipto que não possa despontar na mente terrena por meio dessas mesmas comunhões. É-me dito que escolas para essas comunhões já se encontram estabelecidas, e que esses instrumentos - similares àquele que eu agora emprego para comunicar convosco - irão tornar-se disponíveis para a transmissão de todo o conhecimento que o homem buscou principalmente em escolas do saber humano.

Eu não acreditei nisso quando estive na forma humana; não conseguia perceber esses métodos nem digo agora que esse método deva suplantar o empenho normal e natural do intelecto humano - mas digo que é para coroar o empenho natural e normal com uma maior realização; que é para contribuir para o conhecimento que já possuís, o conhecimento do reino espiritual, e que onde o homem tateia às cegas atualmente na busca do conhecimento, vejo que virá a será determinado, por a visão do espírito, estendendo-se numa extensão mais ampla e limitada apenas pelo poder do conhecimento, deve ser mais capaz de dar ao pensamento humano aquilo por que a mente e a alma do homem almeja e anseia por conhecer.

Em relação a todo o conhecimento terreno há um limite; com toda a história há um tempo em que fazemos uma pausa, e onde o pensamento humano não consegue mais explorar; com a visão que o homem tem e os sentidos materiais e as invenções da ciência e as descobertas, ainda

assim muito está em falta, e nós sentimo-nos para sempre limitados e diminuídos, enquanto nos sentidos materiais, com a natureza limitada daquilo por que lutamos por conhecer. O conhecimento é poder; só que não é o mero conhecimento do intelecto, ou da arte, ou da ciência. Eu sei que o conhecimento é bondade, é verdade, é pureza, é amor, e começamos o nosso conhecimento espiritual com o alfabeto da bondade da criança. Se isto disser alguma coisa à vossa compreensão, porque não começar aqui? Mas a pronúncia da fala com a língua presa que virão do reino espiritual aos pensamentos que se forçarão diariamente na vossa consciência, àquilo que às pressas e numa confusão e tumulto da vida terrena parece não haver tempo para atender, a dar tempo, a dar atenção, a dar pensamento, mas sereis recompensados pelo conhecimento que eu designei.

Agora percebo quantas ideias e dons da mente humana são despertos e acelerados; como as inspirações nos surpreendem no caminho aqui como clarões de luz vindos do reino espiritual; como até nas trevas diárias e na perplexidade dos assuntos humanos a luz espiritual sonda o Nó Górdio de qualquer problema, e deixa a mente livre para o realizar; como a invenção é estimulada e incitada a partir do lado da vida que está mais próximo das origens das coisas, e como a ciência com as suas múltiplas descobertas é capaz de resolver apenas aquilo que a inspiração der.

Descubro agora que aquilo que se encontrava certamente cerrado à minha visão e compreensão externa - que a verdadeira inspiração não consiste em nenhuma palavra formal, nem credo, nem oração, mas na voz do espírito que ministra continuamente com base na mensagem que vem a todo o coração onde quer que essa mensagem for necessária, e na orientação que toda a vida possa sentir só fará por escutar as sugestões da intuição. A voz do espírito, é-me dito, é na terra chamada intuição. Os génios reconheceram essa voz, deram-lhe continuamente ouvidos, e pela entrada sempre aberta da inspiração colheram de fontes de conhecimento e fontes de riqueza, e deixaram o mundo encantado. Ah! se todos pudessem ser génios! Mas são todos; no embrião que se encontra inativo em todo coração humano que um dia será despertado e tornado numa canção, no silêncio dorme em todo o espírito aquilo que um dia será despertado para o brilho e o poder. E assim há torpor em cada ideia esta noite, o triunfo imortal que não podeis senão sentir quando as trevas do tempo deslizarem e a luz imortal despertar inteira e seguramente.

Poderão perguntar-me: “Que é que faz? Que ocupação irá ter? Encontrar-se-á ocupado com assuntos como andava na terra? Que buscará o espírito? Haverá alguma coisa que possa ser designada prática?”

Mas nisso reside precisamente a dificuldade. Entre o estado natural e o espiritual dá-se uma mudança. Pode ser comparada à mudança química que se processa na flor quando ela é transformada da semente que dorme nas trevas numa bela rosa que felicita a luz. A qualidade, a essência encontra-se ali no germe, mas não há mais nenhuma comparação entre a rosa e o germe do que o átomo e a luz do sol, e no entanto ambos são qualidades e expressões da mesma coisa.

O estado espiritual eu acho real. Acho-o incomparavelmente real; mais real do que a vida terrena; menos duvidosos na posse de poderes e de atributos. A sensação muita vez engana, as coisas materiais muita vez traem; a mudança e o tempo e os sentidos furtam-nos às certezas do espírito; mas eu descubro que o reino espiritual é real na medida em que nada no espírito alguma vez muda na forma de efémera, mas desdobra-se, e aquilo que o homem terreno é, enquanto germe, torna-se como que uma flor, uma árvore, uma estrela no reino espiritual. É por isso que, ao falar de buscas espirituais não percebereis porventura o que eu quero dizer; mas prestem atenção àquilo que digo e mais tarde o significado poderá despontar em vós, como despontou em mim na plena compreensão.

As buscas não podem ser materiais na vida espiritual. Quero dizer que não podemos alimentar, vestir, construir, sustentar com respeito à sensação material; mas na proporção em que não o conseguimos - por não o ser exigido - mais é requerido da nossa parte, por ser necessário. E por fazer mais quero dizer o fato de podermos exercitar as nossas faculdades, que a mente é mais solicitada. Pesa um maior tributo sobre as qualidades do espírito, e aquilo que temos dentro de nós deve servir como todas as nossas posses. Por isso somos compelidos a trabalhar continuamente por posses maiores. Não descobri qualquer herança à minha espera na vida do espírito para além daquilo que ganhei, e se me vi surpreendido e inundado de grata alegria por alguma posse inesperada, era-me dito que era meu pela justa herança da criação; por ter feito a obra ou vivido a ideia que me habilitara a possui-la.

Fraca como descobri a minha natureza em muitos aspetos, débeis como são algumas das minhas posses do reino espiritual, é uma apoio

saber que nenhuma mudança nos pode tirar aquilo que que constitui uma posse do espírito, e as amizades, os afetos, as boas obras, os pensamentos dirigidos à humanidade, o desejo de beneficiar o nosso género, e o cumprimento de todo dever conforme parece a cada hora tornam-se nas posses para sempre do espírito na vida espiritual. Esses são os meus tesouros, e construído com base nisso o labor da eternidade que se aproxima moldará o que virei a possuir no além.

Quanto às minhas buscas, tudo quanto melhor estiver qualificado para fazer eu deverei fazer. Se for falar durante uma hora daquilo que aprendi no domínio do espírito, e esforçar-me por influenciar os meus companheiros no desempenho dos seus deveres, ou mais profundo ainda, penetrar este véu externo da inércia que se encontra entre a mente do homem e o mundo do espírito, certo será que deverei tentar fazer isso, e deverei ser bem-sucedido na exata proporção da capacidade espiritual que acho que possuo; e à medida que o crescimento for acelerado pelo exercício dessas capacidades, também toda a faculdade sofrerá uma aceleração pela transmissão do conhecimento, ou da alegria, ou da simpatia, ou do afeto aos outros.

Há conhecimento que eu ambiciono. Buscá-lo-ei, porém, não de forma egoísta, mas descubro que aquilo que ganhamos pela busca egoísta perdemos ao entrarmos no mundo dos espíritos, onde o eu precisa ser esquecido na grandeza da vida que nos rodeia, e onde a assistência, ainda que na mais débil forma, constitui a força do espírito. Sem construirmos nem tecermos nem juntarmos tesouros, sem sondarmos à procura de minas ou à descoberta de riquezas materiais, descubro todo o instante ocupado, todo instante do tempo repleto, e a capacidade apenas a lutar por obter aquilo que é oferecido à compreensão do espírito.

Ah! acelerar esses poderes imortais, fortalecer esse espírito, ser capaz de conhecer tudo quanto se encontra ao alcance da alma verdadeiramente desperta - isso eu cobiço; e esta noite, se me acompanharem com os vossos pensamentos com me acompanhastes anteriormente com a vossa simpatia e afeto; se pegarem comigo nas mãos que são estendidas, aparentemente nas trevas; se perceberem comigo as glórias deste domínio e se esforçarem por triunfar comigo sobre as falhas da vida humana, também vós sereis recompensados por vislumbres desse estado celestial.

E aqueles mundos e reinos que eu retratei, e aqueles esplendores que esbocei, e o Pensamento Antigo que reina supremo nos céus acima de

vós, e afastam todos os limites estreitos e todas as fronteiras estreitas dos credos humanos, e revelam aquela glória da religião perfeita, aquela verdade do perfeito governo, a ideia da alma imortal do homem, fortalecê-los-á no desempenho dos vossos deveres do dia-a-dia, e vós percebereis, como eu percebi, o caminho dourado, espiral, a estender-se sem fim, que conduz do mais baixo estado da terra ao mais elevado anjo nos céus remotos; e então não vos admirareis de eu por eu ansiar por rebentar a prisão do silêncio que tanta vez se interpõe entre o vosso mundo e aquele em que agora eu habito, e diga:

"Almas imortais ainda a viver na terra, espíritos inextinguíveis ainda a habitar as amarras do barro, se quiserdes possuir aquilo que conta mais do que ouro e joias, ou as coisas preciosas da terra, deem atenção à voz da alma, e deixem que aquilo que diz os conforte, as suas ideias os sustentem, as suas opiniões os carreguem até ao céu. A terra, estou certo, tornar-se-á então a morada de espíritos felizes, como estes misteriosos e ainda assim palpáveis reinos em que eu acabei de entrar e onde resido como um catraio, à espera que uma mão de apoio me conduza.

EPES SARGENT

O DIA A SEGUIR À MORTE

Um discurso proferido pelo espírito Epes Sargent, através da médium Cora Richmond, no Salão de Fairbanks de Chicago, na noite de Domingo 16 de Janeiro de 1880.

O discurso que irão escutar esta noite foi sugerido, por pensamento e linguagem, por alguém que ultimamente partiu da vida terrena, e que foi um tanto conhecido entre os Espiritualistas, e apesar de não ter sido subitamente, ainda recentemente tomou o seu lugar entre os seus amigos na existência espiritual. A dicção será a sua, mas a sua versão será do controlador habitual da médium que exprimirá os pensamentos e a linguagem do nosso amigo que partiu, que se encontra junto a ele.

Ah! que sonhos não podem eclodir no sono do pensamento! O morrer não encerra sofrimento; como uma corrente que se afasta; como a passagem do dia para o crepúsculo; como a chegada dos poentes do Outono; quando todo o céu ocidental é inundado pelo brilho da luz: no

entanto constitui uma surpresa maravilhosa mesmo para alguém acostumado a pensar num estado futuro quando se encontrava na terra; para alguém cuja mente fora cuidadosamente treinada em todas as escolas do pensamento respeitantes à imortalidade; para alguém cuja religião e convicção intelectual articulava com absoluta certeza no estado espiritual. Ver-nos a pairar fora da solidez do Tempo no espaço imensurável da Eternidade é de tal modo uma experiência ímpar que apenas aqueles que passam pelo portal da morte o podem compreender.

A maior surpresa de todas está em nos sentirmos a deslizar para longe das coisas humanas sem qualquer angústia ou arrependimento, ou pesar, ou mágoa - sentir que a própria mágoa passou, e que uma pura e inefável aluvião vem ao nosso encontro. O desprender dos afetos humanos, do sofrimento que nos assalta o coração quando escutamos o soluçar dos entes queridos junto a nós e não podemos responder, é contrabalançado pelo entusiasmo que acompanha esse desprender dos laços mortais, e sentimo-nos satisfeitos com a morte mesmo enquanto se debruça sobre nós. Não podemos compreender isso a menos que se tenha passado para as alturas da montanha, e visto a glória do correr da manhã lá longe sobre o mar, à medida que de repente o sol surge a tingir, em louvor do momento, as ondas de carmesim e dourado, para depois se erguer em todo o seu esplendor como se a noite nunca tivesse existido.

O realismo da vida ocupa-nos continuamente, e ansiamos por arrastar a parte mortal para o mundo imortal, tornar a casca em pinhões, a raiz e o germe na flor; esquecendo que para todo estágio há um preparo e um desenvolvimento, e uma ação como se desejássemos levar as roupas de bebé connosco e usá-las na maioridade. Agarramo-nos aos trapos do barro, agarramo-nos às amarras do tempo; os ancoradouros dos sentidos acometem-nos aqui e trazem-nos às voltas. Ah, que coisa sublime sentir-nos subitamente na plena maturidade! Essas barreiras quebradas, os laços dos sentidos dispersos; saber que nos encontramos vivos em cada centímetro do nosso ser; e sentir não só a consciência presente mas todas as consciências do passado, e devo dizer, de toda a consciência futura, a coroar-nos.

O maior assombro de todos é que tudo na vida material permanece o mesmo, só que transfigurado; que toda a sensação e consciência se tornam cada vez mais palpáveis, até que o próprio batimento cardíaco dos nossos amigos se torne audível à medida que o espírito passa.

Como um instrumento tenso que reage a todo som, também a consciência daquele que parte, como vós dizeis, se acha cada vez mais hilariante, até que o próprio pensamento que pensamos se torna palpável para aquele que não está a morrer, mas para nascer.

Permanecemos na presença da morte; para nós é uma vaga que retrocede. No meu passado mortal eu encontrei-me aí muitas vezes, a observar com um espírito inquisitivo a vaga da vida a regredir e a passagem do estado mortal para o imortal; E antes que tivesse conhecimento do enorme esplendor da verdade espiritual eu observava com tristeza, com mágoa, com indefinível dúvida e horror, a coisa a que os homens chamam morte; mas na grane medida da maioridade tardia, e no pleno vigor e poder dos últimos dias da minha vida, tive conhecimento da existência espiritual, embora não pudesse conceber a que se assemelharia.

Se vós tiverdes inalado o perfume de uma flor, mas nunca tiverdes visto uma; se tiverdes lido pautas musicais mas nunca as tiverdes ouvidos expressadas; se tiverdes tido um sonho de encanto mas nunca o tiverdes visto corporificado ou representado; se tiverdes pensado em amor, mas nunca tiverdes amado, então podereis imaginar o que o estado imortal é, comparado com o mortal; desperto, vivo, ativo, em que a letargia enfadonha da dor e do sofrimento se afasta com que com um sopro, e a enorme força da vida ativa, com todo o seu vigor a surgir por cima; o inefável repouso a flutuar para uma infinidade de certeza, enquanto todas as coisas materiais, exceto o amor e a consciência, aparentemente evanescentes - essa foi a experiência.

Eu podia sentir todos os pensamentos daqueles que se encontravam junto a mim; podia contemplar a mente e o coração espremido pela angústia corporal, mas felizmente para mim, pela libertação Eu conseguia ouvir os meus amigos a pensar de longe: "É altura dele dever partir"; e quando as notícias se espalharam com velocidade elétrica conseguia ouvi-los a dizer: "Mais um trabalhador que se foi," embora tivesse noção de que milhares de milhas se interferissem entre eles e o local onde o meu corpo se encontrava. Podia ouvir os meus amigos a pensar por todo o mundo. Havia pulsares de coração silenciosos a responder à minha vida, e o inevitável questionar do que ele estará a fazer agora que deixaria de boca aberta aqueles que tiveram conhecimento ao longe que a forma mortal tinha deixado de respirar.

Ah, mas o despertar do espírito! Não posso dizer-lhes ao que se parece. Assemelha-se a uma sinfonia em comparação com uma só nota; assemelha-se a uma oratória comparada a uma simples melodia; a um poema de Dante, assemelha-se ao inefável Milton, à luz da coroação de Shakespeare que tudo permeia e tudo glorifica; ao próprio amor, que vence a noite do tempo, e a dor da morte. Eu próprio encontrava-me diante de mim; os meus pensamentos, toda a minha vida passada, eram personificados. Tudo quanto eu tinha feito ou pensado surgia diante de mim na forma, em beleza ou deformidade. Os filhos dos párias da minha imaginação, supostamente conjurados a partir do cérebro repleto da vida mortal, encontravam-se diante de mim na realidade; personagens que eu tinha suposto puramente serem ideais e imaginários, esboçados com a caneta da fantasia e expedidos a fim de ilustrar um princípio mortal, surgiram diante de mim como realidades vivas, a dizer: "Eu fui aquele de quem escreveste; eu fui o espírito que inspirou este ou aquela ideia," e toda imaginação sobrecarrega tornou-se personificada até que, à semelhança dos pequeninos vistos nas visões de fadas, todos esses ideais se realizaram, e eu ri com esses filhos da minha fantasia por os achar tão reais, e se encontrarem ao meu redor, a reivindicar-me como seu progenitor espiritual e a dizer que eram meus para sempre.

Conseguiriam crer nisto? Não é imaginação mas uma realidade, que aqueles para quem escrevemos e de quem os poetas compõem cânticos solenes - que as fadas que são retratadas em visões para as criancinhas lerem - se tornem realidades na vida do espírito, e que se revistam de substância espiritual e povoem todo o ar com imagens ricas e variadas. O próprio Amor, (o mais populoso das cidades povoadas dos céus) e divindades angélicas de incomparável esplendor, venham em largos montes ao nosso redor à medida que despertamos do sonho da vida. Amores narrados à muito tempo, e aparentemente meio soterrados sob as esperanças murchas da natureza humana, vieram e reclamaram de novo o reconhecimento.

A amizade, que no mercado apinhado e atarefado das coisas humanas tinha ficado quase esquecida, voltou a surgir como uma imagem viva e clamou pelo seu próprio retorno. Todo amor sobrevive, e como povoa o espaço que de outro modo pareceria infinito e vazio! Não consigo imaginar a morte que seria para alguém que nunca tivesse pensado uma verdade ou sonhado uma coisa nobre para a humanidade, ou amado alguém.

É-me dito que há resíduos estéreis nas almas humanas desprovidas de amor; é-me contado que existem desertos na vida do espírito desprovidos de flores e de rostos de crianças e de doces sorrisos, do reconhecimento grato da parte daqueles a quem tentamos socorrer e redimir na vida exterior; é-me contado isso, mas não consigo imaginar o que seja o espírito sem as cidades povoadas da imaginação; não consigo imaginar o que seria sem as imagens criadas pelo pensamento. As minhas, por mais rudes que fossem, e tão pouco belas quanto terão parecido à luz clara do espírito, esmaeceram um tanto pelas faltas e falhas e as falácias na minha natureza material pareceram-me muito mortas a mim.

Eu não passei pelo espaço para descobrir o meu novo mundo; não tive que ir a um planeta distante. O espaço veio a mim, e foi de imediato habitado. Vi todos os amigos da vida terrena como realmente os vira antes da passagem, só que com uma visão diferente. Vi-os ao longe, na linha da luz da memória. Vi-os de modo mais claro por lhes ver os espíritos; aquela amizade que eu tinha valorizado tão pouco, outra que eu tinha valorizado demasiado; esta mente que parecia uma luz brilhante e resplandecente através de lentes humanas, tornou-se porventura menos brilhante, enquanto outra que eu escassamente tinha reconhecido de repente se avultou diante de mim como um planeta abrasador e brilhante.

No espírito todas as coisas se tornam reais. Não mais nos encontramos mascaramos por desejos e impulsos egoístas; vemos as coisas sem o matiz do corpo externo. Até mesmo o cérebro material perde o poder que tem de nos iludir; não mais somos sofistas. Não há nada sobre o que o sofismo possa tecer a sua teia ou tecido de falsidades. Todas as coisas são esclarecidas. Somos espontâneos; crescemos até nos tornarmos aquilo que pensamos, e a nossa vida e luz são tornadas belas pela grandeza da imagem que tivermos construído para a humanidade. Numa fundação delgada e esbelta de bondade nós construímos o tecido incomparável da imortalidade e eliminamos todos os erros, de que instantaneamente nos tornamos mais cientes do que na vida material.

Não posso velar-lhes o fato de que deve ser para aquele que não tenha o menor conceito do estado imortal um desapontamento. A mente realista da terra achará que as cosias são tanto mais reais no estado espiritual que as suas sombras se desvanecerão, e aí sentir-se-á momentaneamente perdido. Eu senti-me grato por esse nascimento fora

do materialismo que me trouxe a consciência da vida espiritual. Senti-me grato por aquele ligeiro toque da imaginação tecer ao redor das coisas humanas o esplendor de um grande pensamento para a humanidade.

Sei, agora, porque sinto uma esperança inefável em relação a toda a raça existente debaixo do sol, por todas as raças serem povoadas a partir dos céus. Sei agora por que tinha toda a esperança em relação à elevação de toda a criança da terra ao mais elevado esplendor. Sei agora por que a humanidade sempre me apelou com lábios mudos e saudade nos olhos para ser libertada e redimida da apatia da corrente subtil que as eras teceram ao seu redor - por a partir do firmamento espiritual o anjo da vida ser dual, e o homem e a mulher serem moldados à imagem de Deus

Sei agora porque toda esperança secreta, quer velada na pele do Africano ou reduzida aos estreitos limites do costume Oriental, ou velada no Pele-Vermelha, me apelou como pertencente a algo além o que a matéria e o homem haviam concedido - por a vida espiritual que prediz tudo, cometer, sem palavras, os males das nações, para que elas possam um dia erguer-se na sua magnificência e ser corrigidas através do poder do espírito. Sei agora porque o mundo da política, das lutas de Mamon *(NT: Cobiça personificada como divindade, ou dinheiro*), de todas as coisas que o homem busca pelo ganho não representou sedução nenhuma a mim; não por eu ser mais sábio ou melhor, mas por eu ter sido escolhido para fazer alguma outra coisa, e essa outra coisa era ter esperança sempre, de forma inefável e sublime, que das trevas viesse a luz, e dos aparentes males e complexas ameaças à existência humana surgisse a humanidade abençoada do futuro.

Vindo ao meu encontro, o espaço parecia repleto de tudo quanto eu tinha esperado e profetizado, e na própria antecâmara em que eu entrara imediatamente após a morte, pude ver tanto da eternidade que seria de tirar o fôlego, como quase me tirou o fôlego do espírito. Não vi qualquer crepúsculo escuro ou obscurecido; não vi qualquer desvanecimento simples da existência, e inação; não houve qualquer incerteza; não houve qualquer perplexidade; nenhuma pausa, como se estivesse a dormir, no limiar desse estado imortal, enquanto mãos ternas preparavam, como por vezes elas fazem, o estado imortal. De repente, e com total potência, eu ergui-me e tive consciência imediatamente de ser uma forma, um ser cuja intensidade me inundava e me excitava, até que eu parecesse uma parte de todo o universo ao redor; uma forma tão

idêntica à forma que se encontrava a meus pés que fiquei assustado com a semelhança, exceto o fato de essa ser sombria e pálida, e abatida pela doença, pelo sofrimento e pelo trabalho, e a outra estar mais que coroada com o vigor da juventude e da masculinidade - tão semelhante a mim próprio que eu me senti contente por deixar de lado uma forma de tão angustiante que era ver a nossa própria semelhança tão de perto; mas como alguém que frequentemente se vira ao espelho e se interrogara de quem seria, assim contemplei eu a forma e considerei a realidade, e espantei-me por um instante qual iria sobreviver.

Mas como aquela já não passava de uma sombra, como parte nenhuma do eu individual permanecia; como não restava nem sequer um fôlego, nem o calor da animação nem cor; como realmente não passasse de uma sombra, senti-me contente quando foi levado para fora da vista humana, já que não podia mais zombar dos olhos dos amados; mas durante todo o tempo que ali permaneci com a grande ânsia do meu coração, com braços envolventes num abraço e amor que falava audivelmente ao ouvido espiritual, ainda assim não ouviram.

Dirigir-me sem parar aos amados sem ser escutado, seria insuportável. Pensar sem parar, em espírito, para aqueles que foram deixados para trás e não encontrar qualquer resposta, deixar-me-ia louco. Não sei o que aqueles espíritos, cujos amigos os colocam nas tumbas ou os enviam para o céu e nunca mais permitem que eles lhes falem, fazem. Se eu fosse um espírito desses, eu haveria de lhes assombrar os recessos das suas almas dia e noite; haveria de berrar do silêncio do ar, e obriga-los a ouvir. Mas *meus* amigos não façam isso.

Eu já falei numa outra parte, já me denunciei, mas a minha palavra deve aqui ser recebida. Eu devo falar até que os olhos do espírito escutem; até que a compreensão desperta do cérebro humano chegue a saber a coisa incomensurável que a morte é; até que saibais que ela vos abraça e os abrange, se cinge a toda a vossa volta, os rodeia com os seus braços estimulantes - por justamente aquilo a que os homens chamam morte ser o que torna a vida suportável, e vos encher com as possibilidades do ser.

Mas, para aqueles que se encontravam mortos para a vida exterior, que existiam no ar acima de mim e na minha consciência, eu não tinha fantasias povoadas de cérebro, nenhuma ideia filosófica, nenhuma esperança de aspiração; mas para aqueles a quem chamais mortos, os vossos dias e noites seriam desprovidos de ambição; não teríeis qualquer ar mental a respirar; o estrato superior da existência seria

cortado; a natureza que está além da perceção dos sentidos ficaria à míngua; vós sufocaríeis e passaríeis fome na cadeia, e a pequena e débil centelha de vida extinguir-se-ia, e deixariam os corpos absolvidos, encarquilhados, autómatos sem vida.

Mas fora por aquilo a que chamais morte, esse fôlego vital, essa ocasião viva do ser, esse poder protetor e de abrigo, essa harmonia e esplendor de todas as coisas, vós não estaríeis aqui esta noite; não haveria nada que aqui os trouxesse, os impulsos espirituais do universo seriam esquecidos; não haveria fonte alguma de inspiração, nenhum pensamento acerca da religião, nenhuma pedra de toque para a imortalidade. Os homens são acionados por seres espirituais como as harpas o são pelo vento. Eles escutam o som, mas não conhecem a origem; mas assim como o Pele-Vermelha volta o ouvido para os pinheiros, a escutar a música solene e a pensar que seja a voz do Infinito, ou daqueles que tiverem partido para os terrenos de caça distantes, também quando vós escutardes esta música solene no ar acima de vós admirar-vos-eis e interrogar-vos-eis do que seja, e voltareis às vossas tarefas diárias, esquecendo que sem ela (música) seríeis destituídos de vida, frios e imbecis.

Encontro-me aqui para dar testemunho da morte. Como certa vez deu testemunho da humanidade, tão fraca e debilmente conforme um ser humano possa, que tenha esperado o melhor e lutado sempre por encontrar a verdade, também agora com um vigor maior, e com isto não nascido não somente do pensamento mas do ser, estou aqui para dar testemunho da morte. É o esplendor vivo do universo. Sem ela não há flor da primavera, sem ela não há aquela rara transmutação das coisas que transformam a noite em dia, sem ela não há luta de átomo algum rumo a possibilidades divinas do ser; sem ela não há afastamento possível da maldição implacável da natureza, que constitui uma forma endurecida, e uma melodia, e um espaço e um sentido maçante.

Sem o fluxo e o refluxo das questões humanas solidificar-se-ia e cristalizaria, e o homem hoje estaria petrificado em meio a todo o seu pecado e crime, para sempre não passaria de uma zombaria solene no grandioso livro da eternidade. Sem a morte jamais vos poderíeis libertar dos vossos erros; sem ela não poderíeis jamais tornar-vos humanidade divina. Sem ela o amor não teria expressão - não poderia haver bater de palmas de mãos imortais, nem tremeluzir do pensamento imortal ao longo dos corredores da existência. Sem ela toda a vida seria destituída

de sentido, porquanto não existiria amor; vós seríeis emparedados em sepulcros; a vossa existência corporal não seria mais que uma perdição e uma zombaria. For ao alento do espírito afastado e não poderia haver tempo nem eternidade.

Em meio a este esplendor solene, em que toda a vida se atropela ao nosso redor, onde aquilo que é mais vulgar furta para as sombras e onde o resignado se esconderia da própria luz do poder insuperável do espírito - em meio a esse esplendor, onde toda a coisa boa sobrevive e onde toda a coisa vil perece pela sua própria inatividade e inação - onde gradualmente as sombras, as enfermidades do tempo e as deformações do sentido dão lugar às perfeições do espírito e da mente - em meio disso eu dou testemunho de que aquilo que bei a mim me veio através da Morte; Encontro-me transfigurado.

O ser que foi visto e conhecido na terra sou eu; mas eu sou mais do que isso, sou tudo quanto esperara ser; sou tudo quanto aspirara ser. Fui imperfeito enquanto ser humano conforme geralmente os seres humanos o são em baixo - como eles por vezes o são, ao lutarem por mais elevadas possibilidades. Mas eu sou mais do que me atrevera a sonhar; sou melhor do que ousara esperar ser; sou o mais humilde no domínio do espírito, mas sou maior do que o que o maior aspira ser.

Mas assim sois vos, desvelados dos vossos elementos mortais, cuja pior faceta se revela a si própria na vida humana; também vós sereis transfigurados; não mais sereis os fracotes que pareceis, a humanidade não mais será aquilo que ao longo do tempo e do sofrimento e do sentido carrega a imagem ridícula do Divino, mas a humanidade tornar-se-á divina. Até mesmo o escravo - não me refiro àquele que usa as algemas na forma, mas até mesmo o escravo na alma - que chega subserviente ao mundo do espírito pela passagem da morte, até mesmo aquele que rasteja e gatinha cheios de terror para a tumba, é maior em espírito do que aquilo que parece, maior do que vós ousaríeis sonhar que pudesse ser.

Ah, que revelação que a morte é! Encontro-me aqui diante de vós, esta noite, não por vós, mas por perceber aquilo que é mais elevado e melhor em toda a alma, e por saber que todo pensamento, sentimento e aspiração em prol do bem possui o seu protótipo no esplendor na existência espiritual; e podia mostrar-lhes agora as vossas outras facetas, aquilo que se encontra na posse da vossa parte imortal, mais grandioso, mais divino, mais glorioso do que podeis sonhar.

E o melhor disso está em que a morte torna tudo isso possível ao conhecimento; por lhes legar a chave do templo da vossa própria vida - para que só existe uma outra maneira por que o podereis conhecer, e ainda assim vagamente: quer dizer, pela inspiração, ou seja, pela perceção espiritual. Foi-me negada a inspiração direta que muitos têm, fui obrigado em larga medida a dar testemunho de outros; porém, quando sei que há quem seja dotado de janelas que dão para o céu, e sei que não podem nem imaginar a glória que me pertence, eu pergunto-me, por vezes, que eles não rebentam com a barreira para se libertarem. Mas têm sobre si uma mão a refreá-los, e o constrangimento mais alto dessa sabedoria que impede o rebentar de todo laço até terem ganho a vossa liberdade.

Aquele que procura evitar uma dificuldade qualquer na vida apressando-se na direção do mundo do espírito, encontra a mesma barreira impenetrável diante dele, nomeadamente ele próprio; ele não pode escapar a ele próprio nem a qualquer fraqueza que tenha abrigado dentro de si, e deve agora enfrentá-la cara a cara; ela amontoa-se sobre ele; ele precisa superá-la no espírito por ter falhado na sua superação na vida terrena.

Ah, não pensem que a morte os levará a fugir às vossas responsabilidades. Ela traz-lhes a todos os vossos tesouros; cede-lhes todas as vossas posses; restaura-lhes todas as esperanças desvanecidas; devolve-lhes toda promessa abençoada e boa de vida, mas não os aliviará das vossas responsabilidades. Essas são vossas; vocês herdaram-nas; pertencem-lhes enquanto parte do plano Infinito, e mais cedo ou mais tarde, num ou noutro mundo, devereis enfrentá-las e vencê-las uma a uma.

Sublime é a morte! Belo é o caminho! Intenso como é o êxtase do espírito quando consciente do ser e da forma e da vida, não há nada que nos seduza ao descuido de qualquer dever, ou à negligência de qualquer propósito, por a vossa pobreza de espírito ser revelada pela morte, tal como são as vossas riquezas, e deveis suportar o teste que o Divino escrutínio traz.

Uma vez mais eu cerco-os com esta vida; uma vez mais estendo-lhes as mãos do meu espírito em saudação de todos quantos me conheceram; uma vez mais digo: Aquilo em que acreditei, eu *conheço*; aquilo de que eu dei testemunho é agora meu; aquilo de que eu dei prova através do intelecto e do cérebro humano, e por meio de tal poder

como o que me foi dado, eu agora dou provas do poder abrangente e irresistível da existência espiritual. Através de qualquer cérebro que eu melhor possa falar, por qualquer que seja a melhor forma por que me possa manifestar, eu virei e falarei àqueles na terra, àqueles a quem amei; não há necessidade de acrescentar voz; eu deve falar-lhes ao coração de qualquer modo; eles deverão escutar a minha voz de forma audível nas suas almas; deverão reservar-me um espaço nas suas vidas; eu devia gritar em voz alta e fazê-los ouvir nem que estivessem no meio dos trovões do Niágara.

Ao mundo deverá chegar uma voz; não uma mas muitas; não débil nem esvaída, como a de um homem a clamar no deserto, mas a voz de multidões, de milhões e milhões de almas a falar de forma audível pelo portal da vida e a dirigir-se aos corações da humanidade. Vós ouvi-las-eis; elas clamarão, pai; vocês ouvi-las-eis; elas clamarão, mãe, esposa, e filho, e vós fareis uma pausa na vossa carreira diária e interrogar-vos-eis qual voz se assemelha à de alguém há muito silenciado pela morte.

Eu digo-lhes que se amontoarão sobre vós até lhes darem ouvidos. Elas dirigir-se-lhes-ão até que vós deixeis de as afastar; elas olhá-los-ão nos olhos desde o mundo espiritual até que vejais que elas vivem, e as reconhecerdes; elas povoarão as vossas ruas; elas hão de retratar-se por toda a maneira possível; manifestar-se-ão por sinais e símbolos aos sentidos; elas hão de lutar com o vosso entendimento; torná-los-ão cientes das filosofias do ser; solucionar-lhes-ão os potentes mistérios que pusestes longe de vós e a que não dareis ouvidos; farão com que saibais que a vida, e não a morte, constitui o destino do homem, e que a coisa doce que nomeastes morte não mais é perniciosa, negra e terrível, mas a beleza de toda a existência, a coroação de todo o ser, a liberdade de toda a escravatura, o triunfo de toda a conquista, a passagem para além das muralhas das limitações humanas em que vós viveis, conducentes à cidade celestial e eterna onde todos são livres à luz da sua sabedoria e amor.

Ah, sons mudos e ainda assim audíveis! Ah, milhões de almas que vêm espalhar-se do espaço. Vós falais com um som mais potente do que o crescente do mar, mais vocal do que a voz do trovão do Niágara, mais potente do que os ventos que varrem miríades de florestas, mais divina do que as melodias apressadas dos muitos possantes mestres que sintonizam as suas harpas em sublimes oratórios da existência. A morte e a vida são uma, e essas vozes são as vozes dos vossos amados.

Eu fui conhecido na terra como Epes Sargent.

A LEI DA INVOCAÇÃO, OU ORAÇÃO (ATRAÇÃO)

Transmitido através da mediunidade da Sra. Susie Willis Fletcher.

O mundo em geral achará a asserção de que, qualquer coisa que seja desejada pela humanidade possa ser obtida por meio de uma persistente exigência mental da sua posse e mantendo-a constantemente em mente fixa e sem vacilar e sem indecisão, um absurdo.

Não importa o que a coisa desejada possa ser, roupas, dinheiro, casas, terras, coisas materiais ou espirituais, mantendo a mente fixa nesse reclamar delas atrai-as a vós e vós a elas.

Isso, em substância é a oração. Oração é desejo, ou invocar. O princípio envolvido em qualquer desses termos é o mesmo. Nesse princípio acha-se envolvido o fato de que o que quer que ser humano se fixe ele atrai a si, e fá-lo com muito pouco esforço externo.

Talvez perguntem: "Quererá dizer que pelo simples desejar ou exigir algum bem temporal eu o trarei ou atrairei a mim?" É isso precisamente que quero dizer.

Reparem que insistimos com a máxima força nas palavras que empregamos - "desejo persistente." Não um desejo fixado neste objeto hoje e a tremeluzir nisso amanhã; não um desejo forte, esperançoso, entusiasta hoje, e desencorajamento, desânimo, destituído de esperança amanhã - mas o desejo, exigir, orar, que é sempre impelido pelo termo "dever, necessidade."

Digam, "Eu preciso ter aquilo que defini como o meu desejo, e não aceitarei (mentalmente) nada que fique aquém," e continuem a dizê-lo.

Antes de rejeitarem isto como uma impossibilidade, considerem por um instante a falta de determinação persistente, a fraqueza da vontade, a persistente mudança da vasta proporção da humanidade. Quantos não fixam as suas mentes num dado objetivo ou objeto durante uma semana de cada vez? Quantos não terão tal ideia ou exigência que se estenda além da próxima refeição? Quantas não serão as meras criaturas de circunstância ou condição que, seja na afluência seja na pobreza,

simplesmente aceitam de boca aberta como pardais no ninho o que lhes é colocado no bico?

Se trabalharem para viver, não permanecerá uma vasta proporção precisamente onde são largados, ou aceitam a primeira posição que encontram, sem nunca manterem num determinação infatigável por se melhorar, sem nunca manterem diante da sua visão interna as palavras: "Eu devo e vou conseguir," fazer melhor que isto?

Porque "devo" e "farei" assim empregues não serão meras palavras, ou sons, mas pensamentos. E pensamentos são coisas, poderes, substâncias, e esses "preciso" e "farei" serem os maiores de tais poderes, e eficazes para cada um na proporção do seu poder de persistência e de determinação.

A vossa persistência, secreta exigência por pensamento molda o vosso ato externo. A vossa persistente determinação de fazer qualquer coisa específica apresentar-lhes-á continuamente à mente novos métodos de trabalho para esse fim, novos planos, novos meios de abordagem à coisa desejada. A vossa persistente determinação também se fortalece sempre a si própria, não obstante as vezes que falharem, independentemente das vezes em que tiverem sido mal sucedidos num passo qualquer, mantenham sempre na ideia a determinação fixada, e descobrireis, em pouco tempo, que os vossos poderes são revigorados e se aparentemente tiverem caído de costas terá sido somente numa posição mais forte, que algo terá sido aprendido com a última derrota para impedir uma outra.

Se variarem e misturarem esse poder do pensamento do "devo" com períodos de "Não consigo," "vou fracassar," "de nada vale tentar," "eu nasci para padecer de falta de sorte," estareis a emitir um pensamento destrutivo; estareis por esse tanto a destruir a estrutura do pensamento que tinha começado a esboçar-lhes a coisa desejada.

Os pensamentos "eu não consigo," "vou fracassar," são justamente coisas e poderes tal como o "eu vou conseguir" e o "devo." Também eles são exigências, desejos, orações.

Uma oração poderá ser ofertada inconscientemente em prol de um mal para a pessoa, assim como de um bem, ou suposto bem. A oração, o desejo, a exigência constituem a operação de uma grande lei ou força da Natureza, e essa força poderá ser usada com um mau resultado assim

como com um resultado bom. Aplicar-se-á essa lei à obtenção de riquezas de forma desonesta, ou à usurpação injusta de poder? Poderá um homem orar pelo lugar de um tirano, e essa oração ajudá-lo-á nisso?

Assim asseveramos; as leis do universo não variam, mas a intenção por base do seu uso para o bem ou para o mal. Ao pegar o fogo a um edifício o incendiário usa inteligentemente o conhecimento que tem de uma certa lei a fim de produzir combustão, movido por um motivo diabólico. Uma criança poderá abrir um interruptor ferroviário e provocar uma catástrofe horrível a um comboio que se aproxime, contudo, no esforço mental e físico de abrir esse interruptor a criança opera ao abrigo da lei, usando-a para a gratificação da criança e em completa ignorância das temíveis consequências envolvidas. Muitas são as desgraças infligidas por crianças crescidas sobre os demais, feitas com base em similar ignorância.

O avaro inveterado nunca abandona da ideia o desejo de acúmulo. Ele não permite que tal desejo enfraqueça com nenhum sentimento de compaixão ou impulso de benevolência. Ele ora somente por dinheiro. Fosse tal exigência enfraquecida no espírito por meio de um impulso de benevolência, e seguir-se-ia logo algum ato externo que lhe soltaria o entesourado.

"Pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á," disse o Cristo. A Teologia a esse dito dedicou e anexou uma utilização no âmbito dos estreitos limites em que se encontra. Nós asseveramos que tal utilização é de carácter geral; que pode ser aplicado, e com sucesso, a todo o querer (carência) humano, e que envolve em toda a operação a lei divina que emana do centro divino.

Mas pedir, invocar, desejar, orar com sabedoria, para que a coisa suscitada pelo "preciso e vou ter" não prove ser uma maldição em vez de uma bênção? Isso já uma coisa completamente diferente. Dezanove vigésimos da humanidade poderá precisar primeiro exigir sensatez, a fim de saber o que atrair a si pelo uso de um persistente poder da vontade. O processo de pedido atrairá qualidades da mente e de carácter assim como coisas materiais. Se se sentirem em falta em termos de coragem, confiança, paciência, ânimo, capacidade de decisão, capacidade de controlar o génio ou o apetite, também podereis atrair a vós uma dependência crescente dessas e de outras qualidades pela mesma lei de uma exigência persistente.

A sabedoria vê com clareza que a única riqueza verdadeira e o grandioso poder e a maior felicidade reside na posse de qualidades. Um milhão de dólares não conseguirá dar coragem a um covarde ou decisão a alguém que hesite, nem curar um temperamento precipitado. Um covarde ou uma pessoa que vacile, desprovida da riqueza que nunca ganhou e que lhe foi deixada por outros, cairá na mendicância e jamais voltará a levantar cabeça.

As qualidades constituem uma posse divina e imortal. Quanto mais ricamente guarnecidos forem nessas qualidades maior será o poder que terão sobre as coisas materiais. Está a chegar o tempo em que, por meio do conhecimento dessa lei, o controlo dos dinheiros deste mundo será tirado das mãos do avarento e do desonesto; quando as melhores pessoas tiverem, como justamente devido, as melhores coisas desta terra, não para desfrutar de modo egoísta mas como um meio essencial de contribuir para o gozo ou alegria dos outros.

"Buscai primeiro o Reino de Deus, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas." O Reino de Deus implica a edificação do reino implícito, interior, a posse de todas as qualidades desejáveis e do devido equilíbrio e ajustamento a essas qualidades. Para tal carácter todas as coisas desejáveis e necessárias gravitarão tão natural e legitimamente quanto a agulha para o polo. Reclamem para vós próprios esse reino ele virá a vós.

INDIVIDUALIDADE, A SUBSTÂNCIA DA VIDA DO ESPÍRITO

Theodore Parker através de Cora Richmond, 15 de Dezembro de 1878

"Olhai, eu trago-lhes boas novas de grande alegria para todos!"

Meus amigos: Estive ausente do vosso convívio numa terra distante durante um período de vinte anos, durante os quais uma porção do silêncio se rompeu, e ainda assim não por completo - durante o período foram transmitidas e recebidas mensagens, mas mesmo assim fortes dúvidas prevaleceram na mente dos homens quanto à autenticidade dessas mensagens. Mas se, carregado com as experiências desta nova vida, eu desejasse sinceramente aqui conseguir uma expressão (não como prova, mas para narrar a história que tenho a contar) considerásseis qualquer voz que eu possa obter para essa valiosa expressão - e qualquer mente que for feita instrumento na transmissão

desse testemunho perante vós, vós acertadamente consideraríeis que eu me serviria dele.

Embora vigoroso crente no poder espiritual e um sincero advogado da natureza espiritual da alma do homem - aquilo que é conhecido como Espiritualismo Moderno não constituiu prova nenhuma para mim enquanto vivi na vida terrena; Mas foi tarefa incumbida na vida espiritual torná-lo assim não só para mim próprio, mas para os outros. O valor dessa evidência depende do grau de individualidade que acompanha a existência na vida espiritual.

Hoje, e durante os Domingos seguintes enquanto este instrumento estiver convosco, darei a minha voz e a minha experiência, na medida em que me for possível, a favor da natureza dessa individualidade que na minha ideia constitui a única imortalidade e realmente a única evidência da existência do homem para além da morte.

É referido por certa classe de mentes do presente século, que a inteligência é universal - tão geral quanto o ar, o sol da manhã, as nuvens, a neve. Porém, também isso é *individual*; o ar, reduzido aos seus elementos primitivos, é individual; a luz do sol é uma vibração individualizada sobre e dos átomos finais que constituem a luz, e o calor, e a atmosfera; e toda partícula de vida, aliada como certamente é às outras no grande todo, em si mesmo não deixa de ser uma individualidade.

A distinção existente entre personalidade e individualidade é enorme. Na vida terrena eu professei ter-me alçado (e espero que muitos de vós aqui presentes hoje se encontrem nessa circunstância) acima de muitas das limitações estreitas dos sentidos humanos. O corpo vê, ouve e sente à medida que experiência após experiência marca a sua continuidade na esteira da vida diária - porém uma liberdade maior é aquela do espírito interior cuja presença faz dessa forma efêmera um veículo da consecução de coisas duradouras. A natureza individual do homem é ampliada pelo grau em que essa natureza é tornada una com o espírito, e a intensidade dessa individualidade aumenta na proporção do pensamento que possui o homem.

Mas justo aqui posso fazer um comentário sobre as revelações que a vida espiritual me trouxera. Eu sou um indivíduo, os meus sentimentos individuais, amizades, laços de afeto não se encontram de forma nenhuma diminuídos pela minha passagem para outra esfera da

atividade - tenho consciência do contato com amigos individuais, e toda a assistência e desenvolvimento da minha natureza individual é total, e carrega o meu pensamento individual.

Uma órbita para cada espírito, uma esfera para cada mente expressariam melhor aquilo que quero dizer: mas sou principalmente individualizado pela natureza daquilo que reconheci nas minhas experiências terrenas. Aquilo que é valioso para mim dessa experiência encontra-se comigo - o que não é, é posto de lado, já que a separação da casca do miolo da amêndoa, ou a casca da semente. O grau de inteligência que descobri na minha vida espiritual desejo transmitir-lhes, para que possam compreender o que a Filosofia Espiritual do lado espiritual da existência me trouxe.

E embora nem assim me interesse pelo que diz respeito à vida dos meus amigos na existência mortal e espiritual da existência, prefiro mesmo assim o maior alcance, e no próprio local dedicado à memória do meu trabalho terreno, e designado por aquilo que foi o meu nome terreno - no mesmo local assombrado pelas doces memórias de há anos (não neste edifício, conforme poderão recordar, mas num outro desta cidade) voltar o meu pensamento das preocupações pessoais, e falar das lições que o desenvolvimento gradual e a consequente iluminação trazem à alma que reflete.

Para mim, *a substância da vida do espírito* - conforme baseada nas observações que tenho feito desde que aqui entrei - *é a individualidade*! Não conheço *princípio geral* nenhum de inteligência; não compreendo o que os materialistas referem com o termo Inteligência Geral. Conheço a lei, mas a lei acha-se sempre repleta e impregnada de inteligência; conheço a vida, mas a vida sempre obedece à lei, conheço universo da matéria, mas toda a rosa comporta no seu íntimo um princípio inteligente e um propósito cujo resultado é a perfeita floração, e o mesmo é verdadeiro com relação a toda a área do domínio material. Não sei de nenhuma reserva de inteligência: não conheço nenhuma qualidade de pensamento exceto aquela que se acha revestida de individualidade: é humana, é espírito, é angélica, ou é divina, de acordo com o grau de corporificação ou desenvolvimento.

A individualidade humana acha-se somente parcialmente desenvolvida. A estatura, a forma, a cor dos olhos, o cabelo, a compleição podem indicar a personalidade, e o desempenho do dever diário na vida comum pode, é verdade, ensombrar mais a individualidade que reside por baixo,

mas ambas essas ordens de evidência são quando muito apenas débeis indícios da presença interior! Eu fui um indivíduo; os limites da minha individualidade foram delimitados pelo grau de esforço feito no sentido do alcance do fruto prático no estado mortal.

E quando, por meio da minha mudança pelas esferas, novas possibilidades me demonstraram a sua existência, eu percebi numa certa medida a luz que tinha sido para mim até então desconhecida - embora brilhasse resplandecente sobre mim (ignorada) enquanto estive na terra - e eu fui conduzido por essa descoberta ao trabalho no meu lar espiritual pela plena apreciação da minha parte, e pela ampla difusão que tem por entre os filhos e filhas dos homens! O organismo, o temperamento e as características naturais herdadas por mim dos meus pais formaram uma porção desse todo terreno cujo objetivo era a corporificação do meu espírito; mas o próprio espírito que a vós se manifestou, é o EU que agora fala - que ainda lhes pode falar numa linguagem mais clara.

Tive a impressão de que quando deixei a vida na terra não precisaria nem usaria nenhum outro cérebro ou mente; foi um género de egocentrismo, um receio de que a expressão possa ser dada a atributos que não me pertenceram; mas tudo isso se evaporou coma obtenção de um conhecimento mais elevado. Iluminado pelos seus raios eu agora procuro influenciar as mentes a que posso chegar em tal grau quanto sou capaz; só posso alcançar aquelas que se acham em simpatia comigo, pelo que não incorro no risco de ser mal interpretado; não temo ser deturpado; se alguma porção do meu pensamento lhes chega hoje eu sinto-me satisfeito. Os meus poderes individuais chegam-lhes por muitos canais; este (indicando a médium com um gesto) é apenas um

A concentração da mente individual nesta vida é exercida e sustentada em muitos sentidos diferentes, nós, que não nos encontramos menos sujeitos às leis da vida e da inteligência do que vós, não desejamos construir uma montanha com os nossos próprios interesses para que os nossos companheiros ver! Certos pensamentos atraem-nos, e nós assimilámo-los, por se acharem em conformidade com os nossos próprios. Vós desenvolveis-vos na terra forçando-vos *ao* conhecimento; mas o conhecimento chega-nos pelo próprio poder de atração. Aquilo por que mais lutei na terra por aprender desaprendi agora; aquilo que desejava mais na minha vida humana possuir, pus agora de lado por não passar de uma barreira à realização daquilo de que agora mais

necessito. Hoje soluciono o segredo; hoje compreendo que a experiência individual é válida apenas como um elo na cadeia do crescimento.

Não somos mais, na vida do espírito, Brown, nem Smith, nem Jones, mas Brown e Smith e Jones são deixados de lado no exterior em prol de uma experiência mais completa da vida interior. Não me interpretem mal; a personalidade não é necessariamente imortal; é somente aquela porção dela que pertence ao espírito que se mantém para sempre; só o espírito é imortal, e o que quer que não pertença ao espírito não é imortal enquanto porção do espírito. Vós na terra julgais um homem pelos seus hábitos, pela sua destreza, pela sua inteligência, pela sua carreira, e pelos resultados alcançados por meio disso; mas nós vemos que essas não passam de expressões limitadas, evanescentes ou não, por serem o fruto de condições que rodeiam o homem na vida terrena, ou que pertencem ao espírito contínuo dentro dele.

Todas as coisas pertencentes à existência objetiva do homem mudam para a perceção do espírito. Quero dizer que os talentos dos sentidos físicos, as habitações que vós habitais, os modos do pensamento, todos os detalhes da existência diária na vida terrena que têm certas vias e bem conhecidos canais de expressão, são possuídos por um aspeto diferente quando vistos do ponto de vista do espírito.

E aqui chego a algo que diz respeito do que todos desejais ser informados, a saber: Será a existência *objetiva* ou *subjetiva* na sua natureza? Eu respondo, é objetiva se considerarem do ponto de vista espiritual, e é subjetiva se a avaliarem pelo padrão do escolasticismo científico fundado tão só em bases materiais. A sua objetividade é, contudo, capaz de uma maior elasticidade e de um mais vasto desenvolvimento do que aquele conhecido à vida terrena: por exemplo, um homem no plano terreno que atinja uma certa norma de crescimento, constrói uma casa adequada aos seus gostos (de então) e desejos, mas dez anos depois ele poderá dizer:

"Desejava que ela pudesse ser alterada de modo a adaptar-se à presente conceção que tenho." Agora, se ele tiver estado na vida do espírito a casa podia ter sofrido uma mudança - de fato, muda constantemente, e mantém a harmonia com o desenvolvimento e as necessidades do espírito que dela faz uso. Um homem obtém uma boa roupa para proteção do corpo físico, mas essas roupas não se prestam para o tempo quente e de inverno do mesmo jeito - ele precisa mudar a roupa de verão para suportar o inverno, quando a estação do frio e da

neve recai sobre a terra. Mas, à medida que mudamos na vida do espírito, os nossos arredores mudam igualmente, só que não movidos por nenhuma causa externa, já que aquele que se acostumara na terra à posse de uma habitação exatamente adequada às suas necessidades espirituais, não encontrará qualquer mudança nessa habitação necessariamente ao chegar à vida do espírito; em função do que não sofrerá alteração alguma a menos que a experiência futura preste tal passo necessário. As mudanças nessa habitação encontrarão duplicados nas mudanças nas emanações que constituem as vestes do espírito na sua nova vida, mudanças que sucedam em harmonia com o curso do nosso desenvolvimento.

Muitos espíritos parecem não compreender como e por que razão as suas vestes mudam rapidamente e de forma tão completa, e desse modo experimentam uma sensação de inquietação; mas essa sensação passado um tempo apaga-se, e tornamo-nos conscientes de que vivemos a partir de dentro, e não de fora, e de que o nosso verdadeiro reino da existência é aquele que se desdobra a partir do nosso interior. Eu vou ilustrar: Eu vivo numa esfera rodeado por alguns dos meus amigos, mas outros tenho também noutras áreas da vida do espírito. Agora, se eu no meu pensamento desejar a presença de um amigo com tal intensidade que esse pensamento alcance a esfera dele, esse amigo encontrar-se-á de imediato diante de mim.

Não é necessário qualquer enunciado vocal, o tom de voz, os modos de discurso, a linguagem peculiar, nem as variadas formas de comunhão inteligente que dizem respeito aos sentidos externos na vida do espírito, a menos que nos dirijamos àqueles que estão abaixo de nós, numa outra esfera separada. Isso são apenas partes de um grau mais vasto de informação que me chegou à consciência; porém, desejo que vós compreendais que, aquilo que lhes transmito é o produto da minha própria experiência, quando muito iniciatória, e que deve ser considerado que fornece apenas uma ideia básica da vida espiritual, em vez de uma tentativa de fornecimento de detalhes completos.

Toda a proporção de matéria não passa de uma expressão proporcional do espírito; toda a forma de vida física é governada por aquilo a que *vós* chamais lei - e eu chamo inteligência. O espírito dirige-a e governa-a; existe uma potência na existência espiritual quando tomais consciência desse fato por meio da evidência prática e incontestável.

Eu vejo, por exemplo, da atual perspetiva que tenho na vida espiritual, que há pensamentos que alcançam a terra para a realização de determinados propósitos, mas cada um parece alterar-se na sua manifestação ao atingir a terra - ao ser influenciado pelas condições sob as quais encontra expressão entre os homens, que se deve em larga medida ao desenvolvimento da nação, das pessoas, ou da sociedade em que primeiro surja, e a aptidão proporcional que existe para a acolher.

Os pensamentos dos trabalhadores da humanidade que ascenderam que do espírito se voltam para a terra, ao chegarem à terra são influenciados pelos ambientes por que precisam passar na apresentação do seu real recurso à compreensão da humanidade; contudo, no final atingirão o objetivo pretendido.

À medida que os ciclos do tempo e numerosas mudanças se fizeram necessárias ao desenvolvimento aos reinos animal e vegetal em determinados sentidos, e à produção de certos resultados por meio dos quais a beleza e a utilidade do presente foram alcançadas, também um impulso espiritual dirigido para a terra, conquanto aparentemente deflectido tenha sido no seu curso pelas mentes materiais terrenas, ou tenha ficado deficiente na sua expressão, no final desenvolverá o propósito com que terá sido enviado. Vós sabeis, por exemplo, como durante longos anos lutamos, como fizeram outras almas sinceras, para afastar a nódoa da escravatura humana do registo desta nação; o *impulso espiritual* era de afastar a escravatura; O resultado - embora em desarmonia com muitos desejos no lado mortal - foi inconfundível. Reformistas pacifistas aguardaram gerações quase, e então a vitória veio, não conforme tinham antecipado, mas por entre o torvelinho da guerra! O atual impulso da liberdade não se destina à guerra, porém, se a liberdade descobrir que, no seu caminho o egoísmo humano e o amor pelo poder estão sempre a lutar por erguer impedimentos, então virá uma luta até que o obstáculo seja removido. A escuridão é o oposto da luz, e a luz brilhará até que as trevas sejam conquistadas.

Tempestades e agitação não são a única experiência da terra, mas naturalmente, quando a harmonia final dever ser alcançada, o que quer que se erguer entre os esforços evidenciados e essa derradeira harmonia que deve resultar deles, deverá desaparecer, ainda que o conflito elementar for o preço apagar O materialista tem a Natureza, o teólogo tem Deus a quem culpar por toda a adversidade enfrentada na vida humana, mas nenhum deles tem razão.

O espírito reconhece-se a si através de ciclos de matéria, e o que quer que chegue entre ele e o fim que tem em vista deverá ser conquistado. Se temporais e vendavais forem necessárias no plano atmosférico à realização bem-sucedida do impulso do Grande Princípio da Vida em todos, eles virão, e à medida que todos fizerem a parte que lhe cabe o mundo material desenvolver-se-á rumo a uma harmonia mais clara de propósito; as árvores ondulam os seus biliões de folhas ao longo da paisagem, flores desabrocham em meio a lixeiras áridas, e a vida animal de toda a classe de desenvolvimento colhe o benefício pretendido.

Do mesmo modo os processos de desenvolvimento entre os homens são movidos por esses pensamentos finais que os alcançam oriundos do estado espiritual. Eu já vi muita gente lutar pela introdução de reforma entre a humanidade em geral - e com o tempo o trabalho que percebiam ser mais que essencial encontrava-se *dentro*, era mais *individual* do que coletivo.

Percebo que o trabalho do espírito é na sua individualidade, e que de mentes individuais na vida do espírito o pensamento alcança a terra, e que se move em frente até à sua representação objetiva na ação externa de acordo a força recetiva da hora. Eu olho através das lentes da história, para a psicometria, a clarividência e descubro agora o que meios invisíveis que trabalham em prol de fins definidos combinaram, através de incansável operação, para tornar a América livre, para dar à França para o campo de batalha para as nações da Europa, para instituir e manter em constante atividade (embora intermitente manifestação) o espírito de guerra no Leste; discirno desde a perspetiva espiritual a disputa existente entre a cruz e o crescente, e descubro a fonte espiritual de onde essa agitação emana. Se o sinal for ainda a guerra sobre a terra, será por o homem ainda se encontrar na condição de guerra.

Se um pensamento expressado desde o mundo do espírito alcançar a terra na forma de uma batalha, será apesar disso verdade que, se tivesse chegado o tempo da paz tal pensamento teria na sua expressão desabrochado em paz. A maneira do desabrochar e da fruição do pensamento a partir as esferas espirituais depende do grau ou ângulo em que e através do que as linhas da luz espiritual atingirem a terra, e da posição em que a humanidade estiver para a receber. Conforme previamente reparado, um certo período da história da terra apresenta um crescimento anormal da vida vegetal e animal - assim também um certo período do desenvolvimento espiritual produz certos antagonismos,

e as nações repetem essas experiências até de cada vez em reduzida medida, a fim de mostrar o progresso final do mundo da mente.

Precisam estar cientes de que com as oportunidades, e esta ocupação, muita da vida na vida espiritual é devotada à observação ou supervisão daqueles assuntos que têm início no lado espiritual e assumem a sua ação no mundo material. Nós não *iniciamos* a nossa existência no corpo físico; o corpo físico não passa de um *modo* do espírito, e as derradeiras causas residem no reino da inteligência espiritual, que tampouco é o reino da inteligência geral.

As leis da natureza não chocam com a inteligência individual do espírito, e eu vejo os trabalhos da vida física, em certa medida, governados pelas operações da inteligência humana, como testemunhado, por exemplo, na prossecução das fábricas, ou na promoção de qualquer dos interesses de negócios do mundo material; eles são governados pela inteligência humana; ninguém fala de comércio enquanto princípio inteligente ou propósito por si próprio, mas enquanto um sistema de intercâmbio humano executado sob as provisões da individualidade inteligente daquelas nações e povos que descobriram as suas vantagens no passado, e que continuam a colhê-las no presente.

Nenhum fala da ciência adquirida como sendo parte da inteligência geral e exterior à experiência pessoal ou pesquisa; a ciência, conforme permitido pelos trabalhos da sua expressão, é o esforço da inteligência individual de penetrar ou sondar os propósitos da natureza, e quando eles são descobertos e tornados úteis, o produto ou resultado é denominado ciência. Assim a vida no indivíduo ou agregado é a experiência daquilo que existe no universo através do ser manifesto e gradualmente desenvolvido.

Sócrates, Platão, Confúcio falaram antes de mim. Eu enuncio esta verdade mas não passo de um instrumento, como todos os seres humanos são. Fui um instrumento na minha vida terrena e sou-o hoje! Todo homem fala não como um *inventor* do pensamento, mas por inspiração do espírito, onde os pensamentos residem, e é o porta-voz das palavras e ideias daqueles que não estão pessoalmente na vida humana.

Isso não destrói a minha individualidade. Eu não me torno indivíduo pelo mero estreitamento da esfera da minha observação e recetividade; o simples raio de luz que vem até vós hoje conduzido pelo bom sol do

momento não se tornaria mais brilhante pela filtração de um buraco de fechadura; vós que tendes tal ânsia de preservar a vossa 'individualidade,' precisais recordar que o irrevogável não pode ser destruído, que seja qual for o valor da posse do espírito individual pela paga do preço da experiência é-lhe inerente para sempre.

Eu descobri que o movimento da humanidade e das nações é exercido inteiramente com e através da influência e operação dessa inteligência final *individual*. Descubro que a verdade apresenta em cada época as mesmas características, embora variadas, de acordo com as necessidades dos tempos - as mesmas expressões da inteligência e do intelecto do poder individual.

Como o Cristianismo não foi uma fábula, como Jesus de Nazaré foi uma expressão individual de uma certa forma de verdade, como o Remesses ou Moisés foram um poder divino (individualmente, e por meio da inspiração), também toda a expressão pessoal da inspiração no passado foi exercida através dos anjos e homens - anjos esses que diferiram ao máximo em poder em relação ao presente, e em face das sempre esclarecedoras condições mortais, verdades de que eles foram os indicadores realçados.

Ainda preciso ver no espírito ou o homem que tenha descoberto uma verdade que não possuísse qualquer acompanhamento individual. Acho que as teorias Platónicas e outras que tais existentes no mundo tiveram origem em Platão (ou nos seus autores acreditados) como o centro externo, oriundos de um indivíduo no mundo do espírito que constituía um centro espiritual. Jamais descobri um feito bom ou mau que não possa ser seguida até uma individualidade qualquer. Nunca descobri ação alguma cuja origem não fosse dar a uma individualidade qualquer e, conquanto eu não seja crente em demónios das trevas retratados no passado como seres individuais, tenho uma fé plena de que as condições de vida que lhes são atribuídas pela mente que busca retratá-los à vista em cores enegrecidas, eram um reflexo de estados individuais conhecidos *experimentalmente* dos peregrinos humanos ao longo da estrada da vida.

Por isso acredito no Satã (em toda alma humana) mas não como um poder externo individualizado do mal; creio que se acha em vós e em todos os espíritos individuais em maior ou menor grau - dependendo da posição obtida na linha do desenvolvimento desde as baixas até às elevadas condições. Esses graus, e a atitude em que colocam os que os

possuem, não destroem a responsabilidade daqueles que se encontram dentro dos seus limites, já que todos e cada um se acha comprometido, quer na terra quer na vida do espírito, com o melhor uso de todo poder e faculdade humana conhecida a ser possuída pelo indivíduo.

Eu descubro desde o plano em que agora me encontro que todas as expressões individualizadas na vida humana e na vida física têm uma equivalente na do espírito. Uma prova para mim de que o poder temporal do Papa está a diminuir é claramente discernível pela diminuição do poder espiritual claramente demonstrado na equivalente espiritual da igreja de hoje. Pelos mesmos meios eu percebo não mais sobre o Leste o poder conquistador de Maomé, por uma outra influência lhe ter ocupado o lugar - a velha fé está a cair e o seu equivalente espiritual reflete o fato à minha observação.

Eu consigo discernir o espírito agressivamente ativo desta que é a vossa nação - em geral tão propensa à escravatura e ao monopólio - pelo que através de todos os obstáculos o caminho em frente vai sendo tornado claro e simples. Difícil quanto possa ser cada passo, no caminho da civilização é necessário preparar condições para o advento mais harmonioso daquela civilização que está para vir a seguir. Conforme as perturbações do ambiente, os resultados surpreendentes esgotados por esses enérgicos poderes e princípios que se encontram por baixo, são instrumentais na produção de efeitos derradeiros no sentido do bem geral, de modo que as forças espirituais de que vós sois os porta-vozes e instrumentos, através do esforço e do entusiasmo (assim como de um trabalho silencioso) a trabalhar nos propósitos do ser. Se o canal ficar chocado ou for imperfeito, a corrente e a expressão sê-lo-ão igualmente, e assim deverão permanecer até que as obstruções sejam removidas; se o instrumento não estiver em sintonia, não poderemos com razão procurar a harmonia na sua expressão sons de confiança - e terão naturalmente tons de desarmonia, mas aquele que sintoniza o instrumento deve experimentá-lo e testá-lo, e ver se por fim não poderá por fim emitir cadências que cresçam em uníssono e melodia, que terá sido objeto na ação da construção desse instrumento.

Assim, hoje vós estais todos a ser experimentados e testados; é para ser conhecido onde vos posicionais justamente, a nível individual; o poder de um impulso do espírito que agora chega até vós é sentido em todas as diversas ocupações, os cuidados multiplicados da vida humana, e sois postos à prova todos os santos dias - postos à prova a ver se a

civilização significa alguma coisa, se o Cristianismo terá encontrado em vós alguma expressão visível, se o fazer mal e as suas concomitantes (coexistentes, simultâneas) trevas cercam e condicionam o vosso espírito, seja por desejarem agarrar-vos um pouco mais à materialidade ou aspireis ao alcance de graus mais elevados!

Todas as coisas se combinam no sentido de profetizar grandes mudanças porvir para os habitantes do mundo material. Espiritualmente nós dizemos que as influências do mundo da alma está constantemente a fluir na direção do vosso, e o olho da ciência espiritual descobre as causas que operaram na produção o que está igualmente para surgir. Será o Cristo? A *Sua* influência tem estado a operar há dois mil anos, mas poucos e não muitos foram os convertidos e levados ao seu abraço; ainda assim ele leva a sua safra com ele e essa safra será sua quando a mudança ocorrer. Uma outra época, uma outra secção do tempo está para ser introduzida. Hoje o espírito trabalha de uma forma palpável no vosso seio.

Pensais numa civilização mais elevada que porventura sob as condições antigas ainda esteja para ser construída pelo homem; mas nós vemos a humanidade e os seus interesses a mover-se coletivamente nas suas características para o impulso de um potente Propósito Espiritual, rumo a novos canais, e reconhecemos que o que esta geração e a seguinte verão será referente aos *muitos* e não aos *poucos*.

O crescimento do homem prossegue nos planos físico e espiritual, mas em breve ele perceberá num grau mais vasto do que alguma vez antes que o desenvolvimento espiritual é o principal objetivo - que a sua expansão física não passa de um incidente concomitante no processo de nome próprio. No meu lado da existência foi-me permitido ver o poder dos anjos conforme demonstrado na história das dispensações do passado: como Osíris representou um sol que trouxe uma nova luz à humanidade, como Brahma representou o princípio divino nascido na terra junto com Vishnu e Shiva, e como levou o raio da luz imortal numa forma ainda mais clara à compreensão da mente Oriental, como Cristo corporificou o espírito da verdade ao caminhar entre os homens, Budas e Cristos e Salvadores esses que acudiram às nações no momento em que eram precisos.

Eu vi que as ondas da verdade espiritual sempre sempre acudiram ao mundo em resposta às necessidades espirituais da humanidade. Encontrei-me no espírito com Lutero, Melâncton, Wesley e outros, que

enquanto na terra foram líderes do pensamento reformador, e vi-os na diversidade de modos a rever os métodos e modos por meio dos quais os avatares espirituais, os Cristos visitaram a humanidade, e vi-os partir para novas áreas de trabalho com uma sensação de reverência e assombro pelo poder que continham no seu seio.

Vi aqueles que foram presumíveis inventores e a origem do pensamento científico, assim como os supostos fundadores de denominações religiosas de que falamos, a aprender no espírito a lição que eu lhes proponho: que as vibrações que vêm hoje até vós na forma da chamada invenção maravilhosa foram conhecidas há milhares de anos na vida do espírito, e que estão justamente a atingir a terra! Vocês sabem quanto tempo a luz que vem de Neptuno leva a chegar, assim também na terra física leva tempo para que o mundo acolha as ideias espirituais.

Felizes são aqueles que, conscientes da sua identidade, ainda têm consciência da divina individualidade da inteligência. Eu afirmo que felizes são aqueles que, cientes dos seus próprios poderes e condições, também têm consciência de que uma glória esplendorosa incide sobre eles das alturas sobrenaturais - de que a vida externa e as suas experiências concomitantes só poderão ser uma janela quando muito, por meio da qual a luz do sol de um poder de iluminação espiritual será despejada na alma, de forma que, sucessivos amanhãs contribuam para o panorama que se abre, até que o poder desça nele, por meio do qual todos os laços materiais sejam cortados e o homem deva permanecer ereto, (...) os atributos do infinito e una as mãos com aqueles anjos cuja total expressão deverá ser a da sua Individualidade Divina.

ORAÇÃO

O mundo material zomba da ideia de obterem alguma coisa pela oração. Mas a intensidade do pensamento num dado sentido, se devidamente guiado, pode produzir quase qualquer coisa. E essa forma de aspiração mental, que pede em especial um certo favor, caso não transgrida as leis naturais, produzirá certamente esse favor, desde que o vosso espírito guardião (anjo da guarda) possa chegar até esse pensamento, desde que a intensidade do vosso pensamento seja suficiente para chegar até ele.

Foi publicado um desafio, respeitante ao mundo científico, por uma certa ala de um hospital ser sido votada ao tema da oração. Se nos

deixarem e orarem e orarem à nossa maneira, isso decerto trará resultados favoráveis. Se a dita oração brotar do desejo sincero e representar a expressão de uma profusão de gente, em prol de um objetivo que não esteja a infringir nenhuma lei ou desejo da vontade divina, certamente que influenciará uma multiplicidade de espíritos, multiplicidade de espíritos essa que, ao agirem em conjunto, produzirá certamente o resultado desejado.

Mas tenham presente que a oração só pode atuar, não em resposta a um desafio da mente material mas em resposta a um desejo espontâneo e sincero que não ponha em questão a habilidade que a inteligência tem de responder. A presente condição da oração será posta em questão se disserem: “Ora bem, anjos, Deus, Espírito Divino, vejam se podem fazer isto.” A própria condição de súplica mental e espiritual perde-se. Criem condições para que os dons espirituais sejam tão positivos tal como o cientista exige nas investigações que faz, e a resposta será igualmente precisa. Ele exige certos laboratórios, certos lugares escuros, certas forças, certos químicos; nós também exigimos certas condições; deem-nos essas condições se a resposta virá.

Pergunta: Teremos entendido bem, que queira dizer que toda a oração sincera produz, ou põe em operação, forças do mundo espiritual com a mesma certeza com que o fogo converte a água em vapor?

Resposta: Entenderam; toda a oração põe em operação forças no mundo espiritual, tal como o fogo torna a água vapor. A concentração de uma dúzia de mentes terá mais efeito, mais seguramente por uma dúzia de mentes atingir maior influência espiritual do que uma.

Pergunta: Disse que por veze a oração alcança o espírito guardião, se for dotada de suficiente intensidade; encontrar-se-ão os espíritos guardiães sempre presentes embora pro vezes distantes?

Resposta: Não dissemos que a oração alcance o espírito guardião, mas o espírito a quem o dirigem (pretendem), se tiverem um espírito pessoalmente na ideia, por haver um modo de o atingirem de maneira a influenciá-lo. Os espíritos guardiães acham-se presentes convosco a toda a hora; porém, há uma diferença entre presença espiritual e presença material. Uma mãe pode andar com o filho sempre na ideia enquanto trabalha, e estar ciente de que ele está a brincar, enquanto conscientemente se dedica a outras tarefas; assim, o espírito guardião está sempre ciente daquele que tem ao seu cuidado, e se houver perigo

por perto, a simpatia que o moverá será tão grande que estará instantaneamente convosco.

A NECESSIDADE E A EFICÁCIA DA ORAÇÃO

Os espíritos-guias através de Cora Richmond, em Cleveland Hall, Londres, 25 de Janeiro de 1874

O poeta disse:

A oração é o desejo sincero da alma
Quer fique mudo ou seja expresso
É a ardência de uma chama oculta
Que tremula no peito

(Prayer is the soul's sincere desire - letra de um hino da autoria de James Montgomery)

Para aqueles que estiverem familiarizados com a exaltação espiritual, com a meditação, ou com a comunhão com o Espírito da divindade, a aspiração da alma, e a elevação do pensamento, não há nada de novo que possa ser dito sobre o tema da oração. Porém, a tendência do pensamento moderno está voltada para a ciência exata, para a solução de todos os problemas do universo por meio das leis naturais; mas não há muitos meses atrás surgiu um desafio ligado a um erudito professor de ciências na Inglaterra, quando pediu que a eficácia da oração pudesse ser testada dedicando uma certa ala de um determinado hospital na Cidade, e aqueles que acreditassem na eficácia da oração devessem orar pelos pacientes particulares nessa ala, e ver se Deus lhes responderia à oração.

Surgiu um clamor de escárnio da parte do mundo da ciência, e naturalmente, um de horror da parte do mundo religioso. Porém, o fato de qualquer homem de ciência esquecer a tal ponto a sua missão e transcender a esfera da investigação científica a ponto de desafiar a Divindade numa resposta a um ponto insignificante da mente humana, demonstra o que por aí vai pelo mundo do século dezanove.

O fato de o materialismo reconhecer que não pode haver resposta alguma para a oração prova que há necessidade de uma forma qualquer de testemunho por meio do qual a natureza da comunhão espiritual com

a Divindade possa ser compreendida. As oferendas abjetas das nações pagãs aos seus ídolos, os ritos sacrificiais e cerimónias que pertenceram aos povos antigos, as oferendas de seres humanos que ainda agora ocorrem entre os Brâmanes e os Hindus e muitas das nações pagãs e idólatras, não estão, na nossa opinião, ligadas ao espírito da oração, nem têm nada que ver com a forma de veneração expressada e compreendida na linguagem de Cristo.

Ou Deus comunga com a alma humana ou não comunga em absoluto. Ou ele responde aos pensamentos e aspirações, sentimento, desejos, e ânsias da humanidade, ou não. O Senhor do universo ou é cego, surdo, desumano, e destituído de inteligência, ou existe um poder, uma inteligência, uma alma e uma mente que podem responder ao pensamento humano. Os materialistas afirmam que a oração não obtém qualquer resposta; que os grandes poderes do universo são governados por leis; que essas leis são inflexíveis, inexoráveis, ilimitadas, imutáveis; e que a humanidade não poderá nunca receber uma resposta a menos que peça algo que se ache em harmonia com as leis naturais, e imediatamente se ponha a trabalhar de acordo com isso para o alcançar.

Consequentemente, a oração por pão na oração ao Senhor é considerada supérflua; já que é alegado pelo pensamento moderno, e não com pouca razão, que, se um homem desejar ter pão deve semear para colher e reunir o grão, e o pão virá; e se desejar poder temporal ele precisará edificá-lo por meio da ambição - por meio de todo esforço da sua natureza material; se desejar obter sucesso no campo de batalha, ele deverá não só orar, mas ter do seu lado os mais vastos exércitos, as armas mais poderosas, a artilharia mais potente, e a melhor defesa com a qual consiga resistir ao inimigo; mas a oração não está de acordo com o espírito da ética militar. O comandante de exércitos que ora também fará tudo quanto tiver ao seu alcance para obter sucesso naquilo por que tiver orado.

Na nossa opinião esses extremos constituem um erro. Devíamos orar por coisas materiais por formas materiais. Deus dotou a humanidade de inteligência, de mãos e de pés, de cabeça para trabalhar, de uma terra repleta de abundância, e ele ora de acordo com as leis da Natureza - joga a semente na promessa de que o tempo, e as leis que Deus estabeleceu, traga a colheita. Mas o materialista também quererá que oremos por coisas espirituais da mesma forma. O materialista aplica as leis espirituais aos métodos materiais; pelo que, se o homem precisar

caminhar ou cavalgar se precisar deslocar-se de um lugar ao outro, e precisar trabalhar se quiser ter o pão de cada dia, e precisar conformar-se às leis da Natureza se quiser gozar de saúde e atividade, o materialista diz que também devem orar com leis materiais para conseguirem fins espirituais, esquecendo que, na capacidade dupla e natureza dupla que o homem possui, pode ter requisitos para além daqueles do corpo; esquecendo que podem existir outras leis que transcendam aquelas da natureza física; que podem existir outros métodos que a ciência não tenha descoberto, por meio dos quais a natureza espiritual seja sustentada e alimentada.

Estamos bem cientes de determinadas leis da ciência, recentemente descobertas, que transgridem e que suplantam as leis previamente conhecidas; sabemos muito bem que todo o problema material da vida assenta numa constante e absoluta progressão de uma fase da descoberta para outra. O materialista esquece-se que a porção mais elevada da natureza do homem requer sustento espiritual, e esquece igualmente que, embora a Natureza seja ampla o suficiente e a ciência tenha chegado muito longe, poderão existir leis que a ciência não tenha ainda explorado, e Deus poderá ter métodos que o homem presentemente não compreenda.

O Professor Tyndall faria bem, antes de desafiar a Divindade com respeito às Suas leis e método de atender à oração, em se esforçar por se colocar numa condição em que apurasse aquilo que a oração é; porque, enquanto o homem de ciência tenha aderido estritamente às leis necessárias na investigação das coisas materiais, enquanto flete o joelho para a Natureza e pesquisa os seus mistérios para poder viver aqui, quando chega ao vestíbulo da alma imortal, e à grande estrutura desse tecido espiritual, para o qual a humanidade se volta e para o qual deve voltar em busca do seu sustento espiritual e desenvolvimento, letrados e sábios destituídos de reverência e respeito, destituídos até mesmo da mais comum integridade da sua ordem, destrói a estrutura da fé e da espiritualidade e diz: “ Não há nada verdadeiro exceto a razão; só isso satisfará.”

Mas vejamos se, nestes métodos de comunhão espiritual não existirão leis efetivas, exteriores, que infrinjam e suplantem até certo ponto, as leis estritas do materialismo. Torna-se evidente, à mente que raciocina, que o corpo precisa ser nutrido e vestido e sustentado. É igualmente evidente que a mente precisa ser educada, trainada e disciplinada. Quantidade

nenhuma de génio responderá a menos que também haja cultura, inspiração e orientação. A natureza espiritual do homem, a vasta alma livre que supervisiona, governa, orienta, dirige a material, regida por leis justamente tão perfeitas, e consequentemente justamente capazes de demonstração, em que não pode haver mais violação, não maior infração do que possa haver nas leis físicas.

A natureza da existência espiritual do homem, pois, é aquilo que o estudante deveria desejar descobrir, e o que homem nenhum alguma vez fará por meio de métodos físicos e materiais. Requererá o desenvolvimento de outras faculdades e poderes, de outras qualidades da mente, para a abrir e compreender de forma cabal. Vejam com quantos anos de estudo e de pesquisa o mundo da ciência esperou pelo aperfeiçoamento dos instrumentos do telescópio que auxiliariam a vista humana na penetração dos mistérios do sistema solar. Quantas estrelas não foram acrescentadas ao firmamento com as maravilhosas descobertas da ciência! A vista do homem não era suficiente, e foi aumentada mil ou cem mil vezes. Não poderá ser verdade que a visão espiritual do homem também seja limitada e que ele requeira um cultivo nesse sentido, para poder compreender as leis da visão espiritual? Não necessitará ele de um telescópio por meio do qual possa compreender um espectro mais amplo da visão espiritual, e compreender mais a sua própria natureza espiritual?

A ciência esforça-se, com razão e materialismo, por controlar aquilo que é do domínio da intuição e da espiritualidade; a ciência esforça-se por arrastar para baixo o espiritual para o nível dos sentidos físicos; e assim, se Deus e o espírito não aceitam o desafio de serem solvidos no seu cadinho, então Deus e o espírito não têm qualquer existência. Por a Divindade não Se permitir ser descoberta pela análise microscópica, nem permitir que a sua secreta essência da alma seja descoberta no *experimentum crucis* (experimento crucial da ciência), por a alma do homem ser composta por materiais mais refinados do que os que a ciência pode analisar, a ciência afirma que não existe a alma, e que Deus não existe; que o universo é vazio, e que os poderes do homem se endereçam para cima e para fora na direção do vazio.

Mas com isso se revolta a alma do homem. Toda a presença espiritual, toda a mente inteligente, sabe que existe algo na sua organização - espiritual ou não - que reivindica superioridade em relação a esses meros gostos materiais; que existem forças espirituais que pertencem ao

espiritual que, muito embora a ciência não as descubra, proclamam a sua existência com potência e poder; que o próprio pensamento, nas suas múltiplas (miríades de) asas, desafia o tempo, o espaço e a ciência, e se estende até à vasta região da imaginação, da poesia e da fé; que a religião, com a sua testa alva e sempre viva voz, falou ao homem de todas as eras e por meio de múltiplas línguas, mesmo por meio dos lábios cujas palavras acabaram de ser lidas, com mais potência e de forma mais poderosa por causa do lapso do tempo.

Elas despertaram uma resposta em muitos corações; contudo vocês têm apenas uma consciência intuitiva delas em vós. A expressão externa foi dada e acabada há centenas de anos; mas essa expressão acha-se incorporada nas vossas próprias almas pela voz que se acha dentro de vós. É bem verdade, como o homem de ciência afirma, que se Deus atende à oração deve ser de acordo com a lei; mas ele precisa deter-se por aí. Não é de acordo com as leis materiais; e os métodos pelos quais a Divindade atende à oração só podem ser do conhecimento da Divindade, e daquelas almas que se encontram em comunhão com a Divindade.

Aqueles que não possuem alma alguma, ou que imaginam que não possuir nenhuma, não podem encontrar-se no âmbito da operação daquelas leis tal como o cego não consegue distinguir o sol. As leis por via das quais o espírito interage com o espírito só podem ser do conhecimento daqueles que mantêm uma tal interação; não daqueles que, espiritualmente cegos, tateiam e afirmam não existir qualquer luz espiritual. Existem sem dúvida muitos métodos - sem dúvida meios incomensuráveis e canais - tão subtis, refinados e delicados, que não os conseguem medir pelo pensamento, por meio dos quais o Infinito realiza os seus ternos propósitos e tornam até mesmo o mais desprezível escravo e mais baixa mente da terra subserviente aos seus desígnios. Sem dúvida que os métodos através dos quais o Infinito resolve os problemas da humanidade pelas eras pode não ser conhecidos nem estar à altura da compreensão, mas toda mudança subtil de pensamento e destino que se desvenda à vista do homem, constitui uma solução qualquer do problema divino que lhes é apresentado para que resolvam.

“A oração constitui o desejo sincero da alma.” Ora bem, desejos há que não são da alma, mas esses não representam o motivo adequado da oração. Aqueles gostos materiais que não podem elevar nem alçar podem não ser motivo de oração - nada exceto aquilo que vem do âmbito

da província dos requisitos espirituais; porque até mesmo o pão do dia-a-dia por que Jesus instruiu os seus seguidores a orar não deixa de ser uma forma de expressão, e poderá significar uma simpatia viva por aquilo que é necessário na vida e não o supérfluo; não apenas aquilo que fortalece simplesmente a ambição e a esperança externas, mas as leis pelas quais o espírito pode mais diretamente comungar com o Infinito precisam ser conhecidas e compreendidas por todo indivíduo.

Aquilo que os eleva para mais perto do mais elevado e do melhor é a vossa melhor oração; aquilo que os ergue, exalta e eleva constitui a vossa oferenda do espírito; aquilo que os liberta dos vossos sentidos, do vosso ponto fraco favorito e insensatez peculiares, aquilo que afasta do egoísmo e (daquilo que) torna o espírito inconsciente da própria da humilhação, isso é a melhor oração. Como haverá Deus de atender à oração quando a alma, emparedada e mergulhada nos sentidos exteriores, apenas flete o joelho e murmura uma palavra ou forma de oração sem o espírito? “Mas,” dirá o materialista, “isso está tudo muito bem, porém, não satisfaz a objeção de que Deus não transcende nem pode transcender as leis naturais em função de quantidade nenhuma de orações.”

Que coisa serão as leis naturais? Quem foi que colocou um limite nas divisões do infinito? Quem foi que apontou a qualquer mente finita os métodos por meio dos quais a Divindade pode operar? Não é por efeito de um medo abjeto e servil, ou simplesmente pelo fato de acreditarmos cegamente que a Divindade possa fazer qualquer coisa por assim estar escrito; mas é por o Infinito, livre da ansiedade para com a própria condição de infinito, dever ter métodos adaptados aos requisitos de toda natureza espiritual individual; é pelo fato de, se existir uma alma no ser humano e um espírito chamado divino e perfeito, dever haver algum método de comunhão entre ambas, e limitar as leis da divindade é atar o Infinito e afirmar o absurdo.

Cremos que tem sido posto à prova a fundo, e que as palavras diretas do texto que citamos dizem que uma mente não pode ser suficientemente potente, nem poderosa, nem concentrar-se, para pedir espiritualmente e receber, mas diz que, se dois de vós ou três em especial se reunirem, com o que mostra que deve existir requisito de uma condição. Que condição será essa? Que um desejo suficientemente intenso, um poder da vontade suficientemente potente, ou elevação do

Espírito, uma investigação suficientemente grande e persistente, inevitavelmente provocará uma resposta.

De modo que, se um de vós tiver uma vontade e um desejo forte de conhecimento espiritual, poderá ser que a força da vossa vontade prevaleça; pois o poder do Espírito reside na vontade - aquela força potente e subtil por meio da qual o tempo e o espaço são superados. Poderá acontecer que pessoalmente não tenhais muito; outro que atue convosco formará um poder adicional, e três formarão um poder ainda maior, e se uma multidão estiver de acordo quanto a uma certa coisa, pensam que a vibração mental não alcançará substância espiritual? E essas substâncias espirituais por sua vez alcançam outras, até por fim a própria alma do universo ser penetrada.

Aqueles sons que vibram na atmosfera externa propagam-se indefinidamente na proporção da força e intensidade que têm. Suponham que é acrescentada uma voz, e a seguir três ou quatro, e todas as vossas vozes se tornam tão potentes e subtis que chegam a alcançar milhas. Bem, a atmosfera espiritual acha-se sujeita às mesmas vibrações. Vocês pensam uma coisa, e seja ela boa ou má, na proporção da intensidade que obtiver vibrará nas ondas do pensamento até atingir o objeto para que o dirigem.

Se o pensamento for fraco, a vossa vontade será fraca, e propagar-se-á debilmente pela atmosfera espiritual; mas se for decidido e célere e encerrar amor interno ou ódio, e for dotado de uma perfeita fé fervorosa ou exatidão, alcançará cada vez mais longe até que as suas ondas abranjam muitas almas para além da vossa. É a isso que Cristo se refere quando deseja uma oração mais sincera; e se duas mentes sinceras estiverem de acordo quanto a qualquer objetivo de trabalho, menos passível se tornará de ser egoísta - e com maior probabilidade será uma que pode pertencer à região dos dons espirituais.

Quando oram sozinhos poderão achar-se limitados, poderão ver somente as vossas próprias pretensões e necessidades egoístas, poderão desejar algo que não vem no âmbito dos dons e poderes espirituais. Mas uma outra mente junta à vossa, ou três ou quatro, formarão uma atmosfera espiritual, e sobre essa atmosfera as ondas deverão vibrar até ao centro da própria alma.

Aqueles que mantêm interação com, ou acreditam na intercomunicação com os espíritos dos que partiram, e aqueles que por vezes têm

consciência de que, num grau limitado esta ideia da oração é aplicável à presença dos espíritos dos seus amigos, se o ansiarem sinceramente, se seriamente desejarem a presença de um espírito amigo, frequentemente ocorre que esse anseio e esse desejo forme a própria atmosfera em que ele poderá abordá-los.

De forma que, pelo desejo e a aspiração a coisas espirituais entrareis em contato com seres espirituais; mas poderá acontecer que até mesmo com a realização de uma oração especial Deus nomeie os vossos anjos da guarda - os espíritos que lhes assistem. Esses achando-se presentes andarão de um lado para o outro no caminho espiritual, mas a atmosfera espiritual terá aberto em si uma forma de responder a essa oração.

Tem muitas vezes sido perguntado que ocupação os espíritos podem ter. Se todos os desejos e orações dos mortais devessem ser literalmente atendidas, Deus poderia empregar toda a sua hoste celeste a dar resposta através dos espíritos auxiliares. Mas nem todo desejo pode ser atendido; nem todo o pensamento é preferido, nem todo desejo que têm na ideia é um desejo da alma: apenas os pensamentos espirituais, os desejos mais sinceros, podem formar a matéria da resposta à oração; e pelo que quer que for que isso seja produzido, seja por que métodos for que a Mente Divina opere, ela sempre os leva para mais perto da atmosfera espiritual de que falamos.

Foi por isso que Cristo disse que devem pedir para poder receber; devem bater antes que lhes seja aberto; precisam buscar antes de encontrarem; porque buscando, a própria volição é acrescentada ao ímpeto espiritual por intermédio do que poderão receber a dádiva. Os dons acham-se ao vosso redor. O ar acha-se repleto de bênçãos, e o céu sem voz derrama aguaceiros de esperança. Deus acha-se gravado e expressa-Se em toda a forma de beleza que os rodeia. Contudo, quão cegos não estão para com esses dons e bênçãos a menos as peçam! Quão embotado não se mostra o sentido e quão imperfeita a visão na compreensão dos poderes e da bondade que Deus já concedeu.

Se pedirem pela misericórdia de Deus, olhai, ela encontra-se à soleira da vossa porta! O vosso coração acha-se aberto para a receber; mas precisará aí ficar a aguardar se não procurarem. O cego vai até o campo e não vê as belezas da natureza nem o esplendor espalhado diante dele. Também aquele que não consegue contemplar a beleza da velha floresta, nem compreender as diversas formas da natureza que se destinam a aliar-se da verdade espiritual; não consegue encontrar essas

bênçãos ocultas; por a alma ser o fonte daquilo que a alma eventualmente vier a receber, e impresso essa ideia em vós, não só com respeito ao vosso desejo e devoção mas à lei da vida espiritual por meio da qual poderão habilitar-se a influenciar e a interagir com os seres espirituais que imaginam acharem-se longe da vista e fora do alcance.

A ânsia sincera, o desejo, a veemência do espírito, compõe o poder potente pelo qual o espírito pode responder; e se alguma resposta à vossa oração ou mensageiro do amor divino surgir, certifiquem-se de ser um pensamento ou ideia inspiradora ou de exaltação que lhes possibilite até mesmo um vislumbre daquele reino espiritual que foi afastado da terra, ignorado por ela, e inteiramente negado pelo materialismo.

Pensem no reino de beleza, glória e deleite em que as vossas almas podem ser admitidas simplesmente pela oração no sentido da interpretação que demos. Considerem que todas os cenáculos da mente - a estrutura espiritual do templo da alma - em que só entrarão pelo desejo. Vós não podeis ser forçados a ascender. Nenhum guia nem espírito os levará contra a vontade para a região da vida e da luz. Precisa ser o crescimento, a aspiração, o desejo, a ânsia, a alma - essas são as asas sobre as quais a alma se alça para o reino espiritual que se encontra por cima das vossas cabeças.

Fora da vossa vista, na região que vocês não penetram muita vez, e onde poderão não entrar agora, encontra-se esse reino da imortalidade; tão perto de vós que o seu sopro lhes pode tocar a face e bufar-lhes ao sobrolho que vocês não têm consciência dele; tão perto que as palpitações do vosso coração não são tão evidentes e audíveis quanto a pulsação do espírito daqueles que buscam; tão perto que, se tivessem noção da sua Divina presença e magnífico esplendor, ele lhes haveria de iluminar o caminho escuro das vossas vidas, e tornaria o barro da terra agora escurecido resplandecente de belezas e esplendores divinos. E não só ocasionalmente nos vossos momentos de fé, de esperança e de oração - não só ocasionalmente - peçam no meio da vossa vida perfeita e divina; podem faze-lo sempre. A porta da oração acha-se sempre aberta. A cada instante das vossas vidas podem não só inalar a atmosfera material, mas a atmosfera espiritual que inspira e fortalece.

Quão cega é a ciência que tateia tresloucada em meio à própria bênção que se recusa a aceitar e depois diz com imperturbável indiferença: "Não existe vida, não existe espírito, nem imortalidade, nem alma, nem Deus!" Pensem no que poderia ser de vós se estas palavras fossem

verdadeiras. Pensem no que as vossas necessidades seriam se lhes ensinassem que são uma verdade; porque assim como a mente pensa, assim também se tornará nisso.

Se rezarem na direção da terra, assim também haverão de se arrastar pelas malhas da noção do tempo, e construir hoje aquilo que amanhã será arrastado - lançar sementes do que virá a ser colhido com base no acaso, e que produz espinhos e cardos em vez de fruto. Mas, se em lugar disso vocês orarem para o alto, através da entrada do templo espiritual, através das faculdades que possam ser alargadas e expandidas, por meio de pensamento, mente e alma, através da aspiração e da oração, através das coisas do espírito, através de uma perfeita elevação divina da alma, poderão ter a resposta à oração.

Contemplem as respostas aos vossos pedidos! As ânsias satisfeitas e as dúvidas afastadas; pois assim como cultivarem o pensamento, a ânsia, o desejo, também o seu poder aumentará. Com um raio adicionado à lamparina, uma maior quantidade de trevas são dispersadas; assim, uma luz acrescentada à vossa mente, e a seguir outra e mais outra, iluminá-la-á e por fim dispersará essas brumas da dúvida, do preconceito e do erro que há muito têm mantido a terra na escuridão. Quanta vez com aqueles que oram corretamente, cai a oração por terra, e sem vida e consideração fracassa por falta de vigor. Para aqueles que se esforçam há por vezes um tanto de dúvida e do desespero, por causa do entorno e do embotamento das coisas do tempo e da perceção.

Mas acreditem que há para toda a alma e todo o pensamento uma passagem aberta - a porta da vida, o caminho que leva a este reino espiritual. Podem todos entrar e partilhar das suas verdades. As leis que governam o espírito, assim como as que controlam a matéria, e as leis pelas quais as vossas almas entram em comunhão umas com as outras, com os seres espirituais, com os anjos elevados, com a própria Divindade, são conhecidas e compreendidas por Deus. Para descobrirem essas leis, estudarem seriamente esses dons espirituais, cultivá-los com a oração, a mente, o coração e a alma, deveria ser o domínio das vossas ocupações religiosas.

Porque se a alma não for dada à expressão e à cultura, a que poderá dar-se ela? Se a vida em vós e a luz da mente não forem para a expressão, a expansão, o deleite, a que mais poderá ser dada? E a oração do tipo mais verdadeiro e mais elevado constitui essa via - esse

agente por meio do qual poderão pelas qualidades da expressão encontrar a comunhão perfeita e absoluta com o divino. Quando receberem uma resposta perfeita e absoluta através do ministério dos anjos, por meio dos pensamentos sublimes que descem até vós através da escuridão das barreiras do tempo e da perceção, dos caminhos e passagens que levam a regiões mais resplandecentes, através da própria morte mesmo, que mantém a terra nos seus grilhões e a alma do homem na intimidação - pois até mesmo a morte é afastada por isso, e vocês entram na região da vida e da luz e da esperança e da alegria incomparável.

Mas não só num simples enunciado verbal. A oração é aquela condição em que a própria alma, decidida nas suas aspirações divinas, busca ansiosamente aquilo que expressa em palavras. Palavras são atos. Vocês não deixam de *entreter* o vosso desejo, mas expressam-no uma e outra vez até que, pela própria seriedade e poder, ele se torna numa realidade viva. Mas as palavras não chegam. Precisa haver fervor e ardor; precisa haver esperança e aspiração; precisa haver, acima de tudo, um acúmulo de pureza, paciência e vontade de esperar; além disso precisa dar-se uma luta com o tempo e a perceção, uma superação de todo egoísmo e ambição mesquinha.

Porque entrando numa atmosfera dessas de pensamento elevado e grandioso, estarão a afastar de vós todas aquelas coisas indignas e profanas. Lutem por esses dons; peçam sempre; assegurem-se de que a resposta lhes chega. A alma humana jamais suscitou uma questão que na beneficência divina da Deidade não exista uma resposta. Pois quem quer que os tenha dotado com a ideia de formular uma indagação, também moldou nos espaços esféricos a estrela dourada da sua resposta. Quem quer que tenha dado uma esperança viva ao espírito humano, terá talhado uma resposta e uma realização.

Por conseguinte, no domínio da alma todas as ânsias serão atendidas. Toda a ideia e vontade de sondar os mistérios que se encontram para além da morte e da sepultura podem encontrar uma resposta. Ah, quantos corações frios e cansados e olhos ansiosos não oraram através da névoa turva das lágrimas da tristeza com o desejo de encontrar uma voz em resposta, um eco do mundo sem voz onde, dizemos nós, se encontram os amados! Mas a oração trará seguramente a sua resposta. Debatam-se, lutem, e por alguma forma, sagrada para os vossos corações e mais próxima das vossas vidas, virá uma resposta, tão suave

e piedosa quanto a queda de um pombo, ou o doce orvalho do crepúsculo que desce e se espalha pela terra, ou quanto os sons harmoniosos despertados pelos ventos nas árvores da floresta. Assim será a resposta à vossa oração.

Mas vocês não podem, não dão ouvidos à voz da verdade, se não receberem nem vierem a receber o espírito; se, curvados pela ignorância e pelo medo e pelo materialismo continuarem a tatear às apalpadelas, então a voz do espírito, à semelhança do relâmpago e do trovão, ou das ondas do mar, irromperá por toda a parte, e eis que sentirão o seu sopro; pois não permanecerá silencioso por muito tempo. Esse espírito, essa voz há muito tem sido calada; mas nem sempre será assim.

Tal como o rio da montanha quando entupido salta todas as barreiras e inunda os vales, assim também o homem, através do seu materialismo, provocará um dilúvio que varrerá com a virulência e a corrosão das eras. Não se curvem em reverência ante os vossos ídolos; não se dobrem na servidão, no medo e no ódio, nem na corrupção; porquanto o espírito aguarda somente, a pedir numa voz branda e acentos de súplica para poder entrar. Mas se vocês não o receberem, então um clamor potente deverá erguer-se e varrer por todas as nações e todos os povos, e levá-los a conhecer a presença do espírito. É suave e amável, porém potente e poderoso; e tal como os céus se encontram acima da terra e ao seu redor, também o poder de Deus, e o reino do espírito abrange a vossa terra e os vossos corações; também a voz, a voz minuciosa se acha no vosso meio hoje, fortalecida através do lapso de anos, mais paciente através do sofrimento do mundo, mas à espera. Se ouvirem e receberem a sua voz, e pedirem pela sua inspiração, eis que ela vo-lo dará; mas sempre que um ou dois de vós pedirem em nome da Verdade, isso ser-lhes-á dado.

O ESPÍRITO

Um Discurso Inspirado, proferido pela Sra. Cora LV Tappan no Royal Music Hall, em Holborn, Londres, na noite de Domingo, 19 de Outubro de 1873.

Amigos, como tema desta noite vamos traçar-lhes algumas das letras do alfabeto espiritual, começando pela letra A. Certas mentes não familiarizadas com as verdades e fenómenos do Espiritualismo moderno

têm a ideia equivocada de que afirma revelar qualquer princípio espiritual essencialmente novo. Não revela. O espírito que existe no universo, que preenche todo o espaço, que é o começo e o fim de todas as coisas, sempre manifestou a sua presença em várias formas aos sentidos do homem: por vezes através dos profetas criados especialmente como porta-vozes escolhidos da Mente Divina.

Outras vezes, por intermédio de videntes e de sábios, que, embora inconscientes da sua inspiração, ainda proferiam as palavras do Espírito infinito. A lei primordial do ser é o espírito; o poder e a força primordiais do universo é o espírito: do contrário, não poderia existir vida. O materialista está acostumado a começar pela matéria e, debatendo-se ao longo das diversas fases da investigação científica, detém-se no próprio limiar da verdade espiritual, a dizer: "Não podemos entrar aqui; não nos é dado qualquer poder." Nós, por outro lado, começamos pelo espírito.

Sem isso não existe qualquer alfabeto do espírito, nem linguagem da mente, nem comunhão da alma, e toda a história passada é uma ilusão - uma *ignis fatuus*. Não há existência na terra, a menos que comecemos com o espírito. Agora, esta lei do espírito, distinta do materialismo, é o objeto manifesto e expresso do Espiritualismo hoje. Não é uma nova teologia - algo distinto de qualquer das antigas teologias - mas a revivificação de uma antiga fé. Todos os sistemas antigos apresentaram muita forma e muito pouco espírito.

Pois gradualmente, à medida que o poder e a riqueza aumentam, à medida que a civilização e a ciência do governo avançam, a religião ou as visões teológicas, assumem uma forma material, e o espírito torna-se menor que a letra do culto, a alma é enterrada sob a forma e a vitalidade esvai-se das antigas formas de veneração. Mas nos altares mais antigos de Deus, no início primitivo, no começo da história humana, esse alfabeto do espírito é manifesto. Deus, ou qualquer que possa ser o nome deste Espírito, fala a uma só voz; a Sua natureza é uma só; a Sua mente e propósito são um só; a grande Alma unitária do universo. Múltipla é a expressão da Sua vida, infinita na diversidade de formas que, em última instância, O expressam, o Seu espírito é o elemento onipresente. O Espiritualismo não acrescentou nada a essa manifestação. Nem sequer chegou perto disso, por as manifestações espirituais de hoje nada representam de novo entre vós e a Mente Divina, mas simplesmente um interesse ampliado entre as almas

incorporadas e as almas desencarnadas. Sabemos que a ideia está disseminada pelo mundo, e que um teólogo materialista Alemão e outros tentaram provar a inexistência da alma. Durante anos tem sido debatida a existência de um Deus.

Não é questão que o intelecto humano investigue, se Deus existe ou não. Não é questão que a mente humana possa ousar considerar. Se não houver por todo o universo uma revelação da Mente Divina tão palpável a ponto de levar os Materialistas e Intelectuais a sentir reverência diante da sua presença, não nos compete a nós discutirmos a questão com eles. Há uma revelação de Deus em todo espírito humano. Há uma voz íntima que lhe dá conhecimento dessa Suprema Existência; e se vocês não tiverem essa voz, e se vocês não tiverem consciência dessa Presença, nenhum poder do intelecto humano lhes poderá dá-la. Nenhum mero intelectualismo poderá estabelecê-la; não é para ser argumentado em termos de tese ou antítese.

É uma certeza positiva, ou não haverá nada na existência; e o próprio intelecto desfaz-se em pedaços. Este Espírito Divino, conforme dissemos, falou em todas as eras e não esperou que o século XIX apresentasse as suas manifestações, potência e poder. Deus fala em todas as eras a todas as nações da terra. Ele deu a cada idioma um profeta; e todas as nações tiveram o seu messias para estabelecer o elo de conexão entre a Mente Divina e a humanidade; e aqueles para quem o Cristianismo tem sido a religião revelada, aceitaram intelectualmente apenas e estabeleceram aquilo que os profetas mais antigos já haviam afirmado. O Espírito está na afirmação; exprime-se pela afirmação positiva, pela intuição e não pelo argumento.

Na sua expressão não apela de forma nenhuma ao intelecto, mas apenas ao espírito humano. Vocês não podem descobrir Deus por meio de nenhum experimento científico, por meio de nenhum instrumento astronómico, não o conseguem determinar por nenhuma fórmula matemática; não tem assento no âmbito da razão humana estabelecer a Sua existência; mas pela lei do espírito humano, pela sua intuição, pela sua própria existência, Deus está presente em todos os corações humanos e em todos os átomos da vida. A Sua lei criou-os. Mais vale que se esforcem por reverter a ordem da natureza e andar de cabeça para baixo; ou supor que a lei da gravitação possa ser invertida e ver

todas as coisas a sair do centro comum em vez de irem na direção dele, do que tentar resolver essa questão intelectualmente.

A lei do espírito é suprema - estas posições não procedem do ponto de vista de nenhuma lógica. Eles não apresentam nenhuma razão à dedução lógica - não há sistema de raciocínio que o iguale. É um sistema de economia divina que se manifesta àqueles que são inspirados, que recebem a sanção de toda a raça humana, que tem sido proclamada pelos profetas, que todo coração e mente sente ser verdade quando lê as palavras da inspiração, ou quando se encontra sujeita à subtileza da presença de Deus. Manifesta-se à consciência individual. Nós não - quer se encontrem aqui materialistas, ateus ou intelectuais presentes, ou não - nós não procuraríamos estabelecer a existência desse sistema. Sem a Sua existência, não poderia haver qualquer ser, nem vida alguma. Voltem os vossos pensamentos para dentro: afastem todo o intelectualismo, todo o raciocínio material e sofista, com que vocês estão acostumados a discutir todas as outras questões, e lembrem-se de que vocês são dotados da única perceção do espírito, através da qual vocês podem discernir não apenas o espírito de Deus, mas o espírito das almas individuais. Esse discernimento e a sua expressão eram conhecidos no tempo de Jesus como os "dons espirituais" e expressam-se por várias formas e fases.

Assim, entre os discípulos e seguidores de Jesus, e em todos as épocas anteriores, existiram dons espirituais, os dotados dos quais a Mente Divina visitava. Esses dons espirituais não ocorrem de acordo com qualquer sistema da ciência material. Eles pertencem à área da mente, ao domínio do espírito. Eles são o resultado da fé, da oração e do trabalho sério, e não do conhecimento exterior, superficial e externo.

Os eruditos não podem adquiri-los, nem podem eles ser ensinados nas escolas. Eles são aspetos do discernimento espiritual; e aqueles cujas mentes e espíritos são mais exaltados, possuem o máximo desses dons espirituais; enquanto aqueles que rastejam nos sentidos dependem de canais materiais e intelectuais para qualquer perceção, e não compreendem, exceto o reflexo obscuro que o mundo apresenta até mesmo dos assuntos mais externos. Foi, por isso, determinado pelos Materialistas que o reino do espírito e o alfabeto dos anjos podem não ser conhecidos entre os mortais; que o mundo espiritual não tenha voz ou ouvido no vosso seio; e todas as teologias têm sido postas de lado

por os materialistas dizerem que a teologia e a religião vêm da idade das trevas. "Hoje," diz o materialista, "a ciência surgiu no mundo e nós provamos com toda a clareza que não pode existir nada que não venha da matéria."

Esses mesmos indivíduos dizem: "Não olhem para o passado que está morto." Nós, no entanto, dizemos, “O passado é a vossa mãe; enterrem a sua forma reverentemente, mas não esqueçam as suas virtudes; tudo quanto é grande e bom hoje foi dela. Toda a inspiração que pode ser enunciada para todas as eras tem foi proferida em eras passadas. Toda a grande verdade, toda a expressão elevada ou aspiração da alma humana, teve *expressão alada* e *língua de fogo* entre os antigos profetas e videntes.

Sim, enterrem a sua forma de maneira devota; mas lembrem-se de que o espírito vivo da verdade não se contenta com uma época e uma geração, mas permanece em todos as eras e fala a todas as gerações; que a língua das eras é sua - a língua de todas as nações e todos os idiomas. Vocês podem determinar a primeira letra do alfabeto espiritual, por a terem aprendido pela própria consciência que têm da existência da Mente Divina. Se vocês não tiverem essa consciência; se ela não surgir intuitivamente na vossa mente; se não houver nos vossos corações uma viva chama viva, mantida viva pela consciência da existência espiritual, da Mente Divina, então vocês carecerão da primeira letra do alfabeto espiritual.

Se o abordarem por qualquer dos canais externos dos sentido ou da investigação; se vocês chegarem ao conhecimento espiritual por qualquer dos meios externos, seja pela curiosidade, pelo desejo de satisfazer o intelecto meramente, ou pela natureza sensual, que precisa desse desejo, então você não terão dado o primeiro passo para aprender as letras do alfabeto espiritual. Não, só é ganho quando, com voz abafada e lábios reverentes, entramos na comunhão muito íntima com o Espírito.

Vocês precisam voltar os vossos pensamentos para dentro e se o espírito de Deus não lhes tocar o coração, se vocês não estiverem vivos com a consciência dessa presença viva, então vocês não poderão ir mais longe - vocês deverão aguardar. Pois embora vocês possam acreditar em milagres, aceitar a teologia, fletir o joelho diante de um santuário

qualquer, professar externamente ser Espiritualistas, vocês têm, mesmo assim, que aprender a primeira letra do alfabeto espiritual.

Às vezes, a criança pequena no colo da sua mãe é mais sábia que o pai de cabelos grisalhos, pois aprendeu a primeira lição da vida com a Mente Divina. Às vezes, o materialista ou intelectual é surpreendido nas suas reflexões científicas pelas palavras de uma criança que professa conhecer a presença divina e conversa com os anjos. Ouçam essas vozes. Vocês estão acostumados a suprimi-las; e se a criança fizer uma pergunta sobre a Divindade, vocês dizem: "Espera, filho, tu não tens idade suficiente para o entender ainda."

Idade suficiente! Como podem vocês julgar a idade do espírito que acabou de sair das mãos da Deidade? Idade suficiente! Não é o tempo que responde pela idade, mas a sabedoria; e a própria inteligência que induz a questão evidencia o próprio espírito da idade pelo conhecimento e sabedoria.

Se uma criança disser: "Ah, mãe, sonhei a noite passada com o meu anjinho irmão, e pensei que estávamos a brincar juntos num jardim cheio de flores lindas," vocês dirão: "O teu irmão está morto; não podemos vê-lo; só quando Deus quiser que vamos para o céu lá o encontraremos." Mas suponham que o espírito da criança tenha realmente encontrado esse pequeno irmão-anjo em sonhos, quando os sentidos externos se encontravam encerrados durante o sono.

Existirá alguma lei da Mente Divina que proíba os anjos da guarda? E não será uma das crenças mais antigas que todo ser mortal tem o seu anjo da guarda? Não reprimam esses sussurros do crescimento espiritual; não digam: "Meu filho, precisas ir à escola," ou "Precisas consertar o teu vestido" nem lhes digam para ir fazer outra coisa tão logo os ouçam falar do que se encontra além do vosso conhecimento habitual. Nenhuma família fica sem essas visitas e, no entanto, elas são todas apagadas.

As sugestões intuitivas da vossa mente pode, por muitos anos, tê-los conduzido na direção do conhecimento espiritual: vocês têm visões, premonições, sonhos - as expressões do cultivo do alfabeto espiritual - mas ainda assim vocês não lhes prestam atenção. Vocês preferem estudar as formas externas do aprendizado que os homens criaram,

enquanto aqui jaz o caminho real para aquele conhecimento de que eles se vêm privados. Quantos daqueles que buscam fervorosamente, inclinados para a oração, estão conscientes de que, de alguma forma, o ar se torna mais leve e as formas dos anjos parecem pairar ao redor quando a mente se encontra num estado de espírito de oração e exaltação! Mas na hora silenciosa do devaneio e da meditação, quando vocês colocam o mundo longe de vós, vocês têm consciência desta presença Divina. Mas vocês não falam sobre isso: vocês saem entre os vossos semelhantes com uma máscara no rosto. Vocês não têm permissão para admitir qualquer conhecimento, exceto o que é dos sentidos. Vocês não têm permissão para dizer que sentem a presença do Divino e que os anjos estão junto de vós, por a disciplina das escolas ter chamado a isso imaginação e superstição.

Que coisa será a imaginação? O próprio arroubo do espírito. Sem isso, como tudo haveria de ficar aborrecido! A imaginação é as próprias asas sobre as quais a alma se eleva ao reino espiritual. Os poetas - aqueles que habitam as regiões arejadas da imaginação - têm permissão para falar de anjos da guarda. Isso, dizem vocês, é licença poética; mas se os mortais comuns abordassem a questão dos anjos da guarda, receberiam imediatamente por resposta: "Ah, isso é imaginação! Isso é tudo superstição e idolatria." O ambiente que o poeta respira é o elemento nativo da mente humana. A atmosfera que os induz à vida espiritual é o ar sobre o qual a vossa alma subsiste.

Mais uma vez, esta letra inicial do alfabeto espiritual liga-os a todas as eras mais remotas. Condu-los de volta à evidência primordial de todas as religiões, e prova que essas religiões foram baseadas em fundamentos espirituais; que, de todas as formas de adoração, a inspiração original era a da Mente Divina; que ela falava a língua de todo país que o profeta ou vidente habite, e que a mesma lei primitiva, o mesmo espírito de luz, a mesma imagem divina residia em todos. A primeira letra do alfabeto também significa a vossa própria existência espiritual, distinta da vossa existência física; significa que aquela parte de vós que se encontra encerrada no barro - que a forma que vocês veem, os sentidos de que vocês têm consciência - não é o espírito vivo; significa que o elemento do espírito é tão antigo quanto Deus, tão primordial quanto o seu ser e revestido pelo seu sopro.

Essas são todas as máscaras que vocês carregam, vestes, coberturas externas da alma, nas quais vocês encontram a vossa habitação por um tempo; mas a primeira letra do alfabeto, quando vier a ser conhecida, levá-los-á para cima e para diante na existência espiritual, muito além das mais ousadas imaginações de que são capazes. O que sabem vocês da vida de Deus? O que sabem vocês da vida infinita e imortal? O intelecto vacila; não há método pelo qual a ciência possa sondá-lo. É somente com o olho do espírito que vocês poderão discernir a vossa própria imortalidade. O mundo espiritual ensina a imortalidade; mas isso não é de modo nenhum provado pelo que é chamado de manifestações espirituais modernas; isso só pode ser provado pela analogia.

É verdade que o Espiritualismo prega a imortalidade, mas em relação à imortalidade é como com a consciência da Divindade; e se vocês não tiverem consciência da vossa imortalidade, nenhum espírito lhes poderá dar conta dela - nenhum Espiritualismo lha poderá revelar. É um erro supor que o Espiritualismo ensine que os homens vivam para sempre.

Só lhes prova que existem depois de terem deixado este corpo; mas, quanto à imortalidade, vocês precisam procurar provas dela na vossa própria consciência.

Todo espírito individual identificado diz a si próprio: "Eu tenho consciência, eu tenho vida, eu? Tenho alento; de onde vim? A que estarei eu ligado?" e então acode à mente intuitiva a consciência: “O meu espírito é tão antigo quanto a Divindade; não há limite para o futuro; a mente não pode perecer; o pensamento não pode extinguir-se;" e ao mesmo tempo a mais sábia e a melhor e a mais avançado de todas as mentes acredita intuitivamente na imortalidade Se não isso nunca poderia ser comprovada; se não houver nada em vós que responda a essa vida imortal, nada vo-la poderá transmitir. É algo coevo com Deus - a mente.

Mas o Espiritualismo leva-os um passo além do materialismo para outra e mais alta fase da vida, para a qual o espírito é transportado depois que deixa o corpo físico; e isso é o que o Espiritualismo faz: elimina o medo da morte, afasta o medo e o horror que diz respeito a essa mudança da vida. De fato, frequentemente prova a imortalidade por analogia; mas, conforme dissemos antes, a imortalidade não pode ser comprovada; não é assunto que o intelecto humano compreenda; só é conhecido na

medida em que todas as coisas que estão relacionadas com o espírito são conhecidas - pela intuição. É o que os filósofos Alemães chamam conhecimento *à priori*; é inerente ao espírito humano. Aquilo que as escolas ensinam é o raciocínio *à posteriori*; mas a imortalidade não é provada assim.

As revelações espirituais de hoje, chamadas Espiritualismo Moderno, dizem-lhes que existe uma outra forma de vida além desta terra, na qual a existência dos vossos amigos é continuada, e isso forma um trampolim para reforçar a vossa coragem, e faculta-lhes uma corroboração externa da imortalidade; a prova deve vir unicamente de dentro, pois como poderão vocês saber que eles não vivem por um tempo e depois se vão? É apenas começando pela fundação da verdade espiritual que vocês podem construir a vasta superestrutura da existência espiritual. Vocês precisam começar pela vida espiritual. Vocês precisam começar sem manifestação alguma, por mais convincentes que sejam para os sentidos; vocês não podem confiar nelas, mas apenas no verdadeiramente espiritual. Mas, vocês dizem que muitos materialistas tomaram consciência da vida espiritual através do Espiritualismo.

Eles já o conheciam antes, só que estavam tão imersos no materialismo que não o admitiriam; e quando o Espiritualismo veio com as suas manifestações ocultas, o orgulho do intelecto foi fraco para admitir que deveria haver algum poder onde havia tanta força; e assim o materialista admitiria que existe uma Divindade. Não acreditamos que exista uma mente no mundo que não esteja consciente na sua consciência mais profunda da existência da Mente Suprema e da sua própria imortalidade. Não acreditamos que exista qualquer intelecto, por maior que seja, que não seja em si mesmo subtil e instintivamente consciente do seu próprio destino imortal, da aliança que tem com a Divindade e do fato de que para o espírito não existe morte.

Assim, entre os humildes, entre aqueles que não são dotados de intelecto, nem dotados de cultura, vemos tais inspirações do espírito como as que transcendem os mais altos voos do gênio e as mais nobres evoluções da mente científica. Vejam as maravilhas que não foram conseguidas pelos dons do Espírito entre os humildes! Vejam como Jesus ensinou entre aqueles que não pertenciam às escolas, e como os dons daqueles que receberam os seus ensinamentos estiveram além de tudo o que havia sido adquirido por lições naturais ou materiais! Vejam

como a história da Igreja está repleta de videntes e daqueles que falaram com muitas línguas, ou redigiram as páginas da história pelo derramamento das suas vidas, e pelo influxo do Espírito.

Esses mesmos dons andam por aí no mundo de hoje; não apenas entre as mentes científicas, não apenas por entre as igrejas credenciadas e exclusivas, não apenas nas terras onde as teologias estabelecidas tomam o lugar de todas as outras religiões, mas entre aqueles que não são dotados de intelecto, que não pertencem a nenhuma religião confessional, mas que buscam o Espírito e o dom vem a eles. Muitas vezes as igrejas foram dotadas desses dons e eles foram silenciados.

O Protestantismo era em si mesmo uma manifestação espiritual. Lutero teve a visita de anjos, e Calvino possuiu o dom da inspiração; mas esses dons perderam-se no dogmatismo exclusivo da teologia moderna. A Igreja Católica Romana foi mantida viva por muitos casos bem credenciados de dons espirituais. Há muitos sacerdotes que são continuamente dotados do dom de curar e que o usam para a alívio do sofrimento. ‘Imaginação,’ dizem vocês. Não terá sido fé a mão do Mestre curar aqueles que estavam mais doentes? Se, por conseguinte, a fé e a imaginação são uma só, vamos implementá-la, uma vez que proporciona uma via para fazer o bem. Dá-nos a todos imaginação, para que nos possamos elevar da argila fria e árdua.

Os dons do Espírito são diversificados. Às vezes é profecia, às vezes o dom de falar em línguas, às vezes a interpretação de línguas, às vezes a cura, às vezes o discernimento de espíritos. Quão simples! E no entanto, esses dons podem ser possuídos por todos! Os poderes dos Guardiães aliam-se a vós e, assim, vocês recebem os materiais a usar.

"Possuirei eu o dom da profecia?" ouço alguém dizer. O dom da profecia é apenas a ação de escutar o Espírito que transcende o tempo. Pensem lá nisso; para a mente não existe espaço nem tempo. Vocês não estão limitados por estas quatro paredes, vocês podem percorrer mil milhas, assim como uma só; e se isso é verdade, vocês podem prever eventos futuros, assim como o barómetro prognostica as mudanças do tempo, assim como a ciência prediz a descoberta de um novo planeta ou o reaparecimento de cometas. O espírito é dotado de profecia, mas não vem da razão ou do sentido material; vocês não podem cultivá-lo. Vocês

dizem: "As premonições são capricho de mulheres velhas e nós não temos conhecimento do futuro."

Jamais houve época importante na vida humana, que não fosse pressagiada na atmosfera do espírito, tão certo quanto as nuvens pressagiam a tempestade. Assim, sempre que uma mudança está prestes a acontecer na vossa vida, há uma advertência adequada ao vosso espírito; e se vocês conhecerem a linguagem do Espírito, vocês "poderão interpretá-la. Por vezes, vem como um sentimento opressivo de medo: fiquem, pois, certos de que a desgraça está a chegar, e que o vosso anjo da guarda está a adverti-los. Às vezes vem em sonhos, mas qualquer que seja a forma por que venha, certifiquem-se de prestar atenção à advertência, pois todas essas premonições são admitidas e, se vocês não as tiverem, vocês ir-se-ão completamente abaixo quando o dia da aflição chegar. Constitui amável permissão do Céu o fato de, por mais que vocês se encerrem na forma externa, existir algo que capacita o espírito a dar-lhes força.

"Possuirão muitos o poder de cura no mundo?" eu ouço alguns perguntarem. Sim; muitos estudiosos da *Materia Medica* descobrem que o toque da mão ou o som da voz fazem muito mais por aliviar o paciente do que todas as panaceias que ele possa encontrar, e isso por serem dotados do dom da cura. Muitos médicos descobriram que se eles administrarem um remédio aos seus pacientes isso não lhes trará qualquer bem, mas se eles o tomarem isso os beneficiará.

Muitas são igualmente as enfermeiras que descobrem que possuem esse dom de acalmar e aliviar os sofrimentos dos aflitos, e que são assim capazes de fazer mais pelo paciente do que o médico. Então pode ser cultivado. Se vocês acharem que, colocando a mão na cabeça do vosso amigo vocês lhe acalmam a dor, ou que vocês podem colocar uma criança que está a queixar-se a dormir, tenham certeza que vocês têm poder de cura latente. Muitos possuem esse dom e exercitam-no durante toda a vida sem terem consciência disso.

É verdade que vocês não conseguem curar toda a gente; mas todo indivíduo possui esse poder de cura em algum grau, e ele pode ser cultivado tocando com a mão aqueles que sofrem. Pelo exercício, o poder de cura chegar-lhes-á aos dedos e, aos poucos, tomará o lugar das drogas venenosas. Milhares e milhares de casos bem comprovados

provam que isso foi efetivado pela visita de anjos. O Mesmerismo revelou-o um tanto, mas ainda não totalmente; na verdade, é dado a conhecer pelo sentido espiritual; é o absoluto dom do Espírito.

Depois há o dom de línguas. Muitas pessoas falam em línguas que não conhecem; e a interpretação de línguas, muitos são capazes de interpretar idiomas desconhecidos. Mas o discernimento do Espírito é o dom mais sutil, dado que os capacita - não por qualquer palavra, nem por nenhuma expressão externa, nem mesmo pelas subtilezas do intelecto: são falaciosos e enganosos; mas pelo próprio poder de ler a alma, de medir a humanidade. Não há máscara que possa ser usada para encobrir a medida do Espírito; nenhuma falsidade que possa ser ocultada pior traz de palavras doces; nenhuma inveja rancorosa pode ser ocultada por um rosto sorridente, nem o mundanismo ser velado por representações externas de piedade: o Espírito unicamente é revelado ao Espírito.

Foi isso que fez Cristo, quando a mulher foi trazida àquele a quem o mundo condenou, digamos, quando ele olhava para aqueles que clamavam: "Que aquele de entre vós que estiver sem pecado atire a primeira pedra;" e ele inclinou-se e rabiscou qualquer coisa na areia. Foi registado - mas não pela atual religião aceite - que quando ele escreveu sobre a areia ele revelou a cada um daqueles que clamavam as suas fraquezas ocultas. E qual de entre todos os mortais do mundo seria capaz de ficar "diante do olho perspicaz do Mestre e a seguir atirar uma pedra ao seu irmão ou irmã caída? Se um fraco lhes trazido, e se algum de vocês que possa discernir o Espírito puder então ser censurado, então será mais forte do que aquele que foi enviado aos humildes.

"Mas o maior de todos os dons," resultante da doutrina de Cristo, "é a caridade" (compaixão). Embora vocês falem em línguas, tenham o dom da profecia, sejam dotado de toda a eloquência e, embora tenham o dom da cura dos enfermos, se não tiverem caridade, o maior e mais nobre dos dons - aquele espírito de perdão, aquela benevolência, aquele poder carinhoso de elevar os menos afortunados que vós - então vocês serão desprovidos da mais alta revelação do espírito de todas as eras. Querem falar com a língua dos anjos? Então tenham caridade. Querem ter o dom da profecia? Então saibam que toda a humanidade pode ser reunida nas pregas do conhecimento e da sabedoria. Vocês querem curar os

doentes? Então vocês também devem ter o desejo de curar as enfermidades espirituais.

Vocês têm instituições para surdos e cegos; vocês têm toda sorte de hospitais, que dão testemunho da grande benevolência desta maravilhosa terra; mas onde estão os vossos asilos para os moralmente cegos, para aqueles que, por defeito físico ou ignorância dos pais, nascem no pecado? Terão vocês hospitais para esses - escolas, asilos, onde eles, com bondade paciente, possam ser ensinados a aspirar às alturas do amor espiritual?

Terão vocês criado meios - todos os tipos de instrumentos que ensinem os moralmente cegos - esplêndidas invenções pelas quais eles podem aprender a ler a palavra de Deus? Terão vocês hospitais e cirurgiões para os doentes mentais - para aqueles que não podem andar sozinhos, que precisam de uma muleta aqui e uma equipe acolá? Eles são lançados ao vosso mundo com todas essas enfermidades sobre eles! Eles procuram ajuda. Eles enchem as vossas masmorras e penitenciárias; eles inflacionam os grandes índices do crime na vossa terra. Onde estarão os asilos para esses?

Oh, que o discernimento do Espírito possa levá-los a ver os meios de trazer luz a essas crianças abatidas! Possa induzi-los a tentar falar com eles! Que eles que se encontram na prisão e no cemitério possam ser tratados não como criminosos, mas como pacientes, e moralmente curados das enfermidades de que padecem. Mostrem apenas esse dom do Espírito, e em toda a vossa terra Cristã vocês falar-lhes-ão e dirão: “Vós estais curados!” Se ocorrer uma batalha entre monarcas e milhares forem mortos, imediatamente os movimentos sanitários apelarão para os benevolentes de todas as terras, e enviarão reservas, e os enfermeiros apresentar-se-ão como voluntários, e os pobres feridos são restabelecidos, com membros mutilados e corpos moribundos. Mas no campo de batalha da vida, no conflito das eras entre o homem e o seu semelhante em sociedade, onde estão as enfermeiras, os hospitais, os depósitos sanitários, onde algum irmão ou irmã caída possa ser levado e cuidado?

Ah, vocês têm dinheiro para construir templos e hospitais; vocês dispõem de riqueza material com a qual vocês procuram, dotando as instituições, pavimentar o caminho para o céu: mas no céu não existe

moeda corrente, exceto a bondade. Vocês não podem subornar os anjos com a vossa moeda corrente a menos que vocês entreguem o vosso coração a Jesus, vosso Mestre.

Não podem levar Deus a crer, com todos os vossos templos, que aceitam a primeira letra deste alfabeto a menos que o vosso coração também adira, até mesmo ao menor desses transgressores. Façam por isso. Se vocês conhecerem a voz do Espírito, toda a inveja, desprezo e malícia serão varridos dos vossos corações, e se tornarão claros e brilhantes, para que os anjos possam vir sem recear. Façam por isso.

Se quiserem apelar aos vossos entes queridos nos seus lares angélicos, se vocês criarem um habitáculo para eles no vosso seio, então orem pelos caídos, por atos e palavras de afeto: assegurem-se de que o mais elevado arcanjo no céu tenha atividade mais sublime do que assistir a alguma alma desafortunada; assegurem-se de que os vossos entes queridos empreguem cada momento do seu tempo em assistência às necessidades dos menos afortunados;

Certifiquem-se de que, com todos as dádivas e graças com que Deus tem dotado a vossa terra, com todo seu florescimento e abundância, e fartura, que não possam entrar em comunhão com os superiores e elevados até que as portas do vosso espírito tenham sido abertas para que a caridade e a bondade entrem. Então poderão sentar-se em volta das lareiras e, reunir-se junto ao altar da família, com hinos de louvor e oração, pedir ao vosso filho ou filha angélica que venha e não tenha medo. Então poderão solicitar a presença da vossa mãe angélica e pedir orientações e conselhos para as vossas obras de amor.

Então poder pedir pelo dom da cura, para que vocês possam sair por aí a ministrar saúde ao corpo e à mente. Então poderão pedir profecia, pois então não ocorrerá o menor dano. Mas, seja qual for a forma por que o Espírito venha, onde quer que ele esteja, seja qual for a lição que possa ensinar, assegurem-se de que a primeira lição do alfabeto passa por examinar a alma individual. Voltem para dentro e depois, quando tiverem varrido e limpo e purificado o vestíbulo, vão e vejam se o altar foi deixado puro e sagrado para a visita de anjos.

Qualquer que seja a expressão exterior da verdade que vier, chegará a vós através do sentido espiritual, qualquer que seja a revelação que lhes

possa ser dada pelos vossos amigos que partiram, tenham a certeza de que isso por si só não será suficiente. O espírito carinhoso, a oração sincera e o desejo de beneficiar os demais, são os dons do Espírito que são imortais e imperecíveis. Eles pavimentam o caminho para a vida imortal; eles formam as pérolas nas sobrancelhas dos anjos; essas são as harpas douradas com que eles tocam; esses são os lírios brancos que eles carregam nas mãos; são o hino vivo e perfeito do coro dos anjos no céu!

* * *

"Esta crença, isenta de padres, de credos, de igrejas, de qualquer ramo de culto estabelecido ou instrutores, que penetra silenciosamente em todos os caminhos da vida, e perfura toda a área da ciência, da literatura, da religião, está destinada a ser a religião do futuro."

"A religião do Espiritualismo inclui tudo o que diz respeito à natureza espiritual do homem, aqui e na vida futura; inclui tudo o que pode promover o crescimento dessa natureza espiritual, aqui e na vida futura, e estabelece a fundação desse crescimento, não com base na crença externa, na especulação, no credo ou algo que o homem exterior possa fazer, mas sobre o crescimento do próprio espírito, com base na revindicação de que o espírito tem um lugar no universo infinito. Por mais pequeno que seja, diminuto na comparação com a Alma Infinita, um lugar no universo espiritual que toda alma deve reivindicar, e tendo um lugar, tem todos os direitos, todos os privilégios, todas as possibilidades de toda outra alma.

"Com uma base destas, a religião do Espiritualismo inclui todas as religiões, admite tudo, questiona tudo, e deixa tudo despojado da mera exterioridade, desnudando a alma do culto humano para a contemplação da alma do homem. Com uma interpretação destas, a religião do Espiritualismo torna-se o poder abrangente, controlador e absorvente da natureza espiritual que habita a alma do homem."

Theodore Parker, falando sobre o Espiritualismo

O ESPÍRITO HUMANO INDIVIDUAL

Uma oração deita pela Sra. Cora LV Tappan, no Royal Music Hall, em Holborn, Londres, na noite de domingo, 26 de outubro de 1873. O público deliberou que o tema deveria ser deixado ao critério dos espíritos controladores.

O Espírito Humano Individual: a segunda letra do alfabeto espiritual. No domingo passado nós apresentamos como tema a primeira letra do alfabeto espiritual, em que o Espírito Divino, a sua existência, o poder que tem sobre os mortais, e a relação do espírito humano com o divino, foram retratados. Essa foi a primeira letra do alfabeto. Esta noite chegamos à segunda letra, que é o espírito humano individual, encarnado e desencarnado, e a relação que o desencarnado tem com o espírito incorporado.

Conforme dissemos no passado domingo à noite, não existe qualquer prova intelectual da imortalidade. Não é uma questão do intelecto humano; é que não diz respeito à esfera da razão humana: não existe nenhuma das aplicações da mente que se entregue à especulação das questões externas que diga respeito ao reino do espírito - seja a mente encarnada ou incorporada. É única e exclusivamente uma questão de investigação espiritual.

Portanto, quando o ateu, o infiel e o materialista vierem e disserem: “Onde estão as provas da imortalidade?” Dizemos: “Não há provas para o intelecto; mas as provas para o espírito são abundantes e muitas." Essa evidência está na consciência do próprio espírito humano: só isso satisfaz; só isso é prova - a aspiração absoluta, inegável, positiva e saudosa pela certeza da vida imortal. Não é nada que possa advir do conhecimento; mas algo que precisa ser inato. Não é nada que seja resultado de trabalho, do trabalho ou da luta intelectual: é inato. Porque nós acreditamos que a verdadeira interpretação do relato bíblico da criação, de que Deus fez o homem à sua própria imagem, refere a parte espiritual do homem; que a imagem de Deus se encontra dentro do espírito humano; e é isso que lhe dá a imortalidade, e é isso que o liga à mente eterna.

Agora, conforme dissemos, a ciência espiritual revela não a imortalidade, mas uma forma contínua de existência para o espírito

desencarnado. Quando a mente que se encontra agora encerrada no corpo físico deixa de habitar esse corpo, a ciência espiritual revela que ela passa para outro estado de existência compatível com o espírito, e que num estado tão avançado quanto aquele em que deixa a Terra - nem mais, nem menos; que não mergulha instantaneamente num abismo de trevas, pois nenhum espírito humano é inteiramente sombrio; nem é imediatamente transplantado para reinos de luz e conhecimento absolutos, pois nenhum espírito se encontra inteiramente livre da mácula terrena; que, como Jesus disse aos seus discípulos quando estava prestes a deixá-los:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu ter-lhes-ia dito:" mostrando que, na conceção que tinha do estado futuro, ele entendera prontamente que nem todos podiam ocupar a mesma posição e que as "muitas mansões" habitadas por aqueles que haviam entrado na vida espiritual se encontravam adaptadas à sua condição.

O Espiritualismo, como é denominado hoje, revelou à consciência exterior os métodos pelos quais a mente encarnada e desencarnada podem conversar em conjunto. O vosso espírito humano individual é uma substância primordial consciente, unitária e consciente. Não pode ser composto; se assim fosse, em algum momento seria dissolvido. Não pode ser composto de mente e matéria, pois, se assim fosse, haveria um termo assim que as suas partes componentes fossem dissolvidas, e então o espírito decompor-se-ia. Não pode ser formado por nenhum processo mental nem resultar do desenvolvimento da organização; se assim fosse, quando o organismo perecesse, o espírito também pereceria.

É em si mesmo um princípio primordial, absoluto que existe por si só, ou que existe com base na Mente Divina; consequentemente, imortal na sua substância e natureza, não possuindo nenhum dos atributos da matéria, nem estando relacionado com a matéria exceto pelo poder que tem de a governar e a controlar; daí que, quando a mente habita o corpo material empresta a esse corpo forma, contornos, cor, sensação - todos os atributos do ser; sem ela, vocês podem fazer um homem de bronze ou argila e chamar-lhe ser humano.

Chegou mesmo a ser ousado pelos cientistas cogitar que chegará um momento em que uma réplica exata do organismo humano poderá ser

formada, e o sopro da vida artificialmente insuflado nele: tal criação, no entanto, não seria um ser humano. O espírito precisa preceder a forma, assim como o germe precede o trigo ou o fruto da época da colheita: se vocês não tiverem a semente para semear, o germe para plantar, não poderão esperar consecução; assim, se não existisse um espírito a habitar cada um dos vossos corpos, vocês não conseguiriam entender uma palavra do que dizemos; o nosso enunciado cairia sobre pedra ou mármore, e na vossa mente não haveria qualquer resposta.

Esse espírito é aquilo que confere inteligência às vossas mentes; é aquilo que faz com que o cérebro desempenhe as suas funções; e se vocês tirarem do cérebro humano - do organismo humano - essa centelha da vida divina, nada mais lhes restará além de músculos, ossos e tendões sem vida, que retornam à terra de onde vieram, e novamente se tornam partes componentes de outros organismos materiais. Porém o espírito - aquilo que reage ao nosso enunciado; aquilo que habita o corpo e o reveste com graça ou deformidade; aquilo que leva a que a mente seja adornada com inteligência ou ande às apalpadelas na ignorância - essa é a parte viva e imortal - a segunda letra do alfabeto espiritual.

Portanto, quando essa parte imortal deixa de habitar o corpo material, ele fica morto; então, deixa de pensar, respirar, agir, viver e amar, como acontece agora.

E apesar de toda a revelação religiosa que nós dizemos revelar a vida imortal - apesar da ciência material - o mundo caiu na inércia e na infidelidade, na dúvida e no ceticismo, na questão singular da sua existência detetada para além do túmulo. Aqueles que veem com o olho da fé, e aguardam o alvorecer da ressurreição para encontrar os seus entes queridos, têm algo para atravessar o abismo da morte. Mas aqueles que não têm este consolo constituem a maioria, até mesmo nos países cristãos, por a maioria dos habitantes de qualquer nação não serem membros da igreja, não acreditarem nas revelações de qualquer Igreja, não se apegam a nenhum dos credos estabelecidos e acha-se à deriva sobre o grande mar da infidelidade.

Eles duvidam da existência de um estado futuro, e dizem, se lhes falarem sobre a questão: "Nós não nos incomodamos com essas coisas; deixamos que o outro mundo cuide de si próprio - já temos bem o que fazer neste." A mais perniciosa das ideias religiosas modernas é aquela forma de religião que ignora a parte espiritual do homem - que ignora o

desejo de inspiração e comunhão com seres espirituais, e que aconselha a humanidade a dedicar-se absoluta e exclusivamente àquilo que diz respeito ao seu bem-estar material, por ser a mais destituída de alma.

Deem-nos, em vez disso, a idolatria do brâmane, ofereçam-nos qualquer forma de adoração em vez da veneração intelectual e refinada daquele que clama hoje, que, afirmando ser liberal, tem lugar para tudo o mais na sua plataforma, exceto a espiritualidade do ser humano! Esses são denominados Radicais e Livres-Pensadores, mais as suas formas religião liberal do pensamento: eles, sem dúvida, têm o seu trabalho no mundo; mas enquanto estrangulam a natureza espiritual e produzem belos ensaios sobre a cultura intelectual do homem, o espírito permanece lívido e horrorizado, a pedir por qualquer sinal de vida que possa voltá-lo para o Ser Infinito.

Deem-nos em vez disso a idolatria cega do culto Católico, que acata as palavras do padre como infalíveis, que se curva ante um simples santuário sem sentido, e acredita em tudo, porque acreditando em tudo vocês estão certos de encontrar algo verdadeiro; em vez disso, deem-nos a adoração acorrentada que aceita cegamente somente com base na fé qualquer crença na origem divina da alma, de preferência a esse intelectualismo subtil que inverte o processo espiritual e torna o homem o agente consciente de si do materialismo neste mundo.

Tal é a tendência do pensamento moderno; daí que a maioria dos Cristãos liberais vagueie por um mar que beira a dúvida e a incerteza absolutas; mais do que isso, ouvimos dizer do púlpito que havia a "esperança da imortalidade do homem." Ah, mas se existe a certeza perfeita! Mas sem essa certeza todas as formas de expressão entre a mente e a mente não passam de escárnio; vocês usam uma máscara uns para com os outros; vocês são meros autómatos ambulantes, dotados, é verdade, de inteligência, mas de uma inteligência que o primeiro sopro de ar pode dispersar; de modo que quando a morte chegar, vocês não terão nada que mostre por todo o vosso esplendor. Este espírito, esta inteligência divina, esta faísca latente exige algo mais do que um excelente intelectualismo; exige uma vida real, viva; exige que entre o homem e o homem, aqui na terra, haja algo mais do que esse refinamento da cultura intelectual - que haja uma consciência do espírito, de modo que vocês não precisem enfrentar-se uns aos outros como estranhos e passar uns pelos outros de forma insensível, mas como

irmãos, cada um detentor de uma centelha do Divino dentro nas vossas mentes.

Ralph Waldo Emerson disse certa vez num discurso que fez sobre a imortalidade, com respeito às massas, que seriam necessárias mil vidas para formar uma alma imortal. Quem lhe atribuiu o poder de decidir? A centelha imortal acha-se presente. Jesus escolheu dentre os humildes aqueles que viriam a ser os seus seguidores; e entre todos os habitantes da terra não há nenhum - nem mesmo o menor desses mais pequenos - que não pertença ao reino do Pai celestial. Não; o intelecto não torna a alma imortal; e quando os vossos amigos saírem do vosso lado, estejam certos que, por mais humildes que eles tenham sido na esfera da grandeza e da cultura intelectual, que o amor que os ligava a vós e a ideia que os tornou vossos, assim como a aspiração que os alça para cima - essa é a sua imortalidade, essa é a evidência da sua contínua existência.

O materialista diz: "Podemos passar muito bem sem os teus espíritos. Se eles existirem, bem, e daí?" Se vocês excluíssem a atmosfera do vosso aposento, se nenhum oxigénio fresco pudesse entrar, na realidade a sala ficaria cheia de gás carbónico, e em menos de cinco minutos os vossos corpos deixariam de respirar. Assim, se vocês excluírem a atmosfera espiritual da Terra e não admitirem qualquer comunhão, aspiração, oração, nem consciência do Divino, você tornam-se espiritualmente mortos. Não, não fora pela própria presença e tutela daqueles que têm permissão para ser mensageiros de Deus para vós, a vossa existência espiritual pareceria toda obscura e vaporosa, e vocês não conseguiriam respirar na mente ou espírito.

Pois vocês dependem dessa atmosfera espiritual para a vossa vida mental, a vossa vida espiritual e as vossas aspirações constantes e diárias, assim como estão dependentes da atmosfera externa para a respiração física. Duvide quem quiser; mas se vocês tiverem assistido toda a vossa vida ao curso da vossa mente individual, sabem que sem a força de sustentação - o poder consciente que vem do Divino e através dos mensageiros divinos até vós - vocês não poderiam viver; vocês afundariam imediatamente no lamaçal do desânimo; vocês sentiriam que não havia esperança, nem vida, nem imortalidade.

Agora, conforme dissemos, a ciência espiritual moderna revela o elo de ligação entre o espírito humano distinto que habita o corpo e os espíritos humanos distintos que passaram para o além. E nisso afirma ser uma ciência: nos métodos da comunhão, mas não no fato da comunhão. Ainda assim, os métodos de comunhão não são novos; é um erro supor que eles sejam inteira e absolutamente novos para a mente humana; pois vocês precisam saber que, em todas as eras, esses mensageiros ou habitantes do mundo espiritual têm transmitido mensagens de comunicação aos habitantes da Terra. Acha-se mais que uma vez revelado nas antigas escrituras que os anjos apareceram a transmitir mensagens.

Também é revelado no Novo Testamento com frequência; e quando Cristo esteve no monte da tentação, os anjos apareceram-lhe; da mesma forma quando João esteve na ilha de Patmos, e viu os espíritos que vieram a ele, ele teria caído a seus pés a adorá-los, mas eles disseram: "Vê que não o faças; por sermos vossos irmãos, os profetas"; e esses e outros exemplos levam todos os crentes na Bíblia Cristã a aceitar todas essas visitações antigas. "Mas," dizem eles, "essas visitas já cessaram". Não é verdade; na Igreja Católica Romana, supõe-se que todo santo canonizado tenha sido instrumento na visita angélica; e é por isso que o poder da Igreja Católica não se desvaneceu. A Igreja Protestante também foi o meio de visita angélica: Calvino não hesitou em receber inspirações espirituais, e Lutero recebeu em privado visitas de anjos - alguns esplendorosos, e outros bem diferentes, em quem ele jogou o seu pote de tinta.

Ele supôs que fosse sua Majestade Satânica, mas poderia ter sido um ser humano coberto pela escuridão. Assim, ao longo da história da Igreja Protestante, existiram diversas denominações, ou ramificações da Igreja Protestante, que incorporaram nas suas crenças a tutela dos anjos; e muitos dos bons e velhos hinos afirmam absoluta e distintamente a crença na presença desses seres angélicos. É verdade que eles divergem quanto a esses seres, mas todos eles são espíritos ministradores. Agora o Espiritualismo entra em cena, não para o crente, mas para o incrédulo.

Tão logo se admite haver uma vasta maioria de incrédulos na Cristandade que questionam a existência da alma e duvidam da sua própria imortalidade, o Espiritualismo trouxe à sua consciência o fato de

que as suas almas são imortais; que os espíritos que supunham estar mortos não estão mortos, mas vivos; que podem, sob certas circunstâncias, manter comunhão com eles; que esses amigos são seus guias assistentes e auxiliares, e que muitas vezes em horas de adversidade e perigo esses males são afastados pela intervenção de espíritos guardiões, e que sempre, se derem ouvidos à voz deles, os aconselharão e advertirão, embora não os obriguem.

Certifiquem-se de que os espíritos não reivindiquem infalibilidade; estejam certos de nenhum espírito individual possuir um conhecimento infinito. Não é dado ao mortal, tão logo ele retira as vestes da carne exterior, tornar-se ao mesmo tempo infinito no conhecimento. Certifiquem-se de que eles não reivindicam isso, mas apenas aquele grau adicional de conhecimento que lhes é dado por terem passado pelo que é chamado de morte; um maior alcance da visão, num âmbito mais nobre e elevado, maiores oportunidades, liberdade porventura da tentação - todas essas coisas que eles têm; mas nenhum espírito humano é instantaneamente transportado para o conhecimento absoluto, infinito e omnipotente.

Quando vocês buscam, pois, a comunhão dos espíritos, tenham em mente não se privam daquela comunhão mais estreita e mais elevada com a Mente Divina. Não tem nada a ver com isso; não suponham, pois, que o espírito guardião ou mensageiro angélico deva tomar o lugar da vossa própria consciência e razão individual. Antes pelo contrário, todo espírito sábio nega claramente o conhecimento absoluto, mas diz: "Gozamos apenas das oportunidades que nos são proporcionadas pela nossa visão limitada"; pois até mesmo na visão da vida espiritual a visão é limitada pelo conhecimento; e se eles não tiverem o conhecimento - se não lhes for dado - como eles podem ensiná-los com respeito àqueles assuntos misteriosos que se encontram tanto mais além? A vossa mãe e o vosso pai, a quem vocês se acostumaram a ir em busca de conselho e orientação na terra, ainda têm permissão para estar por perto de vós - talvez sejam os vossos espíritos guardiães, embora nem sempre - ainda têm permissão para os visitar; e se vocês procurarem o seu conselho e orientação, eles darão um conselho e uma orientação como os pais fariam. Mas eles não são, evidentemente, infalíveis; o seu conselho é apenas o discernimento do espírito desencarnado, livre das amarras externas do tempo e dos sentidos e, em algum grau, iniciados nas maravilhosas regiões do espírito, da mente e do pensamento.

Embora o vosso filho tenha deixado o vosso lado, e vocês tenham depositado os seus restos na urna cuidadosamente guardada, estejam certos de que o mesmo amor que os uniu não era do corpo, mas do espírito, e que se vocês procurarem um meio de comunicação, uma presença doce e gentil responder-lhes-á, e essa presença dir-lhes-á muitas coisas que vocês não conheciam. Ainda assim, não pretendem saber tudo o que existe na região da grande vida futura; porque há anjos e arcanjos, querubins e serafins - mais velhos do que tempo! - que lhes poderiam ensinar lições de infinita profundidade e sabedoria, mas vocês ainda não estão prontos para eles. O espírito individual e a capacidade que tem de conversar com os seus entes queridos constitui a segunda letra do alfabeto espiritual; mas quando vocês entram na sua investigação, abre de imediato um amplo e ilimitado campo de pensamento.

Vocês não podem encará-lo de ânimo-leve, não como passatempo do momento, nem simplesmente por curiosidade, a fim de agradar a um amigo; mas se, por uma convicção interior, vocês desejarem saber cada mais daquilo que diz respeito ao espírito, tenham certeza de que, ao fazê-lo, assumem um fardo que não podem carregar com leviandade, pois exigir a mais íntima investigação e pensamento da vossa parte, um escrutínio cuidadoso, uma oração e esforço constante por encontrar a verdade, uma vez que as dificuldades que afligem o discernimento do espírito são numerosas. Pois embora os espíritos tenham um organismo dotado de forma semelhante ao vosso, ele é formado por uma substância diferente, e não é tangível e material como o vosso, de modo que entre o espírito que comunga e a vossa própria mente deve haver alguma via, algum canal por que possa alcançar a vossa inteligência.

Quando os vossos amigos se encontram num outro continente, ou numa terra distante, você servem-se dos meios que lhe são dados para lhes remeter cartas e, em casos de emergência, adotam a ligeireza do vosso moço de recados e enviam uma mensagem num piscar de olhos através do telegrama. Agora, os médiuns espirituais são simplesmente os portadores de notícias para o mundo espiritual, mas por vezes as vossas cartas podem extraviar-se, e às vezes vocês são suscetíveis a ser enganados. Assim, uma vez mais, é muito provável que possam chegar mensagens enganosas, pois há espíritos que enviam falsas comunicações. Experimentem os espíritos, esse é o seu único caminho.

Testem-nos por todos os meios que encontrem, todas as faculdades do vosso intelecto; e se a mensagem apelar ao vosso coração e espírito, não sejam demasiado capciosos quanto às suas palavras; pois se Franklin desejar enviar uma mensagem à vossa terra, e ele se apossar de um meio adequado, não é provável que ele possa mudar a ortografia do médium apenas por causa das *belles lettres* dele - vocês não devem esperar isso. Se a mensagem lhes apelar à consciência, mas acima de tudo ao vosso espírito, certifiquem-se de que vem da fonte certa, mesmo que não venha na elegante quirografia do vosso falecido amigo, pois, lembrem-se, os instrumentos dos espíritos são muitas vezes iletrados, desconhecedores.

Você pode exclamar: Por que isso acontece? Por que não poderão eles escolher os seus médiuns da nossa Igreja ou de entre os nossos amigos? Foi dito antigamente que Cristo não pôde realizar muitos milagres entre o seu próprio povo por causa da sua incredulidade. Isso pode aplicar-se ao caso; por as instituições e as igrejas estarem certamente fechadas contra a comunhão dos espíritos; de modo que os espíritos são compelidos a buscar as vias de comunicação que lhes estiverem abertas.

Muitas vezes eles são obrigados a ir a uma aldeia obscura, longe dos centros de civilização, a fim de encontrar um médium de comunicação. "Mas por que eles precisam de médiuns?" perguntam alguns; "Por que eles não vêm diretamente a nós?" Se vocês se situarem numa casa parada, fecharem todas as portas e janelas, as trancarem com cuidado, barrarem as persianas e, em seguida, perguntarem por que os vossos amigos não vêm vê-los, vocês ficarão surpreendidos se eles não vierem? Não deve reinar surpresa entre os povos da terra por eles não virem.

Ora bem, muitas pessoas fecharam as suas mentes - fecharam todas as vias possíveis; e às vezes também reina um pouco de dureza na organização (corpo) que não pode ser superada - não é uma questão de vontade e de volição, mas simplesmente de organização externa que vocês não podem governar e controlar. Agora os espíritos exigem alguma pessoa que seja negativa em relação eles, a fim de se adaptarem ao seu controlo. É o resultado do organismo e não pode ser cultivado nas escolas; precisa ser passível ao controlo espiritual; e quando o espírito deseja tornar a sua presença tangível - como, por exemplo, produzir sons físicos - o médium precisa ter uma certa

organização que libere uma aura ou atmosfera suficientemente tangível para o espírito usar, e que não tem nada a ver com cultura, posição moral, visões religiosas ou qualquer outra coisa que não seja a organização física.

Agora, sempre que um espírito puder encontrar tal pessoa assim e estiver desejoso de se comunicar, ele o fará; e se vocês não gostarem do instrumento, isso não poderá ser evitado. Todas as pessoas, porém, possuem o dom da mediunidade. No caso de alguns, não passa de um conhecimento consciente indefinido da presença de espíritos; no de outros, é o dom de ver os espíritos; e muitas crianças declaram que veem espíritos, só que esse conhecimento e essa visão vêm gradualmente; a comunhão dá-lhes força. Ignorem a faculdade e nunca façam uso dela, e ela se sofrerá um amortecimento. É como colocar uma pessoa no escuro e depois esperar que os seus olhos sejam fortes. Se, na infância, uma criança for colocada num quarto escuro e nunca puder ver a luz do sol, a sua visão provavelmente tornar-se-á demasiado débil; mas se os seus olhos gradualmente se acostumarem à luz, isso resultará numa boa visão.

Portanto, se alguém apresentar visão espiritual na infância, e olhar para cima de uma forma maravilhosa, como as crianças às vezes fazem, certifiquem-se de não fechar a porta da vida e à exploração da ideia, mas de que encorajam a faculdade. Certifiquem-se, no entanto, de não conceder liberdade à imaginação da criança; mas questionem-na quanto ao que realmente vê, e em breve a visão espiritual revelará ao vosso olhar o guardião da criança e os seus amigos.

Algumas pessoas podem tornar-se potentes médiuns de escrita ou fala, mas esses dons não podem ser desenvolvidos a uma só vez. Uma pessoa acostumada a um emprego sedentário não pode, de imediato, pegar no martelo de um ferreiro negro e empunhá-lo com força: assim, aqueles de vós que não tiverem cultivado o seu dom espiritual não podem começar a usá-lo imediatamente; precisam fazê-lo gradualmente, pela cultura e encorajamento, salvo quando, em alguns casos excecionais, as pessoas nascerem com organizações (organismos) peculiarmente adaptadas. Então, de fato, como no caso de muitos dos médiuns que têm entre vós, como no caso da médium que têm diante de vós, eles serão criados desde a infância sob o cuidado e orientação dos

anjos da guarda para comunicar e proferir discursos da parte dos espíritos que partiram.

Mas podeis todos reunir-vos em torno dos vossos altares e serões, e cada qual na posse de algum dom poderá manter comunhão com aqueles que permanecerem invisíveis à vossa visão, mas presentes ao vosso espírito. Às vezes a vossa mão poderá ser levada a escrever; uma estranha frieza se apoderará disso. Deixem que aconteça; pode não compor palavras de uma só vez, mas aos poucos serão escritas palavras que não têm origem na vossa mente; então será estabelecida uma conversa inteligente, e vocês perceberão clara e distintamente a presença do espírito de comunhão.

Em muitos aspetos, os poderes do espírito são empregados para beneficiar a humanidade. Assim, na forma de curar os doentes; muitas pessoas sem nenhum conhecimento da *Materia Medica*, ou da ciência das escolas, são levadas a tratar as doenças da maneira mais hábil e bem-sucedida. Esses são denominados charlatões pelo praticante profissional; mas não nos esqueçamos que o charlatanismo não existe apenas fora dos limites da *Matéria Médica*, nem nos esqueçamos de que todo novo sistema foi denunciado pelo que o tiver precedido. A maneira de tornar a mediunidade de bom gosto é desenvolver alguma nova verdade. Atualmente é considerado como nada; mas se além do Espiritualismo você descobrissem uma nova verdade, então a mediunidade seria reconhecida como verdadeira.

Nos dias de mesmerismo, isso era explicado pelo magnetismo; e quando a clarividência surgiu, “Oh,” disse o mundo, “é sem dúvida nenhuma o mesmerismo.” Assim, quando o Espiritualismo surgiu, as mesmas pessoas estavam preparadas para acreditar na clarividência e encontrar nela uma explicação do Espiritualismo. Façam surgir mais alguma coisa e o Espiritualismo irá explicar tudo. Agora, esses dons espirituais e essa comunhão entre o outro mundo e o vosso não são apenas transitórios. "Mas," é frequentemente questionado, "suponham que seja verdade, que bem lhes trará? doe que qual benefício será para a humanidade? "Não é dado aos seres humanos determinar o bem que é o sol brilhar, existir o ar, ou porque todas as outras verdades palpáveis e ditas de existência independente existem no mundo e parece-nos que a maneira justa de investigação científica é perguntar: Existe? Será um fato?

O bem que isso lhes fará depende inteiramente da maneira pela qual vocês o recebem. O sol brilha: se vocês não optarem por aproveitar a sua luz, o sol e o seu autor não serão responsáveis. Agora, existem milhões de seres humanos a quem o benefício da conversa com os espíritos seria uma bênção inestimável. Pode não contribuir para a mente popular, a mente científica; mas seria um conforto e uma bênção - uma fonte constante de prazer. Conhecemos muitos corações que caíram no desespero e mergulharam num estado de profunda melancolia, por causa da morte de amigos amados.

Ensina que não há morte, e se esse não for o maior benefício que poderia ser concedido à humanidade, gostaríamos que vocês apontassem um maior. Como o mundo existe hoje, existiu durante muitos milhares de anos: o único monstro gigantesco é a morte; a sepultura é o fim da expectativa terrena; espera que tudo desapareça e caia e vacile, e pereça no túmulo; o rei fica pálido, o pai de cabelo grisalho treme quando os seus pés se aproximam do túmulo.

O seu único ponto de alívio reside na fé e na inspiração; e mesmo isso, por vezes, não satisfaz, porque eles vacilam quando os pés se aproximam do estreito lar, e quando o ente querido é sepultado. Requer uma longa linha de fé para se estender àquele longínquo céu e àquele tempo distante em que o ser amado será restaurado. Mas se a ponte não for tão estreita - se o desfiladeiro a ser atravessado não for tão largo, se o abismo não for tão profundo e largo como foi apresentado, se a linha da vida não for rompida, mas continuada - isto será certamente a maior bênção. Não mais terror, não mais encolhimento, não mais palidez e tremores! A sepultura perde o seu poder; a morte é privada da sua picada pela própria evidência de que os que partiram se façam presentes justamente pela porta aberta, afastados apenas um passo, ou melhor, no vosso próprio seio de vocês mesmos, se ao menos quiserem ouvi-los e vê-los.

Não sabemos o que pensam aqueles que perguntam que bem o Espiritualismo fez ou pode fazer; mas sabemos que pavimentou o caminho para a presença de anjos em muitos lugares inesperados e em muitos momentos inesperados. Sabemos que o ministro do seu púlpito, mais frequentemente agora do que anteriormente, em resposta ao sopro que parece andar no ar, diz:

“O vosso amigo não está morto; ele só sumiu da vista, entrou numa outra sala, e mesmo agora pode ter permissão para ouvir a vossa conversa." E isso não da parte de um defensor do Espiritualismo.

Ele está a entrar na vossa literatura e comanda tudo com o elemento da presença de anjos da guarda. Os vossos poetas descreveram as suas belezas; o vosso próprio Laureado (Tennyson) imaginou, no seu "*In Memoriam,* " a presença de anjos da guarda. Assim, nas diversas formas de literatura, emprestou um novo charme aos versos do poeta e à prosa do escritor inspirado. Ele percorreu os vários laboratórios do saber e desafiou o homem científico ante a sua *experimenta crucis* descobrir, se ele puder, o germe pelo qual outra força subtil que não a do espírito essas manifestações podem ser produzidas. Não, fez mais que isso; reavivou e renovou no homem a fé na presença viva do Pai; a Divindade distante, fria não o satisfaria; mas quando o Seu amor é trazido cada vez mais perto da presença daqueles que comungam com os anjos, forma uma outra cadeia de luz dourada, ligando-o ao Infinito. É a bênção do Espiritualismo que ainda está na sua infância; É uma grande bênção, porque muitas das cruezas de suas formas de manifestação, muitas coisas que são proferidas pelos seus defensores professos, podem ser suavizadas e gastas com o tempo.

Toda nova verdade deve vir ao mundo como uma espada de dois gumes: deve cortar dos dois lados - no deserto da exploração, e na escuridão do preconceito. Deve ter ângulos pontiagudos e aguçados para que possa conquistar uma audiência. Mas quando ela toma o seu lugar no mundo, e é reconhecida como apropriada e respeitável, então esses ângulos se tornam arredondados e desgastados. É em todos os sentidos uma bênção existente à lareira. É verdade que muitas das teorias e muitas das filosofias avançadas estão totalmente em desacordo com as ensinadas no mundo e aceites pela maioria das pessoas religiosas e científicas; e é uma grande bênção para a iluminação moderna que não exista mais uma Inquisição - que não haja mais pessoas crucificadas pela opinião, exceto sobre o altar da opinião pública, embora esse meio de tortura seja às vezes mais difícil.

Ainda assim, não existe uma Inquisição literal; não há estaca alguma que aguarde alguém que ouse avançar uma nova verdade. Galileu na sua masmorra, Sócrates na sua cela, predisseram as verdades que o mundo agora defende. Assim, o homem ousado e corajoso que se atreve

a explorar o reino da verdade espiritual e penetra além da sepultura e da morte, obtém destemidamente conselho dos espíritos de grandes e sábios e bons homens; ele pode não ser apedrejado e crucificado, mas ele é perseguido com os dardos e as flechas da inveja e da malignidade.

Graças, porém, à iluminação da presente geração, esses não podem ser mortos. Se, por conseguinte, uma mensagem gentil ou uma palavra amorosa lhes saudarem os ouvidos provenientes de alguma fonte desconhecida e alguma voz distante, não a ponham de lado por nunca a terem escutado antes; mas ouçam-na e vejam se não lhes traz uma mensagem de amor - uma voz do além daquela tumba que tem sido tão escura e fria e terrível para vós. E quando a corrente da vida individual estiver completa - quando é realmente estabelecido e entendido entre os mortais que não há interrupção dessa cadeia, será tão comum para vocês manter comunhão com os amigos que partiram, como mandar uma carta ou mensagem a alguém ausente; ou melhor, será bastante comum você vê-los andar ao vosso lado, e vocês manterem uma conversa agradável com algum espírito guardião, mesmo no seio da humanidade.

Aparecerão rostos, formas caminharão ao vosso lado, uma nova atmosfera cercará a Terra e, como antigamente, os anjos ascenderão e descerão, e não haverá mais medo. Vocês não terão medo: os rostos não serão estranhos, mas familiares; as mãos serão mãos amorosas e as formas serão as que vocês amam. Eles estarão junto aos vossos altares e lareiras, permanecerão nos vossos concelhos, ajudarão na grande obra de levar adiante os governos da terra para um tempo de paz.

Eles que são grandes e sensatos e bons encontram-se agora sentados nos concelhos do amor e vida imortal, muito acima da vossa visão, aproximar-se-ão então, e os vossos governantes serão guiados, os vossos estadistas inspirados, os vossos líderes instruídos, o povo voltado para os grandes propósitos do governo humano e da lei humana, sem a pavorosa arbitrariedade da espada. Todas as vozes dos anjos serão mais potentes do que a voz do favor; a justiça tomará o lugar do poder; e a lei da bondade e do amor, ensinada pela justiça, tornar-se-á finalmente a glória permanente e coroada da vossa terra!

AS FRATERNIDADES DAS ALMAS DESINCORPORADAS

Pelo espírito de William Ellery Channing, através da mediunidade de Cora Tappan

O tema que elegi para esta noite está relacionado com a Fraternidade de Espíritos Associados na Vida do Espírito.

O texto que lhes recomendaria é: “Um novo mandamento lhes dou, que se amem uns aos outros.”

A perceção da existência espiritual é uma coisa; a existência da vida além da morte é outra completamente diferente. Há muitos indivíduos que existem após o falecimento do corpo; mas há muitíssimos que não percebem a existência espiritual, muito embora vivam para além da morte do corpo. Se eu for a Chicago com a ideia assente em obras de arte, visitarei aqueles locais onde haja obras de arte, e verei muito pouco do que o mundo superficial possa ter a oferecer-me; só perceberei aquelas coisas de que andar em busca, e não poderia, por mais que me esforçasse, dizer do que se passe, nem determinar por forma nenhuma o último escândalo da sociedade moderna. Se um homem enternecido pela mera diversão visitar Florença ou Roma, dificilmente se sentirá interessado naqueles magníficos trabalhos de arte que forma a base de interesse do estudante e do intelectual, e provavelmente achará as cidades insípidas e embotadas, meramente por não conseguir ver nada numa torre ou abóbada ou em certas paredes de imagens que se adeque aos seus avançados gostos.

Nós vemos com a nossa mente e a condição dos nossos espíritos; decerto não por forma nenhuma em nenhum sentido elevado com a nossa vista externa ou a perceção dos nossos corpos. E assim, o mundo espiritual, estando mais próximo de ser um mundo da condição do espírito, é inteiramente um mundo de perceção. A condição de todo espírito depende do grau dessa perceção. Sendo o ambiente circundante menos arbitrário do que aquele da substância material, a própria substância externa é suscetível a outras leis do que aquelas que governam a matéria na terra, verão que cada espírito descreve o mundo do espírito em que ele ou ela entra como estando precisamente de acordo com a mais elevada ideia que ele ou ela tenha do céu, ou antes, da perceção.

Eu tive certa vez ocasião de perguntar a um conterrâneo no Massachusetts qual a ideia que fazia do céu. Ele respondeu que tivera um sonho, certa vez - que tinha falecido e ido para o céu; e ao se abeirar de uma grande casa vermelha, que lhe pareceu representar a perfeição da arquitetura e do gosto, ele perguntou pelo dono. Tudo em relação à casa era espaçoso, e arranjado em estrito acordo com a mansão de um antigo fazendeiro. Ele foi informado que o dono se encontrava nas terras. Viu amplos acres de cultivo e frutos a crescer em profusão, grão e todo o género de produtos no auge do crescimento. Logo viu um homem de grande estatura (que lhe poderia ter parecido um gigante não fora ele tão bem proporcionado) a vir na sua direção; a sensação que teve levou-o a interpretá-lo como sendo Deus, pelo que, em abjeto medo, curvou-se numa vénia diante desse homem de estatura gigante, sem lhe dar a conhecer a incumbência que poderia carregar, e despertou com plena consciência de ter visitado o céu e visto a Deus.

Vi outros homens de mais vasta cultura e ideias grandiosas que tinham a sua imagem do céu tão proveniente das suas mentes quanto esse homem. Quer se trate de um trono de alabastro ou de paredes de bronze e portões de pérola, ruas pavimentadas a ouro e leite e mel a escorrer, ou, de acordo com os Muçulmanos, um jardim do paraíso, onde a (...) ou a Húris (Virgem Prometida) exuberante que esbanje todo o tipos de agrados com o feliz e liberto Muçulmano não importa; o céu ideal será conforme a perceção espiritual de um indivíduo, e sem dúvida que ele entrará no estado para que melhor estiver qualificado. Não obstante há um céu para os que têm predileção por cachorros; com toda a probabilidade ele entrará numa condição de existência espiritual em que a sua mente ainda esteja em simpatia com os encantos e atividades prévias. Porém, há um céu para o devoto mais elevado que consagra as suas imagens na forma externa e venera por ritos sacerdotais e ao redor de altares brasonados com emblemas de veneração externa.

O céu em que eu entrei foi o que esteve nos lábios mais recentemente enquanto ser humano, o amor pelo meu semelhante. Creio poder dizer que jamais tinha acalentado - pelo menos não tenho recordação de acalentar sentimento algum de má vontade para com qualquer ser humano. Creio que o esforço que empreendi na vida, na medida do possível, foi por expressar essa boa vontade, e se alguma vez me indignei, foi pela falta de expressão de boa vontade entre os homens, e não para com os indivíduos que tenham fracassado nessa expressão. Se alguma vez clamei contra o erro, não contra o malfeitor; se alguma vez

considerei os seres humanos dignos de castigo, foi somente o castigo brando daquele amor que ardia mais do que o fogo, e flagelava mais do que uma vergasta.

Na vida espiritual, pois, eu encontrava-me preparado para entrar na abóboda do amor. Não senti nunca o temor de Deus no meu espírito; não tinha qualquer ideia de ira, nem de castigo vingativo; não abrigava qualquer terror para além daquele das minhas próprias faltas. Estava bem ciente das imperfeições e faltas que tinha na minha natureza espiritual; que, rodeados de matéria e poeira, o espírito não tinha sido tão ativo quanto deveria ter estado, mas procurei manter vivo, na medida do possível, o espírito em vez da letra da Palavra de Deus. Esforcei-me, tanto quanto pude, por descobrir o que o espírito poderia ser, e em vez da forma externa da salvação, optei por receber o significado espiritual da missão de Cristo na terra, o amor que teve pelo homem em vez da ira de Deus; e eu acreditava que esse amor era equivalente à inspiração de todos os seres humanos.

Com um sentimento desses entrei eu na vida espiritual. Não estava à espera do céu do Cristão Ortodoxo; não esperava em absoluto um céu material. Estava bastante preparado para entrar num estado de existência inteiramente diferente do meu estado terreno, e esperava fazê-lo pela seguinte razão; Por ter achado que o corpo terreno, o seu meio e as suas necessidades, por vezes eram um impedimento ao espírito; e conquanto bastante necessário ao uso terreno, eu tinha imaginado uma condição de vida onde o corpo pudesse ser dispensado, como qualquer estorvo inútil pode ser quando o ultrapassamos, e eu lembrava-me bem que nos meus últimos instantes tinha-me tornado consciente da elevação dos sentidos para além dos sentidos, do corpo estar a cair como cascas ou grilhões de um escravo, que uma cobertura externa estava a ser retirada o que admitia o meu espírito no seu elemento nativo; E não podia perceber mudança maior que poderia acometer um ser humano sob tais circunstâncias do que a libertação do próprio corpo. O pássaro a rebentar a casca externa, e a alçar-se no ar; a borboleta a sair da crisálida, e a alimentar-se do orvalho em vez de rastejar pela poeira; a chama a aumentar na escuridão em que estivera aprisionada anos, dificilmente poderia ser mais súbita ou uma transformação maior do que aquela que vem ao espírito do homem que se liberta da poeira.

Não quero dizer que isso venha a todo espírito. Não digo que o sentimento de libertação seja tão súbito e tão consciente em todos os seres humanos, mas acredito - e nisto poderei porventura julgar um tanto daquilo que desejo mais do que realmente é o caso - acredito que todo ser humano sente em certa medida liberto pela morte chamada morte. Creio que as piores condições, espiritualmente, são em certa medida beneficiadas por essa mudança. Acredito que a libertação d corpo externo, que constitui a cena da paixão e do sofrimento, é em algum sentido uma libertação para o espírito, seja qual for a condição em que esse espírito possa estar.

No meu próprio caso foi como eu o descrevi. Não é que eu tenha ficado particularmente encantado por me encontrar afastado da terra; descobri muitas coisas em que me empregar aqui. Senti ainda o enorme campo de vida social, religiosa e política a ser, conforme pensei, renovado. Descobri que o santuário real da existência pode permanecer na vida externa por algum tempo, e encontrar amplo trabalho para as mãos empreenderem; mas quando me foi mostrado que eu estava para ir, e quando vi que a minha carreira necessária era na direção da existência espiritual, eu saltei de bom grado para essa atmosfera como o pássaro enjaulado saltaria para a sua urze nativa; eu de igual grado entrei nessa condição como haveria de ter entrado em qualquer lugar de desfrute intelectual, social ou religioso a que há muito aspirara, mas nunca atingi enquanto na terra.

Entramos numa sala de estar na terra e damos por nós seja no nosso próprio ambiente, ou num elemento estranho; e se for um elemento estranho seremos obrigados e tentamos assimilá-lo, e encontrar alguém com quem possamos conversar em simpatia, ou pelo menos observar algo que interesse. Se nos virmos no nosso lar, podemos logo entrar no espírito de qualquer conversa, diversão ou recreação que esteja a decorrer.

(Os) estados externos são, conforme dizíamos, arbitrários; vemo-nos obrigamos a ajustar-nos a eles na terra; na vida do espírito levamos o nosso estado connosco. Entramos naquela companhia e camaradagem à qual melhor estamos ajustados. Os nossos pensamentos, ao entrarmos, são imediatamente conhecidos; somos reconhecidos, e reconhecemo-nos mutuamente sem a formalidade da apresentação externa, ou da inquirição social. Encontramo-nos verdadeiramente entre os que nos são afins, quer nos tenhamos conhecido sempre na terra ou não.

É uma bênção da existência espiritual o fato de ela remover os grilhões externos; a linhagem da família não é questionada. O registo espiritual só forma a linhagem a ser considerada. Não somos interrogados quanto às crenças individuais que temos sobre tópico nenhum, já que a própria vida é tomada como critério de crença e é suposto que veneremos os deuses que seguimos. Soube que na terra as coisas são diferentes. Vi homens a venerar no santuário de Mamão em todo ato externo, e ainda assim, que professavam adorar uma outra divindade. Tive conhecimento de que isso acontecia na vida humana que professava o Cristianismo, enquanto a praticava em larga escala a via Mosaica. Poderá ser que essas condições na terra sejam meras tentativas de crescimento; mas certamente não conseguem expressar a profissão da vida, e torna muito da existência terrena uma máscara externa, na qual os homens se esforçam por parecer aquilo que não são.

Na vida espiritual essas máscaras são obrigatoriamente removidas; se tivermos sido salteadores da estrada, entraremos no céu deles; se tivermos feito parte de uma classe mais respeitante de ladrões - aqueles que na vida humana são considerados respeitáveis, devido a se encontrarem sob o disfarce da sociedade e da lei - entraremos na condição dos que nos são afins; se tivermos pertencido a uma classe de seres humanos que reverencie princípios, e no nosso jeito imperfeito nos esforçarmos por expressar esses princípios na vida externa, também seremos conhecidos e reconhecidos como somos; sem disfarces, dado que cada um conhece o nosso registo e tem consciência de não poder ser admitido a nenhuma outra companhia que aquela para que o nosso estado espiritual se ache ajustado.

Por conseguinte, eu não senti desconforto algum ao ser admitido entre os meus semelhantes e amigos que me rodeavam, entre as mentes que parecia simpatizar com as ideias que eu tinha tido como mais queridas na terra, e entre aqueles cujos pensamentos tinham de algum modo formado a base da minha vida externa e sonhos.

Achei os estados sociais inteiramente diferentes daqueles da terra. Com isto não refiro os estados sociais reais que procedem do afeto da mente e do coração, mas as leis que governam a sociedade eram desde o início diferentes. Nós começamos a partis da coberta externa na terra, e atacamos a sociedade como atacais uma rebarba; quer dizer, um exterior áspero precisa ser retirado à força. Em certos casos atacámo-la como um general faz a uma fortaleza, abordando-a por linhas travessas e por

uma série de táticas, que o engenhoso empregará bem caso o compreenda; mas mesmo isso desencorajará de todo muito homem sincero de tentar entrar no forte. Começando pelo exterior dos seres humanos, na vida humana descobrimos obrigatoriamente aquilo que neles é pior; Eles usam isso no exterior, quer pensem fazê-lo ou não, porque se for máscara que aparentemente seja boa, ainda precisamos sondar essa máscara antes de descobrirmos o indivíduo real.

Na existência espiritual começamos ao contrário. Descobrimos o coração e a mente primeiro, o que nos poupa muito equívoco. Somos um com o outro de imediato, ou estranhos. O acorde da simpatia é logo tinido, ou fica emudecido. Compreendemos existir um terreno comum entre nós, ou temos noção de não existir nada em termos de simpatia. Eu vi homens de idêntica inteligência e cultivo sentar-se na companhia de gente mundana, iluminada e inteligente, durante três ou quatro horas a conversar sem terem uma única ideia comum, e sem maior conhecimento uns dos outros do que no início.

Se, conforme Talleyrand disse, "as palavras são emitidas a título de disfarce dos pensamentos," decerto muita da sociedade na vida terrena é dada como uma mortalha para a existência humana, e homens e mulheres são sepultados nas coisas a que em vão chamam prazer, e a vida social não passa de mera mascarada e que assumem um disfarce que desejam seja percebido pelos vizinhos como verdadeiro; cada um dos quais despreza o outro por o usar.

A ideia de sermos reconhecidos, a noção de sermos amados, e o fato de o espírito não poder estar enganado, com uma confiança permanente e esperança altiva, o encarecido sentimento e poder, levaram-me a ter consciência de ter sobrevivido à morte, de que me encontrava vivo, e trouxe-me a consciência daqueles amigos que me tinham precedido na existência espiritual.

Mas agora, deixem que aqui de passagem diga àqueles que seguem o Espiritualismo, que buscam a verdade oculta na Filosofia Espiritual: Não busqueis os vossos amigos apenas na sua aparência externa; não busquem pai, mãe e irmã conforme foram no seu estado terreno, mas busquem-nos apenas no amor que os liga a vós, pois todas as coisas menores que estas terão sido absorvidas pelo seu estado espiritual; e esforçando-se por vos juntardes a eles, não vos esforceis por os trazer à compreensão que vocês têm das coisas externas, mas em vez disso, por

elevar a compreensão que vocês têm ao estado recém-descoberto em que se encontram.

Acharão isso muito mais conveniente; acharão isso muito mais útil; achá-lo-ão muito mais verídico no que diz respeito à vida espiritual. O parente que passa da vida terrena num estado débil de saúde, e com a forma perder forças, vigor e atividade, não virá ao vosso encontro, na vida espiritual, numa forma decrépita e com aparência fraca, mas como no auge da virilidade (masculinidade ou da feminilidade). Os parentes que para vós, mesmo na velhice, são a representação de tudo quanto é sagrado e querido, virão a vós em pleno vigor da meia-idade, e tão perfeitos na forma e características como se o dedo do tempo não os houvessem tocado.

Se suavizados no espírito e completos naquelas qualidades sociais que adornam a vida social aqui, eles virão a vós com todo o esplendor dessa vida social estampado no rosto e na forma, de modo que, pelo aspeto exterior de certeza não os reconhecereis, mas que pela perceção interna os sentireis como vossos. Isso sucede em determinado grau com todo o amigo que passa para a vida espiritual; as imperfeições externas, caso não passe de uma física, meramente, desaparecem com o corpo, e só permanecem as imperfeições espirituais, e isso, caso a sua natureza seja mais de aspiração do que de bajulação, em breve desgasta-se na nova atmosfera da vida espiritual.

Eu senti-me imediatamente impressionado com a consciência de me encontrar num mundo ou esfera desprovida da mera personalidade, ou do interesse próprio. Bem, aquilo que com isto quero dizer é que, devido às exigências externas do corpo, vocês são inevitavelmente egoístas aqui, mesmo o mais altruísta dos homens. Consideram vossa a casa em que vivem; a propriedade que reúnem ao vosso redor é vossa; a posse de coisas individuais que digam respeito ao indivíduo, criam uma esfera de egoísmo, e a proteção dessa propriedade produz em toda a vida social um tipo de interesse próprio em que todo ser humano e toda família se escondem em certa medida da observação social e da relação com os seus semelhantes.

Bom, podem imaginar que ao entrarem numa vida em que não tenham habitações a prover que os abriguem dos elementos; onde as vossas vestes são de longe o trabalho de outras mãos que não aquelas que são empregues na labuta dia e noite para os vestir aqui; onde o vosso alimento consiste de longe noutras substâncias que não aquelas que

precisam ser ganhas quer pelo trabalho manual ou pela especulação do cérebro, e onde, na realidade, o exterior é usurpado pela natureza interior - devem imaginar que deva existir um completa inversão dos métodos sociais; que qualquer individualidade que o ser humano possuir, ele não teme que lha seja furtada daquilo que ele realmente é.

Ao encerrarem as vossas portas à noite não receiam que o ladrão surja e os leve embora; não imaginam que individualmente ele gostasse de ter na sua posse tal embaraço; mas é algo de que se veem rodeados - os vossos artigos, bens imóveis, os vossos diamantes, a vossa prata, os vossos quadros - algo que lhes é alheio a vós próprios, que o ladrão não porventura com uma perceção clara da moralidade não reconhece como vosso, e crê ter o direito a isso tão facilmente consiga esquivar-se com ele. Mas na vida do espírito tudo quanto rodeia o espírito é tão parte de vós quanto o vosso corpo é aqui. Enquanto, pois, são afastados de toda a necessidade de proteção contra os assaltos e a pilhagem, ou a inovação que todo tipo, não existem consequentemente incentivos nenhuns para esse superficial e externo tipo de egoísmo que constitui a aparente necessidade da vida exterior.

Se vocês pudessem entrar na sociedade terrena em que as casas estivessem todas abertas, onde os catraios brincassem de um lado para o outro por entre as flores, onde tudo que é adorno e beleza fosse visível, e não oculto, onde todos os objetos que se encontra à vista fosse graça e formusura, onde saudações amáveis, troca de cumprimentos fraternais, uma pronta simpatia e rápida compreensão tivessem lugar em toda a mente e coração, onde todo homem que se cruzasse com o semelhante fosse um irmão, e todas as mulheres irmãs; onde todo e cada um conspirasse para fazer os outros felizes, onde, se uma fonte de conhecimento ou sabedoria ou alegria viesse a nós, ele não se contentaria senão em transmiti-lo a todos os demais, e onde, qual brisa constante que sopra no verão e enche o ar de aromas de flores, de onde sem saberem, a alegria permeia todo o ambiente, isso dar-lhes-ia uma ideia do estado social harmonioso das existências espirituais.

Cada família encontra-se, na verdade, isolada; existe, com efeito, uma individualidade, só que é de tal modo considerada sagrada e acautelada que nem sequer é percebida. Ninguém pode invadir a individualidade do outro. De fato, o espírito constitui a sua própria proteção, e vós podeis estar tão isolados no meio de um milhão como se estivessem no alto de um monte ou fossem um eremita numa caverna. Se houver algo na

vossa mente ou espírito que requeira solitude, não haverá nenhum espírito entre todos os vossos amigos que não fosse ou pudesse invadir essa solidão.

O santuário situa-se dentro da alma! Os arredores indicam que a solidão se encontra presente. Nenhuma mão ou voz invasora alguma vez se aproxima até que vós o desejeis. Mas onde nada há a esconder, onde a solitude se destina somente ao vosso próprio exame introspetivo e benefício próprio, onde a ideia dos demais é predominante na mente, e onde as ideias correm sem parar continuamente para o benefício do próprio género, pouco lugar deve restar para meditações misantrópicas, pouco ensejo de solidão, já que a oração nesse estágio da existência consiste em atividade, e o trabalho da mente para com os outros é visto como o principal instrumento da aspiração e da ascensão.

O eremita que ora com a alma, o recluso que procura a solitude, o misantropo que se separa dos semelhantes, é uma ilustração do género de egoísmo; mas aquele que só busca a solitude de modo a poder ganhar forças, aquele que deseja ficar a sós de modo a poder comungar com o mais elevado - aquele que procura somente beneficiar os demais com a sua comunhão e meditação, nem sequer acha necessário separar-se dos associados nem arredores espirituais.

Ao passo que, conforme digo, o charme da família ainda se acha preservado e o mais querido e mais próximo e mais querido ainda; enquanto a mãe cinge a filha, e o pai abraça o querido que vem a ele da vida terrena; enquanto o irmão e irmã, que se acham ligados no espírito assim como em laços de consanguinidade, são ainda irmão e irmã, não existe somente esta família, mas uma família mais ampla de todas as mentes e almas afins.

Vocês encontram-se em sociedade, ou no mundo do contato com a matéria, ocasionalmente com os seres humanos, e dizem-lhes: “De certeza que já te conheci antes; pareces-me tão próxima quanto um amigo ou irmão.” A natureza do parentesco dos vossos espíritos flui em conjunto e vocês conhecem-se mutuamente sem a formalidade de uma longa ligação social. Deste modo se associam na vida espiritual - poetas, filósofos, amigos, artistas, aqueles que tiverem amado uma só verdade, ou tenham estado associados num mesmo esforço; aqueles que em diferentes partes do mundo tiverem sonhado os mesmos sonhos, e ansiado pelo mesmo futuro glorioso para a humanidade; esses são conduzidos a fraternidades e a corpos associativos. Elas parecem-se,

num grau mais elevado, com algumas daquelas associações da Alemanha onde todo homem parece ter o interesse de todos os outros no coração, mais do que o seu próprio interesse egoísta. Eu vi associações dessas em faculdades.

Conheci tal relacionamento entre aqueles detentores de algum engenho ou arte, na terra. Tive conhecimento da sua existência até mesmo entre as ordens de sociedades secretas, só que o problema é que na terra é o interesse externo que as une, e não a circulação conjunta do espírito. É como a filiação da igreja, que muita vez adota a forma externa da fraternidade, mas dentro é composta por discórdia. E não conheço qualquer laço na igreja, na Maçonaria, nos Membros da Confraria Odd, em nenhuma ordem exterior criado pelo homem, que possa tomar o lugar desse reconhecimento espiritual sublime que determine a ordem do relacionamento espiritual, e determina o fato do parentesco espiritual pela proximidade da perceção espiritual e semelhança uns com os outros.

Tendo descoberto o meu céu; tendo determinado que é uma condição da mente mais do que um local; tendo percebido que eu podia criar o meu próprio ambiente, e que o meu espírito estava de fato recetivo apenas às leis do seu próprio crescimento, tendo tal adorno externo que só era necessário ao espírito, e não limitado por tempo nem espaço, e somente aquelas associações que eu podia levar comigo onde quer que eu desejasse ir - eu disse, “Anseio por saber mais sobre os mistérios deste estado espiritual, em que a fraternidade do homem é mais claramente reconhecida, e onde eu posso em certo grau ver o prenúncio do que espero possa chegar á terra.”

Observei um que na terra fora chamado sonhador; que enunciava ideias incendiárias para o seu tempo e era, e foi denunciado como infiel e ateísta por acreditar na fraternidade do homem, e em amar mais do que na má vontade de Deus e na condenação do semelhante. Refiro-me a Rousseau. Vi-o numa fraternidade de mentes associadas, rodeado por aqueles que tiveram quer ideias similares para a humanidade, ou, estimulados pelas suas palavras e trabalhos, o seguiram como seu ídolo e mestre.

Ele pareceu-me uma labareda, tão inspirado quanto uma águia. Pareceu-me propenso a esvoaçar por regiões onde mais nenhum outro ser se atrevia a seguir, e ainda assim retornou de novo ao trabalho consciente da vida externa. Ah, como o seu espírito reluziu! Como o ar

ao seu redor parece bruxulear com luz transcendente! Como eu vi que ele foi esquivado, denegrido, ostracizado na terra! E vi nela um que adorava o seu género e detestava somente a tirania, somente aquelas instituições compostas de homens que servem as ambições de tiranos e reis apagando a vida humana e a liberdade humana.

Ali estava ele, e pudessem vós ver as mentes que o rodeavam ali; pudessem vocês ter visto como de bom grado operaram de acordo com as suas direções; pudessem vocês ter visto isso como uma maquinaria, intrincada e complexa, contudo tudo quanto montado move o grande poder motor do mundo, e teriam visto que existe nessa esfera um estado social equivalente a mover todo o planeta dos homens, mais forte do que o mais forte dos exércitos da Europa unidos ou do mundo todo; mais forte do que a força física mais robusta de qualquer bateria dissimulada, ou mesmo invenção de tortura com que o homem tenha alguma vez sonhado - o poder único de uma só mente ao redor da qual se centram outras mentes afins, com a intenção de derrubar na terra o poder físico e os erros sociais.

Não o descobri sozinho entre essas mentes grandiosas; encontrei aí muitos dos grandes ressuscitados - filantropos, poetas, aqueles que derramaram a sua luz sobre a terra; e ligados a eles, mesmo mais distanciados nos períodos clássicos do tempo, vislumbrei outras almas que o mundo adorou como grandiosas. Não preciso dizer que descobri que existiam expoentes ainda mais modernos do esforço associativo do homem sobre a terra que tentam imprimir na vida externa a aparência das fraternidades espirituais. Não preciso dizer que num dos mais recentes grupos encontrei Robert Owen, o filantropo Inglês, e aquele que, porventura mais do que qualquer outro homem deste período, implantou nas mentes dos trabalhadores Ingleses a necessidade de um esforço associativo.

Eu disse: “Em que consistirá o aparente fracasso do surgimento de corpos associativos de homens imbuídos de propósitos fraternais na terra? Lembro-me do rosto benigno e hesitante, como se sentisse desigual para responder, quando o Sr. Owen disse: “Sinto-me desarmado com respeito a uma explicação que não aquela com que esbarrei quando pela primeira vez tentei este experimento nomeu país nativo.”

Ele disse: “Refiro-me ao egoísmo da humanidade. Sinto não saber que outra explicação possa apresentar que não a de que, assim que os

assuntos externos do momento das atividades são consideradas, os seres humanos esquecem que são irmãos."

"Mas," disse eu, "seguramente que deve existir uma razão mais profunda do que essa, não?" E com isso surgiu da esfera em que Rousseau reside alguém que pareceu competente para responder à questão. Eu não o conhecia, mas alguém disse: "Este é Fourier, o socialista Francês, o líder de uma vasta classe que ao se esforçar ou lutar por conhecer aquilo que Platão alcançou no seu tempo, caiu na revolução de um período do pensamento que não estava maduro para o seu plano na terra."

Ele disse: "Ei sei da razão de ser disso. Deve-se a que somente o externo tenha sido buscado por meio de esforços associativos. O homem começa por um começo errado, ao tornar a educação, a propriedade, as coisas externas, a base do esforço associativo. A única fraternidade é aquela do parentesco espiritual. Que toda a classe de seres se associe pelo amor a uma ideia, que enquanto a ideia os unir eles permanecerão em harmonia. Vejam as ideias religiosas e as ordens do mundo: quando imbuídos delas, aqueles que se associam são harmoniosos. Somente quando os assuntos externos intervêm é que deixam de trabalhar em conjunto.

Tomem todos os esforços associativos baseados na religião, e pelo zelo e o fanatismo os homens farão mais do que fazem pelo seu género. Agora," disse ele, "se pudermos ter uma religião que abranja a humanidade, e que pregue o valor da vida humana nas suas próprias fundações, disporemos de esforços associativos suficientes na terra. Nunca existiu uma religião exceto em casos individuais e isolados que foram suficientes para superar o amor pelo poder externo, quer se trate da realeza, do clericalismo ou da riqueza.

"Quando essa religião permear a humanidade; quando algum sentimento nobre com o da arte, poesia e música combinados tomar posse da alma; quando o próprio pensamento se centrar na humanidade enquanto o grande poder, e na fraternidade humana enquanto alma e coração da sua religião, disporemos de corpos associativos formados por homens na terra. Pressagiado por mentes dessas, tentado por muitas formas, experimentado com referência a planos sociais e a planos de religião, nenhum esforço empreendido por parte dos seres humanos por conquistar o egoísmo externo será um fracasso. Cada um considero um trampolim para a fraternidade superior que com certeza virá."

Sociedades secretas, laços de irmandade que tenham qualquer relação, eu considero que são as profecias do tempo que chega. A única razão porque coloco objeções às sociedades secretas deve-se ao fato de não incluírem toda a gente, e se eu alguma vez tiver uma ordem, ou estabelecer uma, com certeza que farei com que inclua toda a família humana. Então poderá ser tão seleta quanto desejem. Mas decerto que, quem quer que afirme sobre qualquer base a fraternidade do homem, e faça dela a sua fundação, será para mim, e foi durante toda a minha vida, um indicador ou uma profecia para o futuro.

Na vida espiritual vocês irão entender bem que não existe rivalidade entre os artistas, nem ciúme entre os poetas, nem tampouco entre os filósofos; e quanto aos milionários a riqueza deles equivale a nada, por terem deixado isso para trás na terra. Consequentemente não existe nenhum dos estímulos para a emulação externa, e o egoísmo gradualmente acaba por ser deixado como se deixa uma veste gasta e sem uso de que nos envergonhamos.

Nas associações espirituais, além disso, há um estímulo constante para, quanto mais ativos formos para com os outros, mais próximo pareceremos estar daquele reino de felicidade que buscamos, cuja consequência é a de que em, breve aprendemos a esquecer se nos encontramos no céu ou não, se estamos em busca da nossa própria salvação ou não, pela consciência de nos esforçarmos todos os dias e a toda a hora por fazer algo pelo melhoramento da condição dos outros.

Os trabalhadores da Inglaterra, desta nação em certa medida, da França, da Alemanha, de toda a Europa, sentem a poderosa força daquele poder que está a correr oriundo da esfera desses chamados ‘comunistas’, e sentindo-o são inspirados por ele, e embora neles não caia qualquer culpa quanto a derramamento de sangue com foi visto em França, precisamos lembrar-nos que tumulto e confusão seguem a tirania, e brotam dela, e não tanto da associação tal como as insurreições que irromperam entre os escravos não brotaram da liberdade. Precisamos ter presente que se houver violência ao iniciarem os esforços para a associação em prol da fraternidade, isso não será culpa do princípio, mas tão só do estado sombrio que o precede.

Eu percebi outros corpos associativos devotados a outros propósitos. Pareceu-me que arte era um, e que toda a esfera das mentes afins se encontrava unida em torno da grande alma que arquitetou a São Pedro (basílica), e que ele, tendo superado a ambição que tinha, os ciúmes

pelos seus rivais, se sentara no meio com o seu triplo poder de génio, enquanto muitos mais com ele, entre os quais estava Rafael, da Vinci, e uma hoste de outros que pareciam mover-se em harmonia, e trabalhar por objetivos mais elevados — qual poderia ser a sua arte agora? Não será o poder papal para o qual uma outra abóboda terá que ser criada; nem igrejas para serem ornamentadas com Madonas, cada qual com a face de alguma mãe de Itália; nem bebés, Cristos na infância, para serem retratados em homenagem ao mundo e a admiração de todos os amantes da arte!

O que poderiam estará agora a pintar? Ao longo das paisagens do tempo, como se de um panorama se tratasse, contemplei o seu trabalho e vi como sobre mentes aparentadas tinham retratado a esperança quando o desespero apertava; a fé quando se tinham perdido nas trevas, o amor quando o ódio humano tinha os condenado ao desespero; e pude ver belas imagens, mais belas do que qualquer que adornasse as cenas clássicas da Roma ou Florença. Ah, retratos de corações humanos que superaram a angústia que os assaltava, de almas humanas libertas da miséria do desespero e do despotismo do temor da morte — quadros como os que só Rafael podia pintar, cuja mente, intento assente sobre o amor de uma ser humano, esquecera que alguma vez tinha pintado um quadro que fosse digno da consideração do homem! Não terá ele pintado unicamente para os seus próprios olhos? Não se terá ele fletido o joelho somente para a criança? E não terá ele sido este amor inspirador que o alçou ao céu?

Dante — não terá cuidado do poema divino que escrevia, para que o tempo todo tenha sido o estudo de estudantes de estudantes e filósofos? Ou melhor, ele só se importou com essa imagem, elevada acima de todas as outras, consagrada no seu coração, ela que o conduziu em frente, o santo da sua veneração, o ídolo da sua vida — Beatrice! Mas essa veneração e amor tornou-o superior às demais almas que estão empobrecidas no amor aqui e que não têm imagem divina para que se virar.

Não foi a mãe de cristo quem ensinou todas as mães humanas a suportar a sua angústia em silêncio? Não foi Cristo, o irmão mais velho dos homens, quem legou à humanidade a imagem viva do sacrifício pessoal para que pudessem ser inspirados e sustentados em toda a dor?

Pintaremos unicamente quadros nas paredes? E construímos templos que se esboroam em poeira? Eu digo-lhes que vi um templo na esfera

dos artistas que tempo algum levará a esboroar-se, nem mão humana demolirá formado por vidas humanas, tão perfeitas e tão desenvolvidas que cada pilar se encontrava gravado com uma vida, e cada imagem era uma imagem de encanto. Vi aí mães consagradas, não imagens gravadas na pedra, nem imagens pintadas em telas para os homens adorarem, mas as imagens vivas das Madalenas alienadas das almas, erguidas do desespero e da desolação, a quem as torturas da vida tinham enganado, mas que aí foram libertadas.

Vi formas divinas e sagradas de arte e religião, mas não eram coisas desprovidas ed vida; eram seres vivos, pulsantes, que palpitavam com o sopro da vida, situadas na sua própria esfera, que desempenhavam aí o seu trabalho, cada qual uma porção do templo vivo que o grande Mestre Artista tinha moldado numa outra esfera que não a de Roma

Ah, pudessem vocês ter visto aquela abóboda! Pudessem vocês ter visto os quadros que adornavam os seus murais! Pudessem vocês ter visto a corrente de vida que corria de um lado para o outro, que não faz vibrar qualquer melodia exceto a do amor! Pudessem vocês ter escutado as músicas de vozes todas em consertado acordo que não emitiam som exceto aquele que insufla paz e harmonia! Pudessem você saber que nenhum acorde da simpatia se perde! Que nem uma só nota do amor é inutilizada! Que nenhum laço se dissolve! Pudessem vocês ter visto as formas ressuscitadas e criadas que crescem em glória e beleza nesse clima distante e diriam que toda arte da terra afunda na insignificância, por existir a associação divina e a mão divina que as une a todas.

Não vou multiplicar. Essas são apenas esferas típicas de entre as milhares de outras que eu visitei, milhares onde o fio da vida humana não se perde, onde nenhuma esperança fenece, onde nenhum devaneio é esquecido, onde nenhuma aspiração sublime está condenada a desaparecer; todos se acham reunidos em elos dourados de cadeias de perfeito brilho nessas esferas de vida, e representam o possível do homem!

Trazer uma porção desse ambiente divino, elevá-los a esses cumes e à estrutura desses templos divinos imperecíveis, tornar as vossas vidas numa porção dessa existência espiritual que moldará para a humanidade na terra aquilo que as almas talharam na vida do espírito, é porção da minha missão entre vós.

Se, da esfera da fraternidade, que abraça milhares de corpos associativos, eu lhes tracei uma esperança reluzente, de modo a que o cativo na cela, o prisioneiro acorrentado, a alma envolta no medo da morte, ou aquele que palminha a terra vítima do desespero e envolto na melancolia, possa ser em alguma medida aliviado do seu fardo, então ficarei satisfeito.

Esta é aminha missão de amor, e enquanto me afasto repito o meu texto:

"Um novo mandamento lhes dou, que se amem uns aos outros."

O CONTINENTE PERDIDO DA ATLÂNTIDA

Cora Richmond, 22 Outubro de 1882

O tema desta noite é: 'O Continente Perdido da Atlântida e os seus Habitantes.' A era pré-histórica da Terra foi não só tema de grande especulação mas de muito quanto faz parte da natureza da revelação efetiva, já que aquilo que é designado por época pré-histórica anterior ao período Adámico já fora pré-datado na história da China, nas revelações do Egipto e existirem provas geológicas de que o homem tenha habitado a terra muitos milhares de anos antes do período Bíblico, e continuarem a acumular-se provas de que essas habitações tenham tido lugar em porções da terra que são agora relativamente novas na história, e de que vós nada obtendes a partir da história clássica do mundo.

É positivamente certo que o Egipto pré-histórico tenha sido mais grandioso do que o Egipto da história. Continuam a acumular-se provas que mostram que a maior parte do antigo esplendor do Egipto deve ter antecedido de longe qualquer data que resulte até mesmo de qualquer leitura hieroglífica ou da exumação dos registos das pirâmides, tendo tomado as correntes mais antigas de vida das distantes fontes do Nilo. A corrente civilizacional deve ter vindo do fundo da África, onde as águas do Nilo inundavam a terra e a tornavam fértil, e a seguir espalhado por muitas ramificações pela Europa, ao longo da civilização Fenícia, até à Grécia e à Europa moderna.

Vocês traçam as linhas do conhecimento a partir da mitologia e da tradição em vez de uma história concreta. Mas daquelas nações esplêndidas que se localizaram na porção sul da América do Norte e na

porção a norte da América do Sul, de entre todas as revelações que jazem ocultas nos misteriosos registos da América Central do que os geólogos virão a revelar na mais antiga estrutura do próprio continente da América, há muito pouco que seja conhecido.

E do velho continente perdido de que Platão deve certamente tido algum conhecimento que obteve na tradição ou história secreta, mantido por antigos sábios, (porquanto precisa ser lembrado que Platão, através do seu saber teve acesso aos segredos mais místicos e misteriosos do Oriente) não há absolutamente nada que seja conhecido que possa ser designado como autêntico. Contudo não há dúvida que essa tradição da Atlântida chegou através do Egipto, a partir do fundo da África.

Imaginem uma geografia da terra completamente diferente da configuração atual, três continentes principais em vez de dois, cuja porção de terra mais vasta se situava a sul em vez de a norte, da linha equatorial, imaginem a porção sul da África mais vasta do que a porção norte da Ásia, fundida por ilhas a estender-se mais longe em direção ao Atlântico; imaginem em meio ao oceano Atlântico, a sua ponta a estender-se a norte ao longo da linha equatorial, a massa do continente posicionada mais a sul em direção ao círculo Antártico em vez de a norte para o círculo ártico, e terão o continente da Atlântida.

Depois, a porção ocidental da Europa (geologicamente nova) era desconhecida, e a porção ocidental da América achava-se ligada à costa ocidental do que é agora a Ásia. A Austrália estendia-se bastante para sul e formava um outro continente. Os três principais continentes, a massa deles, ocupava o espaço atualmente ocupado pelo Oceano Atlântico e a porção sul do Oceano Pacífico -- observem tudo isso mentalmente, conforme o descrevemos, e terão a antiga geografia.

Os Atlantes viviam no meio de um clima e ambiente favorável à mais elevada civilização; e tal como a América do Norte se estende para sul e toca os trópicos, também a Atlântida se estendia para norte para além dos trópicos, incluindo não só todo a zona sul temperada, mas a região que se estende ao longo da zona tropical, desse modo proporcionando as maiores variedades de clima, e situados com referência aos ventos e tempestades, de modo que raramente tempestades violentas atingiam as suas latitudes mais favorecidas. Esse continente era capaz de produzir a mais elevada forma de civilização. Em termos de uma medição real não resta dúvida de que tenha excedido de longe as dimensões da América

do Norte, e talvez também a metade norte da América do Sul tenha representado toda a sua área terrestre.

Depois, precisam ter em mente que as porções norte da Ásia se encontravam unidas à parte oriental da América, o que compunham um outro continente a sul da porção mais ocidental, que tinha comunicação com a Atlântida por meio de diversas ilhas, por barco e navegação aérea, que virá, um dia, a ser restaurada. Toda a ciência mecânica e arte conhecidas da civilização que compõem a história, ou que têm cabimento na extensão da vossa época histórica devem ter aí sido conhecidos, dado que vocês nunca atingiram o auge (e não atingirão, até que o atual ciclo da civilização esteja concluído, alcançado o ciclo) e ápice alcançado pelas nações históricas.

De acordo com a crença ou conhecimento que entretemos, existem ciclos de vinte e cinco mil anos, durante cujo período o fenómeno conhecido como precessão dos equinócios indica uma gradual mudança do eixo ou posição da terra, não somente com referência ao sol, mas com referência a todas as constelações, o que prova que o eixo da terra gradualmente se altera; que geograficamente, aquilo que é conhecido como Gronelândia atualmente, foi certa vez terra fértil. A tendência é do polo norte se arrastar para vós deste lado da terra, e do polo sul se arrastar para o lado contrário, mostrando que se verifica uma mudança gradual no eixo, no eixo polar da terra.

Já sucedeu uma altura em que, após uma mudança gradual de repente foi produzida a submersão de um continente cuja própria largura se situava, conforme dissemos, a sul da linha equatorial; além disso, libertando da obscuridade e das profundezas do oceano os continentes que são agora conhecidos como América do Norte, a porção norte e ocidental da Europa e partes da Ásia. Mostrando assim que aquele processo que decorre por um período de vinte e cinco mil anos, produz, durante um tempo, uma influência de contrabalanço.

O acúmulo de gelo ao redor do polo norte no presente é indicação de que quando a mudança tiver de novo lugar, os continentes que se encontram agora submersos nos mares do sul a sul do círculo antártico se desprenderão, os oceanos tropicais do sul e todas as faixas a sul da linha equatorial se desprenderão, até que os continentes uma vez submergidos tenham sido de novo descobertos, com a América do Norte, que certa vez submergiu e agora se acha restaurada na sua posição.

Ao mesmo tempo perturbações vulcânicas e agitações de ordem diversa, produzem a meio do oceano, na região semi tropical, mudanças tais que levam os continentes a cindir-se, ou os leva a unir-se, do que resulta a união, como a anterior da porção ocidental da América com a porção mais oriental da Ásia. Falamos disto por coincidir com a conhecida teoria glaciar, de que porventura alguns de vocês estarão a par, e em que talvez muitos não acreditem, ou então em que a vasta massa dos habitantes da terra dificilmente pensa.

Mas para aqueles que habitam o continente a que nos referimos, cuja área excede de longe a da América do Norte, essa teoria foi bem conhecida como as teorias dos Egípcios respeitantes à astronomia, assim como à certeza da existência de um sol central ainda mais distante do que o luminar solar do vosso próprio sistema, assim como os vastos períodos dos ciclos astronómicos e os períodos menores a que nos referimos como de vinte e cinco mil anos; tudo isso era compreendido na civilização culminante da Atlântida.

As raças aí existentes variaram nos seus diferentes períodos civilizacionais, tal como as raças aborígenes que habitavam a América do Norte e do Sul e da porção nordeste da Ásia variam; mas podem identificar, por exemplo, linhas de semelhança entre os Índios da costa ocidental da América do Norte e da Ásia, em particular entre os Índios Navajo e certas porções dos Japoneses. Os Chineses são diferentes dos Japoneses; eles são destacados com um tipo mais elevado do que os Chineses, por a sua civilização no seu culminar ser mais recente.

Mas os Chineses descendem distintamente dos antigos remanescentes dos Egípcios, os quais em si mesmos eram contemporâneos das nações Atlantes. O tipo Egípcio distinto acha-se quase extinto, e com os transbordos decorrentes da Abissínia e de outras fontes próximas da África, e as várias invasões das tribos errantes, o tipo inicial no Egipto dificilmente se torna distinguível, no entanto apresenta uma certa linha de características como um nariz bastante esguio e aquilino, com ossos do rosto bem definidos e proeminentes, rostos compridos, faces estreitas, testa alta, cuja altura indicava um grau de civilização ligado aos mais elevados tipos das raças Anglo-saxónicas dos dias atuais, não uma raça que coincidisse com as raças da África ou com as raças no Oriente que entraram em degeneração.

O tipo mais elevado da raça Egípcia possuía um temperamento nervoso e flexível. Isso seguido até à sua fonte deve ter tido a sua origem num

clima que produzia não só um temperamento preguiçoso, nem mesmo um temperamento impetuoso, inflamável, mas um organismo altamente nervoso finamente composto, uma raça inteiramente diferente daquelas que vocês estão acostumados a ver como tipos da civilização Egípcia.

Imaginem a Terra nas suas formações geográficas conforme as retratamos. Agora ponderem no clima que combine essencialmente as melhores qualidades da Califórnia em toda a sua extensão de território; as melhores porções da França e da Itália bem como daquelas ilhas do mar, nas latitudes tropicais, como as Índias Ocidentais, onde, com um adequado engrandecimento de montanhas, uma altitude é alcançada que deveria ser considerada elevada; aqui estava um clima e temperatura adaptado a quase todas as variedades de raças.

A seguir imaginem um clima meridional temperado em que se ache patente não só a largura mais ampla deste continente, como também o maior número dos seus habitantes, e terão a condição do que a nação deva ter-se desenvolvido durante os últimos vinte e cinco mil anos, habitado e transmitido à posteridade as artes e invenções da civilização, manteve relações e povoou porções do Egipto e da África, e lhes deu os únicos elos através do Egipto e finalmente através da Grécia, com os quais vocês puderam traçar a sua existência e civilização; que, recuando ao Egipto, por fim teve um curso ascendente e na Grécia derramou tudo quanto podia ser derramado desse antigo esplendor, e que por fim reunindo-se nas nações do Norte da Ásia, da Europa Ocidental e da América Central, lhes trouxe não só o clímax da sua civilização, mas tão só até um quarto do caminho.

Retractamos-lhes agora os Atlantes no seu máximo tipo de civilização — que tomava de empréstimo das regiões do sul como vós tomais das do norte temperadas e semi-árticas uma compleição de uma transparência cristalina; tomando igualmente emprestado o mesmo clima, das altitudes elevadas das mesmas montanhas na porção norte extrema uma organização nervosa altamente tensa; imaginem um rosto claro, bastante mais escuro do que a do típico Anglo-Saxónico, com olhos proeminentes que variavam de um azul-escuro a um azul claro extremo, do cinzento a diversos tons de castanho (raramente escuros).

Imaginem uma forma cuja estatura se assemelhava àquelas a que estão acostumados a supor terem pertencido aos antigos Espartanos — cheios de um vigor atlético e força muscular e energia nervosa, e um intelecto não enfatuado pelo seu poder de destruir a forma física, mas

que lhes conferia mais a graça da atividade intelectual; a altura média indo de 1,80 a 2 metros no caso dos homens — as mulheres indo dos 1,5 a 1,6 metros de altura; alguma vez escassamente menos, mas todas bem formadas e dotadas de temperamentos preponderantemente nervosos e ainda assim não muito emotivos, todas dotadas de energia de carácter, belos filhos, civilização que no seu auge raramente conheceu qualquer doença; e terão os Atlantes típicos no seu mais elevado estado de perfeição.

Anterior a isso têm todos os tipos de vida, conforme têm nas vossas presentes porções habitáveis do globo, seguindo-as vocês têm a decadência desta raça, como vocês agora testemunham em certas porções do império Chinês; nas raças que se encontram em decadência na América Central e do Norte, no declínio das nações de mais recente surgimento, cuja existência foi separada, e forma as novas vagas da civilização que se estenderam pela terra.

Imaginem a fundação da aprendizagem de que o antigo Hermes e os Filhos da Manhã (supostos Anjos Caídos) retiraram as suas ilustrações típicas; imaginem uma raça de que os antigos Egípcios pareceram tomar emprestado o seu tipo mais elevado, os esplêndidos seres, divindades e deuses da antiguidade, que eram muitos dos Atlantes, como os atuais habitantes da terra de quem Osíris deve ter tomado o seu nome emprestado, e Ísis o seu esplendor velado — do qual Maia e Jove (o Júpiter mitológico) deve ter derivado, e Minerva, a deusa da sabedoria na Grécia; a partir de quem os deuses e deusas do Olimpo devem ter tomado emprestado os seus termos e títulos, e as suas qualidades originais; de quem Platão, pela tradição atual, quer do espírito ou da terra, reuniu as maravilhas do seu poderoso cosmos; imaginem isso e terão a civilização de um continente que não só podia compreender o sentido das forças elétricas e magnéticas que vós agora tão desajeitadamente compreendeis, mas também deter aquilo para que estais a avançar, a Luz Solar, as suas imagens apinhadas e esplendor solar, a mostrar que os filhos do sol nos seus dias iniciais na sua mais levada civilização devem ter tomado emprestado a sua adoração dos Atlantes, que adoravam o sol enquanto símbolo de luz, força, vida e poder mecânico.

Estendendo a sua civilização para oeste, para o continente da América, que se juntara ao da Ásia, formou uma base da qual a sua civilização se estendeu para leste, para a África, e que finalmente se fundiu no Egipto,

cuja civilização quase circundou o globo. Seus são, pois, os exemplos que por fim vocês hão de seguir; sua é a língua que, descendo o Nilo através do Egipto na forma de hieróglifos para serem por fim interpretados, que foram dados a conhecer através dos esplendores de Mémnon, das maravilhas de Cadmo, pelos Gregos históricos ou Divindades, cujos nomes, passados de geração em geração, de século em século, de ciclo em ciclo, atingiram por fim o saber do século IXX da era Cristã.

Imaginem o Egipto antes da construção das pirâmides; anterior à cidade histórica do templo do Sol; anterior da adoração de Osíris e Isis ter sido tornada temporal, e o Egipto cheio dos esplendores da manhã; seguindo a civilização até baixo ao longo das ramificações e fontes do Nilo, e a seguir para o exterior sobre as águas das misteriosas regiões da Atlântida — imaginem o Egipto a retirar a sua provisão de conhecimento dessa fonte antiga, a encher até ao topo as suas tesourarias da aprendizagem com os tesouros que então existiam, e a preparar-se para a catástrofe que por fim viria a privar a terra dos registos do esplendor dessa antiga raça. Durante vinte e cinco mil anos os começos e fins da sua civilização e nos continentes contemporâneos mantiveram o ritmo desses que vocês agora estão a registar; durante vinte e cinco mil anos o surgimento e queda dessas poderosas nações mantiveram as pulsações do hemisfério sul vivas, como atualmente o hemisfério norte é mantido vivo pela civilização das nações das zonas temperadas nortenhas; durante vinte e cinco mil anos, reis, governantes, sacerdotes, potentados e os poderes que se erguem e caem de acordo com a paixão ou ambição humana, detiveram o seu lugar entre aqueles povos.

E durante uns oito mil anos completos desses vinte e cinco mil anos afigurou-se aí um culminar da civilização tal como aquele que virá à terra quando os povos que construíram as nações nas fronteiras que são definidas pelo círculo ártico a norte e pelos trópicos a sul — tiverem satisfeitos os seus presentes ideais; quando todos se tiverem fundido num círculo de nações, todas as nações da moderna Europa, todas as nações resgatáveis da Ásia e do Egipto; quando todas as tradições oriundas do passado tiverem sido restauradas, e o futuro tornado glorioso através de novas profecias e invenções; então será de esperar que esse círculo nortenho de nações venham a circundar o globo como uma esteira de luz; e vós traçareis através da profecia a expectativa aquela liberdade e graça, pureza e esperança grandiosa e o magnífico êxtase das nações dirá então respeito à terra.

O que essa esperança virá a ser na sua consecução para o presente ciclo do desenvolvimento do mundo, o qual, é claro, será um grau mais avançado do que aquele que os Atlantes possuíam, e que será ou virá a ser para o presente ciclo do desenvolvimento do mundo, será a Atlântida e o círculo das nações do hemisfério sul para o mundo desse período! E como, passo a passo vós marchais no progresso da história que descobris que as invenções que prezais, os tesouros que cobiçais, eram não só sonhados mas pertenceram à história do passado; quando descobrirem que devem ter existido aparelhos mecânicos mais potentes do que qualquer do que são conhecidos na terra atualmente, motores mais ligeiros do que algum dos que pertençam à civilização atual — quando compreenderem que devem existir segredos na química que ainda não conhecem, segredos na astronomia que se encontram além da vossa compreensão, e que aguardam o progresso das noções para realizar, então estimarão aquilo que os Atlantes conheceram, em correspondência com o seu ciclo de tempo na terra.

As pessoas no mais elevado estado da civilização lá eram governadas pelo que é conhecido por método parental — não nos referimos ao método patriarcal da antiga Israel e das tribos errantes do Oriente, mas aquilo que impunha ao governo os deveres do pai de família; aquilo que considera todo habitante da nação um filho a ser protegido, os mais débeis a ser mais defendidos, os mais fortes a fazer o maior trabalho e a desempenhar o serviço mais ativo. Nos ciclos a que nos referimos quando a Atlântida tinha atingido a sua máxima grandeza, os seus cidadãos eram conservados, não como fazia a antiga Roma, que protegia os seus cidadãos por uma questão de orgulho e poder, nem o antigo Egipto enquanto material bélico a usar contra as nações da terra numa agressão; mas eles eram protegidos por uma questão de humanidade, de civilização que procurava inculcar os princípios da justiça, carinho e amabilidade entre todos os povos que tinha sob o seu controlo.

O sistema Atlante era aquilo em que homem e mulher partilhavam em igualdade de circunstâncias o governo da raça. Entre os Navajos da costa mais ocidental da América foi recentemente descoberto um povo civilizado e esclarecido que teciam as mantas mais seletas e participavam em atividades pacíficas e habitavam as montanhas da cadeia San Juan; um povo pastoral, cuja forma de governo vocês porventura sabereis ser o da eleição, e o cargo de chefe era nomeado não por parte de concelhos dos bravos e guerreiros da nação, mas pelas

mulheres, e aquele que era eleito chefe da tribo era eleito em função do seu mérito e amabilidade — pois eles não eram um povo guerreiro.

Assim, no presente, metade de século foi feita uma descoberta pelo Governo dos Estados Unidos na violação e agressão que fez contra as tribos pacíficas da América do Norte. Nos tipos mais elevados da Atlântida, a nomeação dos chefes do povo era feita pelo povo, em função da gentileza e amabilidade que tivessem; os chefes do povo eram os homens e mulheres que melhor podiam satisfazer o cargo de pai de toda a nação, o cargo de um governo amável e proporcionasse um julgamento e decisão em todas as questões tendo o interesse e o bem-estar do povo; e esse, devemos referi-lo, era o padrão moral existente entre eles, essa interferência reduzida era conhecida, já que o povo que desejava uma forma de governo tão capaz raramente podia transgredir as leis, raramente podia entregar-se à guerra, e esse não foi um período bélico entre os Atlantes.

À semelhança de todas as raças ou sucessão de raças, houve um período do surgimento dessas nações; houve um período de crescimento, agressão e de guerra, e foi durante alguns desses períodos de agressão que os antigos Atlantes se familiarizaram com os continentes adjacentes; ao violarem as leis que num período anterior tinham sido preservadas como sagradas, eles infundiram na África e no Egipto e na América da antiguidade uma parte do seu espírito agressivo, porém durante os oito mil anos em que reinou a paz, em que todos os habitantes possuíam uma habitação apropriada e não existiam pobres, e as doenças eram raras, reinou muito pouca agressão ou crime.

Durante esse período de oito mil anos uma sucessão de medidas pacíficas foi adotada, como aquelas que são sugeridas agora para as nações que avançam para a civilização no mundo: designadamente, a arbitragem — a adjudicação de diferenças por conferências, e por fim tais julgamentos como os que são submetidos à voz de todo o povo, receberão a mais elevada sanção do que se confiada à voz dos poucos. Embora uns quantos possam representar o povo, ainda assim não se podem substituir ao povo inteiro, exceto o fato de dirigirem a aplicação da lei para as necessidades do povo; enquanto a influência moral das massas constitui a principal segurança num período de esclarecimento e cultura.

Somente as massas ignorantes não merecem confiança; somente nos períodos de violência da história humana que vastas quantidades não

merecem confiança para legislar adequadamente; de modo que, conforme dissemos, no período médio da prosperidade e grandeza a Atlântida era governada por uma legislatura tão moderada como aquela que governa o agregado familiar mais benigno; uma legislação tão doce quanto aquela que governa as leis das sociedades religiosas entre aquelas regiões que são sagradas e vinculativas — tão sagradas quanto aquela que é inviolável na Livre Maçonaria; tão sagradas quanto a o princípio de governo do Anjo que um dia governará as nações da terra quando elas se alçarem da ambição política e do poder dos demagogos políticos para uma verdadeira consciência da humanidade o bem do género humano.

O idioma que alcançou a perfeição do som e a perfeição do simbolismo foi o idioma dos antigos Atlantes — que combinava as melhores partes do sistema fonético com as melhores partes dos hieróglifos dos antigos: uma língua cujos sinónimos vocais eram sinónimos de harmonia, cujos traços ou estilo e características eram sinónimos de ordem matemática e organização geométrica; uma língua tal como a que virá a ser escrita e pronunciada quando toda as raças do presente globo civilizado se tiverem combinado em prol de uma harmonia da expressão, em prol da sinfonia do som, da prontidão da transcrição. Tal era a língua dos Atlantes.

Ao longo do Egipto os grosseiros hieróglifos sugerem essa língua mais antiga de esplendor; ao longo de todas as raças Arianas (Indo-Europeias) encontramos um certo toque do antigo ritmo; ao passo que das inscrições das tumbas e arquivos da América Central encontramos uma sugestão similar de uma língua daquela nação perdida que se estendeu para leste e para oeste e se inscreveu nas nações que então existiam, à época menos prósperas do que a sua — que se renderam prontamente às mãos da civilização. Também a Atlântida ao se estender a leste e a oeste, expandiu a sua língua até agora ser delineada nos mais antigos registos de qualquer dos continentes: até o Ocidente e o Oriente produzirem por igual os tesouros que carregam um pouco da impressão e toque dessa mesma mão — toscamente transcrita, passada de uma forma grosseira, mas contendo ainda o seu toque de mestre da antiga língua Atlante.

Se os lábios, a língua e a expressão facial fossem todos considerados na pronúncia das palavras; se os sons contivessem harmonia vocal e não houvesse hesitação na fala (que resulta de sons difíceis); se o

idioma fosse de tal modo constituído que fosse sinfónico com os pensamentos, vocês teriam uma ideia qualquer do som da harmonia completa que é representado pelo círculo, cujas linhas tracejadas são o arco do círculo. A língua sepultada nas pirâmides é como a antiga língua degenerada, e apenas pelas frases e palavras truncadas resultantes do moderno sistema de tradução lhes haveria de transmitir um capítulo da história humana.

Um dia, tomando de empréstimo a chave daquilo que foi revelado no Egipto e atravessando o Nilo até à sua fonte, atravessando a América Central e seguindo para sul vocês verão as linhas paralelas por que a antiga civilização se estendeu; circundando mais de metade do globo, descendo até vós em misteriosos fragmentos da Persia, da China e da antiga Índia através do Egipto, através das nações dissimuladas ao longo do Nilo, pela Grécia, pela Roma, pelas nações a sul ou Latinas da Europa do Oeste através dos aborígenes da América, através daqueles que tomaram de empréstimo a sua luz dos Astecas, dos Toltecas, dos Poncas, das nações ainda mais remotas além do avanço testemunhado mesmo agora, vós delineareis registos desses grandiosos monumentos do passado. E quando por fim no mesmo ápice da civilização, alcançarem quatro ou cinco ou seis mil anos, as presentes nações da terra terão alcançado o seu culminar, e os sonhos dos eruditos serão cumpridos, e a ciência terá alcançado o auge altivo que ela pode alcançar neste ciclo de vinte e cinco mil anos; quando tudo isso se realizar, vós estareis no vosso topo das alturas que tocará em linha paralela àquele da antiga Atlântida.

Debaixo dos céus curvos, a vibrar através dos céus arqueados a esgueirar-se da grande voz do Egipto sepultado, a balançar e a oscilar em naves aéreas pelo espaço que divide os vossos continentes, a vibrar através das estrelas em resposta à vossa, a voz dessas poderosas nações virá. Então, como agora, a curvar-se acima da vossa terra, até poderem ligar a sua história passada à vossa por cadeia dourada de reconhecimento e luz, eles esperarão e pairarão; esses poderosos povos, esses espíritos aperfeiçoados, aquelas almas que se não cansaram de observar o vosso nascimento, avanço, progresso e conquistas nas artes da civilização; eles aguardarão, a sorrir para a terra, ou para as nações da terra; tocarão a testa de algum governante tranquilo, sábio, benigno que, em nome do povo que se estenderá por toda a parte das nações da terra.

As maravilhas desse poderoso movimento da história estará ligado ao passado; os continentes engolidos que se encontram debaixo dos mares serão revelados à vossa visão por meio de uma investigação científica efetiva; surgirão métodos de descoberta que lhes são desconhecidos atualmente, por meio dos quais verão o fundo dos oceanos, e descobrirão os tesouros ocultos por baixo das mais distantes profundidades e montanhas; brilhará luz nos locais mais remotos; as minas ocultas da terra serão iluminadas com raios emprestados desse antigo esplendor.

Quando isso for plenamente restaurado e vós tiverdes dado mais um passo em frente, então reunirão essas poderosas hostes forças para um maior avanço, e passar para o planeta seguinte, e terão lições de começo da vida aí. Tais são os ciclos do tempo em comparação com os anos humanos e os dias humanos. Esses vastos períodos da história humana são enrolados juntos como um pergaminho brilhante; e um dia a Atlântida apertará a mão com a Ásia, com a Europa, a América e a África e a Austrália, (que é um vagabundo errante de um daqueles continentes antigos) numa restauração palpável à luz da ciência, compreendendo onde estiveram, onde estão, quem foram os seus habitantes — transferindo na realidade aquilo que lhes retratamos ao olho da mente. À medida que a ciência segue lentamente na esteira dos seus profetas; à medida que a religião redime a terra gradualmente às alturas do seu Salvador — também, onde as nações tiverem estado individualmente, toda a terra das nações virão um dia a estar, e aquilo que a Atlântida outrora foi, todas as nações da terra ainda virão a ser; enquanto vós insistindo para a frente com pés velozes saudareis a chegada daquele ciclo que os irá ligar ao seu mais antigo esplendor.

O SIGNIFICADO DO ESPIRITUALISMO

Cora Tappan, 24 Maio 1863

O mundo faz uso de termos, termos esses que não são mais compreendidos do que o termo “Divindade,” que é aplicado a toda a forma de deuses que os homens veneram. Esse é mais ou menos o caso do que sucede com o Espiritualismo O mundo fala de ‘Espiritualismo’ e o seu sentido pode ser essencialmente diferente do verdadeiro significado do termo como o ídolo do Hindu ou Ala dos Maometanos diferem do verdadeiro espírito divino do Infinito. O Espiritualismo — como deveria ser apropriadamente chamado* — é uma palavra ou um termo que pode ser explicado como querendo dizer a ciência de toda a vida, e no entanto não é assim entendido.

*NT: Talvez por mera questão de semântica.

É nosso propósito definir o que o Espiritualismo significa, e a seguir o que é definido como aquilo por que é entendido; por fim, definir o que na grande conceção dos termos da mente, será.

De acordo com a compreensão que temos, tudo quanto incorpore espírito, tudo quanto possua vida, tudo quanto seja dotado de inteligência, faz parte do Espiritualismo. Aquilo que é origem do espírito, chamado Deus, e aquilo que constitui o recetáculo do espírito, a forma humana, devem estar unidos por qualquer forma, laço esse em que deve haver um processo mútuo qualquer de compreensão Em tempos idos, isso foi chamado inspiração; posteriormente foi conhecido sob diversas formas e explicações científicas e termos; porem, em todas as eras é substancialmente o mesmo.

À compreensão superficial, apresenta a mesma aparência que a eletricidade ao filósofo superficial. Nós ouvimos os homens falar da ‘eletricidade.’ Ouvimos o termo usado para descrever o fenómeno singular que ocorre nos céus da terra. Os filósofos modernos chamam a tudo aquilo que não compreende ‘eletricidade.’ De modo que as pessoas usam termos ambíguos em relação ao Espiritualismo, e tudo quanto seja alheio, que nessa medida é fanático, superficial, que paire à tona da sociedade, é chamado ‘Espiritualismo’.

Existem mentes em todas as eras e sociedades que, como a escória que sobe de um lago estagnado, parecem transmitir sempre à atmosfera a exalação da sua impureza. Essas mentes parecem andar constantemente a pairar à superfície de todo ismo novo e popular que

por acaso surja, e tais mentes, que se dividem em diversas classes, sempre formam o bicho-papão contra o qual a sociedade precisa forçosamente lutar. Depois há outras mentes que, à semelhança da das plantas nocivas ou ervas venenosas, ou serpentes, ou insetos, parecem especialmente criadas para absorver vapores venenosos, e emiti-los na sociedade.

Tais mentes apegam-se a toda ideia que paire, a todo sonho sublime, e se possível, trazem-no para o mesmo nível da própria conceção que tem. Mas isso não é verdade em relação à sublime conceção do Espiritualismo. No seu devido significado implica simplesmente a ciência da vida e a ciência da mente — o poder da compreensão da relação existente entre o finito e o infinito. Todos os estágios intermediários não passam de porções desse grande todo; todas as demais formas de compreensão situam-se fora disso, que representa um círculo a compreender o infinito, em que todos os demais poderes não passam de subdivisões. Conforme na matemática, as diversas subdivisões não passam de porções do todo, ou da unidade, que forma a solução dos problemas, também com respeito àquelas conceções do espírito que dizem respeito à mente infinita — elas não passam de variações ou subdivisões do grande todo geral. Mas existe algo que, em todas as eras e entre todos os povos, distinta da ciência, distinta do Materialismo e apartada dos governos humanos, forma a base do que eventualmente chamaremos ‘Espiritualismo.’ De momento presta-se ao propósito que temos de definir isso como teoria peculiar de uma certa classe de crentes modernos que acreditam compreender a sua fé, e que acreditam ter prova da verdade e fundação do seu predicado.

Há cerca de quinze ou dezasseis anos atrás, numa pequena vila do Estado de Nova Iorque, surgiram as primeiras manifestações modernas do chamado ‘Espiritualismo’ — que apareceram de uma forma humilde, e em que aqueles que pareceram produzir as manifestações eram pessoas simples e até mesmo novas na idade. Isso foi o começo do Espiritualismo moderno. Veio da forma de simples estalidos (pancadas), e as manifestações vieram a ser conhecidas como ‘As Pancadas de Rochester.’

A partir dessas pancadas, nesse condado e nesta terra, dezasseis anos produziram provavelmente três ou quatro milhões de crentes. Essas pancadas, conforme inicialmente aparentemente misteriosas, foram posteriormente tidas como significando: “Nós não estamos mortos; somos os espíritos dos vossos amigos, e podemos estabelecer

comunhão convosco," repercutiu a partir daquela pequena vila até à mais remota parte do mundo civilizado. Onde quer que tenha chegado, pareceu transmitir a mesma mensagem e ser interpretado da mesma maneira.

O seu significado simples é o de que, para além da sepultura, entre este vosso mundo mortal e o do espírito, existe um local ed existência, e que o vale da sombra da morte não é um longo caminho sombrio que conduza ao nada, mas um portal de luz que se abre para revelar o mundo imortal. O Espiritualismo avançou de forma ímpar na história de todas as outras crenças, possui mais advogados, mais devotos, porventura igual proporção de inteligências, no entanto foi porventura alvo de maior abuso, conforme iremos mostrar num instante.

O simples fato de que por meio dessas manifestações os crentes nesta doutrina aleguem ter descoberto aquilo que o mundo da religião fracassou em revelar por quase nove séculos, é em si mesmo suficiente para responder pela magnífica rapidez com que se disseminou; pois enquanto os homens sonharam com a imortalidade e todas as eras revelaram algo do foro da inspiração, não houve inspiração nem ciência que afastasse o terror da tumba, ou que afastasse as trevas da sepultura. Não houve voz que retornasse, ruído de saudação, desenvolvimento elevado nem sublime algum, o que demonstrou que a sepultura não é o fim do homem, e que, se um homem morre, ele voltará a viver.

O Espiritualismo, na sua aceção moderna, defende ser o seguinte: Incorpora não uma nova verdade, mas uma manifestação mais palpável do que é acreditado ser uma verdade antiga. Defende ser nada mais elevado do que a religião, nada mais sublime do que a ciência, mas a incorporação e a reconciliação de ambas. Não erige altares para os seus devotos; não apresenta aos seus exponentes quaisquer sacerdotes nem oráculos; não tem por sua mais sublime e elevada divindade forma alguma, contornos, ou ser, salvo a infindável Verdade. Defende ter desenvolvido um fato, que é o de que os seres humanos podem estabelecer diálogo com os amigos que partiram; que o túmulo não está repleto de terror, mas de luz; que existe um mundo imortal para o qual todos tendem — deveras um mundo em que todos os homens vivem — e que essa imortalidade não se acha afastada da terra, mas próxima aos caminhos do homem, a rodeá-los e presentes com eles todos os dias.

Esse tanto é o Espiritualismo na sua moderna aceitação; o seu Deus é a Verdade infinita; o seu templo é o universo todo — a Natureza; o seu santuário é a alma humana, com as aspirações que alberga, da imortalidade, o seu credo é simplesmente o conhecimento e a verdade, os seus sacerdotes são a sabedoria e a razão da mente humana; o seu oráculo e santuário estão onde quer que a sabedoria e a verdade puderem encontrar-se. Não lega viver nesta era somente, mas ter vivido em todas as eras, e ter insuflado inspiração em todo trabalho nobre e santo, e em todos os génios.

Crê-se ser tão velha quanto o tempo; ter tido a sua origem na humanidade, e dizer respeito ao homem. Parece incorporar toda a inspiração. Data das mais sublimes ideias dos tempos antigos, e parece manter comunhão até mesmo com o presente. Responde por todas as formas de inspiração; resolve todos os milagres e não os apresenta como tais, mas simplesmente como naturais. Não crê em nada sobrenatural, por todas as manifestações estarem em conformidade com princípios diretos e positivos. Não reclama nada de sobre-humano, por fazer tudo a essa luz perfeita do conhecimento e da sabedoria que dizem respeito ao espírito humano, seja encarnado seja desencarnado. Não alega ter verdade mais elevada do que os outros credos, por a verdade ser sempre a mesma — jamais superior jamais inferior, mas sempre a mesma. Não crê ser superior, por ver em eras passadas as mesmas ideias que ele próprio revela.

O Espiritualismo, no seu sentido mais elevado, não significa teoria nenhuma, nem dogma, credo, fanatismo, imoralidade, qualquer depravação; significa simplesmente a comunhão de almas que passaram além da vida terrena daqueles que permanecem nos corpos mortais. Tudo quanto tenha combinado de modo a tornar este Livro perfeito e belo acha-se incorporado na teoria do Espiritualismo. Senão vejamos:

A religião é aquele elemento na mente humana que exige um objeto de veneração. O Espiritualismo é a demonstração de que esse objeto, em definitivo, é impossível. A religião é o desejo ou a ideia que a alma tem de um ser infinito. O Espiritualismo demonstra que o finito não pode jamais compreender o infinito, mas deve sempre aspirar a tal compreensão; jamais a alcançando, por a eternidade durar para sempre. A religião perdeu-se nas crenças O Espiritualismo defende que a religião se encontra na alma, e não fora dela.

A religião aspira à imortalidade. Os credos da teologia derrubaram essa imortalidade, e instalaram em seu lugar um sepulcro, em que homens e mulheres devem caminhar para o túmulo, sem qualquer esperança de uma vida futura. A teologia apresentou ao espírito esfomeado meramente ossos e cascas, esquecendo a alma da vida.

Retirem à Bíblia a parte que fala do espírito da vida, a parte que incorpora a comunhão com os anjos, a parte que parece representar o mundo imortal e retirar-lhe-ão tudo quanto a torna bela e encantadora. Por outras palavras, retirem o Espiritualismo da Bíblia, e não terão qualquer religião. Retirem-no ao Cristianismo, e não disporão de qualquer Cristianismo. Retirem-no do Cristo, e não terão qualquer Salvador, por ter sido através do espírito de Deus e dos anjos que ele desempenhou o seu trabalho.

O Espiritualismo reivindica reconciliar a ciência com a religião. É aquilo que combina os dois unidos. Faz da religião a alma, da qual a ciência é a forma e expressão Não existe nada de invulgar no Espiritualismo. Deus sempre opera através de leis naturais, e nunca, não obstante a aplicação humana, ou as orações humanas, constou que se tenha desviado da lei natural por capricho ou propósito de qualquer seita religiosa ou crente.

Com efeito, embora os homens de todas as nações tenham criado diferentes deuses e os tenham venerado, jamais houve época em que alguma das leis do mundo se tenham alterado para se ajustarem ao propósito dos credos humanos. Antes pelo contrário, a lei da Natureza é sempre perfeita, e os efeitos sempre precedem as causas num curso regular, sem referência à conceção ou à loucura humana.

O Espiritualismo defende o seguinte: que entre o materialismo e a religião existe um fosso inultrapassável, mas que entre a religião e o materialismo não existe atualmente tal fosso, por ter coberto o abismo e revelado a pedra-angular no arco da criação. De que modo? Revelando que a vida, em todas suas áreas, é distintamente o resultado da causa. Não passa do efeito daquilo em que jaz a causa além da compreensão humana; é clara, plena e perfeita. O materialismo tem estado de tal modo separado da religião a ponto de ignorar Deus, ignorar a existência da mente, ignorar o espírito, e no entanto, jamais chegou a viver um só Ateu genuíno. Não fiquem tão admirados. Homens sinceros alegaram sê-lo, mas jamais apuramos que essa alegação tenha sido plenamente realizada.

Os homens de ciência defenderam não ter descoberto no mundo, ou no universo, prova nenhuma de uma mente divina; ainda assim, homens de ciência veneraram de forma involuntária no santuário de um ser Infinito, ou espírito, ou poder, e acreditado na sua existência. O Espiritualismo faz isto: revela ao materialista, que tem tateado o seu caminho durante anos entre uma multidão de fatos e fantasias, que existe subjacente a todos estes fatos uma evidência da mente; que essa evidência é visível na Natureza, e que, se a mente existe na Natureza, noutras áreas deve existir no homem; que, se a mente existe no homem, enquanto princípio separado e distinto, não pode fenecer, por a Natureza, nos seus princípios legítimos, não perecer.

Vimos o homem de cabelos grisalhos com as marcas dos anos gravadas na testa, e o cabelo esbranquiçado pelos muitos invernos, a tremer à beira da tumba — todas as suas esperanças desvanecidas — os seus filhos, esposa, amigos, removidos para aquele arroio de onde se diz que nenhum viajante pode regressar — que, com visão clara e inflexível, e firmeza na voz, disse: “Também eu devo cair, como a árvore cai, e não viverei mais” — vimo-lo perplexo do devaneio da vida material; e ao som de uma pequena pancada, ou de alguma voz de boas-vindas da parte de um ser invisível, que disse: “Pai! Eu não estou morto, mas vivo.” Vimos-lhe os olhos cobertos de lágrimas, a sua face descontraída, a testa tornar-se radiante ante tal ideia, e as suas mãos me posição de agradecimento por a imortalidade lhe ter sido revelada à visão.

Vimos o inflexível e distante Ateu a curvar-se sobre a forma da sua filha única — a sua esperança, o seu orgulho, a sua vida, o seu pensamento, o seu sentimento, os seus afetos, com o seu intelecto em estado de rebento, tudo quanto era belo nela desbotado, e aí, envolta nas vestes brancas da tumba, foi preparada para a tumba; vimo-lo curvado sobre essa forma, e enquanto enunciava: “Está morta — isto é o fim da vida!” na sua alma e no recôndito do seu coração, e separado da sua mente material, surgir uma pulsação de vida, e um sussurro ao seu ouvido:

”Isto não é a morte, mas vida;” e o Ateu, sobre a forma gelada da sua filha, sonhar com a imortalidade, e erguer as mãos num gesto de oração. Vimos indivíduos que, quando fora de perigo, se mostravam frios, inamovíveis, desprovidos de toda reverência, nem sequer pelo Divino, e que, quando arremessados ao oceano, sem nada mais do que uma prancha frágil entre eles e a eternidade, voltarem os olhos em súplica para os Céus e dizer: “Deus, Pai, Espírito da Vida, salva-nos!”

Dizemos não existirem Ateus, e isso não pode ser contestado com êxito, pois aquele que alegam argumentar com essa crença por meio do intelecto, contradizem-na nas suas almas e em cada pensamento que têm. Porém, o Espiritualismo defende — e existem muitas provas vivas da verdade dessa alegação — ter revelado a muitos dos chamados materialistas a verdade da vida imortal; ter revelado a muitos céticos uma verdadeira inspiração; ter exemplificado àqueles que não acreditam num Deus, um verdadeiro espírito vivo, cujo nome se pode dizer seja Deus, mas cujo ser jamais poderemos compreender. Além está uma mãe que porventura tenha enterrado um filho adorado; ela dobrou-lhe as pequenas mãos para a tumba, estreitou-lhe pela última vez o seu beijo nos lábios e testa, e sentiu que a luz da sua vida tinha penetrado nas trevas; que para ela não havia mais conforto nem felicidade; por a sua filha ter desaparecido; e quando por fim foi ocultada dela na tumba, e foram lançadas flores sobre a recém-aberta sepultura, para escárnio do seu pesar, ela se voltou em desespero para a sua religião, e perguntou: “Que esperança existirá?”

O homem de Deus dissera-lhe que possivelmente a sua filha deveria ser salva. Possivelmente! Pairava uma nuvem de dúvida tão premente no íntimo dessa mãe que lhe torna todo o íntimo repleto da mais intensa agonia. Possivelmente! Ah, se a dúvida pudesse ser afastada! Mas a mãe desvairada de dor, correu de um lado para o outro, em busca de ajuda, enquanto ao redor da Igreja, essa ‘possivelmente’ tem-lhe cercado os ouvidos. Ela desvia-se no silêncio da sua agonia, e clama a Deus por ajuda. Sobre ela e ao seu redor afiguram-se nuvens do mais profundo pesar; contudo, em meio a essas trevas ela pensa escutar uma voz, um prateado, uma voz melodiosa a cair qual chuva sobre o seu espírito exausto, sente braços ao redor do seu pescoço, mãos que lhe pressionam os globos oculares, e beijos que lhe cobrem o rosto, e a voz diz: “Mãe! Eu não estou morta, mas vivo.” O coração da mãe enche-se de alegria, e ela crê que a sua filha não se encontre sepultada na tumba.

E vimos aqueles cuja teologia, não religião, tornou estoico e frio aquele que pensara que além desta terra exista um Deus de ira que julgue entre os bons e os maus, entre os retos e os injustos, e condene alguns ao tormento eterno, enquanto outros são abençoados com constante alegria e felicidade, quando aptidão nenhuma, nem demónio poderiam conceber onde a linha divisória possa situar-se — em que, pelo menos, a maior porção da humanidade estava condenada ao tormento — vimos desses,

em toda a agonia e angústia dessa crença a vacilar e a desfalecer na orla da imortalidade, e a perguntar: “Virei a ser salvo?”

Conquanto a maior proporção não pensou nem teve qualquer crença na imortalidade, vos vimo-los, sob o impulso de uma inspiração qualquer ou ideia oriundo do mundo dos anjos, de repente ganhar brilho na consciência de que o amor de Deus é infinito, e não finito, e que aqueles que passaram se encontravam mais ou menos felizes, e de acordo com as suas vidas terem sido boas e perfeitas, mas que desde o mais alto dos céus ao mais baixo dos infernos, não há intensidade tão negra que o amor de Deus nele não possa brilhar; e esses tornaram-se felizes por meio da crença no Espiritualismo.

O Espiritualismo defende remover o temor do túmulo, ao afastar o poder da morte. Vendo que a morte não passa do mensageiro da vida, que abre as portas da imortalidade e conduz a alma livre à terra do pensamento e da vida imortal, não é terror nenhum, mas simplesmente um anjo da vida. Aqueles que adotam o Espiritualismo acreditam não existir coisa alguma quanto perfeita felicidade ou completa infelicidade; que a morte não passa de um trampolim para uma outra condição avançada; que, à medida que a mente recebe conhecimento, também é feliz; que, se as pessoas fizerem o bem, também serão conscientemente felizes; mas que não existe punição nenhuma, enquanto tal, e nenhuma recompensa, enquanto tal, pelo bem ou pelo mal, além daquele castigo e recompensa que se encontre na alma humana.

Acredita que se o reino dos céus tem lugar dentro do espírito, também o reino do inferno e da infelicidade aí tem lugar, e que quando o inferno é afastado de dentro, o céu tem lugar; e que aí tem lugar todo o castigo e todo o julgamento do mundo imoral. Acreditam que o homem venha a sofrer pela sua ignorância e pelas suas más ações, mas venha a ser feliz se fizer o bem; que o maior e melhor pensamento deveria ser o de administrar a aplicar a felicidade aos outros, e que isso deveria ser feito não fazendo a nenhum homem ou mulher nenhum erro nem injustiça; que é correto fazer aquilo que torne os seres humanos felizes, e errado o que trate da sua infelicidade. Esse é o começo e o fim da religião e do Espiritualismo.

O Espiritualismo acredita igualmente, ou alega fazê-lo — e aqueles que acreditam nisso parecem compreender este sentido — que na eternidade não existe repouso. Por outras palavras, que a alma jamais dorme ou experimenta fadiga, mas prossegue ininterruptamente, através dos

diversos avanços do espírito num interminável e terno progresso; que o espírito é a manifestação da alma, que é semelhante a Deus, e por isso mesmo perfeita, só que por vezes irradia de forma sombria através da forma que a encerra, e então parece ser má.

O Espiritualismo defende ter existido em todas as eras e ter inspirado todo trabalho da inspiração; parece ter existido com os profetas; foi revelado na lei de Moisés; foi dado a Maomé; faz parte dos Índios e dos Chineses; diz respeito a todas as nações e eras. O pobre índio, que vê a Deus como o Grande Espírito, e sonha com os campos de caça do mundo imortal, que acredita no céu e na imortalidade e na sua vida espiritual; por o pobre índio escutar a voz do Grande Espírito, e pensa na alegre vida futura, e a sua religião ter lugar na vida e na Natureza.

Também aqueles que adoram ídolos por vezes tiveram uma inspiração, e os seus ídolos são a forma em que as suas ideias foram tidas em grande conta. O Cristianismo, no seu verdadeiro sentido é a vida dessa inspiração; o Cristianismo, no sentido da teologia, é o folhelho e a casca que são deixados para trás e em que o espírito por vezes se esqueceu de entrar.

O Cristianismo, na sua essência verdadeira e divina, significa comunhão com o espírito de deus, a visita de espíritos angélicos aos poderes que existem em todo ser humano; no seu sentido teológico, significa simplesmente a visita dos poderes divinos às igrejas; mas mesmo aí, quase desapareceu por completo, e parece nunca ter existido; mas para aqueles que compreendem e sustentam a fé Espiritualista, é geralmente conhecido que o Cristianismo e o Espiritualismo são o mesmo, e que diferem unicamente nas suas manifestações, conforme as nações e eras exigem que façam.

Também lhes parece que a inspiração, neste sentido, se estende a outras áreas; que a poesia e a arte em todas as suas formas, constituem os dons do espírito; que eles existem dentro, em virtude de alguma peculiaridade da organização ou circunstância, e são suscitados conforme a ocasião o requeira; que aquele que pinta um panorama com um toque que se assemelha à Natureza, é tão inspirado quanto aquele que escreveu a Revelação ou quanto Cristo, quanto esteve no Monte e pregou à humanidade as lições da compaixão e do amor; que aquele que esculpe no mármore frio uma forma que se parece consigo próprio, é tão inspirado pela Natureza quanto aquele que no Monte Sinai enunciou em tons de trovão a voz da verdade viva.

Eles creem que a inspiração se estenda em todas as direções; que todos os dons e todas as profecias e poderes, toda a poesia e toda a sabedoria e filosofia, não passe das diversas áreas dessa mesma inspiração; que a própria ciência é projetada em função da sua revelação. Nunca existiram invenções sem inspiração, embora os homens as tenham tornado estúpidas e banais pela aplicação que lhes dedicaram. Mas jamais existiu uma ideia nova na ciência que não tenha surgido à semelhança de um cometa, a irromper à vista humana, para então por fim revolver ao redor de uma órbita regular, adaptada às necessidades e propósitos humanos.

Os homens que concebem invenções não são aqueles que as adaptem a usos práticos, nem os que recebem os benefícios delas; eles parecem ser inspirados pela ideia, e deixar a outros moldá-la que satisfaça as necessidades e propósitos dos homens. Todos quantos têm sido Espiritualistas — quer dizer, aqueles que tiverem tido inspirações — foram no seu tempo e na sua era perseguidos, foram chamados fanáticos e impostores, por sempre existir um antagonismo entre a morte e a vida, entre a forma que esfriou e o espírito que está mesmo a surgir. Não existe afinidade alguma entre a noite e a manhã; a noite desaparece, ou afasta-se, e a madrugada aproxima-se, e o sol, com o brilho total, ilumina a terra e os céus.

Assim, jamais existe afinidade, jamais harmonia, entre aquelas teorias teológicas, políticas ou científicas gastas, e aquelas que são novas e tão frescas quanto a inspiração. Precisa ser assim — não pode deixar de o ser, porquanto uma é a renovação da vida, a outra é o seu declínio e partida. Ambas são essenciais, só que com o tempo, uma deve dar lugar à outra.

O Espiritualismo alega incorporar em si tudo quanto a mente atingiu, ou pode alcançar nas suas manifestações. O Espiritualismo tem sido, porventura, muito diferente — de duas causas, uma das quais é a de que as aspirações humanas são sempre superiores às realizações humanas; a outra é a de que os seres humanos se acham divididos em duas classes distintas — aqueles que vivem no passado, cujas salvaguardas dependem da sociedade, organização e governo, e daqueles que vivem sem organização, sem sociedade e sem governo e que, à semelhança de diversas excrescências à superfície da terra parecem dar vida à harmonia geral da criação. Porém, essas exceções só provam a regra. Á semelhança de todas as novas teorias, e especialmente como aquelas teorias que contêm em si algo do bem e mais elevado bem.

O Espiritualismo foi pervertido aos mais baixos usos, por ter suceder ter lançado luz sobre essa classe de mentes que pairam, flutuam, que não têm religião, teoria, crença, política, moralidade, nem profissão em geral, mas que, com toda o tom novo da crença popular, parecem desejar cingir-se a ele, a fim de satisfazer os seus particulares propósitos e fins. Os Espiritualistas não negam isso, e muitos deles estão bem cientes do fato; e muitos deles, porventura, têm orgulho nele, mas em todo o caso, o Espiritualismo sofreu mais com os seus amigos do que com os seus detratores.

Sofreu mais com aqueles que professam acreditar nele do que daqueles que amargamente se apõem a ele; sofreu mais com aqueles que envergam as suas vestes, sem o seu espírito, do que aqueles que manifestamente e realmente descrêem dele — por ter havido quem tenha arrastado as vestes puras dos anjos para servir a Sua Majestade e os seus próprios propósitos — que terá levado o Espiritualismo a parecer tão baixo, porventura, quanto os seus desejos bajuladores e propensões incoerentes o podiam tornar.

De modo que assim, o Espiritualismo se tornou, na boca dos seus opositores, não a designação daquilo para aquilo que é elevado e sublime, mas um nome para todo o tipo de fanatismo, todo o tipo de absurdo, todo tipo de afeto, e, por fim, nome para coisa nenhuma. Precisamos, por ora, submeter-nos ao seguinte. Como é evidente. Não estamos surpreendidos com isso; e vós não deveríeis estar, por a causa ser amplamente evidente. Tem havido demasiado professar acreditar no Espiritualismo, sem saber o que signifique; tem havido demasiado apelo àquele Espiritualismo que não é mais como ele do que a noite é como o dia, ou do que é possível que dois contrários se assemelhem.

Tem-se dito demasiado “Eu sou Espiritualista,” sem que se conheça ou suponha a sua definição ou sentido do termo; e aqueles que tenham tido qualquer teoria peculiar, qualquer passatempo ultramoderno, qualquer reforma social, moral ou religiosa a garantir (não em si, é claro, mas na sociedade em geral) chamou-lhe Espiritualismo. Aqueles que tiverem qualquer passatempo favorito que desejem exibir ao mundo e carregá-lo em benefício da humanidade (conforme em termos filantrópicos afirmaram) chamaram-lhe Espiritualismo.

Aqueles que desejaram melhorar a condição de todos exceto deles próprios, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que desejaram exemplificar que a palavra em todas as suas áreas, moral, religiosa e

social estava errada, e que eles, os indivíduos eram nomeados pelos elevados poderes angélicos para o corrigir, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que veem ciscos nos olhos de toda a gente, mas nenhuma trave nos seus, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que viram discórdia em todos os lares que era preciso aplacar (mas de como a removeram estais todos bem cientes) chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que desejaram derrubar toda cidadela, todo santuário do amor e da devoção humana, chamaram-lhe Espiritualismo.

Aqueles que espiaram os afazeres privados das pessoas e que arrastaram as suas imperfeições diante do público, chamaram-lhe Espiritualismo. Aqueles que entraram para o Governo, e descobriram existir uma lei e um poder mais elevados por que as pessoas podem ser governadas, chamaram-lhe Espiritualismo. Porém, na verdade esses têm representado unicamente a escumalha flutuante à tona das grandes águas, que, quando despertarem por força dos ventos, poderão ser purificados no seu todo.

Não creiam que isso seja Espiritualismo que, na palavra, pensamento ou manifestação seja diferente dos pensamentos ou manifestações mais sublimes ou sagradas da mente. Não creiam em anjo ou homem, ser humano ou arcanjo que difunda ou leve a que se difunda uma ideia que não esteja de acordo com as ideias mais sublimes dos anjos. Não creiam que inspirador ou orador, instrutor ou médium, em nenhum espírito que diga “Faz isto!” que no vosso íntimo saibam ser errado, e que todo o mundo a quem tenha restado suficiente noção esteja igualmente errado.

Não creiam no Espiritualismo que bata à porta de todas as casas e pede acesso por toda a forma, que se envolve nas vestes de um anjo de luz, que possa por sua vez destruir, pois chega como pestilência relampejante, e não tem por nome Espiritualismo mas Morte. Não creiam naqueles que, em nome dos anjos, se atrevem a profanar os pensamentos holísticos da mente humana ou a profanar o santuário do lar, do amor ou do afeto; porque também esses fornecem e destroem as vestes que envergam. Não creiam naqueles que em nome dos altíssimos e sublimes espíritos pronunciam todos os homens vis, enquanto eles próprios seguem todos os caminhos exceto o da virtude.

Não creiam no Espiritualismo que trata o Cristianismo como vil, por um ser a prova do outro. Se o Cristianismo fracassa, o Espiritualismo também cai; se o Espiritualismo fracassar, o Cristianismo terá a mesma morte. Todas as religiões são fundadas sobre o mesmo predicado. O

Espiritualismo é apenas uma outra prova, a qual, a ser verdade, trará a luz; se não for, liquidará todas as outras formas de adoração e toda a inspiração superior e sublime.

O seu nome tem sido pervertido e o seu poder não é conhecido; e o mundo poderá pensar, (e com justiça) que aqueles que acreditam no Espiritualismo não vivem à altura da luz que professam. Todos os homens são mais dados a pregar do que a praticar, por nenhum homem praticar em pleno aquilo que tenta inspirar os outros a praticar. A aspiração e a possibilidade da sua consecução, são coisas bem diferentes. Aqueles que acalentam os sonhos mais sublimes nem sempre os conseguem realizar na vida diária. Os homens são idênticos em toda a parte. Vocês podem exemplificar isso no dia-a-dia. O que quer que vierem a fazer, todos poderão, sob as mesmas circunstâncias, ser induzidos a fazer. Por isso, Cristãos e Espiritualistas não deviam ser os que lançam a primeira pedra.

Uma vez mais, o que quer que possa existir em relação com as incongruências que apresenta (e muitas são) que sejam revoltantes para todo conceito de correção, da moralidade e da santidade, existe, no verdadeiro Espiritualismo, nada exceto pureza e a própria vida. Tudo quanto é sagrado na alma humana é alimentado por isso. Toda a sede de imortalidade é saciada nas águas da vida que correm das inspirações.

Tudo quanto é elevado nos sonhos do lar ou dos que lhes são queridos que tenham falecido, é mais do que realizado pelas mensagens de amor e de esperança e de imortalidade que procedem deles. Por isso, embora homens vis e ignorantes, embora mentes pervertidas e que não possuem qualquer uso distinto nem adaptação à sociedade, parecem, nas suas diversas áreas, arrastá-lo para fins baixos, lembrem-se de que a verdade não poderá nunca ser prejudicada; que aquilo que é correto e justo e puro não poderá ser despedaçado; enquanto aquilo que é pecaminoso fenecerá por si só.

O Espiritualismo é seguro, a religião é segura, por ser perfeita, e incapaz de ser ofendida, ou prejudicada ou deteriorada pelo toque humano. Poderá parecer que o homem lhe desfigure a forma, mas não poderá prejudicar o espírito. Por isso, vivam na esperança e confiança da sua fundação e imortalidade. Transmite à alma um sentido de conforto e de paz. Prega a vida que há de vir e fala de todo o dever. Produz uma inspiração que é mais sublime do que o mais altivo dos cânticos que o

homem possa entoar, e profere a sua voz de ação de graças em tons de harmonia que vibram a partir do mundo invisível.

O Espiritualismo é aquilo que eleva os homens, que purifica a alma, que os leva para perto do Deus único, que os leva a sentir que aqueles a quem amaram e perderam estão próximo a vós; que os vossos amigos não estão mortos, mas ao vosso redor, a guiar-lhes os passos, e a guiá-los, invisíveis, dos caminhos prejudiciais. Com certeza que nisso não há mal; porque, quem não se sentiria mais santo com a consciência de que os olhos de uma mãe se curvam sobre si, que ouve a sua voz nos ouvidos, que a sua presença, consciente ou inconscientemente, consigo, a guiar-lhe cada passo?

Não, não é o Espiritualismo mas a sua perversão, que torna os homens maus. Não é o Espiritualismo, mas os seus opositores que se apresentam ao mundo numa forma repulsiva. Não é o ministério dos anjos, mas a sua falta de ministério que provoca tal fanatismo, tanta impureza.

Cobicem os pensamentos mais elevados da inspiração angélica Creiam naquilo que é verídico e justo e puro, seja de onde for que venha; mas rejeitem aquilo, seja por que designação seja que surja, que na forma pareça possuir, ou moldar ou animar os elementos da discórdia e da corrupção. Os anjos procuram, com a sua ministração, tornar o mundo mais puro e melhor. Quando eles fracassam nisso, a culpa não é deles, mas da forma em que os homens recebem e pervertem as suas verdades.

Recebam, pois, o Espiritualismo conforme é e devia ser, à luz de uma nova visita, no espírito da religião e ciência, na aspiração da alma, e aprovam mais na consciência do certo e do errado, naquela razão que é dada a toda a alma, no poder do discernimento interno, em preferência a todo enunciado ou inspiração, por mais perfeitos que possam ser, que disputam a razão, e destronam o juízo humano. Isso não passa de um fogo-fátuo que conduz os homens à desolação e à ruína. Deixem que a mente esteja correta e o espírito será certamente perfeito.

O Espiritualismo, no seu sentido maior, é vida constante, perpetua, é o anjo da inspiração humana, o génio do progresso humano, a força motriz do avanço humano. Virou as engrenagens do governo e derrubou impérios; desenraizou a fundação de monarquias e estabeleceu a liberdade humana; entrou nas mentes dos governantes, e com um sopro só controlou o pensamento de uma nação. Insuflou a sua inspiração na

rocha dura, e transformou-a com que na forma viva; abriu uma autoestrada para os minérios que a terra encerra, e eles por sua vez assumiram a forma da vida humana e da utilidade humana; pela sua subtil ação percorreu todas as vias da vida, entrou em todos os santuários e aí, com o seu hálito e poder destituído de voz destronou monarcas ruins, e estabeleceu a fundação da verdade.

Chega em silencia e não de forma rude, a todo espírito, e tem, pelo seu oráculo e sacerdote, a voz da alma viva que se encontra dentro do homem Busca, não uma língua sonora que leve a sua presença a ser conhecida, mas em silêncio, no lar, à lareira, no santuário, e no coração humano., insufla as lições do amor, e elas são recebidas de forma impercetível. Guia, guarda e protege a alma humana, qual halo de luz, impercetível, porém, palpável.

Tem a radiação do sol do amor e da verdade, e carrega o nome da imortalidade; insufla na alma a canção alegre do regozijo, e os homens fortalecem-se à medida que vão marchando pela colina do tempo acima, com os pés a sangrar e as pernas fatigadas, por acreditarem que as margens da imortalidade lhes apresentam uma promessa gloriosa, e flores de fé e esperança espalhadas ao longo do seu caminho.

Tal é o Espiritualismo, na verdade, e tal parece ser. Aceitai aquilo que é real, e rejeitai o que é falso. Usai o vosso juízo — ele foi-lhes dado por Deus; a vossa razão — é o único critério da alma humana; por fim, deixem que a inspiração da alma seja perfeita e pura, e o Espiritualismo não mais será termo de zombaria mas significará aquilo que é — a ciência da vida.

O PROF. AGASSIZ FALA SOBRE A EVOLUÇÃO

EVOLUÇÃO
PROF. AGASSIZ

Quando Prof. Agassiz falou através da médium, a favorita teoria da evolução estava a ser proposto pelo mundo científico. Um dos adeptos eruditos Ingleses desse tema tinha acabado de visitar as margens do Novo Mundo, e o clero Americano tremia diante da nova teoria, e de todos os púlpitos da terra, os discursos trovejaram num esforço por levar as descobertas da Ciência a conformar-se com as tradições da Bíblia Cristã, e para nosso espanto, o Professor fez a seguinte descrição bastante surpreendente da nossa origem.

Eu venho da minha casa na ilha ao chamado da ciência, na esperança de acrescentar algo à informação já obtida. Esta senhora, com os olhos vendados e hipnotizada, torna-se sensível às forças invisíveis, e nesta condição a sua alma é capaz de viajar através do espaço, e de tomar conhecimento dos fatos estranhos não acreditados que estão a ter lugar fora deste plano terreno da existência. Quando retomar o seu estado natural, o conhecimento assim obtido parecer-lhe-á vago e indistinto, mas mesmo enquanto se acha em transe torna-se-lhe difícil descrever perfeitamente aquilo que ela vê, ou repetir adequadamente o que é dito.

Este estado de coisas deve ser levado em conta pelo meu leitor no sentido de entender o assunto de que trato. Apenas recentemente a ciência conseguiu traçar um historial do vosso globo e dos seus habitantes; vocês percebem, pois, que, se é difícil obter conhecimento do mundo em que vivem, deve ser infinitamente mais difícil obter informações de uma região tão remota quanto o mundo que eu habito.

Os geólogos hão de dar-lhes conta de animais gigantescos que viveram na terra há séculos, e de leitos dos rios que secaram e silenciaram para sempre, por reunirem os poderosos fragmentos e ossos fossilizados da fauna de um período geológico há muito extinto, e articularem essas imensas carcaças, de modo que possam ser expostas diante do espectador, formas estranhas, inconcebíveis, repulsivas e demoníacas ao olho não familiarizado com tais criações, que eram familiares o suficiente me relação aos seres contemporâneos à sua existência. Como no vosso mundo existiram seres que pareceriam criações grotescas e

quase impossíveis aos olhos de hoje, assim em toda terra se deu uma série de evoluções similares antes de o homem tomar sua morada nela.

Sendo o homem a perfeição da forma animal (cuja origem é fonte de acesa investigação da parte de arqueólogos e geólogos), cujas faculdades mentais e morais o colocam muito acima dos animais inferiores, isso provoca uma rutura na teoria do desenvolvimento que confunde a mais astuta mente da Nova Escola. As investigações que fiz desde que me tornei um habitante deste mundo superior convenceram-me de que o homem originalmente migrou para a Terra de um planeta superior. Do seu caráter migratório e da tendência de uma raça maior de se assimilar e confraternizar com uma menor, vocês já têm uma verdade que o corrobore na ascensão e queda das nações na terra e os resultados que as acompanham.

Num período remoto este globo foi cercado por uma atmosfera muito diferente da de hoje em dia, em que a atual raça de homens não poderia ter existido. Durante esse período ao qual aludo, a terra foi visitada por seres de um mundo espiritual, atraídos aqui por uma força de atração magnética, que era então um poderoso agente, de cuja força a ciência passa unicamente uma ideia débil ao estudante da Natureza. Influenciados por essa força e pelo espírito de aventura e pelo hábito migratório coexistente com a Natureza, essa colónia de espíritos visitou a vossa terra. Eram homens e mulheres de estrutura gigantesca, e eles estabeleceram-se numa porção de terra que foi submersa pelas convulsões subsequentes da natureza.

Os descendentes desses seres deterioraram-se no tamanho e tornaram-se mais materiais que os seus progenitores por um processo de aclimatação. Conforme afirmei, foi devido a uma condição peculiar da terra e da atmosfera, que esses seres espirituais foram capazes de assumir uma morada física sobre a terra. Para entenderem esta declaração de fato, o leitor deve ter em mente que aquilo que é chamado de espiritual e imaterial é meramente um atributo refinado da matéria. Que a eletricidade, o magnetismo e a força Od são os componentes do espírito, e que na realidade são forças materiais refinadas, e que o espírito e a matéria são idênticos, ainda que diferindo como o calor difere do frio, e a luz difere da opacidade.

Esses seres, como os denomino, eram de diferentes graus de perfeição. Os mais desenvolvidos entre eles trouxeram um gosto pela música, escultura e pintura, e um amor pelas formas bonitas e graciosas, das quais os seus descendentes no antigo Egipto e na Grécia deixaram lembranças. Conforme eu disse, esses seres (que, na presente atmosfera, seriam invisíveis aos olhos de um mortal da terra), envergaram ao seu redor uma cobertura material, e como o homem agora substitui a cada sete anos a forma exterior, aprovisionando o seu lugar com um material novo, assim também eles juntaram a si próprios das formas corporais circunvizinhas elementos circunvizinhos que, todavia, no devido tempo eles abandonaram. A existência da primeira raça de homens era de duração muito mais longa que a dos atuais habitantes da terra.

As formas físicas de cada geração subsequente, embora deterioradas, tornaram-se menos adaptadas às necessidades do espírito; e agora é apenas pela ajuda da ciência e pela constante aplicação de invenções às necessidades do corpo que, no dia-a-dia, o espírito do homem é capaz de preservar a sua existência dentro de seu atual frágil habitáculo.

É impossível voltar à origem da vida, por ser da eternidade; e com franqueza creio que não existiu qualquer começo. Eu sei que existem mundos mais numerosos do que as areias das praias, e uma eternidade não poderia enumerá-los. Esses mundos são povoados com seres dotados de poderes morais e espirituais. Eles possuem diversos graus de perícia e natural capacidade: alguns possuem uma perícia superior às dos habitantes da terra, e outros, inferior. Esses seres vivem para sempre em diferentes graus de sublimação; e como a semente alada que é levada pelo ar leva a sua vida profícua a um solo distante, assim no mundo superior os habitantes espirituais são levados por meios magnéticos e forças elétricas para pessoas de mundos distantes.

O cometa, aquele estranho visitante, carrega em sua brilhante carruagem voadora, espíritos na mesma missão pelo espaço. Entendo que o que agora parece obscuro para os cientistas será decifrado e esclarecido por futuras investigações na ciência do magnetismo e do espiritualismo. Do meu lar, aqui, acima das nuvens, nesta bela ilha onde procedo aos meus estudos, vejo com interesse as investigações de homens como Wallace, Tyndall, Crookes, Lubbock e o grande círculo de

estudantes de Inglês e os seus irmãos na América e em outras partes do mundo.

Médium: Susan G. Horn

HORACE GREELEY

A ASSOCIAÇÃO GREELEY

Com o Sr. G... um cavalheiro que previamente se interessara pela causa do anti-esclavagismo e fora fervoroso defensor do comunismo, após ter apelado e apresentado a si mesmo como especialmente interessado em "Estranhas Visitas," e satisfeito por encontrar informação da condição natural do Mundo Seguinte, a conversa voltou-se para Horace Greeley, o grande jornalista Americano e defensor da reforma agrária; e por o Sr. G que desejar saber que opinião o Sr. Greeley teria do comunismo no mundo espiritual, a médium foi controlada, e o Sr. Greeley falou conforme se segue:

Era um dia frio, húmido e sombrio, e de tal modo que eu dei o meu último olhar ao meu corpo enquanto se encontrava rodeado de flores na Igreja Dr. Chapin. Olhei em volta para a multidão reunida nesse edifício e reconheci muitos velhos amigos - ou melhor, toquei neles e estendi-lhes a mão num último adeus! Eles não perceberam a minha presença; tinham os olhos fixados na forma inerte e sem vida; o corpo espiritual eles não conseguiam ver! Eu sabia que era invisível para eles, por eu não ter ignorado a filosofia espiritual; embora externamente eu a rejeitasse, mentalmente, aceitava-a como uma verdade.

Eu sentia-me contente por estar livre do corpo, pois durante aquela temível campanha presidencial eu tinha sido influenciado por muitas mentes em conflito, e fora forçado a subscrever políticas e ações às quais me opunha. Assediado e fatigado, desapontado com os meus prospetos e humilhado por amigos que me deveriam ter sustentado, ansiava por escapar da terra, tanto mais que não mais retinha a minha capacidade habitual de julgamento; como um leão com um pé numa rede, quanto mais eu me esforçava por me livrar, mais eu me sentia preso nas suas malhas. Olhei de volta para a multidão que se dispersava e percebi que estava livre. Não havia mais nada que me prendesse à terra e, acompanhado por alguns amigos, parti na minha primeira jornada para o Mundo dos Espíritos.

A atmosfera era pesada, e abrimos caminho através dela com dificuldade. Não fomos direto para cima, como eu tinha imaginado que devíamos fazer, mas tomamos a direção norte sobre a cidade, parando em Chappaqua* para satisfazer o meu desejo de dar um último olhar à minha forma antes de partir, e ver um pouco das minha melhorias. Lágrimas de emoção encheram-me os olhos quando caminhei ao redor da velha casa, vi o chão que eu tinha melhorado, cruzei a pequena ponte, e fui até ao meu outeiro favorito, com cabelos soltos no ar; então percebi que eu não poderia plantar de novo com a minha de forma física, e inventar e embelezar aquela velha fazenda. Margaret Fuller era um daqueles que me acompanhava; ela sempre gostara dos bosques e, ao descobrir que eu estava dominada pelos meus sentimentos, ela incentivou-me a prosseguir a minha jornada.

**O nome indígena da aldeia onde Greeley residira.*

Foi com uma sensação de alívio que nos afastamos por um caminho de luz, embora, na verdade, fosse mais como um rio largo do que como um caminho. Um estrato fresco e balsâmico de ar, como o da nossa floresta no verão, permeava o caminho. Prosseguimos no nosso caminho com uma velocidade crescente, pelo, creio eu, pelo espaço de quinze ou vinte minutos, passando por aquilo que é conhecido como a região estelar, que os astrónomos nos dizem ser um vazio escuro e frio, e que, para as sensações mortais, deveria ser mais frio do que as regiões polares, mas que eu achei favorecido com aquele ar suave como a primavera, causado pela corrente elétrica, que, como a corrente do golfo, fluía diretamente por esta região.

Desde então, percorri esse espaço aberto em menos tempo, mas, nessa minha primeira viagem, acho que se terão passado uns quinze minutos antes que eu visse qualquer habitação ou vida, quando de repente eu pareci ver a Terra a estender-se abaixo de mim - montanhas, rios e folhagens distantes, como um balonista vê espalhada sob o olhar a face da natureza enquanto desce da sua viagem entre as nuvens. Velejamos durante um tempo considerável para um belo país - eu seguindo a orientação dos meus amigos, que se dirigiam para algum bairro familiar onde éramos esperados. Eu notei porções de terra incultas sobre as quais passamos, que apresentavam uma semelhança geral com a terra de que eu acabava de sair.

Logo começamos a descida para uma torre situada sobre uma colina que, ao chegar, descobri ser uma estrutura leve e bonita de um estilo

composto de arquitetura. Ele situava-se sobre um extenso pedaço de terra que abraçava diversos acres, embelezadas por flores e arbustos ornamentais, como de fato, o que vocês chamariam na terra um hotel ou depósito. Pousamos numa das varandas, e entramos através de uma varanda para a parte interna do edifício.

Os pisos da antessala estavam cobertos por uma espécie de seda, bordada com belos desenhos que representavam boas-vindas e saudações de amigos. Dei especial atenção a essa cobertura ou carpete, pois para mim era feita de tecido novo. As paredes tinham espelhos pendurados, que muito se pareciam com aquelas que eu tinha visto na terra, e, ao me olhar a um, eu vi-me refletido, com um aspeto cerca de trinta anos mais jovem, mas ainda natural a memória que tinha de mim próprio. Passamos adiante; uma porta que dava para um aposento contíguo foi aberta e fui imediatamente recebido por uma multidão de amigos, entre os quais estavam Henry Clay e Abraham Lincoln.

Uma multidão de homens de letras, que conheci na minha posição de jornalista durante os últimos vinte anos de minha vida, reuniu-se à minha volta: muitos que haviam desaparecido da terra nas memoráveis batalhas entre o Norte e o Sul. Entre aqueles que eu pessoalmente conhecia, descobri o general Scott; também Richardson, cujo trágico destino se acha presente na memória de muitos.

É quase impossível descrever os sentimentos que me invadiram quando vi tantos rostos familiares que me tinham saído da mente, conforme me parecera, para sempre! E como foi que essa gente apareceu? você poderá perguntar. Será que eles realmente se pareciam com homens que você encontra todos os dias nas ruas ou na permuta? Eu não consegui detetar nenhuma diferença essencial, exceto que elas pareciam mais jovens e menos preocupados.

Depois conversar durante um bocado sobre a condição política dos Estados Unidos e da nomeação do general Grant, que descobri, todos apoiavam com toda a força: "Bem, presidente Greeley," disse o meu velho amigo Abraham Lincoln, de maneira jocosa; "como não pudemos fazê-lo presidente dos Estados Unidos, vamos fazer de si Presidente da nossa Sociedade Agrícola, e diretor de uma comunidade que estará mais em harmonia com os seus pontos de vista e desenvolvimento do que a ocupação da Casa Branca teria sido."

Eles então propuseram levar-me a ver essa comunidade agrícola. Eu concordei com a proposta, e fomos para fora do prédio, descemos uma

escadaria magnífica, construída numa variedade de pedra de cor de açafrão pálido. Ao comentar a beleza peculiar e polidez da pedra, um da companhia informou-me que era uma mera composição, e que os princípios da natureza eram tão bem compreendidos no mundo espiritual que quase qualquer pedra preciosa ou mármore poderia ser imitada pelos espíritos.

Em ambos os lados dos largos degraus, sobre pedestais enormes, encontrava-se um imenso globo, um encimado por um pássaro estilo Fénix, o outro por um navio artisticamente concebido - um a representar o mundo espiritual e o outro o mundo material. Uma longa avenida, proveniente dessa entrada, que se estendia até os portões, encontrava-se pavimentada através do centro com uma composição similar altamente polida com desenhos alegóricos incrustados, em tons de um violeta claro e rosa. Em ambos os lados desta avenida cresciam árvores de uma luz e folhagem de penas, cujos ramos arqueados se reuniam e formavam um belo pálio sobre o caminho.

A distâncias regulares por essa estrada larga tinham sido colocadas figuras erguidas sobre pedestais, a representar os animais nativos da América. Eu examinei tudo cuidadosamente. Em cada um dos lados do caminho, para além destas imagens esculpidas, viam-se leitos compostos por um curto tipo de relva arroxeada. Essas pastagens achavam-se adornadas por magníficas fontes. Um grupo de cisnes de mármore formava a base de um deles, e a água jorrava dos seus vários bicos; no centro, acima deles, erguia-se uma espécie de avestruz colossal, com a cabeça e o pescoço estendidos para o alto, a jorrar água em quantidades a uma imensa altura.

Um outro lema era composto de flores; lírios de lagoa colossais, com as folhas interligadas, a formar a base, uma variedade graciosa do jarro formava a coluna central, água que jorrava a partir do cálice elevado.

Eu fui muito desviado por essas fontes extraordinárias, e o fluxo constante de água ao mesmo tempo surpreendeu-me e encantou-me, por nunca ter pensado na probabilidade de ver a água num local espiritual.

Ao chegar aos portões encontramos uma carruagem bonita aberta à espera; estava forrada com um material branco cravo, com flores douradas gravadas. Essa carruagem era movida por um dispositivo mecânico que não descreverei agora, carregava-a uma força elétrica pelo chão tão suavemente quanto um par de cavalos. A estrada estava

boa e o aspeto do país fresco, verde e agradável aos olhar. O sol espiritual brilhava intensamente, enquanto o termómetro marcava, quero dizer, cerca de vinte e seis a trinta e dois graus, com uma brisa de ar agradável a soprar sobre nós. O ar apresentava um aroma perfumado e refrescante, mais do que qualquer campo de feno recém-cortado que eu já houvesse cheirado na Terra.

Cerca de uma hora de viagem por essa estrada magnífica trouxe-nos ao nosso destino onde descemos; o nosso grupo consistia de Henry Clay, Daniel Webster, A. Lincoln e eu, cada um ardente amante da agricultura, e com agradáveis felicitações eles me apresentaram a minha fazenda.

Entramos por uma entrada aberta, e procedemos até uma casa. Eu mal podia acreditar no que os meus olhos me mostravam, que se parecia de novo com o meu antigo lugar em Chappaqua! O terreno era o mesmo; algumas dos melhoramentos que eu fizera surgiram diante de mim. "Como diabo sucede isto?" disse eu a Henry Clay. "Isto parece uma reprodução fiel de Chappaqua!"

"Parte disso é o trabalho dos seus amigos e parte do seu próprio esforço. Muitas vezes, quando você pensava estar na sua própria cama a sonhar com os melhoramentos que pretendia fazer na sua fazenda, você estava realmente a trabalhar aqui. Uma quantidade de anos antes de você deixar a Terra, você, sem dúvida, notou quão abstrato você se tornara; tornava-se a cada dia mais difícil despertá-lo do seu estado anterior de atividade. Bem, essa condição devia-se ao fato do seu espírito se encontrar aqui, ocupado a preparar uma casa antes da sua chegada."

Isso pareceu-me uma afirmação notável. Aqui, ao que parece, qual sonâmbulo, tinha eu andado e trabalhado durante o meu sono! "Os outros fazem o mesmo?" perguntei.

"Com certeza que muitos fazem; mas se a humanidade ao menos tivesse consciência dessa habilidade, eles trabalhariam de maneira mais inteligente e produziriam melhores resultados."

"Durante anos a fio na Terra," disse Lincoln, "você defendeu a doutrina de que os jovens capazes e cheios de energia deveriam deixar as cidades sobrelotadas e 'ir para o Oeste' ("Vá para o oeste, jovem!"). Bem, aqueles entre os jovens que eram trabalhadores e digno, e que foram apartados da vida pelos acidentes da guerra e da doença, foram trazidos para esta associação em seu nome; nós denominámo-la A Radiante

Associação Casa de Greeley. É um nome estranho, mas apropriado, já que cada hora aqui passada é feliz. Aqueles que preferem chamá-la pela sua designação mais poética chamam-lhe "Beulah." E então ele foi ao redor do terreno a mostrar-mo.

Antes de eu entrar numa descrição detalhada do lugar, devo introduzir algo sobre o clima desta terra favorecida. O nosso clima é muito mais equivalente ao da Terra, devido a causas locais, revolução peculiar que fazemos em torno do nosso sol e às influências magnéticas e elétricas que predominam. Alguns dos cereais criados na Terra não são cultivados aqui; outros desconhecidos de vós tomam o seu lugar. Nós não temos a criação de animais de grande porte que nos fornaça alimento como vocês possuem.

A carne não é de todo usada no mundo espiritual enquanto artigo de dieta; nós vivemos de fruta, etc. O cenário natural aqui é tão semelhante ao da Terra, que se espera encontrar uma semelhança em todos os aspetos; mas existe uma diferença radical. Descobri que a associação compreendia cerca de dez mil acres de terra e contava com mais de cem residências: belos lugares rurais, cada parque ou terreno contendo uma fonte; um córrego largo que atravessa uma parte da propriedade e belas pontes que a atravessam a distâncias regulares.

O elemento de trabalho desta comunidade é composto em grande parte por rapazes que, neste agradável lar, seguem uma das mais nobres atividades em que o homem é capaz de se envolver. O sistema pelo qual esta gente é apresentada à comunidade e a uma determinada profissão, é o admirável que passo a descrever:

Um certo número de indivíduos é selecionados a partir da sociedade de tempos a tempos, e é-lhes atribuído o dever de visitar a Terra, e de estudar o carácter e a vida de qualquer das partes a quem eles possam ser atraídos, ou, de quem eles possam acidentalmente ouvir, com vista à sua elegibilidade como membros; e se, na opinião do bando, for considerado sábio atribuir um lugar futuro ao indivíduo na sociedade dos "lares felizes," uma porção de terra será separado para ele ou ela, e uma habitação ou materiais para uma moradia apropriada é destinado a seu uso. No momento da sua partida da terra, eles serão atendidos e escoltados até às suas casas aqui, e ocupar-se-ão direta e ativamente. Eles sentem-se tão satisfeitos que não podem ser persuadidos a deixar a comunidade.

Quanto a mim, embora esteja aqui há pouco tempo, não gostaria de trocar de lugar com ninguém que conheça. Eu tenho tanto ocupação como lazer. Além do negócio de supervisionar esta sociedade, estou empenhado em editar um artigo espiritual, pois achava impossível renunciar aos meus velhos hábitos e ocupações; portanto, para satisfazer as demandas dos amigos, as necessidades da sociedade e as minhas próprias inclinações, assumi o cargo de redator do The Spiritual Tribune. Como você perceberá, eu aderi ao velho favorito nome. Ele é publicado na cidade de Spring-Garden, a cerca de dezasseis quilómetros da minha casa comunitária.

Não muito tempo antes de eu fixar aqui residência, duas amigas muito queridas minhas vieram residir neste local. São mulheres talentosas e sinceras, e bem conhecidas no mundo literário por seus poemas puros e doces. Quando foi entendido no mundo espiritual que elas estavam prestes a deixar a Terra, foi construída uma residência bonita para elas, numa parte retirada destes terrenos, por amigos familiarizados com os seus gostos e necessidades.

Cada amigo e admirador contribuiu com algum presente útil e, assim, a pequena morada foi mobiliada. Foi formada uma biblioteca de escolha por muitos amigos que doaram livros. Uma senhora artista qualquer fez uma doação de belos pratos em espírito, mais elegantes do que a porcelana de Sevres, segundo me disseram, transparentes como uma teia de aranha, e decorados em encantadoras cores - cujo projeto foi todo manufaturado. As sacadas e os pórticos da residência foram adornados com plantas floridas e, quando tudo estava completo, amigos que haviam prestado assistência a essas irmãs, Alice e Phoebe Gary - trouxeram uma apenas da Terra para a sua linda casa. Por mais bela que fosse, para ela era desolada; ela ansiava pela sua irmã, sua amiga e companheira de tantos anos.

Ela não conseguia descansar satisfeita; era impossível desviar-lhe a ideia. O desejo que sentia era tão forte, a agonia da separação tão intensa, que foi sentida pela irmã solitária na sua habitação remoto lá longe na terra, pelo que ela teve uma queda e atrofiou, e em breve as duas, que haviam passado muitos anos juntos na vida, foram reunidas no mundo do espírito. Um dos meus maiores prazeres é visitar o seu bonito chalé e encontrar neles simpatia feminina e interesse em todos os projetos nobres e úteis. As suas aspirações poéticas inspiram-me felicidade. Dou o exemplo delas como um exemplo de como aqueles que são dignos se encontram no mundo espiritual.

Eu gostaria de dizer umas palavras sobre o monumento bonito que os meus irmãos e colaboradores na arte da impressão me trouxeram à memória. Sinto-me sobrecarregado de emoção quando penso no tributo que pagaram àquele que desejara ser mais digno do seu nobre ato.

Eu assisti a apresentação em Greenwood. Não eu sozinho, mas na companhia de alguns milhares de espíritos. Eu fiquei acima da colina, a olhar para o mar - um espírito invisível - e escutei as palavras que saíram da boca do orador (Bayard Taylor). Tive a satisfação de recordar que o tinha ajudado no seu início de carreira. Espero que esse monumento possa inspirar aqueles que possam tomar o meu lugar na terra para ajudar aqueles que estão a lutar com a vida e as suas dificuldades.

Desejara que a cabeça de bronze pudesse falar aos jovens que povoam as vossas grandes cidades, e dizer-lhes para ir para voltarem às suas fazendas, às herdades dos seus pais, ou para atacarem, quais pioneiros ousados, o Faroeste, e lá, com as próprias mãos, construir casas para si e para as famílias. Se o vosso governo ajudasse os seus rapazes a abrirem caminho e a estabelecer-se no deserto e usassem o dinheiro que agora gastam na luta contra os Índios e outras causas pecaminosas, e o gastassem na força e no vigor do país, veriam que em pouco tempo a América floresceria como um segundo Paraíso; e que a carência e o crime em breve diminuiriam na vossa terra justa.

Eu desejo que o que eu digo chegue a todos os cantos da nossa nação, e que aqueles que se desesperam em terra e são ateus, e que duvidam da existência de um estado futuro, venham a saber de mim que o mundo espiritual é um mundo de beleza e uso, e que todo o conhecimento que obtêm na Terra, ser-lhes-á mais do que rentável a seguir.

Entidade: Horace Greeley

Médium de transe: Susan G. Horn

A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE O ESPIRITUALISMO E A CIÊNCIA

OS SETE DISCURSOS SEGUINTES - O PRIMEIRO DOS QUAIS FOI APRESENTADO EM WESTHOURNE HALL, E OS SEIS RESTANTES EM LAWSON'S ROOMS, GOWER STREET - FORMAM UMA SÉRIE INSEPARÁVEL SOBRE ESPIRITUALISMO E CIÊNCIA, PELO QUE PRECISAM SER ESTUDADOS POR ORDEM CONSECUTIVA

Na noite de quinta-feira, 23 de outubro de 1873, em Westbourne Hall, Westbourne Grove, Londres, a Sra. Cora LV Tappan proferiu o primeiro de uma série de discursos explicativos sobre o elo de ligação que existe entre o Espiritualismo e a Ciência, para uma audiência muito seleta e compreensiva. Os trabalhos começaram às oito horas.

Ao apresentar o palestrante, o Sr. Slater, o presidente, disse que tinha surgido um desejo bastante generalizado da parte daqueles que haviam comparecido aos cultos efetuados nas noites de domingo pela Sra. Tappan, de que uma série de palestras fosse dada por aquela senhora durante um dia da semana à noite, subordinadas à questão que os convocara naquela noite. Ele sabia há muito tempo que havia muitas verdades relacionadas com o espiritualismo que a ciência não conseguira explicar; e tendo ele mesmo um conhecimento superficial das ciências da astronomia, da ótica, da pneumática, da hidrostática, da química, da acústica, da eletricidade, de magnetismo, etc., ele descobriu, por experiência pessoal, que todas essas ciências falharam por qualquer lei reconhecida em explicar-lhe os fenómenos que ele tinha de vez em quando testemunhado.

Ele achava que havia chegado a hora em que os cientistas não podiam mais ignorar esses fatos, e competia-lhes, como pioneiros no mundo, avançar de machado de guerra em punho; se eles pudessem provar que existe qualquer outra lei além da do Espiritualismo que explique os chamados fenómenos espirituais, eles de fato confeririam um benefício à humanidade. Foi com essa visão — com o desejo de que o Espiritualismo, com os seus fatos e fenómenos, fosse cuidadosamente peneirado e explicado ao mundo como um todo - que o curso atual foi inaugurado.

Ao levantar-se, a Sra. Tappan foi recebida com entusiasmo marcante. Então, de acordo com seu costume habitual, ela prefaciou seu discurso

com uma curta e impressionante oração ou invocação, da qual o que se segue é uma transcrição literal:

Ó tu Espírito infinito, cuja vida permeia o universo, em todos os momentos e em todas as ocasiões, seja qual for o tema de nossas meditações, aspiraremos a Ti! Tu és o espírito de toda a vida! Do teu ser emanam todos os mundos e todos os sistemas; De ti vem toda a lei e todo o conhecimento; e para Ti toda a natureza se volta como a fonte da existência. Nós Te louvamos pela vida que abunda em toda parte, por aquela beleza e harmonia que habitam em todo o universo. A matéria em si é apenas uma expressão do Teu ser; e qualquer conhecimento que possamos obter é obtido através daquela inteligência que deriva de Ti, Tu Fonte de toda inteligência! Ó Espírito divino, vamos acender a nossa tocha do conhecimento sobre o altar do teu ser! Vamos acender novamente as chamas da inspiração, para que possam iluminar-nos naqueles caminhos que estão além do alcance da razão e, por fim guiar-nos para os reinos onde o sol dourado da verdade ilumina a mente para sempre!

DISCURSO

Desde que o Barão von Reichenbach descobriu que existem mais elementos na matéria do que aqueles que apelam apenas aos sentidos - que todas as substâncias possuem uma aura invisível aos mortais comuns, mas discernível por aqueles que possuem o sentido espiritual, ou a perceção minuciosa - o mundo da ciência está desperta e viva para o fato de que existem certos princípios internos subjacentes a todas as ciências que nenhuma forma de investigação moderna pode alcançar.

Tem sido teoria favorita de muitas mentes avançadas, e é bem atual, que algum agente subtil une e liga todos os sistemas e ciências conhecidas; que existe uma filosofia em algum lugar no campo da investigação que explicaria muitas coisas que parecem incongruentes e insondáveis aos meros sentidos externos. Quando nos lembramos de quão extremamente moderna é toda a ciência, quando nos lembramos de que toda forma de investigação atual é quase nova, não é de surpreender que todo fato, por mais oculto que seja, exija uma consideração cuidadosa e minuciosa.

Todos vocês recordarão que o atual sistema de astronomia não é o dos antigos, e que até Copérnico descobrir o maravilhoso princípio do sistema solar, e explicar os seus arranjos e revoluções com base em leis matemáticas conhecidas, reinava uma total ausência de um conhecimento absoluto com respeito aos corpos celestes. Galileu morreu com perjúrio nos lábios — foi perseguido por se ter atrevido a declarar a descoberta da revolução da terra. E quando nos lembramos de que nenhuma ciência conquistou o seu lugar no mundo sem essa mesma perseguição, que toda mente avançada ou descobridor de uma nova verdade foi perseguida ou morto, cabe a todos sermos cuidadosos ao denunciarmos qualquer descoberta nova ou hesitar em receber a sua confirmação, por poder ter subjacente uma verdade que, por fim se prove a si própria à compreensão da humanidade.

Toda ciência foi certa vez uma teoria — especulação; todo sistema da ciência moderna existiu primeiro soba forma de especulações nas mentes daqueles que as descobriram. De início, vislumbrava-se uma possibilidade brilhante de que a ciência nascente pudesse ser verdadeira, ganhando confirmação com cada novo fato, até que finalmente, através de uma investigação constante por aqueles processos que apenas a intuição conhece, a mente tornou-se consciente das maravilhosas verdades que existem hoje na ciência moderna.

É claro que a matemática é uma ciência antiga e bem estabelecida: podemos chamá-la de pedra fundamental para todas as ciências externas e, é claro, nenhum princípio novo pode ser revelado em termos matemáticos simples. A matemática só é valiosa enquanto expoente de outras ciências; e todas essas formas de ciência e a sua descoberta depende não da matemática, mas apenas a sua solução e representação para o mundo numa forma tangível. De fato, a ciência da astronomia está repleta de esplendor e beleza. Por cálculo direto, a certeza toma o lugar da especulação; e a matemática, com a sua varinha de poder dourado, abre a ampla área do céu para a mente exploradora do homem.

Na antiguidade isso não era assim. Então, a astrologia ocupava o lugar da astronomia, e a superstição tomava o lugar da ciência e do experimento absolutos. A geologia ainda é jovem na ciência moderna: foi apenas outro dia que ousou tomar o seu lugar enquanto sistema estabelecido, enquanto ainda recebe a proibição e a interdição de muitas mentes eclesiásticas. Mas, enquanto ciência, é inquestionavelmente

comprovada; no entanto, quantos geólogos ainda não se encontram perdidos no terreno da especulação, e quão poucos cientistas concordam com os princípios gerais da ciência!

Ainda se encontra na sua infância. A química, derivada dos antigos sistemas de alquimia, fez avanços gigantescos e aperfeiçoou-se de uma forma tangível; mas mesmo assim, ainda se encontra na infância da sua existência! Muitas daquelas forças que antes se supunha serem primordiais, descobriu-se serem compostas, e uma investigação paciente da natureza das coisas levar-nos-ão ao domínio de agentes ainda mais subtis.

Mas não é de nenhuma das ciências estabelecidas enquanto tal, nem de nenhum dos sistemas que vocês podem aprender nas escolas de ciência, que desejamos falar esta noite. É sobre o elo de ligação da cadeia subjacente das causas que todos os homens de ciência procuraram, e a que não conseguiram chegar pela investigação externa. Acreditava Humboldt numa corrente que une toda a matéria num grande princípio cósmico; e várias mentes de vanguarda acreditaram fervorosa e plenamente numa força subtil subjacente que, unindo todas as formas de ciência, acabará por as reunir numa grande ciência única. Claro que essas mentes são raras; são o resultado de séculos de preparação no pensamento humano, e quando alguém desponta no mundo isso assemelha-se ao surgimento de um novo planeta na constelação da mente.

Mas essas verdades acham-se disseminadas - as verdades da ciência espiritual; e acredita-se firmemente, e é conhecido com confiança por parte daqueles que investigaram o assunto durante mais tempo e de mais perto, que aí reside o princípio subjacente a toda a ciência, o elo de ligação entre a mente e a matéria que a ciência não conseguiu descobrir. Acredita-se que a clarividência, o mesmerismo, a psicologia e várias outras abordagens a ela fossem apenas indicadores, os trampolins para esse solvente espiritual que finalmente abrirá as portas dos templos até então vedados à ciência moderna.

Suponhamos, como afirma von Reichenbach, que toda substância esteja cercada por uma aura própria, não avaliável pelos sentidos - isto é, pelo sentido físico - e isso explicará a misteriosa lei da gravidade presente na atração de partículas de matéria umas para as outras; isso

resolve a repulsa da química e coloca a mente em ação numa região desconhecida da investigação.

E suponham, como a clarividência revelou, que toda alma humana individual, assim como todas as substâncias da natureza, estejam cercadas de uma aura semelhante - uma atmosfera como aquela que envolve os planetas - e isso explicará a atração e repulsa experimentadas pelos seres humanos, os seus gostos e aversões, as doenças de natureza contagiosa a que estão sujeitos, e as diversas forças que são antagónicas ao bem-estar humano. Sendo esse o caso, cabe a todos os investigadores da ciência sanitária descobrir se duas correntes magnéticas rivais não produzem doença. Sabemos que as cidades excessivamente povoadas não são propícias à saúde. Assim, o filantropo pode ser levado a ver a necessidade de beneficiar a humanidade afastando uns dos outros. O magnetismo provou a existência da mente independente da matéria.

Eis, pois, um passo para além de qualquer paralelo nos anais da ciência; porquanto ciência nenhuma, no entanto, por mais que tenha admitido a existência da mente, jamais foi capaz de mostrar aos homens de compreensão do mundo científico que a mente é capaz de existir sem a forma orgânica da vida material. Esta é uma descoberta valiosa; o magnetizador que lança a sua vontade sobre o cérebro do sujeito produz a condição de transe, e o sujeito afasta-se da sua influência para o mundo mental independente, para descobrir novas ordens de existência e novas substâncias de que ele (o magnetizador) não tem conhecimento. Isso ficou provado muito antes de o Espiritualismo se tornar conhecido, e antes que a psicologia tivesse revelado o maravilhoso poder da ação da mente sobre a mente.

Caso seja, pois, verdade, conforme declaramos, que essas descobertas foram feitas sob as circunstâncias referidas, que é que excluirá a possibilidade de verdades maiores ainda serem conquistadas pelos mesmos meios no reino da descoberta científica e invenção? Porque, se a clarividência constituir uma verdade, o que não poderá ela fazer no caminho da descoberta de novas forças, e da investigação de temas que se encontram além do alcance do sentido material?

Nenhum telescópio foi feito para penetrar até aos objetos existentes na superfície da lua. Se houvesse um cuja lente vidro tivesse metro e meio

de diâmetro, sem dúvida haveria de descobrir a maioria dos objetos existentes na lua; e se a lua fosse habitada, como os cientistas declaram que não é, ainda assim os seus métodos científicos não poderiam prosseguir. Os clarividentes afirmaram que a lua é habitada, não por uma ordem de seres, mas por seres em estado embrionário e transitório, que eventualmente se desenvolverão.

Vocês não são capazes de determinar se os outros planetas são povoados; mas a psicometria e o espiritualismo afirmam que esses planetas são habitados; e os espíritos mais avançados dizem que eles são capazes de se comunicar com os seres de outros planetas; que os habitantes de alguns desses planetas estão muito adiantados em relação a vós com respeito à ciência e às verdades espirituais; que muitos vivem numa atmosfera que para vocês parece ser como o Paraíso, de tão transcendente que são na sua leveza e na perceção das belezas do espírito. De fato, para alguns desses habitantes vocês haveriam de parecer como seres de uma ordem inferior de criação e vida.

Agora é possível que, em algum momento futuro, a astronomia, ou instrumentos astronómicos, possam descobrir que existem seres em alguns dos planetas; mas é certamente digno da vossa sincera consideração ter em mente que essas coisas foram preditas, de modo que, caso a ciência alguma vez fizesse tal anúncio, ela não leve a palma na mão e diga: “Fizemos esta descoberta primeiro.”
Andrew Jackson Davis, na sua "Revelações Divinas da Natureza", antecipou a descoberta dos oitavo e nono planetas muito antes dos astrónomos os detetarem nos céus, e muitos médiuns deram ideias específicas de substâncias desconhecidas antes.

Um químico hortícola, o Professor Mapes, perseguiu durante anos um sistema de investigação, sob a direção de espíritos, por meio da qual ele alcançou os resultados mais maravilhosos, e a fazenda que ele possuía em Nova Jérsia se tornou num excelente modelo. Mas não foi revelado pelo professor versado que ele recebia as suas ideias dos espíritos, porquanto isso ter-lhe-ia destruído a utilidade do trabalho; ainda assim ele nunca ocultou dos seus amigos o fato de ser um investigador dessas leis espirituais. Muitas das suas descobertas foram publicadas nos jornais científicos a época, mas a fonte de onde provinham era desconhecida.

Muitas das invenções, por meio das quais o labor foi elevado, resultaram da inspiração direta e vieram de médiuns, e ainda ninguém lhes creditou isso. O sistema de telegrafia conhecido como sistema de Hughes, no qual as letras são comunicadas por sons, e o recetor, ciente dos sons, as traduz por palavras, foi uma invenção espiritual direta. Muitas das máquinas de costura, aqueles maravilhosos pequenos instrumentos que aliviaram o trabalho da pobre costureira, foram inspiração direta de influências espirituais. Aqueles espíritos que as revelaram ao mundo através de médiuns terrenas foram recetores de inteligência de seres superiores.

É verdade que esta ciência não responderá ao vosso mando, que não manifestará o seu poder em reposta à penúria e ao egoísmo que não satisfará vontades e desejos individuais, por exemplo, de como chegar a um determinado objetivo. É demasiado teimosa. Dará ao mundo uma ideia da maquinaria que eleve as massas trabalhadoras, mas não lhe revelará o caminho para conseguir diamantes e pedras preciosas. Se no mundo houvesse grande necessidade de diamantes, se eles contribuíssem para a felicidade das massas trabalhadoras, ou ajudassem a elevar o grande mundo da humanidade, sem dúvida existiriam no mundo espiritual mentes que lhes poderiam dizer como conseguir diamantes.

Mas a quem beneficiariam tais descobertas? O ouro flui em grande parte para cofres individuais, e os diamantes são objeto de disputas e contendas. A verdade é mais valiosa que essas coisas; e o grande solvente da humanidade possui potência para elevar os homens, especialmente aqueles que desejam resolver esses problemas.

Vocês perguntam por que não é revelada alguma grande verdade que lance uma nova luz sobre essas questões. Não é hora de uma grande revelação que haveria de derrubar formas e métodos existentes. Além disso, é imperativo que a mente humana trabalhe duro, e quando, com luta e esforço, estiver quase a alcançar justamente a descoberta, essa é a hora em que o espírito guardião intervém e produz a certeza da investigação.

Newton lutou durante anos a tentar encontrar a maravilhosa solução de por que as coisas eram atraídas para a superfície da Terra, em vez de se afastarem dela. Por fim, no exato momento em que ele parecia estar

esgotado e tinha o cérebro exaurido pela investigação das maravilhas que ele não conseguia resolver, sobreveio a ideia dessa lei misteriosa a que deu o nome de gravidade, e que por um tempo, satisfez o mundo. Mas você acham que não há outras leis subjacentes a essa? O sistema que revelamos o superaria por completo.

Franklin, o grande eletricista, quem primeiro trouxe a eletricidade ao alcance da experiência científica, foi responsável pela separação de partículas e átomos da matéria no universo pelo que ele chamou de película de resistência. Ah, eis uma história maravilhosa relacionada com essa especulação de Franklin; por esse filme de resistência poder ser a própria aura ou atmosfera que o clarividente descobriu a envolver os átomos.

As substâncias mais diminutas - as partículas mais infinitesimais da matéria - são separados por pequenos espaços, de modo que realmente não chega a haver contato entre os átomos da matéria; e se vocês pudessem ter um microscópio suficientemente poderoso para examinar essas partículas infinitesimais, todos eles pareceriam cortados, e cada um independentemente do outro. Não há átomos na natureza que não se achem assim separados por espaços, e a atmosfera intermedia constitui aquele elemento por meio do qual mente e espírito podem produzir movimento e vida.

A ciência jamais descobriu o que luz é, apesar da análise de *espectro* a ter decomposto e lhes ter mostrado os diferentes raios pelos quais é formada, juntamente com algumas das suas qualidades; e embora fotografia tenha lançado uma luz quanto aos usos do homem, ninguém nos disse ainda o que é a luz. Não, por mais variadas que sejam as teorias sobre esse assunto, não há nada que explique com clareza a natureza essencial da luz solar.

"Com uma incipiência como esta na ciência, será de maravilhar que a mente humana, capte qualquer coisa que prometa até mesmo um pouco de luz sobre as questões que se encontram agora na sombra? Será de estranhar que a mente humana nunca se satisfaça quando tais maravilhas são disseminadas ante o mundo e não encontre uma resposta? Fiquem certos de que em todas as questões que o intelecto é capaz de enquadrar, existe algures na natureza uma resposta satisfatória. Ela ainda não selou as reservas do seu conhecimento. Não

há princípio misterioso que a alma humana não consiga entender. Entre Deus e vós as várias graduações da vida são marcadas, e onde a matéria deixa de existir e a mente começa, o espírito afirma o seu poder maravilhoso.

As leis da mente são tão tangíveis, e podem ser tão claramente compreendidas e demonstradas, como os problemas matemáticos de Euclides. A mente não encerra mistério. Apenas por a mente não ter sido considerada que é um mistério para vós. Vocês deixam-na como um reino que não pode ser explorado, e então vocês esperam transportados por algum processo divino para a região onde a mente habita, e ainda assim não optam por investigar que região possa ser essa, ou que mente habita dentro de vós.

A ciência espiritual afirma existir um elo de conexão qualquer entre a mente e a força nervosa que lhes ergue o braço e lhes move a estrutura. Agora, a força que lhe permite erguer o braço também permitirá que a mente desincorporada mova uma mesa ou qualquer outro objeto. Essa força oculta encontra-se encerrada na aura que envolve todas as coisas. É a força que opera entre Deus e o homem, entre a mente e a mente, e entre o homem e a mente desencarnada. É com base nesse elemento que os espíritos - assim chamados na ciência do Espiritualismo - dirige a sua influência quando desejarem controlar os médiuns. É sobre essa substância que eles agem quando desejam dar expressão à sua vontade por intermédio de corpos tangíveis. É com base nessa substância que eles agem quando se materializam — mostre-se na forma física.

É nos mistérios dessa força que eles os iniciariam — aquela força que explica tantos fenómenos. É esse poder que lhe permitiria superar todas as forças e todas as leis — a lei da gravidade, se quisermos. O mesmo vidente nos Estados Unidos, Andrew Jackson Davis, disse, há uns anos atrás, que viria um tempo em que os habitantes da Terra navegariam no ar em grandes naves, em vez de atravessarem os mares e terras como agora fazem; que essas naves aéreas são, de certo modo, antecipadas pelo vosso atual sistema de balões, mas que esse sistema terá que passar por uma maravilhosa série de transformações antes que se torne num meio regular de navegação.

É, no entanto, verdade que está a chegar um tempo em que a mente humana, educada pela investigação e pela pesquisa, os elevará acima

da terra, e em que, em vez de rastejarem humildemente sobre ela, vocês virão a ser capazes de atravessar os céus, como agora atravessam a terra e o mar; e isso não parecerá mais maravilhoso, se ocorrer dentro de cinquenta ou cem anos, do que o que vosso sistema de navegação a vapor foi considerado há cinquenta anos atrás. Porquanto os vossos antepassados terão explorado a ideia de um motor a vapor e o Congresso Americano declarou impossível desse modo transportar pesos-pesados quando um comboio na realidade estava a acelerar ao longo das linhas do tempo, e a carregar milhares de toneladas.

O mundo científico deve estar preparado para toda e qualquer nova descoberta ou sistema de pensamento que possa levar ao derrame de uma nova luz sobre uma ciência antiga, ou transmita uma ciência completamente nova; porquanto certamente, na verdadeira mente científica, nenhuma via do conhecimento se encontra cerrada. É, de fato, orgulho da ciência estar sempre pronta para receber novas verdades - que nada de definitivo existe em ciência; e, no entanto, lamentamos dizer que os homens de ciência foram os primeiros a denunciar e os mais fanáticos na oposição que moveram ao Espiritualismo.

Eles nada têm a ganhar ou perder com a descoberta de uma nova verdade; com a revelação de um novo engano. Se é verdade que milhões de mentes estão a trabalhar sob a ilusão do Espiritualismo, e de que não existe qualquer mundo espiritual, nem vida mental e nem fenómenos espirituais, por que razão os impulsos da filantropia ou da compaixão tão só levariam o mundo científico a descobrir em que assenta essa ilusão e a expô-la?

Há muitos anos, a Universidade de Harvard designou uma comissão para investigar os alegados fatos do espiritualismo. Entre eles, encontravam-se diversos cientistas e professores. Competia-lhes esquadrinhar e descobrir se isso assentava numa ilusão, e publicar os resultados ao mundo na forma de um relatório. Mas o relatório nunca apareceu. O público esperou pacientemente ano após ano, perguntando frequentemente ao comité pelo resultado dos seus trabalhos; mas eles nunca foram dados como concluídos. O público esperou mais meia dúzia de anos. Entretanto, alguns dos professores morreram, e, manifestando-se a si próprios através de médiuns, disseram encontrar-se então prontos. Mas os seus assistentes não estavam; e o relatório nunca foi publicado. A minoria - aqueles que faleceram - chegaram a uma

conclusão, mas a maioria viva ainda está a investigar Harvard e ainda não está pronta.

A vossa própria London Society Dialectical decidiu investigar o assunto, e apresentou o resultado das investigações que elaborou num relatório inteiramente digno da sociedade; de fato, ninguém que tivesse pretendido investigar o assunto fez muito pelo aspeto científico da questão desde o advento do Espiritualismo Moderno. No entanto, eles não devem ficar por aí; ainda resta todo um vasto campo de investigação por investigar; médiuns existem em abundância: instalações são proporcionadas em quase todas as cidades do vosso país; e a mente humana nunca se cansará de investigar um assunto que tem um peso tão importante sobre o homem. A título de remate, afirmaríamos simplesmente que este é um discurso preliminar, ou análise, sobre os princípios gerais da Ciência e a relevância que tem para o Espiritualismo.

* * *

De acordo com um desejo exposto pelo conferencista, vários cavalheiros colocaram questões, algumas das quais não sendo relevantes para o assunto em questão, não obtiveram resposta. Em resposta a uma pergunta com referência à passagem de corpos sólidos através de paredes, etc., a Sra. Tappan, ou melhor, o seu controlador, disse que havia sido declarado no decurso da palestra anterior que não existe matéria que seja sólida, mas que, se um poder suficiente pudesse ser exercido, toda a substância do edifício em que se encontravam podia ser comprimido a um espaço não maior do que a ponta de um dedo. Onde quer que exista poder suficiente isso poderá ser conseguido. Os cristais são formados dessa maneira nas entranhas da terra por um processo conhecido pela Natureza.

A mente possui esse poder uma vez desencarnada; e quando vocês estiverem familiarizados com essas forças ocultas da natureza, serão capazes de separar as partículas de modo a permitir que elas passem pelos interstícios que permeiam toda a matéria. Essa é a razão pela qual corpos aparentemente sólidos passam por outros corpos; e é por isso que, ao passar assim através de outras substâncias, um corpo não é danificado, desde que as partículas possam reunir-se novamente antes que a lei da atração tenha perdido totalmente o seu efeito.

Se uma pessoa cortasse uma mão e de seguida unisse rapidamente as partes, o sangue continuaria a fluir pelos seus canais habituais; assim, se uma separação instantânea de partículas ocorresse, seguida pela reunião imediata, antes de qualquer atmosfera poder intervir, a atração pela qual elas se mantinham juntas não seria completamente interrompida, mas elas se uniriam novamente caso a força que as separara se retirasse. A remoção de um casaco, sem que passe pelos braços da maneira habitual, parece ser um milagre. Mas as roupas são feitas de fibras; e se elas puderem ser separadas e reunidas instantaneamente, será o mesmo que não tenha ocorrido qualquer separação. É efetuado pela rapidez do movimento - um poder que não foi obtido em forma nenhuma do conhecimento externo.

Se alguém pegasse num bastão aceso por uma extremidade e o passasse rapidamente ante a visão, pareceria formar um círculo de fogo, causado pela rapidez do movimento. É necessária a sexagésima parte de um segundo para que um objeto se imprima no campo de visão, e se ele passar em menos da sexagésima parte de segundo, o olho não o conseguirá ver. Qualquer coisa, pois, que ocorra mais rápido do que isso será invisível à visão; o olho testemunha o resultado, mas não tem consciência do processo. E é com base nessa rapidez de movimento que as manifestações físicas ocorrem.

Um outro cavalheiro queria saber como é que um átomo passa através de outro, ao perceber a existência de uma lei na natureza chamada impenetrabilidade. A resposta que recebeu foi que não tinha sido afirmado que o átomo atravessa o átomo; o que fora afirmado foi que não existem átomos unidos em substâncias com as quais estamos familiarizados, e que quando um indivíduo passa por outro isso representa simplesmente os átomos a ser separados, permitindo que outros átomos se cruzem, porém não passem através deles. As substâncias são todas são como uma esponja, através da qual a água passa, porém não através das suas partículas.

Em resposta à terceira pergunta, com respeito do referido poder espiritual ser uma emanação de Deus, do Espírito, da terceira pessoa da Trindade, o controlador disse que eles não sabiam; existem algumas coisas que até mesmo os espíritos não conhecem, e essa é uma delas. Certamente, eles acreditam que emana da Mente Divina: todos os espíritos derivam os seus poderes e as suas fontes de vida do seu

espírito, qualquer que seja o instrumento. Só sabem que na vida espiritual esses poderes lhes são transmitidos a partir de esferas superiores, assim como eles no-los transmitem a nós, e que a origem é a Mente Infinita não têm a menor dúvida.

Em referência à quarta questão, relativa às funções do cérebro e à relação que têm com a mente, o controlador disse que a questão é vasta o suficiente para formar o tema de uma palestra inteira. O cérebro é o centro nervoso de todo o sistema, e toda aflição, todo prazer do corpo humano é comunicado ao cérebro através do sistema nervoso. Esse sistema é composto de fibras diminutas que comunicam com o cérebro por meio de vibrações rápidas, que produzem sensação. Sempre que uma certa parte do corpo é afetada, uma parte correspondente do cérebro responde imediatamente; e foi revelado por um sistema de tratamento elétrico que, colocando um polo da bateria no cérebro, a parte enferma pode ser descoberta.

O cérebro é simplesmente o instrumento da mente - o templo do espírito. A parte frontal do cérebro é a sede da inteligência, a parte superior do cérebro é a sede das faculdades religiosas, enquanto a ordem inferior das propensões tem assento ao redor e na coluna vertebral. Toda faculdade do cérebro constitui uma força independente, mas sem a influência revitalizante do espírito não pode haver mente. O cérebro é o meio pelo qual o espírito é habilitado a comunicar-se com a matéria externa e a receber impressões externas.

Em resposta à quinta pergunta, sobre como a mente poderia agir sobre a mente a grandes distâncias, o palestrante disse que há uma força emana da mente que não pertence ao corpo externo, e onde quer que haja uma outra mente recetiva, ou, em simpatia com essa mente, (um sujeito) a primeira poderia influenciar a segunda, mesmo a distâncias das mais remotas. Estabelece-se uma cadeia de simpatia, em que uma mente age sobre a outra. Assim, um Mesmerista ou magnetizador pode encontrar-se num local e o sujeito noutro. Não existe espaço nem tempo para o espírito no sentido material: é infinito por natureza.

Em resposta a uma sexta pergunta, quanto à possibilidade de se descobrir um meio de fazer passar um corpo através de outro, foi dito que a questão se resolvia conseguindo uma separação e reunião rápida das partículas. Possivelmente, poderiam ser inventadas máquinas para

efetuar essa operação, mas tudo dependeria da rapidez do seu movimento.

A sétima pergunta referiu-se à influência que os planetas exercem nos indivíduos e nas nações. O controlador disse: Sir Isaac Newton não fora o primeiro a acreditar que as planetas exerciam uma influência sobre os seres humanos e as nações; os antigos tinham tido um sistema regular de astronomia, pelo que não vemos qualquer razão para não acreditar em tal influência, uma vez que todo átomo exerce alguma influência sobre os outros átomos, e toda mente está relacionada a todas as demais. Uma vez que todo planeta está relacionado com todos os outros planetas que fazem parte do mesmo sistema; e desde que a luz e o calor - essas maravilhas da existência solar - vos são transmitidas a partir de imensas distâncias, deve existir, de acordo com as leis da existência do sistema solar, uma vibração correspondente nas nações da terra; e nós acreditamos que não apenas todas as nações, mas todos os indivíduos são mais ou menos afetados pelas influências planetárias.

Em resposta a um outro argumento, o conferencista disse que, com relação às Plêiades, é ensinado pela ciência espiritual que elas são a fonte da inspiração dos poetas e a morada das musas. Pode ser uma fantasia poética, mas pelo menos é uma fantasia doce. Perceber-se-ia que, quando Marte está em plena ascensão, sempre se verifica a maior onda de assaltos e de roubos e a maior quantidade de derramamento de sangue. De fato, os antigos denominaram os planetas de acordo com a influência que exerciam.

Em resposta à oitava pergunta, com referência à ligação existente entre o fenómeno da miragem e das imagens projetadas na atmosfera espiritual, foi respondido que, sem dúvida, o fenómeno conhecido como miragem é o resultado de uma emanação artificial da Terra na forma de uma substância espiritual, através da qual os raios de luz são refratados. É verdade que a mesma força ou a mesma lei que produz a miragem se acha, sem dúvida, ligada ao poder manifestado na presença de médiuns para tornar as formas espirituais visíveis a olho nu.

No final das perguntas a serem respondidas, a sra. Tappan ofereceu uma breve bênção; quando o Sr. Luxmore se levantou e propôs um voto de agradecimento à conferencista. Ele disse que nunca tinha sido agraciado com a oportunidade de ouvir uma palestrante tão inspiradora

falar tanto como a sra. Tappan. O seu discurso foi excelente - cheio de bom senso e de raciocínio lógico. O voto de agradecimento foi apoiado pelo Sr. Morse e reforçado pela aclamação; após o que os procedimentos da noite tiveram fim.

CORA RICHMOND

EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS

23 DE MAIO DE 1875

PELO ESPÍRITO ADIN AUGUSTUS BALLOU, AFETUOSAMENTE DEDICADO A SEU PAI, MÃE E AOS AMIGOS DE HOPEDALE.

Augustus Ballou, filho de Adin Ballu, um dos fundadores da comuna utópica de Hopedale, passara para o espírito a 8 de Fevereiro de 1852, aos dezoito anos, vitimado pela febre tifóide. Esse mesmo Augustus Ballou prometera falar nesta noite, na qualidade de controlador de Cora Richmond, a médium que lhe foi dado desenvolver e passar a controlar.

DISCURSO

Ouviram da boca do presidente da assembleia que foi minha boa fortuna nascer no milénio - quero dizer, na terra que representa o seu começo, conforme creio - o período indicado pelos profetas e videntes quando se deverá dar a passagem da velha para o começo da nova dispensação. É verdade que não começou de forma muito tranquila, mas o incidente da tribulação do seu começo faz parte da profecia do mesmo modo que a predição da glória que contamos venha a ser o seu final. Porém, nenhum louvor me é devido individualmente por assim ter nascido nem aos meus pais coletivamente, por me terem trazido ao mundo nesse período particular, mas assim sucedeu.

Cedo na vida, devido à natureza peculiar da sociedade em que fui introduzido, toda a matéria de interesse para a Humanidade tornou-se igualmente matéria do meu próprio interesse, em reflexo, devo confessar, das raras qualidades do espírito do meu pai. Não é admirável que após este lapso de tempo eu devesse ter desejado trazer de volta à terra os molhos reunidos e os resultados aprimorados dessa aprendizagem inicial, pelo que, com a vossa permissão lhes imploro que dediquem este discurso aos meus pais, de modo que possam chegar a saber que, muito embora eu tenha o meu lar num outro mundo e o meu porta-voz se

encontre numa terra distante, não me esqueço dessas obrigações iniciais.

Explicarei resumidamente como cheguei a compreender a origem dos problemas sociais que ocuparam o interesse do meu pai. Recordarei à audiência que o presidente atribuiu o seu principal trabalho ao antiesclavagismo. Posso declarar ter sido o principal e o mais insistente durante um período ativo por que o meu pai passou na vida, porém, o tema favorito e profundamente duradouro da existência do meu pai foi a libertação do espírito humano dos grilhões do preconceito, do fanatismo, e uma religião livre, esclarecida e prática, e isso de tal modo lhe impregnou a natureza que, não fora os deveres ativos e prementes de uma causa que envolvia toda a simpatia humana possível, e ele não o teria podido deixar nem por um instante.

Presumo que os problemas sociais amadurecem tal como os religiosos e os políticos, por ciclos, e que aquilo que legou um Fourier à França e um Robert Owen à Inglaterra mais os seus formidáveis esquemas de emancipação do género humano, legou um George Fox e o seu estímulo à Sociedade dos Amigos, e formou igualmente as linhas principais daquela história que legou ao espírito do meu pai a ideia da Associação do Socialismo Cristão, pelo que ele na companhia de muitos outros, desejou testemunhar sobre a terra a realização daquele sonho que combinaria a indústria efetiva e da cooperação com o avanço conveniente e moral social, e uma religião que não fosse composta de cerimónias e declarações solenes, que deveria ter implantação num vale remoto e isolado da América, e muitas das mentes que aí inculcaram essas doutrinas deveriam ser difundidas pelo mundo carregando ainda uma recordação dessas ideias e acalentasse a esperança de que nalgum futuro distante a Terra venha a ver a consecução desse sonho, prova que o meu pai foi um de entre uma série de profetas e que, se ele não viu o literal cumprimento do seu sonho, foi formidável acalentar um sonho desses.

E que todo indivíduo que se encontre no auge do poder intelectual que consiga combinar o ardor de um Lutero com a filantropia de um Wiberforce, e grande parte da sua capacidade, decerto que não deixará de imprimir a sua marca sobre uma qualquer geração.

Sob tais circunstâncias foi a minha vida inicial consagrada, e tenho liberdade para confessar que essa vida inicial, embora breve, me amadureceu as faculdades do espírito em poucos anos, mais do que

teria amadurecido acaso tivera eu vivido até ficar com o cabelo grisalho e alcançado a propriedade material que tantos cobiçam na terra. Devo igualmente confessar que todo o período da minha carreira terrena inicial esteve repleta da premonição da brevidade da sua duração, e que me senti compelido a tratar de conhecer tudo quanto podia.

O meu pai publicava um jornal intitulado “O Cristão Prático” que representava o expoente e o porta-voz das perspetivas particulares que defendia. Consigo recordar como, muito novo ainda, eu trepava à caixa dos modelos (tipografia) e aprendi a definir o cabeçalho, que era composto por uma longa linha, antes mesmo de ter aprendido o significado das palavras; mas dir-lhes-ei de que cabeçalho se tratava, para que, se acharem que a declaração de princípios enunciada pelo presidente foi Utópica, o que não pensarão do cabeçalho do jornal:

“A Verdade Absoluta, a Justiça Essencial, a Responsabilidade Individual, a Reforma Social, o Progresso Humano, a Perfeição Final.” Tivesse o meu pai escrito diversos livros e não teria conseguido expressar melhor os sonhos e as ideias que tinha acerca da vida; mas não só ele acreditava em cada uma daquelas palavras do cabeçalho como tornou possível esperar que viesse a ser realizado na terra por via do próprio exemplo de conduta que deu, ao ilustrar por todos os meios ao seu alcance a realização prática de uma vida prática cristã.

Quando atingi os doze anos de idade ele amavelmente satisfez-me ao me permitir assumir a qualidade de editor, e eu mais os meus jovens companheiros, publicamos uma folha semanal do tamanho de papel de carta comum, em que depositávamos a visão que tínhamos dessas questões de importância primordial. Gradualmente e à medida que as minhas ideias iam amadurecendo, aprendi a fazer parte do jornal maior, e gradualmente, à medida que as minhas ideias se voltavam para o mundo dos espíritos, cheguei a apurar que aquelas mentes grandiosas daqueles que se encontravam nas esferas superiores auxiliavam e promoviam até mesmo aqueles a quem encarava com a maior veneração. A qualidade predominante que distinguia essa ideia de reforma de todas as demais era a sua paz.

Aqueles de vós que estiverem familiarizados com a questão do antiesclavagismo, recordar-se-ão que existiam dois ramos, um dos quais era decididamente e sempre não-resistente, e que William Lloyd Garrison e o meu pai pertenceram de forma constante e assídua à causa. O resultado disso foi o de que o meu pai nunca se ligou ao partido da

guerra, acreditando que as medidas pacíficas acabariam por produzir a emancipação do escravo. Não era a vontade de Deus, mas era a forma que o meu pai achou melhor.

Daí que, quando as querelas tiveram início, claro que a sua simpatia era favorável à emancipação, porém, ele jamais perdeu de vista os princípios da não-resistência, e a abstenção de fazer o mal, ainda que pudesse resultar no bem foi sempre o seu princípio absoluto porque regeu a sua vida. A guerra posterior e os seus resultados, eu testemunhei a partir do meu lar no espírito.

Cerca de dois anos antes de deixar a minha vida terrena, tomei consciência de que o meu pai se interessara pelo Espiritualismo Moderno, e que ele acreditava poder travar conversa com os espíritos desencarnados, e pude testemunhar manifestações disso na sua casa, manifestações essas que gradualmente me convenceram, encontrando-me eu então inteiramente absorvido nos meus estudos e nos grandes problemas que me eram apresentados, e familiarizou-me mais com a ideia da existência espiritual e a presença espiritual, e posso dizer que antes de deixar a Terra, tenha estado preparado para ingressar no estágio da vida espiritual, reconhecendo-a como a continuidade da vida mortal, e reconhecendo que tudo quanto aprendera na terra seria válido na minha existência recém-descoberta

Tendo nascido no novo milénio, na terra, nasci na sua realização quando entrei no estado espiritual, e durante esse período de tempo, atualmente de vinte e três anos, eu achei que toda a realização possível dos sonhos terrenos dos meus pais e amigos não me poderiam ter possibilitado uma porção sequer da atual alegria e encanto que experimentei ao sentir que me encontrava livre da minha estrutura mortal, por me lembrar de forma distinta ter-me sentido amarrado no meu corpo, por não ser adequado às necessidades do espírito, e que desejara um maior poder e uma maior oportunidade de me desenvolver e de me expandir.

Ao entrar de imediato na vida espiritual, busquei a possibilidade de comunicar com o meu pai através das médiuns que nos habituáramos a empregar na família, mulheres jovens, que residiam na vila onde habitávamos.* Obtive sucesso em transmitir-lhe uma ideia mínima com respeito ao estado em que tinha ingressado, mas mal tinha passado da vida terrena quando o meu guia, que parecia ter controlado e vigiado a minha carreira terrena me dirigiu para uma cidade remota no Estado do

Wisconsin, onde descobri a minha atual médium, catraia ainda, e disse-me:

"Agora, se desejares estabelecer comunicação com a Terra, e se concordares em aceitar o que te foi atribuído na nossa esfera de porta-voz da instrução de uma superior para o mundo material, terás o controlo dessa médium a teu cargo."

**Consultar as 'Comunicações de Adin Ballou a Seu Pai.'*

Durante um ano, o guia que preside à esfera em que agora me encontro, prestou-me assistência no controlo do organismo da médium. Entretanto, a intervalos intercalados, estabeleci contato com o meu pai por intermédio de outras fontes, mas à medida que a vida espiritual se desdobou ante mim constantemente, eu comuniquei-o tão prontamente quanto pude através do organismo dessa jovem. Lembro-me perfeitamente bem - e sou capaz de vo-lo descrever de forma distinta - o processo por intermédio do qual entrei nesta comunicação com a médium terrena, e assumi controlo dos seus órgãos, e achei-a inicialmente imatura, mas fui sempre encorajado pela ideia de que, quando estivesse devidamente treinada e desenvolvida, teriam pelo menos a vantagem de ter sido treinada e desenvolvida por mim, e por conseguinte, enquanto instrumento não poderia haver melhor do que o próprio organismo terreno, e descobri que em muitos sentidos poderiam verificar-se melhoramentos, caso pudessem existir deficiências noutros.

Por isso, pelo processo que me foi indicado pelo meu guia, eu entrei no controlo. Garanto-lhes que não o fiz sem uma certa apreensão. A responsabilidade de assumir controlo de uma estrutura humana que se destine a ser habitada por outro espírito não era coisa de pouca monta (insignificante), e o espírito precisa ser muito ousado, ou muito sensato aquele que o faz de forma bem-sucedida, sem prejuízo nem sacrifício para o espírito que ocupa essa estrutura. Refiro isto a título de advertência àqueles que, em momentos de entusiasmo exprimem o desejo de se tornar médiuns.

Não sabem o que dizem, porquanto tornar-se médium implica sujeitar-se a todo o espírito passageiro, ou à vontade de todas as mentes que obtenham acesso por intermédio da simpatia, do impulso, do favor ou desejo para com o vosso, pelo que deveriam orar diariamente para não se tornarem médiuns; porém, se tornar-se médium significar ceder-vos a

vós próprios a uma orientação conhecida e idónea de modo a que a vossa individualidade possa ser encorajada e desenvolvida, sem que nunca seja usurpada, então orem cautelosamente por melhores dons e deixem de lado tudo quanto possa revelar-se gratificante para a mera curiosidade pessoal ou o desejo de se tornar conhecido como médium.

Eu assumi esta responsabilidade com a maior das apreensões, desejando com o máximo ardor do meu espírito obter todo o conhecimento respeitante à vida espiritual, mas desejando igualmente num menor grau de ardor ter os meios de comunicar esse conhecimento aos mortais. Aprendi da parte do meu pai a grande bênção que é transmitir conhecimento., e pensei que possuir os segredos e as maravilhas do mundo do pós-morte e não ter com quem falar deles era com efeito equivalente a sentir-me amarrado e restringido; por isto, quando esta proposta me foi feita pelos meus guias fervorosamente, e fiz a solene promessa de que em todas as dificuldades e casos de emergência em que me visse incapaz de controlar diretamente e de forma sensata devesse ter assistência da parte daqueles que me haviam conduzido à terra, e ano após ano, ou, inicialmente, mês após mês se passou sem que eu conseguisse forçar o cérebro desta catraia até ao padrão acelerado do culminar do pensamento espiritual sem danificar os laços que uniam o espírito dela ao corpo, ou produzir danos irreparáveis na sua estrutura mental, nessa idade imatura.

Assim, vi-me obrigado a estimular, de forma tão cuidadosa quanto a mão hábil cuida da flor tenra, a passar-me para o cérebro dela e estimular faculdades tais quantas desejasse usar, mas sempre de uma forma precavida para não o estimular demasiado, e por uma série de sucessivas instruções que eu transmiti ao pai dela e ao círculo efeito dos amigos as primeiras experiências por que eu passara na vida espiritual, passando, passo a passo a informação que me chegava e transmitindo-a aos diferentes órgãos, de modo a, tanto quanto possível, conseguir desenvolver o cérebro por igual e em todos os sentidos.

Onde quer que descobríssemos que o cérebro estivesse a ser sobretaxado, ela era deixada por um período de três a seis meses sem qualquer controlo em absoluto, para que o organismo natural pudesse ganhar o seu vigor do costume requerido. Assim, ano após ano, até ela atingir os dezasseis anos de idade, eu desenvolvi-a juntamente com outros espíritos com o expresso propósito de poder tornar-se a porta-voz de um círculo de guias em cuja província tinha penetrado, e de modo a

ela poder tornar-se o instrumento por intermédio do qual eu pudesse transmitir estas elocuções aos mortais.

Desde essa altura, tendo o cérebro dela produzido o resultado do pensamento e completado a sua formação, fui então capaz, por mero exercício da volição, de comunicar um pensamento ao cérebro; e tal é a simpatia existente entre a minha mente e a dela, que nem distância nem circunstância alguma poderiam intervir caso eu pensasse diretamente e desejasse impressionar uma ideia na sua mente. É a simpatia que o mesmerista exerce no sujeito com as qualidades adicionais da consciência do poder.

Quando eu assumi controlo, até mesmo no começo, não foi como muitos poderão supor, uma ocupação real do organismo humano, pela exclusão do espírito dela, mas uma ação exercida sobre os órgãos que por meio das forças nervosas atuam sobre a volição através do cérebro, que eu gradualmente consegui um controlo superior sobre eles, através da fusão da identidade dela com a minha, ou permitindo-lhe uma consciência individual distinta na vida do espírito enquanto exercitava o cérebro e desse modo usava os órgãos do corpo. Eu ajo sobre esses órgãos, não os hábito.

Insuflo-lhes o poder do meu espírito através da sua mente; não ocupo a sua estrutura. Possuo o requisito do controlo, porém, não estou amarrado ao sistema nervoso nem muscular. Tenho o mesmo controlo que o pianista ou organista podem ter sobre o instrumento cujo processo ele dirija, com conhecimento de cada puxador de tampão que produza a melodia exigida, ao dispor.

Na medida em que sou capaz de avaliar a mediunidade humana presente entre o nosso mundo e o vosso, jamais houve controlo mais perfeito do que aquele que individualmente exerço através desta médium. Descubro muitas coisas que não sou capaz de expressar, mas por vocês não estarem preparados para elas. Pude descobrir a fala, pude encontrar o poder requerido, mas não sou capaz de encontrar a compreensão até que a vida humana esteja num estágio de pensamento mais amadurecido. Por isso digo, pois, que entrei no milénio, e que me foi permitido tornar-me num dos doze guias que dirigem esta médium, e durante os últimos vinte e dois anos em que a minha influência jamais se retirou exceto em intervalos destinados ao restauro do vigor da médium, não me ausentei do pensamento nela exceto quando estive a recolher conhecimento que pudesse transmitir através dela.

Durante os últimos quinze ou dezasseis anos foram proferidas mais de 3000 elocuções, duas mil das quais foram enunciados por mim, enquanto porta-voz do espírito em que me inseri; e nessas elocuções proferi, ou esforcei-me por lhes transmitir toda a filosofia da relação existente entre o vosso e o nosso mundo, tudo quanto diz respeito aos pontos de partida da existência do pós-vida e da progressão que a alma obtém na sua recém-descoberta vida. Porém, dos estados sociais da existência espiritual e das esferas que habito em especial, e sobre as ocupações em que nos envolvemos em particular no nosso mundo, nunca, até ao presente, percebemos um estado suficientemente avançado de pensamento que nos permitisse comunica-lo ao mundo.

Com a vossa permissão, dispensarei todas aquelas experiências menos significativas que constituem a bem conhecida história de todo espírito que comunica as suas ideias aos mortais e expor-lhes-ei de imediato a nossa esfera de ocupação e emprego, e o que de útil descobrimos em relação à nossa vida para os mortais. Tomo, pois, a liberdade de lhes dizer que habitamos uma porção do mundo espiritual que se acha ligada ao sistema solar, só que não diretamente ligada ao planeta que vocês habitam, salvo espiritualmente. Esta esfera é denominada esfera da Harmonia, e é presidida pelo anjo que leva aquele nome cuja dispensação, estou certo, virá a seguir-se na terra.

O primeiro estágio na esfera que tenho a honra de lhes apresentar é denominada Fraternia, ou a cidade do esforço associativo ligado aos mortais e à existência espiritual. Uma porção dessa esfera diz respeito àquela que é habitada pelo meu venerável amigo, o Dr. Rush, que relatou a experiência por que passou na área da cura. Uma porção é presidida por Wilberforce, de cuja obra filantrópica todos vocês estão a par; mas as restantes qualidades de Fraternia enquanto reino de existência espiritual está no fato de combinar as esferas associadas de todos os interessados, ou quantos têm estado interessados pelos grandes problemas sociais da humanidade. Mentes como as que se têm visto oprimidas pelas perspetivas parciais e terrenas fundem-se em associações espirituais com enormes esperanças e aspirações.

Os antigos Gregos, cujos esforços de associação eram unicamente dedicados à ambição desabrocham no nosso reino com esperanças mais sublimes, e fazem da humanidade, em vez da Grécia, o santuário dos seus esforços. Aqueles que olham com comiseração e quase com desespero as diversas condições da vida terrena, onde alguns são

pisados e oprimidos enquanto outros são exaltados, observam neste reino a solução do problema - designadamente o idêntico reconhecimento de todo espírito humano individual - o reconhecimento da sua existência, do seu poder, dos seus direitos e capacidades, a combinação mútua daqueles que se acham em simpatia em prol de algum grande trabalho.

Descobrimos que, se uma mente é capaz de muito através do esforço individual, induzida ao bem, muitas mentes em simpatia com o mesmo tema conseguirão realizar mais, e o reino denominado Fraternia e aquela porção onde o esforço combinado num dado sentido qualquer é efetivado pelo cumprimento de qualquer objetivo quer na terra ou nas esferas contíguas ao nosso corpo; de modo que, se houver necessidade de inspiração ou resolução de algum problema de monta na terra, uma delegação deste reino seja enviada a inspirar alguma mente que, à semelhança de William Lloyd Garrison tenha constatado um equívoco e sinta o impulso de o corrigir na Terra.

Se algum problema associado ao trabalho precisar ser resolvido, uma delegação avança de Fraternia até ao espírito (mente) encarnado que melhor preparado estiver para receber essa impressão, e a proposta é apresentada ao mundo. Mas, por comparação os estados do nosso mundo e das esferas espirituais em que atuamos, a revolução ou reforma produzida é quase instantânea. Na terra vemo-nos obrigados a esperar a ascensão e queda de reinos, a queda de dinastias, o derrube dos governos dominantes, antes que uma só ideia de reforma proposta possa ocorrer aos espíritos terrenos, não obstante, é de tal modo gradual e contínua a ação das nossas esferas que nós, como uma força contínua, deveremos inevitavelmente produzir o resultado mais cedo ou mais tarde, e a chama perpétua ou luz é passada desses corpos associativos* na direção de espíritos similares ou corpos existentes na terra, para se voltarem numa dada direção. Daí que, quando a arte da imprensa foi descoberta por Lorentius Haarlem,** diz-se que abriu uma tal via de comunicação desta esfera do esforço associado que enquanto antes pode ter havido apenas labaredas isoladas em determinadas porções da terra, passou posteriormente a existir uma efusão constante de esplendor que aos poucos foi sofrendo um incremento, à medida que o conhecimento humano se difundiu.

**NT: Almas grupo?*

A mais perfeita realização do nosso ideal de vida associativa que existiu na terra diz respeito a época tão remota da história que dificilmente lhes chega ao conhecimento. Algumas das fraternidades Orientais então existentes, ou ordens associativas de fraternidade, que evitava o mundo, fizeram um enorme sacrifício pelo sublime propósito de beneficiar a humanidade. Mas essas fraternidades desapareceram com os corpos religiosos a que pertenciam e as fraternidades políticas de pouca dura proverbial

Temos agora que olhar para a grande renovação social que, entre a política e a religião consegue gradualmente trilhar caminho, e em tempo de paz os avanços e melhoramentos sociais reúnem o fruto do reino do espírito.

Tão sinceramente desejamos que as grandes massas da humanidade seja influenciada por esse espírito de fraternidade que delegações são enviadas dia e noite a pairar sobre cada local da assembleia humana, cada sítio da legislação e veneração humana, com a finalidade de que a grande carga do evangelho do século dezanove, quer no púlpito quer no salão legislativo, seja a fraternidade da raça humana. Tão decididos estamos que, aqueles que trabalham noite e dia por entre as esferas carregam nas suas asas do pensamento as armas da ciência, da arte, da invenção em prol da inspiração do labor humano, melhoramentos na condição do pobre trabalhador, de todo problema com que agora se deparam que parece insolúvel.

Um homem de maior intuição ou mediunidade do que outro fará uma invenção que libertará o trabalhador dos laços do servilismo; ele morre e os filhos dos seus filhos antes que a sua invenção seja alvo sequer da consideração dos sábios concelhos da terra. Se houver uma descoberta que prometa ceder asas ao pensamento e render um milhar de braços onde agora há um apenas para mover e suportar as cargas do mundo, os sábios legisladores da terra em assembleia solene a declararão impraticável, e duas ou três gerações precisaram passar antes do tear e do motor a vapor e o mensageiro relâmpago devam fazer o seu trabalho de libertação da mente.

Entretanto há planetas e mundos que se encontram em estágios muito mais rápidos de desenvolvimento do que a terra, e enquanto vós vos arrastais lentamente em frente a tatear às cegas para resolver a questão, algum planeta mais preparado cobre com luz de relâmpago a ordem de algum novo impulso ou poder e as canelas voam e os teares tecem os

seus finos tecidos e a luz do sol leva a que os motores girem e a grande maquinaria trabalhe a um só pensamento.

Enquanto vocês aguardam pelos enfadonhos métodos da matéria, e torturam a escória relutante para a realização das reles ambições, a coroação de reis e a construção de edifícios, os mundos que se encontram mais avançados movem-se com o mecanismo subtil do refinado pensamento, e tecem os tecidos do espírito em prol do esplendor daqueles raios que jamais vacilam ou desaparecem.

Se, no reino de Fraternia, desejarmos uma visão para o vosso mundo, de imediato algum inventor construirá uma lente que, colocada ante a visão espiritual, nos revela a condição dos mortais os nossos olhos. Se desejarmos um impulso qualquer do pensamento apropriado a um mundo num certo estado de avanço, haverá alguém pronto com a própria ideia requerida, e será só aguardar a aplicação para que produza o resultado desejado.

No nosso reino, pois, toda a sociedade de almas fraternais habitam na harmonia e na perfeição, todas desempenham a tarefa para que a sua experiência e conhecimento melhor as tiver preparado. Mecânica, arte, poesia, música, todas as formas do pensamento e expressão humana espiritualizado e sublimado encontram os seus corpos associados, e eles, visitando tais mundos ou esferas como aqueles com que têm contato, servem-se dos métodos mais avançados de outros mundos, e estão preparados para inspirar a ideia na terra, assim que alguma mente estiver pronta a acolhê-la.

Existem agora adormecidas por falta de vontade da parte de empreender o seu desenvolvimento na terra nada menos de uma centena de impulsos no camp da arte, da mecânica, da vida social; e precisamos aguardar até que alguma mente isolada no sótão abandonado a sonhar o seu sonho, proporcione a oportunidade de nos apresentar a ideia, até que os poderes motores a eletricidade e a atmosfera suplantem todo o mecanismo inútil e poeirento do tempo atual, até que os impulsos adormecidos sejam dados às forças elétricas que possam ser criadas para mover o mecanismo do mundo com o toque único da sua mente me vez do trabalho penoso da vida diária pelo pão de cada dia.

Alguns dos problemas são de tal modo iminentes e compelem-nos tanto que não posso evitar apresentar-lhos. Será recordado pelo meu amigo, o

presidente da assembleia que um dos princípios ligados ao esforço associativo do meu pai passou por uma igual cooperação da mulher.

Foi fortuna minha, com é a de muitos, ter uma mãe que em todas as qualidades da mente e do coração foi uma companheira apta do meu pai, qualidades essas que ele reconheceu no empenho associativo que fez em reconhecimento à mulher enquanto igual ao homem; mas, quando essa ideia se apossa por completo do espírito humano, o resultado será o restauro da metade dos poderes da terra que, por falta de uso, jazem adormecidos ou então que por falta de encorajamento, porventura, foram exercidos em sentidos ilegais ou inadequados.

No reino de Farternia as almas são consideradas com respeito aos seus dons e qualidades, e eu garanto-lhes que, se um a questão ou ideia lhes for apresentada à consideração, não será nem por um instante considerado de que metade da criação a questão possa ter emanado, nem é possível em momento algum formar um corpo associativo no reino de Farternia sem um número igual de ambas as porções da família humana; pelo que seja qual for o ramo da arte ou ciência, da aprendizagem ou investigação, que ocupe a atenção de uma, também ocupará a tenção da outra; e todo problema que seja adequado à resolução de uma também será adequada à consideração da outra.

No reino de Fraternia, e dos círculos avançados do espírito não existe para a proposição pura da mente qualquer distinção na emanação; elas (metades) pertencem e desempenham precisamente as mesmas qualidades no mundo dos espíritos; e no que diz respeito à vida espiritual, falamos de mentes compreensivas e de almas afins, e não de homens e mulheres. Uma das grandes ideias, pois, que lhes desejo deixar marcada na mente esta noite, é a de que em todos os estágios de aperfeiçoamento na terra nenhuma questão pode ser considerada pelo homem somente, adaptada por ele ao uso humano, ou aplicada ao avanço humano.

E justamente na proporção em que a mulher coopera e compreende todo problema da vida humana, assim também no mundo é uma metade melhorada, mais sensata, e maior, e em todas as proposições que se apresentem entre o nosso mundo e o vosso nós falamos à humanidade, e não ao homem, e em todas as ideias que nos unem ao vosso mundo, se um dom puder ser concedido ou cultivado, ou um poder redimido da escravidão do costume, utilizamos a mulher como nosso instrumento sempre que a oportunidade o permita. Devido ao poder igual de ambos

os ramos da mente humana, o reino de Farternia é consequentemente um reino de um desenvolvimento igual e perfeito em qualidades mentais; e só a força e o fervor espiritual que desse fato derivam redimem e retificam muitas das faltas que existem na vida humana.

Vou-lhes pedir agora que copiem uma daquelas assembleias do reino de Fraternia onde o tema de consideração envolve a questão da sociedade humana, e é tal que pode envolver a vossa atenção por dias e horas seguidas, como designadamente, a elevação e libertação da raça dos impulsos inúteis dos usos da sociedade com o fim de tornar cada sala de estar, todo local de assembleia pública, e cada reunião dos seres humanos uma assembleia harmoniosa e fraternal destinada à discussão dos princípios e propostas da vida humana

Se vocês ajudarem a produzir um resultado desses perceberão que o tempo agora ocupado nas cerimónias inúteis da vida diária será suficiente para consagrar um pequeno milénio em cada habitação nesta e noutras terras; por a harmonia daqueles presentes, e o propósito dos reunidos, seja devido à elevação gradual da atmosfera do pensamento no mundo, à discussão dos problemas da arte, da ciência ou do governo que são conhecidos como úteis, ao desenvolvimento de cada proposta individual que possa dizer respeito à esfera de uma comunidade iluminada e coletiva.

Vós sois abençoados por viverem num período e unam época do mundo em que é possível fazer isso. Platão com todos os seus sonhos, Sócrates com a sua sabedoria, teriam considerado esta assembleia o Paraíso, se a uma audiência de homens e mulheres inteligentes eles tivessem podido, sem receio de derrubar a ordem existente das coisas, ter dado expressão livre e inteligente a cada ideia. Todo corpo de homens esclarecidos na terra pode tornar-se um encontro para uma delegação oriunda do reino dos espíritos a que me refiro, que acrescentarão o seu vigor ao vosso, elegendo cada instrumento conforme possam descobri-los entre vós a fim de lhes resolver muitos daqueles problemas que permanecem sem solução unicamente por não serem pensados.

A esfera seguinte (e esta deverá ser a única a que me referirei, embora não seja a última) é o reino habitado pelas almas que têm o objetivo do aperfeiçoamento do mundo a que chamarei esfera de Melodia, onde a feição característica da atmosfera e inteligência é a de um consenso ou acordo harmonioso, e onde a música do próprio pensamento é tão

perfeita que receio que mesmo um pensamento desta assembleia, como aquele que por vezes lhes atormenta o espírito, haveria de produzir uma algaravia na atmosfera.

Nenhum ser pode habitar essa morada cujo pensamento basicamente não seja correto, perfeito, em pleno acordo; e aqui chego à questão há muito discutida da possibilidade da perfeição derradeira. Garanto-lhes que, como só existe uma Luz e um Princípio Final na natureza, e um princípio absoluto de Harmonia, também na Verdade não podem chegar a nenhum outro que não o pensamento absoluto original, se o buscarem no sentido correto.

A perfeição do pensamento humano não depende do escopo que apresente. Vocês podem chegar ao centro sem serem obrigados por possibilidade nenhuma a conhecer toda a circunferência da proposta, como o centro do sistema solar foi descoberto muito antes dos planetas exteriores existirem; e como o centro de um princípio espiritual pode ser descoberto muito antes da sua conferência final ser conhecida., pelo que é possível atingir o *centro perfeito da Verdade*; e todos quantos habitam esse reino de Melodia são perfeitos na qualidade do seu pensamento. Conhecem a verdade primordial de qualquer assunto de que tenham qualquer conhecimento, e o volume desse conhecimento poderá ser aumentado diariamente, porém a sua qualidade nunca.

Não existe diferença na qualidade da verdade ao longo do tempo e da eternidade. É tão possível chegar-lhe, testá-la, ver que é clara e pura e perfeita, quanto é determinar a qualidade de um diamante, ou a quantidade de vapor existente na atmosfera, por combinações químicas adequadas. É tão possível, pois, ao espírito humano ser perfeito na sua esfera particular ou estado terreno quanto o é no reino de Melodia. Seja o que for em que o pensamento humano se envolva, a questão primordial deveria ser, que a base seja correta e perfeita, que então a esfera poderá estender-se tanto quando desejarem.

Achamos os nossos estados de perfeição, pois, determinando o centro de cada proposição, mental, espiritual ou científica. Conhecemos a orientação exata de toda questão chegando ao seu centro, e podemos calcular com igual certeza a operação das forças morais e espirituais na mente humana por esse meio tal como o astrónomo ou o geómetra calculam a extensão de um círculo pelo conhecimento das suas leis da medição.

Estamos inteiramente na posse, pois, das leis que governam o princípio da harmonia, e esses princípios são tão solúveis no pensamento humano como são na música executada pelas mãos humanas, ou composta pela mente humana; pelo que é possível pensar e agir de forma melodiosa, proceder a toda a combinação de ideias, na mente ou na vida, tão harmoniosas quanto as esferas movendes; de modo que os pensamentos, em vez de se mostrarem erráticos e aguçados e embotados, e angulares e sinuosos, devam revelar-se círculos e ciclos de ondas evolutivas que vibram sobre outras ondas de pensamento, inundando a habitação da atmosfera da terra de luz e som harmoniosos.

Tal é o grau de possibilidade ligado aos mortais. Além disto não lhes posso revelar, exceto que no planeta Melodia não existe discórdia mas uma harmonia absoluta, onda atrás de onda ed luz branca pura e dourada que, misturada com cada matiz e cor, flui pelo ar e vibra na direção da terra, e essas são almas aladas cujas aspirações consistem em orações e cânticos, e cujas ideias se decidem na realização do mais elevado acordo, no amor do Infinito, e no amor pelos seus companheiros, respirando música para onde quer que se voltem, e libertando a alma das suas tristezas e sombras por meio do encanto real daquele acordo harmonioso que não deixa espaço à dissonância, à dúvida, nem à tristeza.

Para esta região os convido sempre que, livres dos cuidados ou da contenda, optarem por entrar; e comprometo-me aqui junto com os meus assistentes, e ao longo dos anos futuros em que estiver ligado à terra, a esforçar-me por produzir a dispensação deste anjo da Harmonia, e a insuflar a atmosfera do reino de Melodia, que libertará e emancipará igualmente a terra das suas trevas.

***NT: Laurens Janszoon que foi cognominado Coster, ou 'sacristão' em Flamengo, que alegadamente foi inventor contemporâneo de Gutenberg em Haarlem, nos Países Baixos, embora alguns Holandeses contestem que tenha sido o primeiro.*

COMUNICAÇÕES DE ADIN AUGUSTUS BALLOU A SEU PAI

Através da médium de escrita automática Elizabeth Alice Reed, de Hopedale

Do livro “Exposition of Views Involved in Spirit Manifestations,” da autoria do pai, Adin Ballou.

(14 de Fevereiro)

Tem fé em Deus. Ele fará com que as promessas do Seu Evangelho vos anime e ampare nesta hora de angústia. "Não se vos turbe vosso coração; credes em Deus," crede igualmente que Ele é capaz de os salvar em todas as vossas dificuldades e aflições.

Tenha paciência; vocês hão de juntar-se todos a mim na devida altura que o Mestre estabelecer. A mãe em breve sentir-se-á melhor, creio bem. Como os anjos se rejubilam por eu estar com eles! Como você se vai alegrar - quando nos encontramos nesta esfera feliz.

Espero conseguir mover a mão da mãe em breve.
Tenha fé e paciência, mãe querida; Eu sempre estarei consigo para a consolar e abençoar. Mãe, é o Augustus quem está a escrever - não duvide.

(15 de Fevereiro)

Gostaria de dizer à mãe e a todos vocês, que quando eu passei do meu habitáculo de argila, não sofri, mas senti-me tão feliz que não consigo descrever. Você já leu o *‘Moral da Morte’* de Andrew Jackson Davis? Ele esteve muito próximo da verdade nessa parte do seu trabalho, segundo o que os espíritos (meus companheiros) me dizem. Não pense muito na minha doença final, foi o *meu acesso à glória*. Pense nesta linda terra, onde em breve todos estaremos reunidos. Você será elevado à mais pura comunhão com os espíritos perfeitos por meio daquilo que lhe parecerá um terrível golpe.

(16 de Fevereiro)

Eu gostaria de dar uma palavra à mãe. Ela deseja tornar-se médium de escrita automática. Ela virá a sê-lo, mas por ora ela encontra-se fraca e

exausta, e não conseguiria suportar isso; pelo que não devo tentar influenciá-la nesse sentido. Mas ela é suscetível a impressões e não deve duvidar dessas impressões. Estou com ela, e farei por confortá-la; não se trata imaginação, em absoluto. Formamos ideias incorretas sobre os sentimentos que viremos a ter quando formos recebidos no mundo espiritual. *Tudo bem*; não poderíamos cumprir nossos deveres enquanto nos encontrássemos na Terra caso tivéssemos uma conceção perfeita do mundo eterno.

Eu quero que ele [pai] pregue com base em Coríntios 1:10:12. O povo de Hopedale está em condições de ser beneficiado com tal sermão se ele o pregar com base nesse texto, cujo conteúdo reza: [As palavras são - "Que aquele que pensa estar em pé (firme) trate de não cair;" que foram pregadas, conforme solicitado, no Sábado seguinte com bons resultados.]

Pergunta: Consegues ver os espíritos em outras esferas e a uma certa distância de ti?

Resposta: Eu vejo distintamente todos os espíritos que se encontrem perto de mim, como eu anteriormente via os meus amigos terrenos. Mas agora vejo os espíritos mais facilmente do que os mortais. Eu não posso ver através do espaço infinito, como certa vez supus que os espíritos pudessem.

Pergunta: Estiveste comigo para me imprimires fortemente a tua presença no Domingo passado, quando eu voltava da reunião?

Resposta: Estive.

Pergunta: Podes-me dizer onde eu me encontrava no instante em que eu estive mais sensível à tua presença?

Resposta: Perto de William, quando você vinha da escola. [Exatamente correto.]

Pergunta: Dizes que és um professor; podes-me explicar um pouco mais detalhadamente?

Resposta: Eu ensino os mais jovens do que eu. Muitas crianças habitam a quarta esfera, como todas as esferas acima dessa, e uma mais abaixo, a terceira; mas na primeira e na segunda há poucas crianças. Poucas se encontram tão por baixo espiritualmente a ponto de entrarem nesse estado. Temos uma maneira peculiar de obter conhecimento: o estudo é um prazer - um dos maiores que temos aqui, onde tudo é prazer. O conhecimento das ciências é combinado com o conhecimento religioso.

As palavras são inadequadas para expressar a maneira que temos de obter informação: é delicioso. Nós estudamos para obter um conhecimento de tudo quanto os eruditos terrestres fazem, porém, não através de livros. Os pensamentos dos Professores são nossos, no momento em que lhes contemplamos a face, se eles optarem por isso. As ideias não são confusas; mas a vontade de aprender é coisa que precisamos ter ou a aprendizagem será impossível. Não lhe dei uma ideia muito clara disso; mas mais se há de seguir. [Interrompido pela companhia. Cartas de condolências recebidas pela sua irmã Abbie e lidas em pranto.] Minha chorosa Abbie, essas cartas evocam as lágrimas, embora possam trazer consolo.

Louvores tais como os que eu recebo são todos imerecidos. Eu era fraco e pecador da mesma forma que os outros como eu. Por tudo o que tive de bom eu sinto-me grato, por ter sido uma tal fonte de esperança e força para todos os queridos amigos que deixei - *deixei*, foi o que eu disse? Não, eu estou com todos vós. Você ainda o há de perceber ainda mais do que consegue agora. Mas Abbie, tu não podes adorar mais o fato de eu escrever do que eu.

Tu ainda vais receber muito mais. Certamente que haverão de ter comunicações de carácter inequívoco deste belo mundo, num curto espaço de tempo. A morte perderá o seu terror. Nós viremos a estar separados; mas eu desejo que sintas que estou *tão mais feliz* e que estou a exercer uma influência sobre ti mais poderosa para o bem do que a que eu exerci, ou alguma vez poderia ter exercido, tivesse eu permanecido na terra.

(19 de Fevereiro)

Pergunta: Parecer-te-á que te encontras a uma distância considerável da Terra? E que aspeto te apresentará ela?

Resposta: A uma boa distância; Nós vemos as terras todas, assim como a que você habita. Elas não se parecem com estrelas ou planetas. Elas são de fato mundos como o seu e nós vemo-los como tais.

Pergunta: Terão vocês algo análogo ao sono ou ao repouso no vosso estado?

Resposta: O nosso repouso está na mudança. A nossa comida é espiritual. Conhecimento é alimento. Espíritos mais esclarecidos poderão explicar mais do que agora sou capaz.

Pergunta: Já viste alguns espíritos que tenham sido verdadeiramente infelizes?

Resposta: Eu vi aqueles que não são tão felizes quanto eu, mas nenhum que possa ser chamado de *infeliz*. A consciência é um algoz temível, e mesmo depois de atingirem a quarta esfera, os espíritos não são sumamente felizes em todos os momentos.

Pergunta: Recordas de forma distinta o que te aconteceu enquanto na terra?

Resposta: Perfeitamente. Mas muitas coisas que então eram inexplicáveis e fonte de infelicidade para mim, enquanto estava na Terra, são inteiramente explicadas agora. Pensar do passado para mim é delicioso.

Pergunta: Com respeito à transição de um espírito de lugar para lugar, etc., etc.

Resposta: Eu desloco-me, mas é à rapidez do pensamento. Eu não venho [necessariamente] a esta sala, mas *encontro-me nela e preciso estar* perto, de comunicar livremente. Se eu quiser estar aqui, estou aqui a qualquer instante; e se eu quiser regressar, eu regresso com igual rapidez. Durante a sessão da noite passada, voltei ao meu lar [do espírito] várias vezes.

Pergunta: Vocês têm habitações, etc.?

Resposta: Estamos num espaço aberto; a nossa morada é a imensidão.

Pergunta: Quanto às aparências das coisas no mundo espiritual.

Resposta: Temos coisas análogas à natureza, mas não à arte.

Pergunta: Sobre as esferas e à qualificação dos espíritos para determinadas esferas.

Resposta: Ingressamos na sociedade dos espíritos puros quando acedemos a uma esfera superior, e é isso que queremos dizer com o termo. [As qualificações de um espírito para uma esfera particular] estão todas relacionadas com o carácter, moral e espiritual. Aqueles espíritos que habitam a segunda esfera, assim como a primeira, não têm nenhum desejo de se associar aos espíritos da sétima esfera, e, consequentemente, nunca ou muito raramente os vêm. Os espíritos da quarta esfera e das superiores, com efeito exercem uma influência sobre aqueles da primeira e da segunda; mas é de forma semelhante àquela em que nós vos influenciamos.

Pergunta: Podes descrever como és capaz de escrever através de uma médium, etc.?

Resposta: Sinto-me como se entrasse nela por um tempo, ou como se o meu espírito entrasse nela. Livro-me da minha forma espiritual e tomo a dela. Mais que um espírito pode entrar na médium ao mesmo tempo. As médiuns entram em transe por ação de diversos espíritos que entram no corpo a uma só vez.

Pergunta: As médiuns podem evitar ter desmaios e transes?

Resposta: A vontade pode impedi-lo, a menos que a fraqueza seja causada por fazer sessões a mais.

Pergunta: Como podemos assegurar a comunicação de um espírito particular com quem desejemos conversar?

Resposta: Se tiverem a mente concentrada num espírito, e desejarem notícias da sua parte, ele ou ela geralmente estará presente. Não entram diversos espíritos, a menos que a médium fique muito tempo, ou o solicite, como as médiuns fazem quando entram em transe.

Pergunta: Podes-me descrever a aparência pessoal dos espíritos das esferas inferiores?

Resposta: Eles têm um aspeto muito menos bonito do que os espíritos da quarta esfera; e os espíritos crescer na beleza da aparência à medida que avançam para esferas superiores. Os da primeira parecem-se como os habitantes da terra - alguns deles não são tão belos quanto os habitantes da terra.

Pergunta: Vocês conseguem ler-nos o pensamento?

Resposta: Eu consigo ler-lhe os pensamentos com muita facilidade quando a Alice [a médium] está me sessão; e posso fazê-lo a qualquer instante com mais facilidade do que quando eu estava consigo em carne e osso.

Pergunta: Terão alguma coisa que corresponda à oração, aos cânticos e a outros exercícios devocionais?

Resposta: As nossas orações são contínuas. Os nossos louvores são contínuos. Como poderia ser de outra forma, onde tudo é alegria? Nós não oramos de maneira audível. Não há necessidade de pregar; a aparência é a de um sermão sem fim; todos são pregadores aqui. Mas alguns não conseguem impressionar as verdades como os outros. Nisto somos como os habitantes da terra.

Pergunta: Consegues passar por substâncias sólidas, etc.?

Resposta: O meu espírito pode passar por qualquer substância, mas primeiro precisa despojar-se do corpo [ou forma] espiritual, Quando eu deixei o corpo vieram ao meu encontro espíritos da quarta, quinta e sexta esferas.

(20 de Fevereiro)

Deverei, em breve, ser capaz de dar o meu testemunho sem que ele se deforme pela condição da médium. Você saberá que o seu filho é realmente um espírito e que está frequentemente consigo - ou melhor, sempre que os seus pensamentos repousam em mim com profundo pesar. E durante as silenciosas vigílias da noite, quando mergulha no esquecimento, e nos sonhos você ainda me contemplará como eu fui na terra, ou como um espírito beatificado. A mãe pode ter-me visto e provavelmente viu-me mesmo, nos seus sonhos. Tenho-me esforçado para impressionar a minha imagem na sua mente, mas não estou certo se fui bem-sucedido nisso.

[Em resposta a uma pergunta.] Eu possuo uma forma espiritual, que assumo ou rejeito quando a ocasião o exige. Eu tenho a minha forma ou corpo espiritual quando me comunico por inclinações de mesas ou batidas, mas para escrever o meu espírito deve entrar na médium [sem a sua forma], caso contrário sou incapaz de controlar-lhe a vontade ou os músculos. Você está ciente de que eu assumo a minha em qualquer altura. No momento em que deixo o corpo da Alice [a médium], eu assumo o meu.

Se eu ficar perto de si noutras ocasiões, a minha forma espiritual está comigo. As portas não precisam ser abertas [para podermos entrar], porquanto não precisamos entrar na sala para movimentar a mesa, etc. É feito por meio de um forte esforço da vontade; que no momento não somos capazes de explicar por completo - em parte porque você não conseguiria compreender, e por você não estar em condição de o apurar.

[Resposta a questão a respeito do que constitui um médium.] Eu gostaria de poder explicar, mas sinto-me incapaz neste instante. Depende de condições peculiares do sistema físico; embora uma médium mental pura receba [de forma correspondente] comunicações de elevado cunho. Você está ciente de que algumas pessoas se tornaram médiuns, e de que continuaram a sê-lo, mas por pouco tempo, devido a alguma mudança que se verifique na sua saúde ou constituição.

Pergunta: Sobre como acontecer que as médiuns caiam em desmaios e outras irregularidades de carácter nervoso.

Resposta: Elas abusam ao praticarem de forma irregular, e em demasia; ao se exporem no meio das multidões - de céticos e daqueles

que confiam implicitamente, todos juntos, o que forma tudo menos o círculo harmonioso que deve cercar uma médium. Elas são reduzidas ao estado de que você fala por efeito desses abusos e por própria oposição que lhes é movida. As médiuns devem estar calmas, passivas, numa atitude de oração, e de espectativa da verdade, não importa o quanto isso entre em conflito com as opiniões preconcebidas dos presentes. Ser-nos-ia quase impossível [a nós] escrever livremente com uma pessoa desprovida de consciência e de confiança religiosa, ou com alguém inteiramente desprovido dessas qualidades.

Pergunta: Correremos riscos da parte de espíritos malignos?

Resposta: Depende inteiramente de vós próprios. Com o profundo espírito religioso e de oração que você manifesta, não vejo perigo oriundo de maus espíritos. Espíritos da primeira, segunda e da terceira esferas são as únicas que chamamos de espíritos inferiores e não se sentem atraídas para aqueles que buscam de forma piedosa, sincera, e devota a comunhão com os espíritos elevados. Eles buscam a simpatia e vão onde a puderem encontrar.

[Resposta a pergunta:] Eu posso comunicar com aqueles nas esferas inferiores, e posso remetê-lo para aqueles acima. Agora posso visitar a quinta esfera, e faço-o com frequência. Depois de chegar ao mais alto grau da quarta ou de *qualquer* esfera, estamos autorizados a visitar a seguinte mais elevada. Isso é bom. Depois de a visitarmos desejamos habitar essa esfera; e a vontade de o fazer equivale a ir até lá; ou pelo menos temos a certeza de que a habitamos por um período muito breve.

[Resposta a pergunta a respeito de instruções para os que desejem tornar-se médiuns.] As mesmas instruções para todos que desejam tornar-se médiuns. Sentem-se uma vez por dia, e fixem a vossa mente sobre o espírito com o qual vocês desejam comunicar. Coloquem a mão passivamente no vosso colo, e esperem calmamente até que sejam capazes de a mover. Onde houver um desejo sincero de comunicação espiritual todos os bons espíritos desejarão manifestar-se, e melhoram toda a oportunidade de o fazer.

(21 de Fevereiro)

[Pergunta sobre os erros que surgem nas comunicações, etc.]

Resposta: Devo atribuí-los à imperfeição e à falta de passividade da parte da médium. No princípio, vocês poderão, muitas vezes, obter comunicações contraditórias. Requer muita paciência aguardar que todas as fraquezas da mente e do corpo sejam corrigidas à maior parte das médiuns.

Pergunta: Quão perto precisarão vocês estar para comunicar?

Resposta: Nós precisamos encontrar-nos no raio de algumas dezenas de centímetros. Por vezes, entrar no aposento, mas não temos necessidade de o fazer. Não podemos comunicar-nos a milhas de distância; ou melhor, os espíritos da quarta esfera não podem. À medida que avançamos para esferas superiores, podemos comunicar de uma distância maior.

Pergunta: Se será correto aspirarmos a conversar com os espíritos, etc.

Resposta: É correto aspirar a conversar com os espíritos; mas pode não ter a possibilidade de manter uma conversa com os espíritos - contudo, não inteiramente devido à vossa condição espiritual. Isso pode garanti-lo, e ainda assim pode não ser a vontade do Infinito que assim seja. Os espíritos das esferas superiores, da sétima e da sexta, são denominados anjos. Todos são anjos na esfera celestial, a única grande Esfera acima de todas as outras.

(24 de Fevereiro)

Tenha esperança. Eu ainda tornarei a minha presença de tal modo uma realidade que você não poderá duvidar mais. Tem o seu pensamento de tal modo fixo em mim, que me sinto muito atraído a si - mais do que os espíritos geralmente em relação aos seus amigos terrenos. Quanto mais frequentemente você entrar em meditação sobre as coisas espirituais, mais fácil se tornará a mim manifestar-me a si. Não sentirá nesses momentos de meditação que estou consigo? Não consegue quase sentir a minha presença? É nesses momentos que estou perto de si e você é abençoado, como você não é noutras circunstâncias.

Pergunta: Sobre Adin e Pearley, dois irmãos que morreram jovens, muitos anos atrás.

Resposta: Eu vejo-os com frequência. Eles possuem diversas ocupações, como os outros espíritos, mas não estão confinados a coisa nenhuma. Geralmente eles estão comigo quando eu o visito. Eles estão aqui neste instante. [Pergunta sobre a sua aparência e aspeto pessoal.] Todos os espíritos possuem uma semelhança familiar, tanto quanto me tem sido dado constatar. Adin e Pearley são homens, tanto quanto se tivessem vivido na terra até que se tornaram tal.

(25 de Fevereiro)

Pergunta: Terás ouvido falar, ou sabes se iremos ter alguma manifestação notável, do mundo espiritual em breve?

Resposta: Eu ouvi dizer e *sei* que há razão para esperar manifestações grandiosas e surpreendentes da nossa parte dentro de dois ou três anos. Estas comunicações são apenas um começo do que vocês podem esperar.

Pergunta: Podes dar-nos alguma conceção distinta das cenas que tens ao teu redor e das sensações que tens?

Resposta: O que elas poderiam ser, senão alegres? Você não pode esperar que eu as descreva. Não me ocorreria nada de terreno com o que eu pudesse comparar as sensações que temos.

(5 de Março)

[No sábado, P.M. (no dia em que a sua doença fatal começou à noite), quando ele regressava ao seu local de embarque, de repente ele teve uma forte premonição, aparentemente como de um espírito que lhe falou nestes termos: "Tu vais ficar muito doente." Ele mencionou isso à Sra. Washburn, sua anfitriã, duas vezes durante a primeira parte da noite; acrescentando que ele não se tinha sentido tão bem como naquela tarde havia algumas semanas. Referindo-se a essa premonição, ele agora, a 5 de Março, diz:]

Pearley [o seu irmão no Espírito] impressionou-me com o fato de eu vir a adoecer naquela tarde de sábado. Ele informou-me disso assim que aqui cheguei.

Quando exploro as glórias do Lar Espiritual e as comparo com as belezas menores da Terra que certa vez habitei, a minha alma vibra com uma alegria indescritível. Fico estupefato consigo, por poder derramar uma lágrima por causa da minha mudança. E se para mim a transição é tão prazenteira, quando o meu caminho foi tão límpido e claro na terra, o que deverá ser para os filhos da aflição! Ah, a alegria que tenho testemunhado quando alguns, cujo caminho pela vida foi muito sombrio, contemplam por uma primeira vez as maravilhosas glórias do nosso mundo! Precisamos *prová-las*, *senti-las*, para as entenderem.

Pergunta: Poderíamos ter feito alguma coisa eficaz para a tua recuperação? Muitas vezes refletimos sobre isso com tristeza e ansiedade.

Resposta: Não devem pensar nisso. Não é bom que o façam. Não poderiam ter feito nada que tivesse levado a recobrar a saúde: embora vocês me pudessem ter aliviado um pouco se tivessem estado comigo mais cedo. Não gosto de recordar isso; precisam erguer os olhos. Não pensem no que sofri, enquanto tantos estão agora a sofrer, e eu estou tão feliz aqui. Pai, estou a avançar muito rápido. As glórias das esferas superiores desdobram-se-me diariamente, embora eu ainda permaneça na quarta.

(8 de Março)

Ideia abençoada! Toda a escuridão transformada em luz! Sinto-me arrebatado, e não consigo expressar a alegria que sinto. Eu vejo na minha mente inúmeras provações e pesares para os habitantes da Terra; mas além disso tudo há a perspetiva de um dia mais brilhante; onde, entre todas as bênçãos, a não menos importante será a comunhão com os espíritos da pureza e do bem. Alguns de vocês verão esse dia. Vocês perguntam como consigo prever isso? Eu sei como os habitantes de outras Terras progrediram e a ordem é a mesma em todos os casos. Será gradual, e alguns anos se passarão antes de uma grande mudança. Você já teve profecias a esse respeito; preste-lhes atenção. Pai, seja paciente, vigie e espere. Um outro século não poderá começar, antes que essa grande mudança seja realizada. Eu posso não contar-lhe mais. Digo uma vez mais, seja paciente, vigie e espere.

(Em diversas outras datas não referidas)

A senhorita Cornelia Strange, uma aluna da Classe de Admissão na Escola Normal Bridgewater - aula essa que esteve sob a instrução de Adin Augustus Ballou durante as oito semanas em que lecionou - adoeceu cerca de uma semana depois da sua morte, e faleceu passado uma semana. Ela deu a entender ter estado presente certo dia, e ter comunicado o seguinte: “Cornelia Strange encontra-se aqui e feliz por comunicar. O meu querido professor está comigo e com que alegria nos reunimos! Amigos fomos nós na terra, mas verdadeiros amigos no céu. Ah, amigos, como podem chorar quando estamos num ambiente tão feliz? Eu imploro-lhes que pensem no momento em que todos estaremos juntos e nos uniremos em hinos de louvor ao Soberano deste adorável Lar, a Terra do Espírito. Aleluia! Aleluia!”

Augustus dirigindo-se à sua irmã Abbie:

Não deves pensar em mim como eu deveria ter sido, ou como eu fui, mas como um espírito que paira perto de ti a acalmar-te e a abençoar-te. É verdade que eu deveria agora estar contigo no corpo, [era altura de férias] caso eu tivesse vivido; mas não será muito mais abençoado ter um companheiro e consolador em espírito do que um terreno? Não tens necessidade agora de pensar em mim como sujeito a tentações e provações, mas como alguém que, libertado delas, ainda pode estar contigo, ainda te pode animar com esperança e consolo, e, por fim acolher-te, quando a tua peregrinação chegar ao fim, nestas abençoadas mansões, onde o amor e a alegria abundam sempre.

Não será egoísmo da tua parte, Abbie, pensar em desejar-me de volta à terra, quando tão plenamente percebes os sofrimentos a que escapei com o meu afastamento precoce dela? Espera ainda - confia no Redentor - e em todas as coisas que virás a ser capaz de dizer de todo coração: "Ele faz todas as coisas bem." Não penses mais naqueles que passaram para o Mundo Espiritual antes de ti, do que nos muitos queridos amigos que ficaram.

(23 de Março)

[Aos seus pais, etc., logo após a reunião trimestral em Hopedale.] Não vê como todas as suas aflições funcionam para o bem? Não desanime; dias mais radiantes ainda hão de alvorecer sobre este mundo ignorante;

dias mais radiantes sobre Hopedale. Decerto que já vê sinais disso, no fervoroso zelo daqueles que estão consigo e no profundo interesse de muitos de fora. A vossa reunião tem sido profundamente interessante para muitos, muitos mesmo, bons espíritos. Muitas vezes temos um desejo ardente, quando tais reuniões são realizadas, de nos manifestarmos de alguma maneira inconfundível; mas vocês ainda não estão preparados para isso.

Eu gostaria de lhe dizer primeiro que desde que escrevi da última vez [i.e., quase uma semana antes, conforme entendi] eu entrei na quinta esfera. Estou rodeado por muitos amigos seus e do povo de Hopedale.

[Em resposta às observações feitas pelo pai.] É verdade que este é um mundo radiante e feliz, mas posso deixá-lo com prazer para fazer qualquer coisa que o console. A terra que você habita não é toda escuridão e pesar - embora todos devam passar muitas aflições antes de entrarem num melhor. Poucas pessoas têm conceções tão exatas do Lar do Espírito quanto vocês, pai e mãe; mas também vós ficais muito aquém da realidade nas ideias que tendes.

Eu de bom grado faria muito mais do que atualmente faço para que seja capaz de perceber a minha presença frequente; mas precisa lembrar-se de me vejo obrigado a esperar tanto quanto você; o que não é muito agradável quando contemplamos todos os pecados e tolices dos habitantes terrenos, e sentimos que, se estivessem num estado adequado, individual e socialmente, poderíamos fazer muito para os proteger. Mas não está muito longe o tempo em que seremos capazes de o fazer. Quanta alegria, pois, para vós e para nós!

Não pense que eu estou longe, quando você não recebe longas comunicações. Pense em vez disso no momento em que ver metade do que você agora vê, e acreditar que tenha vindo dos espíritos, lhes dará uma alegria indescritível. Não lhe dará agora muita felicidade saber estamos perto, e podemos em alguma medida dar a sentir a nossa presença muito embora você possa desejar algo de mais impressionante, de mais convincente para todos?

Deseja a associação com os espíritos puros? Torne-se puro e feliz por palavras e pensamentos. Escute os sussurros do Espirito Divino, e não deixe de dar atenção às suas advertências. A experiência ensinou-lhe

que os momentos mais felizes são aqueles passados em comunhão com a Divindade. Por que então buscar a felicidade por qualquer outra via? As preocupações do mundo agitado afadigam-lhe e confundem-lhe a mente e, de bom grado se volta para as alegrias supremas que encontra no esquecimento delas todas, em comunhão com o Infinito.

(1 de Abril)

Oh, minha querida mãe, você não imagina o quão feliz estou por cuidar de *si* e dos outros amigos terrenos. É uma das maiores alegrias que tenho.

Não é adequado que as glórias do Lar Espiritual lhe sejam todas reveladas agora. Você não está preparada para isso; tampouco cabe no nosso poder dar-lhe conta de muito mais do que damos. Quando formos inteiramente capazes de controlar médiuns, de modo que os seus pensamentos e os nossos não se confundam, teremos muito mais a dizer. Até agora não encontramos ninguém a quem pudéssemos controlar por completo. Que pensamento glorioso, que um dia todos nós venhamos a estar unidos neste Lar abençoado! Então, você será capaz de compreender *tudo* - entender perfeitamente porque eu lhe fui tirado. Já está a começar a entendê-lo. Tenham esperança, meus amigos, esperem sempre.

(4 de Abril)

Parece que todas as alegrias do meu Lar Espiritual se intensificaram pelo prazer de conversar com os meus amigos terrenos. Confie em Deus. Ele dirige todas as coisas, tanto no presente quanto no futuro. Os anjos observam o *seu* progresso e o progresso de todos com profundo interesse. Os portais do céu estão abertos de par em par, e os habitantes da terra entram constantemente nele. As alegrias, as glórias do nosso Lar surpreendem-nos e deixa-os extasiados; e à medida que olhavam arrebatados, eles são recebidos com cânticos seráficos nesta terra - que é verdadeiramente uma "terra de repouso," só que de um repouso tão ativo, que, se vocês lhe conhecessem a extensão completa, talvez pensassem que deva ser cansativo.

Que ideia gloriosa! Você ainda há de conversar com espíritos - espíritos puros e aperfeiçoados; e as suas revelações hão de surpreender o mundo, ao mesmo tempo em que auxiliarão a grande obra da Reforma

que agora parece mover-se tão devagar. Está a mover-se *lenta* mas *seguramente*, e pelo "Olho perspicaz da Fé" o puro e o bom já vislumbram o raiar de um novo dia. Eu falo-lhe muito sobre a reforma da Terra; mas é tão certo que ela virá, que desejo introduzir às vossas mentes uma parte da minha Fé e Esperança.

Estranho que você não se sinta tão cheio de esperança e de alegria quanto eu; e quando vejo pai e mãe tristes e desanimados, a lamentar a minha partida da Terra, mal posso suportar tê-los assim. Eu gostaria de vê-los a olhar para o futuro, e ver como eu, como todas essas coisas vão funcionar para o bem. Desafios e pesares também vejo, mas além deles, o eterno reino da paz e da justiça. A sua recompensa virá pois, pai, assim como a recompensa de todas as almas verdadeiras, que estão e têm há tanto tempo estado a trabalhar para a redenção do mundo pelo peso do seu pecado. Não vou escrever mais esta manhã, mas despeço-me. Deixe-me apenas pedir-lhe uma vez mais que olhe com o olho da fé para o futuro, e que aguarde com paciência.

(23 de Abril)

Dai após dia passa, e os espíritos observam continuamente o progresso desta nova luz, uma luz que está a raiar em muitas almas que antes vagava no ceticismo, sem Deus ou um Salvador. Oh, que esta luz possa em breve surgir sobre as almas ignorantes de toda a humanidade! Então o grande dia do jubileu terá chegado e, com ele, as tristezas do passado serão eliminadas. As lágrimas do enlutado serão enxugadas e à partida de cada alma do mundo serão ouvidos cânticos de regozijo e hinos de louvor - louvor por um espírito nascer no mundo Eterno. Escutem ainda, meus amigos, as vozes que falam de paz e consolo às vossas naturezas interiores e, enquanto desfrutam do prazer da comunhão consciente com os espíritos, pensem naqueles que, na escuridão das suas almas, não conseguem sentir tal consciência.

Oh, arrebatamento divino! As glórias que desabrocham diariamente ante mim inundam-me toda a natureza da minha alma com um tal senso de perceção da bondade do Autor Infinito destas bênçãos, que eu de bom grado o impressionaria com alguma porção da alegria que sinto. Eu encaro, e todos os bons espíritos encaram com um prazer peculiar o grande trabalho da Reforma Social.

Quando olhamos para o mundo que os rodeia e vemos como a vaidade, o narcisismo, a sensualidade e os vícios afins dos familiares inundam os corações da maior parte da humanidade, como o desejo de riqueza e o amor pelo poder levam o homem a oprimir e a escravizar o seu irmão, somos levados a regozijar-nos, e a voltar os olhos para este pequeno Vale, e com a visão da *fé* contemplar toda a terra sob tais princípios e aqueles ainda melhores, transformados no Éden que certa vez foi.

Você não pode perceber o amor que está sempre a fluir dos habitantes do Lar Celestial. Este amor e compaixão sem limites exercem uma influência que, embora pouco compreendida ou sentida, está a causar uma enorme quantidade de bem; está a deixar muitos corações, de outro modo desolados, cheios de alegria e paz; está a suavizar o leito da enfermidade e morte, e enquanto ele introduz o espírito que partiu na benevolência imorredoura, enuncia tais palavras de conforto e consolo ao enlutado, como nenhum coração terreno poderia ditar.

O culpado, também, que por vezes parece quase indigno de um pensamento, encontra-se sob a influência dos seus mensageiros. Com palavras de perdão e piedade, eles continuamente voltam os seus pensamentos para os seus dias de inocência, ou em tons suaves falam do amor e dos sofrimentos do Salvador, e com paciência incansável, continuam a sua vigia - impedindo-o de atos mais vis ainda, mesmo quando não conseguem voltá-lo para os caminhos da virtude. Se os espíritos puros e santos podem assim falar à mais vil das criaturas de Deus, deverá o homem com a sua fragilidade e imperfeição desdenhar fazê-lo? Ah, quando será a religião de Cristo tão infundida no coração do homem, que ele siga o Seu exemplo de visitar os pobres, os ignorantes, os pecadores, e se esforce por confortar, educar e recuperar!

O que se segue é uma comunicação pretendendo vir do mesmo espírito. Ele foi recebido algumas semanas depois, através de Mary E. Bowers, outra médium de escrita automática, de Hopedale: - Quando é que este mundo se moverá, como o faz o mundo dos Espíritos? Quando será que os pensamentos dos homens se condensarão em ideias espirituais? Quando será que a luz de Deus cobrirá toda a face da terra? Quando, ah quando é que a Igreja de Deus despertará com um novo e santo zelo? Quando será que o grande centro do universo pulsará e baterá, como se algum poder poderoso tivesse despertado por dentro? Quando é que Deus se revelará de uma maneira inconfundível à

humanidade débil, atormentada e pecadora? Quando será que os dogmas do sectarismo rebentarão e se dispersarão? Quando o prisioneiro for solto das suas correntes, e o ESCRAVO dos seus grilhões? Quando aquele princípio da paz semelhante a Deus, nascido de Deus, reinar triunfante?

Quando o dissimulador da religião tirar as suas vestes de sacerdote, e se puser de pé e desnudar o coração e com conhecimento dos seus feitos? E finalmente, quando será o mundo redimido? Quando os princípios forem de *justiça* e não de *poder*; então, e não antes, será o pecado um estranho, e aos corações dos homens desconhecido. Deus governa pelo amor; e quando chegar a hora de fazer o bom trabalho, então ele será realizado. Mas vocês precisam trabalhar e apressá-lo. Trabalhem não *para ele*, mas *com ele*. Sejam firmes em fazer bem. Deus fará com que prosperem, e os espíritos dos abençoados os ajudarão.

Adin Augustus Ballou

A ETERNA PROGRESSÃO DO ESPÍRITO HUMANO

Uma oração proferida sob a influência espiritual pela Sra. Cora LV Tappan, no Salão Royal Music, em Holborn, Londres, na noite de Domingo, 14 de dezembro de 1873.

DISCURSO

Antigamente, as várias religiões que eram pregadas no mundo tinham dois enunciados distintos. Um era tornar o estado futuro da existência do homem permanente, seja que fosse a condição de felicidade ou de infelicidade a que o espírito humano fosse conduzido após a morte. Grande parte da teologia desse tempo tornava essa condição eterna e permanente. É verdade que Swedenborg, que tem um grande número de seguidores e cuja visão penetrou nas moradas espirituais dos falecidos, afirma de forma distinta a progressão; mas ele também afirma, acreditamos nós, o retrocesso - uma progressão na felicidade e um retrocesso na infelicidade.

Os antigos não acreditavam que o espírito na sua forma atual existisse, mas que, por algum processo de metempsicose, o espírito fosse transportado para outra forma de vida e, assim, mantido num estado perpétuo de existência. Onde a imortalidade era pregada, acreditava-se que o espírito humano se tornaria como os deuses, e que quem quer que se tornasse imortal viria a possuir um poder quase infinito. Maomé pregou que a imortalidade só poderia ser atingida pelo espírito humano masculino; e que se a mulher quisesse ser imortal, ela deveria orar para se tornar, por altura da morte, como o seu mestre. Essa era, naturalmente, a ideia favorita do paraíso futuro, em que os abençoados e aqueles que possuíam a imortalidade deveriam encontrar prazeres perpétuos e um prolongamento dos encantos e delícias materiais e terrenas.

Mas a ideia predominante na cristandade, cremos nós, entre os teólogos, é que a de que o estado futuro seja quer de uma felicidade absoluta ou de uma angústia absoluta, ignorando o fato de que Jesus ensinou: "Na casa do meu Pai há muitas moradas; eu vou preparar um lugar para vós," dizendo aos seus discípulos - as muitas mansões significam os diferentes estados de existência. E muitas vezes nos têm perguntado sobre como explicamos a passagem das escrituras:"

Como a árvore cair, assim deverá ficar," a haver progressão no mundo espiritual. Sabemos que a ciência prova que a árvore não permanece como ela cai. Átomo por átomo a árvore é transformada em solo, e cresce numa nova forma de existência, provando que, embora a árvore caia, os átomos dos quais ela é composta mudam a sua forma de existência e assumem uma nova roupagem.

Bom, o Espiritualismo revelou como fato absoluto a comunhão com os espíritos dos que partiram; e entre as várias palestras que aqui temos feito nas noites de Domingo, empenhamo-nos em retratar um pouco a sua condição no estado futuro, e dissemos-lhes que, ao se afastar da vida terrena o espírito também começa a sua existência futura; mas acreditamos que não tenha sido declarado nas noites de Domingo anteriores quais poderão ser as oportunidades futuras que possam ter de aperfeiçoamento, de avanço, de cultivo, progresso e de felicidade final. Nesta existência, todas as fontes de conhecimento são aprimoradas e o entendimento na filosofia espiritual é ampliado. Os homens mais

grandiosos da terra sempre ficam aquém das suas mais elevadas realizações.

Eles desejam algum prolongamento da vida, que algum objetivo ou tema favorito possa ser perpetuamente ou finalmente estudado. Ninguém alcança o epítome da sua ambição. As melhores e mais elevadas mentes desejam algum estado sublime, algum meio de existência mais nobre, pelo qual possam cumprir o ideal das suas vidas. Com efeito, o mais devoto cristão fica aquém na ideia que tem com relação ao cristão ideal que ele acha que deveria tornar-se; e é uma ocorrência comum entre as várias seitas da cristandade as pessoas acreditarem que, se não fosse pela Divindade Misericordiosa, elas não poderiam escapar às torturas dos condenados, por se sentirem totalmente indignas.

O espiritualismo, no entanto, ao não considerar questões teológicas, mas fatos; ao não lidar com questões que se referem apenas a suposições misteriosas, mas com estados absolutos da existência, deve apresentar uma decisão final em relação a tal questão. Sem dúvida, se os vossos amigos do espírito conversam convosco, são capazes de lhes dizer qual é a condição em que se encontram no estado futuro - e dizer-lhes de forma indiscutível se nesse estado eles podem avançar para níveis mais elevados de conhecimento e sabedoria; ou se eles estão perpetuamente condenados a permanecer numa condição, meramente a reviver de novo as cenas e o conhecimento por que eles passaram ou possuíram na terra.

É um fato singular que, com a mente humana e que com o espírito humano desencarnado, não possa haver descanso; queremos dizer, ficar parados. O descanso que o vosso corpo requer - o sono físico tão essencial ao reabastecimento dos vossos corpos externos - não se aplica, de fato, à mente. A mente e o espírito nunca estão em repouso; o descanso para a mente está meramente numa mudança da ocupação; e, indubitavelmente, quando os vossos corpos dormem, os vossos espíritos continuam a trabalhar nas subtis regiões do pensamento e da especulação. Às vezes o pensamento expande-se nos sonhos - às vezes na consciência de visões divinas que vocês não conseguem recordar; mas muito disso é de certa forma um vislumbre do estado futuro da mente, quando desencarnados e livres da sujeição ao corpo físico.

Vocês precisam ter consciência de que a condição de à vontade diz unicamente respeito ao corpo material; que a mente em si mesma nunca é mais feliz do que quando se vê envolvida em alguma ocupação nova e enobrecedora; que toda via renovada de pensamento, todo grande problema, toda nova investigação, apresentam de imediato ao espírito algo que a arrebata e entretém. E esse deverá igualmente ser o caso quando livre de incapacidades físicas, o próprio espírito repousa apenas no trabalho, na ocupação, na labuta constante, e na busca e investigação do conhecimento espiritual.

Assim, se ao entrarem na existência espiritual vocês descobrirem estar paralisados e diminuídos, como inevitavelmente deverão; ter alguma parte da vossa mente imperfeita ou subdesenvolvida; carregar muitas deficiências que os tenham acometido externamente; se, de fato, vocês tiverem mergulhado, por força das circunstâncias externas e ocorrências e pensamentos e ações na vossa vida terrena, numa condição comparativa sombria - não quer necessariamente dizer que vocês devam permanecer nela. Não há condição tão sombria que o poder e o amor de Deus e dos seus anjos não possa penetrar.

A existir lugares de eterna ignorância, não poderia existir a presença da Divindade em todo lugar. E a mente humana, finita nos seus fracassos, não pode, por forma nenhuma, falhar infinita e eternamente: daí que o apertado compasso da mente humana aqui na terra seja de imediato em certa medida ampliado; e a mudança chamada morte meramente liberta o espírito da sua prisão, apenas abre os portais para a vida mais esplendorosa, onde desfruta de um leque maior de visão, de melhores oportunidades de conhecimento, de incentivos mais elevados, de aspirações mais nobres, de desejos mais puros.

Mas isso não é alcançado imediatamente, nem num piscar de olhos; mas gradualmente, à medida que o espírito começa a sentir a sua deformidade; à medida que, ao entrar na existência espiritual, vocês tomarem consciência de que não construíram para a eternidade, mas apenas para o tempo, enquanto permaneciam na terra; quando vocês começam a perceber que o espírito se acha diminuído, carente da roupagem e das vestes do pensamento excelente e de elevado ímpeto; de fato, ao lhes acudir à mente, à vossa consciência, o fato das aspirações e ambições da existência terrena não terem sido de natureza

tal que lhes desenvolvesse a alma, mas apenas alimentasse e mimasse os apetites do corpo.

Ao entrar na existência espiritual todo espírito sente que o seu trabalho só foi proporcionalmente alcançado; que apenas desenvolveu e desbrochou uma porção dos seus dons; que apenas melhorou um pequeno grau dos seus poderes. Então, se de fato não houvesse mais progresso; se as portas do conhecimento se fechassem ao espírito humano; se, com todas as suas aspirações e anseios por uma vida superior e uma sabedoria superior, nunca pudesse melhorar - o estado futuro seria, de fato, um tormento, e a maioria da família humana, ou melhor, toda a família humana, entraria num estado de comparativa infelicidade no outro mundo; porque, conforme dissemos, as mentes mais brilhantes, os maiores gênios, os filósofos mais subtis, e até os próprios inspirados, declararam que a vida terrena é inepta para o cumprimento das suas maiores aspirações.

Vocês sabem quantos impulsos bons vocês deixam por fazer e por realizar todos os dias. Vocês sabem quantas vias de conhecimento vocês gostaria de seguir; mas dizem: “Não tenho tempo; as exigências dos sentidos são muito grandes; eu tenho muito o que fazer - todo o meu tempo é empregado apenas em cuidados com o corpo externo. Eu gostava de estudar todas essas questões: gostava de descobrir as leis que regem os planetas, conhecer todos os elementos subtis da natureza, estudar profundamente os problemas da história; gostaria de investigar as diversas operações da mente humana; gostaria de conhecer as causas de muitas coisas que vejo todos os dias; mas não tenho tempo.”

Os germes de todo conhecimento acham-se plantados no espírito humano. Esse anseio é uma profecia do que vocês podem alcançar; a eternidade é o tempo que vocês têm para o atingir por graus, por estágios - ou melhor, por meio de muito trabalho. O trabalho do corpo pode cessar quando vocês deixam de lado as vossas formas materiais - a busca do ouro, a busca da fama material, a construção da habitação exterior, mas qualquer conhecimento que o espírito humano alcance deve ser por um esforço sério, e um esforço real, pela busca sincera do espírito.

Não é um caminho fácil, não é um caminho de rosas em que vocês entram, simplesmente porque vocês deixam de lado o corpo externo. O monte da eternidade implica um caminho difícil. É melhor que assim seja,

pois os homens cansam-se com a facilidade - ficam saciados com a indolência. Vocês depositam o maior valor àquilo por que a mente luta - aquilo que vocês procuram em meio a dificuldades, superando um após o outro os obstáculos que surgem no vosso caminho. Isso torna-se o glorioso tesouro e a deliciosa realização da mente humana.

O espírito desencarnado não é diferente da que se acha encarnada. Libertem-se dos grilhões dos sentidos e fechem os olhos aos vossos sentidos exteriores, e num momento vocês poderão enumerar uma dúzia de temas do conhecimento que gostariam de resolver; vocês podem referir-se a muitos temas e questões de meditação que, se pudessem dar-lhes seguimento, tornar-se-iam fonte de felicidade e deleite. Quantas questões e problemas da existência humana vocês não haveriam de resolver! Quanta filantropia e esquemas divinos da felicidade humana não conceberiam se libertos dos vossos próprios cuidados materiais!

Cada um de vós pensa que você poderia planear um governo, determinar as formas de uma nova sociedade, criar a expressão de uma religião superior, elevar os pobres e beneficiar a humanidade por diversas maneiras. Depois, há os temas sublimes do discurso moral, em que a mente não se vê perpetuamente impedida pelos cuidados externos. Tudo isso poderia ser buscado se vocês fossem livres, dirão vocês, das pesadas preocupações da vida material. A morte liberta-os. Sócrates a conversar com o seu guardião espiritual; Platão no seu bosque, a comungar com mentes desencarnadas; todos os grandes sábios do pensamento diligente acreditaram que a morte liberta o espírito para perseguir esses temas grandiosos.

Não de uma só vez; vocês não saem para o mundo espiritual com a força plena dessas grandes mentes. Quão poucos são os que até contemplam qual venha a ser a sua condição no outro mundo! Eles acreditam que, por algum processo subtil da religião, eles serão entregues aos cuidados dos anjos, e que, sem qualquer ideia do seu próprio progresso ou aperfeiçoamento, por alguma lei ou operação misteriosa, eles deslizarão para um estado de felicidade; ou, se chegarem a parar para pensar, estremecem não vão eles ser levados para um lugar que não seja tão afortunado. Porém, há sempre uma pequena réstia de crença, uma certa esperança ideal, um certo desejo ávido que os leva a pensar que talvez possam ser salvos. Vocês desenvolvem o reino dos céus com medo e tremor.

Devem ter dentro de vós desejar a expressão e o cultivo dos poderes divinos que se encontram gravados no vosso ser. A morte não os liberta de imediato - não os transporta imediatamente para todo o conhecimento. Vocês precisam começar o que aqui negligenciaram - estudar o que vocês deixaram de cultivar na terra; e aqueles que passam do vosso meio constantemente, aqueles até mesmo que eram melhores, que estiveram envoltos em caridade, que foram treinados na benignidade, cujas vidas eram feitas de boas ações, esses, ao entrarem na existência espiritual, sentem o quão distanciados se encontram dos anjos; e vêem-se com um pouco de comiseração, com consciência de que, com todo o esforço terreno que empreenderam, ainda não alcançaram aquele estado mais elevado. Vocês entram num estado de progressão, do mesmo quando deixam outro aqui. Vocês ingressam num plano de instrução, onde os instrutores, aqueles que se encontram avançados, aqueles que estão na vida espiritual há mais tempo, lhes transmitem o conhecimento que alcançaram.

Cada alma, é verdade, tem os seus assistentes, anjos da guarda, espíritos assistentes, que cuidam disso até mesmo na vida terrena. Ao entrarem na vida espiritual, vocês são imediatamente levados àquele grau de existência que melhor se adapta à vossa cultura, e gradualmente - mas nunca sem desejo ou vontade da vossa parte - vocês alcançam o conhecimento.

A existência espiritual não é um estado destinado a forçar o conhecimento. Vocês não podem receber sabedoria a menos que vocês a busquem. Vocês não podem provar o conhecimento a menos que o desejem. Vocês não podem ser transportados imediatamente para a sabedoria e bondade celeste, a menos que os vossos espíritos se esforcem por isso. Ou melhor; vocês precisam estar cientes das vossas deficiências e procurar sinceramente pelo conhecimento que pretendem possuir. Não é, conforme afirmamos, um mar de rosas; não é um lugar onde vocês sejam imediatamente coroados com a glória prazenteira, e onde toda a vossa vida é uma calma suprema e perpétua.

Vocês não seriam felizes se assim fosse. É somente quando se esforçam pelo conhecimento superior, quando transmitem algum conhecimento àqueles que estão abaixo de vós, que as vossas mentes estão realmente em repouso; e os diversos estágios da existência espiritual e os diversos métodos de obtenção de conhecimento formam a

felicidade e o deleite das almas desencarnadas. Os vossos amigos - os entes queridos que sepultaram no descanso - pensam vocês com carinho, com a esperança que a religião lhes deu, e a fé que a crença lhes deu, que eles estejam num lugar de descanso. Bom, para a mente o repouso significa um tipo muito diferente de coisa do repouso que o corpo requer. Se vocês quiserem dizer sono, indolência, inatividade, então eles não estão em repouso. Se vocês querem dizer atividade, aspiração, mudança de ocupação, busca de temas encantadores de conhecimento, então eles estão em repouso.

Mas vocês colocam-nos de tal modo à distância. Vocês pensa neles como estando a dormir ou num paraíso sem oportunidades de progresso ou de aperfeiçoamento; mas apenas de felicidade perene e perpétua. Ora bem, a alegria que resulta do que é bem feito, e a alegria que vem do esforço de cada dia por obterem um aspeto mais elevado de conhecimento, representa o próprio epítome de céu para o espírito humano; vocês devem pensar neles, não como estando a dormir, não como num estado de calma transcendental, onde, à semelhança do verão nos mares tropicais, a própria felicidade que encontrassem se tornaria opressiva, mas onde o pensamento, o sentimento, a aspiração e o esforço constantemente lhes elevam o espírito para lutas mais nobres e propósitos mais sublimes. E quando eles chegam perto de vós, não é para passar uma hora na ociosidade, nem para os acalmar no sono sedutor de uma felicidade passageira, mas para sondar o vosso espírito, para sondar a vossa mente, para os prevenir de que o erro fatal da existência humana está naquele desejo por uma vida de ociosidade, os interrogar na vossa consciência mais recôndita se estão a tirar vantagem de todas as oportunidades de que desfrutam para obter conhecimento, para descobrir - com o olhar de afeto, e com tons de afeto, mas com aquela busca de uma maior voz perscrutadora - trazendo à tona as formas da vossa vida diária e ver que melhorem os dons que já lhes foram concedidos.

Não pode haver escrutínio mais rigoroso do que esta consciência de comunhão com amigos que partiram; por vocês sentirem imediatamente que, se a vossa mãe, os vossos amigos, a vossa querida família espiritual estão perto de vós, eles devem conhecer as deficiências das suas vidas; vocês sabem imediatamente que aqueles que estão em simpatia convosco em espírito devam ver que vocês falham nas vossas lutas pela compaixão, integridade e pureza. Envolve uma fé muito

rigorosa que descobre os segredos e impulsos subtis da alma humana; e nenhum ser verdadeiramente egoísta deseja a comunhão com os amigos que partiram. Isso interfere com os prazeres materiais; interfere com as atividades da vida quotidiana destinadas apenas ao auto-engrandecimento; interfere com aqueles sofismas subtis com os quais vocês pacificam a consciência e a levam a responder pela política humana e pela honestidade humana; interfere com as falsas palavras que ocultam o motivo oculto, a inveja e o ódio.

Interfere com as ocupações que os homens denominam de honestas, por meio das quais vocês enganam a vossa consciência e subornam a vossa alma na aceitação da prática diária como bondade genuína. Mais, mais; ativa os recursos do pensamento que, de alguma forma, os afasta do trabalho, da ocupação diária e do momento; e se vocês não puderem suportar esse despertar, se vocês não quiserem estimular os vossos pensamentos nessa direção, então vocês não devem buscar essa comunhão, embora ela venha.

Tal como o amor de uma mãe aqui procura na mente do filho o impulso oculto que se acha escondido por entre todos os demais; tal como o jovem não se arrisca muito à presença da mãe quando se tiver afastado dos ensinamentos dela: assim também vocês, que não querem nem podem ambicionar o exame necessário que essa comunhão traz, se retraem e têm receio. Não admira! Mas não tenham receio. Esse perscrutar sempre envolve amor; com a consciência das imperfeições dos vossos espíritos há sempre bondade e tolerância. Eles conhecem-lhes as fraquezas; eles também lhes conhecem as tentações. E se o amor de uma mãe humana é capaz de seguir o filho por todos os caminhos do pecado, até mesmo à forca, com amor e afeição piedosa, a mãe-anjo não poderá igualmente perdoar, e através dos olhos da compaixão, contemplar apenas o espírito que se encontra enclausurado nas suas formas externas?

Não tenham receio porque, com o sondar e o escrutínio e a consciência da imperfeição, vem também uma força subtil para a superar; e vocês ficam mais fortes com essa comunhão e esse conhecimento das vossas próprias almas. Ou seja; trazendo à luz do dia esses pensamentos subtis, tornando a vossa mente consciente deles, quanto mais cedo os corrigirem, mais rapidamente se verão despojado deles. É a enfermidade oculta que tira a vida; é o cancro ou verme secreto que rói o rebento

tenro e a árvore florescente. Deixem que se torne conhecida, e haja remédio, bálsamo e cura para todo espírito.

Oh, se vocês pudessem fechar os olhos por um instante, e olhar para esta outra vida que complementa a vossa, essas hostes de seres vigilantes, esses rostos que pairam perto de vós, essas vozes que se encontram tão perto dos vossos corações, vocês informar-se-iam de que a existência espiritual é composta das massas de espíritos que se esforçam, lutam, anseiam e rezam, que saíram da vida terrena, rebentaram com os grilhões do sentido material, mas que ainda não alcançaram o conhecimento derradeiro, cada qual a lutar, cada qual a ajudar aqueles que se encontram abaixo. E o caminho mais seguro para o progresso espiritual na terra ou na vida espiritual está em se ajudarem uns aos outros. Vocês descobri-lo-ão, se, torturados pela vossa própria infelicidade, se, acreditando ser o mais miserável dos mortais, vocês se voltarem para o pobre mendigo na rua, ou para o viajante mais infeliz do que vós.

Como uma palavra de simpatia que lhe dirigem lhes traz bálsamo aos vossos próprios corações! E como vocês conseguem afastar-se dos vossos problemas pela ajuda que dão aos outros! O conhecimento é obtido assim. Assim que vocês começarem a ensinar outras mentes, os vossos próprios poderes são estimulados; vocês sentem a necessidade de uma maior atividade, e não há escola melhor do que a do professor - não há melhor expediente de felicidade do que o de ajudar a felicidade dos outros. O mundo espiritual sabe disso, e eles vêm até vós nas asas do pensamento, carregadas de uma sabedoria recém-descoberta, eles vêm a vós; eles espalham essas bênçãos no vosso caminho; eles iluminam-lhes a mente, eles estimulam-lhes o sentido; eles tornam-lhes os pensamentos mais ativos e mais fácil a obtenção de conhecimento.

Foi dito por alguns que se opõem a esta forma de comunhão: “Ah, o mundo espiritual haveria de nos furtar à nossa individualidade! Se formos meros porta-vozes de outros espíritos, como obteremos conhecimento?” Ah, mas isso não é verdade. Todo pensamento que é transmitido aos outros presenteia um pensamento em retorno; e se os espíritos contarem aquilo que tiverem aprendido, isso apenas lhes estimulará a mente e as faculdades para empreendimentos mais elevados e ocupações mais nobres. Na vida espiritual, os métodos de progresso são assim: bandos de anjos, espíritos avançados, mentes avançadas, aqueles que

alcançaram conhecimento acerca de um assunto especial qualquer, são mestres e transmitem esse conhecimento a outros.

Os sábios e os bons da antiguidade estão reunidos em moradas celestes - em moradas dedicadas à busca do conhecimento. De modo Atraídos pelo semelhante, eles obtêm pensamentos elevados com respeito aos temas da sua meditação; e, lá como cá, em conselho solene e debate trocam pensamentos e pontos de vista e conhecimento. E depois ensinam. Mas haveriam de confundir muitas das congregações da vida espiritual com encantadoras moradas de seres humanos, por elas se assemelharem tanto aos vossos próprios locais de reunião. Aí, a sabedoria, o conhecimento e todos os pensamentos relacionados com o avanço do espírito vivo são ensinados por aqueles que têm conhecimento. Aqueles que participam, por sua vez tornam-se instrutores; e as vastas planícies do espaço estão povoadas com povos, professores, estudiosos em busca dos mais altos temas que podem ocupar a alma do homem.

Com isso vem, essencialmente, a felicidade. Como poderá ser que a mente uma vez assim plenamente dedicada, assim ocupada; não se sinta feliz? Não que esse seja um estado final; porque, com toda a obtenção de conhecimento, deve abrir-se, necessariamente, algum outro caminho de conhecimento; da mesma forma que quanto mais alto vocês chegarem na montanha, maior será o alcance da visão que se abre ante os vosso solhos.

Não existe fim na existência espiritual. Mas vocês podem contemplar aqueles vastos esquemas de progresso, aqueles vastos sistemas de aprendizado, onde nenhuma linguagem é usada, nenhuma voz audível, nenhuma expressão ou som, mas apenas o poder vivo do espírito - apenas a vontade, o pensamento, a ideia que se integra com outras mentes e, assim as estimula ao empreendimento e poder fervoroso.

Grupos de espíritos em busca de um determinado tema da filosofia ou da vida moral, reúnem e comparam as suas diversas experiências e, imediatamente, os anjos superiores - aqueles mais avançados nessa questão especial - conversam com eles e inspecionam-lhes a mente; tal como vocês na Terra, ao perseguirem qualquer tema de investigação, muitas vezes percebem um pensamento subtil ou uma ideia nova, simplesmente por andarem em busca desse assunto. Isso é inspiração;

isso é uma lição da vida espiritual: inconscientemente vocês estão em comunhão com algum instrutor invisível, que lhes inspeciona no pensamento os resultados da experiência espiritual.

Os temas da consideração da existência espiritual não são tão amplamente diferentes dos vossos. Vocês sabem que todas as filosofias morais, todos os temas elevados da ética, toda a poesia, toda a ciência, toda a arte, nos seus princípios essenciais, dizem respeito à alma humana. Vocês sabem que Mozart nunca deu à luz músicas que o seu espírito entoava. Vocês sabem que os maiores esforços do gênio de Rafael não eram o ideal perfeito e completo do seu espírito. Vocês sabem que os inspirados, os profetas, os videntes falaram em línguas que ainda eram um pouco monótonas em comparação com a voz do espírito vivo que traziam dentro das suas almas.

Que será a escrita da inspiração em comparação com a própria ideia que essa inspiração sustenta! Que poderá ser a vossa linguagem em comparação com os vossos próprios sentimentos e desejos quando vocês falam de um tema sublime! Assim também na vida espiritual, onde não existe linguagem arbitrária - onde não há língua, mas simplesmente a voz do Espírito - quão transcendente não deve ser o senso de harmonia, quão perfeita não será a ideia de arte, quão divina não será a compreensão da religião, quão subtil a resolução dos problemas das ciências que não dependem das meras técnicas humanas e da observação dos sentidos!

Ah, pudessem vocês ter acesso a esses laboratórios de ciência espiritual - pudessem vocês ver essas divinas sociedades de artistas celestes; pudessem vocês testemunhar essas elevadas companhias de filosofia e religião, nas quais sábios da antiguidade e todas as almas dotadas e privilegiadas se reúnem para acolher o conhecimento - vocês certamente sentir-se-iam estimulados a esforços mais elevados; vocês certamente se recordariam de que esses dons também se podem tornar vossos!

E depois, quando toda ocupação, quando todo propósito enobrecedor é igualmente acompanhado por um propósito maior e uma vida elevada e altruísta; quando aquela ideia e sentimento que pertence aos espíritos afins na terra é despertado na vida da alma, e as companhias da existência espiritual, compostas daqueles que lhes são próximos e

queridos - dos objetos específicos da vossa atenção e consideração - vocês podem imaginar algum do prazer que acomete aqueles que, nos estados de comunhão divina, descobrem novas verdades a cada instante e dia, e que imaginam novas realizações para as suas mais elevadas aspirações. Mas lembre-se que não se limita aos poucos pensamentos e aspirações que vocês têm aqui. Esses são apenas os começos.

Os sonhos mais elevados da mente humana equivalem apenas às primeiras letras do alfabeto na vida espiritual. Aqueles temas sobre os quais os destinos da humanidade parecem estar suspensos - o sublime tema da liberdade, os objetivos subtis da ciência humana - empalidecem ao lado dos objetivos mais elevados e enobrecedores da vida espiritual; que, de fato, se encontram além da vossa visão. Quando um propósito é alcançado, quando um conhecimento é completado, abrem-se de uma vez mil temas diferentes, cada qual transcendendo o que acaba de ser resolvido; quando um problema da mente humana tiver sido plenamente alcançado, então, a espalhar-se como os raios divisores do sol central, abre-se todo um vasto domínio de pensamento despovoado, onde o espírito nunca se cansa e a alma nunca é saciada.

É o vosso tema favorito a filantropia humana? Imediatamente ante a vossa visão vem a beneficência divina do amor de Deus, e vocês contemplam, não através do sentido estrito do cérebro humano, mas com a visão divina, como essa beneficência e amor divinos abrangem, cercam, visita todos, e como os caminhos que vocês acham tortuosos e estranhos conduzem todos às montanhas celestes do amor de Deus. Será a religião o vosso tema favorito?

Diretamente dos estreitos limites do credo especial ou da fé particular, vocês são iniciados nos mistérios dessa religião divina por meio da qual o Espírito de Deus opera através de todas as línguas, de todas as nações, entre todos os povos; ou melhor, pela qual Ele chega a mundos distantes povoados como o vosso, cada qual contendo almas a salvar, cada qual dotado de aspirações. E quando vocês consideram não apenas os milhões de almas que passaram da vida terrena, mas igualmente os milhões e milhões que passaram de outros planetas, quão vasta não deverá ser a extensão da visão, quão divino não será o funcionamento do sistema de pensamento, que é capaz de tornar todo o palpitar, até mesmo dos seres mais humildes, especialmente caro à Mente infinita!

Serão esses os temas das vossas aspirações? Então, que maravilha se, através das vistas da eternidade, se abrirem de par em par tema após tema do elevado pensamento, da aspiração divina, do trabalho glorioso, da conquista eterna! Não é o homem que deva aí conquistar a matéria e construir templos de ouro e prata, e os ídolos da veneração material. Não é que o herói mate milhões de seres humanos, e assim ganhe o que é chamado de fama terrena. As vis desculpas da ambição humana, as limitadas necessidades da vida humana, os objetos imponentes do vosso ser, empalidecem e desaparecem diante dos temas mais elevados da meditação espiritual e do avanço eterno.

Uma a uma, as vistas desse tópico divino se abrem ao vosso olhar; um a um os anfitriões que se acham organizados numa ordem gloriosa surgem diante da vossa visão; uma a uma, as ideias do progresso eterno são conquistadas, e novas ideias, novas elevações do conhecimento se lhes apresentam para vocês escalarem; uma a uma, as estrelas no espaço, os planetas nas suas órbitas e os sistemas e constelações passam além de vós; e vocês seguem em frente ao longo das eras da vida eterna, sem pausa, sem descanso, sem se cansarem, mas com novas companhias de conhecimento e sabedoria abrem caminho pelo espaço e visitam as moradas dos seres mais celestiais - anjos, arcanjos querubins, serafins!

E eis que eles surgem diante de vós com os seus poderes maravilhosos e o seu conhecimento ímpar! Entoam os cânticos da criação! Povoam o espaço com os seus pensamentos! Dão-lhes um vislumbre da vida que levam! E assim por diante vocês prosseguem, até mesmo com as incontáveis miríades de hostes, a marchar pela ladeira da eternidade acima, de mãos dadas, de corações unidos ainda pelo amor de Deus e pelo amor que têm uns pelos outros!

A NATUREZA E OCUPAÇÕES DA EXISTÊNCIA ESPIRITUAL

Uma alocução inspirada da autoria da Sra. Cora L.V. Tappan, no Royal Music Hall, em Holborn, Londres, na noite de Domingo de 23 de Novembro de 1873.

DISCURSO

É claro que não será de presumir que, durante um período de vinte e cinco anos, as pessoas possam ter estado em comunicação com os habitantes do mundo espiritual sem ter feito perguntas e recebido respostas relativas ao modo de vida no futuro estado de existência; e quer isso concorde ou não com as noções preconcebidas sobre o assunto, não tem nada a ver com a natureza das revelações, porque, enquanto os antigos habitantes da terra acreditavam em certas coisas com respeito a terras que estavam além do alcance do seu conhecimento, quando os exploradores realmente visitavam essas terras e retornavam com fatos sobre eles, então deixava de haver necessidade das especulações anteriores, e as noções que haviam sido entretidas não mais podiam prevalecer.

O mesmo sucede com os habitantes do mundo espiritual: vocês familiarizaram-se com a verdadeira natureza da sua existência, que difere daquilo que vocês anteriormente supunham. Contudo, isso não pode afetar os fatos do caso, já que um fato é mais valioso do que todas as teorias e especulações do mundo, e uma vez que os habitantes do outro mundo devem conhecer melhor do que qualquer imaginação humana especulativa a natureza da sua existência e morada. Portanto, a primeira pergunta que o investigador coloca ao espírito desencarnado é praticamente: "Você é feliz?" É claro que a soma total da vida humana se traduz por uma luta pela felicidade. Conhecimento e sabedoria, e as coisas que se adequam aos nossos destinos mais elevados, não são nada comparados com a felicidade; nós lutamos pela felicidade e muitas vezes afundamos numa busca cega da felicidade.

Os homens esforçam-se por ela como os cavaleiros da antiguidade. Eles estão preparados para encontrar a temível cabeça da Górgona - preparados para atravessar a própria fronteira do Hades, contanto que possam encontrar a felicidade; estão preparados para esmagar os

elementos mais elevados de sua natureza - estão preparados para pisar a verdade e a bondade aos pés a fim de assegurar a felicidade. Assim, a questão humana colocada ao espírito desencarnado é: "Você é feliz?" Para muitos desses espíritos, é a primeira vez que eles pensam nisso desde que desencarnaram; por a natureza da existência espiritual ser tal que não é uma questão absoluta, omnipotente e omnipresente, que tudo permeia, e está sempre presente à mente individual para que ela deva ser individualmente feliz.

O supremo egoísmo do homem animal individual está em que ele ou ela pode, por meio de algum ou outro processo, evitar qualquer infelicidade, e consequentemente o caminho mais curto para a felicidade é, conforme referido, uma questão de importação solene na terra. O espírito desencarnado, pois, ao responder à pergunta, mostra-se por vezes definitivo e outras vezes não; por a felicidade ser um termo relativo na existência espiritual. Um estado de felicidade sumamente perfeito seria um estado beatífico tão absoluto, e transcenderia em muito a conceção que o homem tem, que é muito duvidoso se ele pudesse compreendê-lo, ou que algum espírito assim constituído pudesse dialogar com os mortais; porque o simples fato de conversar com os mortais militaria contra um estado supremo de felicidade; e se o espírito simpatizasse com o sofrimento terreno, como que movido pela lembrança de qualquer erro individual anterior o obrigasse a fazer, é claro que deveria conter um grau relativo de infelicidade.

Consequentemente, os espíritos algumas vezes respondem que "sim" e outras vezes que "não." Às vezes eles classificam-no explicando a natureza da sua existência. Jesus descreveu a seus discípulos que existiam muitas mansões na casa do Pai; e isso é eminentemente verdadeiro, de acordo com as revelações que os espíritos fazem concernentes ao seu estado. Mas nem todos conseguem compreender isso. Por mais que os vossos amigos favoritos - por mais que a vossa mãe ou pai, na vossa opinião, mereçam uma condição absoluta de felicidade, vocês não podem ignorar o fato de que a felicidade na vida espiritual depende total e inteiramente da condição do espírito e que na proporção do conhecimento e da cultura do espírito, não conforme são medidos pelos padrões humanos de todo, mas conforme são medidos pela consciência espiritual, assim resulta a felicidade ou a infelicidade.

Mas raramente ocorre ao espírito em causa e ocupado questionar-se se é ou não feliz. A mente encontra-se tão ocupada, tão preocupada com as novas questões da existência que a pressionam, de tal modo absorvida tão completamente em dar à luz a partir da sua vida aquilo que ela recebe para questionar se é ou não feliz. Mas se a questão aflorar à consciência, podemos sempre responder com segurança, "Relativamente feliz," porque quem quer cumpra o seu dever na vida espiritual de acordo com o melhor de que é capaz, desfruta de um estado de felicidade que raramente chega à parte dos mortais. E quem quer que na vida terrena tenha executado a tarefa que lhe é atribuída de acordo com o melhor da sua habilidade, é o mais feliz dos mortais.

Ora bem, a existência espiritual na sua natureza própria é o que vocês estão acostumados a denominar subjetiva. Todas as coisas objetivas da vida espiritual são mentais; todas as coisas objetivas da vossa vida são físicas e tangíveis: daí que as coisas que para vós são meramente subjetivas, da imaginação e dos sonhos, da especulação e da espiritualidade, no espírito são materiais; consequentemente todas as formas de pensamento que vocês estão acostumados a considerar como secundárias na existência espiritual são primárias.

Por exemplo, o vosso abrigo, a vestimenta dos vossos corpos e o alimento que vocês comem compõem a soma total das vossas principais atividades na vida. Vocês dedicam um dia dos sete da semana ao chamado culto, por vezes algumas horas dos outros dias a atividades intelectuais, e há uma vasta classe de pessoas que dedica muitas horas por dia a ela; mas a maior parte do vosso tempo é ocupada com a comida, a roupa e o abrigo do corpo físico.

Quando o corpo é deixado para trás, a ansiedade é então transferida para o espírito. Em que condições se encontrariam vocês hoje se não fossem obrigados a abrigar os vossos corpos, a vesti-los ou a alimentá-los? Um vasto número de pessoas seria deixado sem emprego - ficaria agitada e a tremer por se sentir fora do seu elemento real. Quando essa necessidade é suspensa por um dia, vocês encontra pessoas pelos cantos das ruas sem nada que fazer, e na verdade infelizes por não terem nada o que fazer.

Quando o espírito desincorpora, se não estiver acostumado ao esforço individual, mental e espiritual, fica mais ou menos nessa condição, até

que possa acostumar-se à sua nova vida; e existem vastas miríades de espíritos a vibrar, ou melhor, a pairar perto da atmosfera terrestre, sem saber o que fazer, uma vez que não têm mais dinheiro a realizar, nem mais corpos a alimentar e a vestir.

Esta poderá parecer-lhes uma afirmação estranha, no entanto é verdadeira; e se vocês considerarem por um instante a qualidade e a natureza da mente nessa circunstância, que sai tão repentinamente da vida terrena, vocês deverão ver que deverá ser assim, que o espírito de momento não está preparado para absorver os fios da sua nova vida e tecer o padrão dessa existência recém-descoberta. Mas, assim forem como as suas exigências, assim também há sempre uma provisão de professores, instrutores e guias espirituais, que, tendo estado há muito na vida espiritual, assumem a responsabilidade, ou são designados para guiar essas almas recém-emancipadas pelos caminhos do conhecimento da espiritualidade.

Ainda assim leva-lhes algum tempo a progredir dessa maneira, e há espíritos para os quais durante longos períodos de tempo a nova existência não apresenta nada em termos de emprego ou de atividade. Estes mantêm as suas recordações terrenas, e os seus antigos hábitos, são assombrados pela lembrança de alguma ação anterior, e desejam ainda impressionar aqueles que ficaram para trás, e não conseguem afastar-se do ambiente da Terra. Mas há sempre um caminho provido, caso o espírito individual deseje alçar-se. Quando essa vontade se encontra em falta, quando a vontade não está presente, então eles precisam esperar até que a hora chegue em que se faça presente.

Também lhes soa incompreensível a vós que eles não devam explicar-lhes de imediato e de uma só vez os vários problemas teológicos relacionados com a vida futura. “Já viu a Deus? E existe um inferno e um céu material? Viu aquele outro - o oposto da Divindade? E conhece a ocupação e a natureza dos anjos?” Todas essas questões você colocam com a máxima confiança de que elas sejam respondidas satisfatoriamente, esquecendo que vocês poderia propor as mesmas questões a qualquer número de pessoas na terra e não obter nenhuma resposta satisfatória ou decisiva em absoluto.

O facto de as pessoas estarem mortas não as transforma em divindades, o fato de que elas terem sido jogadas fora das suas vestes

externas não lhes dá de imediato todo o conhecimento: elas não se tornam de imediato possuidoras dos segredos da Mente Divina, não são imediatamente admitidas em todos os labirintos do templo do Infinito; não conhecem todos os cantos da terra espiritual, nem todos os fatos da sua geografia. Eles não investigaram todos os mares e espaços, e não estão preparados para se pronunciarem quanto à personalidade de sua satânica Majestade. Isso soa tão surpreendente numa primeira instância quanto a outra proposição; "porque," dizem vocês, "se eles estão mortos, então eles devem conhecer todas as coisas." Mas eles não conhecem; e é fato que muitos ainda não descobriram que se encontram ‘mortos’.

Tão diferente é a vida na qual eles ingressaram de tudo que imaginaram, tão real é a terra espiritual, tão absoluto é o seu entorno, que de momento eles imaginam estar ainda a habitar a terra; e às vezes passam-se longas eras antes que eles despertem para a consciência de que não podem realmente agir e andar, viver e respirar (na terra) como os mortais fazem.

Mas, conforme dissemos, o conhecimento teológico que têm não lhes vem imediatamente da transição; e aqueles que são suficientemente ativos em mente e possuem um pensamento penetrante entendem a natureza da mudança pela qual passaram, ainda se vêm restringidos no conhecimento da vida espiritual que têm, e precisam, por graus lentos - pela ascensão real do espírito e visitas às diferentes partes dos céus espirituais - compreender a natureza da sua existência.

Durante os últimos vinte e cinco anos, conforme dissemos, foi dada uma grande variedade de respostas a questões relativas à morte e ao estado futuro. Alguns espíritos dizem tratar-se de um mundo real, tangível e absoluto, tão material quanto o vosso, e que os corpos que eles habitam parecem igualmente tão materiais quanto os vossos. Alguns dizem-lhes existirem casas e oficinas, cavalos e cães, montanhas, rios, vales e toda uma variedade de paisagens. Outros, ao contrário, dizem que não se trata de um mundo material no sentido do vosso mundo, mas que a matéria de que o mundo espiritual é composto é mais refinada e etérea; que é subjetivo e não objetivo; que o espírito tem tudo o que deseja, e forma a partir da atmosfera espiritual objetos e substâncias tais quantas requeira na sua nova existência; que vivem com base no pensamento - habitam uma atmosfera onde o pensamento é supremo. Que é verdade que não são montanhas e vales como vocês os

consideram, mas que todas as coisas são bastante objetivas para com o funcionamento da mente individual.

"Agora," dirá o investigador, "como hei de decidir entre ambas essas duas proposições?" Ambas são verdade. Supondo que algum habitante de outra estrela viesse à vossa terra, e pousasse nesta pequena ilha. Ele retornaria e descreveria a terra de acordo com o aspeto do vosso país, descreveria as vossas suas habitações, os vossos hábitos - tudo relacionado convosco. Um outro habitante da mesma estrela pousaria no oceano, e talvez testemunhasse um grande navio no mar, e iria contar aos habitantes do seu planeta que a terra estava inteiramente coberta de água, que os habitantes residiam em navios com velas brancas como asas, e que eles muitas vezes se perdiam e não se ouvira mais falar deles.

Outro aterraria na parte oriental do continente em meio às selvas e descreveria os habitantes da Terra como bosquímanos destituídos de inteligência, destituídos de consciência da imortalidade, e diria que rastejam ao redor de árvore em árvore como bestas ou macacos. Tudo isso estaria correto. O mundo espiritual é composto de toda a variedade concebível de existência, transcendendo em muito a vossa imaginação, uma vez que o espírito encontra a sua condição plena e absolutamente atendida. Existe um estado e existe um lugar na terra espiritual, habitado por uma classe de seres, que parece tão real, tangível e tão material quanto os vossos; onde, ao entrar em contato com a atmosfera da terra e as suas emanações, conforme vistas por Swedenborg - a sua terra das correspondências - eles com efeito têm representações de todas as formas e variedades de vida que existem entre vós. Depois, há outra classe ainda mais material de espíritos que vê as formas da vida terrena em certas formas de pensamento e ambiente.

Esses seres percorrem a terra, residem nas vossas habitações, visitam os seus companheiros e são quase tão materiais quanto vós, exceto quanto à incorporação efetiva da vitalidade; Para esses, é claro, o mundo espiritual é realmente a superfície da Terra. Eles a veem através de uma atmosfera meio opaca. Eles próprios não se encontram encarnados, mas encontram-se na condição de espíritos desencarnados, e ainda assim não conseguem ascender aos reinos mais elevados da morada espiritual.

Depois há um outro grau, onde a substância material é de tal modo refinada e tão subtil que vocês não conseguiriam vê-la com os olhos físicos, e ainda assim seria tangível para o espírito. Essa porção da terra espiritual é uma aura da atmosfera da Terra, e existe além do limite da influência da atmosfera da Terra. Esses espíritos habitam um reino que possui toda uma diversidade de cenários - montanhas, vales, riachos e nascentes; todos os tipos de vegetação e de verduras são aí representadas - o protótipo das coisas da terra.

Para eles, esse é um estado satisfatório, por não se acharem muito distanciados da terra, nem tão perto dela quanto para se intrometerem e envergarem o traje dos espíritos mais materiais. Além destes ainda existem aqueles que habitam os espaços interestelares, onde os espíritos que progrediram e avançaram de todos os mundos se unem num estado puro de existência espiritual. No seu domínio não tem lugar nenhum pensamento concernente à materialidade. Eles habitam uma esfera da mente. Os seus corpos são o produto das suas mentes, e haveriam de lhes apresentar a aparência de chamas de luz branca sem tangibilidade, mas suficiente tangíveis para o propósito que têm. A aura que os rodeia é a aura ou emanação do seu desenvolvimento espiritual; e a sua condição, no que diz respeito ao elemento material, é o de um princípio motor ou princípio em movimento, em vez da de um ser externo. Eles atuam sobre as mentes daqueles abaixo deles; investigam vastas matérias do conhecimento e transmitem-nas àqueles que são vossos espíritos guardiães, e por esse meio comunicam dos céus as verdades celestiais respeitantes aos seus habitantes. Agora, dois videntes ou médiuns sob o controle dessas duas ou três classes de espíritos transmitiriam evidentemente quadros inteiramente diferentes da existência espiritual, e ainda assim nenhum teria a intenção de falsificar, nem nenhum estaria incorreto.

As muitas moradas da Casa do Pai estão adaptadas aos vários graus de existência espiritual, assim como saem da vossa terra, e cada um de vocês tem uma morada preparada que levam convosco para o outro mundo, e recomeçam a vossa habitação naquela esfera ou condição correspondente ao desenvolvimento que tiverem alcançado. Esse desenvolvimento pode ou não corresponder ao vosso intelecto externo, mas deve sempre corresponder ao vosso crescimento e à vossa condição espiritual. Alguns são infantes no mundo espiritual. Outros são

gigantes intelectuais. Esses gigantes e monstros intelectuais têm uma morada própria, só que é fria e gelada.

As suas montanhas lembram-lhes os glaciares; os seus templos são frios como mármore; e quanto à vida e ao afeto e à cordialidade, eles não têm lugar lá. Eles existem em sofismas intelectuais. Eles construíram um estado futuro cheio de esplendores intelectuais, e para esse reino transportaram a sua existência desprovida de Deus e de alma. E isso tem existência no reino imortal dos espíritos! Se conseguissem imaginar uma vasta planície diversificada, com belas paisagens e montanhas que se erguem até aos céus, tudo na cor do gelo cintilante; se pudessem imaginar colinas sobre as quais nenhuma folha de grama e nenhuma árvore parecem encontrar existência; monumentos esplêndidos, obeliscos e torres, tudo resplandecente como o templo do rei da geada por baixo do espírito vivo - vocês poderiam imaginar esta terra, fria, vazia e gelada; obteriam uma imagem do puro intelectualismo na vida espiritual. Para reinos como esse, vão os materialistas que não façam o menor conceito da de Divindade.

Para tal reino, são transportados aqueles que erguem tudo com base nos sofismas da razão. Para tal reino são transportados todos aqueles que encontram nas leis infinitésimo da natureza qualquer espírito divino e orientador. Eles constroem os finos tecidos do seu tecido intelectual e, no entanto, diante do olho do espírito, estão mortos e desprovidos de vida. Fundam gigantescos monumentos às suas realizações intelectuais, e sentam-se neles como estátuas, tão desprovidos de vida quanto o mármore. Sem quaisquer flores! Sem infância!

E nenhum tipo de fontes de bondade se esvaem desse reino de intelectualismo reluzente; mas tão só sofismas ricamente tecidos de outras épocas, apenas as teorias subtis da sua vida. O seu único pensamento centra-se no eu frio! Isso é intelectualismo. Mas o materialismo de um tipo mais grosseiro também tem a sua morada na vida espiritual. Aqueles que ergueram somente os seus corpos sensuais; aqueles que viveram para o prazer material; aqueles que fizeram do corpo o seu ídolo - e da carne o seu templo de adoração; aqueles que encorajaram e mimaram os apetites das suas naturezas físicas: esses encontram uma morada pronta para eles na vida espiritual - uma morada de obscuridade e escuridão, e em que formas sombrias que se aprecem com serpentes e escorpiões saem detrás da vegetação para os saudar -

os produtos dos seus próprios gostos e apetites. Aqueles que possam ter entristecido o seu Deus encontram aí a representação nos enxames de seres deformados que os acolhem e saúdam.

Aqueles que fizeram da sensualidade o seu ídolo, encontram, a troçar e a vaiar, os produtos da sua própria fantasia. Assim, com os pensamentos da sua existência terrena, e vestidos com os restos dessa vida terrena, eles entram nessas moradas e permanecem nus e perplexos, e tremem continuamente sob a sua cobertura de trapos, por eles não terem qualquer raio de vida espiritual. Duvidam disso? Quantos, enclausurados na vida terrena não têm outro pensamento que não a gratificação física!

A cada hora do dia é dedicada ao festejo, ao beber e ser feliz, para que as horas possam prosseguir enquanto o vasto templo do intelecto e a cúpula superior do espírito são inteira e absolutamente negligenciados. Nas muitas mansões da casa do Pai habitam aqueles seres que saem da vida terrena nessa condição. Não estão perdidos, exceto enquanto se encontram nesse estado. Eles não estão inteira, absoluta e irrevogavelmente perdidos; mas enquanto a luz é obscurecida, enquanto os sentidos ainda os retêm, enquanto eles carregam os efeitos da sua existência terrena, enquanto permanecem e vagueiam pela morada física, assim entram na existência espiritual.

Oh, vocês haveriam de se afastar dessas buscas de mero prazer corporal se pudessem ver a massa de espíritos que sai do vosso meio mergulhada e saturada na intoxicação cega dos sentidos. Vocês falam do Hades, falam de antigos lugares de tormento eterno, falam dos fogos do inferno! Decerto que não existe mais fogo insaciável do que o das paixões humanas quando autorizadas e desenfreadas pelo pensamento espiritual! Decerto que não pode existir inferno pior na existência espiritual do que aquele que agora mesmo abra as suas portas em todos os cantos ao aliciamento dos jovens. Decerto a serpente da intoxicação deve ter sido a verdadeira serpente do Jardim do Éden que tentou o primeiro Adão!

Pensem nisso! Cada gratidão desregrada é uma serpente. Toda a cedência ou entrega ao apetite constitui em si um escorpião. E essas coisas viscosas enrolam-se em torno dos vossos espíritos; e, desse modo, envoltos em desejos loucos, a alma apressa-se para a eternidade. E não fora os anjos da paz e do amor estarem sempre prontos; não fora

que tenham tido alguma mãe, irmã, irmão, pai, amigo, para os ajudar; não fora a humanidade não ser inteira e absolutamente degradada, e uma imagem da condição espiritual desses seres terrestres subdesenvolvidos responderia à descrição do antigo Hades.

Mas depois esses seres estão a sair para a vida espiritual todos os dias; algumas, vítimas da degradação humana, outros da ruina da loucura humana; e os espíritos acima, nas regiões superiores, olham com olhos lacrimejantes e corações a sangrar quase em desespero aquelas moradas escuras e sombrias, para que algumas dos botões mais aprimorados da humanidade são transportadas por um tempo. Ah, numa era de esclarecimento e de razão, é uma triste narrativa a que é feita sobre a justiça humana, a religião humana e a sociedade humana, que essas coisas existem no vosso seio e não sejam travadas.

Das outras fases da vida espiritual - aquelas que são mais agradáveis, aquelas que, porventura satisfaçam mais os sentimentos individuais, e aquelas que satisfazem a vaidade humana - há o suficiente a dizer. O lado sombrio não é inteiramente escuro; o radiante é de longe a maior parte. Mas a verdade deve ser dita; e se vocês forem assombrados por espíritos malignos, se vierem até vós aquelas almas não desenvolvidas, você não devem culpar a parcimónia da Divindade, nem a lei que lhes permite retornar.

Culpem aquele estado e condição humana que os criou, ou tornou possível às almas germinarem na terra e entrarem na vida espiritual em tal condição. Toda forma de vida humana que vemos tem o seu protótipo. Os espíritos mais avançados são aqueles que não se renderam por completo à gratificação material, mas mesmo aqueles que assim se renderam após um tempo emergem daí. A maioria dos espíritos que passam da vida terrena não entra num estado terrível nem passam imediatamente para as esferas espirituais interestelares ou superiores; eles têm uma condição intermediária, ou lugar adaptado ao seu desenvolvimento, onde eles ainda podem avançar e progredir; onde eles ainda podem retornar e dar-lhes o resultado da sua vida espiritual. Essa é uma morada feliz - e não infeliz.

Não há sofrimento, exceto a lembrança da insensatez; e não há punição exceto a consciência da imperfeição do espírito. Isso é punição suficiente para todas as almas quando tomam consciência das suas próprias

deformações. Por uma visão espiritual inversa vocês veem o vosso mal e são punido em conformidade com essas pequenas ofensas da vida - ofensas que frequentemente achamos possuídas pela mais exaltada das naturezas. Às vezes, uma falha regressa à consciência do espírito com tudo o que ele sentiu antes de a executar, e ele revive-a com o seu arrependimento e consciência.

Porquanto o bem não é o resultado da falta de conhecimento, mas sim o resultado do conhecimento alcançado através do sofrimento, e através do triunfo sobre os males que lhes assediam o caminho. Nenhuma falha nas vossas vidas quando medida pelo espírito de justiça, senão a que na vossa vida espiritual regressa a vós e à vossa própria consciência, é o vosso próprio castigo. Há um juiz para os vossos pensamentos. Há um espírito que vê e conhece e julga em conformidade.

Os espíritos desses estágios avançados dão-lhes exatamente o conhecimento que estiver em conformidade com as vossas investigações; por isso, se eles não puderem falar-lhes sobre o Altíssimo, ou se eles não puderem ter-se ajoelhado aos pés do Mestre, Jesus, a quem eles serviram na terra, lembrem-se, não é por esses seres não viverem, mas por a sua condição particular de vida espiritual não os elevou à comunhão suprema.

O Pai não se nega a nenhum espírito, mas está presente na proporção da consciência e da cultura espiritual que tiver. Mas desse local divino chamado céu, o espírito poderá dizer-lhes apenas pouco mais além do seu céu, do seu reino, da mansão que habita na casa do Pai. Os espíritos, como um corpo, não professam resolver as questões da discussão teológica; eles não professam conhecer os mistérios da Mente Divina, nem por que a humanidade foi criada; eles só lhes dizem que vivem numa outra vida, um pouco afastada desta, um pouco mais adiantada; que eles não possuem, pois, os seus corpos físicos, mas que possuem corpos de acordo com as condições espirituais em que se encontrarem; que eles se acham envoltos pela atmosfera que habitam; que suas vestes são criadas e desenvolvem-se do mesmo que as folhas da flor se desdobram de dentro para fora; que o traje do espírito corresponde em cor e feitio ao seu avanço.

Aqueles espíritos que se acham num estado mais baixo de progresso acham-se enclausurados em vestes cinza sombreadas; espíritos mais

avançados fundem-se em tons mais claros; finalmente, vocês verão que os espíritos avançados sempre representam a cor azul, ou luz que corresponde à distância celestial; enquanto os espíritos celestes se vestem de um branco deslumbrante - a pura luz da sua alma desenvolvida. Isto, naturalmente, não é quimera nenhuma; não é especulação nenhuma; eles dão-lhes, de forma absoluta e inequívoca, conta das suas experiências.

Há abundância de ocupações. Pode parecer estranho à mente finita enclausurada nos cuidados materiais acreditar que os espíritos possam ter ocupação onde não há nem sondar nem cavar, nem construir nem derrubar, nem comer nem beber, nem tecer nem costurar. Longe da vista, vocês não pensam que a flor labuta; mas nas horas silenciosas da noite, e abaixo do solo, o pequeno germe que lá se encontra acelera as suas pétalas para ir ao encontro dos raios de luz; então, quando o dia lhe lança os seus raios, vocês verão as folhas surgirem uma a uma e, por fim, a flor; e se apenas pudessem ver as minúsculas formas de intercâmbio que se processam ao nível da vida química e tecem essas redes de beleza maravilhosa, isso deixá-los-ia surpreendidos e admirados.

Os pequenos teares prosseguem lentos, mas de forma palpável, e antes que vocês percebam, brota uma flor - um lírio ou uma rosa vermelha. O espírito do homem - o germe existente na sua vida espiritual - não pode mergulhar no solo, nem cortar árvores da floresta, nem construir templos gigantescos, mas há sempre o suficiente para lhe ocupar a mente - o trabalho de pesquisar os mistérios da vida espiritual, descobrir a espiritualidade dos germes da existência, compreender a natureza dos reinos que ela habita; e gradualmente esta vasta evolução da mente atrai para o espírito todos os elementos do mundo que habita, e desdobra-se a partir de dentro, pelo mecanismo silencioso desse tecelão invisível, as vestes do espírito.

Quanto à forma do espírito, vocês estão a tecer essas formas agora. Diz-se que a morte está sempre ocupada num quarto silencioso de todas as casas, a tecer o sudário com a sua ágil lançadeira; mas o Mestre da vida está sempre ocupado dentro do tear dos vossos próprios espíritos, a tecer a forma, o traje - e a dar-lhe matiz e cor - que os há de adornar quando vocês entrarem no mundo dos espíritos. Vocês vestem-se de fino esplendor; vocês guarnecem os vossos com vestes caras; o leste e o

oeste são saqueados em prol dos tesouros eleitos do tear; nenhuma seda é demasiado fina, nenhuma caxemira demasiado cara, nenhum ouro é demasiado deslumbrante, nenhum diamante demasiado esplêndido para o vosso adorno. Enquanto isso, o espírito tece as suas vestes. Se vocês privarem de alimento a alma com o engrandecimento do corpo, então vocês irão para o mundo dos espíritos sem esse belo traje; pois vocês tecerão quaisquer vestes que os vossos pensamentos determinarem. Assim, amanhã, quando se afastarem da vida terrena por meio da morte, vocês encontrarão na vossa habitação espiritual o que vocês tiverem criado para vós próprios.

Se tiverem tecido trajes de compaixão e amor, e atos de pensamento e inteligência, você os usarão nesse amanhã. Se tiverem tecido discórdia e ódio, eles os adornarão ou lhes apresentarão a sua deformidade na vida espiritual. Os espíritos estão sempre ativos; eles buscam novas ideias, ambicionam novas verdades, constroem novas habitações de existência espiritual, talhadas não para o tempo, mas para a eternidade; não templos de ouro, nem de bronze, nem mármore, nem pedra, mas templos de pensamento vivo, onde os seus espíritos possam encontrar uma morada gloriosa.

Eles não são fundados na terra; os seus esplendores não são esculpidos no mármore; não possuem cúpulas deslumbrantes nem estrelas cintilantes de ouro; mas todos os atos nobres, ou pensamentos de amor, todas as grandes aspirações ajudam a construir essa existência, esse edifício. A vossa mãe terrena, o vosso filho espiritual, use as vestes que as suas almas teceram. Mas vejamos. Vocês viram a mãe deitada no caixão e lembraram-se das suas preocupações, os seus bondosos atos de caridade, atos de amor e a sua terna vigilância, e souberam que os anjos da luz a aguardavam para a conduzir.

Mas pudessem vocês ter seguido, e vocês teriam visto que, quando o espírito deixou a morada terrena, a alma envolta nesses atos carinhosos, leve e azul, semelhante ao violeta, e de aspeto igualmente claro e manso, como o modesto violeta na sua cor e habitat. O rosto, não mais sulcada com as rugas dos cuidados, nem empalidecido pela doença, mas transfigurado, a envergar uma expressão de pensamento, amor, conhecimento e luz juvenil - não o ar jovem da juventude, mas dotado de conhecimento, realização, experiência e poder, ainda com o mesmo zelo de guardião, ainda com a mesma cintilação luminosa no olho.

Oh, a forma de espírito é adorável quando a alma que a herda se envolveu na caridade e no amor! E o que dizer da criança? Como o botão da promessa, como a doce flor colhida cedo demais, transplantada no céu, eis que cai de cima como o botão do lírio branco - como o doce germe da rosa a desabrochar as suas pétalas ao vosso lado - sem muito da terra que lhe pese e rebaixe o espírito, sem muito dos seus crimes e pecados, nem ainda da sua mácula hereditária que a obscureça. Acreditamos que não existem crianças nas moradas sombrias, mas que "delas é o reino dos céus."

O que vocês não dariam para que aquela vida, amor e conhecimento que os tornasse como os melhores deles são? O que vocês não sacrificariam da realização material para obter o poder, a graça e a beleza desses seres celestiais? No entanto, esse poder, essa grassa, essa beleza, essa luz, devem ser alcançados pela cultura dos vossos espíritos, por uma busca do melhor, busca de conhecimento, por uma construção para a eternidade e não para o tempo; e aqueles que pensam que não há nada a fazer na vida espiritual deveriam ter em mente que não só os habitantes da terra se encontram a cargo dos espíritos, que se esforçam por transmitir o conhecimento que adquiriram na vida espiritual, mas que todos os mortais ou almas de menor grau de cultura que habitam as regiões sombrias ou moradas obscuras precisam ser instruídas e inspiradas, e aqueles espíritos aprisionados que partem com as suas almas agrilhoadas.

Vocês têm prisões na terra, mas as externas não são nem metade tristes quanto aquelas prisões que vocês podem nutrir no espírito. Façam por não haja prisões nas vossas almas, e que todo caminho de conhecimento e de luz e de vida se abram para acolher a visão celestial. Façam por que as vastas câmaras do pensamento não permaneçam frias e vazias. Façam por que os vossos espíritos não sejam eclipsados pela falta de bondade e amor enquanto vocês ampliam a vossa grandeza física. Façam por que os vossos espíritos se desenvolvam da servidão dos sentidos externos. Dediquem o vosso tempo a alargar a luz aos lugares de desperdício e aos desertos estéreis - todos são recetivos à luz do espírito.

Toda alma do outro mundo faz isso por vós. Todo espírito que lhes ministra diz: "Cultiva o espírito; deixa que a tua mente aspire a dons

espirituais; pensa menos nas necessidades do teu corpo; pensa menos na vida material." O mundo é uma grande prisão, onde são encarcerados os filhos de Deus nos templos criados pelos adoradores da Mamona. Poucos são raios da luz divina que aí penetram; mas quando o fazem escuta-se a voz de quem clama no deserto, porque certamente é um deserto hoje. Vosso é o dom, vossa é a mão, vossa é a ideia, e vosso é o poder de erguer o véu das vossas próprias naturezas.

O que quer que de falsidade, o que quer seja que de inveja ou de malícia possa permanecer convosco, o que quer que seja do desejo humilhante por meras coisas terrenas, isso acorrentará e prenderá o espírito. Vocês não devem negligenciar o templo que lhes é dado a habitar; mas não façam dele vosso ídolo, vosso Deus; ao invés, façam dele a morada escolhida do espírito; embelezem-no, adornem-no com simplicidade e bondade, e deixem que a mente lance a sua luz na inteligência e compaixão. Os espíritos têm o suficiente para forçar e abrir todas essas portas da prisão - aquelas que se encontram no vosso seio, aquelas que têm assento nos vossos corações.

Eles vêm bater a uma porta e o medo os repudia; eles vêm bater a outra e o fanatismo enviam-nos de volta; eles vêm ao intelecto, e o materialismo ordena-lhes que desapareçam; mas quando eles batem nos afetos do coração, quando falam com um pensamento carinhoso, quando eles lhe dão uma voz gentil, vocês não podem mais resistir-lhes. Então, quando eles lhes falam à alma, quando os inspiram, elevam, fortalecem, encorajam; quando eles lhe falam de sua morada espiritual adornada com as belezas e graças da vida imortal, então, com certeza vocês não podem conter mais.

Não, há buscas que a mente empreende tão maravilhosas que vocês não poderiam compreendê-las, tão vastas que vocês não conseguiriam agora entendê-las: o conhecimento do espírito - o conhecimento das coisas passadas e futuras; investigações minuciosas sobre a natureza da alma ou a transmissão desse conhecimento a outros; e tudo o quanto interessa, enobrece e eleva a humanidade.

Desocupados! Ora, existem todos os órfãos que saem do vosso mundo, furtados aos cuidados do amor de mãe, da vida aqui e de todas as suas experiências - e esses botão tenros precisam ser criados na terra recém-descoberta; precisam florescer na terra do verão, da esperança e da luz.

E há anjos guardiães carinhosos - as mães da vida celestial - que se encarregam desses pequenos desamparados da vida espiritual e da luta, para os instruí-las e educar. Imaginem as miríades que partem diariamente. Eles perguntam-nos que ocupações poderão os espíritos ter. O universo está cheio de pensamentos; o mundo inteiro está cheio de pensamentos; peçam, e a resposta surgirá.

Quando vocês se esforçam seriamente por saber, vocês podem medir a vasta glória de sua suprema beleza. Então podemos descrever-lhes as moradas daqueles que resistiram a todos os males terrenos, que conquistaram todo o sentido terreno; que vivem à luz dos seus pensamentos puros, fortalecidos, alegres e livres pelo conhecimento da vida imortal. Ah, o olho é ofuscado, a mente recusa-se a segui-lo e as ideias se afundam na insignificância diante do esplendor dos espíritos glorificados que são revelados aos olhos da fé.

Ah, existem aqueles anjos resplandecentes que conquistaram todo ódio e inveja, cuja vida é amor, cuja morada se acha carregada da luz dos seus espíritos carinhosos - a luz que lhes é dada da Mente central - em trajes resplandecentes, rostos brilhantes, iluminados por êxtase maravilhoso - esses insuflam pelo ar silencioso a voz de seu amor e inspiração. Olhai, a sua respiração pura encontra-se sobre vós! Olhai, os braços deles rodeiam-nos! Eles engrinaldam-nos com as suas flores da atenção carinhosa sobre vós, e o elevam-nos para cima e para a frente para as suas moradas serenas.

O SOCIALISMO IDEAL
DE QUE MODO SE COMPARA AO CRISTIANISMO
E AO ESPIRITUALISMO

PROFERIDO EM CHICAGO, DOMINGO, 25 DE MARÇO DE 1888 POR CORA RICHMOND

TEMA ESCOLHIDO PELO PÚBLICO

"E, SE ALGUÉM TE AMEAÇAR PROCESSAR À LUZ DA LEI, E TE TIRAR O CASACO, DÁ-LHE TAMBÉM A TUA CAPA."
"E, SE ALGUÉM TE OBRIGAR A PERCORRER UMA MILHA, PERCORRE COM ELE DUAS."
"DÁ A QUEM TE PEDE, E DAQUELE QUE TE PEDIR EMPRESTADO NÃO TE VOLTES." - *Jesus*

"ASSIM QUE OS HOMENS COMEÇAM A ESTABELECER LEIS, ELES MOSTRAM-SE INAPTOS PARA A LIBERDADE." - *Pitágoras*

"EIS O QUE A FILOSOFIA ME ENSINOU: A TOMAR POR OPÇÃO O QUE OUTROS HOMENS FAZEM POR RECEIO DA LEI." - *Heródoto*

Estes e inúmeros outros ditos dos maiores, mais sábios e melhores, desde o Messias até os filósofos mundanos, provam que aquilo que é religião - a mais elevada religião - para quem quer que nela acredite, representa, para outro, a mais elevada filosofia, e o estado ideal de todo o mundo. Entre o milênio típico do Cristão, o estado de perfeição do Budismo, e a mais alta realização e conquista dos sentidos do Orientalista, e a filosofia de Platão, ou os ensinamentos daquilo que é a mais alta conquista moral de hoje, existe não a menor diferença.

O idealismo de uma era, através de transformações subtis, torna-se parte da vida prática de outra era, e então há um ideal ainda maior; mas em nenhum lugar de qualquer época, sob qualquer lei ou forma de governo, o homem atingiu ainda o estado perfeito para o qual todos os mestres, filósofos, videntes, sábios e poetas se voltaram continuamente. As obras inspiradas de todas as eras indicam isso; a poesia e a arte de todas as eras revelam isso, e os sonhos dos maiores patriotas e filósofos provam que em algum lugar na esfera dos pertences espirituais do homem está a posse do estado que ainda está para ser alcançado na terra.

Entre aquelas coisas que têm um nome, e ainda assim um nome vagamente compreendido, pensado em termos indefinidos, quase desprezado por um lado e adorado por outro, está o nome do Socialismo: não tendo na mente do público nenhum lugar definido, ele é de várias maneiras considerado como revolução e derramamento de sangue; ou alguma fantasia ou sonho da imaginação, que alguns fanáticos propuseram, mas que nunca poderá ser realizada.

Para falar em termos práticos, além de poéticos, o Socialismo Ideal é o Sermão da Montanha, tocado ao ritmo da vida cotidiana; em termos práticos, o Socialismo, no seu mais elevado sentido, consta da perfeição individual que vem da abnegação do eu, relacionada à perfeição e ao bem-estar de toda a humanidade.

O que sonhadores sonharam e profetas predisseram nunca foi e nunca será realizado sob nenhuma forma de governo arbitrário formado por homens. As formas da lei Levítica não produziam nada entre os filhos de Israel (ou entre os seguidores da igreja na Judeia) que fosse mais elevado do que o seu crescimento espiritual e desenvolvimento mental; com uma lei para cada dia da semana e para toda a ação realizada durante o dia, imposta com a autoridade da igreja, cuja violação estava sujeita a penas severas e árduos sacrifícios religiosos, ainda assim aqueles que viajaram no deserto ou entraram na posse da terra prometida não se elevaram acima do padrão ordinário do egoísmo humano, da aquisição humana e da injustiça humana.

Aquilo que é reivindicado como Socialismo no seu sentido mais elevado não tem que ver com o ato de pôr em prática um esquema impraticável pelo qual os imorais e irresponsáveis devam governar o mundo sem lei, mas tem que ver com a revogação da necessidade da lei colocando o governo humano na única posição adequada que pode ocupar e ser bem-sucedida, a saber, o bem-estar de todos nas mãos de todos, e a responsabilização do indivíduo pelos atos individuais que cometer. Por outras palavras, tem que ver com o predomínio do mais elevado padrão da humanidade ao invés do mais baixo.

A lei de Moisés foi estabelecida para o padrão mais baixo, a tendência natural era a de que todos os homens sob o governo da Judeia iam cair nesse nível. Para o ilustrarmos: se existir uma lei que proíba o

assassinato, o roubo ou qualquer violação do bem-estar pessoal do homem, então o que quer que um homem puder fazer que constitua uma evasão à lei ele procurará fazê-lo. Se ele estiver acima da lei, claro que isso não o afetará; se ele estiver sujeito a ela isso encerrá-lo-á na sua esfera, não o elevará. O padrão da lei Cristã foi o que colocou o Sermão da Montanha além do Sinai; a Regra de Ouro acima dos Dez Mandamentos do decálogo; por outras palavras, colocou o governo da sociedade sobre uma base moral e espiritual, em vez de temporal.

Enquanto Jesus cuidadosamente evitou fazer ou dizer o que quer que fosse que viesse a violar a lei vigente da terra, sob o governo de César, ainda assim voltou toda a tendência para a emancipação moral dos Judeus da escravidão da lei Hebraica, com respeito à natureza moral do homem; elevar o padrão da excelência humana pela responsabilidade humana, e não pela penalidade e pelo medo. A mesma coisa é percebida na afirmação de Heródoto, que dizia que a filosofia lhe ensinara a fazer, por *opção,* o que outros homens faziam por medo; o que era verdade no controlo da Judeia; em que os homens eram bons simplesmente por temerem a penalidade da lei; evitavam usar a violência contra as pessoas e bens uns dos outros simplesmente pelas consequências da uma penalidade a ela associadas.

Não seria considerado um insulto para esta audiência, ou para qualquer grande audiência ou assembleia de qualquer igreja Cristã, dizer que os homens buscavam em comum a prática da honestidade e da retidão, e se abstinham de violar os direitos e a vida dos outros por causa do medo da lei? No entanto, eles não gostariam de o ver submetido a um teste. Quantas vidas existem que consideram a santidade da vida humana, em *função* da vida humana e a dos direitos humanos em *função* dos direitos humanos? Não nos cabe a nós julgar, mas daria um relatório sombrio, na melhor das hipóteses, se isso fosse revelado.

O mundo tem, pois, sido governado não só por monarcas e governantes cuja autoridade era lei, mas por códigos, desde a lei Romana até ao código de Napoleão e até ao presente, presumivelmente, para proteção do homem contra o seu semelhante, e nos períodos do auge máximo da civilização que o mundo já conheceu; de modo que o padrão dos juízos e dos decretos humanos foi baseado, não no que era correto, mas no que era lícito.

Caso a lei esteja sempre acertada e seja boa; mas, suponhamos que a lei esteja errada? Sabemos como os julgamentos humanos erram, e como jamais houve um legislador perfeito desde o tempo de Sólon e Licurgo até os dias atuais. Se a lei estiver errada e os homens só procurarem incentivar o próprio egoísmo e confundir a sua consciência pela adesão à lei em lugar do direito, o que acontecerá ao propósito moral, a intenção latente da humanidade, a exaltação que pertence à mais elevada conceção do dever do homem para com o próximo?

"O que era devido a um cidadão romano sujeito à lei de Roma era devido a todo o mundo. O selvagem que não tinha lei; tinha, entretanto, em certos casos, um código de ação mais elevado. O estrangeiro é um convidado seja no caso do árabe no deserto ou nas planícies da América, nenhuma violação pode acometer aquele que é um estranho, uma vez na tenda, ou *teepee* das tribos errantes que não conhecem as leis da civilização. Os instintos de hospitalidade que vêm ao homem por impulso natural e pela intuição são em países regidos pela lei frequentemente ignorados, e o estranho em vez de ser um hóspede é geralmente visto com suspeição, qualquer viajante em qualquer terra Cristã achará difícil entrar num lar Cristão sem a suspeita de abrigar a intenção da pilhagem, do roubo, e do assassinato; serão esses o produto externo de uma civilização fundada na lei, e será a segurança do estrangeiro entre as tribos selvagens o resultado da ausência de lei?

Achamos que reine uma reverência equivocada na mente das pessoas quanto àquilo que é considerado lei sem referência ao que é justo e correto; por as leis fundadas na mais alta conceção do legislador podem ser mal aplicadas ou podem estar equivocadas na sua redação. Nada poderia ser mais nítido do que a Carta Magna da Inglaterra, mas ainda assim essa abertura de espírito foi substituída pelas leis deste país, nada poderia ser mais óbvio no escopo e intenção do que a Declaração de Independência e a Constituição do vosso próprio país; mas os fundadores vieram justamente da Europa monárquica, acabaram de escapar à escravidão da tirania de um monarca individual, e aqueles que elaboram as leis antiquadas não poderiam prever o crescimento gigantesco que este país sofreu.

A própria formulação das leis com base no padrão do velho país prova que, embora se tenha verificado um novo crescimento da liberdade, não havia nova forma de lei com que a liberdade pudesse ser incorporada,

em benefício das gerações futuras. Daí que, neste país vocês se vejam governados por muitas leis: há a poder judicial, a legislatura e o governo executivo; existe o município, o estado e o governo nacional; existe lei para tudo. Isso faz do poder da elaboração de leis não apenas questão de enorme perplexidade, mas questão de imposição e de ridicularização, e finalmente um poder de fraqueza ao invés de força.

O Socialismo visa o cumprimento do dever mais elevado do homem para com o seu semelhante. Não pela força tal como é expresso na lei, mas por uma condição tão exaltada que torna a responsabilidade que o indivíduo tem para com o todo tão grande que é impossível o indivíduo suportá-la. Isso, porém, num sentido moral, é absolutamente possível. Quem já moveu a guerra contra uma nação absolutamente desarmada; e com que poder poderia uma nação da terra atacar essa querida república pequena que repousa no coração da Europa imperturbada por ser tão pequena? Os quacres são um povo amante da paz e amante da justiça, e desde que eles suportaram as perseguições de um tirano na forma de um monarca, e que o resultado do fanatismo religioso, nunca ninguém pensou em mover a guerra contra eles.

Há comunidades de pessoas em toda a extensão deste país que vivem sem um código de leis, que são pacíficas, que não praticam a violência umas contra as outras, que não roubam e em cujas comunidades nunca se pratica a violência; nenhum assassino visita as comunidades dos Shakers, dos Quacres, dos seguidores da Não Resistência que se mantêm à margem do poder legislativo da terra; a escravidão é, entre eles, desconhecida; eles não violam os direitos uns dos outros, e não há convite algum a que outros o façam. Por outras palavras, reina uma atmosfera moral em torno dessas comunidades pacíficas que não convida o crime. Promovam uma lei contra o assassinato violento e a ciência social revelar-lhes-á que estão a convidar o assassinato.

O Socialismo que obteve maior expressão no século passado foi idealizado na forma de poesia e filosofia, não só nas escolas da Alemanha e da França, mas em toda a Europa; mas mais do que isso, vocês precisam lembrar-se que o Socialismo, em *si mesmo,* a designação, foi criado em meio à tempestade, teve a mão da monarquia nele e ao redor dele; ele foi retirado dos corações e mentes do povo por atos de injustiça e malvadez com que as pessoas foram espezinhadas.

A Alemanha, sob o domínio de um chanceler de ferro, que usou um imperador para o aperfeiçoamento e perpetuação do seu poder, é o próprio santuário e altar do Socialismo iluminado. E por que não deveria ser? De um despotismo militar a um governo ideal da consciência humana e do respeito pelos direitos humanos traduz uma reação tal que inevitavelmente veio a suceder.

Que ninguém cometa o erro de supor que, devido a que por vezes haja quem queira defender a violência ou a defesa pela violência, esse seja o plano básico dos socialistas. Na Holanda, o Socialismo é o plano para um governo estadual, vinte e três dos membros recém-eleitos do parlamento na Holanda são socialistas. Que significará isso? Que assim que a vigilância for removida, que constitui o despotismo militar do império, surgirá o tipo de liberdade de que vocês desfrutam aqui, que constitui o sonho do Socialismo lá, mas que é a lei e governo que vocês aceitam. O Republicanismo é o Socialismo nos países monárquicos. Eles chamam a esses homens Republicanos *Vermelhos* que buscam o tipo de governo que vocês aqui têm.

Mas o Socialismo almeja algo maior ainda. Como o lar é o lugar da santidade em todos os países iluminados, como a sociedade mantém a voz e os seus editais prevalecem ainda mais do que a lei da legislatura ou do poder judiciário, também o tempo está a chegar em que o que é chamado de sociedade governará em vez da lei. Queremos com isto dizer: que se o sentimento moral da comunidade for contra o assassinato, o assassinato não poderá ocorrer; se não houver outro padrão além do da lei contra o assassinato, o assassinato ocorrerá.

Vamos ilustrar o que queremos dizer mesmo se corramos o risco de parecermos severos? Suponham que um assassinato tenha ocorrido na vossa cidade, em vez de permitirem pacificamente que a lei em que vocês têm fé sega o seu curso e encontre a sua vítima e a leve à justiça, quase toda a comunidade fica agitada, não apenas com indignação pelo assassinato, mas com desejo de vingança em relação ao assassino e, frequentemente, em vez de permitirem que os policias nomeados pela lei encontrem o assassino, e fazer com que seja preso, e o levem ao tribunal de justiça, toda a comunidade fica agitada por um sentimento assassino que às vezes é colocado em execução contra o suposto criminoso.

Quem se tornará então o violador da lei? Qual será o padrão da justiça humana quando toda a população se constitui em polícias, xerifes e detetives e procede não apenas ao julgamento, mas, na verdade, à denúncia do assassino e a fazer com que ele seja condenado? Não há possibilidade de imparcialidade em tais circunstâncias.

Por mais degradado que seja o homem, ele ainda deve gozar do benefício de um tribunal imparcial. Em países governados como este país, o erro é que as pessoas supõem que um código de leis, uma vez constituído e em vigor, sejam as leis certas para atender aos fins específicos que têm em vista; mas um pequeno estudo mostrará que se a base estiver errada, toda a superestrutura deverá estar igualmente errada; que uma nação não se eleva, mesmo na execução das suas leis, por melhores que sejam, acima da estatura média do crescimento mental e moral da nação, não importa quais forem as leis.

O Socialismo pretende não apenas cultivar o indivíduo, e fazer com que as convicções individuais, a consciência individual, a mente individual sejam adequadamente treinadas, mas que não existam barreiras entre os indivíduos como as que agora existe, e que nenhum homem possa (em consequência da lealdade que tiver pela lei) violar os outros membros da sociedade. Ao fazer disso uma proposta moral em vez de legal, toda a comunidade se torna proporcionalmente responsável; mas como não constitui uma proposição moral agora, mas apenas legal, que por sua vez se dissolve numa questão política, todo o governo passa a estar relacionado com a política e não com os resultados morais e sociais.

O Socialismo considera que as posses que são dadas a todos devem ser direito de todos, que cada homem deve ter de acordo com o seu merecimento, mérito e habilidades, que não deve haver favoritismo ou distinção, faz do governo social a lei da terra, torna a relação do homem com o seu semelhante suprema, em vez da relação que tem com as coisas.

A diferença entre as civilizações existentes e aquela que é contemplada pelo mais elevado Socialismo, é que as civilizações existentes se baseiam em grande parte nas relações que o homem tem com as coisas; com as posses que não têm uma relação inata ou integral consigo, em vez de se basearem nas relações do homem com o seu semelhante. A

civilização ideal, o Socialismo Ideal, está em fazer com que a ação de todo homem se baseie na relação do homem com o seu semelhante.

Claro que, sendo a religião superior, constitui o poder governante; mas mesmo na forma da filosofia, entre os métodos intelectuais que são empregados por pessoas que não clamam quaisquer convicções religiosas, esse ainda é o padrão: por o governo mais elevado ser aquele que regula a relação que o homem tem com o seu semelhante e em que *as coisas* ajustam-se assim que as relações do homem com o seu semelhante forem as corretas. Supondo, por exemplo, que a Regra de Ouro seja o padrão (que, é claro, é o padrão, sob outras formas e designações por todo o Mundo), não haveria necessidade de leis que afetassem a conduta dos homens em relação aos outros com respeito às posses; uma vez a Regra de Ouro estivesse em operação, quem poderia fazer mal ao seu semelhante?! Se esse padrão for muito elevado, se ainda não tiver sido atingido por nenhum corpo numeroso de pessoas, ainda existem estágios aproximados a ele.

Por uma questão de política, sabe-se que aquilo que interessa ao bem-estar do todo interessa ao indivíduo; por uma questão de bem-estar o homem não se pode dar ao luxo de ser ladrão, por dar o exemplo de roubo a outros e estar tão sujeito a ser uma vítima quanto um operador bem-sucedido; por princípio, especulações que são comuns e completamente reconhecidas pela lei não podem representar os mais altos padrões numa civilização verdadeiramente ideal, porque qualquer coisa que um homem obtenha dos outros pela sua habilidade superior, falsidade ou subterfúgio vai, afinal, prejudicar a sua própria segurança enquanto membro da sociedade e a comunidade comum. Por outras palavras, não pode haver qualquer indução na mais elevada civilização de qualquer tipo de suborno, roubo ou subterfúgio intelectual para tomar posse dos ganhos de outro homem, por imediatamente estabelecer o exemplo para os outros fazerem o mesmo, e qualquer um que goze da mesma capacidade é capaz de o perseguir.

Platão disse que a diferença entre o pequeno ladrão e o grande não é uma diferença no desejo, mas na habilidade. Assim, o homem que rouba uma pequena quantia é preso e aquele que se apropria com sucesso de uma quantia muito grande é admirado e emulado pelo mundo: um fá-lo movido pela necessidade ou, talvez, pela falta de vontade de trabalhar, o outro fá-lo pelo estímulo do desejo de sucesso, pelos prémios que o

mundo oferece por esse tipo de conquista, pela habilidade que constitui o género da especulação moderna; qual dos dois mais viola toda lei contra o roubo?

No estado mais elevado do Socialismo Ideal, o homem é um monstro que, e goza do poder de se aproveitar do seu semelhante, podia, por qualquer tipo de habilidade, obter posse dos resultados do trabalho de outrem. Um gigante como o da fábula que se divertia a comer garotinhos seria considerado um padrão de moralidade em comparação com esse gigante insatisfeito que, sob a civilização existente, é protegido pela lei.

Se o senso moral da comunidade fosse despertado para o verdadeiro espírito do roubo, um homem nunca poderia ser recebido numa comunidade Cristã que tivesse tido parte em qualquer transação comercial para tirar proveito de seu semelhante: mas enquanto for possível, desde que seja permissível, enquanto o governo se fundar nessa base, não pode haver um grito de protesto contra isso.

O mundo não deve apenas aprender a falácia dos métodos existentes: o que quer que surja na forma de monopólios monstruosos, poderes que, com estômagos gananciosos e de polvo, absorvem todas as receitas e indústrias da terra; talvez seja melhor que eles cresçam ao máximo, que a humanidade possa ver, como a um espelho, o monstro que o mundo pode produzir sob o nome de civilização, civilização Cristã.

Quando a ideia Socialista vier a ser melhor compreendida, ou até mesmo quando o nome da Anarquia não for um pesadelo, quando se sabe que o significado genérico do termo não é, conforme foi pervertido pelo vosso vocabulário, “ilegalidade,” mas derivar de uma antiga palavra do norte que significa "sem governantes," isto é, sem um rei ou outros métodos arbitrários de governo; por a mais alta lei ter lugar dentro do espírito humano; mas certamente ninguém pode negar isso, pois quando havia uma lei que favorecia a escravidão, quem foi senão um legislador Americano, um dos conselheiros da nação que se elevou à dignidade do momento e apontou a “lei superior” como evidência de direitos humanos.

Acima dos tribunais judiciais, a corte suprema da vossa terra, existem outras leis que prevalecem sobre a lei; na história de todas as nações, quando essa lei superior, gravada na consciência e convicção do indivíduo, declara que aquilo que está em desacordo com os direitos da

humanidade não pode ser sancionado, embora constitua a lei. “Então,” vocês perguntam “na ausência de qualquer lei o que hão os homens de fazer?” Como fazem agora. Se eles forem ruins, eles violam a lei; se eles forem parcialmente iníquos e não forem corajosos, eles evitam a lei; se forem bons a lei não os afeta, pelo que eles fariam exatamente o mesmo sem a lei. “Mas que padrão de governo deverão usar? Os homens apegam-se à autoridade, e a autoridade forma a base da civilização.” Nem por isso; a inteligência é a base da civilização - o mais elevado conhecimento do governo é o direito, a justiça, e aquilo que pode fazer com que todos os homens se empenhem em imitar o mais elevado e o melhor passa por os forçar a recorrer ao mais elevado padrão em vez do mais baixo.

Se alguém for confrontado com a sua honra, ele fará melhor do que quando é confrontado com a lei. O compromisso do maçom é mais vinculativo do que um tribunal de justiça: aquilo com que um homem se compromete, mesmo sendo um gatuno e um ladrão, é muitas vezes mais compulsivo do que todas as leis da terra. Ele é considerado um vadio errante que, para salvar o próprio pescoço ou a sua liberdade, que não vale um centavo, trai os seus companheiros criminosos. O delator está um grau abaixo do criminoso. Esse é já o sentimento moral da comunidade; o que acontecerá quando, com o duplo poder da consciência e do conhecimento as pessoas na sua mais alta e divina perceção, se alçarem ao pleno entendimento de que até mesmo os mais baixos elementos da sociedade, os criminosos, os rejeitados e aqueles mais propensos a praticar o mal podem ser melhor tratados numa atmosfera de força social e moral do que pela mão do que é chamado de lei?

Existe um certo tipo de mecanismo acerca da lei, que, sem considerar aqueles que administram a lei, pelos melhores motivos, ainda faz com que seja uma espécie de inquisição que por si só desperta os piores elementos da sociedade. Supondo que se deva saber que esse tipo de governo é abandonado, ou que devesse ser abandonado, e que se haveria de estabelecer a base da conduta de todo homem no padrão moral, e cada um se sentisse responsável perante o todo, isso gradualmente se tornaria a lei das comunidades, países e nações.

Não nos passa pela cabeça que qualquer sonhador socialista, por mais selvagem ou utópica que seja a ideia que tenha, suponha que possa ter

lugar num dia ou numa hora. O que quer que alguém pense ser o mais elevado e o melhor, ele precisa defendê-lo, mesmo que a era em que ele vive não esteja amadurecida para isso; mas por tal agitação vocês nunca se encontrariam num país de relativa liberdade, mas para esse tipo de agitação não poderia ter existido uma base para a constituição que os vossos antepassados estabeleceram, mas para esse tipo de agitação não poderia haver esperança para o mundo, para além da cansativa rotina da legislação e do poder legislativo, que não se baseia no mais elevado e sagrado padrão de excelência moral.

Por fim, diz-se que uma escola de socialistas destrói a individualidade e que a outra edifica o indivíduo à custa do todo. O mais elevado Socialismo cultiva o indivíduo em toda a extensão do poder individual, mas não cultiva o individualismo: e por isso queremos dizer que ele não protege o indivíduo à custa do todo, mas faz do fator individual uma das partes na responsabilidade pelo todo. Assim como numa roda, cada raio deve ter a mesma força para tornar a roda útil e completa; não pode haver parcialidade na distribuição da força e do peso que será exercido sobre qualquer um desses fatores. Assim, na sociedade: a perfeição do indivíduo constitui a segurança do todo, mas isso não significa que o egoísmo individual, os propósitos individuais, os esquemas individuais, os desejos individuais ou os quereres individuais sejam levados adiante às custas de outro ou do todo. Como a luz do sol e os planetas nas suas esferas não seriam perfeitos se invadissem um ao outro, assim a luz na vida individual, sob o sistema que determinamos, ficaria, com toda a certeza, ao critério da humanidade que fosse para o interesse, o objetivo e o bem- estar do indivíduo que fosse tão brilhantes e esplendoroso quanto possível.

As maiores tiranias são aquelas que afogam o indivíduo, as monarquias engolem-no à custa do poder que governa; as igrejas, como a de Roma, tiram o máximo partido das faculdades individuais, de cada personalidade, para que possam ser absorvidos e perder-se de vista pelo poder controlador da igreja. Com o Socialismo não acontece isso: ele derrama no exterior a luz do indivíduo, da família, da sociedade, enfim o seu brilho preenche e envolve o todo, e aquilo que torna o brilho particular em qualquer vida individual torna-o brilhante para o bem-estar da humanidade.

Tal como o génio pertence às eras não a nenhum país ou nação, como toda a humanidade cultua no santuário da bondade sem levar em consideração raça, cor ou era, também a humanidade amadurecida se volta para aquela era de ouro, aquele período de emancipação, aquela liberdade individual que não venha a significar licença, mas somente aquilo por que é digno ser-se livre.

Não há liberdade no pecado, na maldade, na tirania, no despotismo, no egoísmo que defrauda o próximo com todo tipo de desonestidade. A liberdade nasce dos céus, é a herança gloriosa do espírito iluminado. Ninguém que seja degradado ignorante ou oprimido pode possuí-la; embora agraciada mil vezes sobre aquele que é indigno, ele não poderia mantê-la nem por um dia. É uma joia de preço tão raro que só pode ser conquistada pela exaltação que vem da força individual. Uma liberdade dessas, só é consistente com que a maior civilização, que é chamada de Cristã; um ideal como esse constitui aquele estado ideal mais elevado com que Platão sonhou, ensinado pelos seus sucessores, levado por diante na sua filosofia, que brotou nos vários esquemas sociais por toda a Europa.

A Alemanha e a França anunciaram a luz dessa aurora, mas afogados em sangue, silenciados ao som dos gritos de guerra ou dos gemidos dos que se encolhem sob o chicote e o terror dos tiranos; a sua voz não pode ser ouvida; mas, há de erguer-se e ascender de novo e de novo, tal como se ergue mesmo aqui.

Além dos vossos dias de relativa liberdade, um dia melhor ainda está reservado para vós; além de sua luz comparativa, uma luz melhor está já a chegar; aquilo que os levará a saber que a atual liberdade, que responde pela justiça, é apenas a fraqueza de uma criança em comparação com aquela força gloriosa que vem da liberdade de consciência, liberdade de vontade, liberdade de uma vida iluminada. A liberdade de consciência deixa o coração aberto a Deus; a liberdade de vontade deixa o caminho aberto à ação justa e verdadeira; a liberdade de vida significa liberdade de todo apetite, paixão ou desejo degradante que deve prejudicar o tecido formoso que é a obra de Deus.

SOCIALISMO IDEAL
Poema improvisado

Como a manhã promete o dia,
Mesmo antes de ele chegar,
Também a vida, em harmonia,
Mostra o que há de despontar.
E aponta ao cume a brilhar,
Onde o homem vai chegar.

A criança é prenúncio do ser
Que, em sonho e aspiração,
Procura o tempo de renascer
Segundo a divina intenção.
Alcançará o seu ideal,
E será nome imortal.

Anseiem, pois, por tal viver,
Que mostre o fim da jornada;
Onde o pranto há de morrer,
E a alma será iluminada.
Quando todos se unirem, então,
Será um só o coração.

E se cada qual for como um astro a brilhar,
Nenhum será o próprio sol;
Mas cada um no seu lugar
Formará o ano ideal, o rol.
Completa será a estação
Com perfeita realização.

É o ideal que o mundo guia;
O homem não nasce do pó,
Não cai do céu sem valentia —
Seu poder guarda-o só.
E, à luz de um sonho fiel,
Liberta-se do cruel.

Quando tudo se unir e for são,
Completa é a perfeição;
E a humanidade em união

Verá cumprir-se a visão.
Perante o Trono de Luz virá
O espírito puro, em paz ficará.

Sim, o ideal é o que é real;
Poetas e profetas o dizem:
Que esta noite, irreal e banal,
Findará como brumas que partem.
E no que o homem soube erguer,
Na meta eterna, a florescer,
O ideal será seu altar,
No reino da alma a reinar.

BÊNÇÃO

Que aquele estado perfeito que vem de dentro, aquela luz mais elevada que conhece o poder governante de Deus e da verdade, seja para sempre o vosso ideal. Amém.

OS SINAIS DOS TEMPOS
(MATERIALISMO)

No discurso proferido sob inspiração pela Sra. Cora L.V. Tappan, em Cleveland Hall, Londres, na noite de Domingo do 1º de Março de 1874.

"NÃO CONSEGUEM DISCERNIR OS SINAIS DOS TEMPOS?"
MATEUS 16:3

Os Egípcios, hábeis nas leis que controlam os elementos materiais, estavam acostumados a colocar ao longo das margens do rio Nilo indicadores e sinais, por meio dos quais poderiam dizer, pela subida das águas, quando as águas iriam transbordar e inundar os campos para eles poderem recolher os seus tesouros, os grãos, e as suas famílias para lugares de segurança. O astrónomo, por certas leis conhecidas ligadas à sua ciência, é capaz de prever o surgimento e o regresso de cometas, as várias mudanças que devem ocorrer com respeito aos planetas, determinar com certeza os eclipses que deverão ocorrer, e quando se verificará algum trânsito dos diversos planetas ligados ao sistema solar. A matemática é de tal modo infalível que é quase uma

questão de certeza determinar o que ocorrerá em qualquer sector da ciência que seja governada pelas suas leis.

Com referência apenas ao mundo moral e religioso, e àquela região desconhecida da verdade espiritual, o homem deve ser deixado entregue à escuridão e à ignorância; e aí reconstruir os seus pontos de vista unicamente com base no império da fé, ou descartar por completo toda e qualquer evidência de mudanças espirituais que possam estar a ocorrer no mundo de hoje. Consequentemente, o estudante da ciência espiritual é obrigado a recorrer a outros meios, e a virar a maré da investigação para dentro, de modo a poder descobrir se possível os sinais que se apresentem que pressagiem mudanças no mundo espiritual do homem.

Normalmente, aquilo que foi denominado natureza religiosa do homem foi completamente sujeito a certas fórmulas e, enquanto todos os outros sectores da inteligência humana tem vindo gradualmente a passar por etapas de progressão. A própria ciência tem sofrido avanços tão rápidos, e as leis que pertencem à natureza material do homem foram tão bem e com tal clareza definidas, que a maioria das mentes, concentradas no pensamento moderno, dirigem a sua investigação para a ciência material em vez da espiritual. Chegou a ser um fato que o grande mundo da agitação mental da atualidade, com tudo a augurar a mudança no desenvolvimento da mente do homem, chegou a relacionar-se em exclusivo com a natureza material do homem.

A ciência, orgulhosa de suas conquistas, e com razão, forte na instituição da lei e inatacável em seus princípios primordiais, arrogou, não obstante, a si própria mais direitos do que realmente possui, e alega não apenas ditar ao homem as propriedades e elementos que constituem o seu corpo físico, mas também barrar a porta à investigação daquilo que diz respeito à sua natureza imaterial. Daí que hoje, se lançarmos o olhar pelo mundo, vemos que por entre as mentes mais importantes da Terra, o ímpeto principal do pensamento moderno, aquele que permeia a literatura e, de certa forma dissimulada inunda todas as classes das mentes intelectuais, é a ausência de qualquer fé ou crença no portento da verdade espiritual.

Enquanto todas as outras coisas sejam profetizadas com base numa base científica; enquanto outras coisas são notadas do ponto de vista da razão e filosofia rigorosas; enquanto todos as outras coisas sejam

caracterizadas pela mudança, é proibido, nesta escola moderna, descobrir qualquer coisa, revelar qualquer coisa, apontar qualquer mudança, ou discernir quaisquer sinais no céu com respeito ao seu bem-estar espiritual.

O resultado foi que, na própria igreja o fogo lentamente invasivo do materialismo está gradual e silenciosamente a consumir, através de dissensões, discussões e divisão, a molécula da vida espiritual que certa vez lá existiu, ou que até agora a cercou e envolveu com a sua névoa de modo a levar a discussão teológica a responder em vez da força e fervor religioso.

Ou melhor: os ousados e arrogantes pressupostos da ciência são de tal natureza que quase desafia uma resposta da parte daqueles que simplesmente dispõem das teorias da religião para lhe responder; mas o desafio é audazmente posta de lado por parte das fileiras materialistas em reforço da cidadela de força e poder espiritual, dizendo: "Se existir alguma natureza espiritual no homem, e se alguma coisa houver nas revelações do passado, mostrem-nos esse algo no presente e provem-no!"

Prova toma o lugar da fé, a razão toma o lugar da crença, e a mente, acostumada a alongar-se nas conclusões da matemática, não se vai render às formas subtis e invisíveis de raciocínio que pertencem à natureza espiritual; mas nós só precisamos olhar à volta do mundo para descobrirmos, em primeiro lugar, a Igreja dividida contra si mesma naquilo que constitui o elemento essencial da sua fé; em segundo lugar, para constatarmos Estado em guerra contra Estado naquilo que constitui os direitos da crença religiosa e o objetivo religioso das fações que se digladiam de construir um poder material; enquanto tudo o que de espiritual e inspirador a religião tem passar sob o olhar de escárnio do homem.

Ou encontramos a perspetiva de alguns que, permanecendo nas vestes sacerdotais, ainda tentam invocar a presença da bênção divina sobre os seus labores, enquanto lutam contra esta onda de materialismo por fora e por dentro. Por outro lado, como foi dito, uma forte onda de materialismo que persegue todos os departamentos da vida, que reivindica uma voz na base sólida dos fatos científicos, e pede que o homem possa ser o árbitro em todas as questões que digam respeito ao

homem e à natura, ao homem e ao poder invisível que ainda não foi investigado.

Os sinais assim pressagiados são mais graves, por estarmos bem cientes de que, na história do passado, toda tentativa de progresso, toda tentativa de estabelecer um novo pensamento ou uma melhoria no bem-estar material do homem, infelizmente encontrou resistência da parte do próprio poder que reivindica supremacia sobre a natureza espiritual do homem; infelizmente, as verdades da ciência, comprovadas como tal pela sua existência e poder, não têm sido incentivados, pelo que o homem de ciência ousa dizer que a verdade que ele descobriu ter sido negado pela Igreja, pelo que ele por sua vez negará as verdades sobre as quais a Igreja se acha fundada.

A guerra entre esses dois elementos na sociedade humana torna-se, portanto, apenas uma questão de tempo, a menos que se seja acrescentada alguma nova força ao poder que se liga e se une ao destino espiritual do homem. Vocês não pode esperar que a Igreja, na sua qualidade exclusiva, responda a questões distintas sobre a ciência. Vocês não podem esperar que a Igreja, na sua atual forma de organização, defina em vão, ou em algum grau refute o que o materialismo afirmou. A não ser que a Igreja possua uma nova fé, um novo fervor, novas formas de inspiração e novas provas a oferecer, ela deverá sofrer neste conflito e, por fim, render-se.

A história das guerras religiosas do passado provou isso; a guerra do atual conflito da Igreja de Roma com o poder temporal do Império Alemão prova isso; a história das vossas próprias guerras religiosas prova isso; e o estado atual da ciência moderna prova isso de forma conclusiva. É dentro da Igreja, dentro do âmbito da lei eclesiástica, e dentro das fileiras das mentes iluminadas e cultas que os principais fundamentos do materialismo exercem a sua mais forte influência; enquanto aí também, conforme dissemos, essa falta de harmonia, as várias divisões aí existentes e a ausência de poder espiritual efetivo, dão aos inimigos da natureza espiritual do homem a força do poder exclusivo.

Mas tem havido quem, dentro e fora da Igreja, dentro e fora do âmbito da ciência material, evidentemente tenha alimentado a expectativa e esperado, quase contra a esperança, que uma nova forma de testemunho espiritual fosse dada ao mundo. Houve quem, dotados da

visão da profecia, viram que deve chegar um momento em que este conflito entre Igreja e Estado, entre a religião e a materialidade, tome o lugar de todas as outras questões; e que então, a menos que se verifique um derramamento renovado do Espírito, a natureza material e a ciência material obteriam o mais forte poder sobre a Terra.

Com o olho da profecia, aqueles que tiveram essas visões espirituais continuaram a aguardar ansiosamente algumas mudanças com respeito a este período da história da Terra. Eles acreditam que seja algo que esteja relacionado com a sua fé estabelecida. Os Filhos de Israel, ao perambularem pela terra, aguardaram confiantemente a vinda de um novo Cristo, que reunisse os seus povos dispersos e os governasse de uma forma régia; surgiram nos últimos tempos diversas denominações Cristãs cada qual prevendo um novo poder e visita do Espírito, umas de uma forma e outras de outra; e dessas seitas, vários filantropos e filósofos, transcendendo a ciência material, aguardaram ansiosamente com olhos saudosos dirigidos para o céu para determinar se talvez não poderá ter havido nesta época do mundo algum novo poder do Espírito que tenha visitado a Terra.

Em vão exigem os homens sinais! Em vão pedem os homens provas sobrenaturais! Em vão, buscam a vinda de um reino material ou poder estabelecido que revela que a sua religião especial seja verdadeira! Vocês não estão a olhar na direção certa! Aqueles que buscam não o fazem com o olho do Espírito; aqueles que questionam não questionam de maneira apropriada, pois os sinais já existem, e as provas e os poderes dessa visita já se encontram amplamente disseminados pela terra.

Alguns procuram sinais nas nuvens, anunciados ao som de trombetas e a vinda do reino temporal, cujo poder venha a restaurar o poder perdido. Alguns buscam a voz de um anjo e o som da trombeta que convocará os mortos e os vivos para o juízo. Alguns andam à procura de uma completa destruição pelo fogo, pela qual a terra seja consumida como numa fornalha, e onde os ímpios sejam queimados, e de que aqueles que sejam bons devam escapar. Mas embora vocês não saibam, o fogo já se acha disseminado pela terra, uma chama consume já a terra; o Espírito inquisitivo que inspeciona todos os corações está perto de vós; o céu está cheio de sinais; a terra está animada por vozes e o ar escurece com as mudanças que estão a ocorrer.

Se a Igreja temporal procura nesses signos a consolidação de seu poder, não a conseguirá. Se o pobre homem de Roma, cujos últimos finais se aproximam, procurar de novo a aquisição do seu poder temporal, não o conseguirá. Se o Imperador Alemão, para garante do seu poder material, procurar edificar o poder temporal da Igreja, não o conseguirá. Se alguma igreja da Cristandade buscar uma visita especial para que as suas doutrinas imediatas ou particulares possam ser aplicadas e sustentadas, descobrirá que isso não lhe advirá. Mas, antes pelo contrário, essa voz que se acha entre os homens está a desintegrar essas seitas e denominações.

É como aquela videira que desintegra e gradualmente destrói os enormes templos nas ilhas das "Índias Ocidentais," abre caminho através do granito mais sólido e em silêncio fende as rochas em dois, até que o edifício desmorona. Aquele que espera que o poder do Espírito desça sobre uma nação, dinastia ou credo individual, ou classe individual, ver-se-á desapontado, ao perceber pelos sinais dos tempos em que estão a cair e a desmoronar em cinzas. A própria Roma, a mais antiga mãe da Igreja, desvia-se das garras daquele que busca deter poder material. Mas eis que uma outra Roma se erguerá sobre as suas cinzas -- a Roma de um novo espírito e de uma fé acesa!

A Igreja que está espalhada pela vossa terra espera sustento da parte do Estado. Mas vejam quão rapidamente está a desaparecer; e, em seu lugar uma outra Igreja, que brota do Espírito e dotada de vida e fôlego, fervor e inspiração religiosa, lhe ocupará o lugar. A última batalha da Igreja material está próxima. Essa forma particular de veneração que busca erguer o externo, enquanto esquece o espírito interior -- essa forma que Jesus repreendeu quando denunciou os Fariseus e os Saduceus -- está agora a ser repreendida pelo mesmo Espírito que aparece sobre a Terra.

A ciência em si própria é uma das chamas que está fadada a consumir esse materialismo. Essa ciência tão orgulhosa das suas realizações e tão arrogante nas suas suposições, tomou o lugar da espada, e fendeu em dois a forte fundação da veneração material que usurpa o lugar do Espírito. A ciência, por seu turno, precisa ser purgada e purificada por uma chama ainda mais profunda, que lhe mostrará que, conquanto ela tenha revelado os atributos temporais do reino de Deus, ela esqueceu

aquele reino maior e espiritual, pelo qual os caminhos e as obras de Deus se manifestam.

Essa verdade espiritual, esse fogo espiritual, vem hoje de uma forma estranha. Surge por formas diversificadas, por muitas vozes e com mil línguas. Vem com indicações e sinais que denotam a presença, não apenas de uma nova ciência, mas de um novo poder, força e fervor na religião; e aqueles que não enxergam esses sinais, ou são voluntariamente cegos ou não têm perceção da atmosfera espiritual. O astrónomo, o químico, o geólogo, o homem da história, se ele não notar o que se encontra no mundo -- se ele não vir os indicadores que se acham disseminados -- deverá então sujeitar-se à acusação de ser voluntariamente cego e desmotivado, por os sinais andarem a pairar pelo ar.

"De que forma?" perguntarão vocês. "Que forma adotarão esses sinais? Que sinais serão esses, para que possamos procurá-los e discernir-lhes o significado?" Respondemos: Estão na própria sublevação da Igreja e do Estado, nas próprias dissonâncias que distraem os homens, nos próprios conflitos que se travam entre os poderes materiais, no ato de subversão das dinastias e dos tronos materiais, no fervor com que a ciência prossegue os labores, como ela acredita, que derrubarão aquilo que o passado ergueu.

Porém, ela destrói de forma imprudente, dado que crê não vir a haver ressurreição; derruba de forma cega, por acreditar que a religião se acha rodeada de formas decadentes, e que não surgirá nenhum novo império espiritual; ela derruba, pensando que com a extinção da intolerância e da superstição a religião seja extinta, e que não venham a haver mais altares sagrados e santuários da fé espiritual. Tal não é o caso. A destruição que está a ocorrer pelo mundo por formas materiais denota o alicerçar do Espírito; o conflito entre os poderes materiais denota a presença do Espírito, uma alma maior, um poder subtil e silencioso a abrir caminho por etapas infinitesimalmente pequenas, lentas mas potentes -- indica ao homem a presença de uma força espiritual até aqui desconhecida, mas que responde de imediato às demandas do materialismo e repreende a incredulidade dos que chamam a si próprios crentes.

Referimo-nos à descoberta da prova real, da evidência potente, aos testemunhos contínuos que estão a ser obtidos da existência da natureza espiritual do homem e dos espíritos dos homens que pairam próximo à Terra. A parte da Igreja que nega essas manifestações hoje é na realidade o anticristo desta era; enquanto aqueles sábios, dentro da Igreja, que veem estes sinais e admitem a sua presença, estão a realizar um ato de regeneração na Igreja que tomará o lugar de uma mera crença formal. Há uns poucos dentro do corpo eclesiástico que, moldando os seus pontos de vista na atmosfera do pensamento moderno, e percebendo a presença desse poder e fervor de comunhão espiritual, ousam proclamar a sua crença na presença e visita das almas desencarnadas.

Este fato não induziria tanto ao escárnio se não tivesse sido imprudente e firme e inabalavelmente negado durante o último quarto de século: este fato não apelaria tanto à denúncia se não fosse um dos fundamentos primordiais da própria Igreja, e não teria induzido tanta negação se, nos lugares dessas provas e dessa evidência, fosse meramente fundada na imaginação do pensamento. Mas, em vez disso, torna-se não apenas uma forma de aspiração e crença, mas uma certeza, na qual o devoto em espírito contempla anjos auxiliares divinos, e estabelece conversa com pessoas reais; por meio do que a mente mais material pode alcançar o convencimento, e aquele que se encontra na mais abjeta posição de escravo dos seus sentidos materiais pode ver todos os sentidos persuadidos.

A Igreja não tem argumento a dar contra a ciência, quando diz: "Demonstramos terra e ar; analisamos o átomo e plantamos os nossos telescópios contra a cúpula do céu, e não encontramos Espírito nem Deus." Mas se a partir desse ar destituído de voz, e deste mesmo elemento que o homem da ciência afirma ter analisado, surge uma força positiva, uma presença tangível, uma voz real, uma aparição viva, o seu sábio é reduzido a nada, deve parar com o seu sofisma e é obrigado a calar-se.

Se, a acompanhar isso, também surgirem garantias de uma existência espiritual distinta, garantias de uma atmosfera de vida espiritual à volta de toda a terra que não é do conhecimento da ciência, nem é analisada pelos meios de que dispõe, mas palpável, real e capaz de demonstração, então o silêncio deve ocupar o lugar do ridículo, e o homem da ciência

deve fazer uma pausa antes de pronunciar sentenças sobre aquele vasto reino espiritual do qual ele ainda não sabe nada.

A religião, por outro lado, devia manifestar-se e sustentar a visão, animar e elevar a voz corroborante dos seus ministérios. A teologia, porém, não faz isso, mas toma por certo o próprio poder que detém, e de forma ignorante rejeita esse testemunho divino da presença espiritual e do ministério angélico.

A verdadeira religião de bom grado se vale de toda forma de testemunho; pois a mente humana, que carece dessa nova evidência, não possui aquilo que constitui a principal prova daquelas revelações passadas que tanto se fundiram no fanatismo e na superstição, enquanto os homens devotos hoje se levantam como mestres da humanidade, dotados de visão espiritual, e ousadamente declaram que há presenças na atmosfera, vozes que se evidenciam ao homem, sons, mensagens espirituais que surgem na atmosfera, que indicam um novo poder e fervor, e a elevação da fé espiritual do homem.

A essa nova manifestação, a essa presença -- seja qual for o nome que vocês possam chamar-lhe -- para esse influxo espiritual, enquanto ciência e enquanto testemunho espiritual, o estudante moderno deve voltar-se se quiser provar a existência espiritual; a isso precisa o materialista submeter-se se vocês quiserem que ele negue e abjure o seu materialismo; para isso, se deve encaminhar o descrente, se vocês lhe derem amplas provas da mente separada do corpo e da manifestação do Espírito.

Esse testemunho e essa ciência manifestam-se de muitas maneiras. A literatura do último quarto de século esteve imbuída do espírito subtil da presença de anjos da guarda: novelas e romances estiveram repletos da perceção desse novo elemento no mundo material, e os vossos heróis e heroínas são resgatados do perigo iminente pela presença de espíritos auxiliares. A própria arte na pintura tomou a forma de mensageiros invisíveis que pairam sobre aqueles que estão adormecidos ou em perigo; a mãe é retratada a sonhar com o anjo da morte a levar consigo o espírito do seu filho, enquanto ela dedica uma afeiçoada vigília ao corpo que já expirou. Os seres angélicos, silenciosos e potentes, são representados como pairando sobre as nações, brandindo com o poder das suas poderosas presenças influências que controlarão o destino

desses povos. As dinastias são representadas como estar sob a mão de presenças espirituais quando usurpam o lugar da tirania e do erro.

Mais uma vez, altas e poderosas presenças são representadas com hostes invisíveis a guardar os sagrados santuários da liberdade e do progresso, enquanto o homem luta cegamente no seu caminho finito. Mas isso não é tudo: o lar em si é transformada no centro das visitas angélicas; em torno do seu altar e santuário os entes queridos se reúnem, para estabelecer conversa e comunhão com seres invisíveis. A distância entre o mundo do espírito e o mundo da matéria tem sido colmatada de maneiras novas e inabituais, e por muitos métodos e formas de diálogo. As vozes dos mortos não foram silenciadas, mas na verdade são eloquentes no vosso meio. A mãe que sonhou que o seu querido filho partiu, que o amplo espaço da sepultura a separa do seu muito amado, mantém agora diálogo por formas palpáveis de comunhão.

O patriarca de cabelos grisalhos, que espera o mensageiro final para o conduzir à entrada da vida eterna, é consolado pela consciência da presença daqueles que foram antes, e o caminho para a sepultura deixou de ser um caminho tempestuoso e ameaçador pelas mãos auxiliares de anjos invisíveis que lideram o caminho adiante. O mundo tem uma visita nova e inusitada. Aqueles que são velhos são dotados de visões e sons pouco usuais; os jovens falam com vozes incomuns de eloquência; catraios têm visões e moças predizem e profetizam. Por todos os lugares existem sinais e símbolos sagrados; porquanto os doentes são reabilitados, os cegos veem, e os surdos são levados a ouvir. Correm vozes que indicam uma atmosfera viva dotada de inteligência espiritual.

O que deverá ser isso? Que resultará disso? Alguém pode duvidar? A sepultura sem voz, o espaço vazio está a ser povoado e ocupado por almas vivas. Todo aquele espaço entre o materialista e o Deus invisível, em quem ele não acredita, está a ser preenchido de vida e inteligência -- vida ativa e agressiva, que não o levará à incerteza nem à inatividade até que ele veja com os olhos do seu espírito, e contemple essas presenças vivas. Aquele espaço que separa o crente do amado da sua alma, o Cristão do ídolo do seu lar, esse amplo espaço de morte é coberto pelo novo arco-íris da crença, e o vazio existente entre a casa e o lar celestial é preenchido pelas doces vozes dos espíritos que socorrem.

Sinais dos tempos! Olhem, impérios a desmoronar em torno de vós; dinastias a desaparecer diante da vossa vista; tiranias e escravos a dispersar-se; formas eclesiásticas a abdicar -- não são nada em comparação com o funcionamento silencioso desse poder subtil, que em cada lar e cada altar e santuário constrói no lugar da morte uma forma de vida -- em vez de materialismo, uma forma de excelência espiritual. Por eles, principalmente, o coração será primeiro feito espiritual, a mente deverá ser educada, a alma consciente dos seus próprios atributos, e a grandeza divina do espírito que vocês procuram em algum signo fantástico está no vosso próprio seio, e a luta está dentro dos vossos corações e não no mundo exterior. Nas nuvens surge Deus, no ar torna-se a Sua voz aparente, a terra os Seus pés pisam sempre, e os corações dos homens estão cheios da consciência desse feitiço vivo e potente.

O materialismo pode erguer os muris, a ciência pode criar as suas formas sem vida contra a própria cúpula do céu, e no lugar da alma viva do homem pode colocar um mero sonho de matéria, de conhecimento formal e científico. Mas esta voz irá descobrir isso; este espírito irá levá-lo às suas profundezas e derrubar toda forma que não seja dotada de alma, que não esteja aliada à Divindade, toda expressão que não reconhece o espírito, todo termo que não esteja prenhe de verdade. Recordem-se da festa de Belshazar; lembrem-se de que os vasos sagrados de Jeová tinham guardavam o vinho de um povo sem Deus; lembrem-se de que os templos foram profanados, roubando-lhes implacavelmente esses vasos; e lembre-se, também, como chegou àqueles que se estavam a banquetear um aviso, significando que um novo templo deveria ser criado.

Esse novo templo de Jeová é o homem -- o seu corpo e espírito, os vasos, os pagãos ímpios que encerra são o materialismo, o fanatismo, a contenda e a disputa. Vós próprios sois os *vasos de Jeová* cheios do vinho desta contenda, desse materialismo. Este é o templo que precisa ser purgado e purificado, e o seu santuário e altar não mais alvo de profanação por parte presenças ímpias e injustas; este templo do homem, a estrutura do seu corpo físico, feito para adornar, embelezar e aperfeiçoar a alma em que o espírito derramou o novo vinho da verdade -- a verdade perfeita permanente, o fervor da alma, o fogo da excelência viva. Seja como for o caminho que vocês o possam negar; por qualquer forma que o mundo possa zombar e desprezar; seja por que meio for que vocês possam procurar evitar os sinais dessa presença, eis que a escrita

está na parede, as paredes cedem e desmoronam, as hostes do materialismo, do despotismo e fanatismo esvoaçam diante desta presença avançada, e "Mene tekel upharsin**" é escrito nos templos decadentes do materialismo e fanatismo.

**NT: As palavras que Belshazar vira gravadas numa visão, que foram interpretadas por Daniel, foram adicionadas ao sonho de um homem semelhante a José do Egito, o anúncio do contrário do que augurava; o fim, o erro e a divisão.*

***NT: Mene, mene, tekel upharsin, passagem em aramaico que se supõe significar - Foste contado, pesado e achado em falta e dividido será o teu reino.*

A NATUREZA DA EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO

OS DONS ESPIRITUAIS

TRANSMITIDO PELA MEDIUNIDADE
DA
SRA. CORA LV RICHMOND
1884

AO LEITOR

Os Quinze Discursos que compõem este trabalho foram transmitidos pela ordem aqui apresentada, em São Francisco, durante a primavera e o verão de 1883, e são publicados com o consentimento e aprovação dos seus autores.

Para aqueles que não estão familiarizados com o controlo espiritual, poderá ser de algum interesse saber que a Sra. Richmond em todas as suas palestras públicas se encontra em transe ou num estado inconsciente, e o espírito influente usa a voz e controla todos os movimentos do corpo com facilidade e graça. Todo discurso é precedido por uma oração apropriada e, geralmente, no final, um controlador poeta compõe um poema de improviso sobre um assunto selecionado pelo público.

Estas páginas contêm um poder e um mérito intrínseco que constitui o seu próprio elogio, e que as suscita. O profundo interesse e atenção com

que estes discursos foram recebidos pelo povo de São Francisco parecem-me ser uma indicação animadora dos sentimentos que serão despertados no público por todo o mundo, que também os ouvirá por meio da arte do fonógrafo e da imprensa.

Qualquer que seja o matiz ou o estado da sua mente, leitor atento e qualquer que seja o conhecimento que tenha e a interpretação que faça da vida humana, estou confiante de que encontrará aqui muita matéria a que o seu eu interior reagirá, muitas perguntas angustiantes respondidas, muito para alívio na grande hora da tristeza, muito para consolo e elevação do desencorajamento e severidade da peregrinação terrena, a suscitar a sublimidade da sua natureza e a confrontar a sua admiração, e muito para silencio do orgulho e dos pensamentos não caridosos; ao longo de todas essas páginas você não poderá deixar de notar uma grande e suplicante voz de carinho que o conduziria calma e inteligentemente, certamente para cima, para a consciência de uma vida espiritual duradoura e exaltada.

O repórter

VIDA ESPIRITUAL

O espiritualista eliminou literalmente o Reino do Céu - as suas paredes de latão, as suas ruas pavimentadas a ouro, os seus portões de pérola, o seu trono de alabastro - e declara ao teólogo que esses são termos simbólicos e não literais, e de modo nenhum expressam o reino espiritual. O Espiritualista eliminou o reino literal do fogo do inferno, com o seu lago de enxofre, o Geena literal, e substitui-o em vez disso por um estado ou condição da mente que ele declara ser o verdadeiro inferno.

Se isso tiver sido realizado à luz da doutrina espiritual, não existirá ainda tanto perigo do Espiritualista se transviar para um céu literal ou um inferno literal quanto o teólogo, a quem ele criticou com a sua doutrina inicial? Se o reino do espírito for um reino de vida orgânica, então ele deverá estar sujeito ao calor e ao frio, à influência dos raios do sol, à lei da gravidade, e a tudo o que afeta as substâncias da Terra e dos planetas. Se for se achar situado, será mais material, se possível, do que o Reino dos Céus que o teólogo retratou.

Quando um homem se chega a vós numa condição desprezível de miséria, vocês não verão a miséria nas suas roupas, a menos que se trate da miséria da pobreza que não pode permitir roupas melhores. Você nem sempre a vê retratada no seu semblante, mas quando lhe penetra no pensamento, quando ele se lhes confidencia ele diz: "Eu estou num inferno." De que inferno se tratará? É um estado de infelicidade o qual, se ele amanhã entrasse na vida espiritual, provavelmente o acompanharia e constituiria o seu estado na existência espiritual.

Se um homem vem até vós cercado pelas más condições da vida terrena, com a simples subsistência na qual o corpo se pode alimentar dia a dia, e ainda assim ele lhes disser: " Eu sou perfeitamente feliz, eu estou num céu," certamente não atribuirão isso ao seu ambiente físico, nem julgarão que faça parte da sua estrutura orgânica física. Se ele passar para a vida espiritual amanhã, ele levará esse céu com ele e constituirá o reino da vida em que ele aí viverá.

O espiritualista é propenso a apresentar o mundo espiritual de modo que pareça real à humanidade confundir a substância e a vida material, a vida orgânica e literal, com a realidade. De longe, a porção maior e a única parte da vossa vida real hoje, neste instante, não se traduz pelo ambiente, nem por esta assembleia, nem pela vossa roupa, nem pelos assentos que vocês ocupam, nem pelos corpos que são visíveis aos demais, mas pelo pensamento que se acha encerrado nos vossos corações e espíritos, que compõem o mundo ou a entidade que vocês habitam; e vocês contemplam estas cenas circunvizinhas, não apenas com referência à sua existência, mas com respeito à compreensão que têm delas.

O homem de visão estreita e ideias tacanhas, que a presenta défice de pensamento e cultura, e uma combinação de cor e tamanho, vê tudo por invertido por essa falta de compreensão; enquanto aquele que possui clareza de ideias vê o mundo da matéria com respeito à conceção que tem e não com respeito ao próprio mundo material.

A existência do homem sobre a terra é uma existência ideal; é o resultado do pensamento que o precede. O homem é mais do que um composto químico, que come, bebe, dorme e se reproduz, e que depois desaparece. Aquilo que constitui a humanidade sobre a terra é a amplo reino ideal que embeleza o que toca, molda a matéria por formas adaptadas ao seu ideal, treina os elementos que se acham em torno do homem, e os conduz à sujeição do seu pensamento e razão, criando assim um reino de existência sobrenatural ou real interior, em meio a este mundo material.

Foram feitos diversos discursos que ilustram o fato de a matéria não ser contínua na sua organização, e de que não pode se pode confiar nela pela aparência que apresenta aos sentidos; que tanto se pode tornar invisível como visível, sem a ação ou a ajuda da lei material, e de que se vocês fundamentarem a existência na esfera da vida material interior, a existência do homem deverá decrescer até à esfera estreita que é ocupada pelo átomo, em vez do reino infinito que é ocupado pela alma. Não vejo razão alguma para que os Espiritualistas devam tornar os padrões da vida materiais. Não conheço razão nenhuma pela qual o Espiritualista deva limitar-se a esse culto da matéria que constitui expressão orgânica, em vez do reino do espírito que constitui a fonte da vida.

É bastante bom que o Materialista, que depreende que não exista um reino do espírito, se esforce por explicar todos os fenómenos da vida humana pelos padrões da chamada ciência material. Mas é certamente um trabalho de supererrogação (excesso) o Espiritualista que acredita num padrão espiritual de existência, que compreende que o espírito é a origem da vida, e que, a haver alguma existência além da vida material, deva saber que essa existência é superior à vida material e, por conseguinte, não depende dela - dizemos que é supérfluo ele tomar esses padrões de existência como materiais em vez de espirituais.

A grande premissa, pois, subjacente a tudo isto, assenta no seguinte: deverá algo ser material para ser real? E nós respondemos enfaticamente e em termos conclusivos e para sempre, não! A realidade não é a materialidade. A ser assim, não existiria nada real na vida; não haveria nada na aspiração; não haverá nada em parte nenhuma da vida humana nem da história. Se a matéria for a única realidade, então aquilo que não é pensamento, que não é criação, que não é lei, nem vida, nem inteligência, deverá ser a única coisa duradoura e real no universo. Para ser real, uma coisa deve estar relacionada e formar parte daquilo que é eterno.

Para ser real, qualquer coisa tem que existir com referência à origem do ser. Para ser real, deve apresentar indestrutibilidade, e isso não se aplica a forma, combinação ou lei nenhuma da existência material. A própria palavra "substância," que se aplica àquilo de que a terra é feita, e que é um termo usado para expressar uma condição inferior, é aquilo que se encontra por baixo, aquilo que é menor do que aquilo que se encontra acima e além; para que algo seja real, não deve ser substância, mas deve ser o superior, a fonte, o superior, aquilo que está além, aquilo que está acima, aquilo que é mais íntimo na vida material.

Quando vocês se encontram, por conseguinte, na vida espiritual separados do corpo orgânico, vocês encontram-se no mesmo reino da realidade que vocês ocupam agora nos vossos pensamentos, sentimentos, afetos, aspirações, esperanças, profecias e tudo o que constitui o homem e a mulher real aqui abaixo. Quando vocês se encontram na vida espiritual separados do manto de barro que os circunda e que forma o instrumento imperfeito de uma expressão humana, os poderes do espírito são libertados para a expressão no seu reino natural. Tal como o pássaro é para o ar, como o peixe é para a água, assim abre o espírito caminho pelo reino do espírito.

Vocês não vão para a vida espiritual quando estão mortos; vocês não partem para nenhum domínio distante. A vossa vida espiritual torna-se então o centro da vossa ação consciente, tal como a vida física é aparentemente o centro da vossa ação consciente aqui, e vocês afastam-se ou são afastados das limitações do tempo para a condição ilimitada de existência espiritual.

Isso terá precisamente ocorrido esta manhã; vocês apressaram-se na vossa consciência corporal para chegar aqui a tempo, mas uma vez aqui, ocuparam-se do pensamento relacionado com a palestra, e não têm consciência do lapso de tempo, por o pensamento não tomar conhecimento do tempo a menos que esteja associado aos sentidos e a alguma condição do vosso estado corporal.

Agora, os vossos amigos do espírito - que se encontram tanto aqui quanto vocês - que não dependem do tempo e do sentido físico, mas apenas da condição espiritual de atração e adaptação, encontram aqui, porque serem atraídos aqui - não se encontram limitados pelos impedimentos físicos do corpo a fim de vir aqui, e não têm que experimentar a pressa e a fadiga, e toda a paciência que vocês expõem ao vir aqui corporalmente, porque, se o vosso desejo impregnasse o corpo tão completamente quanto o seu desejo governa o espírito, então vocês estariam aqui quando pensassem em estar aqui. Alguém disse em resposta, ou numa tentativa de responder, à posição que adotamos sobre este assunto: "Sabemos que isto é uma flor, porém, não é um pensamento. "Perdão, a quem quer que tenha dito isso. Como poderia saber que é uma flor sem o pensamento?

Se você pensa e, portanto, sabe tratar-se de uma flor, você saberá que um pensamento deve ter estado na origem, mesmo que não tenha sido o seu pensamento. Por você não a ter criado, não há evidência de que o pensamento não tenha estado por trás da sua criação, pois que se supõe que ninguém, no universo da vida humana, possa ter sido a origem de todos os pensamentos no universo. Há aqui um relógio; se vocês entrarem nesta sala e não houver meios pelos quais possa dizer quem é o criador desse relógio, de certeza que vocês ainda saberão que ele foi feito por alguém e que alguém terá tido conhecimento do tempo; que ele terá adaptado a sua construção às leis e movimentos conhecidos da Terra sobre o seu eixo e ao redor do sol.

Ora bem, empregamos a mesma solução em relação à inteligência do universo que vocês empregam para expressar objetos materiais ao vosso redor. Ao desenterrarem uma cidade tão antiga, ninguém diz: "Isso foi o resultado da lei; ninguém jamais criou isto." Dizem: "Eu vejo aqui evidências da vida humana," e presume que os seres humanos tenham ocupado essa antiga cidade, e julga, pelas leis que regem a vida

humana, pelo pensamento que se manifesta, a inteligência e propósito que aí se lhe apresente.

Na textura do universo existe geometria, forma, existe a lei da matemática, existe a lei da unidade, há tudo quanto indica inteligência; e embora ninguém jamais tenha visto o pensamento humano ou a inteligência Divina, sabemos que ele está presente, e que o pensamento criou tudo no universo. Se não, plantem uma pedra e vejam se nascerá algum lírio. Nunca! Nem conseguireis vós, por qualquer processo, transformá-la num lírio, exceto pelo pensamento original ou germe que provoca o efeito, isto é, o lírio que vocês veem. Na vida espiritual vocês encontram-se um grau mais próximos do pensamento; vocês encontram-se um passo mais perto da origem das coisas.

Hoje na vida humana verifica-se uma invenção; talvez uma máquina elétrica, talvez um motor a vapor ou uma nova potência de motor. Se vocês estivessem na vida espiritual cem anos atrás, ou cinquenta, ou vinte e cinco anos atrás, essa ideia do motor a vapor seria mais uma realidade do que o é hoje sobre a terra, por se achar mais próximo da fonte da invenção.

Todos os segredos das forças mecânicas, tudo o que é menos que mente, é mais facilmente descoberto na vida do espírito, já que o homem não depende da experiência, dos sentidos físicos, mas da perceção destinada à descoberta dos princípios que regem o universo material. Você encontram-se, pois, posicionados na vida espiritual com referência a si próprios, em vez do mundo objetivo que os rodeia, e aquilo que vocês chamam de objetivo enquanto se encontram na vida terrena, torna-se lá subjetivo. É por isso que os espíritos conseguem superar a lei da gravidade. É por isso que eles conseguem mover as substâncias, aparentemente através das paredes materiais; o material da terra é, para eles, subjetivo.

Mas aquilo que não é suscetível, aquilo que não é superado, e aquilo que nunca pode ser conquistado, salvo pelos poderes espirituais adequados, são as façanhas e as imperfeições de cada ser humano. Esses são os obstáculos do crescimento espiritual, de modo que aquilo que lhe parece subjetivo aqui - o pensamento, a emoção, o ódio, o amor - torna-se objetivo na vida espiritual; e é por isso que dizemos que o homem em espírito se vê rodeado de si próprio e da sua própria criação.

Parece bastante claro, e no entanto os Espiritualistas precisam dos fragmentos da similaridade material para pensar que a vida espiritual é uma realidade. Parece suficientemente claro que vocês habitam o reino dos seus próprios afetos e atributos.

Mesmo aqui as casas em que vocês habitam, e as terras que você cobiçam, não fazem parte da sua existência real; e, quando removidos da condição orgânica que os liga à vida material, por que não entrar no reino que torna essa vida uma realidade, em vez de arrastar atrás de vós a aparência de vida? Aqui em baixo, um homem que viagem até aos trópicos não leva consigo as peles que ele leva quando viaja para o Polo Norte. Se o fizer, ele descobrirá que são um estorvo; e aquele que está viajando para os polos não leva consigo as roupas leves que usa nos trópicos.

Assim, já podem conceber uma existência em que nem o frio nem o calor prevaleça, em que não haja necessidade das vestes orgânico da terra. Por que não cercar-se daquilo que constitui a realidade da existência em que vocês entram?
Por que não considerar que a substância do pensamento é muito mais real na vida espiritual do que na forma material que vocês podem conceber, ainda que se tratasse do derradeiro átomo?

Há quem diga: " Não é existência espiritual, mas matéria refinada."

Por que deverá ser matéria refinada, se lhes dissemos que o padrão da realidade na vida espiritual não é material, mas espiritual? E desde que, se fosse matéria refinada, não seria mais útil a vós do que a névoa que gradualmente se eleva em torno da montanha e desaparece qual vapor, e ao entrar num reino em que tudo é realidade, não formaria parte dessa existência. Então, por que deverão o espírito e a vida espiritual ser refinados?

Mas se há casas, paisagens, paisagens, imagens, estátuas e templos, eles não deverão ser materiais? Por que deveriam ser materiais, uma vez que seriam menos tangíveis ao espírito do que o pensamento de que eles realmente são compostos? Não conseguirão entender que, na relação que o espírito tem com a matéria, aquilo que e material é menos tangível ao espírito, na sua existência espiritual, do que o espírito é para em relação ao homem na sua existência material?

Se vocês tivessem tecidos materiais na vida espiritual, vocês não os perceberiam de maneira alguma. Por que levar o embaraço das vestes das condições materiais quando o espírito não pode usá-las? E se o pensamento lá estiver presente -- o que que constitui a única expressão na vida material, e que é tangível e real para o espírito -- de onde surgirá a necessidade do material cujas formas vocês consideram devem ser feitas?

Todo o erro está em que, quando os espíritos se relacionam com os mortais e os ensinam a respeito da sua condição, ser preciso usar ilustrações que se ajustem à vossa compreensão. Assim com usais os blocos sobre os quais as letras impressas são colocadas para construir palavras para a criança ler - de que esses blocos não fazem parte, e que ela não pode levar com ela para o livro impresso nem para os clássicos - assim também, na linguagem divina do espírito e nas conceções da existência espiritual, ainda precisam existir os blocos de madeira sobre os quais o alfabeto da vida material é impresso.

Que valor, para o homem de saber, sentado no seu escritório, terão os blocos sobre os quais a criança aprende a ler, por lhe apelar à mente literal? Assim, na vida espiritual, quando vocês deixam de depender dos sentidos físicos para definir as vossas normas, vocês conseguem entender que a realidade difere da materialidade, tal como o pensamento, o sentimento, a aspiração e a afeição diferem da roupa que vocês envergam, que é destituída de sentidos e de vida. Nesse reino real do espírito, todos os estados e condições são representados como verdadeiros em relação a si próprios; a imagem exata representada da sua condição mental é encontrada nisso, já que o processo lento do tempo e da mudança material não são necessários à sua expressão.

Sabemos de um exemplo de um espírito que recentemente partiu, como vocês o designam, para a vida espiritual; isto é, que recentemente descartou as condições materiais e tomou consciência do estado espiritual, que foi assaltado por um sentimento de dúvida do espírito sobre se a mudança chamada morte realmente havia acontecido. Com esse sentimento de dúvida, toda a forma espiritual se viu impregnada de sombra e o espírito ficou surpreendido. Assim que a dúvida foi afastada pela perceção de que a mudança chamada morte realmente havia acontecido, e ele reconheceu os amigos espirituais ao redor, toda a sua

forma espiritual que se tornou radiante e translúcida. Assim, todo pensamento é instantaneamente representado ou expresso na forma espiritual.

Quão diferente é isto do corpo material. É verdade que os vossos amigos queridos conseguem ler na vossa sua expressão cambiante que aqui adotam a tristeza ou a alegria que lhes enche o coração; e é verdade que longos anos de vício e de crime deixarão as suas marcas indeléveis na expressão humana. Mas não é menos verdade que os anos podem passar, e o rosto pode ser uma máscara por trás da qual o motivo sórdido e o pensamento egoísta se ocultem, e só lentamente façam uma incursão na forma física.

Porém, no espírito não é assim; os objetos que são o resultado do vosso estado envolvem-nos instantaneamente e formam a expressão das vossas ideias, e vocês são impregnados com a luz ou sombra que tiverem na vossa mente. Todo pensamento encontra instantaneamente expressão de tal forma ou de tal maneira que mais for necessária à tipificação da vossa condição e ao encontro daqueles a quem vocês desejam encontrar. Na vida do espírito, os pensamentos são simplesmente retratados ao vosso redor na exata medida da perfeição ou imperfeição, e o reino que vocês habitam, pois, ainda deve ser qualificado como o reino das vossas próprias ideias.

Se vocês estiverem a pensar em qualquer amigo, ou desejarem ir ao encontro de algum amigo, esse pensamento tomará a forma que melhor se lhe adaptar para ir ao encontro dele. Se for uma língua que eles possam entender, tomará a forma de palavras. Se eles estiverem na vida terrena, a língua corresponderá às palavras que eles estão acostumados a ouvir. Se eles exigirem uma expressão simbólica, então o pensamento adotará a forma do símbolo que eles melhor entenderem.

Como nos dias da antiguidade o símbolo da paz era representado por uma pomba, assim em todos os registos antigos vocês leem sobre o símbolo da pomba que foi vista a sair da Arca a voar, e o símbolo da pomba que desceu do céu, que é o símbolo da expressão exata do que pode representar um pensamento espiritual ou angélico. Muitos clarividentes ou médiuns veem ao vosso redor símbolos que são transmitidos em resultado de mensagens espirituais; flores a envolvê-los, símbolos de pombas, ou de pássaros, ou de arco-íris, ou de estrelas,

tudo quanto é a expressão do pensamento que que os vossos amigos espirituais desejam que chegue até vós.

Quando vocês falam de flores que são trazidas do mundo espiritual - ora, se o reino do pensamento é um jardim de flores, e a própria alma é a fonte dessa vida que é simbolizada pelas flores. Quando vocês falam de estrelas que são trazidas do Céu como uma expressão de brilho espiritual, todo espírito é uma estrela que brilha na escuridão do tempo, que os alcança pelo símbolo que melhor lhes expressará o pensamento e a condição da vida espiritual. E quando vocês ouvem falar de habitações e casas de campo acomodadas na floresta silenciosa, e de riachos que correm pelos vales, e de colinas cobertas de verdura, vocês não devem pensar que por isso elas sejam tão imóveis e imutáveis quanto as colinas que o homem tem escalado há eras aqui.

Mas são os pensamentos variáveis do espírito que lhes dá expressão; e aquele que 8for artista, retracta aos seus amigos o reino da sua existência em cenas de encanto e beleza transcendentes de que a terra não tem protótipo; vistas que se dissolvem, que revelam as aspirações em mudança constante da alma, e imagens que se desvanecem e se fundem na grande harmonia da existência - visão, som, sensação, tudo misturado na perceção divina da alma; e quando vocês nos dizem que isso não é uma realidade, eu vou até junto da alma do meu amigo que me fez essas representações, e digo: "Transforma de novo a imagem viva que eu vi;" e aí está a imagem diante de mim igualmente bonito, e igualmente sincero como sempre.

O motor a vapor, que uma colisão demolirá e que, em todas as suas partes, pode ser totalmente destruído, é muito diferente do motor na mente do inventor ou construtor que criou um sobre o qual modelam uma nova sombra material; e se vocês dependessem para todos os instrumentos da invenção humana dos modelos feitos de argila ou substância material, vocês não teriam qualquer ciência mecânica de um dia para o outro, pois o menor acidente material destruir-lhes-ia o modelo.

Mas a alma do inventor, felizmente, não pode ser destruída pela colisão nem pela decadência terrena; e no mundo dos espíritos, onde todo o seu génio encontra uma representação perfeita, os seus modelos são revelados com tal perfeição que o mecanismo entorpecido da terra

pareceria apenas um carrinho de mão desajeitado comparado com a carruagem de fogo do sol.

Não falem de realidade quando vinte e cinco, cinquenta anos não bastaram para trazer à perfeita expressão na vida material a ideia do motor a vapor, que é perfeita no espírito. Não falem de padrões materiais, quando Edison e os seus coadjutores estão a sondar - através dos sentidos, a possibilidade de dar expressão àquela luz perfeita da eletricidade que, há um século, resplandece no reino do espírito como uma chama transcendente.

Não falem dos grandes poderes da mente humana imersos nos sentidos, quando mesmo agora no reino da invenção espiritual, um novo poder de motorização está a aguardar os vossos cérebros de retardatário - o grande motor do futuro, que deverá reduzir a zero a eletricidade e o vapor, e levá-los ao encontro cara a cara com o grande motora dos séculos - os raios do sol, que como o grande coração do infinito, pulsa através de todos os planetas e mundos, e os mantem nos seus lugares. Mas o homem, por enquanto, não conseguiu captar a inspiração da sua luz. Terramotos, foram movidos por eles, planetas giraram nos seus lugares pela lei da luz e do calor solares; contudo, o homem diz que os sentidos exteriores são os padrões da vida, enquanto esse grande pulsar vivo bate há eras, e os espíritos estão à espera que nasça o homem, que possua inteligência suficiente para receber essa invenção.

Certamente vocês estão a aproximar-se mais da vida real, e na sucessão de discursos que se seguirão, vamos envidar esforços para lhes retratar aqueles estados e condições de vida do espírito que deverão cada vez mais expressar em pleno a realidade daquilo que não é material.

ESTADOS ESPIRITUAIS
QUE FAZEM FRONTEIRA COM O ESTADO MATERIAL

No nosso último discurso, tentamos mostrar que a realidade da existência espiritual não depende da sua materialidade e que a maior dimensão da vida não é, de longe, material, mas é real na sua espiritualidade divina.

Nesta ocasião faremos o possível por mostrar alguns daqueles estados que beiram a existência material, não porque sejam materiais, mas por causa das condições dos espíritos que supõem que a materialidade seja necessária à vida. É indubitavelmente verdade, contudo, que nenhum ser humano, por mais que se tenham degradado as suas condições na vida mortal, passa para a vida espiritual sem dar um passo à frente. Não queremos com isto dizer que deem um passo à frente daqueles que se encontram numa condição mais elevada, pura e espiritual, mas que individualmente, a mudança é um passo em frente, e eles são levados mais perto da origem de coisas, e a sua própria condição real quase se lhes revela.

É dito por muitos - e isso sem dúvida tem origem na velha ideia teológica - que a terra é assombrada por demónios em vez de anjos, e que o demónio do terror anda por aí para os iludir com a tentação. Também no Espiritualismo há um bicho-papão - os espíritos maus; e o discurso desta manhã abeirar-se-á daquelas condições que são chamadas de mal e dos seus protótipos na vida espiritual, e da influência ou capacidade que tem de influenciar os mortais. Todos na vida humana ocupam uma posição que o seu desenvolvimento espiritual garantirá; queremos com isso dizer, espiritualmente. Cada um de vocês individualmente não é governado ou influenciado pelo vosso entorno, exceto na medida das vossas fraquezas (suscetibilidade). Essas fraquezas fazem com que vocês sejam sujeitos ao que é chamado tentações.

Agora, os espíritos da vida espiritual passam para lá com o seu desenvolvimento ou a sua ignorância espiritual, mas o fato de passarem para a vida espiritual não lhes confere maior poder, nem mais controlo sobre os outros; nem faz deles uma força positiva sobre a vida humana. Conforme lhes explicamos, que o espírito é uma realidade na vida espiritual, explicamos hoje que a força primordial e o elemento positivo

da vida espiritual devem ser aqueles que são mais espirituais; como a Verdade, a Bondade, a Pureza, são as expressões mais elevadas da condição espiritual do homem, também deve existir mais poder na bondade, na verdade e na pureza no mundo onde esses elementos constituírem a força primordial e positiva.

Deixem que expliquemos: Não há vitalidade na atmosfera onde os raios do sol não conseguem penetrar; não há átomo, provavelmente, que componha todas as estruturas orgânicas da Terra que não tenha sido, em algum momento, vitalizado pelos raios do sol. E é por causa dessa grande potência motora do sistema solar que o vosso planeta está capacitado a desenvolver as suas estruturas orgânicas e a sua vitalidade. A vida, a vitalidade da existência espiritual reside na bondade; o negativo da luz no estado terrestre é a escuridão; o negativo da bondade no estado espiritual é o mal ou a ignorância.

Agora, como é absolutamente impossível que a sombra que se esconde no canto de lá saia e encha esta sala, mas é bem possível que a luz penetre a sombra e a dilua, também no poder do espírito o bem é a luz da existência seguinte, e somente aqueles que se encontram na escuridão da ignorância podem encontrar-se na terra das sombras; e como a sombra é negativa, e não positiva, não pode usurpar nem prejudicar a luz nem a bondade. Uma sombra acrescentada a outra sombra pode aumentar a escuridão, mas não pode haver poder que supere a luz; até mesmo o mais simples raio de luz que penetre a cela mais escura da masmorra, alcançará o canto mais remoto e acelerará o pequeno grão de semente. Vocês terão, porventura, muitas vezes visto uma raiz em algum canto remoto do porão implorar para crescer se houver um raio de luz que penetre a escuridão; mas a sombra não pode perfurar a luz.

"Espíritos malignos," como você os chamam, são, pois, as sombras do outro mundo; eles não conseguem escurecer-lhes o sol; eles não podem invadir o vosso caminho; mas entrando em contato com a sua luz, a vossa bondade pode iluminar-lhes as trevas; mas eles não podem ofuscar a vossa bondade com a sua escuridão.

A grande maldição primordial do homem é - primeiro: o medo da morte, a seguir, o medo do mal. O medo em si é um vício tão grande e uma sombra tão profunda quanto se pode possuir; por o medo lhes provar não

apenas a dúvida quanto à vossa própria condição moral, mas a desconfiança no amor infinito e a probidade moral de Deus. Portanto, como "o amor perfeito expulsa todo o medo," também a bondade perfeita deve expulsar todo o medo daquilo que pode vir da sombra do mal.

Mas como os estados humanos são perfeitos, e como nenhum deles é absolutamente bom, nenhum deles é totalmente maligno. Mas aquilo para que mais desejamos chamar a vossa atenção é - primeiro: que enquanto na vida humana o degradado e o ignorante, e o criminoso só se lhes revelam a vós, ou vocês só lhes percebem o lado sombrio, ainda assim nenhum desses, em quem não haja algum raio de luz do lado positivo da existência - do lado espiritual; e quando a morte vem libertá-los, ou quando a mudança chamada morte intercepta a sua existência humana, e eles são colocados face a face com a realidade da sua própria condição, eles não se veem, pois, cheios de poder, mas de fraqueza.

Já alguma vez viram um homem confrontado com o seu crime, a fugir à consciência da deteção com medo e a encolher-se? Já alguma vez viram em meio à verdade como a mentira se trai a si própria e se esforça por fugir da luz da pacífica embora ainda assim clara, da natureza vencedora da verdade? Tal é a condição da ignorância e do crime. Na vida espiritual, emparedado na própria condição, pode-se não ter consciência de que o nosso estado seja um estado de negação, devido a que, para o indivíduo a realidade do próprio estado se torne mais e mais evidente, e cada vez mais aterrador. Tais devem ter sido os estados de escuridão que Dante deve ter visto quando olhou para o purgatório; essa condição que se encontra no íntimo dos indivíduos em que eles carregam consigo a sua atmosfera de escuridão, e conscientes da sua própria condição, como poderiam eles ser poderoso para fazer mal aos outros?

Se vocês entrarem numa névoa ou neblina, com a intenção de conduzirem um navio até ao mar, vocês muito provavelmente serão vítimas da vossa própria intenção, especialmente se o navio tiver uma luz que esteja muito acima de vós, e não puder apenas ver o seu próprio curso, mas o vosso também.

O homem de más intenções é como um navio pirata ao invés de um navio mercante, e ao passar para a vida espiritual, ele carrega consigo

as névoas e sombras do seu próprio estado, e haveria de atacar às cegas se atacasse com a intenção de ferir os outros.

É uma lei singular da existência espiritual que o centro de atração para toda a força espiritual esteja no indivíduo, e que, como o indivíduo é esperto, ou belo, ou bom, toda a força espiritual que se parecer com esse estado será atraída para o indivíduo. Se vocês emitirem orações, elas retornarão de volta como bênçãos; se vocês emitirem bons pensamentos, eles retornarão a vós e cercá-los-ão de belas imagens; e se vocês emitirem sombras, elas os envolverão nas sombras, por vocês se cercarem dos vossos próprios pensamentos e conceções. Se fosse possível esse espírito roubar, pensar em assassinato, vingança, ou qualquer condição que se assemelhe a esses estados, essa mesma lei de que falamos enviaria esse pensamento de volta a ele próprio, e redobraria as sombras ao redor dele, até que pelo peso esmagador da sua própria condição o espírito se esforçasse por o superar.

Outro pensamento que desejamos transmitir é que, por mais distinta que a vida individual possa parecer, e por mais real que seja, a condição pode depender do estado interior dele próprio. Os espíritos são todos governados por uma lei: como a natureza é governada pela luz, assim também o reino do espírito é governado pelo poder superior da bondade.

Embora a luz possa suscitar da poça lodosa da terra a vida correspondente a essa poça, ainda assim a vida não tem o poder de deixar a sua própria condição lodosa e de voar na direção da luz do sol; somente formas elevadas de seres que possuem asas conseguem voar em direção ao sol. E assim é com a luz do mundo espiritual; pode penetrar nas condições que ilustram a ignorância e as trevas, e até mesmo apressar-se para a existência, com o propósito de abandonar esse estado, todos esses atributos adormecidos.

Mas eles não podem, tal como o girino na piscina lodosa, extinguir a luz do sol ou impedir que o seu brilho penetre na atmosfera. Aqueles que voam em direção ao sol, como a águia, têm grandes aspirações; ou como a borboleta, devem ser erguidos da condição do pó e ser capazes de se alimentar do orvalho das flores em vez do barro.

Portanto, mais uma vez diríamos, não permaneçam na morada do medo com respeito ao mal que pode visitá-los do outro mundo. Nenhum

espírito jamais se aproxima de qualquer médium a fim de revelar a sua condição, que não faz se aproxime com permissão. Na verdade, ninguém, exceto aqueles que sirvam para ilustrar os vários elos e condições que lhes apontam para a vida espiritual; e quanto ao dano, cada indivíduo contém em si pensamentos e sentimentos muito mais prejudiciais do que o mundo espiritual combinado poderia jamais infligir-lhes, se desejasse fazer-lhes mal.

Os reinos de luz devem ser mais potentes do que os reinos das trevas, e ao longo das várias eras da existência espiritual esse poder positivo desce, e alcançam, mobilizam, governam e guiam, mesmo inconscientemente, aqueles que entraram no reino da existência espiritual. Enquanto vós, aqui no estado mortal, parcialmente governados pelo espírito, em parte pela natureza sensual que os rodeia, têm pervertido a ordem positiva da existência, considerando que a matéria seja o centro de toda a força, e que tudo no universo deve curvar-se às suas leis.

Nós pensamos que, apesar dessa condição imperfeita, e não obstante vocês perverterem a ordem do universo, que a força espiritual positiva do universo não é apenas espírito, mas bondade; e que, se isso não fosse verdade, haveria harmonia sublime no sentido de propiciar as boas graças de sua Majestade Satânica, como a maioria dos orientais fazem, ou muitos inconscientemente, reservando-lhe um lugar maior nas suas vidas, nos seus pensamentos e devoções do que ao Amor e à Divindade acima e ao seu redor.

Portanto, não venerem com base no medo, essa imagem sombria dos espíritos malignos, mas recebam filosoficamente o que lhe dá uma explicação e uma pista de todos os estados espirituais; já que os espíritos desencarnados, qualquer que seja a ideia da condição em que se encontrem aqui, ainda têm a verdade dessa luz positiva.

Mas muitos dizem: "Tivemos conhecimento de espíritos que vieram e que praguejaram."

Talvez vocês não pudessem reconhecê-los a menos que eles fizessem isso; pois aqueles que passaram da terra com um juramento na boca poderá não ser reconhecido se vier com orações e salmos. Talvez vocês tenham ouvido que o General Andrew Jackson dificilmente usava uma

frase sem a ornamentar com uma praga e a um clérigo que lhe pediu explicações quanto a isso, ele explicou dizendo: "Meu querido senhor, aquele que ora sem querer dizer nada, e aquele que jura sem querer nada, encontram-se praticamente no mesmo nível." Uma praga nem sempre é indicação de profanação, nem uma oração sinal necessário de santidade. Muitos espíritos abrilhantam a sua condição de vida terrena; como, por exemplo, um marinheiro, ou alguém acostumado a uma linguagem grosseira, reaparecendo dessa forma ou aspeto.

Mas vocês dizem: "Às vezes eles ameaçam." A ameaça não é levada a cabo; é ilustrativo do estado pelo qual vocês podem reconhecer a condição espiritual em que se encontrava quando passou da Terra, mas nunca tivemos conhecimento de nenhuma ameaça ou de qualquer violência que tenha sido levada a efeito, nem de nenhum prejuízo que tenha sido causado a qualquer médium. Ou a qualquer indivíduo a ele ligado; e isso, considerando as diversas condições humanas que cercam o médium, é um fato notável.

Mas, dirão vocês de novo: “Mas muitas vezes os nossos círculos foram desconcertados, e foram escritas falsidades; a mesa deu-as por batidas." Isso pode ser verdade, mas também é uma lei pela qual algumas condições na vida mortal podem afetar essas comunicações. Nem todos os participantes e médiuns são perfeitos, e mesmo que os espíritos lhes digam algo que não seja verdade, isso não significa necessariamente que eles pretendam dizer-lhes mentiras.

Vocês fazem uma pergunta a uma dúzia de indivíduos semelhantes àquela que as pessoas estão acostumadas a fazer aos espíritos (presumindo que todos os espíritos saibam tudo), e essa dúzias de pessoas responder-lhes-á de várias maneiras diferentes, e vocês não pensam necessariamente eles lhes tenham dito uma falsidade se eles estiverem equivocados.

Os espíritos estão limitados à própria inteligência que têm na resposta que dão às vossas perguntas. Se vocês forem até o vosso pai e disserem: "Pai, serei bem-sucedido neste negócio?" Ele dirá: "Bem, meu filho, eu não sei, mas eu penso isto e aquilo." Ora, essa ideia pode não ser falsa, por ser a expressão da sua convicção, enquanto ele está sujeito ao engano. Vocês frequentemente conhecem pessoas na vossa vida quotidiana que lhes dirão positivamente que este ou aquele será o

resultado do vosso empreendimento, tão positiva é a convicção que têm disso, mas que estão enganados.

Os espíritos são passíveis de se enganar, mas podem ser honestos nos erros que cometem. Mas não os qualifica para serem rotulados de falsários. Se espíritos acostumados a dizer inverdades passam para a vida espiritual e retornam de novo, provavelmente a mesma ideia ou a mesma condição será expressa com o propósito de os familiarizar para o fato de eles levarem a sua própria condição consigo. Mas tais espíritos não são passíveis de serem vossos guias, e só lhes é permitido que venham e ilustrem a condição em que eles próprios se encontram.

Talvez vocês também possam ser uma fonte de benefício para eles; pelo contato que eles estabelecem com os estados terrestres que estão acima deles, espiritualmente, eles rompem a cadeia de escuridão e debatem-se rumo à luz. Não conhecemos um único Espiritualista que não tenha passado por essa experiência. Algum espírito desafortunado terá vindo até ele, e revelado, porventura, astúcia ou proferido palavrões, ou dado sinal de degradação de todo tipo, e finalmente agradecido ao Espiritualista por permitir que ele tivesse vido, uma vez que o ajudou.

Certamente não há nada a temer nisso, porquanto se vocês forem verdadeiros, nenhum falso do espírito poderá afetá-los; e se vocês forem suficientemente sábios para não se deixar guiar nos assuntos materiais por aqueles que se encontram nos estados espirituais que não são apontados como vossos guias, vocês evitarão muitas das dificuldades em que os Espiritualistas mergulham; pois que, assim que o conhecimento da vida espiritual chega de imediato ao homem, em vez de o buscar para o desenvolvimento e benefício espiritual, a pergunta quase universal que é feita é: "Como podemos utilizar isso para enriquecermos?" e o resultado quase universal do fracasso em conseguí-lo, prova o triunfo das condições espirituais sobre as mortais.

Pois se vocês pudessem invocar o espírito do mundo para fazer o vosso trabalho por vós, ou para os ajudar naqueles empreendimentos que bordam, pelo menos, o prejuízo dos vossos companheiros, a qualidade espiritual da vossa associação com o mundo espiritual seria tal que vocês não poderiam confiar naquilo que viesse a vós nessas circunstâncias. Busquem o conhecimento da parte espiritual, e a sabedoria e o amor virão a vós nessa proporção; mas busquem isso por

formas materiais, e isso ainda deverá fazer fronteira com a terra das sombras, pois as transações comerciais da terra ainda não são feitas em estrita conformidade com a Regra de Ouro, e até que sejam, vocês não podem invocar a vossa mãe santificada para os ajudar a enganar os vossos vizinhos. (3)

Este é, pois, o reino que muitos temem e que ainda assim não tem potência alguma na vida espiritual; a sombra que tantos receiam, mas que é impotente, é apenas potente, agressiva e poderosa neste mundo; o medo, o pavor e a imoralidade que se escondem nas vossas próprias naturezas é tornado positivo pela relação que têm com a vida material, e aquilo que se encontra dentro de vós deve ser o vosso maior inimigo; não aquilo que se situa fora de vós.

Para conquistarem este mal precisam conquistar o orgulho, o egoísmo e as tendências; e para superarem isso, é preciso que superem tudo quanto torna obscura a vida deles, dentro de vós próprios. Não há inimigo algum a enfrentar além dessa condição e, no reino do espírito há liberdade, amor e alegria para aqueles que venceram não apenas o estado do medo, mas também o estado do egoísmo.

Nós dissemos este tanto a respeito dos estados espirituais próximos à Terra, por percebemos a tendência para uma espécie de dogma que tende a impingir-se na natureza moral do homem. Não há positividade alguma nisso; na conquista do mal, o pensamento espiritual gira à volta da bondade de Deus e da pureza da alma do homem, e do poder da bondade. Sem isso vocês estão na perplexidade. Por isso, advertimo-los contra o estabelecimento de qualquer imagem de veneração ou de receio entre vós e a clara e pura luz de afeição das suas próprias almas.

Uma criança pequena que passou do vosso lar para o mundo dos espíritos possui uma maior potência de lhes influenciar as vidas do que todos os demónios que tenham passado da Terra. Um amigo, esposa, marido, irmã, mãe ou pai santificado, a quem os laços de afeição ainda os prendam pelo pensamento e sentimento, tem mais força e influência de um tipo positivo para governar as vossas vidas do que todos os demónios do Hades; pois que pela lei do amor, o interesse positivo que sentem por vós supera as sombras e elas não podem entrar ou aproximar-se.

Assim como no meio da violência, tivemos conhecimento de uma criança que aplacou a tempestade da paixão humana, também em meio às vossas sombras, tristezas e preocupações terrenas, a presença dessas doces crianças confere um halo de luz ao vosso redor. Amar aqueles que são vossos guardiães, invocar aqueles que são vossos conselheiros e amigos na vida espiritual, é, no sentido finito aquilo que o infinito representa em relação ao universo inteiro -- uma luz, um brilho e um esplendor, manifesto de cantos e louvores imortais. Ninguém precisa ter medo de passar pelas trevas do mundo se estiver protegido com essas luzes de proteção; ninguém que confie nos poderes do alto precisa recear que eles os abandonem. Apenas aqueles que têm a confiança comprometida, apenas os medrosos, somente aqueles que estão nas sombras das trevas, é que o infortúnio alcança nesse sentido.

A alma íntegra confia em todo o Amor do Universo, e o afeto espiritual confia na afeição que se situa justamente além, ciente na sua luz, orientação, sabedoria e poder de que todas as necessidades espirituais serão assistidas e todos os corações inspirados. Mas para isso você pode muito bem voltar um ouvido atento ao clamor do teólogo, que diz: "Ora, existem milhões de espíritos malignos à solta sobre a humanidade, e a atrair os homens para baixo para a escuridão." Peço desculpa, Sr. Teólogo; existem milhares de milhões de espíritos bons igualmente à solta, e o poder do bem, eu sei, é maior do que o poder do mal, e o homem pode confiar nele.

Aqui estais vós, todos reunidos nesta sala. Vocês não têm medo uns dos outros; a lei da humanidade e as comodidades da vida unem-nos numa única sociedade, sem o auxílio da mão forte da lei. Não fazem intenção de praticar a violência uns contra os outros. A vida média da vida humana é mais elevada do que o nível do crime e, assim, quando os espíritos entram na vida espiritual, a média situa-se muito acima do nível da sombra, em vez de abaixo, e portanto o poder do bem é infinitamente maior que o poder do mal; mesmo aqueles que passaram da vida terrena em condições más, têm estado gradualmente a melhorar, e gradualmente a aproximar-se mais da luz, enquanto que aqueles que passaram da vida na Terra em condições de bondade, terão agora certamente atingiu um estado que é quase santo no seu esplendor e brilho.

Assim, enquanto o bem é perene, os males estão a diminuir em todos os sítios, e a terra está gradualmente a ser elevada por aquela luz forte dos reinos do espírito que penetra a escuridão aqui, assim como a escuridão do outro mundo.

O estado individual é mais uma questão a ser considerada e a lastimar do que o poder agregado do mal; por o indivíduo criminoso, o indivíduo pecador, aqueles indivíduos que estão na escuridão, e especialmente o indivíduo egoísta, resultarem em muita infelicidade. O Geena reside dentro, e como isso não pode ser corrigido imediatamente, por não ser poderoso, assim deve ter lugar dentro como um fogo que consome, uma chama insaciável, que não pode extinguir-se até que tenha queimado a escória do coração.

Por esse estado ter tudo quanto merece compaixão, e a simpatia e piedade daqueles que superaram isso. Mas certamente vocês não podem recear - o pobre bêbado embriagado nas ruas, é tão potente para os prejudicar quanto um espírito intoxicado pelas más ações e egoísmo que tenha cometido na terra. Vocês tanto podem dar-lhes atenção como desprezá-los, mas não os temem.

O afeto Divino da vida espiritual e da existência angélica olha para a terra das sombras dos criminosos abjetos e do egoísmo abjeto da mesma maneira. O filantropo encara a vítima dos apetites terrenos com divina compaixão, ou como o Mestre encarava aqueles que foram condenados e censurados pelos homens - "Nem eu te condeno; vai, e não peques mais." O que teria ele a temer da sua condição? Como poderiam os publicanos e os pecadores prejudicar Aquele que tinha uma mensagem de vida a dar, eles que se encontravam nas sombras da morte?

Assim, vós que tendes uma mensagem de vida, transmitam esta mensagem ao homem, à mulher, à criança ou ao espírito, mas não temais que a sua sombra venha e os engolfe; pois a voz que está dentro de vós e a verdade que vocês expressam, se for sincera, é tão potente e poderosa que não só pode conquistar a morte, mas engolir o Hades, o Geenna e todas as qualidades do poço do abismo, e brilhar sobre aqueles que estão emparedados nas sombras da sua própria criação, como a luz deixada entrar por uma mão carinhosa pode iluminar o calabouço e libertar o cativo.

O DOM DA CURA

DR. BENJAMIN BUSH

A NATUREZA DA CURA E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MEDICINA
O EFEITO CONTRAPRODUCENTE DE CENTRALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS GOVERNAMENTAIS
A RAZÃO DO DESCRÉDITO CRESCENTE EM RELAÇÃO À MEDICINA DO SERVIÇO DE SAÚDE

NT: Este trabalho pretende corroborar a visão de quantos se esforçam por demonstrar como a centralização das decisões em medicina se tornou num instrumento político às mãos de promotores que erigem um gigantesco movimento no conceito público ao asseverar às cegas aquilo que nem sequer passa pela pesquisa científica mas diz mais respeito à pseudo ciência, aqui exposto pela boca de um veterano do século dezoito.

"A outro, pelo mesmo espírito, é dado o dom da cura."
Coríntios 12:9

Se o vosso presente orador -- aquele que controla esta manhã -- não é dotado do mesmo dom de eloquência de alguns que se dirigem a vós, vocês, pelo menos, dar-lhe-ão o crédito de um estudo sincero na área da cura; e o da experiência de mais de um século em ambos os mundos, algo de um conhecimento a respeito.

Inquestionavelmente, a ciência da Matéria Médica não conseguiu desenvolver-se na proporção do pensamento humano; pois que desde os dias de um Esculápio que sem dúvida as teorias da medicina mudaram lentamente, e passo a passo essas porções da ciência humana como as que têm sido incorporadas na medicina, têm surgido pela força, e não pelo esclarecimento das escolas de medicina.

Em terapia, constitui indubitavelmente uma melhoria; mas é mais o resultado do que surgiu, não nas escolas habituais da prática, mas por intermédio do que é denominado "charlatanismo" na antiga. O "charlatão" é, sem dúvida, o profeta no mundo da medicina. "Sem ele nunca haveria progresso; e ainda assim as escolas da prática habitual estão tão

atrasadas em relação ao estado atual de cura no mundo, que mais de três quartos da humanidade desconfiam totalmente do praticante normal:

De uma adesão severa e estrita às regras mais ortodoxas da escola Alopática, ao dom da cura divina, foi, o vosso presente orador convertido. Aquando na Terra foi o mais rigoroso ritualismo em *Matéria Medica*; agora é o anúncio de que não há senão uma escola futura de cura; ou seja, a do espírito. A cura espiritual há de tomar o lugar de todo o resto. A natureza fornece uma panaceia para toda doença, na proporção em que os males da humanidade forem puramente físicos, remédios físicos; e na proporção em que forem espirituais, em vez de físicos, fornecerá remédios espirituais.

As escolas de prática, no entanto, diferem de forma tão essencial que não vale a pena discutir as suas proposições, exceto descobrir que, em não menos de um século, o que era mais venenoso transformou-se em cura; o que era injurioso tornou-se aceitável e o que era aceitável danoso. Ele que tenta regular o seu próprio organismo ou hábitos pelas escolas de medicina deviam ser obrigados a tomar um dia o que os médicos declararam ser venenosa, e num momento a rejeitá-lo por completo.

Com base numa longa experiência, descobri que a maioria dos males da vida humana, fisicamente, podem ser atribuída à condição mental ou espiritual do indivíduo. Talvez alguns de vocês possam ter ouvido falar da propagação da cólera na Filadélfia, há quase um século atrás, onde foi manifestamente descoberto pelo vosso locutor que as mentes das pessoas tinham mais que ver com a disseminação da epidemia do que com a contiguidade física dos germes do próprio distúrbio; que se removermos o *receio* da contaminação isolando, separando, restaurando a confiança ou afastando pessoas do contato psicológico, essa doença pode ser estancada quase instantaneamente. Eu não tive conhecimento desse poder psicológico, como tal, por essa designação, mas descobri que o medo na mente do indivíduo tinha muito a ver com a adoção da doença.

A cólera é uma doença negativa; e, embora sem dúvida existam germes que são comunicados de um sistema a outro, ou pelos alimentos, ou pela atmosfera, a cólera não é uma doença contagiosa no sentido em que a varíola o é, e outras doenças que são comunicados por *animálculos*. Se

os germes de cólera se encontrarem na água ou na comida, ou em algo que partilhem com outros, vocês sem dúvida absorverão esses germes, mas o contato físico de uma pessoa com outra, independentemente do poder psicológica, não fará com que a doença seja comunicada; mas é verdade que se espalha mais rapidamente do que qualquer outra doença.

A cura bíblica que aqui citei como dizendo respeito a um dos dons espirituais, sempre se supôs como inteiramente separada da ciência da medicina; e assim é, já que a ciência se debate no escuro por causas que ela só pode descobrir sondando às cegas os efeitos no sistema humano. Agora estamos perfeitamente bem informados de que a mesma doença raramente produz os mesmos efeitos em duas pessoas distintas de temperamento diferente, e que doenças totalmente diferentes podem produzir sintomas semelhantes e, por conseguinte, que esses sintomas não são nem mesmo indícios das fontes de doença no homem.

Por outro lado, a cura espiritual ou psicológica chega à origem da dificuldade sem questionar os sintomas -- e encontra logo as causas, em vez dos efeitos da doença. A diferença entre a ciência da medicina e a perceção ou intuição de um verdadeiro curador, é a mesma diferença que existe entre o corpo e o espírito, ou entre um mero conhecimento técnico e aquela mesma alma ou essência do conhecimento no mundo. Portanto, embora eu não possa desacreditar nenhum conhecimento anatómico ou fisiológico que leve a humanidade aos fatos concernentes à sua estrutura física, eu ainda acredito que até que o departamento psicológico do homem se ache incluído na ciência da medicina, só se poderá verificar uma pequena cura geral bem-sucedida.

Não duvido que, se os médicos da Terra neste instante desaparecessem por completo, e a humanidade fosse deixada entregue às leis da natureza ou aos seus próprios dispositivos, em dez anos se verificaria uma menor quantidade de doença do que presentemente. Não duvido que os erros da medicina tenham muitas vezes causado mais doença do que a inexistência de remédios teria produzido; e digo-o não por uma questão de preconceito, mas de longo e cuidadoso estudo.

Os remédios que centenas têm pretendem sejam específicos só podem ser aplicados por alguém que tenha certos conhecimentos em relação a uma doença, e sobre a natureza ou temperamento daquele a quem o

remédio deve ser aplicado. É loucura tratar uma criança como se você fosse um homem adulto, ou um temperamento muito delicado como tratariam um organismo feito de ferro e aço.

É loucura ter um regime que sujeite de uma só vez a mulher nervosa e o homem de forte compleição física à mesma ordem de tratamento; e somente o médico cuidadoso, que após anos de prática rejeite quase todos os seus remédios violentos, pode ser considerado um terapeuta consistente e cuidadoso. O jovem estudante, o recém-formado, está ansioso por aplicar toda a terapêutica e os princípios que encontra nos tratados sobre a Matéria Médica.

O que não sucede com o médico experiente; que ministra cuidadosamente uns quantos remédios, e acima de tudo, tem um cuidado atento e paternal com os seus pacientes. Aqueles que praticaram durante vinte, trinta ou quarenta anos carregam muito poucos remédios, e ministram menos ao sistema dos seus pacientes; enquanto lhes dedicam um aconselhamento cuidadoso, procurem a indisposição principal que possa ser a causa da doença, e dessa maneira provavelmente curam mais do que a medicina alguma vez sonhou.

Com base numa longa experiência, descobri que os remédios que eu próprio preparava e transmitia pessoalmente aos pacientes, invariavelmente produziam resultados benéficos, enquanto os remédios confiados a outros e transmitidos por terceiros frequentemente fracassavam. Isso levou à observação da influência psicológica da presença pessoal; e se o verdadeiro médico ou verdadeiro terapeuta, ocupar a posição que a sociedade lhe confia, deve ser igualmente um conselheiro, um consultor, um amigo. Não duvido que chegará o tempo em que o mestre espiritual também será o curador, uma vez que espírito e corpo não mais serão separados; e dado que na antiguidade, quando Cristo e os seus apóstolos realizavam os milagres de cura, conforme eram denominados, isso era o resultado do espírito e do corpo combinados na arte da cura.

Separada como a ciência da medicina se acha hoje em dia de tudo o que pertence à natureza espiritual do homem, e tão firmemente como as escolas de medicina se voltaram para o materialismo, que chocaria não apenas a natureza sensível, não apenas a religiosa, mas qualquer mente sincera e cuidadosa testemunhar o ceticismo em que as diferentes

escolas da Matéria Medica se baseiam, mais especialmente o departamento clínico e a ala de dissecação, e onde há um livre acesso ao corpo físico do homem.

Que a ciência não consiga descobrir a fonte da mentalidade do homem quando o corpo se encontra morto, e não possa rastrear o espírito quando o espírito não se acha mais presente, é para eles o tipo de evidência deplorável (que tais mentes invariavelmente procuram) de que o homem não possui um espírito. Como se, quando o corpo não for mais necessário, o espírito permanecesse ao alcance da faca de dissecação ou da zombaria; como se o fracasso em descobrir aquilo que, como o incenso da flor, se evade para longe, já que a flor não se acha mais lá, provasse que o homem não possuísse qualquer espírito.

Se esse é o tipo de raciocínio, quão mal equipado está o graduado de tal escola para curar os corpos de homens e mulheres vivos. Não é o exterior que o Grande Terapeuta está a tentar atingir, que a ciência real da medicina deseja tocar, mas as nascentes da vida que têm as suas fontes secretas no reino do espírito. O nervo que revitaliza a mão pode ser paralisado pela tristeza, pela dúvida ou pelo medo, e nenhum remédio da Matéria Médica lhe poderá chegar.

Por isso cabe-lhes, caso considerem este discurso menos científico do que espiritual, lembrar-se de que o acesso que o orador tem às fontes espirituais do sofrimento é a causa da sua transformação da área mais exterior da ciência humana para o mais amplo e maior domínio da cura espiritual. Como o ar puro do céu, o brilho do sol e as águas da saúde contêm os elementos essenciais da vitalidade para a estrutura do homem; como a comida que ele partilha deve-lhe ser recomendada de acordo com a necessidade que tem de sustentar o corpo, assim também a menos que o corpo esteja na condição correta, facultada pela mente e pelo espírito para receber alimento, nenhum poder de cura ou de nutrição lhe poderá ser transmitido.

A título de ilustração, eu conheci uma pessoa que se encontrava num estado de profunda tristeza para não poder ingerir qualquer alimento, e se a comida fosse ingerida, não haveria assimilação dela por parte do sistema humano. Em tais circunstâncias, é inútil forçar o alimento num sistema que naturalmente o rejeita. A razão dessa falta de assimilação deve-se a que todas as forças do corpo, até mesmo os sucos gástricos,

se transformem em mágoa pela presença do pesar, e vocês bem que podem percorrer os areais da costa marítima e tentar forçar a maré a recuar quando ela estiver alta, como forçam o sistema nessa maré baixa do pesar a receber alimento ou remédio; tampouco poderá qualquer estímulo aplicado ao corpo afetar a fonte da dificuldade.

O que deverá, pois, o médico fazer? Ministrar um opiáceo, um anestésico, um tônico? De maneira nenhuma; isso produz apenas uma maré baixa correspondente; e o grande desenvolvimento das doenças nervosas no século XIX é devido a esse erro dos médicos de tentarem alcançar um resultado imediato, independentemente da eventual condição do paciente. Todos os efeitos dos estimulantes, seja nos brometos ou nos cloros ou em quaisquer outros compostos declarados como remédios inofensivos, devem ter apenas a intenção de um resultado superficial.

Agora, a verdadeira fonte de cura está em alcançar a mente do indivíduo; e eu afirmo que ninguém tem o direito de se autodenominar médico, a menos que seja capaz de fazer isso. Se ele puder conseguir descobrir encontrar a fonte do pesar, aplicar o bálsamo da cura ao espírito, o corpo responderá e clamará por comida, clamará por alimento e pedirá forças. Mas tentar forçar aquilo que o espírito não reivindica ou requer é simplesmente uma barreira, em vez de um agente estimulante e um agente de saúde.

Eu atribuo à atual escola de ciência médica o desenvolvimento do prazer que a recente geração demonstra pelos estimulantes, a reivindicação da necessidade de estimulantes, que é tão predominante no mundo.

Acuso todos os que administram anestésicos, (mesmo que são designados como inofensivos), exceto em casos extremos de operação cirúrgica, de adulterarem a maré de saúde e bem-estar humanos; e quanto mais um efeito corretivo imediato for reivindicado, mais eu os acuso de brincarem com o sistema humano. O cloral, todos os tipos de brometos e especialmente aquelas aplicações hipodérmicas maléficas da morfina são a ruína do atual sistema da Matéria Médica. Com práticas dessas, as mulheres são deixadas em estado nervoso e desamparado ou dependentes desses estimulantes "leves," como são chamados.

Com práticas dessas, toda a família humana está sujeita a um sistema de tratamento à qual, se não se submeter, será levada de imediato aos tribunais de justiça, e se a consciência do indivíduo não permitir que esta escola de medicina lhes seja aplicada, são declarados fora-da-lei. O homem não tem o direito a morrer de acordo com os ditames da sua própria consciência. Mas as escolas de medicina e as leis de alguns dos Estados proíbem isso; ele deve morrer de acordo com as regras da Ordem dos Médicos. Eu afirmo que cada passo que foi dado fora do antigo regime da escola Alopática é um passo na redenção humana.

Afirmo que o sistema homeopático, que na aplicação que tem não é apenas menos rigoroso, mas mais fiel à natureza, é um passo na direção certa; que a hidropatia *(NT: Tratamento da doença pela água)* e as suas diversas aplicações, embora por vezes excessivamente heroicas e outras vezes muito severas, ainda é um passo também na direção certa. Afirmo que os métodos dietéticos adotados de modo variado, embora muitas vezes possam parecer frívolos em relação ao sistema humano, são menos perigosos do que a aplicação direta de venenos minerais; ou melhor, são úteis. Eu afirmo ainda que quanto menos vocês tiverem de substâncias estranhas na forma de remédios ou alimentos introduzidos no sistema, exceto quando o sistema exigir esses alimentos, mais saudável e vitalizador vocês acharão o processo de cura da natureza.

Ar puro, água doce e uma resposta às demandas reais do paciente, por mais absurdo que possam parecer, são o único sistema correto de cura. Quero dizer com isso que, no antigo regime, a febre de um paciente seria reprimida por meio de medicamentos, geralmente venenos minerais como o mercúrio, e o sistema enfraquecido por catarses violentas e pela ausência real de ar fresco, água pura ou qualquer coisa que o paciente ansiasse.

Por outras palavras, se estiverem com febre, precisarão ser punido com uma febre adicional, como alguns dos sistemas morais predominantes no mundo destinados ao tratamento de desordens morais. É claro que não penso, no sentido usual do termo, que fosse mais irracional enforcar um homem por contrair ter varíola do que por ser assassino; mas parece que tenhamos sido acostumados a supor que aquele que se encontra doente precise de cura, e o método usual de tratamento seja certamente um flagelo em vez de um processo de cura.

Eu afirmo que o verdadeiro médico observa o paciente, estuda os seus sintomas, e mesmo em casos de doenças causadas por malária e epidemia, ele não cede à pressão e ao clamor do alarme popular, nem se submete na sua própria consciência para acalmar os medos dos outros.

Todo indivíduo deve ser tratado de acordo com o seu temperamento peculiar; e acredito igualmente - e isso a resultante de um longo estudo na aplicação da arte da cura - que não há dificuldade em superar a disseminação de epidemias; e acho que a mais vasta proporção assente no contágio do medo - aquele terrível veneno mental que teologicamente esteve quase a encalhar o mundo, e que também encalhou os homens fisicamente. Através do medo da morte, os homens tornam-se covardes e, por medo da doença perdem o equilíbrio mental, e toda força do sistema se transforma num estado negativo.

A vontade calma e salutar, a mente que não teme e não se aflige com medo, é um requisito essencial para resistir às doenças. Quando se alegava, na antiguidade, que alguém entraria numa fornalha ardente e não seria consumido pela chama, era um exemplo da extrema aplicação da força espiritual sobre a física, mostrando o que a mente poderia realizar resistindo - à doença. E aquele que for um médico hábil e decidido na sua missão, raramente contrairá uma doença tóxica ou maligna; o contágio não poderá alcançá-lo; ele é destemido demais, forte demais na sua influência predominante e excessiva.

O mesmo elemento aplicado a vós eliminaria não apenas as doenças gerais, mas a malária efetiva e o contágio que paira pela atmosfera. Considero que a disseminação de doenças, como a difteria e outras doenças reconhecidas como de natureza *animálculos* ou malárica, são muitas vezes o resultado do medo e de uma condição negativa no sistema individual que torna essa pessoa suscetível à doença; um poder simpático ou psicológico que atrairá aquilo que vocês temem.

Normalmente, se já tiverem percebido, numa grande fatalidade, uma pessoa geralmente morre daquela doença que ele mais teme. O inimigo está à espera dele; ele é o sujeito adequado. Se o medo tiver lugar na sua mente, ela poderá atacá-lo. Tal como um forte olhar magnético pode conquistar a besta enfurecida até que ela se deite aos seus pés, enquanto o medroso que foge será seguido pelo animal enfurecido, assim também a doença está à espreita daquele que a teme. Mas aquele

que tem uma vontade forte e é destemido contra ela, não pode haver contágio para ele. Ele pode andar como alguém totalmente armado e empunhar armadura no meio da doença mais mortal se a mente e o corpo forem corretos.

Todo sistema humano tem um conjunto duplo de nervos, e não apenas os nervos, mas todos os átomos do corpo físico são polarizados com uma força positiva quer no sentido das doenças ou, se forem negativos, chamar-lhe-ei despolarizados. O sistema físico deve estar todo o tempo exatamente polarizado com relação às leis da saúde - à luz, à atmosfera, às forças magnéticas do sistema, e pronto para responder à advertência do momento à força de vontade do indivíduo.

Se os vossos pés se recusarem a andar, vocês sabem que há uma desordem nos nervos ou no sistema muscular; se a vossa mão se recusar a fazer o que lhe mandam, vocês pode ter a certeza de que ela está despolarizada em algum sentido; mas assim que a força de vontade assumir instantaneamente o seu domínio, ou as forças vitalizadoras forem postas nos seus devidos lugares, o corpo responde às suas funções naturais e obedece à vontade.

A fonte, pois, da cura - em última análise, estará na perceção do médico das fontes da doença. É por isso que os clarividentes têm sido tão bem-sucedidos em chegar e examinar os casos que lhes surgiram. Eles penetram além da superfície e descobrem as causas reais do sofrimento humano. Mas frequentemente a aplicação do remédio é falha, devido a que, embora o clarividente possa perceber a doença corretamente, pode não haver poder correspondente de aplicação de medicamentos ou magnetismo; enquanto muitas pessoas que são curadoras muito talentosas podem não ter qualquer poder de clarividência, poder esse que está reservado ao espírito que os controla, e o médium ou curandeiro não estar ciente da natureza da doença que está a ser tratada.

Na esfera da vida espiritual à qual o vosso orador pertence - a esfera da cura - existe um poder e influência que é irradiada não apenas para os curandeiros individuais da Terra, mas para um grande número de pessoas. Sempre que um espírito entra na vida espiritual cuja enfermidade física foi tal que a mente tenha sido continuamente oprimida por ela, ou para o referir mais corretamente, quando um espírito entra na

vida espiritual cujo corpo foi vítima da sua desordem mental, esse espírito recebe na esfera da cura o primeiro passo para a recuperação, sendo libertado ou ver atenuada a ideia de possuir uma doença. Há aqueles que têm tendência para acalentarem as suas enfermidades se o resultado for penoso, compassivo, afável ou ternurento. Não me admiro, já que não há afeto suficiente no mundo a menos que seja confrontado pelo sofrimento.

Mas eu oro para que vocês apliquem o vosso afeto por formas que promovam a saúde. Não acalentem as vossas doenças, pois isso significa que se tornam um objeto central da comiseração e talvez da condenação dos outros. Deixem que os vossos males tomem a forma - não de sofrimento, nem de incapacidade física, nem de desordem mental - mas de afastamento de vós; e deixem que a vida, a saúde e a força sejam o vosso único desafio para a admiração e o amor dos vossos amigos. Não reivindiquem afeto por estarem fracos, mas procurem reivindicá-lo por serem fortes. Não o reivindiquem porque estarem aflitos, mas tentem reivindicá-lo por estarem felizes e alegres.

Mas quando a aflição os afetar; quando as doenças os afetarem; quando o sofrimento inevitavelmente lhes suceder, tentem superá-lo o retorno em vez de o encorajar; tentem afastá-lo e triunfar sobre ele, em vez de o acolherem com pena, e de se preocuparem com a dificuldade. Sei que isso soa duro e grave, mas não é tão duro quanto a faca do cirurgião, nem tão severo quanto os remédios que qualquer médico lhes aplicará se os consultarem.

Acreditem na palavra de bondade daquele que estuda todas as fraquezas humanas e com elas entra em simpatia; que entende que deve haver tristeza e sofrimento proporcionais à ignorância humana; e que por fim, com a experiência, aprenderemos e triunfaremos sobre a dor, e o maior terapeuta há de ser descoberto em vós próprios. Só lhes é concedida ajuda, quais crianças de fraldas, até aprenderem a andar sozinhos e terem permissão para procurar os outros em busca de alimento e vestuário até que vocês consigam sustentar-se.

Tempo virá em que à aproximação da mais ligeira desordem ou incapacidade física vocês convoquem o médico que têm de dentro de vós próprios - aquele poder da vontade salutar, forte, que deve conquistar e reparar o mal que têm dentro de vós e curar a doença.

Certifiquem-se de que vocês não sejam deixados sem ajuda; existem milhares de curandeiros por todo o mundo hoje em dia, e pudessem vocês ver o número daqueles que aquele que a vós se dirige neste momento do tempo está a influenciar, e a exercer controlo como o operador telegráfico faz com os múltiplos fios ao mesmo tempo, vocês acreditariam no que eu lhes digo quando digo que o grande poder de cura do mundo dos espíritos está atualmente a ser derramado sobre a humanidade, não apenas para os curar das vossas enfermidades, mas também para curar a necessidade de enfermidade.

E pudessem vocês tão só perceber os muitos mensageiros de asas esplendorosas, aqueles que pairam ao vosso redor e sobre vós, a assistir-lhes como fez a Banda de Cura dos Anjos de outrora através de Jesus e dos seus apóstolos - aquela saúde que ele transmitiu, aquela força vitalizadora que brotava do espírito, pois ele não era forte de músculos, mas apenas em espírito - vocês entenderiam que o poder de cura trazido ao mundo de hoje, se adequadamente correspondido da vossa parte, seria suficiente para sanar toda a enfermidade das nações. Mas, por não ser assim, precisamos esperar, trabalhar, ensinar e labutar com paciência.

Aproxima-se rapidamente o tempo em que, em vez do médico, você convocarão o esse agente de cura; depois disso, em vez do curador, você convocará o vosso próprio espírito guardião que, na quietude dos vossos aposentos, lhes fará saber com respeito à enfermidade e ao seu remédio, e vós próprios estareis à altura da vitória.

Mas quando alguém é fraco e precisa ser auxiliado, é da força mental e espiritual que vocês mais necessitam. Exorto-os a isso, porque, por experiência prática, vocês podem prontamente descobrir o quanto a mente tem a ver com a condição física; como vocês podem acalentar as vossas dores e cismar no vosso sofrimento até que eles sejam multiplicados. Eu tive conhecimento de famílias inteiras que foram eliminadas pelo que é denominado tuberculose, uma suposta doença hereditária, quando era perpetuada pelo forte poder mental que a mãe gerava sobre os filhos, e um após o outro caiam vítima da doença mente assim como da física. Eu conheci outros casos, em que alguns membros da família foram separados dos outros e separados da influência

psicológica, em que a doença não surgiu, ou se isso sucedeu, foi prontamente conquistado pelo poder da força da vontade.

Não há doença, meus caros amigos, a que o corpo humano esteja sujeito, que não seja recetiva ao poder de cura do espírito. Não existe, em verdade, nenhuma operação cirúrgica que não tenha lugar no domínio do poder espiritual, seja para superar a necessidade dela, seja para realizar a operação. Mas quando uma nação reza pela restauração da vida de um presidente, e confia essa vida ao processo de sondagem de vários médicos cegos que não conhecem, numa área de alguns centímetros, a localização do projétil, não é provável que a oração venha a ser eficaz.

Se vocês rezarem pelo dom da cura, peçam que desça da fonte da cura; se vocês confiarem na ciência, terminem com as vossas orações, por ser naquele que corta e retalha que vocês confiam, não naquele que cura. Se vocês estiverem para receber cura espiritual, quando os vossos filhos estiverem doentes ou vós próprios, não corram para a primeira farmácia ou fármaco ou médico que encontrarem, mas confiem no poder em que vocês acreditam. Vocês não podem orar com o espírito e ao mesmo tempo violentar essa oração com o vosso corpo. Dois sistemas de prática diametralmente opostos um ao outro nunca podem curar o mundo.

Eu acuso os Espiritualistas de serem falsos para as suas profissões, quando, acreditando no dom da cura, eles permitem que o medo os influencie a correr para o médico mais próximo, enquanto têm o agente de cura à sua mão. Eu imputo-lhes o encorajamento das leis opressivas que estão agora em voga, mesmo no vosso próprio Estado, com referência ao tipo correto de cura, quando vocês contratam um médico em quem vocês não acreditam, meramente através da nefasta influência do medo. Curem-se desse medo, e terão a cura nas vossas próprias mãos; curem-se dessa dependência dos fanáticos, e encontrarão a cura mesmo ao vosso lado.

Em última análise não existe panaceia alguma nos medicamentos minerais para nenhuma das doenças orgânica do organismo humano. Todas as partículas de droga construída a partir dos minerais são venenosas para a estrutura humana. Vocês não comem barro; vocês não permitem que a sujeira da terra os nutra e dê vitalidade; não existe

qualquer vitalidade orgânica em qualquer medicamento mineral. Os medicamentos vegetais podem ser usados pontualmente, mas mesmo esses são de tal natureza que devem ser aplicados sob a instrução cuidadosa e vigilante do curador espiritual.

Mas principalmente, apenas e, fundamentalmente, não há maior poder na cura do que aquele que se encontra na faixa humana; e a vontade humana que, quando benigna, empresta o seu poder de uma forma alegre e animada à ala de enfermagem, é o mais importante agente vivificante e gerador de saúde que a humanidade pode possuir. A mão que a mãe tem sobre o filho, a preocupação da esposa com o marido, a hábil enfermeira que por todo o mundo acompanha o melhor médico, é a certificação da verdade do que digo.

Enquanto os milagres efetuados em todas as épocas, e os dons de cura que surgiram até mesmo por meio do embotamento e da esterilidade da teologia, provam-lhes que a fonte de cura e força deve situar-se dentro, e que vocês precisam voltar-se para esse manancial onde residem todos os agentes de vida antes que o agente da cura possa vir a vós.

Ó, procurem a fonte cristalina! Libertem-se da servidão do medo, e a criança que têm em vós poderá afastar a dor torturante pelo toque terno da mão delicada. Muitas vezes tivemos nós conhecimento de casos em que a criança mais frágil foi instrumento da cura mais maravilhosa. Antes que esta médium atingisse os doze anos de idade, ela foi escolhida entre outras da sua idade para curar os enfermos pela imposição das mãos. Nenhum conhecimento superficial da sua parte era necessário, nenhum treinamento externo. Mesmo operações cirúrgicas de tipos delicados podem ser preparadas com sucesso e realizadas por aqueles dotados do dom do espírito.

Encorajem esses dons; não os afastem das vossas portas pelos medos superficiais ou alguma adesão insignificante aos costumes. Que as escolas de medicina se vão com as antigas escolas de teologia que lhes fazem companhia. Que a vossa teologia, que engole no seu Geena as almas de criancinhas, se vá com o vosso sistema de medicina que também lhes destrói os corpos. Elas estão todas associadas à dispensação de Moisés; ditam: "Olho por olho e dente por dente."

Mas o verdadeiro curador está junto de vós, anunciado nos alvores da manhã e, eventualmente, em toda as vossas vidas vocês aplicarão a cura do espírito.

"A MENTE HUMANA"

DISCURSO IMPROVISADO PELOS GUIAS DA SRA. CORA LV RICHMOND, ANTE A SOCIEDADE FILOSÓFICA DE CHICAGO, A 6 DE MARÇO DE 1886

Observações introdutórias da parte do ilustre Presidente, Sidney Thomas:

"Fui convocado para este momento, antes de apresentar a palestrante da noite, a fim de anunciar o tema. Estou certo de não o ter dado a conhecer a mais ninguém. Antes de mais, se eu me decidi quanto a um tema, certamente foi desde que cheguei aqui à sala esta noite. Esta Sociedade debateu durante o recente curso vários assuntos e agora que estamos prestes a ser abordados por um alegado espírito do outro mundo, ocorreu-me que seria sensato a Sociedade Filosófica pôr o distinto orador à prova no sentido de obter alguma informação sobre questões que não estão ao alcance dos mortais, porém, ao selecionar esta questão, vi imediatamente que seria muito fácil assegurar um tema que permitisse que o espírito paire nas suas asas diante de nós durante uns quarenta e cinco minutos de conferência sobre coisas de que não nada sabemos, e com respeito às quais dificilmente poderíamos dar tempo para discutir.

"O problema para mim foi selecionar uma questão que devesse situar-se tão longe nos domínios e práticas desta Sociedade que nos permitisse, de alguma maneira, julgar o que ouvimos e, por outro lado, selecionar um tema tão substancial e prático que o que puder ser dito nos possa ser de alguma utilidade, o que possa até mesmo levar-nos a avançar nesta questão. Agora, o assunto que estou prestes a anunciar, eu não o exponho numa ou duas palavras por querer limitar este visitante a uma linha específica de pensamento, consequentemente, pensei que seria necessário ter um tema extenso que não apenas indique o assunto em geral, mas que abra toda uma linha de pensamento.

“Ora bem, neste inverno discutimos muitos assuntos. Por entre os assuntos que foram postos perante a Sociedade e com os quais se acha um tanto familiarizada estiveram o tema da mente ou espírito. A palestra de abertura foi subordinada às 'Faculdades do Pensamento.

“Lembrar-se-ão da palestra posterior do juiz Russell sobre a 'Individualidade’ e, em último lugar, todos vocês se lembrarão da palestra do Sr. Lancaster, tida na conta por muitos desta Sociedade como uma declaração tão completa da hipótese materialista quanto poderia ser feita. Agora, tendo discorrido sobre esse tema sob esses aspetos e a propósito com respeito a outras palestras, eu gostaria de pedir que o tema a ser debatido esta noite fosse sobre a Mente e a Alma ou Espírito. Supondo, talvez, que se considere que o homem não é uma unidade, mas uma dualidade, que ele não seja um mero ser material, mas que tenha uma entidade material e uma entidade Espiritual, o que quer que isso seja. Eu anotei a questão: 'A Mente Humana, a sua Origem, Natureza e Destino.'

“Só mais uma palavra. No debate desta questão, tentamos em várias ocasiões discutir a base material do pensamento; esforçamo-nos por obter alguma informação do campo da biologia, e ver se a mente terá tido origem no germe da vida, se teve origem no nascimento, ou se foi desenvolvida posteriormente pela experiência. A Mente Humana, a sua Origem, Natureza e Destino. Em que período terá tido início no tempo? Que lugar ocupará no espaço? Será uma substância ou uma força? Será uma causa ou um efeito? Qual será a sua forma, tamanho e substância específicas? Em que princípios, ou por que propriedades poderá ela resistir à destruição?

“Se este tema for satisfatório, será usado na palestra. A palestra limitar-se-á a quarenta e cinco minutos. Agora, todo esse assunto é inteiramente novo para mim. Não sei se os espíritos se são restringidos pelo tempo e pelo espaço ou não, mas os membros da Sociedade Filosófica são. A palestra não deverá ocupar mais do que quarenta e cinco minutos, para que haja tempo para discussão e o conferencista terá a oportunidade de dirigir aos críticos depois.”

A Sra. Richmond levantou-se e, falando sob o controlo dos seus guias espirituais, disse:

“Sr. Presidente, é nosso costume usual abrir cada discurso com uma invocação. E se isso não violar as regras desta sociedade, nós gostaríamos de o fazer nesta ocasião. Todos os que se sentirem movidos são convidados a participar da invocação.

INVOCAÇÃO

“Deus infinito, fonte de toda a vida, de toda inteligência; Tu, guia e governante de toda coisa viva; Tu que movestes o mundo visível pela lei, e que governas o mundo invisível pela lei do perfeito conhecimento e amor, a Ti nos voltamos com ação de graças, e louvamos por toda bênção; por aquelas bênçãos, que para os Teus filhos na Terra são reveladas em resposta às suas necessidades humanas; por aquelas bênçãos da mente que são dadas pelas suas necessidades mentais, por aquelas aspirações mais profundas e divinas que emanam de dentro, ainda que palpáveis e sempre florescentes, que vêm em resposta às suas necessidades espirituais. Nós Te louvamos, pela abundância de todas as bênçãos, por aquela vida e luz que na forma humana se desenvolveu, e ainda se manifesta nas aspirações que são uma com Tua vida para sempre.

Seja qual for o nome que o homem se Te dirija, por qualquer forma que a adoração do espírito possa ser conhecida, ainda os corações aspirantes de Teus filhos voltam-se para fora, para cima e para dentro, para Ti, louvando-Te eternamente, por toda a vida e luz. A Ti que és o guia dos anjos, dos espíritos auxiliares e dos homens, e que em todas as eras deste prova desse poder aos mortais, prestamos homenagem e louvores agora e para sempre.
Amém.

“Sr. Presidente, quererá, por obséquio, anunciar o tema para o discurso da noite?"

O presidente anuncia:

“A mente humana, a sua origem, natureza e destino; em que medida terá tido começo no tempo; Que lugar ocupa no espaço? Será uma força; será uma causa ou um efeito? Qual será a sua forma específica, tamanho e substancia? Com base em que princípio, ou por que propriedades poderá ela resistir à destruição?"

A Sra. Richmond, então, proferiu o seguinte discurso:

“Senhor Presidente e membros da Sociedade Filosófica: - O assunto anunciado pelo seu presidente é de âmbito tão vasto, tem uma natureza de tal amplo alcance e extensão que exigiria não só um conhecimento perfeito dos princípios que regem a questão a ser tratada, como também tempo suficiente para expressar esse conhecimento, que responderemos simplesmente que, se o tempo concedido não for suficiente para expressar os nossos pontos de vista sobre o tema anunciado, você poderá considerar a natureza do assunto e como ocupou a atenção das mentes mais profundas da Terra em todas as eras.

Mas mesmo que pudéssemos ser capazes de dar uma resposta perfeita à questão ou série de questões que o nosso presidente sugeriu, não estamos de modo algum certos de que os membros da Sociedade Filosófica seriam capazes de a entender, porém tão resumida quanto possível, sob as circunstâncias, será a nossa resposta.

“Sabemos que darão a máxima atenção possível a essa resposta. O que se entende pela palavra mente é classificado nas observações do vosso presidente, ao incluir também espírito ou alma; supõe-se que a palavra mente se refira à inteligência humana e que cubra todo o terreno supostamente ocupado pelas palavras espírito e alma. Na nossa definição faremos com que as três palavras preencham a resposta a essas questões incorporadas no tema. Nós dividiremos o assunto a ser tratado em mente, espírito e alma e os trataremos como constituindo a inteligência humana na sua inteireza; fazendo isso, poderemos expressar melhor o que queremos dizer, e não temos dúvida de talvez os convencermos plenamente.

“No entanto, termos como 'filosofia mental,' 'ciência mental' e outros termos análogos que expressem o conhecimento que a humanidade tem com respeito à mente, devem ser muito inadequados para expressar o que queremos dizer com as palavras adicionais ‘espírito’ e ‘alma’.

“Do ponto de vista espiritual nós consideramos a alma como a essência mais recôndita, a entidade absoluta, que supomos tenha uma existência e que temos tanto direito de supor que tenha uma existência quanto o materialista tem de presumir a átomo; nós presumimos que essa alma

seja a entidade completa de toda a mente, e que essencialmente ela é não-criada e imaterial, e não tem existência no tempo e no espaço, nem está relacionada de maneira nenhuma, exceto ao agir sobre a matéria, com as leis que governam as coisas materiais. Presumimos que a alma, a entidade, a inteligência, seja eterna na sua natureza e, portanto, indestrutível.

"O Espírito, conforme o termo implica, nós supomos ser o sopro da alma na matéria, o insuflar dessa entidade imortal na vida da Terra, e poder-se-á dizer que o espírito seja o tema, ou intenção da vida da alma na sua expressão através das formas materiais. O espírito do homem é limitado, portanto, quanto à sua expressão; a alma não é limitada por essa expressão no tempo e no espaço. O espírito do homem é expresso na intenção e realização do ciclo completo da existência terrena.

"A alma não é expressa inteiramente nesse ciclo, mas apenas na eternidade. A mente é a inteligência ativa, expressa através do cérebro e da forma do homem, do espírito que anima a forma individual, dependendo das leis orgânicas para a sua expressão. A mente é mais limitada que o espírito, tal como o espírito é mais limitado que a alma. A mente é governada na sua expressão pela limitação do tempo e do espaço, do organismo material e de tudo o que diga respeito à estrutura humana. Não obstante, a existência da mente, o contato que tem com a matéria e tudo o que ela reflete através da sensação, não podem ser suficientemente explicado pelo que chamamos de processo puramente material.

"O conhecimento *a priori* ao qual Kant se refere, o poder incorporado na mente de conhecer algo que não foi experimentado ou ensinado, que os sentidos não conseguem descobrir, que os processos materiais da vida não podem explicar ou desdobrar adequadamente, tudo isso prova que a mente é o resultado da dupla ação do espírito e da matéria, que enquanto a mente pode mudar de dia para dia no seu conhecimento e expressão, a qualidade que faz com que ela seja mente, ou consciência, o poder que ela transmite à razão, a aspiração, o poder que transmite à compreensão, como Kant o expressaria, é o que está além dos sentidos e no reino da alma. Em todo o domínio da metafísica Alemã, temos Kant, Hegel, Klopstock, Wiedel (?) e talvez uma porção de outros que atribuem qualidades à mente que pensamos pertencerem exclusivamente ao

espírito, sendo a mente um espelho em que tanto os poderes materiais quanto espirituais são refletidos.

"Por um lado, a mente reflete o que os sentidos transmitem, mas se não houvesse algo transmitido de dentro à mente, capaz de receber esse reflexo, não poderia haver qualquer impressão feita além da mera vida física do homem. A própria existência desse algo é prova, na nossa opinião, que a fonte da mente está além dos sentidos e acima da matéria, e qualquer que seja o processo pelo qual chegamos a esta conclusão, o mundo inteiro da filosofia dá prova de que as funções materiais da vida não podem gerar coisa nenhuma além da sua fonte, por a natureza nunca edificar em todo o seu domínio, poderes que sejam desperdiçados, que ao aumentar os seus recursos não os destrua com o aumento.

Portanto, se é verdade que a mente é o resultado da matéria, e que não possui *a priori* fontes de existência, ainda que a mente possa conceber *a priori* uma fonte da existência, se é verdade que o espírito é matéria, que toda a conceção humana de existência espiritual tem a sua base na matéria, então é evidente que, neste caso, a natureza não conserva os seus recursos, que ela constrói como estrutura para a qual não há fundamento, oferece uma capacidade humana para algo para a qual ela não tem resposta.

"Não nos vamos ficar por esta hipótese, mas declarar as nossas opiniões, depois do que, naturalmente, vocês têm liberdade de exercer o mesmo tipo de razão e julgamento sobre elas como vocês fazem em relação a outros tópicos; tendo em conta, no entanto, que, se existe um reino de espírito como nós supomos, se existir para além de espírito um reino da alma, como também supomos, esse reino deve exigir de vós o exercício das faculdades que lhe pertencem em função da expressão, e como é preciso um músico para que se entenda a música, um poeta para que se compreenda a poesia, também aquilo que diz respeito ao reino do espírito não pode ser medido pelos estreitos limites natural do tipo de pensamento que vocês empregam no reino da matéria.

"Vocês investigam a astronomia com as faculdades materiais de observação e a matemática; vocês investigam a química por um processo tal como a vossa experiência revela, mas a profecia, a inspiração, o reino do espírito, aquilo que pertence à alma vocês não

pretendem investigar com as vossas faculdades espirituais, mas tentam ao mesmo tempo que se esforçam por analisá-las por processos materiais, refutar a sua existência apenas porque não são submissas às leis materiais habituais.

"A mente é a expressão mais externa da vida da alma (que é uma entidade eterna), tem início com o organismo físico, expressa-se tão logo haja um germe vital que constitui a vida física, é a primeira impressão feita pelo espírito sobre a matéria, para além das sensações orgânicas, e é, conforme foi dito antes, do espírito que vem antes da mente, já que o espírito é a inspiração da vida da alma eterna. A mente tem início assim que a experiência do espírito inicia a sua ação na vida material, e expressa tanto as impressões da matéria como do espírito, conforme foi dito anteriormente, sendo registrada no cérebro que é o aparelho mecânico destinado à expressão do poder mental.

"No entanto, os nervos, os centros de gânglios, os globos de cada veia, cada fibra do corpo material, as vibrações desse organismo subtil que não são conhecidos e definidos pela ciência, e tudo o que é conhecido como o mecanismo do corpo humano, contém expressão do espírito. A mente, no entanto, é regulada na sua expressão pelo que quer que suceda ser quer as tendências orgânicas, ou os processos espirituais que estão além delas. Esses dois, o espírito e as tendências orgânicas, misturando-se no organismo humano, constituem a base do que pode ser chamado mente.

"Tão logo, conforme foi referido antes, a sensação tem início, a mente tem início, já que a intenção do espírito começa a expressar-se de modo que a mente que anima o ser humano visível se expressa no mais pequeno dos bebés. Os atributos mais significativos, a tenacidade da vontade, da razão e de uma continuidade de propósito, começam assim que há vida consciente, e gradualmente se desdobram na expressão, à medida que a vida aumenta em poder físico.

"Esse processo mental, que vocês denominam razão, não é o único processo mental. Qualquer consciência que exista no organismo humano que reconheça a sua própria existência, seja qual for o poder que possa compreender, julgar, aspirar ou de alguma forma se expressar, isso é mente. E quando a mente se tiver estabelecido suficientemente no organismo humano ao longo dos anos de maturidade desse organismo,

então, qualquer que seja o poder espiritual que constitua o ímpeto essencial *a priori* dessa vida começa a ser expresso, e todo o alcance da mente individual, limitada conforme foi dito antes por processos orgânicos, pelo que vocês chamam acidentes do parto, pelas limitações dos sentidos, por certas tendências hereditárias, ainda deve expressar a intenção do espírito, mas se não expressar assim o intenção, se falhar em algum grau, ainda existe uma consciência *a priori*, que tem consciência de muita coisa que não foi expressa.

"Talvez não haja nenhum ser humano, possivelmente não se encontra nenhum diante do orador esta noite, que não esteja ciente de certos poderes, certas possibilidades latentes, certas aspirações que não são expressas por causa das limitações do organismo humano, mas se fossem o próprio organismo humano que desse origem a essas aspirações ou fosse, na verdade, a fonte da aspiração, então, conforme foi dito anteriormente, ele simplesmente provaria que a matéria é capaz nos seus esforços finais, o apogeu da criação, de não conservar todos os seus poderes deixando este vasto reino ao qual o homem aspira, e que na mente se reflete, sem fruição e propósito.

"Os poderes que têm relação com a mente individual podem ser classificados assim: A mente que tem consciência da sensação, a mente material; a mente que tem consciência do processo humano independente da sensação, da mente racional; e a mente que tem consciência das aspirações e poderes além do reino possível da sensação e da razão, ainda que confinada e limitada ao reino da sensação, a mente intuitiva. Na sua expressão, a mente é capaz, conforme citado a título de exemplo no poder da matemática, de conceber aquilo que não é possível demonstrar aos sentidos. É-lhes impossível a vós contar no tempo e no espaço o número de milhas ou as vibrações da luz, ou qualquer outra afirmação matemática gigante ligada à sua terra e aos planetas mais remotos do vosso sistema solar. Quem terá contado um bilhão, ou até um milhão, na verdade? E ainda assim, pelos princípios da matemática, por processos puramente mentais, vocês percebem esses vastos números, estabelecem-nos, e compreendem plenamente o seu significado. O mesmo se aplica aos princípios abstratos da filosofia.

"Não há conhecimento empírico que possa dar ao homem uma ideia qualquer das afirmações conhecidas como verdadeiras no campo da

filosofia moral. Não há teste experimental absoluto que possa ser aplicado à existência da própria mente; e por mais subtil que seja a análise anatómica, ou química, do corpo humano, um instante após o falecimento desse corpo, não se encontrará vestígios desse poder subtil que constitui tudo o que havia do indivíduo; no entanto, quimicamente não se verifica aparentemente qualquer mudança, e nenhuma lei da anatomia ou fisiologia pode, pelo menos, explicar a diferença existente entre a forma do homem um momento antes e um momento após o falecimento do corpo.

Num instante há mentalidade, há um espírito que age sobre as forças vitais, no instante seguinte há o que se chama morte; mas em termos químicos nesse instante e não há qualquer mudança. Contudo, aquela força que faz tudo quanto existe dotado de inteligência, aquele poder que se expressou na mente do homem é, assim, removido à força; no entanto, esse mesmo processo não é capaz de ser descoberto, por se situar num reino em que a ciência não penetrou fisicamente.

"A origem desta vida, a fundação, a base de toda a existência humana, que está além da mera existência genérica, situa-se, pois, naquele domínio que, conforme dito anteriormente, denominamos o reino da alma, que é aliado da consciência Infinita ou o que um dos mais eminentes filósofos Alemães declarou Substância Infinita. Nós não aceitamos a palavra 'substância', por isso relacionar algo inferior, preferimos o termo 'consciência', ou *'essência'*, pois se relacionar com o ser primordial, qualquer que ele seja, quer esse ser primordial seja todo espírito, como Berkeley e aqueles da sua escola afirmam, ou vocês prefiram que seja chamada matéria, a expressão da vida indica que com respeito à mente e ao espírito humanos, aquilo que chamamos de poder, a vitalidade da mente, e que constitui a vida essencial do homem é a vontade, e essa vontade é a medida da perfeição humana.

O que quer que seja involuntário no organismo humano não é, pois, mental (*isto é,* espiritual), a volição ou a vontade do homem é uma qualidade puramente mental (*isto é,* espiritual); é a ação do espírito sobre as funções vitais do corpo, produzindo tal energia e poder através da mente. Cada atributo é ali, por sua vez, expresso, o que o espírito desejar retratar.

“Nem todos os homens são iguais nas suas expressões terrenas; alguns nascem génios, alguns têm poderes da filosofia mental, e outros de ciência física; uns conseguem uma adaptação a uma forma de pensamento, e outros a outra, pelo que as mentes parecem ser desiguais. Afirmamos que as almas de todos os homens são iguais, que na essência original, ou *"esse,"* a vida de cada indivíduo é igualmente perfeita; afirmamos que o espírito expressa no organismo individual as limitações que o tempo e o espaço contêm, mas que a mente é ainda mais governada por essas limitações, que todas as desigualdades na vida humana não são resultantes de desigualdades da *'esse'* fundamental mas desigualdade dos ambientes humanos; afirmamos que a mente tem a sua duração apenas pelo sofrimento do espírito, e de modo nenhum pela existência do corpo. Afirmam que a mente tem a sua duração a partir da alma e que por isso, a fonte da mente é indestrutível, não porque possa expressar-se sempre através do sentido, mas por a sua fonte ter lugar na única existência real e indestrutível.

“A mente não ocupa espaço ou tempo, e só existe em conexão com o tempo e o espaço como expressão do espírito; a sua fonte de existência é imaterial. A alma é a entidade imaterial e, por isso, não se encontra limitada ao tempo, nem ao espaço, nem a quaisquer condições da matéria. Se limitada ao tempo e à condição da matéria então a alma e seu espírito e expressão da mente, seria apenas matéria refinada, mas como a alma tem existência por si só, e como a sua existência tem lugar dentro do Infinito, de modo que aquilo que se relaciona com o tempo e o espaço só pode afetar a mente naquela expressão do ser mental do homem que é a relação das coisas materiais, mas o que quer que o objeto que o ser mental registe ou exija espiritualmente, não pode ser governado pelo tempo nem pelo espaço.

As afeições, aspirações e pensamentos de moralidade, tudo que se relacione com princípios abstratos, toda ideia que não estiver repleta com respeito ao vosso organismo físico não pode, pois, ser governada pelo tempo e pelo espaço.

“Quando as vossas mentes lidam com o tempo e o espaço, com coisas ao invés de assuntos, com o organismo material ao invés de temas, então vocês adaptam os vossos métodos mentais ao tempo e espaço. É uma lei do espírito o fato de ele se adaptar às condições em que procura a expressão. Como o músico que, com o conhecimento que tem da música, não é limitado pela imperfeição do instrumento que toca, mas no

som que ele expressa, ele ser muito limitado pela exatidão ou imperfeição do instrumento.

Se o instrumento estiver desafinado ele ainda não conseguirá a harmonia mesmo que ele seja um mestre em música, e se o instrumento estiver em sintonia ele ainda não conseguirá expressar toda a harmonia que tem na sua mente, pelo que o espírito, ao ase expressar por intermédio do organismo humano, pode ver-se limitada quanto às limitações desse organismo, no que diz respeito ao tempo e ao espaço; mas na área de que não é governada pela mente cognatos tempo e no espaço; mas na província que não é governada pelo tempo e pelo espaço, a mente não é restringida por eles.

"Os poderes do corpo são limitados, os poderes do espírito, porém, dizem respeito a outro e mais vasto domínio onde não há tempo nem espaço nem limites de um tipo material, e onde quaisquer limitações que possam existir, são limitações da expressão da natureza espiritual e não da natureza material.

"O mundo da sensação humana é influenciado pela mente; regista tudo o que a mente percebe, mas vocês precisam ter consciência de que as mesmas sensações são registadas de maneira diferente em diferentes mentes humanas e que vocês não ouvem a mesma coisa, nem vêm por igual, nem percebem da mesma forma, e que isso não pode dever-se tanto a diferenças dos vossos sentidos físicos mas às vossas perceções mentais, e que as vossas perceções mentais são governadas pela atividade do espírito que se achar presente, pelo seu estado de alerta, pelo poder que tem sobre o cérebro, e pela capacidade que tem de registar cuidadosamente o que é percebido. O artista cujas sensações são aceleradas pela excelente perceção da cor, de maneira nenhuma vê a paisagem como faz o homem que labuta que só mede o solo pelos pés, varetas e pelas medidas agrárias destinadas ao seu cultivo. 662

"Aquele que ouve música, se não tiver o ouvido em sintonia com a perceção mental, e a sua perceção mental não estiver em sintonia através do seu espírito com a harmonia, de forma nenhuma perceberá a música como aquele cujas faculdades se acharem assim despertas, e o poder que lhes permite perceber. Isso pode não ser registado em nenhum local físico específico, como afirmam os frenologistas, mas pode ser a sintonia de todo o tecido do corpo humano com o espírito que

simplesmente colocou o registo no cérebro para registar as harmonias do som.

Todo objeto, pois, que os olhos veem (ou que produz uma impressão, pela vibração da luz, sobre a retina do olho) nem todos percebem, vocês podem estar a olhar para alguma coisa e não a ver toda. Se a mente estiver alerta em todas as vias da sensação, vocês perceberão muitas coisas. A mente deve ser estimulada ainda mais, as perceções devem ser cada vez mais ampliadas antes que vocês sejam capazes de ver todas as coisas que se encontram ao vosso redor na vida material e ainda assim se acham ao alcance dos vossos sentidos.

"As vibrações da luz são limitadas por vós à vossa visão, as vibrações do som são limitadas por vós à perceção que têm delas, e no vasto reino da luz, no vasto domínio do som existem milhões de vibrações que vocês não percebem com os sentidos e que a mente é capaz de registar, e para além até mesmo da análise espectroscópica da luz, vocês podem facilmente perceber que existem milhares e milhares de vibrações que nenhuma faculdade humana foi capaz de captar.

Tal é a natureza da mente que, sob a inspiração daquele conhecimento que vem de dentro, torna o mundo todo luminoso; tal é a natureza de mente que, se não for dotada daquele conhecimento que vem de dentro, todo o universo visível será opaco; tal é a natureza da mente que, se não for iluminada, não for inspirada por este conhecimento *a priori*, que alguns chamam aspiração e outros inspiração, não haveria qualquer consciência dos vários processos ou leis da vida que operam ao vosso redor; tal é a natureza da mente que, sob a inspiração desse mesmo poder que é o menos palpável para os vossos sentidos, que não tem centros visíveis de registo, que não podem ser ligados até os centros nervosos ou gânglios, que não podem por processo nenhum ser ligados a nenhum local físico, vocês ainda tem o mais alto conhecimento, a mais alta perceção da verdade, de tudo o que governa o mundo num sentido moral e tudo o que traz esperança à humanidade no sentido de progresso e aspiração.

"Diremos que o corpo é um instrumento mecânico cuidadosamente construído, através do qual o espírito do homem, por intenção divina, expressa na mente aquelas porções dessa existência divina que o organismo humano torna possíveis; diremos que a alma do homem é a

essência imortal suprema, incriada, sem começo nem fim; tendo, portanto, em si mesma, a fonte de conhecimento, de que toda a inteligência *a priori* deve vir, e a que toda experiência deve pelo menos render tributo.

"Diremos que a mente humana, governada meramente por conceções físicas, se restringe às limitações do corpo, mas a mente humana sob o luminoso poder desta vida Espiritual que não pode ser medida, que não pode ser limitada, não pode ser fixa no tempo e no espaço e outras limitações materiais deve, por fim, lidar com todos os problemas da existência material, revelando a verdadeira natureza do processo mental pelo qual essas questões são possíveis, e iluminando todo aquele reino que agora jaz obscurecido para a perceção humana, meramente por o homem insistir em estudar o reino espiritual com o microscópio de materialismo em vez do telescópio da perceção e da inspiração Espiritual.

Quem quer que volte essa lente para a poeira encontrará a poeira refletida nela, mas quem quer que a volte para o céu verá as estrelas refletidas nela, e quem quer que estude as leis da mente na mera formação material, nunca passará além dessas formações materiais, mas quem quer que estude as leis da mente no reino ao qual elas pertencem encontrará uma resposta para cada pergunta, realização de toda esperança, análise de todo problema, e inspiração para toda necessidade da mente que assim aspira.

"Sr. Presidente, se não tivermos preenchido o tempo que nos foi atribuído nós achamos que declaramos os princípios gerais tão bem quanto seria possível a menos que tenhamos tempo para dedicar a vários discursos, ocupando-nos dos diferentes ramos do tempo, e se tivermos negligenciado algum ramo especial que a questão envolva, ficaremos encantados se nos trouxer isso à atenção."

O presidente então disse o seguinte:

"Devo dizer à Sociedade que estou surpreendido. De fato, a palavra não é adequada para expressar o que sinto nesta hora. Ao lhes apresentar o orador esqueci de lhes dizer que, confirmado por evidências inquestionáveis, ela no Wisconsin, menina com a idade de onze anos foi tirada da escola distrital, e tornada numa oradora de transe, e desde

então não adquiriu nenhum conhecimento escolar por não ter tido oportunidade de o fazer, mas adquiriu reputação internacional enquanto oradora de transe; agora ciente disso, não selecionei o assunto por ser difícil, não tinha vontade confundir o orador, eu pedia informação, embora eu me congratule com o assunto como sendo uma das questões mais difíceis que a mente humana já tentou investigar.

Vocês são testemunha da maneira lógica e consecutiva com que o tema foi aberto, definido e concluído. Agora o tema está aberto a debate, e espero que o interesse desta reunião esteja agora a começar. Somos em grande parte representados por materialistas que fizeram deste assunto um estudo, e espero que ninguém fique para trás, em absoluto; não deixem que um único momento seja desperdiçado, e o conferencista então responderá. Se não puderem fazer um discurso, poderão fazer perguntas.

Juiz Booth: “Não estou bem certo de que compreendi a afirmação do orador, mas, se compreendi o fato, o homem é um ser de natureza tripla; primeiro, a alma imaterial que existe por si só e é indestrutível, na base do que todas as almas são iguais. Em seguida o espírito que se acha encerrado em toda alma viva na matéria, cuja expressão desse espírito através das substâncias materiais e organismos materiais constitui a mente, sem o que, logicamente não existe mentalidade, por o espírito que opera na e através da matéria construir o seu próprio instrumento, o seu próprio organismo, por tudo o que é mental no ser humano serem as suas características e os seus poderes. A ser assim, surge aqui a questão, então quando se opera a separação da parte imaterial, quando a alma e o espírito se afastam do corpo, a mente deixa de existir?

“E que será a morte, quem é que morre? Será a mente apenas quem morre? Porque, se depender para a sua expressão de um organismo humano, se é o resultado dessa afluência da alma que chamamos de espírito que opera na e através da matéria, não será a morte que deve ser o resultado? E se tal for o resultado, se após a morte todas as entidades forem novamente reduzidas a uma condição de igualdade; por nesse ponto inicial da alma a entidade original aquilo que é indestrutível, todas as almas serem iguais, então quando a mente deixa de existir não serão as almas novamente iguais?

Se esse for o caso, importará muito, consequentemente, a expressão da alma, através desta afluência a que chamamos espírito, aqui no estado moral? Eu gostaria de fazer umas perguntas. Não tenho dúvidas de que as respostas seriam mais interessantes do que qualquer coisa que eu possa dizer por meio da crítica, seguindo a linha de raciocínio que foi sugerida à vossa mente. Uma pergunta particular que eu gostaria de fazer, e para qual eu ficaria muito satisfeito em receber uma resposta é, o que é a morte? De que forma considera o espírito desencarnado este grande acontecimento, o qual estamos acostumados a encarar com pavor e até mesmo com terror; que aspeto terá para o espírito desencarnado em retrospeto? Terá o espírito consciência imediatamente após a frieza envolver a forma em sofrimento, ou a consciência despertará lentamente como a de uma criança?

"Haverá um processo gradual de despertar por que o espírito passe após sofrer essa mudança, ou verificar-se-á na morte alguma mudança no espírito dessa afluência dessa entidade que chamamos de alma? E, uma vez mais, será o ser humano o único dotado de uma alma ou terão o que por vezes são chamados de animais inferiores também uma alma? De que eles possuem mente, não pode restar dúvida da parte de qualquer um que tenha tido conhecimento do fato, e se eles possuem mente, não será essa mente produzida da mesma maneira como qualquer outro órgão físico através do qual as diferentes fases de mente têm a sua expressão; não será isso construído da mesma maneira por essa afluência da entidade original, incriada, existente em si mesma, indestrutível e imaterial, da qual o conferencista fala como sendo a alma?

Sra. Cora L.V. Richmond: "Sr. Presidente, é nosso costume empregar o menor número possível de palavras na expressão das nossas ideias, pois elas darão testemunho a quem está acostumado a escutar-nos. O autor da pergunta evidentemente tem uma enorme confiança de que o espírito que a vós se dirige possui uma mente, ou não esperaria que tivéssemos em mente a sucessão de questões que ele fez que culminaram numa. Primeiro, precisamos corrigir a afirmação que fez. Nós não dissemos que o espírito forma o corpo em que a expressão mental há fazer-se, nós dissemos o espírito se expressa através do corpo, mas se for governada pelas limitações como as que as leis da organização material impõem, então, a expressão mental que se manifestar através desse corpo limitar-se-á a essas leis. Acreditamos que testemunhará o fato que termos dito isso.

Assim, o espírito ao não criar o corpo em todas as suas condições não pode, pois, regular plenamente a sua expressão, seja ela perfeita ou não. Depois o cavalheiro deseja saber, ou disse, que, se todas as almas são semelhantes, depois da dissolução chamada morte, se, por conseguinte, não existirá entre o espírito e o corpo alguma mente. Nós respondemos que as vossas mentes morrem diariamente, ou pelo menos esperamos que elas o façam. Vocês mudam as suas mentes continuamente, e de maneira nenhuma entretêm hoje a mente que vocês tinham há dez ou vinte anos. A Sociedade Filosófica, embora não tenha a intenção de destruir a mente, está, não obstante, decidida a mudar continuamente a mente; é muito provável que muitos de vocês não tenham a mesma mente que tinham quando se tornaram membros deste corpo.

"Paulo disse: 'ele morria diariamente,' o que, obviamente, não se referia meramente ao seu corpo, mas à sua mente e espírito, a condição de superação dos erros do passado. Agora, quando a dissolução chamada morte ocorre, o espírito preserva tudo o que é essencialmente do espírito no seu processo mental; mas vocês não precisam mais que a mente expresse a vossa vida Espiritual, conforme definimos a mente, tal como não precisam de um instrumento musical para redigir uma composição musical.

É claro que se estiverem a tocar para pessoas que não consigam ler a composição, vocês precisarão interpretá-la para elas. As vossas mentes são os intérpretes entre os vossos espíritos enquanto vocês ocupam formas materiais, e quando deixam de ser materiais e vivem no espírito vocês tornam-se mais do que um ser mental, são um espírito; é face a face, em vez de por intermédio do espelho escuro e variável da mentalidade do homem.

"A questão culminante foi, o que é a morte, que dissolução será essa que separa o espírito do corpo e, por cuja dissolução, todas as almas são novamente iguais, e que perspetiva terão os espíritos desencarnados da morte ao olhar para trás? Nós responderemos que a morte é a retirada voluntária ou involuntária do espírito do corpo. Se perguntarem como voluntariamente, nós apontaremos o suicídio, ou aqueles poucos casos de morte súbita, em que os médicos não são capazes de fazer uma descrição plausível de quaisquer doenças que afetem o organismo, em que o espírito parte aparentemente em perfeita saúde e não retorna.

“O inquiridor esqueceu-se que o reino do espírito não estaria incluído no que definiríamos como sendo a existência além da morte, mas ele tem perfeita liberdade para fazer a pergunta se lhe for permitido. Nós responderemos, pois, que quando se verifica a dissolução entre o espírito e o corpo, o espírito não é destruído; isto é, o tema de cada vida individual que constitui o que chamamos de espírito dessa vida, como o tema de uma sonata ou o tema de um discurso, é levado adiante a um desabrochar, florescimento ou fruição no estado espiritual, para que você não se vejam de imediato no reino da alma, mas no reino do espírito, que é o estado daqueles que se afastaram da Terra, e esse estado Espiritual é composto de tudo quanto constitui a vossa expressão individual ou pessoal aqui. Por mais longa ou curta que seja a duração desse estado Espiritual, só a alma é imortal.

Mas o maior sempre inclui o menor, e a alma inclui este estado Espiritual após a morte em sua posse, de modo que o espírito desencarnado é a ampliação da vida experienciada ou expressada aqui; querendo dizer que, o que quer que seja valioso na vossa existência ou expressão terrena, o espírito retém esse valor no que é designado por reino espiritual. O espírito que é expressado pela vossa vida humana visto desse estado, o espírito humano desencarnado, vê a morte, quando a morte é atingida, (aqui vocês precisam, é claro, aceitar o testemunho pessoal daquele que a vós se dirige, visto que não têm meios de o provar até que tenham morrido), como um homem encara a sua libertação da prisão. O processo da morte é pavoroso unicamente da perspetiva mortal, e no lado Espiritual é um despertar.

“Nem todos passam da mesma maneira pela mudança chamada morte, simplesmente por todos a abordarem de maneira diferente; um está preparado, outro não está, um tem medo, outro tem fé e esperança; uma é perverso, outro está cheio de bondade; cada um aproxima-se da morte à luz da própria consciência que tem. Quando a mudança chega, todos a encaram à luz das suas posses espirituais. Se essas posses, que são as qualidades de bondade e verdade e conhecimento, forem limitadas, o espírito considerará a morte como algo que o empobrecerá.

Se as posses espirituais forem abundantes, como à luz da sabedoria e do amor, da verdade e das boas ações, os bens espirituais deverão ser avaliados, o espírito encarará a morte como a aquela mão que o liberta

da prisão. Ambas estas afirmações podem ser consideradas. Mas todos os seres humanos têm alguma porção de cada experiência dessas ao passar da vida terrena; todos são limitados em certa medida, ao despertar para a consciência espiritual, isto é, a consciência de que existe uma vida Espiritual além da morte, que mede a sua condição por meio desse monitor interno.

"Não dizemos que a pessoa perca a consciência mesmo durante o processo de morte, mas não se tem consciência do processo que decorre, apesar de estarmos conscientes. Por exemplo, podemos passar pela mudança chamada morte e não a conhecer, a mente pode estar iluminada e todas as faculdades ainda estarem em existência ativa, mas tanto mais aceleradas que se pensará 'isto não pode ser a morte.' A morte é o que desperta em vez daquilo que nos põe a dormir.

O corpo mortal, é verdade, não apenas adormece, como entra em decadência, mas o próprio processo de decomposição mortal durante a mudança chamada morte é o processo de despertar na vida espiritual. Vocês estão a dormir, vocês estão comparativamente mortos, enquanto limitados ao corpo físico. Só os espíritos estão vivos.

O juiz Russell, um dos críticos regularmente nomeados, falou o seguinte: 667

"Sr. Presidente, Senhoras e Senhores: Confesso que nunca fui colocado em nenhuma posição em que me sentisse tão envergonhado como atualmente. Sinto-me perturbado por um conflito de emoções. Todos vocês, como eu, apreciaram as observações do palestrante esta noite. A fantasia para mim sempre foi agradável assim como os sonhos agradáveis. Sou acordado uma manhã entristecida por serem agradáveis, mas temos outra coisa a fazer que não satisfazer a nossa propensão para sonhar; precisamos consultar não só o que é agradável, e o que é aprazível, mas o que é real, seja agradável ou desagradável.

De fato, a humanidade, através da experiência por que passou durante toda a sua existência sobre a Terra, estabeleceu a opinião de que as próprias coisas por que se interessa, acima de tudo, aquela questão que, acima de todas as outras, eles precisam não cometer erros sobre as coisas que são reais. Agora eu li por altura da sua publicação, o livro da

Sra. Elizabeth Stewart Phelps intitulado 'Beyond the Gates,' eu examinei-o com intenso interesse, como um trabalho de ficção de enorme sucesso.

Assim, digo a respeito desta palestra sobre a Mente Humana, que enquanto ficção constitui um enorme sucesso. Mas na minha qualidade de um dos críticos para chamar suas mentes de volta, finalmente, que chamar a vossa atenção para a questão simples e direta quotidiana, será real? Agora, a humanidade tem hoje umas poucas coisas, alguns testes pelos quais pode determinar a diferença entre sonhos e realidades, e o primeiro grande e único princípio é este, avançar do conhecido até o desconhecido.

"O que se quer dizer quando dizemos 'explicar uma coisa, explicar melhor,' queremos dizer simplesmente o seguinte, que aquilo que não compreendemos tão bem seja expresso nos termos daquelas coisas que entendemos melhor; o desconhecido deve ser expressado em termos familiares; o complexo, expressado nos termos daquelas coisas que são simplesmente elementares. Agora, se bem entendi o que uma essência seja, se eu já senti uma essência, se eu já tiver sentido alguma coisa ou visto alguma coisa ou de qualquer forma experimentado qualquer símbolo que por qualquer meio de aplicação me possa ser explicado no seu motivo e aplicação no campo da ciência mental, então eu teria alguma vantagem por meio d qual possa compreender e explicar o que foi aqui revelado.

Mas de que me servirá, que me digam que a alma é uma essência? Bem que poderiam empregar um outro termo seguro em seu lugar, e usar um pouco do Latim ou do Grego, já que o termo essência não me transmite nenhum tipo de conceção à mente, acerca da mente humana, que eu entenda melhor do que entendo essência.

"Agora, pode ser, e evidentemente é a minha capacidade. Aqueles que adotam termos habituais conduziram à aprendizagem das coisas, e acredito que esse seja o melhor modo de proceder. Queremos que as proposições sejam suscetíveis à análise, queremos que as imagens representem coisas que sejam suscetíveis à análise, e geralmente analisamos essas proposições, até às suas últimas análises, então, se possível, para que possamos saber que são reais e elementares. Se uma coisa é expressa como um motor a vapor; que será um motor a vapor? Um motor a vapor é uma coisa composta de ferro, e já sabemos o que o

ferro é, e que tem rodas, nós sabemos o que rodas são, e é colocar juntos na forma como uma imagem que possamos ver, e então podemos fazer alguma coisa disso, podemos unir essas rodas e o ferro numa forma em que entendermos por que um motor é montado, e poderemos conceber as coisas a partir das palavras evidenciadas de forma visível. Mas, na minha ideia, o assunto que foi tratado esta noite está inteiramente além do poder da compreensão por alguma forma que seja."

Sr. Orchardson: "Eu ia fazer algumas observações à luz da investigação sobre se seria desejável, reter a nossa identidade para sempre. Pegue as primeiras cem pessoas que você conhece e todas elas são imperfeitas, nenhuma delas é física ou mentalmente perfeita, e marcar essas imperfeições nelas para sempre, na minha opinião, seria uma grande calamidade. Eu vi um homem a bater com o seu ingresso num restaurante no outro dia, um bilhete de assinatura, e perguntar se eles não acompanharem sempre as refeições com charutos, uma alma como a que certamente não vale a pena perpetuar.

Acho que seria uma terrível calamidade tomar a raça humana em sua condição de subdesenvolvida e fazer a sua identidade durar para sempre, porque ser através das suas peculiaridades mentais e físicas que a sua identidade é descoberta e eu preferia estar em conformidade com a lei da evolução, ou encontrar mortais com capacidades mentais e físicas muito melhores do que as que eu possuo. Prefiro perder a minha individualidade do que não ter faculdades mais passíveis de reconhecer e entender as minhas relações com o que me rodeia. A melhor maneira pela qual poderemos julgar se alguma qualquer coisa é uma descoberta verdadeira será se há alguma coisa que a ilustre.

Por exemplo, se uma gota de água que tenha resultado da evaporação cair novamente para ao solo, ela perderá a sua identidade por causa da evaporação, mas é justamente uma gota igualmente valiosa por conter tantas partículas quanto tinha antes da evaporação, mas quando sobe pela evaporação cada gota torna-se uma parte de uma miríade de outros gotas. Se a gota de água perde a sua identidade, por que essa lei não será válido em relação aos seres humanos?"

Sr. Lancaster: "O ser humano é um animal muito singular, descobri isso há muito tempo. Enquanto ele tem um corpo que só é capaz de estar em um lugar por vez, ele ainda habita dois mundos; um mundo existe

independentemente do seu pensamento, ou dos seus sentimentos, ou das suas imaginações, ou das suas esperanças, ou dos seus medos; o outro mundo é o mundo da sua imaginação, das suas esperanças e dos seus medos, e não há um ser humano em dez que possa distinguir esses dois mundos uns dos outros.

Agora, quando um bárbaro coloca alguns paus e pedras sob a forma de ídolos e se ajoelha diante deles a implorar um poder que ele pensa que reside nele de afastar as forças destrutivas do universo que em todos os lugares o afetam, ele está a fazer precisamente o que esperamos que ele faça, ao dar inteligência às formas como ele presume que existiriam, como ele vê e pensa que sejam, é exatamente o que o bárbaro faria. Por que, há muito tempo, nas áreas da China, esses seres humanos se juntaram, supondo que a terra fosse plana, e construíram uma grande torre que desse lugar plano até o céu onde Deus deveria encontrar-se. Contudo, se tivéssemos abordado essa gente que estava a construir esse templo e lhes fizéssemos ver que aquilo era tudo uma insensatez, eles não teria acreditado; mas se por qualquer meio que eles pudessem conceber esse universo como uma boa quantidade de nós concebermos, eles não precisariam de nenhum argumento, eles nunca teriam tentado construir aquela torre de Babel.

"Assim, isso ocorreu ao longo de toda a história passada da humanidade, ao longo de toda a hierarquia angélica, através de todas as formas de Cristianismo até a mais alta crença de Matthew Arnold, a mesma coisa percorre toda a história, e os homens, julgando o universo e as coisas que nele existem, do ponto de vista da sua imaginação, das suas esperanças e dos seus medos, e das emoções que têm aqui, isso representa uma coisa; julgar do ponto de vista científico e da evidência verificável, como as coisas realmente existem independente do homem aqui, é muito diferente.

Agora eu não cometeria a este palestrante a indignidade, nem cometerei a este público a indignidade, por um momento de inferir que esta questão tenha sido olhada de qualquer outro ponto de vista, ou que o método de lidar com essa questão aqui esta noite possa ser de qualquer outro ponto de vista do que não o ponto de vista da imaginação, das esperanças, dos medos e das emoções.

“Conforme a ideia que um homem tiver sobre uma coisa, não fará uma partícula de diferença se assim é, desde que ele pense que é. Porque, como o ser humano pensar, ele usa exatamente do mesmo curso de conversa, como se fosse absolutamente assim. Daí que muitas coisas neste mundo sejam como pensamos que são. E há homens no mundo, ou melhor há homens como James Watt, George Stevens, Huxley e Tyndall, e muitas mentes desse tipo que lidam com as coisas de uma maneira muito diferente.

Mas o que ouvimos esta noite existe num reino completamente diferente, de onde o método ou a maneira em que questões como do tipo que estão a ser discutidas podem ser aplicadas. Eu devo dizer que a partir deste ponto de vista, do ponto de vista da imaginação, que esta foi uma excelente palestra. Eu ouvi Andrew Jackson Davis, há cerca de trinta anos atrás, e devo dizer que esta palestra é um avanço em relação a ela. Eu acho que tudo pertence a esse reino de pensamento que explodiu há trinta anos atrás. Eu não tenho a menor objeção a opor-lhe. Não tenho dúvida de que o mundo está cheio desse tipo de pensamento, que sempre foi assim e sempre assim será, pelo que, com base nessa posição, devo elogiar a palestra."

Sr. Zimmerman: “A ideia que o orador nos transmitiu, é uma que é dominante na mente de todos. Ele não revelou nada de novo, mas limitou-se às velhas declarações reiteradas, repetidas vezes, em harmonia com os desejos da humanidade, não com a verdade ou com a ciência. Está a atender aos nossos desejos e não à causa da filosofia. A afirmação do que a questão envolve, que foi colocado pelo presidente, está tão errada, que me sinto na obrigação de dar a verdade sobre o assunto e de a criticar com alguma gravidade, que é que em todas as declarações que foram feitas não estão em harmonia com a ciência nem com o conhecimento dos dias atuais, estão em harmonia com o conhecimento que os homens tinham há trinta, cinquenta ou cem anos atrás. As histórias que somos chamados a provar ou a repudiar têm origem no sentimento e não na filosofia.

“Por exemplo, a declaração começa primeiro com o corpo, em segundo lugar com a declaração da existência da mente, de que brota o espírito, e do espírito brota a alma, do corpo material vem a mente imaterial, que é indestrutível, e só o corpo é destrutível. Como poderão duas coisas que não combinam produzir uma a outra? Como poderá um corpo material

produzir algo imaterial? A ideia em si é errónea, assim como a teoria da imaterialidade ou materialidade da água e do calor. Há alguns anos atrás, o calor era considerado material, por provir de uma substância material, e a explicação disso era perfeitamente filosófica, e perfeitamente assertiva até que alguns cientistas se reuniram e chegaram ao ponto de finalmente derrubar essa teoria.

"Assim, dizem que a mente sobrevive enquanto o corpo não. Agora, o modo como a mente sobrevive é simplesmente este; uma pessoa tem uma ideia que comunica a outro através do corpo, escrevendo ou falando, ele faz uma impressão numa outra mente, um material põe outro um outro material em movimento até que essa impressão é estabelecida, e isso é tudo quanto pode haver com respeito a essa teoria. Como pode uma substância imaterial brotar de uma coisa material? É uma suposição que nunca foi provada, e eu mantenho que nunca poderá ser.

Juiz Waterman: "Eu não falarei esta noite, mas há muitos estranhos presentes e temo que eles vão embora pensando que os críticos sejam menos inteligentes do que eu sei que são. O juiz Russell disse que não entendia a palavra *essência* e, no entanto, ouvi o juiz num discurso que ele estava a dirigir aos participantes dizendo que a essência das coisas era assim e assado; depois, de uma maneira muito instruída, ele falou sobre o espírito das leis, dizendo que a essência da questão é esta, pelo que eu gostaria que o Sr. Russell explicasse o significado da palavra *essência*. Temos o hábito de constantemente empregar palavras que, se nos solicitarem a sua definição, ser-nos-á absolutamente impossível fazê-lo, e, no entanto, todos compreendemos muito bem o que queremos dizer com essas coisas.

"Agora pode ser que o homem seja uma unidade, e talvez seja que a sua mente seja meramente alguma coisa que repercuta uma impressão feita sobre ela. Bem que se poderá compará-la a um tambor, bate-se num tambor, e ele devolve um som de acordo com a batida, e certos materialistas insistem substancialmente em que tudo o que existe da mente humana é simplesmente um organismo, que existe um cérebro em que são feitas certas sensações ou certas impressões, que levam a que ele recupere, e que isso é tudo o que há a dizer com respeito à consciência. Bem, se é assim, estamos reduzidos a essa posição, não sabemos absolutamente nada, não temos conhecimento nenhum sobre o que quer que seja.

Ou existe uma mente ou consciência que passa julgamento sobre a sensação que lhe acode, e determina o que seja verdadeiro com relação às coisas, ou não teremos qualquer conhecimento. Se as nossas mentes forem meramente como um tambor que responde à batida que lhe imprimimos, então não teremos nenhum discernimento, não sabemos se somos criaturas de duas ou quatro pernas, por o nosso juízo ser simplesmente o resultado de uma impressão que é feita pela batida que é impressa sobre este instrumento, que, a bem deste discurso, está localizado no cérebro. Agora todo homem reconhece que ao longo do seu tempo de vida, desde o berço até à sepultura, que possui uma consciência que é capaz de julgar os fatos que lhe ocorrem e outras coisas. Não será assim quando duas possibilidades opostas lhe são apresentadas para determinar qual ele seguirá?

"Por mais que um homem seja levado por esta filosofia material subtil, ele sabem no seu íntimo que não é verdade. Não deixa de ser um tanto singular que os materialistas de hoje, os materialistas que ocupam a posição superior sobre a questão, se encontrem justamente onde os calvinistas que ocupam a posição superior da fé se situam. O calvinista é só fé; toda a sua fé é baseada na palavra de Deus, e a declaração que imprimem, que no princípio, Deus preordenou tudo, em consequência do que Ele deverá ter preordenado a felicidade ou a infelicidade, deve ter preordenado quem deveria crer nos Calvinistas tanto quanto em qualquer outra coisa, e também deve tê-lo ordenado a julgar se o Calvinismo será a verdadeira teologia.

Os materialistas percorrem diretamente a mesma posição e dizem que a mente é um tambor ou um sino, que alguns sinos são feitos diferentes dos outros, de metais diferentes, mas que afinal é um sino, um sino que emite som numa nota baixa, alta, áspera ou branda de acordo com a pancada que lhe é aplicada. Mas realmente não há julgamento que determine que tipo de som será, ou que tipo de golpe será. Agora, se as suas teorias são verdadeiras, vamos acabar com a Sociedade Filosófica para sempre, e não tentar emitir juízos e tirar conclusões do que quer que seja quando as nossas conclusões são determinadas por utensílios feitos de acordo com o materialismo, ou por alguma construção orgânica do nosso cérebro e as ondas que sucedem ter lugar nele."

Sr. Rawson: "Posso perguntar o nome do espírito que se nos dirigiu?"

Sra. CLV Richmond: “Sr. Presidente, foi sugerido, creio bem, na parte de negócios desta reunião que vocês mude a constituição desta Sociedade, e nós podemos sugerir que, se fôssemos membros, mudem igualmente o seu nome. Respondemos ao crítico frequente que o primeiro apontou, em resposta às suas perguntas; o segundo crítico com o qual simpatizamos, foi muito tímido e padeceu de constrangimento e confiamos que isso explicará o que ele disse, já que na filosofia não há desculpa para isso. Vocês convocam Hércules e pedem-lhe que ele construa fortalezas para vós; você chamam Apollo e desejam que ele represente o Yankee Doodle *(NT: Velha canção dos tempos da Guerra da Independência),* e se ele não fizer isso, vocês não conseguirão entendê-lo; então, por que invocá-lo?

Se o tema está além do alcance e da compreensão da Sociedade Filosófica, por que propuseram o tema? Nós não o selecionamos, não definimos as palavras do tema sugerido, presumimos que o presidente da reunião estava suficientemente familiarizado com a natureza infantil dos requisitos da Sociedade para escolher um tema de acordo com a sua compreensão. Se o senhor quer alguma coisa mais tangível do que a palavra *'esse,'* descrita como essência, fará ele o favor de responder se alguma vez sentiu um átomo, se alguma vez terá visto um átomo, ou se o terá segurado na mão, ou analisado ou se sabe o que é? E se ele não o tiver feito, então quando o materialista lhe diz que tudo no universo é o resultado do átomo supremo, ou de um agregado de átomos, por que não diz ele: “Eu não os entendo? Essas são palavras tolas.”

“Um tema que ocupou a atenção de todas as mentes de todas as eras, certamente não está abaixo de vós, e pode estar acima de vós, e se estiver, então a vossa Sociedade deve empenhar-se em alcançar a sua altura. Se o tratamento do tema esteve além do vosso alcance, nós imploramos o vosso perdão. Pensávamos estar a usar palavras simples, a linguagem que empregamos foi tal que, como um cavalheiro disse, explodiu há trinta anos, pelo que deve ter cabimento na vossa memória infantil, pelo menos.

Usamos palavras para expressar as definições que nos pediram para fazer, e se não o tivermos feito à medida da vossa compreensão, lamentamos. Se a falha estiver na linguagem que empregamos, vocês têm o direito de a criticar. Mas o tema certamente é um que não apenas

foi tratado pelo materialista, mas por filósofos como Kant e Hegel, por homens que combinam a poesia com a filosofia como Klopstock, Wiedel, Jacobi, e por aquelas mentes que vocês estão acostumados a considerar autoridade em assuntos da mente.

"Nós acreditamos que nenhum dos cavalheiros a que se referiu um dos críticos alguma tratou de ciência mental, ou de quaisquer assuntos que o conhecimento tenha em vista, nesse sentido eles relegaram para aquele domínio que é chamado de 'desconhecido.' Talvez esse domínio possa não ser desconhecido para todos. Um dos críticos deve ter escutado enquanto estava de cabeça para baixo por ele ter invertido exatamente o que dissemos. Ele afirmou que dissemos que o corpo está primeiro, e a partir disso a mente evoluiu, da mente o espírito e do espírito a alma; não dissemos nada disso, dissemos que a alma é o *'esse'* primordial ou entidade, que da alma o espírito emana, criando no contato que tem com o corpo material aquilo que é chamado de mente, de modo que o cavalheiro criou espantalho, e a seguir começou a derrubá-lo.

"Quanto à afirmação de outro que os pontos de vista entretidos estavam em harmonia com alguma coisa que ele ouviu trinta anos atrás; sabemos que esta é uma era muito iluminada; sabemos que vocês fizeram grandes progressos em trinta anos, mas ainda estamos por saber que uma Sociedade Filosófica afirme ter transcendido Platão, ou, que outros, no campo da filosofia, no tratamento de questões que dizem respeito ao espírito do homem ou à natureza imortal, possa transcender os ensinamentos de Sócrates. Vocês podem remeter esses filósofos para a idade das trevas, nesta era da eletricidade e outros dispositivos mecânicos, mas se vocês o fizerem perderão tudo o que é realmente valioso na vida humana.

"Um dos críticos diz que ele poderia entender a afirmação de uma máquina a vapor, porém, nós duvidamos disso; a menos que ele pudesse construir uma máquina a vapor e conhecer a relação existente entre todas as suas partes, ele não poderia entendê-la. O primeiro engenho a vapor que já foi construído foi apresentado por cavalheiros que se consideravam tão sábios quanto os membros da Sociedade Filosófica, que afirmaram que ele não conseguiria mover-se; ainda assim conseguiu. Se não estamos em erro todas as descobertas foram relegadas para o reino para que o nosso discurso foi expedido pela crítica, o reino da imaginação. Todos saúdam o reino da imaginação!

Galileu, Herschel, Watt, eram 'sonhadores' até terem construído um exemplo dos seus sonhos (fortalezas que os trouxeram até a compreensão das pessoas). A verdade Espiritual esteve no mundo durante a infância da raça, e foi reconhecida apenas por génios, profetas e videntes, e se vocês representarem a masculinidade da raça, satisfaçam-na nesse nível.

"Um cavalheiro disse que isso é lindo, por se situar no domínio da ficção e, por conseguinte, como um sonho, ele não tem culpa a apontar-lhe. Então quererá ele dizer que todos os que na atualidade atestam terem testemunhado e recebido comunicações inteligentes do mundo espiritual estão a viver na imaginação, no reino da ficção? Quererá ele dizer que o Prof. Wallace, um dos melhores naturalistas da Inglaterra, e o Prof. Crookes, que dedicou três anos do seu tempo à investigação da fenomenologia psíquica, o falecido Sr. Varley e o Prof. Zollner, e um sem número de cientistas vivos estão vivenciar uma imaginação? Quererá ele dizer que ele não reparou nas provas que existem no mundo há trinta anos? Mas que se tem contentado em escutar alguns discursos?

Se ele tiver apenas dado ouvidos a teorias, ele poderá chamá-las de imaginação, mas a prova encontra-se aqui. Há milhões de pessoas no mundo que têm conhecimento de manifestações Espirituais e milhares de pessoas que conhecem a verdade daquele domínio que aqui foi abordado esta noite. Se ele é tão desafortunado a ponto de não saber disso, então deverá corrigir a sua ignorância de imediato, estudar o assunto que outras pessoas estudaram, sem devotar um único momento à teoria intelectual ou à "imaginação" que ele tentou afirmar, mas anos, uma vida à verdade.

Nós agradecemos ao último orador pelos comentários que fez, mas lamentamos que nos tenha tentado ajudar, porque, embora seja verdade que ele deveria dizer algo que colocasse a Sociedade Filosófica num patamar mais elevado, intelectualmente, ante os visitantes que aqui se encontram, pode parecer que ele se tenha esforçando por ajudar o orador."

O Presidente: "Um membro da Sociedade queria saber se o espírito que se dirige a nós declarará o seu nome. Eu também perguntava se os espíritos têm algum meio de averiguar as ideias avançadas da atualidade?"

Sra. Cora L.V. Richmond: “Sr. Presidente, as respostas a perguntas semelhantes foram recebidas de forma tão errónea que o espírito sente enorme hesitação em responder. Em primeiro lugar, ele não tinha conhecimento pessoal da Sociedade Filosófica, nem de nenhum dos seus membros, pelo que não terão meio nenhum de conhecer a verdade, exceto a autoridade do orador. O nome conforme dado num discurso recente foi Adin Augustus Ballou, filho do Rev. Adin Ballou de Hopedale, Milford, Massachusetts, que está na vida espiritual há cerca de trinta e cinco anos, e que colheu a experiência que a sua inteligência individual permitiu que ele obtivesse.

”Durante esse tempo o espírito familiarizou-se com as ideias do presente. Visto que, por regra os mortais serem muito ignorantes, quanto ao que os espíritos fazem, essa ignorância não é recíproca. O mundo dos espíritos acha-se familiarizado com as ideias atuais dos homens, porque onde elas tiverem valor, muitas delas podem vir do mundo espiritual, e onde eles não são valiosas, as mazelas são facilmente detetadas, como uma mancha ao sol, tornam-se manifestas nas sombras das vossas vidas diárias.”

O TEMPLO DO SOL

A GÉNESE DOS SIGNOS ZODIACAIS E DAS RELIGIÕES

Cora L.V. Tappan, 1862

Estamos cientes de que, ao nos aventurarmos num tema deste género, e em particular num que até aqui nunca foi explorado, nos expomos à crítica, assim como àqueles que, embora não verdadeiros crentes, estão abertos à convicção, como àqueles que permanecem voluntariamente cegos para com a verdade. Mas as nossas ideias baseiam-se unicamente em fatos procedentes da história autêntica; e, se não se mostrarem de acordo com as vossas próprias opiniões, deverão culpabilizar a história, e as imperfeições da humanidade, e não a nós.

De todas as ideias ligadas à criação, aquela é inquestionavelmente a maior e a mais elevada, que teve a sua origem nas conceções sublimes da mente humana; mas ao atravessarmos os campos da história antiga e revermos uma a uma, as graduais transições que a humanidade tem atravessado, ficamos surpreendidos por tanto da experiência do passado

se ter perdido para o presente, e por, de uma geração para a outra, parecer prevalecer um total equívoco e uma negligência grosseira a este respeito.

Porém, agora, ao nos aventurarmos a passar o limiar do Grande Templo, pedimos-lhes a vossa inteira atenção, de modo a poderem acompanhar e compreender as explicações que lhes damos dos mistérios. Venham connosco, se fazem favor, através das águas do amplo Atlântico. Deixando a Europa civilizada para trás, cruzamos o Mediterrâneo e penetramos no reino da Ásia, com toda a sua grandeza mística e relíquias da glória passada, espalhada diante de nós. A seguir, a África do Norte e Oriental, com a sua grandeza meia soterrada, surge-nos no horizonte e entramos naquela região que foi outrora sede de cidades povoadas, de um vasto império, da arte, da ciência e das letras.

Aqui esteve situado o suposto centro do mundo. Nestes antigos templos fora reunido e consagrado tudo quanto a humanidade tinha então concebido da erudição e grandeza externas. Sobre estes santuários eram colocadas as oferendas mais elevadas e puras ao intelecto humano. Aí, em toda a sua grandeza soterrada, reside o mistério secreto de todas as eras.

É muita vez indagado onde terá tido origem a religião humana. Propomo-nos agora responder essa questão sinceramente, deixando ao vosso indulgente bom senso a mitigação e desculpa possíveis pelos erros grosseiros da raça. Fiquem certos de que os vão achar necessários.

Existiam dois santuários de idêntica antiguidade. Um no Oriente, entre o povo atualmente chamado Chinês, cujo império então se estendia por sobre toda a Ásia Oriental; o outro na Pérsia, que incluía a divisão ocidental do continente. Nessas regiões, a primeira das quais era geralmente conhecida como Índia, tiveram origem todas as noções primitivas da religião, das artes e da ciência. A precisa localidade do nosso templo situa-se dentro dos limites do que era antigamente conhecido como reino da Selicia, que incluía a Palestina, e que se estendia tão longe quanto a moderna Tartária. Aí os deuses pela primeira vez fizeram a sua primeira impressão na fronte da humanidade, e a guiou para conquistas intelectuais, e aí teve origem a ideia sistemática da veneração.

Aí iremos nós erigir o nosso templo, e consagrá-lo ao Deus visível da Criação, que parece governar no firmamento - o Sol. A humanidade no seu estágio inicial, não entendia nada que não fosse comunicado pelos seus sentidos. Pelas leis da natureza e instinto de preservação da própria vida, viam-se obrigados a observar com a maior atenção o surgimento e os movimentos dos corpos celestes. Por isso, a ideia de culto não era inata ou primária no homem. Era um produto das suas necessidades, conforme vamos continuar a mostrar, fundada em exigências de cariz físico absolutas.

No seu simples estado selvagem, nada se fazia necessário porquanto os seres humanos preservavam provisões para os seus desejos materiais. Quando se tornaram mais sedentários e passaram a ter uma população mais centralizada, viram-se obrigados a observar e inventar os melhores meios de aproveitarem tais provisões. O primeiro e principal objeto da visão humana, que a surpreende com um esplendor absorvente e sublime, é o sol. De manhã até à noite, ele parece infatigável no seu curso, o governante do universo material; tudo quanto os sentidos conseguem apreender parece ligado ao seu esplendor; tudo quanto é escuro e desolado está associado à sua ausência.

As diversas mudanças do ano são governadas pela sua influência e aspeto. Não admira que homens sem cultura olhassem para o seu esplendor e saudassem nele o Deus da Criação! O culto do sol, em todas as suas funções, constitui a chave para todos os sistemas tecnológicos do mundo; e até ele podemos seguir todas as religiões agora existentes, com a sua multiplicidade de credos e de parafernália. Vejamos de que modo.

Aqui erigimos o Templo do Sol, construído na pedra mais refinada; todas as suas paredes tracejadas com diversos signos e símbolos, cujo significado deixa o intérprete moderno desconcertado na explicação; cabeças femininas em corpos de animais e muitas outras combinações grotescas; globos alados, crescentes, estrelas, aqui um cão, ali um íbis aparentemente misturado numa confusão sem sentido.

A sua origem foi a seguinte: Os antigos, e especialmente os habitantes da Selicia, acreditavam que o sol era a fonte de todo o ser, o autor beneficente de todas as coisas boas; que em oposição e ele, existia um outro poder coevo da escuridão e do mal; que esses dois controlavam toda a criação. Na região agrícola, era necessário vigiar de perto os sinais celestes; e os primeiros astrólogos, ou astrónomos, eram aqueles

que eram por conseguinte designadas especialmente para o estudo das estrelas.

Eles distinguiram e nomearam os doze signos do zodíaco, que até aos dias de hoje permanece como padrão me todo almanaque e constituem a base e todos os cálculos astronómicos, à exceção do fato da orbe central ser agora o sol ao invés da terra. Os signos encerram o segredo por meio dos quais os antigos compreendiam a vinda e a volta das estações.

Assim, quando a estação primaveril se aproximava, o sol entrava numa certa constelação chamada carneiro, por nessa estação o animal em questão renovar a sua espécie. Mais tarde, quando as águas retrocediam, e o solo deserto ressequia, acorriam os touros selvagens ao rio para beber, do que derivou a designação de Touro dada ao signo dessa estação; e o mesmo sucedeu com todos os doze. Todos eles representam os diversos períodos do ano em que os antigos compreendiam que processos particulares de agricultura deviam ser observados.

Isso forma o segredo do seu culto. Supunham eles que o sol passava por todos esses signos, considerando evidentemente a terra como uma superfície plana. O mar Mediterrâneo consideravam eles ser o fim do mundo, como a sua extremidade ocidental, e o Mar Oriental como sua fronteira contrária. Ensinavam que a Terra era ou um triângulo ou um quadrado perfeito. Os sete planetas correspondiam às sete esferas do céu, que rodavam ao redor da Terra. Essas sete esferas encontramos nós simbolizadas nos sete candelabros de ouro do Novo Testamento.

Esses sinais eram, pois, essencial e positivamente culturais na sua origem e cariz, e dependiam da quantidade de informação que os astrólogos conseguissem comunicar. O seu significado era perfeitamente compreendido pela geração em que tiveram origem. Assim, à aproximação da estação primaveril, dizia-se que o grande Dragão tinha partido para a região das trevas, e que o Touro tinha retomado o seu curso; e agora contemplem a Virgem, como a sua filha recém-nascida surge.

No decurso do tempo, os atributos e a influência atribuídos às constelações foram transferidos para os objetos terrenos, segundo o que passaram a ser designados. Assim, o boi do céu transformou-se no boi da terra, e gradualmente oferendas chegaram a ser feitas às próprias bestas, como representantes dos poderes celestes. Porém, quando esse

culto se estabeleceu no Egipto, numa data muito anterior àquela a que o estabelecimento da nação é comummente atribuído, assumiu um novo formato. Supunha-se que durante a estação do Inverno o sol era obrigado a passar por um tipo de perseguição atribuído ao poder do mal, com o qual pensavam que o império universal era igualmente dividido.

Quando o luminar passava o equinócio do Inverno, emergia conquistador das regiões das trevas, e a terra era inundada de luz e alegria. Daí que os poderes opostos tenham sido igualmente idolatrados, num dos casos através do medo, tudo quanto simbolizava o reino do mal e a estação das tempestades e inundações, os peixes, as aves aquáticas, os monstros das profundezas, era adorado, de modo que as influências adversas pudessem ser propiciadas através dos seus representantes terrenos.

Essa religião foi gradualmente introduzida no Egipto, depois de ter prevalecido na Ásia Oriental - porquanto o primeiro dever ter sido povoado muito antes do segundo, conforme é provado pelo fato do seu solo de aluvião era depositado de forma muito lenta, por sucessivas inundações do Nilo, num período relativamente recente.

Voltando-nos agora para a religião do Oriente, ou Índia, vemos que aí o sol era suposto ser o principal Deus. Nos climas nortenhos o poder do mal, das trevas, e o Inverno, era suposto gozar de idêntica influência. O Mediterrâneo, mas regiões temperadas, era considerado a grande saída para a terra da a partir de então e doravante eterna entrada da futuridade. O príncipe do mal reinava onde as águas do vasto mar eram vertidas no grande abismo. Daí que, a cada Inverno os seus monstros surgissem e a terra fosse inundada, e a sua verdura destruída. Assim, o sol era consagrado a tudo quanto era bom, enquanto propiciavam as divindades malignas com oferendas e sacrifícios.

Essas observâncias supersticiosas provinham do fato dos primeiros astrólogos terem convertido o seu conhecimento em mistérios, e terem arrogado a si os poderes análogos aos da divindade. Mantinham as massas na ignorância dos princípios, e davam-lhes apenas expressões figuradas e símbolos. Desse modo adquiriam as pessoas a ideia do culto. O sol, era-lhes ensinado, era imputada toda a glória; a ele erigiam eles templos. Essas bestas, essas serpentes, diziam eles, são os inimigos - os poderes das tempestades e da obscuridade, que precisamos aplacar. Nisso teve origem as ovações e sacrifícios, as ovações à divindade do bem, o Sol - os sacrifícios aos deuses do Inverno e das Trevas.

Para poderem acomodar ideias de religião à compreensão sensual era necessário faze-las descer do Céu à Terra, pelo que os animais do Zodíaco chegaram a ser adorados; a simples ciência material que assistia às necessidades físicas dos pastores, foram transformadas nos mistérios do paganismo, e as imaginações dos astrólogos cobriram a terra com superstição. Daí que nos requisitos primitivos do povo - a observância que fazia dos fenómenos naturas para fins de proteção, ou de ganho, deram origem aos deuses do mal e das trevas; e assim também teve, a ideia da adoração, origem nas oferendas dos fiéis no santuário do Sol, que desde então tem sido compreendida num sentido incorpóreo. O Egipto estava especialmente adaptado a essa forma particular de culto que tomou de empréstimo dos países por que foi povoado.

Possuindo um clima de tal beleza rara, uma atmosfera de uma transparência tão rica e um solo de uma fertilidade sem par, porque não deveria o Egipto cultuar o Sol? Consequentemente, essa divindade foi representada sob a designação de Osíris, que dividia o império com a sua noive, Isis, ou a terra; daí que em toda a mitologia Egípcia Osíris fosse suposto ser o deus da criação e da luz, e a ele era dedicado tudo quanto fosse bom. Isis era a deusa da produção, e era suposto que todas as coisas tivessem brotado do casamento dos dois. Que alegoria mais simples e clara! Quando lemos as passagens da mitologia do Oriente não precisamos ficar surpreendidos com as façanhas e transformações singulares aí registadas, se entendermos que Osíris é simplesmente o sol que passa pelos diferentes signos em diferentes estações, e que, sob designações diversas, é representado por todas as demais divindades.

Os Persas, adoradores do fogo, os Japoneses e os Chineses, que agora adoram ídolos, inicialmente curvavam-se unicamente ao sol. A superstição brotou da ignorância, e promovida pelos astrólogos em função dos seus próprios proveitos. O Egipto, sede inicial da devoção regular, uma terra de luz, a especial favorita do Céu, recebeu da Fenícia muitas das ideias que ela tinha de culto, mas estava-lhe reservado a ele aperfeiçoar um sistema que resultasse no mais perfeito mistério, e a inteira eliminação da religião primitiva; o Egipto com efeito foi a fonte inicial de todas as formas de culto que a terra tinha conhecido. Os sacerdotes ocultavam a origem de Osíris e de Isis, dotavam-nos de magníficos atributos, e apelavam ao povo para que os adorassem em todas as suas formas de pássaro e de besta. Tão completo era o véu do mistério que foi lançado sobre o assunto, que as pessoas foram levadas

a crer que todos os movimentos eram diretamente controlados pelo poder divino, que a adoração era devida a cada ato. Cada departamento da vida foi consagrado quer a ovações alegres, ou a sacrifícios expiatórios. Uma forma completa de ritos e cerimónias era ordenada a cada estação do ano, e mesmo cada dia tinha a sua especial adoração.

Osíris foi identificado com o deus Sol dos Persas e dos Indianos. Doze outras divindades partilhavam com ele os céus, sob nomes que seria inútil repetir. Representavam os signos do zodíaco, e como tal figuravam o controlo que as constelações supostamente exerciam sobre essas estações. Esses eram divididos em poderes menores, cada um dos quais tinha uma função especial a desempenhar na terra. Os sacerdotes do Egipto ocultaram de forma astuta o verdadeiro significado do seu culto. Em vez do sol, cultuavam Osíris; em vez da Terra, Ísis, metade mulher e metade besta; Osíris significava a luz do dia; Ísis, os funcionamentos mais misteriosos da natureza por baixo da superfície terrestre. Os Egípcios votavam cada dia, e quase cada hora, de algum rito ou cerimónia. O carneiro, na sua mitologia, representava a estação da primavera; o hipopótamo, o ódio, o rancor, a malícia.

Por fim verificamos as divindades do Egipto divididas em classes separadas, a saber,

Aquelas que representavam primeiro, o poder civil

Em segundo lugar o poder mundano, o domínio material

Em terceiro lugar a influência espiritual

A cada um desses era dedicada uma cidade. Menfis, a sede do governo civil, era a principal delas. Uma outra era a cidade de Ré, ou On (Heliópolis) que tinha o Templo do Sol. Todas elas eram cheias de símbolos do seu culto especial, e todas as suas artes e ciências se centravam nelas. Para lá eram levados os seus tesouros mais preciosos, os troféus de todas as nações, e tudo era consagrado a Osíris, o deus da luz. Os Egípcios eram levados a crer que os poderes da luz e da escuridão juntos governavam o globo, tendo sido produzidos a partir de um ser primitivo, e sido sempre ciumentos e procurado derrubar o império um do outro.

Que estranho isso coincidir com o principal aspeto da fé Judaica! Deus é o princípio da luz e da beneficência; Satanás é o poder adversário das

trevas e do mal, e os anjos, de cada um dos lados, podem ser considerados como as diversas deidades subordinadas dos Egípcios. Quão singular que com base em uns quantos fenómenos simples de carácter físico, se viesse a erigir tal vasta estrutura de superstição! Não pode ser diretamente provado pelos registos históricos, mas cremos que poderá ser claramente inferido do conhecimento que temos dos Egípcios, que quinze mil anos antes a data da criação, de Moisés, o Egipto era densamente habitado e tinha aperfeiçoado a sua ordem social. Mas antes que o Egipto entrasse em cena, a Índia tinha cultivado as ciências e em grande medida, tinha formado o seu sistema religioso. Que isso é verdadeiro com respeito ao Egipto, é provado por leis astronómicas, aplicadas pelas representações zodiacais dos seus monumentos. Ao todo, sentimo-nos plenamente justificados ao supormos que as artes e ciências eram praticadas na Ásia milhares de anos antes que se tivesse acumulado um solo de aluvião suficiente no delta do Nilo de modo a tornar a terra própria para ser habitada por humanos.

Que esse acúmulo constitui um processo natural, é demonstrado pelo fato dos restos das antigas cidades Egípcias serem agora encontrados longe das margens, que se sabe estiveram certa vez situadas na boca do Nilo, e possuíram ancoradouros espaçosos e excelentes. Uma vez mais, a frequência das inundações, na parte inicial do Egipto, deve tê-lo deixado inabitável; a partir disto poderemos observar de passagem, derivou a ideia de um grande dilúvio.

As pesquisas levadas a cabo pelos pesquisadores Europeus estabeleceram que os Japoneses e os Chineses, assim como os Brâmanes Hindus, cultuavam o que não passava de um simples emblema do sol. Até mesmo as tribos selvagens da África adoram o mesmo sob as formas de diversas bestas selvagens, sem saberem porquê. Isso será prontamente explicado quando compreendemos que todas essas nações obtiveram a ideia da mesma fonte. Mas para voltarmos.

Descobrimos no Egipto imensas pirâmides. Essas estruturas misteriosas formaram o tópico de infindáveis controvérsias por entre os eruditos, pelo que quase nos perdemos na enorme quantidade de conjecturas respeitantes a elas. Poderá ser dito, contudo, que ninguém até agora foi bem-sucedido na explicação do objetivo, data, ou modo como foram erigidas. Alguns supõem que tenham sido erigidas em honra de algum Deus, outros, que foram dedicadas aos monarcas que as

construíram; outros ainda, supõem que sejam as tumbas desses príncipes, etc.

A nossa opinião é a de que a sua forma derivou do triângulo, esse emblema primitivo e universal da Divindade que também representa, o Passado, o Presente e o Futuro, e que foi incorporado no nome impronunciável do Jeová Hebraico. Acha-se por entre os símbolos da Maçonaria, junto com o Olho que tudo vê. Todos têm a sua origem na teologia Egípcia. Não nos compete revelar os segredos dessa antiga ordem, mas aqueles presentes que sejam iniciados concordarão quando afirmamos que o Olho outra coisa não é que o Sol; o triângulo, os três princípios da Natureza que também incluem os elementos de todos os cálculos geométricos e todas as deduções da matemática superior.

Achamos, pois, que todas as religiões antigas derivaram primeiro dos princípios da Natureza física e dos elementos da observação física. Fica por mostrar como eles foram transmitidos e preservados no existente sistema de culto. Conduzimo-los ao Templo do Sol, situado há muitos milhares de anos atrás no seio da maior civilização do mundo, nas margens do Nilo. Foi estimado por arquitetos e historiadores que a construção de uma das pirâmides deve ter exigido trinta mil anos de trabalho, por parte de três milhões de trabalhadores, pelo que não podiam ter sido projetadas como túmulos de uma única geração de reis. Porém, os Egípcios tinham uma enorme aversão a sujeitar os seus corpos ao processo ordinário da dissolução, pelo que praticaram o embalsamamento.

Os mortos eram transportados através do rio e enterrados nas areias do deserto, do que brotaram as ideias do cortejo fúnebre e do cruel barqueiro que transporta as almas para o território do desconhecido. Aqueles cujos amigos não podiam pagar o seu embalsamamento e passagem, eram jogados fora para ser devorados pelas feras selvagens, do que resultaram as ideias populares sobre os temas da salvação e condenação. Também se supunha que ao longo das águas escuras que formavam as fronteiras do mundo, se sentavam os juízes dos espíritos dos defuntos, que estabeleciam a felicidade ou infelicidade da sua futura existência; e aqui vemos o germe da doutrina do Juízo Final.

Bem, as pirâmides tiveram origem pavor da decadência e destruição do corpo, e foram concebidas para proteger as formas dos reis dos efeitos da grande catástrofe a que supostamente a terra estava destinada no final de um ciclo de anos. Nesses monumentos compactos foram

depositados os registos dos tesouros mais preciosos da terra, que podiam servir para dar à geração que viria a reocupar a terra, após a pavorosa visita, certas evidências da grandeza que o Egipto tinha alcançado.

As pedras com que as pirâmides são construídas é suposto serem de enorme tamanho, e com efeito tal é aparentemente o caso, à primeira vista. Essas pedras, foi provado, foram trazidas rio abaixo das pedreiras em que foram extraídas, o que suscita a questão, como foi possível erguê-las a tais alturas? Duas são as teorias que foram avançadas sobre o assunto. Alguns atribuem o aparente tamanho das pedras ao cemento com que foram revestidas, por meio do qual as costuras ou linhas de junção se acham tão impregnáveis que, quando secaram e se consolidaram, assumiram a aparência de massas sólidas de enormes dimensões. Esta é uma explicação plausível.

Outros supõem que os antigos Egípcios não desconheciam qualquer das artes mecânicas, e que a hidráulica facilmente os habilitaria a elevar os blocos maiores à altura da pirâmide mais alta - o que estabelece que essa ciência dificilmente avançou um passo durante milhares de anos. Também isso não parece improvável. Somos de opinião de que as pedras foram carregadas Nilo abaixo em blocos quadrados de vários tamanhos convenientes; que os interstícios foram preenchidos com pedaços triangulares menores; e que o todo foi unido por um tipo peculiar de cemento, cujo conhecimento da composição se perdeu, mas que é evidentemente aludido em diversas passagens do Antigo Testamento.

A passagem de inconstáveis eras foi suficiente para endurecer tal cemento, e uni-lo com a pedra em massas gigantescas. É igualmente provável que o topo da pirâmide tenha sido construído primeiro, e as pedras menores gradualmente introduzidas por debaixo.

Chegamos agora às formas de culto existentes, que são:

1 - A religião Hindu, cujos principais deuses são designados Brama, Vishnu e Siva, e que predomina ao longo da Ásia Oriental.

2 - Islamismo, situado na Ásia Central, e na parte superior da África, e parte da Europa.

3 - Cristianismo, que se estende pela Europa Ocidental e pela América.

Para além desses credos principais, há na Europa os Judeus, e na Ásia os seguidores do Zoroastro, que voltam a ocupar quase as mesmas posições relativas; são à mesma considerados infiéis ou párias pelos partidários das religiões predominantes.

Por fim, temos diversas formas de culto pagão na Ásia Oriental e nas ilhas do mar. A fé Hindu ou Brâmane reconhecem três divindades principais, a saber, Brama, Criador, no Passado; Vishnu, o Preservador, no Presente; e Siva, o Destruidor, no Futuro. Mais uma vez aqui traçamos uma semelhança com o triângulo sagrado dos antigos Egípcios. Os livros sagrados dos Hindus eram três em número. Revelam todos os mistérios dessa religião e mostram claramente que, em comum com qualquer outro sistema mitológico da antiguidade, apenas reproduz em novas e complicadas formas as ideias simples primitivas que os Egípcios foram os primeiros a simbolizar no conflito entre os Deuses da Luz e os Deuses das Trevas, sob diversos nomes e metamorfoses, correspondente às divisões do calendário.

O mesmo poderá ser dito da religião Persa, conforme exposto no Zend-Avesta - uma religião que voltou mais perto do que a Egípcia, ao tipo de crença simples e espiritual. E agora chegamos ao Cristianismo. Isso foi tomado de empréstimo, primeiro, da parte de Moisés, que adaptou aos próprios propósitos aquilo que a Hebraica havia derivado da Egípcia durante o período do cativeiro. Os Judeus eram uma tribo de Sírios sob o regime de Hyksos, ou Reis Pastores, que invadiram e conquistaram o Baixo Egipto, e lhe deram uma sucessão de monarcas, até serem expulsos por um do Faraós, que retivera os Judeus em cativeiro. Durante algumas gerações, os últimos cresceram no culto dos seus mestres, e Moisés em especial, diz-se que foi cuidadosamente treinado em todo o saber dos Egípcios.

Daí que ritos, cerimónias, ovações e sacrifícios dos Judeus, tenham sido meros atos de plágio que sofreram algumas interpolações provenientes dos Egípcios. A própria palavra Jeová não passa de uma expressão do triângulo sagrado dos últimos - Je, denota o Passado; Ho, o Presente, e Va, o Futuro; ou aquilo que cria, preserva e destrói. Assim, a crença original, simples como é, cobriu toda a terra em mistério e trevas.

A serpente que tentou Eva outra não é senão a serpente do Zodíaco, a qual, quando o Sol entrava nele, era suposto destruir a Virgem, que é representada nos hieróglifos Egípcios como tendo uma criança nos

braços e trazendo atrás de si o Deus da Luz. Também retratam o fruto que supostamente a Virgem deu ao Sol, e assim o tentou para as regiões das trevas. Encontramos de novo a Virgem a surgir de novo quando a escuridão é dispersa; o que leva a Virgem a representar a regeneração, ou o ressurgimento do reino; e isso foi interpretado pelos Hebreus como denotando a vinda do rei atual que deveria restaurar a sua prosperidade

Chegamos agora ao último sistema, o de Maomé, que se difundiu com tal rapidez pelo fogo e pela espada que agora conta com mais seguidores do que qualquer dos outros. É uma combinação das religiões Persa e Judaica, que se pode traçar apenas indiretamente até às formas mais antigas. Reconhece Maomé como profeta principal, em vez de Jesus, e também inculca a unidade da Divindade, ao contrário da noção de uma Trindade, ou Triângulo Sagrado. Isso deve-se ao fato de Maomé ter tomado de empréstimo do culto do Sol dos Persas, em vez dos Egípcios. O Islamismo, conforme dissemos, deve principalmente a rapidez com que se propagou ao poder da espada, daí que o derramamento de sangue e a devastação tenha marcado o seu progresso por toda a parte. Lamentamos dizer que o Cristianismo fez pouco mais.

A Virgem que era para trazer o Salvador dos Judeus outra não é que a virgem celestial do calendário antigo dos Egípcios, que vinha inaugurar o Ano e representava a mãe da recentemente surgida Primavera. A uma mesma fonte podemos traçar a história do menino na manjedoura, e do seu pai José. A ideia de Cristo na sua missão foi tirada da mitologia Persa e Egípcia; e, embora estejamos prontos a admitir que alguém que tenha nascido de José e Maria, tenha crido ser divinamente dotado, ainda assim, o seu nome e carácter mítico foram tomadas de empréstimo do antigo culto do Sol. Tal posição é corroborada considerando os ritos e cerimónias da Igreja de Roma, cujo Pontífice Principal não revela o seu sentido oculto, embora nos conduzam de volta de imediato às mitologias da Grécia e de Roma, cujos diversos deuses não passam de Divindades do Egipto sob outras designações.

Os trabalhos de Hércules, por exemplo, denotam a passagem do Sol pelos signos do Zodíaco; assim, podemos traçar as mesmas ideias astronómicas através de todos os caracteres da mitologia Grega ou Romana, que desde então foram transformadas em santos e profetas cristãos. Além disso, vemos que a história e os ensinamentos de Jesus Cristo correspondem notavelmente àqueles de um certo profeta chamado

Goda, que apareceu com um salvador no extremo oriente da Ásia, alguns dois mil anos antes da nossa era.

Diz-se que ele morreu por altura da mesma idade, após ter realizado curas miraculosos similares, e que foi transportado do mesmo modo para as regiões celestiais. Os Cristãos fariam bem em considerar tal paralelo. O Livro da Revelação, esse enigma e opróbrio dos teólogos e comentadores é uma mera repetição, dotada de uns ornamentos adicionais, das velhas fábulas alegóricas a que tanta vez nos referimos.

Mas regressemos uma vez mais ao Templo do Sol. Entrem nele e prestem as vossas devoções; porque, durante miríades de anos, sob diversas formas, a adoração do grande luminar foi passada à presente geração; ainda assim, hoje, não existe uma só nação em que a origem verdadeira e legítima da sua religião seja reconhecida nesses moldes. Ainda assim, todas as manhãs, a fonte de luz lança o seu resplandecente sorriso sobre a terra regozijada; todas as tardes ele afunda tudo quanto há de sumptuoso no seu humilde tabernáculo; no entanto, cada estação vem e volta, e trás o período das sementeiras e colheitas, das tempestades e da calmaria.

Toda a vida e movimento, todas as formas de beleza e de uso à superfície da terra, se devem à energia transmitida por essa misteriosa fonte. Todos os dias eleva uma nova criação; cada regresso da Primavera testemunha um mundo regenerado, no entanto o homem, cego pela superstição, recusa fazer a sua homenagem aos simples elementos - à alma da vida universal - e prefere ao invés, adorar o trabalho das suas próprias mãos, ou a criaturas da sua imaginação pervertida. Para sempre será o culto Maometano essencialmente idólatra, e o próprio Cristianismo recebeu uma vasta infusão do espírito do Paganismo.

Sem o Sol, não há luz nem beleza, nem inteligência, no entanto voltamos-lhe as costas e não lhe damos atenção, embora durante eras incontáveis ele foi alvo do culto de poderosas e sábias nações. Estranha paixão a que leva o homem a cansar-se a tatear através do espaço infinito para além dele, por aquilo que se acha nele e ao seu redor e a adorar uma abstração obscura, em vez do Poder cuja essência se move no seio da Criação visível.

Abandonem esses dogmas e símbolos Cristãos, relíquias estéreis e sem sentido de mitologias gastas; abandonem os sonhos da astrologia e

as frias fórmulas de metafísicas e cultuem uma vez mais o elemento da vida abundante e impregnada. Essa moderna inteligência que se arroga tão orgulhosa superioridade e que ainda assim se contenta em usar as correntes de uma aquiescência escrava a credos que brotam da infância ignorante da humanidade, que tenha vergonha!

Nós não lhes pedimos que ponham de lado as vossas Bíblias, neguem os princípios da Verdade, ou prestem menos reverência à bondade, mas pedimos àqueles que são iluminados e sensatos que percebam esse grosseiro afeto, e que arranquem a capa em que há tanto tempo se têm envolto. Ora, se podemos ver a origem da forma encarecida dos vossos ritos de batismo e da consagração sacerdotal - a imposição das mãos - até à antiga adoração de Mitras, ou do Sol. Porém, nem o vosso tempo nem a paciência nos permitiria demorar-nos como deveríamos sobre estes e outros tópicos como este.

Só podemos chamar a vossa atenção para as principais verdades que lhes apontamos; só lhes podemos apontar, à medida que passam pelo Templo do Sol, as inúmeras revelações que lampejam diante de vós, desde o topo até ao chão e ao longo de todos os seus sublimes corredores. Entendam que foi erguido na mais remota antiguidade, e que as ideias a que inicialmente foi consagrado chegou até nós pela história e pela tradição. No entanto os sacerdotes e os seus joguetes dizem-lhes que há somente mil e oitocentos anos, a religião surgiu uma vez mais na pessoa do único Redentor!

Porém, hoje o esclarecimento e a verdade podem ser os vossos guias; a história desdobra as suas páginas, e a ciência está a revelar os registos da Criação. Os depósitos do conhecimento foram abertos, pelo que, se as pirâmides se fossem libertas dos tesouros que encerram do conhecimento Egípcio, se a grande biblioteca de Alexandria existisse atualmente, talvez de pouco valessem. Adorem o princípio da vida que é a fonte do vosso ser, e cuja coroação da perfeição está nos legados da humanidade; adorem o Salvador, seja sob que nome for, seja sob que céus ele tenha percorrido o seu curso terrestre, que lhes refinaram e exaltaram as conceções que têm de moral; adorem acima de tudo, essa última manifestação que, aos alçá-los acima das velhas ideias de morte e de castigo, lhes forneceram a evidência positiva da existência contínua e subjacente das energias da mente humana.

O TRIÂNGULO SAGRADO

Cora L. V. Tappan, 16 Março de 1862

Antes de entrarmos na discussão do tema desta noite, desejamos simplesmente observar que, infelizmente, devido à escassez do tempo que temos à nossa disposição, muitos dos nossos ouvintes, na noite de Sábado passado ficaram com a impressão errónea com respeito ao assunto e intenção do nosso discurso. Recordar-lhes-emos que o nosso tema foi "O Templo do Sol" e tencionamos ilustrar a origem de todas as formas superficiais de culto e avidez com que os ignorantes e supersticiosos entenderam os resultados da ciência enquanto fundação dos seus credos e os erros que penetraram na religião em consequência.

Não tínhamos a intenção de recomendar uma renovação de observâncias idólatras que há tanto desapareceram antes das evidências tangíveis da ciência positiva, mas expor os erros que, introduzidos em períodos iniciais, foram implantados em todos os sistemas religiosos que desde então tem predominado. isso teve inteiramente origem no que era então conhecido como ciência material. Não é nossa intenção interferir com a veneração da elevada e santificada Divindade, mas romper com os seus falsos invólucros; virar os santuários profanos em que foram desperdiçadas tanto das felicidades e vidas humanas, e estabelecer em vez disso as verdadeiras bases da religião.

Esta noite o nosso tema é o mistério do Triângulo. O tratamento que lhe iremos dar pode ser esperado por alguns como puramente matemático, mas tal não é a nossa conceção. Enquanto o triângulo é do vosso conhecimento, em ciência, como a cifra principal de todos os cálculos matemáticos, chave em toda a mensuração, não é entendido a parte que representou nos grandes dramas das eras.

No formato anterior constitui p germe de todos os problemas geométricos. A ciência da trigonometria, em que é o principal elemento, constitui a base de toda medição exata; consequentemente, é classificado quase como tão grande, num ponto de vista científico, como mostraremos ser importante no sentido religioso. Se desejarem medir qualquer porção da superfície da terra, seja que formato ou dimensões tiver, precisará primeiro ser reduzida a um sistema de triângulos; se desejarem avaliar a superfície de uma esfera, isso também deverá ser subdividido em triângulos; se tiverem ocasião de medir uma figura oblonga, o triângulo é o único meio por que poderão efetuar o que

almejam; se o objeto da vossa investigação for um quadrado, isso também precisará ser triangulado; e o mesmo sucede com qualquer figura irregular.

Aqueles que tenham a mais comum das experiências em matemática estão perfeitamente cientes disso; contudo não passa de uma figura imaginada consistindo de um ponto imaginário de que é traçada uma linha imaginária, que vai ao encontro de duas outras linhas, que convergem e divergem respetivamente; pelo que contém três pontos, cada um dos quais representa uma figura matemática, e três lados retos.

No Sábado passado declaramos que os antigos, no período inicial da ciência, tiveram que eleger líderes que devotassem toda a sua vida à sua busca, sendo as massas impedidas de todo avanço no conhecimento teológico. À medida que os seus estudos prosseguiam, e as suas realizações se ampliavam, esses mestres ocultaram o mais possível as suas descobertas, para se tornarem mais poderosos, e por fim, os antigos hierofantes monopolizaram todo o conhecimento, e tornaram os mistérios no que são agora os princípios comuns do conhecimento, acessíveis a todo catraio de escola.

Esses líderes cedo descobriram os princípios da ciência positiva , e ao estudarem os movimentos dos céus, perceberam que a única fundação verdadeira da mensuração, quer de distâncias ou de áreas, precisa assentar num sistema de triângulos. Foi somente após longos anos de labuta que este resultado foi alcançado. Inicialmente era fácil, imaginar uma linha reta traçada entre dois pontos; porém, chegar à ideia que estamos a considerar, era necessário conceber duas linhas retas entre as quais era taçada uma terceira, constituindo desse modo o triângulo.

Isso era considerado o verdadeiro segredo do poder, e foi cuidadosamente ocultado da compreensão vulgar. Em todas as suas cerimónias, nem ao mundo teriam sido reveladas, e esse segredo era de tal modo sublime na consideração deles, que mesmo quando aplicados à construção das esferas celestes, a gente comum não tinha permissão para o compreender. Assim, descobrimos que o olho, que entre os Egípcios representava o Sol, eram igualmente, em consequência, o emblema da Divindade Suprema.

Todas as demais figuras da sua mitologia estava ligada a esse símbolo; porém, tão cuidadosamente foi o seu significado ocultado, que nenhum trabalhador profano tinha permissão para entrar nos subterrâneos

secretos onde os seus ídolos eram fabricados. Assim teve igualmente origem muitos dos ritos dos Maçons; daí a primitiva e teórica base da noção de uma divindade tripartida da Trindade. Deus era uma figura mais matemática que corporificava os únicos meios que a mente humana conseguia conceber, explicando o paradoxo do três num só.

O triângulo (conforme o chamaremos por falta de uma designação melhor) não é um triângulo, a menos que possua três lados; é imperfeito, a menos que esses três lados se unam em três pontos; consequentemente, não tem nada que ver com nenhum dos lados, a menos que o outro lado exista, ou possa ser inferido. Assim explicamos a aparente impossibilidade de uma Trindade falando em termos matemáticos, ao demonstrarmos esta como a única figura que o contém.

Entre os antigos, conforme dissemos, ninguém salvo os iniciados tinham permissão para compreender o processo do cálculo, ou a construção ou uso dos instrumentos matemáticos. Daí que entre os Egípcios, por exemplo, as massas se vissem obrigadas a venerar às cegas segundo o que lhes ditavam os sacerdotes, os quais, começando por observar a mudança das estações, chegaram gradualmente a abstrair que todos os poderes brotam das pesquisas científicas, e no mesmo grau do mero significado físico do emblema usado, inferiram que pertenciam a algum domínio misterioso e sobrenatural.

Quando, pois, os líderes proclamavam uma figura como representativa de uma nova ideia científica, era instantaneamente erigida pela comunidade em geral num objeto de adoração. Temos todas as razões para acreditar que os germes de todas as ciências foram implantados no império da Índia da Ásia Oriental, e que foram transmitidas ao seu aperfeiçoamento no Egipto.

A configuração dos corpos celestes era representada por uma série de triângulos, os quais, estando além da compreensão de toda a veneração figurativa das gentes comuns, formavam o predicado de todo culto figurativo dos Indianos. Resumindo, todas as descobertas tendem distintamente a provar que a conceção inicial da veneração de uma Divindade, na forma de uma Trindade, teve a sua origem na simples figura de um triângulo. Vejamos como.

O Deus Indiano é representado como incorporado em três princípios distintos, ou poderes; Brama, aquele que cria; Vishnu, aquele que preserva; Siva, aquele que destrói. Esses três formam os três lados do

antigo triângulo Indiano. Esses deuses são mais conhecidos nos tempos modernos sob o misterioso nome de *Aion*,* o qual, uma vez mais, quando dividido em sílabas, nos dá os nomes que denotam respetivamente Brama, Vishnu e Siva.

Tão completamente foram ocultos estes mistérios que as gentes comuns se sentiram encantadas por se valer de qualquer forma de veneração; consequentemente, prestaram uma homenagem idólatra a animais que foram selecionados para os representar, e os líderes (eruditos inicialmente, não sacerdotes) envolveram os seus oráculos em trajes de uma tal obscuridade alegórica que com efeito cegaram as massas quanto ao verdadeiro segredo. Consequentemente, quando descobriam alguma coisa por via do triângulo, colocavam-no de imediato diante das pessoas como objeto de veneração. Os princípios matemáticos da esfera foram cuidadosamente ocultados do povo, e os seus instrumentos de cálculo foram habilmente escondidos nas cavernas em que conduziam as suas pesquisas.

O significado espiritual desse triângulo foi primeiro um linha reta, que era considerada como tendo tido a sua origem no Sol; esse era o principal objetivo da sua atenção. Essa linha reta estabelece um ângulo com a segunda linha, o que era chamado o produto, ou *soma*, da primeira linha, e depois essas duas linhas são unidas por uma terceira, que era chamada *resultado sagrado*. Essas ideias correspondiam respetivamente ao Sol, ou Deus, que cria; a lua, que era um objeto de especial veneração, por constituir o planeta negativo ou lunar, que preserva, ou é causa de permanecer parado, e a atmosfera da Terra, que contém à mesma os elementos da existência e da destruição.

Assim, temos Deus, o Sol, Deus a Lua, que representa a segunda, ou o que é conhecido como Cristo; Deus, a atmosfera, ou Espírito Santo. Isso prevalece muito para a conceção Índia da Trindade. Agora, perceberão, que embora os Indianos se tenham dividido em três diferentes seitas, cada uma das quais presta especial veneração a um dos três antes nomeados, descurando relativamente os outros, ainda assim todos reconhecem a mesma origem e fundação, mas não compreendem de todo o significado dos Deuses que veneram.

Os temas das nossas observações são, pois, principalmente o Deus dos Indianos, e o Deus dos Egípcios. No Egipto, encontramos essa fundação física, matemática da religião trazida de forma distinta à vista, por os Egípcios terem importado do Oriente a conceção primitiva de um

Deus, ou base de veneração - o Sol, e implantaram sobre ele o seu simbolismo astronómico e geométrico, criando um sistema completo de sobrenaturalismo científico. Desse modo tornou-se numa coisa natural que os três lados do triângulo devessem representar os atributos principais da Divindade, cujo nome Júpiter, expressava esses lados, quando dividido do seguinte modo: Jú-pi-ter; e fazia referência ao Sol, cuja circunferência, diâmetro, e órbita eles tinham medido por meio de um triângulo, desse modo divinizando o objeto que lhes tinha proporcionado tanta informação. Júpiter era, pois, o nome do Sol, e representava na Fenícia, e posteriormente no Egipto, todos os mistérios de Osíris e Ísis.

Por fim, seguindo-lhe o rasto ao longo de gerações sucessivas, encontrámo-lo introduzido no que é conhecido como a religião de Zoroastro, e na teologia de Moisés. Zoroastro adotou a ideia espiritual, que os Múgil Indianos cuidadosamente ocultaram, e implantou nela o princípio da devoção espiritual. O seu Zend-Avesta era a combinação num só sistema de todos os atributos da Divindade, de acordo com as diversas formas de culto religioso, que cresceram da ideia primitiva; e adaptou a totalidade das qualidades do seu povo, os seus hábitos, gostos, costumes e clima. Zoroastro promoveu e preservou a ideia espiritual no Oriente. Moisés, no Ocidente; porque, antes deles não tinha existido conceção nenhuma, exceto dos elementos físicos; e entre os sacerdotes, as propriedades matemáticas do triângulo.

Mas por fim lá surgiu o reino do Deus único. Moisés foi iniciado em todos os mistérios Egípcios e apossando-se dessa ideia e ao ver como concordava com a conceção da Divindade que era expressada no culto do Sol, a sua mente elevada de imediato a adotou, e ele disse: “Isso irá formar o predicado do meu Jeová!”

Notem bem! O brâmane, ou Indiano diz: Brama é o passado, aquele que criou; Vishnu é o presente, aquele que preserva; Siva é o Futuro, aquele que destrói. Que coisa diz Moisés? *Je* é o passado, *ho* é o presente, e *va* o futuro. O mesmo triângulo que fora consagrado na Índia, e posteriormente consagrado na forma do Jeová Espiritual, cujo nome os Judeus até hoje preferem morrer a pronunciar; e porquê? Tal proibição tornou-se necessária, por os Egípcios, que foram iniciados nos mistérios da sua própria religião, haveriam de perceber pelo nome secreto do Deus Triúno, caso fosse pronunciado diante deles, e haveriam de informar os

seguidores de Moisés que ele tinha introduzido no seu culto muitas das formas da idolatria Egípcia.

Os Rabis Judaicos dir-lhes-ão que o misterioso significado de Jeová se referre ao Deus triplo, que representava o triângulo sagrado dos antigos. É corretamente suposto que as pirâmides do Egipto tenham sido construídas em consequência das inundações do Nilo, que tornava a arquitetura vulgar passível de ser destruída. A sua forma peculiar deveu-se ao fato de todos os edifícios públicos dessa terra serem consagrados ao Deus tripartido - ao Três em Um - pelo que foi considerado essencial que ele devesse assemelhar-se ao tanto quanto possível triângulo. Todos os eruditos concordarão que o obelisco e as pirâmides eram dedicadas ao Sol, que representava o Deus tripartido. Assim no Oriente o deus Mitras era venerado sob a figura de um cone, cuja secção vertical forma um triângulo. Assim, vemos de novo que traçamos a ideia básica desta religião a duas regiões distantes - a parte Oriental da Ásia e o Egipto.

Confúcio, que consta entre os mais antigos representantes da teologia Indiana, introduziu um culto transcendental que afastou a mente das conceções primitivas - e a mesma observação se aplica a Zoroastro, entre os Persas. Até mesmo entre os Gregos e os Romanos, nos deparamos com muitas evidências da veneração do Deus tripartido. Nas doutrinas Judaicas, conforme pregadas por Moisés, vemos essa divindade triúna após ter sido separada da ciência material e ter gradualmente assumido uma forma espiritual.

A forma material da conceção tomou o seu curso até à Grécia e Roma, e foi transmitida por eles até às presentes gerações, enquanto a noção abstrata conduzia à localidade da Divindade em alguma esfera distante, e assim Jeová, que inicialmente aparecera na forma do Sol, e depois como triângulo, é agora uma unidade invisível e intangível que habita o espaço infinito, embora esteja sempre acessível às súplicas dos seus filhos. Mas vejamos como esta última ideia chegou a prevalecer.

Os Egípcios representam a influência do Sol nas diferentes estações sob a forma das diversas divindades subordinadas, de modo que quase todos os dias têm o seu poder superintendente, que era venerado na forma de algum animal ou vegetal. Esses poderes eram divididos em três classes: 1º - Aqueles que estavam ligados ao surgimento da vegetação na Primavera. 2º - Aqueles que guardavam o amadurecimento e preservação dos frutos da terra. 3º - Os agentes da destruição, quer pela

ação da água ou do fogo, a que a terra estava condenada no final de um certo ciclo de anos.

Era do conhecimento geral que as inundações do Nilo se tinham tornado menos violentas do que das anteriores ocasiões, e dessa circunstância se inferia que o poder do Deus Sol predominava gradualmente sobre o de Tifão, ou a estação das chuvas, e quando obtivesse a ascendência final, o mundo seria destruído pelo fogo.

Avançamos agora para a análise do Deus Triúno - Pai, Filho e Espírito Santo - referido na Bíblia dos Judeus. Deus, o Pai, é o passado, o princípio da Vida, que criou todas as coisas, e que nós podemos representar somente como a base da pirâmide, ou a linha base do triângulo. O Filho, que é igual e coevo com Deus, constitui o primeiro lado do triângulo; o Espírito Santo é aquela linha, seja real ou imaginária, que completa a figura que, quando as duas outras são determinadas, nos dá a distância na aferição geométrica ou astronómica, entre dois pontos.

Este diagrama matemático ao ser espiritualizado por Moisés, chegou a significar Deus o Pai - o poder que cria; Deus o Filho - esse princípio incorporado, coevo com o anterior, contudo nascido dele, que existe como a família humana: Deus, o Espírito Santo - aquele produto dos outros dois, que é conhecido como o elemento religioso, ou o sentimento de devoção. Daí o Salvador, o Filho de Deus, não era outro que a incorporação mística do segundo lado do triângulo. Essa ideia de um Deus triúno foi passada de Moisés até aos Cristãos, por quem foi venerada como a “Trindade Santa e Adorável.”

A religião de Maomé predomina sobre a Ásia, exceto na sua porção mais oriental. A ideia que eles têm de Deus é uma combinação das conceções Judaicas e Persas, e pelo poder da espada conseguiu erradicar a velha teologia, onde quer que prevalecesse. No entanto, nas suas vizinhanças não conseguiu por forma nenhuma diminuir o apego fanático que os Hindus tinham à sua mitologia primitiva. O Cristianismo, no que diz respeito à sua forma superficial e doutrinas externas, não passa, conforme vimos, do produto da mesma crença universal primitiva, representando do mesmo modo pelo Jeová dos Hebreus, o Júpiter dos Romanos, e o Osíris dos Egípcios. Venham connosco a uma catedral Católica Romana qualquer e verão retratado em todo o lado o triângulo sagrado; mesmo nas igrejas Protestantes e Episcopais, o mesmo símbolo se torna evidente. No emblema Mação, o olho que tudo vê, ou seja, o Sol, é representado rodeado de raios e encerrado no triângulo,

significando que não há meio de se medir a distância de que esses raios se estendem senão por essa figura.

O quadrado composto de dois triângulos, não passa de uma repetição do mesmo; todos os ritos e cerimónias dessa ordem secreta preservam o misterioso significado do culto dos antigos Egípcios. A cruz, que por todo o mundo Cristão é exibida em memória do Redentor crucificado, era originalmente um mero modo de representação dos quatro triângulos que os Egípcios adotaram enquanto sinal de uma das suas eras astronómicas mais importantes e que são combinadas no *prisma*.

O prisma foi introduzido no culto de Mitras - em que os próprios nomes e formas da devoção Cristã são tão intimamente repetidos que, se não soubéssemos do contrário, poderíamos supor que fosse uma mera cópia da última - e representasse uma das formas misteriosas assumidas pelo triângulo dos Egípcios, da parte de quem foi passado aos Judeus, e que sob o Império Romano se tornou, na forma da cruz, no emblema mais sagrado do Cristianismo.

O nome Cristo - Krishna - em si mesmo não passa de um dos lados do triângulo, e é repetido no Vishnu dos Indianos - o deus que preserva. O triângulo representava igualmente a vida, a verdade, a eternidade; vida, naquilo que existiu, e que cria; eternidade, aquilo que virá a existir, tempo infinito; verdade, o resultado dos outros dois. Esse Krishna, aquele que preserva a existência, conhecido posteriormente com o filho de Deus, era o Salvador prometido dos Judeus, que estava para vir como rei temporal e libertar da opressão estrangeira, e que que haveria de representar no mundo o verdadeiro princípio de toda a existência. Todos os anjos e arcanjos, santos patronos e mártires da hierarquia celestial Romana não são outra coisa senão as constelações do antigo calendário Egípcio.

As próprias letras I.H.S., apresentam-nos de novo a ideia triangular desse culto. O pai, Deus, outro não é senão o sol, a segunda pessoa da Trindade é a esfera lunar, o Espírito Santo é a atmosfera externa através da qual passam unicamente aqueles luminares que estão ligados ao nosso globo. Bem, toda a ideia figurativa representa um tanto a verdade.

O triângulo visível tornou-se num mero instrumento nos cálculos matemáticos; o triângulo espiritualizado permanece atualmente o objeto da veneração para milhões; e toda a vez que se ajoelham aos pés da cruz de Jesus de Nazaré não fazem senão venerar um prisma que representa o triângulo dos antigos Egípcios. Quando se curvam ante o

Deus Triúno, com efeito ajoelham-se ante o Júpiter do Egipto, o Aion da Índia; e toda a vez que repetem o credo de Niceia, estão em verdade simplesmente a afirmar que o triângulo é a única figura matemática que explica o paradoxo do três em um, e do um em três.

Que é que se segue necessariamente? Que despir a religião de todas essas formas mitológicas - torná-la sagrada e pura - todos os homens precisam familiarizar-se com a sua real origem. Certamente não venerariam a Deus enquanto um ser tripartido, se soubessem que essa conceção d'Ele fora simplesmente inventada pelos sacerdotes, que primeiro visavam escravizar as multidões iletradas que os procuravam para orientação, por meio da superstição.

Não venerariam a cruz se descobrissem que fora um mero emblema do Sol, tal como eram aqueles enormes monumentos erigidos nas margens do Nilo, a fim de marcar o recuo das águas. Não ofereceriam as vossas preces ao Pai, Filho e Espírito Santo, se soubessem que essa diversidade de pessoas da divindade, e as suas funções tiveram origem nas idolatrias Indiana e Persa. Não se ajoelhariam ante o santuário que deve a sua edificação a deturpações e perversões de uma fé simples, e pelo que a fé se tornava tão obscura e extinta que devotos iludidos se vissem privados do objeto genuíno dos seus votos.

Se a origem de todos esses ritos e credos lhes fossem revelada, se lhes mostrassem que eram meras expressões de certos princípios e processos úteis e familiares matemáticos, e haveriam de ficar chocados ao ver nas crenças acalentadas de tantas eras o mero resultado do conhecimento superficial de um engano grosseiro e intencional.

Todas essas coisas, porém, representam um princípio. O triângulo encerra o segredo do poder da Divindade, porque, embora essa mente eterna seja representada por dez mil formas; embora os seus atributos nos sejam revelados em cada recanto desta criação visível, embora o sol e as estrelas possam propiamente ser tomadas por tipos e símbolos do Seu poder e da Sua beneficência, ainda assim, contemplai!

O homem curva-se diante de ídolos obscenos, ou pedras sem inanimadas, e, nos países modernos, adoram um *um* simples humano, como eles próprios. Mas esse espírito ou poder, que é Deus, representado pelo primeiro lado, ou base, do triângulo sagrado, esse princípio, que é a verdade, o Salvador ou aquele que preserva o mundo, representado pelo segundo lado; e a eternidade das suas operações

conjuntas representadas pelo terceiro lado - essas três expressões transmitem tudo quanto é conhecido ou alvo de crença em questões de Religião.

Consagrem, pois, o vosso culto, a um santuário qualquer afastado de meros cálculos matemáticos, sofismas metafísicos, e das sedutoras fantasias da mitologia. A veneração de Deus, o Criador, o elemento absoluto e essencial do ser, não necessita de nenhuma personificação em emblemas ou figuras, por o tempo e a forma não são predicados d'Ele - o espírito omnipresente e animador que existiu, existe e sempre existirá o Criador e o Sustentáculo do universo; o qual ao se refletir em todas as formas da natureza, e ao conferir beleza e força a toda a flor, e árvore, e animal; ao decorar os céus com miríades de mundos e ao encher tudo de movimento e de satisfação, é ainda assim invisível, a vida, a verdade, a eternidade do ser. Venerem essa Trindade, porquanto só ela é verdadeiramente santa. Não venerem aquilo que não passa do (...) da dissimulação de uma afirmação tão banal e habitual que qualquer catraio de escola o sabe rabiscar no quadro.

Não é demasiado tarde para despojarem a religião dessas formas afetadas, últimos restos da idolatria, cuja existência se deve à simples carência de inteligência. Deixem que o vosso culto seja representado por símbolo nenhum, salvo aqueles da vida; que não seja consagrado em templo nenhum salvo aquele que o próprio Deus tenha criado.

Que não tenham santuário exceto dentro da alma; que não se expresse por credo nenhum, exceto aquele que vem escrito na face da Natureza e nos vossos corações, e deixem que o seu salvador seja unicamente a verdade. Escolhem se vão continuar no caminho da superstição traçado nas trevas de uma era iludida pelas varinhas mágicas de adivinhos Egípcios, ou se, na luz pura da inteligência Cristã rendem as vossas devoções ao espírito do Criador Universal, Preservador e Destruidor (conforme todos os termos da Natureza mostram) aquilo que foi, que é e que passa sempre será - Deus.

**NT: Aion constitui a pronúncia grega do termo "éon", que indica o tempo na sua acepção de potência vital (em contraposição a Qíron) e por isso é interpretado por Aristóteles como "desde sempre".*

A PRESENTE CRISE

DUAS PALESTRAS PROFERIDAS PELOS FALECIDOS THEODORE PARKER E HENRY CLAY, NO SALÃO DE DODWORTH NA MANHÃ E NOITE DE DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO DE 1860, AMBAS POR INTERMÉDIO DA MÉDIUM CORA L. V. TAPPAN

INTRODUÇÃO

Ao apresentar as palestras que se seguem ao público, o Editor não se sentiu mais motivado por uma ideia de ganho do que por um desejo sincero de fornecer evidência adicional do poder que os que partiram têm, de comungar com os filhos da terra. Como estas páginas tratam da questão que hoje agita toda a nação, elas provavelmente obterão uma circulação mais generalizada do que qualquer produção que até aqui tenha estabelecido a reivindicação espiritual. Daí a explicação que se segue - que não foi planeada, e que seria considerada supérflua pelos milhares de mentes inteligentes que compareceram, encantadas, aos discursos desta médium altamente dotada. De um livro de Palestras transmitidas através da Sra. Hatch, e publicado há dois anos, citamos o seguinte relato resumido:

"A senhora Cora L. V. Hatch, que foi o meio de transmissão ao mundo dos pensamentos contidos neste volume, nasceu na cidade de Cuba, no condado de Allegany, Nova Iorque, no dia 21 de Abril de 1840. Assim, parte destes discursos foi apresentada antes que ela atingisse os dezassete anos de idade. As competências literárias dela foram as que ela foi capaz de conseguir num distrito rural do país antes de completar os dez anos, altura em que se tornou médium de transe. Até então ela não tivera qualquer conhecimento do intercurso espiritual. Um dia, de ardósia e lápis na mão, ela retirou-se a fim de compor algumas linhas para serem apresentadas na escola, e enquanto se encontrava sentada, perdeu a consciência de vigília, e ao despertar ela encontrou a sua lousa coberta de escrita. Crendo que alguém tinha tirado partido do que ela supôs ter sido um breve sono, ela levou a ardósia à mãe, que descobriu que continha um comunicado da parte da tia materna de Cora (que partira desta vida alguns quinze anos antes) com que se dirigia à Sra. Scott, mãe de Cora.

* * *

"Aos catorze anos de idade, ela tornou-se oradora pública, e até mesmo nesse período inicial da vida manifestou dotes de lógica e de elocução que prestigiariam mentes amadurecidas, e que, relativamente poucos chegam a alcançar. Casou-se em Agosto de 1856, e mudou-se para a cidade de Nova Iorque, após o que que ela tem falado três a quatro vezes por semana, principalmente em Nova Iorque, Boston e Baltimore. Foi levada a um contato com as mentes mais poderosas desta nação, tanto em debates privados quanto públicos, mas acredito que ninguém jamais pretendeu ter tido êxito num debate com ela.

A variedade de assuntos tratados será evidência suficiente de que as suas inspirações não se confinam a nenhuma classe específica de ideias, mas que são tão universais quanto a natureza; e, como os seus discursos são totalmente *improvisados*, se ela não é inspirada, então deve ser considerada a pessoa mais notável e intelectualmente desenvolvida da época. ”Em privado, ela é simples e infantil a um ponto notável; mas ao falar diante de uma plateia, os lances da eloquência que atinge revelam-se ousados, altivos, e sublimes, além de qualquer descrição."

No final de uma palestra no Salão de Dodworth, na noite de Domingo, 9 de Dezembro de 1860, foi anunciado pela influência que controlava a Sra. Hatch, que no sábado seguinte a emocionante questão política que agora agita o país seria discutida pela manhã, por um lado, pelo falecido Theodore Parker, e em oposição, à noite, por um estadista falecido, cujo nome não foi apresentado, mas que posteriormente foi identificado como o falecido Exmo. Henry Clay. Estes discursos mostraram-se característica tanto nos modos como na substância, e teria sido difícil aos mais céticos que estivessem familiarizados com as partes mencionadas acima apontar qualquer diferença marcante na maneira e no comportamento desses homens distintos enquanto viveram, e na sua representação, através do organismo da médium.

* * *

Embora, de uma maneira geral, devêssemos inclinar-nos a ignorar os nomes como de muito pouca consequência, podem surgir casos em que, numa reunião pública, a identificação daqueles que tiverem alcançado proeminência perante o público na sua vida terrena, pode trazer enorme benefício. Este considero eu ser um desses casos. Será adequado

observar com respeito a isto que a Sra. Hatch, se encontra inteiramente inconsciente enquanto fala, e que é frequentemente levada a dar voz a sentimentos e a proferir pareceres inteiramente em desacordo com os seus próprios. Com estas parcas observações recomendamos as páginas que se seguem à atenção do leitor, confiantes de que irão descobrir ampla compensação na sua leitura.

THEODORE PARKER

Foi-me solicitado enunciar que o objeto do presente discurso, e o daquele que se seguirá esta noite, tem dupla finalidade; primeiro, representar tão fielmente quanto possível, através de um mesmo organismo, duas identidades distintas de carácter completamente oposto; pelo que de forma distinta procuraremos identificar-nos, de modo que aqueles que nos tiverem conhecido possam porventura reconhecer-nos como presentes. Em segundo lugar, apresentar-lhes os lados distintos e contrários da questão que pende atualmente sobre o vosso governo nacional, e mostrar-lhes que, no mundo invisível temos maiores oportunidades de observação, de conhecer o futuro e de perceber o presente, maiores do que no mundo aparente; contudo ainda subsistem diferenças de opinião, talvez tão distintas e positivas quanto aquelas que nos caracterizaram quando estivemos convosco, e aquelas que agora dão nota às disputas políticas na vossa nação entre o certo e o errado, conforme o entendemos.

Proponho nesta ocasião não entrar no aspeto religioso da questão da escravatura em discussão, por não termos norma do que seja religioso ou não religioso, salvo aquilo que se acha incorporado na verdade. Consequentemente, não nos propomos apelar aos vossos preconceitos religiosos em nome de algum movimento ou de algum princípio ligado à escravatura Americana. Mas propomo-nos apelar-lhes à razão, ao vosso juízo, à vossa compaixão, à vossa humanidade; e se isso não for religião, onde está o altar consagrado ao culto?

Não lhes pedimos que reconheçam a escravatura nem a aposição à escravatura, por ter sido revelado nesse livro, tão grandioso quanto o reverenciamos (a Bíblia), por mais que aprovemos muitas das suas doutrinas; contudo sabemos que Deus fala comummente às almas humanas mais através dos afetos humanos do que das leis escritas. A

mente constitui uma revelação grandiosa e positiva; e a compaixão e a inteligência humanas constituem as evidências registadas do seu poder e grandeza. Apelaremos, por isso, à vossa humanidade; ao vosso grande sentido de justiça humana; à compreensão que têm do Infinito, e interrogá-los-emos do significado desta contenda que atualmente pende sobre vós.

A História tornou-lhes conhecidas, assim como a nós, as nações, que sob variadíssimas causas e políticas, e sob as mais diversas circunstâncias, chegaram a considerar a escravatura como coisa acertada; enquanto política de governo nacional, e estamos bem recordados de como, na história de cada nação onde a escravatura tenha existido, com o aumento da inteligência, com o irromper do que é chamado luz do Cristianismo e o amor Cristão, a escravatura foi-se gradualmente diluindo como a geada do inverno, que se derrete à luz do sol.

Mas agora, quando nós, no século dezanove, olhamos por sobre todas as nações civilizadas e esclarecidas, e por sobre as nações pagãs e idólatras, verificamos que a escravatura não existe em parte nenhuma salvo como uma forma e consequência dos governos monárquicos; em parte nenhuma constitui política nacional, em parte nenhuma é reconhecida de outra forma que não como injúria; em parte nenhuma é defendida, para além de suportar tronos e reinados.

Olho para a Rússia; porém, no servilismo desse governo teocrático nem um décimo se vê da escravatura que existe num outro governo que eu conheço. Olho para a Áustria, e vejo em todo o seu orgulho e pompa real e todo o poder assumido, em tudo quanto diz respeito à força das armas, e administração da sua positiva e estrita tirania, nada senão a voluntária escravidão da mente, do pensamento e do sentimento ao que eles supõem ser o *direito*. Olho para a França e a Inglaterra, nações Cristãs, e não vejo aí qualquer escravatura.

Olho para a Itália, essa nova estrela que está justamente a irromper do seio da terra, qual gema na noite, e não vejo nela nada exceto os botões a brotar da liberdade e do patriotismo; e deparo-me bem defronte do brilhante esplendor da luz do sol da liberdade, com as névoas das trevas, e a tirania da escravatura religiosa, rapidamente a desvanecer-se. Olho para a América do Sul e vejo nas suas repúblicas, que são mais recentes

do que a vossa própria república, e que receberam a sua sanção, que brotaram e foram promovidas, e em certa medida encorajadas por ela, e não vejo qualquer escravatura nelas enquanto política nacional.

Olho para as ilhas mais remotas dos mares, e contemplo ignorância e servilismo, que resulta da ignorância, mas não vejo em parte alguma um ser humano a ser comprado ou vendido. Olho para os antigos Romanos e Gregos e vejo os seus troféus de guerra, os seus prisioneiros tornados cativos, a sua transação de escravos, não como peças da alma humana, mas como a sorte das nações capturadas.

Porém, volto-me para a América, a estrela da liberdade, a glória da manhã da terra, a beleza e o galardão do mundo, conforme foi chamada, e vejo, não monarquia, mas uma declarada liberdade. Não vejo rei algum num trono, governo monárquico algum, nenhum governo teocrático, nada salvo a liberdade - liberdade - liberdade estampada por toda a terra. Contudo, que é o que vejo mais? Junto com o nome da autonomia vejo a escravatura; a sujeição junto com a liberdade.

Por debaixo da bandeira de listas e de estrelas, vejo as manchas escuras da tortura humana. Mais altos que os altos brados de vivas e dos aplausos do patriotismo nacional, ouço os clamores e queixumes dos milhões de oprimidos. Mas, mais do que tudo isso, e mais fundo ainda, mais terrível que tudo isso; vejo homens que professam patriotismo aprovar por ato e palavras, por religião e decretos, essa terrível escravidão sob o nome de liberdade.

Que significado terá, o fato de, volvidos tão só dois séculos desde a altura em que os pais fundadores aqui chegaram a estas costas solitárias e enegrecidas, ter sido testemunhada uma das maiores contendas pela liberdade humana e pela redenção dos escravos Africanos? Que sentido fará que, depois de todo o sangue derramado, depois das heroicas labutas e batalhas, depois das lutas que teriam angariado honra a qualquer nação ou reino no mundo, eles por fim tenham conquistado, e em 1776 proclamado a sua independência?

Nesse memorável e glorioso preâmbulo da Declaração que torna a vossa nação como ela é atualmente, livre de nome, porém infelizmente não na realidade; percebemos estar baseada nos estritos elementos da equidade humana, da justiça humana, e da igualdade humana. Todos os

seres são criados livres e iguais. Todas as pessoas possuem por igual o direito à vida e à liberdade, e à busca da felicidade. Mais tarde, para fins de confederação e proteção mútua, os Estados Unidos da América, conforme são atualmente chamados (mas na altura colónias separadas da vossa nação) reuniram-se em convénio com o propósito de cementarem conjuntamente os laços que haviam sido formados em batalha, conjuntamente; e vemos que o primeiro princípio sobre o qual essa união foi estabelecida foi na liberdade humana individual. Sabemos que a Constituição dos Estados Unidos não passava da consequência natural da Declaração de Independência.

Quando os vossos fundadores declararam a sua independência da Grã-Bretanha, da opressão, da tirania, da crueldade e do egoísmo do poder então governante, o Cristianismo foi o seu predicado; foi fundado no direito, na justiça e na liberdade humanas. Sabemos que jamais houve pé que tenha pisado solo Americano que não reconhecesse esses princípios da liberdade humana, da busca da felicidade, da liberdade e da vida; mas primeiro da vida. A vida é aquilo que é concedido pelo seu autor, que nenhum ser humano pode tirar de forma impune, ou uma vez tenha tirado, poderá restaurar. É doloroso, terrível testemunhar uma nação a debater-se pela vida com outra nação; porém, conhecemos horrores mais terríveis do que a guerra, a morte, mais terríveis por ser uma morte mais viva do que aquela que sobrevém pela espada.

Honramos, adoramos, respeitamos, quase veneramos o homem que morre pela liberdade da sua nação. Mas que pensamos nós daquele que toma como posse sua uma vida que ele não criou, que não possui, que pertence a Deus, e que diz, "Este é meu, de corpo e alma; isto cabe-me a mim comprar e vender; quanto me dão por este corpo e por esta alma?" Que pensam vocês do homem que conduz a uma morte viva um ser humano, no solo de um território dedicado à liberdade?

Todos estamos familiarizados com a luta pela formação da Constituição Americana, e com as lutas que desde então se travaram no Congresso. Mas apontar-lhes-emos, por vida da ilustração da posição que assumimos, alguns desses incidentes, a fim de lhes mostrarmos a que justiça a escravatura está associada, e com que humanidade a escravatura é ainda mantida em existência, e com que liberdade e privilégio a América retém e aprova e encoraja a sua Constituição e

declaração; e com que glória e orgulho esta nação e este pais livre mantém na sujeição filhos da criação de Deus.

Estamos plenamente cientes, não enquanto homens de Estado, mas enquanto cidadãos dos Estados Unidos, que quando esta confederação de Treze Estados foi pela primeira vez formada, que agora se estendeu imenso em número e se alargou amplamente em população territorial e poder, o tema da escravatura foi intencionalmente deixado inteiramente de fora da Constituição; e que o objetivo disso era o de impedir futuro tumulto e inquietação entre os diversos Estados da União. Mas também sabemos que houve uma obrigação tácita e discernimento da parte de não poucos, mas de todos os diversos Estados, ou representantes dos diversos Estados, de que a escravatura deveria ser abolida da União. Sabemos que o Norte requereu isso, e que o Sul consentiu nisso.

Foi-nos, desde então dito por políticos e por estadistas do Sul que o Sul não planeava cumprir com isso. Tanto maior a sua traição; tanto mais profundo o seu erro; entrar na União com a mancha da escravatura nos seus nomes e corações; começar pelo entendimento de que precisava ser abolida, e por fim afirmar que não planeava fazer tal coisa. Sabemos que a Constituição evitou devidamente essa questão. Foi alvo de discussão nas diversas convenções, até mesmo após a constituição geral ser adotada e aprovada pelo Congresso, e vários Estados enviarem a sua aprovação ou reprovação a sugerir emendas que favorecessem a continuidade e um maior alargamento da escravatura.

Desde a altura em que a Constituição dos Estados Unidos foi formada e até ao presente ano de 1860, tem-se verificado uma contínua sucessão de lutas e de campanhas de guerra; muita vez por palavras, outras vezes por reveses. O tema da escravatura, sabemos bem, tem sido desde o princípio o germe de todo o mal que tem germinado na nação. E esse mal tem sido causado não pelo Norte, mas pelo Sul. Nós sabemos e mostrar-lhes-emos que não estiveram de acordo com as obrigações da Constituição, ou com os princípios em que a confederação tem a sua existência. E se eles se separarem da União, que individualmente esperamos venham a fazer, será por causa do *erro* e da *justiça* não poderem coexistir juntos; por o *certo* e o *errado* não poderem estabelecer qualquer compromisso de acordo; por entre a *luz* e as *trevas* não poder subsistir qualquer união; por, graças a Deus, o direito falar mais alto.

Sabemos que aqueles Estados da confederação em que a escravatura prevalece, pareciam então considerá-la precisamente como o Norte, por então existir em todos os Estados da União; mas a escravatura sofreu uma resistência com tal deplorável e sincera súplica, que o Norte por fim a aboliu, na inferência de que o Sul cumpriria com a sua parte do tratado e continuaria em harmonia com o Norte, na legislação no Congresso, até que a grande questão dos territórios fosse decidida. O Norte nada exigiu do Sul até então. O Norte disse: "Vamos aguardar até que lhes seja conveniente cumprir com a vossa parte do tratado." Não era o tratado da Constituição dos Estados Unidos. Esse falava por si.

Mas tratava-se do tratado de honra entre os diversos Estados da União qual o Estado que tinha deliberada e constantemente violado de uma forma bem-sucedida, desde essa altura até ao presente. Agora, em vez de treze Estados temos trinta e dois, e territórios que por sua vez virão a totalizar, talvez outros tantos. Mas ainda o clamor se faz soar por um maior alargamento da escravatura, e não pela sua abolição. O clamor ainda ressoa por, "Um maior espaço para as trevas; um maior espaço para a servidão e não "menos." O clamor não é "Ensinem-nos a libertar os nossos escravos;" mas, "Digam-nos como estender a área da servidão." O clamor não é feito com respeito a: "Consideramos a escravatura como um grande mal; encarámo-la como o maior mal que existe na nossa União, mas vamos aboli-la tão rapidamente quanto possível."

A questão dos nossos fundadores aqueles cujos nomes reverenciamos e adoramos, como Washington e Jefferson, Hancock e Hamilton, não era a escravatura, mas a nossa nação; não tinha que ver com eles, mas com a nação, não era um Estado individual dos Estados Unidos, nem nenhuma instituição particular que, concebida como um mal menor do que a tirania e opressão dos reis coroados, que se supunha morreria por si só num solo livre; pois, quem alguma vez teve conhecimento de que o bem tivesse alguma relação com o mal e encorajasse a parcimónia, ou prosperasse num terreno incompatível com a sua cultura?

Alguma vez tiveram conhecimento de que uma planta tropical florescesse numa zona frígida, ou de que um icebergue se formasse e crescesse quase até se tornar num templo vivo por baixo do sol de uma zona tórrida? Nenhum. A escravatura era então, como é agora, uma questão política e não nacional. A escravatura era então, conforme é

agora, uma questão da política de um Estado individual e não da política governamental nacional.

Porém, a escravatura não estava então, como está atualmente, entrelaçada com os próprios elementos constituintes do vosso governo nacional. A escravatura não era então, como é agora, uma hoste armada em marcha para devorar e desenraizar os próprios princípios da liberdade. A escravatura não era, como é agora, a cabeça da Górgona do mal contra a qual os patriotas e fundadores da vossa nação procuraram defendê-los. A escravatura não estava então, conforme está atualmente, dispersa pela mais bela porção do vosso território, nem se estendia tanto a Norte quanto a população e a religião do Norte o permitiram, e que se haveria de estender ainda mais não fora pela diligente e glorioso combate que foi travado para a evitar.

Recordamos com que relutância, com que grau de tristeza, mesmo o mais sincero dos defensores da escravatura em 1820 encarou o Acordo do Missouri; que batalha não foi então travada; a eloquência que os vossos estadistas não verteram então. Recordamos a consideração sincera pelo bem-estar da sua nação, com que intensidade de sentimento e sinceras orações, foi por fim admitido na União como um Estado escravo; só que com base na estrita condição de que a porção restante do território que o Missouri então reclamava, deveria pertencer aos Estados Unidos, e deveria ser livre da escravatura.

Recordamos a ata que foi apresentada para prevenir uma maior vigência de escravatura no Missouri, ao providenciarem que após vinte e cinco anos a escravatura deveria ser abolida, e todo negro nascido nos Estados deveria, ao atingir os vinte e um anos de idade, ser livre. Isso foi conquistado pela política do Sul; mas por fim o grande golpe fatal da emancipação humana foi assinado e aprovado pelo Congresso. Individualmente, sempre o consideramos como a assinatura da abdicação da liberdade Americana; como a colocação da chancela da nação sobre a escravatura, enquanto um ato de opressão humana; mas individualmente, sempre oraremos para que esta nação não possa prosperar até que esses compromissos entre a verdade e o erro cessem, e a luta possa tornar-se uma luta aberta, ousada e livre; mas estamos certos de que o direito conquistará, seja a favor da escravatura ou da liberdade.

Quando, pelo tratado de 1802, firmado com a França, os Estados Unidos obtiveram a posse daqueles territórios que ela reclamava, e quando com a Espanha foi assinado o tratado que entregava aqueles territórios que naturalmente pertenciam aos Estados Unidos, quando o Louisiana foi cedido a esta nação pela França, os tratados então firmados tinham muito pouca relevância para a instituição da escravatura, mas consideravam-na interessante somente para aqueles Estados particulares onde a escravatura existia. Consequentemente, esses tratados foram firmados a fim de proteger os então existentes Estados do Sul que detinham escravos, e que não se podiam livrar do que encaravam como uma maldição, mas os seus filhos agora encaram como uma bênção dos céus e uma permissão.

Terão, Washington, Jefferson, Clay, ou algum outro, salvo Calhoun, considerado a instituição da escravatura ou o direito dos Estados individuais de deter escravos uma instituição sagrada ou estritamente do Estado? Nunca. Eles consideravam-na como uma contingência do estabelecimento inicial de um novo país, um dos contingentes que a população dos Estados da Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia e Florida adquiriram ao afastarem as obstruções naturais que então existiam no cultivo do solo, o que, encarado como conveniência, era excelente. Porém, quando o Ohio, sob uma administração Sulista similar, se candidatou à União, e ao mesmo tempo, se candidatou a uma permissão para receber e preservar na sujeição, escravos por um período de dez anos, o Congresso dos Estados Unidos achou isso inconveniente, e repudiou a ata, e proibiu a extensão da escravatura nesse território; e desde esse dia até ao atual, o Ohio tem sido um Estado livre.

Ao Massachusetts tenho prazer de chamar minha terra natal; orgulho por mais do que uma razão, mas muito mais por ela se ter sido a primeira a libertar-se dos seus escravos, e por sempre ter dado os primeiros passos no sentido da aprovação da emancipação dos escravos; orgulho-me dela por ter sido a primeira a reconhecer no escravo negro o direito ao título de ser humano; sinto orgulho nela por ela ser representada em diversas sessões do Congresso por tantos arautos de emancipação; orgulho dela porque, por causa da escravatura, um dos seus filhos, mais nobre na nossa estima do que aqueles que lutam com espadas, foi abatido em meio à expressão dos seus sinceros sentimentos; orgulho nela por ela ter suportado, e sofrido, e triunfado sobre o mal que agora

ameaça toda a vossa nação; orgulho nela por os seus Estados irmãos a consultarem e lhe seguirem o exemplo de proclamar o negro livre.

Estamos bem recordados do sentimento de indignação que varreu todo o Norte quando a ata do Escravo Fugitivo foi aprovada pela primeira vez; e da finalidade e intenções do Dr. Mason (NT: James Murray Mason) ao introduzir essa ata. Foi planeada como concebemos, como um insulto deliberado a todos os Estados do Norte. A Constituição dos Estados Unidos previa a contingência de pessoas que fugissem à servidão, e a contingência de ser devolvida de novo ao seu serviço e ao seu mestre.

A palavra “escravo” ou “escravatura” não existe na Constituição Americana; por as mentes humanas, as mentes patriotas, as mente livres e elevadas não estarem dispostas a deixar que numa página da história aparecesse um borrão, uma marca, uma cicatriz, conhecida como Escravatura na Constituição de um povo livre. Foi muito sensato, criterioso, perspicaz. Foram igualmente muito singulares as expressões que foram usadas para representar os escravos. O termo “pessoa” é sempre aplicado. A pessoa que escapar à servidão e fugir ao serviço do mestre deve ser devolvido pelos outros Estados da União. Porém, quando além disso a ata do Escravo Fugitivo foi introduzida, enquanto provisão proposta contra as contingências, recordo bem como não foi sem indignação, desdém, e um quase desprezo, que essa ata foi inicialmente acolhida.

Mas, o que foi encarado inicialmente com indignação foi por fim considerado por parte dos patriotas da transigência do Norte como tendo sido bem feito. O Sul exigiu essa protecção da sua propriedade e dos seus direitos, e obteve-a na Constituição. O Norte, por fim ficou mais disposto a conceder mais; desse modo foi que a ata do Escravo Fugitivo foi aprovada, que impedia que todo Estado na União de reconhecer os direitos que a Constituição lhe tinha outorgado, de elaborar leis e provisões contra o reconhecimento da escravatura conforme achasse conveniente; e agora, com o desenvolvimento da civilização e inteligência que raiara nas mentes das pessoas, oito dos Estados Unidos da América recusaram reconhecer a ata do Escravo Fugitivo.

E nós congratulamo-nos com isso. Não é inconstitucional, por não ser a Constituição que se recusam a reconhecer, mas a ata do Escravo Fugitivo que fora passada pelo Congresso, não do Norte, mas do Sul; a

ata do Escravo Fugitivo que tira o direito positivo individual aos Estados, e que reconhece em si o poder absoluto e a legitimidade da escravatura.

Ainda nos recordamos de como, em meio à contenda gerada do Kansas-Nebraska, que só Deus sabe como virá a terminar; mas por ora a questão é, não a escravatura nos territórios, mas a escravatura nos Estados; não é da nação mas dos indivíduos; não patriotismo, mas egoísmo. E damos graças aos céus por assim ser; porque se houver corrupção no íntimo de algo que seja apreciável e belo, preferiríamos que fosse manifestado do que ocultado; que fosse dado a conhecer antes que seja tarde, de modo a poder-se salvar a porção apreciável das trevas, da corrupção e da decadência.

Hoje há homens do Norte que são lobos em pele de ovelha, mas que não são tão maus quanto aqueles que se disfarçam sob o argumento do patriotismo e da política mesquinha; que se dissimulam por trás da Constituição e que visam interesses monetários; que se dissimulam por trás da Declaração da Independência e que visam a subida e a descida das ações e as isenções bancárias; homens do Norte que apelam ao acordo por amor à União, e que visam o compromisso por amor aos dólares; que apelam ao acordo por causa da religião, e que visam o acordo por uma questão de egoísmo; que apelam à transigência em função da grandeza e glória da nossa união, e da desgraça que se seguirá a uma guerra civil, a guerra servil que deverá brotar dela, mas que visam o compromisso por terem *medo*, por secretamente defenderem a escravatura, que visam o compromisso por grande parte da nossa subsistência (mas nenhuma da nossa riqueza) provir do Sul, visam o compromisso por o preço das ações caírem, e os bancos irem à falência.

Porém esperamos, e oramos enquanto indivíduos, por que, em vez de estabelecerem um outro compromisso como aquele que fez do Missouri um Estado esclavagista, que em vez de lavrarem um outro acordo semelhante àquele que envergonhou a nação com a rejeição da Cláusula de Wilmot (NT: Wilmot Proviso), que em vez de chegarem a uma outra solução de acordo como aquela que testemunhamos na contenda de 1850, em vez de firmarem um compromisso desses que foi pretendido, sob a presente eleição e a presente luta política, podermos vê-los a todos de arma em punho, a marchar para a batalha, cada um de vós a dizer, O Direito triunfará, ou estamos preparados para morrer.

Compromisso? Para quê? Ora, para a preservação da União. Que União? Onde está a União? O Norte e o Sul são inimigos tão implacáveis quanto qualquer nação que alguma vez tenha existido; são tão distintos e estão tão apartados quanto as nações podem estar.

A Inglaterra, a Áustria, a Rússia, a França estão mais unidas do que eles. Aqueles que guerreiam, e que travam disputas pela posse de Estados em confusão na Itália; aqueles que com base nesse pomo da discórdia buscam ver quem consegue a réstia maior, estão mais unidos do que os Estados que coexistem com a escravatura e aqueles que não admitem escravos chamados Estados Unidos da América. A Inglaterra e a França, a Rússia e a França, a Áustria e a França, a Inglaterra e a Rússia, todos esses Estados se acham respetiva e individualmente mais unidos uns com os outros e com os Estados Unidos, do que os Estados Unidos da América com os seus próprios Estados.

Deveremos dizer acordo, que só quer dizer sufocar o vulcão um pouco mais antes que entre em erupção; dissimular o epicentro do terramoto um pouco mais, até que toda a nação seja levada a mergulhar na ruína? Deveremos dizer compromisso, que quer apenas dizer, deixar que a escravatura se alargue um pouco mais; deixar que se arraste que nem uma serpente ao longo desse grande Pai das Águas

(NT: Rio Mississippi); deixar que estenda as suas margens e raízes até que se estabeleça no próprio território da liberdade; arranjar mais espaço para escravos, mais espaço para os quatro milhões de que já dispomos, e para aqueles que vamos querer importar daqui em diante; mais lugar ao tráfico do comércio escravo Africano, mais lugar a contendas e a choros e gemidos, mais lugar à degradação, à falta de iniciativa e de indústria, à supressão das artes mecânicas e à livre educação e à escola gratuita, mais lugar à prevenção do alargamento a todos estes Estados que se podem tornar valiosos, ao campo do Cristianismo, da educação, de tudo o que diz respeito a uma nação civilizada e esclarecida, mais lugar às trevas e à degradação? Vergonha! Vergonha! Vergonha!

O indivíduo que no Sul legitimamente herda escravos, que constituem o seu único suporte de vida, o seu único meio de sustentar a família, é em certa medida desculpável quando se volta para nós no Norte e nos pergunta: “Se eu nunca estiver mais disposto a libertar os meus escravos, e considerar a posse de escravos como um grande infortúnio,

como hei de fazer?” Não o censuramos por colocar tal questão Quando o homem no Sul, detentor do direito à posse de escravos, enquanto sua única herança, e que ele considera pertencer-lhe por justiça, formula tal questão, ainda que auxiliemos o ser humano capturado na sua liberdade até mesmo às custas da vida, se tivermos em jogo uma outra vida a perder, ainda diríamos que o homem tem razão. Porém, quando homens do Norte que não possuem escravos e que não herdam nada além da sua condição de homens e independência, e conseguem ganhar sozinhos o sustento, que dependem da sua indústria e economia e educação para obter riqueza, dizem, “Estabeleçamos uma solução de acordo com a escravatura; vamos admitir a escravatura; vamos alargar a escravatura”; para esses não há desculpa, nem punição severa demais.

Quando homens do Sul não debatem no Congresso como estadistas e patriotas e oradores, mas como amantes da paixão, e dizem, "Dêem-nos os nossos direitos ou deixaremos de fazer parte de vós," e quando homens do Norte se unem nisso, isso significa não só, "Deixem a escravatura onde está," mas quer dizer "Agora deixem a escravatura em paz; e aos poucos, esqueçam-na quando nos estendermos ao Kansas: e depois disso, esqueçam-na quando nos estendermos à Califórnia, pois, não obstante a Califórnia atualmente ser um Estado livre, isso será posto em questão; mas depois disso, esqueçam a questão quando a alargarmos a todo Estado e a toda posição que a possa tornar de algum modo rentável; deixem-nos em paz enquanto elegemos o Presidente e os Congressistas; e deixem-nos em paz quando por fim conquistarmos todos os vossos decretos do vosso Estado, e quando a ata do Fugitivo Escravo der lugar a outra, que nos permita ir à vontade para os Estados do Norte."

E quando tiverem firmado acordo após acordo, quando todo o Norte for engolfado por um mar de escravos, dirão, "Deixem-nos em paz; seremos protegidos nos nossos direitos pela Constituição." Esse é o significado do compromisso. Esse é o sentido do compromisso do Missouri. Esse foi o sentido da candidatura à admissão nos Estados Unidos do Missouri e do Ohio. Esse foi o sentido daquela traição - Ah céus, e que traição não foi, e que traidor! Arnold (NT: James R. Arnold?) foi considerado o maior traidor que a América alguma vez conheceu; porém, temos conhecimento de um que agora se senta nos bancos da Suprema Corte dos Estados Unidos, que na nossa opinião, é um traidor muito maior do que Arnold, tal como as trevas são mais negras do que a própria luz.

Quando Jackson, por meio de malícia pessoal, desejou derrubar o Banco dos Estados Unidos, e quando o personagem que à época presidia à administração desejou não o fazer por ser inconstitucional, Jackson, com o seu juramento favorito, resolveu que devia ser feito; e ele empregou esse Taney (NT: Ex-Secretário do Tesouro dos EU), que atualmente é juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, a fim de realizar esse ato de traição contra a União.

Nós sabemos que ele se presta a ser um traidor contra a humanidade. E foi ele quem, com essa decisão que propagou um arrepio de horror até ao íntimo de todo filantropo na União, decidiu que Dred Scott não era um ser humano. Que um traidor desses seja cumulado de vergonha! Ele não poderá morrer pela mão do homem; mas temos conhecimento de uma justiça retributiva que na sábia administração do poder que tem há de dispensar a traidores desses a justiça que merecem.

Ainda temos a sangrenta contenda do Kansas viva na memória; e mesmo agora essa guerra está a rugir numa outra forma. Nós sabemos, e conhecemos-lhe a causa. Diz-se que o Abolicionismo é a sua causa. Diz-se que o Abolicionismo é o elemento inflamatório que agitou e provocou essa guerra e o derramamento de sangue, a fome e a opressão. Mas, se não houvesse escravatura a abolir, o Abolicionismo não seria a causa. Enquanto existir escravatura, deixa-nos gratificados vê-lo como causa. Quando as pessoas lutam pela liberdade, prefiro vê-las a lutar do que a ceder a um compromisso que consente no erro. Quando enviamos armas e munições do nosso Estado natal, e quando vós enviais armas e munições daqui, consideramos esse gesto o rito religioso mais sagrado. E agora que a fome recai sobre eles, agora que o sofrimento se faz presente, respeitamos aqueles que enviam alimentos e roupas e, caso seja preciso, armas e munições, como se executassem um rito religioso. E consideramos os primeiros a enviar esses requisitos com os maiores Cristãos.

E agora, irá o Norte ou o Sul perecer? Deverá esta União, esta gloriosa nação, esta América livre, esta organização Cristã, por fim vacilar e cair em ruínas? Se um homem erguer um belo templo e o embelezar com a arquitetura mais deslumbrante, lhe acrescentar graça e simetria e perfeição em todos os aspetos, mas o edificar sobre fundações ruins - uma fundação que não seja firme, que a qualquer momento ruirá - por mais que possamos lamentar que tanta beleza deva perecer, cientes de

que a fundação não é segura, prefeririam que a estrutura ruísse numa altura mais oportuna, quando todos o esperassem, do que alguma grande calamidade e perda de vidas ocorresse por ninguém estar preparado para isso. Preferível seria deixar que caísse por uma vez, ou que fosse derrubado, pedra a pedra, parafuso a parafuso até tudo estar preparado para o voltar a edificar em segurança, do que apoiá-lo aqui e apoiá-lo acolá, usar de uma transigência aqui e de outra transigência acolá, até que por fim motivado pelo próprio peso e falta de fundações, se abata, e as massas sejam esmagadas sob as suas ruínas.

Se, pois, a América for edificada com base na escravatura, quanto mais cedo deixar de ser uma União, melhor. Se a escravatura tiver a sua fundação na Constituição, quanto mais cedo a Constituição não for reconhecida, melhor. E nós não a vemos na Constituição. A ela consideramos nós sagrada. Considerámo-la como a conceção mais grandiosa e sublime da inteligência humana e da perfeição humana. Porém, se os homens a perverterem e subverterem, se for transformada na alavanca do poder do erro, se for transformada na mais forte das alavancas que venham a derrubar a União, nesse caso dizemos, que pereça antes que seja tarde demais.

Todas as repúblicas, sem exceção da Grécia e da Itália, caíram no maior dos infortúnios - a anarquia. Se a América optar por isso, poderá tornar-se, não numa anarquia, mas numa república; ou seja, aquela porção da América que é uma república. Se a América optar pela transigência ela poderá tornar-se no que todas as repúblicas se tornaram - numa anarquia. Não temos o costume de profetizar; mas, quando nos é dado ver a natural consequência de uma causa, devemos contar com a sua eclosão; e quando temos consciência de que causas produzem determinados efeitos, não somos cegos para reconhecer essa causa e esse efeito; e hoje não mascararemos, nem ocultaremos, nem taparemos dos olhos de todo o mundo esta mancha, este negrume, esta corrupção que existe na vossa república.

Mas diríamos, enquanto homens, enquanto patriotas, enquanto seres humanos que têm amor pela bondade e desprezo pelo erro, que têm carinho pela liberdade e que desprezam a tirania, que têm amor pela isenção e que desprezam a sujeição, deixem que a disputa entre a liberdade e a escravatura tenha lugar agora ou nunca. Não mais é uma questão de Estado nem de política nacional. Não é mais uma questão

entre o Norte e o Sul que possa ser resolvida quando todas as outras tiverem sido descartadas. Não mais se trata de uma questão sujeita à admissão de outros Estados ou de outros territórios na nação, que possa ser adiada até que uma nova ata de impostos seja decidida, que possa ser retomada depois que as outras tiverem sido descartadas, debatida e acordada, e reforçada e suportada - mas é agora ou não, em absoluto; será compromisso se quiserem, mas se transigirem num acordo sereis destruídos.

Congratulamo-nos por o Vermont ter recusado e ter tido a iniciativa de recusar entrar em tal acordo. Congratulamo-nos pelo fato de outros Estados do Norte não serem retrógrados na expressão das suas opiniões; pelo fato dos homens não recearem aventurar-se a asseverar a verdade. Congratulamo-nos por a União não ser considerada uma União a menos que traduza uma unidade da alma pela liberdade, justiça e humanidade. Congratulamo-nos, pois, por esta nação, ante a crise atual, com todas as lutas que se deverão seguir, se encontrar à beira de tal estado de guerra; mas dessem ouvidos às nossas perspetivas, e fossem as nossas opiniões alvo do vosso anseio e reconhecidas como verdadeiras, e diríamos que, quanto mais cedo o decidissem numa guerra, melhor, por existir maior crueldade naquelas palavras e atos que prolongam o sofrimento, e que prolongam a escravidão, e o seu reconhecimento nos Estados do Norte; há nisso um erro maior do que no dito: "Somos dois, vamos ver quem é o mais forte." Esse é o modo por que as nações resolvem todas as suas dificuldades.

Desejaríamos em todas as batalhas que aqueles que criaram as guerras pudessem ter batalhas a travar; mas tal não é o caso; os reis geralmente não são os líderes dos seus exércitos; no geral eles não combatem cara a cara, mas levam as suas hostes de valentes a sangrar e sofrem pelo seu cativeiro individual. Desejaríamos que todas as disputas pudessem ser resolvidas de acordo com o código de honra da Carolina do Sul. Desejaríamos que pudesse ser tornado pessoal, e que aqueles do Norte e aqueles do Sul que nunca poderão nem nunca reconhecerão cada um dos outros como membros da mesma confederação, pudessem defrontar-se cara a cara e resolver as dificuldades que entre eles existisse. O inocente não teria que sofrer pelo culpado. Mas assim foi sempre, e porventura será sempre.

Mas agora, tudo quanto temos a dizer em conclusão é que, se a América não puder ser livre com base nestes princípios, não queremos a América em absoluto. Se não puder ser estabelecida como uma república com base nestes princípios, então bem que poderá não existir república em absoluto. E se na confederação tiver que ser promovido, e mantido, e reconhecido, esse veneno sobre o qual eventualmente crescerão e se espalharão os seus ramos, e contaminar a própria atmosfera da liberdade da América, então diremos que não a queremos de todo. Os países, nacionalidades, governos, não têm direito a existir, a menos que existam com base numa fundação positiva e compreensível. A política da Grã Bretanha é conhecida; as políticas da Áustria e da Rússia são conhecidas; a política da França é, ou virá a ser conhecida. A América não tem o direito de ocultar, sob a designação de autonomia ou a denominação de república, a anarquia, ou um despotismo que é pior do que a própria anarquia.

Podíamos dizer muito mais, porém, não dispomos de tempo, nem estamos dispostos a cobrar-lhes a paciência nesta ocasião; mas numa qualquer ocasião futura propomo-nos debater a origem e o surgimento e queda da escravatura nos diversos impérios do mundo, desde a existência do tempo até ao presente, e concluir com a origem da escravatura Americana , o seu progresso e duração provável. Hoje tivemos que lidar em exclusivo e de forma distinta com as presentes contingências que parecem rodear-lhes o governo da nação, e o certo e o errado conforme apresenta à nossa conceção. Se tivermos ferido a sensibilidade de alguém, não lhe pedimos perdão, por não ter sido intencional. Expressamos simplesmente a nossa opinião individual. Vós tendes direito à vossa. Se no enunciado da verdade tivermos ido além do prescrito pela justiça ou misericórdia humana, então diremos que a falta será atribuível ao nosso juízo, e não à nossa intenção. Se nos tivermos aventurado a asseverar em demasia, simplesmente pedimos tempo e oportunidade de provar todas as asserções que fizemos.

E agora, em nome daquela autonomia e daquela liberdade, justiça e daquela divindade que significa toda a piedade, pedimos ao Pai e Espírito da Vida que esteja convosco onde quer que possam ir; e que possa a Liberdade, que significa *com Deus*, desfraldar o seu estandarte sobre os Estados e as Nações do mundo; e que possa esta República, certa vez jovem e bela, agora crescer e prosperar, mas cheia de algo de trevas e de algo de crime, reconhecer, na sua beleza e prosperidade, a

liberdade como seu único guia; e estendendo a mão por sobre os mares e por sobre as nações do despotismo - até onde reis e governantes batalharam em vão - unir a sua mão e coração a essa jovem e nova República que está em crescimento, que pode possivelmente até mesmo vir a bater a própria América. Pai, Deus, abençoa os teus filhos, com a consciência da Tua bênção; ensina-os a fazer e a sentir o que é verdadeiro; ensina-os a ser destemidos e bravos; possam eles saber que é o maior, não aquele que sacrifica a maioria a si próprio, mas aquele que conquista a maior parte do seu egoísmo.

Ámen.

HENRY CLAY

Senhoras e senhores, é costume, em toda a controvérsia ou debate de natureza política, que tenha lugar sob a jurisdição ou administração especial, quer de comités que disponham de um Presidente, ou então das assembleias legislativas sob um Presidente, eleitas pela Casa que representa a nação. Neste caso, porém, é aconselhável que nos dirijamos a vós em relação a tópicos de natureza política, deixando que vocês sejam os Oradores, os Presidentes, os Representantes. É com a maior relutância que entro nesta controvérsia, nesta ocasião, e ainda assim é com um enorme prazer.

Vocês ouviram, nesta manhã, aqueles de vós que estiveram presentes, as perspetivas, e as doutrinas e a defesa dos princípios em que acredita e professa alguém cuja grande erudição e aprendizado não porei em questão, cuja sinceridade não professo pôr em dúvida, e cuja mente e pensamento devo admirar positivamente. Portanto, é com relutância que a ele me oponho. Mas é também com prazer que me atrevo, em primeiro lugar, a personificar o interesse que tenho e sempre tive por este grande país. É com prazer, em segundo lugar, que posso igualmente contribuir com algumas opiniões, representar, em certo sentido, o grande sentimento geral de patriotismo que sinto permear esta União, não obstante as disputas e contendas partidárias.

O vosso orador desta manhã defendeu esta questão como uma questão de *certo e errado*, de *mal moral*; ao alegar que a escravatura conforme ela existe atualmente, e como pode ter existido nestes Estados Unidos, é um mal moral positivo e, consequentemente, não deveria ter sido

permitido que existisse; ou, caso fosse permitido, deveria ter sido abolido o mais cedo possível. Poderíamos, com o mesmo grau de propriedade, dizer que jamais deveria existir escravatura no mundo; que nenhuma nação se deveria jamais ter mostrado superior a qualquer outra nação; que jamais deveria ter existido qualquer luta por supremacia; que nenhuma revolução deveria jamais ter sido travada; que as nações conquistadoras jamais deveriam ter reivindicado a sua superioridade.

Poderíamos, com o mesmo grau de argumentação, dizer que jamais, desde que a história dos tempos teve início, deveria um governante supremo de uma nação afirmar o seu poder sobre os seus súbditos. Poderíamos, com o mesmo grau de propriedade, dizer que nenhuma administração legal, nenhuma execução de leis governamentais que tivesse a tendência de prejudicar em qualquer grau que fosse os direitos e privilégios de qualquer ser humano deveria ser levada a efeito. Podíamos dizer isso; mas de que serviria? O passado está repleto da história redigida e por redigir da opressão e derramamento de sangue.

Mas o meu ilustre amigo esquece, quando defende a causa do abolicionismo Americano, que está a defender uma causa diretamente oposta à política do governo nacional, da administração nacional e da Constituição nacional, que, na minha humilde opinião, têm a sua base nos mais altos e sagrados decretos do céu. Para mim não é uma questão do certo e do errado da escravatura em si. Para mim não é questão de saber se a escravatura é moral ou religiosamente justa ou errada. Isso, eu não professo decidir. Obviamente, cada indivíduo tem a sua própria opinião. Vocês têm a vossa; eu tenho a minha.

O vosso orador desta manhã tem a dele. Muitas mentes sinceras e dedicadas acreditam como ele. Mas existem homens igualmente criteriosos, homens inteligentes, homens igualmente patrióticos, homens que amam a verdade, homens de amor cristão, que acreditam que o oposto é verdadeiro. Existem aqueles que acreditam que a escravatura é uma instituição justa, que creem que a herdaram por direito, que lhes pertence sob a lei desta gloriosa União, e da Constituição sobre a qual foi edificada. Há também aqueles que acreditam, religiosamente, que é certo, que tenha sido aprovada pela revelação sagrada e divina, que o Cristianismo nunca, nem por um momento repreendeu, ou procurou, por qualquer forma que fosse, interferir nela. Há quem acredite que constitua

um direito por herança divina; portanto, em termos de sinceridade não ficam atrás.

A história deste país é bem conhecida. O nosso amigo apontou, precisamos dizer, com uma certa medida de parcialidade, e não uma certa medida de sentimento partidário, a ação das diversas sessões que o Congresso fez sobre esta matéria da escravatura. É preciso lembrar que, quando a Constituição dos Estados Unidos foi formada, a escravatura não era uma instituição do Sul, mas nacional; que não havia nenhum Estado na União ou fora da União, nenhum Estado que constituísse as diversas colónias dos atuais Estados Unidos, que não a reconhecesse, e que até certo ponto não a justificasse, não estivesse de algum modo na posse de escravos. Precisam igualmente ter em mente que existem distinções geográficas entre as porções Norte e Sul dos Estados Unidos que tornam impossível a existência da escravatura numa, e praticamente impossível não existir nos Estados, na outra. Precisamos recordar que os Estados do Norte não estão adaptados, seja na agricultura ou no clima, a uma promoção bem-sucedida da escravatura; mas vocês também bem terão presente que o Sul não poderia então, nem pode agora, existir sem a escravatura.

Não nos cabe a nós decidir o que venha a acabar por vencer. Não nos cabe a nós decidir o que seja certo ou errado. Não nos cabe a nós dizer que os abolicionistas do Norte tenham razão, ou que os secessionistas do Sul tenham razão. Provavelmente ambos estão errados. Mas cabe-nos a nós perguntar, em vista do que está patente, senhoras e senhores, em vista do que já existe na União, em vista do que a linhagem hereditária envolve para aqueles que constituem a porção Sul desses Estados Unidos, e tendo em vista os diversos acordos governamentais e tratados que foram estabelecidos em referência a esta matéria, se não será melhor, antes de dar qualquer passo decisivo, antes de adotar qualquer fundamento distinto e positivo no sentido da rutura desta gloriosa edificação, desta corrente animada e cintilante que se formou na nossa gloriosa confederação, deter-nos e considerar: primeiro, que a perceção do homem e a perceção de Deus diferem amplamente nas conceções de *certo* e *errado*; e que, conquanto a escravatura em termos abstratos possa constituir um mal - ninguém pretende negá-lo - onde uma nação qualquer, uma política qualquer de governo, sempre que na vida pública ou doméstica nos confrontarmos com dois males, se não será preferível o menor dos dois.

Agora perguntámos-lhes, que foi que o Norte fez? O nosso amigo afirmou esta manhã o que não consideramos estar estritamente de acordo com os fatos, ou o que não é defendido pela história, que o Sul sempre foi a causa de todos os problemas e contendas que existiram em relação à questão da escravatura, porque caso a escravatura não existisse não teria havido problema nenhum. O Sul não criou a escravatura. Antes da Constituição dos Estados Unidos ser formada, antes da Convenção de 1787, antes da Declaração de 1776, a escravatura existia em todas as colonias, no Norte assim como no Sul. A escravatura foi herdada, a escravatura foi promovida, a escravatura foi amparada tanto pelo Norte como pelo Sul. Os comerciantes do Norte, o comércio do Norte, floresceram com o tráfico de escravos.

E aqueles que agora clamam em mais alta voz contra as instituições Sulistas e os homens do Sul que defendem essas instituições, são porventura aqueles mesmos cujos antepassados incentivaram e prestaram assistência à escravatura, e trouxeram para este país os escravos, ou os antepassados dos escravos, que agora existem no Sul. Os escravos encontravam-se aqui; o que deveria ser feito com eles? Eles deveriam ser emancipados pelos modos e meios e do jeito que todo Estado julgasse apropriado adotar, se consistente com a política interna de cada Estado distinto. Portanto, a Constituição dos Estados Unidos absteve-se de toda ação, tratado ou lei que pudesse, de alguma forma, interferir com os direitos de cada Estado, de manter ou abolir a escravatura.

O nosso amigo esta manhã afirmou para além disso que, em todos os passos dados no sentido de uma solução de acordo (meio termo), as dificuldades que surgiram entre o Sul e o Norte sobre a questão da escravatura tiveram origem no Sul, nas demandas que contrapôs, nas agressões, na perseverança com que propôs a promoção da causa da escravatura. Perguntamos-lhes, que foi que o Sul fez? Cada Estado individual e separado constituía em si uma confederação absoluta. Cada Estado individual e separado tem em si mesmo o poder de regular as suas próprias leis internas. Nenhum outro Estado, nenhuma outra combinação de Estados, nenhum poder do Congresso, nenhum poder de qualquer legislatura tem o direito de interferir nisso. Não importa se está certo ou errado, esse é o caso.

Para fins de ilustração; na cidade de Nova Iorque, a grande metrópole deste continente Ocidental, existem leis, supomos nós, hediondas para a moralidade humana, leis que pervertem as mais altas e sagradas sensibilidades de governo; leis que estão em discordância com a Constituição, leis que positivamente destituem por completo os princípios sobre os quais a vossa Constituição e país estão fundadas.

Existem leis que sustentam e legalizam a prostituição, leis que sustentam e legalizam o jogo, leis que sustentam e legalizam o roubo. O que haveriam o governo municipal e as autoridades de Nova Iorque dizer, se os cidadãos de Charleston, da Carolina do Sul, se lhes apresentassem e dissessem: "Isso não é ser cristão; isso está moralmente errado; portanto, instruiremos os cidadãos de Nova Iorque, a parte ignorante da vossa sociedade, aqueles que são subservientes às autoridades do Estado, aqueles que ocupam lugares no vosso governo, para se manifestarem contra isso. Vamos promover uma insurreição contra o poder e as autoridades do vosso Estado, e vocês não continuarão isso por mais tempo, por ser moralmente errado, por não ser correto aos olhos do céu." Não haveriam vocês, as autoridades do vosso Estado, cada um por si, não haveriam vocês de dizer, na vossa nação ou no vosso Estado, que isso não era da conta deles? Com certeza que sim.

Agora, esteja a escravatura certa ou errada, conquanto o Norte tenha o privilégio de admitir ou restringir a escravatura nos seus Estados, não tem o direito de interferir com ela onde já existe, e existia, quando a Constituição dos Estados Unidos foi formada. É tanto quanto isso.

O segundo aspeto é que, toda solução de compromisso que foi estabelecida tendeu a não cumprir o pato firmado entre os Estados Unidos da União, que foi estabelecido na confederação da Constituição, mas a destruir e a aniquilar inteira e completamente tudo com que existia em concordância com um tratado implícito e tácito, que era suposto existir quando a Constituição foi formada. O que deveria, pois, ser feito com o incremento de escravos? O que deveria ser feito com aqueles que eram constantemente importados? O que deveria ser feito com aqueles que os comerciantes do Norte não conseguiam vender no Norte, ainda os transportavam para o Sul, para que cidadãos do Sul comprassem e suportassem, e lhes enviassem, em troca, os lucros do trabalho escravo? O que deverá ser feito com o aumento gradual e quase livre dessas pessoas que se encontravam nesses Estados?

O acordo do Missouri foi objeto de anseio e foi obtido, sinceramente defendido e apoiado, por aquele que agora se lhes dirige, com base na simples razão de que é melhor ter a escravatura prolongada do que deixar ir uma nação à ruína. Porque, se a escravatura está errada, e houver um Deus de justiça, ela deverá morrer por si só. Se não for moralmente errada, mas somente politicamente pouco oportuna, os indivíduos dos respetivos Estados têm o direito de decidir quanto a essa insensatez ou não. Portanto, a admissão de qualquer Estado na União, baseada no fundamento de que a escravatura não deve existir dentro dos seus limites, é inconstitucional, a menos que os habitantes desse Estado assim o decidam. Com relação ao alargamento da escravatura aos territórios, estão bem recordados do que foi ansiado e proporcionado e posteriormente revogado, mais ou menos na mesma época, com respeito ao alargamento da escravatura aos territórios a Oeste e Noroeste. Vocês recordam-se bem da luta que se seguiu, e do que essa luta não tem sido desde então, com respeito à mesma matéria.

Mas, com todo o respeito afirmamos que foi o Norte e não o Sul o agressor. Submetemo-lo o mais respeitosamente ao conhecimento que têm da história dos respetivos países e da posição que o Sul assumiu, ao conhecimento e consciência que vocês têm das vossas próprias leis governamentais e da vossa própria Constituição. Pois é preciso ter presente que o Sul possui uma consciência; o Sul possui uma religião; o Sul possui relações sociais e domésticas; o Sul possui as relações de marido e mulher, de pai e filho, de mãe e filha, de forma tão positiva e distinta quanto o Norte.

O Norte tem as suas próprias instituições religiosas e educacionais, as suas próprias instituições de fabrico, as suas próprias artes, o seu próprio comércio, as suas próprias leis e administração interna, mas o Sul também. Essas eles sempre as tiveram e elas sempre deverão existir, enquanto a diferença de clima, a diferença de produtos, a diferença de sentimento, a diferença de temperatura, que agora existe entre a porção Norte e Sul destes Estados Unidos existirem.

Sempre foi uma questão discutível e provavelmente o será ainda, a menos que seja definitiva e decisivamente resolvida durante a presente luta, se a escravatura deve ou não estender-se aos territórios - se o Sul deve ou não ter direitos iguais nos territórios, que são igualmente deles,

a par com o Norte. Não se trata de apurar se um Estado que adote a escravatura deve ser admitido na União, ou não devam existir anti esclavagistas dentro desse Estado, Abolicionista nem Republicano nenhum a ser admitido; mas trata-se da questão de apurar se um Estado deve ser admitido e se o Norte e o Sul terão direitos iguais nele.

Afirmamo-lo, senhoras e senhores, em nome do Sul; não daquela porção extrema do sentimento do Sul que diz: "Dêem-nos aquilo que exigimos ou entraremos em guerra"; não daquele sentimento extremo do Norte que diz: "Abulam a escravatura de uma vez por todas ou não nos importaremos com o que vier a acontecer à Constituição ou à União." Consideramos como a forma mais amena com que podemos expressar a nossa opinião sobre qualquer dessas duas categorias, que ambas são traiçoeiras para o país, que ambas são antipatrióticas, que ambas têm olhado mais ao que toca ao próprio interesse e aos interesses seccionais, do que ao bem-estar da União ou da nação.

Sempre foi e sempre é meu sincero desejo individual, perpetuar e fortalecer por todos os meios, consistentes com a própria consistência, esta gloriosa União e República. Não vejo nada na crise atual, nem nas lutas do passado, nem nas diversas opiniões contrárias que agora existem em diferentes Estados com referência a esta matéria, que impeça um arranjo cabal, desde que haja patriotas, estadistas e amantes da nação, suficientes para tanto.

Uma vez mais, o nosso erudito oponente nesta matéria achou apropriado denunciar "o acordo de 1850, como sendo a último passo na ratificação da escravatura, o último passo na renúncia da liberdade, a última chancela que a nação estabeleceu para impedir a emancipação dos escravos. Na minha humilde opinião foi o maior passo dado para a preservação do país, o maior passo dado para impedir a calamidade que agora parece estar a aproximar-se. Foi o maior passo para servir aos interesses da nação pela qual os nossos pais comuns, do Norte e do Sul, derramaram o seu sangue, lutaram e morreram, sobre o qual eles estabeleceram a gloriosa, a divina confederação, que agora existe no vosso País.

Situado, não no extremo Sul, nem nos Estados produtores de algodão, mas na fronteira dos Estados do Norte, gozando de todas a oportunidade de testemunhar trabalho escravo nos Estados produtores de algodão e

no Estado nativo do orador, que era principalmente produtor do tabaco, e de testemunhar as lutas que decorrem no Norte, o avanço do trabalho livre e o progresso de instituições livres, o orador teve ampla oportunidade de julgar entre os dois. E devo dizer, com toda a deferência e respeito que tenho pelas opiniões que foi avançado por ocasião do argumento desta manhã, que eu nunca vi, nem nunca acreditei, nem nunca por um só instante suspeitei, que a escravatura, enquanto instituição, conforme existe no Sul, fosse em qualquer forma contrária ao governo nacional, à Constituição nacional ou à Declaração de Independência, pela qual os nossos antepassados lutaram com tanto fervor.

Antes pelo contrário, parece estar-nos vinculada, porque, conforme vocês se lembrarão, nós próprios a herdamos da nossa mãe, Virgínia; pareceria que é uma herança que deveríamos aceitar, ou com que não teríamos nada que ver, em absoluto. Quando o Abolicionista nos diz que a escravatura deve ser abolida, que a escravatura não deve alargar-se, que o Sul não deve ter o direito de alargar a escravatura aos territórios, mas que deve descartar da melhor maneira possível, conforme o seu critério próprio, o excedente de escravos que possui, não sabemos o que isso significa. Ela propõe derrubar as instituições do Sul - tirar ao Sul os seus meios de subsistência e recursos comerciais, tirar tudo o que pertence à sua riqueza e posteridade, na forma da pessoa e propriedades desses escravos, e de o substituir - pelo quê?

Nenhum abolicionista consentirá, nem por um só instante, que a nação compre esses escravos; porque, dizem eles, se estiver errado, não consentiremos no mal pagando por ele. Se for correto, ou não for moralmente errado, dizem eles, o Sul deve desfazer-se dos escravos; mas não deve ser a nação a fazê-lo, por eles perceberem justamente que não é um assunto com o qual a nação tenha algo a ver. Mas onde irá a nação buscar os meios para pagar por esses escravos? Por que, se for a nação, tanto o Sul como o Norte deverão ser tributados; e de onde derivaria o dinheiro para pagar pelos escravos que ela própria possui?

Uma vez mais, os indivíduos no Sul que, percebendo porventura, com base nas suas próprias consciências, nas próprias opiniões religiosas que têm, ou em qualquer outro motivo que optarmos atribuir-lhes, que a escravatura estava errada, emanciparam os seus escravos. Mas há aqueles no Sul - e esses constituem as grandes massas da população -

que não conhecem outros meios de rentabilidade. Existem Estados que subsistem disso, Estados que não têm outra fonte de renda, nenhuma outra provisão feita para a sua existência. E que responderíeis vocês, que sois mecânicos, que sois agricultores, que estais a seguir uma outra profissão qualquer no Norte, ao homem que viesse a vós e lhes dissesse: "Essa atividade em que está envolvido é moralmente errada; não consentiremos nela e desejamos que você a abandone."

Vocês perguntarão: "Mas, que haverei eu de fazer?" "Ah, faça o que puder; mas precisa abandoná-la. Não lhe daremos nenhum emprego; nem o incentivaremos a conseguir emprego em parte nenhuma; não lhe estenderemos a prosperidade; faremos tudo que tivermos ao nosso alcance, nem que seja interferir legalmente, até mesmo através do Congresso ou da Administração, para destruir os interesses mecânicos do Norte." Que haveriam vocês de dizer? Que estava errado; que era uma agressão aos vossos direitos; que vocês tinham tanto direito de ir aonde quisessem na prossecução dos vossos negócios e interesses comerciais, quanto ele.

Claro que estaria errado. O que haveriam vocês de dizer, que têm famílias para sustentar, que têm esposas e filhas a crescer ao vosso redor, se lhes disséssemos que seriam privados da vossa legítima herança, por podermos acreditar que essa herança esteja errada? Ainda que a considerem sagrada e justamente vossa, como pertença vossa por herança legítima, você perguntariam: “Mas, e que havemos nós de fazer? Por que a substituirão vocês? O que receberemos em compensação por essa herança?" E nós respondemos: "Nada." Onde estaria a justiça, a equidade, a liberdade em semelhante processo?

Uma vez mais, o nosso amigo parece não levar em consideração, quando encara este assunto, que os seres humanos têm todo o direito de buscar a vida, a liberdade; e felicidade, da forma que eles decidirem; e que os próprios escravos, que na sua própria condição individual, como geralmente não é do conhecimento geral, ou que se professa não ser do conhecimento dos abolicionistas do Norte, se encontravam num grau mais baixo de sujeição e escravidão do que se poderá conceber existir entre os mais bárbaros dos mestres tiranos que os abolicionistas imaginam existir no Sul; e que, portanto o escravo em si mesmo não é prejudicado; e que se, quando os esclavagistas do Norte, envolvidos no comércio de escravos Africanos, o tivessem considerado moralmente

errado à época, e não o houvessem financiado, não o houvessem encorajado; se tivesse sido estrita e inteiramente uma instituição Sulista de importação do Sul, eles poderiam, após a adoção da Constituição, a ratificação da confederação, ter exigido a emancipação dos escravos e a interrupção do comércio de escravos.

Mas, o Norte apoiou a escravatura durante muitos anos depois da Constituição ter passado a existir; e até à atualidade, os homens mais conservadores, amantes da União e da paz no Norte ainda dizem: “Embora não tenhamos escravos e não desejemos escravos, não temos o direito de interferir com os vossos.” Essa é, na nossa opinião, a única conceção justa que pode ser atribuída aos direitos constitucionais do Sul por parte de toda a mente sincera. Essa é, na nossa opinião, a única maneira pela qual a questão da escravatura pode ser resolvida e a União preservada da ruína que certamente se deverá acompanhar a dissolução.

Ficamos desolados ao ouvirmos o curso da argumentação do nosso amigo esta manhã, ao ouvi-lo dizer que, seja qual for o sacrifício, seja qual for o custo que possa ter para esta União, ele aprova as medidas mais árduas que o Norte está a adotar para impedir qualquer acordo. Mas congratulamo-nos por perceber, na conceção individual que fazemos, que tal proposição é revoltante, não apenas para o Sul, mas para todo patriota e todo amante da União no Norte. Não acreditamos que, se vós que vos encontrais aqui reunidos, ou que em todos os vossos Estados do Norte estais reunidos esta noite a cultuar em nome do céu, afirmásseis as vossas opiniões verdadeiras, houvesse um em cem que dissesse, "Dissolva-se esta gloriosa confederação, aconteça o que acontecer."

Não; se eles se sentem tão convictos e fervorosos na crença de que a escravatura é errada, deverão estar dispostos a deixá-la com Aquele que sempre arranca o mal, onde quer que ele se faça presente. E se eles não estiverem a isso dispostos, isso mostra que é um sentimento partidário de secessão, e não um sentimento patriótico, que lhes incita o protesto. Congratulamo-nos ao acreditarmos que o nosso amigo foi sincero; mas lamentamos que o seu julgamento e consciência o conduzam nessa direção.

Uma vez mais, senhoras e senhores, todos vocês se lembrarão da sinceridade e com que ensejo pelo avanço da humanidade e pelo reconhecimento de todo governo humano baseado em princípios como o nosso, o orador advogou o reconhecimento dos Estados da América do Sul com respeito à sua formação em várias repúblicas, e busca de obtenção de apoio e favor do nosso próprio governo. Vocês recordar-se-ão bem da sinceridade e poder com os administradores do vosso Governo nacional, que perceberam que as repúblicas da América do Sul, Bolívia, Lima e tudo quanto agora incorpora aquela bela região, procuraram fazer reconhecer, ao insistir que era política deste Governo, em justiça para com a humanidade, em justiça pelo reconhecimento dos seus próprios princípios, ter em favorável consideração essas novas repúblicas.

Vocês também se recordarão do curso que o nosso governo seguiu com respeito à República do México; por quanto tempo e a sinceridade com que foi defendido que o nosso governo não seguia o rumo certo em relação àquele país, na medida em que não lhe reconhecia os direitos e privilégios enquanto governo aparte, república separada; e como por fim decidiu, embora nunca o tenha decidido de maneira tão completa e positiva quanto o atual orador desejaria, reconhecer plena e inteiramente esses princípios da humanidade onde quer que existam.

Vocês não podem, por conseguinte, duvidar do interesse que o orador tem na melhoria geral da condição de cada nação onde a tirania, a monarquia, ou opressão política, tenha existido. Vocês não podem igualmente duvidar das intenções que o orador mostra com respeito à condição de escravatura no vosso próprio país. Porque, que seja lembrado que, conquanto possamos considerar a escravatura Africana como um mal em abstrato, podemos, no entanto, considerá-la como uma injustiça maior e um mal maior a dissolver, ou a interferir por meio de controvérsias seccionais na União que quase há um século têm procurado estabelecer. Não; dir-lhes-ia, Republicanos do Norte, que preservem a vossa União. Vocês não precisam ter escravos. Os vossos territórios não precisam ser povoados por escravos, por as linhas geográficas traçarem os limites da escravatura de forma mais marcada do que qualquer ação do Legislativo ou do Congresso. Vocês não precisam emigrar para países escravos. Vocês não precisam formar parte e porção de confederações de escravos; mas preservem esta União, que se baseia na justiça, no republicanismo, nas mais elevadas

formas de administração nacional que existem na terra. Não tentem estabelecer uma anarquia no vosso próprio país, pela justa proposição que o nosso amigo encorajou esta manhã.

Dizemos que, se houver dificuldades, procurem chegar a uma solução de compromisso - a um acordo. Onde dois, sejam indivíduos ou nações, existirem numa união, e tenham interesses mútuos, e onde a separação se revele destrutiva para ambas as partes, a maneira mais criteriosa passa por serem transigentes. Mas, apliquemo-lo à esfera pessoal. Suponhamos que surjam dificuldades entre homem e mulher, ou membros de uma mesma família, pai e filho ou parceiros em negócios, e essas dificuldades sejam de natureza que nem um nem o outro consigam reconhecer na parte contrária a existência do direito, ainda que ambos estejam bem conscientes de que, ao romperem a união, cortando os laços, cindirem a relação, isso venha a causar destruição tanto para si como para a sua posteridade; não haveriam de dizer, "Vê se consegues adotar uma solução de compromisso?"

Não dirão vocês aos parceiros de negócios, que se encontrarem em condições financeiras de dificuldade, que tenham passado disputa após disputa, e no entanto cujos interesses estejam tão intimamente mesclados que separar seria destruir para sempre a vida e a vitalidade e prosperidade financeira de ambos; não diriam: "É melhor chegar a um acordo!" Não diriam vocês a qualquer dos partidos que tenha sido o agressor, "Dá um passo atrás"? Não diriam a ambas as partes que estivessem erradas, "Reconhece o teu erro"? Nós pensamos que todo homem verdadeiro, todo amante sincero da justiça, ratificará o que acabamos de enunciar.

Pois que seja recordado que não é agora uma questão de simples *certo* ou *errado*, que não é com uma questão moral que a vossa nação está envolvida, que a moral e a religião são ressalva exclusiva na vossa Declaração de Independência, pelo que cada indivíduo pode conservar as suas próprias formas de religião, as suas próprias conceções de moralidade - desde que essa moralidade ou essa religião não interfiram com as grandes leis gerais da Constituição dos Estados Unidos. E cada Estado separado é especificamente instruído a não formar leis que interfiram com a Constituição; mas que em todos os outros aspetos cada uma é uma nação distinta e positiva.

Quando ouvimos o Norte clamar à viva voz: "Dissolvam a União, ou emancipem os vossos escravos," e quando ouvimos os extremistas do Sul clamar: "Juntem-se e apoiem-nos nos nossos direitos, quanto ao alargamento da escravatura, e à preservação da nossa propriedade escrava, ou separar-nos-emos," vemos, de uma lado e de outro, traidores da União e do patriotismo. A maior prova da razão, estará no seguimento daquele curso que estiver disposto a sacrificar-se pelo interesse do todo. Se algum Estado ou Estados forem egoístas o suficiente a ponto de dizer: "Dêem-nos tudo o que desejamos, ou dissolveremos esta União," ou se algum indivíduo ou indivíduos disserem: "Dêem-nos tudo o que pretendemos no nosso egoísmo ou fanatismo, ou dissolveremos a União," diremos a ambas as partes, "Vocês não são patriotas; vocês são simples demagogos e só vos interessais por vós próprios; não sois advogados da Constituição, nem defensores da Declaração de Independência, defensores do governo de os Estados Unidos, defensores das instituições gloriosas que temos aqui estabelecidas; sois é traidores!"

Lamentamos igualmente, a outra forma que isto assumiu, que foi a de apelar aos sentimentos religiosos das pessoas que sempre procuraram vigorosamente evitar o envolvimento do Estado com a Igreja. Lamentamos que os abolicionistas tenham achado adequado apresentar esse elemento da religião. Sempre haveríamos de ver a religião nas assembleias estaduais e legislativas, ver um espírito Cristão conduzido a cada departamento da vida governamental. Porém, lamentamos profundamente ver as efusões políticas e as invectivas emanar dos púlpitos Cristãos e da boca dos ministros cristãos.

Lamentamos muito ouvir isso no Sul ou no Norte, por isso demonstrar que ambos os lados estão errados. Pois, embora a religião possa, com impunidade, ser levada a toda a parte, nem tudo não pode ser levado para o campo da religião. É política do vosso governo nacional, evitar estritamente a mistura de Igreja e Estado, e qualquer apelo ao fanatismo religioso ou a qualquer sentimento religioso, em áreas que digam estritamente respeito à ação governamental do vosso país, nós Lamentamos, conforme observei há pouco, testemunhar. Lamentamos, pois, para ver este exemplo de anelo apelar, ao invés, a sensibilidades religiosas que não estão fundadas em conceções estritas de justiça, em vez de apelarem ao discernimento implícito de um povo cujos direitos constitucionais são bem conhecidos.

Se temos uma Constituição, acatem-na. Se temos leis, cumpram-nas. Se temos a base de um governo, mantenham-se fiéis a ela. Se não tivermos nada disso, então estabeleçam uma. Se tivermos aquilo que procuramos, uma confederação gloriosa de estados livres, dividuais, e ainda assim limitados, se tivermos uma nação que esteja tão intimamente combinada que, separar uma porção destruiria por completo, ou obscureceria efetivamente os interesses e a beleza do outro, então dizemos, deixem-nos respeitar as leis em que essa união se baseia. Não encorajemos nada que, enquanto patriotas, enquanto amantes da liberdade e da justiça, de algum modo estrague ou anule a beleza sagrada desse santo edifício.

Por fim, mostra-se em conformidade com as conceções que temos da discrição e do patriotismo, da paz e da liberdade, que as pessoas destes Estados Unidos se unam agora, neste último esforço - porque irá ser o último, a menos que a necessidade e o poder da justiça sejam mais fortemente sentidos do que agora percebemos serem - por unir as suas forças, individual e coletivamente pela preservação da União. Que deixem que as questões de secessão, os interesses de secessão, se decidam por si só; e que não permitam que nenhuma forma de interesse partidário ou interesse egoísta interfira com o patriotismo geral que precisa ser sentido. Ah, adoraríamos ver nos vossos salões legislativos, aqueles homens capazes de se sacrificar e si e aos interesses egoístas pelo bem da nação; aqueles que, em calmo debate e distinto confronto, na sua competência de estadistas e do direito político, discutissem esta questão; que se erguessem se não como representante de seções, como representantes da nação, e dissessem, "O que será melhor fazer?" Gostaríamos muito de ouvir o povo do Norte dizer: "Tudo o que tivermos feito de errado, nos retiramos; vamos chegar a um acordo." Adoraríamos ouvir as pessoas do Sul dizer: "Precipitamo-nos no julgamento que fizemos, vamos chegar a uma solução de compromisso." Dizemos-lhes, a vós do Norte, Compromisso, por ser a única maneira de preservarem da vossa prosperidade e da vossa união.

Quererão ver milhares dos vossos próprios cidadãos expulsos do emprego, e a morrer à fome no vosso seio? Quererão vê-los a debater-se com a pobreza, a fome e o frio, por conta da contenda da secessão e das contendas partidárias? Vocês quererão testemunhar toda essa vasta nação a empunhar armas, em guerra, dividida em partidos e subdivisões,

até que não haja duas iguais, até que cada seção se debata por si só, até que não mais seja uma união, mas uma combinação de anarquias existentes entre vós? Vocês gostariam de ver os vossos próprios amigos ao vosso redor, a morrer à fome por falta de emprego? Vocês gostariam de ver o Sul, com todas as reivindicações de simpatia e incentivo, da vossa parte precipitar-se à borda da ruína?

Mas, mais os irá afetar a vós, do Norte, que não são Estados que detenham posse de escravos, porque do Sul vocês esperam em grande medida o incentivo das vossas artes, das vossas fábricas, da vossa ciência. Deles, dependem vocês em grande parte, no incentivo das vossas invenções, das criações daquele gênio que existe entre vós enquanto prerrogativa própria. Então deverá tudo isso ser destruído e afundar no caos? Deverá tudo isso desaparecer e deixar apenas fragmentos, desolados, desertos? Em nome de tudo quanto é bom e verdadeiro, respondemos: “Não.” Em nome desta União, que há tanto tempo existe orgulhosa e próspera, respondemos: “Não.” E a bem daqueles de vós que vos achais aqui presentes, e daqueles do Norte, que formam a grande maioria da vossa comunidade, nós escutamos a resposta de milhares de corações, “Não.”

E para bem do Sul, que se mostrou inicialmente precipitado e apaixonado, mas que nos momentos mais razoáveis e mais calmos se mostra ainda dócil e maleável, deles ouvimos a resposta, “Não.” Se o egoísmo do sentimento do partido, e a mão egoísta de demagogos políticos, não tocarem com os seus dedos vis nesta estrutura, ela ainda será preservada. Mas cuidado com eles! Pudéssemos nós dirigirmos a vós na Câmara dos Representantes, pudéssemos nós dirigir-nos a vós como uma nação, e dir-lhes-íamos a vós do Norte, "Cheguem a uma solução de compromisso"; e a vós do Sul, "Cheguem a acordo"; há tudo a ser ganho com isso, e tudo a ser perdido pela via inversa.

Mas, uma vez mais e por fim, tudo o que constitui a beleza, poder e propósito da vossa nação, tudo quanto diz respeito às suas grandes instituições sociais e religiosas, tudo quanto diz respeito à sua prosperidade nas artes e nas ciências, e ao seu triunfo no comércio e fabrico, e tudo o que diz respeito a tudo quanto se acha intimamente ligado ao bem-estar individual dos seres humanos depende daqueles de vós que amam a paz e abominam a guerra. O derramamento de sangue é o último recurso em que não mais reina a paz. O derramamento de

sangue é a última tentativa do desesperado, ou das nações que procuram resolver as suas dificuldades quando um acordo não mais se revela possível. A guerra e a força, pois, deveriam ser o último recurso desta nação na resolução das dificuldades das diversas seções da sua própria grande confederação.

E, por tudo isso, com todo o respeito e com toda a deferência que temos pelo orador que nos precedeu esta manhã, dizemos que em relação à escravatura, esteja ela correta ou errada, deixamos o seu julgamento final, a sua prosperidade ou obliteração, nas mãos d'Aquele que sabe melhor do que nós o que é certo e o que é errado. E no que diz respeito à administração política, ou à continuidade do Governo, dizemos que, enquanto patriotas, enquanto cidadãos e membros de diferentes Estados desta confederação, vocês devem preservar até o fim, não os vossos interesses de secessão e contendas de partido, não a conceção individual que têm do direito, mas a nação que foi fundada no direito. Preservem isso e fiquem certos de que a parte restante se há de ajustar. E agora nós os encomendamos a todos ao Deus da Justiça e da Liberdade. Eu fiz menção ao Estado em que nasci - o interesse que tenho tido pelas diversas disputas que têm surgido no vosso país, e por que vocês me poderão conhecer.

Tradução: Amadeu António

Comentário do tradutor:

Altamente controverso não deixa de ser este tema que se impôs à sociedade Americana no plano da perceção dos problemas que constituíram o maior desafio que assomou extremismos de parte a parte e que conduziu a um dos episódios mais dramáticos da história da sua nação, que na minha particular perspetiva, foi, porventura, uma mancha que não deixou de marcar a República, muito à semelhança da política que foi adotada contra os Indígenas em geral.

Clay foi um personagem que conquanto não tenha sido consistente durante toda a sua vida, como o acusavam os oponentes políticos da época (e provavelmente ainda hoje) consistência que segundo Emerson, quando é insensata, é a marca de homens de Estado tacanhos, ele foi uma grande alma, conforme aqui fica patente. Algo distinto do apaixonado e fogoso Parker, mas não menos acertado, por ter sido um

brilhante orador Abolicionista, não obstante ter sido detentor de escravos até à sua morte (só passou alforria a alguns) foi o instigador da solução de Compromisso (pelo Estado do Missouri) na controversa questão da escravatura, e digo 'controversa' por estar longe de ser resolvida por uma mera demarcação mais ou menos conveniente no plano externo, social, da problemática, ou por um alinhamento idealista de massas, por dizer profundamente respeito à índole, ao íntimo de cada um, que precisa passar pelo cadinho do sofrimento para poder desenvolver uma perceção cabal, genuína, do sentido que envolve.

Por outro lado, não nos podemos opor às medidas incentivadas por Parker sem atentarmos contra o que em nós, como a justiça de um Salomão, que na sua sabedoria ficou conhecido pela característica direta e pragmática de agir sem pré-conceito, apela à resposta desimpedida. Sabemos que a Bíblia não estabelece um código com respeito à questão, e que nos tempos bíblicos muitas eram as variantes que os escravos encarnavam, consoante as sociedades a que estivessem sujeitos, quer decorrente de terem sido tornados cativos ou não. Para um decréscimo da escravatura, por exemplo, no Imperio Romano concorreram movimentos como o do Estoicismo.

Chateaubriand afirmava que o Estoicismo contribuíra enormemente para a abolição da escravatura. Cícero, sabemo-los, defendeu uma só sociedade; Séneca, preceptor de Nero e mais tarde chefe do seu governo durante oito anos, defendeu o conceito de fraternidade humana de que todos fazemos parte; Marco Aurélio, defensor do reforço em vez da renovação das instituições, nada legislou no sentido de a mitigar. Cristo, nos evangelhos não a apoiou nem lhe apontou o dedo da acusação, mas sugeriu um princípio de conscientização por meio do preceito: "Quem quiser ser grande entre vós, faça-se seu servo."

Tudo isso indica que o Ecletismo em que assentavam todas as mais significativas correntes filosóficas e moralistas da altura, assentavam não numa orientação que aspirasse chegar às massas, mas ao íntimo das consciências, ao indivíduo. Ao contrário do Cristianismo enquanto religião de Estado formada posteriormente, que pretendia, como movimento de massas atingir a consciência das grandes massas, e a imposição dos conceitos progressistas e idealistas de igualdade e de fraternidade de todos os homens ter disseminado pelo Império determinou uma considerável mudança na consciência social que

repercutiu no Direito Romano. Não que não tenham existido antes, no Estoicismo, só que agora veiculados pelo aparelho propagandístico do Estado - a religião.

Porém a escravatura era instituição que assentava muita vez em bases de diferenciação social passível de ser superada por uma integração pelo serviço e formação pessoal, (O caso de Epicteto é disso exemplo. E Onésimo, que diz ter servido a muitos mestres talentosos, entre eles Filémon, e que suplantaria muito bom cozinheiro, tal a destreza que obteve) e nem sempre era encarada de forma desprezível e indesejável, vil, mas em certos casos representava uma oportunidade de conseguir competências, algo superior às conceções atuais que temos de aviltamento da condição pessoal, mas indicava talvez a condição de quem vira a sua liberdade alienada e se encontrava sob a dependência de outrem. Em face das instituições muitas vezes inexistentes, podia mesmo ser vista como uma oportunidade de melhoria da vida.

De uma forma geral, porém, é condição que na esmagadora maioria dos casos, cremos tenha sido desumana, por envolver um aproveitamento insensato do semelhante, e que embora hoje extirpada no hemisfério ocidental, pode subsistir por variadíssimas formas a despeito da dissimulação empregue no sentido de dar a entender o contrário.

APÓS A MUDANÇA DESIGNADA POR ‘MORTE’

OS DIVERSOS ESTADOS E OCUPAÇÕES NA VIDA DO ESPÍRITO

A VIDA DO ESPÍRITO ANALISADA DE UMA FORMA CABAL POR ALGUÉM QUE ENTENDE O SEU PRECISO STATUS

O PRÍNCIPE PODERÁ ESPIRITUALMENTE SER UM MENDIGO NA VIDA DO ESPÍRITO, ENQUANTO O QUE É ACOMETIDO PELA POBREZA É MUITA VEZ VISTO ESPIRITUALMENTE COMO UM PRÍNCIPE

OS ESTADOS OBJETIVO E SUBJETIVO CUIDADOSAMENTE COMPARADOS

Um discurso proferido no teatro Hooley de Chicago, no Illinois, no Domingo, 5 de Maio de 1895, por alguém que conhece, através deste instrumento, a notável poetisa e oradora de inspiração, a senhorita Cora L. V. Richmond

“NA CASA DO MEU PAI HÁ MUITAS MANSÕES. SE ASSIM NÃO FOSSE, EU TER-LHES-IA DITO. EU VOU PREPARAR UM LUGAR PARA VÓS.”

Paulo disse:

“AGORA VEMOS ATRAVÉS DE UM VIDRO ESCURO - ENTÃO CARA A CARA.” BEM QUE PODERIA TER DITO ALMA NA ALMA.

Sem dúvida que a realidade da existência espiritual constituirá uma surpresa na sua experiência, até mesmo para aqueles que se consideram preparados na fé ou conhecimento do estado futuro de existência. Que o espírito não virá a ser aquilo que o homem é, pode ser evidenciado pelo fato do corpo humano perecer, e se constatar que nenhum corpo humano toma o seu lugar. O que quer que o corpo espiritual, forma ou estado sejam, os seus atributos e funções podem essencialmente diferir do organismo físico. Isso, todos admitirão. Assim, seja qual for esse estado, pode muito bem achar-se adaptado às necessidades do espírito como o organismo físico às necessidades da vida terrena.

Uma vez isso filosoficamente admitido, e tendo os seres humanos conhecimento, por intermédio dos seus amigos espirituais, da comprovação de uma existência para além da morte, de visões e de revelações respeitantes a anjos e espíritos auxiliares, e do que diversos escritores e videntes escreveram e afirmaram com respeito à outra vida,

e da especial revelação nesta época do Espiritualismo moderno, da intercomunicação entre os dois mundos, seremos levados a pensar que possa restar uma ideia inteligente com respeito à vida para além da morte.

Bem que poderia existir se as pessoas se dispusessem a pôr de lado a sensação física e a substituíssem pela inteligência e o conhecimento mental e espiritual. Mas as pessoas não estão dispostas a isso. Estão dispostos a fazê-lo com respeito à ciência, uma vez que os postulados mentais sempre precisam ser substituídos pela sensação física. Elas fazem isso no domínio das matemáticas, dado que é completamente impossível ilustrar por figuras físicas ou coisas físicas aquilo que a matemática expõe por completo por números. Fazem isso até mesmo na química, uma vez que é possível tornar o invisível visível, e tornar o que é visível invisível. As pessoas contentam-se em saber que o oxigénio, o hidrogénio e o carbono existem na atmosfera na condição de invisibilidade, e no entanto formam o ar e a vitalidade que vocês respiram.

Estão mesmo dispostas a ir mais longe, e a apurar que as vibrações chamadas eletricidade podem ser levadas a evoluir e usadas, e sob certas condições e circunstâncias tornadas visíveis e por sua vez invisíveis; que todas as atividades e potências da vida se acham escondidas da vista desarmada, contudo não se satisfazem em supor que o reino do espírito seja um domínio separado e distinto, um domínio completamente diferente das múltiplas e variadíssimas manifestações da matéria na terra; que as realidades da “Bela Cidade,” o Reino dos Céus, não constituem uma realidade no sentido palpável; que as substâncias de se diz que a cidade sagrada seja composta não eram substâncias no sentido do ouro, das pedras preciosas nem do alabastro da terra; mas que essas pedras, ouro e alabastro eram símbolos de pensamentos puros, de aspirações fervorosas, e do que quer que no antigo simbolismo se revelasse suficiente para tornar o reino dos céus belo.

Não se satisfazem nem sequer com o fato de que as árvores, flores, montanhas e rios sejam corpos subjetivos em vez de objetivos, orgânicos. Preferem que comporte lei; não só lei, mas a atração da gravidade, corpos pesados, casas construídas por mãos humanas, logo, não eternas no céu. Muitos prefeririam ver uma reprodução exata da terra, de modo a rapiná-la ou a aperfeiçoá-la por ação da mão do homem. De algum modo todas as religiões cometem esse logro.

A interpretação física de uma ideia espiritual tem sido estandarte de religiões do passado. O paraíso do Maometano representa uma simples existência sensual alargada; mas mesmo na Índia o estado metafísico puro, que o erudito, o vidente ou o adepto é capaz de compreender é inteiramente perdido de vista entre daqueles Brâmanes que pensar tomar parte na luxúria sensual do reino de Brama. O Nirvana, que se encontra além dos sentidos, não tem cabimento na mente comum da Índia.

Preciso não será dizermos que a herança da terra, que os Hebreus, até bem recentemente, quase universalmente esperaram, foi a herança literal da Jerusalém literal, e a posse literal da terra. Outros, mais espirituais na interpretação que fazem, chegaram a pensar na Nova Jerusalém como irreal, ou num estado englobado no reino do espírito; porém, há heréticos na Igreja Hebraica assim como há Cristãos liberais na Igreja Cristã evangélica ortodoxa.

O Reino literal dos Céus, que os Cristãos esperaram vir a gozar, tem sido demasiado interpretado à maneira dos sentidos. Quando forçados, os nossos amigos evangélicos ortodoxos têm-se mostrado constrangidos em justificar que acreditam num céu literal, e num lago literal de fogo do inferno, como o Hades. Se muitos não aceitarem isso, não será considerado ortodoxo, evangélico, e se, conforme em revelações recentes, muitos nas fileiras do clérigo ortodoxo não aceitam a interpretação literal, isso ainda não é evangélico, e as igrejas estão continuamente à beira de condenar o clero por heresia por interpretarem as Escrituras consoante as próprias ideias, em vez das ideias dos fundadores e intérpretes da igreja.

Os Espiritualistas não estão isentos de crítica. Um pensará que a religião baseada no espírito, e que tenha as suas manifestações oriundas de fontes espirituais, conhecerá a diferença entre a realidade e a matéria, entre aquilo que é real para o espírito, e aquilo que é material para os sentidos; mas a vasta proporção não, e considera que as realidades da vida espiritual serão tão materiais quanto as realidades ou materialidades da vida terrena.

É por causa disso que os espíritos encontram a dificuldade mais proeminente em comunicar a natureza, os estados e as ocupações dos espíritos. Não é por que os espíritos geralmente não saibam, mas por as pessoas geralmente não estarem preparadas para compreender; as mensagens precisam adaptar-se à compreensão das pessoas. Ao fazerem isso, ao construírem fortins para os filhos da terra, para os filhos

dos sentidos, os espíritos são obrigados a empregar termos que sejam inteligíveis à vossa compreensão, porém, que está sujeito a ser interpretado de forma inteiramente errada.

Isso seria prevenido caso as pessoas se dispusessem a considerar a existência subjetiva como tão real quanto aquilo que é designado como objetivo. As formas genéricas de vida não são a totalidade das realidades de vida que existem. A vida humana deveria ser bastante limitada caso a se resumisse à simples sensação e nada mais; mas, para poder derivar as suas funções de algo que seja enérgico até mesmo a sensação precisa, no final das contas, resultar da inteligência. O ser humano sensível, quer dizer, aquele que é capaz de registar as sensações de forma inteligente através do órgão ou faculdade do cérebro, um que possa, pelo processo da consciência cerebral registar o que os sentidos declaram, e a seguir definir uma ação inteligente com base naquilo que registou, sabe que vê, sabe que ouve, sabe que compreende e executa toda essa função num domínio que é puramente subjetivo. Conquanto as coisas que o homem vê, que são registadas pela retina do olho e a seguir por todas as faculdades dos sentidos, são objetivas, o seu registo é puramente subjetivo; a memória que tem delas é subjetiva, e tudo quanto constitui o seu valor e viabilidade é subjetivo.

Se, por conseguinte, não houvesse existência que não exigisse tal manifestação como o registo na retina do olho, uma existência que não exigisse tal manifestação enquanto vibração no tímpano, de fato uma existência que estivesse por detrás da região da sensação, apenas no domínio do pensamento, isso, mesmo assim, seria igualmente real, igualmente possível, igualmente potente. Os afetos do coração e da mente, as aspirações do espírito, tudo quanto conhecem da justiça, do amor, da verdade, do conhecimento e da sabedoria, tem lugar nesse domínio de que falo, e isso deve constituir a natureza da existência do espírito.

Seja qual for a manifestação na vida do Espírito que assuma uma semelhança com a forma, uma semelhança com a sensação, essa manifestação não será final, mas secundária. Não é causa da existência, nem realça a existência, mas resulta dela para fins da manifestação. Se, ao deslizarem para trás da mudança chamada morte vocês puderem afastar da vossa consciência, no momento, a necessidade de um objetivo, a necessidade de uma forma objetiva, e considerarem que a realidade da existência que buscam constitui a realidade do pensamento,

do afeto, da aspiração, do sentimento; que a entidade de fato se acha toda no pensamento e individualidade do vosso amigo, estarão preparados para conhecer, assim que a mensagem chegar, a natureza da vida do Espírito.

Quando os espíritos dizem: “Nós temos uma existência justamente tão real quando a vossa” - como lhes é dito agora - não devem, por conseguinte, pensar que seja igualmente sensual, igualmente material; por a materialidade muita vez se achar muito afastada da realidade. Quando lhes falam da aparência dos vossos amigos - que para o espírito é justamente tão real, não devem consequentemente concluir que sejam necessariamente orgânicos e de género.

A realidade é o resultado daquilo que se manifesta como uma atualidade na consciência. Se a consciência for tal que não seja necessário que a manifestação seja objetiva mas antes o resultado de condições subjetivas, então aquilo que é subjetivo deve ser mais real, como o é na vida do Espírito. Se forem dominados, digamos, por uma ideia grandiosa, ou por um propósito, ou por uma paixão, ou pelo quer que seja que se aposse por completo da vossa mente até mesmo aqui, a existência objetiva em que agora se encontram situados pouca impressão provocará em vós. E no que diz respeito à aparência externa, vocês atravessam a vida de uma forma mecânica; são dominados pelo pensamento, pela aspiração, sensação ou propósito que têm dentro de vós; essa é a realidade, e essa haveria de ser a realidade sem a forma física.

Temo-nos frequentemente esforçado por explicar, mas tão fútil parece enquanto ainda se acham cercados pelo tempo e pela razão, que chegamos a considerar insensato esforçar-nos por explicar aquilo que os espíritos fazem, ou aquilo em que verdadeiramente se empregam, dado que a ocupação e os estados da existência espiritual parecem, de momento, achar-se tão afastados da consciência humana. Mas existem determinadas classes de mentes; académicas, esotéricas, estudantes, aquelas que investigaram o domínio da filosofia mental, que conseguem formar uma compreensão clara da posição que adotamos, e a razão por que o reino do espírito não é mais palpável à consciência humana.

As manifestações dos seres espirituais que, através dos objetos pretendem alcançar os sentidos do homem não são, evidentemente, manifestações que sejam habituais e vulgares, nem são manifestações que, sob certas condições do progresso humano, seriam desejáveis. O

fato de essas manifestações acompanharem grandes efusões do espírito, e o fato de toda nova revelação do poder espiritual correspondente a uma dispensação de religião ser acompanhado por tais manifestações por forma nenhuma indica que esses fenómenos físicos alguma vez se venham a tornar habituais ou vulgares.

Quer simplesmente dizer que, na atual condição da raça humana, quando as presenças objetivas e reais do que aquelas da mente e do espírito, essas manifestações se tornam necessárias para despertar o pensamento, para atrair a atenção, para mostrar que os espíritos possuem poder sobre a substância, muito embora organicamente não se ache ligado à substância;

Daí que as vibrações chamadas “pancadas” compostas por pequenos golpes secos, e todas as manifestações dos fenómenos “físicos,” não passem de uma flexão que adotamos para com as condições humanas, e devam necessariamente deixar de ser satisfatórias assim que a consciência humana for capaz de abarcar uma ideia espiritual. De momento, contudo, os seres humanos acham-se predominantemente restringidos aos sentidos; por nem todos serem videntes e não conseguirem perceber as presenças espirituais; por as perceções psíquicas da raça não se encontrarem plenamente desenvolvidas, isso apresenta razões suficientes para que manifestações dessas irrompam através das barreiras dos sentidos dos seres humanos nas condições do tempo e da razão. Mas quando as perceções da raça humana se acharem plenamente desenvoltas, quando a raça humana adotar no seu novo traje, as suas posses espirituais, e quando todos aqueles atributos que têm permanecido adormecidos por intermédio da ignorância, da falta de exercício e de reconhecimento através do medo e da troça e do desdém do materialismo, quando tudo isso for devidamente desperto e a raça entrar no seu novo legado, as manifestações físicas não mais se farão necessárias do que a velha mala-posta (diligência) fora de moda, agora que dispõem do vapor e da eletricidade.

O mundo está gradualmente a despertar nessa direção; em vez do mundo do espírito chegar mais perto do homem, a humanidade está a aproximar-se do reino do espírito; os espíritos não se encontram mais próximo aos seres humanos do que sempre estiveram. O reino do espírito que o poeta Grego Hesíodo descreveu acha-se a todo o vosso redor. “Milhões de seres espirituais percorrem a terra sem ser vistos, tanto quando vocês se encontram despertos como quando estão a

dormir," é fato não menos verdadeiro atualmente do que era então, ou no tempo de Milton; porém, os pensamentos e perceções da raça humana estão a mudar; há mais gente dotada de perceções dessas. Mas quanto mais perceções interiores dessas forem despertas, menos necessário será aquilo a que chamam manifestações físicas. Haverá, por muitos séculos, quem venha a estar dependente do que é chamado manifestações ou "provas recebidas por via dos sentidos," como se a inteligência não tenha que decidir até mesmo após as provas se encontrarem aqui.

Nós temos-lhes repetidamente salientado que os meros fatos da existência (os fatos físicos) seriam destituídos de valor sem o reconhecimento por parte da inteligência; salientamos que quando esse reconhecimento com efeito tiver tido lugar os fatos das manifestações físicas não mais serão necessários. Quando for notório que o estado do espírito se encontra no reino que se acha separado meramente dos sentidos, e que constitui uma existência em consciência; quando se tornar notório que os espíritos passam pela mudança chamada morte ao jogarem fora essas limitações (do tempo e da sensação), em vez de contribuírem para as suas limitações; que os limites dos sentidos são barreiras, no que diz respeito ao espírito, mas que são necessárias à expressão dos sentidos na forma humana; e quando por fim for entendido que a existência espiritual constitui o libertar do espírito das barreiras do tempo e da sensação, sem que privem o espírito do controlo possível das coisas no tempo e na sensação; então resultará uma perceção inteligente do que sucede quando o espírito lançar fora o corpo mortal, ou "se livrar deste tumulto de morte."

É claro que nem todos os espíritos despertam ao mesmo tempo com uma perceção espiritual idêntica ou uma glória espiritual equiparável, ou felicidade semelhante (ou falta dela); seja qual for a condição do individuo - desejamos que tenham isto presente e que o realcem - sejam quais forem as condições que o indivíduo vivencie no tempo e na sensação e no estado terreno, a condição desse indivíduo é melhorada ao jogar fora o organismo físico; por representar um alívio assim. Enquanto a falta de desenvolvimento em termos de espírito constitui, evidentemente, ainda uma carência, não existe a dificuldade orgânica da tentação nos e através dos sentidos; conquanto possa não se verificar um despertar súbito para o conhecimento do que a conquista podia ter representado, ainda se verifica o pôr de lado daquilo que constituía a barreira física, e todo estado espiritual é melhor para o indivíduo do que o

estado humano, embora os espíritos, evidentemente, não sejam todos iguais. Isso afasta as ideias que muitos poderão sustentar, de que a mudança chamada morte possa mudar-nos de imediato das sombras para a luz, e de que certos espíritos possam ser piores após essa mudança (da morte) do que tenham sido enquanto seres humanos.

Temos frequentemente dito que não pode haver descrição mais verdadeira do Hades do que as condições das cidades superpovoadas; do que os estados de trevas, degradação, vício e crime vistas nos lugares altos e nos baixos da Terra, *alto* e *baixo* que com frequência enquanto termos intransmissíveis nos termos da consciência humana. Não pode existir nada na existência espiritual que venha a expressar ou a manifestar cenas tão abomináveis quanto as que são vistas na terra, dado que não há o que dissimule nem mascare os sentidos.

O ambiente da terra cria as condições que é necessário e que se espera que o espírito supere; não tendo superado tais condições, o espírito entre num estado - do quê? Não de crime ativo, pecado ou mal na vida do Espírito, mas de negação, a sombra da não conquista. Os espíritos estão muito menos ativos a induzir as pessoas a fazer o mal do que a tentar ultrapassar os resultados das próprias más ações e tendências que cometeram enquanto estiveram na vida terrena, por deles ser a impotência espiritual e a incapacidade que acompanha a expressão terrena do crime e do pecado.

As pessoas têm estranhas ideias com respeito a esta questão. Não haverá oportunidade melhor do que a presente para realçarmos esta verdade; que nenhum mal pode ser tornado num mal maior pela passagem para a vida do Espírito; que a condição é uma de aperfeiçoamento nesta medida: a de que aquilo que é um mal agressivo no estado humano se torna subjetivo (ou negativo) no estado do espírito, e não pode dominar, por não dispor de sentidos para a sua manipulação; daí que, aqueles espíritos não desenvolvidos, infelizes, até mesmo aqueles que tiverem cometido crimes na terra, se encontrem, não obstante, num estado de desamparo que constitui a consciência individual do Hades; dos fogos ardentes do remorso; do arrependimento; da falta de realização por boas ações enquanto na vida terrena; e se não acreditarem que isso seja tortura, pensem em vós numa ocasião qualquer em que tenham fracassado para com os vossos deveres, ou falhado na superação de um apetite, propensão, ou de uma paixão ou tendência; e então acrescentem a isso a consciência de um contínuo

fracasso no domínio (da tentação ou obstáculos), ao longo de toda a vossa existência mortal, e da passagem para vida do Espírito sem terem conquistado a vitória.

Conquanto não se deparem com o dedo do escárnio de anjos a apontar para o espírito a dizer, “Tu sucumbiste,” “Tu não és um verdadeiro espírito,” a voz interior da acusação, a consciência do desamparo, a sombra que impede a perceção do reino espiritual, deve, de fato, constituir um sofrimento.

A maior parte dos seres humanos possuem tanto uma porção dessa natureza como uma porção da natureza Divina. Se fossem dividir o bom do mau no homem, “as ovelhas das cabras,” (de acordo com a frase dos evangelhos) todo ser humano seria cortado em dois; alguns podem ter uma maior proporção de luz, outros de sombra; mas a vida perfeita ainda precisa ser descoberta, a menos que contem com os Messias, que no sentido habitual não são humanos. Por isso, todos os seres humanos têm uma porção qualquer dessa mácula, dessa consciência.

Não precisam de mais ninguém que lhes aponte as faltas e fracassos no reino do espírito, por o espírito se tornar de tal modo consciente de que as deficiências e falta de conquista do estado terreno constituem a fraqueza do espírito, que até mesmo algumas das mais brilhantes mentes e génios se encontram espiritualmente toldadas; não em termos do intelecto, conforme o intelecto terreno é aferido; não em termos da realização humana no domínio da matéria, mas nos termos da conquista do eu. Aquele ou aquela que consegue a maior parte dessa vitória, que geralmente se encontram entre os mais baixos da terra, possuem, por conseguinte, uma maior liberdade, um maior conhecimento, maiores dotes espirituais.

Os príncipes na terra são muita vez vistos como pobres no espírito; não por terem sido príncipes, mas por não terem conquistado a si próprios. Os pobres são muita vez vistos como príncipes espirituais; não por terem sido pobres na terra, mas devido a que, por trás dos farrapos, por trás dos golpes da fortuna se constatar muita vez uma natureza verdadeiramente altruísta.

Entre ambos esses extremos da condição humana, vê-se por todo o lado os estados humanos. O gigante intelectual que, apesar disso, não possui qualquer perceção espiritual, que não tem amor pelo próprio género, e que não tiver dado algo do seu intelecto em benefício dos

demais, não se pode dizer que seja espiritualmente exaltado. A exaltação não é aferida, nem tampouco nos é permitido aferir as diversas condições de uma ou de outra. Ao deixar a forma terrena, o indivíduo tem perfeita noção das falhas que possui; não lhe é permitido julgar as imperfeições dos outros, e vê-se amplamente ocupado com a superação das da sua própria existência individual.

Tampouco lhe é permitido dizer, “Vê o auge que atingi.” Nós não nos colocamos em bicos de pés como os catraios, para mostrar o quanto progredimos; porém, tendo alcançado a condição espiritual, devemos esforçar-nos por tornar-nos conscientes da condição em que nos encontramos, intimamente. Não podemos levar connosco para o estado espiritual as nossas diversas atividades ou ocupações egoístas da vida humana. Não necessitamos daquelas coisas que eram requisito enquanto nos encontrávamos nos sentidos. As habitações físicas, o vestuário físico, as formas físicas não são necessários; por isso as ocupações e os estados precisam ser tais quanto digam respeito à existência humana.

O vasto sistema industrial terreno, com respeito ao qual tanta agitação de verifica atualmente, o vasto interesse pelo capital em relação ao qual se assiste a tanta discussão, não podem ser fatores primordiais na vida do Espírito conforme são aqui, exceto na medida em que estão relacionados com o egoísmo humano; e sejam quais forem os ajustes que tais questões sofram com base no máximo benefício para o maior número, ou uma maior comunhão humana, será feito de acordo com as posses espirituais, por mais que possa ser criticado como otimista ou transcendental por aqueles que se consideram inteiramente versados em questões humanas.

Pode acontecer que os espíritos não estejam qualificados para julgar com respeito ao estado das finanças, no entanto os médiuns são muita vez procurados, e com frequência por parte de muitos que se recusam a aceitar ou a reconhecer que são Espiritualistas, com o único propósito de descobrirem um outro meio qualquer de ganho material; as oscilações do Câmbio; a subida e a descida das ações; qual o número da sorte ou favorável na grande lotaria da especulação humana; e isso é procurado por membros da igreja bastante sérios e devotos que estão proibidos de fazer qualquer prospeção no campo da magia negra ou das artes mágicas.

Contudo, se os espíritos puderem ver - e sem dúvida os espíritos podem ter conhecimento - por, segundo antigas crónicas, haver uma certa categoria de pessoas que é atendida de acordo com o seu desatino. Talvez vocês saibam quem eles são. Nem sempre é com o propósito de responder ao tolo de acordo com a sua insensatez que tais respostas são dadas; é com um outro objetivo.

Se os espíritos conseguem ver e proceder a afirmações verídicas, como comummente o fazem nesse sentido, é por isso dirigir a mente que assim busca no sentido de outras questões, e dia chegar em que busque com outros propósitos. Por regra, aqueles que são agora Espiritualistas não buscaram os espíritos com tais fins, mas fizeram-no por desejarem a resposta à questão: “Se um homem morrer, voltará a viver de novo?” E descobrem que a questão é respondida pelo espírito do seguinte jeito: “Tudo quanto possui valor no homem não fenece, mas viverá.”

Descobrem que a vida, a consciência, a inteligência, suporta e vai além daquilo que é chamado morte, sem que perca, mas ganhe nos seus dotes apenas por esse tanto de mudança; que o espírito se separa das muitas faculdades que constituíam algemas enquanto na forma; rejeita aquelas que são puramente terrenas e pertencem inteiramente aos sentidos; que a perceção espiritual ocupa o lugar da sensação humana; que o espírito é capaz de perceber mais do que todos os sentidos do homem juntos, a menos que esses sentidos estejam tão despertos e avivados por uma ação muito ativa, ou perceção desenvolvida.

Por outras palavras, o estado do espírito é aquele estado que constitui o passo seguinte para a vida humana. Se não existisse um lugar ou estado na existência espiritual adaptado a cada condição humana, que fracasso sublime não haveria de ser a vida, dado que as condições inexatas e desafortunadas seriam varridas da existência, e ninguém teria a certeza de que algum pudesse ser salvo.

De acordo com a consciência espiritual, de acordo com o conhecimento espiritual, esses estados são simplesmente uma continuidade da existência do ser humano sem a continuidade do entorno físico. A mente ou espírito que comunica sabe como irão ser as condições de um indivíduo pelo estado mental ou de espírito desse indivíduo.

Expomos de forma clara e rudimentar estas palavras por querermos que sejam entendidas por todos: Que cada um leva consigo o seu estado, mas não leva consigo o seu entorno físico. Se, porém, de acordo

com a lei da existência subjetiva, o estado ou condição do espírito é tal que nenhum outro entorno exceto material, ou aquele que se assemelhe às condições terrenas, seja considerado vida, se o ser humano ao falecer conforme vocês dizem, tiver não só sido dominado mas inteiramente regido pela ideia de que não existe nenhum outro padrão exceto o dos sentidos, indiscutivelmente esse espírito no momento ver-se-á rodeado por aquilo que ele julga ser vida, e isso será o cumprimento do preceito: “Assim como o homem pensa, assim ele será justamente.”

Num certo sentido os nossos amigos da Ciência Cristã têm perfeita razão quando defendem: “Aquilo que um indivíduo pensa é uma realidade.” É claro que é nesse sentido que, enquanto dominado pelo tempo e pela razão, se esse domínio for o único poder efetivo preponderante; caso o indivíduo esteja casado com o tempo e a razão e as condições terrenas; se, por outra coisa que não a imaginação, ou a poesia, ou a filosofia, ou a ciência, ele ou ela tiver sido levada a tomar consciência de que o reino da consciência não é o reino da sensação; se não tiver existido nada que lhe despertasse uma ideia qualquer exceto aquilo que for da terra, então o estado espiritual que se seguir imediatamente deve ser aquilo que se pareça com o estado terreno, para esse indivíduo; mas para todos os outros espíritos pode não surgir uma aparência dessas. Ao abordar a condição desse espírito, todos os outros espíritos dirão: “Ora, o pobre do homem está a debater-se com a própria carência que tem de compreensão espiritual!”

Vejam por exemplo, a título de esclarecimento, o máximo egoísmo humano possível. Não lhes pedimos que o situem fora de vós próprios, mas se conhecerem um estado que seja mais egoísta do que o vosso próprio; ou seja, um estado completamente desprovido de consideração pelos outros; que nunca sinta amor exceto da forma sumamente egoísta; que nunca pense em ninguém, exceto nos moldes em que o outro o possa servir a ele ou a ela (conforme for o caso); que acumula as suas posses terrenas com base no agregar para si próprio tudo quanto seja possível em termos de posses terrenas - nos estados do espírito não será coisa nenhuma - uma simples negação, com a consciência de que seja qual for a força que tiver predominado que tenha culminado na vitória material na terra, será enfraquecido no espírito.

Não existe reviravolta súbita dos sentimentos; não se verifica iluminação nenhuma súbita da mente com a passagem do estado terreno para o estado do espírito; contudo, tivemos conhecimento de casos

daqueles que obtiveram grande vitória em termos de egoísmo humano, em que se verificava inteligência e perceção suficiente ao entrarem no estado do espírito para saberem que o poder que representa a maior vitória em termos humanos é inteiramente desprovido de valor no espírito. Isso tem início no começo, como as pessoas fazem aqui. Elas desejam aprender com os mestres do espírito. Elas compreendem que não conhecem as condições e métodos iniciais da vida do espírito, e estão perfeitamente dispostas a aceitar o conhecimento que o primeiro ato de esquecimento de si constitui o primeiro passo para o desenvolvimento e a vitória espiritual.

Esse conhecimento, juntamente com grandes poderes e energia mental, em breve conduzirão o espírito avante. Mas onde reinar absoluta torpeza mental assim como do espírito, não será de admirar que alguns espíritos pareçam passar longos anos do tempo humano antes de despertarem para a consciência disto, da existência de um passo adicional de crescimento que precisa ser encetado antes de poder existir perceção espiritual.

Esses estados toldados da vida do Espírito são excecionais. Os estados da vitória individual são universais. O desejo de superar aquilo que não foi superado na vida terrena precisa ser universal. Como a média do ser humano não se encontra muito degradada, também os espíritos em média encontram alívio nos estados de espírito da condição de depressão da vida terrena, e a maioria dos espíritos contenta-se em se livrar disso. Para aquele que se vos dirige, foi como passar de uma masmorra para o ar livre, para a luz.

Mas inicialmente nem os melhores conseguem perceber demasiada luz. Nenhum deslumbramento espiritual se afigura proveniente dos reinos superiores, mas a luz precisa vir de dentro; assim, até mesmo a luz precisa ser temperada para a condição do espírito. A luz vem, conforme precisa vir, de dentro.

Para aquele que se lhes dirige foi uma libertação de poderes (em vez do acorrentar desses poderes) como os que tinham estado porventura muito pouco ativos na vida humana. Verificou um maior alcance da visão; uma maior atividade de atributos e faculdades; uma noção de liberdade como a que um pássaro poderá sentir ao ser liberto do cativeiro aprisionante da gaiola. Não é possível apurar que alterações de inteligência se verificam entre o verme, a crisálida e a borboleta, mas o espírito do homem leva consigo juntamente com a alteração das

condições algum conhecimento, e entre o verme da terra e a crisálida da mudança e as asas desenvoltas da imortalidade há júbilo consciente e adicional gozo, um poder e uma perceção maiores.

Aquilo que era vago e irreal na terra torna-se claro; questões que pareciam ser de difícil solução nos estados humanos são resolvidas de imediato para o espírito; tópicos que aqui são postos de lado como especulativos, transcendentais e vagos, adquirem na vida do Espírito a máxima importância. Em vez de questões que se prendem com o comércio internacional entre as nações, o estado do comércio, da condição da política entre governos, a questão predominante torna-se na intercomunhão dos espíritos; a relação das almas, os seus atributos e poderes conforme são relacionados uns com os outros.

Todo espírito que passa da vida terrena estaria preparado para comunicar caso os seres humanos estivessem preparados. Há muito poucos espíritos que estejam tão cegos pelo preconceito, tão agrilhoados pelas sombras materiais a ponto de não saberem que podem ver ou perceber mais do que podeis. Aquilo que para vós é cegueira, para eles é perceção. As barreiras situam-se todas do lado mortal, exceto aquelas que resultam da ignorância. Sois vós quem “vê através de um vidro escuro.” É o estado humano que constitui o vidro escuro. O tempo, a razão e os entornos físicos constituem as barreiras. A remoção delas constitui a perceção da existência espiritual.

Aquilo que é mais surpreendente para a maioria dos espíritos é não precisarem ir a parte nenhuma para chegar ao mundo do Espírito; não são levados ao longo de milhas e milhas do espaço, sobre vales e lagos e montanhas sobre as asas de anjos, para encontrarem a terra do Espírito ou o Reino dos Céus; nem precisam passar por caminhos tortuosos, e descer, descer sem parar até darem com o Hades. Com a remoção do corpo físico que aparentemente, cobre o espírito com as amarras das fraldas dos sentidos, o espírito toma consciência de um domínio mais vasto; encontra aí os amigos que certa vez conheceu na terra; por outras palavras, a chegada e partida do reino do espírito, ou da “terra do Espírito,” não passa de um sentido figurado de falar. O “reino do Espírito,” a “terra do Espírito,” acha-se à vossa volta, acha-se dentro de vós, acima de vós, onde quer que tenham os vossos afetos.

Quanta vez isto não foi dito, e ainda assim muita gente pensa precisar subir algum “escada” (progressão) etérea, alguma escadaria tal como no símbolo apresentado ao Jacob proverbial, para descobrir o reino do

espírito. Ele encontra-se a todo o vosso redor exceto vós; impregna-lhes os espíritos mas não lhes domina os corpos; realiza o que pode ser realizado em benefício das condições humanas, atua sobre os vossos pensamentos, a vossa inteligência, os vossos afetos, onde for possível, fazê-lo por meio da atração; a aguardar até quando as barreiras do tempo e da sensação devam ser afastadas.

Vocês irão voltar-se para dentro em vez de para o exterior em busca da resposta à questão relativa à condição dos espíritos. Quando dizemos, voltar-se para dentro queremos dizer que não olharão com os vossos olhos humanos nem escutarão com os vossos ouvidos humanos, nem desejarão nem tocarão com os vossos sentidos humanos, de forma que isso os leve a ter consciência de que os espíritos se encontram junto a vós. Naqueles momentos de comunhão em que vocês falam convosco próprios (e uma grande quantidade faz isso de forma audível) e revêm o trabalho do dia, há censura se o não tiverem feito bem, e louvor se tiverem. Mas o tempo todo em que falam convosco próprios travam uma discussão entre a razão e a intuição, entre a razão e o impulso, e o castigo que dispensam a vós próprios caso não tenham dado o melhor da vossa parte, metaforicamente, não dispensariam a mais ninguém.

Agora, esse domínio em que podem falar convosco próprios, nesse domínio em que o ego habita, naquele reino da consciência em que vocês resolvem os vossos problemas de filosofia; de matemática, naquele domínio mais elevado ainda da verdade, amor e sabedoria, através dos silenciosos aposentos do espírito, podem encontrar-se e travar conversa com os vossos amigos sem interrupção, nem nenhum outro dolo para além daquele que cometerem contra vós próprios. Podem encontrar-se aí, e se para os convencer de que não é imaginação, e de que não estão a enganar-se a si próprios, eles se mostrarem condescendentes e entrarem no domínio do tempo, espaço e substância para vir até vós, de um ponto de vista objetivo, será somente por uma questão dessas barreiras poderem ser removidas, e eles por vezes travarem conversa convosco alma-a-alma, em vez de o fazerem através de “um vidro escuro,” por meio dos sentidos.

Não pensem com isto que estamos a subestimar os “sinais e símbolos,” as manifestações que devem chegar até aos sentidos. Pelo contrário, em todo o reino do espírito, todos quantos travem conversa com os mortais hoje, pretendem derrubar essas barreiras superficiais de corpo e mente por manifestações tais que não possam ser negadas, por meio de provas

que não possam ser ignoradas. Fisicamente, caso devam passar por isso, eles dar-lhes-ão prova dos seus poderes. Intelectualmente, caso a ciência deva dispor delas, eles dar-lhes-ão evidência dessas “forças psíquicas” ou ocultas, para que vocês, ao se convencerem no plano físico (não existe lei externa da natureza que possua inteligência sem a consciência dos vossos amigos), possam questionar e garantir uma audiência convosco nos cômodos interiores das vossas vidas, próximo ao seu próprio reino, onde nenhumas condições humanas perturbadoras têm lugar, e onde vocês venham a descobrir, quando tirarem o véu do ambiente externo, quando tirarem as barreiras do tempo e dos sentidos, que os vossos amados tinham estado a aguardá-los.

É ocupação deles fazer isso; é ocupação dos espíritos transmitir esse conhecimento; é ocupação deles aperfeiçoar-se no conhecimento, na sabedoria, no amor e na excelência, e revelar aqueles poderes que não tiverem sido suficientemente desenvolvidos aqui, de modo que nos estados de espírito obscuros, nas condições obscuras da vida terrena, esse conhecimento maior possa ser assumido.

Por não estarmos a fabricar relógios quando não existe tempo nenhum a seguir no nosso calendário; por não estarmos envolvidos no fiar e tecer quando as nossas vestes são feitas de uma substância tal como a do pensamento e da aspiração, por não construirmos casas em que restrinjamos dez, vinte, uma centena de milhar ou de milhão de seres humanos quando a luz do sol e ao ar fresco estão no exterior; e por não construirmos palácios para nós próprios, enquanto o pobre se deve contentar com um casebre - as pessoas pensam que não haja ocupação na vida do Espírito.

Mas se a construção de tais coisas tais como as que concorrem para a verdade, o levar em frente da mensagem que retira o medo primordial do mundo do homem; se debilita-lo, mostrando a luz que se acha dentro e acima dos aposentos escuros da dúvida e do materialismo; se lançar o projetor do espírito sobre as condições falsas, e o revelar do que é verdadeiro; se o fortalecer cada uma das decisões exaltadas, levar a conquista pelo espírito mais à frente, e declarar que isso constitui uma vitória maior do que todas as batalhas ganhas pelos exércitos; se isso, e enxugar a lágrima do enlutado com um conhecimento correto da vida do Espírito não constituir uma ocupação, então porque contratam os sacerdotes para lhes ensinar coisas espirituais?

Porque serão milhares de vidas gastas numa diligência por descobrirem a real filosofia da existência? Porque será que a ciência se esforça agora a ponto de se pôr em bicos de pés a espreitar a área do reino oculto, psíquico, a menos que seja uma ocupação importante saber o que é o espírito, e as relações que tem com os outros espíritos no mundo?

A GRANDE PIRÂMIDE DO EGIPTO

UM DISCURSO PROFERIDO EM FAIRBANK HALL, CHICAGO, ILLINOIS, POR MEIO DA MEDIUNIDADE DE TRANSE DE CORA RICHMOND

Os mais antigos esplendores da terra encontram-se a circundar o Oriente; e as nações primitivas, conforme são designadas, erguem-se neste dia distante cobertas de esplendor, povoadas por milhões de seres exaltadas em inteligência e poder, e confundem as civilizações dos dias presentes na abordagem de muitos das suas imponentes maravilhas. Os tempos pré-históricos não proporcionam indicador nenhum pelos quais o homem possa medir o poder dessas nações, exceto aqueles que se encontram encerrados na arquitetura de cada nação individual.

Só o Egipto sobreviveu entre os poderosos povos, àquele poder devastador do tempo, por só o Egipto aparentemente possuir monumentos imperecíveis. Outras nações - os Chineses - possuem escritos e tradições que parecem preceder o esplendor e a história do Egipto; outras nações passaram adiante através de vários registos, aparentemente incontestáveis, vastos poderes, linhagens de nações, reis e povos poderosos.

Mas, só ao Egipto pertence um certo grau de grandeza que o torna, senão o primeiro, pelo menos o último na civilização da época primitiva da história humana. Com isso referimos a história que antecede os registos do tempo atual. Essa história era um livro selado, e ainda o é em grande parte atualmente, exceto o fato das maravilhas da história Egípcia poderem ser localizados por entre o entablamento e a pedra, os monumentos, e o que se encontra preservado como sagrado: sem dúvida nos recessos mais recônditos da Pirâmide e na Esfinge.

Dizemos a Pirâmide, porque em comparação com esta, as outras afundarem na insignificância; elas estão lá como as sombras dela, como montículos de terra a par com a montanha, como imitações. Talvez a

precede-la, como precursores dela, mas certamente não ela própria. A magnífica pirâmide que forma o tema deste discurso desconcertou toda a exploração, toda interpretação possível, até à descoberta da pedra de Roseta, que, conforme estão cientes, continha escrita em três línguas, que associava os antigos hieróglifos da civilização Egípcia aos da Grega e aos das civilizações posteriores.

O resultado foi que agora esse registo foi tornado inteligível, e quando as explorações forem concluídas a história irá ser igualmente interpretada e concluída; mas por enquanto essas explorações acham-se incompletas. Muito de quanto é aferido como descoberta não passa de mera teoria. Conhecimento real sobre o tópico das pirâmides e da grande pirâmide, ainda deixa os estudantes modernos na dúvida quanto à absoluta certeza de quem foi o seu construtor, com que propósito foi construída e porquê, em vista do poder demolidor dos elementos naturais - tudo isso ficou mais por declarar do que o que parece ter sido declarado nas inscrições que se reportam a ela.

Mas sejam quais forem as teorias que obtenham crédito no mundo, duas parecem predominar: uma é a de que constitui um túmulo construído entre os anos 3700 e 3400 antes de Cristo; a de que foi construída por um poderoso rei Egípcio, Quéops, e que se destinava a um sepulcro ou monumento ao seu esplendor. A teoria favorita por entre os estudantes da ciência da arqueologia, deverá porventura permanecer aceite na mente da maioria das pessoas, a de que essas pirâmides constituíam sepulcros, túmulos de reis, e que nelas e ao seu redor, dentro delas serão sem dúvida encontradas as explicações do rei particular sob cujo reinado a pirâmide foi construída. Até agora essa teoria foi a que mereceu maior crédito.

Há outras, porém, que consideram que poderão ter sido destinadas a depósitos para o grão em épocas de cheias; outras ainda, de que dentro dos monumentos duradouros outras menos duradouras devem ter sido demolidas ou cobertas pelas areias movediças em permanente flutuação, movimento, transmutação, mas quando tudo for desenterrado, será porventura descoberto que as pirâmides não foram nem construídas para servir de sepultura para reis, locais de armazenamento de cereais, nem para nenhum outro dos propósitos presentemente atribuídos a esses antigos construtores.

Conquanto os reis do Egipto fossem sem dúvida potentes, precisa ser levado em consideração que o Egipto, à luz da sua glória, foi a sede da

aprendizagem, foi a sede da descoberta da inteligência, foi a fundadora da linguagem, das matemáticas, da ciência química, da ciência da astronomia, e que numa nação cercada por nações aparentemente bárbaras ou semibárbaras, necessitariam da maior das conservações.

Se os Egípcios por altura do auge do seu conhecimento e esplendor, quando a Cidade do Sol foi pavimentada a ouro, e de um milhar de torres, minaretes e cúpulas emanava o som de louvores e regozijo - se quando os seus reis não eram somente grandiosos na guerra, valentes na batalha, mas principalmente dotados de conhecimento - e eram tanto sacerdotes quanto reis - se a sua civilização significava alguma coisa em absoluto, significava aquilo que devia de algum modo preservar-se para gerações futuras em testemunho do imperecível. Livros não existia nenhum; papiros existiam, em cuja substância duradoura contudo perecível (efémera) se localizam muitos dos registos mais recentes da nação Egípcia.

O único monumento duradouro que poderia, que se poderia esperar com alguma certeza que sobrevivesse era um monumento de pedra, e construído de tal modo que desafiasse a intrusão dos dois únicos inimigos da preservação naquele clima, a luz do sol e a água - a água, o salvador; a luz do sol, o inimigo, salvo quando a água se achava presente para saciar o deus eternamente insaciável que andava pelos céus, que era o supremo governante e substância de toda a nação, e que só poderia ser desafiado pelo deus Nilo, cuja fonte, que alguns conheciam, cuja corrente era sagrada constantemente reabastecida por fontes desconhecidas, transbordante e trazia fartura, cheias que a três metros significava fome, a quatro significava um tolerante grau de conforto, e entre quatro e trinta e quatro e quatro e oitenta trazia alegria e regozijo e oferendas de todo o povo Egípcio - aquele maravilhoso rio que se deve deixar que conte a sua própria história mais tarde.

A forma piramidal foi a forma adotada pela arquitetura do Egipto. Uma das razões disso deve-se a seja a que melhor sobrevive às infiltrações da água. Outra razão é a de que o triângulo fora descoberto e se tornara a forma aceite de medição do círculo, conforme agora é - fora descoberto constituir a única maneira possível pela qual aquilo que era suposto ser infinito, o círculo de Deus, podia ser resolvido pela ciência do homem. Dotado de três lados, simbolizava o nome sagrado da Divindade que nunca foi pronunciado salvo nos claustros mais recônditos dos templos Egípcios, e somente então enunciados pelos ungidos, que eram “filhos

do sol”; por essa ser a conta de sacralidade em que Osíris era tido enquanto anjo do sol, que representava o Deus invisível, que o termo Jeová, tomou de empréstimo dos Egípcios por parte dos Hebreus, para quem simbolizava a sua Divindade, e que foi alvo de tal reverência que ninguém se atrevia a insinuar sequer o nome salvo aqueles que fossem consagrados como filhos do sol, ou filhos de Deus.

Assim, quando Moisés e o seu irmão Aarão, segundo a narrativa Hebraica, foi iniciado e instruído e educado nos mistérios do Egipto, foi proibido aos filhos de Israel repetir ainda que baixinho o nome de Deus. Porquê? Porque ao ouvirem esse nome falado longe, no estrangeiro, os Egípcios compreenderiam que o seu segredo tinha sido traído, que a reverência devida ao Altíssimo tinha saído dos hemiciclos da veneração religiosa e estava a ser divulgado entre o povo que era composto de escravos. E tal coisa não poderia ser tolerada.

Mas para além dessas pirâmides existiam sem dúvida templos de arte e de conhecimento (aprendizagem), tal que haveria de deixaria os estudantes modernos deslumbrados só de ver; instituições em que os jovens e as moças eram educados em todos os mistérios do conhecimento Egípcio, sacerdotes e sacerdotisas consagradas a Isis e a Osíris, todos a cumprir com os seus diversos deveres; exaltação das mulheres a ponto da educação e participação na legislação governamental e nos segredos e mistérios da ciência, subterrâneos e oráculos a promulgar o distinto conhecimento forjado por essa gente estupenda e, acima de tudo, segredos mais profundos que influenciavam três ciências - a astronomia, nesses dias estreitamente aliada da ciência astrológica, igualmente exaltada de um poder material a um espiritual; a química, que posteriormente degenerou na alquimia, mas que ainda era a maravilha do Oriente; e as matemáticas. Essas eram as três ciências tidas como sagradas, e eram as três ciências que eram tipificadas pela forma triangular da pirâmide.

Para comemorar tão fascinante descoberta como os poderes triplos da ciência, resolver aquilo que as nações Brâmanes tinham chamado o círculo do infinito, os Egípcios devotaram monumentos a tais propósitos, e, como os reis eram líderes e governantes nas ciências e nas artes, optaram igualmente por inscrever em muitos dos entablamentos de pedra as suas próprias conquistas e o que fora pensado deles pelo Mais Alto, ou o Divino, ou o próprio Sol, que era o símbolo da Divindade ou do grandioso. Todos os deuses e deusas Egípcias - por as suas divindades

englobarem ambos os sexos - eram tão só símbolos do ser divino e mais potente que era representado pelo sol. O próprio sol era venerado por eles, não como sendo o próprio Deus, mas enquanto o símbolo ou representação de Deus.

Será, portanto, observado que a pirâmide maior constitui um símbolo, como nós consideramos, do aprendizado do Egipto; que contém na sua estrutura somente evidência de todo o conhecimento que eles possuíam assim como a história e a profecia da terra até ao presente. A teoria do professor Smythe* é a de que ela corrobora exatamente as profecias encontradas no Velho e Novo Testamento a um ponto imensurável, e enquanto a sua mente possa estar um tanto deformada pela imensa educação teológica que possui, ao mesmo tempo, constitui a teoria mais provável entre todas as existentes no mundo. A verdadeira teoria, contudo, é a de que as pirâmides foram construídas como monumentos de aprendizagem; que cada uma delas simboliza um período qualquer de cultura intelectual ou de desenvolvimento espiritual, e que a pirâmide maior é, em si mesma, o culminar da época das pirâmides, o trabalho coroação da nação sempre votada a grandes obras, e típica de todo o conhecimento, de toda a ciência, de toda a religião que o Egipto encerrou e de que a história viria a gozar.

**(NT: Possivelmente tratar-se-á de William Smyth, ou então da Srª. Piazzi Smyth, Escocesa, que publicou uma obra sobre a Pirâmide, não estou certo)*

Por uma observação cuidada das descobertas que já foram feitas serão capazes, quando outras descobertas e explorações tiverem sido alcançadas, de averiguar o quão correta esta hipótese estará. Os três lados da pirâmide simbolizam a forma tripla da ciência desse período, e o triângulo como a base da solução do círculo infinito. Todas as porções da estrutura da pirâmide simbolizam a condição interior e exterior do homem.

A construção da pirâmide foi assim:

Primeiro, é erigido um símbolo da pirâmide interior; então isso poderá ser a câmara para o que quer que for pretenderem preservar de mais sagrado. Sobre isso é construído gradualmente, camada sobre camada - ainda na forma piramidal - a pirâmide maior, até que atinja o tamanho requerido. Então, daquelas montanhas formidáveis que ficavam a milhas de distância pedras, que eram chamadas “a luz,” foram trazidas. Essas

exibiam enormes poderes de arte mecânica, tanto no local de onde foram trazidas, como na sua montagem na pirâmide, e formaram as bases exteriores e a porção mais extrema da estrutura, finamente polida, juntada em costuras dificilmente discerníveis, impermeáveis tanto ao sol quanto a quaisquer elementos destrutivos.

Essas pedras foram a glória máxima da arte monumental Egípcia. Hoje é desconhecido por que poder mecânico essas pedras podiam ser trazidas das pedreiras deles. Precisamos considerar que a descoberta do vapor enquanto força motriz é moderna, e que a utilização da eletricidade é invenção recente; Assim, num país onde não há água, situado nos confins do deserto, que potência mecânica vocês concederão a esses antigos por outros sistemas senão uma secessão de alavancas ou rolos por meio dos quais essas pedras fossem trazidas da sua solidez das montanhas?

Mas, se pensarem que a ciência moderna atingiu um grau de perfeição mais elevado do que aquele que existia entre os Egípcios, porque métodos terão essas pedras sido encaixadas com tanta perfeição que as costuras dificilmente são percebidas, e que o invisível e sempre presente cimento que eles arranjaram, que forma uma porção da parede interna e mais recôndita, ainda por explorar? E por que processo terão essas pedras sido colocadas, ao permanecerem, conforme permanecem, o inexplorado e informal monumento de uma força mecânica mais potente que a força de qualquer poder mecânico, exceto aquele do vapor?

Se alguma vez os motores elétricos vierem a ser aperfeiçoados, e se vierem a ter motores atmosféricos, assim como luz; e se outras forças mais subtis vierem a coroar a civilização atual, podereis ser capazes de o resolver melhor do que agora - o maravilhoso poder e destreza dessa nação de construtores monumentais. Na câmara interna que ainda só parcialmente foi explorada, serão sem dúvida descobertas, por medições reais, todas as soluções da história da terra até ao presente.

Enquanto registo da ciência a pirâmide grande comporta um poder triplo; é a glória máxima de uma era que representou a ciência física na terra, e o que quer que possa ser dito do avanço do homem, nunca virá a existir um outro culminar como esse, dado que, misturadas com a ciência física virão a existir outras interpretações quanto à vossa era que serão mais preciosas. É igualmente o culminar de um certo período astronómico, e conforme aqui é registado, apontava em frente para um outro período astronómico, o ano de 1881, que simbolizava metade do

círculo inteiro atravessado pelo sistema solar na passagem que percorre em torno do sol distante. O que quer que esse meio círculo possa querer dizer, era algo que era compreendido por esses astrónomos.

A história da pirâmide está mais perto de ser resolvida do que alguma vez esteve. Poderia a abertura de uma câmara interna e a publicação de trabalhos sobre este tema e a agitação do pensamento por todo o mundo civilizado significar um precursor de uma união mais completa e distinta entre a civilização antiga enterrada nas trevas e a civilização dos tempos modernos?

Vós estais à beira de grandiosas descobertas. Com o tempo vocês virão a compreender que seres mais insignes do que os que foram enterrados, e mais poderosos do que as dinastias que foram citadas de diversos modos e registadas nas inscrições Egípcias, constituíram o registo da ciência a ser aí preservada, e chegarão a compreender que a essas câmaras secretas e recônditas os poucos que deviam ser iniciados nos grandes mistérios da ordem dos filhos de Deus eram conduzidos, que a exata medida a ser aí descoberta, que muitos supuseram dever ter aí servido de caixão ou de medida de trigo, era dedicado a um porção da cerimónia que servia para ilustrar a medida da vida; nesses cerimoniais eram iniciados apenas doze, e jamais um outro membro podia ser acrescentado exceto se um desses doze morresse. Assim, por todo o Egipto essa ordem foi secretamente preservada, e não podia haver outro monumento mais adequado para transmitir às gerações futuras o conhecimento encerrado por essa ordem do que os próprios monumentos, de que a pirâmide é o maior.

Sob o reinado da dinastia cujo nome a pirâmide carrega, viveu o maior dos tais doze desse período. Como um monumento erigido ao seu conhecimento, como registo e testemunho daquilo que ele trouxe ao mundo, em morais e inscrições, o valor da história proclamada, foi a pirâmide edificada. Se tantos milhares de trabalhadores foram empregues durante vinte anos a construir essa pirâmide, que importância terá isso tido em comparação com a perpetuação de segredos que só pela mão do tempo poderiam ser resolvidos, e que só agora estão a ser plenamente solucionados? E se vós não encontrais plasmado nessas misteriosas câmaras e nas medidas misteriosas que encerram a afirmação exata da história da terra desde o começo do conhecimento Egípcio até ao presente momento, uma descrição pormenorizada daquilo que virá a suceder na medida em que os símbolos o possam esclarecer,

então como poderão vocês afirmar que estes enunciados sejam outra coisa que não as débeis expressões de um sonho?

Que assim o sejam, é coisa que terá tido lugar em muita mente, que, sem ser suficientemente científica ou destra nos prodígios do saber Egípcio não se atreve a proclamar as suas ideias ao mundo para não serem alvo do ridículo por parte dos *savants* (especialistas) eruditos que nada sabem do assunto. Porém, se limitarem o conhecimento do momento presente (verão que) ele está confinado à solução de certos hieróglifos ou inscrições que contêm interpretações em Grego respeitantes a isso e às medidas do poço (duto) e das câmaras internas da pirâmide maior. É claro que o exterior é sempre observável, porém o que se acha oculto são ainda outras câmaras, e o que virá a ser revelado quando o mais íntimo dos seus segredos for desvendado, ninguém o sabe.

Primeiro, é um monumento ao Altíssimo Jeová; em segundo lugar, constitui um monumento erigido ao sol, a primeira elevação no universo que representa Deus; em terceiro lugar é um monumento erigido aos Filhos de Deus que, totalizando doze, vieram à terra a fim de descrever o conhecimento que foi colhido do reino celeste; em quarto lugar, é um tributo à ciência material revelada pela inspiração dos Filhos de Deus, os sacerdotes, os oráculos, os estudantes - sacerdotes que foram igualmente reis; quinto, tipifica e ilustra para todo o sempre a grandeza de uma nação que à luz da sua prosperidade e reinado grandioso da sua glória revela todas essas maravilhas à interpretação dos futuros Filhos de Deus.

Moisés foi senhor do conhecimento desses segredos - Jesus foi detentor do conhecimento dos mistérios dessa poderosa Ordem. Outros virão, dotados de grande saber que procurarão resolver os mistérios com base na mera ciência matemática externa; mas isso deverá passar e a real interpretação surgirá no pensamento de mentes que, como o professor Smythe, não se acham meramente limitadas à ciência terrena, mas que toma de certo modo de empréstimo da ciência dos céus na resolução dos grandiosos problemas da sabedoria humana.

Das areias do deserto os reis sepultados falarão; da grandiosa solidez dos seus monumentos de pedra as vozes dos oráculos enterrados falarão. Cidades desenterradas revelarão o seu antigo esplendor, mas esse monumento ao sobreviver a todos os demais registos revelará o esplendor dos esplendores.

A esses doze, que reverenciaram o Altíssimo Deus em silêncio, cujo sacerdócio foi uma voz da Divindade para o povo, e cujos enunciados constituíram a lei suprema da terra - ante esses se curvaram reis; da sua parte reis e princesas receberam o poder para reinar, e até que passasse na provação da mais poderosa inspeção da ciência, da arte, religião, nenhum governante poderia reinar sobre essa magnífica nação; e tal era o poder da religião que entrava em todos os atos da vida; cada ato constituía uma ação de culto assim como um dever.

E por isso uma nação assim dotada de tal multiplicidade de formas de veneração não podia permitir que os seus grandiosos segredos perecessem; mas guardado no seu volume de pedra, velado na pedra falante e enterrado em sepulcros que doravante virão a ser descobertos, permanecem os grandiosos segredos, potentes, todo-poderosos, convincentes - da existência de um Deus supremo, de que o governante da terra e dos céus era o mesmo que era venerado, o Deus desconhecido, e que ele legou ao homem o poder triplo de corpo, mente e alma, e de que esses três poderes em contato com a vida mortal revelam aquilo que é delineado nessas esplêndidas inscrições.

Quando a vã bazófia de reis for preterida, quando os escritos dos seus gloriosos feitos de valor tiver sido plenamente solucionado, mais fundo ainda será descoberto o coração pulsante desse poderoso Deus através do retorno de Osíris ao homem, o mistério mais antigo que alguma vez foi ensinado pelo anjo mais antigo sob o reinado de um rei cuja dinastia quase se encontra sepultada no mistério - por ser calculado que tenha sido na quarta e quinta dinastias que isso foi construído, e isso estar envolto de mistério.

Do reinado de um rei quase sepultado no mistério que, conquanto aparentemente desprezado no seu próprio tempo, foi posteriormente louvado, chega esta grandiosa obra, erigida não para o corpo mas para a alma, não para o tempo mas para a eternidade, não meramente para a ciência e a arte humanas, mas para a grandeza daquele sublime templo simbolizado na grandiosa arquitetura da Maçonaria, típica do olho do Infinito que tudo vê, o único testemunho que poderão ter da antiga Ordem cuja presença na terra hoje não é conhecida, mas símbolos de cuja presença se acham preservados por todo o mundo civilizado e muitas nações do mundo bárbaro.

Vós hoje colmatais esse amplo abismo. O vasto mar da religião da Judeia que se situava entre vós e essa grandiosa nação foi varrido do

mapa; a destruição da biblioteca de Alexandria impede-os de ter um conhecimento garantido do que era pregado num período tardio da civilização com respeito a esses esplendores - mas o tempo ainda há de desvendar esses segredos; a mão do homem será guiada para a abertura da casa do tesouro, e aí diante de vós em todo o esplendor desse majestoso monumento verão o símbolo primevo do poder espiritual do homem na terra e a profecia de toda a história humana até ao momento presente. Se vocês procederem ao registo destinado às futuras gerações terão que o fazer por uma forma qualquer imperecível, porque o Egipto não os levará mais adiante do que 1881. Para além, disso a história do homem precisará ser redigida por outras mãos; precisará ser localizado noutros monumentos, o registo da terra, porquanto ela está a atingir o meio ciclo do seu desenvolvimento espiritual.

O Egipto falou mas ele será emudecido; de agora em diante outras nações atravessarão os seus resíduos arenosos; doravante, ao longo das margens do Nilo surgirão outras civilizações; daqui em diante o poder solar que agora parece destruí-la irá ser a sua salvação, e os homens buscarão as suas costas e erguerão cidades de comércio e fabrico sob a influência de máquinas (movidas a energia) solar, mas ninguém irá ouvir da voz da pirâmide ou da esfinge o grande segredo de nenhuma outra era do que aquela que culminou nesse ano.

Poema de Improviso

Ah, queiras tu, poderoso monumento desvendar
Os tesouros sagrados do ser humano que te planificou
Desejoso de, por meio da pedra comunicar
O segredo do grandioso plano que Deus traçou.

Endeusado na tua alma alado
Por possantes laços de barro à terra atado
Ah, Pirâmide, tu desfraldas os trovantes
E possantes significados o quanto antes

Ergues-te silenciosa e só,
Tesouro do potente passado
E falas em tom incerto
Até que todas as tuas riquezas tenhas vazado

No cálice do momento presente
Pedras, monumentos, poder-se-ão desvanecer
E cair no mofo, mas marcarás para sempre
A distinção da sabedoria de Deus, e da verdade convencer.

O DILÚVIO

Dodsworth's Hall, Nova Iorque, Domingo, 30 de Março de 1862

O nosso tema, nesta ocasião, é o do Dilúvio, ou aquilo que é geralmente conhecido como a inundação do mundo. Mas primeiro, vamos precisar da vossa atenção, e em segundo lugar, do vosso silêncio, por a nossa médium não poder falar muito alto por se encontrar ligeiramente indisposta. Prometemos ser breves e, se a brevidade é a essência da sagacidade, pelo menos irão encontrar isso. O tema de que vamos falar é um que tem prendido a atenção de teólogos e académicos há séculos, e que, na era Cristã diz respeito aos fatos estabelecidos da tradição Cristã.

É crença que tem prevalecido entre os Judeus, e que foi desse modo introduzida no Cristianismo, que segundo a descrição Mosaica da criação, que leva a que o mundo agora tenha pouco mais do que seis mil anos. Após ter criado o mundo, segundo o livro do Génesis, do Velho Testamento, Deus Pai ficou insatisfeito com a sua criação e, ao ter criado o homem imperfeito, este último, por causa dessa imperfeição, sofreu a queda e consequentemente, em resultado dessa ira e reprovação, Deus resolveu destruir a criatura que tinha criado quando pronunciara tudo como bom, com um dilúvio, salvando unicamente Noé e a sua família, que fora advertido e orientado no sentido de construir uma arca para a preservação de si próprio e da esposa, e daqueles criaturas vivas que deveriam formar o núcleo de um mundo novo.

Primeiro, esta narrativa da criação foi adotada pelos Judeus e outros religiosos como autêntica; em segundo lugar, o período em que o dilúvio supostamente ocorreu, foi cerca de mil e sessenta anos após a criação, altura em que os habitantes da terra se tinham tornado tão perversos e depravados que Deus resolveu destruir, não só a humanidade, mas todas as outras criaturas a que Ele tinha votado tanto interesse e atenção, e a bela superfície da terra, a que Ele tinha dedicado tanto tempo - tudo deveria ser sacrificado em consequência da natureza pecaminosa do homem.

Essa crença foi adotada na generalidade por a narrativa se encontrar no livro do Génesis, e conter uma descrição pormenorizada do que Noé fez na circunstância de emergência, e dos vários tipos de bestas e de pássaros que reuniu na arca. Uma vez isso concluído, caíram chuvas torrenciais e eles recolheram-se à arca, sem que a chuva parasse de cair por quarenta dias e noites consecutivos. Tudo isso é suposto ter ocorrido na Terra Santa, onde a raça humana inicialmente tivera tido a sua origem, e onde Noé supostamente veio a aterrar no monte Ararat, de onde veio a descer para repovoar a terra.

Tal, resumidamente, é a narrativa, a substância do que compõe o predicado do dilúvio. Os religiosos supõem que narre um fato literal e não uma contradição científica; que tenha sido fato literal a terra não ter mais do que seis mil anos; que o dilúvio tenha ocorrido, e que Deus tenha destruído todas as criaturas vivas. Contudo, existem diversas evidências, que contradizem tais suposições.

Em primeiro lugar, é fato conhecido dos historiadores e homens de ciência que a terra é amplamente mais antiga do que seis mil anos, e que, caso tenha ocorrido algum dilúvio em absoluto, deverá ter sido quando a terra terá sido muito mais velha do que a alegada data da ocorrência deixa perceber. Os registos mostram igualmente que os Egípcios e os Persas podiam justamente reivindicar uma ancestralidade superior à de seis mil vezes seis mil anos.

Existem diversas evidências que suportam isso, entre as quais poderá ser mencionado ser suposto que, entre as nações e as tribos do Oriente, existe uma tradição que claramente documenta o fato de se ter dado um reconhecimento simultâneo, por volta do mesmo período de tempo, da inundação da terra, em que todos os tipos de criaturas vivas foram destruídas salvo aquelas prevenidas por Deus, a saber, Noé e a sua família, que foram mantidos na sua arca.

É igualmente defendido pelos geólogos por diversas evidências atualmente existentes que o mar inundara previamente a terra - por exemplo, os restos fossilizados de animais que são descobertos nas montanhas por entre as saliências e as rochas, fenómeno que nenhuma outra cheia senão uma inundação generalizada poderia ter produzido.

Há indícios que mostram que, aquilo que é atualmente terra seca estivera anteriormente submerso, e isso é levado na conta de evidência do dilúvio. Pensa-se que o período de tempo que supostamente é

indicado pelas descobertas dos geólogos corresponda, em certa medida, à descrição do dilúvio, conforme narrado na Bíblia. Hugh Miller, o geólogo Escocês, ao se esforçar por manter a harmonia das Sagradas Escrituras com as deduções da ciência que fez, perdeu o juízo, como muitos outros fizeram, e cometeu suicídio em toda a tentativa que empreendeu por fazer com que os dados se enquadrassem.

Diversas foram as teorias que surgiram acerca do tema, enquanto os religiosos firmemente concordaram com a velha teoria; e enquanto, hoje, todo ministro Cristão e membro de congregação diz acreditar na sua verdade literal, existem ainda muitas teorias que se propõem explicar, modificar e afastar as aparentes contradições entre a ciência e a religião. Entre tais teorias dos religiosos acha-se aquela que supõe que se tenha dado um dilúvio por volta da data atribuída por Moisés, e em consequência do fato de todos os registos se terem perdido, a precedente antiguidade da terra só podia ser obtida por dedução; e quando o dilúvio ocorreu, de acordo com as leis da Divindade, ou talvez resultantes da natureza pecaminosa do homem, os registos, e consequentemente a história de Moisés não passa de uma sinopse da memória de Noé; consequentemente, o dilúvio efetivamente ocorreu.

Agora a ciência, ao admitir em primeiro lugar que, conquanto um volume suficiente de chuva pudesse cair, prova que a atmosfera não podia conter essa quantidade de chuva, que haveria de fazer mais do que saturar a atmosfera da terra; porque quando a atmosfera se mostra carregada de uma certa quantidade de substância aquosa, invariavelmente ela derrama-a pela terra, segundo cuja lei, evidentemente não poderia ter chovido por quarenta dias e noites consecutivas já que a atmosfera não poderia ter encerrado tanta humidade, pelo que a ideia de ter provocado o dilúvio, não é correta.

Em razão disso dizem que a ideia do dilúvio é inteiramente produto da tradição. Em resultado dessa diversidade de teorias, o mundo científico aborreceu fábulas e falsidades destas e conclui, por conseguinte, não existir fundação para tal noção, e que não passa de pura invenção inteiramente resultante de tradições religiosas, que respondem por certas características da história dos Egípcios e dos Judeus.

O mundo científico trouxe à luz diversas teorias diferentes sobre o tema, uma das quais se tornou bastante popular recentemente, e que é conhecida como a teoria de Adhémar (Alphonse-Joseph Adhémar) - cujo fundamento é fatual, e cujas conclusões são entretecidas da maneira

mais engenhosa e aplicadas da melhor maneira possível, ao extraordinário fenómeno em questão. Basta que lhes trace uns quantos aspetos essenciais.

É conhecido como fato astronómico, que a órbita da terra é elíptica; isto é, um círculo achatado, cujos polos, sempre na mesma direção, ocupam em diferentes estações, posições diferentes em relação ao sol, em consequência do que existem quatro momentos importantes na revolução da terra: os solstícios e os equinócios. Os equinócios são aqueles dois pontos em que as estações começam o seu curso anual, os solstícios são as duas estações assim iniciadas.

É sabido que, conquanto no decurso do ano nenhuma coordenação ou alteração positiva da órbita da terra possa ser percebida e estudada por uma prolongada observação e estudo foi descoberto que a órbita varia uns poucos de graus em diversos anos, e que essa variação provoca uma mudança, ou o que é conhecido entre os astrónomos como *Precessão dos Equinócios*, ou seja, o equinócio do outono é afastado, ou levado a uma maior ou menor distância do sol, de acordo com o que, os dois polos recebem mais ou menos raios de sol.

É sabido que a noite e o dia da região polar têm uma duração de seis meses, o que corresponde ao nosso Inverno e Verão, variando uns quantos dias ou horas na proporção da variação da precessão dos equinócios; que a terra recebe maior calor e luz durante certos decurso das estações do que outros, e, seguindo estes indicadores, Adhémar concluiu que se gera um acúmulo de gelo durante, digamos, os dez mil e quinhentos anos da metade norte da precessão dos equinócios, o que provoca um acúmulo de gelo num dos dois polos, e que durante a metade seguinte, no outro, do que decorre que um recebe mais, e o outro menos.

Essa acumulação aumenta até que, por uma alteração na ordem dos equinócios, o polo oposto recebe o grau maior de calor, e o derretimento gradual do seu gelo gera toda a massa de água a ser precipitada sobre a terra seca. Em apoio dessa perspetiva, vários são os fatos citados. Daí que o hemisfério Norte apresente a maior proporção de terra, e o Sul, de água; o oceano a Norte é, comparativamente, de extensão bastante limitada, o oceano a Sul é maior no volume, por em torno do polo norte só existirem setenta léguas de mar, enquanto do Sul, mais de duzentas.

Tais fatos, junto com a profundidade do oceano Antártico, em comparação com o do Norte, mostram um enorme acúmulo de água no hemisfério Sul. Isso resulta de uma cheia prévia no sentido do polo Norte para o polo Sul, e mostra que, com a ocorrência de uma mudança na outra metade da precessão dos equinócios, todas as águas congregadas agora no polo Sul se precipitarão de novo sobre o continente Norte, pela lei do equilíbrio.

A teoria é uma teoria interessante, para que muitos fatos concorrem a apoiar, e, se não é provada, apresenta muitas fundações substanciadas sobre fatos. Porém, em resposta, se não considerarmos os fatores em que está baseada, existem muitos fatos que a contradizem.

Em primeiro lugar, é sabido que as leis da criação requerem um equilíbrio suficiente entre o volume de água e a massa de terra, de modo a manter a posição que levará a que todas as partes do globo mantenham um grau de equilíbrio, a fim de que a sua órbita não seja alterada nem destruída. Uma vez mais, é sabido que nenhum dilúvio generalizado ou mudança no equilíbrio poderia ocorrer sem provocar uma perturbação, e consequentemente toda uma mudança completa na atração das diversas partes, e talvez o seu desmembramento.

É igualmente sabido que tal dilúvio não poderia ter ocorrido no tempo atribuído por Adhémar e a Bíblia, para ser seguido por uma outra catástrofe ao final de seis mil anos, por existirem evidências na região do Oriente de que tal dilúvio não ocorreu.

Essas regiões não foram alvo de submersão durante muitos milhares de anos, e existem registos de uma consecutiva linhagem de habitantes que prova que não ocorreu nenhuma inundação dessa magnitude na memória das suas tradições ou histórias sagradas; além disso, se um tal volume de água tivesse inundado a terra de modo tão completo, teria destruído todos os vestígios da presença humana, a ponto de não deixar restos como os que hoje existem nos grandes impérios, nos monumentos do Egipto, da China e da Índia, todos quantos retêm a sua arquitetura e muitos de quantos datam de anos anteriores ao suposto dilúvio; e, se tais volumes imensos de água tivessem sido transferidos de um polo para o outro, até mesmo as pirâmides teriam sido desmembradas e destruídas pela ação disso, e os monumentos menores completamente aniquilados, enquanto do império Chinês, que se orgulha de datar milhares de anos antes do suposto começo da terra, não restaria o menor vestígio. Contudo, descrevemos-lhes isto a título de teoria.

Uma outra teoria respeitante ao dilúvio é a de que terá tido a sua origem entre os Egípcios, e as nações do Oriente, onde é sabido que as estações se acham divididas entre o seca e húmida; e no Egipto, as inundações do Nilo constituíam a estação do inverno, e o seu abaixamento a estação do verão. Agora alguns supõem que o dilúvio tenha tido fundamento na estação chuvosa da Síria e da Pérsia, e nas cheias do Nilo; certamente que é evidente, com respeito à história e à geografia, que este último deva, em épocas anteriores, ter sido muito mais violento do que é agora, porém, pode não ser sabido que as pirâmides não foram construídas com respeito a essas inundações, que provocavam a retirada dos habitantes e davam lugar a diversos inventos a fim de refrear a sua violência: e que as pirâmides podem ter sido construídas para suportar isso, até certo ponto, e formar locais de refúgio, e armazenamento de provisões tais, e objetos de valor, que não pudessem ser removidos de uma forma repentina.

O nível do Egipto mostra que aumentou em altura em consequência dos depósitos de sedimentos do Nilo, e que as cheias do presente não se comparam ao que certa vez se supõe que tenham sido, quando alagava a nação com violência e amplitude. A ideia que temos está muito de acordo com esta perspetiva, mas como haverão vocês de explicar aquelas evidências de conchas e de peixes que surgem em terras áridas e montanhas, etc., seres conhecidos como habitantes das profundezas? Foi já proposta toda uma multiplicidade de explicações, entre as quais predominam aquelas que atribuem a sua situação a terramotos e convulsões similares. Por meio de convulsões dessas montanhas são elevadas do fundo do mar, que continuam a lançar fogo e fumo, ou que veem a formar a base de continentes.

Que mudanças ocorrem por toda a terra é do conhecimento de todos vós, e a história imediata regista pequenas mudanças. Deram-se, sem dúvida, enormes mudanças em eras passadas, porém, sempre em direta conformidade com o equilíbrio geral da superfície da terra, que não podia ser afetado por nenhuma catástrofe mais significativa como a do Dilúvio, sem que isso provocasse uma desorganização generalizada do todo, ou de parte dele - por todas as suas partes precisarem ser consistentes com o todo, e, se uma causa como aquela atribuída por Adhémar, fosse levada a executar a sua parte na alteração do centro de gravidade, a terra poderia ver-se sujeira à completa destruição. Mas tal não pode ser o caso e, embora a teoria possa ter uma boa base, é levada longe demais.

Uma vez mais podemos referir alterações vulcânicas que engolfaram cidades e montanhas, enquanto outras surgiram para lhes ocupar o lugar. Esses são fatos consistentes que virão a explicar em larga medida os indícios das profundezas encontrados em muitas nações. A teoria do Dilúvio teve origem inquestionável no Egipto, em prova do que, diversos fatos podem ser acrescentados. É sabido que as inundações do Nilo foram no passado muito violentas, e que, a fim de se proteger, os habitantes recorreram à construção das pirâmides, enquanto locais de refúgio contra as cheias.

Além disso, poderá ser sabido que não há tradição de cheia, exceto entre aquelas nações que direta ou indiretamente tiveram relações com o Egipto, ou as nações circundantes; que a Síria e a Índia são conhecidas por positivamente terem tido uma relação dessas, e que cada uma dessas nações fez uso dessa tradição, de tal modo que responde pelo reforço da alegação de uma antiguidade superior, por terem constituído o primeiro núcleo da família humana. Assim, cada povo teve o seu Monte Ararat, e defendeu que Noé terá sido seu antepassado direto e positivo.

Na China, cuja religião se estende muito mais atrás no tempo do que a dos Egípcios, nenhuma referência é feita a qualquer dilúvio; não há nada que mostre que tal ideia alguma vez tenha sido entretida pelo povo. Por conseguinte, é evidente que, se o dilúvio alguma vez ocorreu em absoluto, deverá ter sido local. Deve ter sucedido, numa estação qualquer, uma cheia invulgar do Nilo que, junto com a queda de chuva torrencial que, com as inundações de primavera na Ásia, tudo concorreu para a formação da ideia do Dilúvio do Egipto; ideia essa que foi transmitida pelos Judeus à Terra Santa, e Noé foi defendido como progenitor direto da sua raça. Daí, claro está, que tenha sido adotada pelo Cristianismo a ponto de se tornar uma das relíquias sacras da Criação, e uma das manifestações do Poder Divino.

Existem outras teorias que concorrem de forma distinta para provar que, entre os Egípcios corria a ideia de um período astronómico de seis mil anos, constituído por dois intervalos entre as mudanças do curso dos equinócios da terra, após o qual o Sol conquistaria o poder do mal, ou do Dilúvio. Lembrar-se-ão de que, de acordo com o escritor do Génesis, foi prometido que após o dilúvio, a terra da vez seguinte não seria destruída pela água, mas pelo fogo.

A origem Egípcia dessa tradição é evidente; por ter predominado entre o povo a ideia de que, após o lapso de seis mil anos, o Sol haveria tido

conquistado e deixado enxuto o seu oponente, o princípio do mal, ou das inundações, de modo que nenhuma recorrência de cheias fosse possível, e o poder da luz ou do fogo predominasse. Como isso estranhamente se compara com a ideia Cristã da destruição da terra pelo fogo, após seis mil anos, e quão estranho que isso corresponda com o próximo período de Adhémar da destruição pelo fogo, que nós esperamos que não venha a ocorrer!

Os instruídos entre os Egípcios compreendiam bem a aplicação desta fábula, mas Moisés acreditava que ela realmente se referia aos poderes do bem e do mal - origem da ideia Cristã do diabo deixado à solta - da luta entre o bem e o mal, e de que finalmente Deus conquistará e o mundo chegará ao fim. Tudo isso teve origem direta na fase equinocial e astronómica da ciência Egípcia, e quem sabe se as águas do Nilo um dia não poderão retroceder tanto em consequência dos seus próprios depósitos a ponto de tornar a sua corrente comparativamente reduzida, e assim a predição ser verdadeiramente cumprida, de que o Sol obtenha vitória?

Não tivessem, Adhémar e outros pesquisadores, aderido de maneira tão íntima a um período quase fabuloso, e não teríamos duvidado tanto da sua teoria; mas, conforme está, somos compelidos a vo-la apresentar. Já assinalamos o fato de que a ideia do dilúvio não vem registada na história profana. De Josefo, é verdade, se diz que fez referência a todos esses fatos, conforme registado no livro de Moisés; porém, quando é sabido que toda a Bíblia vos foi transmitida por meio de vários concílios da Igreja, e que os escritos de Josefo foram pelo menos objeto de interpolação de modo que se ajustassem à religião Cristã, além de terem passado pelas mãos dos membros do Concílio de Nice, e se supõem que tenham sido arranjados de modo a corresponderem aos livros sagrados, eles deixam de parecer tão credíveis; e se Josefo repetiu a narrativa de Moisés, ele não passava de um Judeu instruído que, é claro, adotou aquilo em que os Judeus acreditavam.

Tradições mais antigas, mais difíceis de sofrer interpolação, não fizeram qualquer referência a uma inundação assim generalizada - referência é feita, sempre, às cheias do Nilo e, no sentido figurado, à influência da estação das chuvas, aos poderes do bem e do mal, etc.; por se supor que o Nilo tenha sido sede de um dos anjos das trevas, que mostrava ter especial rancor pelos Egípcios, e que anualmente lhes inundava as terras, obrigando-os a fugir.

Quando tomamos em consideração este fato, assim como o de que a Biblioteca de Alexandria foi destruída, e com ela, quase todos os registos literários que tinham sido transmitidos ao longo das eras passadas, e que a história profana difere, quer quanto à data do Dilúvio quer quanto ao fato de ter positivamente ocorrido, de modo tão materializado a ponto de não apresentar a menor evidência de que seja fiável - por as nações do Oriente terem existido precisamente como no presente, durante milhares de anos, exceto no que diz respeito a terem sido invadidas pela civilização moderna - por os Indianos e os Chineses alegarem uma maior antiguidade que os próprios Egípcios, muito pouca dúvida pode restar de que o Dilúvio não tenha passado de uma catástrofe local, e de que tenha tido toda a sua origem nas cheias do Nilo e do território circundante, e de que a partir disso foi traduzida pelos Judeus toda a história do Dilúvio; e, ao ser local, os Egípcios que se consideravam a única ou a principal nação civilizada da terra, foi, com base nisso, erigida uma enorme estrutura de superstição e a ideia das pessoas foi constantemente excitada pelo mistério e pela profecia.

Assim sendo, deixamos ao vosso discernimento adotar a teoria da Bíblia, a teoria dos céticos, de que não existiu Dilúvio nenhum, a teoria dos teólogos, de um dilúvio parcial decorrente de terramotos, etc.; ou a teoria de Adhémar, que envolveu a inteira subversão das leis naturais, ou a teoria da origem Egípcia - a simples e verdadeira explicação, que considera a tradição como parte da única religião que o podia ter proclamado de forma bem-sucedida.

A própria cruz, o símbolo do Cristianismo, fora estabelecido anteriormente, como o índice, nas margens do rio Nilo, na aferição da subida e descida das marés; e existem muitos indicadores de que os vestígios da orgulhosa arquitetura do Egipto não passam de evidências do transbordo que obrigava os habitantes a recorrer a todas as medidas possíveis no sentido de evitar a devastação que provocava. Poder-se-á supor que, durante o período em que todas as cheias foram mais violentas do que atualmente, e na estação da primavera, quando a Lua, com o Sol, exerciam tamanha influência no influxo das águas, deve ter havido uma ocasião em que as marés, combinadas com a inundação do Nilo, terão produzido uma cheia mais generalizada do que tenha alguma vez ocorrido.

Tal é a nossa opinião pessoal. Certamente que, qualquer que seja a teoria que esteja acertada, a narrativa feita no Velho Testamento com

respeito à criação da terra, não é correta; por ser sabido que a origem do globo data muitos milhares de anos antes, e, caso fosse ao contrário, nenhuma intervenção miraculosa poderia ter povoado aquelas partes da terra que eram desconhecidas antes da descoberta da América. Várias ciências indicam claramente que se acreditara na antiguidade que apenas uma porção limitada da terra compreendesse toda a terra existente. Em resumo, o conhecimento que temos não proporciona nenhum caso paralelo de uma catástrofe como a de um Dilúvio Universal, e a ideia é contrariada pelo aumento do conhecimento e o avanço da ciência positiva.

Os cavalheiros que estiveram presentes de todo exceto nas primeiras duas manifestações aqui mencionadas

Sr. Webster Glynce
Sr. George Hinde
Sr. Alfred Hind

Com calorosos cumprimentos,

A. C. Burns

REALIZAÇÕES DO SÉCULO XX

UM DISCURSO FEITO ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE CORA L. V. RICHMOND,
ANTE A CHURCH OF THE SOUL, CHICAGO, ILLINOIS
PROFERIDO POR ALTURA DO VIRAR DO SÉCULO 20

As realizações do século XX formam o tema em torno do qual os nossos comentários se irão centrar esta manhã. "Se vierem a existir profecias," diz-se, "elas fracassarão;" contudo, em última análise, todas as profecias se concretizam.

Realizações cíclicas são tão certos quanto a recorrência das estações, as revoluções dos planetas, as suas conjunções, e o reaparecimento dos cometas. Só é preciso que se tenha conhecimento das grandes forças espirituais do universo para se entender que a vida espiritual encerra todas essas profecias e o seu cumprimento. Um fato que vocês pensam dar-se na terra, realmente dá-se; portanto, só é preciso visão espiritual, penetração e a presciência para se entender que, aquilo está para sobrevir à Terra já existe em algum lugar.

O século XX tem, não só sido objeto de grandes esperanças, como é um século em torno do qual muitas profecias foram agrupadas; e

realmente está para ser um século de grandes realizações. Essas profecias que surgiram à guisa de previsões científicas de várias coisas que deverão deixar o mundo em grande comoção; daquilo que há de substituir o ruidoso motor a vapor, e até o transporte de barco e os velozes aparelhos elétricos; essas, e muitas outras coisas, passarão, por seu turno, inteiramente de uso no mundo e serão substituídas por invenções ainda mais grandiosas.

De dia para dia vocês encontram indicações disso. É claro que não estará muito distante que a navegação pelo ar se torne numa possibilidade fixa na atmosfera terrestre. Já o seu sucesso é garantido como fato, só resta ser aproveitado como meio de transporte. Há muito maior probabilidade disso agora do que nos primeiros anos da ferrovia a vapor, e de se tornar no meio universal de transporte terrestre; ou de que a eletricidade, quando o telégrafo foi apresentado numa sala de uma pequena cidade do interior e foi realmente descoberto que uma pessoa podia telegrafar de uma extremidade à outra da sala, e isso viria a alcançar tais proporções que, em última análise, a Terra se tornaria pequena demais para atingir as suas máximas possibilidades.

Agora vocês estão à espera da telegrafia sem fios; mas isso é apenas o precursor daquela telegrafia adicional que unirá a terra a outros planetas. Já falamos disso. Mas a eletricidade pode não ser o meio de comunicação, nem mesmo as "vibrações" elétricas. Existe um sistema de vibração mais subtil entre os mundos, e quando vocês o descobrirem e tirarem proveito dele, como tiram das vibrações de eletricidade na atmosfera da Terra, vocês terão descoberto os meios de se comunicar com outros planetas.

Além disso vocês têm conhecimento da comunicação com a mente dos outros; a telepatia não é mais matéria de dúvida, pelo que consequentemente se virá a estabelecer uma intercomunicação entre mentes de diferentes planetas, já que agora existe comunicação entre as mentes à face da terra.

A força motriz solar situa-se num futuro iminente e deverá substituir o vapor e a eletricidade também. Aqueles raios de luz que agora parecem ser desperdiçados, ou que são mantidos em solução em algum lugar, serão disponibilizados. A ciência foi longe o suficiente para provar o que John Ericsson sonhou há muitos anos: essa luz e calor solar serão conservados e usados no inverno, pelo que vocês terão luz solar e calor para as vossas habitações; e serão capazes de suavizar os raios do sol durante o verão, mantendo vastos reservatórios ou recipientes para

armazenar o excesso de luz e calor das vossas ruas e habitações e, assim, criar uma temperatura adequada durante todo o ano. O calor solar será disponibilizado como a nova energia motriz. A luz elétrica, que vocês atualmente consideram tão resplandecente, será substituída por essa grande luz solar, que em muitos aspetos se assemelha às vibrações elétricas.

Tudo isso sucederá no início do século XX. À medida que a rapidez dos meios de transporte aumenta, a facilidade na comunicação com as nações aumentará, e esse será um dos meios para a eliminação da guerra. Pois, conforme muitas vezes dissemos, com as naves a lançar bombas sobre fortificações, haverá pouca possibilidade de resistir às invasões de um inimigo que se aproxima.

O intelecto humano está a usar toda a sua força e poder para concentrar e utilizar as substâncias destrutivas da natureza. Assim, virá a ser um fato que a guerra se tornará num experimento tão perigoso que as nações hesitarão em recorrer a ela. Isso, talvez mais do que qualquer sentimento de amor fraternal, impedirá as nações de fazer a guerra entre si. Então, naturalmente, seguir-se-ão os tribunais de arbitragem e os congressos internacionais de arbitragem e, finalmente, o mundo deixará de ver esses formidáveis preparativos para a guerra.

No sentido psíquico, no século passado, especialmente na segunda metade do século passado, ocorreram tais manifestações que induziram muita gente a acreditar que, externamente (no sentido fenoménico), vocês deverão ter maiores manifestações de poder psíquico do que no passado. Nós aventuramo-nos a discordar deles. Pensamos que o aumento do poder psíquico se verificará nos indivíduos; aquela perceção dos princípios psíquicos será para o desenvolvimento da raça. A raça vai entrar na herança daquelas forças espirituais que lhe foram negadas através da superstição, por um lado, e do materialismo, por outro.

A religião material e a ciência material combinaram-se para privar a raça humana do legítimo exercício do poder espiritual. Onde são conhecidos, foram apropriados por aqueles que deveriam ser espiritualmente dotados enquanto mestres e guias espirituais, que foram inscritos sob alguma seita confessional. A religião fechou a porta às experiências espirituais individuais e tornou a raça dependente do ensino espiritual em formas externas e de treino teológico. Tudo isso foi interferido, e muito disso foi posto de lado nos últimos cinquenta anos com o advento do Espiritualismo moderno.

É claro que, tão logo as vidas humanas tomem consciência de que a religião é uma expressão espiritual e que cada um tem o direito de exercer qualquer um dos dons espirituais que existem no universo; tão logo as pessoas se conscientizem de que os profetas e videntes e aqueles dotados de dons espirituais foram seres humanos; que esses dons, de acordo com o desenvolvimento e as necessidades da raça humana se tornarão cada vez mais na posse da humanidade; que, por outras palavras, todo aquele domínio que tem sido obscurecido pela ignorância, superstição e fanatismo está a abrir-se como uma parte da posse legítima da raça humana.

O crescimento psíquico do mundo será maravilhoso; em vez das crianças que são castigadas e tratadas pelos médicos por terem poderes psíquicos, serão encorajados e fortalecidos, e as pessoas vão gradualmente aprendendo que a posse dos dons psíquicos não denunciam uma fraqueza, mas uma força, e eles exigem apenas o reconhecimento e o envolvimento do sensitivo em condições tão cuidadosas quanto aquelas com que vocês envolvem o vosso cronômetro ou a vossa bússola de modo a levá-los a tomar consciência de que estão entre as melhores e mais raras posses da raça humana.

Finalmente, à medida que o mundo entrar numa nova era psíquica, essa era psíquica deverá culminar em grande parte no século XX. Queremos dizer que um número maior de pessoas à superfície da Terra chegará ao conhecimento das coisas espirituais e possuirá poder psíquico; compreenderá os temas psíquicos, virá a saber que eles são uma fonte legítima de investigação e que a mente humana pode abrir-se intuitivamente à receção de influências, impressões e ensinamentos daqueles que passaram da vida humana; que isso não mais será sacrílego, nem pecaminoso, nem proibido, mas será um dos grandes avanços no reconhecimento humano.

Assim é até mesmo atualmente. Vocês dificilmente poderão pegar numa revista, ou tão só num jornal diário, sem se depararem com um ou mais artigos que não os invadam ou efetivamente tratem desses assuntos. Todo esse reconhecimento aberto do reino espiritual, em vez de ser um obstáculo para a humanidade, é uma enorme ajuda, um pano de fundo luminoso para o esforço humano.

Edison e todo grande inventor admitem livremente que as invenções não emanam da sua própria mente; que ele está ciente de receber ajuda; que por trás dele há alguém que lhe transmite as impressões; que essas impressões geralmente lhe chegam, seja por visões noturnas ou quando

as obrigações ativas da vida diária são silenciados e postos de parte; que de forma inteiramente inesperada a questão com a qual ele está a debater-se lhe é imediatamente revelada à mente. Todo grande descobridor, como Herschell, na descoberta do planeta que outrora levou o seu nome, admite livremente que há algum conhecimento *a priori* ou visão do reino invisível. Esse conhecimento é forçado sobre a consciência exterior.

Todo o assim chamado domínio da descoberta deve ter lugar no domínio daquilo que vocês inventam ou descobrem hoje em qualquer parte, é o conhecimento real - daqueles que estão mais alto e são mais elevados e mais sábios - uma realidade efetiva e prática. Qualquer que seja o planeta que se encontre além do vosso desenvolvimento, já deve estar operar aquelas forças e motores por que vocês estão a esforçar-se e, sem dúvida, visitantes desses mundos, seja dos reinos espirituais que os cercam, ou habitantes reais, acercam-se da terra e transmitem impressões dessas àqueles que estão preparados para as receber.

Vocês não podem limitar os poderes da mente, vocês não podem restringir a inteligência que venha a falar, mesmo através dos espaços. Tampouco podem os seres humanos, sem ajuda, reivindicar essas verdades do grande reservatório da invenção irracional. Jamais existiu um pensamento no universo que não fosse pensado por alguma inteligência. Nem existiu invenção alguma que não fosse percebida por uma inteligência qualquer. A fonte primária de toda invenção deve ser a Grande Inteligência Criativa; tal como a inteligência é o único poder que consegue descobrir, a inteligência é o único poder que pode transmitir descobertas.

A máquina a vapor não andava de um lado para o outro pelo universo para que algum inventor a encontrasse. Foi o resultado desse grande motor do pensamento que é muito maior do que a força do vapor, em cuja presença, o vapor se torna apenas um brinquedo, uma mera bugiganga. Não há pensamentos grandiosos a flutuar para vocês os pensarem, mas o pensamento responde ao pensamento pela inteligência, pessoal e individual.

Aquelas almas que estão vivas e que estão carregadas de conhecimento não pensam o conhecimento que têm longe da terra e distribuem-no por parcelas. Tão pronto as vidas humanas estão preparadas, eles estão prontos a transmiti-lo. O professor não retém o conhecimento da criança pequena por causa de nenhum instinto egoísta ou de misericórdia de guardar o conhecimento para si próprio, mas de

acordo com o crescimento e a capacidade que a criança evidenciar transmite a lição necessária. Assim, à medida que as vidas humanas se desenvolvem, essas lições estão à espera nas mentes e pensamentos das inteligências superiores, para que os seres humanos se apossem delas.

As chamadas forças da natureza, não se comunicam diretamente com a inteligência sem a intervenção de uma inteligência intermediária. Essas próprias forças vocês pensam que não são inteligentes, mas por trás de cada esfera pulsante, por trás de cada manifestação da natureza, manifesta-se o grande poder da inteligência divina, e nele o homem deve encontrar a fonte secreta do seu conhecimento.

Espera-se que este século XX venha a erradicar a guerra; isso deve-se, em grande parte, a trazer o reino da paz; isso tem que ver a arbitragem internacional; isto é, com o testemunho do intercâmbio de mercadorias humanas sem cobiça comercial, sem o espírito de intercâmbio, elas não trarão o milénio; a fraternidade humana na terra há de atingir o seu cumprimento por uma melhor compreensão espiritual.

Ao se cristalizar em qualquer forma, numa dada teologia, a religião não foi capaz de conseguir isso de uma maneira geral, embora seja bastante certo que os primeiros discípulos viviam juntos numa espécie de fraternidade. É bem certo que os Quacres e os Shakers e muitos corpos religiosos isolados, a princípio, ilustraram esse espírito fraterno; mas geralmente às custas de alguma lei material ou de outro carácter. A forma usual tem-se traduzido por um ascetismo exacerbado, algo que não se baseia nas necessidades e exigências usuais da raça humana.

A vida monástica de muitas ordens religiosas; a reclusão dos adeptos no Oriente; a separação das suas variadíssimas ordens e fraternidades tornou possíveis essas vidas ascéticas e exaltadas, mas elas não espelham o progresso geral da raça. O Cristo que comeu e falou com publicanos e pecadores; o Cristo que visitou todas as classes de pessoas, desde o palácio até a cabana; o Cristo que foi ao encontro da humanidade onde quer que ela estivesse, esse é o Espírito daquela Verdade que há de alcançar e renovar o mundo.

É claro que precisa haver profetas e mestres, aqueles que apontam o caminho e afirmam a verdade, mas o crescimento deve suceder pela moldagem das vidas dos indivíduos que compõem as comunidades, as sociedades e as nações. Quando essas nações tiverem superado a guerra, deixará de haver guerra; quando elas superarem certos tipos de egoísmo na linha das negociações comerciais, não pode haver métodos

como os que prevalecem atualmente. Esses métodos não devem ser censurados. As pessoas falam de certas condições da vida, como se os próprios métodos fossem responsáveis.

Os materialistas os e agnósticos culparam os credos por causa da ignorância da raça humana. Bem que vocês também poderão culpar a casca na qual a ave jovem está a ser incubada e dizer: "A ave poderia voar, não fora por causa da casca." É claro que quando o pássaro estiver pronto para voar, a casca partir-se-á. Assim, nunca houve credo forte o suficiente que prendesse uma pessoa que o tivesse superado isso. Quando vocês vêm multidões a reunir-se na Igreja Romana e em outras igrejas, vocês podem estar certos de que é o local de incubação delas; vocês podem estar certos de que é apenas o lugar adaptado às suas necessidades.

Por todas as tentativas que pareçam aos de fora impedir as pessoas de pensar serem realmente o seu abrigo. É muito difícil as pessoas pensarem quando não são capazes de pensar, por elas não saberem como fazê-lo. Os métodos da arte do pensar e crescer na direção do pensamento não são impedidos por credos, dogmas, nem celas de prisão. Talvez vocês não consigam escrever como Pascal fez se fossem metidos na prisão. Nem vocês conseguiriam sair da prisão como ele fez. As paredes da restrição não os impediriam de escrever, mas vocês não se alçaram a essas alturas, vocês não conquistaram esses caminhos do espírito.

Aqueles "Miltons emudecidos na glória" sobre os quais tanta vez lemos, aquelas "flores que nascem para florescer sem serem vistas e dissipar a sua doçura pelo ar do deserto," têm lugar, em grande parte, na imaginação do poeta. Se houver um Milton, ainda que cego, ele terá visões do paraíso; e se houver flores elas florescerão, não para que os olhos vejam, mas porque florescer é a coisa mais encantadora e mais doce que elas podem fazer. Toda essa conversa sobre o génio estar escondido em algum canto escuro da Terra é um erro.

As rochas da Nova Inglaterra não poderiam conter o génio de Webster, não poderiam conter as canções de Longfellow, nem as regras e o severo ascetismo dos Quacres impedem que Whittier entoe as canções do povo. Em nenhum lugar da terra há uma caverna rochosa na montanha ou no vale que possa esconder a águia quando estiver pronta para voar. Assim, quando as pessoas estiverem prontas, esta grande herança será delas.

Há indicações atuais, de que a ciência está bem ciente, de que a Terra está a preparar-se para uma daquelas grandes mudanças cíclicas, às quais nos referimos. Vocês estão cientes da existência influências mútuas, não apenas resultantes da conjunção dos planetas e de outros grandes fatos astronómicos, que os planetas exercem uns sobre os outros, mas da existência em astronomia da chamada "Precessão dos Equinócios." Vocês entendem que os pólos da Terra estão gradualmente - gradualmente - muito gradualmente a mudar; que deve chegar um momento em que se verificará uma reação, e com essa mudança deve chegar o que é conhecido como um dos grandes períodos em que os continentes sofrerão destruição, em que toda a Terra sofrerá uma mudança geográfica, em que, porventura apenas os Noés, os precursores das futuras gerações, serão mantidos vivos. É claro que sempre deverá restar a semente da raça humana, e do reino animal, os germes das plantas, aquilo que trará os resultados futuros.

Se as pessoas não estivessem tão ansiosas por apontar falhas ao Antigo Testamento, em vez de encontrar o significado interno e esotérico, elas saberiam que o grande dilúvio de Noé é apenas uma das tradições ou registos de um certo período de tempo, de um ciclo em que ocorreu um dilúvio glaciário. Calculamos que o período de tempo que divide cada uma dessas grandes mudanças cíclicas seja de cerca de 25.000 anos. Consideramos que o tempo desde o último dilúvio glacial está quase passado, mas provavelmente não atingirá o ponto de cataclismo no século XX.

Os precursores, no entanto, já aqui se encontram: Em certas linhas de profecia, no aparecimento de muitos fanáticos religiosos que veem o "fim do mundo" a cada instante e que tentam preparar-se para ele; e entre os cientistas, bem como entre aqueles que estudaram esses grandes ciclos e o seu significado espiritual; e afirmamos encontrar-se entre eles aqueles que anunciaram essa grande mudança cíclica.

Os precursores já aqui se encontram: na maior das agitações e variações atmosféricas; nos grandes tumultos de terra e mar; no efeito que têm sobre as vidas humanas, que se tornam causa de muitos erros a serem cometidos; mais acidentes em ferrovias, elétricos e acidentes nos oceanos, bem como grandes epidemias físicas e morais. Esses grandes crimes são precursores dessa mudança. Estes são dias de um culminar.

Existem tantos génios no crime quanto no campo das invenções, e as pessoas também descobrem novas maneiras de torturar os seus criminosos; novas maneiras de neutralizar os criminosos em vez de os

ensinar a agir melhor. A eletrocussão é uma dessas descobertas que permitem que as pessoas demonstrem (conforme supõem, no interesse da lei) o melhor método para se torturarem mutuamente, seja por causa da assim chamada (ou erroneamente chamada) ‘justiça’, seja por vingança, que encontra o culminar num período como este.

As vidas humanas também procurarão encontrar muitos paliativos para os erros existentes. Mas paliativo não é cura. Reformas sociais geralmente não passam de anestésicos morais. A ciência da *Materia Medica* descobriu muitos anestésicos e constitui a presente prática da *Materia Medica* suavizar ou neutralizar a dor com mais frequência do que curar as doenças. A cura dos pacientes é deixada para a Ciência Cristã, o curador Espiritual e Magnético, e esse tipo de gente. Os médicos são proficientes em cirurgia e anestesia, e isso significa que as causas de doenças humanas não foram removidas, mas que são usados paliativos.

É claro que a atenção pelas condições sanitárias das cidades sobrelotadas perfaz um excelente começo. É uma grande descoberta na direção certa quando homens e mulheres de eminência hoje andam em busca do conhecimento de como alojar o vosso povo, não os vossos pobres miseráveis, mas o vosso povo trabalhador, os vossos mecânicos, os vossos trabalhadores assalariados. Para descobrirem em muitos casos na parte densamente povoada das vossas cidades a existência de mais de mil pessoas aglomeradas num bloco habitacional. Não onde os edifícios são os mais altos, mas onde eles estão tão cerrados que, na melhor das hipóteses, oferecem pequenas oportunidades de condições sanitárias. Estas casas são uma solução muito melhor do que aquelas descobertas pela ciência da medicina, daquelas que causaram a escarlatina e a febre tifoide em tais locais. A escarlatina e a febre tifoide são sons de alarme, que os alertam para a limpeza das ruas e limpeza dos lugares de imundície.

Propomo-nos tornar parte do nosso propósito ensinar acerca da necessidade de deixarem entrar a luz, a luz do dia, a luz solar, tanto material como espiritual, para limpar as “favelas” e "aterros," na verdade em toda a cidade de Chicago, e limpá-los. Se isso puder ser feito será um século glorioso. Londres e Nova Iorque resolveram parcialmente o problema. Fez parte do génio de Napoleão o grande fazer de Paris uma cidade bela. Ele fez isso à custa de todo o país, mas conseguiu. Se a nossa cidade pode ser bonita sem injustiça, procurem fazê-lo.

Dotada de facilidades adicionais de transporte, vocês haveriam de ficar surpreendidos se as cidades, no sentido em que agora existem, não

existirem em nenhum outro século. As pessoas não irão ficar em cidades a menos que sejam obrigadas a fazê-lo, e ninguém será obrigado, por falta de condições de panoramas campestres, a disporem de ar fresco, casas de campo e residências, e não casas e apartamentos.

O que virá, pois, a existir? Será uma raça de pessoas a desenvolver-se em meio a belas cenas da natureza, à apreciação do céu azul, da abóbada estrelada, do nascer e do pôr-do-sol, de jardins floridos, de campos e prados. O país inteiro tem espaço para casas para todas as pessoas. Que lindo que seria. Assim, as cidades seriam ocupadas apenas por questões de interesse marítimo, ferroviários e de comércio, como centros de distribuição. E nós vemos que meios de transporte velozes e mudanças nos métodos da vida humana podem produzir isso.

É claro que as pessoas se reúnem em função das experiências que obtêm. É somente após a experiência que elas têm vontade de se isolar. O recluso do gosto refinado é o homem ou a mulher que conheceu o mundo e obteve requinte. Elas são ótimas lápides, essas cidades de hoje, por disseminarem o refugo de eras. As pessoas acorrem a juntar-se por acharem que estão solitárias, apenas para descobrir que não há solidão maior ou deserto mais estéril do que uma cidade apinhada. Mas as pessoas humanizam-se dessa maneira. Há poucos que conseguem sentir apreço pela grandeza solitária das Montanhas Rochosas ou dos Alpes. As vastas pradarias não apelam às pessoas até que elas tenham sido moídas no moinho da humanidade.

Consequentemente, o próximo objetivo será o de civilizarem as cidades, tornando-as locais de habitação toleráveis, ao invés de intoleráveis. Tornar possível que este agregado de seres humanos habitem juntos de uma maneira um pouco melhor. No entanto, essas pessoas que são aninhadas nesses apertos são maravilhosamente amáveis umas com as outras. Vocês afastam da vossa residência porventura um homem, a quem eles alimentam. Há fraternidade e simpatia entre eles. Por vezes isso serve como uma ótima lição para vós. E, possivelmente, vocês verificarão, quando derem a vosso voto àquele que zelar por que haja melhores meios de abrigar essa gente, que eles não desejam simplesmente viver lá, mas por causa da esmagadora pobreza, e da monotonia da labuta diária não proporcionar nenhum lugar melhor para eles habitarem. Vocês têm uma renda limitada, vivem onde podem. Se a vossa renda fosse menor, vocês precisariam viver onde eles vivem. Agora o grande problema está em conseguirem a renda e a casa combinadas num local de conforto, ar fresco e sol.

Espiritualmente há muita luz que está a ser deixada penetrar na terra. As luzes de cima foram ligadas há mais de meio século; as trevas do Hades foram dispersas, as câmaras áridas do medo e os horríveis pensamentos a respeito da morte foram dispersados. No entanto, ainda há muito por fazer.

Os vossos cemitérios são locais de pestilência; as vossas cidades sobrelotadas crescem e incluem-nos. Quando as câmaras dos vossos espíritos estiverem abertas, vocês entenderão que os vossos amigos não se encontram mais no chão do que envoltos nas vestes que usaram quando estiveram na Terra, e vocês terão mudado todo o aspeto daquilo que se relaciona com os assim chamados, funerais.

O século 20 verificará, não só uma marcante mudança a esse respeito, mas vocês talvez venham a surpreender-se quando vocês virem não só flores apenas para os ricos, mas virão florações de esperança e alegria para todas as classes, com a transição do espírito do corpo, e que não haverá mais se verificará essa terrível forma de pesar e de luto.

A iluminação espiritual fez muito; a abertura das vias do pensamento entre os dois mundos conseguiu muito, mas cada vez mais será realizado pelo crescimento gradual das pessoas, longe das ideias da morte. A vida é contínua, mutável, mas eterna, e a transição dos seres humanos da terra para o estado futuro será considerada uma grande ocasião de regozijo. Tivemos o privilégio de oficiar, há poucos dias atrás, a transição de uma jovem da vida humana, enquanto ela entoava canções de louvor, e chamava os seus entes queridos ao redor dela, e lhes pediu para não a prantearem, e que ela ainda iria estar com eles. A visão dela foi aberta, ela viu aqueles que vieram ao seu encontro, e até o último instante esteve a falar animadamente para aqueles que se encontravam na vida humana.

Deve dar-se uma grande reforma na morte. Mais pessoas terão visões; mais pessoas chegarão a entender que é apenas mais um passo que se dá na vida; as sombras do luto crescerão cada vez menos e o manto escuro dará lugar ao regozijo. A abertura da visão para o mundo imortal daqueles que estão de passagem não é nova no mundo, mas será cada vez mais reconhecida. Esse passo seguinte não será receado antes de vir nem lamentado como uma aniquilação depois que vier. Essa será a iluminação que se espalhará pelo mundo de maneira quase impercetível, como se espalhou nos últimos cinquenta anos. O pendurar de flores nas portas, a cobertura do caixão e a sala com flores, contribuíram muito para expressar esse pensamento.

Mas realmente, caros amigos, a melhor coisa que vocês podem fazer pelas pessoas é dar algumas flores enquanto elas se encontram convosco, em vez de gastarem muito para se convencerem de que acreditam que a morte é linda. Deixem que as vossas vidas sejam adornadas com flores; deixem que as boas coisas que vocês dizem sobre elas sejam ditas enquanto se encontram aqui. Digam-lhes o quanto vocês as amam todos os dias, em vez de as manter bem longe até que as suas formas fiquem em silêncio; isso há de ajudá-las tanto quanto a vós. É muito melhor fazer isso enquanto elas se encontram na vida humana do que quando a mudança chega. Porque então, não haverá falta de flores quando entrarem na vida espiritual. O espírito da vida é esse desabrochar.

Ah! São os túmulos e sepulturas que vocês encontram na vida quotidiana que os deixam tão cheios de tristeza quando os entes queridos partem. Mas eles não partem, eles não passam da vossa companhia, eles estão no vosso meio, e quaisquer flores com que vocês prendam as suas vidas, de esperança, amor e alegria, isso elas possuirão quando chegar o tempo da transição.

Sim, Satanás foi reformado na última metade de século. Agora, a inimiga dos velhos tempos do mundo, a morte precisa ser reformada, e a morte enquanto reformador tomará o lugar certo nos vossos pensamentos e nas vossas vidas.

As flores passam e murcham, os campos de milho despem-se e secam, vocês têm a colheita cuidadosamente armazenada nos celeiros, pelo menos os fazendeiros deveriam ter. Mas vocês não abrigam os vossos tesouros de amor, nem colhem os vossos frutos de bondade; de modo que, quando a mudança chega, vocês sentem a perda. Mas no grande armazém do espírito, naquilo que faz o fruto e o triunfo final da vida, vocês só põem de lado o talo, as folhas, a cobertura externa, as cascas, o grão é vosso.

Esta grande casa do tesouro do espírito encontra-se a toda a vossa volta, e envolve-os e cinge-os a toda a vossa volta com as suas presenças e poderes de serviço, e todos os grandes e sábios e verdadeiros que já passaram são ajudantes. Aqueles que não obtiveram a iluminação, que foram infelizes, que não conquistaram, estão nas suas próprias sombras. Mas [nos] grandes fardos do mundo vocês são continuamente ajudados e fortalecidos de modo a aguentarem.

O século 20 marca a Sentença de Morte no sentido teológico dos velhos tempos. Os adros das igrejas e tudo quanto lhes diz respeito

darão lugar ao conhecimento do reino do espírito, da luz que reside além, da força, beleza e grandeza que têm lugar nele.

O século XX é o precursor do grande cataclismo, do Dilúvio Glacial, e todas as forças da mente e do espírito marcam a época mais rapidamente do que a matéria. Portanto, há apogeus ou clímaxes internos que trarão o culminar por modos que instaurem a paz; auges no campo da religião que produzirão numa grande quantidade de lutas sectárias um novo esclarecimento da raça; culminâncias nas relações comerciais que produzirão um reajuste geral, já que as nações estarão tão cingidas ou sob a alçada de outras nações através do intercâmbio comercial. Verificar-se-ão grandes mudanças na relação que existe entre capital e trabalho, já que agora ambos esses campos se acham divididos. Mas o homem representará mais do que o dólar e a humanidade representará mais do que o dinheiro. Está chegando a hora em que essas forças se verão aliadas pela necessidade, e a necessidade trará equalização e crescimento.

A fraternidade não pode ser compelida, mas a fraternidade gradualmente tomará o lugar da afiliação egoísta. Assim que as pessoas entenderem que cada um é incluso enquanto parte do todo. Vocês debatem-se com o mundo agora, o "eu" está contra todo o mundo. Foi uma grande proposta a que foi feita no âmbito da ciência quando se afirmou que o sol era o centro do sistema solar, em vez da Terra. Deixou a Terra por a ciência descobrir que era pequena demais para ser o centro de tanta magnificência. Quando o centro encontrou o seu próprio lugar, o universo pareceu ficar melhor ajustado. Agora, todas as mentes humanas supõem que o "eu" seja o centro do universo. Assim que isso sofrer uma mudança e o “eu” for relegado ao seu próprio lugar, enquanto parte do todo - e a alma preservar a sua identidade - o universo funcionará melhor convosco. Toda a família humana não estará contra vós, e vocês serão um com ela.

Existe toda uma vasta reciprocidade de almas, uma poderosa comunidade de inteligências eternas, da qual vocês, enquanto alma, são uma parte, não menor nem maior do que qualquer outra alma. Os vossos interesses não são mais importantes nem menos importantes que os dos outros. E vocês, enquanto uma entre esse imenso número de almas, movem-se em resposta à Lei Infinita. Nações, comunidades, interesses pessoais, todos são governados por esse grande propósito.

Quando vocês compreendem isso; quando vocês tomam conhecimento disso, toda essa rebelião, guerra, e luta contra o propósito Infinito e

contra as experiências pessoais mesquinhas desaparecerão. Se vocês trilham o caminho dos espinhos, outros já trilharam e estão a trilhar. Se vocês têm uma tarefa difícil a realizar, outros possuem igualmente tarefas igualmente difíceis. Se vocês sofrem um grande pesar, outros também sofrem. Não há isolamento na tristeza nem na alegria. Um pulsar comum corre por todo o universo e pelas raças com o poderoso propósito da experiência humana.

Ao libertar muitas das coisas que foram acorrentadas no passado, esse século XX produzirá começos maiores do que vocês supõem; ensinará a toda a vida humana que ela não é melhor nem pior na grande economia das almas do que os demónios ou os arcanjos; cada um é apenas um estado de crescimento e expressão.

Quando James Phillip Bailey finalmente levou Lúcifer a ser restaurado como um anjo de luz, isso serviu como uma grande lição espiritual. Quando Sir Edwin Arnold faz da Madalena a principal expositora dos ensinamentos do Mestre, isso é uma grande lição espiritual. Em última análise ninguém é maior ou menor, essencialmente; e as várias condições da vida humana destinam-se a que vocês possam encontrar expressão em algum século como o século 20 e ver à quanto tempo vocês se têm movido com um poderoso propósito para esse evento, que em si não é maior do que milhares de eventos que o precederam, ou seguirão: que todos os períodos culminantes têm nações de pessoas como a vossa.

Em algum momento no Jardim da Terra, o imortal Lírio do Amor floresce; mas para esse lírio existem as trevas que lhe ocultam o germe, o irromper dos rebentos, a transmutação e a transfiguração no sentido do florescimento, e por fim a abertura das flores, o supremo evento na vida dos lírios. Contudo, para aqueles que contemplam campos de milhas e milhas de extensão esse lírio isolado pouco ou nada significará, no entanto é o evento dos eventos.

Algures por entre o Jardim da Vida o grande lírio imortal do Amor tem o seu esconderijo nas trevas, no meio de pedras, espinhos e sarças, possivelmente escondido, e ninguém suspeita que ali se encontre. Trava-se luta e crescimento; o talo rebenta e depois as folhas, e por fim, chega o momento supremo daquela vida, o lírio branco do Amor despertou, floresceu. No entanto, para aqueles que assistem a milhares e milhões de conclusões de almas, isso é apenas um evento vulgar e comum, mas é o momento supremo dessa vida; nem um só anjo se afastaria, nem um

só olho se encheria de escárnio em toda a companhia celestial ao ver o florescimento do amor imortal em toda e qualquer vida humana.

Assim, queridos amigos, este século moldar-se-á em grandes realizações; mas existiram outras eras e será mais de igual importância. Mas como vocês estão no limiar agora a contemplar os poderosos mistérios do passado, lembrem-se que poderá ser que este imortal Lírio do Amor Fraterno floresça sobre a Terra, e a vida humana venha a revelá-lo nos jardins da terra, e que os anjos se venham a curvar e por fim a assistir.

UMA VISÃO DO FUTURO

POR UM PROFETA DA ANTIGUIDADE

CORA RICHMOND EM CHICAGO.
PROFERIDO NO DOMINGO, 22 DE JANEIRO DE 1888

"A TERRA É COMO UMA SELVA OU UM DESERTO, E AO PERCORRER O DESERTO OU A SELVA, O HOMEM TEM APENAS UMA ESPERANÇA: UM OÁSIS NO DESERTO OU UMA FONTE NA SELVA." - Provérbio Árabe.

O mundo habitável está repleto de abundância e produz fruição para a indústria do homem; mas há enormes desperdícios, regiões polares congeladas, desertos inabitáveis, mares traiçoeiros em cuja travessia o homem corre grandes perigos para alcançar países distantes; ainda assim, como que contornando o seu poder, o homem cruzou-os com as asas rápidas do vapor, e deu a volta "ao redor da terra" prevista pelo poeta, realizou muitos sonhos que em séculos passados pareciam impossíveis.

O que ele agora realiza com quase a rapidez do pensamento, em dias anteriores exigia meses e mesmo anos; aquilo que hoje é a propriedade comum do mundo civilizado era, em períodos anteriores, somente propriedade de uma porção da humanidade e de uns quantos favorecidos. Mas com todo o progresso evidente, com o avanço das artes e aparelhos mecânicos, com as vantagens que um comércio perfeito parece trazer, ainda há muito em falta: desolação vinda da região norte, o grito dos que estão a perecer de frio e fome a ferir o ouvido e os

corações humanos; os desperdícios do deserto não trazem nada à mão do homem, e por caminhos sem rasto o homem parece vagar em vão em busca da luz, força e beleza do seu ser.

Há profecias dentro da alma ainda por cumprir, há vislumbres de um paraíso terrestre ainda não realizado. Desse futuro, pelo poder da inspiração, profetas, videntes e poetas obtiveram muitas vezes vislumbres; todavia, não é dado a todos esperar, nem compreender essas conceções; contudo, para aqueles que têm pendor para um futuro desses e desejam entender o que a terra virá a produzir, enunciaremos profeticamente o futuro, conforme aparecerá nessa civilização superior que está a surgir, em relação à qual vocês agora se encontram tão só no raiar inicial da aurora, e do que esta é a débil expressão inicial.

Aquilo que vocês chamam de velocidade parecerá, nesses dias, o ritmo mais lento, pois a velocidade do vapor não só será substituída por motores elétricos e atmosféricos, como, mais veloz que a luz, que em si mesma é a mais veloz mensageira da vida e da morte, será o vosso motor no futuro.

Da atmosfera, quando a Terra tiver cedido os seus tesouros, e vocês quase os tiverem esgotado nas suas fontes, novas formas de poder motriz chegarão ao correio da mente, aquilo que nunca foi sonhado antes na Terra será revelado, por a terra estar continuamente a mudar, estar continuamente a criar coisas novas, que serão postas nas mãos do homem.

Onde vocês agora parecem andar ou correr, então voarão; pois o próprio ar é tão navegável quanto o oceano, tão passível de ser atravessado quanto a Terra, e descobrirão uma menor resistência ao maravilhoso motor do futuro pela navegação aérea do que por qualquer método com que o homem agora circunda o globo. O método embaraçoso do vapor, a perigosa locomotiva, o choque das ferrovias e o som de máquinas a vapor serão desconhecidos. Veloz, silencioso, protegido nas naves aéreas do futuro, o homem cercará o globo como que nas asas da luz sem nenhuma dessas lutas, sem nenhum daqueles choques que agora tornam hedionda até mesmo a perfeição dos vossos métodos. Isso virá a ocorrer.

A própria luz será o vosso portador de mensagens, pois, por sistemas de refração e de reflexão, a luz transmitirá mensagens às partes mais distantes da Terra; pela sua cintilação, a mensagem será dada a conhecer. A linguagem será simbolizada pela luz; um certo número de raios ou de cores formará vibrações de raios e cores similares nos lados opostos da Terra. O homem transmitirá inteligência por vibrações atmosféricas ou por vibrações de luz. Vocês acham que a eletricidade é um portador maravilhoso de mensagens: e assim é. Desde que o Júpiter Olímpico governou os trovões e os relâmpagos, nada tem sido tão maravilhoso quanto o homem fazer dos raios de Júpiter um brinquedo; mas com toda a sua rapidez a eletricidade está destinada a mergulhar na insignificância ao lado do método mais rápido, da comunicação mais perfeita, que no futuro será formada por correntes de luz.

O sol, que é o grande motor natural do sistema solar, que pelas suas pulsações de luz impele mundos nas suas órbitas e os mantém presos pelo poder de atração, assola com eles espaços desconhecidos, formando as maravilhosas leis da geografia física do universo. O sol será a grande potência motriz de todas as formas de vida. Tal como o carvalho gigantesco é edificado na sua estrutura pela alquimia subtil da terra em resposta e conformidade com os raios do sol; tal como as delicadas pétalas da rosa e do lírio são formadas pelo poder edificante desses mesmos raios, tal como o homem deve andar ereto em resposta ao sol, assim também com as asas do pensamento, com o novo aparelho que ele descobrirá, com as invenções que têm lugar agora na vida espiritual e não na vida mortal, chegará o controlo de mensageiros alados velozes e de poderes motrizes da terra.

Não mais se verão terras áridas e desertos inabitados pelo homem, nem fortalezas montanhosas em que não existam objetos de verdura, mas todas essas coisas submeter-se-ão ao controlo da vontade do homem; tal como quando ele agora até certo ponto controla ou adapta os elementos, então, ele virá a produzir, não apenas por meio da energia elétrica, mas por vibrações solares, humidade onde tudo agora é estéril. Então, dos desertos brotarão belos jardins e o homem receberá a recompensa da sua indústria e labor.

Tampouco virão a existir regiões congelantes, nem tempestades desoladoras que varram cidades, vilas e aldeias, destruindo a fruição do trabalho do homem. Assim os homens se associarão com o propósito

comum de beneficiar o todo, de modo que os seus campos sejam protegidos, e os ventos, não apenas desviados do seu curso, mas transformados em brisas amenas, e os agentes destrutivos se tornem agentes benéficos para a humanidade. Como agora, muitas vezes o homem muda o curso dos rios, cria reservatórios artificiais para uso próprio e para uso dos demais, também no devido tempo, estas devastadoras correntes de ar serão empregues em benefício do homem, em vez de na sua destruição. As coisas que ele plantou, os campos que cultivou, as casas que construiu, os tesouros que reuniu, a que chama de lar, não estarão mais à mercê nem serão presa desses elementos.

Pretende-se, igualmente, que as montanhas sejam disponibilizadas; aquelas torres naturais que sobem até as nuvens, serão as bases de poderosas e maravilhosas torres de comunicação; todos os elementos serão vigiados e mantidos sob o controlo do homem; enquanto agora as estações de serviço de receção situadas nos picos dos montes mais altos ficam por vezes à mercê dos elementos, então o homem irá controlar esses elementos. Em torno dos topos das montanhas haverá verdura de verão, florescerão rosas e todas as coisas adoráveis aos olhos, por a atmosfera estar sob o controlo do homem.

Nesse tempo, navios que agora parecem milagres de velocidade e que agora cruzam os vossos oceanos, parecerão tão lentos e desajeitados no seu curso, quanto as antigas barcas lhes parecem hoje; mais do que isso, pois as asas do pensamento que permitem que o homem se eleve no ar irão produzir o mesmo sobre as águas de modo que não haverá necessidade de navios na água. O ar em si mesmo sugere um movimento mais incomparável do que o voo do pássaro; quem não terá querido voar? Isso é uma aspiração; não no sentido em que o pássaro voa, mas no sentido de que o homem supera todos os obstáculos físicos, a transporá o ar com êxito, e a circunavegação aérea do globo será uma realização.

Toda a produção renderá ao homem o que ele pretende e espera; nenhum fruto será abortado, as flores não deixarão de produzir fruto, aquilo que é plantada agora é desperdiçado mesmo antes da fruição ser facultada ao homem; ele não precisará vigiar durante os longos e cansativos dias para ver a colheita fracassar pouco antes do tempo da colheita, tudo o que estiver em guerra com o homem, com a produção, com a indústria das suas mãos e o trabalho da sua mente será superado:

ele irá apurar os métodos a adotar, os meios a conceber, a maneira de combater os elementos ao seu redor: por esses métodos superiores, ele conquistará onde agora ele se vê derrotado.

Quantas semanas cansativas o fazendeiro precisa esperar pela fruição de sua labuta, para no final encontrar apenas fome. Quantos anos ele não precisa esperar que a sua casa fique bonita e que o seu entorno se torne perfeito; para a seguir serem destruídos pela praga de uma estação, pela neve de um inverno, pela desolação do poder devastador do inseto que destrói o trabalho de uma vida. Isso não virá a ser assim nesses tempos que hão de vir.

Então, até as doenças que afetam a humanidade, que na infância do seu crescimento naturalmente surgem pela falta de conhecimento de que ele padece, terão sido superadas, ele não irá mais combater a doença da malária à sua própria porta; não haverá mais daquelas doenças transferidas de clima para clima nas asas da desolação; não mais da boca do Ganges os antigos horrores se espalharão pelo mundo; não mais das Índias desoladoras germinarão as doenças, implantado lá há centenas de anos atrás, nem serão transmitidos às civilizações da Terra. O poder de conquista da mente humana, o desenvolvimento do espírito humano tudo realizará.

A terra cede prontamente à mão e à mente do homem, mas essa mesma terra deverá encontrar no homem o seu mestre e não o seu escravo antes de ceder; aquele que é derrotado pelos sentidos, ou pelos elementos, torna-se escravo do pó, mas aquele que os conquista, não apenas os despreza como pela aprendizagem do seu perfeito uso se torna triunfante.

O antigo alquimista que se fechava na sua caverna e claustro durante anos a fim de descobrir as fontes secretas da vida, as fontes daquela existência imortal pelas quais ele poderia conquistar a morte; aqueles que através de muitas noites cansativas e o período de muitos dias inteiros procuraram, ano após ano, descobrir as maravilhas dos céus estrelados e as proporções geométricas da criação; aqueles que, nos mistérios mais profundos da ciência oculta, se esforçaram por descobrir aquilo que é aparentemente insondável; as fontes secretas da vida, a fonte de poder no espírito humano; tudo isso são, de certo modo, sugestões e profecias do que a terra virá a tornar-se.

A raça humana, que passou da debilidade e da deformidade a uma perfeição maior, será, comparada ao atual tipo de humanidade, que nem anjos em relação às coisas rastejantes da terra. Considerando que agora não há ninguém perfeito, ou poucos sejam os que consigam suportar o teste do escrutínio rígido, a raça avançará até tal perfeição que raramente se verá qualquer deformidade, dado que a deformidade terá rendido a sua lição no mundo e não mais será necessária.

As fontes espirituais dessas coisas poderão estar ocultas, as causas que nos permitem vê-las não se encontrar ao vosso alcance, no entanto são espirituais; a natureza espiritual do homem é a base daquilo que encontra no seu meio material. O que agora responde pela discórdia, pelo jargão, pela luta, e pela disputa de terra desvanecer-se-á sob a influência benigna do perfeito amor e da perfeita paz, que se espalhará pela atmosfera da Terra. Quando o homem descobrir qualquer coisa em benefício da humanidade, ele não a guardará, nem buscará possuí-la para exclusão de ninguém, mas a dedicará em benefício do todo. Não haverá monopólios de inspiração, intelecto nem riqueza.

Nu e estéril como é o deserto do Saara, não é tão desolado quanto o deserto de uma cidade apinhada desprovida de simpatia humana. Lúgubre como é o deserto para o viajante solitário, não é tão triste como essa mesma cidade à meia-noite para os pobres excluídos. Quando a civilização procura possuir os tesouros da terra, precisa estar fundada no mais alto padrão. É-nos dado ver aquele tempo futuro em que não será possível que pobre nenhum calcorreie as ruas de qualquer cidade da terra; é-nos dado ver um tempo futuro em que ninguém passará fome de pão enquanto outros gozam de abundância; é-nos dado ver aquele tempo futuro em que ninguém acumulará com a cobiça do ganho o trabalho das suas mãos e do seu cérebro, mas espalhará, como o artista da história antiga, as suas obras de beleza até que o mundo todo se encha de amabilidade. Ou como Pan, o doce gaiteiro, que encantava todas as coisas viventes com as suas deformidades: os espíritos de meninos, meninas, homens, mulheres, rebanhos de cabras, animais, pássaros, todas as coisas escutavam os silvos do doce Pan. Portanto, a lição a aprender é que, quando se possuir o dom da música, da arte ou da poesia, ou puder tornar a terra bela, ou quando se puder encontrar ouro, ou o que o ouro vier a comprar, será para o homem.

Aos olhos dos anjos, o deserto das Planícies Ocidentais, o deserto do Saara não é um lugar tão desolado como o deserto do egoísmo humano, e se vocês não tiverem esses desertos áridos, se vocês não tiverem essas terras selvagens intransitáveis, se vocês não tiverem aquelas torrentes de montanha que varrem o trabalho dos anos, o egoísmo humano deverá gradualmente dar lugar às afabilidades da vida humana. É isso que queremos dizer, não simplesmente num grande sentido ideal, referimo-lo naquele sentido verdadeiramente ideal que deve estar incorporado na vida diária.

Aqui está uma secção do país, e a avareza daqueles que a possuem, ou melhor que tomaram posse dela pela violência aos antigos ocupantes e, portanto, a reivindicam, e que constroem um dique; um país, ou um governo, ou quaisquer outros poderes estabelecidos, aplicam uma parte da receita do país para construir o dique que protege certas indústrias, algodão e cana de açúcar, que passam a produzir. Os anos *passam* e, naturalmente, os detritos do leito do rio elevam o leito desse rio mais e mais alto até que o país em redor ficar muitos pés abaixo do dique, muitos metros abaixo do leito do rio, e os barcos passem como que pelo ar, embora não sejam naves aéreas.

Precisarão coletar impostos para manter essa barreira em ordem; esse interesse deve ser protegido às custas de todo o país. O que deverá um governo altruísta fazer? Se o conhecimento for suficiente, deixará o país que precise de uma barreira em paz. Por efeito de sucessivos depósitos naturais após muitos anos tornar-se-á arável, já que é tendência do rio fazer a sua própria cama e levar o país a alçar-se mais alto por esse depósito, após o que algumas gerações haverá solo suficiente.

Há espaço suficiente sem ele, mas não, cada pedaço de terra, cada acre de território, toda a riqueza do solo precisa ser drenada para a mão ávida e sofreguidão do homem. Mas as planícies estão ociosas enquanto essa grande fonte de receita continua a drenar o país. O mesmo vale para todos os interesses locais no mundo. Quem impõe ao homem a proteção de um interesse local escraviza a humanidade, hipoteca a herança das futuras gerações. A indústria que não é universal, que não é competitiva, que não está aberta ao mundo inteiro, não é uma indústria útil no final, embora no começo possa parecer sensata, e chega um momento em que é fatal, quando o egoísmo humano se embrutece pelo seu próprio esforço e se dá um recuo disso.

Tudo o que é valioso ou benéfico que é armazenado no coração da terra é destinado ao uso do homem. Ai daquele homem ou combinação de homens que coloquem obstáculos desnecessários entre o tesouro que a natureza deu e a necessidade do homem. Chega um momento em que se segue a reação, e aquilo que supostamente era uma bênção se torna numa maldição. Pessoas a gelar de frio até a morte numa terra onde há abundância de combustível armazenada é uma monstruosidade que não deveria ocorrer num país esclarecido; pessoas a morrer de fome com armazéns cheios de grão é uma monstruosidade que só poderia ter lugar no Egipto sob o reinado obscuro de algum faraó: e quem sabe se o José não está de volta para soltar os armazéns do rei para o povo!

A visão do futuro é que não pode haver carência onde há abundância, e que aqueles tesouros do conhecimento e riqueza (ou os seus equivalentes) que são acumulados são simplesmente excrescências daquilo que é chamado incorretamente de civilização.

Nesse belo e justo tempo que traçamos, nenhum homem acumulará riqueza, pois será um poder desnecessário. Todos os que estão enfermos ou envelhecidos ou doentes, e as crianças terão quem lhes providencie; todas as pessoas adultas considerarão um privilégio trabalhar em função do pão de cada dia, em vez de o roubar aos semelhantes.

Nesse tempo vindouro não haverá pensamento de ociosidade, nenhum pensamento de excesso de desgaste, verão que os dias têm muito tempo para a labuta das mãos e o suficiente para toda a recreação e prazer; as noites não serão sobrecarregadas de cansaço; os homens não afundarão em sofás que não passem de colchões de palha, enquanto outros podem dormir em palácios de luxo.

Nesse tempo, essa ganância, esse amor pelo ganho e pelo ego será infâmia tal, deformidade tal que ao perpassarem as páginas da história daqueles que habitaram o vosso tempo e era, dir-se-á: “Que bárbaros eram aqueles Cristãos: eles abatiam-se uns aos outros pelo ouro, eles roubavam uns aos outros territórios e terras, e até mesmo em comunidades em tempo de paz eles mantinham as portas das casas trancadas, com receio dos ladrões!

Tal será o assombro que, quando eles lerem o que estava traçado sobre os templos Cristãos, "Faz aos outros o que quiseres que eles te façam" e a seguir virem o que os homens fizeram, eles ainda se admirarão mais com a hipocrisia, a audácia, e blasfémia de uma raça que poderia não só ser Cristã e bárbara, mas assumir uma lei de orientação e praticar o exato oposto.

Nesse tempo, não haverá necessidade da Regra de Ouro inscrita nos templos, pois ela será inscrita em todo coração humano. Os catraios, em vez de serem ensinados a falsificar, quase desde o nascimento, entenderão a flor de ouro da verdade; assim, o fogo inocente da ausência de maldade não será posto na fogueira da falsidade e da vergonha; não haverá nada na sociedade humana que exija política, por que se deva disfarçar o interesse, os sentimentos ou os propósitos da pessoa: tão justos serão os propósitos dos seres humanos uns para com os outros que não haverá nada a esconder.

Enfermidades humanas, serão de natureza tão ligeira que o vizinho sentirá maior anseio por as cobrir com o véu da caridade do que escondê-las do próximo. Tão amáveis, gentis e agradáveis as pessoas serão então umas para com as outras, que não haverá acusação, repulsa, desprezo, escárnio nem fome; tão justas e honradas todas as vidas se tornarão, então, que não haverá necessidade de esconder o dia-a-dia, de esconder os passos quando alguém vacila, nem de encobrir com adulação ou covardia os feitos e pensamentos de um dia atarefado.

Então o ladrão não andará à espreita pela noite para tomar posse daquilo que outros ladrões tomaram à plena luz do dia. Então não haverá necessidade de parafusos, barras e fechaduras para impedir os homens de espoliarem as posses uns dos outros: todos os tesouros então existentes no solo serão propriedade de todos e se um homem quiser roubar outro, ele estará simplesmente a roubar a si próprio.

Então os templos serão lugares tais que, não só são sonhados na poesia idílica, mas conforme todos esperam um dia ver: sob os céus arqueados, pavilhões alvos e cúpulas amplas a abrir-se para o céu e os ares, onde suaves brisas a ventilar os rostos. Sob essas cúpulas de proteção, todo o mundo poderá vir e adorar com tal veneração como só poderá resultar da alegria da vida perfeita e de corações puros, anjos unidos em jubiloso refrão; flores que florescem em todas as mãos,

nutridas por hábeis cuidados e que emprestam a sua oferenda de incenso aos céus.

Multidões a reunir-se; acordes de música tais como só os maiores mestres sonharam, mas nunca deram à terra por a terra não estar pronta; tal som de vozes humanas em tais ações de graças e cânticos de louvor que levarão os coros do céu a curvarem-se a escutar a música. Orações que serão uma oferenda natural e espontânea do espírito, seja pela palavra falada ou pelo que é melhor ainda, numa boa vida de louvor, uma constante e gratificante vida de oração.

Então as vozes que fluem do outro mundo: nesse tempo vindouro, os homens não se envergonharão por anjos e espíritos assistentes andarem a seu lado e lhes ministrarem todos os dias, quando agora se afastam da mensagem dos céus para que o seu poder de pesquisa não venha a descobrir uma sombra oculta.

Sim. Não só o homem se voltará para o céu, como então não haverá necessidade de se voltarem dele, por a voz de criança não será de reprovação, a mensagem da santa mãe não recordar ao coração humano cenas indignas; a esposa ou irmã poderão andar carinhosamente entre eles, por não haver nada a esconder. Nesses dias, os corações estarão abertos à comunhão com a vida espiritual, por não se encontrarem repletos de mundanidade nem desolados pela paixão e vergonha humanas.

Pensem num anjo no pandemônio do mercado comercial de uma cidade sobrelotada! No entanto, haverá horas em que os anjos até para aí se voltam: quando Mamão, com a sua ganância terrível se apega à vida humana, algum cérebro quase cambaleante poderá repudiar, mesmo nesse lugar de horror, um anjo e afastar gentilmente do perigo a mente que estava a vacilar: como os anjos se voltam para as celas de prisão, enquanto assistem ao lado do destino ardente do mártir: como visitam lugares de pobreza, carência e vergonha; enquanto tocam a Madalena na rua cujos lábios se tornam brancos com uma oração quase acabada; contudo eles inclinam-se sobre vós hoje.

Mas *então* os anjos virão e voltarão, a sua presença não mais será estranha: o homem não se assustará com o fantasma da sua própria infâmia a ponto de pensar que o fantasma de um homem morto possa

assombrá-lo, mas sem medo, sem a presença de qualquer pecado, mensageiros angélicos serão bem-vindos em todos os lugares. A visão humana estará aberta, o outro mundo não será mais envolto em mistério, o estado que está próximo deste será percebido e conhecido; vocês terão consciência desses seres espirituais que tanto povoam os céus superiores, e eles serão uma porção da vossa companhia diária.

Nesses dias, nem sacerdotes nem reis designados governarão as nações; pois tão suprema será a lei do autocontrolo e do autogoverno que toda vida será o seu próprio rei ou rainha, cada um será o seu próprio governante: nenhuma natureza violenta de restrição, nenhum domínio do poder incrementado do homem será necessário para controlar a ação humana. A lei suprema será uma lei iluminada do céu traçada sobre a consciência humana, escrita em todo coração humano, e será traçada de tal maneira que todos possam lê-la e compreendê-la corretamente.

Então, através do espaço que os separa dos planetas irmãos, não mais existirão as distâncias e o silêncio que agora intervêm; mas entre vós e os orbes mais gloriosos, a mensagem de vida e luz será transmitida pelo ministério de anjos, e mesmo pelos poderes dos vossos próprios espíritos. Tão belo se tornará o espírito que, ao invés de o esconderem, ou o porem longe da vista como atualmente, pensando confessarem que alguém ter uma alma seja sinal de fraqueza, então será a força do mundo; e pobre realmente será aquela vida, ou homem, ou nação que não souber que Deus é Amor e que o homem é imortal.

AS EXPERIÊNCIA PORQUE O SR. WILLIAM THOMAS STEAD PASSOU ANTES E APÓS A MORTE

Após um breve hino, verificou-se uma mudança palpável no aspeto e modos da Sr. Richmond, a seguir ao que, falando sob o controlo do Sr. Stead, ela disse:

PREZADOS AMIGOS, eu fui-lhes devidamente apresentado, porém não sou herói nenhum. Toda a gente em certo sentido é naturalmente covarde; ou seja, receia alguma coisa. Eu não receava o ‘outro mundo’ e não foram muitas as coisas de que tive receio na vida humana; mas todos nós nos acanhamos daquela coisa intermédia chamada ‘morte’, do que nos poderá fazer, de como viremos a sentir-nos, de como viremos a

ser capazes de a enfrentar; quando e como. Porém, não existe morte alguma. Mas só se poderá aferir isso pela experiência. A maioria das pessoas hesita, e teme a mudança. Para mim a vida foi uma mesma - na nossa terra e além dela.

Não creio que tenha tido qualquer ‘premonição’ antes de deixar a Inglaterra, nem tampouco a minha mão redigiu o que quer que fosse, nem ninguém me disse: “Não viajes naquele navio.” Eu precisava ir para satisfazer um compromisso. Gostava do barco por ser o maior alguma vez construído, e porque não viajar nas coisas mais grandiosas, mesmo se nos vier a conduzir ao outro mundo? Naquela noite eu estava alerta quando o navio foi atingido. Falamos disso entre nós, homens. Eu disse pensar poder resultar demasiada ansiedade e senti-me inclinado a ir para a minha cabine. Encontrei alguns que manifestavam receio; desci e descobri que havia outros que estavam com medo, e falei com eles, e ao falar com eles fui capaz de os confortar. Não creio que já tivesse consciência de estar a fazer algo de invulgar ou de incomum, por até essa altura não ter tido qualquer pensamento dominante de perigo. Isso foi pouco após a meia-noite. Eu estava preparado. Muitos se apresentaram primeiro para me receber.

Mas, e aqueles que receavam morrer, que não tinham qualquer conhecimento da vida além, ou cuja fé os pudesse abandonar no momento de perigo? Eles precisam ser confortados, acalmados, auxiliados, na medida do possível, para permanecerem ainda um pouco nos seus corpos. E depois, ao prestarmos assistência às necessidades dos outros esquecemo-nos de nós próprios. Ainda assim, tivemos tão pouco tempo para nos prepararmos - tivemos um preparo tão reduzido naquele navio gigantesco para uma tal emergência.

Não reinava qualquer pensamento da presença de perigo iminente, e quando ele realmente se apresentou pelo estabelecimento do fato de que o comandante e os suboficiais tinham travado conhecimento, e pelo preparo feito para retirar mulheres e crianças, então eu disse a mim próprio: ‘Preciso ocupar-me daquela gente lá em baixo. Os de cima estão mais disciplinados; possuem mais conhecimento, têm controlo social; compreendem o que é esperado, mas aquela gente mais emotiva podem não ter conhecimento.’

Até onde me é dado apurar, passei o meu tempo a conversar com eles, a tentar confortar aqueles junto de me podia fazer compreender. Não falava outra senão a língua Inglesa, pelo que não consegui falar com os

estrangeiros, mas esforcei-me por os confortar; estabilizei-os e procurei levá-los a sentir não existir perigo real em relação à vida real. A seguir fui para a minha cabine, não para dormir, mas para aquela comunhão com o Infinito que sempre foi o meu refúgio, com os meus entes queridos invisíveis: então veio o primeiro aviso - por meio da escrita - de que o návia iria afundar, e eu estive lá quando se deu o grande clamor, quando soubemos e todos quantos não estivessem a dormir souberam que o návia iria ceder. Senti o tremor gigante e a invasão das águas, e sobreveio-me a ideia: 'Durará muito? Sucederá um período prolongado de tensão?' Mão não houve.

Quando tudo feito quanto podia ser feito tivesse sido feito, tínhamos que partir. Os gritos de agonia eram terríveis. Morte! Mas após o rugido inicial - a invasão das águas - um enorme sensação repentina de sufoco - despertei como alguém desperta de um sonho horrível. O meu filho! O meu filho! Sim, o primeiro a vir ao meu encontro. Ele foi um dos salvadores do domínio onde os salva-vidas nunca se acham em falta. Eu estava vivo! Desperto! Consciente! Eles encontraram-me todos!

Deu-se o assalto avassalador das águas, aquele gorgolejar, o borbulhar, o rugido assustador, e eu fiquei alerta. Vi ainda pessoas a debater-se e pensei estar ainda a tentar socorre-las, mas a forma que se encontrava em meio a tudo aquilo era a do meu filho! Então soube que não estava de todo no corpo, mas tentava auxiliar todos aqueles espíritos que se debatiam por se juntar aos seus amigos que tinham partido nos seus pequenos botes - as suas esposas, irmãs, mães. O meu filho disse, "Vem." "Não, vejamos o que podemos fazer por estes." E ficamos horas e horas sobre o local em que o navio afundou, a seguir os pequenos botes salva-vidas a procurar auxiliar os espíritos que se debatiam ainda por viver nos seus corpos - aqueles que não sabiam que se encontravam fora dos seus corpos. Percebi que a culpa não fora dos oficiais, percebi que a tripulação fizera o melhor que podia em tais circunstâncias; percebi que não existiam barcos salva-vidas suficientes, e percebi posteriormente que provavelmente essa fora a única falta, ou a falha principal.

Mas a grande luz desta manhã veio até mim, o amanhecer da outra vida; foi como despertar de um pesadelo para uma aurora de paz, ou de uma prisão para a liberdade. E eu fui bem recebido. Pareceu-me uma manhã de esplendor a seguir a uma noite terrena, quais asas comparadas ao tatear - como o desabrochar e a fruição que se seguem

ao silêncio e à escuridão. Quem poderá adequadamente descrever o indescritível? Eu podia andar por ali. O meu filho foi comigo a toda a parte; os meus queridos amigos tentaram levar-me a afastar-me, mas eu disse: “Não, façamos o que pudermos para ajudar esta gente,” e surgiram hordas de auxiliares, uma imensa frota de navios de luz oriunda do reino do invisível a auxiliar os espíritos que não sabiam que tinham sido libertos.

Mas e aqueles, aqueles que não tinham conhecimento? Aqueles que se agarravam aos seus corpos; que até mesmo em espírito seguiam os frágeis barcos pelo oceano que levava os seus entes queridos? Ai, o sofrimento de se terem que separar deles! Eles precisavam ser confortados, aqueles que tinham sido conduzidos à força em total despreparo e involuntariamente, para o reino dos espíritos. Precisamos ajudá-los. A enorme manifestação de clamor é sempre no sentido de ajudar os demais. Nenhuma vida é remetida para o outro mundo que não encontre alguém, ou mais que um, à mão para a poder acolher e receber. Muitos morrem desamparados e desolados na terra, mas nenhum entra no reino além indesejado.

Foi uma dor ver-se assim separado daqueles que tinham que ficar. E é uma grande dor quando na vida humana (apuram-no pela experiência, como eu o soube pela experiência) ver um amigo partir para a outra vida, muito embora saibamos que ele vai para a vida e não para a morte. É igualmente uma grande dor um espírito não preparado, sem o menor aviso exceto uns quantos instantes ou uma hora, quando muito, ver-se arrancado daqueles que ama na terra. Os espíritos não têm vontade de partir. Mas precisam.

O preparo depende inteiramente do grau de domínio de si e do equilíbrio de que se goze; por isso, é para o horror que se encaminham. Inicialmente não viram quem chegava. Os amigos espirituais que estavam à espera para os fortalecer. Eles voltam-se, sem vontade de deixar os objetos da sua devoção, e quando de forma afortunada, como foi o caso com mais do que podem imaginar, mulher e marido foram juntos, foi a maior alegria para eles saber que não tinham sido separados por tal choque. Quando são famílias inteiras que partem, é simplesmente maravilhosa a alegria que sentem por estar assim reunidos, e não separados.

Ser bem recebido e amado, pensar primeiro e o tempo todo naqueles que sentem a nossa falta ou lamentam a nossa perda, procurar alcança-

los com a mensagem invisível, impalpável, do espírito, pensar e conhecer num instante a resposta para a questão de uma vida inteira -

Ainda não, ainda não. Se puder encontrar uma mão ou um cérebro que transmita o sentido e o alcance desta nova vida, poderei usá-la passado um tempo. Estou grato por esta oportunidade de pagar o meu tributo aos meus companheiros de viagem e aos comandantes do navio que afundou, e por poder dizer terem havido duas causas somente para o afundamento do navio, e a passagem de tantas vidas tão valentes: Excesso de confiança na resistência do navio, e um número insuficiente de botes salva-vidas - essas foram as causas. Quando a vida humana realmente é valorizada sempre haverá meios adequados de garantir a segurança.

Ai, os socorristas do reino do espírito! Eles foram os próprios mensageiros de Deus, a auxiliar - a salvar toda a gente.

Agora verificam-se emoções em conflito no sentido de alcançar aqueles na terra; a grande muralha da ignorância material, a grande barreira existente entre o reino interior e o mundo externo, a enorme ignorância desabrida; sim, a parede de ignorância é aquilo com que precisamos rivalizar na tentativa por alcançarmos os nossos amados. O meu próprio lar teve conhecimento, pelo menos teve conhecimento de que eu sabia. Nem todos estavam cientes ao ponto em que eu me encontrava, mas sentem-se felizes com aquilo que sabem; felizes nesta hora que não é inteiramente de trevas; contentes por o muro não se achar inteiramente cerrado.

Eu pensei haver trabalho adicional a fazer na terra. Pensei haver muito ainda por fazer. Este enorme movimento de paz que precisa ser alcançado pelo esclarecimento. Eu não era a favor de todas as ideias do Sr. Carnegie, do desarmamento, da paz a todo o custo, nem das ideias da ‘paz a qualquer preço’ de quem quer que fosse. Eu acredito na paz que brota da justiça, de modo que quando solicitei a todos os governantes e governos da terra cujos representantes tinham estado no último Congresso da Paz (onde encontrei o vosso pastor, onde tive o prazer de a conhecer) pedi-lhes que pusessem de lado as causas subjacentes à guerra. Não peço a esta nação, ou Grã-Bretanha, nem a nenhuma nação para se desarmar. Tornem o caminho para o desarmamento possível por meio de uma Corte Internacional de Arbitragem, que então não haverá necessidade de armamentos.

Mas não é por isso que me encontro aqui hoje. Haverão outras alturas e lugares para se falar sobre a paz; mas é sobre a luz, esta vida, esta maravilhosa e belíssima forma de consciência espiritual. Ausência de um corpo terreno para carregar connosco por todo o lado; ausência de limites dos olhos que não conseguem ver. Ausência de limitação dos sentidos. Sei que neste espaço de tempo, que apuro pelo contato que tenho convosco que perfaz duas semanas justamente esta noite, eu tive conhecimento de uma resposta a todas as questões que equacionei durante a minha vida do que me toda a vida anterior que vivi, por a resposta ser inerente ao estado, ser implícita à vida.

Acha-se aqui (terra) limitada pelos sentidos. Nós apegamo-nos aos sentidos; compreendemos com os sentidos; medimos e aferimos as coisas pelos sentidos. Libertos dos sentidos, vemo-nos obrigados a dar atenção com a mente, a interpretar com o espírito. As nossas vozes não alcançam longe na vida humana; porém, os nossos pensamentos chegam a milhões de milhas. Eu podia pensar em vós em Chicago com tanta facilidade quanto podia pensar noutra residência de Londres, e no espírito posso-me ver lá tão prontamente quanto poderia entrar num outro aposento.

Espaço, tempo, todas essas restrições passam com o corpo. Deparar-nos-emos com demasiado ‘espaço’, a menos que estejamos preparados para isso. Uma pequena que foi levada a um piquenique começou a chorar. Nunca tinha estado fora de Londres e não conhecia outra coisa que não ruas com lama, e agora via gramados e flores, aves e árvores, e quando ela começou a chorar alguém perguntou. “Ora, que é que se passa? Não te estás a divertir? E ela disse: “Tenho medo; é um espaço muito grande.” E assim, nós dispomos de muito espaço no mundo do espírito. Esse é o assombro da coisa, está repleto de espíritos, multidões de gente que não interfere na vida alheia, porém uma vastidão e tanto; o assombro que é saber coisas que não nos são ditas; o assombro que é não formular as nossas perguntas e vê-las respondidas num instante.

Pensem somente no número de vezes em que repetidamente não formulamos a pergunta “Onde se situará o outro mundo?’ E cá está ele. Retirem o véu, a vossa máscara; retirem o armamento de carne, e aqui está ele. Podem ter conhecimento dele. Foi-lhes dito; todos os profetas, poetas, videntes, sábios e filósofos falaram-lhes disso, mas vocês não têm conhecimento disso. É esta vastidão que é medonha, mas dispomos da eternidade toda. Acostumamo-nos ao céu azul depois de o termos

contemplado por um bocado, mas após termos estado estado fechados numa cela ou numa masmorra, parece imensamente vasto.

Os mineiros (prospetores de ouro) com quem eu por vezes costumava conversar, não sabiam que aspeto o céu apresentava, pelo que lhes parecia tão vasto e isolado (solitário). Mas não receiem sentir-se sós enquanto espírito. Não via um só daqueles pobres vagabundos, nem um só dos seres humanos que lutavam que não tivesse um espírito qualquer à sua espera, a vir ao seu encontro, instantaneamente, mesmo antes de deixarem o corpo. E eu vi multidões deles a procurar chegar até os seus amigos, a tentar auxiliá-los; e eles auxiliaram-nos, embora de modo invisível.

É a suprema lei do espírito que venham junto daquele que têm a intenção de alcançar. A 'telegrafia' do espírito não é retida pela capacidade irresponsável que impede que a mensagem chegue ao 'recetor' pretendido. A telefonia do espírito alcança o objeto pretendido. E assim, quando eu interrogava, quando estava consciente, desperto, eu sabia tudo, as respostas chegavam-me em bando quais bandos de pássaros, e acorriam a mim nas asas invisíveis do pensamento, provenientes de Júlia, e de todos os meus queridos amigos de casa. Ali estavam eles, à minha espera.

Eu perguntei: "Vocês sabiam que eu estava de chegada?" E eles tinham conhecimento da pergunta antes de eu a formular, e diziam "Sabíamos." Então pensei. "Porque não me disseram?" Ao que me responderam: "Não adiantaria nada." "Porquê?" "Por o teu tempo ter chegado." "Querem dizer (e aqui entrava a velha mente inquiridora da dúvida, o velho intelecto) que toda a vida tem o seu tempo?" "Queremos." "E que aqueles que foram separados, esta esposa e este marido?" "É isso que queremos dizer. Admite um acidente," disse Júlia, "no plano universal, e o universo deixará de ser cosmos e passará a ser caos."

E assim, não é por acaso que fui aqui trazido, mas com uma grande intenção e propósito. Posso não ter amadurecido demais, plenamente desenvolvido; mas o tempo tinha chegado, e o que quer que tivesse sido feito na vida humana que tivesse ajudado por alguma forma a fortalecer, a inspirar, a esclarecer, sinto-me alegre por ter tido o privilégio de viver, e contente por ter gozado do privilégio de conhecer a humanidade no seu melhor, ainda que também a tenha conhecido no seu pior. O pior não é tão mau quanto as pessoas alegam, e o melhor não está livre do aperfeiçoamento.

Mas sucede que enquanto espíritos chegamos a conhecer o nosso real valor. Não levamos connosco nada de material exceto o nosso pensamento. Eu não tenho nem mesmo a minha caneta comigo. Posso encontrar uma mão, posso encontrar um outro cérebro. Talvez venha a usá-lo por vezes, mas quero que saibam que, embora o corpo se perca, o espírito permanece vivo e justamente tão alerta para com o que quer que os interesses da humanidade requeiram. E se o meu filho, que estava justo a começar a sua vida, e que eu pensava viria a tomar o meu trabalho a seu cargo, tivesse ficado - mas aqui ele interrompeu-me os pensamentos: -

"Ora," disse ele, "pai, se eu já vivi um milhar de vidas desde que aqui vim a este mundo. Já influenciei milhares de pessoas." O pensamento pode disseminar-se pelo mundo, e encontrar aquele a quem era dirigido e ao qual se ajusta. "E nós havemos de ter o nosso escritório deste lado," disse-me Júlia, "e veremos o que poderá ser feito para levar as pessoas a ter conhecimento da realidade da vida para além da mudança chamada morte."

E é este despertar nesta alegria, na alegria deste amanhecer, o esquecimento do modo por que sucedeu, e o conhecimento daquilo que é, que é a gloriosa aurora daquela possibilidade que aguarda toda vida humana, e eu despenderei todas as oportunidades que tiver num esforço por despertar as pessoas para ele.

Não falem de morte; não digam que as pessoas estão mortas; não se curvem no pesar, não cerrem as portas nem digam: "Ai, ele foi-se!" Costumava por vezes pensar, ao conversar com as pessoas, nesse tema de elas não quererem que os seus amigos continuassem vivos. Por vezes é inconveniente; se lhes tiverem feito algo de mal, ou se um homem quiser voltar a casar, ele não saberá exatamente o que fazer com respeito ao espírito da outra (companheira). Mas não se preocupem, no espírito não há ciúme; a maior oportunidade de utilidade é sempre reconhecida aqui, e a grande força da afeição espiritual está no fato de se ser altruísta.

E agora aprendamos a trabalhar juntos; deem as mãos; sejam amistosos connosco; não nos coloquem de lado; não nos chamem 'mortos'; não digam que fomos apartados da raça. Encontramo-nos justamente nela, e tudo quanto podemos fazer por ajudar, e não estorvar, por auxiliar, e não arruinar, por os levar a ter conhecimento de uma vida desperta, quer passem daqui rodeados dos vossos amigos e cercados

de flores, ou no meio de uma tempestade (ou tempestades) ou de uma cheia ou de um incêndio, não passa de um instante, e logo são libertados na glória de uma vida recém-descoberta.

Agradeço-lhes. Agradeço aos amigos espirituais que me ajudaram por intermédio do seu instrumento eleito a fazer passar estas linhas mal alinhavadas. Se me for possível um dia destes ainda por aqui hei de aparecer. Eu sou William T. Stead. Aquilo que o meu nome vier a ser na terra celeste eu não sei, mas por tudo quanto a vida significou, eu não estou morto, mas vivo. “Nem o nascimento nem a morte podem mudar ou arruinar a alma no seu ministério das boas intenções.”

ENTRE OS LÍRIOS

A SRª TAPPAN EM INGLATERRA

MATERIALIZAÇÃO DE LÍRIOS - “OUINA”, A GUIA ÍNDIA DA SRª TAPPAN - O AMBIENTE DO APOSENTO

Sr. Burns - Prezado senhor: - “Foi-me permitido por parte dos guias da Sr.ª Tappan preparar para publicação no seu jornal, uma narrativa da materialização de “Lírios Brancos” que eu próprio e diversos amigos meus testemunhamos através da mediunidade dessa mesma senhora. Estou em débito com a Sr.ª Richmond (Sogra da médium, à altura) pela gentileza demonstrada pelo relato particular da primeira ocasião dessa maravilhosa manifestação. Parece, pois, que no 1º de Fevereiro deste ano, a Sr.ª Richmond se retirou para os seus aposentos deixando a Sr. Tappan sozinha a ler na sala de estar.

Após um curto espaço de tempo ao erguer a cabeça da almofada, ela percebeu que a Sr.ª Tappan avançava da sala de estar adjacente e entrava no seu quarto, e a primeira ideia que lhe passou pela cabeça foi a de se levantar para a ajudar a despir-se; mas, ao perceber que a Sr.ª Tappan se encontrava em profundo estado de transe, ela fez uma pausa, e ao olhar mais de perto ela observou um grande lírio branco pousado sobre a cabeça da Sr.ª Tappan, e viu que a sua fisionomia tinha assumido uma expressão extremamente angélica, enquanto ao mesmo tempo ela repetia com um acento solene certas passagens das Escrituras do capítulo que lhe tinham captado a atenção.

Toda a atmosfera do quarto, à luz da lamparina parecia carregada de uma auréola espiritual tão perfeita que a Sr.ª Richmond foi capaz de perceber uma névoa de luz esbranquiçada que se parecia com um véu transparente em frente do rosto e ao redor da cabeça da Sr.ª Tappan.

Uma manifestação similar teve lugar a 8 de Fevereiro, e igualmente na presença somente da Sr.ª Richmond. No dia 12 e 14 do mesmo mês, e de novo a 7 e 28 de Março deu-se uma manifestação similar, e em cada uma dessas duas ocasiões, as flores foram testemunhadas pela Sr.ª Richmond, pelo Sr. Webster Glyner e pelo Sr. Hinde, e no dia 14 pela Sr.ª Strawbride de novo, e em cada uma dessas ocasiões sucessivas as flores aumentaram em quantidade. O Sr. Glynes informou-me de que a 28 de Março ele viu distintamente três diferentes tipos de lírios, e assim descreveu a ocasião de tais manifestações:

"Ao regressarmos da palestra com a Sr.ª Tappan, e a Sr.ª Richmond, tínhamos cultivado o hábito de ficar juntos a conversar durante o resto da noite, altura em que Ouina, um dos guias da médium, geralmente assumia o controlo e se juntava às nossas discussões. Nas ocasiões especiais em que os lírios foram produzidos, "Ouina" foi sucedida por uma influência muito solene. A voz da médium assumiu um tom profundo e grave; uma atmosfera peculiar parecia circundar-nos, sentimo-nos reverentes e reinou uma imensa tranquilidade.

"A Sr.ª Tappan ergueu-se do assento e em passos lento e cadenciado entrou no seu quarto e fechou a porta. Após um intervalo de cerca de dez minutos, a porta abriu-se por completo par, e foi pedido que se baixasse a luz da lamparina, de modo que o aposento mergulhou na penumbra. Então, a médium entrou lentamente, pôs-se uns minutos à porta para mostrar os lírios que tinha na cabeça, e de seguida avançou para o seu lugar e proferiu a cada um de nós um discurso curto e solene, a seguir ao que regressou junto da porta e, após uma vez mais se nos apresentar ali imóvel, retirou-se para o interior. Volvidos cerca de dez minutos a Sr.ª Tappan costumava voltar de novo à sua condição normal, e expressar surpresa por ter dado por si sozinha sem luz.

"De cada vez dessas os lírios tornaram-se claramente distintos; eu conseguia distinguir as folhas e as pétalas. Foi-nos permitido acercar-nos à distância de cerca de um metro dela.

"Na primeira ocasião as flores pareceram simples lírios de água colocados sobre o cabelo, do lado esquerdo; da segunda vez as flores

eram em maior quantidade e pareciam consistir num lírio Eucharist na frente e lírios de água por trás. Da terceira vez vimos, ao lado dos lírios, uma flor em formato de estrela de cinco pontas brilhante que brilhava como de tom prateado.

"Na quarta ocasião, as flores quase formavam uma guirlanda completa, que começava do lado esquerdo e lhe circundava a cabeça por detrás até ao lado direito. Não se via estrela nenhuma, mas eu observei um lírio grande da Páscoa do lado direito."

19 de Abril de 1875

Webster Glynes

Na noite de Sábado, da quarta vez, eu fui um de entre um círculo de amigos que se posicionava imediatamente na frente da plataforma nos Cavendish Rooms. Pelo fato da Sr. Tappan estar alguns minutos atrasada para subir à plataforma, e ciente do estado de fraqueza em que ela estivera durante algumas semanas anteriores, dominou-me uma sensação de ansiedade, por imaginar que a doença pudesse ser a causa do atraso, ansiedade essa que, todavia foi um tanto aliviada quando chegou ao cimo das escadas que dava para o quarto para que geralmente se retirava durante um curto período antes das palestras. A aparência que mostrou nesse instante, nunca, creio bem, será esquecida por algum daqueles que estiveram presentes.

"A bela expressão espiritual do seu semblante, a dignidade da sua pose, e o impressionante sentimento que, antes de proferir uma só palavra que fosse, parecia conceder graça a cada movimento e misturar-se com a peculiar atmosfera de que se achava rodeada; tudo isso mais a beleza incomparável dos lírios materializados que ostentava na cabeça, apresentava-nos um tal quadro e causou tal impressão na minha mente, que jamais poderá ser apagado, e me leva a pensar que deverá ter impressionado quase todos quantos a viram de forma similar.

"O número de lírios dessa ocasião, se não estou errado, foram três. Apresentavam-se completamente abertos, e faziam-se acompanhar por um que se mostrava quase fechado pela raiz. Dessa vez, porém, exibiam a peculiaridade dos estames e das anteras brancas, em vez daqueles em tom dourado que geralmente distinguiam o branco de jardim ou lírio Madonna. Embora impressionado com a peculiaridade que ela apresentava, não tomei consciência, senão até ser informado após a

palestra pelo Sr. Hinde, que presidiu à ocasião, que eles se tinham materializado durante os poucos “minutos” em que ficamos à espera da palestra.

“O Sr. Hinde informou-me igualmente que, quando ele desceu as escadas a fim de conduzir a Sr.ª Tappan à plataforma, a atmosfera em que o quarto e toda a pessoa dela pareciam estar envoltos, produziram um tal efeito que ele quase desmaiou, e foi com dificuldade que a conduziu ao seu lugar. Embora não dotado de uma visão espiritual desenvolvida, pude perceber uma atmosfera transparente a rodear a Sr.ª Tappan a noite toda, e a determinado momento vi uma forma vaga de uma cabeça indistinta próximo ao ombro direito dela. Da parte da Sr.ª Strawbridge (a amiga em casa de quem a Sr.ª Tappan estava, de momento, hospedada) fiquei a saber que os lírios nessa ocasião peculiar se desmaterializaram gradualmente no caminho de regresso a casa no regresso da palestra, e que ela e a Sr.ª Richmond tinham sido as únicas pessoas que acompanharam a Sr.ª Tappan tanto aos Cavendish Rooms como de volta a casa.

“Mas, para mim a coisa mais magnífica de todas essas coisas maravilhosas, conforme estou certo de o ser para outros, está em que no estado de saúde de extraordinária fraqueza em que a Sr.ª Tappan se encontrava, ela ser capaz de proferir aqueles discursos e de incorporar, como eles incorporam, tais sentimentos exaltados, tal filosofia elevada, e mesmo tão nobres aspirações. Isso em si mesmo constitui a maravilha das maravilhas e um belo sinal de triunfo da nossa bela filosofia.

Porquanto ali constatávamos uma mulher de aparência fraca e frágil, ao subir à plataforma (ou, ser-me-á permitido dizer, ao seu trono de inspiração) como se um leve sopro de ar a soprasse de entre o nosso meio; onde, digo eu, a contemplávamos a derramar, como se da própria fonte dos céus, sentimentos e verdades que em pouco tempo abalarão as nossas igrejas até às próprias fundações e dispersarão os seus credos nocivos e erros aos quatro ventos.

“Mas, senhor, embora esteja ciente de estar a ocupar muito do seu tempo, tenho ainda uma outra belíssima manifestação de lírios e reportar, e como parecerá que cada uma das que referi é mais adorável do que a anterior, também de acordo com esta lei da harmonia agora atingimos a mais adorável de todas.

No caso da sexta-feira 16 juntei-me a um privilegiado círculo de amigos que se tinha reunido ao redor da Sr.ª Tappan em casa da Sr.ª Strawbridge, em Redcliff Gardens, West Prompton, onde nos foi permitido observar uma manifestação que ultrapassava em sublimidade espiritual tudo quanto tinha testemunhado e que, ao recordá-lo, me inunda de um indescritível sentimento de reverência. Tendo "Ouina," uma das guias da Sr.ª Tappan, assumindo o controlo e conversado connosco na sua maneira doce habitual durante um bocado, por fim desejou que o aposento fosse escurecido, mas não mais do que era habitual nessa altura do ano, baixando as persianas nas janelas.

"Junto à sala de estar da Sr.ª Strawbridge, que se encontra separada por cortinas cor de carmesim, fica um pequeno quarto de música, de que apendo um diagrama. Esse pequeno quarto de música foi mergulhado um tanto mais na escuridão do que a sala de estar, e para ele, após colcoarmos cada um dos presentes em frente das cortinas, a Sr.ª Tappan se retirou. Antes de o fazer, porém, esvaziou os bolsos e insistiu (ainda sob controlo) que todos os artigos das vestes fossem pormenorizadamente examinado, até mesmo os "mocassins," conforme "Ouina" chamava aos sapatos. A função de examinadora recaiu na pessoa da Sr.ª Tebb e da Sr.ª Dixon, e essas duas senhoras também procederam a uma completa vistoria do quarto e de tudo o que continha. A única porta de entrada de ambos os quartos encontrava-se fechada, e a Sr.ª Euphemia Dixon colocou a chave na bolsa dela. Após tais preliminares satisfatoriamente cumpridas, o espírito controlador observou que tais precauções não se faziam necessárias no que dizia respeito àqueles que se achavam presentes, no entanto, como um relato dessa manifestação poderia ser publicado, seria melhor que se procedesse a tais verificações.

"Após a Sr.ª Tappan ter passado para o pequeno quarto adjacente, foram dadas ordens para entoarmos o cântico "De Mão Dada Com Os Anjos," e creio que um outro pequeno hino no final do que, as cortinas se abriram lentamente, e através delas deveras a forma da Sr.ª Tappan se pôs diante de nós, conforme em verdade creio, só que, pelo vestido que ela envergava teríamos tido dificuldade em reconhecê-la. Os seus traços fisionómicos tinham assumido aquele olhar de inspiração celeste que só se pode imaginar tendo presente o quadro da Beatrice de Dante,* e a semelhança foi total pela guirlanda com que a cabeça dela vinha adornada, exceto que no presente caso, a guirlanda era composta de

lírios Madonna de um branco puro, em vez dos louros como no caso da Beatrice.

No entanto essa guirlanda de lírios tinha-se materializado em cerca de, devo dizer, no espaço de três a cinco minutos. Vinha formado na floração mais alva dos lírios virgens, alguns completamente abertos, outros em parte, somente, e aqueles que se apresentavam mais distendidos encontravam-se por trás da cabeça, e iam diminuindo em tamanho ao se cruzarem num ponto um pouco acima da testa. Creio que tenham sido doze no total.

**(NT: Dante & Beatrice, de Ary Scheffer, exposto no museu Getty de Los Angeles, Califórnia).*

"Enquanto sob essa influência, a Sr.ª Tappan proferiu um dos poemas mais espirituais e belos que eu alguma vez escutei ou li; as palavras pareciam jorrar-lhe dos lábios que nem gotas de orvalho prateadas da mais pura fonte dos céus. O tono, modo e expressão que evidenciou, até mesmo a atitude que assumiu nessa ocasião, junto com a requintada beleza dos lírios, são coisas que jamais se apagarão da memória daqueles que tiveram o privilégio de o observar. Devo aqui igualmente observar que a cintilação transparente, o alvor cintilante das flores me impressionou de uma forma violenta; eles pareciam como se tivessem sido trazidos nesse instante de algum canteiro encantador, e todos sabemos que lírios brancos naturais não se obtêm a qualquer preço nessa estação do ano.

"Nessa ocasião as anteras exibiam o pólen dourado brilhante que caracteriza o lírio Madonna e que na realidade parecia mover-se ante os nossos olhos. Eu devia ter mencionado que, nessa ocasião, assim que a Sr.ª Tappan estava prestes a entrar no quartinho de música "Ouina" observou que íamos testemunhar algo que jamais viríamos a ter oportunidade de testemunhar de novo e na verdade, nunca mais o testemunharemos até que alcancemos aquela terra onde os lírios jamais murcham.

"Após o término do poema as cortinas foram de novo cerradas, e em menos de dois minutos (de fato poderei dizer, em menos de um minuto) e enquanto todos permanecíamos em solene e silenciosa reverência, como quem diz, subjugados pelo que tínhamos visto, "Ouina" - que tinha retomado de novo o controlo - disse num tom de voz baixo: "Agora podem-se chegar a ela," a seguir ao que todos nos encaminhamos para

o quarto de música, para darmos com a Sr.ª Tappan - na sua condição normal - muito surpreendida por se ver reclinada num sofá num quarto parcialmente escurecido, em vez da bem iluminada e acolhedora sala de estar, em que estivera sentada quando inicialmente passara para o estado de transe.

"Durante toda esta manifestação maravilhosa, a atmosfera do quarto (a despeito do amplo fogo) esteve tão fria que alguns dos presentes se viram obrigados a envergar os agasalhos, enquanto a toda a volta da pessoa da médium se via uma aparência enevoada que ocasionalmente se tornava visível, e não tenho dúvida de que, tivesse o quarto sido mais escurecido e ela ter-se-ia revelado numa névoa transparente e alva.

"Deve deduzir-se desta história dos lírios que é intenção dos guias da Sr.ª Tappan fazer uso dela para manifestações físicas, por estas últimas serem extremamente úteis e desempenharem uma grande parte no trabalho do Espiritualismo, embora no caso da Sr.ª Tappan fosse com efeito um passo na direção errada e um passo que os seus guias nunca pensariam em adoptar. Essa manifestação só foi dada como um poder complementar do trabalho espiritual que a Sr.ª Tappan é chamada a desempenhar.

Abaixo, anexo os nomes daqueles que estiveram presentes nessas manifestações:

Sr.ª Richmond
Sr.ª Tubb
Sr.ª Strawbridge
Sr.ª Dixon
Miss E. Dixon
Miss Spreckley
Miss Crichton
Sr.ª Burke

A REPÚBLICA E OS PERIGOS QUE CORRE

REAIS E IMAGINÁRIOS

DISCURSO PROFERIDO POR CORA RICHMOND 12 JANEIRO DE 1862, AOS 22 ANOS DE IDADE

Nesta ocasião chamaremos a vossa atenção para o tema anunciado, dos perigos que rondam a República, imaginários e reais. Quais são eles? Antes de avançarmos diretamente para o nosso discurso porém, observemos, a título de introdução, que não é, nem nunca foi, nossa intenção restringir-nos exclusivamente às mudanças políticas das questões históricas tratadas; mas vamos divulgar as causas e influências mais profundas estabelecidas de certas coisas que parecem ter tido origem superficial, mas que na realidade possuem uma fonte mais distante.

Desse modo será necessários estender-nos a uma consideração da fraqueza e da insensatez, assim como da pureza e integridade, desta República, porventura além do que será geralmente aceitável. Mas vamos proferir a verdade, sempre, e, por mais intragável que possa ser para quantos preferem conformar-se com o erro, todavia uma vasta porção de uma audiência Americana não poderá deixar de a considerar com justiça; e podemos igualmente observar, que as críticas ou afeições diferem tanto da parte daqueles da inimizade, quando a gentil sonda do médico da adaga do assassino.

Quais serão, antes de mais, as principais fraquezas e perigos de todas as repúblicas? O termo República tem a sua origem no Latim - *respublica* - uma coisa pública, e aplica-se àquela forma de governo que parece tornar todas as coisas *públicas* ou então, tornar o bem do todo seu objeto, em vez do bem-estar de uns quantos, às custas do resto. Assim, foi aplicada aos sistemas iniciais de governo, fundada, conforme se supunha, nas mais altas conceções de justiça, e me prol do máximo bem da humanidade, tais como as Repúblicas da Grécia antiga e de Roma. A história de qualquer dela oferece muitos aspetos de forte interesse moral; porém, como a nossa introdução lida em exclusivo com generalidades, não nos podemos prolongar acerca do passado.

Basta que o problema mais difícil a ser resolvido na formação de um governo Republicano bem-sucedido, se centre em como evitar, por um lado, os perigos que surgem da existência de uma aristocracia endinheirada e, por outro, dos males e terrores de uma democracia ingovernável. Esses foram os dois rochedos em que as antigas Repúblicas se cindiram e é da nossa esfera de ação, nesta ocasião,

considerar os perigos da República Americana, e têm sido, desde a altura da sua implantação.

Não nos é necessário voltar a contar a história da causa da Revolução das treze colónias, atualmente os Estados Unidos da América, ou considerar a justiça dessa prolongada luta; porém necessário é referirmos certas coisas relacionadas com o estabelecimento inicial do vosso governo, que foi omitido pela maior parte dos políticos e estadistas; designadamente o fato de a sua aprovação não foi por forma nenhuma unânime. As pessoas das colónias não adotaram de jeito nenhum a Constituição com aquela anuência comum e harmonia que é suposta. Esse instrumento é popularmente considerado como a encarnação sagrada da vontade do povo - como a voz de toda a nação. É necessário superar esse equívoco, e mostrar que os vossos estadistas, por altura da Revolução, conquanto rivalizassem com um *monarca* arbitrário, não estavam de jeito nenhum a rivalizar contra a forma monárquica de governo, mas contra a opressão e tirania que resultaram do abuso dessa forma de governo.

Ao tempo da Declaração de Independência, e da consequente guerra, O povo Americano estava dividido em duas grandes classes: uma, os Puritanos da Nova Inglaterra, que tinham fugido do seu país em busca de liberdade de culto religioso; a outra, a classe dos Cavaleiros, originários dos reinos da França, Espanha, e Inglaterra, realistas e aristocratas em todas as suas ideias. Esses uniram-se todos para derrubar a opressão de um monarca, mas não estavam de jeito nenhum unidos na sua subsequente adoção de uma forma de governo. Quando o próprio Washington foi pressionado por alguns dos seus oficiais a aceitar a coroa das treze colónias, a única resposta que deu, após ponderada consideração, foi perguntar que ato da sua vida os tinha induzido a supor que ele a desejaria ou viria a aceitar. Isso foi tudo.

Após as pessoas terem decidido uma forma de governo republicana a Constituição dos Estados Unidos foi formada de acordo, mas a dissensão e a discussão a respeito durou vários anos, e podemos acrescentar que dificuldades mais violentas do que alguma vez foram experimentadas brotaram da recusa de algumas colónias de o aceitar, que provocaram diversas retiradas e emendas, demasiadas para voltar a contar; até por fim, as mentes líderes de cada estado, considerando ser melhor reprimir a agitação do que permitir um rutura direta e positiva, aceitarem a Constituição, como, resumidamente, um *compromisso*. Por a

ideia da soberania de estado existir então conforme existe agora; cada colónia desejava ser o estado principal na União, e com efeito alguns desejarem reservar todos os direitos para si próprios, e restringir a Constituição a uma meramente nominal, a ser violada a belo prazer.

Resultaram as mais violentas controvérsias e dificuldades em consequência do seu desejo de independência. Cada estada desejava ser a sede da Administração Pública. Cada Estado, considerando-se uma soberania separada, alegava o direito de assumir os títulos Federais, ou de se livrar deles à vontade. Nova Iorque, e até mesmo Nova Jérsia (agora popularmente descrita como quase fora da União) desejavam ser líderes, possuir o Capital, e até mesmo ditar termos aos demais Estados. Mas, por fim, uma Constituição que incorporava as regras pelas quais todos seriam governados, aceites, repetimos, como um compromisso.

Mas, dessa época podemos afirmar que entre os políticos de alguns dos estados, não houve nunca nem por um instante uma renúncia da ideia de soberania de estado; e o estabelecimento de uma república que haveria de abraçar treze poderes distintos, era questão tão difícil e delicada que exigiu todo o seu patriotismo, sentido de Estado e amor pela liberdade, para induzirem o povo de cada estado a aceitá-la, e a tornar-se súbditos de um governo superior ao seu. Isso foi feito e tornou-se lei nominal que cada estado seria subserviente à Constituição dos Estados Unidos.

Mas vocês compreendem que, com poderes separados tais, e diversidade de interesses, a República quase do seu começo carregou na sua estrutura as sementes da discórdia; e o próprio poder que era reservado a cada estado, na sua admissão, era aquele que desfecharia o golpe de morte à Administração Governamental. Todo estadista reconhecerá que esse deva ser o caso, especialmente em vista do vasto território que então existia, e desde que fora adquirido, na forma das terras públicas. Tivessem as colónias estendido apenas uma quantas centenas de milhas e o caso teria sido amplamente diferente; porém, com a variedade do clima, produções e interesses, até mesmo então percetíveis, e não é surpreendente que desde o começo das suas obrigações constitucionais do Governo Federal, existissem elementos de contenda constantemente ativos, e cada estado, no seu patriotismo, procurava destruir a nação; porquanto, com o aumento da riqueza e prosperidade de qualquer estado individual, sempre se verificava um

decréscimo do poder relativo nos outros estados; e quando, no curso dessa competição seccional os interesses do Norte foram formados claramente contra aqueles do Sul, então os estados mais interessados iriam ficar divididos uns contra os outros.

A República, nesse tempo, comportava três milhões de pessoas, incluindo Puritanos a Norte, Cavaleiros ao Sul, moderados entre ambos, e eram cheios, como agora, de mais à mistura. Isso agora aumentou até um total de trinta e dois milhões, e albergam representantes de quase todas as nações - refugiados de quase todas as nações civilizadas da terra. A população dos Estados Unidos no presente constitui cerca de um sexto do total de habitantes civilizados existentes no globo. Esse aumento na população e riqueza, e consequentemente no poder e recursos dos diversos estados soberanos virão a formar a base do argumento deste discurso.

Atualmente há vozes de todo o lado a pedir e a clamar: “Quais serão os perigos que agora ameaçam as instituições da América?” Escutamos, em resposta, existirem três grandes causas. Em primeiro lugar, a *Escravatura Africana*. Quer considerada do ponto de vista do Norte ou do Sul, isso parece ter sido o pesadelo com que, em especial os políticos procuraram deixar as pessoas assustadas. No Sul, por a instituição ser ameaçada no Norte; no Norte, por aí se proclamar à viva voz ser um mal. No Sul a insurreição é o grande perigo temido; no Norte, a imposição de limites ao alargamento da escravatura é irigido como um dever sagrado; e, por fim, o pesadelo cresceu até obter proporções tais, que chega a ser citado por gente inteligente como causa da rebelião Sulista.

Sim, há aqueles que se levantam e dizem que a existência da escravatura e as considerações que dela brotam, são suficientes para explicar os nossos problemas atuais. Eles são uma causa superficial, nós admitimos; porém, a verdadeira fonte jaz mais fundo. Um outro perigo que os políticos, e em especial as classes endinheiradas, consideram iminente, é o da guerra com a Grã-Bretanha. Fomos, certa vez, intimados, desde que adquirimos a independências, a uma disputa com esse poder. A questão abrandou; porém, desde as primeiras recordações que temos, o apelo foi feito de tempos a tempos de uma guerra com a Inglaterra! Contudo, as apreensões então animadas carregavam a mesma relação com a realidade, a sua gravidade específica, que aquela da terra que trilhamos.

Estes são os pretensos perigos que ameaçam a República; e dizem-nos doutos e sensatos estadistas de ambos os lados que, se a escravatura nunca tivesse existido, ou nunca se tivesse mexido com ela, não haveria qualquer rebelião; e que se não fora isso não haveria qualquer embarque agora na Inglaterra de tropas destinadas ao Canadá, qualquer Expedição Tripla ao México (NT: ou Segunda Intervenção Militar da França no México, invasão que teve início em 1861 e que inicialmente fora apoiada pelas forças militares do Reino Unido e da Espanha). Todos os perigos, seja externos seja domésticos, que agora ameaçam a nação, são assim atribuídos em exclusivo à questão da escravatura.

Conquanto admitamos a plausibilidade desse argumento, como sua causa imediata, não permitimos de forma alguma que vá à raiz do problema. Esses perigos, que constantemente lhes são apresentados à imaginação, não são aqueles que mais devem recear; mas mesmo agora aqueles dos vossos conterrâneos que estão suficientemente familiarizados com os temas, negarão de imediato que exista qualquer perigo, com um sentido apropriado de estado e de patriotismo, quer em relação à presente rebelião, quer em relação aos poderes estrangeiros, que se compare com outras e mais importantes fontes de danos que residem na base da presente dificuldade.

As dificuldades reais com que a nação sempre teve que disputar são as seguintes: Conforme afirmamos, ao estabelecer a Constituição houve a ausência da conceção de que a Centralização era essencial a qualquer governo - que o poder da administração precisaria estar incorporado nalguma forma tangível. Mas disso a Constituição está desprovida. Ao povo, através do seu Congresso ambíguo, é permitido criar ou suspender leis de forma a fazer frente a todo ipo de emergência; porém, o Executivo está inteiramente impedido de exercer a autoridade. Esse defeito, é verdade, é inerente a uma forma de Governo Democrática, que, embora sublime e enobrecedora na sua conceção ideal, ainda detém em si as sementes da discórdia. Por causa disso caíram as repúblicas do mundo antigo.

Também chamamos a atenção para o fato que, o aumento populacional neste país deu origem a um dos principais perigos, não tanto devido aos números como ao carácter. Porquanto, conforme antes afirmamos, uma república tem uma só garantia da própria segurança, que é, a integridade, fidelidade, e elevada cultura moral do povo; não pode, da sua própria natureza, depender para a sua subsistência do exercício

arbitrário da força. Precisa desenvolver um poder moral no seu povo, que torne cada cidadão um estadista patriota, dotado de inteligência e compreensão de que cada um dos seus atos públicos seja feito com vista no bem de toda a nação. Tal era a teoria da República Grega e a sua prática sucessiva até a corrupção se instalar.

O excesso de imigração para este país provou ser uma fonte prolífica de mal, por ter criado uma população flutuante, da qual cerca de um terço, por falta de um objetivo fixo, está preparada, a todo instante, para embarcar em qualquer novo empreendimento que tenha início, e embora possa ser levada a recordar, como compensação, da ampla difusão da educação, ainda assim precisa ser lembrada que o professor nem sempre esteve no exterior; que o vosso sistema livre de educação não surgiu da noite para o dia, e de que a inteligência universal apenas em período recente se tornou característica do vosso povo.

Qual será a classe do povo que imigra para este país? São, em grande parte, o campesinato da Grã-Bretanha e Alemanha, na verdade de toda a nação civilizada, ignorante, escravizada pela opressão e embrutecida pelo prolongado cativeiro do trabalho físico. Essas multidões heterogéneas despejadas nas vossas margens fazem intenção de gozar da liberdade, sem possuir uma conceção esclarecida do que a liberdade seja. Nos primeiros tempos da República será recordado que tais imigrantes pobres eram absolutamente trazidos e vendidos por um termo de anos, a fim de custear as custas da sua passagem para cá, tal como se poderá ler na história da Pensilvânia, onde ocorreu mesmo sob os auspícios de William Pen.

Eles chegaram em condições tais de pobreza e de ignorância que desconheciam por completo o carácter da nação e das suas instituições. Com isso aumentamos a taxa populacional de três milhões para trinta e dois milhões, dos quais porventura dois terços, quando muito, estarão suficientemente esclarecidos para compreender em qualquer grau que seja os princípios em que o nosso governo foi fundado. Temos pois, aparte as dificuldades locais, uma massa de gente pronta para qualquer emergência - para qualquer aventura excitante, o que quer que seja por que possam esperar melhorar a sua condição. Para explicar este estado de coisas precisamos referir-nos a uns quantos fatos, e pedir-lhes que nos acompanhem com toda a atenção.

Na história da agricultura, é amplamente sabido que o fazendeiro trabalho tarde e cedo de modo a levar a que ambos os contrastes do ano

se compensem mutuamente, e talvez se deite num dia de chuva. Os filhos têm uma perspetiva idêntica diante deles, e a agricultura neste país não se elevou à posição que os seus méritos e importância exigem. O resultado é que o fazendeiro e os seus filhos estão prontos para embarcar em qualquer iniciativa, seja a guerra, a Califórnia ou os Picos de Pikes *(NT: Escalada de inverno da cordilheira mais elevada da América do Norte, situada nas Montanhas Rochosas, atividade que já data de 1820)* e parecem ter perdido por completo, caso alguma vez tenham tido, uma ideia correta e justa avaliação da sua ocupação legítima.

Na Nova Inglaterra, uma região puramente dedicada à fabricação, o habitante médio tem somente um propósito, uma expectativa em vista, caso ele entre na vida mecânica; pode permanecer na condição de trabalhador assalariado, ou pode alcançar uma profusão de deveres e ser encarregado do controlo dos outros; em qualquer dos casos, porém, ainda não passará de um mecânico, entendido como tal, sem meios de satisfazer os anseios da ambição que o seu limitado conhecimento da literatura nele despertam.

A classe comercial, em grande medida, vê-se impedida de toda participação nos maiores prazeres da vida, pelo fato de que aquele que não possui capital, não tem hipótese de sucesso, destituído como ele é, me todos os aspetos, pelos mais velhos e mais experientes. Assim, na Nova Inglaterra, um iniciante possui apenas dois cursos diante de si, a partir da rotina comum; a vida obscura de um agricultor no Oeste extremo, ou as hipóteses de fortuna, em terra ou no mar, se ele permanecer próximo de casa.

Nos Estados Centrais pode-se encontrar uma mistura de populações e interesses, de toda a classe e género - Puritanos e Cavaleiros, junto com toda a sorte de imigrantes; existe uma multiplicidade de profissões e de ocupações, não permanentes em si mesmas, e que não formam qualquer base substancial de prosperidade de uma nação. Dadas tais condições, que é que se segue? Essa população flutuante, professores, profissionais, estudantes e trabalhadores, de todo o tipo, constitui o elemento agitado da busca da fortuna nestes Estados Unidos.

Quando rebentou a nossa guerra com o México, e sessenta mil voluntários foram convocados, seiscentos e cinquenta mil recrutas ofereceram-se para se alistar; de forma que, em muitos casos, era absolutamente obrigatório lançar a sorte para decidirem quem seria

aceite. Desde então, gerou-se o entusiasmo da Califórnia, que levou até ao Pacífico num tumulto literal de cem mil a duzentos mil aventureiros, todos quantos, salvo raras exceções, voltaram pior do que tinham partido. Portanto, achamos que o atual estado político da nação não teve origem na questão da Escravatura, nem nas apreensões de uma guerra com a Inglaterra, nem tampouco nas dificuldades de repressão da Rebelião, mas na própria constituição da sociedade.

Quando a República se fundou, toda a extensão dos seus recursos agrícolas e comerciais era desconhecida e nem era sonhado. Muitos dos estados agora ricos e florescentes, eram então meros territórios distinguidos somente por linhas imaginárias de divisão, das regiões estrangeiras adjacentes. O estado de Nova Iorque agora gasta uma receita igual àquela de todas as treze colónias originais. Qual consequências terá essa rápida expansão?

Cada estado deseja que os seus interesses particulares venham a governar a ação do todo. Enviam os seus representantes ao Capitólio Nacional, não para promover uma guerra generalizada, mas a sua própria, e a sua conduta corresponde inteiramente a esse objetivo. Com efeito as pessoas não escolheriam outro que não aquele que encareçam os seus interesses estaduais, e este, Sul assim como Norte, é o impulso secreto que impeliu cada eleição, desde que Washington tomou a administração.

Que poderemos esperar quando o patriotismo e o sentido de estado são necessariamente confinados a tais limites? A legislação foi conduzida com espírito tacanho; a animosidade cresceu entre os estados e as secções. No Norte, passaram leis por exigência do povo, completamente em desacordo com os interesses do Sul e, por fim, tornou-se absolutamente necessária uma divisão, não só na questão da Escravatura, como de todas as questões ligadas aos interesses agrícolas e comerciais.

Não é necessário referir as Atas do Congresso dos setenta anos anteriores, para provar que o curso que mantêm em relação aos interesses domésticos e estrangeiros produziu interferência de uma natureza pública impossível; mas esse aumento de poder nos estados separados - esse crescimento da soberania do estado que foi plantado no seio da Revolução, amadureceu na rebelião; e, se não tivesse resultado nessa forma de mal, teria aperfeiçoou-se noutra.

Na Carolina do Sul, em especial a heresia da Secessão tem sido sempre alimentada por políticos hábeis; os estados irmãos, menos ousados nas suas expressões, aderiram à doutrina, e os vossos próprios estados tê-la-iam adoptado, caso não tivessem pregado que fazer uso da agitação em torno da questão da escravatura como meio de exclusão da secção contrária do poder, um Norte unido apresentaria uma força controladora mais positiva, e pela sua superioridade no fabrico, receita, força comercial e marítima, deixar o Sul de fora de forma mais efetiva do que separando-se dele.

Nenhum estado do Norte é suficientemente independente para dar este último passo, e por isso nenhum estado achou vantajoso fazê-lo; por a legislação desta secção estar em conformidade com as perspetivas de todo o seu povo. Mas as perspetivas da parte da Nova Inglaterra e dos Estados do Meio não conseguiram de forma nenhuma colher uma resposta nos Estados a Oeste; daí que certamente viremos a ficar divididos em mais do que dois governos distintos caso a presente rebelião for bem-sucedida.

O que, por conseguinte, temos a recear é, incapacidade do Executivo manter a lei, e a falta de eficácia constitucional no poder que estabelece as leis, de afastar essa incapacidade. Por exemplo, desde o início da presente Rebelião, quando o presidente Buchanan foi chamado pelo Comandante-em-Chefe para, por meio de meios e da autoridade esmagar a conspiração, ele respondeu, com verdadeiro sentido de estado, senão com sentido de verdadeira justiça, não dispor do poder - que o exército à sua disposição consistia de uma milícia de três milhões originária do Maine até à Califórnia; que, sem a ajuda do Congresso, ele não poderia convocar um só voluntário que fosse - e que o poder naval da nação se achava disperso por toda a parte, pelo que se tornara completamente ineficaz.

O julgamento de estadista que fez estava correto, contudo, era terrível que o país devesse ser sacrificado a tais escrúpulos. Essa carência de capacidade Executiva da parte dos Estados Unidos causou, e causa ainda hoje, quase todos os vossos problemas. Tivesse a nossa força militar sido suficiente para reprimir a Carolina do Sul no início, e o resto do Sul teria sido restringido de a seguir; porém, era incompatível com a Constituição apelar à milícia, e a nossa política impediu a manutenção de um exército suficientemente permanente.

Mas, que é que testemunhamos hoje? No espaço de menos que um ano, quase um milhão de voluntários, Norte e Sul, foi recrutada por três anos ou até ao fim da guerra, são organizados, exercitados, vestidos, alimentados e pagos, para a supressão de uma rebelião cujo fim é impreciso, conforme é reconhecido até mesmo pelos vossos mais sensatos patriotas. As despesas que têm alcançam um tal nível que o vosso povo já sente. Mas, o que não foi reparado foi que, desses setecentos mil voluntários, cem mil, ou mais, são oficiais, que recebem de sessenta a quinhentos dólares por mês, de acordo com o posto, dos quais porventura nem um só, de posto nenhum, alguma vez ganharam, ou viram, tanto dinheiro na sua vida antes, fruto de uma ocupação qualquer honesta.

São levados a envergar ótimos uniformes, são elevados a postos para os quais não têm qualificação, e pagos simplesmente para ficar a olhar e não fazer nada. Quanto aos soldados, haverá porventura uns cem mil que são tirados da população flutuante de que falamos e que estão prontos para a guerra em defesa quase de qualquer causa. Que indivíduos desses constituam a massa de um exército é inevitável - e a sua educação e inteligência só contribui para o perigo da sua posição. Quando a guerra terminar, conforme terminar em breve deverá, de uma forma ou de outra, que haverá o governo de fazer com esses voluntários, com esses oficiais, tão bem pagos por lhes manter as posições se títulos, que os seus homens estarão prontos a seguir em qualquer expedição que lhes prometa glória?

Ora, até mesmo o nosso exército que debandou do México não ficou convencido, mas os seus membros trouxeram ao governo alguns problemas ao obstruírem expedições; e quem poderá dizer se esses seiscentos mil não poderão trazer mais? O recente desembarque em Vera Cruz aponta um problema qualquer ligado a este assunto, assim como o recente manifesto relativo ao fortalecimento das nossas fronteiras e à sugestão de diversos jornalistas acerca da anexação de Cuba.

Fiquem certos de que a nação tem mais a recear da debanda dos seus voluntários do que dos poderes estrangeiros, da interferência das leis internacionais ou até mesmo da Rebelião. Porque esses homens que puseram em risco “vidas e fortunas,” e comprometeram a sua “honra sagrada,” pela causa da nação, não se contentarão em pôr de lado os seus ótimos equipamentos, os seus empregos nominais e lucrativos, e

retornar à lida mal paga do escritório de contabilidade ou oficina. Eles alistar-se-ão de novo, e seguirão os líderes favoritos para qualquer aventura que lhes traga uma perspetiva de proveito e renome.

A Americana é a mais militar de todas as nações, e a mais forçosamente impelida pelo amor da fama e do entusiasmo; mas, conquanto tenha contido toda organização marcial, todo garoto de escola entre vós terá ansiado pela glória no campo de batalha - terá aprendido que pode, por tal via, alcançar as honras de Governador, Membro do Congresso, ou mesmo Presidente. Ele está habituado a pensar que em caso de guerra com uma nação estrangeira, possa aspirar à posição de maior orgulho; e está pronto para desfazer em pedaços quaisquer laços para poder defender a nação e satisfazer a própria ambição.

Quando esta guerra terminar, seja porque fim for que venha a um termo, fiquem certos de que esse milhão de homens armados, do Norte e do Sul, exigirá algo do Governo sob a forma de compensação pelos sacrifícios que fizeram e pela negligência dos seus deveres e interesses, e terem deixado o lar. Os soldados do Norte dirão que com toda a certeza os dezanove milhões que defenderam, não terão dificuldade em encontrar-lhes uma provisão suficiente para o resto das suas vidas. Isso cumprido, os pensionistas quererão algo para fazer, e caso nenhuma saída legítima for providenciada para as suas energias, eles haverão de a encontrar por si só, e o Governo ver-se-á rodeado de dificuldades com que agora nem sonha. Maiores divisões se darão e talvez venhamos a ser levados a contactar forças de nações com que nem estamos em relações de paz.

Foi observado, e com justiça, que uma milícia enfurecida, sem nada que fazer, e destituída de um poder arbitrário que a controle, é, entre todas as coisas, a maior a recear. Napoleão compreende isso; e enquanto a sua força militar é inigualável, ainda o seu supremo controlo depende dele, e à cabeça de um exército criado na base do recrutamento e dispensado a intervalos, ele detém as rédeas com punho de fero. Numa República não existe salvaguarda - de uma democracia não se pode esperar uma proteção dessas; e 600 000 voluntários podiam, num momento sem aviso apresentar um desafio para as vozes e votos da sua nação, caso goze de líderes hábeis e ambiciosos; e poderemos nós dizer que não há líderes desses, e que não existe um número suficiente de homens sem escrúpulos, que se alistaram pela glória, sem consideração pela União, e

que se organizariam contra o Governo se por via disso atingirem os fins egoístas que almejam?

Indicaremos o comando de São Jacinto a título de exemplo da ambição que tanta vez tem sido a perdição das nações mais civilizadas, e tanta vez tem assumido o nome de sacrifício próprio? Existirá verdadeira devoção patriota no ato que de forma tão arbitrária e desatenta põem em perigo as relações amigáveis entre duas grandes nações? Além disso existirá um patriota entre vós, ou à cabeça dos vossos exércitos que, em circunstâncias similares não aprovasse e imitasse o seu exemplo? Esta é uma questão séria, e é com toda a sinceridade e fervor que vo-la colocamos.

Esta nação tem, pois, que recear duas coisas - a insuficiência da administração da falta de concentração nas forças de governo, e o Grande Exército da União, assim que tiver passado à disponibilidade. Ante estas todas as demais questões desaparecem. A escravatura, que, afinal, só afeta diretamente quatro milhões de negros, que não têm qualquer relação com a política, cai na insignificância em comparação com esses dois enormes perigos. Cabe a todo verdadeiro estadista, amantes da sua nação e cidadãos inteligentes, quer o seu poder individual seja limitado ou expressivo, considerar bem estas questões, e direta ou indiretamente contribuir para evitar esses dois grandes perigos ameaçadores, não vão eles não venham sobre vós com uma força esmagadora.

E de fato, uma já está bem perto de acontecer, enquanto a outra os encara de frente; a primeira, na forma da real desunião (quer estejam preparados para a aceitar ou não) a outra na forma de uma avalanche de forças militares que dentro de poucos meses recairá sobre vós. A União é destruída, para nunca mais ser restaurada na sua base anterior, mas por dois expedientes; um, a conquista militar; o outro, uma revisão da Constituição e das leis, após essa conquista ter sido alcançada. Deixamos que vocês avaliem a probabilidade desse problema.

Percebem que esta nação está a repetir a história da antiga Roma - está a desempenhar uma vez mais, com as presentes condições e ambiente, o drama da sua ascensão e declínio.

Embora o que dissemos possa não ser aceitável, é, não obstante, verdade, e nenhum inimigo estrangeiro ou doméstico é tão formidável quanto esses perigos que indicamos. Se não se protegerem contra eles,

a guerra com o estrangeiro resultará da nossa interferência com os aliados pacíficos. Atualmente, o Governo é forte, o povo permanece firme e em grande medida inteligente; e a vossa salvaguarda não está na Administração - não está na Constituição, conforme agora está - não na União, fragmentada e perdida - não está no exército; mas nas mentes e propósitos das pessoas que, pelos esforços mais prudentes que exercerem e mais fortes decisões deve procurar derrotar esses males.

Tragam a público os vossos estadistas mais argutos da vida privada - coloquem nos salões da legislação os vossos mais patriotas - tais como aqueles que, nos tempos Revolucionários, buscaram, pelo compromisso, estabelecer a nação contra os seus inimigos estrangeiros, em vez de cumprir com os deveres do partido. Mas, se não existirem mais desses entre vós; caso não hajam mentes nesta geração competentes para lidar com a questão do momento, então esta nação deverá partilhar o destino das predecessoras, e ou desmoronar na anarquia generalizada, ou ver-se dividida entre uma quantidade de estados rivais, e permanecer presa de uma guerra intestinal. Deus os livre de um destino desses; mas não conseguimos ver outro resultado das causas que estão ativamente em operação.

Contudo, deixámo-los nas mãos daquele Poder que, através dos males sem conta, guia as nações e os indivíduos, e os resgata da destruição certa. Não pode existir nenhum outro refúgio para esta nação senão esse Poder que, vendo o fim desde o começo, e agindo com justiça para com todos, poderá por acaso ainda salvá-la para propósitos maiores.

O PODER DA ORAÇÃO

Um discurso proferido por Cora Richmond

Conquanto dando a entender estar sob o controlo do espírito de George Whitefield, proferiu uma palestra subordinada ao tema “O Poder da Oração” e à razão porque Deus nem sempre atende à oração, na First Society of Spiritualists, na noite passada Ela disse o seguinte:

“A oração do justo serve de muito.”
A oração constitui o desejo sincero do coração,
Não enunciado nem expresso;
O movimento do fogo oculto
Que tremula no coração.”

Como a religião constitui a atmosfera existente entre Deus e o homem, cuja inspiração constitui a voz que Deus dirige ao homem, também a oração é a única voz que o homem dirige a Deus, a única expressão que o espírito tem para com o Infinito; e nos momentos em que não existe voz dentro da alma que clame pelo Infinito a Deus, nesses momentos a alma encontra-se numa condição de trevas espirituais.

Não quero dizer a forma de oração, por haver semelhança de discurso humano enunciado na forma de reza e de oração a Deus que não passa do som da voz humana que a enuncia; e por haver enunciados que não levam a designação de oração, e que brotam das profundezas do divino e que levam as harpas dos anjos a estremecer e as suas feições a resplandecer de luz.

Ah! O sentido dessas vozes da alma! Quem as não terá sentido quando, sem qualquer forma de credo humano, o espírito terá parecido inteiramente a sós com o infinito; quando, em cumes de montes ou vales verdejantes, as correntes da vida se voltaram complacentes para o espírito, e Deus terá assomado aí na presença de atmosfera de verão ou das neves Alpinas? Quem não o terá sentido ao contemplar o espaço imensurável acima, repleto de estrelas, salpicado de constelações, e tudo favorável à mesma força invisível embora palpável, que as mantém nas suas órbitas e faz delas as maravilhas dos céus?

Quem o não terá sentido quando, em algum devaneio ou voo da imaginação, as asas do espírito se terão emplumado além do pensamento e do cérebro externo até aos próprios confins da eternidade, e aí, fazendo uma pausa de um instante, se terá esperado até o fervor divino acender a chama, e o espírito ter sido liberto? Quem o não terá sentido na suprema hora do sofrimento, quando o grande mundo humano foi cerrado pelo véu, pelo veto do infortúnio humano; quando nenhum amigo provado ou verdadeiro companheiro ousou penetrar no abismo insuperável da dor; quando a morte terá aberto o abismo escancarado quer da aniquilação quer da vida eterna, e a alma se queda a observar os amados, e a interrogar-se para onde eles terão ido. E é tudo menos humano aquele que não tenha orado num momento desses: “Ah, Deus, onde está o meu amado?”

Quem não o terá sentido na hora de amor supremo e felicidade em que a eternidade pareceu abrir-se-lhe ante a visão, e todas as beatitudes acorreram em catadupa sobre a mente? Inspirado por aquela paixão da existência, o coração paga o seu tributo ao Infinito e, embora tenha sido

sempre egoísta e o continue a ser para sempre, na hora do perfeito amor produz-se a oração perfeita. Quem o não terá sentido na sua forma mais insignificante, no momento do supremo temor, quando o destino parece avolumar-se sobre o espírito e o grande golfo da morte ante a visão se afeiçoa terrível, e então no grito da agonia de terror, a alma se volta em meio à tristeza para o Ser Divino em busca de socorro e auxílio, receosa ante a morte, impotente para viver, e piedosamente a suplicar por uma ajuda?

Não há oração em meio ao temor. Constitui a paixão mais básica da mente humana, e aquele que nessa hora espera conseguir acesso ao divino terá fracassado na avaliação da estatura da profundidade da sua própria cegueira. O medo é servitude, e o homem não é um escravo na presença do amor infinito. É pai e filho, e somente o amor é mensageiro entre esses dois. Quem quer que governe esse filho na terra pelo terror não é pai, e o infinito não é tão tirano que o homem não se possa voltar para Ele do lado obscuro do seu ser, à espera que a voz do temor alcance o amor infinito.

A oração é a suprema paixão da veneração; é, ainda que na forma de gratidão, a oferenda espontânea da alma em bênçãos sem as quais o homem provaria não ser imortal nem espiritual. É a atitude do espírito em grato reconhecimento não exigido por Deus, mas recebido por ser dádiva; o incenso da flor, a voz da alma que, tal como o alento e a vida, a corrente do ser que flui para todo o sempre, não pode ser suprimida. Ainda que pela gratidão, recorda todas as bênçãos, tem consciência delas, e uma oração dessas é oração consciente.

Com isto não estou a querer dizer que a divindade o requeira tal como o sol não requer o incenso da flor; porém, ao longo das noites longas e tenebrosas da experiência humana e ao longo do sofrimento que aqui rodeia o coração humano, e da noite do erro intelectual, quão esplendorosa não é essa floração imortal que brota pela primeira vez no espírito através do grato incenso da fragrância, na imagem da consagração -- como numa criança que recebe todas as bênçãos dos pais, que lhas precisam dar continuamente quer a criança se sinta grata ou não, para mais tarde se voltar com olhos lacrimosos, sorridente, com o coração a latejar e um amor grato, e dizer: “Ah, meu pai, minha mãe! Eu amo-os e abençoo-os por essas bênçãos.” Por mais bela que seja essa oferenda, ela não se compara ao amor que inunda o coração quando se acha repleto de gratidão consciente a Deus tal como o

parente terreno não se compara ao infinito. Ambos são abordados pelo amor; ambos estão relacionados com a sublime atmosfera do amor; contudo, um é infinito enquanto o outro não o é.

A oração de reconhecimento, pois, constitui uma voz contínua de louvor, entoada no espírito sem o acompanhamento (ou com acompanhamento) da palavra externa, mas que inunda a vida de tal modo que os seus movimentos alteram o intelecto, comovem a alma, inundam-na de êxtase, e levam as feições a resplandecer como as dos profetas inspirados da antiguidade, ou como as imagens vistas nas visões de anjos e santos no paraíso. A oração que solicita bênçãos - e aqui o materialista, o trocista, mergulhados na dúvida, dirão conforme terão dito um milhar de vezes antes: “Porque orar ao Deus infinito, omnipotente e todo-poderoso que conhece toda a necessidade, e por aquilo que Ele já deve saber que requeremos?”

A oração é a voz do homem para com Deus, o reconhecimento da presença de Deus dentro do espírito; é ato consciente, voluntário e perfeito de comunhão do finito com o infinito - não necessário da parte deste último, requerido da parte do anterior. Barrem as vias à vida, para que o germe não brote em direção à luz, e embora o sol possa brilhar por dez mil anos, não existirá verdura à face da terra. A semente precisa rebentar, a flor precisa desabrochar, a árvore necessita fazer brotar as suas folhas, brotos e flores, para que a frutificação possa suceder. O homem precisa pedir bênçãos do espírito, ou não haverá desenvolvimento espiritual. É o brotar voluntário das gavinhas da vida. É a corrente da vida a correr para a fonte da vitalidade, e a pedir voluntariamente por forças adicionais. Suprimam igualmente a fonte que busca a expressão, ou a vida que corre nas veias da árvore, como suprimem o pedido de bênçãos.

O desejo sincero da alma - realço o termo ‘alma’ para lhes provar que aqueles que melhor compreendem o significado da oração não oram com os seus corpos unicamente, nem tão só com os seus intelectos, mas oram com a alma, pelas suas bênçãos e requisitos. Assim pois, ao ser a voz da alma, a oração só pode emanar da alma; e aquilo que emana de toda e qualquer porção mais baixa da natureza humana não é oração. A paixão, o orgulho, o ódio, a vingança, o medo, isso não mais pode entrar na composição da oração tal como não se pode dizer que as trevas façam parte da luz, ou que a discórdia seja harmonia.

Quando se ora pelo triunfo sobre os inimigos; quando buscam a vingança; quando desejam bênçãos humanas ou externas; quando pedem aquilo que reforce o orgulho; quando se deseja envolver-se em adornos externos enquanto se busca oprimir os demais -- o rei que ora pelo seu reino; o guerreiro que ora pela vitória, o imperador que pede sucesso para o seu reino -- isso não pode encontrar resposta, dado que a oração não brota da alma, mas da mente externa, e se exibe no tecido das próprias falsidades que afundam em vez de elevarem, e, à semelhança daqueles densos vapores que por vez rodeiam a terra, obscurece a mente com as trevas da paixão humana e o desejo humano. A cupidez da ignorância do género humano levaram-no a substituir o espírito da oração pelas oferendas vocais e pelos tributos externos, os ritos sacrificiais e as cerimónias externas; e tão materiais essas orações se tornam com frequência que não deixam de obscurecer a mente com as trevas que, qual eclipse, se interpõe entre vós e a luz suprema do Ser Infinito. Ai, mas a própria oração que percebe as exigências do espírito, ou, melhor ainda, que se volta para o céu e pede que Deus possa conceder a cada dia e hora aquilo de que a mente necessita - essa é a oração que trás a bênção.

Perguntam-nos se alguma lei do universo poderá ser alterada. Poderá algum propósito do infinito ser alterado com a oração? Não existe lei do universo material, respondo eu, que não se subordine ao universo espiritual; e a preencher os interstícios da ciência e da filosofia humana existe um mais profundo e complexo plano que a oração pode alcançar.

Sim, a oração pode alterar as chamadas leis da natureza ao conduzir à atividade os poderes do espírito, e, onde necessário, alterar sabiamente e com justiça a aparente tendência da matéria grosseira e a lei material a fim de ajudar o propósito do espírito, tal como as morosas veias humanas podem ser levadas a responder ao sopro vitalizante do amor, ou medo, ou ambição ou pensamento dentro do espírito do homem; tal como a conta pode levar a perder a cor e o terror súbito obnubilar a visão; ou, a forma humana se pode transfigurar no divino, iluminada pela luz do amor; tal como fora de nós próprios podemos ser carregados pela omnipotente paixão da ingratidão, e, decidida por um tema divino a natureza egoísta ser esquecida e o anjo em nós ganhar vida e despertar.

A oração pode pôr em exercício os poderes do domínio espiritual, e levar os anjos a cantar no vosso seio, enquanto os enfadonhos coros humanos permanecem silenciosos; podem levar as vozes a louvar onde

maldições enchem as bocas dos homens e, onde a ciência humana fracassa, levar os laboratórios dos céus e operar as maravilhas da presença de Deus nelas. Duvidam disso? Nesse caso as crónicas do poderoso passado não passam de fábulas. Duvidam disso? Nesse caso a palavra inspirada do profeta, poeta e filósofo de nada valem. Duvidam? Então o testemunho de milhares de testemunhas vivas na terra e de milhões no mundo da alma de nada valerão. Duvidam?

Então os registos da oração que de vez em quando surgem furtivamente na letárgica corrente da vossa literatura diária e lhes abrilhantam a corrente materialista da causa e efeito com o brilho dos céus, deve ser uma falsidade, e o cérebro humano numa era realista deve ser apreciador do romance e do fascínio ao publicar mentiras; ou a humanidade, até mesmo nesta era, está a tornar-se mais sensata espiritualmente, e volta-se das cinzas e do pó e da esterilidade do materialismo e da sua cega lei da aniquilação, para o poder do espírito, dizendo que sem ele o mecanismo do universo de nada vale.

As respostas à oração são comuns, são generalizadas tal como a oração o é; mas o poder da oração só é testado na sua eficácia, não pela escassez e pobreza de respostas mas pela pobreza do louvor, ação de graças e petição humanas.

O elemento da fé, rebaixado pelos filósofos, declaradamente desprezado pela razão humana, e sujeito ao teste crucial da investigação humana, é, não obstante, não só a única atmosfera em que a oração pode prosperar e receber uma resposta adequada, como é a única atmosfera que a mente humana pode respirar. Sem fé uns nos outros vocês não poderiam estar aqui; todo homem seria uma ameaça e um salteador, e não existiria civilização.

Sem fé uns nos outros, as atividades mais ordinárias da vida deixariam de existir, a sociedade padeceria de falta de vitalidade, a família humana seria uma impossibilidade, as relações sociais seriam obliteradas e o homem seria pior do que o bruto que ele condena e despreza como detentor unicamente de instinto ou vida animal. A fé é a substância da confiança espiritual que o homem tem no seu semelhante, o único elemento com base no qual o tecido social é construído; é o reconhecimento mútuo das qualidades inatas da humanidade que leva a vida social, moral e espiritual a desenvolver-se no vosso seio na forma do que é conhecido como civilização humana.

Sem fé, irmão e irmã seriam inimigos mortais. Sem fé toda a relação humana seria impossível, e somente as necessidades da vida animal no homem seriam consideradas conforme são na criação bruta. A fé no homem, a despeito dos erros, da injustiça, dos enganos, e da falsidade do homem, é milagre de tal modo maravilhoso que, levados a confrontá-lo cara a cara, quem poderá recusar a fé no Bem Infinito que não é nem enganador nem ambicioso nem egoísta, nem vaidoso, nem se mostra repleto de paixão?

Eu digo que a fé no homem é aquele milagre da vida humana que é tal que possibilita todas as outras formas de fé. Como a fé não é nem cega nem surda, nem estúpida, mas é oral e dotada de todos os atributos da alma humana, também quanto mais fé a humanidade tem em si própria, maior será a exaltação, mais imponente será a civilização, e maior a cidadela do progresso humano. Como a fé é a voz e o hino da alma, entoada nos cantos da liberdade de todas as eras, tornada gloriosa na palavra inspirada de todo estadista e professor e esplendorosa nos fogos da profecia, também a fé no derradeiro e ilimitado bem é a única esperança do mundo.

Sem ela as asas do génio seriam como trevas; Érebo haveria de engolir o pensamento humano e a noite do terror haveria de prender a humanidade que, cega, surda e estúpida cairia na aniquilação sem consideração pelo progresso eterno do homem. Mas como a fé é o elemento natural da comunhão do homem com o seu semelhante, também consiste no único elemento da comunhão do homem com Deus, e nas suas asas, a todas as alturas possíveis da bênção pode o homem elevar-se. Fé no bem absoluto; fé na sabedoria divina; fé no perfeito reino espiritual da existência, é a única coisa que é necessária.

À medida que a ciência ergue as suas torres de fé sobre a magnificente estrutura do universo material, também sobre o tecido espiritual durante milhares de anos o espírito do homem ergue os seus postos de vigia da fé no espírito. E como eles brilham e resplandecem quando ele se detém em meio às atividades materiais para fixar as estrelas que se situam no firmamento dos céus espirituais, e também ele se torna, como elas, esplendoroso, radiante, transfigurado!

Fé! Não me venham falar de fé e de cegueira da mente e da alma. Ela é a única janela que dá para o céu onde a ave canora da oração pode avançar e receber a mensagem do divino; e conforme os raios do sol ao longo dos longos panoramas do passado, ao sondou as trevas da terra, e

ateou cada átomo que encontrou com a floração futura que há de adornar o lírio e a rosa; como os raios do sol dos mais antigos altares da criação sondaram as trevas do tempo, e iluminaram cada átomo da terra até que cada um a brilhar com algo da sua radiância, tenha ficado guardado em cavernas até que as suas joias sejam descobertas, também por entre a noite que cobre a terra, pela ignorância que cobre as perspetivas escuras do pensamento humano, a luz do infinito se alojou nas tesourarias do espírito, para surgir de novo assim que que o amor infinito vier a golpear o átomo que já tiver acendido com a sua luz e fé, e o levar a adornar a terra com a sua beleza.

SIM, "PEDI, E RECEBEREIS"; POR NÃO HAVER SUFICIENTE PODER DE RECEÇÃO ATÉ QUE PEÇAM. TODAS AS BÊNÇÃOS ESPIRITUAIS SÃO BÊNÇÃOS CONSCIENTES. ELAS NÃO VÊM ATÉ VÓS COMO O SONO OU O ALIMENTO, NEM COMO AS VESTES ACODEM À CRIANÇA. ELAS NÃO SÃO BÊNÇÃOS ATÉ QUE SEJAM PERCEBIDAS POR VÓS COMO TAL. E PARA AS PERCEBEREM PRECISAM GERAR ATIVIDADE; PRECISAM IR AO ENCONTRO DELAS, PRECISAM CULTIVAR-SE, CRESCER NO SEU SENTIDO, PRECISAM EMPLUMAR AS VOSSAS ASAS PARA VOAREM PELA CAMADA DE AR MAIS ALTA PARA AS RECEBEREM; ELAS AGUARDAM-NOS; ELAS NÃO PRECISAM SER CRIADAS; DEUS NÃO AS RESTRINGE NEM AS RETÉM; VOCÊS NÃO AS PODERÃO OBTER ATÉ QUE ESTEJAM RECETIVOS À SUA INFLUÊNCIA E PRESENÇA, PELO QUE O PEDIR CONSTITUI O "SINCERO DESEJO DA ALMA."

MAS PORQUE É QUE, PERGUNTARÃO VOCÊS, AS ORAÇÕES QUE TANTA VEZ ASSUMEM A FORMA DE BÊNÇÃOS MATERIAIS, ENCONTRAM UMA RESPOSTA MIRACULOSA? PARA MOSTRAR AO HOMEM O PODER QUE O ESPÍRITO TEM SOBRE A MATÉRIA; POIS QUE SE AS ORAÇÕES FOREM SOMENTE ATENDIDAS AO ESPÍRITO, ENTÃO AQUELES QUE AINDA SE ENCONTRAM ESPIRITUALMENTE CEGOS NÃO TERÃO ALFABETO NENHUM POR MEIO DO QUAL TRACEM O CAMINHO QUE TRILHAM ÀS APALPADELAS NA PÁGINA QUE AINDA ESTÁ POR ILUMINAR.

MAS A ORAÇÃO E A SUA RESPOSTA POR ALGUMA VIA MATERIAL, À SEMELHANÇA DOS MILAGRES, DA CURA DOS DOENTES, OU À SEMELHANÇA DA ALIMENTAÇÃO DAQUELES QUE ESTÃO NA POBREZA E PEDEM PÃO - ESSE TIPO DE RESPOSTA LEVA OS SENTIDOS MATERIAIS DO HOMEM A SENTIR A SUA PRESENÇA, E SERVE PARA MOSTRAR À MENTE AQUILO QUE O ESPÍRITO JÁ PERCEBE, E, PARA QUE NÃO SEJA CONSIDERADA REGRA QUE AS BÊNÇÃOS MATERIAIS SEMPRE SEJAM LEGADAS DESSA FORMA, O PRÓPRIO PORTAL É BARRADO NISSO PARA QUE, A MENOS QUE A ALMA SE ENCONTRE NA DEVIDA

CONDIÇÃO NÃO PODE HAVER UMA RESPOSTA PARA A ORAÇÃO MATERIAL EM ABSOLUTO. POR ISSO, AQUELES QUE ORAM, OU PENSAM QUE ORAM EXCLUSIVAMENTE POR BÊNÇÃOS MATERIAIS, NÃO ENCONTRAM RESPOSTA ÀS SUAS ORAÇÕES.

Recentemente, em meio a um grande sofrimento, quando o Presidente da vossa nação se encontrava às portas da morte, os Governadores dos Estados e líderes do povo designaram determinados dias a dedicar à oração pela recuperação do Presidente. Terão esses dias sido de oração? Terá reinado uma simpatia sincera pelo sofrimento do homem; terá reinado uma simpatia sincera pela família; a nação iria sentir a falta do seu líder executivo; porém a oração é acompanhada pela fé, e quem, em meio a esta nação, terá havido que tenha dito aos homens de ciência: “Vão-se! A matéria médica fez o melhor que podia - ou o pior.

Deixem-no nas mãos de Deus.” Tivesse tal moção sido feita e toda a nação se teria erguido contra a sua própria oração. Será essa a fé que move montanhas? Será essa a luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo? Quando pedem por coisas espirituais busquem-nas espiritualmente; e se Deus quiser recuperar para uma nação de descrentes um homem que não vale mais aos olhos do céu do que todos os demais, apenas por a nação optar por dizer que ora, então todas as vozes que se erguem pelas bênçãos materiais poderão ser levadas na conta de orações.

NÃO; VÃO PARA O VOSSO APOSENTO, QUE É A CÂMARA SECRETA DA VOSSA ALMA, FECHEM A PORTA, O QUE SIGNIFICA BARREM TODA A CONSIDERAÇÃO MATERIAL E EXTERNA, E OREM AO VOSSO PAI QUE ESTÁ NO SECRETO. Se erigirem uma oração, haverá resposta à oração; sem querermos desacreditar a sinceridade daqueles que habitualmente pensam que oram, e sem de forma alguma depreciarmos a veneração que brota das bocas e do cérebro, em vez do coração, da multidão equivocada, eu dir-lhes-ia a todos: NÃO SE ILUDAM QUANTO À NATUREZA DA ORAÇÃO. LEMBREM-SE DE QUE, SE FOR BUSCADO COM SINCERIDADE EM ESPÍRITO UM FAVOR ESPIRITUAL DEVE ENCONTRAR UMA RESPOSTA TÃO LEGÍTIMA COMO SE, LANÇANDO À TERRA A SEMENTE SOBRE A QUAL A CHUVA E O SOL VENHAM A CAIR, ISSO DEVA INEVITAVELMENTE SER SEGUIDO DE UMA COLHEITA.

MAS O HOMEM ESPERA SEMEAR MATERIALMENTE E COLHER ESPIRITUALMENTE; ESPERA SEMEAR JOIO E COLHER AS ROSAS DA VIDA IMORTAL; PENSA QUE OS ESPINHOS E AS SARÇAS NO DESERTO DA SUA NATUREZA MATERIAL VENHAM A FORMAR A SEMENTE ADEQUADA PARA O

JARDIM DO REINO DE DEUS. ELE ESTÁ ENGANADO. O PÓ PODE ORAR AO PÓ, MAS O ESPÍRITO PRECISA ORAR A DEUS; mas a natureza viva para a consciência desse Deus só orará por aquela vida e aquela libertação que na sabedoria do infinito forem mais sábias, e mais se adaptem às necessidades da humanidade.

AH! SAIBAM QUE NA HORA DA ORAÇÃO SÃO BATIZADOS NO ESPÍRITO, ENTRAM NOUTRA PORÇÃO DIFERENTE DO VOSSO SER; SÃO BANHADOS COM A INFLUÊNCIA DE UM ESTADO SUPERIOR. Os anjos auxiliares são os instrumentos da resposta às vossas orações, e os espíritos guardiães apontados pelo poder do amor infinito velam por vós para receber as vossas súplicas. Quão carentes deverão as suas mãos estar de louvores; quão poucas deverão ser as petições da alma que se elevam diariamente, vocês poderão apurar quando eu lhes disser que já vi espíritos guardiães a velar dia e noite e muitas semanas à beira dos portais do coração do homem por um pensamento altruísta.

Quão poucas são as orações que alcançam os corredores e as alas do céu, embora entoados por múltiplas vozes, vocês poderão apurar quando eu disser que os anjos passam de um lado para o outro, sem levarem nada nas mãos com que contribuam para as belezas da vida imortal ou para o templo do espírito, salvo as lágrimas silenciosas que o amor altruísta pode verter e aquelas aspirações que despertam dos corações humanos que vós habitualmente desprezais.

Nos locais mais baixos e nas vielas escuras da terra, onde a luz material não entra, e nas celas e masmorras onde nenhuma petição alguma vez encontra voz ou resposta, aí, a alma desprovida de todo o socorro externo, encontra tempo para orar. No meio da vossa alegria, quando reinam a alegria e a beleza por toda a parte, quando a prosperidade é eminente e a cheia abundante do poder do homem leva a terra a florir como um jardim sob a mão do homem que tudo cultiva, não se esqueçam de que no espírito poderão haver sarças e joio que só aguardam que a voz mais fervorosa da oração seja transformada em florações de vida perpétua.

Creio que me fiz entender. Não é a razão humana - embora não lhe negue a sua função - de que falo esta noite. A ORAÇÃO É TÃO INEFÁVEL E INDEFINÍVEL QUANTO O ODOR DE UMA FLOR, O INCENSO DAQUELE CORAÇÃO QUE ESTÁ REPLETO DA FRAGRÂNCIA DO AMOR. Mas não confundam a vossa razão com o vosso espírito, nem confundam a voz do intelecto material, que só pode abrir caminho por via de julgamentos materiais, com aquela

voz interior que afinal se apega a vós e brada em voz alta para sempre com a voz do espírito: “EU DOU-TE GRAÇAS, Ó MEU DEUS, POR TODAS AS BÊNÇÃOS E POR TODO OS DONS, MAS SOBRETUDO DOU-TE GRAÇAS PELO DOM DA ORAÇÃO.”

O TERRAMOTO DE JAVA* E OUTROS DESASTRES VISTOS DE UM PERSPECTIVA ESPIRITUAL

*Que possivelmente ocorreu a 10-06-1867

A Sr.ª Cora L.V. Richmond proferiu a sua segunda palestra na noite de Domingo, 23 de Setembro, em Denver, Colorado, ante uma audiência que lotou por completo a Academia de Música. De um relato publicado no *Denver Republican* ficamos a saber que em resposta à pergunta feita: “Pode descrever-nos de alguma forma a condição com que os espíritos se deparam imediatamente ao entrarem no mundo dos espíritos na decorrência de convulsões de águas tais como a que ocorreu recentemente em Java e nas ilhas adjacentes? Diga-nos, se puder, que provisão, se é que alguma é tomada, é deliberada no sentido de os receber,” a senhora Richmond disse:

A entrada na vida espiritual de todos quantos se acham despreparados para partir precisa ser tratada com muita surpresa. Precisam recordar que, para compreenderem apropriadamente este tema precisam a prender a distinguir entre o universo material e o espiritual. Quando a morte é alcançada por causas naturais é chamada morte natural. Uma morte não natural é resultante de um acidente. O domínio da vida humana é deixado à beneficência d’Aquele que controla todos os destinos; mas temos uma propensão demasiado acentuada para julgar as coisas de uma perspetiva terrena.

A mudança provocada pela morte é encarada por muitos com temor, mas na realidade constitui o grande passo que se segue na vida. Certos espíritos estão preparados para o evento, outros não. Para aqueles que com efeito compreendem a vida espiritual as convulsões de um terramoto não causam maior terror do que uma morte na paz do leito tranquilo.

Na vida, tais eventos terríveis são chamados de desastres, porém, na terra dos espíritos são considerados uma bênção. Se os peregrinos que deixarem as suas terras nativas para ir para costas distantes para

fugirem às leis rigorosas são acolhidos pelos amigos que partiram antes deles, com quanto mais prazer e alegria não serão os espíritos que foram subitamente lançados numa outra existência recebidos pelos amigos na terra do espírito? Na vida nada pode ser apagado. A substância não pode ser destruída.

Com a morte e a decadência é continuamente construída uma civilização superior. A revelação prega que para todo o desastre há uma solução moral no mundo do espírito. O homem não é encostado à parede sem um meio de escape. Tal como o nascimento de uma criança é proclamado com júbilo, também o nosso nascimento na vida do espírito. Os espíritos auxiliares apercebem-se das grandes dores da natureza e das suas grandes convulsões e, pairando sobre os cenários de morte e de destruição, acolhem os espíritos dos falecidos com tanta ternura quanto uma mãe acolhe o próprio filho ou filha. No céu não existem desastres. As causas de todos os acontecimentos são conhecidas. São por vezes conhecidas até nesta vida por via da intuição. Os espíritos que são repentinamente lançados para o outro mundo passam por uma variedade de experiências.

Permitam que o ilustre do seguinte modo: Suponham que alguém se pusesse aos gritos: “Fogo”; alguém da audiência haveria de se pôr aos berros enquanto outros de se lançar num tumulto e as vidas de muitos haveriam de ser pisadas pela turba em fuga. Em meio a todo esse tumulto e comoção alguns haveriam de se manter calmos; a sua condição não só seria a mais segura como eles haveriam de ser os menos alarmados se fossem chamados a experimentar as realidades do mundo do espírito. Aqueles que receiam a morte não estão preparados para uma entrada no mundo do espírito. Eles hão de ficar assombrados e aturdidos, tal como alguém que acorda de um sono.

No momento em que expiramos, a vida terrena que cada um de nós viveu passa-nos diante dos olhos. Essa é a experiência válida com respeito ao terramoto de Java. O mundo dos espíritos não dista mais de Java do que daqui. Antes desses indivíduos confrontarem a sua desgraça a terra dos espíritos foi preparada para os acolher. Os espíritos pairaram sobre eles que nem anjos da misericórdia, e quando os espíritos dos mortais aterrados são libertados dão por si na presença daqueles que os aguardam continuamente; aqueles que são empregues no serviço de sinalização do amor de Deus.

O indivíduo que se encontra preparado entra na vida do espírito com um choque, porém, o esmo não se pode dizer do que se sente aterrado. Há espíritos designados para observar os navios em meio às tempestades; outros são designados para velar pelas nações; outros ainda, para pairar sobre os cenários de desolação onde a doença e a pestilência se mostrarem mais intensas e onde milhares se vêm engolfados pelas convulsões da natureza; e esses espíritos guardiães acolhem e cuidam de todos quantos nessas alturas, de cenários de conflito humano entram no mundo invisível.

O ESPIRITUALISMO FILOSOFADO

Os gabinetes do Sr. J. Way, na Nevada Ave., estiveram na noite de quinta-feira sobrelotados por aqueles que se reuniram para escutar a Sr.ª Cora Richmond. Preciso não será dizer que todos ficaram profundamente impressionados pelo intelecto que se impõe, aguda perspicácia e seleta dicção e a aparentemente ilimitada profusão de metáforas e de ilustrações que mostrou possuir essa notável mulher.

Para aqueles que têm a crença do Espiritualista essas eloquentes pesquisas (disquisições) chegam como uma revelação; para outros são não menos maravilhosas que o expoente da fenomenal capacidade intelectual e um poder ímpar de improviso.

Após a entrada da Sr.ª Richmond, que se sentou à sua mesa coberta das flores mais seletas, foi entoado um hino e, após uma invocação, foi anunciado que a médium tinha passado ao estado de transe por ação do espírito. Todos foram convidados a participar e a formular questões relativas à natureza e condição espiritual do homem neste mundo e no seguinte, questões essas que surgiram rapidamente e se revestiam de uma carácter inquiridor. Duas horas foram gastas em perguntas e respostas - uma brilhante exibição de pirotecnia do pensamento que deixou a mente não acostumada a rivalizar com as glórias invisíveis deslumbrada com a intensidade.

A Sr.ª Richmond é uma Hipátia dos tempos modernos. Conforme a bela Grega desfiava diante da maravilhada Alexandria o brilhante esquema do Neoplatonismo, também a Sr.ª Richmond amplia uma bela teoria da vida progressiva e da nobre realização praticamente inviolada pela interrupção da morte. Ela aplica a esta filosofia uma eloquência que não vacila ante uma palavra ou um sorriso e abre todo um amplo horizonte ao pensamento especulativo. Tais diálogos constituem o desespero do

repórter, ao passarem, como fazem, de um domínio do pensamento para outro sem o auxílio da estenografia só poder esperar reproduzir umas quantas ideias sugestivas desprovidas da eloquência que as animava.

Foi perguntado se uma criança que se encontre às portas da morte que seja levada para a ida espiritual terá a perder ou a ganhar com tal transição. Foi-lhe respondido que o Infinito ordenou que tal seleção seja feita com sensatez, e que aqueles que passaram para o plano espiritual além da morte sairiam beneficiados com isso. Se fosse perguntado àquele que está a morrer, sem dúvida que ele elegeria viver aqui para sempre, e se perguntassem aos amigos, cujo amor desvairado detêm parentes e filhos aqui e os impedem de ir para o invisível, nenhum haveria de morrer.

Foi parte do plano universal, ordenado por uma sabedoria que excede a nossa vista. Em resposta à continuidade do tema, ao interrogar acerca da esfera em que se entra, do mundo que há de vir, foi respondido que isso dependia inteiramente da condição da pessoa. Ela entra no mundo que se segue onde tiver ficado neste. Aquele que não tiver descoberto aqui, precisará aprender lá. Na justa proporção do desenvolvimento que tiver obtido aqui, também encontrará exaltação lá.

Se entrar na vida do espírito envolto num denso envoltório de ignorância ele ver-se-á impedido até que a débil vida dentro dele o levar a rompa e avance para novos planos. O progresso e desenvolvimento - essas são palavras-chave da vida no espírito.

“Existirá no mundo do espírito o laço familiar?”

“Sem dúvida. Neste mundo não serão todas as coisas organizadas me grupo - será provável que isso seja alterado lá? Porém, aqueles laços baseados unicamente no interesse próprio, aqueles que não estão ligados pela comunhão espiritual, serão lá dissolvidos; por outro lado, serão ainda mais unidos aqueles que tiverem afinidade espiritual, quando as barreiras terrestres da matéria e da imperfeição forem aniquiladas.”

“Terá o Espiritualismo tido Cristo na conta de um Salvador?”

“Para todas as eras e climas foi enviado um Salvador; a revelação que fez da verdade e a valorização com que eles dela a acatam, representam a salvação. Aos Hindus foi enviado o Buda; aos Persas, Zoroastro; supõe-se que cinco desses Messias tenham aparecido e que antes que o

tempo termine tenham surgido doze - os doze frutos da árvore da vida para a cura das nações. Cristo, como o último, constitui a mais elevada manifestação da salvação que o mundo pode ver. Os espíritos na prisão para os quais ele pregou eram os antigos mortos dos Judeus, do seu próprio povo, e não os mortos dos Persas nem dos Brâmanes. Cristo em lugar algum chama a si próprio mediador nem intercessor. Deus não carece de mediador - é pobre, fraco, insignificante aquele que o requer a seu lado."

"Que mandamento nos dirigirá o Espiritualismo?"

"Um novo mandamentos vos dou, que vos ameis uns aos outros."

"Nesse caso, o Espiritualismo constitui um Cristianismo esclarecido, não?"

"O Espiritualismo constitui um fato e não um credo Este fato de poderem estabelecer comunhão com os que partiram constitui uma grande esperança e conforto que está em harmonia com toda a teologia. Tem espaço para todos os credos. Não se acha limitado por dogmas papais nem cânones da igreja A luz do sol é universal, embora cada um a encare pelo próprio buraco de fechadura."

"Deverá Maomé ser encarado como um dos Messias de que fala?"

"Não. Onde quer que a religião do Islão tenha penetrado foi para rebaixar os milhões dos seus adeptos, em vez de os elevar. Por isso, a julgar pelos seus resultados, Maomé não passa do profeta de um céu que o homem projeta a partir da parte mais grosseira da sua natureza; sensual, terrena.

"Com respeito à salvação final da humanidade foi dito que, como nenhuma estrela podia atingir a extinção, de fato nem um átomo da matéria deixa o seu espaço vazio sem causar uma perturbação de toda a economia do universo, também nenhuma alma pode ser aniquilada; e como a vida do espírito é progressão a vida da alma torna-se mais abençoada à medida que a alma se eleva à compreensão da verdade e da bondade, conhecimento esse de que eventualmente todas as almas desfrutarão."

Ao ser colocada a questão de saber se a valorização das coisas espirituais desgasta o corpo temporal de modo a que a visão espiritual se torne mais clara por meio da deterioração física, foi respondido que tal

não era necessariamente o caso. Quando um homem que está a morrer se mostra queixoso e dominado pela dor as suas expressões e experiências não são lembradas; unicamente a alma corajosa que imprime a sua fé e coragem naqueles que a rodeiam; e com isso na lembrança, aperfeiçoados pelo sofrimento, somos naturalmente conduzidos a crer que as almas mais fortes se acham envoltas nos templos mais débeis. Mas a vida espiritual deveria essencialmente acelerar o corpo. A matéria é morte; o espírito é vida; sendo isso uma verdade, é mais forte o que tiver propensão para o espírito.

O homem, sob a influência de uma ideia absorvente, como o patriotismo e a piedade, possui energias sobre-humanas. É o espírito que tem tornado os mártires insensíveis às torturas e às chamas.

"Dê-nos a definição de responsabilidade pessoal."

"A responsabilidade pessoal, conforme a teologia a considera, não é reconhecida pelo credo Espiritualista. A cada dia o homem depara-se com o bem e o mal; a cada dia ele define a sua escolha. Nenhuma escolha dessas é derradeira. À medida que ele se desenvolve espiritualmente o poder de discriminação dele torna-se mais forte e eventualmente ele fará do bem sua escolha constante. As iluminações especiais, como aquelas da consciência poderão alcançar alguém que não seja perfeito nesses termos, pelo que ele faça uma escolha válida; mas ninguém está o tempo todo em bicos de pés; e geralmente a decisão é feita, certa ou errada, na proporção do avanço espiritual daquele que a estabelece."

"Qual será a vida dos espíritos no mundo que se segue?"

"Muito dela inicialmente é passada no ato de desaprender o que é aqui aprendido. A conceção terrena que o homem tem do céu é uma conceção egoísta. Ele faz-se bom por causa da esperança que tem em alcançá-lo; leva uma vida digna para poder alcançar um lugar elevado. Ele faz comércio em prol do seu céu, mas lá ele aprende que precisa ser bom me função da bondade, e verdadeiros em função da verdade. Os milionários espirituais são habitualmente os pobres deste mundo em coisas materiais."

Após entoar um cântico, a moça espiritual Ouina foi anunciada, e foram compostos versos com respeito a um número seleto da audiência, de um carácter que descrevia a sua natureza espiritual. Em conclusão, ao

sugerirem o tema da “Dúvida” por alguém na audiência, foi composto um poema muito profundo e cheio de graça foi feito de improviso.

O FECHO DO PERIÉLIO DE 1883

QUE COISA PRESSAGIARÁ ELE?

UM DISCURSO PROFERIDO POR VIA DA MEDIUNIDADE DE TRANSE DA SR.ª CORA RICHMOND ANTE A FIRST SOCIETY OF SPIRITUALISTS DE CHICAGO, ILLINOIS, NA NOITE DE DOMINGO, 4 DE JANEIRO DE 1885

“Todo desastre impiedoso
É seguido logo e mais rapidamente.”
Edgar Alan Poe

Este par de versículos do poeta, por mais triste que pareça, assemelha-se ao refrão dos últimos seis anos, e aqueles que aqui estão a escutar a voz da oradora recordar-se-ão bem de como no começo do que é conhecido como Periélio, aqueles desastres que incluem terramotos, tempestades, guerras, dificuldades entre os políticos, a morte de um Imperador, pelejas entre estadistas, e de fato a condição perturbadora relacionada com toda a fase da vida humana, foram preditos por nós através desta médium; e que nem uma porção dessa predição foi exagerada, ou sequer igualado na concretização conforme efetivamente veio a ocorrer na vida material.

Poderá ser recordado que os seis anos que acabaram justo de passar foram anos carregados de mais desastres ocorridos em terra e mar, de maiores e diferentes tipos de acidentes, de maiores enfermidades mortais que se manifestaram entre todas as gradações de pessoas e classes da sociedade que não eram propensas, ou não se sabia serem propensas ao crime, do que qualquer período similar da história humana.

Poderá ser recordado que o ano de 1881*, que constitui o clímax astronómico assim como um ano do Periélio, produziu combinações singulares de desastres em todas as partes do mundo; que 1883 produziu mais desastres nos mares do que alguma vez foi conhecido, de acordo com as estatísticas, em qualquer ano desde que a navegação teve início; e que o ano que passou não esteve livre de todos os tipos de

acidentes, como vocês que fecharam o calendário do ano, agora no começo deste ano, podem bem atestar. Não só pareceu ser verdade que essas ocorrências começariam no período indicado, como um pouco antes dele.

**NT: Ano em que, em Abril, as águas do Mississípi galgaram as margens e provocaram cheias em diversos Estados, e as do Missouri em Yankton no Dacota do Sul.*

Parecem dar-se vagas e o culminar de acidentes de todos os tipos. Foi então afirmado que nos tempos e locais mais inesperados incidentes e acidentes desses ocorreriam, aparentemente para não ser explicados por nenhumas leis humanas externas. Todos os apetrechos mecânicos e invenções destinados a impedi-lo, todo o engenho humano pareceram ter-se gasto, e ninguém poderia possivelmente prever por nenhum dos métodos e utensílios usuais da ciência nenhum desses singulares incidentes.

Também terão presente que, em especial no período de um ano acidentes de caminhos-de-ferro pareceram estar em ascendente, num outro ano no mar, num outro ainda, aquilo que acabou de suceder, fases singulares do crime humano, tragédias domésticas em famílias que antes eram pacíficas, entre as mulheres que geralmente tinham receio de todas as armas mortíferas, por efeito de monomanias (delírios) singulares e insanidade de vários tipos que produzem resultados dos mais terríveis.

Os vossos jornais têm andado tão cheios de relatos desses que os sensitivos deixaram de ler as notícias; muitas delas foram impedidas de chegar às redações noticiosas dos periódicos para que alguns desses relatos horrendos não fossem publicados.

Claro que existem as explicações do costume sobre eventos inerentes à vida humana, mas até mesmo hoje nos dirigiram a questão: “Como é que em meio à fartura e a uma ceifa abundante por todo o mundo, se verifica tal letargia e estagnação nos negócios?” A mamona foi pelo menos alcançada; o estrato mais baixo da existência humana foi comovido por esse poder penetrante e potente do Periélio. Vocês podem esperar que esteja no fim; que, quando a mamona é alcançada, isso indique os mais baixos índices das profundezas. Toda a condição, desde a mais elevada ao mais baixo ponto da existência humana tem que ser perturbado; o poder do ouro é o último a ceder a sua força desigual no mundo. O

universo de sois e de estrelas pode ter sido quase apagado antes que esta expressão final do Periélio chamasse a atenção da mente humana.

Ao chamarmos a vossa atenção para desastres desses, não é nossa intenção levar a que temas tristes devam ser periódica e repetidamente trazidos à vossa mente, mas para lhes mostrar que em meio a todas as ocorrências habituais da existência humana, esta, assim como outras influências mais subtis, tem estado igualmente em operação; por na vida humana existir um indicador de ciclos maiores do que a mera passagem dos dias, semanas, meses e anos sobre a terra; E como é sabido que esse Periélio tem sido o mais importante entre centenas de anos, também vem singularmente acompanhado do ano que em astrologia, em astronomia, na tradição Egípcia, com tudo quanto está relacionado com a história do passado, está ligado aos números cabalísticos e ao simbolismo do ano de 1881 que representou o culminar ou a pedra chave neste período ou ciclo do tempo.

É fato dos mais notáveis e singulares que durante todos estes anos do Periélio toda a paixão humana pareça ter sofrido uma intensificação, tudo quanto sucedeu tenha ocorrido da forma mais exagerada; não se tem verificado moderação alguma. Até mesmo nos casos em que geralmente parece haver maior tendência para o crime, a natureza criminosa foi intensificada, e noutros casos as partes foram tomadas por uma espécie de frenesi, ou agiram sob algum poder, não de qualquer laço de família nem hereditariedade mas por parecer unicamente que a vontade tenha tendência para a máxima expressão da violência. Consequentemente verificaram-se grandes agitações sociais, enormes perturbações nas vidas das pessoas, crimes mais significativos sobre o mar e sobre a terra.

Certamente que, quando se recordam do assassinato do Czar da Rússia e de como foi indicado (até mesmo predito) e se lembram de como o presente Czar não se pode afastar nem uma polegada do seu local de repouso, ou antes, não consegue descansar, não se pode sentar no trono sem a guarda de porventura milhares de homens; quando se lembram de não existir cabeça coroada em nenhum dos países da Europa onde o seu detentor não receie o assassinato antes do amanhecer, e de como não existe tranquilidade em parte nenhuma, nem mesmo nesta célebre ilha da liberdade e da paz que a vossa própria República, quando de fato nem sequer sabem o que pode acontecer amanhã que venha a espalhar tumulto e confusão pela vossa

comunidade; não devido à tirania de reis nem à opressão intencional das pessoas mas por causa daquelas circunstâncias dos costumes comerciais opressivos que tomam as feições de uma crueldade implacável, que deixam milhares de homens sem emprego nas vossas cidades prósperas.

Quando se lembram disso, e que antes que o amanhã chegue podem acordar com o ruído da confusão, e de como esta ocasião delicada pode acender a tocha de amplos fogos incendiários, devem ter consciência de ter estado em operação algo de invulgar.

À medida que a chama trêmula final da lamparina se apaga; à medida que o último estrondo de trovão em meio à tempestade de verão por vezes se afeiçoa como o mais estrondoso; à medida que a força acumulativa de muitos acontecimentos pode tornar o evento de última hora o mais severo; como cada um de vós nas vossas próprias vidas deverá ter sentido que o golpe final é mais severo, que deixaram que os erros aumentassem e se acumulassem dia-a-dia, semana após semana, até por fim se expressassem por mote próprio numa batalha final e na subversão, também os efeitos do Periélio começaram aparentemente pelo aumento ligeiro de pequenas correntes da debilidade humana, os perigos da existência humana que já aqui se encontravam, e gradualmente se acumularam, acrescentando mais a cada ano até alcançarem o culminar, a sua expressão mais violenta neste que é o ano do fecho das influências do Periélio.

De acordo com as leis do reflexo planetário vocês haveriam de sentir mais essa influência por altura do fecho do Periélio do que em meio ao seu ponto mais alto no ano de 1881. De acordo com as influências da Astrologia vocês haveriam de sentir a influência planetária não na altura em que a vibração da luz os atinge, por isso dever levar muitos anos, mas perto do momento em que o Periélio de cada planeta ocorre; pelo que o natural acúmulo de influências, dotadas de vibrações adicionais, agora estarão no seu auge sobre a terra.

Se, consoante foi dito antes, a tempestade pode estar no seu apogeu, e a sua fúria quase extinta, ainda assim os momentos finais são os mais temíveis. Assim este ano vai assomar carregado de enormes perigos e de adversidades de toda a ordem, em particular daquelas que afetam a vida humana, e de toda a diversidade de acontecimentos perniciosos, à semelhança dos anos anteriores do Periélio.

Não lhes dizemos isto para os alarmarmos; não lhes revelamos isto para lhes provocar nenhum entusiasmo fictício, mas como um fato, simplesmente. O ano em que estão a entrar dará isso com provado. Já estão a ser avisados da aproximação de um flagelo; a onda que está a varrer toda a Europa, em especial a França, a Itália e numa porção da Espanha, que provavelmente, de acordo com as leis naturais da expressão humana e da contiguidade humana, virá a atingir as vossas costas, mas de certeza as de Espanha, no ano que vem.

Se essa doença, tão pavorosa e tão perigosa, principalmente na imaginação do homem, possui a mesma expressão nas vossas cidades que alcança naquelas cidades por onde se espalhou com tanta fúria, longe de onde parece ter tido a sua origem, certamente que tornará o fecho do ano do Periélio memorável na vossa história.

Não só é isto verdade, que estão a entrar no ano de 1885 sob a debilitante influência de todos os anos antecedentes de desastres, como vocês não sabem como nem onde ela venha a atingi-los; se virá a ser a boca a bocejar fogo do terramoto, ou se em terras distantes erupções vulcânicas virão a destruir cidades pacíficas; se inundações ou incêndios ou a revolução trarão o tumulto a lugares ermos, ninguém o pode prever na terra. Contudo, tudo isso, e mais, com toda a probabilidade virá a ocorrer, dado que cada um desses elementos foi perturbado; dado que todas as forças reprimidas da natureza foram mobilizadas, e, quais bestas selvagens se soltam dos seus covis, cada qual a impelir a outra; também com os elementos parece dar-se uma luta final entre si, neste que é o ano do fecho, a ver qual sairá vitorioso, mas em que todos se destruirão mutuamente.

Nenhuma dessas coisas terá lugar ao mesmo tempo na terra; assim que uma ocorrer, poderão ter esquecido por momentos o que terá ocorrido recentemente; mas quando o ano chegar ao fim, e elas forem contabilizadas, verão não só que esses agentes entusiasmantes e peculiares se manifestaram mais, como perturbaram e afetaram o maior número durante este ano entre qualquer ou mesmo todos os seus predecessores.

Ainda assim, conforme foi referido anteriormente, não é necessariamente verdade que os planetas em si mesmos sejam a causa disso, ou que algum planeta particular seja pernicioso na influência que exerce sobre a terra; mas é por esses planetas na fase de Periélio extraírem da superfície do sol força magnética e poder elétrico em

maiores proporções do que o habitual, pelo que os raios do sol que alcançam a terra nesta altura em que o vosso planeta não se encontra no Periélio, não constam de uma energia e uma força plena e vitalizante quanto até aqui, em consequência do que o lado negativo da existência tem maior oportunidade de expressão.

Que tais poderes existem na terra, e que precisam obter expressão, que o pensamento e o intelecto precisam corresponder na justa medida, sem o que a natureza espiritual do homem fica entorpecida e nas trevas, deve igualmente ser bem verdade, pois não existe nada no universo físico que não acompanhe, num sentido mais amplo, o ritmo da expressão espiritual no universo e no desenvolvimento aqui. A terra mantém o ritmo assim enquanto esses planetas têm vindo a receber luz e vida adicional do sol, e a dar expressão aos mais altos atributos e a um maior poder incandescente.

Aquilo que pare eles poderá representar o Período do milénio, para vós precisará obrigatoriamente representar o período das sombras e das trevas, de atravessar a tempestade, da falta de uma certa luz, da falta de orientação pela mesma confluência de radiância espiritual e material que esses outros planetas possuem. Conforme virão a perceber, deve corresponder ao tempo de inverno (para falar metaforicamente) na terra, enquanto faz tempo de verão naqueles planetas que se encontram no Periélio.

Vós encontrais-nos na onda descendente com respeito a este Periélio. Os planetas maiores encontram-se na ascendente. Eles conquistaram e triunfaram, atingiram um período qualquer de culminância de grandeza, de uma grandiosa e surpreendente arte, de expressão, de um desenvolvimento maior nas fases da sua própria vida planetária, que haveriam de deixar as vossas mentes estupefactas e maravilhadas.

Tempo virá em que a terra partilhará dessa glória; em que o inverno da dúvida e incerteza, mudança e obscuridade, liberta dos elementos envolventes de natureza destrutiva que os rodeiam e toda a perturbação por mar e terra, pelo nivelamento de reinos, derrube de tronos, queda de impérios, o desenraizamento dos esclavagismos e egoísmos humanos, também virá até vós uma aurora de paz.

Mas como poderia o período do milénio ter lugar na terra? Como poderiam vocês receber dos raios de sol uma glória adicional sob a presente condição do desenvolvimento humano, antes da terra alcançar

esse apogeu espiritual em larga medida, essa magnitude e esplendor, dado que agora por vezes a luz se afigura demasiado brilhante, por brilhar sobre uma humanidade que atualmente encena a tirania e atos egoístas de poder - uma vez que agora o sol se pode sentir quase envergonhado de brilhar sobre os pensamentos que os homens alimentam uns para com os outros, onde o orgulho, o egoísmo, a corrupção se mantêm a par e se amontoam na luz que tem sido e ainda é vossa naquele outro reino da alma?

A terra é o cronómetro do progresso da expressão das almas dos homens, a terra indica o vosso estado espiritual no desenvolvimento de toda a família humana. Vocês podem acompanhar e conhecer o estado espiritual que aqui é expressado pelas mudanças práticas que se operam ao vosso redor, e se a vossa presença física pode alterar as condições deste aposento, também a vossa presença moral e espiritual podem alterar as condições uns dos outros, e essas podem vibrar na atmosfera ao redor até que a tempestade, terramoto e tornado sejam os resultados. Nem todos os desastres devem ser relegados aos planetas distantes somente, mas são o resultado direto das vossas paixões, os fogos reprimidos da inveja humana, dos esforços e da guerra que emergem nos corações e nas vidas dos homens.

Nós não partilhamos da crença de que a natureza moral do homem seja moldada pelos elementos que o cercam, que vocês se tornam na atmosfera que respiram, porém, por outro lado, acreditamos que a atmosfera é feita dos pensamentos e estados espirituais; que o vosso ambiente terreno se torna mais claro à medida que vocês se tornam esclarecidos; independentemente do poder que tiver predominado, seja a luz do sol ou a matéria, é a cintilação da inteligência através da matéria que torna possível ao homem respirar um ar puro e absorver a luz do sol conforme Deus a criou, e divertir-se na luz e na glória das estrelas que serpenteiam nos céus.

Se, conforme a ciência afirma, nem um só átomo pode ser apagado do universo que não seja instantaneamente dado como em falta e possibilite o caos; se, conforme a ciência declara, a longínqua lua pálida, que mais parece a visão de um planeta, tem tanta influência sobre a terra que as grandes marés se erguem às suas ordens, no seu fluxo e refluxo, por causa da sua cara pálida; se, como a ciência acrescenta, existe tal simpatia entre os mundos que a vossa terra não se pode desviar da sua órbita, por ação de cuja simpatia todo o planeta no sistema solar é

mantido em cheque, essa luz, esse equilíbrio de atração, que leva cada planeta a aderir à sua própria posição e a respeitar os demais, enquanto se volta reverentemente para o sol.

A ser verdade, conforme afirma a ciência, que todo este sistema solar está vinculado por um pato mútuo de silenciosa simpatia, cuja lei não está redigida, exceto nas *forças* ocultas da natureza, e que os mundos estejam atados por correntes superiores e não por laços que o homem consiga ver, mas que são mais firmes no aperto do que paredes adamantinas, e ainda assim no silêncio tão subtis que só a lei da matemática, somente a mente do homem pode descobrir a presença dessa força assombrosa - então não existe mundo ou sol no espaço que não influencie, de alguma maneira ou em alguma espantosa medida subtil, todos os átomos da vossa terra, cada porção da vossa atmosfera, cada pulsar de luz e vida que aqui existe; e o que quer que faça parte desses mundos, seja alegria ou pesar, seja luz ou trevas, tempestade ou calmaria, deverá em certa medida encontrar aqui eco. E se, da grande enchente e vazante do espaço há leis tão imutáveis quanto a enchente e a vazante das águas do oceano, bem que podem ficar cientes de que ante a maré cheia da vida e da luz, exaltação e poder, prosperidade e excelência moral, magnitude divina e grandeza, em algum outro planeta, pode dar-se uma vazante aqui; e que podem encontrar-se no vale do desânimo, no pântano da ignorância e das trevas; que pouco a pouco, no grande reflexo dessas ondas recorrentes e ciclos, virão a recolher os ricos tesouros que estão reservados para todos os povos, raças, e reinos do homem.

Mas essas leis físicas, esses princípios subtis são admitidos e aceites unicamente em ciência; mas ela fica-se por aí. No que excede a vibração da luz, ou daquele algo desconhecido que mantém os planetas e os mundos nos seus lugares, a ciência não se aventura. Justo aqui a lei do espírito tem lugar, mais subtil do que as asas velozes da luz; mais poderosa do que a magia da eletricidade; mais solene do que o sistema da lei, esse domínio sem voz de muitas leis que mantém o universo em divino equilíbrio.

A harmonia é a lei da mente, a lei da inteligência, a lei da alma; e enquanto leva anos à luz a chegar até vós do planeta Úrano, esta alma de luz e vida pode chegar num instante. Por aqui e por ali ao longo das barreiras do espaço, em meio àqueles grandes e maravilhosos sistemas de mundos, os mensageiros da luz e das sombras, da alegria e do pesar,

da verdade e do erro, carregam missões solenes e percorrem todo o espaço, levados nas asas das grandes emergências da vida.

Para lá do pálio da morte, no reino a que chamam reino das sombras, a luz da inteligência espiritual brilha e cintila; os sóis e mundos no espaço tornam-se como pequenos pontos de pó em comparação com alguns dos propósitos e intenções que por lá existem. É nesse domínio tão só que poderão encontrar o solvente de todo este aparente mistério, o maravilhoso centro de todas estas leis, o poder de focalização de todos estes destinos. É lá que o infinito, a enviar as suas mensagens nas asas da luz e da inteligência mantém todos os reinos da vida e da luz e matéria e destino à guarda divina; e é nesse reino que toda alma individual, toda a inteligência que aqui está a escutar esta noite partilha da responsabilidade que tem para com o Infinito.

Uma porção da força moral do universo acha-se à vossa guarda; uma porção de todos os desastres da vida repousa nas vossas mãos; por uma porção do destino divino final da terra caber a vós responder; uma porção da aurora do milénio que virá quando a vossa terra também estiver próxima ao sol da verdade, e nas suas asas de luz sentir o pulsar da Nova Aurora, uma porção desse destino e responsabilidade será vossa; e como cada um de vós está moral e espiritualmente relacionado com o semelhante, e tendo porventura uns para com os outros a relação de parentes, de que se aproximam ou afastam de acordo com o vosso estado, também não existe uma só alma no universo, nem uma só em toda a miríade de mundos povoados de almas, que também não esteja relacionada convosco; e se uma alma humana puder perecer, todas as demais poderão perecer; se um coração puder latejar de angústia em vão esta noite em meio à civilização Cristã, isso será suficiente para produzir um terramoto, a menos que todos partilhem um tanto do pesar.

Porque não? Se os fogos reprimidos na terra dão livre curso à sua fúria, que será que na terra Cristã, entre o povo Cristão, tornará possível que um homem padeça de fome enquanto outro se deleita no luxo, no orgulho e no prazer? Se causas físicas menores produzem resultados mais vastos, esta causa moral não poderá por si só manter a vossa terra na confusão? Vejam, por exemplo, o vosso próprio lar: Nunca ouviram falar que o chefe de família se tenha levantado pela manhã irritado, de mau humor, e a primeira coisa que ele ou ela fazem é uma asneira; e a partir daí se segue por todo o dia uma série de complicações que por fim afetam a disposição de toda a gente que esteja na casa? Nunca tiveram

conhecimento de um série de desastres que resultassem do menor começo possível dentro de vós, um erro atrás de outro, até que o acidente, de possível quebra de louça ou de vidro, se estende a todos os apetrechos da casa e afeta marido, mulher e filhos, até as várias calamidades do dia terem transformado o dia num pequeno periélio no vosso próprio lar?

Quando acrescentam a isso os incontáveis começos em inúmeros lares de dias idênticos, e o estendem às sociedades, estados, nações e reis, será de admirar que hajam guerras? Quando a mais reduzida negligência da mais insignificante lei da existência física ou moral pode ter produzido uma torpeza peculiar que nos leva a não atender ao corpo por a mente estar perturbada, não se poderá fazer seguir, e habitualmente faz-se, de uma doença que aparentemente nos delega ao vale da morte, doença essa que por fim se pode estender à cidade, aldeia ou comunidade em que se vive?

Decerto que esses são pequenos começos; não imaginariam inicialmente que da violência de um só homem nações possam acorrer à guerra; que, de um só pensamento de ciúme um crime horrível qualquer possa suceder, da condição mórbida de um só membro do lar toda a felicidade da família possa ser posta em perigo durante dias e semanas, porventura por toda a vida. Num instante do tempo, uma mão erguida em fúria pode aniquilar uma vida humana que todos os anos de arrependimento não conseguem restaurar, e não há outra forma de descobrir essa vida exceto no fundo das profundezas do desespero, e nos píncaros do monte da transfiguração, por o arrependimento, espiritualmente, ser o único atributo unicamente no homem que pode restaurar aquilo que a ira *lhe* tiver *tirado.*

Quão débil parece a mão do homem, esmagada num ápice sob a roda de uma carroça, e que no entanto goza de maior poder do que um milhão de mundos, quando impelida pela vontade humana. Se essa vontade humana for em desafio ou provocação, seguir-se-ão o desastre e a morte externa; se essa vontade humana for de acordo, harmonia, os benefícios e louvores de milhares de corações agradecidos poderão erguer-se devido ao ato de uma só mão! Se tal sucede com as leis que os manipulam e governam aqui, lançadas em conjunto a partir da eternidade, para se amontoarem no tempo, o tempo deverá revelar aquilo de que são feitos.

Depois de serem moídos nos moinhos dos deuses, que moem lenta mas inexoravelmente, desde a origem da escória e das águas turvas até ao ouro puro e às águas cristalinas, hão de sair triunfantes; hão de alçar-se a um dos ciclos recorrentes das leis físicas, hão de ascender do pó da aparente parede da circunstância que os cerca, hão de percorrer em triunfo na consciência desta natureza semelhante a Deus que se encontra dentro.

Há quem à face da terra não esteja em linha de ser afetado pelo Periélio; não se trata de mero destino nem fado, mas por estarem acima disso; assim como há quem aqui na sala esteja acima da tolice de se deixar afetar pelas circunstâncias, quem não se permitiria ficar deprimido com o tempo ou as leis materiais, quem não haveria de chorar como aqueles sem esperança em face da morte ou da adversidade, que viva numa atmosfera moral que seja inacessível à adversidade, assim também há quem viva à face da terra que esteja acima da sugestão do terror das guerras ou dos elementos de natureza destrutiva; quem conseguirá entrar impunemente em hospitais repletos de doenças infeciosas e contagiosas, por desconhecer o inimigo de longa data, o Medo, quem poderá defender-se do contágio pela força de uma vontade iluminada que esteja em harmonia com as forças espirituais do universo.

Há quem, sem dúvida, viva na terra como exemplos da vida humana; quem estenda o poder espiritual a todos os tipos de violência, de paixão, e que, representando a calmaria e a felicidade da existência, esteja mais próximo do esplendor espiritual do que em qualquer outro período desde que a terra começou; mas esses são poucos, as massas ainda se deixam dominar alternadamente por esperanças e receios, e ainda se permitem entrar em depressão à mais pequena trovoada que surge nos horizontes físico e moral, que se queixa do calor que faz, e a seguir do frio, da chuva em demasia, ou da seca excessiva; a terra nunca parece contentá-los, nunca parece render a abundância e a alegria que cobiçam; com eles a colheita está sempre à beira da ruína; tudo está em pé de guerra por eles se encontrarem intimamente em guerra.

Esses são recetivos não só à influência funesta das posições planetárias, mas às pequenas manchas de poeira que se elevam da terra. Uma coisa muito menor do que um planeta perturbá-los-á. A mosca, a traça que paira à luz do sol, são suficientes para eclipsar os raios do sol àqueles que se encontram numa condição dessas. Para eles a colisão de mundos afeiçoa-se efetivamente apavorante, a poderosa

guerra dos elementos, que põem à prova as madeiras rangentes da grande nau, a vossa terra. Não sabem se hão de aguentar a tempestade ou não. O astrónomo pode amedrontá-los a ponto de ficarem fora de si com o surgimento de um cometa, pela alusão à possibilidade de ele vir a colidir com o sol, sem terem ideia ou não se recordarem que o sol é muito maior do que qualquer dos cometas, e que milhares de cometas podem atingir o disco solar sem produzirem uma única vibração nos céus.

Decerto que a ignorância constitui o Periélio mais terrível que pode acometer o homem; aqueles que se encontram nas trevas e no desânimo bem que podem estar temerosos! Em mundos que se movem na sua tarefa designada, que cumprem com a sua função na terra e nos céus, para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir existe uma beleza sublime incomparável Esses fracotes bem que podem sentir-se receosos se todo cão que ladra nas ruas, e incidentes insignificantes como os que referimos, apresentarem um poder que os deixe perturbados, quando são submetidos ao grande teste das almas.

Tempo virá em que, pelo crescimento da alma e o desenvolvimento gradual o homem acederá à luz do conhecimento superior, numa atmosfera calma e divina; em que nem guerra nem pestilência, nem fome nem desespero devido ao egoísmo do homem, nem agressividade de um para com o outro o deixará atemorizado; em que a luz do amor prevalecerá; em que voltarão os vossos corações uns para os outros com amabilidade em vez de inveja e luta; em que buscarão uns aos outros pelo melhor em vez do pior que os caracteriza; em que procurarão o sublime no homem conforme buscam o sol nos céus do meio-dia, que está sempre lá se se derem ao trabalho de olhar para ele.

Entretanto poderão imaginar a segurança inerente à boca escancarada do terramoto; a segurança ainda maior no vulcão que derrama o seu fogo e fumo; embora de um lado esteja o desastre, toda a terra é deixada em maior segurança. É bem certo que, se o condutor vir que todo o comboio está em perigo, por um homem se encontrar no seu caminho, antes de sacrificar uma centena de vidas essa deve ser sacrificada. É bem certo que em meio a este enorme conflito a existência física humana não é importante, mas as almas humanas são, mas mesmo que o alento da vida mortal lhes seja retirado pelos elementos que as cercam a alma é santificada, e mantida segura à guarda de Deus.

Os homens não clamam quando tiram a vida uns aos outros na batalha, não há lamentos que sejam alçados pelos dez mil homens mortos numa só batalha (salvo da parte das mães que choram em vão), mas se na guerra da natureza dez mil vidas se perderem, as pessoas exclamam: “Deus é injusto, impiedoso,” quando só Ele detém a parte imortal à sua guarda. Nenhum rei pode dar contas a Deus pelas almas abatidas nos campos de batalha. Ocupem-se das contas que têm que prestar; Deus ocupar-se-á das suas. Preocupem-se com as vossas próprias vidas, o universo é seguro mantendo as leis do infinito, que em si mesmas são tão perfeitas e divinas quanto uma sinfonia cantada por um coro de anjos.

O poder do Amor Infinito está aqui e em toda a parte; vocês só estão em perigo em função das condições internas (subjetivas), que os tornam suscetíveis aos corretivos que a natureza exerce; só estão em perigo na medida em que se põem no caminho da luz da vossa própria natureza moral; só correm perigo na medida em que se esquecem, permanecem inconscientes, ignorantes, e não despertam para a altitude, grandeza e assombro das responsabilidades morais que estão próximas de vós. Podem condoer-se daqueles que são esmagados pela avalanche, mas não se apiedam daqueles que são esmagados pelo peso moral das vidas e enfermidades dos outros, que foram triturados pelo crime, pela ganância da humanidade, pela força destruidora que passa por cima das vidas humanas a despeito da inocência e da sua confiança?

Nas vossas próprias mãos Deus colocou uma pequena porção dessa questão Infinita. Ao longo de todos os ciclos das eras a luz da inspiração foi dada para os guiar no vosso próprio caminho. A luz é-lhes revelada; as maravilhas do universo físico que os rodeia. À vossa guarda, sagrada e divina, esta porção desse conhecimento é confiada, e o significado do ano que têm diante de vós não é o do evitar o perigo; não é o de correr a fugir das nuvens; não é o de saltarem para o bote salva-vidas a fim de se salvarem às custas do vosso vizinho, mas conhecê-lo e enfrentá-lo.

Se for doença, purifiquem-se e preparem-se; se for enfermidade, tornem as vossas mentes resistentes a ponto de a suportar; se for a adversidade, mantenham-se preparados para a enfrentar - ela não os poderá vencer. Se todo o mundo comercial for arruinado e a alma do homem for salva, esse será um preço baixo a pagar por tão grande vitória. Se, dos desastres que possivelmente vierem a ocorrer em todo o mundo mercantil puderem ressalvar a vossa honra, e declarar que não

enganaram ninguém, sair-lhes-á muito barato. Deixem que todos os monopólios e instituições monetárias pereçam, para que as vidas humanas possam permanecer cara-a-cara umas com as outras e revelem a verdade.

Tomemos as lições das estrelas por aquilo que elas significam; elas significam que a natureza é mais verdadeira, mais perfeita e mais sábia do que possivelmente imaginam que seja; elas querem dizer a lição de que toda a enfermidade física se destina a deixar o homem mais forte para enfrentar essa enfermidade com paciência e força moral assim que suceder.

A grande solução final para todas as coisas é a morte. Se não recearem a morte só poderão morrer uma vez, se a recearem, morrerão todos os dias, e ainda levarão uma existência mortal mísera; se não recearem a morte não poderão morrer nem sequer uma vez, por a morte não exercer poder sobre aqueles que a não receiam. Por isso, estão a salvo, em terra ou no mar, no vosso lar ou no meio de uma tempestade. Existe apenas uma vida física que podem perder nesta parte mortal, nesta presente existência; essa vida física é suplementada por uma existência divina e superior que existe dentro de vós.

Há muitos que anuiriam de bom grado à morte para conhecerem os segredos da eternidade; há aqueles que haveriam de ficar a ver um terramoto pela majestade da coisa; há naturezas que seriam capazes de ficar junto à boca de um vulcão para poderem ver a formidável exibição da pirotecnia da terra; outros ainda não receiam o perigo físico que desse turbilhão de elementos físicos lhes forneça as verdadeiras soluções da vida, informando-os de que no tempo e na eternidade, no espaço e na imensidão, nem um átomo, nem uma haste de relva sequer, nem uma rosa em flor, nem o universo de estrelas deixam de provar o poder do amor infinito e absorvente, que tem à sua guarda cada tesouro da existência, e encerra cuidadosamente entre as palmas das suas mãos ternas toda a alma viva. Há quem esteja disposto a ver a destruição de planetas, ver sois a ser apagados e mundos fundidos no caos para apurar a verdade disso.

À beira de destinos potentes desses, cabe-lhes a vós interpretar corretamente esses “sinais dos tempos,” e escutar as vozes, não só das estrelas, mas daquelas outras estrelas da vida que se evaporaram da vossa existência física, que se encontram cada vez mais próximas da presença de Deus, por estarem cingidas mais perto dos vossos corações

e vidas, e lhes dizerem que para lá de toda a tempestade e tumulto, além de toda a calamidade e desastre terreno, além da furiosa chama da guerra, além dos navios que se afundam nos mares, se eleva a grande voz da eternidade; para cada um amanhece a aurora da vida espiritual do enegrecido mar do tempo, belo, claro, perfeito e divino.

Assim o vosso mundo também se há de elevar após a mordaz e purificadora chama, depois que as águas tiverem varrido convosco, após todos os elementos destrutivos terem gasto a sua fúria, e a nova humanidade, purificada, corrigida, elevada, se elevar a essas alturas, a essa suprema grandeza, em que a terra será embelezada, as suas formas externas aperfeiçoadas, e a luz do Infinito inundar os corações e vidas de todos. A alegre humanidade, alçada das prisões das trevas e da imperfeição, preenchera todo o espaço com maravilhoso regozijo, e cada átomo brilhará com a luz e fulgor do nome que é divino. À vossa guarda é confiada esta preciosa carga que, murmurando por entre todos os espaços iluminados por estrelas, os planetas distantes possam escutar as vossas almas em veneração, e almas afins nesses mundos distantes rejubilem por das recém-descobertas esperanças e promessas vocês se terem alçado triunfantes sobre as trevas do espaço, tempo e condições terrenas.

O FUTURO MATERIAL E ESPIRITUAL DA TERRA

UM DISCURSO FEITO SOB TRANSE, NO ST. JAMES HALL, EM REGENT STREET, LONDRES, NA NOITE DE QUARTA-FEIRA 5 DE AGOSTO DE 1880

(NT: Este texto apresenta cortes devido à ilegibilidade de trechos do original)

Não é preciso mais que um olhar a história humana para ilustrar os espantos que o progresso humano tem sofrido. A ciência, dotada de poderes incalculáveis, revela a incomparável profecia do futuro. Cinquenta anos e os utensílios mecânicos terrenos terão sofrido uma revolução. Um século e todos os métodos modernos de locomoção, de transmissão do pensamento, de transporte do comércio, da prossecução de toda a forma de intercâmbio terão sofrido um completo e absoluto começo.

Os vossos avós não sonharam o que hoje é uma realidade, e o anseio por uma verdade por descobrir - a perceção de princípios ainda desconhecidos, contudo desejados na mente humana - tornam a profecia desse conhecimento possível. Por isso, hoje a ciência afirma que enquanto a terra tenha requerido incontáveis milhares de anos, provavelmente milhões, a atingir o estágio atual de avanço, e enquanto é mais que provável que a humanidade tenha vindo a lutar à sua superfície por pelo menos um milhão de anos, séculos vindouros desdobrar-se-ão mais rapidamente, uma vez que todo crescimento, ao se aproximar do culminar, amadurece mais rapidamente do que no germinar, e enquanto o crescimento é lento o amadurecimento é segura e veloz.

Qual será, pois, o futuro provável da ciência da terra? É verdade que vocês não têm uma mecânica que explique de forma bem-sucedida as maravilhas que são as pirâmides Egípcias. É verdade que não dispõem de uma arte adequada que possa competir com as eras clássicas da Grécia ou de Roma. É verdade que em certos sentidos únicos os culminares dos antigos povos poderão ter sido maiores do que os que hoje vocês alcançam, mas eles foram aplicados em sentidos exclusivos - na procura de certas linhas do pensamento, em vez de descobertas no domínio da ciência universal.

O Egipto representa o epítome do poder físico e da grandeza arquitetónica. A Grécia e Roma representaram o epítome das artes, da escultura, da diplomacia nos seus aspetos superiores, e a conquista do mundo material na era aprimorada e esclarecida das letras. O poder que existe no mundo no momento representa um outro culminar - o culminar da força intelectual - da descoberta generalizada - do aperfeiçoamento das ciências anteriormente começadas, e o atingir de uma grandeza mental tão grande quanto a grandiosidade física dos dias passados.

No próximo ciclo de dez anos, a julgar pelos dez anos transatos, o homem de ciência poderá esperar ver aperfeiçoado os novos poderes motrizes da eletricidade, pode esperar ver descobertas as ferramentas ou utensílios por meio dos quais os motores calóricos se tornarão práticos de uma forma distinta, e também pode esperar descobrir um outro motor mais universal do que o todo, contudo, não inteiramente aplicado - referimo-nos à atmosfera. Nos próximos vinte ou vinte e cinco anos poderão esperar ver aperfeiçoados sistema de navegação aérea que virão a ultrapassar em muito qualquer coisa até aqui tentada que,

sob a orientação da futura humanidade, rapidamente superarão os meros meios de trânsito terrestre.

Nos próximos trinta anos poderão esperar a solução de muitos problemas difíceis relacionados com a história política, por meio da qual os congressos internacionais, a abolição de vastos exércitos no ativo, o gradual declínio dos governos hereditários, o semear do poder do pensamento humano sobre o domínio individual e temporal, a humanidade gradualmente a alçar-se até ao pensamento e capacidade do governo próprio. Nos cinquenta anos seguintes poderão esperar que as barreiras que intervêm entre as nações mais remotas do globo civilizado e aquelas muralhas do orgulho, da ambição, e poder que agora separam as nações mais contíguas se terão desvanecido e que o mundo terá rapidamente avançado para a grande culminância que se há de seguir - uma confraternidade de nações.

Nos cinquenta anos seguintes, poderão esperar ver vislumbres vagos de uma ciência nova que ainda nem sequer sonham - forças subtis e ocultas exercidas por formas de que o homem ainda tem muito pouco conhecimento e relativamente ao qual pouco poder tem de procurar obter conhecimento - com o que nos referimos ao poder da mente humana sobre o espírito. A ação da mente sobre a mente na presença das vossas formas físicas constitui um fato reconhecido. A ação da mente sobre a mente à distância, caso um se encontre desincorporado, é igualmente reconhecido por uma vasta gama de seres humanos.

Mas a lei subtil que liga a mente à mente a vastas distâncias e as capacita a travar conversa uma com a outra, embora possam estar distanciadas milhares de milhas - a lei da simpatia psicológica - será levada por diante a um tal grau que, em muitos casos, a eletricidade será dispensada enquanto mensageira, e o telegrama psicológico será uma das ocorrências da vida humana. Também pode esperar ansiosamente no espaço de um século mudanças físicas tais à superfície da terra que gradualmente venham a superar as barreiras do progresso humano - ver as regiões selvagens redimidas e embelezadas quais jardins, e os desertos capazes de suportar verdura pela presença sempre crescente do poder do homem; a conquista desses obstáculos materiais que até aqui mantiveram vastos tratos do globo habitável desabitados; regiões remotas exploradas, entendidas, embelezadas.

A razão disso não se deverá simplesmente ao avanço material da terra. Por si só, ela tem muito pouca capacidade de avanço. Os átomos

repetem a sua formação e transmitem-se por ciclos de desenvolvimento de corpos orgânicos, de acordo com uma lei, um impulso da inteligência que os leva à grande culminação. Com que finalidade? Para que a mente se expresse, por toda invenção, toda descoberta, toda nova forma de pensamento que se reveste de aparelhos mecânicos na terra se destinar tanto ao resgatar, como ao embelezamento e exaltação da terra.

O homem é o criador daquilo que tem ao seu redor. Ele move-o e muda-o tanto individualmente como em conjunto. O homem individualmente afeta a substância de toda a terra; e com isso vocês são conscientizados das inteligências superiores, da humanidade espiritual coletiva que também exerce a sua influência e projeta na vida exterior as vagas recebidas do avanço, invenção e progresso humano.

Nenhum pensamento surge no mundo material que não seja percebido primeiro no espiritual. Nenhuma invenção é descoberta pelo pensamento humano que não seja conhecida dos habitantes dos reinos espirituais; e essa cadeia sucessiva de transmissão de conhecimento por inspiração ou impressões constitui a vitalidade que vocês conferem à matéria, com a qual revestem as substâncias que os cercam.

No espaço de um século, pois, o mundo será transformado numa proporção geométrica em relação ao século passado - queremos dizer com isso, como o século passado trouxe rapidamente as mudanças à Terra, também o meio século seguinte as trará, duas ou três vezes mais rápido. No primeiro quarto do século, a mudança será tão grande quanto no século anterior; e se esse poder for aumentado proporcionalmente, cem anos revelarão uma terra tão diferente daquela que vocês agora habitam, que dificilmente conseguirão traçar os marcos salvo pelo auxílio do poder espiritual ou psicométrico.

Esta não é uma afirmação extraordinária se vocês considerarem que a Londres de hoje dificilmente é discernível como a Londres de há cem anos atrás; se vocês considerarem que a Cristandade da atualidade, incluindo o vasto continente ocidental, não é a Cristandade de há um século atrás; e se vocês considerarem que mil anos produziram uma revolução jamais sonhada entre as nações da terra, e considerada impossível pelos povos antigos, o que não irão os próximos mil anos fazer por esta humanidade que até hoje por vezes arroga para si própria supremacia de conhecimento?

Mas se mil anos conseguem revelar não apenas a realização de muitos sonhos de profeta, sábio e vidente, (mas resolveram problemas que a mente do cientista nos seus sonhos mais loucos até aqui não ousara enfrentar, o que dirão vocês desses outros milhares? de anos que ainda estão por vir, quando pelo desenvolvimento lento e seguro - pelo avanço e recessão graduais das ondas da civilização, as nações da terra se multiplicarem e aumentarem, passarem novamente à existência espiritual e de novo à terra até que os átomos se encontrem completamente e nitidamente vivificado pela posse humana? Quando a Terra for totalmente redimida para obedecer às ordens do homem, será quando todo átomo que constitua a formação da Terra terá sido humanizado - com isso quero dizer quando todo átomo for organizado, não uma vez, mas muitos vezes, na forma humana.

A posse de uma qualidade adicional a uma distintamente reconhecida, mesmo na química, em que uma determinada função deriva pela matéria das organizações, que o calcário no seu estado original difere do calcário nos ossos dos animais, principalmente por meio de uma função adicional das organizações; que os fosfatos pertencentes às organizações superiores possuem uma qualidade química desconhecida das formações inferiores, e que, à medida que os átomos são assim animados por processos orgânicos mais elevados, capazes de expressar um propósito ainda mais elevado nos processos orgânicos a seguir. Isso explica a organização superior daquelas formas de vida animal cultivadas e cuidadosamente protegidas pelo homem; explica a deterioração gradual daquelas formas de vida que não se destinam ao uso direto do homem e da própria humanidade, apesar dos resmungos daqueles que estão sempre a voltar-se para trás para uma era iluminada, e em média têm uma forma melhor do que qualquer outro período precedente da história da terra.

Os Espartanos podem ter selecionado os seus guerreiros, e gigantes podem ter existido em épocas anteriores, e podem ter existido certas nações ou raças, se preferirem, que tenham expressado um maior poder físico ou beleza física pode ser bem verdade: mas é claramente demonstrado que em todas as nações civilizadas a média do tamanho humano está a aumentar, que a simetria e a perfeição da forma humana estão gradualmente a avançar, que conforme a inteligência anima as substâncias à vossa volta, é possível uma maior perfeição orgânica; e quando vocês levam em consideração a necessidade de maior

aperfeiçoamento, é algo para a Terra esperar ansiosamente, que as próximas eras expressem essa perfeição mais elevada.

Embora as eras possam passar sem atingirem até o que aqui imaginamos, afinal, as eras expressam apenas um momento daqueles ciclos mais grandiosos que são dados a todo mundo no cumprimento do seu destino final. Se a Terra alcançou metade do período da sua existência final, e se a humanidade alcançou metade da perfeição sobre a Terra, vocês pode esperar desdobramentos incomensuravelmente maiores nas porções finais desse aperfeiçoamento; e os milhões de anos que se seguirão ilustrarão as maravilhas que foram retratadas na última quinta-feira à noite como pertencendo aos planetas a seguir a Terra em avanço. Por fim, pelas mudanças que traçamos, todo átomo será vivificado pela inteligência humana; toda luz e sombra ficará imbuída do poder sensível do pensamento humano; e a terra, em vez de ser sombria, cega, muda e fria, adotará a voz da interpretação do homem.

O que a ciência vagamente revelou nunca será totalmente esclarecido; o que a religião se esforçou por (...) que diz respeito ao domínio da vida futura virá a (...) terra. A Nova Jerusalém que foi procurada como o Céu na Terra será confirmado se vocês tiverem tão só paciência para esperar, ou a esperança e fé para fazerem a parte que lhes cabe na sua (…) Deixem que esta imagem - grande e maravilhosa quanto possa parecer, quando aumentada pela consciência espiritual de que o universo (...) poderes espirituais (...) as miríades de inteligências têm (...) esta escola primária da existência humana aqui, e que a Terra nos seus diversos estágios de esclarecimento é apenas a expressão do desdobramento interior das vossas almas, enquanto as inteligências cada vez mais (...) prognosticam mundos de maior possibilidade, de realizações mais nobres e mais elevadas que um dia (...) serão vossos; deixem que esta imagem se aloje nas vossas mentes e então vocês considerarão que todo esforço por aperfeiçoar a vida, mesmo nos estágios mais baixos, se tornarão sagrados e toda a pétala de flor, e toda forma diminuta de bebé nas ruas movimentadas se tornará uma imagem sagrada e (...) uma profecia de um futuro anjo; e a terra habitável em geral profanada por cenas de carnificina e derramamento de sangue humano; o clamor do homem contra o homem - a indignação perpetrada pelo bem da humanidade, o pensamento de um homem que se ergue em violência contra seu irmão, serão uma impossibilidade.

O egoísmo humano cederá gradualmente lugar ao pensamento do bem-estar humano, e toda vida será tão válida e todo pensamento tão sagrado quanto aquilo que residir dentro do próprio coração. As nações da terra não serão mais um agregado de pompa e poder humano, do direito dos fracos retido pela mão do poder, e exercido apenas pelo forte; somente a mente prevalecerá, e essa mente cultivada, exaltada, subjugada pela atualização do elemento da própria vida da alma. A nação cairá em poder material para dar origem a uma grandeza espiritual com que nem sonha.

As religiões - não estão mais envoltas nas vestes da morte - encherão a terra de brilho e flor. Onde agora existem vastas pilhas de pedras e ruínas em decomposição, a dar (…) o som da grandeza do passado e dos agentes decadentes, erguer-se-á (...) de esplendor, adornado com toda obra de arte humana (...) com toda imagem do pensamento humano, flores e florescências a desabrochando (...) se agruparão em torno das delicadas treliças e pilares e os olhos do céu brilharão através do teto abobadado transparente à luz do dia a admitir os alegres ares de verão que emprestarão a sua beleza e os seus odores estimulantes.

As crianças não serão mais sobrecarregadas pelo peso da ignorância, mas se expandirão com o conhecimento; o fardo dos antigos sistemas de educação que, agora, através da monotonia maçante da ciência das escolas e faculdades (...) da vida do coração e cérebro do jovem, fundir-se-á com os poderes crescentes da intuição humana.

Vocês terão tempo para crescer, e não para ficar enfezados - tempo para se expandir, para não ser enfiados em alguma rotina estreita da vida humana chamado educação; haverá espaço para as estrelas do gênio brilharem, espaço para todo dote do intelecto humano, espaço para o espírito se expandir nos poderes imortais e para abrir caminho pela terra nas asas do pensamento. Toda criança será sagrada, toda vida será considerada querida; o espírito humano será então reconhecido como a fonte do ser e tudo o que pertence à sua expressão será valioso, e se tornará expressão no progresso consciente. Não mais se verá o peso esmagador da pobreza, a terra renderá a seus tesouros por igual à indústria humana e ao pensamento humano, e pensamento e indústria andarão de mãos dadas como a religião e a ciência na era maravilhosa, e a vida do mundo não será mais coroada em casebres sombrias nem existirá no isolamento de palácios esplêndidos.

Cidades não existirão; são abominações, excrescências na superfície da terra, em que os homens serão atraídos pelos poderes coletivos e adesivos da ambição humana, do orgulho e da ganância, enquanto a pobreza é a penalidade que precisa ser paga; pois, não muito longe da ampla avenida dos palácios, certamente haverá uma álea de casas. A terra será então o local adequado da morada humana.

Toda família terá um lar; haverá espaço para que todos os campos verdejantes não sejam negligenciados pela imundície das ruas coroadas, e os belos lares nos vales e os seus bosques emitirão o som da felicidade e da paz. A terra colocará a sua abundância às mãos do homem. Ela responderá quando ele lhe tocar o coração; ela revelará a sua beleza e alimento a quem pedir. E nesses anos, nesses maravilhosos anos que virão, nos quais a terra terá (...) gemido e deixado de lado a sua queixa e angústia, então quando as nações tiverem subido à plena consciência da humanidade, ainda se verão realizações mais elevadas, ainda alturas mais elevadas a alcançar, glórias maiores ainda, até que todos os membros de todo poder da Terra estejam em sintonia com a perfeição como expressão da humanidade, e por as formas não mais serem conduzidas à miséria da organização genérica, mas eventualmente, nesses (...) ciclos do desenvolvimento da Terra, as formas responderão à volição, a vida genérica cessará, as estruturas orgânicas não serão mais construídas por processos lentos e engendradas pela dor; o pensamento (...), ele próprio, os átomos dos quais a forma deve ser feita, (...) responderá, belas atmosferas se apegarão ao espírito e delas fluirão as maravilhosas imagens que adornarão e embelezarão a terra.

Nenhuma imagem esculpida da Grécia antiga nem o sonho dos anjos e madonas de Rafael se comparam às formas que percorrerão a terra, organizadas, ainda que criadas pelo homem. As crianças nascerão com o fôlego do pensamento e não, como agora, pelo lento processo de anos de maturidade até atingirem a masculinidade e a feminilidade, mas à luz de um único pensamento o seu ser brotará, e a Terra testemunhará uma corrida de anjos em vez dos aleijados que agora a habitam. Isso será considerado um sonho, um sonho maravilhoso porventura, um belo sonho; mas não será mais um sonho do que a terra, que certa vez foi negra e escura e fria e desprovida de vida.

Não será mais um sonho do que as rochas adormecidas e cavernas por baixo dos vossos pés que certa vez não emitiram nenhum ruído de vida e

não passavam de uma massa a fervilhar. Não é mais um sonho do que a própria terra que certa vez foi átomos destituídos de forma de vida globular, desconhecedora e desconhecida nas massas de nebulosas que se moviam pelo espaço. Não é mais um sonho do que vós próprios, enquanto formas individuais, que imergiram por meio do pensamento e a vida orgânica na vossa presente existência, e o fato de a terra ter testemunhado um milagre da vida a cada dia e a cada hora com a introdução da alma humana na existência orgânica. Não é mais um sonho do que a própria vida, com contínuos avanços cada vez maiores no sentido da perfeita fusão com o Supremo.

Mas, depois do Supremo, o que esperar? Quando a matéria tiver realizado o seu propósito; quando a terra tiver sido povoada ao máximo do seu esforço; quando todos os seus átomos tiverem cedido tudo quanto a sua vida pode dar para o avanço sustentável da mente; quando os ciclos completos das diversas dispensações tiverem sido moldados; quando os doze Messias tiverem conduzido a terra ao limite máximo do progresso e o homem não mais puder aprender uma lição que seja ligada à matéria - o que sucederá então? O globo habitável retrocederá; todas as formas de vida existentes à sua superfície afundarão na existência inorgânica e, por meio de um lento processo de desmaterialização e desorganização a terra, deserta, por si só mover-se-á na sua órbita até que o seu pulsar se torne fraco e, qual navio abandonado em pleno mar, como uma carcaça ou um destroço, ou alguns desses estranhos fantasmas errantes que reluzem através da visão do marinheiro, ou como a lua empalidece, a terra voltará de novo ao caos primordial para ser uma vez mais reformada nalgum imenso ciclo de incomparável mudança para outro mundo e até mesmo uma raça mais poderosa de seres.

Mas, e o homem que utilizou a terra a seus pés e que dela fez sua habitação? A sua alma não mais submissa às formas materiais ou à organização externa terá passado para alguma região remota onde não existe nome para as substâncias, e onde os mundos que ele habitará serão formados de pensamento. Ele terá passado - e todos os grupos de seres que aqui se encontram hoje congregados, e tudo quanto reside no céu interestelar existente entre vós e o planeta mais próximo também terá passado, e a terra será esquecida. Ficará ela só, e por isso desertada pelos seus filhos qual mãe antiga? Sentirá a falta das formas e peugadas que a percorriam à superfície? Vocês virão a esquecê-la inteiramente quando ela for cega e envelhecida e inútil?

Ah, mas existe um outro destino! Ela não sentirá falta dos vossos passos; el anão tem consciência da vida exceto aquela que lhe transmitem, e o átomo cederá de bom grado à sua inércia nativa e ao velho clamor do repouso; e Caos e Nox (noite) passarão a ser o seu elemento nativo. Mas, Ah, as almas reanimadas! por os espíritos que aqui tiverem vivido -- aqueles que tiverem passado em frente para os estágios superiores do avanço e desenvolvimento -- como haverão de arranjar maneira em meio aos novos ambientes do pensamento, qual pássaro saído do ninho para o ar, como a criança saída do berçário sufocante que sai para o ar livre, a juventude que se torna adulta, como o homem que da morte passa para a imortalidade!

E então voltar-se-ão para trás para esta terra apenas como uma porção, o mais pequeno fragmento de uma vida; apenas como um dos trampolins para aquela existência que é imortal e se acha repleta de eras eternas e ciclos da mudança; e para antigos anjos e arcanjos; e assim por diante ao longo de mundos e sistemas até que vós, também vos torneis Messias que venham a visitar algum planeta que se encontre mergulhado na ignorância com este, e contem a história de toda a esperança dessa tristeza humana com semblante e olhos que exponham ao planeta que vierem a visitar que vocês sabem aquilo que estão a afirmar; e então, tendo cumprido esta missão, passarão para aquela região onde apenas os nomes dos deuses bastarão, onde os mundos se tornam pontinhos de poeira, e sóis, com todo o seu fascínio e toda a sua luz, se desvanecerão na ignorância e nas trevas ante a região do Olho Celeste cujo nome não podemos proferir, mas cuja luz é eterna; e mesmo isso não passa do começo da eternidade, e mesmo isso não passa de um sopro nesse infinito pulsar.

O mundo que agora percorreis e todas as estrelas deste sistema terão caído no seu brilho material e declinado noutras mudanças e noutros mundos, para dar lugar a novos domínios e a novos reinos da matéria que devam ser governados por anjos e arcanjos. E esse destino, dotado do seu vasto poder de compreensão; e este quadro de infinitas possibilidades, os seus germes jazem ocultos em cada mente que aqui se encontra esta noite. Como na pequena gota de orvalho se encontra o espelho dos céus; como nos olhos da criança, a luz viva da hoste angélica; como no coração da mãe, o espelho do amor divino; como na própria humanidade, a maravilhosa imagem daquela vasta eternidade que jaz diante de vós, cujas mudanças perfazem os ciclos de milhões de anos, cujas vastas revoluções são maiores do que as revoluções de sóis

nas suas órbitas ou sistemas solares nos seus lugares, e a grandeza e domínio e poder e majestade desta visão espelha-se na mente da criança.

O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DO ANTIGO SÍMBOLO DA CRUZ

PALESTRA PROFERIDA POR CORA RICHMOND EM 1876

Lá ao longe, no Egipto, ao longo do místico Nilo, era costume na antiguidade criar indícios que apontassem a subida da maré, pela qual os reis do Egipto pudessem contabilizar a provável colheita do ano seguinte. Como o rio sagrado supostamente continha os elementos da vida e da morte, e como as divindades eram propiciadas com relação à época da colheita, gradualmente esse símbolo chegou a ser reverenciado entre os Egípcios porque, na exata proporção da subida da maré também haveria de ser a fertilidade da ceifa. Esse indicador tinha a forma de uma cruz, na qual era marcada, de um ano para o outro, a gradual subida ou o declínio das águas do rio.

Subsequentemente esse símbolo foi introduzido entre as tábuas sagradas e nos diversos locais de veneração; porém, não na forma da cruz Romana, mas da letra X, a qual por fim, também se descobriu ser símbolo do ângulo de incidência dos raios do sol, cujas pontas representavam duas pirâmides, uma invertida, e as diversas outras pontas os quatro cantos da terra.

Entre os antigos Brâmanes a exata cruz, igual nos seus diferentes ângulos, foi venerada como representando os quatro cantos da terra, ou as diversas direções de onde provinham as diferentes divindades que Brama enviava para governar as estações. O norte e o sul, o leste e o oeste, são pontos cardeais, e por conseguinte, quando descritos, representam a exata cruz retangular. Há, entre os Brâmanes, objetos de devoção não só em diversos pontos, mas nos diversos ângulos de coincidência, que representam as ciências no seu sentido subtil e oculto. Se vocês visitarem o extremo Oriente atualmente, porém, verão que esse antigo símbolo foi usurpado por outro, e que em diversas regiões da Índia o símbolo do Crescente se eleva acima não só da Cruz Brâmane, mas também da Cruz Egípcia e Romana.

O sinal do Crescente da religião de Maomé, a usurpar as religiões mais antigas do Oriente ergueu a cabeça e hoje indica o fogo e a chama com que o Profeta Maomé de Meca impôs a sua religião nas nações do Leste. Até mesmo na cidade sagrada de Jerusalém vocês verão símbolos das religiões Pagãs, e a veneração do Crescente é atualmente mais significativa do que a Cruz. Quer o Profeta que fugiu para Medina realmente representa uma religião ou não, certo é que os seus seguidores são inúmeros, que a influência da sua religião tem sido vasta, e que o fogo e a espada numa mão e o Corão na outra, todo o Oriente foi devastado pela pilhagem e pelo assassinato às mãos dos seus seguidores.

Quer vocês creiam que o antigo símbolo da Cruz tenha sido consagrado no Egipto ou não, vocês verão que as indicadores são que o deus Osíris, a sorrir para o deus-rio Nilo abaixo, representava o símbolo místico que foi descrito na Cruz, e que a forma velada de Ísis encerrava o secreto e subtil poder pelo qual os raios de luz excitavam a terra e a tornavam fértil. Quer acreditem que a caverna Mitraica e por entre o oráculo de Delfos e por outras partes existissem símbolos cabalísticos e singulares, que não só retratavam o ângulo do contato do sol na superfície da terra mas igualmente os diferentes signos do zodíaco e o seu significado, é ainda verdade que nessas antigas tabletes se encontram os símbolos da ciência e muitos dos da religião atuais, e que a própria Cruz é tão velha quanto as linhas geométricas e diagramas na ciência da terra.

Quer acreditem que os pontos cardiais da bússola eram indicados pelo símbolo sagrado que referimos ou não, certo é que em todo templo Brâmane se acha gravada a representação dos quatro cantos da terra e as diversas influências que tem sobre a humanidade; e que os seguidores de Confúcio, ao passarem da antiga fé de Brama para a mais moderna, assim como os seguidores do Buda, retrataram esses diversos símbolos por linhas, paralelas e ângulos, entre os quais a Cruz é representada.

Mas foi deixado aos Romanos inventar a Cruz como forma particular de punição, já que entre os Judeus a crucificação não figurava entre as formas de castigo, mas diversas outras formas de tortura, como por exemplo a Gaena fora das portas da cidade de Jerusalém em que eram lançados os malfeitores, e os fogos que eram mantidos sempre acesos; como por exemplo, o desterro para o deserto distante, onde se supunha

que os poderes da morte permaneciam. A crucificação foi introduzida como sistema de punição mais degradante por ser mais público, e a exposição dos malfeitores aos olhos da população, que, é claro, desejariam evitar e esquivar-se.

Na medida do que o estudante consegue determinar, a cruz Romana não tinha nenhum significado especial. Parece não ter havido qualquer intenção de um símbolo religioso de perseguição na adoção da Cruz como forma de punição, sob o domínio Romano em Jerusalém; nem parece ter existido em Roma, pelo menos até após a era Cristã, qualquer significado especial que tenha sido aplicado à Cruz; tampouco parece que nos primeiros dois ou três séculos da Era Cristã, a própria Cruz tenha sido transformada num símbolo especial do que Cristo representara, quer do Calvário, da sua doutrina, ou da especial missão que cumpriu no mundo. Contudo, chegou a tornar-se típico de toda a religião Cristã.

Chegou a expressar no grande mundo dos símbolos uma ideia absoluta; e quem quer que veja ou contemple a Cruz sobre o templo ou local de culto, ou como um ornamento num nicho ou na parede, entenderá que ela representa alguma ideia especial de que "Cristianismo" é o símbolo e designação sagrada. Onde quer que esta Cruz apareça, na basílica de São Pedro em Roma, nas paredes da donzela no seu claustro, nos recintos encantados da igreja Protestante em Inglaterra, ou sobre os templos da moderna veneração aqui, indica uma ideia; e essa ideia deve ser verdadeira ou falsa; deve ser ou emprestada da revelação absoluta pretendida, ou deve ter-se tornado o símbolo de uma idolatria.

Vocês chamam aos Maometanos Pagãos. Eles prestam culto no santuário de Maomé; o seu símbolo é o Crescente. Eles têm as suas ordens de devoção; eles curvam-se diante dos objetos sagrados para eles. Isso é Paganismo. No extremo Oriente, o culto Oriental representa o fogo de Zoroastro ou a sagrada imago de Brama, e os homens ajoelham-se diante das imagens esculpidas como objetos de devoção, e vocês dizem que eles são Pagãos.

Nenhuma voz jamais lhes concedeu a interpretação ou o significado dos seus símbolos. Nunca ninguém lhes disse que o Boi Sagrado representava o princípio do poder criativo, ou que Osíris foi retratado no sol como a imagem da divindade, ou que o Brâmane realmente não

adora a imagem que designam como Brahma, Vishnu e Siva, mas apenas o pensamento que eles representam. No entanto, esses são adoradores Pagãos. Os seus símbolos não são sagrados, enquanto lá em Roma o símbolo da Cruz ergue-se acima da cúpula de São Pedro, e isso é chamado de religião.

Dentro dessa cúpula, que a arte da mão que a talhou a tornou porventura perfeita como uma obra de arquitetura, estão os símbolos da Igreja Matriz da Cristandade. Neste e noutros templos sagrados estão refletidas as imagens que os Cristãos adoram hoje. Mas os Protestantes declaram que a Igreja Romana agora é idólatra, e que os símbolos de santo e mártir e as imagens gloriosas da arte antiga são pagãs em comparação com a simplicidade e austeridade da fé Protestante.

Em Londres, nas torres de São Paulo ergue-se acima da cidade, e envia o seu repicar de sinos aos ouvidos de todos os habitantes. O mesmo símbolo encontra-se lá, e lá dentro encontram-se quase os mesmos arranjos de culto, manto sacerdotal e santuário sacerdotal. No entanto, isto é Cristianismo e o outro é Idolatria. Os Ritualistas realizavam quase exatamente as mesmas cerimónias, com altar e santuário, templo e manto, que os devotos da Basílica de São Pedro em Roma. Uns são chamados de idólatras; os outros, a verdadeira igreja.

Alguns Quacres, ansiosos por escapar dos símbolos que pareciam não ter significado, arrancaram da Igreja Matriz de Roma e da Igreja Protestante, adotaram a austeridade dos agudos, ângulos e cores mais suaves, não quiseram símbolos nem sons, cruz sobre templo, ornamento de paredes nem de habitações, e, perseguidos e condenados ao ostracismo em casa, buscaram refúgio num novo mundo.

Hoje eles consideram as igrejas Protestantes e Romanas idólatras, enquanto dentro das suas formas de silêncio e das suas paredes de devoção incolor eles esperam receber a bênção do verdadeiro Cristo que é representada no Espírito; cerram as janelas à luz do sol para que o espírito da verdade possa entrar, e banem as cores das flores para que a alma do céu possa descer sobre elas. Sem qualquer música, altar e santuário, mas uma cruz despida e parda erguida sobre o Calvário, num apelo piedoso ao céu, e o silêncio do coração partido que não pode nem mesmo louvar a Deus numa palavra e cântico.

Há alguns anos atrás, o Dr. Priestley e outros introduziram um sistema de veneração mais liberal, em que a Cruz podia representar uma forma mais branda de devoção do que a de Lutero e Calvino, e em que um pouco do amor de Deus podia brilhar através das feridas sangrentas e da forma crucificada do Salvador. Ele foi apedrejado na Inglaterra; ele foi insultado na América. Hoje, a igreja Unitária cria a sua forma lado a lado com as igrejas evangélicas da Cristandade, e tem sobre nas suas alturas o símbolo da Cruz. Que significa isso? Idolatria em Roma, e não na igreja Unitarista? Idolatria em São Paulo, e não no coração do Quacre que serve linhas e ângulos rígidos, e é livre até de um ramo de louro?

O que significa que um símbolo rebaixado por um seja exaltado pelo outro, e que a cruz venerada aqui neste solo seja mais ou menos um símbolo do Cristianismo do que possa ser em Roma ou em Londres? Entre os mosteiros havia um em que se afirmava que uma cruz brotara da parede coberta de musgo, moldando-se em linhas de beleza infinita por os monges costumarem orar, e que sobre essa cruz foram vistas gotas de orvalho que tipificavam o sangue de Cristo, e que delas saltaram as flores que eram as suas lágrimas que os padres estavam acostumados a venerar.

Os Rosas-cruzes consideravam que tinham descoberto o sentido mágico do orvalho sobre a cruz, através do qual eles podiam resolver todos os mistérios da vida e da morte. Seriam os seus genuínos e o os monges na cela idólatras? Seria deles a verdade por ter sido acoplada à ciência, enquanto no mosteiro deve ter sido considerada como superstição? Santa Catarina de Siena cruzou as montanhas no meio do inverno pata poder com as suas súplicas e orações trazer de volta o Papa ao seu povo.

Terá isso sido idolatria, e uma covardia da parte dos Cristãos modernos, que não atravessam a rua num Domingo chuvoso, para ir prestar o seu culto? Será a religião que inspira os homens a atos de covardia, e será a idolatria que os leva a atos de bravura? Será, pois, um verdadeiro culto o que permanece no meio de um século Cristão, a empunhar as armas da avareza e do orgulho e chama a isso religião; e não seria uma era de idolatria aquela em que os santos e mártires eram remetidos para o céu através das chamas e da tortura?

O que é que inspira as almas dos homens? O que é que os eleva da escuridão e da escória? O que é que mistura e funde as suas vidas com

o sublime? Será o nome do símbolo que carregam, ou será aquilo que está traçada nos seus corações como o impulso de sacrifício pessoal, e quer seja sob o nome de Brahma, Osíris, Maomé, Zoroastro, Moisés ou Cristo, os unge como heróis, mártires, santos, por morrerem por aquilo em que acreditam ser verdadeiro - melhor ainda, por eles viverem para isso e empregarem as suas vidas em obras santas e símbolos sagrados de devoção? Basta! Basta! Sabemos o que foi feito sob o nome da Cruz. Nós seguimos as letras de fogo até mares de sangue, e sabemos que não há crime sob o sol nem terror que não tenha sido ratificado por esse símbolo.

Vocês sabem que a Inglaterra Protestante funcionou como uma ruína tão terrível quanto a Inglaterra Católica Romana. Vocês sabem que a França, foi palco de horrores alternados sob o símbolo que por diversas vezes representou quer uma influência quer outra. Vocês sabem que os Puritanos fugiram do símbolo da cruz para erguer as forcas na colina de Salem, onde poderiam enforcar bruxas que não acreditassem naquilo em que eles acreditavam.

Vocês sabem que não se passaram duzentos anos desde que não era seguro com respeito à liberdade de expressão e de culto em que agora vocês se deleitam sequer pensar. Vocês sabem que não se passaram sequer cem anos desde que estas reuniões teriam sido impossíveis, e sob o nome da cruz que vocês teriam sido perseguidos, senão com a morte de pelo menos com ostracismo social e pessoal.

Para os feitos sublimes que não foram todos registados na história, pelos quais algumas almas pálidas, macilentas, ou almas secretas e silenciosas abriram caminho por meio de provações de fogo para a conquista gloriosa de si próprios, nenhuma cruz flamejante está lá para lhes brasonar o triunfo; nenhum emblema se acha pendurado na parede da catedral nem antiga abadia - nenhuns mármores monumentais se ergue por si sós acima das suas sepulturas; mas indeléveis nas paredes os seus registos manchados de lágrimas da vida foram gravados, e deles é a coroa que o espírito mártir deve usar.

Interpretemos as coisas de acordo com o seu verdadeiro significado. Se temos um símbolo, que ele signifique alguma coisa; e se significar o Cristo morto do Calvário, vejamos que interpretação tem hoje. Significará o derramamento de sangue e a matança de vítimas inocentes? Significará que em nome do Príncipe da Paz países foram devastados e horrores perpetrados sobre mulheres e crianças? ignificará que sob o

nome desse símbolo o homem deva empreender a guerra ao seu irmão em benefício da liberdade, do seu tesouro público? Quererá dizer que, por causa das diferenças de opinião deva haver carnificina e ruína, fogo e espada, e que todas as palavras ditas pelo Mestre seja esquecidas?

Cristo no Calvário significa o triunfo da alma sobre uma era brutal e egoísta; significa o espírito a conquistar a carne; significa o triunfo de Deus sobre s maquinações da vida abaixo. O carregar do fardo da Cruz é símbolo literal ou espiritual. Se for um símbolo literal, quem o seguirá? Andarão vocês pelas ruas a carregar fardos aos ombros? Não; vocês têm bestas de carga, motores a vapor, fios elétricos e dedos que morrem de fadiga para que levem os vossos fardos por vós. Será um símbolo literal? Quem se deixará conduzir a qualquer Calvário atualmente por uma verdade qualquer, ainda que seja a mais comum? Evasão e falsidade, brigas e contendas, e cedência à eterna pressão daquela política que restringe o mundo, são os métodos mais usuais.

Um símbolo literal? Mártires morreram pela questão da sua interpretação para pelas suas almas; mas não teriam sido mártires se tivessem ambicionado as chamas, a guilhotina ou a cruz apenas pelo bem do martírio. Aquele que aspira a ser mártir não deve simplesmente cortar a garganta, ou enforcar-se na árvore mais próxima, nem pendurar-se estendido numa cruz material. Se ele tiver alguma coisa por que morra o melhor será que viva. A alma compreende que o significado no Calvário é que, que quem quer que tome a sua cruz e siga o Mestre deve fazê-lo em espírito; que a cruz da vida a carregar não é necessariamente do sofrimento físico, nem da morte física nem do martírio, mas que é, se preciso for, aquilo que lançou John Brown no mundo das almas por causa do amor que teve pelos escravos, ou aquilo que deu à nação um presidente que foi martirizado.

Essas são as formas por que a Cruz é o símbolo do que o Mestre ensinou. Se ele morreu no Calvário meramente para que a própria Cruz pudesse salvar o mundo através do derramamento do seu sangue, então esqueceremos aquela mensagem sem paralelo do Sermão da Montanha que brotou dos seus ensinamentos, e só deveremos seguir essa imagem, a Cruz. Mas se essa foi tão só a gloriosa consumação de uma vida cujo propósito foi o de ensinar, inspirar e elevar, então o Irmão mais velho da humanidade que veio para representar a possibilidade do homem, então a Cruz significa a Regra de Ouro, o Sermão do Monte, os

ensinamentos, as curas, as profecias e o magnífico amor que expulsou todo o medo e abençoou os pequeninos e a Madalena num só folgo.

Se a cruz significa alguma coisa, significa aquele tipo de vitória e conquista sobre as atividades egoístas e objetivos que levam a vida humana para mais perto do o padrão que ela tipifica. Se ela significa alguma coisa, significa a carga diária dos fardos que são necessárias e indispensáveis que sejam suportados, sem queixas e sem amargura, de bom grado e de boa vontade, por causa da finalidade da vida a ser atingida. Se significa alguma coisa, significa que a rotina diária da existência que pode tornar-se num encargo e num terror e na maior e mais árdua carga, será gradual e constantemente elevada pela presença penetrante daquela doçura da vida, daquela perfeição da existência, que fará com que cada fardo pareça leve e todas as preocupações afundem na insignificância.

A verdade é que não há cruz para a alma que tenha obtido a conquista sobre si própria. A própria vida não tem fardos; as preocupações caem por terra, e a morte torna-se na porta de entrada para uma vida incomparável. Qual terá sido a cruz para o Filho do Homem, cujo olho interior podia ver o Paraíso? O que terá sido a morte para o santo e mártir que acima das chamas e da pilha sacrificial podia ver anjos e ouvi-los cantar? Não, não! É uma cruz apenas o que o espírito sente é penoso de suportar, e que é intenção da economia divina que vocês devam vencer nesse mesmo sentimento.

Vão para o vosso trabalho a sentir que é um fardo terrível; vejam como ele se arrasta pesadamente sobre vós, como pesa nas vossas mãos e os leva a sentir-se impotentes. Vão com o impulso de um amor Divino e um desejo fervoroso de fazer o bem a algum semelhante, mãe, irmã, esposa ou amiga, e o trabalho passará a não ser nada, o trabalho torna-se doce, as mãos fortalecidas e os pés tornam-se leves. Ah, vencer os fardos da vida é a maior cruz de todas.

Se este símbolo significa alguma coisa para a vossa compreensão, significa que é aplicável à vossa vida diária, à vossa existência individual, e a própria coisa que é mais difícil de superarem, o que quer que possa ser -- o orgulho, o egoísmo, a vaidade, o apetite externo -- qualquer coisa que se interponha entre vós e a clareza de visão que o Mestre tinha, é a cruz que vocês têm que carregar e superar. A significar alguma coisa, significa o controlo supremo do egoísmo e da loucura no

mundo, por meio do qual o homem individual (pessoa) é obscurecido, e apenas o seu aspeto aparece na vida diária.

Nem todos podem ser heróis. Os martírios não estão à venda por um preço. Vocês não podem incorrer em nenhuma nova inquisição voluntariamente. Existem poucas oportunidades para um sacrifício pessoal heroico. Mas a vida diária e a vocação do momento, e as coisas que estão a todo o redor do caminho -- isso multiplica-se e torna-se a grande cruz e o fardo que vocês têm que carregar, e que, se a carregarem de modo triunfante, levará á própria coroa da conquista e vitória sobre vós próprios.

Para o verdadeiro Cristão, esse é o significado da cruz. Todos os outros significados são idólatras e Pagãos. Aquele que cultua nesse santuário ou diante do símbolo sem esse significado no seu coração é um idólatra. Aquele que se curva diante dele como tendo qualquer imagem velada da divindade, Deus ou homem, e não conhece a doce mensagem de que transmite ao mundo, é um idólatra. Aquele em São Pedro que, diante da Cruz faz o mesmo sinal sobre a sua pessoa, mas não sabe que isso significa sacrifício e conquista pessoal, é um idólatra. E aquele que amontoou credos tão grandes quanto o edifício em que presta o seu culto, e se curva diante artigos e ordenanças, esquecido da doce mensagem que torna a vida gloriosa, também é idólatra, quer venere na igreja Protestante, no santuário de São Pedro, ou na Índia Pagã.

Não determinamos esta questão por vós. Para nós, há apenas uma interpretação. Não devemos abrigar imagens que superem a ideia. Nós devemos ter há templos que sejam maiores do que as almas que os habitam. Não devemos ter nenhuma forma de culto que substitua o espírito de adoração. Não devemos ter nenhum Cristo que se situe demasiado longe para que a humanidade o siga. D*evemos* ter aquela divindade que entra no coração, molda a vida, se desdobra na compreensão, ergue o edifício da existência -- faz do glorioso homem ou mulher, tudo pela sua vitória e conquista.

A matéria é a cruz; a vida material é o fardo. Todas as tentações que se situam no seu caminho, as diversas dificuldades e obstáculos da existência, o espírito precisa enfrentar e triunfar. É gloriosa a vitória como aquela que enviou todo santo ou mártir para o céu; é igualmente triunfante quando alcançada. Traz a conquista; é a ressurreição; é a vida, a doçura subjacente e amor graduais e imortais

perfeitos que conduzem o espírito humano por todos os caminhos de dificuldades até o triunfo da morte.

Tirar-lhes o fardo? Não, ainda que gozássemos desse poder neste instante. Diminuir as vossas tristezas? Não ainda que o nosso fosse um feitiço potente suficiente para os afastar. Um grande devoto homem disse: “Eu jamais tive um pesar a que pudesse furtar-me.” Doloroso de carregar? Nisso está a questão. Árduo e difícil de compreender? Esse é o caminho para a compreensão. Não pensem que um Deus infinito de amor pudesse suscitar essas dificuldades.

A mãe carinhosa jamais poderia fazer com que a pedra furasse o pé do filho; mas ele nunca será um homem a menos que isso suceda. Não me venham falar do amor que fecha no armário a imagem para que nenhum sopro a atinja. Não me venham falar do afeto que protege a planta tenra até que ela definhe e morra. Não me venham falar daquele tipo de amor que não dá nada para fortalecer a árvore da floresta, mas que a deixa um rebento todos os seus dias. Vento e chuva fortalecem o carvalho, e até mesmo a violeta humildemente inclina a sua cabeça ante a tempestade que trás o ar frio ao olho da flor.

Lágrimas nos olhos fortalecem o coração, e a mão que traça a sua história sobre as paredes da vitória e da conquista é tornada gloriosa. Um mar de rosas é o lendário céu e paraíso Oriental. O Cristão aprendeu que o caminho da coragem e firmeza que leva ao alto da montanha é aquele onde a melhor vista pode ser obtida. O turista haveria de desprezar do amabilidade que o mantivesse sempre no vale por ele poder magoar os pés na subida até onde possa ver o nascer do sol sobre os Alpes.

Trepem, escalem, subam se quiserem ver o sol sobre as colinas eternas. Deixem que as pedras lhes perfurem os pés se quiserem saber o que é ter conquistado a vitória da vida. Não ponham de lado os espinhos se quiserem saber o que é tê-los vencido. Os marinheiros atravessam os mares; os filósofos sondam a terra e permanecem por toda a vida sobre um segredo para poderem descobrir o seu mistério. Cabelos ficam acinzentados, os rostos enrugados, as formas atingem a decrepitude por causa da verdade de que a alma anda em busca.

O ouro, que não durará um único dia quando vocês se estiverem mortos, toma-lhes o vosso tempo, a vossa atenção, as vossas vidas -- vocês arrastam-se exaustivamente a cada hora do dia e não

consideram isso uma cruz. A verdade, porém, Deus deve-lhes revelar. Qualquer coisa que seja para benefício das vossas almas deve cair aos vossos pés para que vocês possam colhê-la. A inspiração e a profecia e todo o conhecimento espiritual deve vir sem que a peçam!

Continuem a cavar à procura de ouro. Continuem a arrastar-se pelo vosso caminho fatigante para erguer monumentos por que os filhos dos vossos filhos haverão de os desprezar; mas nunca mais digam que é uma cruz, quando mesmo diante de vós estão as verdades douradas e as palavras inspiradoras que você não estenderiam a vossa mão para agarrar, mas culpam a Deus por não lhas impor à vossa consciência.

Saibam que o esforço está nisso, o espírito está nisso, a luz está nisso. O caminho para ela é através de todas as tentações que vocês evitam, através da conquista de todo inimigo que vocês temem, da superação das próprias cadeias que escravizam e da rutura dos próprios laços que os amarram. Saibam que a vitória está nisso, e não no evitar de toda a dificuldade; apenas na sua superação.

O menino no muro do castelo, o explorador no Mar do Norte, o Dr. Livingstone na África -- isso é o que os homens farão por uma ideia. A verdade que se encontra dentro da alma não valerá tanto? Dizemos que vocês nunca hão de ter um tesouro espiritual, uma verdade sublime, uma esperança divina, uma realização santa e consagrada da profecia, a menos que a conquistem ao longo do abismo que vocês procuram evitar. Dizemos que o espírito não pode triunfar sobre o barro; ele não pode vencer o seu destino, não pode obter a sua herança, não pode entender a si próprio, a menos que o glorioso reino do espírito seja forjado no vosso sacrifício e sofrimento.

Quem estimará a nobreza titular da Grã-Bretanha ou do Velho Mundo? Quem se preocupará com riqueza ou fama que seja transmitida de pai para filho? Richard Cobden, John Bright, todos os grandes espíritos que se destacam e pleiteiam a causa dos homens são aqueles que conquistaram a vitória da vida por si próprios.

Quem se importará com a fama escrita nas tábuas antigas de qualquer parede ancestral? Vocês não travaram essas batalhas. Vosso não é o crédito pelos feitos da ousadia deles. O que foi que vocês fizeram? O teste encontra-se aqui. A força está na vossa própria cidadela. Vocês ergueram o castelo em que habitam. O vosso espírito é nele um mandrião caquético, ou encontra-se vivo, alerta, ativo, e conquista todos os dias louros que reis e príncipes podem invejar. Não é

necessário que o mundo os veja. A alma é o seu melhor e mais completo pacificador. A alma consegue entender se *vós* que habitais o templo da vossa vida sois um ocupante digno. As vitórias que vocês conquistaram são identificadas lá e o vosso espírito compreende-as. Elas refulgem-lhes dos olhos e iluminam-lhes o rosto, e quando um homem se cruza convosco na rua, se vocês não se afastarem do seu olhar, mas o encararem com uma expressão de olhar clara e sincera, ele saberá que vocês venceram a tentação e não terão vergonha de encarar outra alma olhos nos olhos.

Voltem o vosso olhar para o lado, ou para baixo, e ele saberá que a vitória não está ganha, que o tentador ainda está presente, que a serpente ainda está no Jardim do Éden, e que o Cristo homem não lhes ensinou a lição, que Deus não veio habitar no vosso coração.

Ah, tomem a cruz da vida, carreguem-na com nobreza e bem, sem recuar, sem terror, sem medo. Nem os sinos da catedral de São Pedro em Roma, nem da Abadia de Westminster, nem da de São Paulo na Inglaterra, nem de todas as igrejas que se alinham nas ruas das vossas cidades apinhadas, podem emitir acordes de alegria e louvor tais como os que são difundidos do alto imponente do santuário daquela alma em que a vitória tenha sido conquistada sobre o egoísmo e o orgulho e a preocupação, pelo verdadeiro significado da cruz.

ESPÍRITOS GUARDIÃES
E OS ANJOS DA GUARDA
A SUA IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO

Cora Richmond, 1897

"O antigo termo de que a palavra anjo derivou é muito subtil e faz referência a um mensageiro dos ciclos; a períodos recorrentes do tempo, e consequentemente foi interpretada com dificuldade por aqueles desconhecedores dos ciclos dos Magos. Literalmente, um anjo era um mensageiro do ciclo e os arcanjos eram os mensageiros dos ciclos messiânicos; consequentemente, um arcanjo raramente aparecia exceto para anunciar ou fechar um ciclo messiânico maior ou menor..."

“’Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre veem a face de meu Pai que está nos céus.” (Mateus 18:10) ‘Anjos esses, que significam as suas próprias almas, a luz da alma, que jamais se acha separada do Infinito, ou do Pai, ou dos céus...’”

“É verdade que os espíritos guardiães poderão mudar, ou seja, um espírito guardião pode-se-lhes adaptar num período da vida e outro a outro...”

“Por vezes eles são do vosso próprio lar; naturalmente deveriam estar agregados por laços da consanguinidade ou profundo afeto que não decorre meramente da relação física...”

“Bom, pensem num amor paternal, que se assemelhe ao de irmão ou irmã, que além disso seja duradouro, que não seja infinito mas inclusivo; suponham que o anjo da guarda, alguém que os conhece de uma ponta à outra, que na hora do nascimento tenha tido conhecimento das precisas condições sob as quais vocês iriam entrar na vida humana; que compreendia o rumo da vida que vocês viriam necessariamente a seguir, por causa das condições da entrada na vida humana e das vossas condições particulares; um que conseguia prever tão bem, qual viria a ser o vosso destino terreno pelos ângulos da existência individual, pelas linhas interiores e exteriores, quanto um matemático, pelos ângulos e linhas de incidência e de coincidência, consegue predizer os resultados finais dos cálculos geométricos.

Suponham que no período da vossa entrada na vida humana esse anjo que assumiu o comando, ciente de tudo, e foi designado para ficar junto a vós, decida quais venham a ser os vossos espíritos guardiães caso alguma decisão seja necessária, para que a lei da adaptação possa prevalecer; aí, as pessoas dirão, sempre ansiosas por saltar para uma conclusão, e por evitar o conhecimento e a sabedoria, “Porque é que não me poupam à infelicidade?” Por não ser da sua conta mantê-los livres da loucura. A loucura é resultado da falta de desenvolvimento...”

“Portanto, os espíritos guardiães, à semelhança dos pais da existência humana são indicados para liderar, para mostrar o caminho, para apontar a luz, para mostrar o significado da lição...”

“O mesmo sucede com as proposições e dificuldades que vocês defrontam diariamente; nesta correria louca aos médiuns me busca da satisfação desta dificuldade ou de evitar aquele obstáculo, como contornar este pesar, e a resposta é tanta vez insatisfatória. Insatisfatória

por o espírito do mundo não ter permissão para pensar por vós, para crescer em vosso lugar...”

“Muita gente espera do espírito do mundo não só a verdade absoluta, que não conseguiriam compreender, mas a verdade relativa, no entanto não levam tal proposição condicional consigo à médium...”

“Muitos Espiritualistas há que buscam saber como alcançar as maiores alturas no reino do espírito, como lhes haverá de ser atribuído o mais elevado lugar. Porém, não será melhor conhecer o que seja verdade, seguir as boas maneiras e orientação? Não compreenderão que não há recompensa de mérito no sentido da preferência externa?

Esta competição que é a maior maldição da existência humana e a sua necessidade, este desejo do primeiro lugar da posição mais importante, em vez da excelência em função de si própria, tudo isso há de ser alterado pelos examinadores do íntimo, pelos anjos da guarda, que instruem os espíritos assistentes que são designados para fazer esse trabalho por diversas formas; para os submeterem à prova, ao teste, para os comandar, para os fortalecer sem os enfraquecer, para lhes dar a luz na medida em que se tratar de a dar. Ah, a bênção de saber que não estão sós; a bênção de saber que não são negligenciados, que o órfão e o pobre, negligenciado pelos seres humanos, ainda está tão perto do amor Infinito, e é objeto de tanto ternura e comiseração quanto qualquer um, e não é negligenciado.”

“Ah, a tutela dos espíritos, o doce conforto na hora do sofrimento, a força dada na hora do mais profundo desespero! Já tiveram conhecimento de pessoas que passaram por condições de uma completa falta de um raio de luz, onde aparentemente todos os caminhos se achavam vedados, onde não pareciam encontrar forças no exterior, e subitamente foram atingidos por uma luz, transmitida por esse poder luminoso, por essa fora de dentro e de cima, por esse anjo da guarda, uma luz tal que os terá levado a exclamar: “Agora tenho esperança, nada na vida exterior me ocorreu que me reforçasse, mas eu sei que posso ir em frente.” Essa é a vitória real.

“Cabe-lhes ajudar-vos mutuamente a obtê-la; cabe-lhes assistir com as mãos onde quer que essa assistência for necessária, assistir com a voz onde quer que for necessária; cabe-lhes voltar-se para os vossos espíritos guardiães, não para dizer, a exemplo do lado humano, “Que este cálice seja afastado de mim,” mas olhai! - “Eu venci o mundo!” - querendo com isso dizer, o sofrimento, a tentação,, as fraquezas das

condições humanas. Então por fim nesta vida os vossos espíritos guardiães, os vossos amigos assistentes, serão não só companheiros habituais, não só conselheiros, amigos e guias dedicados, mas iluminá-los-ão no vosso caminho, até que nalgum momento supremo, numa hora qualquer de transfiguração, o véu do espírito lhes seja removido, e vede! - o vosso anjo da guarda, que jamais os deixa ficar mal, se lhes revela no amor eterno que dura para sempre."

A PALESTRA

"Não serão todos eles espíritos ministrantes?"

"Ele delegará aos Seus anjos o vosso comando."

Nas mais de cinquenta vezes em que o termo *anjo* é empregue na Bíblia, e nas muitas vezes em que a palavra *espírito* é usada, há, evidentemente, uma certa distinção a ser feita.

A antiga palavra de que derivou o termo *anjo* é muito subtil e faz referência a um mensageiro, um mensageiro de ciclos; os recorrentes períodos de tempo, e consequentemente foi interpretada com dificuldade por parte daqueles desconhecedores dos ciclos dos Magos. Literalmente, um anjo era um mensageiro do ciclo e os arcanjos eram os mensageiros dos ciclos messiânicos. Consequentemente, um arcanjo raramente aparece exceto para anunciar ou fechar um ciclo maior ou menor messiânico. Esse conhecimento resultou da computação dos Magos e daquelas ordens secretas em que a astrologia incluía tanto ciclos astronómicos como ciclos espirituais. Contudo, os anjos eram mensageiros dos ciclos das vidas individuais assim como das Messiânicas.

Quer o aceitem como tradição ou mito, toda a nação tem os seus anjos da guarda mitológicos assim como espíritos ministrantes. Os Devas do Oriente outra coisa não eram que ministrantes luminosos e sombrios, e os anjos das Escrituras derivaram dessas vidas de seres sobrenaturais que supostamente tinham a seu cargo os grandes acontecimentos terrenos, e as vidas dos indivíduos no seu mais elevado e sagrado estado.

No Oriente era ensinado que por altura do nascimento, um anjo de luz e um anjo das sombras pairava sobre toda a vida humana, um a incitar para o bem, o outro para o mal ou para as sombras. Isso derivou em parte da religião Persa e em parte da religião Hindu. Muitas outras

pessoas acreditavam que um anjo de luz pairava perto de toda a vida humana. Mas esse anjo de luz não podia evitar as sombras nem evitar a experiência humana. Consequentemente, entre os Judeus a interpretação era proveniente tanto do Oriente como do Egipto. Quando dizemos Oriental queremos dizer Budista ou Brâmane. O poder do anjo, porém, foi frequentemente mal-entendido e mal interpretado.

Há uma outra referência que as Escrituras fazem ao anjo com respeito às crianças: “Cuidem de não prejudicar nenhum destes pequeninos, por os seus anjos sempre contemplar a face do pai que reside nos céus.” Nesse sentido, os “seus anjos” significariam as suas próprias almas, a luz da alma, que jamais se separa do Infinito, ou do Pai, ou dos Céus.

INSPIRAÇÕES FUNDAMENTAIS

Seja qual for a origem dessa ideia, ela é tão velha quanto a história humana, e deve ter tido a sua origem naquelas inspirações que são primordiais em toda a religião. A custódia dos anjos é aquilo em que os Cristãos, Judeus e Pagãos acreditam por igual. Mesmo em meio aos Índios da América do Norte chamavam “Manitous” menores aos espíritos dos Chefes que tinham partido, sábios ou antepassados, aos “auxiliares.” O Manitou é a Divindade ou Grande Espírito; o Manitou menor é um espírito guardião ou anjo da guarda.

Digamos o seguinte: Muita gente acredita num estado futuro, mas acredita que não existe nada ordenado, que nada é organizado, que tudo é aleatório, como parece por vezes acontecer na vida humana. Bom, a florista está bastante disposta a acreditar que, por exemplo, a ordem do lírio possui naturalmente seis pétalas, e que a ordem da rosa no seu estado natural possui cinco pétalas; é claro que há exceções, mas a exceção claramente ilustra a regra geral. Agora, lá por a florista ou o botânico descobrir isso, ele não está obrigado a explicar a razão por que é assim; ele simplesmente diz-lhes que é assim, que é visto ocorrer na natureza.

O materialista não encontra culpa em tal explicação, por ser vista que assim é e o botânico o descobrir. É interessante localizar por todo o reino floral a planta ou flor particular que pertence a esse genus (ordem) ou espécie. Em todo o domínio da natureza constata-se uma certa ordem, uma certa harmonia, e o objetivo da ciência é o de descobrir essa ordem e, se possível, explicar a referência que faz às leis essenciais; mas certamente quando qualquer cientista descobre uma lei ou regra por que as coisas são governadas jamais é requerido que diga a razão por que é assim. É simplesmente assim.

Bom, no domínio da mente há determinadas leis e regras que os versados em lógica reconhecem, muito embora as compreendam de modo bastante imperfeito no entanto a ninguém é exigido que diga por que é assim. O mesmo sucede com os matemáticos; é simplesmente fato que certas proporções, certos números, certas regras e certas relações governam os átomos, os mundos e as manifestações da natureza.

Também se constata ser proposição natural, que existe uma certa génese de vida, e que nas formas orgânicas, em especial nas formas animadas, o mais perto que chegam de formas antropológicas de vida mais a linhagem, em especial a ascendência, se torna especial, distinto e pessoal, e por fim na raça humana a ascendência particular é o objeto especial de consideração, e com muitos que procuram descobrir somente por meios materiais as leis da hereditariedade, de linhagem de um ponto de vista físico é da maior importância. Raças de povos que se assemelham uns aos outros constata-se que dependem em larga medida da linhagem em termos das suas peculiaridades físicas. Isso é admitido, embora todo estudante da natureza humana se interesse por delinear, se possível, as proposições fundamentais ligadas a isso. No entanto, se alguém descobre uma certa linha de ascendência, uma certa linha de descendência para uma raça particular, a ninguém é requerido que explique porquê.

É uma questão insensata, e eis porquê. É como o garoto que não quer aprender o alfabeto. Quando o professor dizia. “Este é um A,” ele dizia, “como é que sabe que é um A?” “Este é um B.” “Porque é que é um B?” Isso é o limite do aprendizado. Assim que o “porquê” começa a interferir quando uma afirmação é feita em termos de carácter definitivo, esse é o fim da aprendizagem.* Precisam aceitar alguma coisa como garantido. A figura hipotética do matemático é aceite como garantida; e hipotética letra do alfabeto é aceite como dado adquirido; quando aprenderem a ler verão porquê.

**NT: Por acaso discordo desta afirmação, que poderia refutar categoricamente dizendo que o aprendizado precede a afirmação e a negação, se tal viesse ao caso; mas por aqui ser levantada com outra finalidade, admito-a justamente no contexto evocado, já que o contrário envolveria uma negação aberrante.*

Essa lei é válida, embora não reconhecida, no domínio da mente, do espírito e da alma. Mas por as pessoas se terem acostumado a pensar que os pensamentos sejam acidentes, que o espírito seja um fantasma ou um sonho, que não existe lei ou regulamento respeitante ao espírito e à existência do espírito, recusam-se a considerar as proposições que se relacionam com o governo, ordem e harmonia da existência espiritual tanto aqui como na vida do espírito.

Vós reconheceis a filiação natural da vida, por isso lhes ser forçado, embora haja milhares de seres humanos que jamais experimentaram nada da sua proteção no amor que é apropriadamente suposto dizer respeito à vida parental; há órfãos a chorar pelas ruas, crianças no meio da pobreza e da vergonha, e degradação, que, quase teriam passado melhor se não tivessem tido pais. No entanto, a grande lei da vida é reconhecida, e por entre aqueles que têm afeto e um desenvolvimento adequado, reconhecida com alegria, com gratidão, com o devido apreço.

É de admitir que o amor ideal da humanidade é o amor de pai ou mãe para com filho ou filha, e vice-versa, e das pessoas umas pelas outras que se acham verdadeira e harmoniosamente unidas. Agora, é fato que na comunhão entre os estados espirituais e no reconhecimento da natureza espiritual dos mortais, se constata a uma relação, uma lei da mente e do espírito, aquilo que leva a que os pensamentos de dois indivíduos se pareçam um com o outro, porventura mais do que com os pensamentos de dois outros indivíduos.

Isso não lhes foi forçado, mas descobre-se que é verdade quer optem por o aceitar ou não. Podem negar a proposição relativa ao lírio, que isso não altera o fato; podem negar a lei relativa às pulsões de luz, mas isso não o altera; a vossa ignorância não altera os grandes princípios fundamentais do universo.

É um fato que por entre as pessoas não se verificou um reconhecimento de um futuro estado para o ser humano, mas houve um reconhecimento da lei da relação existente entre aqueles que se encontram na vida humana e aqueles que residem além da existência humana, no estado seguinte ou na existência anterior, *a priori.* Vejam, por exemplo, a lenda dos países do Norte. Friega é a deusa beneficente, a esposa do grande deus Odin, que habita no domínio das almas; ela tem a tutela das almas antes delas assumirem a forma humana. Então, quando assumem a vida humana sob a benéfica orientação e tutela de Friega, são-lhes designados anjos da guarda desde os salões da Valhalla, da morada dos abençoados para residirem próximo a eles

numa ou noutra forma. Essa ideia impregna todas as religiões, todas as chamadas mitologias do mundo.

É crença do íntimo de toda a mãe terrena intuitiva, em especial quando o filho ou filha com a sua vida tenra e palpitante lhe é colocada nos braços, que um anjo deverá ter trazido essa criança dos jardins do paraíso, tão alegre é o palpitar do coração do amor de mãe, tão grato é o seu espírito por esse novo tesouro da vida que lhe é confiado à guarda. Quando olham nos olhos do bebé, que com lágrimas e espanto olha o mundo da vida humana, quase conseguem ver a luz daquele reino imortal de onde veio, e que o pensamento do bebé começa vagamente a ter noção da sombra do nascimento humano.

Ninguém poderá duvidar que a imagem ideal do anjo da guarda inclinado sobre o berço do bebé adormecido é verdadeiro, quer dizer, ninguém poderá duvidar disso na sua natureza ideal. Apenas a imbecilidade cega dos sentidos, somente a escravidão do pó leva as pessoas a nega-lo. Mas quando lhes chega ao conhecimento através da consciência externa dos espíritos assistentes, dos anjos da guarda que lhes foram revelados, lá volta então a realização do sonho ideal da vossa infância e da vossa mãe.

As classes de seres que guardam a vida humana bem que podem ser organizadas como a ordem das plantas, ou como as classes de seres que vocês encontram na vida humana são organizadas, só que vocês não sabem que a organização, ainda não desvendaram a combinação, não compreendem os diversos mistérios éticos e espirituais das relações da vida. Mas suponham que eram um anjo (é claro que de momento terão uma possibilidade muito diminuta, mas uma que vocês tenham a esperança de alcançar), o que parecerá duvidoso, misterioso, sem guia e desprotegido seria tudo solucionado.

É precisamente como muitíssimos problemas que um matemático proficiente consegue desenredar; ou muitas cores, aquele que é proficiente na cor pode perfeitamente desenredar na perfeição uma das outras; tudo o que existe na vida humana que parece tão estranho e desorganizado, tão disfuncional, numa confusão, quais “sinos desafinados,” precisa ser perfeitamente compreendido por parte daqueles que são sábios o suficiente para delinear as diferentes linhas da vida humana, e compreender que cada qual tem significado e sentido; que as relações da existência humana não são acidentais, mas são arranjadas a partir de dentro e de fora de acordo com as necessidades e condição de cada ser humano.

Por isso, deve existir no reino do espírito e na vida angélica quem se ache adaptado para os guiar e os guardar, provavelmente assistir-lhes melhor do que muitos com quem vocês são levados a entrar em contato na vida humana, embora vocês sejam levado a contactar com eles com uma finalidade, que é a da disciplina; o propósito do espírito assistente ou guardião deve ser o da orientação e do fortalecimento.

O subtil significado da tentação de Fausto, que numa forma ou noutra é retratada entre toda a gente, está em que a vida humana seja tentada com o objetivo da vitória final. Até mesmo o próprio Satanás, conforme Bailey na sua versão do “Festus” diz, foi criado para ser salvo. Assim, todo ser humano deve, não só ter um anjo da guarda que desde a nascença possui todo o conhecimento do ser humano por intermédio das diversas transições, que não pode afastar nenhuma experiência humana, mas pode sempre conduzir para a luz, mas os não pode compelir a entrar na luz, mas anjos da guarda há que diversamente adaptados para sugerir, para ministrar, a incitar.

É verdade que os espíritos guardiães podem mudar, ou seja, um espírito guardião pode estar adaptado a vós num período da vida e outro noutro. É pai sensato, por exemplo, na ida humana, aquele que sabe os melhores professores que se adaptam aos filhos. Nos regimes da instrução pública vós tendes um género de polimento mecânico sobre as pessoas mental e intelectualmente, mas isso não é de supor que seja o verdadeiro ensino da vida; esse é o mero ensino da utilidade e do método. Algum anjo da guarda de uma pessoa sensata deve ter sugerido o “infantário,” a lei da adaptação das crianças por esse método. Sob uma condição dessas, ou ordem, tem lugar a nomeação dos espíritos guardiães.

Por vezes eles são do vosso próprio lar; naturalmente deveriam estar agregados por laços da consanguinidade ou profundo afeto que não decorre meramente da relação física. Tal como a mãe tem o cuidado e orientação dos filhos, o infante não está separado dela no estado terreno, e sabe se está aparentemente separado dela pela morte do corpo, por o tempo todo a criança ser atraída pelo seu amor e pelo amor que a criança tem por ela; depois a filha ou filho que passaram da vida terrena na juventude, para quem se voltam com uma saudade indizível, ou o pai ou mãe a quem buscam conselho e orientação, que tenha partido e os tenha deixado na vida humana; esses deverão estar entre os vossos espíritos guardiães; há muitos espíritos guardiães.

Agora, pensem num amor paternal, que se assemelhe ao de irmão ou irmã, que além disso seja duradouro, que não seja infinito mas inclusivo; suponham que o anjo da guarda, alguém que os conhece de uma ponta à outra, que na hora do nascimento tenha tido conhecimento das precisas condições sob as quais vocês iriam entrar na vida humana; que compreendia o rumo da vida que vocês viriam necessariamente a seguir, por causa das condições da entrada na vida humana e das vossas condições particulares; um que conseguia prever tão bem, qual viria a ser o vosso destino terreno pelos ângulos da existência individual, pelas linhas interiores e exteriores, quanto um matemático, pelos ângulos e linhas de incidência e de coincidência, consegue predizer os resultados finais dos cálculos geométricos.

Suponham que no período da vossa entrada na vida humana esse anjo que assumiu o comando, ciente de tudo, e foi designado para ficar junto a vós, decida quais venham a ser os vossos espíritos guardiães caso alguma decisão seja necessária, para que a lei da adaptação possa prevalecer; aí, as pessoas dirão, sempre ansiosas por saltar para uma conclusão, e por evitar o conhecimento e a sabedoria, “Porque é que não me poupam à infelicidade?” Por não ser da sua conta mantê-los livres da loucura. A loucura é resultado da falta de desenvolvimento.

Bem que também poderão dizer: “Porque é que a mãe impede que o filho cresça?” Por vezes fá-lo inadvertidamente, mas não faz intenção de o fazer. Se a criança vier a crescer, não só deverá ela caminhar como também deverá experimentar o conhecimento das suas fraquezas com quedas; é claro que a mãe levanta-a e cura as feridas, afaga-a por diversas formas para lhe dar forças. Uma criança nascida em boa família não permitirá que vós caminheis por ele e o espírito, por mais fraca, hesitante e ofuscada que esteja, não deve esperar que os espíritos guardiães ou o anjo da guarda lhe afaste as provações e tentações. Aquilo que devem pensar, o que irão pensar quando conhecerem a lei perfeita, é que os espíritos guardiães lhes ensinarão a enfrentar as provações, lhes assistirão na superação delas ao lhes dar um conhecimento adicional e uma força adicional.

Tivemos conhecimento de mães e de pais que tinham passado para a vida do espírito que transmitiram mensagens escritas em lousa ou disseram através da boca de uma médium: “Meu filho, não te posso impedir das experiências necessárias da vida; nem o faria se pudesse. Nós amamos-te, velamos por ti, guiamos-te, mas tu precisas aprender essas lições da vida.” Assim, os espíritos guardiães, à semelhança dos

pais na existência humana são como adequados para orientar, para mostrar o caminho, para apontar a luz, indicar o sentido da lição.

Será que o professor que for inteligente, por o aluno não conseguir compreender à primeira, dirá: “Deixa lá, eu vou resolver o problema por ti; vai lá brincar; eu faço o exercício no teu lugar que tu não precisas fazê-lo?” Não; o professor diz: “Esta é a regra, agora meu filho, vou-te dar um exemplo, e a seguir precisas resolver o problema por ti próprio.” Até que o cérebro da criança esteja treinado para conhecer o sentido da aplicação da regra, o professor não deve deixar de se esforçar por influenciar a criança a resolver o problema.

O mesmo sucede com as proposições e dificuldades diárias que vocês defrontam; nesta correria louca às médiuns em busca da satisfação desta dificuldade ou de evitar aquele obstáculo, de como contornar este sofrimento, em que a resposta é tanta vez insatisfatória. Insatisfatória por o espírito do mundo não ter permissão para pensar por vós, para crescer em vosso lugar. Temos em mente um homem de considerável intelecto, que desdenharia da ajuda de qualquer ser humano na resolução de um problema de lógica ou matemática, mas que sai da companhia de uma médium aparentemente desgostoso ou indignado com o pai, mãe ou espírito guardião não lhe resolver uma questão moral por ele, que o remetem para os próprios recursos, ou, possivelmente, uma falsa solução seja sugerida para que ele possa descobrir a verdadeira. Tal como o professor humano faz.

Muita gente espera do espírito do mundo não só a verdade absoluta, que não conseguem compreender, mas a verdade relativa, no entanto não levam tal proposição condicional consigo à médium. Um Espiritualista que a vossa oradora conhece disse: “Muita vez os espíritos dão respostas falsas, no entanto a resposta falsa é a verdadeira.” Quer dizer, se forem a elas em busca de orientação, se as procuram em função do fortalecimento e luz, não devem ir até elas como autoridade; se o fizerem de certeza que verão que esse não é o caminho da luz, que isso não é tutela nem proteção.

Os espíritos respondem a partir das próprias condições em que se encontram; por vezes na qualidade de espíritos guardiães, os mais elevados respondem de acordo com as vossas necessidades. E então, lá muito para a frente nos anos que se seguirem vocês olharão para a resposta que tiver sido dada, mas que não terão compreendido, e dirão: “Ah, agora entendo o sentido daquela mensagem que me pareceu tão

obtuso. Entendo agora o apoio que me foi dado no momento em que precisei dele.”

A LEI DO DESABROCHAR DA VIDA

É a lei do desabrochar da vida que todo espírito que seja levado a entrar em relação ou contato convosco deva servir para orientação e sugestão somente. Se vocês buscarem a autoridade os espíritos dar-vo-la-ão de acordo com a melhor sabedoria e conhecimento que possuírem, mas a autoridade não deve ser absoluta, ou vocês ficam fracos que nem uma criança, e passarão a depender deles quando deviam erguer-se sozinhos, e recorrem às muletas quando devem manter-se nas pernas.

É essa propensão para a autoridade que constituiu o pauperismo (miséria) e o empobrecimento espiritual das eras. É o “Tu deves, disse o Senhor,” em vez do: “Tu deverás crescer e deverás aprender.” É claro que existe a verdade absoluta, existe o caminho absoluto da vida, existe a solução final das proposições morais do universo tal como existe na matemática, mas vocês precisam atingi-las, aprendê-las. Perguntar ao espírito do mundo: “Será correto que eu o faça?” é mostrar fraqueza;

É claro que na infância da condição humana os guiam e conduzem em muitos aspetos; mas os anjos da guarda não conduzem nem guiam os mortais para a sua fraqueza; vocês precisam ter o poder de decidir, um limite nessa incapacidade de decidir por vós próprios. Assim, vêm ao vosso encontro por formas que desenvolvem e fortalecem, por formas indispensáveis, formas que os deixam desconcertados.

O homem de intelecto, o cientista, vai consultar o mundo do espírito sem considerar todo este domínio da ética e lei espiritual, e espera aplicar à mensagem do falecido espírito a regra da química, ou da geologia, ou astronomia, ou matemática, por ele ter estudado tudo isso; ou então espera aplicar a lei da mera lógica humana. Se ele tiver entrado no domínio da moral, se ele compreender as grandes proposições éticas da vida, se se tiver em certa medida tornado conhecedor delas associando-se àqueles que são chamados criminosos, àqueles que são chamados insanos, àqueles que tiverem algum traço distinto de falta de retidão que o mundo reconheça, então poderá ver que existe uma lei de adaptação.

Suponham que vocês se encarregam de um lunático; nesse encargo não empregarão as mesmas regras que aplicam às pessoas que se não supõe serem insanas. Há muitos casos em que contradizer um excêntrico equivale a produzir a maior forma possível de violência; a

mente é incapaz de acolher aquilo que é fato real; vocês precisam, em certa medida, curvar-vos às excentricidades do lunático.

Alguma vez terão pensado que o espírito guardião faz isso nas mensagens que vocês recebem, e que por vezes o fato absoluto, ou a verdade absoluta, soa de tal modo estranha à vossa atual condição que, ou vocês não acreditam em absoluto nela ou se portam como malucos delirantes, inteiramente incapazes de a acolher? Vocês curvam-se amiúde às condições da infância; existem muitas proposições humanas que não podem ser ensinadas a uma criança. Algumas pessoas dizem não ser correto enganar as crianças. Aí, tudo o que têm que dizer é: “Espera, minha querida, até que cresças e aprendas mais, que então compreenderás.” Alguma vez souberam de uma criança que se tenha contentado com uma resposta dessas?

Quando vocês enquanto crianças crescidas vão até o mundo do espírito em busca de mensagens, que porventura estejam além do presente conhecimento que têm, além da presente possibilidade de conhecerem e compreenderem, ou além daquilo que seja judicioso, sensato, para vós receber, alguma vez se sentirão satisfeitos quando recebem uma mensagem: “Agora não te posso dar uma resposta”? No entanto a infalível lei da tutela ou proteção é a adaptação, a consolidação, o salientar de lições da vida conforme elas lhes chegam diariamente.

Depois por vezes os guardiães veem e produzem no quadro da mente por frases incomparáveis um conselho tal como se fizer necessário; para o cético, o burlista, alguém egoísta que busque uma resposta direta sobre as questões do foro humano: “Mas, isso são meras generalidades reluzentes,” dirá ele, embora o sofrimento particular sempre seja confortado, é-lhes sempre dito que vocês precisam responder à dificuldade particular da forma que seja melhor e mais sensata, e se por parte da vossa persistência uma resposta mais direta for dada, mesmo assim não os há de satisfazer.

Há quem só procure aconselhamento para descobrir minas de ouro, poços de petróleo ou alguma fonte de riqueza material. Quando a resposta não acaba por se tornar verdadeira, não será um choque para o seu ideal, natureza espiritual? Não! Mas se todo o mundo do espírito se tornasse caçadores de tesouros, de que serviria a tutela. Como iria o mundo sair beneficiado espiritualmente se, em vez da grade verdade primordial da tutela, o anjo devesse anunciar através da sua trompete, “Para o Klondike!”

Vocês considerariam que fosse o conselho mais elevado? Ou que o principal conselho dado seja com relação aos conflitos diários das questões humanas que têm à vossa própria porta, a pedinchice mesquinha em que esperam levar vantagem sobre o vosso vizinho seja? Ou então, qual proeminente especulador em Chicago, vocês pensem ter um sindicato no mundo do espírito composto pelos Vanderbilt, os Gould, os Astor, que lhes digam como obter vantagem sobre o vizinho, ou o vosso irmão; considerariam isso como a tutela ou proteção mais elevada?

Ocorrerão erros forçosamente em tais conselhos, e será de acordo com o plano mais apropriado que devem ocorrer. Se tiverem que buscar aconselhamento nesse sentido, o desejo mais glorioso que o vosso anjo da guarda poderá oferecer-lhes será: “Ah, que o conselho esteja pejado de erros,” caso contrário o mundo irá todo enlouquecer na busca desses santuários, de tais conselhos por coisas materiais. Os oráculos foram afastados do homem por causa disso; os antigos santuários tinham que ter proteção por causa disso; e aqueles que buscavam os espíritos familiares (NT: Servos elementares associados à feitiçaria negra) tinham que ser condenados por só buscarem interesses terrenos.

Mas então alguém perguntará com base na grande plausibilidade humana: ”Os nossos amigos do espírito não ase interessarão pelo nosso bem-estar material?” Com certeza que se interessam pelo vosso bem-estar; se eles ainda fossem humanos, considerariam porventura que, o vosso bem-estar material é importante e tentariam ajudá-los nesse sentido, e por vezes fazem-no em certa medida. Mas o anjo da guarda, que sabe que o vosso bem-estar não é o mais importante, que não é o objetivo e proposição da vida humana, e que aqueles que mais bem-sucedidos são em posses mundanas -- reparem na proposição -- aqueles que são bem-sucedidos nos assuntos mundanos, o fazem às custas dos tesouros moral e espiritual da vida.

Alguém veio a té nós e disse: “Porque não poderemos ter todo o dinheiro que queremos por uma boa causa?” Nós dissemos, “Ora! Invejas o dinheiro que o mundano possui? Isso é tudo quanto ele tem, e equivale a um tesouro pobre e deficiente em que se apoiar. Deixa que o possua, uma vez que dele carece; mas tu, que possuis a verdade, tu que tens conhecimento do amor, podes permitir-te sacrificar coisas mais insignificantes, podes permitir-te ser paciente, forte em meio a toda essa fraqueza material.”

Quando o Mamom se voltar para servir a verdade, tenham cuidado! Mas tempo virá em que todas as coisas necessárias acorrerão àqueles que precisam, por não existirem mais os dois altares da veneração humana, Deus e Mamom; só haverá Deus, que quererá dizer a humanidade. Toda a vida que compreende precisa ser paciente; todo coração que esperar ansiosamente por esse fim precisa ser paciente.

Entretanto os anjos da guarda, os espíritos e assistentes aguardam e vigiam, e estes por sua vez são protegidos e guiados por aqueles que têm acima. Muita vez quando os vossos amigos do espírito lhes dão uma resposta a alguma questão humana menos significativa, a resposta chega assim: “Não me é permitido dizer isso.” É aí que o anjo da guarda se interpõe e lhe sela os lábios da boca que a haveria de falar ou da mão que haveria de a escrever. “Não á melhor informação a dar, nem o tipo de informação que se dê; não hoje, nem neste instante.” Mas quem alguma vez ouviu falar dos limites daqueles que buscam o alimento espiritual e divino? Mas, quando buscam esse conhecimento, esse pão da vida, essa compreensão espiritual, mesmo aí ela chega-lhes de acordo com a necessidade que tiverem.

Quando Jesus disse: “Eu tenho muitas coisas a contar-lhes, mas não as conseguiriam entender agora,” Ele queria dizer que tudo viria na grande e terrível aflição que se iria seguir, e ele queria dizer aquela luz clara e branca que se iria seguir, aquele amor absoluto, que os discípulos não conheciam. Pensem bem como, quando lhe perguntaram quem seria o maior, quando fossem para aquele reino dos céus, mostraram a fraqueza humana, o egoísmo humano, e o desejo de preferência. (NT: Mateus 18-19) Vocês sabem a resposta que ele deu. Não pode haver maior no reino da perfeição.

Muitos Espiritualistas há que buscam saber como alcançar as maiores alturas no reino do espírito, como lhes haverá de ser atribuído o mais elevado lugar. Porém, não será melhor conhecer o que seja verdade, seguir as boas maneiras e orientação? Não compreenderão que não há recompensa de mérito no sentido da preferência externa?

Esta competição que é a maior maldição da existência humana e a sua necessidade, este desejo do primeiro lugar da posição mais importante, em vez da excelência em função de si própria, tudo isso há de ser alterado pelos examinadores do íntimo, pelos anjos da guarda, que instruem os espíritos assistentes que são designados para fazer esse trabalho por diversas formas; para os submeterem à prova, ao teste, para

os comandar, para os fortalecer sem os enfraquecer, para lhes dar a luz na medida em que se tratar de a dar.

Ah, a bênção de saber que não estão sós; a bênção de saber que não são negligenciados, que o órfão e o pobre, negligenciado pelos seres humanos, ainda está tão perto do amor Infinito, e é objeto de tanto ternura e comiseração quanto qualquer um, e não é negligenciado.

SE ELE FOSSE DEUS

O Sr. Ingersoll diz que se ele fosse Deus não teria infelicidade no mundo. Nesse caso, se ele fosse Deus, precisaria afastar todo o egoísmo primeiro. Só que o caminho passa pela própria conquista do eu, e alguns daqueles que padecem da fraqueza de não encarar o sofrimento por lhes provocar desconforto precisarão conquistar o seu egoísmo e prestar assistência ao sofrimento. Muita gente há que é generosa; mas isso não é nem caridade nem beneficência autêntica; são generosos meramente por não querer ver uma mulher a lamentar-se, um bebé a chorar.

Que foi que levou Florence Nightingale a seguir as pisadas do exército que se extinguia na retirada senão a palpitação da compaixão humana, forte na conquista da fraqueza que não suporta encarar o sofrimento? Sentirão compaixão autêntica aqueles que se sentam a lamentar impotentes aos pés da cama do enfermos e do sofredor? Confortarão mais aqueles que dizem: “Ah, bom, não vejo como vais poder prosseguir; sinto muita pena de ti,” mas jamais sugerem um remédio?

O grande segredo do cirurgião reside na coragem que infunde; aquele que é verdadeiramente compassivo ministra transmitindo força num gesto de ajuda em meio às dores do sofrimento; o verdadeiro guarda dá força ensinado como superar o sofrimento, que não é nem condenação nem disparate condescender ao dó pela condição dele.

Entre essas duas modalidades está o caminho dourado da assistência: “Sinto muito por ti na tua debilidade e invalidez; mostrar-te-ei uma forma mais excelente: Sê um homem, sê uma mulher, por não haver momento algum em que a esperança esteja completamente perdida, nem me que te não possa voltar, não suplicante para o medo nem para a ira de um Deus irado, mas para o grande Amor que é eterno, para a luz do guardião que jamais falha, para o fato de que toda a alma humana é tão válida quanto as demais aos olhos do amor Infinito.

Ah, a tutela dos espíritos, o doce conforto na hora do sofrimento, a força dada na hora do mais profundo desespero! Já tiveram conhecimento de pessoas que passaram por condições de uma completa falta de um raio de luz, onde aparentemente todos os caminhos se achavam vedados, onde não pareciam encontrar forças no exterior, e subitamente foram atingidos por uma luz, transmitida por esse poder luminoso, por essa fora de dentro e de cima, por esse anjo da guarda, uma luz tal que os terá levado a exclamar: “Agora tenho esperança, nada na vida exterior me ocorreu que me reforçasse, mas eu sei que posso ir em frente.”

Essa é a vitória real. Cabe-lhes ajudar-vos mutuamente a obtê-la; cabe-lhes assistir com as mãos onde quer que essa assistência for necessária, assistir com a voz onde quer que for necessária; cabe-lhes voltar-se para os vossos espíritos guardiães, não para dizer, a exemplo do lado humano, “Que este cálice seja afastado de mim,” mas olhai! - “Eu venci o mundo!” - querendo com isso dizer, o sofrimento, a tentação, as fraquezas das condições humanas. Então por fim nesta vida os vossos espíritos guardiães, os vossos amigos assistentes, serão não só companheiros habituais, não só conselheiros, amigos e guias dedicados, mas iluminá-los-ão no vosso caminho, até que nalgum momento supremo, numa hora qualquer de transfiguração, o véu do espírito lhes seja removido, e vede! - o vosso anjo da guarda, que jamais os deixa ficar mal, se lhes revela no amor eterno que dura para sempre.

A ORIGEM DO HOMEM

TÃO DISPUTADA PELA CIÊNCIA E PELA TEOLOGIA, QUE, ENQUANTO MERAS ABORDAGENS QUE SÃO, SÓ APRESENTAM MEIAS-VERDADES

UMA ORAÇÃO INSPIRADA, PROFERIDA PELA SRA. CORA L.V. TAPPAN, NO GRAND CONCERT HALL, DE BRIGHTON, NO DOMINGO, 4 DE OUTUBRO DE 1874. O TEMA FOI ESCOLHIDO PELO PÚBLICO.

Provavelmente no final irá dar no mesmo, uma vez que a origem e o destino do homem devem provir da mesma fonte. No entanto, se o público decidiu sobre “A Origem do Homem,” devemos recapitular o terreno que foi percorrido repetidamente por muitas centenas de mentes, sendo o assunto não apenas novo, mas um em que as diversas fases foram elaboradas com frequência e agora são discutidas continuamente.

Há duas opiniões distintas no mundo sobre a origem do homem. Uma é a opinião religiosa ou teológica que é apresentada na Cristandade a respeito da criação do homem, e é encontrada no livro de Génesis, no Antigo Testamento das vossas Escrituras. Mas, como a Cristandade não incorpora toda a família humana, e como aqueles que professam a crença no Cristianismo e no Antigo Testamento totalizam quase um quarto - talvez um quinto - de toda a população do globo, cabe-nos considerar bem antes de unirmos a nossa fé à ideia distinta da natureza teológica que refere.

Todos vocês estão familiarizados com o relato do livro de Gênesis e, todos sabem que isso forma a base da crença teológica e religiosa do mundo atual - do mundo Cristão. No entanto, vocês estão igualmente cientes de que, entre as nações do Oriente, e especialmente nas Índias, a antiguidade da sua religião situa o advento do homem na Terra muitos milhares, sim, muitas centenas de milhares de anos antes do começo da criação mencionada no livro de Génesis. Vocês estão ciente de que os Shastras dos Indianos e Hindus, o Zend-Avesta dos Medos e dos Persas, o Alcorão dos Maometanos, todos continham outros relatos distintos do modo da criação.

Vocês têm consciência de que entre os Brâmanes existe uma crença na imensa antiguidade da raça humana, e que ela teve a sua origem no próprio Brahma, que veio na forma e na personificação de homem, e que os Brâmanes reformados acreditam mesmo agora que Buda é o representante de Brahma na terra. Também têm noção de que o livro de Génesis, embora seja o relato autoritário dos Hebreus, e tenha sido adotado pelos Cristãos como evidência da criação do homem, não é de forma alguma uma autoridade indiscutível. Ao fazer esta afirmação, não a fazemos sem cuidadosa consideração. Também têm consciência de que dentro da própria Igreja existem divergências de opinião sobre se esse relato deve ser considerado literal ou se deve ser tomado no sentido simbólico ou espiritual.

Têm consciência de que o Bispo Colenso considera que o próprio livro do Génesis é a compilação de dois autores diferentes e que o relato da criação não está completo, porque o livro do Gênesis não é de uma única autoridade. Também têm consciência de que, fora dos limites da Igreja, as fortes tendências científicas da época são e têm sido há meio século, contra o relato literal contido no Livro de Génesis sobre a origem do

homem. E também têm consciência de que, há mais de dois séculos, esse relato distinto foi contestado e que, mesmo nas eras mais antigas da religião Cristã, foi sujeito ao mais rigoroso escrutínio.

O relato teológico faz do homem a última criação após um período de seis dias, faz da função distinta e específica do homem o “ato culminante da criação material, faz dele o resultado especial e distinto da mente da Deidade, faz de um homem e de uma mulher, os pais distintos de toda a família humana, e reduz a criação da terra, dos céus, de todas as estrelas, planetas e do sol, a esse período de seis dias e noites e, conforme vocês também sabem, a criação do homem (homo) e da mulher, o ato distinto, absoluto, legítimo e direto da própria Deidade.

Por outro lado, o mundo da ciência disputa a literalidade desse relato, faz com que a criação se estenda não apenas a seis dias e noites mas a eras, fazem com que períodos geológicos de porventura de um milhão de anos intervenham entre uma criação e outra, faz do homem a expressão e o epítome de uma sucessão de seres criados, cada um dos quais é um elo da grande cadeia da existência.

A ciência declara que os seres humanos devem ter existido numa era da terra que deve ter precedido o período Mosaico ou Adâmico; e, por fim, que o mundo da ciência e o mundo da teologia se distanciaram com referência a essa questão até que no pensamento moderno a narrativa literal da criação do homem e as revelações da ciência geológica tenham passado a ser consideradas coisas impossíveis de conciliar.

Por essa controvérsia, não somos de forma alguma responsáveis; somos obrigados a declará-lo e a apresentá-lo da maneira mais justa, concisa e distinta possível. No mundo da ciência, existem duas formas distintas e separadas de pensamento sobre essa matéria; e sem a premissa de que o relato teológico possa ser considerado nesse sentido, declararemos quais são essas duas teorias científicas.

A mais recente expressão de pensamento sobre essa matéria é o que geralmente é conhecido como teoria Darwiniana, que atribui ao processo da criação, por meio da seleção natural, todas as formas de desenvolvimento como tendo tido origem na superfície da terra, o que torna o homem o resultado de uma longa série de desenvolvimentos e evoluções dos reinos inferiores, que levam a natureza a expressar, nos

tipos mais elevados da sua existência, aquelas formas que ela deseja perpetuar, e que deixa todas as especialidades pertencentes a esses tipos ao que é conhecido na filosofia de Herbert Spencer como diferenciação, ou o desenvolvimento gradual de uma forma superior a partir de uma forma inferior de existência.

Por outras palavras, a teoria Darwiniana da criação torna o homem, não num ato especial e distinto da Divindade, mas no resultado de uma longa série de leis, de uma sucessão de desenvolvimentos no âmbito dessas leis, das quais o homem é a conclusão e a realização. Essa teoria, embora encerre em si muitas coisas que são distintamente plausíveis, e embora forneça ao mundo da ciência, talvez, aquele elo perdido na cadeia da existência, é falacioso em muitos aspetos e detalhes.

Mas antes de apontarmos essas falácias, devemos referir a outra opinião do mundo científico, que é no sentido de que, embora o relato contido no Livro de Génesis não seja literalmente verdadeiro, ele tenha alguma relação com a verdade, e que enquanto o homem representa o mais elevado desenvolvimento da natureza, é por um ato especial da mente Divina, através de impulsos criativos, que o homem existe; que ele não é como a teoria Darwiniana afirma, um tipo avançado do qual o bosquímano é o mais baixo, nem se tenha desenvolvido a partir do gorila, do macaco ou de ordens inferiores do ser, mas um resultado distinto da própria criação; e que esse resultado é tão natural e espontâneo, de acordo com as leis da natureza, quanto qualquer outra forma de existência na superfície da Terra.

Que conquanto o desenvolvimento avance dos graus mais baixos para os mais altos, esse partido afirma que nunca se verificou uma mistura dos tipos de existência, e que cada tipo distinto é um resultado distinto das leis da natureza; de modo que duas fases do pensamento científico apresentam duas opiniões opostas a respeito da criação do homem, ambas com, na nossa opinião, alguma falácia. De fato, os pontos fracos da teoria Darwiniana são facilmente descobertos pelo estudante de ciência ou filosofia natural.

Uma é que ele faz com que a doutrina da teoria da seleção e da evolução explique a existência de tipos distintos. Na nossa opinião, isso é inteiramente errado; não existe tal processo na natureza; nunca constou que existisse um processo na natureza como o único tipo de

existência que se fundisse ou se tornasse noutro tipo. Não existe nenhuma mudança que decorra nas ordens inferiores que se diga que se assemelha ao homem, pela qual seja possível que eles se tornem homens futuros. O gorila e o macaco, embora se assemelhem na aparência ao homem, não se assemelham a ele em nenhuma das qualidades distintas da inteligência expressa, e jamais se teve conhecimento na história do mundo de uma mudança específica do grau de existência mais baixo para o mais alto.

Além disso, aquilo que se diz ser propriedade orgânica e contínua da evolução não se aplica à mudança e transição de um tipo para outro da existência, mas à perfeição e desenvolvimento do tipo já formado; de modo que, se a natureza seleciona os seus tipos, não é e nunca foi demonstrado que ela os tenha alguma vez confundido, misturado ou de alguma forma os tenha perdido, mas persistente e religiosamente preservado os germes de todos os tipos específicos existentes até o momento presente.

A outra teoria, que é a nossa, e que talvez tenha sido entretida pela maioria das mentes instruídas e científicas da época, é mais correta, embora falha, talvez, na amplitude e compreensão da teoria Darwiniana. É que cada tipo especial é o resultado de um impulso especial do poder criativo na natureza e que, quando esses tipos cumprem o seu uso, dão lugar a outros tipos que, por sua vez, são o impulso desse poder criativo. Agora, lembrem-se de que ambos esses partidos se recusam a fornecer qualquer fonte a esse poder; ambos se contentam em declarar as leis da natureza sem afirmar a causa dessas leis; ambas as partes consideram que, num sentido científico, lhes cabe lidar com resultados, e não com causas, e, a esse respeito, sem dúvida, elas são bastante certas. Não é da competência da ciência, dizem eles, lidar com o absoluto, o supremo, o infinito e o omnipotente; “mas com o que a ciência lida é o panorama da natureza espalhado diante da visão humana. E a ciência declara que o processo de criação não se prolongou por 6.000, mas por 600.000.000.000 de anos, e que esse processo de criação ocorreu em eras ou ciclos da existência geológica, cada ciclo dos quais representa uma expressão de avanço sobre o que o precedera.

Mas, como afirmamos, se quisermos delinear a origem do homem, devemos considerá-lo na sua natureza completa, e não meramente na sua natureza física. É bastante fácil -- um processo da maior facilidade --

rastrear, com os dados científicos existentes no mundo, os resultados da lei natural até o desenvolvimento do homem -- a mónada, ou partícula distinta que existe por si só; a díade, que significa duas mónadas reunidas, resulta num outro estágio, etc, etc.

Esses átomos, na sua natureza sêxtupla, me mudança e em desenvolvendo constante, são inteira e absolutamente capacitados pela lei da existência para desenvolver todas as fases da vida física que são conhecidas. Mas os átomos não são inteligentes; as mónadas, díades, as tríades, não são inteligentes; as moléculas não são inteligentes. Nenhum átomo ou estrutura atómica encerra em si aquilo que é a fonte final e a causa da organização; e quando o cientista físico declara ter descoberto o processo de criação, ele omite o único poder de criação que é capaz de resolver o mistério.

O mundo científico flutua em torno de um mar de fatos, e é fácil traçar a semelhança entre o homem, o macaco e o gorila; mas quando vocês consideram os atributos mentais e aquilo que compõe o homem, a semelhança cessa. A vespa é mais inteligente que o gorila, e a abelha é mais inteligente que o bosquímano, e elas não possuem a forma de homem. Não existe forma de existência animal que tenha um governo tão parecido com o governo humano quanto um formigueiro, e, no entanto, esses insetos infinitesimais não têm nenhuma semelhança possível com a humanidade.

Aqueles que dizem que a estrutura orgânica e o processo de evolução compõem o poder criativo e a inteligência do homem fariam bem em considerar as outras ordens do ser que não possuem nervos humanos, gânglios, tecidos mentais ou cerebrais, que apresentam uma forma distinta manifesta, e específica de vontade; e se o homem fosse um tipo avançado de macaco ou gorila, e tudo isso fosse pretendido e expressasse as possibilidades do homem, por que será que esses tipos, que possuem faculdades muito mais próximas do aspeto da inteligência humana, também não se parecem muito com o homem?

A vespa não possui fontes secretas de inteligência, em depósitos como os conhecidos como aura dos nervos ou do cérebro. Toda fibra da sua existência é composta de substâncias pouco conhecidas na estrutura humana; todavia, elas têm ordem, forma, inteligência mental, constroem

as suas habitações, produzidas em proporção geométrica direta e são gigantes do pensamento entre as formas de vida em que ele é verificado.

Referimo-nos, pois, à inteligência como constituindo a característica distinta e o tipo de existência humana. No entanto, precisamos lembrar-nos que o elefante possui sagacidade, que o cavalo possui uma boa sensibilidade e poder de penetração, que o cão possui fidelidade e confiança, que o gato possui fidelidade à mistura com a maior arte e astúcia, que a raposa é conhecida pela sua astúcia, que todos os tipos de vida animal possuem inteligência específica proporcional às suas necessidades. No entanto, nenhum tipo se perde noutro tipo; e é tão cuidadosa e ciumenta é a natureza em preservar esses tipos, que ela torna impossível, apesar de viverem lado a lado, que eles jamais se cruzem ou fundam sem distinção.

O homem deve, por conseguinte, ser - e toda a estrutura da criação - um sistema gigantesco, o desenvolvimento do nada que nada que possa ser conhecido como acaso; ou então o grande segredo e fonte da criação do homem deve ter existência na mente que governa o universo no espírito que impregna cada átomo de vida, no poder que governa, dirige e guia os átomos.

Consideramos que a ciência declara uma meia-verdade, mas que essa meia-verdade é tão pervertida que quase equivale a uma falsidade; uma vez que a ciência faz do homem físico a causa assim como o efeito, em vez de tornar o homem espiritual primordial e a fonte do ser. Precisamos, consequentemente, referir, na nossa afirmação quanto à origem do homem, uma vez mais a teoria religiosa ou teológica. Acreditamos que nessa meia-verdade que a ciência declarou, ela esqueceu de afirmar que há outra meia-verdade sobre a qual nada sabe.

Acreditamos que Darwin, o Professor Huxley, o Dr. Tyndall e o Sr. Herbert Spencer, todos esqueceram, ao declarar as suas ideias distintas e especiais, que existe ou pode existir outra metade, metade essa que, enquanto a alma do corpo, eles estão tão ansiosos por apresentar na forma de ciência. Acreditamos que essa metade constitui a vitalidade da ciência e que a expressão de um sistema sem alma é como um sepulcro caiado ou como um corpo sem espírito -- sem valor.

A ciência faria bem em recordar que, se toda expressão e organização que ela descobriu são precisamente como ela afirma, ainda existe a

outra porção vasta que não foi pensada nem considerada pela ciência. Não cabe à ciência dizer que tem lugar na região do incognoscível, que não é possível saber o que pertence ao espírito, que é impossível adivinhar qualquer coisa relativa à vida futura ou à alma do homem, exceto através do seu organismo e das funções externas do seu corpo. Mas a Academia Francesa declarou que, para se dar conta das diversas faculdades que a humanidade possui, se deve admitir um outro sentido, além dos cinco sentidos físicos, que controlam a humanidade, ou seja, o sentido da intuição.

Esse outro sentido significa a outra metade da existência do homem, significa aquela natureza espiritual que, agindo sobre os átomos e as moléculas, e outras formas diversificadas de existência entre o homem e o átomo, produz o resultado final da humanidade. Precisamos remeter à opinião teológica ou religiosa para ver que é praticamente impossível que na transmissão dessa ideia de eras remotas o germe e o significado espirituais se tenham perdido, por os teólogos conhecerem apenas a forma exterior da sua expressão, quando na realidade existia uma verdade distinta por trás.

Queremos dizer que, em vez da evolução da ciência, ou da seleção natural de Darwin, ou do desenvolvimento manifesto e gradual de uma teoria científica, é possível que cada um desses dias de criação possa significar as grandes eras geológicas do desenvolvimento da Terra, e que, na exata ordem em que são determinadas, corresponderiam aos desenvolvimentos e interpretações exatos da ciência; e que a humanidade, ou o homem Adão (homo), pode se referir, e sem dúvida se refere, não apenas ao homem individual e à mulher individual, mas a uma era em que se tornou possível, por um impulso do poder divino e criativo, ao homem existir na terra.

Vocês precisam lembrar-se de que a argila, da qual o corpo do homem foi composto, possui em si todos os átomos da vida possíveis; vocês precisam recordar que o sopro da vida insuflado pelo Infinito significa espírito, ou fogo, ou fervor, e que, onde quer que a argila e o espírito se encontrem, há vida, e onde eles se encontrarem no seu sentido mais alto e grandioso, existe o homem.

Precisam lembrar-se de que o Adão e a Eva do Paraíso se referiam de forma distinta à era na história da Terra, quando se tornou possível a

existência de uma raça primitiva do homem, e que todas as eras distintas e todo tipo de existência separado que o mundo já conheceu são resultado do impulso distinto, do poder divino, consciente e criativo. A não ser assim, o mundo é um erro, a terra não passa de um acaso, a criação do homem de um acidente e todo o sistema filosófico de um sublime fracasso.

Deverá ser, se tal não for verdade, que a inteligência planeou, executou e desenvolveu em diversas e distintas eras do tempo, apenas a vida na Terra necessária de acordo com a era, e que cada período conhecido pela geologia - o Carbonífero, o arenito Superior e Inferior e o Silúrio - todos representam épocas distintas do poder criativo, em que o impulso da Mente Divina agindo através da matéria e sobre todos os átomos da Terra fez com que os tipos de existência fossem formados e que cada tipo tenha sido preservado de forma sagrada, distinta e absoluta para seu próprio uso e para a sua própria era, e que todas as eras subsequentes tenham tornado possível o surgimento de uma ordem superior de existência; e que essas ordens de existência, assim como a diversidade e a quantidade, são criações específicas, assim como os tipos existentes.

Para evitar essa dificuldade de nenhum tipo se ter fundido com outro, aqueles que adoptam a teoria Darwiniana dizem: “Oh, será possível que na criação tenham sido criados alguns tipos distintos.” Mas acaso alguns, por que não muitos? Se meia dúzia, por que não um milhão? Uma vez que nenhum dessa meia dúzia jamais se transformou num milhão, e uma vez que cada milionésimo tipo é tão sagradamente preservado quanto qualquer outra meia dúzia.

Asseveramos, conforme afirmamos, que o corpo físico do homem foi uma criação direta - e por “direta” queremos dizer direta - foi a criação direta da Inteligência Divina a partir das leis que Ela criou, e que onde quer que a criação ocorra, não há apenas um propósito consciente, mas distinto da Mente Divina nessa criação, e que desde o início da fundação da Terra, desde o estado atómico em que o mundo foi encontrado inicialmente até o presente e do presente até o futuro, quando os seres humanos virão a ser cada vez mais perfeitos, existe um desígnio final e palpável que percorre todas as formas de vida criativa que produz as diversas linhas geométricas do diamante -- que compõem as propriedades do cristal -- que modelou a folha de relva e as folhas da

rosa -- o que torna possível que toda a diversidade da existência na natureza expresse a variedade e a unidade do pensamento na Mente Infinita; e que o homem físico não foi o acidente nem a evolução das ordens anteriores abaixo dele, mas um impulso direto e palpável da Mente Divina insuflado sobre a matéria na última era do desenvolvimento geológico; e que todo tipo de pássaro, peixe e animal existentes pertencentes às ordens de vida encontradas na Terra hoje são o resultado do mesmo impulso de poder criativo.

Asseveramos que anterior e essencial a eles, alma de toda a vida é o espírito; que nenhum átomo se combina com um átomo afim sem um impulso e poder espirituais; que nenhuma vida se desdobra, e nenhuma folha de grama é formada sem uma ideia distinto nessa formação; que o mundo que irá recebê-los amanhã de manhã, quando o sol irromper e raiar sobre vós, será uma criação nova tão fresca das mãos do Divino quanto “quando as estrelas da manhã cantaram pela primeira vez”; que Deus não só fez as leis, mas as mantém em movimento; realiza a grande obra com a sua presença omnipotente e poder de espírito; e que nenhuma partícula da matéria pode mudar de forma fundindo-se com outra nem alterar a conformação da sua existência sem um esforço mental específico nesse sentido; que o espírito do homem emana dessa Divindade e que, entrando em contato com a matéria no exato momento em que a terra estava preparada, a alma humana se tornou uma forma viva.

Mas nos tipos de raças primordiais do homem, e sempre que a terra estivesse pronta, foi o Adão criado; de modo que toda a possibilidade de inserir essas pessoas em qualquer ordem distinta, intermediária ou inferior da existência é uma perversão do plano e economia divinos do universo, que insufla o espírito sobre todas as substâncias e faz da lei, da inteligência, da harmonia e da ordem, as causas primárias e motrizes por as raças primárias dos homens representarem as possibilidades da humanidade; tudo o que a humanidade hoje expressa achava-se encerrado nessas raças primitivas.

Nenhuma inteligência, arte, ciência, cultura, religião é encontrada hoje, cujos germes não se encontrassem no tipo original de humanidade; nenhuma função foi acrescentada, nem nenhum novo poder ou qualidade à alma humana, mas o tipo de humanidade é distinguível do fato da inteligência e da existência da sua alma. Do Infinito, a alma do

homem, um glóbulo puro e distinto de vida, surgiu; firmou-se na substância material pelo processo direto da lei; e quando a terra, que foi preparada durante eras de desenvolvimento, estava pronta, o pó brotou ao encontro do espírito vivo, e os céus e a terra foram feitos um na humanidade.

Consideramos que este tipo de homem, a expressão da inteligência de Deus, o resultado perfeito e legítimo da alma, é, talvez, a forma daquela existência que se tornará cada vez mais aperfeiçoada até que todas as possibilidades do pensamento humano sejam realizadas, mesmo na terra, até que este ser humano que agora sonha com perfeição, que agora retrata para si atributos que tem dentro de si, expresse através da forma externa todos esses atributos, e a matéria se torne plena e absolutamente subserviente ao espírito.

Vocês leram sobre a idade de ouro; vocês imaginam o jardim do Éden e o Adão e a Eva do Paraíso. São justamente o Adão e a Eva de todas as nações e de todos os lares. Cada raça tem o seu Adão e a sua Eva; toda a ordem primordial da humanidade tem o seu Adão e a sua Eva; toda a sociedade tem o seu Adão e Eva, na expressão das primeiras boas qualidades distintas de Deus no homem. Depois, aquilo a que os homens chamam de “queda do homem” desse estado primordial é apenas matéria a obter temporariamente a vitória sobre o espírito, com a qual o espírito luta continuamente e sobre a qual por fim obterá uma vitória completa.

Mas a criação do homem ainda não se encontra concluída; ainda está a acontecer, assim como a criação da própria terra. Tudo o que torna o homem mais perfeito e desenvolve na íntegra na forma externa aquilo que o espírito primordialmente expressa -- tudo o que permite à alma governar e controlar as substâncias materiais -- é um processo de criação.

Considerem, se fazem favor, as nações que vocês denominam de bárbaras e selvagens. Dizem que são os tipos mais baixos de existência. Tal não é o caso. Toda nação constitui um tipo distinto de humanidade; nenhuma é mais baixa e nenhuma é mais alta. Mas aqueles que estão em processo do mais elevado estágio de desenvolvimento e cultura representam de modo mais perfeito a intenção original da Divindade, e

nós não olhamos para o passado mas para o futuro, para o cumprimento perfeito da lei do destino.

Dizem, ou é do conhecimento da ciência, que houve um tempo na superfície da Terra em que não só teria sido impossível a existência dos seres humanos, mas também em que os trilobitas *(NT: Crustáceos fósseis)* e todas as ordens inferiores de existência não podiam ver sequer a seis polegadas de distância da sua posição, e não poderiam, de maneira alguma, distinguir qualquer forma de vida ou de inteligência além dessas seis polegadas.

Agora, é praticamente impossível que, com respeito ao futuro Adão, os seres humanos de hoje se encontrem na posição espiritual e moral desses animais antigos. É quase impossível que, avaliando essa matéria da criação, os seres humanos sejam capazes de enxergar apenas seis polegadas para trás ou para frente seis polegadas, quando a grande perspetiva da criação e o seu panorama divino passam despercebidos.

À medida que a raça humana se desenvolver cada vez mais a partir de dentro, à medida que a natureza espiritual se afirmar cada vez mais, e o Adão externo se sujeitar ao espírito, eis que vocês perceberão, não só a Terra e as suas produções e leis, mas o espírito e o pensamento que a criou -- o propósito divino, todas as possibilidades da alma se espraiem diante de vós. Aquilo que faz do homem o epítome da vida não é o seu corpo físico, mas a alma que se expressa através desse corpo. Ele não é tão veloz quanto o cervo, não é tão forte quanto o leão, não é tão sagaz quanto o elefante, não é tão poderoso quanto o cavalo, ele está despido e desprovido de instintos, conforme são chamados, mas o a alma que o torna supremo conquistou, pela força da mente e do espírito, os ventos e as ondas, a terra e o ar, fazendo dele o rei de todas as coisas que parecem ser seus pares. Será isso a organização? Será isso a função externa? Será isso a expressão apenas da força física? Então o homem deve ser um gigante e o elefante um anão; o homem deve fisicamente exceder em peso e medida todas as formas de vida que se situam abaixo dele. Mas esse não é o caso.

A alma apenas procura uma habitação. Todo-compreensão e todo-poderoso, o espírito do homem é um germe supremo, uma alma, e entra em contato com a matéria, e produz o organismo que se chama homem

e molda os destinos das nações e da própria terra ao ritmo do elevado propósito do espírito.

Aquela ciência, ou filosofia cósmica, que inclui a natureza espiritual do homem na sua natureza física, há de descobrir, se quisermos, os átomos da sua existência em todas as etapas da vida que a precederam, mas também há de descobrir o átomo da sua natureza espiritual, aquela fonte divina de onde somente o espírito pode emanar -- a Alma Eterna que preenche o universo, a alma suprema e absoluta; e esse Ser, indivisível, indestrutível, imutável na sua essência, pode mudar a forma da natureza no átomo da vida desse corpo.

Vocês não são a mesma pessoa que eram há sete anos atrás; nenhuma parte da vossa estrutura física é a mesma; não há nem um átomo ou partícula de nervo sequer, tecido ou fibra ou qualquer parte do vosso corpo que existia então; todavia, a vossa alma e mente ao permanecer e reter essas partículas juntas, agem como a força central e vocês mantêm a aparência do vosso ser anterior. Aquilo que virão a ser daqui a sete anos não será o mesmo corpo físico, se vocês se cingirem à vossa organização (corporal) e somente a ela; vocês esquecerão tudo -- vocês serão uma pessoa diferente; mas, à semelhança do rouxinol nas ilhas do sul, você precisarão aprender uma música nova a cada ano.

Mas a alma permanece enquanto o corpo muda. Vocês são recriados a cada sete anos; o vosso corpo morre, mas a alma vive e mantém juntas a estrutura vital e orgânica. Quando a morte sucede, vocês dizem que deixam de existir. É apenas o corpo externo que, desintegrado por não estar mais permanecer unido, retoma o seu lugar habitual; as partículas voltam à terra, enquanto a alma, vivendo naquela outra criação divina, retém o traje celestial do homem num estado mais glorioso e divino. Sim, o homem teve origem na terra; mas é o corpo que ele usa que é barro, enquanto a alma é de Deus, imperecível, transmitida por hostes de anjos, querubins, serafins, arcanjos, até que por fim, imerso no barro humano, ele volta à alma divina e perfeita com as novas asas do pensamento. Esta é a perspetiva que temos da “origem do homem.”

A ESFERA DAS ESFERAS ESPIRITUAIS

INTRODUÇÃO

[Antes do início do discurso (disse o controlador) temos uma declaração a fazer, que é a de que, a palestra desta noite será dividida por três inteligências distintas de três esferas separadas, ou estados da vida espiritual. Aqueles que tiverem estado presentes nas tardes de sábado lembrar-se-ão que o tema se tem prendido com as "Esferas Espirituais" - as três esferas: primeiro, "A Esfera do Egocentrismo"; segundo, "A Esfera da Beneficência"; terceiro, "as Esferas do Amor e da Sabedoria." Esta noite vocês terão um discurso, em primeiro lugar, sobre a esfera do Eu. Não será sob controlo direto do espírito, mas vai ser um comunicado direto desse espírito a respeito da condição em que se encontra na vida espiritual. Confiamos em que o público tenha em mente esses fatos enquanto ouve os três graus da vida espiritual descritos nesta noite.]

A PALESTRA

(Primeiro Estado)

Senhoras e Senhores - Solicito fazer uma declaração. Impelido certamente não pelo meu próprio desejo, mas por um mandato que não pareço capaz de desobedecer, faço eu essa declaração. É, para mim, inconcebível como poderá ser de algum valor para vós. Da minha parte, não deveria escolher dar-lhes a conhecer o que aqui vou dar a conhecer; mas como sou impelido, descrever-lhes-ei a condição em que me encontrei desde que me afastei da vida terrena. A minha partida foi muito recente e, embora pareça ser capaz de a descrever, não a consigo entender.

Do sucesso que tive na existência terrena, da realização do que mais desejei, do método dessa realização, talvez alguns de vocês tenham conhecimento. Mas certamente que se coadunava com os métodos convencionais da existência humana.

Descobri muito cedo na vida que, para se ter sucesso é preciso cuidar principalmente de si próprio. E eu certamente que fiz isso. Descobri que, para ser honrado e respeitado entre os meus semelhantes, precisava ter sucesso. E obtive sucesso. O grau de honra que recebi eu desconheço,

mas sei que cheguei onde queria chegar. Os obstáculos para o sucesso passavam pela consideração pelos outros e pela falta de força de vontade. Com a consideração pelos outros logo deixei de me incomodar, pois achei que muito poucos tinham consideração por mim. E por outro lado, certamente que tinha uma quantidade suficiente de força de vontade para me valer dos métodos de existência na vida comercial em que eu estava envolvido.

O fim e objetivo da existência humana foi alcançado. Não digo que nunca tenha tido nenhum remorso, nem pudor. Não digo que nunca tenha pensado que pudesse existir algo melhor. Não digo que não tenha tido momentos em que isso não tenha parecido satisfazer toda a minha existência. Não vi que se me apresentasse nada melhor; não vi nada que impusesse a consideração e o respeito dos meus semelhantes. Não vi outro caminho para chegar ao êxito. Tornei-me proeminente na região da minha esfera ativa de vida. Não tenho consciência de alguma vez me ter esquecido voluntariamente dos meus próprios interesses; não sei que alguma vez que tenha dado a qualquer ser humano qualquer coisa que não pudesse poupar; não tenho ideia de alguma vez ter dado com o objetivo da caridade ou benevolência, mas tudo o que considerava me trazia um resultado. Não considerava bom investimento dar aquilo de que eu precisava - andar a desperdiçar compaixão e caridade pelos que não mereciam, provavelmente, ou pelo menos por aqueles que a esqueciam em muito pouco tempo. Eu posso ter dado a alguém que estivesse aflito ou com carência. Se o fiz, o provável é que não me preocupasse com eles.

Eu me declaro imparcialmente diante de vós. Eu não queria ser bom, queria cumprir o meu dever na medida em que me deixasse irrepreensível diante dos meus companheiros e obtivesse a medida de sucesso que almejava na vida. Eu sabia que a morte viria um dia qualquer; mas não sabia onde ela me levaria. Não conhecia nenhum outro mundo além do que eu habitava. Não conhecia outra maneira de habitar esse mundo a não ser conquistando as coisas nele; nunca me ocorreu que eu devesse ser conquistado, por não me ter criado; as faculdades da minha mente não eram da minha própria criação; os desejos da minha vida não eram da minha própria criação. Se eu pudesse proporcionar, que negócio seria esse?

Encontro-me agora morto; o mundo chama-me isso. Eu ganhei aquilo que um milhão de homens não conseguiu alcançar. Foram escritas e ditas muitas coisas sobre mim a elogiar o sucesso, mas em desprezo

pelos meios de o obter. Aqueles que não o conseguem empregam os mesmos meios; fracassam por não ter capacidade. Poderá haver quem nunca empregue esses meios. Claro que sei tudo sobre filantropia; é claro que sei tudo sobre religião, mas não encontrei nesses dois elementos aquilo que o mundo mais valoriza, e não descobri, senão muitos séculos depois, que os filantropos são valorizados, ou aqueles que têm grande piedade estão entre os seus companheiros, são elogiados.

Agora estou morto e claro que conheço a condição na qual entrei; criei-a para mim próprio; eu não sei que me interesse de momento por lhe escapar. Por que deveria interessar-me? O mundo não me ofereceu nada; eu não esperava nada dele. Aquilo que ganhei foi arrancado com esforço e estou pronto para enfrentar o meu destino. De alguma forma eu me encontro, contudo, sem recursos. É fato singular que notei desde o meu advento neste novo estado de existência que os métodos usuais pelos quais eu podia fazer valer a minha energia na Terra me deixam desapontado.

Eu me dei por mim aparentemente numa planície árida, a princípio sozinho; não me importei com isso, mas não encontrei nada de árvores, folhas, arbustos nem plantas, nem tampouco tinha ideia que alguma coisa crescesse no lugar para o qual eu viera. Na realidade eu vi armazéns; pensei que encontrasse emprego lá pelo menos - apropriado, possivelmente. Quando me aproximei, eles desapareceram. Por fim quando me cheguei a um estava vazio.

Desconcertado de novo vi alguns navios vindo sobre o mar, e pensei: "Aqui vem uma carga, pelo menos que possa assistir." Os navios chegaram perto da costa mas parecia não ter vida a bordo que eu pudesse descobrir. Perplexo de novo. Eu vi habitações muito parecidas com as que eu construíra; havia rostos familiares por lá, mas quando me aproximei, eles desapareceram, e uma forma parecida com uma que morrera inesperadamente e sob circunstâncias peculiares, por causa do fracasso de um contrato, que não fora culpa minha, mas sua - o rosto dele deixou-me assombrado. Eu pus isso de lado. Vi algumas casas míseras; pensei que poderia renová-las. Ao me aproximar delas, encontrei-as habitados por gente que eu não havia beneficiado. Senti-me perplexo de novo.

Sou inteligente o suficiente para reconhecer a moral de tudo isso. Reconheço na fila vazia de armazéns o meu próprio poder terreno e pobreza espiritual. Reconheço nos navios que não trazem carga o fato

de eu não ter investimento aqui provavelmente no sentido correto. Reconheço nas habitações que foram o meu orgulho, e nos rostos que os assombram, o meu próprio orgulho às custas de um outro ser. Reconheço nas filas de casas míseras que devo passar e repassar todos os dias as pessoas que supunham que eu as tinha prejudicado.

Não posso dizer se algum dia terei algum investimento neste mundo em que eu entrei. Não posso dizer se algum dia me virei a interessar pelos métodos da vida que me rodeia. Parece não haver nada real, nada de substancial, nada que renda. Não dou muita importância àquela abnegação de que tanto ouvi falar, uma vez que sei que tenho visto tanto orgulho e egoísmo a par dessa piedade como em qualquer outro lugar. Não sei nada sobre filantropia; eu sempre supus que fosse outro tipo de ambição. Muito provavelmente será.

Veio ao meu encontro um dia, desde que entrei nesta esfera, uma criança. Estou certo de ter ficado feliz por ver a criança; tinha um rosto agradável e trazia uma flor. Certamente que não cresceu em nenhuma região ao meu redor. Eu perguntei de onde veio. Ela disse que veio de onde eles amam crianças pequenas e onde as mães residem. Então pensei na minha mãe e nos meus filhos. Eu tinha-me justificado em relação a eles perante o mundo; não posso dizer que tenha agido justificadamente por eles no meu coração e vida, e interroguei-me se seria possível que todo o fundamento da minha existência tivesse sido um erro, e que eu realmente não tivesse vivido, e não tivesse obtido sucesso, e estivesse realmente morto.

A tumba que me rodeia parece ser feita da minha própria vida; é vazia e desprovida de coisas úteis, mas ainda existe como as sombras das coisas em que empreguei o meu tempo na terra. Todas as cenas que posso testemunhar prestam testemunho da minha própria obra, mas não me trazem retorno; elas não rendem qualquer fruto; elas estão lá simplesmente para eu ver. Todas as formas de pensamento em que me envolvo parecem ser os ecos dos pensamentos que tive no meu estado terreno e planos para um sucesso e poder maior, e ouço os suspiros e gemidos de muitos aspirantes que se foram abaixo por eu querer *ter* êxito.

Este pode ser um estado que dure para sempre. Pode ser que seja interessante para vós, mas se eu tivesse sido deixada a escolha, eu certamente diria que não é do vosso interesse nem é da vossa conta. A gentileza comum da existência terrena poder-me-á impedir de o dizer, exceto numa transação comercial; mas eu fui chamado aqui para fazer

esta declaração. Estes são os meus sentimentos exatos. Este é o meu estado de espírito preciso.

Eu cuidei dos meus interesses na terra; interessei-me pela minha família na medida da relação do interesse pelos laços que me ligavam a eles, quaisquer que tenham sido. Há outras coisas que me assombram, mas que não me darei ao trabalho de mencionar. Não sei se este estado irá durar para sempre, ou se com aquela presença de uma criança eu deva ser instruído como plantar alguma semente que venha a crescer, ou a enviar alguma carga que tenha peso, ou a encher os meus armazéns vazios com algo de valor nesta terra. Aparecem e desaparecem pessoas; amigos felicitaram-me, tenho certeza que não sei porquê! Só me ocorre um pensamento. Interrogo-me se será uma parte do meu novo negócio revelar-lhes isto, de modo que vocês possam ter uma carga melhor e armazéns mais repletos do que eu tenho? Eu vou; deixo minha declaração; não me importo com isso.

SEGUNDO ESTADO

(MUDANÇA DE CONTROLADOR)

Eu venho até vós, queridos amigos, após convocação dos guias que controlam esta médium, para fazer uma declaração um tanto relacionada com o estado em que me encontro há muitos anos desde a minha partida da vida terrena. Eu fui, até certo ponto, um conhecido entre os homens. Eu tinha interesse por assuntos de Estado. Amei o meu país principalmente por achar que mais valorizar a humanidade. Vi uma sombra sair da vossa presença que parece não ter lar na vida espiritual, cujos grandes poderes mentais foram pervertidos no único objetivo de engrandecimento individual. Vejo o brilho que brilha no seu caminho até mesmo agora.

Sem dúvida, será o começo de alguma carreira extraordinária na vida espiritual, já que quando se dá uma repercussão em grandes espíritos que foram muito pervertidos, a recuperação venha a ser igualmente grande na direção oposta.

A própria consciência de enfermidade, que tive quando entrei na existência espiritual, impediu-me de julgar adequadamente a condição em que entrara. Sentia-me indigno de qualquer propriedade elevada; senti individualmente as minhas próprias falhas. Sentia um pouco de orgulho e, juntamente com o amor que sentia pela humanidade, receio que sentisse um pouco de ambição. Esforcei-me, todavia, por me fazer

amado, e ao fazer isso, sem dúvida, superei muito do meu orgulho individual.

Esforcei-me por acreditar que os meus objetivos eram para os outros. Como roguei por que o meu próprio país ajudasse a cauda da abolição da escravidão nas suas colónias, como lhe implorei por melhorar a condição dos seus criminosos, que lhes chega através das águas, mas a América seguiu na esteira da Inglaterra e a abolição da escravatura foi compradas com sangue humano. Mas as grandes nações da terra vão em direção à liberdade, e a mais elevada obra do homem torna-se a assistência dos seus semelhantes.

A minha existência na vida espiritual tem sido entre mentes afins que, como eu, procuraram na terra debilmente, e aqui com mais ou menos sucesso, melhorar a condição da humanidade e daqueles que estão abaixo de nós. Eu não digo que tenhamos feito isso de forma consistente. Não digo que nada de pessoal jamais tenha estado envolto nisso, mas o que digo é que, se no meu pensamento houve alguma consciência de exaltação ou de orgulho acima daqueles que estavam mais abaixo, sentia dentro de mim o flagelo de tal consciência tal como haveria de deflectir até mesmo as torturas de qualquer inquisição externa que infligissem.

No estado espiritual no qual fui admitido e acolhido, receio com demasiada gentileza, fui apresentado como um dos cooperadores daquela esfera de conselho beneficente que busca a elevação das nações da terra pela modificação de todas as leis, de todos os códigos e de todos os costumes internacionais que arruínem a vida humana ou degradem a existência humana.

Acredito ter descoberto que a fonte da existência humana tem a sua origem num motivo maior e mais elevado do que o da busca individual da ambição individual ou do prazer pelo lucro ou engrandecimento que possa suceder a uma pessoa. Acredito que sei que quem se esquecer de si próprio na ajuda aos outros, aumenta a sua felicidade e a dele próprio. Talvez por vezes façamos isso para incremento de nossa própria felicidade, mas não poderemos fazê-lo com sucesso, se tal for o objetivo primordial.

Descubro, na esfera que resido, todas aquelas mentes que com sucesso, em tempos passados, apelaram aos legisladores e aos conselheiros das nações para a elevação de qualquer classe de pessoas do cativeiro. Reconheço aqui as almas soberanas que se esforçaram por libertar as nações do Oriente da servidão; aquelas que se esforçaram por

libertar a Itália do duplo cativeiro da servidão e das artimanhas sacerdotais; aquelas que se esforçaram por libertar a Europa da escravidão das leis que infligem penas pesadas aos pobres, enquanto sustentam os ricos; daquelas que desejam que em toda parte que a vida humana seja considerada sagrada, e que nenhum ser humano se arrogue a si mesmo o direito e privilégio de tirar aquilo que não pode conferir ao seu semelhante.

Acredito que o nosso propósito em relação a esse objetivo tenha produzido em grande parte os resultados que se seguiram na Terra. Espíritos representativos de todas as nações da terra, que cooperem juntas por uma existência espiritual e, em seguida, o imprimem de novo naqueles que andam pelos corredores legislativos da Terra, não podem deixar de produzir resultados.

Por isso, digo que quando a escravidão for abolida na Inglaterra e na América, quando a servidão desaparecer da Rússia, quando o campesinato da França subir a um estado mais elevado, quando a Itália tiver sido liberta de maneira mensurável, quando o Oriente está rapidamente a ser resgatado dos seus crimes e servidão, e quando a terra ocidental está a brilhar com uma promessa de civilização mais alta e liberdade para o homem, eu digo que há encorajamento para os espíritos na esfera de beneficência a que pertenço, no sentido de continuar os dos legisladores na terra que estiverem preparados.

O vosso próprio Charles Sumner (sem querer desvirtuar o seu objetivo de elevar o escravo) não poderia deixar de ser um porta-voz da esfera que a sua visão já tocara. Na Inglaterra, Cobden, e agora os Brights, Sir Robert Peel, que ascenderam à nossa posição, e levaram adiante as esmolas que foram parte da minha vida, não podiam deixar de alcançar a esfera que habito, mesmo nos seus lugares no Parlamento. Começamos com os espíritos terrenos, quando eles não têm consciência disso. Sentamo-nos juntos em solene conselho e esperamos pelo momento oportuno em que um sopro possa encorajar uma palavra que de outro modo não seria proferida. Se a oportunidade se perdesse, se o coração vacilasse, se a mente hesitasse, poderíamos mobilizar um poder que desse maior coragem.

Abraham Lincoln, poderia não ter assinado a proclamação da emancipação, se não tivesse sido por uma voz vinda daquela esfera de almas ressurgidas que lhe deu a força que a legislação humana hesitou tanto tempo em propor. A mão que libertou os servos da Rússia podia não ter tido a ousadia, em face da Europa e das suas rivalidades, de se

atrever a fazer isso, não fora pelo poder que o impeliu, e advertiu que não é seguro hesitar em fazer uma boa ação quando a hora é apropriada, por receio das consequências. A arbitragem de Genebra, que promete a paz às nações da terra onde a guerra foi o costume, pode ser considerada um precedente não seguro de se estabelecer diante das causas agitadas das lutas políticas na Europa e na América, mas quer seja seguro ou não, o precedente está criado, e tanto mais é considerado responsável aquele que violar um pato que tiver sido possível de formar em face de grande irritação.

Nós conquistamos esses aspetos aos poucos. Os habitantes da terra estão acostumados a pensar por muitos métodos que desviam; por vezes de política e outras vezes de medo; mas uma vez proclamado na terra um bom ato ou uma boa lei, ela permanece aí para enfrentar os seus violadores, e mesmo que a nação retroceda, a lei estará presente para encorajar as futuras gerações. O massacre de San Domingo foi considerado prova de que a escravidão não deveria ter sido abolida - uma insurreição de uma raça provocada por severas crueldades e agitação de longos anos; mas não terá antes sido um pronunciamento sobre a própria escravidão que poderia assim esmagar e ferir uma raça a ponto de a levar a tais atos?

Honra e louvor sejam dados a essa raça que, aparentemente mantida por alguma mão omnipotente, esperou a hora da sua libertação na sua própria terra. Honra e louvor seja dada àquela devoção que confiou no Deus da libertação em vez e na mão da violência para a libertação dos escravos, e que fez dos primeiros transgressores dos direitos humanos igualmente os primeiros transgressores contra o último e mais elevado dos direitos humanos, o da vida humana. Se os homens tiverem que fazer a guerra, a condição que semeia as sementes do conflito deverá ser colhida por aqueles que as semeiam e não por aqueles que não os semeiam. Se vocês tiverem semeado ao vento, será melhor colher no redemoinho do que arrastar outros para o tornado para recolher as vossas colheitas por vós.

A grande obra da emancipação e elevação humana não é meramente política; é reduzida aos limites não apenas do Estado e da Igreja, mas também das leis municipais e legislações locais que compõem em grande parte a felicidade e a prosperidade das comunidades. Mais do que isso, acho que se resumiu à pequena escala da vida humana individual, e que, para uma legislação apropriada, devemos ter legisladores capazes, devemos ter indivíduos adequados, e os indivíduos

devem estar imbuídos da ideia correta, e devem não ser eleitos por estarem disponíveis ou por ser a melhor política.

A política de contemporização de muitas nações adiou o dia da batalha, mas culminou no dia do terremoto. A política de contemporização de muita gente faz com que a ferida seja curada sobre o que deveria ser sondado e curado, e traz destruição às nações e ao tecido social da vida. A base real, acho eu, deve assentar no indivíduo: na sensibilidade efetiva para com o criminoso e não o crime. Não precisamos ter compaixão pelas cadeias e penitenciárias; elas são feitas de madeira, pedra ou ferro; mas o homem que está lá é o objeto da nossa comissão - o crime que condenamos.

Excluamos o crime, arrancando a causa dele. Nunca destruímos uma árvore cortando os galhos. Encontremos e erradiquemos as influências subtis na vida humana que levam à miséria, à pobreza, à ignorância e ao crime. Divulguemos o conhecimento. Disseminemos informações morais úteis no exterior. Edifiquemos escolas que estabeleçam esta informação aos olhos do ser mais pobre e mais degradado. Tornemos as condições de crescimento moral possíveis no mundo. Espalhemos convites para o mais alto e mais sublime. Ai, esse é o segredo - a sensibilidade para com o indivíduo é esquecida com a condenação da ofensa. Esquecemos o amor enquanto nos lembramos da justiça. Esquecemos o ser humano enquanto nos lembramos do mal infligido a outros seres humanos.

O grande poder da beneficência é compassivo, assim como justo - cura a criança descuidada, ou desobediente, enquanto ao mesmo tempo condena o capricho, a loucura ou o crime. A lei não traçou linha nenhuma entre a ofensa e o ofensor. Na esfera que eu habito, a ofensa é uma condição moral e não a individualidade. O culpado passa para a sombra; a sombra pode permanecer para onde os outros passem, mas o culpado precisa ser resgatado dela.

Aquele que toma parte no crime não pretende ficar lá para sempre; ele vai movido pela cegueira e pela paixão, ou é impulsionado pela ignorância e falta de poder moral. Não temos nada que dizer que, lá por ele está nela, façamos com que fique sempre. Lá por um homem escolhe afogar-se não temos o direito de deixar de lhe proporcionar meios de assistência; é nosso dever salvá-lo, se pudermos, e restaurar-lhe a sanidade moral, e ensinar-lhe que é mais corajoso viver do que morrer.

O que diria o mundo se um homem ou mulher infeliz à beira da destruição, guiado pela sua própria loucura, fosse deixado a afogar-se por ele próprio ter decidido dar esse passo? Suicídio foi transformado

num crime; é claro que é uma loucura, mas, não será todo o crime uma Deveremos acrescentar o assassinato ao suicídio? Eu acho que não. Eu penso que nas eras mais esclarecidas a forca será coisa desconhecida. Eu acho que no período de tempo mais esclarecido, as penitenciárias em sua forma atual serão coisa desconhecida.

Vocês têm asilos para inebriados, asilos para cegos, asilos para os surdos e mudos, e o mundo todo é um asilo em caso de guerra. Não será a luta diária da vida igualmente penosa para a mente e o coração e o espírito como a única grande batalha que leva os heróis à vitória moral ou física, e os restringe quando eles se orgulham disso? Não lutará toda essa gente, a todo o vosso redor na existência quotidiana, com grande capacidade, com bravura e desejará superar, mas não consegue?

O conselho sanitário espalha-se quando soa o toque de alarme de Waterloo, ou da Crimeia, ou a guerra Americana; o conselho sanitário moral das nações não permanece alerta no campo de batalha diário da vida. Permitimos que os homens caiam pela indiferença, pela inércia, pelo cuidado de nós próprios, pelas diversas coisas que ocupam, quando uma palavra, uma sugestão, uma mão amiga haveria de fazer pender a balança.

Esse é o grande poder moral que existe no mundo - que vocês nunca esqueçam as responsabilidades que têm uns para com os outros; que vocês nunca esqueçam que estão no campo de batalha da vida, e que o sofrimento, o pecado e os diversos tipos de obliquidade moral no mundo precisam ser enfrentados e vencidos por vós. Há ajuda para conseguirem isso em todos os lugares, mãos de ajuda que se estendem dos céus, espíritos voluntários que descem; mas não podemos percorrer o caminho todo. Vocês não começa a construir um edifício a partir do topo - não podemos colocar a cúpula até que vocês tenham edificado as fundações e erguido as paredes.

A estrutura da vida moral e social da terra precisa ser iniciada aqui por vós. O que o mundo espiritual pode fazer é encorajar os trabalhadores, indicar o objetivo do edifício, mostrar as obrigações imortais que residem além, e esperar com a cúpula estrelada da vida social e política perfeita que você finalmente detêm. Mas aqui na Terra, os vossos próprios atos, vidas e perceções, formados e motivados por nós, devem fixar a pedra angular. Vocês precisam erguer as paredes, e se elas não forem seguras e desmoronarem, vocês precisam erguê-las de novo, até que por fim, em bicos de pés, na medida do que conseguirem alcançar com cada objetivo grandioso e esforçar-se por criar o tecido social, estabelecem a vossa

base na igualdade humana, na justiça humana, no amor humano; então as mãos dos espíritos empenhados na mesma obra descem das suas alturas e coroam o edifício com a cúpula que eles criaram.

Estamos a construir assim. É o nosso objetivo futuro, onde quer que haja sofrimento ou pecado, descobrir a causa e aplacá-la; e a grande cura moral do mundo terá lugar quando toda mente e coração sentirem a sua responsabilidade em apresentar este tecido para os anjos coroarem.

ADIN BALLOU

Responde às questões de John Martin Peebles, num discurso de transe proferido por Cora Richmond, em data incerta.

"Você estava inconsciente ao morrer? Quem o acolheu primeiro na vida espiritual? Como estava vestido? Poderão os espíritos passar por portas fechadas e muros densos? O corpo espiritual no processo de morte encontra-se desorganizado? As zonas espirituais envolvem a terra e existirão linhas de demarcação entre elas? Tem uma residência na vida espiritual? e, em caso afirmativo, construída por quem? E existem animais e pássaros no mundo espiritual? Você considera Deus uma inteligência pessoal?"

Estas perguntas foram submetidas pelo Dr. James Peebles há cerca de quarenta anos às inteligências controladoras da Sra. Cora L. V. Richmond, a famosa oradora Americana de transe, e foram prontamente respondidas pelo espírito, Adin Ballou (nome terreno).

"Não experimentei nenhuma inconsciência; quase não existiu aparência dela. Antes pelo contrário, a consciência foi-se intensificando cada vez mais e, em vez de a sensação ser amortecida, todas as vias de sensação foram vivificadas, e a consciência da vida espiritual misturou-se com a consciência de uma vida terrena em desvanecimento. Aquilo que é designado por desvanecimento da consciência externa é meramente a substituição da consciência externa pela consciência espiritual.

Há espíritos que experimentam o que se pode chamar de semiconsciência, que brota mais da perplexidade do que de qualquer falta de atividade da mente. Mas esse estado difere com cada espírito

individual. Quando o espírito se afasta do corpo, ele está a despertar numa outra vida. O período de descanso que algumas mentes experimentam é causado pela mudança de condição da vida terrena para a vida espiritual e, como qualquer choque súbito, deixa a mente sem recordações, nada vívido, e o espírito pode supor ter estado inconsciente durante esse período.

"Fui recebido por uma a quem chamarei minha mãe, e pelos meus amigos pessoais imediatos, alguns dos quais tinham sido parentes e outros não. Há na vida espiritual, e mesmo no despertar inicial na vida espiritual, uma consciência de reconhecimento daqueles que conhecemos mentalmente. Refiro com isto, aqueles cujas obras lemos com interesse, cujos ensinamentos seguimos, e os companheiros da nossa solidão, que não vimos na forma, mas essas mentes são uma com a nossa. Esses encontram-nos na vida espiritual, e eu vi-me acolhido por aqueles com quem eu tinha comungado apenas através dos seus escritos ou obras na terra.

As minhas vestes eram de tecido. Eu tinha consciência disso, e de que não assumia a forma estereotipada de vestuário terreno; mas eu refletia pouco nisso, exceto que, quando um pensamento de prazer permeava a mente a cada novo reconhecimento de um amigo espiritual, havia uma vibração em todo a estrutura que comunicava com as vestes e a atmosfera ao meu redor.

Que os nossos amigos estão preparados para nos receber na vida espiritual é certo; mas as vestes espirituais, aquilo com que nos adornam, aquilo que é visto por muitos espíritos sob a forma de vestuário, são na realidade os seus afetos a manifestar-se sobre a atmosfera que, como uma luz brilhante, nos envolve; e como as nossas vestes não são tecidas de tecido material, mas do agregado de substâncias espirituais, assim também o pensamento e a simpatia dos nossos amigos nos adornam; nós usámo-los como vestes brilhantes; a atmosfera ilumina-nos e rodeia-nos; Estamos vestidos de atmosferas.

Os Espíritos podem e passam por toda e qualquer substância chamada "substância sólida" na terra.

A matéria orgânica não tem efeito sobre o espírito inorgânico. Como o espírito é inorgânico, não pode ser desintegrado; e como essência ou forma espiritual, é mais subtil do que qualquer outra substância sólida, de

modo que o espírito pode à vontade entrar e sair de uma sala, embora fosse feita de ferro, vidro, aço ou a substância mais sólida e compacta. O Espírito pode e passa para dentro e para fora de prisões, cavernas, recessos de toda e qualquer espécie. Não há impedimento na matéria ao progresso do espírito.

O único impedimento que existe é a falta de conhecimento ou vontade. Um espírito pode ser impedido de passar para uma sala se acreditar que não pode fazê-lo; mas, se o espírito tiver o conhecimento de que a matéria não é obstrução, e um desejo sincero de estar na presença de qualquer pessoa, ele descobre que a parede material não é obstáculo, e que o desejo ou vontade é mais forte do que qualquer obstrução orgânica. Não há resistência atmosférica nem outra ao progresso do espírito através do espaço e da matéria.

Talvez fosse bom desenvolver ainda mais esta questão. Como a simpatia é a lei que governa de forma considerável o espírito, e como toda força empregue pelo espírito é uma força mental que age sobre o físico, se uma manifestação física for necessária, assim a relação de um espírito desencarnado com todas as substâncias orgânicas ou incorporadas é a relação de um poder positivo com um poder negativo, e o negativo não é, em nenhum sentido, uma obstrução ou obstáculo à passagem do espírito de um ponto para outro. A única obstrução é quando um espírito deseja controlar a matéria para uma conversa inteligente com as mentes incorporadas; A resistência, então, tem efeito, não sobre o espírito, mas sobre a manifestação que o espírito pode querer fazer.

Por ser o Espírito inorgânico, e não se conformar em nenhum sentido de forma genérica ou outra material, não está sujeito à desintegração. Não há o perigo da sua dissolução; as partículas fluem livremente juntas; não há nada na natureza da matéria que possa separar as partículas. Portanto, como a luz passa através de uma substância transparente, todas as substâncias são transparentes à passagem do espírito, excetuando apenas uma volição contrária. Um espírito pode ser impedido de entrar numa sala, não pelas paredes, nem pelos vidros ou metais, nem por substâncias sólidas ou portas barradas, mas pela vontade, ou resistência, ou relutância ou falta de harmonia com a mente dos presentes.

O homem espiritual não é desorganizado nem desintegrado. O corpo experimenta desorganização, e a morte é o selo enfático dessa dissolução. O espírito, no entanto, permanece. Conforme eu disse, o meu espírito já estava envolto (vestido). Experimentei uma sensação adicional de vida, mas nenhuma dissolução no sentido de desintegração espiritual.

O corpo afasta-se; a maré está a vazar. O espírito, como a maré do dilúvio entra em na posse de tudo o que tem, retém-no, leva a sua própria atmosfera ou envoltório para a vida espiritual e é adornado através da simpatia, afeto, inteligência e outras experiências mentais que se seguem imediatamente após a morte. Quanto à dissolução ou desorganização da forma espiritual para fins de retirada do corpo físico, seria igualmente sensato dizer que um homem estará desorganizado quando tira a roupa à noite.

O único ponto importante que o mundo precisa entender é que todo espírito existe como espírito, embora possua um corpo material; que a mudança chamada morte não cria nem o espírito nem a forma-espiritual. Podemos bem entender que as pessoas que testemunham o processo de dissolução do lado material da existência, mesmo com visão clarividente, podem supor que a forma espiritual seja uma emanação em partículas do corpo físico. Tal é a ilusão que ocorre ao habitar a forma material, e assiste à observação mesmo com visão clarividente do ponto de vista material; mas tal não é o caso do lado espiritual. A diferença é como a diferença entre estar sob as nuvens e acima delas.

As esferas espirituais não cercam a terra no sentido às vezes ensinado, e não existe linha nenhuma apreciável de demarcação em qualquer sentido físico ou outro conhecido pelo homem entre elas. Uma esfera espiritual é o raio ou atmosfera de uma condição mental, de um desenvolvimento espiritual. Num mesmo aposento na Terra, podemos encontrar as esferas celeste e terrestre -- ou seja, as condições mais altas e mais baixas.

Os Espíritos que representam o estado terreno podem pairar por meio da atração para mais perto da terra; mas não existe cinto nem camada, ou melhor, remendos nem manchas de nuvens vistas do outro lado, acúmulos de atmosferas espirituais densas em certas localidades, e que mudam a sua localidade com a mudança de interesse ou atração.

Essas manchas ou borrões comunicam com estados espirituais correspondentes em outras localidades que não a terra, principalmente outros planos; e há linhas de sombra correspondentes às linhas de luz que conectam estados superiores ou angélicos. Essas linhas também não são fixas; nem ocupam sempre o mesmo ponto no espaço. Uma esfera espiritual está presente esta noite em correspondência com a mente ou mentes que controlam estes discursos. Dizemos, esta é a esfera da banda que controla a médium. Ora, isso não é fixo, não somos obrigados a estar aqui a menos que tenhamos algo a fazer; e a nossa esfera pode passar de um ponto a outro da terra sem ser perturbada como uma esfera ou sem deixar qualquer traço ou marca especial que possa ser delineada fisicamente.

Uma esfera espiritual é o raio da atividade das mentes que a compõem. Pode ser grande ou pequena, potente ou não, de acordo com o seu desenvolvimento. Não existem, tanto quanto podemos apreender, nem fronteiras arbitrárias, limites no espaço, nem número arbitrário para as esferas. Sete esferas, doze esferas, qualquer quantidade harmónica serve como representação dos estágios do crescimento espiritual; e há certas etapas que são mais bem denotadas por esses números do que outras.

É costume, pois, descrever as esferas espirituais por números, para melhor compreensão das mentes terrenas do que a partir de qualquer número arbitrário ou fixo na vida espiritual; mas, como há certos ciclos que só os números podem representar, os espíritos, ao descreverem os estados últimos, empregam números, para melhor designarem quando esses estados espirituais atingiram o seu ponto culminante. Mas as esferas espirituais estendem-se em várias linhas não arbitrárias; são ao invés correntes da Terra para todo e qualquer plano ou ponto interestelar no espaço onde os espíritos que compõem essa esfera possam ter trabalho a realizar.

"Uma casa não feita com as mãos, mas eterna nos céus." Essa citação melhor descreverá uma habitação espiritual. Eterna significa que o pensamento é duradouro; que toda impressão ou vibração da mente produz um efeito na atmosfera à qual o espírito está associado; essa localidade com respeito à condição astronómica ou atmosférica não é essencial. A casa ou lar do espírito deve ser essencialmente composta

da substância que envolve o espírito, deve ser da natureza exigida pelo espírito e deve estar na localidade da utilidade ou do trabalho do espírito.

Como calor e frio, inverno e verão, pobreza e riqueza, fome e excesso, mudanças de todo tipo físico, não têm efeito sobre o espírito. Como o Espírito não precisa ser protegido contra os raios solares ou as geadas e tempestades invernais, assim as nossas habitações são compostas apenas de substâncias tais, e situam-se exatamente em localidades tais como as nossas necessidades espirituais exigem. O que serão, pois? Atividade; a mente nunca dorme; O Espírito nunca deixa de agir.

Portanto, não precisamos de uma habitação fixa onde possamos dispensar o fardo dos cuidados materiais, e descansar ou dormir como fazem os mortais. Falo apenas por mim. Outra das nossas necessidades espirituais é a existência e presença daqueles por quem nutrimos afeto. As nossas moradas são, pois, em grande parte os nossos afetos. Vivemos nelas; elas formam a atmosfera que nos rodeia. Essa atmosfera toma formas de beleza, de variedade, de luz, de sombra, de proporção arquitetónica, de arte, de cor, de linhas, de forma, de acordo com os nossos afetos; e não construímos por construir, nem para testemunhar a estrutura que criamos como espetáculo. Tudo o que há de edifício ou imagem, de arte ou paisagem, na atmosfera da nossa morada, é o resultado das nossas vidas, do nosso esforço, da ação e do pensamento que compõem a nossa existência.

O nosso lar está aqui agora, porque a nossa atmosfera está aqui, e vocês haveriam de ver a atmosfera espiritual desta morada permeada por nós e por esta presença. O ponto seguinte do nosso trabalho será o ponto da nossa habitação espiritual. Se for algum amigo na terra, aí estará a nossa morada por enquanto. Se for alguma esfera espiritual que devamos visitar, alguma outra condição da vida espiritual para tentar aliviar, então onde quer que encontremos esse espírito estará a morada temporariamente. Não há conflito de localização, não há apropriação de bens alheios.

Esferas pouco agradáveis ou hostis não podem encontrar-se nem misturar-se; resistem umas às outros e separam-se. Não há ocupação das instalações uns dos outros. Só posso possuir o que é meu. A minha morada é o meu trabalho espiritual, a minha consciência, a minha atmosfera, o meu ambiente; eles vão comigo; não ficam em lado nenhum

quando estou ausente; são os meus bens; eles permanecem comigo para sempre.

Espíritos em estreita simpatia com a vida terrestre cultivam campos e jardins. As suas esferas espirituais, as suas moradas, as suas ocupações, são protótipos do que há na terra, porque não conhecerem nada de diferente. Eles ainda realizam o trabalho, ainda existem na sua atmosfera, são absorvidos pela sua presença e possuem as coisas que têm existência terrena. A esses, todo objeto adota a forma da vida terrena, ou do objeto semelhante na vida terrena, e os hábitos ou métodos da existência terrena são, em grande medida, repetidos na sua vida espiritual; mas, conforme afirmei, a sua casa espiritual situa-se então na terra.

Por outras palavras, para enquadrar esta afirmação numa forma compacta e abrangente, a existência dita objetiva na terra não tem realidade na vida espiritual, enquanto aquela existência chamada subjetiva na terra é a objetiva no espírito. Os nossos pensamentos, os nossos afetos, as nossas memórias, as nossas aspirações, as nossas orações, esses são os objetos da existência no espírito. Casas e terrenos, jardins e flores, vida orgânica em todas a sua diversidade, tornam-se subjetivos no nosso caso. Nós temo-los, se os nossos afetos o exigirem; não os tememos, se os nossos pensamentos estiverem além, ou envolvidos noutros sentidos.

Todas as formas de vida animada se sujeitam à descrição feita na resposta à pergunta anterior. Não há crescimento orgânico, vida animal ou vegetal, na existência espiritual elevada. Por orgânico, refiro-me ao crescimento físico genérico. Toda forma de beleza, todo pássaro, árvore, flor, paisagem, templo, é o resultado de alguma ação imediata da mente, ou inteligência, sobre a atmosfera; e sobre as partículas que compõem essa atmosfera da vida espiritual estão as imagens vivas das mentes que habitam essa existência.

Eles não estão separados nem apartados das entidades humanas, como os pássaros, as flores e as árvores na terra, que parecem existir, quer o homem os contemple ou não. Não temos florestas por explorar, não temos pássaros que entoem os seus cantos e desperdicem o seu brilho numa atmosfera invisível ao homem. Aquilo que os pássaros são é mensageiros; tudo o que as flores são é oferendas de paz ou atos de amor; tudo o que os templos são, é ações consagradas à liberdade, ou à

verdade, ou à justiça, ou à religião. Todo objeto de amabilidade é a expressão de algum pensamento, nascido nos afetos do Espírito. Agora, a última pergunta.

Consideramos Deus, a personalidade infinita, a inteligência infinita do universo, tanto o centro como a circunferência, aquilo que está dentro e fora, a permear o todo, a guiar o todo, a possuir o todo, consciente do todo, da personalidade infinita. A personalidade do homem está dentro, dentro dessa infinitude; certamente não pode estar fora dela, mas o homem não é essa infinitude, por ser finito. A palavra central não pode aplicar-se à infinitude, assim como à circunferência. O que pertence à infinitude é o todo; no entanto, eu gostaria que compreendesse claramente que acreditamos na individualidade infinita. O fato da sua infinitude não diminui a individualidade."

VIDA NOUTROS MUNDOS

Um Discurso em Transe transmitido pelos Guias Espirituais da Sra. Cora L. V. Richmond,
na St. James's Hall, Regent Street, Londres, na noite de quinta-feira, 20 de Julho de 1880.

O tema do discurso desta noite, como anunciado, é "Vida noutros mundos". Sem dúvida, se tivéssemos anunciado "Vida no outro mundo", poderiam ter pensado que se tratava apenas das existências espirituais além deste estado terreno. Contudo, as existências reveladas pela manifestação espiritual não são, de todo, as únicas incluídas neste tema.

É sabido que, embora as religiões do passado tenham revelado àqueles que as acolhem a consciência de um estado futuro, e que cada forma de fé tenha erguido o seu próprio Paraíso, ainda permanece na mente humana uma noção vaga do mundo que se estende para além dos sentidos materiais. O paraíso do maometano, o céu do cristão, os estados gloriosos dos brâmanes, o nirvana do budista — estes conceitos podem, por vezes, ser nítidos para os fiéis mais devotos, mas tornam-se difusos e distantes à luz do pensamento moderno, realista e materialista.

Com essa visão excessivamente materialista do estado futuro, a mente humana tornou-se insatisfeita, e, do extremo de um céu cristão,

mergulhou no materialismo do não-ser — da aniquilação — da absorção geral na Mente Infinita.

Afirmamos aquilo que acreditamos ser a experiência de todo o espiritualista: não fosse a evidência que o Espiritualismo oferece, não existiria qualquer conhecimento individual sobre o que é a vida noutros mundos — nenhuma conceção individual do estado de ser que existe além daquilo a que chamamos morte.

O profeta pode ver com a sua visão inspirada, o sábio pode colher vislumbres com a sua filosofia sublime desse estado transcendente, e o poeta, nos seus voos mais elevados de imaginação, pode pintar para si próprio a condição dos que partiram. Mas, a menos que uma voz fale à vossa alma a partir do outro mundo, a menos que um espírito se manifeste à vossa visão espiritual, a menos que haja conversação ou comunhão inteligente, não pode haver verdadeira noção do estado espiritual dos que já se foram.

Esse conhecimento, essa perceção, essa verdade, o Espiritualismo trouxe a esta geração. E, se assim o quiserem, podem conhecer com exatidão a condição dos vossos entes queridos que partiram. O espírito que se manifesta, a entidade que comunica através de um médium, ou qualquer instrumento mecânico conhecido do Espiritualismo, revela-se como uma inteligência, como alguém com pertenças no mundo espiritual, rodeado por elementos que vós podeis compreender.

O problema da maioria das mentes humanas é que, ao tentarem medir o mundo espiritual, utilizam comparações materiais. Como os cristãos, imaginam ruas de ouro, muralhas de pedras preciosas, portões que se abrem com uma prece ou com um chamamento — e assim constroem um reino celestial como réplica literal da grandiosidade terrestre. Nada pode estar mais longe da verdade. Tal como o templo de nuvens difere do ouro da terra, como o éter azul difere do solo sob os vossos pés, assim difere o mundo espiritual do mundo material.

Também não é verdade que o ser humano leve consigo para o outro mundo os sentidos físicos, que pertencem apenas à condição organizada da matéria. Nem leva consigo as doenças, as fraquezas, o sofrimento, as limitações do barro material. Nem mesmo os apetites e paixões que pertencem unicamente ao corpo físico.

Mas é absolutamente verdade que levais convosco tudo o que é verdadeiramente vosso: cada pensamento inteligente, cada traço de carácter, cada atributo nobre ou degradante, cada poder da vossa natureza espiritual e mental acompanha-vos. O corpo e as suas sensações não vos acompanham.

Se, portanto, quereis ter uma conceção exata da vida no outro estado de existência, deveis comparar com cuidado as mensagens que recebestes, e interpretá-las segundo o seu significado espiritual, e não material. Isto quer dizer: comparai-as entre si, e não com coisas terrenas. Comparai o que é dito com qualidades espirituais, e não com formas físicas — só assim podeis chegar a uma compreensão verdadeira, em espírito, do estado que vos espera no outro mundo.

"O outro mundo" é um termo vago. Pode ser pequeno, conforme a vossa compreensão, ou ilimitado como o universo. Não é um globo, uma esfera, um local delimitado, uma coordenada geográfica ou astronómica no espaço; não é algo que possa ser mapeado, dividido em continentes e mares, e percorrido como se navega pela Terra. "O outro mundo" é libertação — é um estado de ser, mais do que um lugar.

É uma existência que se expande do aprisionamento para a liberdade, da casa de barro para a posse plena do universo. É aquilo que, pela morte, liberta o espírito que, por um tempo, habitou ou esteve acorrentado ao corpo de barro. E assim como sentis alívio ao sairdes da confusão, do tumulto e da opressão da cidade para as montanhas e os prados abertos, para o ar puro e os vales encantadores — se essa liberdade já vos é bela na vida terrena, imaginai então o que será experienciar uma mudança que anula todas as limitações do corpo, que torna o tempo e o espaço praticamente irrelevantes, e que vos liberta para viver unicamente pela vontade.

Onde agora rastejais, então voareis; onde arrastais o corpo em longas horas e dias para realizar um simples desejo, aí o pensamento, por si só, concretizará o que deseja, pela força da sua intensidade. O conhecimento e a bondade serão a medida do vosso poder. Se aqui estais separados por milhares de milhas dos vossos entes queridos, mal sejais libertos da existência terrena — se não estiverdes presos a afetos puramente terrenos — elevais-vos até aos que amais, estejais onde estiverem: na Terra ou nos mundos espirituais.

A distância já não existe. Não há espaço nem limite que possa prender os afetos da mente. E, como Swedenborg expressou com tanta beleza: todo o estado espiritual é determinado por nada mais do que pelos vossos afetos.

Se esses afetos forem por coisas da Terra (não me refiro a pessoas, mas a objetos exteriores), se forem físicos e ligados às posses terrenas, sereis um dos chamados “espíritos presos à Terra”, obrigados a enfrentar a dificuldade de uma vontade espiritual embaciada. Pois nos sentidos físicos não há clareza de vontade.

Mas se, ao deixardes a Terra, vos encontrardes na presença dos que amais — tenham eles partido ou não — se encontrardes liberdade de vontade, expansão de propósito, realização sublime dos desejos que vos guiam, então sabei que a vida espiritual é a vida dos vossos afetos.

Limitar um estado espiritual por qualquer medida de espaço, ou declarar que uma determinada localidade nesta atmosfera à vossa volta é a habitação de um espírito, é rebaixar a consciência da natureza espiritual do ser humano. Dizemos-vos que um espírito suficientemente revestido de exaltação espiritual pode passar da Terra ao Sol, do Sol ao planeta mais remoto, e ainda assim nunca perder de vista o objeto do seu afeto na Terra.

Afirmamos que um espírito suficientemente dotado de elevação espiritual não reside — nem pode residir — num espaço ou lugar fixo, mas move-se em resposta à lei da atração espiritual, indo onde o trabalho é necessário, onde o pensamento é requerido, onde a atividade é bem-vinda, onde a ministração é verdadeiramente desejada. Esse é o lar, essa é a esfera, esse é o domínio do espírito assim dotado.

Perguntam muitas vezes as mentes terrenas: “Tendes um lar na vida espiritual, com pertenças como as da Terra?” Quase todos os espíritos respondem: “Temos um lar — com pertenças adaptadas à nossa condição.”

Voltam a perguntar: “Tendes fontes e árvores, rios e jardins, lagos e montanhas?” E eles respondem: “Temos, na vida espiritual, aquilo que corresponde a essas coisas.” E muitos têm-se queixado da vaguidade desta resposta.

Mas, quando compreenderem que rios e florestas, montanhas e ribeiros não são requeridos, em sentido objetivo, por qualquer espírito; que

nenhum campo verdejante é necessário para alimentar o corpo espiritual; que nenhum fruto da vinha é essencial para sustentar-lhe a força — quando compreenderem que as águas são nascentes cristalinas de pensamento ilustrado, e que cada átomo da vida espiritual está subordinado à vontade e ao crescimento espiritual do indivíduo — então verão que é perfeitamente possível ao espírito estar rodeado pela grandiosidade de altos montes e vales floridos, por vastas planícies, lagos e rios, por músicas de águas murmurantes, perfumes de flores em flor, por paisagens tão belas que, esbatendo-se na distância, oferecem ao olhar descanso, paz e uma sugestão de eternidade.

Mas tudo isto é criação do próprio indivíduo — não algo fixado no firmamento ou no espaço para que ele o habite. Se tendes uma morada, fostes vós que a criastes; se tendes uma paisagem bela, fostes vós que a plasmaram; se estais rodeados de encantos, eles são fruto do vosso estado interior. Tudo o que embeleza o templo que habitais foi forjado a partir da vossa própria natureza interior — é o resultado de contínua exaltação.

Quem poderá então descrever a geografia dos Céus senão aquele espírito que está familiarizado com a consciência do seu próprio céu? Que espírito poderá apontar num mapa os continentes maravilhosos do reino espiritual, quando estes são criação do pensamento individual?

Se Rembrandt quiser mostrar-vos a sua visão do mundo espiritual, não vos leva a um local físico para vos mostrar a sua genialidade. Antes, rapidamente, desvela o seu pensamento perante vós, e as imagens do seu afeto brilham ou se obscurecem segundo o seu estado espiritual. Aqueles que amou refletem-se ali — não os que pintou.

Se o escultor quiser mostrar-vos a obra mágica do seu génio, não vos apresenta mármores monumentais talhados pela sua mão. As formas no ar tremem com o fervor da vida, e da sua presença flutua até vós a imagem esculpida da oração sublime e do esforço sagrado — divinizados pelo direito da aspiração, se pura for; se não, o seu génio é uma sombra e desvanece-se no nada.

Se o músico quiser enredar-vos com as maravilhas da sua harmonia, não vos traz compromissos como os instrumentos terrenos, afinados para ferir os sentidos. Não vos traz dissonâncias e diz: “Isto é melodia.” Pelo contrário, dos instrumentos escolhidos brotam coros maravilhosos, cujas vozes se derretem e incendeiam na chama divina do

arrebatamento — e essas ondas de som não são som, mas sim a alma da harmonia à qual deveis estar sintonizados para ouvir.

Não é, pois, de admirar que, saindo das trevas da sensação terrena, tenhais tão pouca apreciação do mundo onde os espíritos habitam. Esse vasto “outro” mundo onde são criadas imagens da dor e do sofrimento humanos — estados de transição em que não há bem nem mal plenos, mas uma incerteza de existência, nascida da ausência de esforço espiritual na Terra, dos erros aparentes da vida exterior, das condições adversas da existência humana.

Felizmente, um véu é lançado sobre esses estados; eles não são tão intensos para a visão espiritual como para a imaginação. O Hades é mais imaginação do que estado espiritual.

Se Dante, ao contemplar o Inferno, viu a condição real das almas lá existentes, então retratou algo que não deixa esperança à humanidade. Mas, se retratou estados, então mostrou aquilo que os anjos veem todos os dias — espíritos em sofrimento, vistos com tristeza, mas também com esperança.

Se Milton, ao idealizar Satanás, o filho caído da manhã, representou uma entidade ou estado espiritual real, não haveria esperança para o mundo. Mas, se o que ele retratou foi uma condição nascida dos ambientes terrenos — cujas sombras se projetam ligeiramente sobre a vida espiritual — então há esperança. Pois acima dessas sombras pairam anjos resplandecentes, e os vossos entes queridos, no fim de contas, tinham mais bondade do que maldade dentro de si.

Dizer, portanto, que há um estado no outro mundo que seja habitação dos “perdidos” é afirmar uma impossibilidade espiritual. Não há almas perdidas.

Há espíritos perdidos na vida terrena; há aqueles que vagueiam pelos labirintos do desejo material e da paixão; há crianças a clamar por pão nas ruas; há corações famintos de afeto nas cidades superlotadas; há espíritos de todos os graus mergulhados na vida exterior — mas eles não estão perdidos como almas.

Desse estado, por algum batismo de amor espiritual, um dia eles ascenderão. Até lá, estão na “terra das sombras”; não estão em estado ativo de mal espiritual.

Compreendei: a vontade é poder do espírito, e todos os afetos espirituais, para serem potentes, devem ser bons. O espírito “mau”

enfrenta apenas os seus próprios desejos; e, embora esses desejos possam projetar sombra sobre si mesmo, não têm força de vontade para impô-la aos outros.

Afirmamos isto com toda a clareza para que estejais libertos não apenas da antiga escravidão de um Satanás pessoal (que não passava da imagem de uma condição), mas também da obsessão, infelizmente ainda comum — até entre espiritualistas — do terror dos “espíritos maus”.

Lembrai-vos: nenhum espírito pode aproximar-se de vós sendo pior do que vós próprios, a não ser para vos conceder misericórdia ou auxílio. Nenhuma condição da vida espiritual pode ter influência sobre vós que não seja igual ou superior à vossa.

Se há uma influência negativa sobre vós, a sua origem está oculta dentro de vós. Corrigi isso, e o mal desaparece. Importa que isto seja bem compreendido, pois assim como foi errado, no passado, imputar a um ser imaginário os erros da humanidade, é igualmente errado, no presente, fazer de bode expiatório os espíritos que já são suficientemente desafortunados, sem que tenham também de carregar os vossos fardos.

Este estado espiritual — ou seja, o lugar de habitação dos que foram infelizes e obscurecidos na vida terrena — é um estado ou condição que reflete o seu próprio grau de desenvolvimento, ou a falta dele. Mas não é um estado de poder, pois a negação da espiritualidade é a ausência de espiritualidade.

Pode algo que não é espiritual exercer poder espiritual sobre vós? Não! Pode ter poder sobre a vossa *não-espiritualidade*, mas jamais sobre a vossa *espiritualidade*. A escuridão não irradia; a luz sim. Um abismo ou uma sombra só é escura até à linha da sombra, mas a luz penetra para além dessa linha e ilumina a própria sombra.

Este é o equilíbrio natural entre o bem e aquilo que se chama mal. E aqui está, para sempre, a resposta — e o consolo — para aqueles que temem a influência de espíritos malignos: nada pode alcançar-vos se não houver sombra dentro de vós. E, se essa sombra for removida, não há qualquer perigo.

Outro ponto, frequentemente mal interpretado — até por espiritualistas — é este:

Dizem: “Oh, como podemos compreender o que é o mundo espiritual, se nos dizem que ele se divide em sete esferas, enquanto outros afirmam que se encontra na vizinhança imediata da Terra, e outros ainda que se localiza em regiões longínquas? Uns descrevem-no com determinada forma ou condição, outros com formas completamente opostas. Não será isto prova de que cada espírito cria o seu próprio mundo espiritual? Que, seja quem for que vos fale a partir do espírito, e vos diga que existe tal ou tal condição no mundo espiritual, está a descrever, com sinceridade, o mundo espiritual que ele próprio criou?”

Sim — essa é a verdade. E é por isso que há diversidade de descrições.

Nunca vos ocorreu que, se dois seres humanos morressem e entrassem na vida espiritual — um vindo das planícies escaldantes da Arábia, o outro do centro da civilização da Europa Ocidental — e não pudessem ver a Terra do mundo espiritual, cada um descreveria estados completamente diferentes?

Com exceção do Sol, da Lua, dos planetas e de uns poucos elementos comuns, as suas narrativas não teriam semelhança alguma.

Mais ainda: nunca pensaram que duas pessoas, saindo da mesma cidade — uma de um palácio de prazer, outra de um casebre escuro e miserável — descreveriam a Terra de formas totalmente opostas? Poderiam os espíritos acreditar que essas duas pessoas viveram no mesmo mundo? Não diriam antes: “Tal lugar não pode existir, pois cada um o descreve de modo contrário”?

E, no entanto, tal é a inconsistência das mentes humanas: sem considerarem a diferença nas condições dos espíritos, logo concluem que **um deles deve estar a mentir**, ou então **ambos**, porque os seus relatos não coincidem.

Mas como poderiam coincidir, se os *estados* são distintos?
Como poderiam as *perceções* ser iguais, se os que percebem são diferentes?

Mesmo na música ou na arte, é preciso um ouvido treinado, um olhar educado. Quem, senão o artista, distingue as subtis variações de sombra e linha? E quem, senão o músico hábil, deteta a dissonância que para os demais soa como música?

Isto serve não apenas para explicar as diferenças nas expressões dos espíritos, mas também para provar que cada afirmação sobre a condição

espiritual de um indivíduo é provavelmente verdadeira — para esse próprio espírito.

Deveis entender que os estados espirituais incluem todas as possíveis variações da condição humana. Num mundo governado pelo pensamento, as variações são mais rápidas, as condições mais mutáveis — e, ao mesmo tempo, a vida é mais eterna.

Já viste o rosto humano mudar de cor, empalidecer ou corar, consoante a emoção.
Agora imagina que o corpo inteiro muda — torna-se claro, escuro, ou iridescente — consoante um único pensamento.
Imagina que a própria roupa se torna sombria ou luminosa segundo o estado da mente.

Tal é a condição da vida espiritual.

Uma sombra no pensamento obscurece não só o rosto, mas todo o corpo e a sua atmosfera envolvente. Uma centelha de amor ou alegria transforma por completo a aparência: o espírito reveste-se da luz da sua própria felicidade interior.

Lembrai-vos disto:
A existência espiritual, como uma pulsação constante, **responde ao estado do indivíduo a cada momento**.

Quando imaginardes os muitos matizes da vida humana, vereis então que o mundo espiritual **inclui tudo** — deve conter todas as formas, estados, condições e expressões possíveis.

Além daqueles espíritos que estão presos à Terra e que, por necessidade, pairam junto às condições terrenas, existem os espíritos dos seres humanos comuns, que não estão totalmente ligados à Terra nem completamente libertos dela. Estes são mensageiros que transitam entre seres superiores e o estado terrestre, atraídos até vós pelos laços do afeto terreno; pertencendo-vos talvez num sentido mais íntimo e espiritual, formam o vasto cordão de influências espirituais que afetam e movem a humanidade sob o domínio de um poder superior. Mas, de uma vez por todas, expliquemos que estes espíritos não estão entregues ao acaso, nem são governados aleatoriamente no seu ministério, nem estão inteiramente sujeitos aos vossos desejos.

Sob o domínio de uma atmosfera espiritual mais vasta e ampla, sob a presciência e orientação de um controlo espiritual mais elevado, estes amigos pessoais tornam-se instrumentos, mensageiros, espíritos

guardiões ao serviço de poderes superiores; trazem-vos consolo nas horas de dor, inclinam-se sobre vós e assistem-vos nos momentos de fraqueza, convidam-vos à contemplação mais elevada e à oração, procuram afastar a tentação ou tornar-vos fortes para resistir a ela, anteveem o perigo que não podem evitar, mas tentam interceder junto do vosso espírito para o ultrapassar. Muitas vezes percebem o que está para vir, mas não podem alterar as vossas experiências terrenas.

Essas experiências, necessárias ao vosso próprio crescimento, nenhum poder espiritual as pode mudar. E essas são conhecidas, nem sempre pelos vossos amigos pessoais, mas por aqueles que os superam e que os utilizam como auxiliares nas horas de tristeza e adversidade. Porém, não lhes é permitido transformar a sombra da vossa vida em luz antes de esta ter cumprido o seu papel em vós — tal como não permitis à criança arrancar a semente antes de germinar, nem colher o fruto antes de amadurecer.

Os espíritos são governados como vós sois, e as suas vidas limitadas ao conhecimento que possuem. Só os sábios possuem poder absoluto. Só os bons detêm domínio. O espírito mais elevado, o mais exaltado espiritualmente, é o único que pode ter poder sobre a Terra, sobre os corações humanos e sobre o reino do ser espiritual — tal como Cristo, o mais exaltado entre os homens, foi colocado nos céus em domínio sobre os reinos que estão abaixo dele. O que significa isto senão que a humanidade divina, o homem divinizado, torna-se no estado espiritual a mais elevada expressão do poder espiritual que a matéria pode conceber ou ilustrar? E passando do reino terreno ao espiritual, se estiver unido à companhia celestial, tem poder sobre tudo o que está abaixo de si.

Mas se ainda estiver entre os estados terrenos, e apenas nos que correspondem à condição terrena, não possui outro poder senão aquele que lhe é concedido pela sua condição e pelos que o superam. Nos estados angélicos, onde os seres espirituais estão desligados de todo o afeto terreno e apenas ligados à Terra pelo amor imortal pela humanidade — esse amor que nem o tempo nem a mudança conseguem alterar, esse amor que deseja exaltar e elevar, esse amor que escolhe beneficiar e que não deseja alcançar o estado supremo de felicidade sem cumprir a sua missão na elevação da humanidade — esses anjos são quase ilimitados no seu poder. A vós, parecer-vos-iam deuses.

A vós, parecer-vos-iam seres dignos de adoração, tal como João, na Ilha de Patmos, teria caído por terra para adorar o anjo que lhe transmitiu

a maravilhosa revelação do céu (ainda que esse fosse apenas seu companheiro, um irmão entre os profetas). Do mesmo modo, ao perceberdes um anjo de grau mais elevado, quereríeis adorá-lo como os antigos o faziam nos templos de Júpiter, Minerva ou Diana. Mas tal vos seria proibido. E, dessa altura, não vos chegam temores mesquinhos nem nuvens sombrias, mas apenas raios de luz que atravessam as trevas e vos permitem, por vezes, vislumbrar esse estado mais elevado.

Mas, se o Espiritualismo revelou isto acerca dos estados espirituais dos seres humanos desencarnados, o que tem a dizer sobre os outros mundos habitados como a Terra — planetas que se movem no espaço e que os antigos acreditavam ter sido criados apenas para iluminar a Terra como lâmpadas durante a noite? Que dizer dos planetas do sistema solar e das miríades de mundos que se estendem para além? Serão habitados? Geram almas? Serão também fontes ou centros de expressão espiritual, que por sua vez se expandem e povoam os céus? Nenhuma religião ou ciência, senão o Espiritualismo, ousou responder a essa questão.

Os astrónomos, em muitas das suas investigações, afirmam ser impossível que os planetas do sistema solar sejam habitados, exceto, talvez, Marte, cuja densidade e atmosfera são mais semelhantes às da Terra. Isto significa que a ciência não sabe e, a partir de uma análise da temperatura e densidade, escolhe supor que não pode haver habitantes num planeta simplesmente porque este não é como a Terra. Nunca lhes ocorreu que um planeta poderia ser habitado por seres adaptados às condições desse planeta, e que, mesmo sendo menos denso ou mais denso que a Terra e a sua atmosfera, as formas de vida aí existentes corresponderiam à menor ou maior densidade; que não é absolutamente necessário que estejam baseadas em proposições químicas conhecidas apenas na Terra; que existem mundos para além da Terra que provam que podem existir, e que existem com atmosferas e densidades distintas. Não será também possível que haja habitantes com uma conformação diferente, mas adaptados à condição do planeta?

O Espiritualismo afirma, através dos olhos de clarividentes que viram os habitantes de outros planetas, através de espíritos que os visitaram, através de anjos que percorreram o espaço interestelar quase à vontade, que os planetas são habitados; que todos os planetas com rotação suficiente para manter uma órbita independente possuem algum tipo de habitantes; que a Terra pode representar um planeta ainda em fase de infância, mas que existem graus quase inumeráveis abaixo da Terra,

assim como há planetas tão superiores a ela em desenvolvimento material e espiritual que, se fosse possível colocar-vos neles, seja espiritualmente ou materialmente, creríeis estar de imediato no reino dos céus, no santo dos santos, na nova Jerusalém que todos aspiram alcançar.

Os planetas mais exteriores do sistema solar são por nós designados como os mais antigos em termos de desenvolvimento espiritual, enquanto aqueles mais próximos da Terra apresentam um grau inferior desse desdobramento, e os que se encontram dentro da órbita da Terra, como Mercúrio e Vénus, estão ainda menos espiritualmente desenvolvidos do que a Terra. Assim se configura o sistema planetário, tanto espiritual como materialmente, como uma grandiosa ordem de criação, desdobrando-se tal como uma flor que abre primeiro as pétalas exteriores já amadurecidas; quanto mais se avança para o interior, menor é o grau de desenvolvimento, até que, por fim, todas se abrem. Todos os processos da vida se desdobram desta forma.

A existência espiritual, tal como a material, segue essa mesma lei e regra, evoluindo em linhas ou círculos paralelos, lado a lado, ou melhor dizendo, com o espiritual a exprimir-se através do material. O grau de desdobramento espiritual na Terra determina a condição terrena, a atmosfera e os estados materiais que vos rodeiam; é frequente o ser humano afirmar que é retardado pelas suas circunstâncias materiais. Salvo o fato de estardes na matéria, isso não é verdade. Vós é que retardais a matéria. Queremos com isto dizer: quando estiverdes prontos, a matéria será exaltada. Quando os vossos espíritos estiverem suficientemente desdobrados, a Terra tornar-se-á espiritual. Todas as substâncias em vosso redor acompanharão o vosso estado interior, e o mundo evoluirá num desdobramento e poder incomparáveis, à medida que o espírito do homem se expandir numa vitória sobre ele.

Existem, portanto, planetas no sistema solar cujas substâncias são translúcidas, onde a luz, o organismo e a forma são expressos como pensamento e respiração; onde todas as formas de existência não são genéricas, mas o resultado da vontade; onde a criação não é um processo de milhões de anos, mas instantâneo; onde nascimento e morte não têm significado; onde a existência é uma alegria perpétua; onde o pensamento floresce numa rosa e uma prece desabrocha num lírio; onde nenhum esforço é necessário para a locomoção física; onde todas as substâncias respondem à vontade e ao desejo dos habitantes; onde todas as magias da luz solar, da atmosfera e dos poderes latentes

da matéria são invocadas à existência; onde os habitantes seriam considerados deuses e o planeta em si a própria cidadela do céu. Esta não é uma imagem imaginária: é o resultado de investigações cuidadosas e precisas feitas por seres espirituais dotados do poder de assim investigar. Para vós, isto deve permanecer ou como uma questão de fé, alicerçada nas nossas palavras, ou como uma bela especulação, baseada no que deveria existir, caso não exista, na ordem do universo.

Chegará o tempo, mesmo com o lento desdobramento da Terra, em que estes mundos comunicarão convosco com a mesma intimidade com que os países distantes comunicam entre si hoje; em que outro tipo de cinturão envolverá o sistema solar, e os planetas trocarão pensamentos entre si, e os habitantes desses vários planetas conhecerão os diferentes estados de existência dos outros; em que o pensamento se tornará o vosso mensageiro, e um só pulsar de pensamento se fará sentir, e a Terra será conhecida em todas as estrelas, tal como hoje as catástrofes são conhecidas em todas as nações do mundo. Assim como uma grande alegria desperta corações em toda a Terra através dos interesses humanos, assim também essas pessoas de todos os graus de existência para lá da vossa, representando sabedoria, amor, harmonia, verdade e todos os atributos que a alma humana já sonhou — e mesmo aqueles que ainda não sonhou — estão desdobrados nesses maravilhosos planetas.

E nos sistemas solares, ainda mais distantes, existem inteligências angélicas que nos falam de reinos maravilhosos, cidadelas de luz e palácios de esplendor mental e espiritual, nascidos da grandiosa galáxia de todas as estrelas cujos nomes vos são desconhecidos, e que, numa noite estrelada, surgem à distância sob a forma de nebulosas. Esses são grupos de planetas, mundos, sistemas de sóis, em comparação com os quais a Terra é apenas um grão, e todos os seres humanos à sua superfície, vermes rastejantes.

E com esta maravilhosa comparação diante de vós, com tudo o que ela sugere, com a humildade que inspira e traz consigo, a única esperança trémula que vibra ao longo do caminho dos semideuses, dos deuses, dos arcanjos, dos anjos, dos espíritos e dos homens, é que estais a caminhar nessa direção e que, em algum maravilhoso ciclo da eternidade, quando a Terra for ultrapassada e outros planetas tiverem sido vencidos, conhecereis estas verdades; as vossas mentes também perceberão estas maravilhas e propriedades emocionantes; as possibilidades divinas dentro da vossa natureza hão de tremer, brilhar e resplandecer, tal como

hoje o fazem os arcanjos. Este é apenas um vislumbre ténue da "vida noutros mundos", que a eternidade há de revelar-vos.

VIDA NOUTROS MUNDOS 2

(*Da Esfera de Humboldt*)

UM DISCURSO PELOS GUIAS DE MRS. CORA L. V. RICHMOND, PROFERIDO NO METROPOLITAN TEMPLE, SÃO FRANCISCO

27 DE MAIO DE 1883

Do simples ponto de vista do homem individual, toda a estrutura visível e aquilo que é invisível no espaço parecem girar em torno de si; não só pensa ele que a Terra e o ar foram moldados para seu proveito, como também os planetas e os corpos celestes parecem mover-se em referência especial ao seu ser. O dia existe para o seu prazer, a noite para o seu repouso, e o sol parece erguer-se e pôr-se nos céus em obediência ao seu desejo infantil.

Nos tempos antigos, quando o olhar do homem era toda a visão que possuía; quando os seus sentidos constituíam a totalidade da sua perceção, o sol, a lua e os planetas giravam em torno da Terra; esta era plana, com quatro cantos de onde sopravam os ventos para servir o homem — ou para o devastar, conforme desejassem os deuses. Da lua, durante a noite, e do sol, durante o dia, bem como das estrelas, grandes e pequenas, o homem retirava luz e calor.

Assim, acreditava que toda a Terra e os céus haviam sido moldados para si, e que, estando ele sobre este pequeno escabelo da existência, era o rei e a glória coroada da criação.

Mas quando se descobriu que não era a Terra, mas sim aquele orbe brilhante que enche o mundo de esplendor, o verdadeiro centro do sistema visível; quando se compreendeu que havia ainda um centro mais remoto, em torno do qual a Terra e os planetas seus irmãos se moviam, então o homem sentiu a sua pequenez; e que, de algum modo, poderia existir um universo que não o consultava sobre os seus movimentos e exigências particulares, e que ele, afinal, não era o centro do universo visível.

A pouco e pouco, descobriu-se que não existiam apenas cinco ou seis planetas (sem contar a lua), mas muitos mais; e estes dispostos em exata ordem geométrica, começando com Mercúrio e estendendo-se muito além do alcance da visão humana — uma linha direta de planetas, passo a passo, revelando a simetria e a ordem do universo, de que o homem nada suspeitava. Não só isso, mas a Terra era um dos menores planetas, pertencente a um dos sistemas solares menos significativos, enquanto as estrelas fixas e os sistemas que pareciam imutáveis — e que mesmo assim estariam submetidos à grande lei e harmonia do movimento — pareciam tão distantes e, ao mesmo tempo, tão poderosos e palpáveis, que, mesmo com todo o movimento da Terra em torno do Sol, e o movimento ainda mais remoto do Sol, da Terra e dos planetas em torno de algum sol distante, esses sistemas maravilhosos pareciam nunca mover-se.

Oh, que profundidade e que altura se desdobraram aqui! Passo a passo, a ciência astronómica foi acompanhada por outras ciências. O ar, que se supunha desabitado, revelou-se repleto de milhões de formas de vida infinitesimal. O microscópio veio em auxílio da visão humana, e todo o ar que respirais revelou-se povoado de vida molecular. Não só isso, mas a água e todas as substâncias fluidas, através das leis da química, mostraram-se capazes de se transformar em vapor e ar rarefeito, e até mesmo a substância mais sólida podia ser reduzida a certos princípios primordiais que os químicos conseguiam detetar — embora não pudessem ir além. Os átomos podiam unir-se em grupos e dispor-se em ordem geométrica, formando díades, tríades, tétrades e quíntades, mas o monade em si era invisível — não podia ser descoberto isoladamente, apenas detetado em combinação com outros. Desde o átomo ou mónade

até ao maior sol visível, seja a olho nu ou pelo maior telescópio, descobriu-se a existência de uma cadeia contínua de vida, da qual o homem é apenas uma parte, ainda que a ciência terrestre afirme que ele é o culminar da vida orgânica criada na Terra.

O seu egotismo, abalado pelas descobertas da astronomia e das demais ciências, pelas maravilhosas leis da geometria e da matemática superior, levou-o a reconhecer a existência de um plano regular e independente do seu pensamento. E mesmo que ele seja o ápice da criação na Terra, poderá não sê-lo no universo. Assim, é conduzido à ideia de que poderão existir seres mais sábios do que ele, e que um desses mundos maravilhosos que brilham no espaço quando a noite se mostra plena de estrelas poderá ser habitado por seres tão além dele quanto a Terra está além do átomo, ou o Sol além da Terra, que apenas gira ao seu redor como satélite.

Os astrónomos não têm qualquer pista — nem estão autorizados a formular suposições — sobre se os planetas, para além da Terra, são habitados. Existem duas propostas principais no mundo científico sobre este tema, que irei expor brevemente. Uma afirma que poucos, se algum, dos planetas maiores ou menores do sistema solar são passíveis de ser habitados. A razão para tal juízo reside na análise espectral da luz emitida por esses corpos e na observação da sua densidade e atmosferas, sendo suposto que tal densidade não seria suficiente para gerar ou sustentar vida orgânica. Alguns destes planetas são tidos como estando em estado de incandescência, e por isso incapazes de conter qualquer substância sólida ou processo orgânico. Outros são considerados já para além do seu período de habitabilidade, ou simplesmente não estão na posição certa em relação aos raios solares.

Existe um ceticismo generalizado — ou melhor, uma ausência generalizada de premissas definidas sobre as quais a ciência possa sustentar conclusões acerca da possibilidade de outros planetas abrigarem vida. Por outro lado, Herschel sustentava, na fase inicial da sua carreira astronómica, que alguns dos planetas maiores deveriam ser habitados. Ele acreditava que a vida orgânica poderia desenvolver-se em planetas completamente distintos da Terra, pois a adaptação poderia ser igualmente diferente. Diz-se, no entanto, que alterou essa visão na fase final da sua vida. Seja isso verdade ou não, os astrónomos encontram-se hoje aproximadamente divididos quanto à possibilidade de outros

planetas sustentarem estruturas orgânicas — e, em particular, estruturas que se assemelhem ao homem.

Considero que os ensinamentos teológicos dos últimos séculos contribuíram significativamente para distorcer a mente dos astrónomos quanto a este tema, uma vez que a teologia ensina — por que razão, é difícil dizer — que apenas a Terra é habitada, e que, segundo algumas interpretações das Escrituras sagradas — interpretações que também não consigo compreender — não haveria outro planeta especialmente destinado à habitação senão a Terra.

Por mim, não retiro tal conclusão, nem da interpretação da Bíblia, nem do próprio texto bíblico, e muito menos o faço quando olho para os séculos passados e descubro que os vários livros sagrados do Oriente contêm vislumbres de alguma forma de vida além da nossa, no seio da ordem planetária do ser. Se existem planetas habitados por seres que, de alguma forma, vos possam alcançar, trataremos disso mais adiante neste discurso. Contudo, não conheço qualquer razão científica para concluir que, se a Terra é regida por leis relativas à sua gravidade, densidade e condições atmosféricas — leis essas capazes de ajustar os átomos de modo a permitir o surgimento de diferentes formas de vida orgânica à sua superfície, culminando no homem — então todos os outros planetas existiriam apenas para fins ornamentais, ou estariam em tal estado de incapacidade que nada ofereceriam ao homem além de brilho aos seus olhos. Além disso, a análise espectral pode ser muito enganadora. Embora seja útil para determinar certas características da luz proveniente do Sol e de outros planetas, e para fins químicos ou mecânicos usuais, é necessário ter consciência de que existe um vasto espectro de cores que o espectro conhecido ainda não alcança, e que a ciência química apenas pode, por agora, imaginar.

Se essa gama de cores incluir leis subtis e condições atmosféricas mais elevadas, ainda não ligadas à ciência óptica, e se considerarmos também a polarização dos átomos da Terra relativamente à sua própria produção, bem como as condições atmosféricas terrestres através das quais toda a análise espectral é feita, então é inevitável que tal análise distorça qualquer conhecimento que, de outro modo, se pudesse obter sobre a verdadeira condição da luz ou da vida noutros planetas. A matemática permite-vos medir as distâncias dos planetas e a sua posição relativa ao Sol, assumindo este como centro; mas ainda não vos dá qualquer pista possível para medir as vibrações da luz solar quando

esta entra em contato com outros planetas — a não ser que se leve em conta a vossa própria atmosfera. E até que possam ser feitas observações que analisem a atmosfera de Saturno ou de Júpiter com a mesma precisão com que se analisa a da Terra, e de forma independente da influência que a atmosfera terrestre exerce sobre os instrumentos utilizados, não podereis julgar a relação entre Júpiter e o Sol, ou entre quaisquer outros planetas. Só podereis julgar com base na análise da vossa própria atmosfera.

Quando chegar o momento em que possais estudar a química ou as vibrações dos raios de luz nas suas propriedades químicas sem referência à vossa própria atmosfera, então estareis em condições de avaliar se as manchas recentemente observadas em Júpiter são resultado de perturbações no próprio planeta ou de incandescência atmosférica à sua volta. Podereis então avaliar se os anéis de Saturno existem próximos do planeta, ou se são apenas uma parte da aura solar projetada, dando origem a outras luas e satélites. Quando estas e outras questões puderem ser resolvidas, estareis mais perto de determinar, com base científica, se outros mundos são ou não habitados.

Mas para lá da ciência, a lei da analogia, da observação universal de que nada é criado em vão, conduz o estudante da ciência universal a uma única conclusão: todos os planetas que estejam suficientemente desenvolvidos nos seus processos formativos devem necessariamente ser habitados. Se o são pelas mesmas ordens de seres que evoluíram dos átomos até às formas de vida na Terra ou não, dependerá da relação do próprio planeta com o Sol, da relação dos seus átomos entre si, e até da possibilidade de que os processos orgânicos comecem onde os vossos cessam — e possam, de fato, ser completamente diferentes dos vossos, tão distintos que nem sequer possais conceber a sua composição.

Ainda assim, o simples fato de esses planetas existirem como centros luminosos, e de existirem há eras — sem dúvida alguns deles muito antes da formação da Terra — e de tudo indicar uma cadeia contínua de existência, deve provar que não só há planetas menos desenvolvidos do que a Terra e mais baixos na escala da vida orgânica, como também há aqueles que viveram milhares de eras antes da formação da Terra e possuem formas de vida adaptadas à sua própria condição. E mesmo que esses planetas não sejam tão densos, e os gases neles presentes não sejam como aqueles a que estais habituados, se cada forma de vida

estiver adaptada à polaridade do seu próprio planeta — e não à da Terra — então formas de vida tão etéreas quanto o ar que respirais poderão existir em planetas cuja densidade não exceda a desse mesmo ar. E formas ainda mais etéreas poderão constituir os habitantes desses mundos.

Em outras palavras, conceitos como solidez e densidade, tal como os entendeis na Terra, não podem ser aplicados, com o mesmo significado terrestre, a outros mundos. A densidade de um mundo deve ser entendida com base no seu próprio centro e polaridade, na sua atmosfera, nas suas luas, e na forma como os raios de luz do Sol interagem com ele — tudo dependente da posição do planeta em relação ao Sol e da intensidade com que os raios solares penetram a sua atmosfera. Seja esse planeta mil vezes mais denso do que a Terra ou cem mil vezes menos, isso por si só não determina se é habitado ou não, pois as formas de vida à sua superfície têm de estar adaptadas à sua condição — não à vossa.

Consequentemente, vós, que nunca saístes verdadeiramente da Terra, que apenas subistes à atmosfera umas poucas milhas, não podeis de modo algum julgar qual seria a forma ou a adaptação da vida num planeta cuja atmosfera mais densa seja ainda mais etérea do que o ar que respirais nos cumes das vossas montanhas, e cujas formas de vida estejam, portanto, necessariamente adaptadas a essa condição atmosférica. Não compreendeis como a borboleta pode viver do orvalho de uma flor — seria sustento escasso para o homem físico — e, no entanto, ao seguir as leis da ciência, descobris que, segundo a cadeia direta do ser, aquilo que sustenta a borboleta está precisamente ajustado à sua estrutura e formação. Tal como o peixe vive na água sem qualquer incómodo, ao passo que o homem só pode nela permanecer por escassos instantes.

Não poderia haver melhor ilustração do que vos apontar para os habitantes das profundezas dos mares e das camadas superiores do ar — sem incluir os seres humanos — para demonstrar que condições diretamente opostas são essenciais para certas formas de vida. E se isso é verdade na Terra, que possui densidade uniforme e leis físicas relativamente estáveis, quanto mais verdadeiro deverá ser nos planetas que transcendem tanto a Terra que não existe sequer comparação possível com ela — planetas certamente capazes de sustentar formas de vida à sua superfície.

Poderemos por um instante supor que esses planetas são meros ornamentos extravagantes no céu, existindo apenas como distrações para o entretenimento da mente infinita? Tal suposição entra em total contradição com a estrutura do universo. O arranjo cuidadoso de uma folha, o matiz delicado de um inseto, a plumagem esplendorosa das aves do Sul, os raios cintilantes das milhares de estrelas — dispostos com perfeição cristalina em ordem geométrica — tudo isso prova a existência de um propósito último, de um método em todas as coisas, e de uma harmonia divina que une mundo a mundo, estrela a estrela, sistema a sistema. Se a Terra possui a capacidade de sustentar vida inteligente como a que descrevemos, então os mundos que giram em sinfonia com o vosso em torno do Sol central — e os sistemas que, como o vosso, se agrupam em torno de um Sol mais distante e invisível — devem certamente ser habitados por ordens de seres que podem ultrapassar a vossa, cujas formas de vida mais inferiores poderão eclipsar, em esplendor, a vossa mais perfeita expressão.

Seja como for, o simples fato de o pensamento humano conseguir fulgurar através da densa atmosfera terrestre já demonstra que é capaz não apenas de imaginar mundos habitados, mas também, de algum modo, de vir a descobrir se o são ou não. Quando o telescópio trouxe para o campo de visão de Herschel os planetas que ele já tinha previsto por cálculo matemático, revelou ao mundo inteiro que a sua visão não era ilusória. Quando, num futuro próximo, o vosso telescópio for tão aperfeiçoado que possais ver os montes e vales diáfanos da Lua e, talvez, através deles, o espaço mais além; quando o planeta mais próximo já não vos parecer uma simples bola de vapor sem contornos definidos, mas tão palpável quanto a Lua o é agora sob a mais potente lente; e quando, através da invenção e do avanço do intelecto humano, esse vasto mar de espaço entre vós e outros mundos for descoberto como habitado — não necessariamente por seres orgânicos, mas por aqueles que se movem invisíveis como o ar e palpáveis como a luz — por seres que formam pontes e arcos de luz que vos ligam a outros mundos — então esse fato será tão aceite como o é hoje o cabo submarino que vos traz notícias de uma coroação duvidosa na Rússia, ou como o fio elétrico que vos comunica que toda a Europa teme pela estabilidade dos seus reinos — enquanto o grande universo nunca perdeu um só trono.

Quando começardes a considerar que podem existir seres que não estão limitados aos reinos mesquinhos da Terra, que não cobiçam os

pequenos montes de formigas sobre os quais reinam imperadores, mas que, conhecendo outras formas de vida e possuindo consciência acrescida do ser, estão cientes de mundos e sistemas muito para além dos vossos — quando fordes capazes de sintonizar a vossa linha com esse cabo invisível que vos liga ao reino inteiro daquilo a que chamais espaço, então o primeiro sinal que recebereis dir-vos-á: não há espaço nem mundo desabitado. Todos os reinos do ar superior, todo o vasto mar que vos separa dessas maravilhosas ilhas do éter além, estão povoados; e mesmo que não o estejam por estruturas orgânicas pesadas e densas como as vossas, estão povoados por seres com pensamento e sentimento, tão reais quanto aqueles que estudam o peso da molécula ou o valor da alma imortal.

Para além desse abismo espacial, onde só ousais mergulhar nas asas da ciência — e onde deveis mergulhar quando o grande mar da morte vos envolver — aí encontrareis resposta a todas as vossas questões. Uma voz dir-vos-á que, quando o sistema solar foi formado, era caótico e inorgânico e preenchia todo o espaço que hoje vai do Sol até ao planeta mais longínquo; que, gradualmente, formaram-se crostas à sua volta, eliminando a luz e tornando-se o núcleo de futuros mundos; que, um a um, os planetas encontraram o seu lugar no vasto círculo definido pela aura do sistema solar, assumindo forma e ordem no seu movimento. Que os satélites são fragmentos dessa borda, não suficientemente independentes para serem mundos por si, mas orbitando os seus planetas como extensões dos mesmos.

E que, por fim, cada planeta, ajustando-se à influência dos raios solares — e não dependendo da sua distância ao Sol para receber calor ou luz, mas da polaridade da sua atmosfera — tornou-se habitado, sucessivamente, por ordens de seres que correspondem aos da Terra, numa razão geométrica direta. Que a vossa posição de proximidade ao Sol é sinal da vossa juventude e inexperiência; que a Terra está na sua infância; que os antigos não estavam tão errados ao atribuírem a Saturno o governo do mundo.

Quando aprenderdes a fixar mais firmemente esta linha de comunicação nas vossas vidas, vereis que essas vibrações vos declararão que toda a série de planetas constitui uma escala harmónica sobre a qual o grande Infinito toca as sinfonias da vida; e que vós sois apenas uma pequena parte (a vossa parte, sim) dessa vasta ordem de

seres, que poderá parecer superior ou inferior consoante a posição que ocupa nesta escala maravilhosa e rítmica.

Que abaixo de vós estão os planetas mais próximos do Sol — os recentemente descobertos ou ainda por descobrir — ainda no seu estado primordial, enquanto Mercúrio e Vénus atravessam os primeiros processos de existência formativa, gradualmente avançando — uma existência que só corresponde à vossa na medida em que esses planetas se aproximam de vós na escala do ser: semelhante, mas diferente, como uma nota difere de outra, ainda que ambas harmonizem na escala da música. Assim como o mónade difere do tríade, mas ambos contribuem para a geometria completa das estruturas atómicas, até que a vida molecular se forme — e sobre esta, a base do ser primordial.

Quando um telescópio mais aperfeiçoado for criado, e a vossa mente e visão se ajustarem a ele, as vossas dúvidas e interrogações atuais serão substituídas pela certeza, e atravessareis os arcos do espaço pelo caminho divino da inteligência.

Nos tempos antigos, dizia-se que os oráculos conversavam com os deuses, que lhes transmitiam os segredos da vida e da eternidade. Esses seres habitavam, sem dúvida, os ares superiores — e não eram deuses no sentido imaginado pelo homem, mas seres inteligentes, conhecedores daquilo que diziam e desejosos de comunicar ciência exata aos mortais. Mas o homem raramente aceita com serenidade aquilo que vem de além dos limites dos seus sentidos.

Um dia, todas essas imagens sagradas serão restauradas entre vós. E em vez da dúvida, do medo e da hesitação, a ciência experimental tomará um lugar secundário no mundo, e a ciência positiva — a ciência da mente, da intuição, da perceção — ocupará o primeiro lugar. Vós avançais lentamente, carregando o peso da experiência, e os vossos sábios cientistas muitas vezes vos iludem e vos conduzem a labirintos de incerteza, divergindo nos pontos mais cruciais de observação. Mas nos domínios da verdade absoluta, como a matemática, não há espaço para escolas divergentes, e no reino da perceção absoluta não há necessidade de experiência. A experiência apenas serve para suprir a vossa atual incapacidade de confiar nas vossas intuições ou de as cultivar adequadamente.

Mas o tempo virá, com certeza, em que o reino agora invisível se tornará palpável à mente humana, e aquilo que hoje não alcança a sua visão embotada será revelado pela visão da alma e pela perceção da inteligência divina.

Transfigurado de mero ser sensorial, o homem já se elevou a uma posição comparável à de um deus. Comanda os ventos e as ondas, os relâmpagos obedecem-lhe. O vapor e o éter são suas forças e servos. Pela respiração invisível mas palpável da eletricidade, transporta as suas alegrias e dores ao mundo ouvinte. Centenas de milhares de teares disparam em obediência à maquinaria do seu pensamento, e, circundando o globo com o seu génio, é capaz de saber em instantes o que acontece em regiões remotas.

Será este o fim? Será aqui que tudo há de parar, deixando-o à beira de um grande destino? Ou continuará este processo, através de eras de desenvolvimento e crescimento, até que o pensamento mais sublime que hoje possais conceber seja, nesse tempo futuro, apenas o alfabeto da grande linguagem da ciência? Até que a mais alta realização da ciência mecânica, química e geológica que hoje concebais seja tida como simples brinquedo de criança? Até que aquilo que agora julgais ser a estrutura física última do universo não passe de um pequeno sino de brinquedo que usastes em criança para aprender que o mundo é redondo?

A grande esfera da vida que se abrirá diante de vós, tanto no universo visível como nos céus impalpáveis, mostrar-vos-á que os feitos mais orgulhosos da ciência terrena não passam de gestos minúsculos perante a imensa grandeza desses mundos esplêndidos que ainda estão por explorar — desse espaço que ainda não fostes capazes de descobrir — desses elos de vida que vos conduzem aos sóis eternos, em torno dos quais vós, as Plêiades, e a estrela majestosa que reina no norte ainda devem girar com os vastos ciclos das eras e os incontáveis períodos que compõem um só ano desse Sol maior.

E quando tudo isso for conhecido, entrareis no reino do espaço interestelar — e como deuses contemplareis os mundos e fareis deles os vossos escabelos.

VIDA E MORTE

11 de Maio de 1862

O nosso tema, nesta ocasião, é a Vida e a Morte. O significado habitual deste tema abrange tudo aquilo que se concebe como felicidade humana e a maior parte do que se conhece como miséria humana: a vida sendo, para a mente finita, a única posse desejável; a morte, o único terror invencível. A vida inclui algo de felicidade para quase toda a gente; a morte implica uma incerteza — a possibilidade do esquecimento, ou, talvez, de uma miséria total. Procuraremos apresentar um retrato destas duas condições que não cause espanto, mas que possa corrigir os erros da superstição e do preconceito, mostrando Deus como o Deus da vida, e não da morte, e que os reinos da eternidade são, e continuarão a ser, moradas de existência ativa, e não um vazio escuro e sombrio.

A morte, tal como é concebida pela mente humana, está associada às formas do mundo material, como condição necessária; a vida, na mesma perspectiva, é aquele período de breve duração em que o ser animal passa por várias fases, do nascimento à velhice, até desaparecer, sendo transmutado noutras formas, para nunca mais ser conhecido. Contudo, no caso do homem, mesmo confinado a este espaço estreito, encontramos provas tão evidentes de poder ilimitado, em conceção e aspiração, que somos forçados a parar e perguntar: será que isso abrange toda a sua essência?

Repara-se, antes de mais, que temos necessidades físicas; o recém-nascido chora por alimento, e parece ter apenas o desejo instintivo de ser nutrido, e a consciência do amor da mãe. À medida que a criança cresce, outros objetos captam a sua atenção, e ela percebe algo para além do círculo encantado dos cuidados maternos — olha para o mundo à sua volta e observa outras formas de existência; vê que os animais e as árvores têm os seus próprios objetivos a cumprir e estão dotados de uma vitalidade distinta. A criança fica maravilhada e interroga-se sobre de onde vêm as flores; se os animais falam entre si; e se o mundo sempre foi tal como o vê ou se foi feito para ser seu brinquedo e espectáculo maravilhoso. E, já na idade adulta, as mesmas ideias, no fundo, continuam a influenciá-la, pois tendemos a ver o mundo como tendo sido criado especialmente para nosso benefício, dado por Deus como nosso.

A vida traz consigo também a consciência peculiar e delicada do “eu”, o prazer de simplesmente existir, e essa continuidade em todas as fases da vida forma a identidade do ser. A criança deseja tornar-se adulta, para ser grande e poderosa, para alcançar os seus objetivos favoritos. A vida

parece-lhe bela, pois o mundo está cheio de coisas abençoadas e perfeitas. Mas ela colhe a flor bela da haste e, de repente, a sua beleza desvanece, murcha na sua mão — e dizem-lhe que está morta. Corre atrás da borboleta, mas o seu toque apaga-lhe as cores brilhantes — matou-a. Fica triste, ao ver desfeitas as suas ilusões, mas continua a querer crescer, para poder ser realmente forte e feliz. Contudo, ao atingir a maturidade, descobre que os prazeres e as ambições do adulto são tão frágeis e passageiros como a flor ou a borboleta.

Vejamos o que constitui os prazeres da vida, analisemo-los. No percurso da vida, as primeiras coisas que a criança reconhece são o lar, os protectores e os companheiros — esses que sempre estiveram presentes, ela crê que nunca desaparecerão. Nem admite a ideia de tal separação... até que a morte invade o lar e se depara com o destruidor. De repente, os passos silenciam-se, há lágrimas em cada rosto, os seus jogos são proibidos, e dizem-lhe, talvez, que a mãe morreu. "Morreu?" exclama — "o que significa isso?" Significa que ela nunca mais te falará e que não a verás mais na Terra. E a criança é levada ao quarto silencioso, onde os raios de sol caem sobre o corpo frio e silencioso, e a mãe não responde. Toca-lhe na mão, e está gelada. É aí que, pela primeira vez, compreende o horror da morte.

Todos vós já sentistes esta mistura de dúvida e terror ao presenciarem tal cena em tenra idade; mas a elasticidade do espírito juvenil logo se recupera desta impressão, e continua-se a viver... até quase se estranhar, à medida que os amigos vão partindo, como é que ainda se continua por cá. Persistis no vosso caminho, a trabalhar e a aspirar, e, finalmente, atingis — suponhamos — o objetivo dos vossos sonhos juvenis; o prémio tão procurado está ao vosso alcance. Mas, ao olhar para trás e examinar o caminho árduo, percebeis que o cume conquistado, que parecia tão atrativo à distância, é afinal um local estéril e solitário. Nenhuma planta floresce ali, exceto o louro seco, e a vossa recompensa quase parece uma zombaria dos vossos desejos e esforços.

Procurastes riqueza, e com ela todo o poder e excelência. Mas, para a adquirir, tivestes de sacrificar a integridade da vossa alma — e por essa jóia perdida não há compensação. Durante os vossos esforços e triunfos, os companheiros queridos da vida — aqueles por quem em parte lutastes e fizestes tanto — vão desaparecendo, e a velhice encontra-vos como uma torre solitária entre as ruínas do passado, rodeada apenas por sinais de morte. E ainda assim os homens agarram-se à vida!

Dada a constância da experiência humana, em todas as gerações, seria tão razoável esperar que as flores da primavera nunca caíssem para dar lugar aos neves do inverno, ou que o calor e o verdor do verão fossem perpétuos, como esperar uma carreira terrena de felicidade inalterável. A mãe aperta o seu filho ao peito e sabe que é seu, que a sua pequena vida é parte da sua própria, e, no seu orgulho e alegria, pensa que a felicidade está assegurada. A criança cresce, bela e forte, a luz da inteligência acende-se nos olhos risonhos, até que a mãe quase acredita que está fora do alcance do anjo destruidor, ou que, pelo menos, a sua vida pode ser protegida pelo seu próprio amor. Mas logo as faces rosadas se inflamam com febre, a respiração torna-se difícil, o coração da criança vacila como ave ferida, e, quase antes que a mãe, aterrada, reconheça a chegada da morte, as pálpebras fecham-se para sempre. Silenciosa para sempre fica aquela voz suave; imóveis os gestos brincalhões daquelas mãos delicadas. A mãe perdeu aquilo que considerava a única bênção da sua vida — e ainda assim continua viva. Mas o seu coração permanece junto ao túmulo, e a sua existência divide-se entre a esperança e a dor.

E mesmo que o objeto do seu amor lhe seja poupado, quantos cuidados, quantas ansiedades enfrenta, enquanto perigos e tentações surgem no caminho da juventude! Com que vigilância ela observa cada passo, suspeitando de uma serpente sob cada flor de prazer, e muitas vezes avisando em vão de perigos que não pode evitar. E se todos os seus esforços forem inúteis, que dor — mais amarga que a própria morte — saber que o seu filho está perdido para ela e para a virtude.

Tal é a vida. E quando amigos de confiança se revelam falsos, quando a máscara da afeição cai do rosto aparentemente encantador, e vemos a fealdade da mentira em toda a sua crueza, então a vida torna-se verdadeiramente triste; e quando o coração se torna frio e endurecido, quando os princípios e a virtude devem ser sacrificados em nome de interesses materiais, então, mesmo com sucesso e poder, sente-se que as esperanças foram desiludidas. Todos vós que aqui estais esta noite, mesmo com sonhos de grandes conquistas, mesmo com inumeráveis virtudes e bondade genuína, sentis que, na prática, a vida que esperáveis quando jovens, a vida que sentíeis a pulsar nas vossas veias, não foi realmente vida, mas antes uma espécie de morte — e afastais-vos dela, com tristeza e desencanto, perguntando-vos de onde veio afinal o termo "vida".

Com tudo isto, entenda-se, há momentos de luz — há instantes de felicidade indizível, bênçãos que não se podem descrever — mas são momentos, não dias, da existência material; são relâmpagos de brilho vindos de mundos distantes, lampejos de bondade humana, palavras de carinho, pequenos prazeres — mas a única característica constante da vida é a tristeza, a desilusão, a mudança. E, embora o homem sonhe com as maiores esperanças — e possa possuir uma grande ambição pelo bem — ainda assim fica aquém, e vê o seu objetivo frustrado, no que diz respeito à vida terrena.

Afirmamos que qualquer retrato diferente da vida real é totalmente ilusório. Sostenemos que a vida nada mais é do que uma sucessão de mudanças resultantes da decadência de tudo o que a compõe; todas as coisas vêm apenas para desaparecer. E, embora todos desejem a sua continuação, a vida é considerada, por todos os que escreveram sobre o tema, como sendo, incontestavelmente, um fracasso. Tal é a vida. E, então... o que é a morte?

"A Morte é o Rei dos Terrores", diz alguém.
"Pois é a morte que me rouba as flores e mata os passarinhos bonitos", dirá outro. "É a morte", clama a mãe, "que me levou o meu amado filho". "Foi a morte", diz a criança, "que me tirou a mãe, o pai e os amigos". É a morte que fecha nos seus braços frios e gelados os nossos entes queridos, que leva o verdor do verão, que sepulta todas as nossas esperanças, que, com o passo furtivo de um assassino, se aproxima para nos arrancar os nossos tesouros mais preciosos. A sua sombra é fria e escura, e não sabemos para onde foram os que amamos, pois não responde às nossas perguntas ansiosas. A morte é silenciosa. Mas... será mesmo assim?

Vimos o que é a vida; vejamos agora o que é a morte. Observámos o tempo em que as flores, o verdor e a folhagem desapareceram, e toda a Natureza se vestiu de branco como noiva da morte. No entanto, sob a terra coberta de neve e gelo, encontramos os gérmenes de nova vegetação ainda vivos, a seiva ainda a correr pelas veias das árvores, a terra ainda a pulsar com o mesmo mistério da vida. Até as folhas que tombaram mortas e inúteis dos ramos tremeluzentes transformam-se em agasalho para os gérmenes delicados que estão por baixo. E logo, quando o sol derrete a crosta endurecida e o gelo desaparece, rebentam pequenos rebentos, e as árvores da floresta voltam a vestir-se de vida. Se não fosse por essa morte, que no outono nos entristeceu tanto e no

inverno nos encheu de desespero, não haveria mudança. Os fenómenos que foram fruto da decadência outonal são agora os arautos de uma nova primavera. As flores que desabrocham ao nosso redor na estação primaveril são apenas os gérmenes despertos e desenvolvidos que o outono plantou em melancolia.

Quão maravilhoso é que, a partir de sementes lançadas pela mão da morte e abrigadas por um manto de decadência, os frutos que colhemos das árvores do pomar amadureçam com vida dez vezes mais abundante! Estas são as obras da morte.

A mãe diz: "Mas o meu filho não volta — a morte roubou-me o meu tesouro, e, embora a primavera regresse todos os anos, a morte não me traz de volta o meu bebé. Eu não vejo o meu filho." Mas, mãe, ao permaneceres junto àquele túmulo, ao inclinares-te sobre aquele pequeno corpo, não ouviste já o sussurro suave de asas a roçar a tua cabeça, e uma voz infantil a dizer "Mãe, não chores", que te deu nova força para suportar a dor — nova esperança de que o teu filho não te foi tirado para sempre? Talvez só o corpo da criança tenha sido sepultado — talvez o verdadeiro filho vivo esteja contigo agora. Sim! Tu sabes que é mesmo assim.

Essa certeza já te tocou — a primavera da esperança e da confiança irrompeu através do inverno do teu luto, primeiro como um sonho, depois como confiança, e finalmente como fé absoluta e indubitável. Sabes que o teu bebé foi levado apenas para que possas ter, a florescer em jardins eternos, uma flor só tua — para que no teu próprio espírito fosse plantado um gérmen de imortalidade. Então, poderás realmente dizer que a morte te roubou tudo?

"Mas", diz a criança, "a morte levou-me a minha mãe, e ela não voltou mais. Uma manhã não acordou, e levaram-na e colocaram-na na terra fria, e o dia todo esperei por ela em vão; ela não veio, e nunca mais desde então voltou." Mas, criança, não sentiste já, à noite, durante as tuas preces, ou ao rebolares inquieto na cama, um som suave como asas a roçar, um toque terno e reconfortante, e algo como a voz da tua mãe a dizer: "Meu filho, sê forte, pois estou contigo"? Não sentiste a orientação do seu braço estendido em momentos de perigo e tentação? E, nos anos mais maduros, quando seguiste caminhos que sabias que ela não aprovaria, não pensaste ver os olhos angelicais dela cheios de lágrimas, e ouviste o seu doce protesto: "Meu filho — meu filho!"? Não

sentiste o seu apoio e encorajamento na senda do bem, e não te tem ela dado conselhos nas tuas incertezas? Não podes, não ousas dizer que não!

"Mas", dirá o homem carregado de cuidados e mágoas, "a morte roubou-me as esperanças — a minha ambição desapareceu — perdi o crédito e o bom nome, a necessidade e a tristeza abateram-se sobre mim, e a morte, que tanto me tirou, não me devolve nada." Homem do mundo, as tuas mágoas e privações não são obra da morte. Ela não gravou em ti os sinais da aflição — não é a culpada pelos teus erros. Remorsos, ambição desmedida, o desperdício de talentos e oportunidades — isso sim, isso fez de ti o que és. A morte chegará a ti como um mensageiro bondoso, para suavizar os teus sentidos cansados com o bálsamo do repouso e aliviar-te do peso que carregas.

E mais ainda: se a vida é efémera, vã e transitória, como se vê em todas as formas externas da Natureza, é a morte que oferece ao homem a única perspectiva de recompensa ou compensação pelos seus esforços e desilusões. Sem a morte, não haveria vida eterna; sem a morte, não haveria alma viva, nem conceito de imortalidade, e todas as nossas aspirações à virtude, tudo aquilo que constitui o mais elevado da mente humana, seriam vãos e inúteis. Mais ainda: a morte é o arauto da vida perpétua — é a garantia dessa eternidade de que a vida é apenas um reflexo pálido e ilusório. A morte realiza as esperanças que a vida desilude; satisfaz os desejos que a vida não pode responder. A morte alcança a segurança eterna que a vida em vão procura. A morte é a assinatura de que a vida é apenas a forma escrita.

Mais além ainda: a morte desperta na alma os seus princípios imortais; é através da morte que surge a religião; é através da consciência de que todos devemos morrer, que os homens cultivam a vida da bondade e da imortalidade. E as mensagens que a morte traz, tristes e silenciosas, deixam em cada lar os sinais da eternidade, despertando todos os homens para uma consciência de um ser mais elevado e inspirando pensamentos para além da vida material.

À humanidade, a morte dá aquilo que recompensa toda dor, esforço e miséria — a consciência da vida eterna. E mesmo que alguns duvidem, e vejam nela um anjo do esquecimento — quem não preferiria beber das águas do Lete a viver eternamente esta vida terrena? Quem não preferiria cruzar os braços e deitar-se num sono eterno a viver numa dor

sem fim? Quer queira, quer não, a morte há de vir — pois, embora por vezes tardia, ela é certa. Os preparados aguardam-na como um mensageiro benigno; os desprevenidos choram de terror, mas não a podem resistir. E se, como dizem os materialistas, não existe mundo além deste, de onde vêm as tuas vagas ideias de imortalidade? De onde vem a tua fé em Deus? De onde vem essa força chamada Fé, pela qual suportas fardos que a tua força natural não aguentaria — se não fosse por meio da Morte?

Mas, ó homem, aquilo a que chamas vida não é verdadeiramente vida — e aquilo a que chamas morte é a única vida real. Tudo o que é terreno é transitório e fugaz. Ambição, esperança, prazer, sonhos de felicidade — tudo passa. O círculo familiar é quebrado, o altar é profanado, a coroa é arrancada da testa do monarca e pisada no pó; os impérios desaparecem com a marcha do tempo, e as raças sucedem-se umas às outras no palco da conquista e da civilização — é isto a vida na Terra. Mas a morte traz um bálsamo soberano para todas as dores; coloca sobre a fronte da ambição frustrada um diadema mais sagrado; coroa o mártir sofredor com a palma da glória eterna; e assenta o desprezado e rejeitado em tronos eternos.

Nenhuma multidão apressada, nenhuma marcha implacável da ambição pode empurrar o pobre da soleira acolhedora da morte; nenhum invasor arrogante pode roubar ao selvagem indefeso o seu lar nas margens serenas da eternidade. Ali, o pobre e o rico repousam seguros nas suas moradas de descanso. Calma e pálida como uma noite de luar no inverno, a morte vem para te levar da luz instável e ofuscante da existência terrena para o brilho suave e etéreo do dia alegre da eternidade.

Recebe, pois, a morte como acolherias, no alto dos montes, os cânticos alegres da melodia dos anjos; como acolherias a água de uma fonte num deserto árido e seco; como acolherias a paz depois de longa guerra. Recebe-a como o anjo mais brilhante de Deus — pois, de fato, é isso mesmo que ela é. E todos vós estais confiados aos seus cuidados!

(Nota final curiosa, de outro tom, sobre a guerra civil americana:)
"Os rebeldes são demasiado atrevidos — especialmente as senhoras do 'ensolarado Sul'. O nosso governo tem sido demasiadamente indulgente. A generosidade, por vezes, resvala para a fraqueza — da qual a auto-

justificação se aproveita. Temos aprendido — e continuamos a aprender — uma lição dura nesse respeito. Mas vamos tirar proveito dela."

VIDA E MORTE II

NA VIDA ESTAMOS NO MEIO DA MORTE

Discurso transmitido por R.S. Cora L. V. Richmond, Domingo à noite, 28 de Maio de 1893

As Escrituras Árabes dizem: “Quando a alma sai do paraíso, isso é morte; quando regressa ao paraíso, isso é vida.”

Quem são os mortos da nação? Não são os patriotas cuja primeira guerra tornou possível a existência da nação; aqueles que, vindos dos salões legislativos ou dos campos de batalha da revolução, selaram a sua vida com a Declaração Solene da Independência e os Estatutos da Liberdade. Quem são então os mortos da nação? Não são aqueles que, depois, mantiveram firme e fielmente, por palavra e pensamento, os sinais da liberdade, levando a bom termo o que brotara e despontara na guerra da independência.

Não… pobres almas! Não sabiam que as raízes da árvore da liberdade foram plantadas com sangue, e que, ao longo dos seus ramos e seiva, já corria o veneno da Serpente; não viam — ou não conseguiam fazer os outros ver — que chegaria o tempo do acerto de contas.

Quem são os mortos? Não são os que, quando chegou esse momento de acerto, e a nação esteve em perigo, guiados pelo forte sentimento de amor ao lar, à pátria, à liberdade, seguiram o impulso irresistível de se alistar nos exércitos da república, para preservar a nação ideal — não, para a tornar ainda mais ideal, mais livre. Eles não estão mortos; cada lar os mantém vivos. Cada mãe lembra o filho que, há vinte e cinco anos, esperava ver regressar do campo de batalha e que não voltou — mas cuja alma voltou em seu lugar.

Cada coração ainda pulsa ao pensar nas milhares de vidas que partiram para a grande luz do reino espiritual, com os cânticos da nação nos lábios e a canção da liberdade na alma.

Todos os corações foram tocados no fim da guerra, quando se descobriu que nenhum lar ficou sem uma cadeira vazia, mas também nenhum sem um representante vivo no céu. Foi esse o maior impulso de

sempre para a comunhão espiritual. Foi por isso que o chefe da nação — vosso amado presidente — recebeu mensagens vindas dos céus; foi por isso que quase dois terços dos membros do Congresso mantinham comunhão aberta com os que já tinham partido; e foi por isso que, por toda a terra, o batismo de sangue e lágrimas trouxe consigo o batismo do espírito e a abertura das portas da imortalidade.

Mensagem após mensagem, milhares de missivas aladas percorreram o país — escritas por mãos desconhecidas dos seus destinatários, trazendo notícias dos que já não estavam no plano terreno. O que Clara Barton fez em vida — levando às famílias as notícias dos corpos encontrados nos campos de batalha — foi feito em espírito através das mensagens mediúnicas, que se tornaram instrumentos de comunicação entre os que partiram e os que ficaram. Não notícias de corpos mortos escondidos no sul, difíceis de recuperar, mas mensagens dos espíritos — que não precisam de exércitos de cuidadores para mostrar que continuam vivos, que continuam a amar, que continuam a trabalhar pelos seus.

Se pudésseis ver os registos, se soubésseis quantos corações foram consolados, se tivésseis testemunhado o vai-e-vem silencioso de todas estas mensagens, se visses como mãos de médiuns foram guiadas a escrever, como vozes de médiuns anunciaram a presença deste exército ressuscitado — não vos surpreenderia saber que há milhares de lares, espalhados por planícies, colinas, vales, aldeias e cidades, onde a voz do mundo espiritual é tida como sagrada.

Naquele tempo, o selo do mundo espiritual foi quebrado, e a maré de vida derramada na Terra, para gerar as flores que hoje brotam, foi restaurada no espírito para produzir as flores da vida e do amor imortal. Por isso, as nações não desesperam. Por isso, os que se ergueram dos lares e dos conselhos da nação continuam a vigiar — soldados da paz, portadores das bandeiras brancas da liberdade e do amor, mas não menos ativos no bem da humanidade. A nação fundiu-se com a grande nação dos céus; o país fundiu-se no reino maior da alma. Mas as vidas humanas continuam sagradas, e os destinos humanos têm de cumprir-se — nenhum fio de amor ou de vida é esquecido, todos são levados adiante no grande reino, no exército ressuscitado da nação.

Decorais as suas campas, e esta semana será de grande floração pela paz; a nação parece estar em paz e o mundo aplaude o que se realiza

nesta terra. A Colúmbia cantou os seus hinos de alegria, e todos os povos reverenciam o sonho que se manifestou em forma externa com magnificência nunca antes vista. Os palácios de Aladino e os contos do Oriente esvanecem diante das invenções e maravilhas produzidas pela mão do homem. A própria Terra exulta com a generosidade do seu florescimento, e ao longo daquelas terras onde a guerra foi mais intensa, até ao dia depois de amanhã, não haverá lugar neste vasto país onde os botões, as flores e as folhas não ajudem a lembrar os túmulos dos heróis vivos — vivos na abundância do que foi conquistado; e qualquer que tenha sido o ideal que os cativou ou escravizou, que santificou o seu sacrifício, esse mesmo os leva ao reino da utilidade além-túmulo.

Se aqui terminássemos, quão belo seria! Como rejubilarias, no amanhã e no depois, ao enfeitar a terra com flores! Como cada forma de vida colocada sob o solo representaria uma luz viva para além dele! E cada ente querido — do bebé ao guerreiro, da matriarca de cabelos brancos à donzela — simbolizaria um elo nesta vida que é eterna além da morte.

O que se conquistou nessa vida a que chamais morte foi a liberdade do escravo e a preservação da união dos Estados. O que não se conquistou foi a libertação da morte que hoje paira sobre vós. Queremos dizer: os mortos que habitam as salas legislativas; os mortos que vivem nas masmorras do preconceito, da escuridão e do medo; os mortos que vivem na pobreza e na injustiça; os mortos que estão nas casas do pecado — palácios, talvez… talvez tugúrios. Onde quer que estejam, os mortos que não sabem ler o espírito nem a letra da Constituição — e que, como dissemos esta manhã, tornaram-se anarquistas ao promulgar leis que oprimem o povo, forçando-o a adorar Deus não segundo os ditames da consciência, mas — coisa inédita na história da nação — segundo os ditames do Congresso.

Esta semana poderá decidir quem são os mortos e quem são os vivos. Mas as igrejas evangélicas vão unir-se, e as igrejas evangélicas representam a união da riqueza, e — se ainda não sabíeis — gritamos-vos este segredo: a riqueza neste país significa poder, e esse poder, nas mãos do Cristianismo evangélico, significa controlo.

Neste momento de paz, em que enfeitais os túmulos dos que lutaram pela união destes Estados e pela preservação da Constituição, assistis ao triste espetáculo da nação a violar essa mesma Constituição, e do povo a lutar para a preservar. Esperamos que o povo vença.

Não defendemos a violência, mas sim a firmeza na convicção e a herança do direito. Preferiríamos ver todos os bancos e cadeiras desta sala vazios — e também os das igrejas e do Congresso — do que ver um único ser humano privado do direito de entrar num espaço que esteja sob o domínio de uma nação que proclama a liberdade de consciência no culto.

Essa será a questão desta semana.
Enquanto espalhais lírios e rosas, será esse o assunto em debate; enquanto pensais nos que vivem no espírito, será sobre isso que os mortos discutirão nos tribunais e corredores legislativos. Isso será o que vos será dado a observar nos próximos dias. Não invejamos quem estiver responsável, seja de que lado for.

Sabemos que estes são tempos de prova, e parece que os acontecimentos foram lançados num redemoinho para forçar a situação atual. Pensáveis que estáveis a combater o Catolicismo Romano; achastes que o papa vinha para governar, mas ele está demasiado velho e frágil; depois pensastes que talvez surgisse um papa americano. Mas, entretanto, a hierarquia que bate à vossa porta é aquela que deveis considerar — e ao considerá-la, tereis de decidir: está a nação viva ou morta? Perecerá ou sobreviverá o espírito da nação?

É lei preservar o espírito da nação e da Constituição.
Legislar contra o espírito da Constituição é revolução — e é anarquia.

Infelizmente, foi cometido um erro. Se houver alguém suficientemente sábio para o admitir, com a lucidez de espírito para o pôr de parte, e com a mão firme para cortar o nó górdio, então a dificuldade pode ser evitada. Mas se o selo for imposto — por mais insignificante que vos pareça neste momento — se o selo for imposto e mantido sobre a liberdade de consciência, sobre a liberdade de culto, sobre o direito de perseguir a felicidade desde que não interfira com a liberdade igual dos outros, então, a partir desse momento, a liberdade da nação começará a definhar, os direitos do povo a desaparecer, e qualquer forma de hierarquia — qualquer forma de governo eclesiástico — será possível.

Duvidais disto? Então não estudastes a História devidamente. Não lestes a história de Inglaterra. Não lestes a história de Roma. Não lestes a história das nações onde o poder de uma só Igreja foi capaz de manter os povos sob o seu domínio.

Não é nossa intenção aprofundar este assunto esta noite — já o abordámos esta manhã. Mencionamo-lo apenas como um dos sinais de onde se encontram os verdadeiros mortos. Há tanto de morte na adoração do Dinheiro quanto há numa sepultura: é a morte de todas as outras aspirações e esperanças, e imprime o seu selo, com igual eficácia, sobre a vida humana. Há tanto de morte no medo da morte como em qualquer outra coisa; estão mortos aqueles que caminham pela Terra temendo a morte, ou com medo constante de qualquer coisa. A doença que vos pode curar não é tão má quanto o medo dela. A peste anunciada com trombetas de alarme não seria tão terrível como o pavor contínuo de a contrair.

Conhecemos muitas pessoas que sofrem diariamente as dores da morte por medo de que algo lhes aconteça — de que algo lhes caia em cima ao andarem na rua, de que alguma calamidade lhes sobrevenha. O corpo físico só pode morrer uma vez — mas há mortes em cada hora do dia, em cada dia do ano, na vida humana.

Conhecemos também os mortos no preconceito — aqueles que vivem murados, como se estivessem sepultados; que não podem avançar nem recuar, cujos pensamentos estão aprisionados, cujas opiniões estão fixas e imutáveis, que estão selados numa espécie de sepulcro espiritual. E só podem ser libertos por uma autoridade. Essa autoridade é, muitas vezes, eclesiástica — talvez sob o comando de algum sacerdote ou denominação, pertencente a alguma seita ou credo. A liberdade de culto que libertou os apóstolos ainda não chegou até eles.

Depois há os que estão mortos no egoísmo, que só caminham por um trilho: o da busca dos seus próprios interesses. Nunca experimentaram o grande pulsar da vida que atravessa todas as veias quando se faz algo por outro, esquecendo-se de si mesmo. Se alguém nunca viveu isto, então há uma ressurreição reservada para essa pessoa que é maior do que se o corpo físico se levantasse do túmulo — maior ainda.

Acreditamos que há uma passagem no Novo Testamento onde se refere a morte — ou algo pior do que a morte — em relação às condições desta vida. Condições que prendem as pessoas com grilhões de medo, de escuridão, de egoísmo externo — não condições que surgem depois da morte do corpo. Consideramos que este é o estado dos mortos: que, ao assumir a vida física, o espírito humano entra no reino da morte — o reino onde a morte é possível — e que este conflito entre o físico e o

espiritual é o reino do juízo e da condenação a que se referem as antigas Escrituras.

As religiões orientais também o declaram: ao entrarem no mundo inferior vindos do domínio de Ormuzd, o deus da luz, os homens entravam numa esfera de escuridão, luta e conflito. Quem vive em contato com o pó, conhece isto. No Egipto, o mundo inferior era onde Hórus descia à sombra, só emergindo dela quando atingia a grande vitória — quando a vida-criança renascia. Isso significa: o renascimento da vida do espírito, da vida da verdade.

Não estais todos no meio da morte?
É só o corpo que morre. É apenas o estado terreno que muda. A condição exterior é que é transitória e fugaz. Estais todos no meio da morte. Mas essa morte, esse cativeiro particular, traz a disciplina que conduz à conquista e à vida. Através dela, emergis do estado de morte para o conhecimento da vida.

Vede quão mortos estais — quantos de vós já tomaram posse de todos os vossos poderes? Quantos conhecem as alturas e profundezas, o comprimento e a largura, o poder do espírito que habita dentro de si?

Essa chama viva, esse fogo inextinguível, essa parte imortal — esse amor que sentis pelos vossos entes queridos para lá do céu, essa verdade que vos faz desprezar o erro, esse desejo de liberdade que vos faz seguir a bandeira da liberdade enquanto ela representar a liberdade — isso, que pertence ao reino ideal, é o reino de toda a vida.

Tirai da existência humana esse reino da vida, esse reino do espírito, esse poder de sabedoria, amor e força — e nada mais resta senão desintegração e decadência. O corpo separa-se: nervo, tecido, osso, músculo, fibra, tudo se desagrega; nada os mantém unidos. O grande laço do corpo é o espírito — e esse é o seu laço de vida.

Estão mortos? Não.
Aquilo que é inextinguível não pode ser destruído; aquilo que é eterno não pode morrer. O corpo morre? Sim. Chorais quando o lírio murcha, e a criança pensa que não haverá mais flores — mas os de espírito maduro sabem que a forma só se desvanece para proteger a vida do gérmen, que todos os anos volta a florir.

Aqueles que conhecem a alma sabem que o corpo apenas perece para que o espírito renove a vida no reino eterno — que é a verdadeira vida — e lá encontre a sua herança real.

E a nação?
A querida, bela e amada nação — a nação que foi punida, que foi purificada com lágrimas de sangue e fogo, que adorais — o que é ela? Terras, montanhas, vales, rios, colinas, edifícios, cidades, comércio? Não! A nação é o pensamento vivo de um povo vivo; são os ossos, músculos, nervos e veias do povo, animados por pensamento, impulsionados pela aspiração, erguidos pela esperança dos oprimidos, e os desesperados tornados livres na luz da alma.

A nação está no Congresso?
Não. Deveria estar — através dos seus representantes — pois ali deveria estar a sua voz, o seu sinal, o seu símbolo.

Está nos salões legislativos?
Só em parte. Ali estão alguns interesses, fatores externos do governo. Ali estão porções da vida da nação. Mas, até que os legisladores — quaisquer que sejam as suas convicções — representem os batimentos de vida do povo, não pode haver nação verdadeira nesses salões. Tal como o coração e o pulso mantêm o mesmo ritmo, também cada pulsação no centro de um governo deve vibrar em sintonia com o povo.

A nação sois vós — as vossas vidas, os vossos corações, as vossas aspirações, aquilo que sois e que sereis. Ninguém tem o direito de ocupar um lugar de confiança se não estiver em profunda sintonia com os corações do povo.

Esta nação ideal tem de ser construída e concretizada. Dizeis, com ternura, que ela já existe hoje. E sabeis, num sentido esotérico e divino, que isso ainda não é verdade.

Ainda que seja, e é sem dúvida, a maior, mais ampla, mais livre, mais maravilhosa e mais magnífica nação que a Terra já viu — ainda assim confessais, neste instante, que a nação crescerá à medida que o povo crescer, que se tornará maior à medida que o povo se tornar maior, que florescerá à medida que o povo florescer, e dará frutos à medida que o povo der frutos.

Ela representa os batimentos do coração, os impulsos do cérebro, as pulsações do espírito da poderosa humanidade que aqui habita.

Acolheis os povos de todas as terras — e excluís alguns. Proclamais abrigo para todos — e fazeis guerra contra alguns. Esperais que o povo se molde à forma do ideal grandioso que aqui existe — mas falhais, repetidamente, ao representá-lo verdadeiramente diante deles.

VIDA E MORTE II – "NA VIDA ESTAMOS NO MEIO DA MORTE"
Conclusão do Discurso de 28 de Maio de 1893, por R.S. Cora L. V. Richmond

Oh, sim! Ela está aqui, entre os túmulos e sepulcros. Mas deves descobri-la no teu próprio espírito — não nos túmulos dos que amaste e seguiste, mas onde residem os teus próprios preconceitos, as tuas falhas para com a humanidade, a tua falta de espírito universal. Aquele espírito que levou um dos maiores patriotas a dizer: "A minha pátria é o mundo, os meus compatriotas são a humanidade, e fazer o bem é a minha religião." Fortalece esse laço que torna possível ter uma nação grande, perfeita e viva, fazendo com que cada membro dela esteja desperto e consciente.

Não deixes que ninguém se torne uma máquina. Que ninguém viva sob o jugo de qualquer poder. Que não haja outro deus senão o Infinito. Que Mammon deixe de ter os seus altares entre vós. Que nem o comércio nem o interesse desvie um povo inquieto do grande propósito de manter viva esta nação.

Como desejas que ela seja?
Remove os sepulcros da tua vida interior. Liberta-te das vendas, das amarras, de tudo o que te acorrenta e estreita a tua visão sobre o que uma nação pode ser.

As pessoas dizem: "Devemos amar o nosso país como amamos o nosso lar." Mas se amas o teu país prejudicando os outros, isso não é amor — é injustiça. Dizem: "Não podemos amar toda a humanidade como amamos a nossa família." Mas tu amas a tua família como parte dessa humanidade — sabendo que cada outra família é tão sagrada e querida como a tua.

Se amas apenas os que são da tua raça, então desprezas aquilo que a natureza realizou ao misturar as raças para criar a tua. Se amas apenas

um certo grupo, uma certa classe, então negas aquilo que o mundo já concretizou: o acolhimento dos que procuram refúgio nesta terra.

A verdade é muito maior que o erro, a luz muito mais forte que a escuridão, a liberdade infinitamente superior à servidão.
Mesmo que todo o mundo aqui chegasse em grilhões, devias ser capaz de os libertar; mesmo que chegassem na ignorância, devias ser capaz de os iluminar; mesmo que viessem com fanatismo na língua, devias ser capaz de os tornar tolerantes. É isto que queremos dizer com “nação viva”.

Grandes mentes já passaram pelo Congresso — e fora dele. Nesta terra, grandes profetas falaram, tanto nos salões fechados do Senado como fora deles, e vós já escrevestes a história viva de uma era grandiosa.

Por vezes, os mortos da nação ocupam o centro do palco, enquanto os vivos preparam a ressurreição. Essa ressurreição pode estar a acontecer — pela segunda ou terceira vez. Um poder varre todas as terras: põe-vos à prova. Não são apenas os governos, as classes ou as escolas de pensamento que estão a ser testadas, mas cada vida individual.

Como o químico testa a pureza de uma substância, como o mineralogista examina o minério, como o ouro puro é posto à prova, assim sois vós testados. Seja pela água ou pelo fogo, seja pelo espírito, pela tempestade, pela alegria ou pela dor — qualquer que seja o meio, ele revelará a vossa fraqueza para a destruir, ou a vossa força para a pôr em ação.

Isso está a chegar. Está a acontecer.
Vivemos dias de culminações rápidas, de avanços velozes rumo à realização. Algumas realizações levam à destruição; outras, à luz. O que estiver morto será destruído — seja na Igreja, no Estado, na sociedade ou no indivíduo.

O fogo já está na mão do grande trabalhador, que vem queimar o restolho. Os campos deixados em pousio serão tornados férteis. Pode ser que alguma parte da vossa existência seja destruída, mas tudo o que em vós estiver vivo dará as mãos aos vivos que estão acima, e se juntará ao grande exército da liberdade, da verdade e do amor — e à paz que nasce dessa conquista suprema e perfeita.

Talvez não possamos dizer quando ou como. Não podemos revelar de que forma virá. Mas sabei isto: uma mão invisível encontra-se à porta da legislação. Uma força invisível atua no comércio. Poderes invisíveis trabalham nas igrejas — e fora delas.

Erguem-se das massas profetas, videntes e mestres não sancionados por igreja, escola, universidade ou Estado — e são estes que declaram a lei, estes que traçam o caminho da nação, que indicam onde se encontram os vivos, que apontam para os céus, onde, em filas incontáveis, espíritos, anjos e arcanjos realizam a obra de Deus sobre a Terra.

Enquanto isso, reuni as vossas forças.
Levai adiante os vossos memoriais sagrados. Não vos esqueçais dos vivos que estão lá, nem dos que adormecem — ou estão mortos — aqui. Não negligencieis a flor da necessidade diária; não esqueçais o botão da bondade; que nenhuma ação ou resolução caia no vazio, no esforço sublime do espírito.

Então, vivereis.
Não no meio de túmulos e sepulcros de ambições perdidas e apagadas, mas no seio de um mundo que se renova.

Então, as vossas vidas — a cada ano, a cada dia, a cada hora, se necessário — renovar-se-ão, como se renovam as flores, como se renova a vegetação, como regressam os cânticos que vos dizem que o inverno passou, que a primavera chegou, e que toda a natureza — e Deus — vos convidam à ressurreição da vida…

… e a serdes uma nação viva.

SOBRE A MEDIUNIDADE

Pelo(s) Guia(s) da Sra. Cora L. V. Richmond

A mediunidade, tal como é compreendida pelos espiritualistas e utilizada continuamente por eles há sessenta anos, é o termo que melhor expressa o poder ou dom através do qual se pode obter um conhecimento concreto da existência daqueles que passaram pela mudança chamada morte, e da sua capacidade de comunicar com os mortais.

Em outras palavras: a mediunidade é o dom ou qualidade que os seres humanos possuem (ou que lhes é conferido, assim como a outros organismos), por meio do qual espíritos que um dia habitaram corpos físicos podem manifestar o fato da sua existência contínua, bem como o seu interesse e desejo de comunicar com os vivos. Através da mediunidade demonstra-se a capacidade dos espíritos de revelarem os seus estados e condições no plano espiritual e de atuarem sobre matéria orgânica e inorgânica de formas desconhecidas dos mortais e totalmente inexplicáveis por qualquer hipótese científica conhecida.

Todos os seres humanos são — ou podem tornar-se — médiuns, isto é, todos possuem, em certo grau, essa força ou qualidade latente e distinta, que pode ser despertada ou ativada pela presença espiritual (personalidades), conforme o desejo, vontade ou outras circunstâncias dentro do alcance do mundo espiritual. Embora a mediunidade, no seu estado ativo, resulte sobretudo da ação direta da inteligência espiritual sobre e através de organismos humanos, ela parece, por vezes, manifestar-se como um verdadeiro dom — podendo ser concedida ou retirada conforme o desejo dos espíritos, e não necessariamente segundo a vontade do médium. Uma fase da manifestação pode ainda ser substituída por outra.

Na ausência de um termo melhor ou mais preciso, a força que rodeia a pessoa em estado mediúnico é chamada de “Força Psíquica”. Contudo, esta expressão não cobre de forma satisfatória as inúmeras forças — espirituais, mentais e físicas — que são mobilizadas quando os espíritos desejam comunicar com os vivos. Isto é particularmente evidente quando os espíritos atuam sobre corpos inanimados sem recorrer aos meios dinâmicos habituais.

É indiscutível que a vontade treinada dos espíritos, suficientemente sábios para atuarem sobre a substância na presença do médium, é muito mais potente e precisa do que qualquer habilidade similar alcançada por seres humanos no estado terreno.

Embora a presença pessoal do médium pareça indispensável em todos os casos de fenómenos físicos, há casos notáveis — como os das chamadas “casas assombradas” — em que nenhum médium conhecido parece estar presente. Nos casos mais usuais de manifestações físicas ou mentais, há também “condições” que variam segundo as

circunstâncias, melhor compreendidas pelos espíritos que dirigem a sessão ou círculo. (Ver nota sobre “círculos escuros”).

Nas fases da mediunidade em que o organismo do médium é utilizado, mas não a sua vontade consciente, a ação do espírito processa-se sobre a aura psíquica e através da rede de energia nervosa que conduz aos terminais nervosos ligados ao centro sensorial. Por exemplo, nas manifestações de clarividência ou clariaudiência, há perceção real por parte do médium, embora nenhuma imagem atinja a retina, nem som vibre no tímpano. Objetivamente, há um aguçamento da perceção — de visão, audição ou outros sentidos — mais agudo e certeiro do que aquele permitido pelos canais habituais da sensação.

Noutras palavras, a visão ou perceção do clarividente é mais profunda e precisa do que a ciência ótica pode explicar.
Na clarividência, não há “ótica espiritual” tal como a conhecemos.

Do mesmo modo, quando se acede a outro plano, quando são revelados nomes, datas, traços pessoais ou pensamentos, a ação do espírito opera diretamente sobre os centros psíquicos ligados à atividade mental. Se a mente do médium for utilizada, e se a ação for “automática”, então ela provém diretamente da aura psíquica conectada com os nervos motores.

Seriam necessárias centenas de páginas detalhadas para descrever as formas, fases e complexidades das manifestações mediúnicas. E não cabe a este, nem a qualquer outro comité, resolver todos os enigmas que surgem das quase incontáveis formas de manifestação.

Nem sequer é possível declarar, com os termos atualmente compreendidos, sobre quais são as “condições primárias” das quais depende a mediunidade em si. Com certeza, não depende de qualidades físicas, mentais ou morais específicas — visto que já foi observada em pessoas de todos os tipos, classes, culturas e graus de instrução (ou falta dela). Talvez a fase ou variedade da manifestação, ou os níveis de excelência moral e mental, possam ser moldados em certos casos pelas qualidades pessoais do médium. Temperamento, adaptabilidade e outras idiossincrasias podem modificar a mensagem — mas, na maioria dos casos, a ação do espírito, na mediunidade autêntica, parece livre das particularidades do médium.

Por vezes, os métodos de manifestação seguem o "caminho de menor resistência" — por exemplo, usando o idioma ou a caligrafia do médium. E podemos ilustrar assim: um mestre da música toca uma harpa, um violino, um piano, um órgão; cada instrumento tem o seu próprio som, tonalidade e limitações, mas o toque e a essência do mestre são sempre reconhecíveis.

Assim, qualquer que seja o método ou o médium, é a qualidade e a personalidade da mensagem que determinam o seu valor — enquanto proveniente de um espírito individual — e isto está acima dos obstáculos colocados pela personalidade do médium ou pela ignorância humana sobre o assunto.

Enumeramos aqui algumas das fases mais comuns da manifestação — cientes de que há certamente mais do dobro em número e variedade.

Contudo, não consideramos que existam “tantos tipos de mediunidade” quanto há formas de manifestação, pois um único médium pode revelar muitas fases diferentes. Isso prova, a nosso ver, que a variedade da manifestação é uma adaptação da inteligência espiritual às diferentes necessidades e condições das mentes humanas.

ALGUMAS DAS FASES DA MEDIUNIDADE
(*Segundo os Guias da Sra. Cora L. V. Richmond*)

Estas manifestações ocorrem independentemente de qualquer força dinâmica conhecida ou da intervenção humana direta, sendo atribuídas à ação de inteligências espirituais. Entre as formas mais reconhecidas de mediunidade, destacam-se:

1. Batidas (rappings) em mesas, cadeiras, paredes ou tetos — transmitindo respostas inteligentes a perguntas.
2. Inclinação de mesas e móveis, ou deslocamento de objetos, muitas vezes sem contato humano.
3. Execução de música em instrumentos, com grande perícia e sensibilidade musical.
4. Vozes diretas ou independentes manifestadas através de trompetes espirituais ou outros instrumentos.
5. Vozes diretas sem uso de instrumentos, audíveis no ambiente.
6. Escrita direta em ardósias ou folhas de papel, sem contato físico.

7. Telegrafia espiritual, com operação de aparelhos sem fios ou contato humano.
8. Dactilografia mediúnica, sob as mesmas condições inexplicáveis.
9. Levitação de corpos humanos, móveis ou outros objetos, sem suporte físico visível.
10. Materialização parcial ou total de formas humanas — muitas vezes com grande semelhança ao espírito quando em vida.
11. Eterialização e transfiguração, transformando a aparência do médium na do espírito que se manifesta.
12. Fotografia espiritual, em que imagens de espíritos surgem em chapas fotográficas, mesmo sem haver modelo presente, ou surgem junto ao modelo.
13. Pintura e desenho diretos por espíritos, com ou sem o uso de tintas, lápis ou cabines mediúnicas.
14. Escrita automática — controlo direto da mão do médium, sem intervenção da sua vontade.
15. Escrita por dispositivos como a planchette, ou instrumentos semelhantes.
16. Desenho e pintura automáticos, realizados sem consciência ou intenção do médium.
17. Fala, canto e manifestações automáticas, com a consciência do médium intacta.
18. Impressões automáticas no cérebro, semelhantes a pensamento espontâneo mas de origem espiritual.
19. Fala inspirada, em que a consciência do médium é iluminada pela presença espiritual.
20. Mediunidade em transe, com suspensão da consciência física — o médium fala, escreve ou se manifesta enquanto permanece imóvel, por vezes durante manifestações físicas.
21. Clarividência e clariaudiência, em que a perceção de sensações é produzida por processos mentais e espirituais, sem ação dos sentidos físicos.
22. Psicometria, perceção clara de traços e características de pessoas ou objetos, através de algo que lhes tenha pertencido ou tocado.
23. Cura espiritual, nas suas mais variadas formas, sendo um campo tão vasto que volumes poderiam ser escritos apenas sobre ele.

NOTAS E EXPLICAÇÕES

(a) Sobre "organismos":
A mediunidade não está restrita a humanos. Já foram observados

fenómenos envolvendo animais, como aves a cantar em momentos e locais invulgares em resposta a preces dirigidas a espíritos; cães a demonstrar inteligência extraordinária, sugerindo a intervenção espiritual; e cavalos guiados por "mãos invisíveis" até à segurança, em situações em que humanos não conseguiriam fazê-lo. Mesmo objetos inanimados, como em "casas assombradas", podem responder à presença de espíritos sem médiuns humanos presentes.

(b) Interrupção e variação da mediunidade:
Há casos em que médiuns, durante exercícios poderosos das suas faculdades, veem subitamente o dom ser retirado — por vezes regressando após dias, meses ou anos; por vezes, nunca mais. Também é comum que uma fase da mediunidade seja substituída por outra.

(c) Sobre "força psíquica" ou "aura":
Desde os tempos de Antoine Mesmer e Barão Von Reichenbach, reconhece-se que todos os seres (e particularmente os humanos) estão rodeados por uma espécie de “aura” energética — chamada por eles de *Força Odílica* ou *Força Od*. Investigadores modernos como Sir William Crookes reconheceram esta força como uma componente essencial nos fenómenos espiritualistas, chamando-a “força psíquica”. Ainda assim, este termo não explica totalmente os processos que permitem aos espíritos controlarem objetos ou realizarem feitos como "a passagem de matéria através de matéria".

(d) Condições nem sempre necessárias:
Um fato notável nos fenómenos do Espiritualismo é que, por vezes, todas as “condições aparentes” são ignoradas, e os fenómenos ocorrem sem médium presente, ou sob condições “desfavoráveis” e até inóspitas. Isso demonstra que, para certos propósitos e ocasiões, não há limite para o poder do mundo espiritual.

A verdade é que o conhecimento humano atual é demasiado limitado para compreender as reais relações entre espírito e matéria, bem como os processos de manifestação — quer ocorram na presença de médiuns, quer não.

Notas Complementares sobre a Mediunidade
(continuação do texto dos Guias da Sra. Cora L. V. Richmond)

(e) O problema das sessões em escuridão total ("dark séance"):
Muitas críticas e objeções — em alguns casos justificadas — surgiram em torno das sessões realizadas no escuro. Sir William Crookes, então ainda “Mr. Crookes”, solucionou essa questão há mais de trinta e cinco anos ao colocar o médium preso com segurança num compartimento escuro ou gabinete, enquanto os demais membros do círculo permaneciam numa sala totalmente iluminada. Ele também utilizava um eletrometro e outro instrumento para registar a força dinâmica positiva da luz.

Durante essas investigações, a forma materializada no ambiente escuro pôde surgir e circular livremente entre os presentes na sala iluminada. Foi nesse contexto que Crookes descobriu propriedades dinâmicas da luz e outras forças, pelas quais recebeu as mais altas distinções da British Association for the Advancement of Science.

(f) Influência do médium na comunicação espiritual:
Nem sempre é possível, sobretudo em médiuns que despertam para a mediunidade já na vida adulta — com hábitos de linguagem já formados —, que os espíritos eliminem por completo as peculiaridades de expressão do médium. Em casos de personalidade forte e ideias preconcebidas, estas podem manifestar-se antes que a influência espiritual se instale por completo.

Cita-se um caso notório de um médium sincero e íntegro, mas cuja formação inicial o condicionara contra determinado grupo de pessoas. Ao tornar-se médium já em idade madura, tais ideias estavam enraizadas na mente. Sempre que esse médium começava a falar, surgia primeiro uma crítica àquele grupo, mesmo quando o tema da comunicação era outro.

Certa vez, o assunto escolhido foi “Mediunidade” — mas, como de costume, iniciou-se com o ataque a esse mesmo grupo. Após uma pausa, o espírito comunicante afirmou:

“Pronto, isso saiu do cérebro do médium. Agora posso continuar com o meu tema.”

O espírito explicou então que era necessário um “ajuste” ou “limpeza” do canal, como acontece com certos instrumentos musicais antes de poderem ser afinados e utilizados adequadamente. A seguir, sucedeu-se

uma magnífica exposição sobre o tema da mediunidade, clara e inspirada.

O mesmo tipo de fenómeno já foi observado na escrita independente e em outros fenómenos físicos legítimos, em que a estrutura gramatical ou o estilo do médium aparece nos textos, apesar de não haver interferência mental consciente.
Nestes casos, a explicação reside na "aura psíquica" do médium e no fato de que a mensagem se transmite por linhas de menor resistência, ou seja, utilizando os recursos mentais já disponíveis do médium, ainda que ele próprio não esteja a “pensar” a mensagem.

Contudo, o verdadeiro valor da comunicação não reside na forma verbal ou estilo, mas sim no conteúdo — e, mais importante, nas provas de identidade pessoal que podem surgir, muitas vezes, pela informação dada e não pela linguagem usada.

Na maioria dos casos autênticos, no entanto, o nível do pensamento, o conhecimento transmitido, a retórica e a gramática ultrapassam largamente as capacidades normais do médium. É comum que revelem uma amplitude de saber sobre ciência, história e filosofia que seria impossível de alcançar sem assistência de inteligências superiores.

Casos assim são abundantes ao longo da história do Espiritualismo.

Reflexão final:
Não há tempo nem espaço, aqui, para desenvolver plenamente estes temas tão fascinantes, nem para citar as centenas de relatos pessoais e experiências mediúnicas que ilustram esses problemas e revelações importantes.

A mediunidade, sendo um dom tão raro e precioso, deve ser sagrada e cuidadosamente preservada — não só pelos médiuns, mas por todos aqueles que foram abençoados por mensagens vindas do outro lado, que trouxeram de volta os seus entes queridos desde a sombra da morte para se tornarem guias e companheiros vivos desde a vida imortal.

NÚMEROS MÍSTICOS, ESPECIALMENTE O NÚMERO DOZE DISCURSO INSPIRADOR DE UM ANTIGO SÁBIO

Transmitido através do organismo da SRA. CORA L. V. RICHMOND

Na antiguidade, a matemática era regida pelos oráculos. Em cavernas e templos secretos, os homens praticavam a ciência como religião, procurando pela intuição, bem como por métodos externos, a solução para os problemas da vida. Naqueles tempos, os números eram considerados tão reais quanto as entidades; representavam princípios eternos, personificações do divino e dos deuses; estavam ligados à duração do tempo e à eternidade; e tal era o poder transcendente dos números que um podia gerar vida, outro podia criar, outro destruir, outro edificar – pois estes eram os métodos mágicos da ciência daquela era. Hoje, a matemática é um termo; está associada apenas à vida física; tem o seu fundamento e base no universo temporal e, ainda que consiga decifrar a estrutura do universo e do firmamento visível, é, em si mesma, silenciosa e sem alma. O homem pode medir com ela toda a vida; pode demonstrar, através dela, a existência do ser; prever acontecimentos; povoar o espaço com estrelas invisíveis ao olho nu; calcular eclipses; determinar o periélio dos planetas – mas o que se mede não tem existência própria. Não era assim no passado.

Cada número era dotado de voz; cada número tinha uma alma. Deus era a unidade do universo, cujo sublime círculo deveria ser rompido e interpretado para o homem. Quem haveria de desvendar o mistério? Quem quebraria o círculo do Infinito? Quem abrangeria a magia – a circunferência do universo? Apenas outra unidade igualmente sublime: a alma humana – silenciosa, mas cheia de vozes; não demonstrada, mas capaz de todas as demonstrações; tão misteriosa no finito quanto Deus no infinito.

Ao resolver o problema menor, o maior poderia ser compreendido. Ao abarcar o átomo, o universo poderia ser revelado. Descobrindo o círculo do ser humano, poder-se-ia imaginar o círculo infinito. Uma só expressão formava essa unidade – o círculo do homem e do infinito, o omnipotente, o divino. Mas também essa expressão era incapaz de ser totalmente resolvida. Quem pode dividir um círculo? Quem pode abarcar a magia das esferas? Quem pode medir o arco do firmamento acima de nós? Com que linhas de luz ou ângulos de medição podem tais coisas ser resolvidas? Os raios do sol formavam um desses ângulos; a Terra e o horizonte, outro. Não haverá aqui mistério suficiente para explicar o todo?

A primeira divisão da vida é a dualidade, pois da unidade surge o dual, ou seja, a primeira descoberta ao tentar antecipar e analisar a unidade revela-se na sua forma dual. Deus é dual? Os antigos assim acreditavam. Havia os que adoravam o visível e o invisível. Deus, no universo visível, era a noiva do Infinito – Ísis era a Terra, a noiva do Sol. Jeová era velado à visão humana, mas o universo visível era a sua expressão. A natureza dual de Deus revelava-se em toda a forma de vida, daí a adoração do dois em um, ou do número mágico que, igualmente, formava a unidade.

O número dois pressupõe igualdade, divisão igual – as duas metades que compõem o todo. O ser humano foi criado assim: homem e mulher, dois em um. Assim, o problema era resolvido numa forma dual. Mas que outra forma poderia descrever melhor o maravilhoso problema da existência, uma vez que este estava velado em mistério, e que a vida dual apenas podia prolongar-se nessa mesma forma? O círculo não se quebra – permanece completo.

Com a vida a dois ainda existe completude; não há fragmentos, não há frações; o círculo continua lá, mesmo que o dividamos em metades. Esta solução não satisfaz todos os pontos da ciência, mas seguimos esse princípio por todos os métodos antigos e descobrimos que a vida dual foi mais adorada que qualquer outra, que a representação dupla da divindade, tal como expressa no cosmos infinito, realmente exprime a unidade, mas, para efeitos de expressão finita, como foi dito, isso só atinge alguns, não todos; os indivíduos, não o todo.

Por que razão devemos, então, resolver o todo? O círculo não se mede ao ser dividido em metades, pois continua-se a ter cada hemisfério perfeito. Três é o número mágico. A descoberta deste número foi feita pelos ângulos da luz, que as pirâmides foram erguidas para comemorar. O triângulo mágico, a trindade, a derivação de sinónimos e números sagrados com expressão tripla – ao seguir as linhas ou ângulos da luz e pelas formas de medição que estes explicam, tem-se a origem do triângulo. O triângulo equilátero é a medida do círculo, tão exata quanto a mente consegue conceber. Isso, em contraposição – ou, melhor, em superação – à ideia dual de Deus, levou os sábios a adorarem a divindade tríplice.

Daí o termo *Yahovali* – futuro, presente e passado. Daí a fundação da ideia da trindade, pois, lembre-se, a solução do problema infinito

conhecida pelos brâmanes – descoberta no Oriente – não foi transmitida à nação hebraica senão através da sua permanência no Egipto. O Deus adorado pelos hebreus era o Deus dual, representante da vida em duas dimensões – o Deus da criação, da natureza. O Deus egípcio era o da ciência, da cultura, da arte; a descoberta dos princípios tríplices que resolveriam o mistério do círculo. Cada um destes deuses era nomeado segundo a compreensão humana da existência.

O homem só compreende três estados da existência – passado, presente e futuro. O tempo é o presente; o passado e o futuro são aquilo que aconteceu e aquilo que há de acontecer. É tudo o que o homem conhece. O presente pode ser, para ele, igual aos outros dois; mas toda a duração, todas as circunstâncias, todas as mudanças e tudo o que o homem pode conceber deve ocorrer no presente, ter ocorrido no passado ou vir a ocorrer no futuro. Não há nada além disto. Nada escapa a estes três. Eles são tudo e, por isso, encerram tudo. Ou tomemos as três dimensões do espaço – comprimento, largura e profundidade – e estas expressam os elementos primordiais de toda a ciência natural, provando que o poder tríplice está ativo aí, assim como o poder dual está presente em toda a vida orgânica e criativa.

Tal como a vida dual expressa a criação, assim a vida tríplice expressa a organização e a ordem matemática – inorgânica, mas regida por lei. Aquilo que é essencial em qualquer forma de ser é dual. Aquilo que germina é dual; mas aquilo que existe, como um raio de luz, ou uma rocha, ou um cristal, é expresso por triângulos, formado por raios de luz, deve ser medido por matemática e não pela vida criativa, sendo, em si, uma ordem de existência separada e distinta. A divindade não pode ser medida no círculo infinito; ninguém pode abarcar a sua circunferência; mas a manifestação tríplice da divindade – em futuro, presente e passado – pode ser compreendida pela mente finita.

O triângulo foi tornado sagrado, foi estabelecido como símbolo e sinónimo de adoração; tornou-se um dos modos de expressão em toda a forma de ser; descobriu-se também que expressava as linhas de luz na sua capacidade criativa, e, em certos ângulos dos raios solares, surgia a criação; noutros ângulos menores, que não formavam triângulos equiláteros, os raios solares eram improdutivos, dependendo da posição da Terra e do Sol.

Nessas condições, as pirâmides foram construídas para indicar os pontos mais elevados da vida – a posição exata dos raios solares em relação à máxima frutificação da Terra – e essa frutificação máxima, ocorrendo uma vez por ano, tem ainda maior expressão e poder em certos outros períodos cíclicos: o mais longo com mais de dois mil anos, o médio com pouco mais de mil, o mais curto com duzentos e cinquenta anos ou talvez sessenta, e o mais breve, o ano propriamente dito – a frutificação anual provocada pela presença dos raios solares no solstício de verão.

Estas leis naturais, como lhes chamais, eram todas adoradas como princípios, com origem na mente divina; e assim continuam a ser adoradas por aqueles que compreendem que a lei é apenas um termo, e que a inteligência é a origem de toda a lei, sendo sempre entendido que a divindade só é dividida ou expressa em números para a vossa compreensão, não para a sua própria existência; que, quer sejam usadas expressões duais ou tríplices para o Infinito, estas expressões existem apenas para a iluminação humana, e não para a do próprio. Compreendereis que estes princípios foram revelados à mente humana na exata proporção da sua capacidade de os compreender.

Foram descobertas três cores primárias – vermelho, amarelo e azul. Diz-se que existem sete gradações dessas cores. Presume-se que, no futuro, se venha a descobrir que existem doze, pois os doze formariam o espectro exato e completo, o qual, na ciência, ainda não é suficientemente completo para permitir à mente discernir algumas gradações que, de fato, são visíveis e palpáveis de outras formas. O poder do número sete, como número místico, resulta dessa combinação. Embora o cinco fosse também um número místico, o sete era o número completo – representava aquilo que os antigos conheciam do sistema solar; representava o que se acreditava ser a expressão completa da harmonia da cor e do som; representava o número místico dos oráculos.

Alguns dos santuários foram consagrados ao número sete. Havia sete igrejas na primitiva dispensação cristã. A este número foram atribuídas sete atividades especiais, simbólicas da sabedoria feminina em vez da masculina, simbolizando as artes, as ciências e vários graus de cultura.

Mas a nenhum outro número foi jamais concedida a potência atribuída ao doze. É o um e o dois que formam a trindade. É o doze que forma tanto a trindade, ou o triângulo, como o quadrado – quatro vezes três – e

isto representa a mais elevada medição conhecida por qualquer ciência em qualquer época: o círculo, o quadrado, o triângulo. O doze era o círculo; o quadrado e o triângulo estão contidos no doze, assim como essas duas figuras representam o um e o dois que formam a base da existência. Nessas circunstâncias, este número era místico; era sagrado; era divino; era considerado tanto por sábios como por sacerdotes como o número representativo das esferas. Acreditava-se, acredita-se, e pode ser demonstrado, que o doze representa, mais do que qualquer outro número, a completude da vida humana. Os doze signos do zodíaco não existem por conveniência, mas representam a autoridade real e o poder de certos grupos de planetas pelos quais o Sol – ou, mais precisamente, a Terra – passa nas gradações da vida que formam o ano completo.

As linhas de luz dos raios solares são afetadas, de forma mensurável, por este número doze; e acreditava-se na antiguidade que, sob qualquer constelação sob a qual um ser humano nascesse, tal constelação teria influência sobre o seu destino, assim como estaria sob a dominação de certos planetas do sistema solar, sendo as próprias constelações as que exercem grande poder em relação à posição da Terra e do Sol. Crê-se também – e isso foi incorporado em algumas sociedades secretas – que o doze representa o número das provações absolutas do homem sobre a Terra; que existem doze grandes tentações; que estas fazem parte da peregrinação do homem pela existência, e que, uma vez vencidas, ele se torna como Deus – ou seja, completa o círculo da existência, tendo vencido toda a vida e todo o ser físico, tornando-se então igual aos deuses ou aos anjos.

Doze dinastias distintas teriam ocorrido, e acredita-se que ainda ocorrerão sobre a Terra antes do cumprimento do ciclo total da sua existência – e estas dinastias culminam tanto no plano religioso quanto no temporal. Crê-se que haverá doze Messias, que virão à Terra em períodos sucessivos de cerca de dois mil anos, representando os ciclos mais longos da existência. Estes Messias também personificam o princípio da luz e da justiça – princípios que o homem não consegue descobrir no Infinito, mas que lhe são revelados nessa forma acessível para que possa compreendê-los.

Essas dinastias representam, cada uma, princípios essenciais da verdade. Assim como Cristo foi a personificação do amor, assim como a dispensação mosaica foi a personificação da sabedoria, o espírito da verdade – como prometido por Cristo – será a próxima personificação; e,

em sequência, outras virão, representando diferentes aspetos da verdade, até que o homem tenha diante de si o círculo completo da verdade, revelado à sua compreensão, traduzido e interpretado por aqueles que têm consigo os princípios e métodos exatos.

As várias formas de ciência não representam a verdade absoluta, mas apenas métodos de aproximação para a sua compreensão. Não existe um princípio essencial na matemática; ela é uma forma, um meio, não um fim. Não há princípio essencial na geologia, na química, em qualquer alquimia ou astrologia, a não ser que sejam meios de se alcançar os problemas últimos da existência. Desejais conhecer o lugar, a posição, a medição das estrelas – não porque isso seja, em si, valioso, mas porque conduz ao que é verdadeiramente valioso: o efeito que esses planetas podem ter sobre a vida humana; o efeito que podem ter sobre a vida que neles habita.

E buscais esse conhecimento por vias indiretas do crescimento intelectual e cultural, em vez do método mais direto que era usado na antiguidade, pelos oráculos. Havia classes de homens consagrados à interpretação da ciência, tal como à interpretação da religião, e estes comunicavam-se não só com seres divinos, mas também com poderes angélicos; conversavam com anjos e espíritos de outros mundos e conheciam os métodos e formas de vida sobre os quais falavam. Existem, ainda hoje, aqueles que o fazem, mas não são aceites pela ciência; são considerados insanos; não lhes é dado o lugar merecido entre os intérpretes da verdade para o mundo.

Assim, a ciência avança sem o auxílio da inspiração, e o mundo vê-se privado dos resultados que almeja alcançar. Por exemplo, sem a vida dual de alma e corpo, não pode haver existência. Enquanto tendes a forma da vida expressa na matemática e na ciência, a alma é negligenciada, e nada resta além da forma; tendes o corpo supremo do firmamento, o esqueleto do universo, mas não o espírito que o habita.

A religião recusou-se a unir-se à inspiração; conserva o corpo sem vida da teologia, mas esquece a alma. A natureza dual, mais uma vez, é esquecida, e, enquanto os homens adoram o Deus tríplice, esquecem o princípio essencial da trindade; enquanto adoram o Deus que é um, esquecem o princípio essencial da unidade: corpo e alma. Adorais o corpo – ele está morto! Não tem alma.

Na antiguidade, o número místico doze era tido como completo não apenas no que toca aos Messias, mas também aos anjos que acompanhavam cada um à Terra. Os doze apóstolos foram escolhidos em função deste número. Doze anciãos nas igrejas foram escolhidos com base neste número, e este número místico era frequentemente utilizado no Egipto e no Oriente: doze donzelas eram designadas para prestar culto nos templos de Ísis e em representação da sua presença, para que a Terra concedesse melhor seus frutos e dádivas à humanidade.

Hoje, os grandes significados estão perdidos. O homem recorda apenas os números, mas não o que eles implicavam. As pedras de toque da ciência seguem agora apenas pelos caminhos tortuosos do crescimento intelectual. Enquanto cultivais o corpo e a estrutura suprema do universo, esqueceis os interstícios que devem ser preenchidos pelo espírito vivo. Esqueceis as veias e tendões, o sangue e a vida, a força nervosa e a mente que devem animar a estrutura que ergueis.

Formam-se triângulos que não têm outro significado senão o matemático. A geologia é fria, sem vida, destituída dos significados subtis que outrora faziam de cada ângulo e curva um símbolo e sinónimo do pensamento humano. Um vago esforço para retornar aos métodos antigos vê-se hoje no vosso sistema fonético de linguagem; mas os antigos hieróglifos eram personificações exatas de som e forma, com rigor matemático.

Nenhuma palavra ou frase era ali expressa que não fosse intencionada como pensamento, e cada pensamento era cristalizado na linguagem antiga de forma a harmonizar-se com a rotação das estrelas, com os movimentos dos planetas, com a adaptação e a forma do crescimento sobre a Terra. Por isso, quando a linguagem ou expressão humana foi descoberta, foi feita de modo a estar em conformidade com as leis conhecidas, relativas ao homem, ao sistema planetário e aos primeiros princípios da vida.

No plano espiritual, doze anjos presidem à Terra em cada dinastia sucessiva, deixando cada Messias um anjo encarregado de uma porção dos habitantes da Terra que o seguirão. Há também doze anjos em cada grupo angelical, formando uma esfera ou lar distinto, e isto estende-se a todos os estados espirituais sujeitos ao controlo angélico. Os espíritos

terrenos movem-se em grupos maiores ou menores, pois ainda não atingiram o grau perfeito de harmonia.

Embora o sete seja o número nominal da harmonia perfeita, e a oitava completa se atinja pela repetição da primeira nota, acredita-se que um grau ainda mais elevado de harmonia será alcançado com o doze, e que a subdivisão das notas em doze ajudará a evitar a dissonância que hoje ainda se nota, mesmo nos instrumentos mais bem construídos.

Quando a oitava completa for atingida, haverá doze; e quando o círculo completo da vida humana se tiver realizado sobre a Terra, serão então descobertas, por aqueles que estudarem essa história, doze dinastias distintas – tão importantes como o Egipto, tão grandiosas como Roma, tão maravilhosas como a Europa, tão distintas como a América dos nossos dias. Estas doze serão seguidas pelas suas respetivas dinastias religiosas e espirituais, provando que o ciclo e o círculo da existência estão aqui plenamente representados.

O que os números harmónicos são para o som; o que as repetições numéricas são para a matemática; o que o triângulo e o quadrado são para a resolução do círculo – tais são os vários graus e formas da experiência humana em relação ao número doze.

Existem doze esferas espirituais distintas que convergem para a Terra, após as quais o espírito ou anjo já não regressa mais à Terra, nem mantém comunhão ou contato, pois ultrapassam os limites extremos da existência, e os seus pensamentos tornam-se como os dos deuses. Nestes círculos concêntricos não há, talvez, uma localização atmosférica nem limites espaciais definidos, mas sim gradações do pensamento espiritual que constituem doze épocas nas experiências de cada mente e espírito antes de alcançar esse grau angélico.

Sendo todas as gradações mais facilmente realizadas através do número doze do que de qualquer outro, e representando ele as divisões mais naturais tanto do ciclo quanto da vida humana, virá o tempo em que este número será separado e lembrado – resgatado do esquecimento das eras passadas e do misticismo que o envolveu; igualmente resgatado da ignomínia do materialismo atual, e colocado, reverentemente, no seu devido lugar como sinónimo daquilo que é mais elevado e mais sagrado na vida.

Lembrai-vos: não se adoram números – mas há quem adore Deus como trindade. Lembrai-vos: não se adora o doze – ainda que haja quem adore Deus como unidade. Lembrai-vos: não se deve adorar nenhuma expressão em particular – mas sim compreender que a expressão é apenas a adaptação da verdade à vossa própria mente.

Tomemos, por exemplo, uma verdade como o amor – pode não ser compreendido na sua plenitude, mas, ao subdividi-lo em caridade, benevolência, amizade, bondade, tornar-se-á mais fácil a sua compreensão. Pode haver três, quatro ou doze divisões desse tema, e, por esse caminho, aproxima-se mais facilmente da compreensão total.

Mas quem, possuindo o dom de um amor como o de Cristo, ou como o de uma mãe, necessita de caridade, de benevolência, de amizade ou de bondade para expressar esse amor, uma vez que o amor é omnipotente e suficiente por si só para toda a expressão? O mesmo se aplica àquilo que os homens adoram na Divindade. É por não sentirem o espírito divino que procuram subdivisões. É por não compreenderem a unidade que buscam os fragmentos.

A completude da vida mede-se pela sua plenitude – por ser um círculo, não um segmento, não uma fração. Sois angulares porque apenas uma parte dessa vida vos pertence; e, não a tendo, não sois responsáveis por não a expressardes; mas, uma vez adquirida a medida plena da verdade, ou do conhecimento, ou da sabedoria, ou do amor, não tereis necessidade de que estas sejam quebradas em fragmentos para que as possais compreender.

Partis o pão da vida para os vossos filhos como Cristo o partiu para os seus seguidores, porque não podiam compreender o todo – porque não podiam receber o todo. Mas a verdade última é aquilo que os homens perseguem, procuram, e onde tropeçam; é o que desejam, mas que os derruba na luta – não porque a verdade não exista, mas porque não têm capacidade para ela.

Quando a capacidade plena for conquistada, quando tiverdes vencido tudo o que em vós se interpõe entre vós e a verdade – eis que ela sempre ali esteve, à vossa espera, tal como o Sol esperou ser reconhecido como o centro do sistema, tal como as estrelas esperaram ser colocadas nas suas órbitas certas pela compreensão do homem, tal como tudo na natureza esperou, no seu próprio lugar, até que fosse

reconhecido – a vida sempre ali esteve; e assim estão os círculos e esferas espirituais, não inativos, mas cheios de atividade e promessa, à espera do vosso reconhecimento; assim esperam os doze anjos junto ao portal da vida para dar início a cada nova experiência que fará nascer a vossa alma, ou despertará a vossa compreensão divina da verdade – cada anjo levando a tocha da vida, como se diz que as horas transportam a luz do dia, ou como na antiga mitologia, onde a própria Aurora era iluminada no seu caminho pelos anjos acompanhantes das horas de luz, tal como a Noite era iluminada pelas horas de trevas.

Toda a mitologia é um pensamento consagrado à verdade e ensina à mente humana que aquilo que escapa à vossa compreensão e vos ilude não é impossível, nem improvável, nem invulgar – apenas ainda não chegastes; ainda não despertastes; ainda não vedes; não vereis as estrelas na sua glória perfeita até olhardes através da lente que as traz à vossa visão, nem podereis ver o átomo, senão de forma aproximada; nem podereis medir qualquer substância no seu estado original ou absoluto – apenas como ela se revela à vossa visão mais grosseira ou à vossa compreensão mais densa.

Assim é que a verdade vos chega: por estágios. Recebem-na em agrupamentos, em secções, em fragmentos – não compreendeis o todo. Apenas os anjos são completos; apenas os que são divinos compreendem a medida do ser. Mas é para que possais tornar-vos divinos, para que a medida da experiência de vida se cumpra, para que todas as tentações e dores humanas vos conduzam, como degraus, à concórdia divina – é nisso que acreditamos firmemente. E então vereis os doze anjos que guardam os portais da vida – e daquele outro portal chamado morte; vereis, ao vosso lar e ao vosso fogo, o toque mágico daqueles que, exaltando a luz da imortalidade, também trazem à vossa compreensão as maravilhas do passado e a profecia do futuro.

Vi luz de astros em cada direção,
Brilhando qual joia na coroa da vida,
Mas com poder diverso e distinção,
Pareciam mundos de guerra renhida,

De lutas, dores, constante tensão,
Alguns já mortos, sem guarida.

Pois sobre a Terra, em pleno florescer,
A humanidade cresce em ambição,
E o dom da vida, a se perder,
É suplantado pela dominação.
Do tempo brota, a escorrer,
Sangue a regar a estação.

Mas nenhuma estrela no céu se apagava,
Nem se ouvia no espaço discórdia ou dor,
Até que um feitiço, suave, brilhava,
Revelando a ordem com puro ardor.
Cada estrela, crescendo, se elevava,
Ganhando enfim seu fulgor.

E os espaços, outrora vazios,
Se enchiam da luz dum sol central,
Com brilhos eternos, intensos e frios,
Preenchendo o vazio universal.
E soube então dos desígnios sombrios:
Os homens também têm brilho astral.

Das sombras nasce a alma em labor,
Rumo ao estado de anjo, em ascensão,
Por cada centelha de eterno esplendor
Que habita nos mundos da imensidão.
E vi que os anjos, com puro fervor,
Brilham com sol no coração.

Até que cada peito, em sua essência,
Se rasgue ao toque do amor final,
E alcance, por divina competência,
Um céu acima do céu celestial.
Onde cada alma, em sua presença,
Vive em amor – como Deus, imortal.

A CURA ANGÉLICA DAS ALMAS

A seguir, apresenta-se um trecho de uma oração proferida em estado de transe pela Sra. Cora L. V. Tappan-Richmond.

As almas que caem na vergonha diante dos olhos dos homens ainda possuem um traço redentor, algum ponto de altruísmo, algum desejo de se elevar. E os espíritos que ministram na esfera da cura—o primeiro estágio da esfera da beneficência—recebem essas almas assim como vocês receberiam soldados vindos do campo de batalha, assim como acolheriam um homem caído de seu cavalo na rua ou um náufrago privado, por um momento, de vestes e abrigo.

Assim, no mar da vida, as almas que partem para a eternidade, naufragadas moral e espiritualmente, mas que ainda guardam algo a que se apegar no pensamento divino e aspiram a algo mais elevado, são acolhidas, e o processo de cura espiritual tem início. Elas não são recebidas para julgamento; não são levadas a um tribunal com júri, possivelmente composto por aqueles que as condenaram. Elas não são tratadas como criminosas, pelo simples fato de que a punição, em certas fases da doença moral, apenas agrava a enfermidade em vez de curá-la.

Quando se trata um paciente com febre, se for sábio, não se intensifica a doença. Não se golpeia um homem que já está mortalmente ferido. Não se lança uma pessoa em delírio a uma situação ainda mais intensa e se espera que ela se cure. O criminoso carrega consigo sua culpa; parte da vida com esse estigma marcado em sua existência exterior. Se a primeira coisa que visse ao cruzar para o mundo espiritual fosse um juiz e um júri, seria empurrado de volta à esfera sombria de onde veio.

Por isso, ele é recebido sem qualquer sinal de reprovação. O espírito encarregado compreende essa necessidade. A alma designada para recebê-lo permanece em silêncio, sem fazer qualquer menção ao seu passado. Ele é acolhido como se não houvesse nada em sua natureza que inspirasse repulsa. Ele é colocado em um estado de repouso mental. Não é confrontado, de imediato, com sua vítima—ele ainda não tem forças para isso. Não é recriminado por seus pecados—não suportaria sem se tornar rebelde. Ele é acolhido. E quando a bondade que lhe é oferecida for capaz de dissolver as marcas corrosivas do crime e da aflição, e por sua persistência tiver demonstrado que não há julgamento além daquele que vem de dentro, então a alma enferma se tornará sua própria acusadora.

Ainda assim, esse processo precisa ser cuidadosamente moderado. Pois o peso esmagador do arrependimento e a severidade do autojulgamento podem levar o espírito ao desespero. A sabedoria em ministrar a almas tão aflitas supera qualquer assistência prestada às enfermidades físicas na vida terrena. Esses espíritos precisam ser conduzidos ao arrependimento—não podem ser açoitados até a loucura ou ao desespero. Pelo gotejar constante das águas do amor, pela luz do sol que não incide sobre eles de maneira brusca e repentina, devem sentir que ainda há esperança.

O criminoso que adentra a vida espiritual pode, após algum tempo, contemplar a figura de uma mãe angelical inclinando-se sobre ele—mas não imediatamente. O choque seria muito grande. Pois como pode uma alma condenada pelos homens, que ingressa na existência espiritual por conta de uma enfermidade moral, encarar face a face o ser que mais amou na Terra? Não no início. Mas, depois que algum amigo desconhecido o tiver cuidado, ministrado e guiado no caminho da regeneração, então a voz, a mente e o espírito que mais o podem curar—aquele que lhe trará de volta as memórias da infância, que gradualmente o elevará ao arrependimento e à esperança—serão chamados para estar ao seu lado.

Gradualmente, o espírito se fortalece. Ele se torna mais resistente à autoacusação. E quando a condenação e o exame de consciência atingem um ponto em que somente a própria alma pode suportá-los, todos os outros espíritos se afastam, deixando-a sozinha com suas próprias reflexões. Somente então, de uma mãe, um filho, uma irmã, um amigo ou um conselheiro sábio e benevolente, vem a primeira voz de encorajamento. Somente quando a alma tiver purgado seu crime, quando tiver afogado sua dor e sua culpa em lágrimas de arrependimento, quando tiver lavado a mancha do sangue humano ou do erro humano, então a dor será gradualmente suavizada.

E essa cura não ocorre apenas por meio da assistência recebida—ela acontece também de outra forma. A alma arrependida e enferma é apresentada, sem perceber, a outra alma em sofrimento ainda maior. Aquele espírito, sem compreender exatamente por quê, sente o impulso de falar àquela alma, de ministrar a alguém que padece uma dor mais profunda. Ao apontar que também sofreu, ao tentar ajudar outro ser em angústia, ele dá seu primeiro passo para fora do sofrimento e sobe um grau em sua jornada rumo à força e à recuperação.

Assim, o espírito inicialmente atendido se torna também um ministro na esfera da beneficência.

Vocês já viram um soldado no campo de batalha, mesmo ferido, carregando um companheiro ainda mais gravemente ferido—por ser querido para ele, ou por terem lutado na mesma guerra? Ou, melhor ainda, já viram esse soldado carregando um inimigo caído?

Vocês já testemunharam, na batalha da vida, quando o grande peso da dor e do sofrimento recai sobre um homem, ou mais frequentemente (perdoem-nos por dizer) sobre uma mulher—essa mulher, apesar de sua própria dor e aflição, se erguer para ministrar a alguém que sofre ainda mais?

E como, ao fazer isso, a angústia desaparece de seu rosto, pois encontrou forças para aliviar o sofrimento de outro?

Tal é a esfera da cura dentro da esfera da beneficência. Tal é o trabalho da alma que, ao ajudar outros a se erguerem, vence os próprios sofrimentos. Não há cantos mórbidos onde o criminoso se senta, dia após dia, para se lamentar e refletir sobre seu destino sombrio. Não há celas solitárias onde a alma é condenada a permanecer em punição por um único erro, sem a oportunidade de auxiliar outro. Não se curam feridas morais permitindo que infecionem e se tornem gangrenadas. Não se penetra uma chaga já quase fatal com qualquer outra lâmina que não seja a da bondade e da justiça temperada com misericórdia.

Não lhes ocorreu, em algum momento escolhido e especial de felicidade em suas vidas—talvez no ápice da alegria egoísta que surge do amor ou da realização desse amor—que uma grande dor irrompe no seio da família ou do círculo social, levando-os a abandonar sua própria alegria para aliviar o sofrimento de outro? Esse é o momento em que vocês adentram a esfera da beneficência.

Toda alma, felizmente, passa por essa experiência ao longo da vida comum. Apenas o monstro—aquele caso raro e que confirma a regra—permanece totalmente imerso no egoísmo e na escuridão por um tempo indefinido. Não nos surpreende, incidentalmente, que na primeira esfera sombria as formas tomem a aparência de monstros, feras selvagens e dragões de terror, pois todos sabem que as paixões humanas, quando deixadas à própria sorte, se tornam como bestas de rapina, dilacerando a

própria vida do espírito. Mas, como dissemos, isso é a exceção, felizmente.

Existem almas que partem da vida terrena sem estarem corrompidas pelo mal, mas que ainda carregam vestígios dele em suas naturezas. Sua primeira lição na esfera da beneficência é ministrar a outra alma e, por meio desse ato, elevar-se acima da escuridão que de outra forma as cercaria.

Oh, a grande cura moral que ainda deve ocorrer no mundo! E quem são aqueles que curam as almas enfermas, os corações desfalecidos, os olhos cegos e os corpos espirituais incapazes de cumprir sua função corretamente?

Os sinos das igrejas tocam a cada domingo, e os fiéis, vestidos com suas melhores roupas e com expressões serenas, dirigem-se ao culto. O pregador, ou mestre, profere palavras que agradam à mente, elevam o coração e enobrecem os sentimentos intelectuais da congregação. Assim, os templos modernos de adoração tornam-se locais agradáveis de enriquecimento intelectual e estético durante as horas dedicadas ao louvor.

Mas quem vai além das aparências e descobre a alma enferma pelo pecado? Quem se preocupa e ministra àquele que, oculto num canto, jaz na escuridão, ou àquele cuja face sorridente esconde uma alma repleta de dor e angústia?

Quem faz isso entre os muitos autoproclamados ou oficialmente designados curadores espirituais?

Dizemos que o homem de Deus deve ser um curador, assim como é um mestre. Cristo, que curava os corpos dos homens e ensinava suas almas, também curava seus espíritos. O Mestre, cujo exemplo devem seguir, visitava a alma enferma pelo pecado com mais frequência do que o corpo ferido e machucado.

Que haja cura espiritual! O ensino é importante, mas a cura vem primeiro.

O homem doente não pode ser ensinado a manter-se saudável até que seja primeiro curado de sua enfermidade. Não se repreende alguém por ter cólera ou febre antes que esteja curado dela. Que haja aqueles que

curam os moralmente enfermos antes de os censurar; que tratam a enfermidade e buscam curá-la antes de ensinar como preveni-la. A prevenção pode ser ensinada àqueles que ainda estão relativamente saudáveis, mas para os que já estão doentes, devemos ter médicos misericordiosos, hábeis em todas as sutilezas da alma humana e suas múltiplas aflições.

Que haja aqueles que enxergam com clareza mental; aqueles que possuem um espírito penetrante; aqueles que discernem as almas; aqueles que são dotados de inspiração e profecia; aqueles que, antecipadamente, compreendem o que é necessário.

A viúva em seu luto, a jovem vestida de negro, a alma cercada pelo desespero—o médico espiritual, rápido e sensível, compreende tudo isso. Aos olhos do verdadeiro curador espiritual, nada deve permanecer oculto ou disfarçado. Ele deve perceber, de imediato, o estado do pulso espiritual; deve compreender, pelo olhar e pela expressão do rosto, qual doença oculta está ali. Deve saber se a deceção, a inveja, o orgulho, a malícia ou a falsidade estão estampados naquele semblante e corroendo aquele coração.

Oh, ele deve ser sábio!

E os espíritos que estão encarregados do grande círculo da beneficência—aquele círculo que, como vocês devem saber, recebe quase todas as almas que partem da vida terrena—possuem essas qualificações. Eles se tornaram compassivos por meio da dor; talvez compreendam o sofrimento dos criminosos porque já experimentaram suas próprias quedas e conseguiram se libertar delas. Eles se elevaram acima do crime e de seu sofrimento.

Pelo estudo dos pensamentos e das fraquezas humanas, estão preparados para ministrar às mais sutis enfermidades da mente. Sabem que nenhuma alma deixa a vida terrena (a menos que seja um anjo ou um messias enviado como mensageiro) sem, de algum modo, necessitar da administração da cura espiritual.

A FILOSOFIA DA TENTAÇÃO

Uma palestra em transe através da mediunidade da Sra. Richmond

Se não houvesse tentação; se as paixões não tivessem a tendência de arrastar o espírito para baixo, em vez de o espírito conduzir o corpo adiante; se a influência da matéria sobre o espírito humano não fosse o único obstáculo que este precisa vencer no universo, então a própria vida seria um fracasso, e uma raça de anjos poderia ter sido plantada aqui—seres cuja existência pacífica brilharia com uma luz refletida, como a lua, e cujos poderes positivos jamais se desenvolveriam a partir de seu próprio interior.

A responsabilidade se apresenta da seguinte forma: enquanto reconhecem a lei e sua aplicação universal; enquanto sabem que não criaram o princípio nem suas consequências; enquanto estão plenamente conscientes de que os propósitos infinitos seguem adiante sem sua interferência e possivelmente sem sua ajuda, ainda assim, quando um ser humano atinge a consciência de que determinado curso de ação é o mais elevado e falha em segui-lo—tendo tido o esclarecimento e o conhecimento—ele sofre uma penalidade dupla: não apenas viola a lei e sofre suas consequências, mas também viola aquela outra lei para a qual, segundo Cristo, não há perdão—o Espírito Santo, a voz interior que sabe e não pode forçá-lo a obedecer, mas o adverte.

Para esse pecado, não há perdão; pode ser superado ao longo de muitos anos ou séculos, mas a consciência que repreende o espírito não pode ser retirada de você. O médico pode aliviar a dor externamente ou até moralmente; se pecar por ignorância, pode haver alguém para consolá-lo; mas ninguém pode remover a dor da consciência de ter feito o que sabia não ser seu dever mais elevado, ou de ter violado a lei moral quando já a compreendia. Assim, nesse grau, você se torna responsável por si mesmo, ainda que não tenha criado a condição de fraqueza que o levou a ceder à tentação.

Acreditamos que a linha divisória é muito clara. Não se trata de ser responsável diante da Divindade; não é a Divindade que o pune, mas sim o fato de que você possui um juiz mais severo dentro de si—sua própria alma—à qual é responsável, e que o responsabilizará rigorosamente por

cada violação quando o conhecimento da lei já estiver em sua mente. Você se torna seu próprio juiz. O julgamento que recai sobre você é o julgamento de sua própria alma e a consciência de sua própria vida. Você se julga diariamente e, quando a plena consciência da lei moral se estabelece, torna-se impossível violá-la. Assim, a transgressão da lei moral e a acusação que a segue tornam-se os pilares sobre os quais o espírito se eleva à conquista do eu e à vitória.

Portanto, a violência e a consciência dela tornam-se a certeza do fato pelo qual se sabe—não pela experiência alheia, mas pela própria—que a vitória é possível.

Por que o pecador arrependido é acolhido de volta ao rebanho com júbilo? Por que toda teologia se concentra em pregar para as ovelhas perdidas, em vez de para aquelas que permanecem no aprisco? Por que aquele que quase mergulhou na escuridão absoluta é recebido com maior regozijo do que aqueles que nunca se afastaram da luz?

É porque a vitória se torna maior quando o retorno acontece.

É porque aquele que teve mais a superar, ao triunfar, realiza uma conquista maior sobre a matéria.

É porque a alma que nunca foi tentada permanece, em certa medida, intocada.

Feliz é a alma forte o suficiente para não ceder à tentação; mas mais feliz ainda é aquela que, após cair cem ou mil vezes, chega ao momento em que finalmente triunfa.

Todos conhecem a história da formiga que escalava a colina carregando sua pesada carga. Ela tentou novecentos e noventa e nove vezes e falhou. Na milésima tentativa, conseguiu. Foram em vão todas as suas tentativas anteriores? Pensamos que não. O resultado teria sido melhor ou tão significativo para a perseverança do inseto se ele tivesse conseguido na primeira tentativa?

Não encorajamos um abandono voluntário do esforço, nem aconselhamos uma queda deliberada na tentação. Isso é impossível. Nunca se peca de forma totalmente voluntária; o pecado ocorre apesar da vontade, ocorre por ignorância, ocorre devido a alguma fraqueza. O espírito nem sempre é forte o suficiente para elevar a pessoa ao nível

que deseja alcançar. Ela tenta e falha, tenta novamente e falha mais uma vez—e, durante todo esse tempo, sua força moral está sendo preparada para aquele esforço final que será bem-sucedido.

Nosso papel é compreender a lei desse sucesso, não criticar os testes de força que são impostos.

Nosso papel é nos adaptar ao sol, ao trovão, à tempestade e aos ventos da Terra, não julgar sua disposição no universo.

É a habilidade do marinheiro que é testada quando ele navega pelos mares e explora regiões desconhecidas, e não quando ele se queixa do oceano e deseja apagá-lo da existência.

É a força humana que é testada quando, lutando contra os elementos materiais—que são cegos, surdos e mudos—o homem transforma esses elementos na grande voz do comércio, da existência nacional e da vida terrena, e quando, a partir dessas criações silenciosas, resgata a eloquência de sua própria alma.

E assim, dessa escuridão que os homens chamam de pecado; desse oceano que os homens chamam de mal; dessa sombra contra a qual os seres humanos precisam se posicionar como pano de fundo da imagem da vida, se surgir uma chama brilhante da alma—como em algumas pinturas de Rembrandt, cuja luz se torna mais intensa pelo contraste com a escuridão—devemos criticar o Artista Divino por ter moldado essa existência de modo que a alma possa, diante do fundo escurecido da vida, revelar uma imagem forte de santidade, fé e confiança?

A lição do pecado é superá-lo. A degradação do pecado está em cair e acreditar que ele não pode ser vencido. O mal ou a transgressão que leva a mente ao desespero é a forma mais extrema da doença moral; mas o mal ou a transgressão que sempre deixa aberta uma possibilidade de socorro e esperança torna-se a força sobre a qual a alma finalmente se eleva.

É por isso que todas as formas de punição adotadas pela humanidade para os crimes mais graves não são as melhores soluções. Segundo os ensinamentos humanos, uma alma é enviada ao mundo da existência futura sem esperança.

Qualquer porta da vida humana que bloqueia a passagem para a esperança transforma-se temporariamente na prisão daquela alma.

Que possamos ter uma economia moral que compreenda onde o mal está, entenda o que é o erro, mas que, em sua beneficência, inclua a possibilidade de redenção e a força que a alma adquire ao superar suas falhas.

Que possamos ter uma teologia divina que compreenda a necessidade das tempestades e dos vendavais, mas que também nos ofereça o remédio que chega após a tormenta: aquela purificação que precede a bênção suave de novas flores e frutos renovados.

Que possamos incluir todo o problema moral, e não apenas metade, nem um décimo, nem uma milésima parte dele.

Que possamos reconhecer que o ser humano não é apenas uma criatura, uma máquina, mas uma porção da Vida Divina que respira através da matéria, a quem também foi concedida uma parte da responsabilidade da existência.

Ninguém gosta de ser apenas uma ferramenta nas mãos de seu empregador. O homem se rebela contra o jugo da dominação de outro homem. Mas, se ele é levado à confiança do empregador, torna-se parte do estabelecimento, sente-se envolvido e responsável junto a ele. Isso aumenta suas preocupações, mas também fortalece seu respeito próprio.

A Mente Divina tomou a humanidade como parceira no princípio moral. Vocês são co-participantes—e isso é muito melhor do que serem meros instrumentos, inquilinos ou crianças a serem apenas ensinadas, punidas e recompensadas sem vontade própria.

Essa co-participação divina que liga suas almas à Mente Divina também lhes dá uma parcela da responsabilidade da vida.

Não importa se isso aumenta seus sofrimentos.

Não importa se isso adiciona peso às suas preocupações.

A consciência de estar elevado a uma posição de confiança torna a alma mais apta a suportar tais fardos.

É nesse aspeto que o homem se diferencia da matéria inerte.

É nesse aspeto que a alma se torna co-herdeira da eternidade.

Essa herança é o elo que liga a parte imortal ao Infinito e faz com que o bem e o mal, o certo e o errado, sejam partes tanto da economia da alma humana quanto do propósito infinito da vida.

E é isso que faz com que vocês sejam responsáveis diante do tribunal de suas próprias consciências e do Espírito Infinito que nela se expressa pela violação das leis que trazem penalidade e sofrimento—e, por fim, conhecimento e triunfo.

Consideramos esta a solução sábia, e acreditamos que, quando essa verdade penetra a consciência do espírito humano, nem mesmo o pecado pode aterrorizar ou causar medo.

Acreditamos que o triunfo sobre a matéria e a morte não é tão grande quanto o triunfo sobre aquela morte que teme a penalidade final do erro mais do que busca fazer o bem por amor ao bem. Que possamos expulsar todas as paixões degradantes. Que possamos aceitar a filosofia divina e a religião divina.

Aceitemos essa filosofia que abrange o universo, que dá razão para todas as coisas e estabelece leis para tudo; que une a matéria com suas tempestades e bonanças, seu sol e sua sombra, seu inverno e seu verão, no glorioso ciclo da vida.

Que faz as flores desabrocharem sob a neve do inverno e, a partir das grandes tempestades, faz crescer a vegetação e as florestas.

Assim, no mundo moral, unamo-nos todos pela filosofia divina daquela teologia que reconhece no bem e no mal, no erro e na retidão, uma parte da economia infinita que tudo abrange e inclui, e que a alma deve compreender ao superar e vencer seus próprios desafios.

Elevemo-nos acima do medo insignificante de qualquer coisa que Deus possa fazer ao homem, pela consciência de que o homem é coigual a Deus em grau, e que, por meio da responsabilidade que lhe foi concedida em sua natureza moral, ele pode quase desafiar a lei ao triunfar sobre ela.

Quem teme a penalidade do assassinato? Quem se preocupa com a punição do roubo? Quem teme a penitenciária ou a prisão neste mundo? Quando avançamos além do crime, a penalidade já não nos parece cruel; apenas aqueles que ainda precisam do chicote e do castigo o sentem.

Lembremo-nos de que essas coisas devem existir, e que o flagelo necessário e o castigo necessário só podem ser substituídos pelo sorriso elevado e pela sabedoria mais benevolente—sabedoria essa que entrega o chicote às mãos do próprio indivíduo e o julgamento à sua própria consciência, deixando para sempre a luz do sol e o amor de Deus imaculados.

A NATUREZA DA VIDA ESPIRITUAL

No decurso do recente discurso da Sra. Tappan, em estado de transe, em Birmingham, ela disse:

Estais habituados a supor que, para se apresentar bem no mundo moral, a vossa morada, habitação ou os vossos arredores devem ser de determinada ordem. Agora, na vida espiritual, acontece o mesmo, mas a verdade é que a morada do espírito, assim como as vestes que usa e as diversas condições que o rodeiam, são o resultado de um tipo de labor muito diferente daquele que é empregado na Terra para alcançar tais coisas.

Não podeis obter estas recompensas por meio de qualquer sistema reconhecido de fraude contra o vosso próximo, nem através dos métodos habituais a que chamais “especulação”, “negócio” ou “formação profissional”; mas, pelo contrário, toda a propriedade do espírito é o resultado das suas qualidades mentais e morais genuínas.

O vosso corpo espiritual, na sua substância, só poderá atrair para si partículas de beleza na exata medida da beleza e da luz que há no seu interior. Não podeis esconder a escuridão interior sob um manto de esplendor, nem abrigar uma alma imperfeita num palácio de luxo. O pobre, que é honesto no seu propósito e se esforça por fazer o melhor, herda um lar, enquanto o príncipe, que nada deu senão aquilo que roubou dos pobres e dos desamparados, será um mendigo na vida espiritual. (*Aplausos.*)

Assim, a lei espiritual é inevitável: ao entrar na existência espiritual, encontrais-vos exatamente na condição e nos arredores que o vosso estado mental e moral vos proporciona. Descobris que construístes a vossa morada espiritual e vestistes o vosso corpo espiritual com um manto de bons pensamentos e atos ou com as sombras da maldade e da corrupção.

Isto não é apenas um sentimento poético ou uma figura de retórica, mas uma realidade tão palpável que pertence ao mundo legítimo da causa e efeito—onde a alma atrai para si os átomos que a embelezam e adornam na mesma proporção da sua própria beleza e da sua capacidade de os atrair.

O lírio, que contém em si a semente da flor, absorve do sol e do ar as propriedades que o revestem de brancura; do mesmo modo, o espírito, através do pensamento, da ação e da vontade, atrai para si as sombras da incerteza e da vida desregrada ou as puras e brilhantes partículas que cintilam à luz da verdade e da pureza.

Entre estes dois extremos encontram-se todas as almas no seu estado espiritual, quer estejam encarnadas ou desencarnadas; e, por isso, para a visão espiritual e no mundo espiritual, não há possibilidade de ocultar a verdadeira condição de uma mente da outra.

A máscara que se usa na Terra pode ser, muitas vezes, eficaz, mas mesmo aqui um observador perspicaz e intuitivo pode discernir as marcas do caráter ou perceber os traços que o vício imprime até na mais bela forma física. Contudo, no mundo espiritual, onde o corpo espiritual é composto por átomos que respondem muito mais rapidamente ao indivíduo, ele torna-se a exata expressão daquilo que a vida interior desse indivíduo foi.

E, ainda assim, se fosse apenas isto, não haveria qualquer dureza no julgamento. É suficientemente triste ver uma deformidade física na Terra, e ninguém olha para tal sem sentir compaixão e dizer: *"Pobre criatura."*

Assim também no espírito, quando uma alma deformada e pervertida se despe das vestes terrenas que talvez tenham sido uma máscara, é o bastante para que os anjos misericordiosos digam: *"Pobre alma."* Pois, na vida espiritual, a consciência da própria deformidade já é, por si só, um castigo.

Os estados da existência espiritual e as ocupações da alma correspondem ao pensamento e ao desejo inatos do indivíduo. O primeiro e principal objetivo de cada espírito é, então, esforçar-se por compreender as leis que regem a sua nova existência e adaptar-se a elas; descobrir de que modo essas deformidades podem ser totalmente erradicadas; e entender de que forma a alma pode ser embelezada.

Quando percebe que apenas através da manifestação de boas ações e pensamentos em relação aos outros essas imperfeições podem ser removidas, cada alma encontra imediatamente uma ocupação suficiente para si.

Pois nenhuma alma entra no mundo espiritual sem falhas; e esta é a grande missão de todas—desde as mais humildes às mais elevadas—corrigir os próprios erros e buscar perdão pelas injustiças cometidas.

E quando a alma descobre que a sua estrutura está maculada por algum ato ou feito praticado na Terra, não há descanso para esse espírito até que a doce sensação do perdão se faça sentir.

Se alguém te fez mal, apressa-te a perdoar, pois não sabes que alma podes estar a arrastar para a queda ao manter o pensamento de falta de perdão; e não sabes que mancha isso pode deixar na tua própria alma, já que tu também desejas ser perdoado.

Apresentamos-te estas reflexões sobre os estágios da vida espiritual como o testemunho unido daqueles que conversam diariamente e a cada hora com seres espirituais.

E quanto aos bebés que partem do vosso meio, essas flores delicadas dos vossos próprios corações, sobre os quais tantas vezes vos questionastes sobre o seu paradeiro, lembrai-vos de que tão bondoso é o Pai Divino que, na vida espiritual, estas crianças são cuidadas por guardiões angélicos, que as tomam nos braços e as levam para moradas de tão doces flores, transplantando-as para os reinos celestiais, onde podem ganhar sabedoria, conhecimento e crescimento, para um dia vos receber como anjos quando chegardes às suas moradas.

Se foram privadas da experiência terrena, podem, através da observação e da orientação, alcançar força espiritual; e tal é a compensação da natureza em toda a parte, que aqueles que foram privados da experiência terrestre na infância, também são poupados de

grande parte das dores terrenas; e o bebé que te acolherá será o anjo sorridente que preparou o caminho para ti na morada das almas.

Quando todos aqueles que amaste tiverem partido para lá, e quando o ar estiver povoado por aqueles em quem confiaste quando estavam ao teu lado, hesitarás em estender a mão na escuridão só porque os teus sentidos estão velados?

Antes, diz àqueles que sempre foram bondosos contigo na Terra:

"Oh, abri estes olhos, para que não sejam mais cegos, e estes ouvidos, para que não sejam surdos, e esta compreensão, para que não seja obscurecida, e deixai-nos ver o verdadeiro mundo, que até agora tem sido apenas um reflexo distorcido pelas sombras terrenas." (*Aplausos.*)

ALGUNS MÉTODOS PARA A PRODUÇÃO DE MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Uma Oração proferida pela Sra. Cora L. V. Tappan, sob Influência Espiritual, em Lawson's Rooms, Gower Street, Londres, em 26 de novembro de 1873.

Esta noite, Sr. Presidente, Senhoras e Senhores, chamaremos sua atenção para alguns fatos, ou supostos fatos, relacionados às manifestações espirituais, começando pelas que são caracterizadas como materiais e nos esforçando para descrever, na medida do possível, como o espírito controla substâncias materiais e manifesta uma presença tangível.

Quaisquer que sejam as críticas dirigidas à conexão entre o Espiritualismo e a ciência, e por mais que os cientistas afirmem que os espíritos não deveriam interferir nas ciências materiais, é impossível compreender como o espírito poderia evitar a investigação material e o conhecimento da ciência física, quando lhe é exigido que produza manifestações materiais.

Como pode um espírito—supondo-se, naturalmente, que seja imaterial—manifestar-se de forma tangível e material sem algum elo consciente entre sua mente e a substância física que governa?

Os investigadores fariam bem em pausar e considerar que a ciência ainda está em sua infância, e que as mentes científicas mais brilhantes são aquelas que confessam saber o mínimo.

É verdade que o Espiritualismo, como ciência, também está apenas começando, e que, embora certas condições sejam conhecidas, ninguém pode afirmar com certeza quais são elas.

Resta, portanto, aos espíritos desencarnados ou aos mortais encarnados apontar quais são as melhores condições sob as quais essas manifestações podem ocorrer.

Em uma palestra anterior, foi dito que as manifestações espirituais não ocorrem por meio da eletricidade. Isso foi testado e comprovado por diversos espiritualistas eminentes na América, e possivelmente também neste país.

Hudson Tuttle, cuja mediunidade possui uma alta ordem intelectual e que se dedica exclusivamente à ciência material, demonstrou que a substância por meio da qual os espíritos atuam nas manifestações físicas não é eletricidade.

Pode haver semelhança em algumas propriedades, mas essa semelhança não é suficiente para determinar que se trata do mesmo material.

Além disso, ocorreram manifestações sob condições que excluem a possibilidade de a eletricidade ser a força ativa.

Por exemplo, se essa aura fosse elétrica, não poderia atravessar o vidro. No entanto, em experiências, as mãos e os pés dos médiuns foram colocados sobre placas de vidro, seus assentos também foram apoiados em vidro, e ainda assim os ruídos característicos (rappings) e outras manifestações ocorreram normalmente.

Isso demonstra que essa aura ou substância possui uma natureza semelhante à eletricidade, permitindo a ocorrência de vibrações, mas essas vibrações ocorrem em conexão com outros elementos e propriedades.

Por exemplo, o oxigênio que o corpo humano absorve, não apenas pelos pulmões, mas também pelos poros da pele por meio de um processo de ação endosmótica, é posteriormente expelido através de uma ação exosmótica na forma de dióxido de carbono.

Esse gás é tóxico para o organismo humano caso seja inalado novamente, mas, sob a manipulação do espírito, ele se combina a uma certa força ou energia, que, na falta de um termo melhor, chamaremos de aura nervosa.

Essa força é semelhante àquela que vibra ao longo do sistema nervoso do corpo humano, e é sobre essa substância que os espíritos atuam para produzir sons.

O nitrogênio é o mais sutil de todos os elementos atmosféricos.

O dióxido de carbono, quando misturado ao nitrogênio em proporções atômicas específicas, torna-se a matéria pela qual são produzidas luzes espirituais e vibrações.

Essas vibrações ocorrem em conexão direta com certas condições conhecidas pelos espíritos, mas desconhecidas pelos humanos, pois não possuem instrumentos suficientemente sensíveis para analisar essas forças.

Quando o médium está em um ambiente onde há abundância de dióxido de carbono, as manifestações ocorrem, mas a saúde do médium sofre devido à falta de oxigênio.

O oxigênio, por sua vez, destrói as condições necessárias para que os espíritos possam operar livremente na produção de manifestações físicas.

Por outro lado, o oxigênio é um elemento fundamental para a sustentação do corpo humano e para a estimulação da atividade mental.

Portanto, as sessões onde ocorrem as manifestações físicas mais intensas costumam ser, do ponto de vista da qualidade do ar, as mais insalubres, pois a atmosfera que sustenta seus corpos não é a mesma que os espíritos empregam para produzir manifestações vigorosas e violentas.

Objeções têm sido feitas, e com muita razão, às sessões conduzidas no escuro.

Quando essas objeções são apresentadas aos espíritos, eles—sejam mais ou menos esclarecidos—respondem que há algo na luz que destrói seu poder de manifestação.

Algumas pessoas supõem que a dificuldade das manifestações espirituais na luz se deve à positividade das mentes presentes, que, ao

enxergar e antecipar o que está acontecendo, interferem no fenômeno. No entanto, isso não é verdade.

A análise espectral revela três cores primárias e suas graduações—vermelho, amarelo e azul. Os raios vermelho e amarelo são os mais antagônicos à vegetação, à vida animal e à produção de manifestações espirituais.

Se um ambiente fosse construído de forma a permitir a entrada apenas dos raios azul e violeta, não haveria necessidade de realizar sessões espirituais no escuro.

Os raios azul e violeta constituem a maior parte da luz visível estendida quando vista através de um prisma.

É também a luz predominante no espaço.

O céu, a atmosfera e toda a vastidão do espaço parecem azuis ao olho humano.

Esse raio violeta, por não conter as propriedades antagônicas dos raios vermelho e amarelo, não impediria a ação dos espíritos, como ocorre com essas outras cores.

Se uma sala for iluminada apenas pelo raio violeta, as sessões poderão ser conduzidas sem a necessidade de escuridão.

Qualquer pessoa que deseje testar esse experimento e tenha em sua família ou círculo um médium de manifestações físicas perceberá que a intensidade das manifestações aumenta na medida em que os raios amarelo e vermelho são excluídos.

Na fotografia, uma certa quantidade de luz vermelha é necessária; o azul, sozinho, não seria suficiente.

Isso, no entanto, não se aplica à fotografia espiritual.

Certos tipos de manifestações espirituais podem ser produzidos sob a luz violeta, desde que as instruções adequadas sejam seguidas pelos espíritos que as controlam.

Se alguém objetar que as manifestações físicas podem ocorrer na luz, responderemos que, embora muitos consigam produzi-las, isso ocorre sob circunstâncias difíceis e com grande desgaste para o médium.

Portanto, cabe ao investigador tentar experimentos que minimizem o esforço e maximizem a intensidade e o poder das manifestações.

Em qualquer investigação científica, há sempre um longo período entre a primeira demonstração de um fenômeno e sua perfeição final, até que ele possa ser compreendido e ensinado sistematicamente.

Os médiuns são tão variados em suas formas de expressão—e suas características individuais diferem tanto—que os espíritos frequentemente precisam de anos para produzir a mais sutil evidência de sua presença em um ambiente físico.

Por isso, qualquer método que possa auxiliar os espíritos a se manifestarem mais plenamente deve ser aceito de forma consciente e voluntária.

As diversas vibrações da luz e seus efeitos sobre os diferentes organismos pertencem à esfera da investigação científica, a qual não pretendemos abordar em detalhes aqui.

Nosso objetivo é apenas destacar que certas propriedades elementares existem entre o mundo material e o mundo espiritual, e que essas propriedades podem ser utilizadas para facilitar a intercomunicação.

Se uma mente encarnada pode influenciar substâncias materiais, uma mente desencarnada também pode fazê-lo, não apenas influenciando as mentes humanas, como defendem alguns magnetistas e psicólogos, mas também influenciando a atmosfera ao redor.

O sucesso da investigação espiritual depende diretamente da qualidade dessa atmosfera e da harmonia de suas vibrações, pois qualquer distúrbio pode afetar o fluido nervoso do médium e dificultar as manifestações.

Muitas vezes, ouve-se alguém dizer:

"Os espíritos nunca conseguem se manifestar na minha presença."

Isso é muito provável—muito provável, de fato!

Mas isso não deveria ser motivo de orgulho.

Se for um fato, é um fato quase vergonhoso.

A ideia de que um ser humano pode possuir uma energia tão positiva e um ceticismo tão poderoso que consegue bloquear a influência de uma mente desencarnada não é algo louvável.

A única forma correta de entrar em uma sessão espírita é deixar essa resistência para trás.

Muitos perguntam:

"Se os espíritos são independentes, por que isso os afeta?"

A resposta é simples:

Uma mente positiva e resistente, ao entrar em um círculo de investigação espiritual, é como uma luz forte dentro da câmara escura do fotógrafo—interfere na revelação das imagens.

Ou como alguém que desenterra uma semente do solo a cada dia para ver se está crescendo.

Ou, ainda, como qualquer outro tipo de intervenção agressiva nos processos naturais.

Seria motivo de orgulho ir ao jardim na primavera e, ignorando os protestos do jardineiro, impedir todas as sementes de germinarem?

Seria motivo de orgulho interromper um experimento científico, manipulando os reagentes e impedindo qualquer resultado no laboratório de um químico?

É possível destruir todas as fotografias da cidade de Londres se o fotógrafo permitisse.

Da mesma forma, é possível destruir as condições que permitem a ação dos espíritos.

Mas isso não é necessário.

Não há necessidade de entrar nessa investigação como os antigos cavaleiros que se preparavam para enfrentar demônios e dragões.

Não há necessidade de colocar uma armadura, a menos que exista um verdadeiro perigo.

Ninguém é obrigado a se proteger de nada além dos próprios preconceitos.

É preciso simplesmente estar aberto para receber e analisar a verdade.

A simples presença de uma mente extremamente positiva em um ambiente é suficiente para destruir as condições de uma sessão.

Um médium sensível não precisa ouvir uma única palavra da pessoa para sentir sua resistência.

Isso é como a chegada do gelo do inverno:

Os pulmões percebem a frieza antes mesmo da pele senti-la.

Essa resistência—esse ceticismo—penetra no ambiente e impede a formação da aura necessária para as manifestações espirituais.

Toda a ação exosmótica cessa, e não há mais substância disponível para que os espíritos possam atuar.

Essa é uma explicação simples e lógica, que deveria ser compreendida por qualquer investigador sincero.

E, no entanto, muitos entram em uma sessão como se fossem para uma batalha, armando suas mentes como se enfrentassem um inimigo.

Esse não é o método que utilizam para investigar qualquer outra área da ciência.

Além disso, qualquer pequena interrupção na formação do círculo pode alterar as condições necessárias para a manifestação.

A substituição de uma única pessoa pode ser suficiente para desfazer completamente as condições espirituais já estabelecidas.

Se houver uma série de sessões dedicadas à investigação dos fenômenos espirituais, é essencial manter o mesmo grupo de pessoas ao longo de um período de tempo.

Dessa forma, os resultados serão mais satisfatórios, e os participantes serão guiados passo a passo pelos espíritos que os orientam.

Não há necessidade de suspeitar que os médiuns sejam trapaceiros ou charlatões.

Quando convidam um amigo para jantar em sua casa, não pedem que os criados o vigiem para garantir que ele não roube nada.

Por que, então, ao convidar alguém para investigar o Espiritualismo, haveriam de suspeitar imediatamente de fraude?

As pessoas que possuem honestidade na vida cotidiana não precisam ser vigiadas para evitar pequenos truques.

Se isso não fosse verdade, deveriam então suspeitar até mesmo de seus amigos e entes queridos em todas as áreas da vida.

O verdadeiro mistério é como, apesar de todas as dificuldades e barreiras criadas pelos investigadores céticos, os médiuns ainda conseguem produzir qualquer manifestação espiritual.

E quando essas manifestações ocorrem mesmo diante dessas condições adversas, isso apenas reforça o poder inegável do mundo espiritual, que cedo ou tarde exigirá o reconhecimento da ciência.

Se você deseja escrever e tem confiança de que é um médium de escrita, pegue um lápis—essa será a melhor opção—e tente manter sua mente o mais passiva possível, afastada do tema da comunicação, mas sempre em um estado de aspiração e oração.

Esse estado mental é característico das pessoas acostumadas à meditação religiosa, que se afastam de pensamentos conflitantes ou de ações de natureza material.

Tudo aquilo que ilumina ou sustenta a mente é um tema adequado para a pessoa que aguarda a manifestação da presença espiritual contemplar.

No entanto, o ideal é que a mente esteja sem qualquer pensamento positivo ou direcionado a um tema específico.

Quando ocorre uma vibração mental, a primeira sensação será como se uma brisa fresca estivesse passando sobre você ou ao longo do seu sistema nervoso.

Haverá algo semelhante a um arrepio ou ao choque de uma bateria elétrica.

Essa é a primeira evidência da presença dos seus amigos espirituais.

Ao atuarem sobre a atmosfera ao seu redor, os espíritos geram essa perceção de arrepio ou choque eletromagnético.

Quando essa sensação se tornar suficientemente percetível e tangível, a vibração mental será estabelecida.

Mesmo que sua mão não se mova automaticamente para escrever, a primeira ideia que surgir em sua mente será frequentemente desconectada do seu estado de meditação.

E muitas vezes essa será exatamente a mensagem que o espírito deseja transmitir. Se a escrita ocorrer de forma automática, permita que sua mão se mova livremente. Evite ler as palavras ou letras enquanto escreve.

Se, por outro lado, a comunicação ocorrer por impressão mental, você deve estar atento para garantir que seus próprios pensamentos não antecipem o que o espírito deseja expressar. Essa é uma forma mais sutil—e ao mesmo tempo mais elevada—de inspiração espiritual.

Quando a mente inspirada se acostuma a distinguir entre seus próprios pensamentos voluntários e aqueles apresentados pelo espírito, torna-se possível manter uma comunicação com eles tão claramente quanto entre pessoas vivas. Isso acontece porque as vibrações mentais podem ser geradas de forma tão tangível quanto o som.

Na verdade, elas frequentemente se manifestam como se fossem sons, mas, nesse caso, não se trata de uma vibração física captada pelo órgão da audição, nem do movimento do ar ao redor. Em vez disso, é uma sensação semelhante produzida diretamente no cérebro pelo fluido nervoso, que entra em contato com a mente do mesmo modo que o som entra pelos ouvidos.

O TRANSE E A INTERVENÇÃO ESPIRITUAL

Quando ocorre a mediunidade de transe, trata-se de um estado de sono magnético sem a presença visível de um operador.

É completamente impossível para uma pessoa se auto-mesmerizar.

Você não pode ser, ao mesmo tempo, o psicólogo e o paciente.

Você não pode estar simultaneamente desperto e adormecido.

Se um indivíduo entra em um estado inconsciente e manifesta inteligência nesse estado, isso prova que outra mente está controlando seus órgãos cerebrais—seja de maneira mais perfeita, seja de forma imperfeita.

Cada vibração mental gera uma correspondente capacidade no cérebro para repetir essa vibração.

No entanto, o espírito desencarnado pode transcender a cultura natural ou externa do médium, pois está mais acostumado a lidar com os elementos sutis que controlam o cérebro. Assim, o espírito pode produzir um estado de vibração elevado no médium.

Porém, nenhum espírito pode expressar, durante o transe, um pensamento que o médium não teria capacidade de expressar caso fosse melhor cultivado intelectualmente. Você não pode encher um recipiente pequeno com mais líquido do que ele pode conter.

Da mesma forma, nenhum organismo pode expressar mais do que seria naturalmente capaz, mesmo no seu mais alto estado de desenvolvimento.

Mas é possível levar esse organismo ao limite máximo de sua capacidade.

O espírito desencarnado pode explorar as partes mais sutis e refinadas do cérebro do médium, muitas vezes com mais habilidade do que o próprio espírito encarnado que habita esse corpo.

Isso acontece porque o médium pode nunca ter sido treinado para utilizar todas as potencialidades da sua própria mente.

Assim como um músico habilidoso pode extrair de um instrumento sons belíssimos, enquanto um inexperiente só consegue produzir acordes comuns, o espírito experiente pode "tocar" o cérebro do médium de maneira refinada.

No entanto, nenhum músico pode superar a capacidade do instrumento que usa. Um piano não pode produzir o som de um tambor. Um clarinete não pode emitir a vibração característica de uma harpa. Essas são leis fundamentais da mediunidade que devem ser compreendidas.

Quando um médium expressa pensamentos além da sua habilidade normal, isso ocorre porque o espírito encontrou um organismo adequado para se manifestar.

Se os espíritos não transmitem as mesmas ideias que tinham em vida, deve-se considerar dois fatores: O médium pode não ter sido treinado no conhecimento específico que o espírito deseja transmitir. O próprio espírito pode ter mudado suas opiniões após sua passagem para o outro plano.

Os espíritos não mantêm sempre as mesmas convicções que possuíam na Terra. Eles estão constantemente evoluindo e se tornando mais iluminados. Além disso, podem estar expressando suas ideias por meio de um instrumento imperfeito.

Esses pontos devem ser sempre considerados.

A IMPORTÂNCIA DO TRANSE COMO PROVA DE INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

O aspeto mais importante a ser considerado na comunicação de um médium em transe é o seguinte:

A mensagem expressa vem de uma inteligência independente, fora do controle do médium e fora do controle de qualquer pessoa presente no ambiente. Isso se torna, portanto, uma questão de interesse individual

para quem investiga. Sempre que possível, no ambiente familiar, convoquem a presença dos amigos espirituais da família.

No entanto, não cabe à investigação geral determinar se um determinado espírito famoso realmente controla um médium. Benjamin Franklin, por exemplo, já teve que assumir a autoria de muitas ideias que nunca pensou em vida.

Vários espíritos ilustres já foram citados e podem até permitir que seus nomes sejam usados, mesmo que não estejam realmente presentes.

Mas o mais importante não é saber se é Franklin ou se é o seu sapateiro que está se comunicando.

O essencial é que seja uma inteligência—alguma consciência individualizada fora do corpo físico—transmitindo a mensagem.

Na congregação da sociedade e na atração dos espíritos para você, há uma lei tão rigorosa e positiva quanto qualquer lei da natureza.

Você sempre atrairá para si espíritos semelhantes a você—aqueles que possuem um grau de cultura espiritual próximo ao seu.

Pode ser que você deseje atrair certos espíritos que não pode, e pode ser que espíritos que lhe são totalmente desconhecidos sejam atraídos por você devido a alguma similaridade de pensamento.

Na vida espiritual, não existem leis arbitrárias ou regulamentos fixos para a formação e a organização da sociedade.

Os laços de consanguinidade permanecem, mas muitas vezes os membros de uma mesma família não são os mais unidos e não se atrairiam naturalmente se não fosse pelas leis sociais e sanguíneas.

Quando esses indivíduos passam para a vida espiritual, o pai cruel, o filho antagonista, a mãe ou irmã desarmoniosa não são obrigados a permanecer juntos se não forem atraídos por laços de afeto genuíno.

Eles buscarão companheiros mais semelhantes a si mesmos, e assim se formarão famílias e fraternidades espirituais baseadas na afinidade mental e emocional.

Por isso, muitas vezes você se surpreende ao receber comunicações de espíritos que não conheceu em vida.

Mas por que não? Alguma qualidade mental ou aspiração do coração pode ter atraído esse espírito até você. Muitas vezes, seus guardiões

espirituais são seres que você nunca conheceu ou sequer pensou em vida. Da mesma forma, ao ler livros de certos autores, você pode sentir que algumas frases ou pensamentos lhe tocam profundamente e dizer:

"Eu gostaria de conhecer esse escritor."

As leis do espírito são tais que, se você aspira à associação de determinada mente e possui as qualidades necessárias para atraí-la, ela se tornará sua companhia.

Entretanto, não seja uma esponja espiritual. Existem pessoas assim—e existem espíritos assim. Há aqueles que apenas absorvem conhecimento e energia, mas nada oferecem em troca. Eles requerem uma pressão externa para darem algo de si, e pertencem à classe de espíritos que não se alinham às mentes mais elevadas.

Por isso, quando desejar se conectar a uma mente—seja encarnada ou espiritual—certifique-se de que também há em você algo que possa ser oferecido em troca.

Os espíritos não estão à disposição para satisfazer sua curiosidade ou seus desejos egoístas.

Se não houver uma troca legítima, um aprendizado mútuo, o mundo espiritual se tornaria um mendigo, ministrando aos habitantes da Terra sem receber nada de volta. Faz parte da missão dos espíritos compartilhar seu conhecimento, mas é seu dever transmiti-lo a outros. Dessa forma, mantém-se o equilíbrio natural das leis do universo.

Aquele que deseja receber luz e conhecimento deve também compartilhá-los.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

SOBRE MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

1. Se um espírito se materializa e se torna visível para todos, caminhando pela sala e falando como nós, essa seria a voz real do espírito?

Resposta:

De maneira alguma.

Essa seria apenas uma voz criada artificialmente, pois a forma que se vê não é realmente a forma do espírito, mas sim uma estrutura que ele cria a partir dos elementos atmosféricos do ambiente.

Consequentemente, a voz ouvida não é a voz autêntica do espírito, mas sim uma construção associada a essa forma temporária.

A verdadeira voz do espírito não seria audível ao sentido externo da audição.

2. Qual seria o meio mais prático para produzir raios violeta durante uma sessão espiritual?

Resposta:

Acreditamos que uma sala iluminada por uma lâmpada de querosene com vidro de cor violeta poderia funcionar muito bem.

Entretanto, o ideal seria que o raio violeta fosse projetado no ambiente através de um prisma, pois isso criaria uma condição mais pura e absoluta.

No entanto, esse método envolveria um alto custo e complexidade técnica.

A forma mais simples e acessível seria utilizar luz artificial filtrada por um vidro azul-violeta.

O tom de azul que se aproxima do índigo-violeta seria o melhor, pois esse é o espectro de luz que não interfere nas vibrações espirituais.

3. Os raios normais da luz do dia, tratados da mesma maneira, teriam o mesmo efeito?

Resposta:

Sim, mas raramente as pessoas realizam sessões espirituais à luz do dia.

Além disso, há dificuldades em neutralizar a influência dos raios solares, que continuam atuando por um tempo, mesmo depois do pôr do sol.

O momento mais favorável para manifestações espirituais ocorre logo após o pôr do sol, pois nesse instante há maior facilidade para a materialização da forma do espírito.

Dessa forma, a luz artificial filtrada seria mais adequada para sessões espirituais.

4. Seria saudável ter janelas de vidro violeta em nossas casas?

Resposta:

Não propomos que vocês adotem os raios violeta no dia a dia.

Entretanto, estudos demonstram que as plantas crescem muito bem sob vidro violeta.

Talvez fosse interessante testar o efeito nos seres humanos.

5. Sobre os raios violeta no espectro da luz, sabemos que os raios azuis são essenciais para a fotografia. Já experimentei uma lente de azul tão intenso que quase chegava ao índigo, e com isso consegui capturar uma fotografia espiritual. Isso confirma a necessidade do azul no espectro fotográfico?

Resposta:

Nós afirmamos que, nos processos fotográficos comuns, a luz vermelha é essencial.

No entanto, na fotografia espiritual, isso não se aplica.

As imagens espirituais são captadas mais facilmente pelo raio violeta, pois esse espectro possui a sutileza necessária para decompor os elementos sobre os quais o espírito atua.

Nossa menção ao raio vermelho foi feita apenas em referência ao processo tradicional da fotografia, não à fotografia espiritual.

Somente o raio violeta é essencial para a fotografia espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas respostas evidenciam que a comunicação espiritual e as manifestações mediúnicas seguem leis naturais tão rigorosas quanto qualquer ciência.

O processo de atração de espíritos, o uso da luz, a materialização e as influências vibracionais não são aleatórios—eles ocorrem de acordo com princípios bem definidos.

Se compreendermos esses princípios, poderemos facilitar e potencializar as manifestações espirituais, criando um ambiente propício para a comunicação entre os mundos.

E, acima de tudo, devemos lembrar:

O verdadeiro aprendizado espiritual não vem apenas da receção passiva, mas também da troca e da transmissão do conhecimento recebido.

DISCURSO DO PROFESSOR MAPES

Sr. Presidente, Senhoras e Senhores,

Tive o prazer, há duas semanas, de dirigir-me à audiência presente naquela ocasião para compartilhar algumas de minhas experiências, tanto na Terra quanto no mundo espiritual, relacionadas ao Espiritualismo.

Claro, Senhores, enfrento algumas dificuldades ao controlar um médium, e ainda mais ao expressar minhas ideias; mas, se há algum médium que posso controlar, algum cérebro através do qual posso me manifestar, é este.

Pois, durante dez anos de minha vida terrena, fui amigo dela e recebi meus primeiros conceitos filosóficos claros sobre Espiritualismo por meio dela.

Prometi a mim mesmo que, ao adentrar a vida espiritual, eu a controlaria mediunicamente, pois percebi que suas qualidades intuitivas e espirituais eram mais desenvolvidas que as minhas.

Eu a encontrei menos materializada do que eu mesmo fora em vida;

Por isso, talvez eu não consiga transmitir minha filosofia material com total precisão através dela.

No entanto, na ocasião mencionada, cometi apenas um erro em minha fala.

Não foi um erro de pensamento, mas sim um deslize verbal.

Afirmei:

"Não há diferença química entre calcário e mármore."

Mas eu deveria ter dito:

"Não há diferença química entre giz e mármore."

Porém, como o calcário já estava em minha mente, pois eu falava sobre fosfato de cálcio, usei essa palavra por engano.

Felizmente, tive a oportunidade de revisar a transcrição e corrigir o erro antes que fosse publicada, garantindo que a informação fosse divulgada corretamente como "giz e mármore", conforme eu havia originalmente pretendido.

CRÍTICAS AOS ESPÍRITOS E À CIÊNCIA ESPIRITUAL

Agora, parece que há um certo grupo de pessoas no mundo—por falta de um termo melhor, chamemo-los de genus scribilio—que consideram que o mundo espiritual, assim como o mundo terreno, deve ser alvo de suas críticas.

Quando eu ainda estava encarnado, esse tipo de "animal" já existia em grande número.

Eles desfilavam com seus julgamentos, atacando não apenas indivíduos da vida privada, mas qualquer pessoa que não compartilhasse suas opiniões pessoais ou que se recusasse a aceitar aquilo que eles consideravam correto.

Alguns alegam que os espíritos não deveriam se manifestar sobre assuntos científicos, pois sempre cometem erros evidentes.

Ora, eu responderia que os erros não são exclusivos dos espíritos.

Durante toda minha vida terrena, passei um ano "desaprendendo" o que havia aprendido no ano anterior.

E acredito que essa seja a experiência de toda mente em evolução.

No mundo espiritual, não há conceitos definitivos ou imutáveis.

Nós não afirmamos possuir a verdade absoluta, apenas uma aproximação da verdade.

E dirijo-me a esse genus scribilio para dizer:

Cada afirmação que fiz, com exceção do erro verbal já corrigido, é verdadeira.

Se alguém considera que não seja, então cabe a esse indivíduo—como cientista—provar o contrário.

A POLÊMICA SOBRE VÊNUS

Fui chamado para relatar minhas experiências, e tudo o que expressei foi baseado unicamente nelas.

Entretanto, fui duramente criticado por ter feito declarações sobre o planeta Vênus.

Mas o que importa, no atual estado da ciência terrena, se Vênus é habitado ou não?

Essa questão merece mesmo tanto debate?

Se um espírito escolhe expressar sua opinião sobre isso, isso seria mais absurdo do que as teorias de Darwin, de Agassiz ou do Dr. Carpenter?

Será que um pensamento se torna automaticamente ridículo só porque foi dito por um espírito?

A FIABILIDADE DOS MÉDIUNS E A QUESTÃO DO PLANETA VÊNUS

O mesmo crítico alega que os médiuns clarividentes não são confiáveis para tratar de assuntos científicos.

Ora, não me cabe corrigir as declarações de outros espíritos ou as incongruências de outras mentes.

Se assim fosse, talvez eu tivesse de pedir desculpas por muitos cientistas encarnados também.

Mas não o farei.

Tudo o que desejo esclarecer é que os clarividentes relatam aquilo que veem, assim como os espíritos expressam aquilo que percebem.

Esse editor disse que outros clarividentes—como Andrew Jackson Davis—afirmaram que os habitantes de Vênus são muito inferiores aos da Terra, enquanto eu declarei o contrário.

Mas vejamos um exemplo:

Se um espírito de Vênus estivesse investigando os habitantes da Terra e seus guias espirituais o levassem à África, o que ele veria?

Ele veria os ancestrais do Sr. Darwin.

Então, será que ele concluiria que os habitantes da Terra estão em um alto grau de civilização?

Agora, suponha que outro espírito viesse para a Terra, visitasse a Inglaterra e fosse direto ao santuário sagrado desse editor.

Será que ele não retornaria a Vênus deslumbrado, acreditando que a Terra é habitada por seres celestiais que já alcançaram o auge do conhecimento humano?

E que, por serem tão sábios, não precisam de mais nenhuma informação do mundo espiritual?

CONCLUSÃO

Este é o problema central da crítica feita aos espíritos:

O que se aceita de um cientista encarnado é rejeitado quando vem de um espírito.

Se Charles Darwin, Louis Agassiz ou Dr. Carpenter expressam suas opiniões, isso é visto como uma teoria válida, digna de consideração.

Mas se um espírito faz o mesmo, então é considerado absurdo e deve ser ridicularizado.

Isso não é ciência. Isso é preconceito.

Se as ideias são tão facilmente descartadas apenas porque vêm do mundo espiritual, então como poderá haver progresso verdadeiro?

DEFESA DO PROFESSOR MAPES SOBRE AS CRÍTICAS RECEBIDAS

Agora, esses dois relatos, embora verdadeiros, difeririam entre si.

E algum editor — caprichoso, sem dúvida, quanto ao planeta Vênus — diria:

"Isso não pode ser verdade, pois as declarações se contradizem!"

Mas você e eu sabemos que ambas as afirmações podem estar corretas.

O que ocorre é que, de fato, existem diferentes classes de espíritos no planeta Vênus.

Aqueles de quem eu falei não são os mesmos que o Sr. Andrew Jackson Davis viu.

Mas não passou pela mente desse editor que poderia haver duas categorias de seres espirituais naquele planeta.

Para ele, qualquer divergência nas descrições deve ser avaliada exclusivamente com base em sua própria opinião pessoal.

A QUESTÃO DAS TORRES DE OBSERVAÇÃO EM VÊNUS

Além disso, eu nunca disse que os habitantes de Vênus estavam construindo altas torres para observações astronômicas.

Mas esse cavalheiro, em seu desejo de refutar-me, preparou um minucioso argumento técnico para demonstrar que torres impedem observações precisas.

Ele fez isso apenas para provar que compreende os métodos matemáticos de observação utilizados em Greenwich, mencionando que os instrumentos devem ser fixados rigidamente.

Ora, eu apenas declarei que foram erguidas luzes fortes sobre torres.

E não cabe a ele julgar a atmosfera e as condições luminosas do planeta Vênus com base na atmosfera terrestre.

Consequentemente, o que afirmei pode, um dia, provar-se verdadeiro, mesmo que, por ora, não haja como testá-lo.

A RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALISMO E CIÊNCIA

Parece ser uma ideia preconcebida desse crítico que os espíritos não deveriam tratar de assuntos físicos ou científicos.

Segundo ele, nosso único papel deveria ser limitar-nos a discursos éticos e espirituais, exaltando o paraíso celeste.

Contudo, como lidamos com mentes terrenas e, às vezes, precisamos apresentar manifestações físicas, somos naturalmente forçados a lidar com a física e a ciência.

Posso estar enganado, mas acredito que nenhum espírito pode atuar nesta sala sem afetar a atmosfera que a preenche.

Se isso for verdade, então existe uma conexão direta entre o Espiritualismo e a Ciência.

Se os espíritos devem aprender exclusivamente com os professores humanos, onde devemos buscar nosso conhecimento?

O Dr. Carpenter afirma que nenhuma manifestação espiritual é genuína.

Deveria eu aceitar isso, sabendo que é falso?

O Professor Agassiz rejeita a teoria da evolução.

Deveria eu aprender isso com ele?

O Sr. Darwin não acredita na teoria glacial.

Deveria eu sentar-me aos pés do Sr. Darwin e aprender isso como verdade absoluta?

Quando os próprios cientistas discordam, por que razão deveríamos nos submeter à opinião desse editor, que pretende ditar os limites do conhecimento dos espíritos desencarnados?

A SUPOSIÇÃO DE ERROS CIENTÍFICOS

Senhoras e senhores, pode parecer um assunto trivial, mas tem sido amplamente divulgado que minha palestra continha vários erros científicos.

Um único erro foi apontado—o erro verbal que já corrigi—e foi dito que minhas palavras contrariavam os ensinamentos da frenologia.

Ora, eu sequer tentei explicar a frenologia!

Eu apenas respondi a uma pergunta sobre a relação entre a mente e o cérebro, sem entrar nos detalhes da ciência frenológica.

Mas há muitos métodos para chamar a atenção da imprensa, e um dos mais eficazes é destruir a reputação dos outros.

O FENÔMENO DA MIRAGEM E SUA INTERPRETAÇÃO

Com relação à miragem, fui criticado ao afirmar que ela é causada por certas emanações da atmosfera terrestre que produzem uma refração da luz.

Na filosofia, esse fenômeno é definido como o resultado da refração desigual dos raios luminosos, criando imagens invertidas de objetos inexistentes.

Ora, eu já testemunhei miragens que não representavam nenhuma cena terrena.

Conheço um caso em que doze testemunhas viram uma cidade branca flutuando nos céus e refletindo-se em um lago—e tal cidade não existe em nenhum lugar do mundo.

Isso ocorre porque a refração da luz pode refletir imagens de lugares distantes na Terra.

Mas também pode ser produzida por espíritos, e até que a ciência prove que não há mais nada a aprender, continuaremos a sustentar nossa posição.

A ciência não tem respostas finais.

A TEORIA NEBULAR E AS DIFERENÇAS CIENTÍFICAS

Esse crítico também afirmou, com certeza absoluta:

"Sem dúvida, a teoria nebulosa da formação dos planetas é verdadeira."

Ora, deixo para o julgamento da comunidade científica moderna decidir se essa questão realmente está resolvida.

A verdade é que as opiniões estão divididas, como em tantos outros assuntos.

Eu tenho direito à minha própria opinião sobre a formação dos planetas.

E os cientistas não chegaram a um consenso final sobre essa questão.

Se tudo já estivesse resolvido:

Não existiria o Darwinismo.

Não haveria duas teorias sobre o Dilúvio.

Não haveria debates sobre a elevação das montanhas ou a erosão dos vales.

Não haveria duas versões sobre a criação do universo.

Se o conhecimento humano fosse absoluto, todos já saberiam se a teoria nebulosa é verdadeira ou falsa.

A NECESSIDADE DE PRECISÃO NAS CRÍTICAS

Não me oponho a críticas honestas e bem fundamentadas.

Mas exijo que minhas palavras sejam relatadas com exatidão.

O mesmo crítico afirmou que eu prometi estar presente todas as noites.

Na realidade, eu disse:

"Se as condições permitirem, espero estar com vocês em outra noite."

Ora, um cavalheiro que exige precisão absoluta dos outros deveria, no mínimo, manter precisão ao relatar as palavras alheias.

CIENTISTAS TAMBÉM DISCORDAM ENTRE SI

Conta-se que, certa vez, alguém disse a Frank Darwin, filho de Charles Darwin, que o Professor Agassiz não acreditava na evolução.

Frank respondeu prontamente:

"E meu pai não acredita na teoria glacial."

Se cientistas encarnados concordam em discordar, por que eu, que sempre tive opiniões independentes em vida, deveria abrir mão delas no mundo espiritual?

Reivindico, portanto, o direito à liberdade de pensamento e expressão, mesmo agora.

CONCLUSÃO: LIMPEZA ANTES DA VERDADEIRA INVESTIGAÇÃO

Sei que já tomei tempo suficiente com esse assunto insignificante.

Mas há algo chamado "remover o entulho antes de se iniciar uma investigação séria".

E, portanto, antes de prosseguir para temas de maior importância, era necessário esclarecer essas críticas infundadas.

ALGUMAS SUGESTÕES ADICIONAIS

SOBRE OS MÉTODOS DAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Uma Oração Inspirada, proferida sob Influência Espiritual, pela Sra. Cora L. V. Tappan, em Lawson's Rooms, Gower Street, Londres, em 10 de dezembro de 1873

Aqueles que acompanharam as palestras sucessivas aqui, às quartas-feiras à noite, lembrar-se-ão de que buscamos apresentar, de maneira algo científica, os métodos pelos quais os espíritos desencarnados influenciam e atuam sobre suas mentes, seus corpos e a atmosfera que os cerca. Naturalmente, em qualquer série de palestras, não é possível ilustrar completamente uma forma de existência tão diferente da sua, sobre a qual vocês apenas começaram a adquirir conhecimento.

Seja qual for a forma objetiva da existência espiritual, a sua é evidentemente mais material, tangível e externa. Vocês raciocinam a partir de premissas opostas, utilizam princípios opostos e, portanto, estão ligados a uma série de pensamentos e sentimentos que não pertencem essencialmente à existência espiritual.

No entanto, assim como há um vínculo entre seus espíritos, o corpo que habitam e o ar que respiram, há também um elo entre essa atmosfera e os espíritos desencarnados, por meio do qual eles podem manifestar sua

presença. Hoje, daremos algumas sugestões adicionais sobre os métodos pelos quais os espíritos conseguem produzir certas manifestações de sua presença, sempre tendo em mente que esses fenômenos são apenas resultados aproximados da investigação sobre verdades finais.

É verdade, como já dissemos, que a eletricidade não costuma ser o meio pelo qual os espíritos produzem sons. Em todas as manifestações externas, há três causas distintas para os fenômenos observados.

Uma delas é a eletricidade, na qual o espírito emprega as forças elétricas constantemente emitidas pelo corpo humano. Cientistas contemporâneos afirmam que o corpo humano gera uma eletricidade mais sutil do que aquela empregada nas manifestações elétricas usuais ou no telégrafo magnético. A prova de que esse elemento é eletricidade reside no fato de que ele afeta substâncias metálicas e pode causar a ignição de gases suscetíveis.

Por exemplo, o gás nesta sala pode ser inflamado pela eletricidade do corpo humano. Vocês podem testar esse experimento em casa, caminhando repetidamente pela sala para gerar eletricidade estática e pedindo a um amigo que abra a válvula do gás. Ao esfregar os pés, calçados com solas de borracha, contra o carpete, uma quantidade ainda maior de eletricidade será produzida. Após circular algumas vezes pelo ambiente, ao tocar o gás, ele pode se inflamar. Muitas pessoas possuem essa capacidade e conseguem acender o gás todas as vezes. Esse é um dos poderes ocultos do corpo humano.

Quando utilizado pelas forças espirituais, esse fenômeno pode produzir determinados sons. No entanto, esses sons também são gerados pela presença de nitrogênio e dióxido de carbono, bem como pela compressão da atmosfera—um efeito resultante da combinação desses dois gases.

Vocês já ouviram falar de gotas de água caindo sobre os rostos das pessoas presentes em sessões mediúnicas? Essas gotas são o resultado da condensação da atmosfera, que ocorre devido à interação do hidrogênio e do oxigênio.

A segunda forma de manifestação ocorre por meio da evolução atômica, em que os átomos são induzidos a girar em alta velocidade,

criando um vácuo e provocando uma concussão. Essa evolução atômica é invisível a vocês, pois suas perceções não captam partículas infinitesimais. No entanto, a presença de um espírito pode afetar esses átomos de modo a fazê-los girar rapidamente, produzindo as formas que, em algumas sessões mediúnicas, são visíveis a todos os presentes.

Por fim, há um terceiro elemento, que não mencionamos em palestras anteriores, mas que constitui uma força fundamental nas manifestações espirituais: o fósforo.

É bem conhecido que todos os organismos altamente desenvolvidos contêm esse elemento. Ele está presente na maioria das combinações da matéria, exceto especificamente no reino mineral, mas amplamente no reino vegetal e animal. Sempre que ocorre decomposição, há emissões fosfóricas no ambiente. Assim, para que as manifestações espirituais ocorram, o fósforo deve estar presente. Esse elemento é responsável pelo fenômeno temido pelos supersticiosos—o *ignis fatuus* (fogo-fátuo).

Esse fenômeno ocorre devido à luz emitida pela decomposição da vegetação. Certos tipos de madeira, ao se deteriorarem na floresta, produzem essa luminosidade. Talvez vocês já tenham observado, ao caminhar por uma floresta ao entardecer, uma chama tênue e pálida emanando de um tronco ou galho caído. Essa luz é, em grande parte, um efeito fosforescente. Algo semelhante pode ser visto na superfície do mar, onde inúmeros organismos microscópicos geram uma luminosidade fosforescente. Às vezes, essa luz aparece em grandes extensões; em outras ocasiões, se manifesta como uma fina camada flamejante.

Os cientistas modernos acreditam que o fósforo constitui o principal nutriente do cérebro humano. Todas as forças e fluidos nervosos, que formam os canais para a evolução do pensamento, são sustentados e alimentados por substâncias fosfóricas.

Por esse motivo, certos tipos de peixe, que contêm grande quantidade desse elemento, são considerados altamente benéficos para a alimentação humana. Entre esses, destacam-se os peixes que apresentam maior velocidade de movimento e aqueles que habitam águas doces ricas em vegetação, ao invés de águas carregadas de álcalis e minerais. O *truta*, por exemplo, contém uma alta concentração

de fósforo. O *salmão* também é conhecido por possuir uma grande quantidade desse elemento, que constitui a base do cérebro humano.

Análises minuciosas e avançadas demonstram que os gânglios responsáveis pela geração da força cerebral produzem essa energia na medida em que há fósforo no sistema humano. No futuro, essa questão se tornará um campo de estudo essencial na medicina, pois será investigado se o cérebro humano pode ser restaurado à sua força e poder originais por meio da administração adequada de energia nervosa em um estado refinado e avançado.

O fato de que o organismo humano e os organismos de diversos animais possuem esse elemento em alta concentração, e de que ele é essencial para a produção de força nervosa, reforça a ideia de que, em um estágio elevado de desenvolvimento humano, não se consumirá alimento que não forneça os constituintes químicos essenciais ao corpo.

Uma análise perfeita do sangue revelaria, com absoluta certeza, todos os elementos químicos necessários para a manutenção do organismo e demonstraria a necessidade de uma ciência precisa no lugar da medicina experimental.

O fosfato que é absorvido e gerado no cérebro resulta da combinação desse elemento com outro, que está tão uniformemente ligado ao pensamento que é praticamente impossível separá-los. É claro que vocês não podem ver o pensamento, mas seus efeitos fosforescentes podem ser observados.

Esse produto intermediário, resultante dos fosfatos e da força nervosa do cérebro, gera uma determinada quantidade de energia e volição, que, em si mesmas, constituem a mente. Esse é o elemento sutil sobre o qual os espíritos frequentemente atuam. Algumas pessoas emitem eletricidade, enquanto outras irradiam luz fosfórica ou fósforo. Esses elementos podem ser controlados pelos espíritos e, sob as condições adequadas, podem ser utilizados para produzir luzes elétricas ou fosfóricas.

É sempre possível distinguir entre os dois tipos de luz.

As luzes elétricas produzem som, enquanto as luzes fosfóricas não geram ruído algum e apresentam uma aparência serena. Às vezes, as luzes fosfóricas surgem em várias tonalidades e frequentemente

conferem aos objetos um tom azulado ou rosado. Elas aparecem na presença de pessoas que vivem constantemente em uma atmosfera fosfórica.

Em uma sessão bem conduzida, esses fatores são levados em consideração, e os espíritos fornecem instruções sobre a disposição das pessoas para que os elementos elétricos e fosfóricos sejam distribuídos de maneira a não anularem um ao outro. Se um médium possui uma força predominantemente fosfórica e outro uma força elétrica, esses elementos podem se neutralizar, impedindo qualquer manifestação espiritual. Assim, muitas vezes se pergunta por que, com dois médiuns tão poderosos, nenhuma manifestação ocorre. A resposta está no fato de que as duas forças se anulam, deixando os espíritos sem meios para atuar.

Se conhecessem a composição de seus próprios corpos, poderiam organizar círculos espirituais de maneira mais eficaz, potencializando as manifestações espirituais. No futuro, esse conhecimento será amplamente difundido, e um sistema completo para o desenvolvimento de médiuns será estabelecido, com a mesma precisão de qualquer outro ramo da ciência.

Se a presença de dióxido de carbono for excessiva, há um elemento que pode ser introduzido sem grande dificuldade e que não compromete as condições como o oxigênio puro: o ozônio.

O ozônio pode ser produzido por meio da combinação de três elementos em proporções iguais: peróxido de manganês, permanganato de potássio e ácido oxálico.

Misture esses três componentes. Em seguida, adicione duas colheres de sopa da mistura em um recipiente e despeje, a cada duas horas, uma colher de sopa de água sobre ela. Isso liberará uma quantidade suficiente de ozônio para purificar o ambiente.

Não teria sido má ideia tê-lo aqui hoje.

Em quartos de enfermos, onde uma quantidade excessiva de ozônio pode induzir tosse, a dosagem mencionada seria suficiente para purificar o ar sem efeitos adversos. Em uma sessão espiritual, a introdução do ozônio pode ser benéfica, pois ajuda a fornecer ar puro aos participantes, sem exigir muito esforço ou custo significativo.

O ozônio, como já dissemos, difere do oxigênio puro encontrado na atmosfera. Ele é mais suave e não causa irritação como o oxigênio puro pode fazer. No entanto, todas as substâncias metálicas, exceto ouro e platina, devem ser removidas, pois podem sofrer oxidação.

Se refletirem sobre essa sugestão, perceberão que o mundo espiritual está conduzindo uma série de investigações com o objetivo de facilitar sua comunicação com ele. Além disso, estudar os elementos que compõem seus corpos e os objetos com os quais interagem estreitamente contribuirá não apenas para sua saúde e para a produção dos mais elevados pensamentos, mas também para a manifestação das mais refinadas comunicações espirituais.

Sem dúvida, quando suas mentes estiverem devidamente nutridas e seus corpos bem regulados, isso aumentará significativamente a capacidade dos espíritos desencarnados de manter contato com vocês.

Muitos dizem que pessoas com saúde debilitada são os melhores médiuns. Isso pode ser verdade em certos casos, pois algumas enfermidades podem tornar o cérebro mais ativo, permitindo ao indivíduo atingir um estado de elevada cultura espiritual. No entanto, sem dúvida, a mais elevada forma de manifestação espiritual ocorrerá quando a perfeita saúde e a perfeita espiritualidade existirem lado a lado.

Muitas vezes, as doenças do corpo e a fadiga do sistema nervoso resultam da má qualidade do ar que respiram. Quando percebem que criam uma atmosfera quase impossível para os espíritos atuarem, e que seus corpos emanam substâncias proporcionais ao que consomem em alimentos e bebidas, bem como à qualidade de seus pensamentos, compreenderão que a atmosfera espiritual pode ser tão densa quanto a física.

Diante dessa realidade, como poderiam esperar que os espíritos se aproximassem de maneira palpável?

Além disso, quando consideramos o elemento ainda mais sutil e sensível que constitui o pensamento—e que também compõe os próprios espíritos—quase nos surpreendemos com o fato de haver qualquer comunicação entre os mundos espiritual e material, ou mesmo com a possibilidade de haver comunhão entre os próprios humanos.

Seus corpos estão tão enfraquecidos, suas mentes tão confusas e as limitações da carne pesam tanto sobre vocês, que frequentemente não conseguem sequer apresentar um semblante sereno para seus próprios amigos. Essas são condições desfavoráveis. No entanto, ao estudar essas leis, podem aprender a corrigi-las.

Da mesma forma, conhecendo outras leis espirituais, podem criar as condições ideais para facilitar a manifestação dos espíritos.

Sabemos que há grandes objeções quanto à realização de sessões no escuro. A alma aprecia a luz.

Mas, ao utilizar o raio violeta, todas essas objeções podem ser superadas, e a repulsa natural de permanecer na escuridão pode ser eliminada.

Ainda assim, se desejam ver as luzes espirituais, precisam de um ambiente escuro para observá-las, pois, caso contrário, os espíritos podem demonstrar seus maravilhosos poderes pirotécnicos sem que vocês percebam.

Não há outra forma de vê-los senão na escuridão.

Se não considerarem isso interessante, sempre poderão usar a luz filtrada por vidro violeta ou de outra maneira previamente descrita.

Além disso, as condições que afetam a eletricidade do corpo humano devem ser levadas em consideração. Sabe-se que altitudes elevadas favorecem manifestações mais intensas dos poderes elétricos do corpo humano.

Recentemente, um grupo de exploradores nos Estados Unidos visitou uma montanha muito alta. Esses eram exploradores geográficos e a montanha que escalaram ficava a 1.992 pés acima do nível do mar. No cume, a atmosfera elétrica era tão intensa que os cabelos em suas cabeças evidenciavam a presença de partículas elétricas. Para um deles, o choque foi tão forte que quase o derrubou.

Experimentos como esse poderiam facilitar seus estudos elétricos usuais; no entanto, tais experimentos nem sempre são desejáveis. A eletricidade no sistema humano é essencial para sua sustentação e não deve ser dissipada sem que algo de igual valor seja ganho. Para

experimentos com pessoas de temperamento elétrico, manifestações tendem a ser mais vigorosas em altitudes elevadas. Mas, se suas manifestações forem do tipo fosfórico, altitudes mais baixas e áreas próximas a cursos de água doce, onde há liberação de dióxido de carbono, favoreceriam tais experimentos.

Existem indivíduos com constituições tão peculiares que preferem sempre habitar locais próximos a lagoas estagnadas. Eles se encontram em seu melhor estado de saúde quando estão perto de florestas, pântanos e vegetação densa—justamente sob condições que geralmente produzem efeitos prejudiciais ao corpo humano. Para esses indivíduos, o efeito fosfórico da vegetação em decomposição é essencial, e por isso sempre preferem uma atmosfera húmida e carregada a um ar seco e rico em oxigênio.

Esses fatores pertencem tanto ao bem-estar físico quanto à presença e manifestação dos espíritos.

No entanto, o principal elemento que sempre possibilita a comunicação espiritual é a própria mente, pois ela é o único elo comum entre seu mundo e os espíritos. Seus corpos materiais não podem assimilar-se aos corpos espirituais, que são compostos de elementos mais sutis e desconhecidos por vocês. Suas ideias e modos de vida diferem tanto dos seus que apenas podem se manifestar a vocês por meio das formas de pensamento que associam aos seres espirituais.

Portanto, a tranquilidade mental, a preservação do equilíbrio emocional e o desenvolvimento harmonioso da mente são fatores fundamentais para a força das manifestações espirituais.

Se uma sala está repleta de energia mental—e por energia mental não nos referimos a pensamentos fragmentados e caóticos, mas sim a uma recetividade intelectual disposta a investigar qualquer verdade, independentemente de preconceitos anteriores—então os espíritos poderão atuar com maior facilidade.

Se vocês interrompem essa conexão ou encontram-se de algum modo em desarmonia consigo mesmos, esse não é o momento adequado para buscar a comunhão espiritual. Grande parte da sessão será então gasta apenas tentando tranquilizar suas mentes.

A música é sempre sugerida nas sessões espíritas justamente porque as vibrações harmoniosas do som atuam sobre o ouvido e os nervos do cérebro, ajudando a produzir essa tranquilidade necessária.

Se vocês não possuem música em suas almas, como podem esperar estar harmonizados e convidar os espíritos do outro mundo a se fazerem presentes?

Os espíritos agora possuem pensamentos equilibrados; suas mentes atingiram uma harmonia que transcende em muito as suas. Cada pensamento deles é uma nota, cada aspiração é um tom dentro da grande sinfonia espiritual que compõe sua existência. Como, então, sem um grande esforço de vontade, poderiam vir até vocês em meio ao tumulto e à agitação de seus pensamentos?

Portanto, ao prosseguir nesses estudos, certifiquem-se de que suas mentes estejam tranquilas—e seus corpos, na medida do possível, afastados das condições físicas que causam desarmonia, mas em sintonia com as leis naturais da saúde que vocês já conhecem.

Imaginem o prazer de participar de uma sessão harmoniosa e bem organizada, onde a comunicação flui suavemente, como as melodias de um grande mestre. Agora, comparem isso com aquelas sessões onde há confusão, discórdia e acusações de fraude.

Assim, é fácil compreender as dificuldades enfrentadas pelos espíritos ao tentarem produzir qualquer manifestação satisfatória.

Está em suas mãos o poder de tornar cada sessão produtiva e confiável, eliminando qualquer suspeita sobre a honestidade dos presentes. A suspeita excessiva pode prejudicar tanto o ambiente espiritual quanto a credulidade exagerada.

Portanto, organizem suas sessões com pessoas cuja integridade não possam questionar e, em seguida, aceitem tudo o que se manifestar.

Cumprir as condições necessárias para as manifestações espirituais é tão essencial quanto obedecer às leis e regulamentos de uma corporação ou de qualquer sociedade científica na Terra.

Se vocês desejam investigar um determinado tema, devem fazê-lo sob as condições em que ele se apresenta.

Se desejam viajar de trem para algum destino, precisam seguir as regras da companhia ferroviária.

Da mesma forma, ao investigar o Espiritualismo, há condições sutis e uma variedade de leis que precisam ser compreendidas antes que se possa obter resultados satisfatórios.

E não devem desistir à primeira dificuldade.

Se, em seus negócios materiais, encontram um obstáculo, lutam, persistem e tentam novamente até superá-lo. Se perseguem um objetivo mundano, não medem esforços para alcançá-lo.

No entanto, quando se trata da comunicação com seus amigos espirituais, quantas vezes, se a primeira ou segunda tentativa não é satisfatória, um estudioso terreno simplesmente desiste e afirma que já investigou o assunto, não dedicando mais atenção a ele!

Certa vez, alguém participou de uma única sessão e afirmou ter tentado se comunicar com os espíritos, mas não ficou satisfeito com o resultado.

É esse o nível de investigação que vocês consideram suficiente?

E isso basta?

Sim, para muitos, isso basta.

E assim, aqueles que dedicam suas vidas a investigar os mistérios da matéria frequentemente se satisfazem com uma única e frágil experiência quando se trata de um assunto que envolve a eternidade.

Certamente, a coerência é uma virtude rara.

Em busca de seus objetivos individuais e ambições, vocês fazem inúmeros sacrifícios, suportam fadiga e desconfortos de toda espécie para alcançar algo que consideram de grande importância.

Por que, então, quando se trata da mais sublime das investigações—o contato com a eternidade—tão poucos estão dispostos a perseverar?

Não pode haver objetivo mais elevado do que a comprovação da existência além da morte e da presença e comunhão dos espíritos que partiram.

Tudo aquilo que lhes traz conhecimento sobre esse tema, que abre suas mentes para as leis que tornam esses fenômenos possíveis em meio às maravilhas deste tempo, é, por si só, um assunto de inegável interesse.

Certamente, uma ciência tão vasta, que não apenas revela o reino espiritual, mas também sustenta todo o esforço mental dentro da estrutura humana, merece dedicação de tempo, energia e esforço.

Não um, mas muitos testes.

Não um, mas muitos exercícios de pensamento e aplicação devem ser conduzidos com o propósito de investigar e compreender as leis sutis e maravilhosas relacionadas a esse mistério.

Trata-se, de fato, de uma ciência que, como a pedra angular de um arco, une todas as outras ciências dentro do grande esquema da vida espiritual.

É como o grande solvente da natureza, buscado pelos antigos filósofos, no qual todas as demais substâncias podem ser dissolvidas e fundidas no cadinho do pensamento.

É a pedra filosofal, na qual se pode olhar com uma visão encantada e encontrar ali a verdade há tanto tempo buscada.

Mas também é o elixir da vida, o qual os sábios da antiguidade procuravam para perpetuar a existência física por meio da descoberta dos princípios imutáveis da vida.

O elemento da juventude eterna reside no pensamento que inspira o cérebro, na mente que habita o corpo, no espírito que não envelhece nem se deteriora, mas que, apesar das rugas na testa e da fragilidade do corpo físico, continua sempre jovem e vivo.

Esse elemento e esse poder poderiam dar vigor onde há apenas fraqueza e lassidão, força onde há doença, luz onde os olhos estão cansados e um impulso renovado à vida que tantas vezes se encontra sem propósito.

Se vocês constroem apenas para o tempo presente, seu edifício será estreito, baixo e materialista.

Devem então rastejar no mundo dos sentidos e curvar-se diante do deus que declara que não há nada além desta vida.

Se, porém, constroem para a eternidade, é algo completamente diferente.

Podem até lançar os alicerces sobre a terra, mas a estrutura de sua própria existência deve se expandir para além e acima, rumo à própria eternidade.

Os cuidados, as afinidades e cada aspiração distinta do espírito tornam-se partes essenciais do vasto templo construído para a eternidade.

Mas se constroem apenas para o tempo presente, então o egoísmo, o materialismo, o orgulho, a ambição e tudo o que contribui para a felicidade terrena tornam-se os resultados naturais.

Quantas vezes a ciência moderna busca apenas elevar os elementos do poder material e da vaidade—elementos que, muitas vezes, são destruídos pela geração seguinte!

Porém, se constroem espiritualmente, sobre a fundação que sustenta sua existência exterior, então edificam-se com pensamentos que perduram.

Então, ao ensinar o alfabeto a seus filhos, perceberão que não o fazem apenas para prepará-los para o mundo material e os anos cansativos de cuidados terrenos, mas sim para a construção eterna da alma—para a verdadeira e tangível existência que se estende além do véu incerto da vida mortal.

Essas são algumas das razões pelas quais, ao conduzir essas investigações, devem buscar as condições mais elevadas e puras.

A verdadeira ciência nunca está em desacordo com a verdadeira religião.

A verdadeira ciência é sempre espiritual, pois em cada princípio da natureza e em cada átomo da matéria reside o Espírito Supremo, cuja vida molda os átomos e os impulsiona, ao longo dos séculos, a evoluírem em formas de beleza e existência.

O espírito é tudo.

A matéria é apenas a forma, o invólucro exterior, a vestimenta, o servo da alma.

E, sendo infinito em sua capacidade e ilimitado em seu poder, o espírito está eternamente ligado ao próprio Deus Infinito.

ALMA, ESPÍRITO, MENTE E CORPO

AS SUAS RELAÇÕES COM A VIDA PRÁTICA
SÃO IMORTAIS?

Um Discurso Proferido em Syracuse, N.Y., pelos Guias de

MRS. CORA L. V. RICHMOND

"E Deus criou o homem à Sua imagem e soprou nele o sopro da vida, e ele tornou-se uma alma vivente."
"Deus é espírito, e aqueles que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade."
"Qual é o espírito do homem, que sobe para o alto, e o espírito do animal, que desce para a terra?"
"Se um homem morrer, viverá novamente?"

Ao longo do Livro Sagrado, há muito poucas referências à natureza distinta da parte imortal do homem.

O tema escolhido para este serviço de hoje foi escolhido porque nos parece necessário distinguir entre o que normalmente se chama mente e aquilo que se designa por espírito, e, além disso, estabelecer outra distinção relativamente à alma.

O tema é, pois, alma, espírito, mente e corpo; as suas relações com a vida prática; são imortais?

O CORPO

O corpo é, naturalmente, a primeira expressão visível do homem.

Do ponto de vista da ciência, pareceria que o corpo é tudo o que é reconhecido, exceto pelo princípio vital, que se supõe ser inato na matéria e que se manifesta através da evolução, a partir do que a ciência chama protoplasma.

O homem, segundo o resumo da ciência, não seria mais do que um pedaço diferenciado de protoplasma.

Se aceitarmos as escolas materialistas do pensamento moderno, para onde toda a ciência parece convergir, concluiríamos que nada há na mente senão um subproduto da matéria, uma espécie de efervescência, resultante da combinação de átomos ou substâncias materiais específicas.

Um célebre mestre da teoria da evolução, uma evolução que necessariamente deve ser reconhecida nas formas visíveis, esforça-se por provar que o homem é o resultado de uma longa série de diferenciações a partir de uma substância ou essência primária.

Não nos cabe aqui recapitular todas as etapas da evolução científica, ou as que os cientistas consideram ser a base da existência humana.

No entanto, parece-nos que uma leitura correta de Darwin concederia ao homem uma origem que vai além do físico.

Este grande pensador reconheceu um princípio anterior, uma condição prévia daquela consciência ou inteligência que está por detrás e além de tudo, antes da descida à matéria para os vários estágios da evolução.

E são os seus seguidores mais fracos aqueles incapazes de compreender esta primeira proposição, que é a base ou o espírito primordial da vida.

O ESPÍRITO E A ALMA

Se este espírito da vida for chamado inteligência divina, Deus, ou se forem usados termos científicos como "lei natural", independentemente da nomenclatura, significa sempre algo que precede a primeira manifestação atómica.

O momento e o local onde esta manifestação começa são o campo da investigação científica.

Mas tudo o que precede essa manifestação e tudo o que a segue estão fora do alcance da ciência e pertencem a outro domínio.

Apesar dos impulsos e ensinamentos religiosos existentes no mundo, é habitual julgar tudo pelo ponto de vista dos sentidos.

Mas isso é um erro absoluto, como afirmariam até os mais elementares estudiosos da ciência. Os movimentos dos astros e da Terra não podem ser determinados pelos sentidos; foi apenas através das leis superiores da matemática que o sistema correto da astronomia foi revelado. A história do progresso da ciência é a correção das primeiras impressões erradas dos sentidos. Quase todas as ideias que foram medidas pelos cinco sentidos acabaram por se revelar equivocadas. É a perceção e a intuição que permitem ao homem reconhecer realidades além dos cinco sentidos. Há alguns anos, a Academia Francesa de Ciências tentou adicionar a intuição como o sexto sentido.

Quando os cinco sentidos esgotam a sua capacidade de reproduzir ou repetir as manifestações da natureza material, ainda há um vasto reino da existência humana que permanece inexplicado e inexplicável. O corpo parece ser o servo de algo dentro e além dele, Seja esse algo chamado espírito, mente ou alma. O corpo por si só não consegue expressar pensamento, emoção ou inteligência, apenas sensações físicas, próprias da existência material. Mas até a sensação, por si mesma, não transmite inteligência, A menos que exista uma entidade ou consciência que receba a impressão e a interprete.

O orador acredita que toda forma de existência que expressa apenas vida física, mas sem consciência de estar viva, é governada por uma inteligência superior, denominada geralmente "lei natural". No reino animal, onde existe um grau de inteligência, essa inteligência parece estar limitada à natureza da espécie. Mas quando um animal excede essa inteligência natural, Isso sempre acontece pelo contacto com a inteligência superior do homem.

O homem, ao contrário dos animais, muda e desenvolve-se, Não apenas pelas condições exteriores, mas por algo inato nele. Esta condição evolui de geração em geração, ampliando os graus de inteligência. Chamamos a esta inteligência mente. Mas para a clareza deste discurso, classificaremos estas três faculdades da inteligência humana como:

1. Mente

2. Espírito

3. Alma que se manifestam através do corpo físico, o qual não é mais do que o instrumento da sua expressão. A mente não é o princípio pensante primário, mas sim o reflexo do pensamento original, que se manifesta através do organismo físico. Os neurónios e os centros nervosos, os gânglios cerebrais, são apenas meios pelos quais essa inteligência se expressa. O pensamento não é fixo, a mente muda constantemente. As ideias de um adulto não são as mesmas de quando era criança. O conhecimento e a observação alteram o conteúdo mental ao longo do tempo. Muitas vezes, a mente não mantém impressões estáveis, funcionando como um caleidoscópio, onde as imagens se entrelaçam e misturam. As pessoas frequentemente dizem:

"Mudei de opinião sobre este ou aquele assunto." Há quem pense que nunca mudar de opinião é um sinal de consistência. Mas não há mérito em permanecer imutável, se essa "consistência" significar não evoluir com o pensamento e o conhecimento. A ciência seria um vazio absoluto se nunca tivesse mudado as suas ideias. A mudança é necessária. A era presente está ocupada a pedir desculpa pelos erros das eras passadas. A ciência tenta conciliar o pensamento atual com o passado, E aqueles que virão nas gerações seguintes pedirão desculpa e explicarão os ensinamentos de hoje como resultado da ignorância presente. Mesmo nesta era de iluminação, todos sabem que aquilo que parece ser a verdade suprema hoje será substituído por uma verdade superior amanhã. A cada geração, vê-se um maior avanço no homem.

A mente, que é o reflexo do interior e do exterior, retrata habilmente as mudanças nas expressões da vida humana. É um erro supor que a mente é um estado final, ou que é tudo o que há no princípio do pensamento, pois os seus reflexos estão em constante mudança. Kant, o filósofo alemão, demonstrou claramente que existe um conhecimento à priori; ou seja, aquilo que se revela do interior não é o mero conhecimento fragmentado encontrado na mente humana, mas sim uma expressão — ainda que imperfeita — Da inteligência à priori, manifestando-se através do cérebro físico e dos processos de pensamento. Esta expressão pode tornar-se mais perfeita, à medida que os métodos físicos proporcionam melhores oportunidades de manifestação.

Nenhum filósofo da mente fundamenta o conhecimento existente apenas na experiência externa. Nem se pode considerar que a experiência externa seja responsável por tudo o que a mente humana sabe. Se assim fosse, qualquer conhecimento resultante da observação de outros, que, segundo se alega, é transmitido por hereditariedade, tornar-se-ia completamente falacioso. Existe outra fonte de conhecimento, Além da observação empírica da ciência, Além dos métodos de indução, tão habilmente elaborados no mundo. Os princípios do raciocínio mental absoluto indicam que deve haver outra fonte de conhecimento, para além daquela que se encontra na razão. Há quinze anos, um membro da Academia Francesa de Ciências determinou que deveria existir um sexto sentido, E propôs chamar-lhe intuição.

Mas, como a intuição implicaria uma inspiração superior e um desenvolvimento espiritual que os membros da Academia não pareciam possuir, A ideia foi abandonada. Por outro lado, o departamento psicológico da Associação Britânica de Ciência Incluiu esta faculdade mais profunda, E discute-a com vista a possíveis descobertas neste domínio desconhecido, O qual Herbert Spencer chama de “o incognoscível”. Quando Herbert Spencer declara que é incognoscível, Ele não diz que é impensável ou inconcebível. Se o homem só pudesse obter conhecimento absoluto da vida imortal através dos sentidos, então não poderia haver imortalidade, pois os sentidos são efémeros e transitórios, capazes apenas de receber impressões no domínio a que pertencem. Por isso, as impressões que recebeis hoje, Muitas vezes, esqueceis amanhã.

Os olhos estão constantemente à procura de novas imagens, para que possam trazer novas evidências aos sentidos. Mas se a mente captou corretamente uma imagem, como se fosse uma fotografia, então outro domínio assume esse conhecimento. E assim, esse conhecimento torna-se posse não dos sentidos, nem da mente, mas da entidade que está além. Tudo isto pode parecer complexo, mas, ainda assim, é o processo correto para chegarmos ao que queremos dizer: A mente é apenas uma expressão transitória, Manifesta através do organismo físico, O qual é fugaz. E esta expressão transitória acumula continuamente Todo o conhecimento que pode ser extraído do contacto com o universo físico, E transfere-o para algo imutável, que está além da matéria. Se a base da existência humana estivesse apenas no corpo, E não numa inteligência à priori, Se aquilo que Kant, Klopstock e Foote tão claramente indicaram não existisse, então, tudo o que existe na mente e não depende do corpo

seria inútil, E a natureza teria, pela primeira vez, cometido um erro. Mas não vemos a natureza cometer tal erro em nenhuma outra ordem de existência abaixo do homem.

No reino animal, o pensamento apenas serve os propósitos da sobrevivência. E uma vez que esses propósitos são satisfeitos, A inteligência não vai além disso, A menos que o animal entre em contacto com o homem. Então, a inteligência adicional manifestada nos animais torna-se um reflexo psicológico da mente humana. Mas com o homem não é assim. Tudo o que no homem não serve propósitos meramente físicos, tudo o que vai além do seu ambiente material, tudo o que anseia por algo mais alto e melhor, tudo o que vive no domínio da imaginação, da poesia, da religião, se fosse apenas uma ilusão, Então a natureza teria falhado, A corrente teria subido mais alto do que a fonte, E a própria vida humana teria sido um fracasso supremo. Nos tempos modernos, tentou-se tornar as condições à priori da vida tão externas, que pudessem ser reduzidas ao crisol da ciência.

O mesmo sistema da ciência mental que levanta as questões Gostaria de pôr o dedo no pensamento E encontrar a essência, o pó cósmico, ou o átomo que faz o homem pensar. Até agora, os métodos da ciência são corretos no que diz respeito ao organismo físico, Mas nada foi alcançado no que toca ao espírito ou à mente do homem. E, à medida que a mente reflete imagens do exterior e pensamentos do interior, A sua capacidade de expressão cresce, E aquilo que clama por ser expresso torna-se cada vez mais capaz de se manifestar. Se o homem apenas pudesse expressar aquilo que vê E aquilo que a mente pensa com base na experiência, então não existiria a dificuldade diária de expressar pensamentos.

Quantas pessoas não dizem: “Oh! Quem me dera ter as palavras certas para expressar os pensamentos que tenho dentro de mim.” Quantas pessoas sabem que possuem pensamentos muito mais elevados do que aquilo que são capazes de expressar? Quantas sentem no espírito uma canção muito mais musical e harmoniosa Do que qualquer melodia que possa ser cantada? O poeta guarda em si poemas muito maiores do que aqueles que oferece ao mundo. Ele tem algo dentro de si que a mente não consegue expressar completamente. Se não fosse assim, os pensamentos não hesitariam ao sair dos lábios, E a linguagem seria sempre suficiente para cada ideia concebida.

Não haveria aspirações mais elevadas do que as que já se manifestam na vida diária. O ser humano não desejaria ser melhor, mais sábio ou mais elevado do que já é hoje, A menos que fosse forçado a isso pela sua própria expressão extrema. Mas há sempre algo que deseja ser expresso, assim como a criança deseja falar muito antes de conseguir articular sílabas ou formar palavras. Existe uma telegrafia mental entre mente e mente, com pensamentos muitas vezes não ditos. Tal como quando se senta em silêncio ao lado de um amigo durante dias, Sem precisar de dizer uma palavra. Foi o caso de Tennyson e Longfellow quando se encontraram, sentados em lados opostos da lareira, sem falar, mas comunicando na linguagem que só os poetas entendem.

O mesmo acontece quando surgem pensamentos sagrados na mente, E não há palavras que possam expressar a sua grandeza, apenas um aperto de mãos ou um olhar trocado entre olhos que se compreendem. Mesmo assim, o vocabulário da língua humana é vasto. Quando o cérebro se habitua a pensamentos mais elevados, E aumenta a sua capacidade a partir da alma, então, os pensamentos que jorram podem ser mais plenamente expressos. Os métodos da ciência mental Não criam conhecimento, apenas oferecem oportunidades para a sua expressão. Os métodos da filosofia da mente Não são ciência abstrata em si, São apenas formas de controlar a expressão.

Até mesmo o ensino mais perfeito da música, Aquele que permite a um músico tocar um instrumento com a máxima destreza, Não cria a harmonia dentro da alma. A mera produção mecânica de sons harmoniosos não é a verdadeira expressão da música. Mas o génio, através deste método mecânico, conseguirá oferecer expressões de música genuína, e levará outros a seguir o seu exemplo. Em todas as grandes áreas, na arte, na ciência, em tudo o que diz respeito à indústria humana e às invenções práticas, existe algo à priori, algo que determina quais serão os pensamentos, e faz com que o génio não se conforme com as ideias preexistentes, mas crie os seus próprios métodos. E, com o tempo, os seus métodos tornam-se o método aceite pelo mundo.

O mesmo acontece com a filosofia. O filósofo não está apenas a escrever e a pensar os pensamentos que o precederam; A sua mente impulsiona-se para novos métodos, E revela um novo sistema, um novo processo, uma nova fórmula para o novo pensamento. Assim foi com o sistema platónico, que surgiu numa época em que os gregos estavam imersos no sofismo materialista, ou adoravam divindades materiais. Foi

uma revolução distinta, nascida de um reino não reconhecido no mundo da mente. Mas, assim que a mente se abre para esse reino, eis que as maravilhosas verdades, como as de Sócrates e Platão, Surgem em multidão, reivindicando a mente, conduzindo-a sempre em frente, até ao sopé do Monte da Inspiração.

A inspiração simplesmente abre outra porta. Tudo o que o homem conhece sobre a verdade religiosa deve vir desse reino interior. Que fútil, então, é a tentativa da mente humana de, sob algum estímulo mental ou científico, tentar explicar um reino que a ciência, pela sua própria natureza, não pode explorar. Seria tão absurdo chamar "ciência" a algo relacionado com o espírito, Como seria chamar "corpo" ao espírito. Seria igualmente absurdo pensar que os métodos científicos podem entrar no domínio do espírito, Investigá-lo, recolher as suas verdades E trazê-las para o grande armazém da natureza material. Seria como supor que o reino da poesia, da imaginação, da arte, do sentimento Pode ser reduzido a um processo mecânico; ou que o som monótono de um realejo de rua É a essência da arte musical transformada em ciência. O mecanismo é apenas um meio para facilitar a expressão; se for reduzido a algo menor do que isso, torna-se vazio, sem vida, sem alma.

A palavra "espírito" é muitas vezes usada como um sinónimo de "alma". Mas, se a analisarmos corretamente, veremos que isso é um erro. Espírito vem do latim "spiro", que significa "respirar". Quando Deus soprou no homem o sopro da vida, Isso significa que a vida da alma, a existência à priori, Foi soprada para dentro da forma humana. Neste espírito, portanto, está o sopro do Infinito, O sopro da existência à priori, Soprado por aquilo que escolhemos chamar de alma. Sendo o espírito apenas o sopro, ele não é a entidade em si. Não é o corpo, nem a mente, mas sim o princípio animador da entidade que habita no homem. A Suprema Entidade do universo é o Infinito. A entidade que se expressa no homem é a alma. Essa alma, ao entrar em contacto com o organismo físico, sopra nele a vida interior, segundo o método divino. E este sopro é o espírito humano. Onde quer que o espírito vivifique, há vida.

Onde quer que o espírito não atue, há morte. O organismo físico não contém vida por si mesmo. Antes do organismo, deve existir a semente. E essa semente deve ser vivificada pelo sopro divino. Tudo o que há de divino e perfeito, inteligente e elevado, na vida material do homem, deve ser o resultado deste sopro, vindo de um reino maior, O reino da alma. Este reino, para o qual tendes um "abre-te, sésamo", explica plenamente

as maravilhas da existência humana. É neste reino da alma que se encontra a verdadeira entidade. A inteligência, como disse Kant, é à priori. E, como disse Emerson, a criança já foi à escola milhares de anos antes de nascer. Ele expressa isto de forma brilhante: "Não confies demasiado nesses caracóis e covinhas; essa criança tem mil anos." Pois, ao olharmos através dos olhos, para a inteligência mais profunda que está além, sabemos que ela apenas aguarda o desenvolvimento do organismo, A expansão do cérebro, para alcançar uma expressão mais elevada.

O sopro do espírito continuará a fluir através do organismo, Até que tudo o que é possível ser expresso na vida física se manifeste plenamente. Já alguma vez pensaste que algumas vidas começam onde outras terminam? Que a inteligência presente numa criança não se manifesta de igual forma em todas? Que, em algum lugar, há uma existência à priori, uma consciência prévia? Que, como disse Wordsworth, a alma chega a esta peregrinação terrena envolta em "nuvens de glória"? É uma ideia comum a todas as religiões que a alma tem a sua origem num estado mais elevado e divino. Mas suponhamos que não há uma origem primordial. Suponhamos que a alma é imortal no passado, tal como o será no futuro. Que esta não é mais do que uma de milhões de expressões ao longo da eternidade. Isso não explica muitas coisas?

Não explica a teoria de Kant sobre a existência à priori? Não explica porque uma vida é mais perfeita do que outra? Existe outra explicação para o facto de uma pessoa ser fraca e incapaz de resistir à tentação, enquanto outra é forte, mesmo quando ambas são expostas às mesmas influências, Às mesmas condições antes do nascimento, E nascem dos mesmos pais? Não será que algo já vem com cada alma, E, independentemente da vida mortal, molda o pó ou falha em fazê-lo, conforme a sua condição? Que a força e a bondade resultam de um estado superior, enquanto a imperfeição resulta da ausência desse estado?

Sendo a alma a verdadeira entidade, temos nela a base para tudo o que não é meramente material e físico. Se a lei natural governa o corpo até certo ponto, Produzindo, a partir da diferenciação do protoplasma, as condições para a expressão da vida, É, no entanto, o sopro deste espírito que constitui toda a vida que pode ser chamada verdadeiramente humana. São as aspirações, as esperanças, o amor e o ódio, os métodos

intelectuais e espirituais de existência. O corpo expressa a mente apenas de forma limitada, E a mente, por sua vez, dá-nos apenas um vislumbre deste reino superior. Mas cada vislumbre prova a vastidão do que está para além.

Se removêssemos da existência humana tudo o que não é puramente físico, e acrescentássemos todas as capacidades que um ser humano poderia alcançar através da evolução material, ainda assim, a expressão da humanidade seria árida e vazia. O bebé humano é completamente indefeso. Até uma idade relativamente madura, o ser humano não consegue lidar sozinho com os elementos naturais. Os animais, por outro lado, têm um instinto natural de sobrevivência, uma resistência aos elementos materiais. O organismo humano não contém essa proteção inata. Mas o momento em que entramos no mundo da mente,

Quando o espírito permeia o organismo, Nesse instante, temos contacto com um poder capaz de enfrentar qualquer desafio. Em vez da força física e do instinto animal, temos uma inteligência que nos permite construir cidades e impérios, erguer reinos e derrubá-los, desafiar completamente as necessidades físicas da existência humana. O homem força o seu organismo a tarefas hercúleas, que matariam um cavalo ou qualquer outro animal. Nenhum animal sobreviveria ao esforço físico que o homem se impõe a si mesmo, ao explorar selvagens desertos, florestas, ou as regiões geladas do Norte. Ao torturar e treinar o seu corpo para suportar fadiga, perigo, privações, o homem jejum e festins, e, sob a força dominante da sua vontade, Aproveita-se da natureza preguiçosa, E obriga o seu organismo a obedecer à sua vontade.

É um alívio feliz tanto para a alma como para o corpo quando chega o sono. O corpo sente-se aliviado por ver-se livre dos seus mestres impiedosos, E a alma alegra-se com a libertação temporária de ter de impulsionar o corpo constantemente. Já alguma vez pensaste que, neste reino do sono, Este limiar entre o verdadeiro reino da alma e o mundo exterior, Enquanto o corpo repousa e dorme, E o senhor das tarefas está ausente, A alma desfruta de um raro e maravilhoso privilégio de liberdade? Consegues imaginar um pássaro libertado da gaiola? Ou alguém livre das tarefas e fardos de uma vida dura? Então compreenderás que o reino que é natural à existência divina Não é natural ao corpo físico, E que o contacto entre ambos só pode ser momentâneo.

Quando as pessoas dizem que anseiam pelo descanso eterno, Não sabem o que estão a pedir. O corpo físico pode desejar o descanso, isso é verdade. Mas o que é descanso para o corpo Não o é para o espírito. A mente procura constantemente novos campos de conquista, e a alma estende-se sempre em busca de novos domínios, no reino celestial que entra a partir do sono. Sem dúvida, as atividades da alma são ainda maiores quando esta é libertada pelo sono e pela morte. Pois, se a alma pudesse dormir mesmo por um instante, isso significaria a sua aniquilação. Mas, quando retorna ao contacto com a Terra, ao mundo letárgico da vida humana, ela volta com um propósito mais profundo, com um impulso renovado.

Alguém disse — e acreditamos que seja muito sábio — Que o reino do sono fecha este maravilhoso portal, para que pareça não haver outra forma de entrar nele Exceto através da porta da morte. Pois, se assim não fosse, seria uma tristeza imensa permanecer na monotonia do mundo material, forçando o corpo a realizar tarefas que nunca poderá compreender verdadeiramente, buscando conquistas que jamais poderá alcançar, pois não pertencem à sua natureza. E, no fim, através da porta da revelação, descobrir que esse reino nunca pertenceu ao corpo, mas sim ao princípio vivo, à alma dentro do homem.

Que magia tem a inspiração que abre os portais da vida! Que força tem o altruísmo, O desejo profundo de agir em benefício dos outros! Quando a vida é divina e verdadeira, ela abençoa, eleva e fortalece as mãos em cada trabalho. Neste reino incomparável, tudo é possível. Cada caminho é um portal aberto para esperanças e realizações maravilhosas. Se a força do espírito humano, que sobrevive à morte, É apenas uma pequena parte da vida, Então, que êxtase não sentirá a alma Quando as portas da vida física finalmente se fecharem? Quando todas as lutas exteriores cessarem, E o espírito se libertar completamente? Fala-se da imortalidade como se fosse um problema, algo a ser resolvido, uma questão ainda sem resposta. Mas a natureza imortal do homem já se revelou milhares e milhares de vezes.

Tudo aquilo que rompe as barreiras dos sentidos materiais, que impulsiona o homem a cumprir os seus deveres, E a realizar feitos ainda mais extraordinários, é uma prova da imortalidade. Tudo aquilo que pode pensar um pensamento, resolver um problema, criar um sistema de matemática, de linguagem, de ciência, é uma evidência do princípio imortal. O corpo é imortal? Não! Cada organismo tem de perecer, pois

não existe nenhum princípio na natureza que seja inalterável, que seja imortal. E, até que a ciência consiga mostrar-nos uma célula primordial, uma essência ou um átomo — algo que ainda não conseguiu fazer — Que seja imutável, Não poderá existir imortalidade no estado material.

A menos que o átomo supremo, o princípio primordial, seja imutável. Tudo o que é organizado e tudo o que é composto um dia terá de deixar de existir. Nenhuma ilusão foi tão absurda quanto aquela que levou os sábios da antiguidade A vaguear pelo mundo em busca do "elixir da vida", ou da "fonte maravilhosa da juventude eterna". Nenhuma teoria foi mais insensata do que as ideias modernas que proclamam Que, através de uma vida bem regulada, O homem pode preservar para sempre o seu organismo físico. Isso seria um encarceramento perpétuo. Seria melhor a aniquilação total. Pois, por mais que a matéria pudesse ser galvanizada para uma existência eterna, Isso seria uma desgraça infinita. Uma condenação tão terrível, que até o próprio Rio do Esquecimento ou os Infernos ortodoxos pareceriam opções preferíveis.

A ALMA COMO A VERDADEIRA ESSÊNCIA IMORTAL.

Consideremos, então, que a alma é a entidade suprema, O único princípio primordial, O único postulado absoluto e imortal. Tudo o mais se curva perante a sua expressão na Terra. O sopro espiritual, revelando-se através do organismo, mostra à mente humana o máximo que a alma pode manifestar neste estado material. Mas, oh! Que outras alturas podem ser reveladas! Os vislumbres do Monte das Oliveiras, que nos mostram a vida divina para além deste mundo. A transfiguração, onde os esplendores de outro reino Brilham através de Cristo, revelando-o aos seus discípulos! A luz gloriosa que envolve santos, videntes e profetas! Neste outro reino, que a profecia nos revelou, Todos os anseios imortais se tornam claros. Aqueles que negam esta verdade, ou que tentam evitá-la, encontram-se perdidos numa costa desconhecida: De um lado, a aniquilação. Do outro, os terrores do inferno. Quem poderá descrever este reino da alma, se não aqueles que possuem a visão interior?

Aqueles que, através dos sonhos e anseios, descobrem de onde vêm os atributos divinos que circundam a vida humana? O anjo que habita na criança, que olha com maravilha para o mundo, E que diz sempre a verdade, até que o ensinam a não o fazer, traz essa verdade do reino da luz. A intuição na vida da mulher manifesta-se mais do que na vida do homem, pois ela não está tão acostumada a medir a existência humana

pelos caminhos da razão e da experiência. Quantas vezes um homem diz: "Ah! A minha esposa disse isto e aquilo…

Quem me dera tê-la escutado!" Nesse momento, ele reconhece e curva-se perante a intuição, Que tantas vezes chega à verdade mais depressa do que os caminhos longos da lógica e da razão. A intuição à priori é a única via de revelação da alma, O único método pelo qual a vida divina se incorpora na existência humana, A única faculdade que abre a porta da inspiração E nos leva à verdadeira luz. Lê a Palavra inspirada pelo Espírito! Sem esse Espírito, ela torna-se vazia e sem sentido, Como o materialista quer fazer-te acreditar. Mas lê-a com o Espírito, E ela torna-se luminosa como o Monte das Oliveiras, Dourada como o Monte da Transfiguração, Radiante como o anjo que permaneceu junto ao sepulcro. Neste túmulo da vida material, Neste mar de lutas, trabalhos e esforços, Se o homem fosse mergulhado sem esperança, se não houvesse nenhuma promessa de realização dos seus anseios superiores, que vazia, miserável e ilusória seria a sua existência!

Que inúteis seriam os seus esforços para o bem! Que estreitas e sufocantes seriam as paredes da sua morada material! Que vazias seriam as asas da sua aspiração e imaginação, Através das quais o seu espírito procura elevar-se! Mas abre esse reino… Deixa a luz interior entrar… Mede a vida humana pelo seu padrão mais alto, E não pelo mais baixo. Então, verás o reino dos videntes e dos profetas, e a grandeza da filosofia suprema, que nos permite ter esperança na humanidade.

O materialista rebaixa a Terra ao nível mais baixo; Mas aquele que acredita no espírito e na imortalidade eleva o mundo ao seu patamar mais alto. Pelo bem do momento presente, pelo bem das vidas que se desdobram ao nosso redor, pelo bem daquilo que exige de cada ser humano que viva no seu mais alto e melhor nível, não devemos trazer a vida para o pó, Nem permitir que as asas da poesia e da filosofia divina, que Platão e Sócrates ensinaram, e que os videntes revelaram, desapareçam no esquecimento.

Não devemos ensinar que a vida não passa de uma rotina árdua, onde apenas lutamos pelo pão de cada dia, para alimentar um corpo que acabará por regressar ao pó. Que a mente não se alimente apenas do intelecto e das cascas vazias da matéria, mas que a alma venha à luz, trazendo consigo as suas frotas divinas de luz, e os frutos do reino celestial, que fazem a vida humana bela e prazerosa. E então, a Terra transforma-se. Os desertos florescem como jardins, Fontes brotam no

meio da aridez, e todas as vidas humanas, antes náufragos nas margens do tempo, antes errantes sem rumo, serão acolhidas no reino divino, e a eternidade da vida abrir-se-á diante delas. Um único vislumbre dessa verdade superior Vale mais do que todas as rotinas áridas e estreitas que muitos tomam por vida. Por isso, afastamo-nos das escolas de ciência técnica e filosofia materialista, embora úteis, são apenas métodos.

O que buscamos é o reino mais alto e divino, pois a única imortalidade que existe no homem é aquela que reside no seu mais elevado e melhor ser. Se isto não for imortal, então que o pó o engula, que a aniquilação o envolva, que toda a esperança e aspiração pelo divino sejam apagadas para sempre. Mas o ensinamento de todas as eras revelou sempre a luz da inspiração. Não temos apenas a voz do Sinai e do Monte das Oliveiras, mas também a voz dos filósofos, mestres, videntes, poetas e filantropos de todas as épocas.

O Sermão da Montanha ergue-se como a luz dourada a ser seguida por todos, E os ensinamentos de Platão tornam-se a filosofia para o mundo inteiro. Enquanto os corpos descem ao nível que lhes pertence, o pensamento eleva-se como um mensageiro alado, Surgindo de dentro de nós, E a alma dobra todas as coisas ao cumprimento do seu propósito supremo. Por fim, quando o corpo for deixado de lado, Depois de ter cumprido a sua função, Tudo o que foi agregado pelo espírito, Tudo o que nasceu da aspiração e do sentimento, Permanecerá como o verdadeiro tesouro da alma, Que é tão imortal e eterna quanto Deus.

CASAMENTO NA VIDA ESPIRITUAL

Sob a inspiração de seus guias, proferido no Berkeley Hall, Boston, domingo, 18 de janeiro de 1880.

Perguntas respondidas pelo espírito Adin August Ballou, para o grupo.

[Relatado para o *Banner of Light*]

Recorda-se que, no domingo passado pela manhã, algumas perguntas foram propostas ao final do discurso. Entre essas perguntas, uma foi a seguinte: “Casamento na Vida Espiritual.” Declaramos que esse tema seria mais adequado para um discurso e, como a audiência manifestou interesse, decidimos adotá-lo como o assunto do sermão desta manhã.

O mais elevado estado da civilização humana é o lar; o mais elevado estado do lar é o casamento. O que faz com que as civilizações de hoje sejam superiores às do passado é o fato de que o ideal social está exaltado, que a condição do homem e da mulher está igualada e correlacionada; que nenhuma parte do tecido social é ignorada e que a existência social, que forma a essência da vida, é considerada sagrada. Digo considerada, pois nem sempre é assim. Nem sempre, nas relações da vida humana, os seres humanos são perfeitos.

Muito poucos são perfeitos como pai, mãe, irmã, irmão, esposa ou amigo. Muito poucos são perfeitos como marido, pois a humanidade é imperfeita. No entanto, o estado ideal da paternidade é Deus; o estado ideal do casamento é a expressão individual do princípio universal da vida e do amor. Tudo o que, na vida humana, fica aquém desse ideal deve-se às imperfeições da humanidade, e não ao princípio divino do casamento no universo. Tudo o que falha no tecido social é resultado de uma conceção imperfeita da vida ou de uma falta de apreço pelo princípio essencial da sociedade.

Se, nas eras passadas, o poder constituía a base da autoridade, se a força física representava o direito e o desejo físico constituía o casamento, então, nesta dispensação cristã, o direito substitui a força, o amor toma o lugar do poder, e a elevação espiritual e mental substitui a força física, o apetite e a propensão. E, à medida que a vida social se eleva através da união exata dos dois fatores que tornam a vida completa, a humanidade caminha em direção ao casamento perfeito.

A grande questão que absorve aqueles que investigam a existência espiritual parece ser: Haverá, na vida espiritual, estados sociais correspondentes aos da Terra? E, derivada dessa, a pergunta: Existe casamento na vida espiritual? Se estiverdes qualificados para decidir o que é o casamento, podereis fazer essa pergunta. Se perguntardes: Existe casamento por conveniência, casamento por interesse, casamento por riqueza, casamento por poder, casamento por intelecto, casamento por nome, orgulho ou status? Responderemos: Essas são degradações da vida humana; pertencem ao estado material; estão ligadas à existência física. Se perguntardes novamente: Existe casamento orgânico na vida espiritual como na Terra?...

Nós respondemos: Não. Nenhuma dessas condições constitui casamento.

A expressão externa da vida humana é a última e provavelmente a mais baixa forma de casamento no universo, exceto aquela que pertence aos reinos inferiores ao homem. No entanto, toda forma de vida social na Terra, começando pela mais baixa expressão da aspiração humana, gradualmente busca alcançar a mais elevada, e é nessas conceções que o espírito acabará por se manifestar. Vocês frequentemente recordam a mensagem de Cristo: "No céu, não se casam nem se dão em casamento, mas são como os anjos." Ele tampouco se dignou a explicar como são os anjos, nem qual é sua condição, salvo o fato de que são anjos.

O que mais se relaciona com sua consciência é: quais são as relações entre os espíritos desencarnados que, ao deixarem o tempo e a matéria, emergem no estado superior, o próximo estágio da vida? Essas relações sociais são semelhantes às da Terra? Há casamentos nesses estados? Nós respondemos que, entre a vida espiritual que imediatamente segue ao estado terreno e o grau angélico, existem associações, laços, afeições, vínculos espirituais do lar e da parentela que os unem.

Mas, como afirmado anteriormente, o casamento orgânico não existe na vida espiritual, pois este é o resultado da existência física, sendo o esforço do espírito para expressar, através da matéria, aquilo que tem um significado espiritual. Em cada afeto da mente, em tudo que pertence ao espírito humano, no que se refere à exaltação da vida humana, há unidade, unicidade, casamento, de acordo com o grau de evolução individual.

A vida dual não é meramente a vida da matéria, mas sim a expressão, na matéria, daquilo que no espírito ou na vida última é uma unidade. A vida dual da Terra é apenas uma fraca interpretação da grandiosa vida unitária do espírito, e a associação na vida espiritual é resultado das leis espirituais, sendo estas determinadas pelo grau de simpatia, pela qualidade do afeto e pela exata adaptação entre os seres. Mãe e filho, pai e filho, irmão e irmã, amigo e amigo se reencontram na vida espiritual, não devido a qualquer relacionamento físico ou orgânico, nem pelo laço de consanguinidade que os uniu na Terra, mas por uma relação espiritual que é superior à matéria e que, de fato, foi a força determinante de sua afeição enquanto estavam na Terra.

O mesmo ocorre com aqueles que, no casamento, viveram juntos por muitos anos, tornando-se cada vez mais compatíveis e unidos. A associação espiritual continua. Eles dependem um do outro lá, assim

como aqui, e se os laços externos são rompidos pelo que se chama de morte, o espírito ainda mantém essa dependência. Entretanto, como muitos casamentos terrenos são formados por considerações externas e não espirituais, não se pode presumir que essas considerações externas permanecerão válidas na vida espiritual. Apenas aqueles laços que unem duas almas, nascidos da afinidade e adaptação espiritual, manterão sua força e poder no mundo espiritual.

Queremos que isso fique claro para vocês, para que compreendam que, embora não haja separação entre famílias que possuem qualquer grau de ligação espiritual, não pode haver, na vida espiritual, um vínculo meramente baseado na carne e no sangue. Muitas vezes, as famílias são unidas por consanguinidade, por motivos de conveniência, política ou negócios, e o lar é mantido coeso não pelo laço central do amor, mas por outros interesses que moldam a estrutura social e regem o mundo.

Ao passarem para a vida espiritual, enquanto a mente retém as mesmas visões, vocês continuarão sendo regidos pelas mesmas leis. No entanto, assim que perceberem que a força externa não é o poder controlador na vida espiritual e que a lei do parentesco físico não mantém sua influência sobre o espírito, discernirão que, por meio de um forte afeto, existiam laços espirituais que os uniam aos seus entes queridos. E compreenderão que aqueles que não pertencem ao seu próprio lar podem, por vezes, estar mais intimamente ligados a vocês, enquanto aqueles que pertencem à sua família frequentemente se distanciam, como ocorre, de fato, na vida terrena, quando cada um segue suas próprias atrações e afetos.

A solene lei da adaptação espiritual, a solene proclamação do crescimento espiritual e o fato de que, em cada estágio da vida espiritual, a natureza dual do homem e da mulher é mantida, provam que há uma lei espiritual de associação que não se assemelha à externa, sendo esta apenas sua fraca sombra.

Frequentemente nos perguntam: a vida espiritual se assemelha à vida terrena? Melhor seria perguntar: há algo na vida terrena que nos recorda a vida espiritual?

Com frequência, somos solicitados a traçar comparações entre a vida espiritual e estados similares na Terra. No entanto, seria melhor inverter a ordem da questão e perguntar se há algo na vida humana que permita

julgar como poderá ser a vida espiritual. Assim, podemos responder com mais propriedade: o casamento externo é a condição de expressar o espírito na forma material. O casamento espiritual é a adaptação de mente a mente, de pensamento a pensamento, de espírito a espírito, e produz resultados na vida espiritual que correspondem a essa existência, não tendo uma aplicação genérica, mas sim uma aplicação ao crescimento espiritual.

Muitas vezes, o poeta, o artista, o pintor e o escultor são inflamados pelo entusiasmo de sua arte graças à companhia de um amigo escolhido, de um companheiro querido, da esposa do lar. O mundo vê a arte, contempla o rosto da Madona cintilando em formas e pinturas, mas não consegue perceber qual anjo está enaltecido no lar como o gênio que estimula essa arte. Beatriz, irradiando sua luz sobre Dante na solene visão de seu extraordinário drama, é o segredo de seu encanto inigualável. Diz-se que Rafael escreveu um único poema para aquela a quem amava.

Você não preferiria ver esse poema a todas as pinturas que ele fez de Madonas que nada significavam para ele, exceto belos rostos, ou de crianças que, para ele, eram apenas a encarnação do espírito de Cristo em formas infantis? Esse único poema era a chave de sua vida. Nele, encontraria o segredo de sua arte. Diz-se que Dante pintou uma única imagem—o retrato da santa no Céu a quem amava. Você não preferiria ver essa imagem a ler todo o drama divino que ele retratou com suas palavras extraordinárias? Pois, para ele, essa imagem era sagrada, enaltecida no mais profundo santuário de seu coração.

Se você tivesse visto aquele rosto irradiando sua luz sobre ele como obra de suas mãos, teria compreendido a chave do matrimônio celestial em sua alma. Assim, a nota-chave da vida humana está em qualquer inspiração, enaltecida no coração, que impulsiona o mais alto esforço da vida. As canções e os hinos entoados pelos mestres são menores do que o pensamento que os inspira, e, em cada alma, há uma imagem sagrada, mantendo seu domínio sereno sobre o coração e sobre a vida que vibra ao toque de sua inspiração.

Pode-se revestir isso com as vestes do casamento externo, ou pode estar muito acima, em um estado e esfera superiores. No fim, é o matrimônio celestial.

A vida dual que frequentemente existe na Terra produz a colheita do esforço frutífero para aquelas mentes sinceras e crentes, que afirmam a verdade com o aspeto solene e inspirador dos oráculos, transformando com fervor a devoção da amizade em uma imagem mais sublime e esculpindo um nome sagrado em algo que será enaltecido acima de tudo.

Vidas pequenas e desenvolvimentos limitados profanam a ideia do casamento ao reduzi-lo apenas ao sentido terreno. Mas a exaltação mais elevada deste tempo e desta era preenche o mundo intelectual com esplêndidas criações, nascidas da mente dual do homem e da mulher.

A poesia, a arte, a literatura e a escultura, outrora moldadas apenas pela mão do homem, dando-lhes formas de rudeza externa e leis arbitrárias, agora são suavemente tocadas pela delicada mão da mulher, que, com a ponta dos dedos de luz, suaviza a chama que de outra forma seria áspera demais, acendendo em todas as imagens vivas do coração o matrimônio do homem e da mulher no mundo do intelecto.

Por muito tempo, a ciência recusou-lhe sua luz; a religião, mantendo-se distante, não exaltou sua imagem com sacralidade; e o mundo da arte apenas retratou aquelas imagens nascidas da inspiração sagrada da vida da mulher sobre o homem.

Hoje, no entanto, no mundo da inteligência, essa vida dual começa a emergir. Lado a lado, eles percorrem os caminhos do conhecimento; lado a lado, sobem a colina da fama e da ambição; lado a lado, buscam resolver os antigos enigmas da natureza e da matéria, sem perceber que o maior de todos os problemas está sendo desvendado no mundo social de hoje. Lado a lado, constroem e desconstroem o tecido da vida social, esquecendo-se de que a obra mais importante se realiza em seus próprios espíritos, tornando possível, neste momento e nesta hora, que homens e mulheres se sentem juntos em uma terra cristã e ouçam as palavras que escolhem ouvir, palavras nascidas da inspiração deste tempo.

Uma mulher adorando nas sinagogas da nação hebraica era considerada criminosa; um templo que exclui uma mulher em uma terra cristã é um lugar de crime. Hoje, a vida dual avança, e aquele que se envergonha de contar à esposa, mãe, irmã ou amiga onde passa seu tempo não está verdadeiramente inserido na vida social atual. A ideia já

penetrou na religião, e já não é vergonhoso para uma mulher falar, nem é vergonhoso que sua voz seja ouvida em espaços públicos. Como a humanidade deste tempo é composta por homens e mulheres, ela compartilha suas alegrias, interpreta o significado de suas tristezas, e está sempre próxima para inspirar, acalmar e confortar.

Nada é completo sem sua presença. Reinos foram derrubados sem ela, e o mundo permanece vazio se a esposa, a mãe e a amiga não estiverem ali. Este é o testemunho vivo deste tempo, nascido desta inteligência. O mundo espiritual está mais próximo de vocês. A vida dual se explica à sua consciência diária. Muitas vezes, os antigos não conseguiam compreendê-la, pois apenas os pensamentos e paixões inferiores estavam ligados à vida humana. O que faria a mulher no céu?

A mulher muçulmana, caso seja devota, ora para que, após a morte, possa ser transformada em homem, para que possa alcançar a imortalidade. O padrão típico da vida cristã é a ministração igualitária entre homem e mulher. A mãe de Cristo, exaltada acima de todas as outras, está entronizada no coração do culto cristão no Velho Mundo, especialmente em Roma, como se fosse uma forma de retaliação por ter sido ignorada por tanto tempo. E, através de períodos de dissensão e escuridão, a voz da mulher encontrou seu caminho, ecoando como um poderoso chamado de amor em todas as esferas da vida humana.

Amanhã, ao despertarem no mundo espiritual, encontrarão ali sua exaltação, elevação, estímulo e auxílio uns nos outros. O amor eterno e a sabedoria eterna, na vida dual do homem e da mulher, como seres humanos e como espíritos, os acompanharão. Seja qual for o trabalho que tiverem a fazer, ele será melhor realizado na presença do companheiro de seu coração. Seja qual for a vida que tenham de levar ou a tarefa que precisem desempenhar, ela não será realizada sozinha. O grande segredo do sucesso é a natureza estimulante desse oposto correlato.

O grande segredo do poder é o poder que surge da ação unida na vida humana. A ideia de cooperação está surgindo no mundo, não apenas no âmbito do lar, mas em toda a humanidade, e ninguém considera a vida completa sem a ação daquela força e poder complementares que a tornam uma unidade. Por menor que seja sua esfera de ação, por mais fraca que seja sua interpretação, por mais limitado e estreito que seja o ideal, ainda assim, ele não está completo sem aquilo que o preenche.

Quanto mais elevado se torna o ideal, mais sublime e completa se torna a revelação da vida espiritual, e à medida que seu pensamento se purifica, o matrimônio celestial se aproxima de vocês.

Swedenborg revela o fato de que a vida espiritual, sendo uma existência absoluta, imprime-se gradualmente na vida externa, e que no mundo material existe um protótipo dos estados espirituais — tão perfeito quanto a matéria pode expressar. A sutil energia que une estas flores em suas formas e cores específicas nasce de uma respiração dual, gerada em seu ser pelo espírito da vida. Assim, não é apenas a rosa, o lírio ou o jacinto que exalam sua fragrância sobre vocês, mas sim a ação dual da força espiritual, que, residindo em um estado superior, se manifesta na forma de flores, em sua cor e perfume, assim como suas vidas expressam o espírito que está além da matéria.

Ainda que de maneira imperfeita, tênue e longe da perfeição absoluta, essa expressão sempre conduz ao estado celestial, sempre aponta para uma profecia mais elevada e um cumprimento mais sublime. Todos, na vida espiritual, atingem o grau de união para o qual estão preparados, assim como acontece na Terra. A associação mais próxima, a mente mais querida, o coração que é mais seu, permanecerá ao seu lado no além. O que vocês se tornarão em outros estágios e estados será determinado pelo grau de crescimento, aspiração e perfeição que atingirem.

O casamento perfeito na Terra é tão raro que não se pode esperar preservar uma união nascida da imperfeição, a menos que essa imperfeição cresça junto até se tornar uma perfeição única. Mas nesse estado mais elevado e grandioso, o espírito dissolve os pequenos pensamentos—os ciúmes passageiros, as imperfeições do momento—em um reconhecimento espiritual. Muitas vezes, vocês despertarão do sonho da vida e perceberão que os verdadeiros amigos sempre estiveram ao seu lado, mesmo aqueles que negligenciaram, rejeitaram ou desprezaram em troca de prazeres triviais, mas o véu da vida externa impediu que vissem o verdadeiro laço que os unia.

Quantas vezes vocês despertarão do estado terreno, onde pequenas desavenças ou discordâncias os separaram de um amigo valioso, apenas para descobrir que os vínculos espirituais superaram toda a dúvida e desentendimento que surgiram dos meros sentidos externos. Essas ilusões os cercaram com nuvens e neblinas de equívoco, assim

como o embriagado desperta da escravidão de seus vícios, e aquele que percorreu caminhos proibidos do prazer desperta do controle dos sentidos para uma compreensão mais elevada do espírito. Ele percebe que a suave ministração do anjo de seu lar sempre foi a verdadeira salvação de sua vida.

Ele se torna mais próximo de sua família do que jamais foi na Terra; sente-se espiritualmente mais ligado àqueles que o abençoaram. Esposa, mãe e irmã tornam-se exaltadas, enaltecidas em sua alma na medida exata em que ele desperta do sonho dos sentidos. O pó não é afeição; a argila não é amor. Os apetites orgânicos da vida humana devem ser moldados e guiados pelo espírito e pela mente. Se não forem, conduzem ao pó e às cinzas, à amargura e à decadência. Mas se forem devidamente moldados, tornam-se elevados; produzem os frutos da vida humana; exaltam o destino da humanidade; retratam a possível evolução do ser humano no futuro. Eles revelam o avanço constante do tecido social, que não é formado apenas por seres humanos orgânicos, mas por almas, espíritos encarnados em formas humanas para a expressão do espírito.

Transponha seu conceito de casamento para o reino espiritual, não como uma expressão do mundo exterior, mas do mundo interior. Transponha seu pensamento sobre o matrimônio, não como algo nascido da argila, como o apetite físico que os aprisiona, mas como algo nascido do espírito, um estímulo ao esforço, uma força poderosa que impulsiona o intelecto, o criador de poemas, de arte, das maravilhosas formas e imagens do mundo. Então, vocês compreenderão que nenhum poema digno de ser lido jamais foi escrito sem ter sido inspirado por um amor elevado.

Então entenderão que a amizade é a inspiração de muitas canções e obras de arte, e que as grandes obras-primas do mundo são aquelas que retratam e consagram alguma alma, o reflexo da obra extraordinária. E isso explicará por que todos os ideais da vida humana falham em sua expressão, a menos que sejam moldados e estimulados pelo fervor do espírito. Assim como Cristo foi para o amor inefável que existia dentro dele, assim como Deus é para o universo maravilhoso que Ele anima e povoa com as imagens de Seu pensamento, essa vida dual, mesmo nas mentes mais humildes, forma o incentivo para o esforço, acende a chama da inspiração e desperta o fervor e o fogo da afeição exaltada na alma.

Até mesmo o rude marinheiro, perdido no mar, ouve de longe as canções de seus filhos, vê com os olhos do coração a luz do amor que aguarda sua chegada e, mesmo que seja ignorante e destituído de qualquer conhecimento das artes estéticas, o laço sagrado desse amor mágico impede-o de se desviar, conduzindo-o de volta ao lar, transformando-o em um porto seguro para sua alma.

Assim, no meio de todas as incertezas da vida humana, no meio de todas as contradições em que se encontram, a única afeição exaltada e ideal, aquela que os une hoje e os cativa para sempre, é a estrela-guia e o farol de suas vidas. Vocês a buscam incessantemente; ela se torna parte de vocês, e suas vidas são elevadas por ela. Seu poder e influência realizam maravilhas no mundo—o pai que resgata o filho inebriado através da força do amor, a mãe que busca seu filho em todas as suas errâncias, movida pela posse infinita e a exaltação de seu amor materno.

Assim, o espírito sempre cultiva a unidade—o estado mais elevado que pode alcançar. E nos planos da vida espiritual, sem as leis arbitrárias, as regras e os costumes que os aprisionam aqui, que são meros resquícios do pó terreno e conveniências mundanas, o vínculo entre marido e esposa continua como um impulso espiritual para o esforço, como uma fonte sagrada de ação e administração harmoniosa, como o elo dual que os une em um propósito mais elevado, como o meio de interpretar para eles a relação que, em última instância, se manifestará na esfera angelical.

Não digo que isso deva ser assim; digo que será, se houver entre eles uma necessidade recíproca maior do que qualquer outra demanda por sua presença mútua. Digo que será assim se a vida não tiver propósito e se os esforços do espírito forem vazios sem o outro. Digo que será assim se um for para o outro o complemento e suplemento do esforço mútuo e da aspiração espiritual. Digo que será assim se o espírito reconhecer no outro aquilo que é essencial para sua consciência espiritual mais íntima. Mas, na exata proporção em que o espírito se desenvolve, essa associação se tornará mais elevada e perfeita.

O nascimento dos pensamentos, as criações do gênio, a estimulação das ideias que surgem no mundo exterior através do inventor e do descobridor de novos mundos—tudo isso é gerado na vida espiritual por meio da associação e do esforço. Em vez de filhos, nascem pensamentos; em vez de formas externas, surgem imagens da alma.

Estas tremem em direção à Terra, encontram mentes afins sobre as quais repousar e iluminam o fardo da existência humana com lampejos do destino imortal. Além disso, há almas que já existem em algum lugar—não nascidas, mas que, através de vários processos de interpretação, serão conduzidas à consciência da vida humana.

Na vida espiritual e em seus vários estágios, vocês cuidam dos espíritos que estão prestes a nascer; não apenas daqueles que passam da vida terrena, mas também daqueles que, por meio de diversas gradações da vida espiritual, chegam ao mundo—não vindos diretamente das mãos da Terra, mas sim de algum estado angélico, onde as almas existem em sua essência absoluta, onde o primeiro tênue fio da vida se rompe para que possam entrar na consciência humana.

Não é isso um reflexo da presença de Deus na natureza, do espírito presente no pó? O barro que os cerca constantemente os separa dessa outra consciência que é sua própria, mas ao mesmo tempo os liga a ela pela memória inefável do passado infinito.

Não tratem esta mensagem ou esta palavra com leviandade, mas sim como uma promessa sagrada, não nascida da vida humana, mas da vida espiritual; como uma condição sagrada, da qual a expressão exterior é a mais fraca e imperfeita manifestação, enquanto o espírito apresenta os graus mais elevados e perfeitos. Dizemos a vocês que, em nenhum sentido terreno, os espíritos se casam ou se dão em casamento; mas, no sentido do espírito, eles permanecem relacionados no matrimônio espiritual e são unidos por laços inefáveis que tornam o homem e a mulher exaltados, perfeitos e divinos, mesmo na Terra.

A vida, em todas as suas várias fases do ser espiritual, não pode ser expressa de outra forma que não por essa relação dual, que, ao se tornar divinamente humana, molda o destino da humanidade rumo a um ideal elevado e divino, povoando o estado espiritual com aspirações vivas para o verdadeiro e celestial matrimônio.

Se houver alguma questão sobre este assunto, o orador responderá com prazer.

P.- Quando há casamento com mais de uma esposa nesta vida, existe apenas um casamento espiritual?

R.- Respondemos que pode haver apenas um casamento. Os diversos casamentos, sucedendo-se um após o outro quando a morte os separa, formam uma combinação que evidencia as diferentes necessidades da sua natureza; mas aquele que estiver mais próximo em espírito e responder mais plenamente à sua adaptação espiritual será seu companheiro na vida espiritual, e só pode haver um.

P.- O amor espiritual está sujeito a mudanças?

R.- O amor espiritual não está sujeito a mudanças. O que pode mudar é a ausência dele.

P.- Os Shakers não cometeram um erro ao representar Cristo como o esposo de Mãe Ann, enquanto negam o casamento a todos os outros?

R.- Os Shakers cometeram um erro, mas não ao proclamarem o casamento espiritual de Cristo como o masculino e da mãe de sua igreja como o feminino; isso pode ser seu ideal exaltado de matrimônio espiritual e, portanto, admissível.

Eles podem ter cometido um erro ao negar o casamento a todas as outras pessoas. Mas, se os compreendemos corretamente, eles não negam o matrimônio espiritual definitivo. O que os Shakers rejeitam neste momento é o casamento imperfeito da vida humana; no entanto, acreditam no matrimônio espiritual final de todas as almas viventes. Nesse ponto, estão corretos. Ao se recusarem a reconhecer as necessidades da humanidade na hora presente, podem cometer um equívoco, mas seu ideal é muito mais elevado do que o de muitas outras associações que alegam compreender mais.

Um cavalheiro no fundo do salão pediu ao orador que explicasse sua afirmação de que o amor espiritual não sofre mudanças.

R.- Talvez a linguagem não seja suficiente para expressá-lo de modo a ser plenamente compreendido. O amor espiritual, em sua essência, não é mutável. A ausência dele faz com que cada ser humano mude nos graus menores e inferiores do amor, pois esses não são espirituais. Mas quando o amor espiritual é plenamente atingido, ele não pode mudar.

P.- Não é possível que o matrimônio espiritual descrito por Swedenborg como celebrado pelos anjos possa ser celebrado pelo povo de Cristo aqui na Terra, com as bênçãos dos anjos e de Deus?

R.- Toda predição da alma é passível de realização no estado mais elevado da humanidade. Aquilo que lhes é descrito nesta tarde no discurso sobre "Os Amores dos Anjos", ou o que lhes é apresentado agora como o mais elevado estado do pensamento e do espírito humano, será um dia a posse da humanidade.

P.- Você percebe alguma diferença entre a visão dos espíritos Shakers sobre o casamento e a visão dos Shakers que ainda estão na Terra?

R.- Pelo que sabemos, os espíritos Shakers mantêm a ideia que afirmamos há poucos instantes—de que há um matrimônio espiritual definitivo, para o qual o mundo ainda não está preparado. Essa ideia é compartilhada pelos Shakers em ambos os mundos.

COMO AS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS SÃO PRODUZIDAS

A eletricidade geralmente não é o meio principal pelo qual os espíritos produzem sons.

Em todas as manifestações externas, existem três causas principais para os fenômenos observados.

Uma delas é de natureza elétrica.

Nesses casos, o espírito utiliza as forças elétricas constantemente emitidas pelo corpo humano.

É afirmado por cientistas da atualidade que o corpo humano gera eletricidade de uma qualidade mais sutil do que a utilizada em manifestações elétricas convencionais, como no telégrafo magnético.

A prova de que esse elemento é realmente eletricidade está no fato de que:

Ele afeta substâncias metálicas

Ele pode inflamar gases suscetíveis à ignição

Por exemplo:

O gás desta sala pode ser aceso pela eletricidade do corpo humano.

Se desejar, pode testar esse experimento em sua própria casa:

Caminhe pelo ambiente, gerando eletricidade em seu corpo.

Peça a alguém para abrir o gás para você.

Use solas de borracha (como as de sapatos com sola de borracha) e esfregue os pés no carpete para aumentar a carga elétrica.

Após andar várias vezes pelo cômodo, toque no gás e, provavelmente, ele se acenderá.

Muitas pessoas possuem esse poder natural e conseguem acender o gás sempre que tentam.

Essa é uma das forças ocultas do corpo humano.

Agora, quando essa energia é empregada por poderes espirituais, ela pode produzir certos sons.

Contudo, esses sons também podem ser originados pela presença de nitrogênio e ácido carbônico, bem como pela compressão da atmosfera—efeito causado pela combinação desses dois gases.

Você certamente já ouviu relatos de gotas d'água caindo sobre os rostos de pessoas presentes em sessões mediúnicas.

Essas gotas são resultado da condensação da atmosfera, um fenômeno produzido pela interação entre hidrogênio e nitrogênio.

A EVOLUÇÃO ATÔMICA E A FORMAÇÃO DE IMAGENS ESPIRITUAIS

O segundo tipo de manifestação ocorre por meio da evolução atômica.

Nesse processo, os átomos giram em altíssima velocidade e, ao produzirem um vácuo, geram uma concussão.

Esse fenômeno não pode ser visto a olho nu, pois as partículas envolvidas são infinitesimais.

Entretanto, a presença de um espírito pode afetar esses átomos, fazendo com que:

Eles girem rapidamente.

Criem formas visíveis para todas as pessoas presentes em uma sessão espírita.

Assim, quando figuras espirituais se materializam diante dos olhos dos participantes, elas são resultado da manipulação dessas partículas pelos espíritos.

O PAPEL DO FÓSFORO NAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

O terceiro elemento fundamental para as manifestações é o fósforo.

É amplamente reconhecido que todos os corpos altamente organizados possuem essa substância.

O fósforo está presente em praticamente todas as combinações de matéria, especialmente em:

Organismos vegetais e animais

Processos de decomposição, onde ocorre a liberação de emanações fosfóricas

Assim, para que certas manifestações ocorram, o fósforo deve estar presente.

Isso explica o fenômeno temido por muitas pessoas supersticiosas—o ignis fatuus.

Esse fenômeno nada mais é do que a luz resultante da decomposição de matéria vegetal.

Algumas situações que ilustram essa ocorrência natural incluem:

Certos tipos de madeira em decomposição emitem luz fosforescente na floresta.

Ao caminhar por áreas florestais ao entardecer, você pode observar uma tênue chama pálida emanando de troncos ou galhos caídos.

Esse mesmo tipo de luz também pode ser visto sobre a superfície do mar, causado por milhões de organismos microscópicos luminescentes.

Em alguns casos, esse brilho aparece em vastos bancos luminosos ou como uma folha de fogo sobre a água.

Esses exemplos demonstram que a presença de fósforo é essencial para certos tipos de manifestações espirituais.

O PAPEL DO FÓSFORO NO FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E NAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Acredita-se, entre os sábios modernos, que o fósforo constitui o principal nutriente do cérebro humano, e que todas as forças e fluidos nervosos—os quais servem de canal para a evolução do pensamento—são sustentados e alimentados por substâncias fosfóricas.

Dessa forma, certos tipos de peixes, que contêm uma alta proporção desse elemento, são considerados altamente benéficos para a alimentação humana.

Entre esses peixes, destacam-se:

Espécies de maior rapidez de movimento.

Aqueles que vivem em águas doces ricas em vegetação, em vez de alcalinos e substâncias minerais.

A truta, por exemplo, possui grande quantidade de fósforo.

O salmão também é dito como rico nesse elemento, que compõe a principal substância do cérebro.

Análises químicas minuciosas e sutis demonstraram que:

Os gânglios cerebrais, responsáveis pela geração da força mental, produzem essa força em proporção direta à presença de fósforo no organismo humano.

No futuro, a medicina poderá se aprofundar nesse estudo e investigar se o cérebro humano pode ser restaurado à sua força e poder originais por meio da administração adequada de forças nervosas em um estado refinado e avançado.

O fato de que tanto o organismo humano quanto o de diversos animais possuem esse elemento em alto grau prova amplamente que:

Em um estado elevado de cultura humana, o ideal será consumir apenas alimentos que forneçam os constituintes químicos necessários ao corpo.

Uma análise completa do sangue poderia identificar com exatidão todos os elementos químicos essenciais para a manutenção do sistema, demonstrando a necessidade de uma ciência absoluta, em oposição a uma medicina experimental.

A INFLUÊNCIA DO FÓSFORO NAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

O fósforo presente e gerado no cérebro está associado a outro elemento, com o qual se combina tão intimamente que é quase impossível separá-los.

Embora o pensamento não possa ser visto, os efeitos fosforescentes podem ser percebidos.

Esse produto intermediário, resultante da combinação entre fosfatos e a força nervosa do cérebro, produz:

Uma quantidade significativa de energia e volição.

A essência do que constitui a mente humana.

Esse é o elemento sutil sobre o qual os espíritos frequentemente atuam.

Algumas pessoas emitem eletricidade.

Outras emitem luzes fosfóricas, ou fósforo.

Essas substâncias podem ser controladas pelos espíritos, que, sob condições adequadas, conseguem produzir luzes fosfóricas ou elétricas.

É possível distinguir um tipo de luz do outro da seguinte maneira:

As luzes elétricas produzem som.

As luzes fosfóricas são silenciosas e tranquilas em sua aparência.

Essas luzes fosfóricas podem, por vezes, assumir diferentes colorações e frequentemente conferem aos objetos uma tonalidade azulada ou rosada.

Elas tendem a aparecer na presença de pessoas que constantemente vivem em uma atmosfera fosfórica.

Em uma sessão espiritual organizada e bem conduzida, esses elementos são levados em consideração.

Os espíritos, então, orientam a posição das pessoas, de forma que os elementos elétricos e fosfóricos sejam distribuídos de maneira equilibrada, sem interferirem negativamente um no outro.

A INTERAÇÃO ENTRE FORÇAS ELÉTRICAS E FOSFÓRICAS NAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Se um médium possui a força fosfórica e outro a força elétrica, essas energias se anulam mutuamente.

Muitas pessoas se perguntam por que, com dois médiuns tão poderosos, nenhuma manifestação ocorre.

A explicação é simples: as duas forças se neutralizam, e o espírito não tem sobre o que agir.

Se as pessoas compreendessem melhor a composição de seus próprios corpos, poderiam, frequentemente, organizar círculos mediúnicos de maneira a produzir manifestações muito mais intensas.

Com o tempo, esse conhecimento se tornará acessível e um sistema completo para o desenvolvimento de médiuns será introduzido—tão perfeito quanto qualquer outro sistema de conhecimento do mundo.

A IMPORTÂNCIA DO OZÔNIO NA PURIFICAÇÃO DO AMBIENTE

Se a presença de gás carbônico for excessiva, há um elemento que pode ser introduzido sem dificuldade e que não destrói as condições espirituais da forma que o oxigênio puro faria.

Esse elemento é o ozônio, que pode ser produzido pela combinação dos três seguintes compostos químicos:

Peróxido de manganês.

Permanganato de potássio.

Ácido oxálico.

Misture esses elementos em proporções iguais.

Em seguida:

Pegue duas colheres de sopa dessa mistura.

A cada duas horas, despeje uma colher de sopa de água sobre ela.

Isso liberará ozônio suficiente para purificar o ambiente, tornando o ar mais leve e adequado para as manifestações espirituais.

Essa técnica teria sido muito útil aqui.

Em quartos de doentes, onde o excesso de ozônio pode causar tosse, a quantidade indicada acima seria suficiente para purificar o ar sem causar efeitos adversos.

Nas sessões mediúnicas, o uso do ozônio ajudaria a fornecer ar puro para os pulmões dos participantes, sem esforço e a um custo muito baixo.

Esse elemento do ozônio é diferente do oxigênio bruto presente na atmosfera.

Ele é mais suave e equilibrado, de modo que não irrita as vias respiratórias como o oxigênio puro.

Porém, é importante lembrar que substâncias metálicas devem ser removidas do ambiente, com exceção do ouro e da platina, pois caso contrário, sofreriam oxidação.

Se essa sugestão for devidamente considerada, ficará evidente que:

O mundo espiritual está conduzindo uma série de investigações para facilitar a comunicação com os vivos.

O estudo detalhado dos elementos que compõem o corpo humano e os objetos com os quais interagimos melhoraria não apenas a saúde física, mas também a qualidade das manifestações espirituais.

A RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E MEDIUNIDADE

É indiscutível que quando a mente está suficientemente nutrida e sustentada, e o corpo está bem regulado, isso aumenta consideravelmente o poder dos espíritos desencarnados para se comunicar.

Diz-se frequentemente que pessoas doentes são os melhores médiuns.

Isso pode ocorrer porque, em certos estados de enfermidade, o cérebro se torna mais ativo, e o indivíduo pode experimentar um nível transcendente de cultura espiritual.

Entretanto, sem dúvida alguma, a forma mais elevada de manifestação espiritual só virá à Terra quando saúde perfeita e espiritualidade perfeita existirem juntas, lado a lado.

A Influência do Ambiente na Manifestação Espiritual

Muitas vezes, as doenças do corpo e a lassidão do sistema nervoso são causadas pelo ar impuro.

Se considerarmos que frequentemente criamos uma atmosfera na qual se torna quase impossível para um ser espiritual atuar, e que nossos corpos constantemente emanam substâncias proporcionais à alimentação e às bebidas que ingerimos, bem como pensamentos que geram vibrações contínuas, entenderemos que a atmosfera espiritual pode ser tão densa quanto a física.

Sendo assim, como seria possível que os espíritos se aproximassem de forma percetível e tangível?

Quando levamos em conta a natureza sutil e sensível do pensamento, do qual os próprios espíritos são formados, pode parecer surpreendente que haja qualquer tipo de intercomunicação entre nós e eles.

O fato é que nossos corpos estão tão debilitados, nossas mentes tão confusas e as fraquezas da carne tão pesadas, que não nos apresentamos de forma adequada sequer a nossos próprios amigos.

Estas são condições desfavoráveis, mas podem ser corrigidas pelo estudo dessas leis espirituais.

Ao compreender e respeitar essas leis, podemos convidar e facilitar a presença dos espíritos, tornando sua manifestação mais clara e intensa.

O Papel da Luz e da Eletricidade nas Sessões Espirituais

Sabemos que muitas pessoas rejeitam a ideia de sessões espirituais na escuridão, pois a alma aprecia a luz.

Entretanto, o uso dos raios violeta pode eliminar essa necessidade, evitando o desconforto e a resistência a sentar-se no escuro.

Porém, se houver luz no ambiente, é necessário que a sala seja parcialmente escurecida, caso contrário, as manifestações luminosas dos espíritos poderiam ocorrer sem serem percebidas.

A única maneira de vê-las claramente é no escuro.

Outro fator a ser considerado é a influência da eletricidade do corpo humano nas manifestações espirituais.

Grandes altitudes amplificam os efeitos da eletricidade corporal.

Um grupo recente de exploradores nos Estados Unidos subiu uma montanha de 1.992 pés acima do nível do mar.

No topo, o campo elétrico era tão intenso que os cabelos das pessoas se arrepiavam visivelmente devido à presença de partículas elétricas no ar.

Um dos exploradores sofreu um choque tão forte que quase foi derrubado ao chão.

Esse tipo de experimento pode facilitar o estudo das forças elétricas naturais do corpo humano.

Entretanto, tais experimentos nem sempre são desejáveis ou recomendados.

O corpo humano precisa da eletricidade para manter seu equilíbrio natural, e essa energia não deve ser liberada sem uma reposição equivalente.

Se a manifestação espiritual for de natureza elétrica, será mais intensa em grandes altitudes.

Por outro lado, se a manifestação for de natureza fosfórica, será melhor observada em altitudes mais baixas, especialmente próximo a rios e córregos de água doce, onde ocorre uma maior liberação de gás carbônico.

A Influência do Ambiente e da Mente nas Manifestações Espirituais

Existem indivíduos com constituições peculiares que sempre preferem habitar lugares próximos a poças lamacentas, bosques e pântanos, vivendo entre a vegetação densa.

Embora essas condições geralmente sejam prejudiciais à saúde humana, para essas pessoas, o efeito fosfórico da vegetação em decomposição é essencial, e elas sentem-se melhor em atmosferas húmidas e carregadas, ao invés de secas e ricas em oxigênio.

Essas características influenciam tanto o bem-estar físico quanto a presença e manifestação dos espíritos.

No entanto, o elemento essencial para a comunicação espiritual é, acima de tudo, a mente humana, pois ela é o elo de ligação entre os mortais e os espíritos — o único vínculo em comum entre ambos.

Os corpos espirituais, compostos por elementos mais sutis e desconhecidos, não podem se assimilar fisicamente aos corpos materiais.

Seus pensamentos e modos de existência são tão distintos e distantes da compreensão humana que só podem se comunicar através da mente, valendo-se das imagens e formas que os encarnados associam ao mundo espiritual.

Dessa forma, o equilíbrio e a harmonia mental são fatores fundamentais para a eficácia das manifestações espirituais.

Uma mente tranquila, aberta e recetiva favorece muito mais esse intercâmbio do que uma mente presa a pensamentos rígidos e preconcebidos.

Não se trata apenas de força de vontade, nem de um pensamento anguloso e rígido, mas sim de um estado mental de serenidade e aceitação, que esteja pronto para absorver novas ideias e investigar a verdade, por mais que estas entrem em choque com crenças já estabelecidas.

Essa capacidade de receção e investigação é o canal mais seguro para a atuação dos espíritos.

Se a conexão mental for rompida ou se a pessoa estiver em desarmonia consigo mesma, então não será um bom momento para buscar a comunhão espiritual, pois a maior parte do tempo será desperdiçada apenas tentando tranquilizar a mente.

O Papel da Música na Comunicação Espiritual

A música é sempre recomendada nas sessões espirituais, justamente porque suas vibrações harmônicas atuam sobre os sentidos e sobre o sistema nervoso, facilitando a tranquilidade mental — um estado que sempre se deve almejar.

Se não houver música em sua alma, como poderá esperar harmonia e convidar os espíritos a se manifestarem?

Os espíritos já atingiram uma harmonia de pensamento muito superior à dos encarnados.

Cada pensamento deles é como uma nota musical, cada aspiração uma melodia, compondo uma sinfonia espiritual que define sua própria existência.

Como, então, poderiam se comunicar com aqueles que se encontram imersos em conflitos internos e desequilíbrio nervoso?

Portanto, ao buscar o contato com o mundo espiritual, assegure-se de que sua mente esteja serena.

Evite influências físicas e emocionais que causem desarmonia, mantendo-se em sintonia com as leis naturais que regem a saúde do corpo e da alma.

Você pode imaginar, pelo deleite que sente ao ter uma sessão harmoniosa e bem organizada, ao perceber que a comunhão flui agradavelmente e fluentemente, com toda a paz, como as melodiosas notas de um grande mestre. Compare isso com aquelas sessões onde há jargões e discórdia, e acusações de impostura.

Você pode facilmente compreender as grandes dificuldades que seus amigos espirituais enfrentam para produzir qualquer manifestação satisfatória. Em suas mãos repousa o poder e a capacidade não apenas de tornar cada sessão satisfatória, mas também de eliminar qualquer possibilidade de suspeita quanto à honestidade direta e ao propósito de cada pessoa presente. A suspeita excessiva destrói a atmosfera tanto quanto a credulidade excessiva; portanto, você deve sempre formar suas sessões com pessoas cuja integridade não possa ser questionada e, então, aceitar tudo o que vier.

É tão necessário cumprir as condições das manifestações espirituais quanto é obedecer às leis e regulamentos de um corpo corporativo ou de qualquer sociedade científica na Terra. Se deseja investigar qualquer assunto, deve fazê-lo sob as condições em que ele lhe é apresentado. Se deseja viajar de trem para algum lugar, deve cumprir as regras da companhia ferroviária.

Na investigação do Espiritualismo, há condições sutis — uma variedade de leis que precisam ser compreendidas antes que se possa chegar a um resultado satisfatório; e, nessa busca, você não deve desanimar e fraquejar diante das dificuldades que se apresentam à sua mente. Se estiver perseguindo algum objetivo temporal, nunca se cansa em seus esforços; mas, ao conduzir uma investigação com seus amigos espirituais, quantas vezes, se a primeira ou segunda tentativa não for satisfatória, o estudioso da Terra se afasta e diz que investigou o assunto, sem dar mais atenção a ele.

Uma vez, em uma sessão, ele diz que tentou conversar com espíritos, mas que não foi satisfatório. Essa é toda a investigação que ele fez sobre o assunto? E isso é suficiente? Sim, para ele, isso basta; e, assim, aqueles que passam a vida investigando minuciosamente certos aspetos da matéria se dão por satisfeitos com um único experimento frágil relacionado à eternidade. Certamente, a coerência é uma joia rara.

Na busca de seus objetivos e ambições individuais, você sabe os sacrifícios que constantemente faz — como suporta fadiga e todo tipo de desconforto para alcançar algo que considera de importância transcendente. Não pode haver objetivo mais elevado do que provar a existência além da morte e a presença e comunhão dos espíritos que partiram. Tudo o que lhe proporciona conhecimento sobre esse tema, que revela as leis pelas quais essas coisas são possíveis neste dia de maravilhas, é, por si só, um tema de indiscutível interesse.

Seguramente, uma ciência tão vasta, que não apenas abre o reino espiritual, mas também fundamenta todo o esforço mental em sua organização, é digna de tempo, energia e dedicação; e não apenas um, mas vários testes — não apenas um, mas múltiplos esforços de pensamento e aplicação devem ser empregados com o propósito de investigar e descobrir as leis sutis e maravilhosas que a regem.

É, de fato, uma ciência que, como a pedra angular do arco, une todas as ciências no grande esquema da vida espiritual; é, sem dúvida, como o solvente da natureza buscado pelos filósofos antigos, no qual todas as outras substâncias podem ser fundidas e mescladas no único cadinho do pensamento. É a pedra filosofal, na qual você pode olhar com visão encantada e ver ali a verdade que há tanto tempo espera encontrar; mas é também aquele maravilhoso elixir da vida, procurado pelos sábios antigos com o propósito de perpetuar a existência física por meio da descoberta dos princípios imutáveis da vida.

O elemento da juventude eterna encontra-se no pensamento que inspira seu cérebro, na mente que habita seu corpo, no espírito que não decai nem envelhece, mas que, apesar das rugas na testa e da forma debilitada e enfraquecida, realmente vive e permanece sempre jovem. Esse elemento e esse poder dariam vigor onde agora há fraqueza e lassidão; dariam força onde há doença; dariam luz onde os olhos são débeis; dariam um impulso à vida que tantas vezes é encontrada sem propósito.

Se você construiu para o tempo, é uma coisa: sua estrutura deve ser estreita, baixa e material; você deve rastejar nos sentidos e se curvar ao deus que diz que não há nada além desta vida. Se você constrói para a eternidade, é outra coisa: pode lançar os alicerces sobre a terra, mas a estrutura da sua própria existência e do seu ser deve se projetar para fora e para cima, alcançando a própria eternidade. Os cuidados, as amenidades, cada aspiração definitiva do espírito tornam-se partes importantes do vasto templo que é destinado à eternidade.

Com que frequência o esforço da ciência contemporânea se concentra em erguer elementos de poder material e vaidade, que muitas vezes a próxima geração demolirá? Mas se você constrói espiritualmente, para a estrutura que fundamenta sua existência exterior, então ela será composta de pensamentos que perdurarão. Assim, desde o princípio, ao ensinar o alfabeto a seus filhos, você perceberá que não se trata apenas de algo passageiro — um conhecimento para ser aplicado ao longo dos

árduos anos de preocupações terrenas —, mas sim da construção da estrutura eterna da alma, da existência real e tangível que se encontra além do véu sombrio da vida incerta.

Essas são algumas das considerações que fundamentam as razões pelas quais, ao buscar essas investigações, você deve procurar as melhores e mais elevadas condições. A verdadeira ciência nunca está em desacordo com a verdadeira religião. A ciência genuína é sempre espiritual, pois, subjacente a cada princípio da natureza e a cada átomo da matéria, existe o espírito predominante, cuja vida molda o átomo e, ao longo dos séculos, o faz evoluir em formas de beleza e vida.

O espírito é tudo. A matéria é a forma, a estrutura externa, o vestuário, o servo da alma; enquanto o espírito, ilimitado em sua capacidade e infinito em seu poder, está aliado ao Deus Infinito!

EXCERTOS DE CORA RICHMOND

Pergunta — Quando uma pessoa muito doente recebe cloral para aliviar a dor e, durante dias, não reconhece ninguém, onde está o espírito e em que condições se encontra?

Resposta — Todos os estados de coma parcial ou total, ou qualquer condição não natural produzida por meios artificiais, são estados em que o espírito se retira temporariamente do corpo físico — referimo-nos, com isto, à sua atividade mental. O vínculo vital ainda permanece, mas, mesmo durante o sono, os espíritos dos mortais comunicam com os seus amigos falecidos e, frequentemente, têm consciência de terem conversado com eles, embora, por vezes, apenas recordem que visitaram terras maravilhosas e viram paisagens encantadoras que gostariam de relembrar, mas que continuamente escapam à mente desperta.

Sob a influência de substâncias como o cloral, a ação do espírito não é tão saudável ou natural como durante o sono. No entanto, durante o sono induzido por um mesmerizador, ou em estado de transe, o espírito aproveita a sua expulsão temporária do cérebro físico para visitar cenários espirituais. Frequentemente, em casos de transe ou coma induzidos por epilepsia ou catalepsia, a pessoa tem consciência de ter visitado reinos invisíveis, conversado com anjos e, muitas vezes, descreve imagens do céu.

O estado parcial de inconsciência ocorre quando o cérebro exterior se mantém suficientemente ativo para estar num estado de delírio. A verdadeira inconsciência, afinal, é a ausência ou separação do corpo físico. Isto poderia ser chamado de vida dual do homem, se não fosse pelo facto de que a consciência, por mais transitória que seja a sua expressão ou ausência, só pode estar ativa num lugar de cada vez. Pode haver uma interpenetração dos dois estados — o exterior e o interior. O espírito pode estar ciente das coisas espirituais, enquanto o corpo pode, em alguns casos, permanecer sensível às coisas externas.

Contudo, em todos os casos de suspensão da consciência externa, o espírito nunca está inconsciente; pelo contrário, está desperto noutro mundo. E quando passardes pela mudança chamada morte e despertardes totalmente do sonho da vida física, encontrareis cenas, rostos e lugares familiares e exclamareis a cada passo: "Já estive aqui antes."

Pergunta — Estamos a realizar círculos, buscando sinceramente conhecimento espiritual. Um espírito manifestou-se numa das nossas sessões e disse que estava morto há três anos. Posteriormente, descobrimos que ele ainda estava vivo. Tivemos outros casos semelhantes. Por favor, podem dizer-nos porque somos enganados desta forma, quando procuramos apenas a verdade?

Resposta — Muitas vezes, espíritos que deixam temporariamente os seus corpos podem comunicar sem qualquer noção de tempo; muitas vezes também descrevem a sua condição espiritual, em vez da física. Esse indivíduo pode estar morto para toda a utilidade, para qualquer efeito material, no que diz respeito à sua vida espiritual.

Conhecemos um caso particular que podemos atestar bem. Um espírito comunicou, dando detalhes completos da sua morte — onde ocorreu e sob que circunstâncias — e a pessoa foi encontrada viva na vida física. Exatamente um ano depois, essa pessoa morreu precisamente nas circunstâncias descritas na comunicação, demonstrando uma previsão do espírito do indivíduo enquanto estava temporariamente ausente do corpo, como se a sua morte já tivesse ocorrido.

Há outras razões e explicações para essas mensagens, que não são assim tão raras. Uma senhora do Oeste recebeu uma comunicação do seu irmão. Ela acreditava que o irmão tinha deixado a vida terrena, mas

duas ou três semanas depois recebeu notícias de que ele estava vivo e bem. No entanto, no momento em que recebeu a mensagem, ele estava em estado de coma profundo, sob o efeito da morfina, e provavelmente o seu espírito desconhecia que o seu corpo ainda estava vivo.

Tais ocorrências levam-vos frequentemente a refletir sobre a natureza do espírito, que pode estar ausente do corpo físico mesmo enquanto este ainda parece ativo. Isso poderá conduzir-vos a uma descoberta ainda mais profunda: que tempo e espaço, no que diz respeito ao conhecimento espiritual, são frequentemente abolidos por completo, sendo a perceção do tempo apenas possível através da ligação com mentes humanas. No mundo espiritual, tempo e espaço não são necessários nem constituem partes integrantes da existência espiritual, tal como são reconhecidos na Terra.

Pergunta — Em relação à transmigração das almas, tomamos alguma outra forma e seguimos num ciclo constante de progressão? Por outras palavras, uma alma reentra alguma vez noutro corpo, por vezes melhor e outras vezes pior do que o seu anterior?

Resposta — No que diz respeito à palavra *transmigração*, não a aceitamos como aplicável à alma humana, uma vez que, no Oriente, refere-se ao espírito humano em conexão com uma possível encarnação num cão, cavalo ou outros animais, bem como em outras formas inferiores de vida, o que os videntes orientais não ensinam e que também não é ensinado pelo mundo espiritual nas suas instruções sobre o reencarne.

A palavra correta seria *reencarnações*, no plural; a experiência do espírito em diferentes corpos ou impulsos para a Terra é, no seu todo, um ciclo contínuo de progresso. No entanto, os seres humanos não são sempre capazes de julgar o que seria progresso e o que seria retrocesso, pois, enquanto alguns poderiam considerar que passar da condição de camponês para a de César seria progresso, outros poderiam considerar o contrário como sendo a verdadeira progressão.

Cada espírito é reencarnado sucessivamente na forma que o próximo passo do seu crescimento exige, seja ele qual for, de acordo com a experiência individual. Se hoje estais cheios de orgulho, de poder, de autoridade e de tirania, sem dúvida que o próximo passo necessário ao vosso progresso será uma lição de humildade.

Isto pode parecer um retrocesso, mas, na realidade, é um avanço para o indivíduo que o experiencia. Cada reencarnação ou impulso é um desdobramento direto do espírito, no ciclo da sua plena e espiritual realização, e formaria, se fosse analisado, um caminho ou cadeia em espiral, pela qual, começando no mais fraco e imperfeito, acabais por ascender à mais alta e perfeita expressão da vida humana.

Pergunta — Os planetas são habitados? E os espíritos visitam-nos para conhecer o seu nível de desenvolvimento em comparação com os habitantes da Terra?

Resposta — Os planetas são habitados. Os planetas inferiores à Terra e aqueles que estão apenas um ou dois graus além do nível de desenvolvimento terrestre podem ser visitados pelos espíritos deste planeta. No entanto, os planetas ainda mais avançados encontram-se demasiado distantes em termos de progresso espiritual para que espíritos não iluminados possam alcançá-los. Apenas aqueles que atingiram graus angélicos superiores podem estabelecer uma comunicação real entre planetas de alta ordem, através de vários níveis de mensageiros angélicos.

Através dos espíritos mais evoluídos da Terra, recebemos conhecimento sobre planetas mais remotos e altamente desenvolvidos. Os planetas mais próximos da Terra, como Marte e até Júpiter, bem como aqueles que estão dentro da órbita terrestre, mais próximos do Sol, como Mercúrio e Vénus, podem ser visitados por espíritos da Terra. Os espíritos destes planetas e os espíritos do vosso mundo podem estabelecer comunhão.

Frequentemente, espíritos da Terra passam para a atmosfera espiritual destes planetas para adquirir experiência ou para exercer alguma missão, conforme o caso. Em todos os casos, o nível de desenvolvimento da vida encontra-se exatamente de acordo com a posição do planeta. Mercúrio é considerado o menos desenvolvido, Vénus o seguinte (falando numa condição geral média), depois a Terra e assim sucessivamente, até considerarmos todos os planetas do sistema solar. O nível médio de desenvolvimento avança um passo a cada planeta, até se atingir o mais exterior.

Os espíritos dos planetas que se encontram dentro da órbita terrestre não podem aproximar-se da Terra sem instrução ou permissão. No

entanto, aqueles que habitam planetas além da Terra e que atingiram um estado espiritual superior aproximam-se frequentemente da Terra, seja para auxiliar os espíritos próximos de vós, seja para transmitir mensagens às vossas mentes, quando estas não podem ser comunicadas através dos vossos espíritos guardiães ou anjos.

Pergunta — Qual é a vossa opinião sobre a revelação de Cristo à humanidade?

Resposta — A mensagem essencial de Cristo foi uma mensagem espiritual, em contraste com a mensagem mosaica, que era literal. Com isto queremos dizer que, enquanto a dispensação mosaica representava a Lei, a dispensação de Cristo representava o Espírito da Lei. Consideramos a sua expressão espiritual a mais elevada já concedida à Terra. O último Messias expressa o mais alto grau espiritual; o próximo será o grau além de Cristo, aquilo que ele próprio profetizou.

Consideramos a “Regra de Ouro” a mais elevada diretriz já dada para a orientação do homem. Ainda que possa ter sido ensinada antes, foi incorporada na qualidade espiritual de Cristo e na sua vida, constituindo a síntese dessa lição. Consideramos o “Sermão da Montanha” a mais sublime expressão de promessa e espiritualidade concedida à humanidade, e, por isso, permanecerá para sempre como o resumo daquela dispensação espiritual.

Quando o Consolador, que Cristo prometeu, verdadeiramente vier, então compreendereis melhor o significado da dispensação de Cristo. Cada dispensação é mais desenvolvida pela sua sucessora do que no seu próprio tempo. Cristo revelou mais profundamente o espírito da dispensação hebraica; um novo Messias revelará, cada vez mais, o espírito da dispensação de Cristo, pois, com cada novo avanço, aquilo que o precedeu torna-se mais aceite, enquanto a oposição do mundo se volta para o novo.

Na nova dispensação, aqueles que acreditam em Cristo terão sido reunidos no reino espiritual que ele possui, enquanto um novo anjo agitará as águas e chamará aqueles que deverão dar o próximo passo.

Pergunta — Os nossos amigos espirituais conseguem ver as condições naturais presentes e futuras dos amigos terrenos enquanto ainda vivem na Terra? Por outras palavras, os nossos amigos espirituais conseguem

ver o fim desde o princípio, estando assim conscientes do que nos espera no tempo que ainda nos resta na Terra?

Resposta — A capacidade de conhecer o futuro depende do conhecimento que o espírito possui sobre a lei espiritual e da sua intuição proveniente de fontes superiores. Os espíritos, mais do que os mortais, discernem o desfecho dos acontecimentos e são capazes de perceber um grau além do que os mortais conseguem — aquilo que está por vir.

Existem espíritos de graus superiores e anjos que percebem o fim desde o início da vida humana; mas nem todos os espíritos desencarnados percebem o futuro. Alguns conseguem ver apenas um grau além do que os mortais percebem — e, em alguns casos, nem sequer isso, se o seu discernimento não estiver suficientemente despertado.

No entanto, existem esferas da vida espiritual onde a profecia é tão clara quanto a lembrança do passado, e onde o futuro é julgado da mesma forma que o passado, segundo certos padrões de vida conhecidos pelo espírito.

Nestes casos, se esses espíritos forem os vossos guias espirituais ou anjos, são capazes de saber com certeza que muitos dos acontecimentos que considerais desafortunados e desoladores são, na verdade, apenas preparações para estados mais elevados. Eles conseguem ver claramente para além das nuvens, enquanto vós ainda estais no meio delas.

Pergunta — Os espíritos desencarnados entram num reino de conhecimento absoluto sobre os muitos mistérios que são desconhecidos para os mortais?

Resposta — Os espíritos desencarnados não entram num reino de conhecimento absoluto sobre qualquer um dos mistérios desconhecidos pelos mortais, exceto um único facto: a existência para além da morte. E mesmo essa compreensão não é adquirida de imediato por todos os espíritos desencarnados.

Tudo o que qualquer espírito pode reivindicar é um passo adicional para além do conhecimento adquirido na Terra, bem como oportunidades de progresso espiritual. Os espíritos apenas partilham as suas opiniões e o

conhecimento que alcançaram sobre qualquer assunto, na medida em que esse conhecimento lhes foi revelado.

Nenhum espírito reivindica infalibilidade; nem mesmo os anjos nas suas moradas celestiais afirmam possuir conhecimento absoluto. Existem muitas vias de perceção, de intuição, e de tudo o que pertence ao poder espiritual de discernimento; estas capacidades estão mais desenvolvidas no espírito.

O intelecto humano vagueia na escuridão dos efeitos externos, enquanto o espírito percebe com mais clareza as causas aproximadas dos acontecimentos. No entanto, nenhum espírito afirma ser infalível, nem possuir conhecimento absoluto — apenas o Infinito pode ter esse domínio.

A SEGUNDA MORTE

Pergunta — Poderia a inteligência controladora explicar a “segunda morte” ou as diferentes mudanças de uma esfera para outra na vida espiritual? São semelhantes à morte do corpo físico para o espiritual?

Resposta — Não consideramos que a "segunda morte" referida nas Escrituras se limite apenas às mudanças nos estados espirituais; acreditamos que também se aplica à vida terrena. Explicaremos o que se quis dizer com esse termo e, em seguida, responderemos à questão aqui colocada.

A segunda morte mencionada na Bíblia refere-se, sem dúvida, à dissolução de qualquer elemento da vossa natureza que impeça o vosso crescimento espiritual. Enquanto o corpo pode morrer, o espírito pode estar vivo; enquanto o corpo pode viver, o espírito pode estar sob o jugo da morte.

Uma pessoa pode, devido a alguma exaltação, estímulo ambiental ou influência psicológica, ser temporariamente atraída para uma verdade mais elevada e, depois, regredir. Esta recaída, como é chamada no mundo, é conhecida como “segunda morte”, pois revela que a condição do homem ou da mulher era pior do que se supunha; no entanto, isto não é eterno, tal como a condição anterior também não era.

As mudanças na vida espiritual não podem ser designadas como morte, a menos que se refiram ao contínuo e gradual crescimento, que faz com que, a cada dia, um novo pensamento tome o lugar de um antigo, e uma nova condição substitua a que a precedeu. Não reconhecemos que exista, no progresso do espírito, qualquer introdução formal noutra esfera de vida que se assemelhe à morte.

No que diz respeito aos estados espirituais, se o espírito voltar a entrar na vida humana — o que ensinamos, como sabeis, juntamente com outros que controlam médiuns — então isso pode ser interpretado como a segunda morte. Contudo, na vida espiritual, não há um abandono da forma material que corresponda ao que acontece quando se deixa a vida terrena. Assim, não há uma mudança drástica, mas sim um desdobramento gradual e um contínuo embelezamento da forma espiritual, que prossegue até que se atinja a vida angélica.

Portanto, a morte que o questionador deseja ver explicada é aquela que ocorre todos os dias e a cada hora, quando se abandona uma condição antiga e se assume ou avança para uma nova.

O PÓLO NORTE

Pergunta — Quais são as condições físicas e climáticas da região da Terra conhecida como Pólo Norte? E, se for habitada por seres humanos, como são as suas condições físicas, mentais e morais?

Resposta — Não consideramos que o Pólo Norte seja habitado ou habitável. Acreditamos que o eixo da Terra, representado pelo Pólo, é o ponto de equilíbrio exato ou de *nulidade* do globo. No ponto específico que o Pólo Norte representa, há, tanto quanto é possível exprimir no universo, um estado de quase *nada*; caso contrário, não seria o Pólo, nem o ponto de equilíbrio magnético da Terra.

O Pólo magnético exato não está perfeitamente alinhado com o Pólo Norte, mas sim com a Estrela Polar; e, mesmo assim, não se encontra exatamente na mesma posição, devido às contínuas mudanças astronómicas. No entanto, a polaridade dos átomos e das atmosferas terrestres, centrada no Pólo Norte, serve como evidência de que ali não há vida; pois esse é o ponto de equilíbrio, e o equilíbrio não pode sustentar aquilo a que chamais vida orgânica.

A esfera polar, ou a influência dessa esfera, irradiando para outras superfícies da Terra, apresenta uma variedade de oportunidades para o exercício de poderes espirituais. No que se refere às correntes magnéticas, um ponto muito próximo do Pólo Norte, talvez um ou dois graus afastado, constitui o ponto de distribuição das forças magnéticas que percorrem a superfície da Terra e retornam, não apenas do interior do planeta, mas também da atmosfera que o envolve.

Assim, forma-se perpetuamente uma corrente dupla, que tem o seu ponto de distribuição em ambos os Pólos, mas principalmente no Pólo Norte. Esta é a nossa opinião sobre a questão, em conjunto com a resposta anterior.

O HOMEM À IMAGEM DE DEUS

Pergunta — Em que sentido foi o homem criado à imagem de Deus? — *Génesis 2:17*

Resposta — No sentido da vida eterna, da consciência eterna. O ato da criação é um ato divino. O homem, ao incorporar a vida espiritual na forma externa, torna-se, como Deus, um criador. Ele é, portanto, feito à sua imagem à medida que avança no reconhecimento disto, à medida que compreende mais profundamente a sua relação e afinidade com o divino e a imagem que carrega da divindade. Aqui, não nos referimos à forma externa, mas sim à atividade espiritual e à essência da própria alma, que é semelhante a Deus.

O ARREFECIMENTO DA TERRA E DO SOL

Pergunta — O Professor Peirce, há algum tempo, deu uma palestra no *Lowell Institute*, nesta cidade, sobre o arrefecimento da Terra e do Sol. Foi um discurso disperso sobre um tema importante, e como o questionador não compreendeu a hipótese do Professor, ele agora recorre aos cientistas no mundo espiritual para obter esclarecimento.

Resposta — Como não somos responsáveis pelas opiniões do Professor Peirce e como o tema não nos foi apresentado para consideração, preferimos não responder de forma breve a uma questão que exigiria, pelo menos, uma palestra inteira. Para discutir

adequadamente os vários processos de formação e desintegração dos planetas, seria necessário muito mais do que uma simples resposta.

No entanto, uma coisa deve ser considerada verdadeira: todos os corpos planetários pertencentes ao sistema solar estão gradualmente a passar do estado de vapor para um de endurecimento ou cristalização total. Este processo de arrefecimento leva milhões de anos, durante os quais os planetas desempenham as suas funções, dando origem a várias formas de vida.

Depois de expressar-se através destas diversas formas de existência, a Terra deixará, sem dúvida, de existir como planeta e passará a assumir outras formas, talvez retornando ao caos original ou dissolvendo-se gradualmente através do movimento. O próprio Sol, muito provavelmente, passará por um arrefecimento semelhante e cessará, um dia, de emitir luz, mas isto acontecerá apenas dentro de incontáveis milhões de anos, pois o processo é extremamente gradual.

A LEI DA GRAVITAÇÃO SEGUNDO NEWTON

Pergunta — Diz-se que Newton declarou que a gravitação é a simples expressão da lei pela qual os planetas tendem para o Sol. Newton estava correto a este respeito?

Resposta — A gravitação é um termo usado para descrever a atração dos corpos em movimento para um centro, ou a atração dos átomos entre si. Como os planetas giram em torno do Sol, o movimento concêntrico produz uma tendência para ele.

Seja qual for a força que inicialmente os expulsou ou separou do Sol, ela mantém-nos numa posição relativa em relação a ele. Um determinado grau de movimento faz com que um objeto gravite para o centro desse movimento. Assim, os planetas possuem duas leis de gravitação:

1. Uma que os atrai para o centro ou eixo do próprio planeta.
2. Outra que os atrai para o centro do sistema solar, que é o Sol.

A maior força gravitacional é em direção ao Sol, mas a força gravitacional que sentimos na superfície da Terra é em direção ao centro

da Terra. Isto pode ser verificado pelo facto de que todos os objetos sobre a superfície da Terra, mesmo estando entre vós e o Sol, ainda assim gravitam para o centro da Terra e não para o Sol.

Se não fosse assim, quando fosse noite convosco e dia na China, tudo na China seria puxado em direção ao Sol, e a Terra rapidamente se despovoaria. Mas, como tudo é atraído para o centro de gravitação da Terra, a gravidade em relação ao Sol apenas mantém o planeta na sua posição e dá vitalidade às substâncias sobre ele.

A ORIGEM DOS ESPÍRITOS

Pergunta — Há algum momento em que cada espírito individual tem um começo?

Resposta — Não há momento algum em que cada espírito individual tenha um começo, a menos que haja um momento em que cada espírito individual tenha um fim. As funções individuais da vida material têm começo e fim; a inteligência espiritual, a entidade, não tem princípio e não terá fim.

ESPÍRITOS GUARDIÃES

Pergunta — Todas as pessoas têm espíritos guardiães? E, se sim, é sempre o mesmo espírito? Podemos saber com certeza quem é esse espírito?

Resposta — Todas as pessoas têm espíritos guardiães; todas as pessoas têm anjos guardiães. O anjo guardião nunca muda, mas está convosco desde a vossa hora de nascimento na Terra e antes disso. O espírito guardião, no entanto, muda conforme a vossa condição e necessidade, sendo escolhido ou nomeado pelo vosso anjo guardião.

O espírito guardião de hoje pode ser uma criança, um pai ou uma mãe, ou alguém da vossa família; pode ser um irmão, uma irmã ou um amigo querido. Pode haver mais de um espírito guardião, mas pode haver apenas um anjo guardião.

Podeis saber quem é esse espírito se tiverdes o dom da comunhão espiritual ou se for sábio que saibais. No entanto, nem sempre é

aconselhável saber, pois os seres humanos muitas vezes dão demasiada importância aos nomes terrenos e consideram que, se o seu espírito guardião tiver um nome exaltado, isso lhes confere prestígio ou mérito. Podeis ter um espírito guardião que foi muito humilde na Terra, mas que, ainda assim, vos auxilia poderosamente.

Às vezes, é melhor que não saibais; mas se forem membros da vossa própria família ou amigos queridos que já partiram da vida terrena, há maneiras de os reconhecerdes — seja através da vossa própria intuição ou da comunicação direta por meio de médiuns espirituais.

Geralmente, os vossos pensamentos estão mais em sintonia com aquele que é o vosso espírito guardião. Se pensais constantemente nele, se a vossa mente se volta frequentemente para ele, podeis ter certeza de que ele está próximo e vos auxilia. Pode ser uma criança amada, um pai ou mãe, um irmão ou irmã; em cada caso, notareis que a vossa mente se dirige a essa pessoa com mais frequência do que a qualquer outro espírito — e, dessa forma, podereis saber que é o vosso guardião.

A ORIGEM DO PRIMEIRO HOMEM

Pergunta — Segundo os cálculos das inteligências espirituais, há quanto tempo apareceu o primeiro homem na Terra e em que condições?

Resposta — Como já respondemos a uma questão relacionada com este tema, afirmando que provavelmente não existiu um "primeiro homem", mas sim os primeiros *tipos* de seres humanos, responderemos da seguinte forma:

Calcula-se, em relação à idade do planeta, que as primeiras manifestações humanas devem ter ocorrido há cerca de cem milhões de anos. É verdade que as formas de vida humana surgiram na superfície da Terra, e as primeiras expressões da humanidade foram, em quase todos os casos, gigantes ou anões, ou as formas mais rudimentares de vida humana reconhecíveis.

No entanto, isto não significa necessariamente que essas formas se assemelhavam aos *busquimenos* ou a qualquer outra forma de vida animal inferior ao homem. Cada forma de vida era *humana* — humana

no seu estado mais primitivo. Esse estado primitivo não implica uma semelhança maior com o reino animal do que aquela que encontramos na humanidade atual, mas sim uma menor capacidade de expressão através das funções orgânicas e do tecido cerebral.

A ORIGEM DOS CIGANOS

Pergunta — De que raça descenderam os ciganos?

Resposta — A verdadeira origem dos ciganos não é conhecida pela história humana, mas, tanto quanto conseguimos rastrear, essas tribos errantes têm a sua origem em magos orientais de má reputação que, vivendo em diferentes países e enfrentando várias adversidades, foram aumentando em número através da junção de indivíduos de todas as nações da Europa.

Na América, não existem ciganos nativos, exceto talvez alguns que emigraram para este continente nos últimos dez anos.

A ORIGEM E DESTINO DOS ÍNDIOS NORTE-AMERICANOS

Pergunta — Qual é a origem e qual o destino dos índios da América do Norte?

Resposta — Tanto quanto conseguimos determinar, os índios da América do Norte são remanescentes de nações outrora poderosas que habitaram as regiões ocidentais e sudoeste deste continente. Estas tribos têm uma origem e um tipo físico distintamente asiáticos.

As civilizações cujas ruínas são encontradas na América Central e no México revelam um nível de cultura e iluminação superior ao das tribos nómadas da América do Norte. No entanto, estas tribos possuem uma semelhança fisionómica marcante com a raça japonesa, o que indica que, em determinado momento, ambas as civilizações foram uma só.

A separação dessas civilizações pode ter ocorrido devido a uma divisão, talvez vulcânica ou de outra natureza, que fez surgir o Oceano Pacífico, separando o continente original. Uma outra divisão criou o Oceano Atlântico, separando outro continente. A região central da

América do Norte foi outrora um oceano, e a terra firmou-se posteriormente, unindo-se às massas continentais.

A porção oriental do atual continente americano esteve em tempos ligada a uma massa continental a leste, enquanto a porção ocidental esteve unida à Ásia. Assim, as nações do Novo Mundo antecedem a Europa em centenas de milhares de anos. Comparativamente, toda a região europeia é de formação recente.

O destino dos índios americanos parece ser o desaparecimento sob o domínio daquilo que chamais de "direito" sustentado pela força. Se isto será benéfico para as vossas civilizações, é incerto. Contudo, é absolutamente certo que a injustiça que causa a sua extinção não o será. Se o índio americano tivesse sido corretamente integrado, teria acrescentado um elemento ao vosso caráter como nação que agora vos falta gravemente. Deixamos a vós a reflexão sobre qual seria esse elemento.

OS GÉMEOS SIAMESES NA VIDA ESPIRITUAL

Pergunta — Os gémeos siameses estão unidos na vida espiritual, tal como estiveram aqui, ou cada um é um indivíduo distinto e separado?

Resposta — Como eram indivíduos distintos e separados aqui, não há razão para supor que sejam diferentes na vida espiritual. O vínculo físico que os unia não se mantém na vida espiritual, exceto talvez por hábito, durante algum tempo.

Existe uma simpatia psicológica derivada da associação terrena que pode persistir temporariamente na vida espiritual. No entanto, esses dois indivíduos eram tão distintos quanto possível, e embora tivessem uma ligação física, muitas vezes discordavam mentalmente um do outro. Assim, não haveria qualquer lei de atração que os mantivesse unidos na vida espiritual.

Sem dúvida, o vínculo terreno teve alguma influência sutil ou pré-natal que os obrigou à associação, para um propósito de disciplina espiritual.

A TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA PARA O CORPO DE UM ANIMAL

Pergunta — Alguma vez o espírito de um homem, seja por escolha ou por obrigação, torna-se habitante do corpo de um animal ou pássaro?

Resposta — Tanto quanto sabemos, nunca.

A antiga ideia da transmigração das almas difere essencialmente da reencarnação em formas humanas e tem a sua origem numa verdade parcial relacionada com a reabilitação da forma humana. No entanto, desconhecemos qualquer caso em que o espírito humano pudesse habitar o corpo de um ser pertencente a uma forma de vida inferior.

Como o espírito cria o seu próprio organismo, não seria possível para um ser humano produzir qualquer forma que não fosse a forma humana.

A GRANDE PREVALÊNCIA DO CRIME

Pergunta — Qual é a principal causa da grande prevalência do crime no país atualmente?

Resposta — Tanto quanto sabemos, há duas causas principais:

O crime sempre existiu no mundo, mas atualmente existem maiores meios para a sua descoberta e divulgação.
De acordo com informações transmitidas através deste e de outros instrumentos do mundo espiritual, vivemos um período de *culminações*.
Assim como o periélio dos planetas marca a culminação de certos ciclos sociais e espirituais, também testemunhamos agora uma culminação de certas forças associadas ao crime. Questões que estiveram latentes por muito tempo, e causas que foram cultivadas na sociedade durante anos e até séculos, estão agora a vir à superfície.

Isto pode ser comparado à erupção de uma doença antiga — é a manifestação visível do que a sociedade tem vindo a alimentar silenciosamente ao longo do tempo. O crime esteve adormecido, alimentado pelas próprias fundações da vida social.
Estais agora a colher aquilo que semeastes; estais a colher a colheita do que o mundo plantou. No entanto, esta situação atual resulta de uma acumulação dupla de causas espirituais e físicas, relacionadas com o periélio dos planetas.

A DIFERENÇA ENTRE ALMA E ESPÍRITO

Pergunta — O que entendeis por diferença entre alma e espírito?

Resposta — Usamos estas palavras de acordo com a nossa própria compreensão; as nossas definições devem ser entendidas como as nossas próprias, e não como regras absolutas em relação às opiniões de outros espíritos.

Usamos a palavra *alma* para expressar a entidade espiritual mais íntima e essencial. Usamos a palavra *espírito* para designar a forma que hoje, amanhã ou num determinado momento no tempo pode manifestar-se — o espírito da criança, o espírito do homem.

No entanto, a alma não é nem criança, nem homem, nem mulher, mas sim *anjo*.

O CRIME ATRAVÉS DOS TEMPOS

Pergunta — Não há menos crime hoje do que em tempos passados, em relação à população?

Resposta — Acreditamos que há menos crime no mundo do que em qualquer outro período anterior da história, pois todas as formas de vida humana estão a progredir. A vida humana média de hoje, considerando o número de habitantes na superfície da Terra, representa um grau mais elevado de desenvolvimento moral, tal como a média da vida humana apresenta um grau superior de perfeição física.

Houve quem dissesse que o mundo está em declínio, que a raça humana é inferior às que a precederam ou aos seus antepassados. Isto *não é verdade*!

Num torneio realizado há alguns anos em Inglaterra, a armadura que a geração moderna pretendia usar para celebrar grandes vitórias dos seus antepassados foi, na maioria dos casos, encontrada demasiado pequena por vários centímetros.

Está bem comprovado que as nações que representam a civilização e o crescimento iluminado de séculos também apresentam um maior grau de perfeição física. O progresso médio rumo à perfeição é muito maior.

É verdade que os espartanos tinham heróis, mas esses eram apenas aqueles que, entre os antigos gregos, possuíam força e capacidade física. Isso acontecia porque os outros eram deliberadamente eliminados: os bebés que se revelassem fisicamente imperfeitos eram destruídos. Quando se permite que a humanidade siga o seu curso natural, a melhoria média torna-se evidente, tanto no mundo físico como no moral.

Não é verdade que haja mais crimes, em proporção ao número total de habitantes, do que antes; na realidade, há menos.

Contudo, é verdade que há uma maior difusão do conhecimento, tornando mais fácil saber o que acontece em qualquer parte do globo. Antigamente, os piratas, os bandoleiros que ocupavam os tronos dos reis, podiam cometer assassinatos sem que houvesse qualquer lei civil que exigisse uma resposta.

É fácil perceber que o aparente aumento do crime nos tempos atuais não se deve a uma real acumulação de iniquidade, mas sim ao facto de que hoje existem mais meios para a descobrir.

O mundo, no seu todo, avança e rejeita o crime numa escala muito maior do que em qualquer outro momento da sua história.

O ESPIRITUALISMO MODERNO

Discurso proferido em BROOKLYN, a 20 de abril de 1857

"Existem verdades gloriosas em conexão com o Espiritualismo moderno e, se sim, quais são algumas delas?"

O tema apresentado para nossa elucidação nesta ocasião — "Existem grandes princípios de verdade no Espiritualismo moderno?" — é tão abstruso, tão abstrato, que nos esforçaremos, se possível, para extrair dele ideias, princípios e fatos que ilustrem claramente a todas as mentes que pode haver, pelo menos, alguns princípios de verdade no Espiritualismo moderno. No entanto, esta é uma questão que toda mente deste século tem tentado resolver: talvez algumas pessoas tenham chegado a conclusões, mas muito poucas chegaram às corretas.

Muitos professam acreditar e reconhecer que descobriram princípios de verdade nas manifestações do Espiritualismo, ou nos vários fenômenos

que estão sendo exibidos em diferentes partes do vosso país e que surgem espontaneamente em todo o mundo. No entanto, ousamos dizer que eles não encontraram tanta verdade quanto imaginam.

Em primeiro lugar, essa questão envolve uma dúvida e sugere infidelidade e ateísmo. Não desejamos que entendam que estamos sendo pessoais nestas observações, mas, como a questão foi apresentada, ela implica que o inquiridor ou os inquiridores têm dúvidas quanto à verdade do Espiritualismo moderno.

Tema selecionado pela audiência.

Qualquer manifestação, qualquer amanhecer de uma nova era, qualquer desenvolvimento de um fenômeno, seja ele científico, religioso ou moral, está baseado em princípios de verdade; do contrário, não poderia existir. Deus não é, ao mesmo tempo, contraditório e harmonioso; Ele não é, ao mesmo tempo, odioso e belo; Ele não é um ser cheio de antagonismos, dúvidas, discrepâncias e desarmonias; mas Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre.

O Espiritualismo moderno, seja ele uma manifestação das leis da Natureza até então desconhecidas, seja uma manifestação de artifício ou truque, ou um renascimento de princípios religiosos que sempre existiram, ainda assim apresenta a toda mente algum grande princípio de verdade, pois a Verdade é sempre a mesma — a Verdade é o elemento simples, o fundamento, a pedra angular eterna no templo de nosso Pai. Mas a Verdade, seja ela manifestada no funcionamento silencioso da Terra material, nas ideias incongruentes do intelecto e da ciência ou na grande e gloriosa inspiração da religião, continua sendo Verdade, imutável para sempre.

Mas, deixando de lado essa ideia de dúvida, nos esforçaremos para ilustrar-lhes como um professor ensina seus alunos; ou suponhamos que vocês sejam crianças, e que estamos falando sobre um assunto no qual nunca pensaram antes e que envolve uma grande lição prática, cujo significado vocês, como crianças, ainda não compreendem.

O Espiritualismo moderno é assim chamado simplesmente porque há manifestações, fenômenos e revelações nesta época que correspondem às da era apostólica. O Espiritualismo moderno significa o Espiritualismo da era presente e, por antítese, indica que há um Espiritualismo antigo. Consequentemente, a forma correta de se colocar a questão deveria ser: "Existem princípios de verdade no Espiritualismo moderno e antigo, e há

uma analogia entre os dois? Se sim, qual será o resultado intelectual e moral dessas manifestações e das consequências dessas maravilhas?"

Homens e mulheres, vossas vidas inteiras, as vidas de vossos predecessores, as vidas de todos os grandes e notáveis homens do passado — as vidas dos profetas, videntes, poetas, filósofos, teólogos e homens de ciência — têm sido, de uma forma ou de outra, dedicadas à resolução deste grande problema: Existem grandes princípios de verdade no Espiritualismo, seja ele moderno ou antigo?

As inspirações das eras passadas vos foram transmitidas por meio da história sagrada e profana, culminando no presente como uma massa confusa de letras, palavras, sentenças, capítulos e livros, dos quais não tendes uma ideia distinta, exceto que chegaram até vós de tempos idos e foram santificados pelo tempo. No entanto, vós vos debruçais sobre essas páginas e pareceis tomados por um desejo novo e mais intenso de conhecimento, e então vos perguntai:

Existem grandes princípios de verdade no Espiritualismo antigo? Moisés foi inspirado? Jesus de Nazaré era divino? Era ele puro e santo? Seus discípulos eram verdadeiros adoradores? — até que, por fim, pareceis viver nas próprias eras do passado, vendo e ouvindo novamente as manifestações registradas na história; comparando-as com vossos próprios pensamentos e sentimentos, e então dizeis: "De fato, há alguma verdade nisso, pois do contrário não haveria razão para confiarmos em nossas experiências interiores."

Então, qual tem sido o resultado desses pensamentos e sentimentos? Dessas buscas por inspiração divina? Onde está o marco que deveria guiar o navegante em seu perpétuo progresso? Onde está a luz-guia que deveria apontar-lhe os bancos de areia e os redemoinhos neste oceano da vida, para que pudesse evitá-los? Essa luz-guia esteve, por um tempo, coberta, mergulhada em trevas, envolta nas nuvens do materialismo; e eis que, de repente, uma luz estranha irrompe, manifestando-se através de simples batidas, clamando com voz de terra: "Homem, tua alma é imortal!" O materialismo recua, a ciência se assusta, a religião se apavora, e os homens gritam: "Existem princípios de verdade nesta voz?"

É como a voz daquela estrela solitária que brilhou no Oriente há mil e oitocentos anos, parecendo penetrar no deserto, chamando reis e grandes homens à adoração. Eles não sabiam por quê, e, no entanto,

estavam aterrorizados, pois diziam: "Os credos das trevas serão destruídos diante desta luz resplandecente."

Essa voz, seja ela qual for; esse princípio de inspiração, esteja ele onde estiver; e essa beleza do pensamento, onde quer que encontre sua origem, estão fundamentados em um princípio de verdade, e esse princípio torna-se a estrela-guia do destino humano, o condutor de seu intelecto, estimulando todas as capacidades de sua mente e apresentando-lhe um campo vasto e quase inexplorado para suas operações, seus pensamentos, seus sentimentos, sua esperança, seu amor, até que a religião, combinada com todos os elementos nobres de sua natureza, seja chamada do passado morto ao presente vivo e concentrada nesta verdade divina.

Os Três Graus de Verdade no Espiritualismo Antigo e Moderno

Existem três graus de verdade manifestados tanto no Espiritualismo moderno quanto no antigo. O primeiro é a verdade material, o segundo é a verdade intelectual, e o terceiro é a verdade religiosa. Definiremos cada uma dessas verdades em ordem e então vos perguntaremos se pode haver, ao menos, alguns princípios de verdade nas revelações do Espiritualismo moderno.

1. Verdades materiais

O que são estas? São coisas, fatos, ideias, pensamentos e sentimentos que possuem uma ligação com a tangibilidade, com o mundo objetivo, com o mundo dos fatos, com o mundo prático, e que se revelam de tal forma, e por tais meios, que os sentidos humanos são assombrados, convencendo o indivíduo. Essas são verdades materiais, ou, poderíamos chamá-las de fatos que são a manifestação de verdades.

E quais são esses fatos? São a concentração de forças até então desconhecidas, que transmitem inteligência ao homem através de corpos tangíveis, por meio de elementos imponderáveis que, antes, se supunha não possuírem qualquer poder. São também as estranhas combinações de manifestações que se observam nos simples toques e batidas, transmitindo inteligência à alma, ainda que não possam ser produzidos por qualquer concentração de forças elétricas ou por qualquer outro poder, exceto pelo poder da inteligência.

As verdades materiais, então, são aquelas que se enquadram na categoria dos fatos e que se revelam aos sentidos absolutos do homem, através do intelecto, da perceção e da sensação, até que ele seja levado

a duvidar de suas próprias conclusões, simplesmente porque nunca viu tais coisas antes. E, assim, multidões que antes eram totalmente incrédulas tornaram-se convencidas, e milhões correm para ver esses fenômenos estranhos, emudecendo ao imaginar que veem uma mesa se mover e ouvem a voz de um anjo cantando doces canções, apontando-lhes um reino floral.

Nunca antes, no mundo da ciência, os homens foram considerados insanos por descobrirem um corpo ou um princípio, ou por exibirem as propriedades de uma lei. No entanto, enquanto algo permanecia apenas uma ideia, uma especulação, um princípio não demonstrado, aqueles que acreditavam nele eram tidos como loucos. Para ilustrar: a nova ciência astronômica, até um século atrás, não era reconhecida como verdadeira; as leis da gravitação não eram, até recentemente, aceitas como corretas — eram consideradas vagas e visionárias, e todos os homens que nelas acreditavam eram tidos como insanos. Mas os fatos, constantes como as gotas d'água que desgastam a pedra, deixaram sua marca legítima no mundo do pensamento, até que homens e mulheres passaram a aceitar inconscientemente as leis da gravitação e da astronomia, tornando-as realidades fixas e concretas sobre a Terra.

As leis e o poder do vapor, bem como a concentração da eletricidade, foram, por muito tempo, considerados vagos, visionários e fanáticos. Mas o que os fatos provam?

Que, hoje, o poderoso cavalo de ferro atravessa continentes, transportando o comércio das nações; e a eletricidade, aquele simples brinquedo de estudante, carrega em suas asas as mensagens, a inteligência e os interesses de todo o mundo civilizado.

O Espiritualismo é apenas outra força a vapor, outra eletricidade, capturada dos céus pelas pipas do pensamento e do sentimento com as quais os homens têm brincado ao longo das eras passadas, e que, até agora, não passavam de meros brinquedos. Essas pipas de pensamento, que se ergueram sobre as asas do vento, foram a Infidelidade e o Ateísmo; e essas foram as pipas da Humanidade — até que agora elas possam ser resolvidas em fios telegráficos, provando que existe um princípio, um pensamento, um sentimento, além daquilo que os homens até então haviam descoberto. E, assim, todo o mundo percebe isso inconscientemente.

Esse conhecimento está penetrando suas mentes, até que digam: "Sim, acreditamos nos toques e nas batidas, mas não acreditamos em

Espíritos. Pensamos que tudo isso é eletricidade." As manifestações, de fato, ocorrem — esta é a verdade material, e nenhuma mente inteligente, bem informada sobre os eventos do século XIX, tentará refutá-la.

AS VERDADES INTELECTUAIS NO ESPIRITUALISMO MODERNO

As verdades intelectuais reveladas pelo Espiritualismo moderno são, por assim dizer, as mais maravilhosas de todos os seus desdobramentos. E por quê? Porque, assim como a religião teve seu auge nas eras passadas e o materialismo na era presente, o intelecto, a verdadeira razão, que tem estado entre os dois como um meio-termo, deve ter seu desenvolvimento no futuro. Consequentemente, a fase intelectual do Espiritualismo é a mais importante, e suas manifestações de verdade são as mais radiantes e confiáveis.

"Mas como isso acontece?", perguntareis. "O Espiritualismo moderno revelou novas ideias ou verdades? Os Espíritos soletraram através das batidas ou toques algo que nenhuma mente terrena conhecia antes?"

Não. As verdades são imutáveis; elas nunca mudam, apenas sua manifestação muda. Mas o que realmente importa não é a verdade em si, mas a forma ou maneira como essa verdade é apresentada à mente humana; e se tendes a verdade dentro de vós, basta utilizar os meios adequados para trazê-la à luz e dar-lhe vida.

Então, quais são as verdades intelectuais reveladas pelo Espiritualismo moderno?

Primeiramente, ele explica as ciências do mesmerismo e da psicologia, que antes eram mistérios que ninguém conseguia solucionar. O Espiritualismo torna-se a chave que destranca aquilo que antes era misterioso no mesmerismo e na clarividência, permitindo que, ao traçar a história desses fenômenos, perceba-se que o Espiritualismo, em seu desenvolvimento, tem sido a força propulsora por trás deles.

Ele revela que a intercomunicação de alma com alma, de mente com mente, bem como as leis do pensamento, reveladas em todas as ciências, têm sua origem no Espiritualismo como princípio.

Em outras palavras, a fase intelectual do Espiritualismo tem sido a fonte de todas as revelações científicas e artísticas que brilham nas páginas do passado e que agora se apresentam em formas vivas no presente.

Portanto, intelectualmente, o homem tem agora uma estrela mais brilhante do que jamais teve; e mentes que antes flutuavam sem âncora,

sem leme, sem rumo, finalmente encontraram um porto onde podem descansar em paz, porque esses fatos emergiram carregados com os ricos frutos que crescem nos cumes eternos da Verdade. Perguntai aos homens de ciência desta era que investigaram o Espiritualismo com sinceridade — não como uma força Od, não como uma teoria do cérebro posterior, mas como Espiritualismo — e eles vos dirão, clara e francamente: "Encontramos o porto da Verdade, enquanto antes apenas descobríamos pequenas ilhas de fatos, variadas e passageiras, constantemente varridas pelos ventos soprados dos hemisférios norte e oeste da Verdade."

Mais uma vez, o Espiritualismo revelou uma verdade que, embora possa vos parecer surpreendente, não é menos verdadeira: ele revela e demonstra o fato essencial de que todos os homens são iguais em essência e em princípio; que os poderes de suas mentes, ainda que diferentes, têm sua origem na mesma fonte e no mesmo manancial; que, como toda a Natureza, eles são variados, porém harmônicos; e que as manifestações no cérebro humano são simplesmente as expressões externas de pensamentos e sentimentos, assim como cada flor e cada árvore manifesta seu próprio destino no mundo material. Assim, homens e mulheres tornam-se as flores e os frutos espirituais de nosso Pai, produzindo os frutos intelectuais e espirituais do amor e da harmonia perpétuos.

Esta é uma grande e gloriosa verdade; e pequeninos, mal capazes de pronunciar "Papai" e "Mamãe", surpreendem-nos com suas palavras de sabedoria, falando com uma profundidade de pensamento que nunca imaginaríamos que possuíssem. O que é isso?

É a verdade intelectual.

É a prova de que mentes fora da forma humana utilizam aquele pequeno cérebro e organismo para transmitir palavras de sabedoria, cumprindo assim a profecia do passado.

Mais uma vez, dizeis que isso é tão maravilhoso e surpreendente que vos afastais com medo e dúvida, dizendo: "Isso não pode ser verdade." Mas o Intelecto clama, com a rigorosa crítica da lógica, para que investigueis essas manifestações com calma e com método científico.

Mas pergunto-vos: quantos entre vós, presentes nesta ocasião, já o fizeram?

Quantos lançaram fora a espiritualidade da questão, todas as ideias de revelação e de imortalidade, e investigaram intelectualmente?

Quantos foram beneficiados por isso?

Quantos tiveram seus intelectos ampliados pelos ensinamentos e revelações das diversas formas do Espiritualismo moderno?

Atrevemo-nos a dizer que menos da metade de vós investigou o Espiritualismo sem preconceito, com sinceridade e com espírito religioso. O Espiritualismo, na forma em que agora se apresenta, pode não ser tão satisfatório quanto muitos desejariam; contudo, é, no mínimo, um degrau entre a Infidelidade e o Cristianismo — aquele verdadeiro Cristianismo, que não consiste apenas em uma crença formal, mas na prática de uma vida em harmonia com Deus; um Cristianismo vivo, não aquele que é pregado friamente do púlpito ou do tribuno, mas aquele que se manifesta no cotidiano, fundamentado em princípios imutáveis, cuja origem está em Deus.

Este Cristianismo foi transmitido pelos profetas e videntes do passado, foi manifestado em Jesus de Nazaré, e, agora, nesta era presente, vos chama a praticar seus ensinamentos.

Se tendes investigado verdadeiramente o Espiritualismo, no plano religioso, encontrareis nele a forma mais elevada de verdade já transmitida ao homem — a da imortalidade da alma. Pois nenhum infiel ou materialista, que tenha visto a luz do Espiritualismo moderno com um olhar desprovido de preconceito, deixou de perceber a beleza e a comprovação da própria imortalidade.

Por quê?

Porque a imortalidade é um fato material, intelectual e espiritual; e este torna-se o triplo teste do Espiritualismo moderno, que muitos de nossos reverendos doutores têm negligenciado.

Eles deram o nome certo, mas não aplicaram o teste correto. Pois se toda a ciência, toda a filosofia e toda a religião não forem trazidas para essa investigação, então não será uma investigação verdadeira.

Não podeis investigar corretamente utilizando apenas uma faculdade de vossa natureza; deveis utilizar todas.

E, assim, talvez, se o Espiritualismo não vos impacta intelectualmente ou materialmente, pode impactar-vos espiritualmente.

E então, ao aguardardes o resultado com serenidade, presenciareis a frutificação: extraís do desenvolvimento de vosso próprio pensamento e investigação o troféu do triunfo.

Tereis conquistado a infidelidade, o materialismo, o ateísmo, o dogmatismo; e vereis, então, a coroa de eterna beleza entrelaçar-se em vossa fronte, como resultado de vossa vitória.

Esta coroa torna-se um diadema vivo, uma flor da vossa alma, uma religião florescente, que se revela em uma verdade tão imutável quanto o próprio Deus.

Portanto, como filhos de vosso Pai, como filhos da Humanidade, como homens e mulheres de inteligência, investigai não apenas com o olhar crítico do materialismo, não apenas com a perspetiva da religião, mas com todas as faculdades de vossas almas.

E vede se no Espiritualismo, manifestado não apenas neste século, mas em todos os séculos — não apenas através das batidas, dos toques, das escritas, das palavras ou dos transes, mas através de cada pensamento e sentimento de vossa natureza — não existem grandes e gloriosas verdades, dignas de vossa mais profunda consideração e vossa mais atenta reflexão.

O SOCIALISMO À LUZ DO ESPIRITUALISMO

O socialismo em relação à civilização existente é o que a abolição foi para a escravatura, ou o que a religião de Cristo foi para a de Moisés.

Tudo o que existe contém porções de erro, de modo que aquilo que deve ser eterno busca sempre abolir o que está presente.

O que está por vir encontra-se hoje velado sob a palavra socialismo, ainda que obscurecido, ainda que apresentado sob extremos variados.

A civilização atual da Terra está em guerra com aquilo que o homem, por fim, aceitará como perfeição—e necessariamente está em guerra com isso por causa das suas imperfeições.

O egoísmo enfrenta-se contra o egoísmo.

A proteção dos direitos individuais acumulados entra em conflito com os direitos da humanidade—estas são apenas formas extremas do mesmo problema.

Toda a estrutura social ainda precisa ser resolvida, nos seus aspetos externos, à luz do futuro.

Fourier formulou um sistema que, em sua idealização, era perfeito, mas que, na sua implementação prática hoje, é impossível e, na sua representação, absurdo.

Ainda assim, aponta para um modelo que, no futuro, será praticável.

Os sonhos de poetas como Shelley e as experiências de filantropos como Robert Owen são apenas degraus e profecias do que está por vir.

Quando a humanidade alcançarmos o seu desenvolvimento pleno, do qual estas ideias são apenas prenúncios e premonições, o socialismo terá a concretização do seu sonho—mesmo que sob outro nome.

Não somos defensores de rótulos.

Assim como espiritualismo representa hoje a religião e as aspirações religiosas deste tempo, socialismo deve representar as mudanças que ocorrerão na sociedade humana.

Na sua forma mais externa, o socialismo parece anarquia, parece destruição—e de facto, a destruição tem mais força do que a reconstrução.

Mas é precisamente a destruição que é necessária.

Quando a abolição da escravatura aconteceu, ninguém sabia o que viria depois.

O depois foi deixado nas mãos de um poder superior ao do homem.

Hoje, a noite deve vir primeiro; as consequências que se seguirão não são da vossa responsabilidade.

Se a condição do escravo tornou-se melhor ou pior, se a sociedade tornou-se mais pacífica ou mais violenta, se há mais felicidade ou mais sofrimento—não é isso que importa agora.

A escravatura não poderia ter sido abolida voluntariamente; foi Deus quem teve de o fazer.

Sob a Némesis do Seu julgamento, a nação colheu, na amargura das lágrimas, a colheita dos seus erros.

O mundo inteiro encontra-se hoje numa condição de servidão, a maior e mais suprema das quais é a servidão ao Mammon.

O socialismo ideal posiciona-se contra isso.

Propõe, no entanto, enfrentar a força com força, a violência com violência, a inteligência com inteligência e a paz com paz.

Os fundadores do socialismo foram sonhadores.

Os que hoje o ilustram são, talvez, aqueles vindos dos bairros miseráveis.

Entre esses dois extremos encontram-se todas as esperanças da humanidade.

E essas esperanças devem encontrar expressão através de diversos meios:

Na derrubada da tirania,

Na criação de legislações que regulem os assuntos humanos de modo a atingir os objetivos desejados.

O socialismo coloca de lado as reivindicações individuais que ultrapassem as necessidades do indivíduo e integra-as no bem coletivo.

O socialismo impede que os erros humanos sejam amplificados pelo poder humano.

E o socialismo propõe que tudo o que um indivíduo acumule além das suas necessidades, como resultado do seu desenvolvimento individual, deva pertencer à humanidade—seja no âmbito físico, mental ou espiritual.

O mesmo não ocorre com o individualismo desta era utilitarista.

No século XIX, a proteção do indivíduo na acumulação de riqueza e poder foi levada ao extremo—e, por mais monstruoso que um ladrão seja, ainda assim ele é protegido nesse direito.

O socialismo é forçado a enfrentar o individualismo com igual poder—e esse poder é a revolução.

Na Rússia, o socialismo significa uma coisa; em França, outra; em Inglaterra, algo diferente. Assume diversas formas e graus,

representando as necessidades do povo que se identifica como socialista.

Mas o objetivo é único: a derrubada da tirania, em qualquer forma em que ela se manifeste.

Se a tirania estiver na legislação, então que se derrube essa legislação.

Se estiver no sistema de herança e transmissão de propriedade que perpetua desigualdades e concede mais poder ao indivíduo do que ele deveria possuir, então que se elimine esse sistema.

Se a tirania estiver encarnada na figura do Czar, então ele também deve ser derrubado.

O objetivo não é matar, mas remover tudo o que se interpõe entre o homem e o seu destino—e esse destino é a liberdade.

Esta é, naturalmente, a imagem que o socialismo apresenta ao mundo hoje.

E, como sempre, a sociedade humana posiciona-se contra ele.

A sociedade, em grande parte, representa interesses individuais, e tudo o que é antigo, honrado, venerado e respeitado deve entrar em conflito com aquilo que é novo e inovador.

O novo, por não ser tradicional, não é respeitável.

O novo, por desafiar o estabelecido, não é sancionado.

Mas ninguém pode ignorar os desafios da sua época, ainda que os rejeite.

Ainda que a sua consciência entre em conflito com essas ideias, não pode negar a sua existência.

Algo precisa ser feito em relação a elas, mesmo que acredite que não afetam a sua vida.

Os pensamentos estão lá.

E mesmo que reúnas toda a tua força para os combater, ainda assim estarás a fazer algo.

E esse algo está a ser feito, consciente ou inconscientemente, por cada ser humano neste momento.

Cada um está, ou a reforçar o poder que rapidamente culminará na transformação, ou a tentar suprimi-lo—o que apenas tornará a reação ainda mais forte e lançará o peso de toda a sociedade para o lado da revolução.

Se te opões ao socialismo, ajudas a sua causa.

Se permaneces em silêncio, ainda assim o fortaleces.

Se levantas a tua voz a seu favor, o movimento segue adiante da mesma forma.

No entanto, a lei da força, que serviu para justificar as lutas dos socialistas sob condições de tirania política, eventualmente cede lugar a um poder superior—o influxo do espírito.

O Espiritualismo previu o socialismo na forma como ele hoje se manifesta no mundo.

Previu as revoluções que estão a acontecer.

Alertou o povo para o que estava por vir.

Preparou o caminho para que esta transformação se cristalizasse numa força revolucionária.

O Espiritualismo precipitou crises individuais, mas não crises nacionais—pois estas precisam de um longo amadurecimento.

Esta precipitação serve como preparação para a vitória daqueles que triunfarão no desfecho final deste conflito.

Mesmo que tu, que estás aqui hoje, não aproves o derramamento de sangue—mesmo que acredites que, sob nenhuma circunstância, é justificável tirar uma vida humana—não significa que, quando a guerra se torna inevitável, deves clamar por paz em vez de reconhecer a sua necessidade.

William Lloyd Garrison e muitos dos seus companheiros na luta pela abolição da escravatura também rejeitavam a violência.

Mas quando lhes foi tirado das mãos o poder de decidir e a guerra tornou-se inevitável, não disseram paz—disseram guerra.

E tu, que não aprovas o derramamento de sangue por qualquer injustiça pessoal, que, se corretamente instruído e disciplinado, não matarias sequer para salvar a tua própria vida—mesmo assim, se o conflito eclodir na Rússia, em França ou mesmo em Inglaterra, o teu sentimento, a tua

consciência moral, estará inevitavelmente ao lado dos oprimidos e contra os opressores.

Não poderás evitar.

Se o socialismo, deixado a si mesmo, parecer apenas uma revolução sangrenta, ainda assim não poderás erguer a tua voz para deter o seu curso quando se tornar uma luta real pelos direitos que foram retirados por meio da força.

Mas quando entra na esfera do conflito moral, quando compreendes o verdadeiro propósito do socialismo, quando percebes que, se ele tem razão na sua base, a ordem existente não pode estar correta em nenhum aspeto—então, quando a escolha entre ambos se tornar inevitável, a energia de toda a humanidade será direcionada para fortalecer aquele que estiver determinado na sua posição.

E quando isso for compreendido, qualquer poder que possa lançar luz sobre o mais elevado dever do homem, que possa guiar o seu curso e que possa oferecer orientação em momentos de perigo ou conflito, deve ser saudado com grande alegria.

Os participantes diretos na revolução podem ignorar esse chamamento.

Mas a grande maioria—os que observam de longe, os que veem de fora a Némesis ardente da revolução e da guerra—esses, com julgamento esclarecido, com espíritos endurecidos pela provação, com mentes treinadas para compreender as necessidades e o bem-estar da humanidade, não poderão ignorá-lo.

Porque eles sabem para onde tudo isto conduz.

A diferença entre uma comunidade de interesses, resultado de uma união baseada na necessidade e na sobrevivência material, e uma sociedade unificada pelo crescimento moral da humanidade, será sempre a diferença entre:

Uma união motivada pela necessidade de proteção e sustento material, e

Uma união que representa a verdadeira irmandade humana.

É a diferença entre o homem selvagem e o homem moral.

É a diferença entre a lei da força física e a lei de Cristo.

É a diferença entre aquilo que é imposto pelo poder e aquilo que floresce naturalmente a partir dos mais elevados e nobres elementos da alma humana.

Se a civilização cristã tivesse cumprido devidamente o seu papel na sociedade, não haveria nada para o socialista sonhar ou lutar.

Se o amor e a palavra de Cristo tivessem penetrado na existência humana, tal como foram proclamados no Monte das Oliveiras, não haveria vozes clamando além-mar pelos direitos dos homens, nem revoluções a estremecer os tronos e reinos da Terra.

Mas isso não aconteceu.

E aquilo que é oferecido como substituto dessa civilização cristã é tão vazio, tão insignificante, tão miserável, que não é de admirar que esses homens se ergam contra as formas estabelecidas de culto e governo, contra o corpo sem alma que lhes é apresentado em nome de Deus.

Se o espírito de Cristo tivesse verdadeiramente entrado na administração dos assuntos cristãos e nas vidas cristãs, e movido os homens de dentro para fora de modo que, por impulso comum, tivessem feito o bem, tudo isso teria sido evitado.

Mas o bezerro de ouro não foi erguido apenas no deserto pelos filhos de Israel.

Ele está aqui, no século XIX, e os seus adoradores já não são os filhos renegados de Israel, mas sim os filhos e filhas renegados da Igreja Cristã.

O socialismo é o resultado natural dessa falha.

É o fruto inevitável desse fracasso.

É a flor natural dessa árvore e existirá até que a profissão de fé do homem e os resultados dessa fé estejam em harmonia e sejam completos.

Não basta argumentar que os socialistas apenas pretendem substituir uma forma de tirania por outra.

Por que não deveriam?

Se a tirania deve prevalecer, quem será o tirano?

Não deveriam todos os homens ser tiranos, se tiverem oportunidade?

Não basta dizer que, mesmo na adoração ao Mammon, esses homens seriam tão arbitrários, egoístas e sem lei quanto aqueles contra quem lutam.

Mais uma vez perguntamos:

Por que razão não deveriam ter o seu quinhão?

Por que razão o ouro e a terra não poderiam pertencer a esses homens, se os conquistassem pela força, tal como pertencem aos vossos antepassados—reis sanguinários que guerrearam os seus vizinhos para os saquear?

E quanto aos vossos Pais Peregrinos (Puritan Fathers), que tomaram terras que não lhes pertenciam e expulsaram os seus legítimos habitantes em nome de Cristo?

Seria um roubo maior se, hoje, o mesmo fosse feito, mas em benefício da humanidade, e não apenas de indivíduos?

Essa é a elevação que esses homens procuram—ou dizem procurar.

Mas mesmo isso não seria justificativa suficiente para avançarem com o seu propósito.

No entanto, o nome sob o qual avançam representa, para a humanidade, possibilidades maiores do que qualquer outro.

E é por isso que, em torno dele, se reúnem, abertamente ou em segredo, em oração e em louvor, todas as mentes que nutrem esperanças para o futuro da humanidade.

Podem deplorar os métodos utilizados, mas não podem, por mais que tentem, oferecer qualquer outro método que satisfaça as necessidades e emergências do momento.

O Espiritualismo, na sua mais ampla significação, é a única outra voz que oferece um caminho alternativo.

É a única solução para este problema misterioso, complexo e iminente.

Não é uma solução para a grande massa de pessoas envolvidas no conflito, pelo menos não de forma imediata.

Mas é uma solução para um pequeno grupo de pessoas que compreende que, entre o socialista e o tirano, entre a revolução e aquilo que esta veio derrubar, entre a anarquia (se quiserem chamá-la assim) e a ordem estabelecida, existe uma possível arbitragem.

Existe uma solução para todo este problema à luz do espírito nos dias de hoje.

E garantimos que aqueles que estudarem a influência da luz espiritual sobre as vidas humanas e os assuntos da humanidade perceberão que, onde quer que ela penetre, faz muito mais para resolver os problemas da vida do que todas as teorias utópicas, todas as tentativas superficiais de criar comunidades ideais ou todas as revoluções que levam os homens ao calor ardente da paixão e os arrastam para a destruição.

Hoje, há milhares e milhares de pessoas sobre as quais a luz da comunhão consciente com a vida espiritual já brilhou.

Milhares cujas vidas individuais foram moldadas e transformadas pela influência desta verdade, cujas rotinas diárias e pertencimentos sociais foram guiados pelo seu poder, que foram chamados a fazer e ser o certo e, assim, estabeleceram para os outros o padrão do que significa agir e existir corretamente.

Se todas essas pessoas pudessem ser reunidas num só local (o que provavelmente nunca acontecerá), representariam uma força que não é nem uma força de anarquia nem uma força de despotismo.

Mas sim, uma força que eleva todo este conflito a um terceiro reino:

→ O reino da moralidade humana e da natureza espiritual,
→ O reino da causa e efeito,
→ E, no destino final da humanidade, revelará qual será o resultado quando o conflito tiver terminado, quando estas lutas e disputas tiverem cessado.

Isso representaria a realização do sonho de Fourier.

Seria o cumprimento do Éden dos poetas.

Levado ainda mais adiante, seria a concretização do Milénio que está por vir—o tempo em que o homem, tendo resolvido todas as condições da sua luta, finalmente compreenderá as leis do seu ser espiritual.

O Espiritualismo ensina que a liberdade é o maior de todos os bens?

Respondemos: não.

Para o escravo acorrentado, que nunca pensou em religião, a liberdade é o único objetivo da sua existência.

Ele foge durante a noite, perseguido pelos furiosos mestres de escravos e pelos seus cães famintos, para conquistar a sua liberdade.

Mas o escravo que tem um propósito espiritual encontra a sua liberdade ao permanecer.

Ninguém pode escravizá-lo.

No meio daquilo que o mundo chama de escravidão, ele é livre.

Ao escravo que foge, diríamos: Que Deus te guie!

E apressar-nos-íamos a abrir todas as portas para lhe dar abrigo, ajudá-lo com asas velozes a atravessar qualquer barreira que o separasse daquilo que ele busca.

Mas para aquele que permanece, há um cumprimento de liberdade tão profundo que tudo o que podemos fazer é orar com ele e testemunhar, à medida que a grande luz brilha sobre ele e o torna livre, que é o seu próprio mestre quem está aprisionado e precisa ser libertado.

Para aqueles que aprenderam a lição do Espiritualismo, o grande objetivo da vida não é a liberdade.

A liberdade é algo.

Se não tiveres mais nada, então sim, a liberdade é tudo.

Mas há uma posse maior, que surge no meio daquilo a que chamamos prisão, ilumina a cela e liberta o espírito, tornando-te consciente de que não estás realmente em correntes.

Pascal, escrevendo nas paredes da sua cela o seu cântico imortal...

Todos aqueles que sofreram o martírio em masmorras, em prisões, em grilhões—todos foram livres, porque possuíam dentro de si a luz glorificada.

Não fujas de uma escravidão menor, arriscando perder uma liberdade maior.

Não confundas o tirano momentâneo com uma injustiça que dure toda a vida—ou poderás perder a redenção de Cristo que reside dentro de ti.

A lição que ecoa em cada coração é que podes simpatizar com o niilista, mas se tivesses o ouvido de cada indivíduo, se conseguisses alcançar o coração do amigo, poderias sussurrar uma mensagem tão

divina que faria o Czar estar completamente seguro na sua própria prisão de barro.

Aqueles que hoje são os seus súbditos tornar-se-iam príncipes, governando-se a si próprios sob a luz desta chama inigualável.

Podes simpatizar com os trabalhadores da Inglaterra.

Mas se tivesses o ouvido daqueles que já cresceram espiritualmente, poderias dizer-lhes: "Há um caminho mais próximo do que este para o paraíso dos trabalhadores."

Quando o protesto tiver feito tudo o que pode,

Quando toda a força moral que conseguiste empregar contra a injustiça tiver sido esgotada,

Então virá à tua vida uma vitória sobre todas as condições que tornará impossível que ainda sofras.

Não podes ensinar isto a todos.

Não dizemos que podes ensiná-lo àqueles que estão a morrer de fome.

Mas a maioria dessas pessoas não está a morrer de fome por pão.

Elas estão a morrer de fome pelo verdadeiro pão da vida.

Eles não sabem o que é o "pão da vida".

Não sabem que, ao fugirem da tirania exterior, podem estar a procurar precisamente esse pão da vida sem o reconhecerem.

Mas, se pudessem permanecer, toda a estrutura do Estado seria iluminada pela sua presença moral, e o próprio rei seria forçado a fugir—pois perceberia que ele próprio é muito mais escravizado do que aqueles que governou e já não poderia permanecer.

Acreditamos que o tempo está a chegar em que os opressores fugirão da sua própria opressão.

Não pelo derramamento de sangue.

Não pelos que se erguem para lutar contra as injustiças.

Mas sim pela consciência do horror que criaram.

Sim, os próprios tiranizados ensinarão aos seus tiranos a lição da sua tirania.

Acreditamos que o tempo está a chegar em que o indivíduo já não dirá: "O meu maior e mais elevado direito é a liberdade."

Pois quando não há outro clamor, justiça é o maior dos clamores.

Mas que tem havido nas terras cristãs, nestes dois mil anos, para que os homens ainda gritem por justiça e liberdade, quando já deveriam estar a clamar por amor?

O que tens feito na tua vida diária?

O que falhou naquilo a que chamas culto e oração?

O Espiritualismo veio para te recordar o que não fizeste.

Veio para te mostrar o que poderias ter feito.

Veio para te confrontar com a tirania dentro de ti.

E veio para fazer-te perceber que és um tirano individual, como todos os outros—cada um de vós.

E, ao perceberes essa verdade, és tu quem foge do poder moral da tua própria consciência.

Os que foram escravos,
Os que foram mantidos em cativeiro,
Os que viveram no deserto das suas próprias vidas individuais,

O Espiritualismo veio para os libertar.

E então, em vez de fugires de um tirano imaginário à tua porta ou na tua terra,

A luz da verdade brilhará—e o tirano fugirá.

E tu estarás livre.

Agora, trazendo esta lição para as tuas vidas individuais e coletivas:

Que poder teria um rei diante de ti agora, se estivesse aqui?

Que poder teria qualquer tirano diante de súbditos que não podem ser escravizados—súbditos que já nem sequer conhecem a palavra "tirano"?

Então, o que é que devemos aprender?

O Espiritualismo olha para este mundo e diz:

"Sim, esse conflito deve continuar ali... E outro deve surgir aqui... E ainda outro será travado à tua própria porta..."

Mas tu não terás parte nesses conflitos, se fores verdadeiramente livre daquela única coisa que pode escravizar-te—

A tirania dentro de ti.

E assim, quando todas as correntes da lei,
quando todas as prisões do costume,
quando todas as amarras da formalidade,
quando todas as grilhetas do culto,
quando todos os tronos de reis e governantes já não tiverem poder sobre ti,

Se fores convocado a lutar pela tua vida, responderás:

"Eu não sou escravo."

"Oh, não! A minha vida é demasiado valiosa para manchar as minhas mãos com o sangue do mais vil dos criminosos."

A vida que está dentro de mim não pode ser destruída—por isso, não golpeies!

E a força moral de tal princípio é tão absoluta que, quando for verdadeiramente acreditado, quando for sentido por um grande número de pessoas,

nenhum rei, nenhum exército, nenhum milhão de soldados poderia extinguir a vida assim defendida!

E mesmo que pudessem—se a forma exterior for destruída—tudo o que acontecerá será a libertação do espírito.

E esse espírito juntar-se-á ao número incontável daqueles que já lutaram e venceram a batalha da vida moral—os santos, os mártires da Terra, os anjos que afastam o perigo e que, à própria porta da existência humana, chamam a humanidade para padrões mais elevados e divinos.

Pois além da justiça, além da liberdade, existe o triunfo da vida individual que deve, sim, organizar a sua casa, mas que nunca permitirá falsas conceções de liberdade individual que prejudiquem, por menor que seja, os direitos de outro homem—mesmo que ele ainda não esteja consciente desse direito.

Se visses um homem a dormir, roubá-lo-ias porque ele não pode ver?

Se tivesses alguém completamente sob o teu domínio, enganá-lo-ias para teu benefício?

Se a resposta for não, então da mesma forma, não deves, sob qualquer pretexto, violar um princípio moral em nome daquilo que chamas privilégio individual.

Pois ao fazeres isso, tornar-te-ias pior do que um escravo.

O Espiritualismo chama todos aqueles que estão prontos a ouvir a sua voz para este padrão mais elevado.

Convoca todos aqueles que podem escutar a comunhão das almas e as ministrações dos impulsos mais divinos.

E diz que a vida é tudo o que existe, e o poder da sua influência moral é absoluto.

Ela é a esperança do mundo.

E mesmo que o mundo dela se desvie, ainda assim será chamado de volta.

Mártires, santos e Cristos vieram à Terra repetidamente para chamar os homens de volta à luz.

Os Messias vêm ao mundo para conduzir a humanidade à sua mais alta realização—e, no entanto, a humanidade sempre se afasta desse caminho.

Mas o ideal permanece.

E aqueles que vislumbram a sua luz, aqueles que percebem a sua beleza, aqueles que descobrem a sua excelência, devem manter os seus rostos sempre voltados para ele.

Mas então perguntam:

"A altitude deste ideal é tão elevada... nunca poderemos alcançá-la. O que devemos fazer hoje?"

A resposta é simples:

"Continua a apontar para o ideal mais alto!"

"E se falharmos, como sempre falharemos?"

"Ainda assim, continua a apontar para ele—pois não há outro."

Se apontares para um objetivo menor, sempre cairás abaixo dele.

Se apontares para o mais alto, ainda poderás falhar—mas pelo menos terás a consciência de que estavas a mirar no melhor.

O mundo diz:

"Nunca conseguiremos viver a 'Regra de Ouro'."

Mas tu podes sempre tentar.

O mundo diz:

"Devemos primeiro aliviar o sofrimento humano e melhorar as condições de vida—depois podemos pensar nos princípios maiores."

Mas a verdade é esta:

"Não. Insiste no maior, e o menor inevitavelmente seguirá."

"Insiste no amor, e não haverá injustiça."

Pois mesmo quando insistes na justiça, ainda há injustiça.

Mas quando insistes no amor, a justiça já está incluída.

"Insiste na liberdade, e ainda haverá violações da liberdade."

Mas quando insistes no amor, até aqueles que falham em alcançar a liberdade e a justiça serão forçados a agir da maneira que hoje lhes parece impossível.

A magnitude da verdade não é assustadora.

Apenas as pequenas verdades são difíceis.

O amor de Deus, o amor da humanidade—são claros.

Não há obstáculos, não há confusão, não há labirintos para os compreender.

Mas estabelece um padrão pequeno e as pessoas dirão:

"Oh, isso não vale a pena."

Agora, estabelece um padrão absoluto, um ideal tão elevado e tão abrangente que não pode ser negado,

E então aqueles que hoje zombam, que ridicularizam, serão forçados a reconhecer que fazem parte dessa verdade.

E então não zombarão mais.

Não duvides do ideal mais elevado.

Duvide-se apenas da cegueira do presente,

Daqueles que se apegam a pequenos equívocos e falsas verdades,

Em vez de afirmarem, com coragem:

"Não aceitaremos nada menos do que o melhor!"

Há aqueles que se enganam a si próprios, acreditando que primeiro deve haver pão, e depois a justiça.

Mas dizemos:

Há milhares que morreram de fome sob essa ideia de que primeiro deve haver pão.

Mas nenhum morreria de fome se a justiça e a retidão fossem colocadas em primeiro lugar.

Dizemos que aqueles que ensinam que estas lições são impraticáveis, apenas as ensinam porque desejam que sejam impraticáveis.

Do ponto de vista do egoísmo, é impossível.

Do ponto de vista da vida inferior, é impossível.

Do ponto de vista da sociedade e dos governos tal como existem hoje, é impossível.

Mas a verdade é esta:

Nenhuma sociedade de caridade conseguirá alimentar todos os pobres.

Nenhuma instituição conseguirá vestir todos os que não têm roupa.

Porque o egoísmo ainda está presente.

Então, eleva o teu padrão a um nível tão alto que o egoísmo se torne impossível—e então já não precisarás de asilos para órfãos nem templos para adoração.

Pois a verdade permeia todas as dimensões da vida humana,

E torna-se o estandarte e a glória da luz que já veio até ti.

E então, tu concordarás connosco:

Independentemente do que faças em privado, independentemente do que faças na tua vida diária,

O Espiritualismo é a força que neste momento separa o falso do verdadeiro na tua vida.

Ele diz-te onde plantar a semente verdadeira no cume mais alto—

Para que, quando esta era de sangue, destruição e carnificina finalmente tiver passado,

Haja centenas de vidas que possam dizer ao mundo:

"Agora, vinde e sede curados."

RAZÃO E FÉ
QUAL É O GUIA MAIS SEGURO?

Uma palestra Diante da Primeira Sociedade de Espiritualistas de Chicago.

Paulo é interpretado como tendo dito: *“A fé é a substância das coisas que se esperam; a evidência das coisas que não se veem.”* E diz-se que a fé é o alicerce de toda a experiência religiosa.

A razão, diz um escritor muito citado, é o guia mais seguro da mente humana, que sem ela, inevitavelmente, se desviaria do caminho certo.

No pensamento moderno, supõe-se frequentemente que a fé e a razão são necessariamente antagónicas. Muitos confundem crença com fé. Muitas pessoas supõem que acreditar em algo é ter fé em algo.

Podes mudar a tua crença de um dia para o outro, mas a fé que está em ti não podes mudar.

Segundo a nossa perspetiva, não há mais antagonismo entre fé e razão do que entre a cabeça e os pés, ou a cabeça e as mãos. Devem trabalhar juntas; não podem operar separadamente e ser eficazes, especialmente as mãos.

Toda a reflexão sobre o uso da razão como descobridora da verdade deve ser abandonada no momento em que se aplica qualquer sistema correto de filosofia mental.

Ninguém pode raciocinar, por exemplo, sobre um assunto do qual nada sabe. E quando se pede a alguém que aceite uma teoria, a resposta mais comum é: *"Oh, não posso aceitar isso, porque a minha razão diz-me que não é verdade."*

Como pode a razão julgar algo com o qual a mente está completamente desconhecida?

Se fosses levado a um tribunal e chamado a testemunhar, não darias o teu depoimento com base na razão, mas sim naquilo que viste; e mesmo que os factos não estivessem de acordo com as tuas conclusões, ainda assim serias chamado a relatar os factos. O teu raciocínio sobre os factos não teria o menor valor numa sala de tribunal.

A razão só tem valor quando tem um fundamento sólido. Mas já vimos muitas pessoas a raciocinar sobre premissas completamente erradas, e tanto as premissas como as conclusões acabam por ser falsas.

Na verdade, é tão fácil para um homem empregar a razão contra a verdade como a favor dela. É tão fácil raciocinar com base no erro como na verdade.

A razão, no fundo, é apenas a organização das ideias já existentes na mente, e as deduções que a mente pode extrair do conhecimento que já possui. Se a base estiver errada, as conclusões também estarão erradas.

Por isso, é surpreendente que tantas pessoas insistam em seguir apenas a sua razão, ignorando outra faculdade que pode ser infinitamente superior.

É verdade que a palavra *fé* tem sido muito mal utilizada, mas não tem a razão sido igualmente mal empregada?

Também é verdade que vos fizeram acreditar que a fé é o alicerce de muitas coisas que, na realidade, têm origem apenas na superstição e no fanatismo humano.

Na nossa visão, a fé é a perceção espiritual iluminada.

A fé é a qualidade do conhecimento que vem de dentro, sendo, como Paulo diz, *"a substância das coisas que se esperam, a evidência das coisas que não se veem."*

A matemática exige fé, pois demonstra frequentemente coisas invisíveis e prova verdades que, à primeira vista, parecem impossíveis.

A ciência declara muitas coisas baseadas na fé nos princípios científicos, e se uma pessoa não tivesse um certo grau de fé no que será descoberto, jamais poderia haver qualquer avanço científico.

A razão só pode julgar algo depois de esse algo ter sido descoberto—e muitas vezes o faz de forma imperfeita.

A razão dos homens que, nos salões legislativos, declararam o motor a vapor um fracasso, enquanto o motor a vapor já realizava com sucesso a sua primeira viagem, prova até onde a razão pode falhar quando não é iluminada.

A fé do descobridor levou-o a provar a falsidade do raciocínio dos outros.

Todos os descobridores têm fé.

Eles têm fé no reino que será revelado à razão humana.

A demonstração é o que é apresentado como prova para os outros, mas o descobridor tem fé *a priori*—ele sabe, através do que já foi visto, o que o invisível deve ser, e possui uma perceção que os outros não têm.

No campo da fé, há muitos abusos, e as pessoas parecem pensar que, ao rejeitarem os dogmas da teologia—que não se baseiam na fé, mas sim na crença e no testemunho humano—devem, então, confiar exclusivamente naquilo a que chamam razão.

Nada pode ser mais irracional do que este processo, pois, em vez de usarem a razão, empregam o desatino do preconceito violento ou da reação contra o dogmatismo cego da crença.

Na realidade, existe uma harmonia tão profunda entre o exercício iluminado da verdadeira razão e a base absoluta da verdadeira fé, que nenhuma mente bem equilibrada existe sem uma proporção adequada de ambas—com uma preponderância sempre a favor da fé.

A fé que declara segundo a perceção da verdade está sempre à frente do mundo.

A fé na liberdade leva um homem a abandonar os alicerces de governos tirânicos e a declarar-se a favor da humanidade, enfrentando

todas as adversidades, desafiando as leis humanas que o oprimem, e, por vezes, provocando rebeliões—mas sempre com o objetivo de erguer o estandarte da verdade ou, se necessário, morrer para provar a realidade da sua fé.

A fé na verdade final tem levado muitas pessoas a abandonar os velhos alicerces baseados na razão humana e a declarar-se a favor da inspiração, que se baseia na perceção espiritual.

É a perceção da verdade que torna possível o raciocínio sobre uma base correta, e é por isso que filosofias como as ensinadas por Sócrates, e mais plenamente desenvolvidas por Platão, foram aceites ao longo dos séculos como os mais perfeitos fundamentos da filosofia no mundo.

A fé foi a base desse sistema; a razão foi quem o desenvolveu.

Nenhum homem aceita a filosofia apenas pela razão. Ele, em primeiro lugar, não pode sequer compreender as premissas sem um certo grau de fé, e é essa fé no que se busca que leva qualquer investigação adiante.

A ciência seria vazia se estivesse inteiramente sob o domínio da razão, pois esta apenas seguiria o trilho das descobertas passadas, sem avançar.

A razão não é uma descobridora.
A razão não é uma viajante num mar desconhecido.
A razão não se aventura nas alturas ou nas profundezas.

Colombo, se tivesse confiado apenas na razão, jamais teria descoberto o Continente Ocidental.

Foi a sua fé naquilo que estava por descobrir, e a perceção de algo desconhecido à razão, que o levou até lá.

As intuições do mundo sempre avançam antes da razão para abrir o caminho, enquanto a razão, lenta como é, muitas vezes hesita em seguir.

"Ah!" — diz alguém — *"Eu raciocinei e abandonei a velha teologia há muito tempo."*

Será mesmo?

Então, a mesma razão que te manteve nela por tanto tempo pode muito bem ser falha também na maneira como te levou a abandoná-la.

Se saíres apenas pela razão, acabarás por encontrar um novo caminho para a fé—não para a mesma crença, mas para uma perceção mais elevada da verdade.

E quando descobrires que não foi a razão que te libertou, mas sim uma verdade superior, algo que te preencheu interiormente de forma mais profunda, então compreenderás que é a fé, e não a razão, que conduz à reforma religiosa.

Que a nova inspiração é melhor do que o velho ciclo repetitivo.

Que a nova luz e a nova vida devem ser melhores do que as do passado—seja de ontem, do ano passado ou de mil anos atrás.

E que é por causa dessa nova inspiração que a tua razão ganha um novo impulso para agir.

Sim, as pessoas foram *raciocinadas* tanto para dentro quanto para fora da servidão.

O senhor de escravos conseguia justificar a sua posição com argumentos racionais, assim como recorrendo às escrituras sagradas.

Não há tirano no mundo que não tenha uma base racional para a sua tirania, segundo o seu próprio raciocínio.

E nenhuma rebelião nasce da razão.

Ela nasce do impulso divino do espírito de liberdade, que rompe as barreiras da razão que mantém os homens aprisionados e os conduz a um plano superior—onde, talvez, a razão venha depois e tome a sua defesa.

Em vez de rejeitarmos qualquer uma destas faculdades e os seus significados, coloquemo-las, se possível, na sua devida posição em relação às necessidades humanas e vejamos para onde nos conduzem.

Se formos guiados apenas pela razão, rejeitaremos a perceção fina do espírito, a intuição que, embora não saiba o porquê ou o como, quase sempre está correta.

Rejeitaremos a inspiração e a aspiração dos poetas e filósofos.

Confiaríamos apenas naquilo que pode ser provado por um método exato ou por uma fórmula mental, e isso acabaria por reduzir tudo à matemática e a uma sequência de declarações intelectuais formais.

A vida humana seria privada de sentimento, de tudo o que constitui a sua esperança, a sua aspiração, daquilo que a conduz de dentro e de cima.

Os portões da intuição seriam fechados.

O homem nunca sonharia com outro mundo além deste.

Tornar-se-ia um instrumento cego de forças cegas, reduzindo-se a um positivista, um secularista, um agnóstico.

Seria forçado a acreditar apenas naquilo a que chamamos *lei*, mas sem reconhecer a existência de um legislador ou de um criador dessas leis.

Ou seja, estreitaria a sua existência até os limites das deduções ignorantes de uma mente sem inspiração, baseada apenas no que vê e ouve ao seu redor.

E, ao seguir apenas a razão, acabaria por raciocinar até à própria aniquilação.

Foi a razão que levou os homens ao materialismo.

Foi a razão que fechou as portas da inspiração.

Foi a razão que, tanto dentro quanto fora da igreja, encerrou todas as janelas do espírito contra aquilo que viria a seguir.

E foi a razão, baseada em premissas possivelmente erradas, que levou muitas pessoas a todos os erros de uma teologia cega, falsamente atribuída à fé.

A fé, na nossa visão, é eternamente nova, eternamente luminosa, eternamente inspirada.

A fé conduz sempre o homem ao mais elevado, sempre promete o melhor e sempre cumpre essas promessas.

"A substância das coisas que se esperam" significa que, se não houvesse algo a esperar, não poderia existir a própria faculdade da esperança dentro da mente humana.

Se não houvesse nada para ver, qual seria o propósito da natureza em moldar os olhos?

Já ponderaste que, durante milhares de séculos antes de a Terra estar pronta para receber seres vivos, os átomos estavam a ser preparados, moldados em formas orgânicas, evoluindo para formas superiores?

Que, finalmente, essas substâncias, tocadas e vivificadas pela luz milhões de vezes, tornaram-se capazes de formar a lente do olho, que poderia perceber essa mesma luz?

E que, por trás desse processo, encontra-se a memória, pois o único que realmente vê é a inteligência, não o olho?

"A substância das coisas que se esperam" significa que, enquanto existem coisas que a razão pode descobrir, e enquanto existe luz que a razão pode compreender, existe também a própria razão para a razão—o princípio inteligente que ilumina a lente e torna a visão possível.

Tu podes usar a razão para chegar ao conhecimento desse princípio porque já o conheces de antemão.

Mas se não o conhecesses de antemão, como poderia a tua razão operar?

Pode haver muitas formas de existência abaixo do homem que possuem conhecimento, mas nenhuma delas tem consciência de que sabe; nenhuma delas pode julgar o próprio intelecto, a própria razão e o próprio poder da inteligência, que analisa tanto o reino visível como o invisível.

Falamos de fé: ora, tens fé na própria razão de que tanto te orgulhas, ou então não a poderias seguir. E a fé na razão constitui o maior mérito da própria razão.

Tens fé no próximo, apesar das circunstâncias desanimadoras e dos incidentes da vida humana; apesar da barbárie, da falsidade e dos crimes cometidos por um homem contra outro, ainda assim tens fé.

Mesmo que possas tentar convencer-te repetidamente de que já não tens fé, ainda assim, no fundo, confias nos outros.

No essencial e na base de tudo, os seres humanos confiam uns nos outros, e, no grande pacto do futuro, acreditas porque tens fé no destino final da humanidade.

Mas há quem, por se ter libertado da crença e da autoridade da igreja, pense ter descoberto um caminho real para caminhar sozinho e diga: *"Não farei nem acreditarei em nada que a minha razão não aprove."*

Não, possivelmente não.

Mas porquê?

Porque a tua razão é alimentada por fundações invisíveis, mas palpáveis, de fé.

Porque a tua razão é sustentada pelo reino da inspiração e da intuição.

Mas pergunta a um homem frio e racionalista, que não conhece essas fundações sobre as quais baseias o teu raciocínio, e ele dirá: *"Oh, isso é irracional."*

Dizes que não segues nada além da tua razão.

Dizes que não acreditas na autoridade da igreja mais do que na autoridade da própria natureza.

Mas eis que surge uma mensagem através do silêncio prateado que separa este mundo do reino invisível—uma mensagem repleta do conhecimento da vida espiritual, impregnada da personalidade do ente querido que partiu, cheia de ternura, simpatia e inteligência.

Ela brilha na tua vida e tu aceitas.

Foi a tua razão que te disse que era verdade?

Não.

Foi a intuição, nascida dos afetos, nascida da perceção do espírito, nascida do poder de iluminação que vem de dentro.

E a tua razão, depois, tenta refutar isso, tenta provar que não foi real, tenta demonstrar que te enganaste.

Mas, repetidamente, a luz desse afeto ressurge, o testemunho é revelado, e a *substância das coisas que se esperam* e a *evidência das coisas que não se veem* tornam-se absolutamente claras.

Então, a razão, talvez com arrogância, proclame ao mundo: *"Aceitei isto com base apenas na razão."*

Ah, talvez penses assim...

Mas se não fosse pela fé, nascida do amor e da confiança, nada haveria para a tua razão declarar.

E o homem da ciência, que não tem o teu amor nem o teu conhecimento das coisas invisíveis, dirá:

"A tua crença é irracional."

Que tipo de razão ele usa?

A razão dele, não a tua.

E tudo depende de quem está a empregar a razão para determinar se algo é irracional ou não.

Isto é como a heresia: *heresia* é aquilo em que acreditas, mas que o outro rejeita.

O *herege* é aquele que não acredita no que tu consideras sagrado.

Da mesma forma, considera-se irracional aquele que não aceita como verdadeiro aquilo que a tua razão afirma ser verdadeiro.

Ambas as razões podem estar absolutamente corretas, pois a razão não está vinculada à verdade, mas apenas à lógica das premissas que utiliza.

Mas quando se trata da verdade, a razão nada sabe sobre ela.

A verdade vem de outro reino, da fonte interior do ser, e é nesse reino que a fé reina suprema, essa palavra tantas vezes abusada e traída, mas que triunfa no final.

A fé entra no reino interior, toma posse das inúmeras faculdades que revelam o espírito humano, coloca-as na sua devida ordem pela sua própria perceção e, então, entrega os resultados à razão.

Pois, na verdade, a razão é apenas a humilde serva da fé.

A razão apenas executa os planos e propósitos da fé.

O pedreiro, o carpinteiro e todos aqueles que participam na construção de uma casa não a constroem por si mesmos; eles apenas seguem instruções.

O construtor depende do arquiteto—ele é quem inspira toda a obra.

A fé percebe os sólidos alicerces da verdade.

A fé compreende as elevadas alturas do amor.

A fé explora todo aquele reino interior que está além da razão humana e declara, através da inspiração e da profecia, através da poesia e da arte, através da música e das mais sublimes realizações, aquilo que a razão depois organiza.

Imagina um homem que ensina apenas as notas musicais, sem a inspiração divina de um tema.

Existem professores de técnica musical e de sons, mas apenas a inspiração pode criar música.

A inspiração concede à técnica musical o seu dom divino, de modo que cada instrumento e cada nota, cada divisão e cada acorde, cada ordem matemática é impregnada com aquilo que vem de dentro.

Quem teria inventado um instrumento musical sem a inspiração da música?

Quem teria concebido as grandes subdivisões do som, se não existissem harmonias interiores que exigissem expressão musical?

Podes falar de razão em todas as línguas do mundo, mas quem teria concebido a linguagem sem uma ideia para expressar?

E a ideia deve vir desse reino invisível, que não é criado pela razão, mas que se manifesta em resposta à vida e à luz que são, foram e sempre serão.

A fé—sim!

Pois não há fé mais profunda do que aquela que sustenta a própria ciência que os homens proclamam ser inteiramente fruto da razão.

É a fé na certeza do conhecimento que leva os homens a observar os céus e a descobrir as leis aparentes que governam os corpos celestes.

Foi a fé em alguma ordem e harmonia no universo que tornou possível que a mente humana tentasse descobrir essa ordem e harmonia.

Foi a fé nas operações químicas invisíveis, mas palpáveis, do universo que levou às descobertas feitas através do cadinho e da experiência rigorosa, revelando os elementos fundamentais do mundo material.

E é a fé nas verdades últimas da ciência que leva a humanidade a concentrar todas as suas energias na solução desses mistérios—apesar de todos os desafios, perseguições e zombarias.

Foi a fé que sustentou os pioneiros do conhecimento contra o desprezo dos *racionalistas* da sua época.

E é pela fé nas verdades supremas do universo—sejam elas mentais, morais ou físicas—que os homens se voltam para as alturas da perceção moral e declaram que a verdade final é possível.

A razão não aponta para aquilo que está à frente, mas apenas organiza cuidadosamente aquilo que já está aqui e trata das proposições que já estão em sua posse. Ela pode preservar a verdade que já foi descoberta, mas nunca se aventura além dela.

Por outro lado, a fé, consciente desse conhecimento mais profundo e tendo uma base *a priori* para a sua existência, nunca declara que algo é impossível.

A razão pela qual os homens acreditam na imortalidade não se baseia nas provas que a razão oferece, nem nas provas que lhe são apresentadas, embora possas recorrer a qualquer filosofia que tente demonstrar a imortalidade.

Mas o motivo pelo qual essa crença se prova verdadeira não é pela faculdade que os homens chamam de razão; é porque não poderia existir o pensamento da imortalidade se não houvesse uma base para tal—assim como não poderiam existir olhos se não houvesse algo para ver, nem mentes se não houvesse algo para pensar.

Imagina uma mente num universo onde não há nada para pensar—seria tão absurdo quanto imaginar que as pessoas poderiam conceber a imortalidade sem que a imortalidade existisse.

A própria ideia que torna esse pensamento possível já prepara o caminho para que ele se manifeste no mundo.

E quando Herbert Spencer te diz que o reino do espírito é um *reino impensável*, ele comete contra a própria razão que invoca um insulto lamentável, pois, se fosse impensável, o que ele está a fazer ao escrever sobre isso?

Quando declara que Deus é *incognoscível*, o que está a fazer ao afirmar qualquer coisa a esse respeito?

Se a mente humana é capaz de afirmar que algo é *incognoscível*, então essa afirmação já comprova um certo conhecimento sobre esse algo—caso contrário, não poderia sequer fazer tal declaração.

Conceber Deus é uma função da mente que faz qualquer afirmação sobre Deus.

Compreender Deus é uma questão completamente diferente.

E se Herbert Spencer quer dizer que, para *conhecer* algo, precisamos primeiro de o *compreender*, então ele nem sequer sabe que está no universo—pois desafiamos tanto ele quanto qualquer homem, por mais sábio que seja, a provar que conhece o universo.

Até mesmo a menor porção do universo, chamada de *átomo*, ainda permanece inexplicada pela ciência, não demonstrada pela razão e

sustentada apenas como uma hipótese sobre a qual se baseia a chamada teoria do universo.

Se isto é conhecimento, então preferimos aquilo que não é conhecimento—pois aquilo que a razão não consegue abarcar pode ser compreendido pela fé, uma base capaz de ser sustentada por tudo o que a fé declara.

A fé em Deus é um conhecimento de Deus.

Afirmar que, porque tens esse conhecimento, deves ser capaz de transmiti-lo a outra mente ou a outro ser humano, é negar o próprio fundamento pelo qual obtiveste esse conhecimento—ou seja, a perceção.

Se vês, e outro homem é cego, isso prova que não vês só porque não podes transmitir a tua visão a ele?

Será que o facto de alguém não ter percecionado o que tu percecionaste pode ser usado como evidência contra a tua perceção?

"Ah, mas todas as proposições baseadas na ciência ou na razão são passíveis de demonstração."

Mas será que todas as pessoas são capazes de receber tais demonstrações?

Eis um prodígio em França que consegue resolver as mais difíceis equações matemáticas em segundos.

Isso prova que ele não pode fazê-lo só porque tu não consegues?

Se ele apresenta uma resposta que levaria dias, meses ou até anos para chegares a uma conclusão—se é que algum dia chegarás—isso prova que ele não tem perceção?

E se ele atinge algo que tu nem remotamente és capaz de conceber, isso desmente o facto de ele ter chegado lá?

Não.

A mais alta função da razão é *ratificar* aquilo que o espírito descobre através da fé.

E a mais alta função da razão é rejeitar como *irracional* qualquer afirmação que seja baseada na ignorância ou na falta de perceção.

Tudo é possível.

Os graus de realização dependem apenas dos graus de *despertar* de cada indivíduo, e aquilo que um alcançou revela a possibilidade para todos, mesmo que essa possibilidade ainda esteja distante.

Milhares de eras podem passar, e ainda assim a possibilidade permanece.

Só porque os teus olhos não têm o mesmo alcance que os do teu vizinho, ou porque a tua perceção não é tão aguçada quanto a de outros, não significa que devas limitar as possibilidades deles pelas tuas limitações.

Parece ser um hábito no campo da ciência especulativa declarar que certas coisas são *impossíveis*.

Mas o que é *impossível* senão aquilo que ainda não foi compreendido?

Nenhuma ciência verdadeira alguma vez limita as possibilidades.

Nenhuma razão verdadeiramente razoável afirma que certas coisas não podem existir.

A tua razão simplesmente diz: *"Eu nunca vi isso; eu não o conhecia."*

Para além disso, a razão não tem direito de ir, pois pode considerar irracional algo que já faz parte do conhecimento da humanidade e do valioso legado de muitas pessoas.

Quando um magistrado ou juiz declara a um júri que não têm o direito de aceitar provas que demonstram algo "irracional" ou "impossível", ele apenas ilustra a sua própria ignorância sobre o progresso da razão e do conhecimento.

E, no entanto, outro magistrado, mais esclarecido, declarou recentemente na vossa cidade que se deve aceitar o testemunho de pessoas confiáveis sobre qualquer assunto que possa ser pensado e que seja fiável.

Pois testemunhas dão provas sobre coisas que geralmente são consideradas impossíveis.

Mas continua a ser um testemunho.

A razão esclarecida dos juízes do futuro olhará com pena para o estado de ignorância que rejeitava certas verdades apenas porque não se encaixavam dentro do escopo da jurisprudência.

E quando se considera quão poucas descobertas verdadeiramente iluminadas foram inicialmente aceites pela lei, tal limitação não pode senão provocar um sorriso.

Tudo o que é belo neste mundo, tudo o que é desejável na posse humana, tudo o que a mente humana ambiciona ou conquista, tudo o que o espírito humano aspira a alcançar—em algum momento da história do mundo, foi declarado impossível.

Ainda assim, as sublimes opiniões da fé humana e as tardias asas da razão humana acabam sempre por aceitar a verdade última com igual fervor e ainda mais autenticidade do que nunca.

Então, voltemo-nos para esta fé divina:

Fé no amor supremo.

Fé na possibilidade da derrota do ódio.

Fé na libertação da mente humana da servidão da razão limitada e fechada.

Fé na razão que se elevará por si própria, porque a sua base será a mais elevada fé.

Fé nessa fé que não nasce da crença cega, mas das mais profundas convicções da alma.

Quando a alma for a fonte primordial de tudo o que a razão pode compreender e de tudo o que as intuições podem aspirar...

E quando a fé, já não acorrentada pelas associações com os dogmas do fanatismo, se tornar o altar e o santuário indiscutível para onde toda a humanidade se voltará.

Fé na criança, pelas infinitas possibilidades que nela estão escondidas.

Fé na juventude, pelo bem que se encerra nas suas vidas.

Fé na humanidade, pela grande luz e esperança no mundo, pois a humanidade pode alcançar o mais elevado.

Fé na liberdade que surgirá, nascida desse esclarecimento e dessa esperança.

Fé na divindade suprema, que se revela apenas nos cumes mais elevados e de formas inesperadas, mas que nos conduz ao conhecimento do divino.

Fé no amor que nem a morte, nem a mudança, nem todas as coisas perecíveis podem alterar, mas que se mantém inabalável, mesmo quando barreiras parecem separar aqueles que amam.

Fé naquilo que sobrevive para além da morte—para além da escuridão e da dúvida, da dor e da desintegração—na luz e no amor que são imortais.

Fé no inegável.

Fé naquilo que é eternamente verdadeiro, naquilo que, por nenhuma possibilidade, pode ser apagado.

Se não fosse pelo facto de que a fé nasce da certeza, o mundo estaria cego, surdo e mudo.

A razão humana recusaria exercer a sua função.

E tudo o que contribui para a glória da humanidade seria esquecido, engolido pela inércia da matéria.

Tudo reflete o altar sagrado de onde flui esta inspiração divina.

E a fé, tal como a religião, deve ser resgatada da sua associação cega com credos, dogmas e crenças, para ser levada adiante no testemunho das vidas humanas, como a mais elevada orientação.

Já ouvimos pessoas dizerem que *a natureza é a sua religião*, sem perceberem que, ao afirmá-lo, apenas criaram um novo altar de fé, mesmo que não lhe chamem esse nome.

Muitas pessoas simplesmente transferem a sua lealdade ou crença do credo da religião para o credo e o dogma da ciência, e pensam que estão a seguir a razão.

Em ambos os casos há fanatismo e cegueira.

A verdadeira razão esclarecida, libertada das imposições do dogma, tem a sua base na fé—que é a fonte da esperança humana, a nascente da profecia e a revelação divina daquele reino que, embora geralmente invisível, pode tornar-se visível e tangível aos sentidos e ainda mais palpável para a mente e o espírito humano.

Como pode haver uma manifestação de um reino que supostamente não existe?

E quando as sociedades de pesquisa psíquica e os diversos corpos científicos, sejam espirituais ou ocultos, tentam submeter os fenómenos espirituais ao teste da razão, é como se alguém tentasse estudar astronomia com um microscópio ou observar um átomo minúsculo com um telescópio.

Esses homens ditos *racionais* que tentam estabelecer, com base na ciência e na razão, as causas de coisas que só podem ter origem no reino do espírito são tão peculiares quanto inconsistentes.

Eles tentam explorar um reino cuja existência negam.

Eles testemunham manifestações que, segundo eles, não poderiam ocorrer se esse reino não existisse.

E, para justificarem os fenómenos que de facto ocorrem, acabam por criar um reino que antes declaravam impossível na mente humana, expandindo o conceito da *natureza* para incluir um domínio psíquico que antes rejeitavam.

Na verdade, eles inventam um reino para explicar os fenómenos desse mesmo reino.

Quão mais razoável é o conhecimento *a priori* da humanidade, que já declara a existência desse reino e, portanto, não precisa de justificar qualquer manifestação que venha dele.

E, uma vez que o conhecimento da humanidade como um todo tem a sua base na fé, esses experimentadores tardios acabam por perceber que a sua razão estava cega e que a fé, de olhos bem abertos, foi quem os guiou até ao santuário da alma, afinal de contas.

Neste reino, não devemos ignorar os seus mais pequenos mandamentos, nem as suas verdades mais palpáveis e divinas—essas verdades que afirma desde o início e que proclama até ao fim dos tempos.

E, no domínio da razão, não devemos negar o seu papel na estruturação do pensamento humano, pois uma razão bem equilibrada e iluminada tem o seu devido lugar.

Mas quando tentamos substituir a fé pela razão, substituímos o mecanismo pelo Criador.

Substituímos a forma pela mente.

O corpo pela alma.

O cérebro pela inteligência que o governa.

E fazemos uma paródia de cada atributo que afirmamos servir.

Assim como a fé, com a sua potência divina, eleva a humanidade da escravidão dos sentidos, também a razão, obediente às suas exigências, leva adiante a mensagem da vida em todos os caminhos que pode percorrer.

Mas, para continuar a avançar, a razão precisa de receber inspiração da única fonte de onde essa inspiração pode vir.

E precisa de alimentar-se da sua luz.

Precisa de atender, com obediência, às suas mensageiras aladas.

Dessa forma, guiado pela fé e iluminado pela razão esclarecida, o espírito humano molda os seus próprios mensageiros, os seus próprios caminhos para declarar a verdade que carrega dentro de si.

E, seja qual for o nome que lhe atribuas, o divino será sempre o que prevalece.

RESPOSTAS A VÁRIAS QUESTÕES IMPORTANTES SOBRE O MUNDO ESPIRITUAL

Um Discurso Inspirador, proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan, no Cleveland Hall, Londres, na noite de domingo, 19 de abril de 1874.

DISCURSO

Um escritor de um dos jornais espirituais formulou várias perguntas pertinentes sobre a forma de existência na vida espiritual; e é com o propósito de responder a essas questões que iremos proferir este discurso, abordando a natureza absoluta da existência espiritual e de que forma ela corresponde à vida temporal ou terrena.

Apesar de o Espiritualismo estar presente no mundo há um quarto de século, e apesar dos escritos de Swedenborg e de outros que foram inspirados pelo espírito, parece existir, não apenas entre aqueles que são novos na investigação espiritual, mas também entre os próprios espiritualistas, uma diversidade de opiniões e perplexidades quanto à substância e à natureza da matéria espiritual. Consideramos, por isso, que ainda não foi dada uma expressão autoritativa que permita à mente julgar esta existência, apesar das inúmeras lições já transmitidas.

A principal dificuldade, no entanto, reside no próprio investigador. Quando os espíritos vos dizem que o mundo espiritual é tão tangível quanto o vosso mundo, o investigador conclui imediatamente que se trata, portanto, de um mundo material. Contudo, a diferença entre tangibilidade e materialidade é muito distinta.

Algo pode ser tangível para o espírito e, no entanto, não ter qualquer materialidade para os vossos sentidos; e a substância da qual a existência espiritual é composta não pode ser medida nem avaliada pelas leis que regem as substâncias materializadas na Terra. Com estas

premissas, o investigador parte de um ponto justo; mas, quando o espírito afirma que a existência espiritual é tão tangível quanto a vida terrena, o homem de ciência acredita, de imediato, que pode avaliar essa materialidade pelo mesmo padrão que utiliza para os corpos materiais à sua volta. Assim, julga que as margens da existência espiritual são feitas de grãos de areia que podem ser pesados e medidos pelos métodos científicos comuns; que as montanhas e os vales são constituídos pelos mesmos tipos de rocha e solo que existem na Terra; que os rios são compostos pelo mesmo tipo de água; e, no final, cria uma visão da vida espiritual que é uma mera réplica exata da vida terrena.

As perguntas a que nos referimos questionam, em primeiro lugar: será que a paisagem da vida espiritual é uma réplica exata da Terra? Se não for, de que substância é composto o mundo espiritual?

Agora, é sabido por todos os homens de ciência que existe uma infinidade de substâncias impercetíveis ao toque humano, mas que, ainda assim, são materiais. Sabe-se que as substâncias mais subtis são aquelas que não podem ser analisadas a menos que atuem sobre substâncias mais densas, como a eletricidade, o magnetismo e outras forças subtis da natureza. No entanto, a substância de que o pensamento é composto ainda não foi analisada por nenhum cientista.

Todavia, para o espírito, o pensamento é tão palpável que, ao entrar nesta sala, um ser espiritual ou alguém dotado do dom do espírito percebe a qualidade dos vossos pensamentos com a mesma facilidade com que percebem a qualidade das vestes uns dos outros. Isto pode, naturalmente, parecer estranho, mas, na ciência espiritual, é uma realidade absoluta.

Quando, portanto, considerardes que o pensamento é, em si, uma das substâncias espirituais mais densas, tereis então uma referência para julgar as demais substâncias que envolvem e compõem a existência espiritual. Todos os elementos que existem na atmosfera da vida, que não são percetíveis aos vossos sentidos materiais e que servem de meio para que a mente comunique com a mente, são os elementos que constituem a vida espiritual.

Swedenborg enunciou a doutrina da correspondência, segundo a qual afirma que cada forma terrena tem o seu correspondente na vida espiritual. No entanto, ele não diz que cada forma espiritual é uma cópia

exata das formas materiais. Assim, não afirma que cada casa, edifício ou vale tem o seu protótipo exato no estado espiritual. Contudo, pode dizer-se que existe algo na existência espiritual que, para propósitos espirituais, corresponde a flores, árvores, pássaros, substâncias, paisagens, montanhas e vales.

Essas substâncias não se encontram apenas dentro da atmosfera terrestre, mas as mais elevadas delas situam-se para além do domínio da atmosfera material da Terra, naquele que é conhecido como espaço.

Quando julgais um objeto material aqui na Terra, consideram-no como algo exterior a vós, e tanto o homem de ciência como o metafísico concluem que qualquer objeto independente da vossa vontade, que possua forma e leis próprias, não pode ser controlado pela vossa mente individual. No entanto, na vida espiritual, tudo isto é invertido; aquilo que para vós é objetivo torna-se vago e etéreo para o espírito. Esta sala, aparentemente sólida e tangível, é para o espírito quase como vapor e não constitui qualquer obstáculo à aproximação ou ao afastamento dos seres espirituais. As substâncias que considerais mais firmes e imutáveis são para os espíritos quase tão voláteis quanto o vapor vos parece; enquanto que o pensamento e as essências das substâncias que vos são intangíveis são, para os espíritos, uma realidade.

Por conseguinte, quando os espíritos afirmam que existem cenários e paisagens, montanhas e vales, rios e flores, aves e todos os elementos que correspondem à vida terrena, enunciam um paradoxo espiritual, a menos que também declarem que essas substâncias são espirituais na sua natureza. O espírito entra exatamente num domínio da vida espiritual correspondente à qualidade do seu pensamento e ao poder da sua vontade para criar e atrair ao seu redor esse mundo espiritual. Assim, inúmeros espíritos vagueiam por planícies envoltas em escuridão, ou percorrem vales e montanhas que se erguem em direção à luz, sendo moldados apenas pelo pensamento, na exata medida da combinação entre a sua vontade e o poder da sua mente para controlar os átomos dessa matéria espiritual.

Na ciência, conheceis a lei da afinidade química. As substâncias que a mente atrai para si na vida espiritual correspondem a esta mesma lei terrena, e o espírito está revestido, envolto e rodeado por essas qualidades atmosféricas ou substâncias etéreas que tem o poder de atrair. Se essas substâncias forem luminosas e belas, se forem moldadas

sob a forma de montanha ou vale, se se apresentarem como uma vasta planície ou elevadas e imponentes alturas, tudo dependerá da natureza da mente que constitui o centro dessa existência e influência.

Na Terra, a matéria rege-se pelas suas próprias leis rígidas — leis inflexíveis e inconscientes. As forças cegas da natureza parecem operar por si mesmas, resistindo perpetuamente à intervenção do homem. Mas na vida espiritual, dá-se o contrário. A matéria não é objetiva; não é resistente; não impede nem obstrui a passagem dos espíritos — dos corpos etéreos que os espíritos possuem — e a paisagem que os envolve pode ser alterada pela vontade de um ou mais espíritos individuais.

A geografia do mundo espiritual — se assim se pode dizer — não é fixa nem imutável como a geografia da Terra, exceto na medida em que se refere aos planetas e mundos em si. No entanto, o espaço interestelar que compõe o vasto domínio da existência espiritualizada está preenchido com uma substância que os espíritos podem governar e controlar à vontade. Assim, a paisagem que lá predomina é da natureza que os próprios espíritos escolhem criar.

Almas elevadas, dotadas de consciência e conhecimento além da vossa compreensão, podem governar os átomos da substância espiritual dessa luz, formando vastas paisagens — planícies, templos, vales, montanhas e seres vivos — em resposta ao pensamento ou desejo de que assim seja.

Lê-se nos textos antigos que o espírito de Deus desceu sob a forma de uma pomba. Em várias sessões mediúnicas e noutros locais onde os espíritos se manifestaram, flores, aves e símbolos de várias naturezas foram testemunhados por muitas pessoas, suscitando naturalmente a questão: são estas realidades? Elas são realidades espirituais.

A forma espiritual é tal que, se um espírito desejar representar uma flor, basta-lhe o pensamento para o fazer, aliado ao conhecimento das leis que regem a direção dos átomos, para que essa flor se manifeste à vossa visão. Na vida espiritual, basta que as substâncias de que são feitas as flores espirituais sejam reunidas de modo a envolver o espírito com qualquer forma que ele deseje criar.

Compreendei isto: todas estas manifestações são regidas por leis, mas não pelas mesmas leis que governam as vossas substâncias materiais. São leis espirituais, cuja origem e fundamento residem na vontade ou volição do próprio espírito e, a partir daí, estendem-se, controlando e governando a matéria.

Sabeis quão rapidamente a ciência tem avançado no controlo dos elementos da Terra pela humanidade. Sabeis quanta força e poder a vontade e a mente do homem têm sobre o pedaço de barro que chamais de corpo material. Na vida espiritual, quando essas substâncias se tornam sujeitas ao espírito em vez de lhe serem agressivas, podeis perceber facilmente que todas as funções do espírito são absolutas e positivas, e não negativas e subordinadas às leis da matéria, como acontece aqui.

Outro erro que os investigadores cometem é este: não se afastam o suficiente do hábito de medir todas as coisas pelos padrões do conhecimento e da ciência terrena. A ciência espiritual tem as suas próprias leis; a existência espiritual tem as suas leis; os seres espirituais têm as suas leis; e é um erro absoluto supor que, porque os espíritos, por vezes, são permitidos materializar-se numa forma densa para a vossa visão terrena, eles sejam, por isso, obrigados a ocupar sempre formas materiais.

Também é um erro pensar que os dons do espírito tenderão para a reprodução constante das formas físicas da vida terrena. Isso não acontece. A existência espiritual apenas se expressa através das vossas formas terrenas porque essa é a única maneira de alcançar-vos. Mas, na vida espiritual, as almas estão tão sujeitas ao poder do espírito que vivem num reino onde o pensamento é supremo, onde a mente reina, onde todas as graças e virtudes, toda a bondade, todas as aspirações, tomam uma forma tangível e real.

O pensamento sai da vossa mente e perde-se entre as ondas da materialidade que vos rodeiam, e não tendes poder para o seguir; não o percebeis após ele escapar dos vossos lábios. Mas, na vida espiritual, o pensamento expande-se e alcança a mente para a qual foi dirigido—é uma substância e tem uma vibração literal e real correspondente ao som.

A pessoa que propôs estas questões deseja também saber se o espírito depende da fala e da audição para a transmissão do pensamento. Se

tivesse medido o verdadeiro significado da palavra espírito, estamos certos de que não teria feito essa pergunta. O pensamento é a forma de expressão do espírito e, em vez do uso de palavras, que são meras vibrações na atmosfera exterior para alcançar os sentidos materiais, a mente que está mais avançada comunica-se diretamente com outra mente através da vontade.

Sabeis que, muitas vezes, na Terra, duas mentes que são muito semelhantes e que estão em perfeita sintonia quase podem ler os pensamentos uma da outra. Sabeis que, frequentemente, ao conversar com um amigo, este profere uma frase e dizeis: "Ora, eu estava a pensar exatamente nisso!" Ou mencionais o nome de alguém e dizeis: "Essa pessoa estava exatamente na minha mente," demonstrando o poder que uma mente tem para influenciar outra.

Na vida espiritual, qual seria a necessidade da linguagem quando o pensamento se expressa diretamente ao pensamento? Por isso, os espíritos mais avançados têm menos necessidade da expressão materializada; e, quando se expressam em linguagem física, fazem-no apenas nos estados mais grosseiros da vida espiritual, aqueles que estão mais próximos da Terra.

Mas esta pessoa também menciona que existe uma linguagem espiritual semelhante ao antigo hebraico. Existem várias linguagens usadas pelos espíritos na sua comunicação com os mortais, algumas correspondendo às línguas terrenas, outras simbólicas; mas não há necessidade de mensagens vocais ou escritas entre os espíritos na vida espiritual. O pensamento, por si só, é suficiente para alcançar a mente de quem está em sintonia com aquele que o expressa. E qual seria a necessidade da expressão física, quando não há necessidade de audição ou de qualquer um dos sentidos materiais?

Então, pergunta esta pessoa, necessitamos de uma forma material? Diz-se que a forma espiritual assemelha-se à forma humana, mas mais perfeita, mais etérea, mais espiritual. Respondemos que as funções da forma espiritual são espirituais, expressando o mais elevado nível de pensamento que o espírito tenha alcançado.

Anjos, espíritos, todas as formas dos seres que partiram são representadas como possuindo formas semelhantes às da Terra, mas mais belas e mais eterealizadas. Agora, pergunta o inquiridor: se não há

necessidade de voz, audição ou de qualquer um dos sentidos que possuímos na Terra, porque é que o espírito mantém um protótipo exato da forma humana?

Respondemos: cada traço, cada expressão do rosto, cada linha do corpo humano representa também uma qualidade espiritual. A alma não possui nenhum dos sentidos que chamais de materiais, mas sim um sentido supremo; no espírito, porém, esse sentido é concentrado numa única perceção.

Sabeis que, quando uma pessoa é cega, o sentido do tato torna-se extremamente apurado; quando alguém é surdo, o sentido da visão intensifica-se; quando é mudo, a audição torna-se extremamente sensível—o que demonstra que o sentido da alma é único e que os sentidos físicos são apenas expressões variadas dessa capacidade central da alma, das quais dependeis no corpo físico. O corpo espiritual representa apenas esse sentido único do espírito, e esse sentido é a perceção.

Não há melhor nome para o descrever. Por isso, damos-lhe esse nome para que o possais compreender. Se puderdes ler os pensamentos do vosso amigo, então porque haveríeis de recorrer a palavras, que são, na melhor das hipóteses, demasiado fracas para transmitir a vossa mente, se pudésseis captar totalmente o poder desse pensamento sem a necessidade de vibração ou da limitada perceção sensorial?

E, se vivêsseis dos elementos contidos no ar e na atmosfera, qual seria a necessidade dos meios de nutrição e alimento que normalmente utilizais? Será que o espírito sente fome e sede?

Respondemos: Sim; mas o alimento espiritual, como dissemos anteriormente, é espiritual, não material.

Os elementos que compõem a substância do corpo espiritual encontram-se na atmosfera da vida espiritual. O espírito sustenta esse corpo espiritual pela constante atração e rejeição de átomos que lhe correspondem e que são necessários para a sua existência. Há fome e sede, mas não nas formas grosseiras das vossas necessidades físicas: sabeis que estas podem ser muito reduzidas pela observação das leis da saúde e da materialidade; e poderá chegar um tempo distante, quando a atmosfera for cada vez mais refinada, em que não necessitareis das

formas densas de nutrição que agora vos são indispensáveis. Não há razão para supor que este estado seja definitivo, pois a vossa compreensão da vida espiritual demonstra que a forma espiritual pode ser sustentada e revitalizada pelos elementos que a envolvem.

Para a mente material, habituada a interpretar literalmente cada expressão da vida espiritual, não temos esperança de que estas palavras sejam compreendidas. Mas para aquelas mentes acostumadas a avaliar as realidades espirituais sob a perspetiva do espírito, sabemos que serão perfeitamente entendidas. Podeis imaginar, ou talvez já tenhais experienciado, períodos de exaltação ou de grande concentração, durante os quais a fome, a sede e todas as necessidades corporais pareciam secundárias, sendo apenas consumidas as substâncias estritamente necessárias para a manutenção da vida.

Há vários relatos de pessoas que, em estados de elevada exaltação espiritual, viveram um ou dois meses alimentando-se apenas do ar; e há casos, ainda hoje na Terra, de pessoas que, segundo se diz, não ingerem alimento físico há vários anos. Isto demonstra que, num estado físico mais refinado, os seres humanos poderão, tal como os habitantes espirituais, atrair da atmosfera os elementos específicos necessários para a sustentação do corpo.

Naturalmente, isso acontecerá apenas dentro de muitos séculos; mas o facto de já ter sido conseguido em certa medida prova que, no futuro, poderá ser inteiramente realizado. Além disso, o facto de já ter sido alcançado parcialmente serve para ilustrar o modo como os seres espirituais subsistem.

Dissemos que o alimento do espírito é o pensamento. Com isso, queremos dizer que tudo o que o corpo espiritual necessita pode ser absorvido sem qualquer esforço consciente além da própria vontade. O espírito cria a sua própria forma física e sustenta a sua vida espiritual sem os processos penosos pelos quais os vossos corpos terrenos se desgastam e se sobrecarregam. As suas vestes também são compostas pelos elementos da vida espiritual, e cada átomo necessário para adornar o espírito pode ser atraído de acordo com a sua pureza e conhecimento, nos quais a alma se reveste.

Considerai os lírios, como crescem. De dentro do germe, as folhas desabrocham, absorvendo pouco a pouco substâncias do solo que vos

são imperceptíveis. O lírio abre as suas folhas, depois as suas pétalas, e tudo isto ocorre silenciosamente, enquanto os raios do sol, o orvalho e os elementos da terra obedecem ao poder invisível que reside no germe da flor.

Muito acima disto está o poder da alma humana para revestir-se, adornar o seu espírito e embelezar a sua existência espiritual com as substâncias e qualidades que correspondem ao seu grau de desenvolvimento. E tão perfeito é esse ser iluminado, quanto é perfeita a brancura de uma flor de neve; e tão deformada é a existência espiritual daquele cuja mente é limitada, baixa e destituída de espiritualidade, quanto uma erva daninha num charco lodoso.

Vós próprios vos revestis, alimentais e sustentais com as substâncias da vida espiritual, em exata proporção ao vosso poder de pensamento, conhecimento e bondade. Os homens não herdam as suas moradas espirituais. Não existem vastas extensões de terra que possam ser vossas por herança. Não há montanhas, vales ou edifícios que vos pertençam por direito de primogenitura. Nada possuís que não tenha sido criado por vós próprios.

Na vida espiritual dos seres mais primitivos e subdesenvolvidos, há uma carência, um vazio aparente, uma vastidão informe, uma ausência de forma, exceto na medida em que as sombras possuem forma; uma ausência de beleza, exceto se a deformidade puder ser considerada bela. E apenas pelo cultivo das mais elevadas qualidades e virtudes poderá o espírito conceber a verdadeira natureza, poder e propósito da existência espiritual.

O inquiridor deseja também saber se os espíritos dependem do ato de caminhar para se deslocarem, ou se podem mover-se de um lugar para outro pela simples vontade. Esta questão demonstra, mais uma vez, que se começa a refletir sobre o mundo espiritual pela sua manifestação mais externa, em vez de se considerar primeiro a essência do espírito e depois as suas leis.

O poder do espírito reside na vontade, na mente e na volição. A capacidade de um espírito deslocar-se depende diretamente do grau de elevação e conhecimento da sua alma. Pensais em Nova Iorque e, de imediato, lá estais em pensamento; pensais na China e, se já lá estivestes, a vossa mente não percorre todas as etapas do trajeto, mas

alcança o destino instantaneamente. Pensais na vossa casa, no vosso quarto, nos que lá se encontram e que vos são queridos: estas paredes não constituem obstáculo algum, e não há necessidade de caminhardes até lá.

Se possuirdes vontade e conhecimento espiritual suficiente, encontrareis imediatamente onde desejais, livres do peso dos vossos corpos físicos.

Assim que abandonais os vossos corpos físicos, o espírito encontra-se onde quer estar — o desejo constitui o poder pelo qual o espírito se move. O termo "voo" não é o mais adequado, pois não há asas fabulosas. Trata-se simplesmente da capacidade de flutuação ou de deslocação, e essa depende inteiramente da força do espírito em conhecimento espiritual. Dessa forma, o movimento pode ser rápido ou lento, pode ocorrer instantaneamente ou de forma gradual, ou até mesmo pode não ocorrer de todo. Existem almas que não conseguem erguer-se; permanecem ligadas ao pedaço de barro que deixaram para trás, tão pouca espiritualidade possuíam em vida.

Casas assombradas, cemitérios, espíritos inquietos que atormentam as almas mais sensíveis na Terra—estes pertencem a essa categoria. Por vezes, não conseguem afastar-se de um determinado local porque os seus espíritos estão presos ali pelas correntes e grilhões dos seus atos passados.

Mas o poder dos espíritos que se libertaram dessas limitações reside inteiramente na vontade pura, e a sua rapidez ao deslocar-se de um lugar para outro é mais veloz do que o relâmpago, pois este ainda ocupa tempo que pode ser medido pelo vosso cronómetro. Para o pensamento, não há essa divisão de tempo. Sim, leva tempo, mas de uma natureza tão subtil que não pode ser medida por qualquer método de cálculo terreno.

Instantaneamente, aquele que ama pode estar ao vosso lado, se houver vontade, prece e intenção para tal.

Dessas respostas às perguntas que foram colocadas, podeis compreender que todo o tema da vida espiritual, os seus métodos, as formas de existência nesse estado, a natureza e qualidade da alma, a terra que os espíritos habitam, as suas ocupações e tarefas, bem como

as suas moradas no reino espiritual, é um assunto ainda tão desconhecido para as mentes terrenas que é necessário, antes de mais, aprender o alfabeto para poder conhecer a linguagem da vida espiritual e a sua importância.

Porque tudo aquilo que utilizais para julgar o tempo, os sentidos, as coisas materiais, o espaço, a forma e as ocupações aqui na Terra, são precisamente o oposto da forma espiritual, da vida espiritual, da ocupação espiritual e da sensação espiritual.

Aquilo que chamais de realidade é, para o espírito, a mais fugaz das sombras. As montanhas que considerais intransponíveis são, para o espírito, nada mais do que vapor.

As substâncias que tanto valorizais—ouro, prata e pedras preciosas—são apenas resíduos sem valor; e a mais bela das habitações terrenas não passa de uma representação frágil e vã, se comparada com a morada do espírito, que é tecida com os próprios fios dos vossos pensamentos e atos.

Descrevemos agora a morada de um espírito cuja vida terrena e espiritual foi aperfeiçoada pelo conhecimento.

Cada pensamento e aspiração de bondade, aqui na Terra, torna-se uma realidade imediata e ascende à esfera da vida espiritual, onde aguarda essa alma quando se liberta da sua forma terrena. Assume uma forma harmoniosa — seja como pássaro, flor ou árvore; adquire uma cor luminosa — os tons do arco-íris que representam a luz resplandecente dos céus.

Os corredores, as galerias, as cúpulas, as entradas—tudo é moldado de acordo com os atos e pensamentos da vida terrena. Tudo é simbolizado. Não se perderá um único fio do tecido das vossas mentes. Tudo estará presente, tecido nas finas substâncias que compõem as vossas formas espirituais; e, em vez das árvores e das formas densas que aqui chamamos Terra, encontrareis os espaços dessas mansões espirituais preenchidos com as imagens que criastes em pensamento enquanto estavas na Terra.

Por vezes, pensamentos indesejados espreitarão de algum canto da vossa morada espiritual—um pensamento de inveja ou maldade; talvez um pequeno demónio da discórdia, escondido num recanto que

desconhecíeis. Mas, sobretudo, se as vossas aspirações forem boas e elevadas, as paredes serão de uma grandeza inigualável; a sua altura, o seu poder, a sua beleza, a sua arte—tudo será submisso à alma que há em vós e que moldou a sua progressão divina. E se há imagens de beleza na Terra, quanto mais transcenderão essas que nascem das graças dos bons atos, da caridade generosa, da mente iluminada!

Cada ato de amor torna-se um anjo que se senta num pedestal de humildade e amor; e, assim que entrais, ele saúda-vos com cânticos e louvores.

Cada ato da vossa vida transforma-se ali numa manifestação viva e, sob a forma de um anjo ou de um pássaro, proclama a gratidão devida às vossas boas ações. Cada aspiração e prece converte-se numa ave de asas brancas ou numa bela flor que adorna o caminho dessa nova vida que entrareis.

Mas, acima de tudo, a caridade generosa com que embelezastes a vida dos vossos semelhantes florescerá como lírios brancos ao redor da frescura da vossa nova morada. E, transcendente sobre tudo, esse amor supremo e perfeito que constitui o império absoluto da alma, que supera todo o conhecimento e toda a luta, que é a essência de todo o amor, ergue a cúpula resplandecente; e as estrelas que nela brilham são os pensamentos, os atos e as palavras do vosso coração amoroso aqui na Terra.

Isto não é uma visão onírica. É tão real que os anjos, nas suas moradas, e os espíritos daqueles que amais estão, neste exato momento, a ajudar a moldar as paredes e os arcos desse templo que vos acolherá. E, já agora, os pensamentos que enchem as vossas mentes elevam-se como nuvens brancas sobre asas de aspiração, flutuando para esse reino que um dia vos receberá à vossa chegada.

O próprio pensamento que tendes esta noite surgirá para vos saudar desde o seu esconderijo nesse mundo espiritual; e, se for um pensamento de louvor, será tão branco como um lírio; mas, se for de desprezo, não vos parecerá belo aos olhos.

Estas são as realidades do reino espiritual; estas são as substâncias de que as almas são feitas; estes são os poderes que governam e regem a vida espiritual; estes são os elementos que vos podem ajudar a adornar

e embelezar a vossa existência terrena, levando-vos para além dessas formas de barro sem significado que agora idolatrais, rumo às realidades da alma viva, da vida, do poder e do espírito que reside em vós.

UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DO TERMO LOGOS, CONFORME REVELADO PELO ESPIRITUALISMO

Discurso proferido por Mrs. Cora L. V. Richmond, na Câmara Municipal de Kensington, na noite de domingo, 18 de maio de 1884.

Webster Glynes, Esq., presidindo à sessão.

O terceiro capítulo do Evangelho segundo São João foi lido pelo presidente como a lição da noite.

O Espiritualismo revela que a Palavra mais antiga não é um livro escrito, mas sim o impulso direto da Mente Divina em direção à expressão. Quando ledes, atentamente e repetidamente, os primeiros versículos do capítulo que acaba de ser lido, descobrireis que esta Palavra antiga, este Logos original, este significado divino e cósmico, é a primeira intenção da expressão na forma humana na Terra, e que todos os passos que precedem essa expressão são os passos do Logos.

Para o materialista, isto pode ser chamado de evolução ou lei natural; para o devoto estrito de qualquer altar em particular, pode ser chamado de decreto de Deus; mas, para o observador inteligente e cuidadoso do significado da linguagem antiga, deve significar um propósito inteligente dirigido a um determinado objetivo, cujo cumprimento ocorre quando o Logos é revelado.

Seja o que for que intervenha entre Deus e o homem, antes da expressão perfeita da vida crística na Terra, cada etapa é uma preparação para essa vida crística, e João, o detentor do segredo divino, o mais próximo e querido de Cristo, percebeu as evidências dessa divindade no homem Cristo como ilustração da Palavra mais antiga.

Mas afastemo-nos da mera personalidade deste cumprimento para uma conceção mais divina e abrangente que a Palavra implica na sua promessa à humanidade.

Muitos acreditam que esta expressão, o Logos, só pode ser encontrada na Bíblia, na forma de frases retóricas, e assim leem nela tudo o que é pretendido pela Palavra, declarando que, uma vez escrito esse Livro, toda a expressão de Deus está concluída.

Outros interpretam literalmente a forma de Cristo: "A Palavra fez-se carne" deve significar apenas aquilo que João indicou, e, portanto, nenhum outro significado pode ser revelado a partir do antigo registo além do testamento escrito sobre Cristo.

Outros ainda, com uma visão mais ampla das expressões mais antigas da fé e da consciência humana em Deus, percebem que, ao longo de todo o percurso da criação, as indicações deste Sopro de Vida, desta Palavra permeadora, devem ser reveladas.

Não que Deus necessitasse, no princípio, desta Palavra, mas que no início das coisas (seja o que for que "coisas" implique, em determinado momento), existia a intenção do impulso procedente da Mente Divina. Esse primeiro impulso criativo em direção à matéria, com o propósito de expressar inteligência através da matéria, deve ser o Logos primário e supremo.

Ao longo de todas as fases do desenvolvimento material, quando a matéria ainda parecia caótica e quando as formas mais fracas de vida começaram a manifestar-se, este Logos forçava-se a emergir do universo divino do ser de Deus, buscando finalmente expressão no homem.

Adão, o primeiro homem, sendo da terra (ou seja, do barro vermelho), foi a primeira expressão desta consciência, a ilustração típica do Logos na forma humana material; Cristo, a expressão do espírito e não da terra, o segundo homem e, portanto, aquele que revela a vida de Deus, é a ilustração da conclusão dessa Palavra, o Logos em carne.

Estas duas ilustrações demonstram os inícios e os fins da existência humana.

O homem começa na terra, em Adão, o barro vermelho; e a sua realização encontra-se em Cristo, o Logos, a Palavra feita carne, a consciência divina de Deus revelada no homem.

Onde o homem tropeça, é na ausência desta luz; onde ele se torna consciente e transcendente, é na presença desta luz, "que ilumina todo o homem que vem ao mundo".

Isto pode não ter qualquer referência a outros mundos, a outros sóis, a outros sistemas ou a outros começos, mas apenas àquele começo indicado neste registo: o início da intenção deste divino Logos tal como afeta a humanidade na Terra.

Se a vida desta Palavra feita carne significa algo para a humanidade, é a profecia, a esperança, a consciência, a promessa divina de que Ele os fez "Filhos de Deus" pela sua presença e revelação do Logos.

E ao mostrar-lhes o caminho para se tornarem filhos de Deus, é uma promessa a todas as almas da Terra de que, através do caminho transcendente aqui revelado e interpretado na vida de Cristo, cada ser humano pode encontrar esse mesmo caminho para a luz.

Não só esta nova interpretação é oferecida pelas revelações da vida espiritual, mas também os mais antigos anjos de Deus, que têm a Terra sob a sua proteção, mostram que Cristo fez a Terra – não como Deus, mas como o Logos de Deus, preparando-a para a sua própria vinda.

Assim como alguém poderia ser enviado para preparar uma cidade e, depois, ser reconhecido como rei ou imperador dessa cidade, também esta preparação sagrada da Terra, este processo que vem de Deus desde os primórdios da matéria criativa, é um sinal do papel do Cristo-homem.

Onde os anjos se reúnem para testemunhar a construção dos mundos, mesmo quando o caos ainda reina no sistema à espera de ser moldado, o homem Cristo aguarda a formação dos mundos.

Ele espera com o poder criador das eras, com a consciência do Divino dentro dele, com a missão que finalmente lhe será confiada na Terra, com a Palavra inteiramente revelada a ele.

Aguardando as eras para que a matéria se desenvolva, e esperando eras para que o homem esteja pronto para a sua vinda.

A consciência é a primeira manifestação do poder do homem sobre a matéria, a vitória alcançada sobre a mera lei material.

E este ponto onde o espírito e a matéria se encontram, onde o espírito se impõe sobre a matéria e finalmente triunfa, é o ponto onde o homem se torna consciente da intenção divina do Logos, revelada no homem Cristo.

A Terra já possuía a natureza e a realização crística muito antes do nascimento de Jesus.

A profecia deste Logos foi revelada a sábios e videntes.

Buda buscou-a sob a árvore sagrada, cujas folhas sussurrantes lhe revelavam os mistérios da vida, cujos murmúrios ecoavam as longas existências através das quais ele caminhou para alcançar o Divino.

Zaratustra (Zoroastro) encontrou-a na chama divina do ser, que, brotando de Brahma, conferiu à vida e à forma da matéria a criação visível da alma do homem, para depois devolvê-la purificada ao seu destino divino.

Na antiga civilização egípcia, foi manifestada sob as asas veladas de Osíris, enquanto Ísis dormia.

O sopro de Deus percorreu a Terra, trazendo as maravilhas da criação.

E então, a alma surgiu desta fonte divina e concedeu à matéria a sua herança, e já não havia morte, mas sim vida imortal, com a sua esfera envolvente, as suas asas duplas da existência.

Foi revelado a Moisés, que, com um poder divino superior ao da vara de Aarão, e com uma perceção mais elevada de Jeová, contemplou essas maravilhas nos templos mais internos do Egito, combinando-as com as maravilhas do Deus de Abraão.

Foi conhecido pelos Profetas, que, através da perceção divina, viram as manifestações da presença de Deus reveladas na vida e na história

humanas; e como, passo a passo, ao longo de longas gerações, os mistérios da alma foram sendo revelados ao homem.

Foi visto por aqueles “Sábios do Oriente”, que, sob o simbolismo da Cabala, perceberam os sinais sagrados da aproximação do Novo Messias e voltaram a traçar as pegadas dos Filhos de Deus sobre a Terra.

Foi revelado de forma ainda mais distinta pelo próprio Cristo, que se declara como a expressão do Pai, a voz final, o porta-voz do Divino, o testemunho e testamento direto entre Deus e o homem.

Deixando de lado todos os rituais intermediários e proclamando o Amor de Deus pelos seus filhos, agora esse significado já não é revelado em ritos sagrados e santuários místicos, todas as formas com que o homem envolveu o significado do Logos.

Pelo contrário, manifesta-se em tudo aquilo que surge à consciência humana como emanado do Divino.

Aquela Palavra de Verdade, de Liberdade, de Sabedoria, de Justiça, de Pureza e de Bondade, que eleva o homem um grau mais perto da vitória divina que ele deve alcançar na Terra;

Aquela Palavra de Deus, que fala a cada consciência humana, mais próxima talvez daqueles que são mais silenciosos, e que se revela em boas ações, em gestos que finalmente florescerão em caridade divina;

Aquela Palavra de Deus que faz da Sabedoria, da Verdade e do Amor os árbitros dos destinos humanos, em vez dos reis, dos governantes ou das hierarquias;

Aquela Palavra que transcende todos os testemunhos e sinais externos, que vai além da letra da lei, e que se expressa pelo Espírito que é divino;

Aquela Palavra que vos permite ler, com olhos iluminados e visão purificada, o registo transcendente dos tempos passados, contemplando-o não com a visão humana, mas com a fé suprema que compreende desde o início os desígnios de Deus para com a humanidade;

Aquela Palavra que também revela como, passo a passo, vencendo continuamente as tentações que surgem no vosso caminho, acabais por alcançar o triunfo que Cristo revelou.

Os "Filhos de Deus" devem ter dois significados distintos no registo antigo, ou então os teólogos estão profundamente errados ao atribuir a Cristo apenas o título de Filho de Deus.

Pois aqui, o Apóstolo declara claramente que Cristo revelou aos homens o caminho para se tornarem Filhos de Deus.

Se isso for verdade, então o seu percurso só foi excecional porque era mais divino do que o dos outros, e destinava-se a iluminar o mundo, mostrando o caminho que todos deveriam seguir para alcançar essa luz.

Acreditamos que os primeiros Pais da Igreja, especialmente a congregação em Jerusalém, aceitaram este como o ministério de Cristo, ou seja, que Ele indicou o caminho que todos poderiam trilhar.

Que Ele revelou a luz “que ilumina todo o homem que vem ao mundo”.

Que Ele mostrou a Palavra expressa em forma humana, para que todos pudessem também receber essa Palavra no perfeito amor de Deus, o Pai Infinito.

Ele trouxe o título de Pai em vez de rei; o de Amigo em vez de governante; o de Aquele que atende às vossas necessidades imediatas e ouve os vossos clamores, em vez daquele que proclama decretos furiosos e comandos severos.

Ele trouxe as Bem-aventuranças, em vez da Lei Levítica;

As três Graças Cristãs, sendo a maior delas a Caridade, em vez dos decretos de ódio e das várias imposições da vida física;

Ele trouxe a sublime exaltação da esperança, da profecia e da salvação da humanidade, libertando-a das trevas da Terra, em vez da condenação.

E esta Palavra fez-se carne, porque a Palavra significava a Plenitude do Amor de Deus.

Em torno desse Logos místico devem reunir-se todas as conceções do pensamento divino.

Tudo o que é mais sagrado e querido para a alma humana;

Tudo o que é recordado da existência ou da herança divina do Reino dos Céus;

Tudo o que separa a alma da matéria, e faz com que a herança da primeira sobreviva a todas as mudanças da segunda;

Tudo o que é divino e sagrado, encerrado dentro da forma material, mas buscando expressão aqui, isto deve ser o verdadeiro significado divino do Logos.

Aquilo que Lutero procurou em vão;

Aquilo que Melanchthon tentou compreender;

Aquilo que todo reformador tentou alcançar — o significado esotérico do Logos;

Aquilo que a Igreja Protestante, desde Lutero até ao presente, tem procurado compreender —

A criança mais simples pode ver no enunciado sincero que brota espontaneamente dos seus lábios, e na luz amorosa que brilha nos seus olhos.

Pois essa Verdade já se encontra ali, na alma pura e transparente, a voz límpida que ressoa do passado eterno, através dos corredores da existência material, clara e plena de harmonias celestes:

O Amor do Infinito, a posse do Divino, a água cristalina perfeita, revelada na vida pura de Cristo.

Vede como o passado se abre diante de vós, como a sua luz já não está enredada no longo labirinto do dogmatismo teológico.

Como, ao libertar-vos do labirinto do credo e do catecismo, vedes, com a simplicidade de uma criança, a verdade de Cristo e o amor de Deus pela humanidade.

E assim, reconheceis cada vez mais que, pelo mesmo caminho, vós também sois Filhos de Deus.

Essa lâmpada que brilha no vosso meio, a lâmpada da consciência, esse guia que se revela nas vossas vidas, o guia do pensamento puro;

Aquele que floresce em boas ações, no amor pelo próximo;

Aquele que triunfa sobre o egoísmo ao servir os outros, a conquista mais divina de toda a vida crística;

O esquecimento de si mesmo, a vitória mais divina de todo o ser infantil na sua inocência;

O reconhecimento do amor de Deus;

E todos os tratados eruditos, todas as reflexões sobre evolução e lei natural, devem ceder perante o mandato divino desta única vontade suprema, que, para se expressar completamente e triunfar, vence a matéria, revela-se passo a passo nas lutas dos tempos, e faz dos profetas, videntes, filósofos e sábios os marcos de sua jornada.

E, por fim, manifesta-se na luz que brilha no Monte das Oliveiras, no Cristo-homem que vence as tentações terrenas;

E no Calvário, onde o Cristo-homem triunfa sobre toda a tristeza terrena, superando o mundo;

A vitória que se forja através da matéria, para que a alma possa brilhar com a mesma transparência da luz elétrica que atravessa a atmosfera da Terra.

Maravilhoso Logos!

Tu falaste na eternidade passada, no início da vida orgânica, quando os átomos ainda não estavam formados, quando os sóis ainda não ocupavam os seus lugares, quando o Caos e a Noite, as mais antigas divindades, reinavam.

Tu falaste, e então a intenção já era o Cristo-homem, mesmo naquele tempo.

Mas os primeiros vislumbres de luz foram-se formando gradualmente, as esferas de matéria foram-se desdobrando em seres orgânicos;

Os anéis cósmicos foram-se quebrando, dando origem aos planetas e aos astros flamejantes, tudo por meio dessa única ordem divina.

Ainda não estava o Logos na Terra.

Então surgiram as formas orgânicas, as leis da matéria tornaram-se claras e distintas;

E as eras que se seguiram finalmente produziram formas de seres, mas ainda assim, o Logos não havia aparecido.

Por fim, a alma chega da sua morada, do seio da Divindade, transcendente no seu poder, onde os anjos contemplam o processo da criação a formar esses mundos maravilhosos, e ali, a Luz toma o seu lugar na Terra;

Ali, o Logos acende os primeiros fogos da consciência humana,

A sua presença, desde Adão até Cristo,

A voz de Deus ecoando entre as nações primordiais,

Até que, por fim, o triunfo se completa.

Eras inteiras seriam necessárias para a sua manifestação, milhares e milhares de eões para o seu desdobramento,

Mas isto é apenas uma pequena fração dessa eternidade, que ainda agora começa.

Então, sobre a Terra, o homem curva-se diante desse triunfo, dessa vitória;

O invisível triunfa sobre o visível, o eterno vence o efémero.

E assim, ele ascende de novo ao seu lugar nos céus, eterno na glória.

Mas as marcas da sua presença permanecem visíveis, como linhas de luz ao longo da história da humanidade.

Os faróis que vos guiam até o porto eterno;

Os sinais que vos mostram, na vossa jornada pela existência material, de onde vem a alma e para onde ela vai.

Dessa grande e divina fonte da vida, contemplais como se formam as maravilhas das novas dispensações.

O Logos não se anuncia apenas em Cristo, mas em todos os homens que amam o seu semelhante.

Não apenas naquele revelado no Calvário, mas em todos aqueles que, nas provações da existência humana, triunfam sobre a morte, sobre a dúvida, sobre as trevas.

Não apenas no poder de Jesus, seja no divino Sermão da Montanha, seja quando triunfa sobre os seus inimigos e se declara Príncipe da Paz e do Amor,

Mas também naquele que revela esta mesma verdade na vossa própria vida:

O triunfo do amor nos vossos corações;

A pureza que opera o bem e que vence todo o mal;

A pureza que triunfa sobre todas as sombras e corrupções;

A vitória concedida a cada filho da Terra.

E esta promessa aqui registrada ousamos interpretar no seu sentido mais amplo e literal:

Que nenhum filho da Terra, nenhum ser humano, em qualquer estado mortal ou espiritual, deixará de alcançar, um dia, essa vitória nesta luz.

Não há ser humano, por mais degradado que esteja, que não venha, um dia, a estar onde Cristo esteve, consciente do Logos nas suas vidas, e que não possa ser guiado no caminho da vida.

Por mais fraca que seja a voz desta consciência do ser imortal,

Por mais fútil que este Logos possa parecer,

Por mais tenuemente que alcance agora a vossa consciência exterior,

Ainda assim, desde o início da vossa existência terrena,

Desde que a alma, convocada da sua morada celestial, entrou em contacto com a matéria,

Esta voz conhecia e sustentava o desígnio da perfeição divina do vosso ser no estado terreno.

E a vossa coroa e o vosso triunfo será que, um dia, vencereis a matéria como Cristo vos mostrou o caminho.

Um dia, colocareis o egoísmo, o orgulho, a mundanidade e a falta de caridade sob os vossos pés.

Um dia, triunfareis sobre todas as trevas que agora vos envolvem.

Um dia, vereis os planetas, os sóis e os sistemas passarem diante do Logos divino,

O qual é imperecível, a vida eterna para todo o sempre.

Deus falou ao homem através dos profetas, dos videntes e dos sábios;

E é esta mesma voz que se faz ouvir no interior de cada alma;

Que está agora nos vossos corações e vidas;

Que está na palavra de João;

Que está no ensinamento do Sermão da Montanha;

Que está na maravilhosa oração pregada por Jesus.

Se esta voz não estivesse nas vossas almas,

Não a reconheceríeis nos registos das vidas passadas.

Nem os mártires, cujas almas ascenderam aos céus em nuvens de fogo,

Teriam qualquer valor, se não fosse por esta força divina e ministradora,

Que sabe e reconhece que a vitória também virá para os mais elevados e os melhores.

Vede como o Logos se manifesta em todas as formas de vida:

Nas estrelas distantes, que seguem os seus caminhos ordenados nos céus imensos,

De acordo com leis tão perfeitas e completas quanto se pode conceber;

Na matemática revelada nos sistemas que governam os mundos,

E nas pétalas da flor, contadas de forma a que a sua espécie e género possam ser conhecidos pelo homem.

E, no entanto, o homem orgulhosamente proclama que nenhuma inteligência criou o lírio para ter seis pétalas, nem a rosa silvestre para ter cinco.

Nós dizemos:

Onde a natureza geometriza, ali está Deus.

Onde o cristal revela as leis da precisão matemática, ali há intenção e o Logos.

Onde a natureza moral do homem floresce e triunfa, com a mesma certeza com que os lírios florescem no campo,

Ali está a Palavra de Deus gravada na vossa vida.

E vós tornai-vos anjos por causa da Palavra de Deus.

Este estado angelical é a vossa herança.

Este Logos foi trazido convosco.

O divino é vosso desde sempre.

A imperfeição será lançada fora.

Nada que tenha sombras pode ser levado para a eternidade,

Mas a Luz deve sempre crescer, cada vez mais resplandecente,

E, com o seu triunfo e vitória, a Palavra revelada de Deus brilhará em cada vida,

E as maravilhas desta "Luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo" serão lembradas desde o princípio.

GENERAL GORDON

(Tema escolhido pelo público)

Quem são os heróis, aqueles em formação de batalha,
Que avançam com força, poder e vigor,
Sem uma palavra de bondade a dizer,
Mas adornados com regalias de senhor?

As nações proclamam aqui a sua grandeza,
E nas páginas da história aparecem seus nomes,
Traçados com linhas de sangue e tristeza,
Anunciados em todas as eras e tomes.

Mas quem pode ouvir a voz de Deus,
Suplicando com amor à humanidade,
Sob a armadura que o guerreiro trouxe,
Para ali prender a alma em verdade?

Então, talvez, a história dirá—
Ele é um fraco sobre a Terra,
Pois pelo amor ao homem ele cederá,
Em vez de erguer armas para a guerra.

A voz de Deus não pode ser calada
Pelo clamor de batalha e sua dor,
Pois nem sempre a vitória laureada
Tem em si a bênção do Senhor.

Assim sussurra a voz de Deus no homem;
Chegará um dia um decreto profundo,
E o plano da nação mais forte
Será submerso na vitória do Alto Mundo.

Mas mais fundo que a respiração do soldado
Está a necessidade mais pura da humanidade,

Mais elevado que o medo da morte,
O desejo de que o escravo e o rei sejam, de verdade,
Um só perante o Ungido Senhor—

Quem servir a dois mestres verá,
Que no fim Deus triunfa com uma só palavra,
Não pela espada, mas pela humanidade.

O pensamento austero levou o herói para longe
Da dor e da guerra, para tudo o que existe
Do espírito nascido para confiar em Deus,
No Seu santo nome, na Sua Justiça.

Não julgamos: não nos cabe julgar uma nação,
Mas Deus escolhe, por vezes, os que parecem
Mais fracos, para cumprir a Sua missão,
Ou os mais fortes, para que um povo cresça e vença.

Mas isto sabemos: a guerra é vã,
E, um dia, a espada da verdade e do direito,
Que atravessa a alma e fere o coração,
Trará a chama sagrada, e então vencerá o bem perfeito.

E se pode haver Herói e Sacerdote
Em um só homem, o nome esta noite é dado:
General Gordon não será o menor
Quando comparecer perante o Tribunal Sagrado.

Bênção

Que o amor do nosso Pai,
e a Luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo,
e o Espírito Santo vos guiem e guardem para sempre.

VIDA! VIDA!

Sua Origem, Desenvolvimento e Destino Final

A Sra. Cora L. V. Richmond proferiu uma palestra sobre o tema acima no Grow's Hall. Nosso repórter, presente no evento, fez anotações das ideias apresentadas. Ela disse:

A palavra "vida" é um termo de grande amplitude cósmica. Se a questão se refere à vida orgânica, esta é apenas uma das manifestações dos princípios eternos. A ciência tem lidado com essa questão de forma a esclarecer, em certa medida, muitas das manifestações da vida; mas, até agora, na história das investigações humanas, a ciência não conseguiu formular uma teoria adequada sobre a origem de qualquer coisa.

Ela lida especificamente com os resultados. Suas observações são feitas a partir do ponto de vista do efeito, e não da causa. Vocês estão familiarizados com a suposta origem da vida e com o desenvolvimento da existência orgânica, pois as teorias científicas são tão variadas quanto o número de mentes que as formulam.

As primeiras teorias que despertaram a atenção dos cientistas relacionam-se ao mundo externo. A primeira delas trata do desenvolvimento gradual do homem e da vida orgânica inferior a ele, por meio de um processo de criação inata, inerente à própria matéria. As formas mais simples de existência orgânica contêm, dentro de si, todas as forças necessárias para criar quando ativadas. Quando a ciência falhou em explicar corretamente o processo da origem do homem, a Bíblia foi utilizada como um recurso para fornecer uma solução.

A primeira teoria apresentada é a da evolução, desenvolvida por Darwin e outros, que, embora admitam o poder criativo da Divindade, afirmam que a ciência pode explicar o desenvolvimento das diversas espécies por meio de um desdobramento gradual. Homens eminentes no mundo científico (antes do desenvolvimento da teoria por Darwin) já admitiam que a função criativa na mente divina não exigia sua ação direta na criação das diversas ordens da vida animal, e agora concentram suas investigações no átomo como a mais elementar elaboração da ciência.

O Dr. Carpenter argumenta que todas as formas de vida podem ser rastreadas até o movimento de inúmeros átomos. Esses movimentos teriam produzido diferentes ordens de desenvolvimento, devido à combinação variada de um átomo com outro. A teoria do

desenvolvimento anatômico, sem dúvida, explica a relação minuciosa entre os objetos e sua influência mútua.

A teoria da evolução esclarece as diversas diferenciações dentro da mesma espécie ou tipo. No entanto, a teoria da evolução não explica a causa da existência dos diferentes tipos. Nenhum processo de diferenciação, além da teoria, pode explicar a fusão de uma espécie com outra, resultando, eventualmente, no homem altamente desenvolvido segundo a teoria darwiniana, pois a diferença entre as ordens da criação sempre persiste.

Até o momento, Carpenter não apresentou uma explicação satisfatória para o início absoluto da vida orgânica, além da teoria atômica.

O princípio da vida deve ser separado e independente de suas manifestações. Não pode haver uma compreensão adequada, a partir do átomo, do que esse princípio deve ser. Mas, enquanto a ciência tende a descobrir apenas os efeitos do desenvolvimento, é evidente que, na mesma proporção em que suas descobertas se baseiam apenas nos efeitos, elas se distanciam cada vez mais da causa.

Ainda assim, estamos plenamente conscientes de que há um ponto inicial da vida distinta que a ciência jamais poderá descobrir, nem mesmo por meio da teoria do desenvolvimento atômico. A simulação de processos orgânicos por meio do galvanismo, da eletricidade e de outros métodos artificiais indicaria uma descoberta aproximada das causas da vida e do movimento. No entanto, deve-se lembrar de que essas são apenas simulações, meras semelhanças com os processos reais da vida. A suposta descoberta da ação da luz e do calor sobre os corpos, produzindo o que poderia ser chamado de geração espontânea, é apenas uma das descobertas relativas da ciência para provar a existência prévia do germe da vida.

A vida inclui não apenas a forma visível da existência, mas também todas as formas e essências de existências invisíveis ao homem—ou seja, a vida em sua forma dissolvida. Portanto, a limitação dos fatos disponíveis restringe necessariamente o campo de atenção. Cada cientista tem uma determinada área de investigação.

A teoria de um único homem é apenas sua descoberta aproximada de alguma manifestação da vida. Ele busca, no mundo exterior, apenas as

leis físicas, os efeitos e as causas que estão diante dele. Deve contentar-se com um resultado aproximado e estar pronto para abandoná-lo diante da descoberta de um novo fato ou causa. O resultado acumulado das descobertas constitui o mais alto nível do conhecimento científico atual e, ainda assim, tudo o que se sabe sobre a origem da vida é que o contato dos átomos, por meio do calor e outros fatores, gera movimento e, consequentemente, a afiliação através de várias combinações.

É verdade que existem diversas formas de existência nos microrganismos, mas eles não explicam o mistério final da vida mais do que a análise dos olhos e ouvidos de um ser humano explicaria o que é o homem. O lado mais belo, o "outro lado" do universo, que a ciência ainda não alcançou, é o maior. O vasto templo interior, que a ciência ainda não explorou, é o mais grandioso. O que a ciência estudou até agora serve apenas para fornecer ao homem termos técnicos para as manifestações da vida que podem ser observadas pelos sentidos, além de treinar a mente para observar corretamente manifestações antes desconhecidas.

A teologia adota um processo totalmente diferente para lidar com essa questão. Seu método geral é atribuir todas as influências a Deus como a Primeira Grande Causa. Seja qual for essa causa, uma vez aceita, tudo no universo se torna possível. Esse é um método bastante conveniente, pois torna tudo explicável ao admitir que a causa é infinita.

Em todas as nações da antiguidade, a criação é vista como um ato direto desse poder, a Primeira Grande Causa. Todos os teólogos do mundo se baseiam nessa ideia, começando apenas onde a ciência termina e explicando apenas o que a ciência não consegue elucidar. No que se refere às leis e recursos da natureza, a teologia não difere muito da ciência. No entanto, ela empurra a causa final para cada vez mais longe da mente e do entendimento humano, trazendo a imaginação ao centro da questão. Assim, os caminhos labirínticos do desconhecido tornam-se ainda mais misteriosos.

A teologia afirma que todas as coisas vêm diretamente de Deus. O teólogo, ao responder sobre a criação, deve ser abrangente e enfático. Ele não se preocupa com os detalhes. Aceita a teoria da criação conforme descrita nas Escrituras. Se for um brâmane ou um hindu, aceitará a teoria da criação promulgada por Brahma e registrada em seus textos sagrados. Todas as escrituras sagradas apresentam diferentes teorias sobre a criação.

Ciência e religião caminham juntas até o ponto em que a ciência triunfa. O bispo Berkeley aparentemente refuta muitas das teorias prediletas dos cientistas ao afirmar que a matéria nada mais é do que a expressão da divindade sob outra forma. Certamente, essa teoria é ampla e abrangente o suficiente para explicar a aparente imobilidade da matéria.

Isso, de certa forma, corresponde à teoria swedenborgiana, que sustenta que todas as formas e representações existentes da vida são apenas sombras de uma realidade maior. Se assim for, essa filosofia positiva transcende o próprio materialismo, pois os objetos seriam apenas aparências, e não realidades em si. Aqui, na escola da metafísica, temos uma visão que supera até mesmo a filosofia transcendental bramânica do bispo Berkeley.

Onde quer que espírito e matéria estejam igualmente centrados, há a solução para o mistério da própria vida. O teólogo aprende, por meio do estudo, que as manifestações da vida podem ser descobertas simplesmente ao aceitar a "proposição do Infinito".

O ponto essencial da vida é onde qualquer forma de inteligência—que podemos, sem medo, chamar de movimento—se manifesta. O outro termo científico refere-se ao ponto onde a inteligência se torna percetível no átomo, ou na combinação de dois ou mais átomos, por meio das forças que geram sua atração. A questão que se coloca agora é: essa força reside na própria matéria ou está fora dela?

Respondemos que não há vida, nem poder que exista por si só, nem capacidade de movimento nos átomos por si sós. O universo expressa a inteligência daquele que o concebeu. O espírito anima o átomo e, talvez, seja tão grande quanto o espírito que anima o homem. Quando esse espírito, que não é matéria, age sobre a matéria, torna-se a causa primária das manifestações da vida.

A expressão da vida, em qualquer reino ou domínio do universo, deve ocorrer por meio do átomo e de suas combinações. Chegamos a essa conclusão porque, embora toda função orgânica do universo pareça estar inerente a determinados germes do organismo e ao próprio organismo, essa função nunca se manifesta sem ser ativada por um poder externo. O grão de trigo não cresce espontaneamente. Ele deve ser despertado pela ação química do solo.

Os germes que se dizem ser criados espontaneamente nunca respondem à lei da existência até que uma ordem externa os atinja; somente então a resposta vem de dentro. O germe já está presente, mas o poder que o desperta pertence ao universo.

Cada germe ou tipo distinto, seja nos animais ou nas formas mais elevadas da criação, expressa apenas um único tipo. Em todo o universo, as formas de vida respondem à vida inerente ao germe. Algo faz com que o germe se expanda. Qualquer força no universo que regula e executa a ciência da causa e efeito, qualquer força que se manifesta até nos menores aspetos do desenvolvimento, qualquer força que demonstre possuir conhecimento matemático e cumpra a intenção de um poder antecedente, deve necessariamente possuir inteligência.

Essa inteligência é sempre superior àquilo que se manifesta. Consideremos isso—o próprio germe e a influência no universo que age sobre ele. A natureza é tão rigorosa em preservar os tipos que, na criação das diversas ordens, apenas o mais apto sobrevive. Aquilo que persiste é a única representação perfeita. Isso não indica inteligência ou um poder dentro do universo ou da criação?

O sistema da vida é, portanto, um sistema de inteligência. E, quer se escolha chamá-lo de inteligência, quer se prefira denominá-lo lei natural, o significado será o mesmo. No caso da Divindade, trata-se de uma inteligência consciente, que guia o universo com intenção e produz resultados em diversas formas.

Concluímos que a mente humana só pode explicar aquela parte da vida que é visível aos sentidos ou que se manifesta externamente. A intuição revela a causa. Tudo o que a mente pode compreender plenamente é a manifestação exterior.

Escolhemos afirmar que o espírito anima o átomo, move a matéria para seu fim e destino designados. Escolhemos dizer que aquilo que dá evidências de sua própria existência também dá evidências da existência do Espírito Infinito. O que constitui uma prova para a mente? Em que devemos baseá-la? É por meio da analogia traçada entre coisas que existem e coisas que são prováveis.

Sempre que há intenções evidentes para o homem, sempre que há uma manifestação de inteligência humana, ali estiveram seres humanos. Com

base nesse mesmo princípio, rastreamos, através das diversas linhas do universo, as complexas manifestações da primeira intenção da natureza; em segundo lugar, sua capacidade de realizar essa intenção; e, por fim, o resultado dessa intenção expresso de várias formas.

A intenção do contato entre espírito e matéria é o início daquilo que vocês chamam de vida. A realização dessa intenção é visível na função orgânica da vida, nos seres humanos. O resultado se manifesta aqui na Terra; a expressão do trabalho humano é uma imitação finita da divindade em um grau infinito. Tudo o que o homem executa é apenas uma reprodução do poder da divindade, exceto o processo da criação em si.

Tudo o que o homem precisa fazer é estudar sua própria mente e espírito, e seu contato com a matéria. A mente humana de cada indivíduo pode determinar o exato ponto de origem da vida pelo contato do espírito com o pó que o envolve e o poder que dele advém. Esse estudo permitirá compreender o início da vida, mas, mais do que isso, ele se manifesta em cada ser humano. Certamente, esse princípio central se expressa em cada parte da criação, assim como na mente de cada homem; ele permite reconhecer e determinar que o espírito anima o corpo, e que, sem o espírito, não poderia haver vida.

Toda manifestação da matéria é apenas a expressão de um poder subjacente. Esta é a nossa ideia, ainda que seja apenas um vislumbre imperfeito das várias reflexões sobre esse tema.

Pergunta—Por favor, qual é a linha de demarcação entre os animais e os vegetais?

Resposta— Percebo que a ciência afirma que essa linha de demarcação é imperceptível. As formas de existência no estágio mais baixo das manifestações animais ou vegetais pertencem claramente a uma ou outra categoria—ou são animais, ou são vegetais.

P.— O que é a mente, senão inteligência absoluta?

R.— Inteligência absoluta é aquela que não é governada pelo tempo ou pelo espaço. Tal é a inteligência e a consciência que vocês experimentam em momentos de grande tristeza, como no falecimento de um ente querido. O que muitas vezes consideram inteligência absoluta pode ser apenas sua obstrução—como a fragmentação de um feixe de

luz em várias cores ou matizes do arco-íris. Inteligência absoluta é a brancura pura da alma.

P.— O que constitui a linha de demarcação entre a ordem inferior dos animais e o homem?

R.— Argumenta-se que a linha de demarcação entre os mamíferos superiores do reino animal e o homem é muito tênue. Acreditamos que o Sr. Huxley nomeia o cavalo como o ser mais próximo do humano. Há mais diferenças entre os macacos e os humanos do que entre os humanos e os cavalos.

Consideramos que o ponto especial de distinção está na complexidade da estrutura cerebral. A semelhança dentro do reino animal não indica ancestralidade. A natureza, em seus tipos, pode, é claro, repetir formas semelhantes—o resultado final é que essas formas expressam plenamente a intenção da criação. O fato de que muitos seres humanos estão abaixo do cavalo e de outros animais em certos aspetos prova que eles não poderiam ter se originado deles.

A ALMA REUNIDA
INCLUINDO AS ALMAS PARENTAIS E ALMAS AFINES

(Psicosofia)

Nenhuma alma é lançada sozinha dos Céus Celestiais, da brancura do trono de Deus, para procurar expressão na vida material. Tal como a ave-mãe empurra suavemente as suas crias do ninho para que aprendam a voar, mas permanece sempre por perto e mergulha sob elas, abrindo as asas para as amparar caso caiam, assim o Amor Infinito da Mãe observa os filhotes do céu.

As almas não se aproximam da Terra sozinhas. Em todas as manifestações da natureza existem associações e agrupamentos:

átomos organizados em díades, tríades, tétrades e pentades; a flora e a fauna em espécies e famílias. Assim também grupos de almas passam do Estado Celestial para um sistema solar para expressão. Arcanjos e Anjos, em graus adaptados aos estados de expressão pretendidos, acompanham-nas.

Em grupos de cento e quarenta e quatro mil vêm as almas sob a tutela de um Arcanjo. Este é um número cabalístico e messiânico, referido na visão do Apocalipse no Novo Testamento; aqui refere-se a tais almas que se aproximam da Terra (ou de qualquer planeta) em determinado momento para expressão. Outros grupos de almas, cada um numerando cento e quarenta e quatro mil, aproximam-se da Terra, até que todas estejam encarnadas, na medida em que o planeta as possa aperfeiçoar na sua expressão.

Este maior grupo divide-se em grupos mais pequenos, sendo os dois mais pequenos de cento e quarenta e quatro almas e de doze almas, respetivamente. O grupo de doze é chamado de Família de Almas Afins, estando sob a responsabilidade de uma Alma Parental, ou seja, uma alma que já passou pelos graus de expressão terrena e que, portanto, é um dos seus anjos.

O número doze é o número místico, o número sagrado dos antigos. O número maior, cento e quarenta e quatro, doze vezes doze, expressa também um significado místico, e relaciona-se com os Doze Anjos que, agrupados no estado angélico, têm a responsabilidade dos doze grupos de almas.

Cento e quarenta e quatro mil constituem todos os que vêm num certo período e começam, aproximadamente, as suas vidas juntos na Terra. Um destes grupos é o dos que se aproximam primeiro da Terra e formam aquilo a que se chama a “nação primitiva”, o início. Estes recebem as suas primeiras lições e avançam através dos diferentes passos desta vida, dando os mesmos passos ao mesmo tempo, mesmo estando dispersos pelo mundo.

Os indícios das relações entre os grupos manifestam-se nas primeiras nações da Terra, onde tribos e nacionalidades predominavam segundo os seus estados físicos, e aí os indícios são muito fortes. As regras tribais das nações primitivas, o domínio absoluto do governo patriarcal, provam que a ideia da Alma Parental era reconhecida, sendo aquele que governa a tribo considerado o superior. Por vezes, essa autoridade parental é representada tanto por homem como por mulher. Esta regra

patriarcal, e a harmonia da tribo e da família existente entre as nações primitivas, é semelhante à inocência da infância, sendo rapidamente perturbada pelo egoísmo material que se segue.

Existem períodos de paz nas condições primitivas das nações da Terra; depois surgem a discórdia, as lutas e as guerras; os grupos de almas acabam por se dispersar em diferentes nacionalidades; os membros da mesma nação já não são afins, e discutem na mesma casa. O típico Caim e Abel das Escrituras são os típicos estranhos sob o mesmo teto, não sendo almas afins, expressando diferentes estágios de crescimento em ligação com a Terra. Estes estranhos podem ser encontrados em quase todas as famílias ou comunidades. Sem estas ilustrações, e as suas verdadeiras causas, nunca poderiam ter existido guerras entre as nações e famílias da Terra. As almas separam-se, deixam de ser nações da vida da alma e passam a ser nações do corpo.

O que precede explica porque os laços de parentesco e consanguinidade nos níveis mais baixos da vida humana são muito mais fortes do que nos estados intermédios, entre os níveis inferiores e superiores, porque os laços de sangue são a expressão física do que se chama afeição. Os primeiros conflitos surgem após a dispersão do lar ou nação primitiva, e antes que comece o reconhecimento mais elevado ou espiritual. As almas afins dispersaram-se e apenas gradualmente, com vislumbres e clarões ocasionais, se reúnem de novo na mesma casa ou nação. Normalmente, não se encontram senão em encarnações futuras, em períodos de grandes crises ou de culminação na Terra.

Exemplos destes grupos de almas afins, e do seu reconhecimento, existem hoje em grande número na Terra, e encontram-se em todas as épocas da história humana. Quando se veem, em diferentes partes do mundo, vidas que surgem repentinamente, com naturezas semelhantes, semelhantes no pensamento, no propósito, com simpatia correspondente, pode-se saber que são almas afins, mesmo que nunca se tenham encontrado nas suas formas terrenas. Há quem surja e atue em conjunto em momentos de emergência. Tomemos, por exemplo, grupos de reformadores ou pessoas empenhadas em promover a arte ou a ciência; vidas musicais, artísticas, científicas, patrióticas, que são como irmãos e irmãs, embora não pertençam aos mesmos pais terrenos.

Tem sido frequentemente observado por mentes atentas que poetas e pintores existem em determinados países e épocas em grupos. Que constelações se reuniram em certos períodos em Itália; o período

Prerrafaelita, que antecedeu a maravilhosa era da arte, quando parecia que um novo espírito tinha sido derramado sobre a Terra, uma era criada pelo grupo de génios que se reuniu em torno da Roma imperial.

Seguiu-se o Renascimento. Na poesia, também houve a era grega; depois a era de Dante, e mais tarde a era Elisabetana da poesia e literatura; todas estas épocas têm estes nomes devido às constelações de mentes que pareciam nascer para a mesma época e criaram a arte, ou literatura, do seu tempo. Quem, senão um grupo de almas afins, poderia ter iluminado a Alemanha com tal luz como a que finalmente se reuniu em torno de Goethe e Schiller na pequena corte de Weimar?

Sempre que surge um grande movimento no mundo, como a temperança, a abolição da escravatura, ou qualquer coisa que chame a atenção dos filantropos, vêm à tona trabalhadores nesse movimento, aparentemente já preparados, mesmo que vivam em diferentes países.

Em torno da Reforma agrupou-se uma certa galáxia de mentes que pareciam ter sido preparadas para a ocasião e para a obra; eram um na fraternidade da alma.
No âmbito das descobertas ou invenções científicas, costuma acontecer que mais de uma mente, por vezes várias, faça a descoberta ou invenção ao mesmo tempo, e quase nenhum país deixa de reclamar para o seu génio científico favorito a honra de cada descoberta, provando que muitos pensam na mesma direção ao mesmo tempo. Cada um é tanto autor da descoberta como qualquer outro, mas os amigos de cada um frequentemente acusaram os outros de plágio nas ideias; na maioria dos casos isso se refuta a si próprio, pois nenhum poderia conhecer as experiências que levaram à descoberta dos outros. Na época de uma grande época intelectual, como o período dos Platonistas, há quem esteja pronto a reunir-se em torno e receber o pensamento central.

O mestre, como Sócrates ou Platão, representa o centro do grupo. O lar ou os filhos de uma determinada luz reúnem-se em torno do seu centro, assim como outros se agrupam em torno de outros centros, da arte, ciência, filosofia ou religião; todos nestes grupos estão mais intimamente unidos do que aqueles que estão simplesmente unidos por laços de sangue, cada um reconhece que o seu é uma fraternidade maior.

Estas fraternidades observam-se nos estados mais avançados da sociedade humana, não nos mais baixos, como já foi dito, devido ao egoísmo nas coisas externas que intervém. Nos estados mais elevados, quando grandes temas ou propósitos mobilizam a humanidade, observa-

se que há uma fraternidade espontânea formada entre certas pessoas para realizar grandes propósitos morais. É por isso que existem grupos de reformadores, grupos de homens de ciência, grupos de artistas. Que maior prova destes grupos de almas poderia ser dada do que aquela evidenciada pelo alto estado da arte revelado pelos génios que se reuniram na época em que Rafael estava na Terra?

Que maior prova do que quando os poetas de Inglaterra se sucederam rapidamente, e, ao partirem, deixaram a Terra quase desprovida de poesia até que uma nova geração de poetas surgiu no mundo? Que maior prova do que nos patriotas, heróis e estadistas que se levantam com poder maravilhoso da pena, da espada ou da voz para lutar pelo seu país? Que maior prova do que Itália, do que Hungria, do que a Europa de hoje, onde não só grupos individuais, mas constelações de grupos, parecem reunir-se em torno dos grandes movimentos que existem na Terra?

Mesmo nos estados comuns da vida terrestre, quão fácil é, entre a multidão de pessoas, se a formalidade for afastada, descobrir as afinidades de cada um: o artista procura o artista, o poeta procura o poeta, o músico procura o seu companheiro de harmonia, o convivial procura alguém do seu género, os homens do comércio e dos negócios consultam-se, e as borboletas que pairam junto às vistosas flores da moda e do prazer são encontradas no altar do seu culto. Frequentemente pessoas de diferentes condições de vida associam-se de forma misteriosa. Por vezes, um príncipe de sangue real encontra o seu companheiro escolhido num camponês. A corte, a sociedade e todo o mundo ficam escandalizados, mas o príncipe, de alguma forma subtil, reconhece que existe mais simpatia espiritual e afinidade entre ele e o camponês do que entre ele e toda uma linhagem dos seus parentes reais.

Este tipo de ilustração estende-se de muitas maneiras por linhas de pensamento verdadeiramente fascinantes; por vezes, ao ler um livro, reconhece-se uma Alma afim no autor, mesmo que seja desconhecido pessoalmente. Se alguém estivesse no plano de Carlyle, mas nunca o tivesse visto, e ao ler as suas obras os seus sentimentos impressionassem mais do que qualquer outro escritor, isto provaria uma afinidade. Se alguém compreende outra pessoa e simpatiza com cada uma das suas aspirações, é sempre prova de que pertencem à mesma família de Almas. Muitas vezes encontramos estranhos, sem qualquer conhecimento pessoal prévio ou reconhecimento exterior, mas ao fim de

cinco minutos na presença de tal pessoa, ambos sentem que já se conhecem há anos.

Muitas vezes, ao iniciar conversa com alguém, em pouco tempo os dois tornam-se amigos íntimos; enquanto com outros se pode viver na casa ao lado, ou até na mesma habitação, e nunca se chega a conhecer verdadeiramente. Um aperto de mão numa hora de necessidade ou tristeza; um olhar de encorajamento vindo de olhos amáveis, embora estranhos; um tom de voz que soa como a voz de alguém há muito perdido e muito amado; são ocasiões que por vezes revelam uma Alma afim.

Esta é a explicação dessas amizades ideais que a história registou; são exemplos típicos da fraternidade da Alma. Damon e Pítias são o ideal de irmandade que, para além de todos os laços de sangue, tornou estes dois como um só na consciência da Alma. Este laço é aquilo que frequentemente une os homens nos negócios, na literatura ou na ciência, e eles são como um só homem, são irmãos. Este anseio pela afinidade da Alma explica muitas vezes a grande solidão sentida no mundo.

Quantas pessoas sentiram que eram estrangeiras, quase excluídas da vida humana! Muitos sentem que talvez não exista ninguém na Terra que possa compreender ou partilhar os seus sentimentos. A mente mais divina, até mesmo o Cristo, foi anunciada no registo antigo como aquele que pisou “o lagar sozinho”; tão adiantado em relação à humanidade que não foi reconhecido.

Esta solidão que muitos sentem, e que por vezes resulta de amigos e familiares terem partido desta vida, ou de se terem afastado devido a convicções, sentimentos ou elevação espiritual, é explicada por esta afinidade superior das Almas. Assim, quando alguém encontra uma mente simpática, que compreende cada pensamento, que numa conversa parece perceber qual a verdade que se tenta exprimir, que continuamente exclama: “Compreendo isto, é claro”; e os pensamentos de ambos fluem em conjunto: estes são Almas afins, desconhecidas uma da outra pelo nome ou nacionalidade; podem ser de países diferentes, falar línguas diferentes; mas quando essa língua é traduzida pelo espírito, quando cada pensamento é compreendido como vindo do íntimo da Alma, expressa-se a afinidade; tais pessoas pertencem ao lar das Almas.

Quando se encontra um amigo, um irmão, uma irmã, embora não tenham crescido na mesma família, com nome e ascendência diferentes, mas a

quem, no coração e na Alma, se sente mais próximo do que àqueles ligados por laços de sangue, encontrou-se uma Alma afim. Por tal amizade, muitas vezes o mundo inteiro foi abandonado, como tantas vezes a história revelou.

Conhecemos quem era órfão no meio dos seus pais e de uma casa cheia de irmãos e irmãs, no que diz respeito ao laço terreno. A história da Cinderela não é uma fábula: rejeitada pelos parentes terrenos, a Fada é a Alma que faz maravilhas a partir das coisas mais humildes e conduz cada Cinderela à sua verdadeira herança, onde o seu Príncipe certamente a encontrará.

Conhecemos quem tinha riqueza de parentesco em Alma, sem ter quaisquer familiares humanos. Aos que sentem o estado de orfandade, que parece cheio de desolação e cansativa errância; aquilo que por vezes toma posse das vidas desde o nascimento; aquilo que os faz sentir-se estrangeiros na Terra; aquilo que ocorre a cada um, por vezes em cidades cheias, ou até no meio de amigos, da família e do lar, a sensação de que não há ninguém que compreenda, ninguém que consiga apreciar os sentimentos e pensamentos interiores, diremos: não acredite nisso; há quem compreenda, quem aprecie; e chegará o momento em que se encontrarão, em que se reconhecerão, em que o anseio pelo irmão ou irmã será satisfeito; quando o laço da Alma se cumprir.

Estes momentos de reconhecimento só chegam em certos pontos altos: quando a Alma já experimentou a tristeza, quando o coração já derramou lágrimas e os dias de cansaço estiveram cheios de provações, isso aguçou as perceções e fez a Alma avançar para reclamar o que lhe pertence. Este reconhecimento não chega a quem não precisa dele: àqueles que vivem nas condições exteriores da vida, satisfeitos com as coisas e tesouros do mundo; nem sempre acontece com quem está insatisfeito. Por vezes há membros da mesma família que são Almas afins.

Dois irmãos estarão mais ligados um ao outro do que aos restantes, duas irmãs parecem mais próximas entre si do que das outras pessoas da família. Por vezes, o filho adotado é o filho do coração da mãe, mais próximo dela em espírito do que os seus próprios filhos de sangue. Ela pode rejeitá-lo em convicção exterior, ou isso pode ser-lhe velado pela suave luz da piedade, mas em espírito ela sabe-o.

Mesmo aqueles que não têm filhos reconhecem por vezes, nas pessoas à sua volta, quem é filho num sentido mais querido e próximo do que se fossem seus pelo laço mortal. Assim, o que é negado na vida material, o espírito sempre provê. Por vezes, como uma profecia da família divina, toda a casa é de Almas afins. Esta é a família ideal na Terra; não há discórdia nem desarmonia; tudo é perpassado por profundo amor espiritual.

Há quem diga, a propósito destes ensinamentos sobre as encarnações: “Dividem a mãe do seu filho.” Respondemos: o laço que é verdadeiro não pode ser dividido nem pelo nascimento nem pela morte mortal. Alguém pode dizer-nos qual é o laço que une a mãe ao seu filho, se não for o laço da Alma? Por vezes, não há laço de Alma, nem sequer amor humano, em certos casos de parentalidade física. Haverá outro ensinamento que explique porque é que o pai ou a mãe severos, por vezes, rejeitam o filho, deserdando-o do amor, de bens, do lar ou do trono? Nenhum ensinamento pode separar a mãe do seu filho; o mundo e o seu egoísmo dividem, mas a Alma reúne, e o verdadeiro pai e os verdadeiros afins encontram cada laço perfeito no reino da Alma.

Todas as Almas que se expressam numa época sobre a Terra, estando em grupos, as dos grupos de doze Almas (vinte e quatro vidas humanas encarnadas) manifestam-se em estados semelhantes ao mesmo tempo.

Os doze grupos que compõem os cento e quarenta e quatro também, enquanto grupos, passam por experiências semelhantes. Mas há divergências entre os cento e quarenta e quatro mil, alguns grupos passando por uma experiência, ou série de experiências, um pouco adiantados ou em linhas ligeiramente divergentes dos outros; mas, ao atingir-se o período culminante, todos os grupos pertencentes a uma mesma Dispensação terão tido experiências semelhantes.

Como todas as Almas nestes grupos de doze, de cento e quarenta e quatro e, por fim, nas cento e quarenta e quatro mil, têm expressões e experiências semelhantes num dos períodos cíclicos da Terra, o seu amadurecimento (ou perfeição de expressão na Terra) constitui um dos períodos Messiânicos menores, ou Dispensações, a explicar posteriormente.

O que foi dito explica porque, em grandes crises como a da Reforma, havia quem estivesse pronto, quem se unisse à causa da Reforma. Todos os que assim responderam eram afins em Alma, pertencendo ao mesmo grupo ou a um grupo afim, tendo atingido o mesmo grau de

perceção, através da expressão e experiência, ao mesmo tempo. Se hoje na Terra o tema mais elevado que cativa o pensamento humano pudesse ser apresentado simultaneamente a todo o mundo, como quem dispara algo de um canhão sem aviso, haveria cento e quarenta e quatro mil prontos a recebê-lo. Grupos de Almas de doze e de cento e quarenta e quatro receberiam juntos a nova verdade, e os que estão prontos estão nesses números.

Todas as sociedades religiosas, fraternidades e reclusos sagrados que se uniram para um propósito elevado são exemplos desta ideia. Associações ou comunidades como os Shakers, os Quacres e alguns desses pequenos grupos que se afastaram do mundo para fundar o milénio, são profecias: o ideal do Socialismo (não do seu nome degenerado), a fraternidade humana ideal, da qual Fourier poderia ter sido o profeta, e Shelley o poeta.

As Almas afins, como já foi dito, não se reconhecem, salvo em vislumbres e profecias momentâneas, até que certa linha de encarnações esteja a ser concluída, ou em culminações de génio. Reconhecem-se em grandes crises nacionais e, por fim, em períodos de grande mudança espiritual, como o nascimento de uma nova religião. Cada Dispensação aparece simultaneamente àqueles que estão prontos, em todas as nações. A verdade que é o arauto da Nova Dispensação não vos é dada apenas a vós, nesta terra longínqua do ocidente, mas a todas as nações onde se encontram vidas humanas prontas para a receber: a luz do além-morte, e a verdade que agora vos é expressa, encontra também expressão em quase todas as línguas debaixo do sol.

Assim, demos a conhecer quem são as Almas afins; estão sob a tutela dos mesmos Anjos, e os seus Anjos sob a tutela do mesmo Arcanjo. Percorrem juntas os graus da vida humana e atingem os estados que, ao longo destas lições, serão referidos como os “primeiros frutos” em cada Dispensação, que são colhidos pelos Messias.
Aproximamo-nos agora, com passos reverentes, do mais sagrado santuário da Alma na expressão terrena: a reunião, ou reconhecimento, na Terra, da Alma dividida em expressão pela existência material. Esta é a culminação de todas as encarnações, a Coroa e o Reino de toda a experiência.

Assim como o casamento monogâmico é o estado mais elevado da sociedade humana, é também uma profecia do casamento da Alma, desta reunião divina. Este estado ideal é revelado em toda a poesia, na

mais elevada literatura, e é o que constitui o sonho do mundo. Em toda a vida humana que se eleva acima do chão, existe um estado ideal: o pensamento de que existe, algures, outro ser totalmente seu, a sua posse.

Cada um parece recordar ter tido esse companheiro de Alma, esse outro eu, num período longínquo de expressão humana; ou terá sido um sonho pré-natal, um vislumbre do outrora e do porvir nos céus?

A Alma, na sua expressão dupla, depois de ter passado por todas as formas de encarnação, encontra-se. Esta é a Alma aperfeiçoada, na sua conquista sobre a matéria. O que se pretende dizer com isto é que, quando a expressão da vida é espiritualmente perfeita, quando a exaltação é completa e a terra já não oferece tentação, quando a Alma já se expressou em todas as formas, então a vida está completa, então surge a vida dual.

Apenas uma vez, em toda a série de encarnações, estas expressões divididas da Alma se encontram, antes desta expressão final. Nesses casos, o encontro é chamado de “casamento feliz”, uma união de “feitos um para o outro”, um “casamento feito no céu”. Esse encontro ocorre quando metade dos ciclos da experiência terrena já foi cumprida. É uma profecia do reconhecimento final e deixa a sua marca ou reminiscência. Tais casos de casamento formam o estado típico da felicidade humana; pode não ser acompanhado de grande exaltação em outros aspetos; mas no casamento perfeitamente feliz, onde nunca há desarmonia, discórdia ou divergência, existe uma troca e fusão espiritual, assim como mental e moral. Isto não se deve ao facto de as duas partes da Alma serem permutáveis ou poderem ser expressas, a parte masculina de forma diferente da masculina, e a feminina de forma diferente da feminina, mas porque, neste encontro, há uma troca mútua de experiências, que para sempre será transportada até esta experiência final, quando todas as linhas estejam completas no Anjo.

É por isso que os homens mais exaltados são ternos e amorosos como uma mulher, não por serem “fracos ou efeminados”, mas por serem ternos, gentis e femininos; porque, tendo contactado com a parte feminina das suas Almas na expressão de metade do ciclo, receberam o batismo dessa vida feminina. O mesmo se aplica às mulheres que, como “George Eliot”, exprimiram o intelecto de um homem, mas com toda a sensibilidade de uma mulher; tal como muitas mulheres gregas, na filosofia, na poesia ou na força de resistência física, manifestaram

qualidades supostamente masculinas, mas sempre acompanhadas de refinamento e delicadeza.

Neste, como em todos os outros estados de expressão humana, existem os falsos e os verdadeiros píncaros; as conquistas fictícias e as reais; assim também nesta relação de Alma existem os erros terrenos mais fatais antes de se atingir a verdadeira altura. Em muitos estados onde a vida é aparentemente ideal, como na altura intelectual da Grécia, o casamento parece ser desonrado e desconsiderado; no período revolucionário em França, quando o poder da mulher parecia ser maior, havia menos santidade na vida doméstica.

Frequentemente, mentes algo iluminadas sobre o tema da vida da Alma partem do seu ponto de referência como se esperassem tornar-se anjos de imediato. Ninguém deve supor que, saindo ao encontro da luz intelectual, espiritual ou de outra natureza que não a angélica, esse estado angélico será encontrado. Ninguém procura ou encontra aquilo que está acima do seu próprio alcance.
Os estados falsos e febris da vida social são tão facilmente resolvidos neste sistema como os muitos outros problemas complexos da vida humana, como perceberá antes do fim da lição.

Quando descrevemos o real, é o verdadeiramente ideal, o divino; não uma posse presente de muitos, mas uma profecia para todos.
Os diferentes estágios da experiência humana dão indícios de aproximação ao estado angélico ou aperfeiçoado. A sociedade humana oferece muitos exemplos belos e muitos dolorosos das alturas verdadeiras e falsas neste sentido.

No estado humano, há muitos que esperam alcançar esta vida angélica perfeita enquanto ainda estão imersos na imperfeição dos sentidos; há quem espere converter ou perverter os estados aceites da sociedade humana em algo que os leve ao triunfo do ideal, quando o seu próprio egoísmo nunca lhes permitirá atingir tal altura. O ser humano não é anjo até que, pelo crescimento na expressão, o anjo se revele plenamente, e então a perfeição manifesta-se nesse estado perfeito.

Muitos reformadores sociais, como são chamados, supõem que o estado ideal será alcançado através da criação ou abolição de leis humanas, mas a maioria das condições e relações infelizes da vida humana (na verdade, podemos dizer todas) são resultados dos estados individuais, que nenhuma ordenança humana pode alterar. Não se deve confundir este estado ideal e final com graus de expressão inferiores à perfeição.

Muitos supõem que têm de começar pelo topo para construir a estrutura da vida perfeita na Terra, em vez de crescer até essa altura através da abnegação conquistada pelo crescimento. Assim se tem suposto que as instituições são obstáculos à felicidade humana, quando na verdade são os estados humanos que se interpõem à felicidade perfeita. Ninguém deve pensar que pode encontrar este estado da Alma saindo à procura do seu par imortal.

Quando se cresce até à altura de um casamento perfeito, não há poder nos céus nem na terra que o possa impedir. Até atingir essa altura, não há poder nos céus nem na terra que o possa trazer a si. Portanto, a lição a aprender é que todo o estado humano da sociedade é tão perfeito quanto os indivíduos que o compõem. O cumprimento de todos os deveres da vida, a fidelidade a cada relação, constituem a lei suprema do progresso humano.

Há frequentemente vidas que tremem na direção da realização, com desejos, aspirações, orações e esperanças que certamente não pertencem ao físico, mas que são aproximações de uma relação mais próxima, de um desabrochar interior. Provavelmente já conheceu pessoas talentosas, igualmente dotadas, que eram apenas afins, mas que entraram numa relação mais íntima que se revelou desastrosa para ambos. Muitos desses casos podem ser citados nesses casamentos intelectuais, tão próximos do real, tão semelhantes são os laços de intelecto e gosto estético ao ideal, que muitas vezes é o erro fatal do génio supor que noutro génio se encontra também a outra parte da sua Alma. Onde, por vezes, tal associação foi um estado abençoado de auxílio mútuo, há outras vidas onde foi naufrágio e desastre, não por qualquer imoralidade, nem por qualquer culpa nomeável, mas pela falsa ideia de que essa afinidade é casamento de Almas.

Há sempre um período de inquietação que acompanha qualquer reforma. Essas agitações oferecem exemplos notáveis do que agora ensinamos: que onde quer que as mudanças dessas revoluções afetem os estados intelectuais, políticos e religiosos, afetam o casamento. Sob decretos imperiais, casamentos são feitos ou anulados, postos de parte ou multiplicados; em períodos de especulação, como em França ou neste país, o casamento torna-se uma mercadoria, um objeto de troca e venda. Em períodos de revolução, todo o casamento é facilmente posto de lado e facilmente contraído porque todas as profundezas da vida humana estão a ser agitadas. É por isso que muitos reformadores, lançando-se para o ideal, como no período alemão do “Tempestade e Ímpeto”, ou na

Revolução Francesa, ou na história grega antiga, ou até em tempos mais recentes, esperaram o casamento perfeito na terra antes de existirem homens e mulheres perfeitos.

A mais alta lei dos países cristãos é a lei do casamento, pois o estado mais elevado da sociedade cristã é o estado do matrimónio, o baluarte de todos os ideais sociais e morais. O erro está em supor que a ordenança cria a perfeição; é o estado de cada indivíduo que faz o casamento perfeito ou imperfeito. Pelas leis, o homem apenas regula as diferenças que surgem em estados inferiores à perfeição, mas a Lei Divina é, em si mesma, a ordenança do Céu. Aquilo que fez o homem e a mulher típicos no Éden, antes e depois da queda, permanecerem juntos, faz do casamento algo sagrado à luz do Céu, como verdade para o estado presente.

Ninguém pode desviar-se ou cair dessa verdade e alcançar o mais alto, pois o mais alto deve crescer de dentro. Sendo o casamento o estado mais elevado da civilização, o seu abuso pela perversão, pela força, por leis injustas, deve constituir a fonte mais profunda da miséria humana. Haverá de chegar um estado para o mundo inteiro, como já chegou para indivíduos e grupos de Almas, em que toda a escória será posta de lado e a Alma será una neste estado. Cada um se tornará novamente anjo.

As Almas encarnadas aqui não regressam ao estado de Éden, mas através das experiências de trevas e luz, tristeza e alegria, tribulação e conquista, atingem a perfeição; e essa perfeição não pode ser alcançada até que todas as coisas terrenas sejam vencidas. Antevisões deste estado ideal, profecias deste cumprimento divino foram dadas nas vidas perfeitas de dispensações passadas, e nas expressões do Génio, cujos sonhos da Alma se tornam a realidade do paraíso humano perfeito.

Este casamento de Almas é o tema de muitos escritos; de muitos cânticos e muitas filosofias; de música, poesia, pintura, escultura; tão presente está na literatura e arte, e em diferentes formas de filosofia, que se tornou uma aceitação geral no pensamento humano de que esta união perfeita de Almas deve pertencer ao estado humano perfeito, quando esse estado se tornar divino.

As Divindades da Antiguidade revelam esta posse da Alma como o reconhecimento final na terra. Osíris e Ísis eram uma profecia; também Júpiter e Maia, e as divindades cativantes que se agrupavam em torno do Olimpo e do Parnaso. Grandes estudiosos, mestres e génios, como Cadmo, o construtor da cidade de Tebas e o inventor de dezasseis letras

do alfabeto grego; foi ele quem procurou em vão a sua irmã, a sua esposa. Platão idealizou o ideal da sua Alma na divina “Una”. Dante, em Florença e Verona, exilado, privado e solitário, revelou na sua sublime visão Beatriz, que do seu Paraíso lhe ensinou as palavras e obras do seu poema divino, lhe deu as sílabas com que o sussurrar ao mundo, e através do único rio que os separava, que era a vida humana e o seu estado terreno, lhe ofereceu a Rosa Branca do Amor Imortal.

O “Mistério da Lembrança” de Schiller é o poema supremo deste reconhecimento da Alma:

Quem e o quê me fez querer-te assim,
Sempre colado aos lábios, sem ter fim,
Quem fez nascer o anseio, o doce ardor,
De fundir tua alma à minha, em puro amor?

Tal como o servo, rendido e sem temor,
Foge à lâmina do conquistador,
Assim, quando teu olhar triunfal vem
Invadir o meu viver, cativo, também
Minha alma a ti não se rende sem pudor?

Foram, talvez, outrora, nossas vidas,
Unidas, entrelaçadas e fundidas;
Por essa glória, ainda o meu peito chama,
Conhecemos a luz de um só sol em chama,
Quando duas almas eram uma só chama?

Ao redor, fluiu um néctar celestial,
Corrente de prazer divinal,
Fomos senhores do segredo e do sentido,
Onde a verdade, num manancial tão vivido,
Tremiam as asas do nosso ideal.

Chora pela vida de deuses que perdemos,
Pois tu e eu, fragmentos, hoje somos;
Mantemos, invicto, o anseio, a saudade,
Suspiramos por reviver a eternidade,
E, juntos, sermos divinos, como outrora fomos.

Citei apenas uma parte deste belo poema, também maravilhosamente vertido para a vossa língua por um dos vossos próprios poetas, Longfellow. O raro, mas imperfeitamente compreendido, ideal de Shelley, como se revela no poema da Alma "Epipsychidion", retrata este possível

reconhecimento tal como é visto no mais alto reino da poesia, que é também o reino da inspiração.

O amor de Alma mais sagrado é também o mais encantador para a humanidade. Dante, pintando a imagem divina de Beatriz na tela, assim como em verso: quem não daria mais para ver esse quadro, que ele guardava como sagrado, do que para ler o poema que deu ao mundo? Quem não preferiria ter visto o soneto que Rafael escreveu à sua amada, sua esposa, do que ver todas as belas imagens, todas as queridas Madonas que ele pintou? E quem, sabendo que Platão venerava o seu ideal divino chamado “Una”, não preferiria saber qual o laço místico de reconhecimento humano contido nessa Una, do que resolver todos os problemas do seu “Kosmos”?

O que esta revelação e reconhecimento significam, quando são atingidos, que o atestem as vidas que deram a verdade perfeita ao mundo; o que esta revelação significa, que cada coração ansioso e sedento de amor perfeito reconheça na promessa divina; o que é, uma vez alcançado, que cada náufrago da existência oiça na voz de profecia que vem de dentro.

Tu, que estás só, solitário e desolado; tu, que pensas estar sem companhia e desconhecido; tu, que anseias pela mais elevada companhia, lembra-te: não há sonho, por mais belo e perfeito que seja, que possa alguma vez igualar a perfeição da Alma que reconhece e reivindica o que lhe pertence; não há ideal, por mais bem representado por pintor ou poeta, que possa ilustrar verdadeiramente a posse da Alma. Mas não se trata de uma busca pelo eu; quando todo o eu exterior é vencido, então, como revelação, chega este estado divino, e quanto mais próximo se está dele, mais humilde e menos expectante se fica, pois sente-se, nesse momento, a presença da vida divina e perfeita. Por vezes, isto foi revelado no casamento típico da terra, que é também o ideal e, no seu mais alto estado, é a profecia deste casamento divino.

Quando toda a vitória sobre a terra e sobre o eu foi conquistada, este reconhecimento final chega à vida humana; não é necessário que, quando o reconhecimento acontece, haja qualquer posição externa exaltada, ou algo que as pessoas reconheçam como grandeza em arte, ciência ou saber. Por vezes, dá-se nos caminhos mais humildes; por vezes, num claustro ou convento, quando através das barreiras sagradas dos votos de castidade e vidas celibatárias, surge a luz reveladora, não para derrubar as barreiras, mas para levar a luz do amor da Alma muito

além do corpo, dentro da Alma. No estado angélico não há perturbação nem tumulto.

Todas as vidas tendem para este ideal. Este estado perfeito e transcendente é o que Swedenborg descreveu ao dizer: “Os que estão verdadeiramente casados na terra são, no céu, um só Anjo.” Quando Jesus foi questionado sobre o casamento no céu, respondeu: “Nem se casam, nem são dados em casamento, mas são como os Anjos.” Este é o significado do estado dos “Anjos”. Nenhum espírito é anjo, mas quando a Alma se exprimiu em todos os possíveis estados da vida mortal, o reconhecimento então dá-se e o Anjo está presente. Os dois são um Anjo. Esta é a revelação que chega do estado angélico à terra. Espíritos desencarnados não o conhecem, mas as Almas sim. A luz desta verdade brilha acima de todas as condições terrenas, e isto é aquilo que surge como a coroa de toda a expressão e experiência na terra.

Assim, passo a passo, o progresso para alcançar poder e glória deve ser conquistado em igual medida, e essa conquista, esse alcance, esse reconhecimento final significa o Anjo. É o passo final, que é sempre assinalado pela ausência de busca pessoal, mas pela superação de toda a materialidade; por aquilo que faz a humanidade perfeita e completa, uma vida de abnegação e esquecimento de si; e quem deseja encontrar o Anjo porque se julga preparado está cego pelo egoísmo.

As vidas insatisfeitas e inquietas fariam bem em atender aos deveres do momento e saber que, quando o Anjo aparecer, não haverá mais busca de si próprio. Por vezes, em celas de prisão, onde a vida esquecida de si está encerrada; por vezes, em humildes caminhos de dever; por vezes, em tal negação pessoal como expulsou Dante da sua terra natal e lhe deu a chave dos portões do paraíso; seja quando e onde for encontrado, é a única vida de realização, a coroa da existência.
A vida dual, fundida numa só, torna-se o Anjo; não pelo caminho percorrido na involução, mas pelo caminho de superação, de conquista sobre a expressão material, até que se revele através da forma mortal a Alma angélica.

Esta altura foi atingida por aqueles que lideraram e guiaram o mundo, que lentamente os segue. As vidas duais fluem juntas na expressão exterior, e essa é a vida perfeita, a expressão da Alma perfeita; a última encarnação na terra é essa expressão de Alma aperfeiçoada, e só quando esta expressão é atingida por todas as conquistas pode o

reconhecimento acontecer, e só depois desse reconhecimento a Alma conclui as expressões terrenas, e então o Anjo é revelado.

Quando o Anjo está completo na expressão, quando estes passam das formas mortais, não estão em estados espirituais, mas como um só Anjo entram no estado angélico, que está além do estado espiritual, a perfeição de todos os estados espirituais; não voltarão a encarnar em forma mortal, mas ficarão encarregues das Almas que virão depois deles. Estes Anjos são Almas Parentais, ou Guias; não no sentido em que a palavra “parental” é usada genericamente, mas aqui usada para expressar o grau de diferença entre a Alma aperfeiçoada, isto é, a Alma que atingiu a perfeição da expressão no estado terreno, e os estados das Almas que ainda estão a caminho da perfeição da expressão.

Assim, aqueles que entram e passam pelo estado terreno e que foram recolhidos ao reino angélico constituem as Almas Parentais dos que hão de seguir no ciclo ou dispensação seguinte; são os seus Anjos guardiões. Quando alguém fala de um Anjo da Guarda, este termo deve sempre referir-se à Alma Parental de um grupo de doze Almas (vinte e quatro encarnações humanas) que são Almas afins.

Estes Anjos detêm toda a experiência e sabedoria da terra, e assim têm o poder de ajudar outros que seguem o caminho e a peregrinação da vida terrena. Aqueles que estão nos esferas dos Anjos, estando para além das esferas dos espíritos ministrantes e dos amigos já partidos, vigiam e protegem por desígnio aqueles estados espirituais ligados à terra, cada Anjo nomeando espíritos ministrantes de acordo com a necessidade ou estado dos mortais. Existem muitos graus de vida angélica que serão abordados mais adiante.

Estas Almas completas, ou angélicas, permanecem em estado de ministério angélico na terra até serem sucedidas por uma nova colheita de Almas, que por sua vez se tornam Anjos guardiães dos que estão na terra; assim, todos os que amadureceram sob a dispensação anterior permanecem como Anjos guardiães das Almas de que estão encarregues durante a dispensação presente.

Existem outros estados angélicos; e em cada um desses estados existem graus; mas o que deve ser recordado nesta lição é que ninguém é deixado a tatear no escuro, nem é excessivamente ajudado, mas é auxiliado por toda a luz e conhecimento do universo, pela Alma Parental, adequada às necessidades de cada um.

Em grandes períodos, como os das dispensações espirituais, mais vidas culminam do que em qualquer outro momento. Assim, quando Cristo entrou e saiu do ministério terreno, os Seus Anjos acompanharam-No, e os “primeiros frutos” do Seu reino eram Almas completas que estavam prontas para se tornarem Anjos quando Ele apareceu.

A todos os que conseguem acolher este pensamento ideal, esta revelação perfeita, este reconhecimento das Almas afins, este conhecimento da Alma Parental e da sua orientação, este casamento da Alma, há pleno cumprimento de toda a profecia. Os estados da vida mortal, purificando, elevando, desabrochando, conduzem, passo a passo, à condição de realização, à condição de reconhecimento perfeito, e sob esse amor, sob esse cumprimento, o Anjo é conquistado. Então todas as linhas da vida são reveladas, não há mais imperfeição, cada parte da Alma vê na outra tudo o que foi passado, há toda a reminiscência com a sua graça perfeita; e toda a profecia divina.

Os pontos a reter na lição agora dada são:

AS ALMAS QUE SE ACOMPANHAM E PASSAM PELAS EXPERIÊNCIAS TERRENAS AO MESMO TEMPO ESTÃO EM GRUPOS.

AS QUE ESTÃO NOS GRUPOS MAIS PEQUENOS, DE DOZE ALMAS, SÃO CHAMADAS UMA FAMÍLIA DE ALMAS, E SÃO ALMAS AFINS.

OS GRUPOS MAIORES, DE CENTO E QUARENTA E QUATRO ALMAS, SÃO SOCIEDADES DE GRUPOS AFINS.

AS CENTO E QUARENTA E QUATRO MIL ALMAS SÃO GRUPOS MESSIÂNICOS E SÃO OS “PRIMEIROS FRUTOS” DE CADA DISPENSAÇÃO.

AS ALMAS PARENTAIS SÃO ANJOS QUE TÊM A RESPONSABILIDADE DOS GRUPOS.
A ALMA REUNIDA OU RECONHECIDA NA TERRA TORNA-SE O ANJO.

Este estado angélico é o resultado da conquista sobre toda a forma de imperfeição terrena, o homem perfeito, a mulher perfeita, as duas expressões perfeitas de uma só Alma.

TODAS AS ALMAS ESTÃO EM GRUPOS.

TODAS AS ALMAS TÊM AFINS, TODAS AS ALMAS, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA, RECONHECEM OS SEUS AFINS.

TODAS ESTÃO SOB A RESPONSABILIDADE DE UMA ALMA PARENTAL! UM ANJO.
TODAS, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA, CHEGARÃO AO RECONHECIMENTO E REUNIÃO DAS ALMAS NO CASAMENTO DA ALMA: O ANJO.

UMA MENSAGEM DO DOMÍNIO DA ALMA

"O DESPERTAR E EXPERIÊNCIA DE UM MATERIALISTA NA VIDA ESPIRITUAL"
TAMBÉM UM POEMA DO ESPÍRITO DE UMA SENHORA MATERIALISTA QUE PARTIU AO MESMO TEMPO POR ASFIXIA

Sem dúvida, eu estava morto! Ali estava, aquele outro eu, aquele corpo que eu supunha conter e constituir toda a força vital, toda a atividade da mente, do coração e do cérebro, que eu julgava que, ao morrer, seria o fim de mim. Lembro-me de uma sensação de sufoco e pensei que chamei por ajuda; mas, de seguida, dei por mim a observar aquela coisa ali deitada, que se parecia exatamente comigo. Lá estava, a imagem pessoal exata, apenas com os olhos fechados, os lábios imóveis, o rosto sem cor, as mãos recusavam-se a mexer, e tudo aquilo era tão inútil como um monte de pó, como se pode imaginar.

Enquanto olhava para aquilo, disse: "Coitado, és tu? Até há pouco eras ativo, cheio de energia, de vida e animação, as tuas mãos mexiam-se, os teus pés caminhavam, obedecias ao comando da mente que estava dentro de ti; que fazes agora, deitado aí imóvel e sem rumo? Levanta-te, digo eu, e faz o meu trabalho, pois ainda não terminei." Não se moveu nem obedeceu à minha vontade, nem consegui contornar, envolver ou permear aquilo com o pensamento que o estava a criticar tão duramente. Então, senti-me algo compassivo e disse: "És realmente impotente, apesar da tua estrutura orgânica, nada podes fazer. Ali estás, com os olhos fechados, lábios inanimados, faces que se recusam a corar, mãos que não se mexem, pés que não caminham. Por que fazes isto?

Estou a falar contigo como se fosses outra coisa? Quem és tu? Quem sou eu? "Se aquele sou eu, por que tenho pena dele, por que lhe falo assim? Porque está separado de mim? Porque estou eu aqui, erguido, cheio de juventude, de animação, de esperança e de força, determinado a trabalhar e tu não fazes o meu trabalho por mim? "Foram muitos anos

a caminhar juntos, tu e eu, e será para isto que agora nos temos de separar? És algo separado de mim? Se não és, levanta-te e segue em frente como antes, pois há muito trabalho por fazer. O que é isto que parece ter-nos separado? Não foste tu a procurá-lo, nem eu. O que nos separou? Porque estou separado de ti, e porque estás aí?"

E ainda assim não havia resposta. Via pessoas a movimentarem-se em torno da forma, a examinar o pulso e os batimentos do coração, a usar vários instrumentos para ver se havia algum sinal de vida. Diziam "Está morto." Eu sabia que o diziam. Sentia-os a dizê-lo. Não sei se o ouvi ou não, mas sabia que o diziam. Ora, quem era eu que estava a ouvir isto? Que direito tinha eu de ouvir, se estava morto? Que direito tinha eu de ver, se estava morto? Iriam enterrar-me vivo?

Um sentimento horrível apoderou-se de mim. Talvez o meu corpo estivesse em transe — não morto — apenas num estado de coma. Mas eu não sentia que estivesse em transe. Ali estava o corpo, aqui estava eu. Garanto-vos, amigos, que a grande revelação daquele momento foi como se os céus se abrissem e um mundo absolutamente inesperado se revelasse.

Mas naquele momento, nada via, nada ouvia, nada sabia, exceto que ali estava aquilo a que chamava eu próprio, e aqui estava eu a pensar, a criticar e a perguntar porque faziam tanto alarido à volta daquele corpo, enquanto eu estava aqui a falar com eles, ou para eles, pois não me respondiam. Disse ao médico, "Não estou morto." Não prestou qualquer atenção. Disse ao meu amigo do outro lado, "Olha, aqui estou." Não me respondeu. Cheguei a sussurrar a alguns dos mais próximos, "Estou aqui, estou bem." Não prestaram atenção, continuaram a lamentar-se como se eu estivesse realmente morto.

Então, fiquei algo indignado por darem tanta atenção àquele corpo e nenhuma a mim, e comecei a perceber que estava separado dele. Não teria eu algum valor? Não seria eu o meu verdadeiro eu? Deveria eu apelar em vão, eu que nunca falei sem que me escutassem? Não houve resposta. Morto para todos os efeitos, no que lhes dizia respeito! Não pela minha própria mão, asseguro-vos, nem por desejo meu, embora tenha sido o que se chama um acidente ou casualidade.

Como haveria eu de me entender comigo próprio? Pouco antes, não parecia terem passado muitas horas, eu tinha declarado distintamente que não conhecia qualquer existência possível separada daquele corpo. Tinha sonhos — todos têm sonhos! Tinha ideais — todos têm ideais! Mas

cedo, na vida, afastei-me do “reino dos céus” estereotipado que me tinham ensinado em criança. Também me tinha afastado de toda a ideia do céu teológico e da existência para além da morte, e dediquei-me, assim o cria, ao bem-estar dos meus semelhantes. Acreditava que não havia nada para tratar para além da vida terrena. Pensava, agora vejo que era uma convicção interna, que, fosse o que fosse o que viesse depois, trataríamos disso então.
Agora estava a experimentar essa condição a que tinha chamado “depois”.

Conseguiria lidar com isso? Não me sentia nada preparado. Deixara muitos propósitos da vida humana por cumprir. Realizara algumas coisas; mas, de repente, fui atirado para uma relação com aquele corpo e com todos os outros seres humanos sobre os quais nada sabia. O que deveria eu fazer? Como prosseguir com os meus objetivos e desejos pela humanidade? O que poderia eu fazer sem forma, sem mecanismo com que trabalhar?

Talvez, afinal, este pensamento de existência, de ainda existir, fosse apenas uma efervescência que em breve passaria; talvez fosse apenas uma espécie de vapor mental, como aquele que se eleva dos corpos materiais em certas condições. Por isso esperei, para ver a diminuição gradual da minha consciência. Esperei para ver se deixaria de pensar; se deixaria de saber o que faziam os outros; se deixaria de ter consciência de existir. Mas nada disso aconteceu. Após um intervalo — não sei se falo de tempo ou de perceção — mas depois de um certo intervalo, ou algo assim, comecei a ver pessoas; não pessoas na forma humana, mas pessoas que conhecera em criança, pessoas queridas, algumas das mais queridas e melhores.
“Ah,” disse eu, “já sei o que é isto. Estou em delírio.

Algo aconteceu comigo. Tenho febre e imagino que estou fora do corpo, a ver amigos do passado. Claro que, quando a febre passar, ou o que quer que seja, ficarei bem e voltarei aos meus afazeres habituais.” Mas sorriram para mim e disseram: “Não só não estás com febre, como despertaste de uma febre, da febre da vida terrena, das suas lutas, de muito do que é bom e de muito do que é indigno, de tudo o que pertence à existência terrena e à sua expressão, tal como a conheces; estás liberto, estás livre; és um dos nossos!”

Virei-me e vi alguém que tinha algo de familiar. Então reparei que era alguém que conhecera e em quem confiara como um sábio e digno

exemplo, um sábio nas áreas de pensamento que me eram familiares. Disse: “Estou a sonhar que és tu, pois morreste há muito.” “Sim! Morri para a Terra, tal como tu estás agora morto para a Terra, e se quiseres entrar no conhecimento das coisas que pertencem a esta vida, tens de separar de vez os teus pensamentos daquele corpo que ali jaz, e viver na verdadeira energia do teu ser.” “O que queres dizer com a verdadeira energia do meu ser?” “Queremos dizer o teu espírito, que agora está livre.” “Como sei que é o espírito? Como sei que está livre?”

“Então,” disse o meu amigo amável, “examina-te. Vê! Pareces ter mãos, e pés, e corpo, e cérebro, e podes mover-te à vontade.”

“Eu sei,” disse eu, “não posso mover-me à vontade se tenho mãos, pés, corpo e cérebro, mas tu pareces tê-los e podes mover-te à vontade.” “Pensa onde gostarias de estar.” Pensei numa pessoa que naquele momento lamentava a minha morte, e que estava distante do lugar onde o meu corpo jazia. Tão rápido como o pensamento, amigos, eu estava lá.

Curvada pela dor e a chorar amargamente, porque essa amiga pensava que eu tinha tirado a minha própria vida, encontrei-a.

Ela inclinava-se sobre alguns escritos de recordação. Eu tinha consciência do seu pensamento e tentei confortá-la. Embora ela não pudesse ouvir, e eu não percebesse que criava qualquer vibração, apercebi-me de que o meu pensamento e simpatia a afetavam; parecia sentir-se como quando lhe dirigia palavras de ânimo na Terra.

Disse ela: “Que estranho! É como se ele estivesse aqui, e no entanto está morto.”

Então insisti noutro pensamento, seguindo o primeiro em rápida sucessão. Embora morto, continuo a viver e estou aqui. “Será possível”, disse ela, “que estou a perder o juízo? Que esta ideia insana de alguém que partiu, viver e regressar, se está a apoderar de mim?” Repeti-o novamente, com a mesma intensidade de antes. Então pareceu-me estar diante dela; de que forma não sei, mas ela reconheceu-me. Então, o choque foi tão grande que, durante algum tempo, ficámos separados e ela já não me viu.

O meu mestre disse: “O que pensas agora?” Achei aquilo maravilhoso. A cada instante, novas maravilhas surgiam. Estas pessoas eram-me reveladas pelos seus estados de espírito. Via, ou pensava ver, semelhança com os seus antigos eus, mas mais belos e perfeitos, ou,

nalguns casos, mais sombrios e deformados. Disse, em pensamento, qual o significado daqueles que pareciam mais sombrios e deformados do que eram em vida? Disseram-me que aquilo era a verdadeira revelação do seu estado mental, moral e espiritual.

Involuntariamente, recuei. Perguntei: “Como pareço eu?” Uma consciência das minhas próprias imperfeições invadiu-me a mente. Pensamentos sobre atos praticados e por praticar atravessaram-me como espadas afiadas. Disse: como sou pequeno e insignificante, até para mim mesmo! “Não, amigo,” respondeu o meu mentor, “não estamos aqui para nos julgarmos uns aos outros. Só vemos aquilo que foi melhor. O resto cabe-te a ti cuidar.”

Depois perguntei: “Vivo após a morte, e afinal não há um lugar de castigo como aquele que me ensinaram em criança?” O meu mentor respondeu: “Olha para dentro.” Vi ali todos os registos do que ficou por fazer, e do que foi feito. Vi ali uma consciência das minhas faltas, e ansiava tanto por fazer aquilo que não fiz enquanto a oportunidade de o fazer em vida terrena já se perdera. Alguma vez poderia vir a fazer essas coisas?

Novamente veio a resposta: “Quando há grande desejo de fazer o que é melhor, há sempre um caminho. O espírito não conhece negação.”

Então perguntei: “Queres dizer-me que, privado do corpo físico e do meio material, posso fazer algo por aqueles que possa ter negligenciado, ou a quem possa ter feito mal sem intenção?”

“Podes fazer tudo o que desejares; mas tens de o fazer pelo caminho do espírito.” “O que queres dizer com o caminho do espírito?” “Da mesma forma como agora confortaste a tua amiga; da forma como o pensamento torna os outros melhores; da forma como atua sobre as mentes humanas e as faz cumprir a tua vontade. O teu corpo já não será visto. Já não falarás nem caminharás com os mortais como antes, mas a mente impulsionadora, quando liberta, é mil vezes mais forte do que quando acorrentada ao pó.”

“A mente impulsionadora quando liberta!” Pensei que estas palavras e frases gravar-se-iam para sempre na minha consciência, e, pela primeira vez, tornei-me verdadeiramente consciente da minha liberdade. Amigos, combati toda a minha vida contra a escravidão da convicção. Combati toda a vida contra a escravidão da autoridade; toda a vida contra credos

feitos por homens e algumas leis feitas por homens; toda a vida tentei, com a pena e a palavra, defender a liberdade da consciência humana e a liberdade da mente humana.

Mas agora diziam-me que a mente, quando liberta, podia agir sobre centenas e milhares. Eu tinha estado limitado a uma forma de pó. Animei essa forma o melhor que pude, mas as minhas palavras só chegavam a alguns poucos. O que produzia com a minha pena, através da imprensa, só podia ser lido por alguns, mas agora diziam-me que a “mente quando liberta” podia agir sobre milhares. Sobre quem poderia eu agir?

Ó liberdade! Pela primeira vez veio-me a consciência de que estava acorrentado. Eu, que procurava libertar os outros, estava afinal escravizado. Eu, que tinha pena das pessoas pelo cativeiro da opinião, estava eu próprio nesse cativeiro. Era escravo da minha falta de perceção. Ergui uma barreira entre mim e o domínio do conhecimento. Por fim descobri que havia outra realidade, que aquilo a que chamava realidade estava enterrado, tinha desaparecido, fora posto de lado, deixara de existir, e tudo o que restava de mim era a memória nos corações e vidas dos que me estimavam, e a amargura nos corações e vidas dos que me odiavam pelas minhas opiniões. Agora eu, esse ego, estava liberto.

Posso influenciar mentes para que saibam que, nessa única coisa, estava enganado? Posso dizer-lhes, perguntei, que o grande cativeiro da mente que deseja ser livre é o cativeiro da limitação de considerar o ambiente dos sentidos como o limite da existência humana? Eu deveria ter sabido melhor! Deixando de lado a autoridade duvidosa da Bíblia para a existência humana, estudei poetas, filósofos e vidas ideais da terra; todos me ensinaram que é isto o que vem depois da morte. Sopram sobre mim, no meu estudo e tantas vezes, até que, nas asas da imaginação, me elevei ao domínio do pensamento e fui liberto.

Oh, que maravilha é a liberdade! Falamos dela nas nossas prisões de barro, caros amigos, e pedimos aos outros que nos sigam até às nossas alturas particulares, onde habitamos novas paredes de prisão. Pois, num monte está a prisão da teologia, e noutro está (o que agora percebo que era) a prisão do materialismo.

Dizer “não sabemos”, e dizê-lo com vontade de saber, é uma coisa. Dizer “não sabemos”, e dizê-lo com o espírito de “ninguém mais sabe”, é algo

bem diferente. Percebi que o tinha dito nesse espírito; que não havia em toda a Terra um único ser humano que soubesse da vida para além da morte.

Assim percebi, nesta liberdade recém-descoberta, que estava acorrentado por essa opinião; que era uma espécie de credo que nós, secularistas, criáramos; não sabendo nós próprios, estávamos decididos que não só não podíamos saber, como ninguém mais poderia saber, e seguíamo-lo. Quando tomei consciência de que o corpo que manifestara o meu amor, o meu ódio, a minha inteligência ou a falta dela, tudo o que havia de mim, nada mais podia fazer senão voltar ao pó, que outra vida real poderia vir até mim, caros amigos, senão aquela que então e ali existia no estado espiritual?

Fala-se de coisas reais e a rosa murcha diante dos nossos olhos; fala-se das realidades da matéria e elas transmitem-se e transformam-se enquanto se fala, e depois recorre-se aos princípios imutáveis de verdade, justiça e liberdade, pensando que se tem algo que perdura. Digo-vos, amigos, a mente humana é maior do que a verdade, e a justiça, e a liberdade, pois, caso contrário, não poderia pensá-las. Posso pensar na verdade, justiça e liberdade, e pensar que perduram, mas que valor dou eu à mente humana?

Aqui estou eu, julgado, e perante estas testemunhas vivas, pelo fanatismo e cativeiro que até se recusou a pensar logicamente sobre um assunto em que a minha opinião já estava formada. Liberto! Ah, se soubessem o que é liberdade de toda a limitação; de olhos que só podem ver algumas vibrações da luz; de ouvidos que só podem ouvir, e mesmo assim de forma imperfeita, algumas vibrações do som; das limitações dos sentidos que alimentam e sustentam o corpo, mas pouco têm a ver com o sustento da mente; das limitações do cérebro que não funciona quando está cansado ou sobrecarregado, e das limitações do corpo físico que por fim morre.

Eu não teria tratado o meu amigo como aquele corpo me tratou a mim. Como sobrevivi à mudança e o corpo não, considero-me superior ao corpo; seria eu algo mais? Esse corpo, sem dúvida, desintegra-se e volta às coisas de que foi feito, para servir algum propósito na natureza; talvez, como o corpo de algum dos nossos antepassados, venha a alimentar uma macieira cujos frutos servirão de alimento a rapazes travessos. Mas deste ser que pensa e vive, e pode estar na presença destas mentes,

veneradas e abençoadas, encontra consolo e satisfação na liberdade. Esperei o tempo suficiente para me familiarizar com o estado espiritual e para compreender o significado da palavra liberdade; para saber que esta consciência não é algo efémero que desaparecerá com o tempo; não é nenhum delírio.

Aquilo que julguei delírio após a mudança da morte torna-se cada vez mais forte a cada estação que passa, e todos os que estão mortos e me eram queridos são restaurados neste estado, tal como todos os que vivem na Terra e me são queridos continuam a sê-lo, embora não me reconheçam; esqueceram-se do meu corpo; é pó, mas não se esqueceram da minha memória, e através de uma intuição maravilhosa que encontro em muitas das suas mentes consegui chegar até eles, fazê-los compreender que este é o verdadeiro eu, fazê-los saber que os grandes propósitos da vida que têm em vista são também os meus.

Mas, meus amigos, estou aqui para testemunhar que a grande dificuldade no caminho da liberdade é o fanatismo dos que falam de liberdade; que a grande dificuldade para separar a teologia do homem do seu passado de fanatismo é o fanatismo oposto do materialismo. Estou aqui para testemunhar que, ao varrer para este século XIX, surgiu um tema que me envergonho de nunca ter investigado nem compreendido antes de deixar o meu corpo. Esta manifestação, que relegámos para o domínio da “superstição” ou de algumas “leis naturais desconhecidas”, é a manifestação natural do espírito para a matéria, do domínio do espírito para o domínio visível, quando os seres humanos não querem perceber esse domínio sem ela.

Estou aqui para testemunhar a realidade da inspiração, das mensagens e testemunhos vindos do estado espiritual, e para afirmar que a maior barreira à liberalização da raça humana reside no facto de isto não ser reconhecido no grande trabalho pela liberdade; que aquilo que andei a ensinar, sendo uma forma de cativeiro, não é melhor que qualquer outra, sendo apenas a reação à anterior; e que o cativeiro aos sentidos e às realidades da mera vida secular é tão grande como aquele que os religiosos ortodoxos e evangélicos impõem aos seus fiéis através das autoridades da Igreja. A autoridade dos sentidos, mesmo quando dominada pela razão, não pode ser plenamente confiável até que a razão esteja iluminada de todas as formas possíveis.

A minha razão não era guia em matéria sobre a qual nada sabia. Nem a vossa o será. Quando conhecem um assunto e têm perceção dele, então podem usar a razão para decidir o que fazer com isso. Eu tinha fechado as portas da minha mente, não por vontade própria, mas porque pensava que não havia nada para saber acerca da vida futura.

No entanto, uma ou duas vezes, quando os espiritualistas eram gentis, quando falávamos e escrevíamos juntos sobre temas do bem-estar humano, falavam-me deste domínio, e eu pensava: estas pessoas falam como se soubessem do que dizem. Alguns chegaram a propor-me levar-me aonde encontraria e conheceria os que estavam deste lado da existência, e que, tendo sentido o mesmo que eu em vida humana, se tinham apercebido desta intercomunicação do estado espiritual antes de deixarem a forma humana. Não, tive de esperar até que esta grande mudança me chegasse, e tenho de vir aqui reconhecer, em tudo isto, que estava errado.

Mas numa coisa estava certo: Lá no fundo do meu espírito — posso chamá-lo espírito agora, pois é tudo o que há de mim — lá no fundo, acreditava que, se houvesse uma vida futura, ela seria tão natural ao espírito como a vida terrena ao corpo; que a ela chegaríamos com a mesma leveza e alegria com que a ave se lança no ar, que é o seu elemento; que a acharíamos afim e não sentiríamos medo; que as nossas associações e convivências na vida espiritual seriam segundo as nossas necessidades e não segundo qualquer dogma ou credo restrito. Assim encontrei que é.

Mais bela do que todos os belos pavilhões ideais da terra e do céu é essa esfera que se estende para as mentes que aspiram. Mais belo é o convívio, porque aqui não há sombras a separarmo-nos; compreendemo-nos mutuamente. É pela falta de compreensão mútua que essas grandes sombras se acumulam entre nós em estados humanos. Meus amigos, se não formos fraternos uns com os outros, a sombra terrena aprofunda-se.

Maior do que todos os sonhos de felicidade humana, maior do que todos os sonhos para o bem da humanidade, é o pensamento de impulsionar outros no sentido da liberdade; liberdade do fanatismo da arrogância humana exterior, liberdade do fanatismo do cativeiro material. Amigos, que a nossa razão seja libertada. Que inclua todo o conhecimento da terra e do céu. Então, com aqueles que hoje e agora trazem ao mundo a grande bênção desta mensagem, com quem por vezes estive lado a lado

nesta batalha pela verdade, também nós poderemos apertar as mãos, liberalizando as forças liberais do mundo, e libertando as leis da inteligência e os espíritos dos homens do cativeiro da morte!

Como apropriada conclusão ao discurso desta noite, uma jovem que partiu ao mesmo tempo, cujos amigos no Sul Solarengo (e mais tarde no Norte) depositavam grandes esperanças num futuro promissor, pois era alguém dotada, poderíamos dizer de génio, já lançada numa carreira feliz de utilidade pública e trabalho pela emancipação do seu povo, dará, com a vossa permissão, o poema final (sendo ela poeta em vida), no qual retratará o seu lado da história da transição.

A vida era tão cara para mim! Acolhi
No peito, flores de orvalho e cor,
E parecia beber ali
Um néctar raro de puro sabor,
Daqueles que só os deuses podem dar
No Olimpo, onde reina o sonhar.
Quis dedicar a vida ao amor
Da humanidade e do sopro da liberdade,
Nunca sonhei provar a dor
Da morte, nem da sua realidade.

A vida era bela, doce encanto,
Nem fel misturado no meu mel,
Nada havia ainda para ser pranto,
E amigos novos, num doce papel,
Aguardavam meu passo, em frente a andar
Pelo estranho deserto do mundo a explorar.

Quis que o mal morresse, só restasse o bem,
Se eu pudesse ajudar o que tem valor;
Quis toda a gente livre, além
Do que a liberdade trouxe no seu labor.

Num só choque, sem tempo, parti;
Sem espaço sequer para o medo sentir;
Nem pude pensar — tive de ir.
Nenhuma voz amada, nenhum adeus ouvir,
Nem canto ou palavra, só silêncio profundo
No instante em que deixei este mundo.

Mas acordei e vi um brilho sem par,
No longínquo Oriente a subir,
Uma glória dourada a transbordar;
E quem comigo veio a partir
Nem sabia que estava ao meu lado,
Surgia em sombra, como que afastado.

Mas logo fui livre, e tão leve a voar
Como as flores que a luz da manhã recebem,
Mais belo e raro não podia esperar
Do que tudo o que ali se percebe.

Ansiava por liberdade cá na Terra
Como a corça procura o riacho,
Como poeta que nunca erra
E do sonho eterno é embaixado.

Ansiava saber, conhecer sem fim;
Bebi da taça até ao final,
Mas a luz que rompeu dentro de mim
Chegou como hino triunfal.

Fiquei triste pelos que ficaram a chorar;
Triste pelos amados, longe de mim,
Que nunca saberiam que o meu repousar
Não levava de mim nada assim.

Numa lição só, soube então
Que o espírito é livre como a pomba, a voar,
Ganhara asas de pura canção,
Daquelas que hoje ouviram a soar.

E voei e voei, tão livre e veloz
Quanto o pensamento pode alcançar,
Nada mais me prende, nem me atroz,
Nada me pode cansar ou amarrar,
Só eu e o espírito em comunhão.
Depois regressei, num breve serão.

Ciente de tudo o que passava aqui,
De muitos que choravam a minha partida,
Cada pensamento que eu senti

Encontrava uma lágrima sentida.
“Tão jovem para morrer,” ouvi dizer,
Quem é jovem? Quem é velho, afinal?
Minha vida, por mim, voltou a renascer
E espíritos bons abriram o portal
Da nova vida, e com alegria
Receberam-me para a eternidade, em harmonia.

Canto agora nos montes do dia;
Digo a palavra onde há quem escute;
Mas não chorem por mim, que, em alegria,
Deixei o mundo amado, tão abrupto.
A vida é vida em qualquer lugar, amigo meu,
E a minha, vivente, nunca morreu.

AS RELAÇÕES QUE TEMOS COM MARTE PORQUE NÃO PODEMOS FALAR COM AS PESSOAS DE OUTROS PLANETAS?

Um discurso proferido através da Sra. Cora L. V. Richmond, Chicago, Illinois.

“Os habitantes do planeta Marte já alcançaram aquilo que vocês esperam alcançar. As vossas maiores conquistas aqui equivalem às conquistas mais modestas lá, e assim sucessivamente. Os habitantes e a vida espiritual de Marte constituem a Profecia e o Némesis da Terra.”

Na astrologia antiga, dizia-se: “Quando Marte domina, há conflito, homem contra homem. Mas quando Júpiter e Saturno estão juntos na Casa da Luz, há justiça, nascida de guerras justas.”

O tema de hoje, “As nossas relações com Marte e porque não podemos falar com os habitantes de outros planetas”, foi sugerido ou perguntado por alguém interessado no progresso que a ciência material e o pensamento oculto estão a fazer em relação à solução do problema dos habitantes de outros planetas.

É evidente que sempre falámos e ensinámos sobre esses habitantes e sobre os graus de desenvolvimento nos diferentes planetas do ponto de vista espiritual. Dissemos que, em sentido inverso à sua distância do Sol, os planetas estão mais avançados e os seus habitantes são altamente desenvolvidos. Marte, portanto, seria o próximo à frente da Terra; Júpiter,

o planeta reinante dos céus no vosso sistema solar, seria o seguinte, depois Saturno (o limite do conhecimento antigo), e além disso os graus de desenvolvimento estariam para lá do limite das vossas possibilidades atuais.

Considerando que as distâncias dos planetas mais exteriores em relação ao Sol estão além da compreensão humana, biliões e triliões de milhas, e quando consideram que a luz, ao viajar tais distâncias, leva milhares e milhares de anos a chegar à Terra, então, se os planetas mais exteriores deixassem de existir, seriam precisos muitos milhares de anos até que as pessoas na Terra o soubessem. Se é preciso o olho, ou qualquer coisa que dependa da luz, uma sexagésima de segundo para notar qualquer coisa ou receber uma impressão, leva o mesmo tempo para esquecer ou para que desapareça.

É por isso que, quando uma vara luminosa é rodada em círculo, parece um círculo de luz; não têm tempo de esquecer os pontos de luz antes que a luz volte a esses pontos. Portanto, seriam precisos muitos, muitos milhares de anos para que os vossos modos habituais de observação "esquecessem" a luz de um planeta distante que tivesse desaparecido e percebessem que ele tinha realmente desaparecido. É desta forma que as coisas são registadas.

Nos nossos ensinamentos deve ter havido algo que impressionou os astrónomos; devem tê-lo compreendido, ou lido no livro "A Alma", ou noutro lugar, pois agora afirmam de forma muito menos categórica do que antes que os planetas são desabitados; que não são habitados porque as suas atmosferas (ou a ausência de atmosfera, como determinado pelos astrónomos) não conseguem sustentar vida. E desde Flammarion, que também era espiritualista e astrónomo, afirmou acreditar em encarnações sucessivas na Terra e noutros planetas, ele sabia — como nós ensinamos — que qualquer que seja a densidade da atmosfera de um planeta, os seus habitantes podem ser adaptados a essa atmosfera.

Uma vez que toda a observação astronómica tem de ser feita através da atmosfera terrestre, e não independentemente dela, os astrónomos humanos não podem saber nada ao certo sobre as atmosferas dos outros planetas. Pensam, talvez com razão, que há quem saiba, que tenha algum conhecimento prévio. Contudo, esperamos plenamente que, antes de se inaugurar totalmente a próxima Dispensação, algum tipo de mago, como Edison, venha a reconhecer o que Marte e os habitantes de

Marte estão a fazer, para que possam saber que eles estão vivos e sabem da vossa existência.

Claro que os habitantes de Marte não conseguem ver-vos através deste minúsculo grão de pó (embora a Terra e Marte sejam os planetas mais próximos em tamanho, sendo a Terra um pouco maior, segundo os cálculos astronómicos), quase os menores do sistema solar, e, no que diz respeito à atmosfera, tanto quanto pode ser julgado por observações daqui, a atmosfera de Marte é muito semelhante à da Terra, embora bastante menos densa.

Dissemos que os habitantes do planeta Marte já alcançaram aquilo que vocês esperam alcançar; que as vossas maiores conquistas aqui equivalem às mais humildes conquistas lá, e assim por diante. Que os habitantes e a vida espiritual de Marte constituem a profecia e o némesis da Terra.

O que os antigos acreditavam sobre a “influência dos planetas”, os povos modernos materializaram, tornando menos espiritual. A astrologia não era uma ciência que tratava apenas das constelações e dos planetas nas suas relações físicas. Uma astrologia antiga incluía o oculto e o espiritual. Embora os planetas tenham alguma influência física, maior ou menor, conforme as suas relações magnéticas e elétricas uns com os outros, o que realmente significava a influência de Marte, Júpiter e Saturno era a influência divina ou espiritual. “Poderás ligar a doce influência das Plêiades, ou desatar o cinto do Oriente?” Sábios e videntes nos estados mais elevados de inspiração, assim como eremitas e estudiosos em instituições monásticas do Oriente, valorizavam as relações espirituais dos planetas.

A ciência moderna afirma que o universo físico é regido pela “lei”, mas o direito é regido pela inteligência. Sabia-se, portanto, que aqueles a quem chamavam deuses, ou “devas” do Oriente, eram, na realidade, almas, e que estes impulsos exerciam uma influência intercambiável sobre os planetas a que estavam ligados, tal como vocês estão ligados a esta Terra. Noutras palavras, as almas que agora se expressam na Terra com corpo humano estariam, quando libertas, relacionadas ao planeta Vénus — tal como as almas de Marte estão relacionadas com a Terra. Quando um espírito, depois de deixar a forma humana, tem uma missão a cumprir noutro planeta, esse planeta seria Vénus; pois é o próximo planeta abaixo da Terra em desenvolvimento. Nenhum habitante pertencente à Terra teria ainda conhecimento suficiente para ir em

missão a Marte, porque ainda não houve conquista suficiente. Esse seria o passo seguinte para adquirir conhecimento.

Por vezes é verdade que, quando espíritos desencarnados têm um trabalho a fazer noutro planeta, há um intervalo nas suas manifestações na Terra, e visitam Vénus como mensageiros. Sem dúvida, profetas, videntes, líderes e até guerreiros em justa causa, visitam esta Terra a partir do planeta Marte. Quando existe um Némesis particular, pode-se saber que essa vida não está presa à terra, não está a cumprir uma expressão rotineira, mas foi enviada em missão especial. Por vezes é uma missão de paz; outras, quando há grande injustiça a superar, é uma missão de guerra. Não se pode determinar o que é que faz a paz. Assistimos a estados de existência humana onde não havia guerra ativa que estavam em estados de maior guerra do que quando surgiram as revoluções. A escravidão, a opressão militar, a repressão, a Sibéria, são estados de guerra nos chamados tempos de paz. Quando o Némesis chega, chamam-lhe revolução.

Há vidas na história em que alguém versado nestes assuntos poderia identificar tão claramente um ser do planeta Marte como você identifica a nacionalidade de alguém que passa na rua (um chinês aqui, um hebreu ali, um hindu acolá); eles têm o selo marciano: são fortes sem ostentação; são corajosos sem presunção; têm rostos inexpressivos, quase livres da paixão humana. Vêm cumprir a sua missão, e fazem brilhar a sua luz sobre a vida humana.

Todo o esforço do lado humano da vida não fará com que a iniciativa de manter diálogo com os habitantes dos planetas para além da Terra se expresse. Os avanços já foram feitos em Marte. Se tivessem um controlo tão perfeito dos elementos da Terra como os habitantes de Marte têm sobre os elementos de Marte, haveria uma resposta imediata; tal como há resposta quando uma mensagem é enviada por telegrafia sem fios, se o recetor estiver em perfeita sintonia. Mas devido às condições da substância e da atmosfera, e à densidade final em redor deste planeta — mais provavelmente por causa da densidade do intelecto humano — ainda não cresceram o suficiente para compreender esses sinais e fenómenos que começam apenas vagamente a reconhecer, mas que ainda não atingiram o grau de compreensão para perceber. Assim, o habitante de Marte olha para o seu semelhante e diz: “Ainda não cresceram; ainda não atingiram o grau de compreensão; cederam um pouco, desejam saber.” Até eles observam o vosso crescimento.

Houve um tempo em que ninguém queria pensar na possibilidade de outros planetas serem habitados. Houve uma época, na história cristã, em que era heresia sequer falar de outros mundos. Houve um tempo em que se matariam pessoas apenas por sugerirem tal ideia. Mesmo nos tempos da grande erudição do Egipto e da Grécia, mesmo no berço de todo o saber antigo, a Babilónia, só uns poucos tinham esse conhecimento; as escolas dos claustros e santuários detinham todos os segredos da astronomia e da astrologia, assim como os conhecimentos químicos; o povo não sabia absolutamente nada.

Aquilo que agora uma criança pode calcular com as suas tabelas matemáticas teria sido sentença de morte se tivesse sido tentado fora do claustro. Assim, o conhecimento exterior do mundo foi crescendo, e o conhecimento espiritual também; mas ainda não chegaram ambos ao ponto de união como na antiguidade. Os habitantes da Terra irão gradualmente alcançar, pela via em espiral, a altura do saber dos claustros, a altura da inspiração do eremita, até ao ponto de juntar o espiritual ao físico. Quando isso acontecer, Edison, ou alguém como ele, será capaz de receber, deste extremo da linha, aquilo que Marte estiver a enviar em certos intervalos, esperando que a mensagem possa chegar aos habitantes da Terra.

Outra coisa é provavelmente verdade: quando isso for alcançado na Terra, será por meio de um habitante de Marte que se incorporará aqui para receber o sábio e enviar a resposta. Quando se colocam postes de telégrafo e se enviam fios e aparelhos telegráficos para o deserto, não se chamam os agricultores e os pioneiros e lhes dizem para receberem as mensagens; envia-se telegrafistas e eles preparam o caminho para as mensagens. Quando se constrói uma ferrovia, não se chama as massas e se diz “construam-nos uma ferrovia”. Naturalmente, tomam-se as terras, compra-se, rouba-se, ou apodera-se delas, se possível.

Mas, seja como for, enviam-se homens que sabem, engenheiros civis e homens instruídos nos métodos de construção. É curioso quando as pessoas falam de construir espiritualmente e intelectualmente de maneira diferente daquela que seria a correta para quem sabe. A “Voz que clama no deserto” é tão verdadeira para tudo o que se faz quanto para o espírito. Quando a voz vem de outro mundo ou outro planeta, de espírito, anjo ou mensageiro, é a “Voz que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor e endireitai os seus caminhos”. Mas as pessoas, ocupadas com afazeres humanos e materiais, nunca a reconhecem.

No universo espiritual, as almas preparam o caminho, como outrora na Grécia e no Egipto: Memnon a incendiar as árvores da ignorância com os primeiros sinais da linguagem. Mais tarde, na Grécia, Cadmo buscou outros saberes da linguagem e incendiou o deserto da ignorância humana com termos de expressão mais elevados. Depois, Sólon, dando novas leis ao povo para que fosse mais sábio e melhor.

Licurgo, exilando-se por mote próprio do seu país para que não adorassem o ouro; ainda assim, como os filhos de Israel no deserto, voltaram ao bezerro de ouro, a tudo o que o ouro representa. Não preparou a ciência o caminho para os pioneiros da verdade? A matemática, construindo o caminho que hoje vos leva às estrelas, mas já conhecido pelos antigos egípcios e pelos próprios sinais dos antigos astrónomos, acabou por ser enterrada no que se chamou a “Idade das Trevas”. Não houve épocas mais obscuras do que aquelas da civilização cristã que tentou destruir a civilização do Oriente ou apagá-la completamente, mas chegou até vós com vida renovada.

Agora, o mensageiro está a preparar o caminho para uma maior luz espiritual, a preparar o caminho para uma maior liberdade, a preparar o caminho para que as crianças da Terra não adorem o ouro. Quem era Licurgo senão uma vida aperfeiçoada que via que o amor ao ouro era a causa de toda a miséria do seu povo? Mas esqueceu-se de que o amor ao ouro é um estado, não uma condição arbitrária. Não se pode eliminar a cobiça humana apenas abolindo o ouro.

Ah, eles irão comprar e vender uns aos outros mesmo que não haja ouro. As vidas humanas não são assim tão preciosas. Mesmo nas ditas Repúblicas, os votos não são totalmente sagrados. Quem, senão um mensageiro de Marte, poderia iluminar o caminho para aquela coisa maravilhosa que está a acontecer no Oriente? Quem, senão um mensageiro de Marte, preparará o dia do ajuste de contas para os massacres dos judeus?

Falem com o planeta Marte! Sim, repetidamente, mensageiros de lá estiveram aqui e a Terra não estava pronta para os receber. Estarão tristes? Afasta-se algum deles, esses cientistas e profetas que foram condenados à morte? O que tem a forma corporal na Terra de especial valor para um habitante de Marte, que usa roupas resplandecentes no seu lar? Não se lisonjeiem, pois estas frágeis vidas humanas pouco contam à luz de tais profetas, tais mestres que vêm para vos beneficiar,

sabendo o que lhes fareis. Mesmo os Messias sabem, e os marcianos não são Messias.

São mensageiros de asas rápidas — Boanerges — que vêm realizar a obra necessária; e estes não tiram o mérito àqueles na Terra que conquistaram o seu próprio crescimento. Mas, se não houvesse possibilidade de crescimento, nenhum professor seria enviado para cá; se não houvesse nada na vida humana digno de ser salvo, não haveria salvadores; se os profetas não soubessem que esses eventos e pessoas acabariam por dar aqueles passos de que a profecia é feita, não haveria profetas. Mas estamos a tentar realizar intelectualmente aquilo para o qual a Terra, espiritualmente, ainda não está preparada.

Esta é a era do intelecto; a era do triunfo físico e intelectual, a era da descoberta e da invenção. Pensamos que vamos tomar o “reino dos céus” à força pelo orgulho do intelecto; e os “Cientistas Sociais”, que procuram a mais alta “edição física”, julgam que vão fazer anjos de pessoas cultivando-lhes os corpos. Os corpos acompanharão o crescimento espiritual. O espírito é primeiro, depois o corpo. Lembrem-se disto; nunca haverá realização perfeita da raça humana enquanto não houver pensamentos e aspirações humanos espiritualmente perfeitos.

Não cometam o erro de pensar que podem começar pelo outro extremo — é preciso seguir o caminho que a própria criação traçou: o desdobramento do que vem de dentro. Cada gérmen de cada semente, cada vida de cada ser vivo, ilustra que nada pode ser produzido que não esteja já contido no seu interior.

A vida, para alcançar o seu pleno florescimento aqui, deve incluir aquilo que o espírito recebeu, e só então será expresso através deste processo de desdobramento que está a acontecer. Sabemos que o próprio Edison declarou que as suas melhores escolhas e invenções lhe chegam desse domínio interior e superior, geralmente quando o corpo dorme. Mas ele não é o Mensageiro que vos colocará em comunicação com Marte. Mas chegará o momento em que o Mensageiro estará aqui e dirá: “Estes são os sinais; este é o significado de todos aqueles sinais que julgais serem canais, valas ou diques, por não terem melhores nomes para lhes chamar.”

Não sabeis como toda a atmosfera em redor de Marte está cheia de sinais que são matemáticos; pouco sabeis de matemática, mas os sinais

que virão até vós serão numéricos, pois significarão algo para vós. Naturalmente, eles terão de vos ensinar, tal como se ensina as crianças. Eles dizem que vão atrair a atenção dos bebés da Terra, lutando através do nevoeiro denso da materialidade e da cegueira espiritual. Assim virá o tempo, o dia e a hora em que, com maior amplitude, com maior compreensão do que esses sinais podem significar, as vibrações serão: uma, duas, três, e vós respondereis, uma, duas, três; e isto significará que, matematicamente, estais em sintonia com as inteligências de Marte.

Virá o tempo em que as vibrações tomarão a forma de quadrados e círculos, pois são figuras geométricas, e respondereis aqui, talvez num quatro de Julho, quando acabarem o barulho e o fogo, com fogo de artifício — mas a pirotecnia será milhões de vezes mais intensa, até que a Terra seja um grande espetáculo pirotécnico que os habitantes de Marte compreenderão quando derem e receberem o Sinal.

Há outro método que já aconteceu na Terra, mas devido à falta de notícias do outro lado da linha, não confiais plenamente nele. No entanto, é comum, reconheceis que está no mundo de hoje; que os escritores astronómicos são guiados por ele. Reparai que eles modificam as suas afirmações absolutas. Os habitantes de Marte podem ser como os da Terra, mas estão mais avançados. Nunca o diriam há vinte e cinco anos, nem há quinze; nunca o disseram até Camille Flammarion e outras vidas entre vós terem sido espiritualmente inspiradas com este conhecimento de que os habitantes do planeta Marte são mais avançados do que vós. Assim acontece com Júpiter, assim com Saturno.

Os cientistas humanos pensam que não existe um padrão de experiência que não dependa, ou que não seja semelhante, aos padrões terrestres. Mas isso não é tudo o que existe na vida; esta luta débil até à linha dos mamíferos para a existência humana, e dependente disso para a pouca imortalidade possível nos estados espirituais. Ainda assim, pensa-se que a forma mais elevada de vida no universo é aquela que conhecemos aqui.

Ah! Mas, mesmo quando João, na Ilha de Patmos, se inclinava perante os anjos resplandecentes, tu próprio te inclinarias perante a vida mais humilde de um desses marcianos. Então, o que dizer dos habitantes de Júpiter e de Saturno; tão transcendentalmente belos, tão brilhantes e gloriosos, sem vestígios daquilo a que chamamos terrenidade, e ainda assim tão possíveis lá como tu és aqui.

E assim irás tateando, até que os teus padrões de vida se elevem; até que “moléculas” e “protoplasma diferenciado” deixem de ser tudo o que sabes sobre o início da vida, e compreendas que o tempo, o lugar e as condições são moldados para aquilo que se pretende realizar, e que os anéis de Saturno e as luas de Júpiter brilham sobre seres tais que, se os habitantes da Terra os pudessem contemplar, ficariam em absoluto silêncio, maravilhados.

Entretanto, as crianças da Terra continuarão aqui a lutar; essas imperfeições vão persistir, e acenderão as suas pequenas manchas elétricas de luz e chamar-lhe-ão grandes feitos. Estão todas nas mãos dos sindicatos, por isso não haverá muita luz. Hoje não há muita. Talvez se tente iluminar e vitalizar esses edifícios com os raios do sol e o ar fresco, e isso antes de se chegar ao fim.

Pouco a pouco, através das nuvens que a encobrem, o brilho desta alma imortal será revelado numa linguagem interestelar. Que coisa maravilhosa foi quando Inglaterra e América ficaram unidas pelo cabo do Atlântico; que maravilha foi quando se cumpriu a profecia de Puck, de colocar um cinto à volta da Terra em (menos de) quarenta minutos. Que coisa ainda mais extraordinária será quando sinais e linguagem interestelar forem exibidos pelos espaços entre ti e Marte, e os maiores espaços forem ligados a outros mundos. Esses sinais serão conhecidos e compreendidos, e estarás preparado para os receber e para reconhecer a pequenez da Terra!

De todas as tuas invenções, o vapor e a eletricidade foram as que mais fizeram para unir o Oriente e o Ocidente. Agora estás à beira de descobrir o Pólo Norte, mas as grandes calotes de gelo e neve estão a descer sobre toda a terra num período glacial tremendo. Quando o povo se erguer desse cataclismo destrutivo, mais poderoso do que o dilúvio de Noé, surgirá uma nova aurora de inteligência; novas perceções das antenas da Terra e do ar. Então as coisas espirituais não serão medidas segundo o padrão dos sentidos do homem.

Considera, se quiseres, o estado de uma vida humana, ou da vida média do homem, que tenta medir o mundo espiritual pelo padrão dos cinco sentidos humanos; que deseja viver numa casa para esfregar, lavar, cozer, trabalhar nos campos e fazer todas as tarefas da vida espiritual que os homens fazem aqui. O espírito está vivo aqui; exorta-te a fazer

essas coisas aqui porque é necessário. Deves plantar, colher, escavar, mergulhar, construir, porque aqui estás.

Mas pensamentos, aspirações, sentimentos, emoções e experiências que estão para além do pó, são aquilo que esta vida pretende encorajar e desenvolver. Tal como o lírio cresce sob a lama do lago para florescer à luz. Nada seria, senão pelo gérmen, que permanece sombreado e oculto, guardando esse segredo de pureza e brancura. Assim é a tua vida, no tempo das sombras na Terra, nas trevas dos charcos do crime e da miséria, da dor, da pobreza e da necessidade, finalmente revelando aquilo que está oculto nessa pureza da mente e do espírito. Na alma imortal.

Sim! Vais comunicar com eles, de um lado ao outro. Haverá entre vós alguém desse planeta que interpretará para vós os sinais e o significado. Alguém cujo telescópio descobrirá os símbolos que eles se esforçam por vos mostrar, que saberá que esses sinais e símbolos matemáticos significam certas coisas; e esses sinais serão trocados através do cinturão do espaço que vos separa. Conhecerás a linguagem e a inteligência dos marcianos, e descobrirás que eles têm aspirações, desejos e esperanças; que vivem onde estão as suas profecias, e que a sua realização é aquilo que tu esperas alcançar. Que o ouro não é o padrão de vida no planeta Marte. Que o padrão de vida é a inteligência espiritual, a justiça e o amor. E um dia compreenderás deles estas verdades, como sendo a sua inteligência mais elevada e sagrada.

A luz flamejante está entre vós e traz a promessa destas coisas. Não te esforces em vão por agarrar este pensamento. Eu compreendo; talvez já o tenhas rejeitado; talvez não o reconheças quando chegar; talvez a mensagem não seja valorizada, mas aquele que vier interpretará para vós o significado desse mundo mais avançado. E então serás capaz de falar com Marte.

UMA PROPOSTA ESPIRITUAL

Proferida através da Sra. Cora L. V. Richmond, Washington, D.C., 9 de Outubro de 1898

“A letra mata, mas o espírito vivifica.”

Um grande cientista afirmou: “Não existe força no universo que seja visível ao olho ou palpável a qualquer sentido humano.”

Um grande filósofo oriental disse:
“Só a compreensão pode alcançar a sabedoria pura e a beneficência, mas os olhos podem não ver, os ouvidos podem não ouvir e a mente, sozinha, não pode entender.”

O que se entende por compreensão é a perceção mais profunda; e, no entanto, vive-se numa era e num mundo onde o ultra-materialista propõe alcançar tudo pelos sentidos ou, se não pelos sentidos, pelo menos pela mente, que é produto do organismo físico. Vive-se também numa época em que a proposição oposta se apresenta mais do que em qualquer outro período da história humana. Hoje existem mais pessoas prontas a afirmar que as forças do universo, as

FORÇAS ABSOLUTAS, SÃO ESPIRITUAIS**,**

não materiais. Há mais pessoas dispostas a declarar que quanto menos palpável é uma coisa para os sentidos, mais poderosa ela é. É verdade que a manifestação é um indício de força; que, onde há uma manifestação elétrica, há uma centralização daquilo que, primariamente, é invisível e impalpável a qualquer sentido.

No entanto, sabe-se perfeitamente que existem milhares de vibrações elétricas a ocorrer nos vossos organismos e em todos os corpos organizados ao vosso redor, que não produzem qualquer resultado palpável para os sentidos, e, sem as quais, não poderiam viver, e sem as quais não haveria manifestação de vida à vossa volta.

Só quando a eletricidade é utilizada, como foi de tantas maneiras pelo mago Edison e outros, é que se percebe que a sua manifestação é palpável; ou quando, sob a influência de uma tempestade elétrica, ocorre alguma grande violência e há destruição ao redor. Aquilo que é destrutivo na natureza, quando não orientado, torna-se a força que transporta as mensagens e muitas das cargas do mundo físico.

O mesmo se passa com os ventos e as ondas e todos os outros elementos que, quando agitados e não guiados para um fim definido, parecem destrutivos e irresponsáveis, mas quando o ser humano consegue utilizar esses elementos, que seriam tão destrutivos, para aquilo que é útil, percebe-se que a força é suscetível à inteligência que a pode orientar. Isto prova que os ventos, as ondas, a eletricidade, o calor e até os furacões devastadores, os incêndios e as tempestades nos mares podem, em última análise, vir a estar sob controlo humano.

Quando, no Novo Testamento, se afirma que Jesus acalmou a tempestade, nenhum materialista aceita tal coisa. Mas, quando se afirma que um para-raios pode conduzir a eletricidade de uma nuvem até à terra, impedindo danos mesmo que a tempestade se abata sobre uma casa, todos os materialistas aceitam. Nada há de menos maravilhoso no facto de o para-raios desviar a corrente elétrica para onde não cause dano do que na capacidade da mente de acalmar a tempestade, quando suficientemente desperta e consciente desse poder. Muitos pensaram que se tratava apenas de uma

TEMPESTADE ESPIRITUAL**,**

ou talvez de uma referência às mentes ao redor de Jesus. Mas porque não das próprias águas? Manifestações físicas podem ocorrer, e os espiritualistas materialistas insistem em ter manifestações físicas, mas sabem muito bem que o poder que produz essas manifestações físicas é invisível e impalpável a qualquer dos seus sentidos. Tal como a mente humana governa o corpo, dirigindo os seus movimentos e expressão, influenciando-o e forçando-o a obedecer ao espírito interior; assim também essas forças e inteligências invisíveis atuam sobre a matéria para produzir as manifestações físicas que o materialista exige.

O espiritualista materialista só tem como prova o poder do espírito; se a manifestação física fosse a causa da existência do espírito, se a manifestação física criasse o espírito, a sua proposição talvez fosse correta. Mas é uma confissão de que, atualmente, se necessita desse tipo de prova; e, como as manifestações ocorrem, isso prova que quem as produz reconhece essa necessidade. Mas isso não

CRIA A EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO;

a manifestação não cria o espírito e, se não fosse pelo espírito, que é impalpável, invisível aos sentidos, a priori — tal como o vosso próprio espírito é para os vossos sentidos — não haveria tal manifestação; não haveria tal ilustração.
Sabe-se que, quando se envia uma mensagem elétrica, não foi uma tempestade que a fez, não é o resultado de uma manifestação errática da natureza. Sabe-se que, se a eletricidade é usada de forma inteligente para transmitir uma mensagem humana, deve haver um ser humano na outra ponta do fio; nenhuma sofística pode negar isso.

Agora, um cético poderá dizer: “Não acredito que haja alguém do outro lado do fio até o ver.” É verdade que existem diversos aparelhos elétricos que permitem ver imagens e movimentos, e ouvir vozes; mas, sem a voz ditada pela Inteligência, nenhuma dessas manifestações existiria. Assim, sem aquilo que não se vê, que não se ouve, que não é percebido por nenhum sentido físico, nenhuma manifestação física ocorreria.

No entanto, parece que as pessoas pensam que a parte física é tudo o que há; que a parte física do homem é tudo o que é um ser humano; que o corpo físico é o amigo. Diz-se:

“Vi o meu amigo e está com ótimos aspetos.” “Vi fulano hoje e estava com um ar extraordinário (ele ou ela).”

Quem era ele ou ela? O corpo? Amanhã esse corpo pode morrer, a respiração cessará, o alquimista ou o químico dirá que não perdeu um só dos seus constituintes químicos. Vês o teu amigo quando vês esse corpo? Haverá algum

ali? Alguma resposta à tua conversa? Nenhuma; o teu amigo é invisível, tão invisível hoje como quando o corpo é deixado para trás. O que vês é apenas a manifestação, a estrutura orgânica que ele usa, tal como usa, à distância, uma máquina telegráfica para comunicar contigo. É uma questão de maquinaria; é uma questão de meio. Naturalmente, há uma grande complexidade de força vital e energia nervosa que entram na constituição do organismo usado pelo teu amigo quando utiliza o corpo físico.

Separado do corpo físico, utiliza o organismo de um médium.
Aí há ainda a complexidade de usar o organismo de outrem, nem sempre

sabendo como o tomar e treinar, há sempre algum obstáculo orgânico ou educacional; mesmo assim, ele consegue manifestar-se para que o possas reconhecer. Quando utiliza um organismo

NÃO CHEIO DE SENSAÇÃO**,**

quando se utiliza uma mesa, uma cadeira ou outra estrutura, existe a desvantagem de não possuir um organismo totalmente sensível, sem tecido nervoso ou cerebral; mas existe a vantagem de se manifestar inteligência através de algo sem cérebro, mostrando que existe algo para além dos centros nervosos ganglionares e da substância cinzenta do cérebro através da qual a inteligência se pode manifestar. Mesas e cadeiras não têm centros ganglionares; não têm depósito de substância cinzenta, a não ser pó e sujidade, mas, mesmo assim, a inteligência que não se vê, usando forças que não se veem, pode manifestar-se através dessas substâncias. Isto constitui o grande valor dos

FENÓMENOS FÍSICOS;

Isto constitui o grande valor de todos os fenómenos associados ao Espiritualismo. Depois, quanto ao controlo de outro cérebro e à manifestação de uma inteligência superior à que esse cérebro poderia manifestar em estado normal, e ao grau de exaltação e estimulação por ser atuado por um poder superior, que sabe utilizar o cérebro melhor do que o próprio indivíduo o conseguiria usar. Mas todas estas manifestações, toda esta classe de fenómenos, ou qualquer outra classe, simplesmente ilustram uma inteligência invisível e impalpável.

Agora, suponhamos que, em vez de mesas, pianos, lápis ou batidas, o espírito atua diretamente sobre os nervos, sobre as fibras do cérebro, e transmite inteligência distinta: a isto chama-se

INSPIRAÇÃO OU IMPRESSÃO.

Suponhamos, então, que há várias substâncias mais finas, ou vibrações de substância, que ainda não foram classificadas. Eletricidade e, no máximo, forças magnéticas e psíquicas são termos muito pouco compreendidos. Muitas pessoas, ignorando do que falam, desejam explicar as manifestações do Espiritualismo por meio da eletricidade. O raio raramente atinge os seus objetos de forma inteligente. Claro, se um raio atinge um herege, os religiosos pensam que foi bem dirigido; mas

SE ATINGIR UMA IGREJA,

então? O herege pensa que foi bem dirigido; que é uma grande manifestação de inteligência. Mas em ambos os casos é evidente que não existe qualquer intenção de matar o herege ou queimar a igreja; é uma questão que não diz respeito ao raio nem ao poder por trás dele.

Os hereges não são alvos especiais das forças da natureza, nem as igrejas; ambos pertencem a outro domínio. Assim, se existem outras forças que uma inteligência utiliza, ou que manifestam inteligência, não basta dizer que é eletricidade; pois a eletricidade não fala por si, ela só comunica quando empregada por uma inteligência para esse fim.

Depois há outra classe de filósofos, ou pseudo-filósofos e cientistas, que agora explicam tudo por “vibração”. Vibração é uma palavra usada para exprimir a ignorância absoluta dos que a utilizam. Porque, embora a vibração seja uma manifestação de vida e luz, todos sabem que não pode haver sequer movimento vibratório sem uma causa para o movimento. Assim, não se explica, desse modo, a existência de um propósito ou de inteligência. Pode explicar o método da sua expressão. Assim, entre o espírito, a eletricidade e o magnetismo,

OU MESMO A “FORÇA PSÍQUICA”,

que o cientista começa gradualmente a aprender a utilizar, existem milhares de forças e elementos que os espíritos podem empregar para exprimir um propósito, e nenhum deles tem nome atribuído pela ciência, nem a ciência, até agora, suspeitou da sua existência.

A ciência, tal como está hoje, nem sequer reconhece aquele termo algo ambíguo de “força psíquica” ou “aura” em torno de médiuns e de outras pessoas, que aparentemente permite aos espíritos atuar sobre a substância na sua presença; e mesmo que a força psíquica exista, ela nada faria por si mesma, tal como a eletricidade. É apenas um meio de transmitir inteligência específica quando ativadas. Um médium coloca as mãos numa mesa ou num piano e há uma resposta inteligente. Não é a força psíquica que responde, nem é o cérebro ou o pensamento do médium. Pois, sem o auxílio do poder do espírito, nenhum ser humano conseguiu jamais produzir um ruído, ou qualquer das chamadas manifestações espirituais.

Isto porque o poder do espírito não está organicamente relacionado com a substância, como acontece com o ser humano. Estais do lado negativo desse domínio. Estais do lado em que o domínio positivo é, aparentemente, a lei natural; sois dominados pelas condições orgânicas da vida; expressais-vos através de funções orgânicas; podeis controlar o cérebro a partir desse ponto de vista. Gradualmente, a raça humana foi adquirindo consciência de conseguir controlar outras mentes, de agir sobre outras inteligências, através do que se chamam processos psicológicos. Mas, no que toca às substâncias materiais, nunca ninguém conseguiu direcionar o pensamento para controlar essas substâncias, excepto pelo poder do espírito, pelo poder de inteligências humanas desencarnadas. Essas inteligências humanas desencarnadas estão relacionadas com a matéria de forma exatamente oposta à dos seres humanos encarnados. A sua relação é de mente ou espírito como positivo e a matéria como negativo. Enquanto aqui, na maior parte das vezes, a matéria é positiva e a mente subjetiva ou negativa. No plano espiritual, para aqueles que estão separados do corpo, o espírito ou mente é positivo, a matéria negativa e pode ser controlada e dominada sem o obstáculo habitual do processo e lei orgânica.

Os espíritos desse domínio aproximam-se da matéria de uma forma totalmente diferente; o pensamento, por si só, domina e governa. Enquanto na vida humana tens de te adaptar às condições orgânicas. Tu, por exemplo, não consegues passar as

MÃOS ATRAVÉS DESSA MESA,

um espírito pode; refiro-me a mãos humanas. Tu, do mesmo modo, ou sem empregares força física, não consegues desintegrar um casaco ou vestido e separá-lo do corpo onde está preso; um espírito, ocupando uma relação diferente para com a matéria, pode fazê-lo. Não podes fazer como fez Jesus, que apareceu num corpo físico semelhante àquele que costumava usar, numa sala onde todas as portas estavam fechadas; porque, sem dúvida, naquela “pequena sala superior” em Jerusalém, onde os discípulos se reuniam, as portas estavam trancadas, não só por receio de intrusão, mas para evitar a vigilância das autoridades, cuja presença devia ser excluída, sob pena de perseguição aos discípulos. Ora, Jesus apareceu

NO MEIO DELES EM FORMA CORPORAL,

numa forma material, sem que as portas tivessem sido abertas. Não podes fazer isso porque a tua relação com a matéria é tal que a matéria é o elemento e a força positiva na vida física.

Jesus, talvez mais do que qualquer outro ser humano dos tempos recentes, relacionava-se com a matéria de modo a ser positivo em relação a ela. No entanto, pelo grande propósito moral da sua vida, não estava tão relacionado com a matéria que não sofresse a morte física às mãos dos judeus. Nessa altura não havia razão para preservar o corpo físico. Ele concluíra a sua missão, pois estava destinado a partir. Mas, se houvesse motivo para tal, teria havido poder suficiente para o proteger dos judeus.

Sempre tivemos grande simpatia por Judas. Pensamos que Judas acreditava sinceramente que Jesus seria facilmente capaz de se salvar. Tinha todas as razões para o crer, pela natureza das manifestações e provas sobre o domínio físico que tinham sido dadas. Não há dúvida de que esperava uma justificação total e triunfante. Em todo o caso, havia todos os motivos para supor que aquele que fora triunfante e dominara sobre a matéria continuaria a fazê-lo. Claro que Judas se enganou, como tantos outros. Respeitamo-lo pelo remorso que sentiu.

Talvez tenha sido mais consciente do que alguns outros discípulos que, no momento supremo, negaram o seu mestre, mas que depois assumiram o papel de líderes e diretores da obra que Jesus iniciara. Esta força espiritual que atua sobre a matéria a partir do lado positivo da existência, é o poder que sempre acompanhou todos os derramamentos espirituais de todos os ciclos de revelação espiritual e dos grandes movimentos religiosos de cada época, e

ABRIU UM DOMÍNIO

ao pensamento humano completamente diferente de qualquer domínio que a ciência tenha aberto. É, no entanto, singular, e muito encorajador, que no mundo da ciência de hoje haja uma aproximação gradual a esse domínio; há uma aceitação cada vez maior de que pode existir poder psicológico, poder clarividente e outros poderes na mente humana, separados dos sentidos físicos; e há até uma admissão adicional, por parte de mentes como a do Prof. Crookes e do Dr. Alfred Russel Wallace, de que a ciência, tal como existe no mundo hoje, ou no tempo

das suas investigações, não contém solução para os fenómenos que investigaram, chamados Espiritualismo.

Não há outra conclusão a tirar — senão que têm origem na fonte que se reclama, isto é,

ESPÍRITOS DESENCARNADOS.

Sir William Crookes dedicou grande atenção, no seu recente discurso perante a Associação Britânica de Ciências, ao aceitar a presidência daquela instituição, a explicar a sua posição sobre este assunto. É muito meritório da sua parte expressar opiniões que não só confirmam as suas investigações anteriores, mas vão ainda mais longe do que nunca foi antes. É também digno de nota o Dr. Alfred Russel Wallace, que não achou necessário recapitular as provas do passado perante o Congresso Internacional de Espiritualistas; não viu razão para mudar as opiniões que antes expressara sobre a origem dos fenómenos, mas a sua mente avançou para a investigação de outros temas correlacionados, afetando o bem-estar dos seres humanos e as suas relações uns com os outros, à luz deste grande ensinamento espiritual.

Quando as pessoas estão dispostas a abordar a investigação dos fenómenos do Espiritualismo com a mesma honestidade e imparcialidade destes homens eminentes, não afirmam que existe uma solução material para este problema. Não dizem que os fenómenos são o resultado da lei natural, mas declaram que há todas as razões para acreditar que devem emanar da fonte reivindicada,

ESPÍRITOS DESENCARNADOS**.**

Este é o resultado de abordar o assunto do ponto de vista cuidadoso e mais utilitário, investigando os fenómenos do efeito para a causa. Agora, suponhamos que, quando a questão se apresenta pela primeira vez, há mentes suficientemente ajustadas ao plano espiritual para não precisarem de ir do efeito à causa, mas que percebem a causa de imediato, podendo lá chegar instantaneamente ao primeiro indício. Isto equivale

AO ESTADO DOS PROFETAS**,**

videntes e mestres cujas intuições já têm consciência desse plano, que já estão em sintonia e ajustados às manifestações a nível mental e

espiritual, a partir do interior. Naturalmente, isto não constitui qualquer tipo de prova para a mente que não está assim ajustada; a maioria dos seres humanos não está. No entanto, quando começam a compreender a sua própria natureza, a sua própria vida, surpreende todos os seres humanos quantas experiências espirituais realmente têm. Quando Moncure Conway disse à oradora de hoje: “Nunca tive consciência de uma experiência espiritual na minha vida.” Ela respondeu: “Coitado, sinto tanta pena de si como se me tivesse dito que era cego.” “Mas,” acrescentou ela, “não é verdade; simplesmente não sabe o que é uma experiência espiritual; se soubesse, veria que a sua vida esteve cheia de experiências espirituais.”

Muitas pessoas não sabem, quando ouvem música, que melodia está a ser tocada num instrumento. Mas a mente treinada, o ouvido educado, não só distingue

A DIFERENÇA DA MELODIA**,**

mas também a diferença na execução de uma melodia. O quadro tosco na parede pode atrair a atenção do bebé ou de alguém sem formação artística; mas o quadro sugestivo, pleno de tom, forma e cor, pode apenas interessar à mente desperta para isso. Assim, os graus de perceção espiritual, os graus pelos quais homens e mulheres podem saber que têm experiências espirituais ainda não estão totalmente despertos nem medidos.

Se soubesses o significado de muitas impressões, sugestões, pensamentos e sentimentos que tens ao longo do ano, saberias que tens milhares de experiências espirituais sem conseguir distingui-las das comuns.

Poderias ter um milhão mais se fosses treinado para as entender e observar. Se, por exemplo, tivesses um pressentimento para não fazer algo hoje, sem causa aparente — não um pressentimento devido a má disposição ou indigestão, nada disso, mas um pressentimento claro — e mesmo assim o fizeste, dirias: “Lamento não ter seguido o meu primeiro pensamento.” Frequentemente usas a palavra “impressão”. Foi uma impressão. Se fores obedecendo gradualmente às tuas impressões — mas certifica-te primeiro que o são realmente, pois há um sentimento peculiar que as acompanha — descobrirás que essas experiências espirituais ocorrerão cada vez mais frequentemente.

Pode haver também um certo tipo de exaltação, não devida a uma condição física, nem à influência da atmosfera ou da comida ingerida, mas a algo presente que não consegues definir,

SE O RECONHECERES**,**

e é acompanhado pelo pensamento no teu filho, ou na tua mãe, ou no teu pai, ou num amigo que já partiu, então podes perceber que estás em comunhão com esse ser, cuja presença está perto de ti. Isso explica a tua exaltação.
Quando uma senhora começa espontaneamente a cantar uma canção, sem pensar nisso, que era a favorita da sua menina falecida, poderá haver melhor prova de que o espírito da filha influenciava o seu pensamento sem ela própria se aperceber? Oh! Deixa fluir as tuas canções, a expressão dos sentimentos, o impulso daquele bom pensamento que te chega à mente, pois pode vir de alguém que já partiu e que te incita a boas obras e bons sentimentos para com os outros.

O espírito comercial apático da época mede tudo pelo padrão do comércio. Há quem pense que tudo o que não traz determinado lucro é fracasso; quando uma causa, enquanto proposta, não se relaciona com dinheiro algum, pertence a outro domínio. Agora está na moda apaixonar-se por determinado montante de dinheiro.
Os lordes titulados do velho mundo apaixonam-se pelas filhas dos milionários americanos, e as filhas dos milionários apaixonam-se pelos títulos dos lordes; se o título e o dinheiro desaparecessem, haveria desilusão mútua.
Muitas vezes há desilusão, que resulta em tristeza e divórcio. Se nada além da

VERDADEIRA AFEIÇÃO ESPIRITUAL

motivasse as uniões hoje em dia, os tribunais de divórcio estariam muito menos cheios de escândalos.
Como a utilidade entra em todas as transações da vida, e o padrão mais elevado não é o que governa, os seres humanos têm de aprender pelo sofrimento e pela experiência.

O mesmo se aplica à religião: “O valor comercial da religião está no mundo hoje; e esse valor comercial supera muitas vezes qualquer outra consideração. Um jovem casa-se, em parte por atração, em parte por

motivos utilitários. Instala-se numa pequena cidade ou numa grande cidade. É necessário que tenha relações sociais.

Entra para a igreja, não por qualquer profunda convicção religiosa, nem porque tenha sido convertido de forma tradicional ou moderna, mas pelas suas ligações sociais. Isso é tão negócio quanto arrendar uma loja, ou fazer qualquer contrato comercial. Torna-se, por isso, uma questão de utilidade. Claro, tudo em volta é 'bom'; há aquilo que deve 'servir os melhores interesses da sociedade'. Se tiver algumas pequenas objeções ou escrúpulos de consciência, por não acreditar no credo, o clérigo leva-o de parte e diz-lhe que isso

NÃO FAZ A MENOR DIFERENÇA**,**

Se ele quiser juntar-se à igreja, eles ignorarão esse detalhe. Os clérigos frequentemente apelam às pessoas para se juntarem à igreja com base nisso. Por um lado, é uma boa prova do pensamento liberal que se vive atualmente nas igrejas. Mas, e a consciência do indivíduo? Pensamos que quase qualquer tipo de religião é melhor do que nenhuma religião, mas opomo-nos à constante anulação da voz da intuição, a esse tipo de compromisso que leva as pessoas a abandonarem as suas convicções pelo bem da sociedade e da popularidade. Isso conduz a toda essa estagnação e hipocrisia que existe no mundo atual.

Na recente viagem do vosso pastor a Inglaterra, rapidamente se tornou do conhecimento geral, no paquete, que havia a bordo uma delegação a caminho do Congresso de Espiritualistas em Londres. Os passageiros do navio mostraram interesse em saber mais sobre o Espiritualismo, e foram extremamente liberais nas suas perguntas e, claro, após a invocação e o discurso, todos ficaram à vontade para conversar sobre o tema. Ficou claro, ao longo de uma dúzia ou mais de conversas privadas com uma dúzia ou mais de pessoas, que não havia naquela embarcação uma dúzia de pessoas que não soubessem mais ou menos sobre o Espiritualismo, por experiência direta.

Mas essas pessoas, vivendo numa sociedade mundana e superficial, estavam habituadas a um estado de dissimulação. Conheciam o Espiritualismo; tinham tido médiuns nas suas famílias; tinham consultado médiuns e ouvido coisas extraordinárias. Quando o tema deixou de ser impopular no navio, todos falaram abertamente sobre ele. A primeira

reserva e dissimulação resultam desta vida superficial, de não reconhecerem as forças espirituais que estão ativas no mundo.

Porque haveria de ser motivo de vergonha ser-se intuitivo? Porque ter vergonha de ser sujeito a um poder superior, ou à voz desse plano que não pode prejudicar, mas sim embelezar e dar brilho à vida? Dizem que o Espiritualismo faz o mundo enlouquecer. “Eu não estou louco, é o mundo que está louco,” disse um inspirado. Há uma loucura universal sobre a ideia de que a vida material é a única vida. Não admira que encontros de avivamento e entusiasmo religioso façam as pessoas parecer (e de facto fiquem) desequilibradas.

É a entrada repentina de uma torrente de luz onde antes não havia luz, esperança ou emoção; onde não havia emoção. Que a solteirona endurecida ou o solteirão se apaixone, os resultados são tremendos! Os jovens apaixonam-se naturalmente e não fazem grande alarido disso, consideram apenas que é algo inevitável. Quando alguém diz que não acredita no amor e que nunca se apaixonará, e depois faz exatamente aquilo que dizia desprezar — o terramoto emocional é algo maravilhoso. Assim também acontece quando materialistas têm experiências religiosas ou espirituais. Conhecemos um homem que tinha sido materialista, não acreditava em inspiração nem na vida após a morte.

Ouviu um discurso proferido através do organismo que agora está perante vós, de William Ellery Channing, sobre as “Provas da Imortalidade”, que foi publicado no Chicago Times. O discurso apelou à sua razão. Apelou ao seu juízo. Apelou até àquelas intuições que ele próprio tinha anulado; alugou uma sala na cidade onde vivia e leu esse discurso aos seus vizinhos e amigos; depois, ao terminar, revelou-lhes a sua origem. Daí em diante ficou convencido da existência do espírito. Mas, numa noite, cerca de um ano depois, apareceu em casa da vossa oradora, aparentemente embriagado; parecia um homem ébrio, mal conseguia falar coerentemente. Disse: “Eu, eu, eu, eu recebi, eu recebi...” “O quê?” “Recebi uma mensagem da minha filha.” Ele já aceitara

A IDEIA DA IMORTALIDADE,

o conhecimento dela, a filosofia dela, pelo que ouvira e lera nos discursos; mas as fontes do seu coração, as fontes do seu afeto interior, não tinham sido tocadas até essa noite, e até se pode desculpar que

cambaleasse como um homem bêbedo. Recordem como, nos tempos antigos, quando as pessoas dançavam e falavam sob influência de dons espirituais, eram acusadas de “terem bebido vinho novo”.

Ah! Era o vinho novo do espírito, era o vinho novo da convicção espiritual, da vindima invulgar da alma. Não admira que parecessem embriagados. No entanto, os espiritualistas, como grupo, são das pessoas mais sóbrias e menos impulsivas do mundo. É de admirar, dada a grande carência de impressão e inspiração espiritual no mundo, que nunca tenham sido acusados de beber “vinho novo”. Sim, é o vinho novo do espírito que cura e clarifica enquanto inspira e abre a visão para uma perceção mais pura e elevada; e, quando é verdadeiro e sincero, entra em toda a existência, purifica e

PURIFICA TODA A NATUREZA**,**

tornando sem medo, verdadeiros e altruístas os que percebem a sua luz. O seu poder no mundo atual não pode ser negado. Se encontrares uma assembleia esclarecida em qualquer país hoje, haverá mais debate e discussão sobre as diversas propostas espirituais que entraram no mundo nos últimos cinquenta anos do que sobre qualquer outro tema; “Ciência Cristã”, “Investigação Psíquica”, “Teosofia”, todas seguindo no seu rasto e aproveitando a grande vaga de força espiritual que existe hoje no mundo.

SUCESSO DE CRISTO: SUA MISSÃO SOBRE TERRA, TEMPO E MANEIRA DE MANIFESTAR SUA PRESENÇA PARA MANKIND (APOCALIPSE)

(A materialização é verdadeira?)

* *Assunto escolhido pelo público*

Indicamos um pouco, em abordagens anteriores, a crença entre os antigos de um verdadeiro período messiânico, uma recorrência do tempo em que os Messias viriam à Terra. Acreditamos que toda a história confirma a afirmação de que, entre as várias nações da terra, o Messias, sob diferentes nomes e títulos, apareceu ao homem. Nós nos referimos a Buda no Oriente, cujas três aparências confirmam a afirmação de uma recorrência do período messiânico.

Nós nos referimos a Zerdusht, ou Zoroastro, no Oriente, como um dos mensageiros, se não um Messias absoluto para o povo; também para Crishna e outros. Nós nos referimos a várias épocas entre os hebreus, nos quais, depois de Moisés, as indicações de profeta e vidente predisseram o advento de um *novo rei,* Quem usurparia todos os poderes de outros reis e os dominaria.

Que essa profecia indubitavelmente apontava para o reino espiritual Em vez do reino temporal, e que o advento de Cristo era o cumprimento da profecia, embora não reconhecido pelos próprios hebreus; que Buda no Bast, Zerdusht ou Zoroastro, e de fato muito atrás de Cadmus e o Adão original das raças da terra, eram mensageiros divinos; que quando o mundo estiver completo, e toda a perfeição alcançada possível nas atuais gradações de matéria, haverá uma sucessão regular de épocas espirituais, como houve sucessões regulares de épocas materiais na Terra; que uma escala gradual de desenvolvimento espiritual não está mais em desarmonia com as leis do Infinito do que uma escala gradual de desenvolvimento físico, e que a construção de uma atmosfera espiritual para dar lugar a almas mais elevadas na terra, não é mais uma suposição do que a construção de estratos externos, em que, por gradações regulares, formas mais elevadas de vida física podem aparecer na Terra.

Esta era em si uma solução suficiente, mas há mais do que isso. Antes do advento da época cristã, durante todo o período hebraico de poder e esplendor material, havia indicações, sinais, fichas, testemunhos da aproximação de um espírito superior à terra. Ele era conhecido na língua antiga como pertencendo à sucessão regular da ordem de Melquisedeque, que, você deve se lembrar, em um discurso anterior que afirmamos deve ter se referido à ordem espiritual essencial, ou ao que é conhecido nominalmente como a verdadeira sucessão apostólica, mas o que foi pervertido dos reinos espiritual para o material pelos historiadores e teólogos:

Que essa ordem se referia àquelas almas que em sucessão regular, como profetas, mensageiros ou messias, vinham à Terra para cumprir ministrações especiais; que este período foi introduzido por certos sinais e sinais espirituais, a dissensão de formas antigas e estabelecidas de fé, a excitação e visitação do espírito, como no dia de Pentecostes, a

descida sobre certas linhas da casa de Davi de especial poderes espirituais, que, interpretados, significam não a casa literal de Davi, mas a casa do reino espiritual de Davi, que tinha um significado regular na antiga interpretação do nome, que como Davi encantou o rei Saul ao esquecimento das mágoas dos males e o afastou da grande turbulência e rebelião de seu espírito; assim, o reino de Davi, estabelecendo a sucessão regular de harmonia espiritual, trouxe à terra o Messias na forma de Cristo.

Essas interpretações requerem conhecimento espiritual, e não literalmente simplesmente. Eles pertencem a uma classe de fatos e a um período de eventos que devem ser interpretados com significado espiritual e com referência às leis que são tão facilmente estudadas quanto as leis que governam o firmamento estrelado.

Afirmamos que os mil anos antigos eram a época milenar, mas não os mil anos de seu calendário. É estimado de dois mil a dois mil e quinhentos anos. Acreditamos que o período exato seja de aproximadamente duzentos e duzentos anos, na recorrência dos Messias do Oriente. Consideramos que este período se refere ao aumento gradual, culminação e declínio de certos estados espirituais na Terra; e que, à medida que as nações nascem, se elevam, culminam e caem, então ondas espirituais de pensamento, trazidas pelas Inteligências espirituais, têm seu advento Exatamente na Terra, sobem ao ponto culminante do poder e declinam para dar lugar a outras ondas de pensamento que os substituem.

A era cristã em si mesma tem sido uma, não de uma sucessão de ministrações angélicas, mas de uma sucessão de culminações na Terra. Você deve se lembrar no advento do cristianismo que, enquanto Roma se tornou o poder e a rainha do mundo, seu império gradualmente desapareceu à medida que o cristianismo avançava e o poder espiritual parecia tomar o lugar do material. Você deve se lembrar também que, no auge do poder de Roma, quando a Igreja e o Estado estavam unidos, gradualmente o material se desintegrava e o espiritual tomava seu lugar em toda a Europa Ocidental.

Supõe-se que, por volta do ano de nosso Senhor cinquenta e dois, o próprio Paulo introduziu o cristianismo na Grã-Bretanha. Isso não está confirmado, mas supõe-se que sim, e desse fato a transferência da

época cristã de Roma para a Inglaterra foi uma profecia da própria reforma. A própria Roma tornou-se objeto de poder temporal e, portanto, após os primeiros trezentos ou quatrocentos anos, não pôde reter a supremacia espiritual. Então o advento foi prenunciado, como dizemos, na Europa Ocidental; mas, enquanto isso, camufla o que era conhecido como idade mais sombria.

Abaixo varreu as hordas do norte; a civilização foi suprimida e as artes e as ciências derrubadas. Mas isso pavimenta, como afirmamos, a desintegração dos elementos que finalmente causaram a transferência da batida do império espiritual para as costas ocidentais da Europa.

Essa onda de religião cristã, tendo Seu nascimento na Palestina, seu primeiro advento em Jerusalém, culminou em Roma, alcançando o auge de sua última decadência Na Grã-Bretanha, varrendo o continente e trazendo aquelas almas à sua supremacia que balançaram a maior parte da civilização nos últimos dois mil anos, finalmente, sem poder temporal, sem força material, sem qualquer coisa que o homem normalmente considerou como a construção de uma dinastia, espalhou Suas forças por toda parte, não na Igreja e no Estado na organização forma, mas Nas almas dos homens, enquanto a Igreja e o Estado desmoronam e desaparecem gradualmente, não deixam nada além de ruínas e monumentos; o espiritual deixa a colheita do reino de Cristo.

Se algo poderia ser mais De acordo com a hipótese de que alguém avança do que outro, é a promessa do próprio Jesus, que, tomada em sentido literal por seus seguidores e discípulos, deveria significar que ele retornaria dentro de um curto período de tempo. João, na Ilha de Patmos, pode ter tido alguma ideia, mas sua profecia prediz claramente outro advento em outro período da história da Terra, e esse maravilhoso Apocalipse, sem dúvida, refere-se aos vastos períodos de tempo que interviriam antes do espírito essencial prometido por Jesus, deve segui-lo ao mundo, e como o *Consolador* revela o Messias que estava por vir.

O Espírito da Verdade foi prometido, o Consolador; e na linguagem direta de Cristo, ele prediz que é necessário que ele se vá ou o Consolador não pode vir. Ele não define este Consolador como sendo ele mesmo, mas como sendo o espírito da verdade, e em suas declarações, que são concisas, embora breves, há uma indicação distinta de uma recorrência do poder espiritual em outra forma e personalidade.

Entre todas as classes de cristãos, a segunda vinda de Cristo é esperada, e há aqueles, especialmente os adventistas e outros que acreditam nessa vinda literal e que fixaram vários períodos distintos para esse advento e fizeram a preparação para a tradução literal para o reino de Cristo. Infelizmente, eles mesmos interpretaram a palavra - tomada literalmente em vez de espiritualmente, e esperavam a morte da terra e dos céus físicos, em vez da terra e dos céus espirituais prenunciados pela profecia. Da mesma maneira, os cristãos evangélicos interpretaram mal o dia do julgamento e várias referências à dissolução da terra e à vinda de Cristo para reivindicar a sua.

Da mesma maneira, eles interpretaram literalmente, em vez de espiritualmente a vinda de Cristo na terra para estabelecer aqui um reino literal, que é a crença de algumas ordens dos cristãos, que supõem que os iníquos vão passar da terra e deixar para Herança dos justos, que esperam dentro de um curto período de tempo que Cristo venha aqui e reine com eles na terra como seu Rei. Tudo isso, no entanto, são indicações da realidade, e há verdade suficiente para confirmar a explicação espiritual à qual nos referimos, em vez da literal que eles esperam.

Os velhos céus e a velha terra estão evidentemente passando. Indicações são vistas desde a própria Reforma, e Swedenborg, com visão divina, previa a rutura das ordens atuais de religião e do reino espiritual que deveria substituir o tema; várias indicações dentro da igreja, a desintegração do poder papal, Roma resgatada das mãos da autoridade temporal do papa, o Vaticano não mais dominando a Europa católica romana; A Inglaterra protestante gradualmente perdendo seu domínio, no que diz respeito à Igreja, sobre os corações e mentes do povo, e os corpos dissidentes por maior unidade e força, misturando os corações do povo em uma adoração mais humana; o surgimento de diferentes formas de igreja ou de diferentes credos e denominações daqueles mais amplos e amplos Em sua interpretação e alcance do que os anteriores - todos indicam que os velhos céus estão passando e que a velha terra ou os antigos reinos de a terra está desaparecendo e retrocedendo sob a luz desse poder desintegrador.

"Eis que venho rapidamente", diz João em sua revelação, que significa Cristo, cujo poder culminou na terra há quase dois mil anos, que não virá

na forma literal, mas na forma espiritual, que agora está sendo sentida; e aqueles que passaram por grande tribulação, aqueles que são lavados no sangue do Cordeiro, (que é uma expressão figurativa), aqueles que são embranquecidos e limpos pelo sofrimento, que foram purificados por seu conhecimento e amor a verdade, que como mártires, videntes, santos, foi levada ao reino espiritual através de chamas terrenas, mas que conquistou a dor e o sofrimento pelo poder espiritual; aqueles que sofreram inly e não fizeram sinal, mas deram suas vidas à devoção da verdade - tudo isso, amadurecido no reino do espírito de Cristo, será reunido a ele como seus anjos.

A agitação na atmosfera espiritual é uma indicação tão certa da recorrência dos reinos espirituais quanto a agitação na atmosfera física prova o conflito de elementos externamente. Pelos mesmos sinais que o astrônomo pode prever um eclipse, ou a aproximação de um cometa, ou descobrir um novo planeta, pelos mesmos sinais que aparecem no mar ou no deserto, pelos quais o verdadeiro observador pode dizer a aproximação do tempestade, pela mesma indicação de que grandes eventos físicos são preditos em símbolos e portentosos portentosos ao longo do horizonte, de modo que o discernidor vê espiritualmente que em toda essa agitação da Igreja e do Estado, do credo e da seita, do governo e da disputa política, existe uma mistura gradual ou conflito de elementos espirituais, e que esse conflito indica o amadurecimento de uma colheita e o tempo de semente de outra.

Todas as grandes verdades científicas foram semeadas da mesma maneira, e você notará que aquelas filosofias que sobreviveram ao conflito das nações foram filosofias que foram semeadas nas ruínas ou na onda de filosofias que gradualmente culminaram em si mesmas, e dada sua colheita de pensamento ao mundo.

Confúcio Interpretando a religião do Oriente, Zoroastro deu aos persas os sinais pelos quais eles poderiam conhecer a vinda do Messias - e eles a conheciam - os reis assírios e pastores observando seus rebanhos e as estrelas à noite, prevendo símbolos espirituais, bem como material, o advento da vinda de Cristo. *Nas* montanhas da filosofia, Sócrates e Platão, com contemplação divina, viram a sombra do poderoso espírito que viria sobre a terra na solução de todos esses mistérios.

Pitágoras antes plantou as sementes de um sistema sutil que, de várias maneiras e formas, amadureceu para o reino do pensamento; e dentro da ciência eu mesmo que maravilhas foram feitas. A profecia e a descoberta de Galileu amadureceram em maravilhosos sistemas de verdade através de Herschel e Kepler, e todos os profetas da ciência. A liberdade de pensamento, amadurecendo sob o impulso vigoroso do que parecia ser infidelidade e ateísmo, culminou em uma forma de filosofia racionalista que supera o abismo dos séculos. Todas essas coisas, mas principalmente aquelas dentro da própria igreja, prometeram que, para a letra, deveria haver espírito; em vez de palha e pedras, deve haver pão; ao invés do exterior, deveria haver o banquete interior da alma, previsto por Lutero quando o grande mal da cabeça das górgonas em Roma foi atacado por ele com tanto vigor; isso foi previsto por aqueles que substituíram Lutero quando ainda os males que ele viu em Roma invadiram as igrejas do Ocidente. A mesma previsão e poder que levaram tais mentes para fora da igreja de Roma levaram as mesmas mentes para fora da igreja de St. Paul e Westminster, fora do credo do rei James, dos artigos que os uniam a uma única linha de fé, e abriu as avenidas da luz em uma forma espiritual.

Essas mesmas indicações que levaram os quacres, os puritanos, os shakers e várias denominações, ao mundo ocidental a adorar no santuário do pensamento livre, e seguir a luz do espírito, essas mesmas indicações que deram os símbolos de espiritualidade, poder e os dons espirituais, o dom de línguas, o dom da cura, a interpretação de línguas, o poder da profecia, discernimento de espíritos, todos os dons mencionados no advento da época Cristã, são discerníveis no mundo no momento presente. Não houve tal recorrência de dons espirituais em nenhum estágio intermediário da história do mundo.

Tal recorrência de dons espirituais ocorreu a cada *advento* de uma nova religião na Terra ou um alvorecer especial de um novo poder. Duas vezes, três vezes na nação hebraica, a chama pentecostal foi acesa; o dom de línguas e profecia veio No advento do processo, e foi distribuído por toda a linha de poetas e profetas hebraicos até a era cristã, e às vezes desde o advento da era cristã essas chamas, com uma profecia singular de poder mais poderoso surgiu e foi aceso; foram acesas algumas vezes no claustro da cela católica romana; às vezes se acenderam no próprio poder do debate que Lutero, Melanchthon e seus coadjutores possuíam para conhecer e combater os escolares da

Alemanha; foram acesos nos dons que interpretaram de várias maneiras eram conhecidos por John Wesley e seus seguidores; foram interpretados de várias maneiras por quacres, unitaristas, universalistas, diferentes denominações, até que toda classe de cristãos sabe que existe um sinal pelo qual a vinda espiritual do Senhor foi predita. A interpretação deles é que o próprio Cristo deve vir e reivindicar o seu, mas eles não fazem nenhuma disposição dos outros.

Todos os que restam, todos os que não são crescidos para o reino de Cristo, todos aqueles que têm discernimento espiritual, mas não são reconhecidos seguidores de Cristo - o que deve ser feito com eles? Quem se encarrega das almas que são deixadas fora do reino de Cristo? De que maneira eles comeram? Quem os sustenta? Quem os eleva? Nem todos podem pertencer ao reino de Cristo, pois todos não o conhecem e não o reconheceram. Toda classe de cristãos, exceto talvez o universalista e o unitário radical, torna-se restrita sob rigorosa análise. Toda classe de cristãos separa as almas que pertencem ao reino de Cristo, deixando as outras nas mãos de quem? Uma divindade infinita, ou um espírito finito de escuridão, que me permite dominar sobre elas. Almas cujas vidas são tão boas, cujo exemplo é tão elevado, cuja integridade moral é tão grande, que não viram porque não conheciam o sinal do espírito de Cristo: a quem essas almas pertencem?

O Universalista interpreta em grande parte o amor de Deus, e inclui, por algum tipo de processo misterioso não conhecido pelo crescimento do espírito, a salvação de todas as almas. Mais tarde, os cristãos progressistas deram ao universalismo uma oportunidade maior, e quase se apoiaram na filosofia espiritual para explicar a salvação gradual das almas em outro mundo. Assim, eles superaram a ordem evangélica de qualquer outra salvação ou qualquer outra condenação e superaram as trevas e o abismo do Hades com a luz de uma fé progressiva no mundo espiritual.

Mas t seu i s não suficiente. Se houver administrações da lei e governo do poder temporal; se o esplendor do sol lidera e governa os planetas que giram em torno dele; se a própria Terra mantém por uma lei de atração maravilhosa todos os átomos à sua superfície; se por outras leis ela pode impulsionar esses átomos para a formação de flores, árvores e arbustos, o tempo todo por essas leis sutis que mantêm as partes integrais em seu coração, então no reino espiritual anjos, domínios,

administrações e poderes por leis que são tão compreensíveis sustentam, governam, ensinam e influenciam as almas dos homens e de espíritos, e este reino de Cristo cumprindo literalmente a expressão e a forma preditas reivindicam suas próprias enquanto amadurecem a Ele; e gradualmente, você poderia contemplar as forças espirituais, não encontraria um conflito literal, mas um conflito de ideias e pensamentos em que aqueles que realmente nasceram para o reino espiritual de Cristo ressuscita de suas lutas, tendo vencido e conquistado a vida externa, e está pronto para ser reunido em seu reino espiritual, e em que os adoradores materiais, aqueles que estão amarrados a Roma, aqueles que estão amarrados aos credos protestantes, procure em vão o advento de sua vinda a seus reinos, e espere e observe porque eles não têm o verdadeiro espírito de Cristo em suas almas.

Em suas celas, eles watt Na escuridão do credo, e, obscurecidos, eles esperam, amarrados e amarrados pela escravidão externa do egoísmo e do orgulho - essas almas esperam em vão; mas as almas que não esperam em vão são as que se levantaram da Igreja e do Estado, de fora dos muros dos credos e de dentro dos muros do convento ou da cela solitária para o triunfo e vitória sobre o eu individual que Cristo ensinou, e estes constituirão os anjos que pertencem ao seu reino. Diz-se que cento e quarenta e quatro mil dos filhos de Israel e cento e quarenta e quatro mil de cada uma das nações da terra que conheceram a Cristo - estes serão absorvidos em seu reino espiritual, enquanto o o anjo que está por vir se encarregará da próxima época de poder espiritual na terra.

A obra de Cristo, dizemos, está quase realizada. Não que seja perdido ou acabado, mas que a força especial e a presciência dessa administração única do poder angélico se aproximam dos sinais e fichas que indicamos da presciência especial de outro anjo cuja dinastia começará aproximadamente. Período messiânico, a saber, cerca de 2.200 anos após o advento de Cristo. Já vemos os sinais aqui - o vidente sueco (Swedenborg), o vidente de Poughkeepsie (Andrew J. Davis), os diversos ministros de espíritos conhecidos no Espiritualismo Moderno, a indicação de uma massa de vida espiritual se aproximando da Terra e agitando as águas que haviam ficado estagnadas e adormecidas.

O despertar de novos germes de poder espiritual, não simplesmente através de Cristo e Moisés, mas através do espírito subjacente, que dá a todo coração um sinal e a toda alma um sinal de Sua presença; não

apenas isso, mas as linhas diretas de ministração dadas por várias médiuns espirituais, todas governadas e dirigidas pelas esferas correspondentes. Na vida espiritual, a esfera da cura, a esfera da harmonização das várias filosofias da terra, a esfera pela qual os diferentes credos e tecnicismos e formalidades são fundidas entre si e explicadas; o próprio poder que está vindo sobre as nações da terra. Cristo disse: “Eu não vim trazer paz, mas uma espada.” E isso foi cumprido - nação contra nação, irmão contra irmão, credo contra credo e igreja contra igreja, apenas o espírito de Cristo sobrevivendo.

O Consolador, o Contador da Verdade, traz o espírito de *paz* - paz para as nações da terra, onde todas as formas de guerra serão impossíveis por essa razão, julgamento, calma e poder que estou chegando ao homem - arbitragem em que está - não é possível que a mente humana tenha dificuldade que não é possível para a mente humana resolver; as nações da terra, reunidas não em campos de batalha sangrentos, para resolver os problemas do governo pela força, mas nas sedes da convenção e do congresso, nos quais América, Inglaterra, França, Rússia - toda a Europa moderna estará representada - o Oriente, Turquia, todas essas nações mortas que despertam do passado para fora do sono. Em resposta à presença do novo anjo que está chegando, que não despertaria para a voz de Cristo, mas despertaria para outra voz que pode resolver os problemas da verdadeira religião.

A China, morta há séculos, desperta de seu sono e encontra as nações do Ocidente; O Japão, antigo em arte e aprendizado, revive suas memórias históricas e maravilhosos poderes da fé Bramânica. Buda aperta as mãos nas sepulturas que o cristianismo e o maometismo fizeram e cumprimenta o mundo ocidental com um novo império, não de guerra, mas de paz.

Sim, chegará um tempo, no advento do novo anjo, cujo nome é Harmonia, em que cada nação se cumprimentará em união fraterna; quando as melhores e mais nobres mentes de todos os governos do mundo se reunirem Em solene convocação e dispor de todos os esforços fracos e mesquinhos, quando a injustiça for pirataria e assalto a rodovia de guerra. Como as nações da cristandade fizeram a pirataria da escravidão, a guerra será considerada pirataria, e ele será considerado um salteador de estradas, que, seja papa, rei ou governante, será o primeiro a declarar guerra contra uma nação por qualquer causa.

É isso que as indicações indicam, e a linha de sucessão que chama esse anjo para a terra é tão conhecida e absolutamente predita como foi o advento de Chris na casa de Davi. Não há mistério. Gradualmente, o mundo está sendo preparado. Existem mentes típicas na Terra hoje. Há homens e mulheres que representam suficientemente o advento do espírito da harmonia. Há pelo menos aqueles que podem permanecer como profetas para a chegada da agora dispensação. Você ouviu as vozes deles.

Eles lhe deram as filosofias que o levaram ao seu ponto de vista atual; eles têm professores e instrumentos do mundo espiritual. Seus ensinamentos deram as sementes dessa nova semeadura que gradualmente amadurece até a colheita. E chegará o tempo em que alguma mente orientadora, algum poder escolhido, algum homem e mulher típico daquela condição de anjo perfeito permanecerão no meio das mentes da terra e ensinarão como Cristo ensinou somente seus discípulos no mar da Galileia. O salvador do mundo cristão é homem.

O salvador do mundo, sob o Anjo da Harmonia, é homem e mulher, o tipo aperfeiçoado da raça humana aqui abaixo, que culmina na vida, na devoção, no conhecimento, na sabedoria: e o Anjo da Harmonia virá e permaneçam com os homens, e seus pés serão guiados e seus caminhos serão direcionados, e a voz que anuncia esta vinda fala o advento de um espírito que não é *ele* nem *ela,* mas ambos, assim como os anjos, que tipifica o homem e a mulher estará no novo passado que está chegando.

Poucos séculos tem o mundo para esperar. Com expectativa, os poetas previram isso e, em maravilhosa visão, previram a idade de ouro da terra. Com o anseio profético, os mestres da religião apontaram o tempo que deveria chegar, e com esse anseio profético espera toda alma que o Espírito de Harmonia desça e permaneça ali, tornando todo espírito humano o templo e toda vida humana a expressão de sua poder.

Longe, no céu, um exército, liderado pelo Filho do Homem, cujo sinal é a cruz, está retrocedendo. Outros anfitriões em períodos mais remotos faleceram além da atmosfera dos horizontes espirituais da Terra. Aquele sinal - essa cruz desaparece. Não há mais desembainhamento da espada, nem mais chama, tortura ou martírio; não há mais nações em

guerra com nações em nome de Cristo, a mentira chama de sua. Longe, em direção a outra parte do céu espiritual, a luz suave e radiante de outro planeta é vista espiritualmente. Suas ondas que se aproximam se misturam em tons e cores mais puras com as ondas de Cristo que ainda estão na Terra, às vezes colidindo, mas com mais frequência resolvendo-as e seus mistérios e angularidades - ondas de luz que Nas cores do arco-íris iluminam tudo o que parece sombrio e escuro, e prepare as mentes da terra por fracos raios dessa harmonia celestial que está por vir.

Oh, alma serena e perfeita! oh, luz das esferas planetárias, se aproximando e se aproximando ainda Eu seja a tua presença prenúncia sentida; Sede estas mentes iluminadas pela tua presença até que cessem os conflitos, as discórdias e as perturbações, e o mundo anunciará a vinda da nova manhã de paz. Esta é a nossa visão do próximo Messias.

O SUCESSOR DE CRISTO: A SUA MISSÃO NA TERRA, E O TEMPO E O MODO DE MANIFESTAR A SUA PRESENÇA À HUMANIDADE.

Uma palestra de Mrs. C. L. V. Richmond, proferida em Chicago, Illinois [Reportado especialmente para o Banner of Light.]

Já indicámos, em discursos anteriores, a crença existente entre os antigos num verdadeiro período messiânico, uma recorrência do tempo em que os Messias viriam à Terra. Acreditamos que toda a história confirma a afirmação de que, entre as várias nações do mundo, o Messias, sob diferentes nomes e títulos, apareceu à humanidade. Referimo-nos a Buda, no Oriente, cujas três diferentes aparições confirmam a afirmação de uma recorrência do período messiânico. Referimo-nos a Zerdusht, ou Zaratustra, também no Oriente, como um dos mensageiros, senão um verdadeiro Messias para o povo; bem como a Crishna e outros. Referimo-nos a várias épocas entre os Hebreus em que, depois de Moisés, os indícios de profetas e videntes anunciavam o advento de um novo Rei, que iria usurpar todos os poderes de outros reis e governar sobre eles.

Que esta profecia, sem dúvida, apontava para o reino espiritual em vez do reino temporal, e que o advento de Cristo foi o cumprimento da

profecia, embora não tenha sido reconhecido pelos próprios Hebreus; que Buda no Oriente, Zerdusht ou Zaratustra e, de facto, remontando até Cadmo e ao Adão original das raças da Terra, foram mensageiros divinos; que, quando o mundo estiver concluído, e toda a perfeição possível atingida segundo os graus atuais da matéria, se verificará que existe uma sucessão regular de épocas espirituais, assim como houve sucessões regulares de épocas materiais na Terra; que uma escala gradual de desenvolvimento espiritual não está em desarmonia com as leis do Infinito, tal como uma escala gradual de desenvolvimento físico, e que a formação de uma atmosfera espiritual para dar lugar a almas mais elevadas na Terra não é uma suposição mais improvável do que a formação de estratos externos, em que, por graduações regulares, formas superiores de vida física podem aparecer sobre a Terra.

Isto seria por si só uma explicação suficiente, mas há mais do que isso. Antes do advento da época cristã, por entre todos os impulsos hebraicos em busca de poder e esplendor materiais, havia indícios, sinais, símbolos e testemunhos da aproximação de um espírito superior à Terra. Ele era conhecido na antiga linguagem como pertencente à sucessão regular da ordem de Melquisedec, que, como se recordam, afirmámos num discurso anterior que devia referir-se à ordem espiritual essencial, ou ao que é chamado nominalmente de verdadeira sucessão apostólica, mas que tem sido deturpada do reino espiritual para o material por historiadores e teólogos.

Que esta ordem se referia àquelas almas que, em sucessão regular, quer como profetas, mensageiros ou messias, vinham à Terra para cumprir missões especiais; que este período foi inaugurado por certos sinais e símbolos espirituais, a dissolução de velhas e estabelecidas formas de fé, a excitação e visitação do espírito, como no dia de Pentecostes, a descida sobre certas linhas da casa de David de poderes espirituais especiais, o que, interpretado, não significa a casa literal de David, mas a casa do reino espiritual de David, que tinha um significado regular na antiga interpretação do nome; tal como David encantou o Rei Saul ao ponto de este esquecer as suas mágoas e o afastou da grande turbulência e rebelião do seu espírito, assim o reino de David, ao estabelecer a sucessão regular da harmonia espiritual, trouxe à Terra o Messias na forma de Cristo.

Estas interpretações exigem conhecimento espiritual e não apenas literal. Pertencem a uma classe de factos e a um período de acontecimentos que devem ser interpretados com significado espiritual e tendo em consideração as leis que são tão fáceis de estudar como as leis que regem o firmamento estrelado.
Afirmámos que os antigos consideravam o milénio como uma época de mil anos, mas não os mil anos do vosso calendário. É estimado de várias formas entre dois mil e dois mil e quinhentos anos.

Acreditamos que o período exato seja de cerca de dois mil e duzentos anos, na recorrência dos Messias do Oriente. Consideramos que este período se refere ao surgimento gradual, culminação e declínio de certos estados espirituais na Terra; e que, assim como as nações têm o seu nascimento, ascensão, culminação e queda, também as ondas espirituais de pensamento, trazidas por inteligências espirituais, têm o seu advento em forma exata sobre a Terra, ascendem ao auge do seu poder e declinam para dar lugar a outras ondas de pensamento que as substituem.

A era cristã em si não tem sido uma sucessão de ministração angélica, mas sim de culminações sucessivas na Terra. Recordar-se-ão de que, no advento do cristianismo, enquanto Roma se tornava o poder e a rainha do mundo, o seu império foi gradualmente esmorecendo à medida que o cristianismo avançava e o poder espiritual parecia tomar o lugar do material. Recordar-se-ão também de que, no auge do poder de Roma, quando Igreja e Estado estavam unidos, gradualmente o material se foi desintegrando e o espiritual tomou o seu lugar por toda a Europa Ocidental. Supõe-se que, por volta do ano cinquenta e dois da nossa era, o próprio Paulo introduziu o cristianismo na Bretanha. Isto não está confirmado, mas supõe-se que assim seja, e este facto, a transferência da época cristã de Roma para Inglaterra, foi uma profecia da própria Reforma.

Roma tornou-se, então, sujeita ao poder temporal e, portanto, não pôde, após os primeiros trezentos ou quatrocentos anos, reter a supremacia espiritual. Então o advento foi prenunciado, como dizemos, na Europa Ocidental; mas entretanto chegou o que se conhece como a Idade das Trevas. Os povos do norte invadiram; a civilização foi suprimida e as artes e ciências destruídas. Mas isso deu lugar, como afirmamos, à desintegração desses elementos que, finalmente, causaram a

transferência da sede do império espiritual para as costas ocidentais da Europa.

Esta vaga da religião cristã, tendo o seu nascimento na Palestina, o seu primeiro advento em Jerusalém, culminando em Roma, atingindo o auge da sua decadência na Grã-Bretanha, varrendo o continente e trazendo para a sua supremacia as almas que dominaram a maior parte da civilização nos últimos dois mil anos, espalhou finalmente as suas forças, sem poder temporal, sem força material, sem nada do que o homem geralmente considera como a edificação de uma dinastia, não em Igreja e Estado organizados, mas nas almas dos homens, enquanto Igreja e Estado, desmoronando-se e desvanecendo, deixam apenas ruínas e monumentos; o espiritual deixa a colheita do reino de Cristo. Se alguma coisa pudesse estar mais de acordo com a hipótese que alguém avança do que outra, é a promessa do próprio Jesus, que, tomada literalmente pelos seus seguidores e discípulos, supunha-se significar que Ele regressaria dentro de um curto período de tempo. João, na Ilha de Patmos, pode ter tido tal ideia, mas a sua profecia previa claramente outro advento noutra época da história da Terra, e aquele maravilhoso apocalipse refere-se, sem dúvida, aos vastos períodos de tempo que interviriam antes que o espírito essencial prometido por Jesus o seguisse no mundo e, como Consolador, revelasse o Messias que estava para vir.

O Espírito da Verdade foi prometido, o Consolador; e na linguagem direta de Cristo, Ele prevê que é necessário afastar-se, pois, caso contrário, o Consolador não poderá vir. Ele não define esse Consolador como sendo Ele próprio, mas sim como sendo o espírito da verdade e, nas suas palavras, que são concisas, embora breves, há uma clara indicação de uma recorrência do poder espiritual noutra forma e personalidade. Entre todas as classes de cristãos, a segunda vinda de Cristo tem sido esperada, e há aqueles, especialmente os Adventistas e outros, que acreditam nesse regresso literal, e que fixaram vários períodos distintos para esse advento, preparando-se para uma tradução literal ao reino de Cristo.

Infelizmente para si próprios, interpretaram mal a palavra — tomaram-na literalmente em vez de espiritualmente — e esperaram o desaparecimento da terra e dos céus físicos em vez da terra e céus espirituais prefigurados pela profecia. Da mesma forma, os cristãos evangélicos interpretaram mal o dia do juízo e várias referências à

dissolução da terra e ao regresso de Cristo para reivindicar os seus. Da mesma forma, interpretaram literalmente, em vez de espiritualmente, a vinda de Cristo à terra para estabelecer aqui um reino literal, o que é a crença de algumas correntes cristãs, que supõem que os ímpios desaparecerão da terra, deixando-a para a herança dos justos, esperando num curto espaço de tempo que Cristo venha aqui e reine com eles na terra como seu Rei. Todas estas ideias, contudo, são indícios da realidade, e há nelas verdade suficiente para confirmar a explicação espiritual a que nos referimos, em vez daquela explicação literal que eles esperam.

Os antigos céus e a antiga terra estão evidentemente a desaparecer. Desde a própria Reforma, têm-se visto indícios disso, e Swedenborg, com visão divina, previu a desagregação das ordens religiosas então existentes e o reino espiritual que as viria a substituir; vários indícios dentro da própria igreja, a desintegração do poder papal, Roma libertada das mãos do poder temporal do Papa, o Vaticano já não detendo o domínio sobre a Europa católica romana; a Inglaterra protestante a perder gradualmente, no que à Igreja diz respeito, a influência sobre os corações e mentes do povo, e os corpos dissidentes, pela sua maior unidade e força, a unir os corações das pessoas numa adoração mais humana; o surgimento, a partir de diferentes formas de igreja ou de diferentes credos e denominações, daqueles de interpretação e âmbito mais amplo e alargado do que os anteriores — tudo isto indica que os antigos céus estão a passar e que a velha terra, ou os antigos reinos da terra, estão a desvanecer e a recuar sob a luz deste poder desintegrador.

“Eis que venho em breve”, diz João na sua revelação, referindo-se a Cristo, cujo poder culminou na terra há quase dois mil anos e que deverá vir não em forma literal, mas em forma espiritual, que já se faz sentir; e aqueles que passaram por grande tribulação, os que foram lavados no sangue do Cordeiro (que é uma expressão figurativa), os que se tornaram brancos e puros pelo sofrimento, que foram purificados pelo seu conhecimento e pelo seu amor à verdade, que como mártires, videntes, santos, foram conduzidos ao reino espiritual através das chamas terrenas, mas que venceram a dor e o sofrimento pelo poder espiritual; aqueles que sofreram interiormente e não deram sinal, mas dedicaram as suas vidas à verdade — todos estes, amadurecidos para o reino do espírito de Cristo, serão reunidos a ele como seus anjos.

A agitação na atmosfera espiritual é tão clara indicação da recorrência dos reinos espirituais como a agitação na atmosfera física prenuncia o conflito dos elementos externos. Pelos mesmos sinais com que o astrónomo pode prever um eclipse, ou a aproximação de um cometa, ou descobrir um novo planeta, pelos mesmos sinais que surgem no mar ou no deserto, pelos quais o verdadeiro observador consegue antecipar a chegada de uma tempestade, pelos mesmos indícios com que grandes acontecimentos físicos são anunciados por sinais e símbolos no horizonte, assim também o observador espiritual percebe que, em toda esta agitação de Igreja e Estado, de credo e seita, de governo e de contenda política, há uma gradual mistura ou conflito de elementos espirituais, e que esse conflito prenuncia a maturação de uma colheita e o tempo de sementeira de outra.

Todas as grandes verdades científicas foram semeadas da mesma forma, e notar-se-á que as filosofias que sobreviveram ao conflito das nações foram aquelas semeadas nas ruínas ou na vaga em recuo de filosofias anteriores, culminando gradualmente nelas mesmas e dando a sua colheita de pensamento ao mundo. Amadurecendo sob o vigoroso impulso do que parecia ser incredulidade e ateísmo, culminaram numa forma de filosofia racionalista que faz a ponte sobre o abismo dos séculos. Todas estas coisas, mas principalmente aquelas dentro da própria igreja, deram esperança de que à letra sucederia o espírito; em vez de palha e pedras, haveria pão; em vez do exterior, haveria o festim interior da alma, que foi previsto por Lutero quando atacou tão vigorosamente o grande mal de Roma; tal foi previsto por aqueles que sucederam a Lutero quando ainda assim os males que ele viu em Roma se infiltraram nas igrejas do Ocidente.

Essa mesma predição e poder que levou tais mentes a sair da igreja de Roma levaram-nas também a sair da igreja de S. Paulo e de Westminster, a abandonar o credo do Rei Jaime, os artigos que os prendiam a uma linha única de fé, e abriram os caminhos da luz em forma espiritual. Esses mesmos sinais que conduziram os Quacres, os Puritanos, os Shakers e várias denominações ao mundo ocidental para adorarem no altar do pensamento livre e seguirem a luz do espírito, esses mesmos sinais que deram os indícios de poder e dons espirituais, o dom de línguas, o dom de cura, a interpretação de línguas, o poder da profecia, o discernimento de espíritos, todos os dons mencionados no advento da era cristã, são discerníveis no mundo atualmente. Não houve

tal reaparecimento de dons espirituais em nenhum outro período intermédio da história do mundo.

Uma tal recorrência de dons espirituais verificou-se a cada advento de uma nova religião na terra ou ao nascer de um novo poder especial. Duas ou três vezes, na nação hebraica, a chama pentecostal foi acesa; o dom de línguas e profecia apareceu no advento do processo e foi distribuído por toda a linha dos poetas e profetas hebraicos até à era cristã, e, em momentos desde o advento da era cristã, essas chamas, com profecia singular de um poder mais forte, ressurgiram e foram acesas; por vezes acesas nos claustros das celas católicas romanas; por vezes acesas no próprio poder do debate que Lutero, Melâncton e os seus colaboradores possuíam para enfrentar e combater os escolásticos da Alemanha; acesas nos dons que, interpretados de diferentes formas, eram conhecidos por John Wesley e os seus seguidores; interpretados de várias maneiras por Quacres, Unitários, Universalistas, diferentes denominações, até que por fim toda a classe de cristãos reconhece que há um sinal pelo qual a vinda espiritual do Senhor foi profetizada.

A sua interpretação é que o próprio Cristo virá reclamar os seus, mas nada dispõem quanto aos outros. Todos os que ficam de fora, todos os que não amadureceram para o reino de Cristo, todos os que têm visão espiritual mas não são reconhecidos como seguidores de Cristo — o que fazer com eles? Quem cuida das almas que ficam fora do reino de Cristo? De que modo serão alimentadas? Quem as sustenta? Quem as eleva? Nem todos podem pertencer ao reino de Cristo, pois nem todos o conhecem nem o reconheceram.

Todas as classes de cristãos, salvo talvez o Universalista e o Unitário radical, tornam-se estreitas sob uma análise rigorosa. Cada classe de cristãos separa as almas que pertencem ao reino de Cristo, deixando as outras em que mãos? De uma deidade infinita, ou de um espírito infinito de trevas, que tem permissão para reinar sobre elas? Almas cujas vidas são tão boas, cujo exemplo é tão elevado, cuja integridade moral é tão grande, que não viram porque não reconheceram o sinal do espírito de Cristo: a quem pertencem estas almas?

O Universalista interpreta largamente o amor de Deus, e inclui, por algum processo misterioso não conhecido do crescimento do espírito, a salvação de todas as almas. Mais tarde, os cristãos progressistas deram

ao Universalismo um âmbito ainda maior, e quase tocaram ou se aproximaram da filosofia espiritual para explicar a salvação gradual das almas noutro mundo. Assim, superaram a ordem evangélica de qualquer outra salvação ou condenação, e transpuseram a escuridão e o abismo do Hades com a luz de uma fé progressiva no mundo espiritual.

Mas isto não é suficiente. Se há administrações de lei e governo de poder temporal; se o esplendor do sol conduz e governa os planetas que giram à sua volta; se a própria terra, por uma lei de maravilhosa atração, mantém todos os átomos presos à sua superfície; se por outras leis pode impelir esses átomos à formação de flores, árvores e arbustos, sempre retendo, por essas leis subtis, as partes integrantes junto ao seu próprio coração, então, no reino espiritual, anjos, dominações, administrações e poderes, por leis igualmente compreensíveis, mantêm, governam, ensinam e influenciam as almas dos homens e dos espíritos; e este reino de Cristo, cumprindo literalmente a expressão e forma profetizadas, reclama os seus à medida que estes amadurecem para ele.

E gradualmente, se pudésseis ver as forças espirituais, não veríeis um conflito literal, mas sim um conflito de ideias e pensamentos, em que aqueles verdadeiramente nascidos para o reino espiritual de Cristo erguem-se das suas lutas, tendo vencido e conquistado a vida exterior, e estão prontos para serem reunidos ao seu reino espiritual; enquanto os adoradores materiais, aqueles presos a Roma, aqueles presos a credos protestantes, procuram em vão o advento da sua vinda nos seus reinos, e esperam e vigiam porque não têm o verdadeiro espírito de Cristo nas suas almas.

Nas suas celas prisionais, esperam na escuridão do credo e, obscurecidos, esperam, presos e acorrentados pela escravidão exterior do egoísmo e do orgulho — estas almas esperam em vão; mas as almas que não esperam em vão são aquelas que se elevaram acima da Igreja e do Estado, de fora das muralhas dos credos e de dentro das muralhas do convento ou da cela solitária, para a vitória sobre o eu individual que Cristo ensinou, e estas formarão os anjos que pertencem ao seu reino. Dizia-se que cento e quarenta e quatro mil dos filhos de Israel, e cento e quarenta e quatro mil de cada nação da terra que conheceu Cristo, serão absorvidos no seu reino espiritual, enquanto o anjo que há de vir assumirá o comando da próxima época de poder espiritual na terra.

Dizemos que a obra de Cristo está quase cumprida. Não que se perca ou termine, mas que a força e presença especial dessa administração única de poder angélico se aproxima do fim pelos sinais e indícios que temos apontado, pela presença especial de outro anjo cuja dinastia começará aproximadamente no período messiânico, ou seja, cerca de dois mil e duzentos anos após o advento de Cristo. Vemos já aqui os sinais — o vidente sueco, o vidente de Poughkeepsie, as várias ministrações de espíritos conhecidas no Espiritualismo Moderno, a indicação de uma massa de vida espiritual a aproximar-se da terra e a agitar as águas que tinham ficado estagnadas e adormecidas; o despertar de novos germes de poder espiritual, não apenas através de Cristo e Moisés, mas através do espírito subjacente, que dá a cada coração um sinal e a cada alma um indício da sua presença; não só isto, mas as linhas diretas de ministração transmitidas por vários médiuns espirituais, todas governadas e dirigidas por esferas correspondentes na vida espiritual — a esfera da cura, a esfera da harmonização das várias filosofias da terra, a esfera onde diferentes credos, tecnicalidades e formalidades se fundem e se explicam mutuamente; o próprio poder que está a vir sobre as nações da terra.

Cristo disse: “Não vim trazer a paz, mas a espada.” E isso cumpriu-se — nação contra nação, irmão contra irmão, credo contra credo, e igreja contra igreja, sobrevivendo apenas o espírito de Cristo. O Consolador, o Portador da Verdade, traz o espírito de paz — uma paz para as nações da terra, onde todas as formas de guerra se tornarão impossíveis graças à razão, ao julgamento, à calma e ao poder que estão a vir para a arbitragem, onde não será possível à mente humana ter qualquer dificuldade que não consiga resolver; as nações da terra encontrar-se-ão, não em sangrentos campos de batalha para resolver os problemas de governo pela força, mas nas salas de convenção e congresso, onde América, Inglaterra, França, Rússia — toda a Europa moderna estará representada — o Oriente, a Turquia, todas essas nações mortas que despertam do passado e do seu sono, em resposta à presença do novo anjo que se aproxima, que não despertariam para a voz de Cristo, mas despertam para outra voz capaz de resolver os problemas da verdadeira religião.

A China, adormecida há séculos, acorda do seu sono e encontra as nações do Ocidente. O Japão, antigo nas artes e saber, revive as suas memórias e maravilhosos poderes de fé bramânica; Buda dá as mãos

sobre as sepulturas que o Cristianismo e o Maometismo cavaram, e saúda o mundo ocidental com um novo império, não de guerra, mas de paz.

Sim, virá um tempo, no advento do novo anjo cujo nome é Harmonia, em que cada nação cumprimentará as outras nações em união fraternal; quando as melhores e mais nobres mentes de cada governo do mundo se reunirão em solene assembleia e eliminarão todas as contendas fracas e mesquinhas, quando a injustiça será considerada pirataria e a guerra será roubo nas estradas. Tal como as nações da Cristandade fizeram da escravatura pirataria, assim também a guerra será considerada pirataria, e será tido por salteador aquele que, seja papa, rei ou governante, for o primeiro a declarar guerra contra uma nação por qualquer razão.
É isto que os indícios pressagiam, e a linha de sucessão que convoca este anjo à terra é tão distintamente conhecida e absolutamente profetizada como foi o advento de Cristo à casa de David. Não há mistério.

Gradualmente o mundo está a ser preparado. Há mentes típicas na terra hoje. Há homens e mulheres que representam suficientemente o advento do espírito da Harmonia. Há pelo menos quem possa ser profeta da chegada da nova dispensação. Ouviste as suas vozes; deram-vos as filosofias que vos trouxeram até ao vosso ponto de vista atual. Foram mestres e instrumentos do mundo espiritual.

Os seus ensinamentos lançaram as sementes dessa nova sementeira que está gradualmente a amadurecer para a colheita. E virá um tempo em que alguma mente orientadora, algum poder escolhido, algum homem e mulher típicos desse anjo perfeito, estarão no meio das mentes da terra e ensinarão como Cristo ensinou os seus discípulos junto ao mar da Galileia. O salvador do mundo cristão é o homem. O salvador do mundo, sob o Anjo da Harmonia, é o homem e a mulher, o tipo perfeito da raça humana aqui em baixo, culminando em vida, em devoção, em conhecimento, em sabedoria; e o Anjo da Harmonia virá e habitará entre os homens, os seus passos serão guiados e os seus caminhos orientados, e a voz que anuncia esta vinda proclama o advento de um espírito que não é ele nem ela, mas ambos, tal como os anjos são, o que simboliza o que o homem e a mulher serão na nova era que se aproxima.

Não serão muitos séculos de espera para o mundo. Com ânsia expectante, poetas já anteviram isto e, em visões maravilhosas, predisseram a idade de ouro da terra. Com anseio profético, os mestres da religião têm apontado para o tempo que há-de vir, e com esse mesmo anseio profético cada alma espera que esse Espírito de Harmonia desça e habite no seu interior, fazendo de cada espírito humano o templo e de cada vida humana a expressão do seu poder.

Longe, nos céus, uma hoste liderada pelo Filho do Homem, cujo símbolo é a cruz, está a afastar-se. Outras hostes, em épocas ainda mais remotas, já passaram para além do horizonte espiritual da terra. Esse sinal — essa cruz — desaparece. Nunca mais a espada é desembainhada, nunca mais a chama, a tortura ou o martírio aterrorizam; nunca mais as nações guerreiam em nome de Cristo. Ele chama os seus. Para outra região dos céus espirituais, avista-se a luz suave e brilhante de outro planeta, espiritualmente falando.

As suas ondas de aproximação misturam-se em tons e cores puríssimas com as ondas crísticas que ainda permanecem na terra, por vezes chocando, mas mais frequentemente resolvendo-as e dissolvendo os seus mistérios e arestas — ondas de luz que, em tons de arco-íris, iluminam tudo o que parece sombrio e obscuro, preparando as mentes da terra com os primeiros raios daquela harmonia celeste que há de vir.

Ó alma serena e perfeita! Ó luz das esferas planetárias, que te aproximas sempre mais! Que a tua presença prenunciada seja sentida! Que estas mentes sejam iluminadas pela tua presença até que cessem a discórdia, o conflito e a perturbação, e o mundo anuncie a chegada de uma nova aurora de paz. Esta é a nossa visão do próximo Messias.

CLARIVOLÊNCIA, OU PENSAMENTO CLARO

Palestras proferidas por Mrs. Cora L. V. Daniels no Music Hall, Boston, Massachusetts, Janeiro de 1869

Na tarde de domingo, 17 de Janeiro, reuniu-se uma audiência muito numerosa para ouvir um discurso da Sra. Daniels sobre o tema acima, que foi também o tema das duas palestras seguintes. Abaixo apresentamos um relatório sinóptico dos três discursos. A oradora começou por dizer:

O tema sobre o qual assenta a nossa palestra pode ser melhor expresso por uma palavra que não é inglesa, pois não existe no nosso idioma uma palavra que expresse com tanta clareza a ideia a ser representada, uma ideia que é o epítome da ciência espiritual dos nossos dias. Ninguém poderá dizer que hoje não existe uma ciência espiritual. A investigação culminou num facto tão perfeito nos seus métodos de prova, tão divino na sua origem, como a astronomia, a química, ou qualquer das ciências físicas. Esta palavra — Clarivolência — significa literalmente pensamento ou vontade clara, e dela deriva a nossa palavra inglesa “volition” (vontade). Se a mente é, de facto, a fonte do ser, da vida animal, da existência espiritual, então aquilo que está ligado à mente é de suprema importância.

A palestrante afirmou então que existe uma grande carência de pensamento claro, no que respeita ao sistema de filosofia mental, embora as teorias de metafísicos alemães e de céticos e infiéis franceses tenham surpreendido o mundo pela sua ousadia. Mas hoje começamos pelo princípio, exatamente onde os homens de arte e ciência deveriam ter começado há muito tempo. Não nos propomos discutir, nesta palestra, a questão do espírito — se os espíritos podem ou comunicam.

As provas foram apresentadas ao mundo nos últimos vinte anos, e afirmamos que estão tão claramente estabelecidas que não insultaremos a vossa razão tentando uma demonstração. Seria como se os astrónomos de hoje sentissem necessidade de provar a veracidade do sistema copernicano, ou o geólogo considerasse necessário fundamentar a existência da terra.

Mas afirmamos que o Espiritualismo é uma ciência, e que dela pode ser deduzido um sistema absoluto de filosofia mental, tão apto a ser ensinado e compreendido como a química ou a geologia. E também afirmamos que aqueles que a estudaram deveriam receber crédito na medida da sua investigação; ao passo que não se deve dar peso às afirmações de impostores e charlatães. Como ciência, o Espiritualismo não pode ser negado. O segredo do seu sucesso, os métodos da sua operação, os vastos recursos que são aplicados sobre ele, são tão amplos quanto o campo da existência e experiência humana.

A necessidade de pensamento claro em cada departamento da ciência mental pode ser observada ao referirmo-nos aos acontecimentos do quotidiano, onde, em nove casos em cada dez, as diferenças que

surgem entre indivíduos resultam não tanto de falta de expressão clara do pensamento, mas de falta de pensamento claro sobre o assunto a tratar. A perfeição material é representada na palavra clareza. Compreendemos os processos da Natureza pelos quais substâncias mais densas se transformam em cristais; o diamante cintila na mina e os minérios brilhantes acumulam-se no seio da terra laboriosa.

Compreendemos, através da química, por que processos subtis os elementos inferiores da Natureza podem ser tornados belos e perfeitos. O fotógrafo entende como é essencial que a luz branca e pura seja capturada na sua arte. E aqueles que percorreram o caminho sinuoso e misterioso até ao segredo da verdade espiritual podem testemunhar — e o seu testemunho deve ser aceite — que ela assenta numa base ajustada à conceção de todas as mentes, simples como os elementos da aritmética, e plenamente dentro do alcance da experiência prática e da razão mental legítima.

O Espiritualismo surge a meio caminho entre a teologia do passado e a ciência do presente, como uma base firme de ciência espiritual, defensor de um novo método de pensamento e, consequentemente, num mundo onde já existe pensamento, deve ser tão capaz de demonstração, para ser aceite, como a ciência da luz, do calor, do som, ou qualquer dos efeitos aparentemente misteriosos que nos rodeiam. O magnetismo e a clarividência são apenas manifestações de uma ciência geral e primitiva — uma evolução distinta da mente, ela própria capaz de ser compreendida.

Todos sabemos que, para tornar uma comunicação valiosa, é essencial que haja, em primeiro lugar, um pensamento; depois, que as palavras sejam adequadas à sua expressão — tão claras quanto o próprio pensamento. Assim como o vidro transmite o raio de luz de acordo com a sua clareza, e por isso nem sempre oferece toda a luz possível, assim acontece com as formas de expressão humana. Ao considerar que as palavras e os vários meios de comunicação do pensamento humano não podem ser tão claros como o cristal do pensamento, devemos também ter em conta essas imperfeições quando procuramos compreender a verdade espiritual.

O convívio e a comunicação humanos terão de se tornar perfeitos antes que a intercomunicação espiritual o possa ser; não apenas mais perfeitos nos gestos ou nos períodos polidos da oratória, não apenas pensando

segundo o método ordinário de pensamento, mas um método melhor, uma forma mais clara de possuir uma ideia. Em noventa e nove casos em cada cem em que trocais expressões com outro indivíduo, este irá mal-entender-vos. Uma ordem dada a um criado resulta frequentemente em pedidos de repetição ou em incumprimento correto. O mesmo se passa na comunicação entre os membros de uma família; não compreendem ou interpretam de modo diferente do pretendido por quem comunica.

Os problemas que existem na sociedade resultam desta falta de expressão clara e de pensamento claro. Quantos processos judiciais e discussões poderiam ser evitados se cada pessoa pensasse antes de expressar uma ideia, e se esforçasse por vesti-la de palavras que a exprimissem claramente. Muito trabalho também se evitaria se isso fizesse parte da instrução das crianças nas escolas, e noutros contextos — se fossem ensinadas a sentir e a pensar corretamente, tal como são ensinadas a não mentir ou roubar. A Regra de Ouro é suposta ser o epítome de toda a bondade, mas há outra, nascida numa nação pagã, que é superior: “Sente em relação a todos os homens como desejarias que sentissem em relação a ti.” Fazer não cobre todo o âmbito. Podemos cumprir a letra e, ainda assim, negligenciar o espírito.

Mais: é sabido pelos estudantes da Clarividência e do Magnetismo que o grande poder motor é a vontade, ou logos, que é traduzido no livro de João pela palavra: “No princípio era o Verbo (logos), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”; significando um poder voluntário e ativo que toma posse de todos os átomos inertes e passivos, moldando-os em formas. É este logos, este poder voluntário, que atua sobre as formas da natureza; é este poder que eleva a alma humana acima de todos os padrões inferiores de estrutura orgânica, tornando-a uma força ativa no mundo.

É este poder sobre as existências passivas que faz os grandes homens grandes, ou os pequenos homens pequenos. Todos os estadistas, oradores, eruditos do passado, que conquistaram uma fama que perdurou muito depois de os seus corpos materiais serem pó, alcançaram-no na medida em que possuíam este poder. Napoleão deveu os seus grandes sucessos à superioridade da sua vontade, que o rodeava como uma aura, ou como os raios rodeiam o sol; parecia viver uma vida encantada, passando de vitória em vitória, até que um cancro

interior corroeu o segredo do seu poder, e ele, que conquistara a Europa, não conseguiu conquistar a sua própria ambição.

Na medida em que temos este poder de querer claramente, somos capazes de equilibrar a vida humana, que, num certo sentido, travava as suas batalhas no campo da ciência espiritual, enquanto esta guerra espiritual, semelhante à que se pode considerar ter sido iniciada por Satanás no céu, vai mobilizando as suas forças nos campos de batalha da vida, nas planícies da mente.

Se fores fraco, tornas-te vítima de uma mente poderosa. As mentes dotadas de poder e vontade moldam e modificam as circunstâncias e avançam rumo à fama. Se analisarmos a sociedade, à luz da educação passada, não nos surpreenderá o pequeno número de mentes solares, e o grande número de satélites; compreenderemos porque há tão pouca originalidade no mundo. Quando consideramos que o objetivo da teologia tem sido e é fazer satélites das pessoas; que a autoridade foi a base sobre a qual assentava a sua ideia de verdade espiritual, compreendemos quão vasto é o número de satélites no mundo atual.

O pensamento claro é a base firme de toda a ciência espiritual; e quem investiga deve começar por aqui, ou fracassará. Se começarem pelos fenómenos físicos, não ficarão satisfeitos. Alguns investigaram os fenómenos do Espiritualismo durante vinte anos; mas uma investigação de factos espirituais, sem a ideia espiritual, não pode produzir qualquer efeito sobre a mente. É preciso chamar a ideia do meio da massa. Não se pode esperar obter o fruto da árvore espiritual apenas por possuir algumas das suas folhas e flores.

O primeiro princípio a observar na comunicação era que a pessoa deveria ter um desejo absoluto de comunicar com outra mente. Sabeis que é possível, pela experiência passada. Sabeis que, numa sala cheia de estranhos, basta lançardes uma ideia a um amigo e, eis que ele vem ao vosso encontro; por vezes, quando pensais num amigo, ele aparece e diz: “Estava a pensar em ti.” Cartas foram escritas e cruzaram-se no caminho — ainda que viajassem mil milhas — contendo as mesmas ideias. Estes são alguns dos indícios auxiliares do pensamento claro.

Agora, para fazer disto uma ciência, é necessário provar que há uma causa, e a causa é que estavas a pensar mais claramente no teu amigo. Estes pensamentos são fios telegráficos espirituais; são os métodos de

transmissão de inteligência na vida espiritual. Espaço, tempo, todos os obstáculos que impedem a expressão humana, não existem na vida do espírito.

A mesma lei aplica-se ao campo da comunhão espiritual com os mortais. Se pensarmos com clareza, calma, de forma “orante”, como diz o mundo cristão, nos nossos amigos, eles virão. Esta é a resposta à oração — essa oração que é:

“-------o sincero desejo da alma,
Não dito, ou expresso,
O movimento de um fogo escondido
Que dormita no peito.”

É isto que dá o poder da profecia, que perscruta os anos e nos abre vastos horizontes de conhecimento espiritual. Tal como a matemática permite resolver os problemas materiais da ciência, também o pensamento claro dá os meios de demonstrar os problemas espirituais da vida; e aquele que se dedica a analisar e medir o pensamento, e saber quais devem ser os seus resultados, verá o que virá ao mundo nas futuras eras. Este atributo do pensamento claro foi o maior poder desse homem divino, Cristo — a coroa da sua história espiritual.

Basta olhardes para os factos da vossa vida quotidiana para vos mostrarem que a expressão de uma ideia não é de modo algum garantia de que dará o resultado que desejais. Em assuntos espirituais, por isso, deveis ter a certeza de que tendes um desejo — o desejo deve estar bem definido. Já vos disseram isto, mas não vos disseram porquê. A razão é que, se assim não for, o resultado será uma compreensão imperfeita do vosso desejo — se não pensardes ou desejardes com clareza, não tereis uma resposta clara.

A oradora referiu aqui a dificuldade que surge quando as pessoas, no plano físico, querem comunicar mas não sabem como, e afirmou que o mesmo problema se encontra entre os espíritos que desconhecem as leis. Se todos os espíritos fossem suficientemente elevados para perceber o pensamento imediatamente, a comunicação seria fácil — mas nem sempre podem ter esse poder. É necessária clareza de pensamento de ambos os lados da linha para que se obtenha uma verdadeira ideia espiritual. Quando isto for plenamente compreendido, já não serão necessários os preliminares da comunhão, tal como não é necessário

que um amigo bata à vossa porta quando tem total liberdade para entrar sem cerimónia.

A oradora disse que os espíritos que regressam encontram os mortais envoltos numa casa de preconceito, ignorância ou desatenção; o trabalho a realizar é fazer chegar uma ideia do mundo espiritual a essa casa; e, para esse fim, foram instituídos os variados fenómenos físicos, cujo objetivo era chamar a atenção para o facto da presença da verdade fora da mansão, desejando entrada.

Agora suponhamos que a ideia, isto é, a declaração do espírito: “Sou teu amigo; estou aqui; não estou morto”, é aceite, tudo o que é necessário perguntar é: “O meu amigo transmitirá à minha mente uma resposta à minha pergunta?” e a resposta virá na medida da clareza do vosso pensamento.

Mas alguém poderá perguntar, como saberemos que é um espírito? A impressão seria tão claramente definida e tão facilmente compreendida como o som da vossa própria voz. O mundo espiritual está aqui, não longe; está ao alcance do vosso pensamento, assim como o vosso amigo na vida mortal está ao alcance da vossa voz. Tal como, na existência terrena, chamais “Pai, mãe, preciso do vosso conselho”, o vosso pensamento pode chamar o espírito para o vosso lado; e quando o chamais, deveis esperar pela vibração, como o som de um instrumento, e esse som será a vossa resposta.

Sabereis que não sois vós, pois a vossa mente estará em repouso; que não é vosso, por ser semelhante às ideias que tinham em vida. Com estes conceitos claramente explicados e ensinados nas escolas, as vossas crianças estarão prontas para dar ouvidos às suas impressões intuitivas, tal como são levadas a aproximar-se do fogo quando têm frio. Assim, serão levadas a reconhecer este sentido importante, e a unir-se mais intimamente à ciência espiritual.

Comecem na infância e deixem-nos saber que, para além do método habitual de pensamento, têm outros poderes espirituais que precisam de ser cultivados. A oradora referiu-se aqui às impressões frequentemente dadas ao coração plástico da infância por sonhos e visões, e afirmou que é dever da mãe nessas ocasiões não desdenhar a ideia como ilusão; pois muitas cartas trouxeram a notícia triste que um sonho cansado

previu, e muitas mães, durante a última guerra, sentiram o tiro fatal que abateu o seu filho querido, apesar de mil milhas os separarem.

Em resposta a um pensamento ou desejo claramente definido pela presença dos entes queridos que partiram, eles viriam em asas mais rápidas que os raios de luz que atravessam os vastos espaços do alto. Os espíritos esperam em torno do coração, sempre prontos a responder ao chamamento sincero, derramando o bálsamo da consolação angélica. Não lhes chameis mortos; não digais: “Não gosto de falar sobre a noite escura da minha perda”, mas antes:

“Gosto de pensar naqueles que partiram antes de mim.” Falai deles como presentes convosco; reconhecei a sua presença como fazem os Swedenborgianos ao lhes reservar um lugar no círculo familiar, e não há dúvida de que responderão sempre às vossas preces de conforto, tal como se expressam nos sentimentos mais íntimos. Desejai claramente, e então as névoas e véus da escuridão material ou mental serão rasgados, trazendo a manhã da alegria.

A oradora afirmou que, antes de ser construído o poderoso telescópio de Herschel, um astrónomo declarou que havia um ponto nos céus onde faltava uma estrela para completar a ação harmoniosa do sistema planetário. O mundo riu-se dele, mas quando o telescópio foi finalmente concluído, com a sua ajuda encontrou-se essa estrela — o planeta Neptuno — a girar na órbita mais longínqua da criação, desvendada à vista mortal. Assim também os pensadores claros de todas as épocas disseram:

“Sabemos que algures existe uma evolução para estas questões.” O mundo chamou-lhes loucos. Mas hoje os nevoeiros do ceticismo, da dúvida e do erro dissipam-se pelos raios desse novo planeta — o Neptuno da verdade espiritual. No entanto, não se trata de uma criação nova; a sua luz brilhou no passado, e só as névoas da ignorância terrena a velaram tanto tempo do olhar mental da humanidade. Cuidai, homens de ciência, para não repetirdes a experiência de anos idos, primeiro condenando, depois considerando, e por fim sendo forçados a aceitar a verdade, tal como ela se revela no vosso tempo.

A oradora afirmou que as duas palestras seguintes seriam uma continuação da reflexão sobre o pensamento claro, como base de um

sistema científico que finalmente unirá os dois mundos por laços indissolúveis.

SEGUNDA PALESTRA — 24 de Janeiro

A lição do dia é novamente Clarivolência — desejar ou pensar claramente. Alguém disse que a eloquência é a expressão perfeita de uma ideia perfeita. Emerson afirma, em suma, que a dificuldade não é tanto que os homens não pensem claramente, mas que poucos pensam de todo; existe algo a que se chama pensamento no mundo, mas os métodos de pensar não são compreendidos — o pensamento consecutivo está, de certo modo, oculto das massas.

Se quisermos tornar o pensamento valioso para o mundo, devemos fazê-lo desvendando os mistérios que cercam o caminho pelo qual a alma deve ser imbuída do verdadeiro poder de transmitir o pensamento. E aqui, como noutros campos, o Espiritualismo dá as mãos à ciência; e os seus estudiosos tornam-se pares dos discípulos da ciência material, e descobrem que a ciência espiritual é tão capaz de demonstração como os problemas da astronomia, da química ou da geologia.

A oradora afirmou que há agora uma petição perante o Congresso para o estabelecimento de postos telegráficos, em várias regiões do país, pelos quais as mensagens possam ser transmitidas sem a ajuda de fios — utilizando apenas a atmosfera; e isso poderia ser feito provocando uma vibração entre os polos magnéticos; tal foi demonstrado pela ciência absoluta e positiva. Ora, há quem, no mundo dos espíritos, tenha descoberto que duas pessoas, mesmo distantes uma da outra por mil milhas, podem comunicar.

Não é qualquer pensamento que se transmite. A ciência prova que a eletricidade não passa pelo fio, mas sim a vibração das partículas de eletricidade que, partindo de um ponto, se propagam para fora; como, para usar uma ilustração familiar, se colocarmos uma fila de tijolos, cada um à mesma distância do outro, e empurrarmos o primeiro contra o segundo, apenas o último cairá. Assim, no telégrafo magnético, a última partícula recebe a vibração tal como foi emitida na origem. Agora, a mente perpassa todo o espaço, e só precisamos dos postos telegráficos para obter a sua manifestação.

Chegará o tempo em que usaremos o pensamento em vez da palavra como meio de transmissão de inteligência; e tal será a perfeição do pensamento que será impossível cometer qualquer erro.

Outra razão pela qual a ciência e a filosofia espiritual se aproximam é esta: a descoberta, por filósofos alemães, do que se supunha ser a substância do pensamento puro; e provaram que as diferentes emoções da alma humana têm diferentes substâncias. Ora, é ponto fundamental da teoria espiritual que o pensamento é uma substância; e o facto de não podermos percebê-lo pelos nossos sentidos não deve ser usado como argumento contra a sua existência, tal como acontece com qualquer um dos agentes misteriosos — os imponderáveis da Natureza, cuja existência admitimos pelos seus efeitos conhecidos. Sendo isto verdade, o futuro do pensamento pode ser determinado; e quando falamos do pensamento como passível de peso ou medição, a proposta já não será recebida com tanto ridículo como teria sido há cinquenta ou cem anos.

Tal como a Natureza aperfeiçoa, pelo movimento, a cristalização da matéria sublimada, assim a mente, pelo movimento, aperfeiçoa o pensamento. Por exemplo, uma mesa move-se, e supõe-se pelos não iniciados que os espíritos a empurram, tal como fariam os mortais no plano material. Mas não é assim. Todo o movimento é em forma de espiral — o poder do parafuso é o mais elevado, como demonstram os mecânicos. Ora, se um espírito pode controlar um átomo, e possui a vontade suficiente, pode mover este edifício.

A oradora disse que podíamos ver por toda a parte o vasto efeito da eletricidade quando não guiada, seja quando irrompe dos céus sob a forma de relâmpago, seja quando se manifesta nas experiências filosóficas. Ora, se se pudesse demonstrar que a mente pode, voluntariamente, controlar qualquer átomo de matéria sem o auxílio de um corpo físico, isto não seria apenas um fundamento substancial da teoria espiritual, mas a demonstração da chegada de uma nova força motriz à Terra.

Se tomássemos como exemplo não um génio — alguém já nascido assim, como um poeta ou um pintor — mas o tipo comum das massas, aqueles que não parecem ter sido criados com qualquer dom especial, veríamos que essas mentes prosseguem pelos cursos organizados regulares de educação e tentam ganhar poder mental por práticas

laboriosas de tarefas atribuídas; mas a ação voluntária dos seus poderes espirituais é totalmente negligenciada.

O resultado é que, hoje, temos uma comunidade capaz de receber ideias depois de alguém ter pensado por eles, mas incapaz de atingir ou compreender o conhecimento de uma atmosfera espiritual envolvente! Mas, para provar que ela existe, basta referir-nos a factos científicos bem conhecidos. Sabemos que, se entrarmos nesta sala cheia de estranhos, cada um deles está rodeado pelo seu próprio magnetismo e emite um vapor — dióxido de carbono — um veneno nocivo à vida.

Eles encontram oxigénio no local quando chegam, mas quanto mais tempo permanecem, maior será a proporção de ar venenoso. Não entrariam voluntariamente num lugar privado de oxigénio; não ingeririam voluntariamente um veneno conhecido, pois sabem que os efeitos dessa exposição são doença e sofrimento físico nas suas várias formas.

A oradora disse que este mesmo efeito é percetível no mundo mental. As pessoas avisam os jovens para evitarem a taberna ou o salão de jogo, pois a ética moral ensina que isso é errado. Mas deveria haver outro ponto de abordagem; não se deveria dizer ao jovem, “Meu filho, não vás lá, porque é errado,” mas antes, “Não vás lá porque isso vai envenenar-te.”

Tal como ninguém seria induzido a entrar numa sala cheia de dióxido de carbono, ou a ingerir ácido cianídrico e arriscar a dissolução física, no mundo mental cada um deveria ser plenamente consciente de que há um veneno à espreita em tabernas e salões, cujas consequências seriam terríveis para o espírito. Então, se um pai dissesse,

“Meu filho, não entres na casa de jogo; isso vai envenenar-te; a tua jovem mente será devastada pela influência desse lugar, tal como o corpo físico é devastado pelo veneno,” estaria a apelar diretamente ao instinto de autopreservação inerente a toda a alma. Podemos perceber esta atmosfera quando por vezes entramos numa sala onde alguém tenta ser agradável e não conseguimos sentir prazer; ou, por outro lado, quando, na presença de outros, parece que uma música deliciosa nos toca ao ouvido.

Já esteve aqui alguém neste púlpito cujas palavras eram como espadas afiadas que cortavam em todas as direções; e, onde houvesse alguém

suscetível à penetração do pensamento, ele sondava os seus erros até ao âmago. Houve também outro, cujos pensamentos, consecutivos e redondos, eram como uma bala de canhão — perigosa apenas quando em movimento — poderosa na razão direta da sua velocidade. Assim, pensamentos como os de Webster não produziam efeito quando, como a bala de canhão, estavam em repouso.

Encontramos por vezes pensamentos que pareciam cheios de ferrão e amargura. Sendo assim, compreendemos melhor as antagonias sociais e físicas que, uma vez compreendidas, podem ser evitadas tão facilmente como o frio ou o calor. Isto era apenas um esboço, ou quadro, cujo preenchimento e pormenores constituem a Filosofia Espiritual.

O conhecimento de que estas leis são imutáveis, e de que há um poder em todos os tempos que um dia será a herança de todos, daria gradualmente ao seu possuidor a capacidade de desejar claramente. A memória é um poder. Os médicos dizem que as substâncias do corpo humano mudam, uma a uma, até que em cada sete anos não permanece uma única partícula do que se possuía sete anos antes. Se não fosse por outra lei — a memória — a identidade dos seres humanos seria destruída ao fim de sete anos. O ditado “a criança é o pai do homem” é verdade apenas enquanto se aplica ao espírito. Aquilo a que chamamos memória é composto pelos elos que constituem o espírito. Não existe um reservatório de memória do qual se possa retirar à vontade, mas cada faculdade da mente tem a sua própria memória.

Alguns recordam datas, outros rostos, e assim por diante ao longo do catálogo, e, em todos os casos, aquilo que melhor se recorda tem a ver com a faculdade que mais se exercitou. A oradora disse, usando uma ilustração familiar, que a memória é o que fica no pires depois de a chávena transbordar — a memória é simplesmente o excedente de uma ideia; assim, o que chamamos memória é apenas uma existência emocional da individualidade consciente. Pode-se recordar voluntariamente — mas a recordação é involuntária. Nenhum pensamento é alguma vez apagado. O papiro, retirado de antigas tumbas do Egipto, foi encontrado, pelas mãos reveladoras da ciência, com várias narrativas escritas sobre ele; primeiro via-se a descrição de uma vitória, depois um romance, etc.

E assim, a substância do pensamento que julgávamos ter desaparecido, encontra-se na mágica trama do cérebro; e se hoje a alma pudesse ser

desvelada para leitura, veríamos que a primeira coisa encontrada seria a última registada, e que camada após camada da experiência espiritual se desenrolaria como as pétalas de uma rosa, ao exame atento. Estas camadas de pensamento dão forma à alma e comprovam a proposição afirmada pelos espíritos, de que cada um constrói a sua própria existência espiritual. Foi a isto que Jesus se referiu ao dizer: “O reino dos céus está dentro de vós.”

A psicometria, ou leitura da alma; a clarividência, ou visão clara; e a clarivolência, ou desejo claro, são tão claramente definidas e definíveis quanto os vários sistemas das ciências materiais. Dobra sobre dobra, folha após folha, desde o germe a flor desabrocha, e o mesmo processo pode ser traçado no desenvolvimento e crescimento da alma humana. Assim, quando se diz que cada pensamento forma parte da vossa existência espiritual, afirma-se uma verdade. A substância do pensamento que inicia a vossa vida é o ponto de partida, e em torno dela se envolvem todos os pensamentos que virão a integrar a vossa experiência futura, todos formando parte da vossa veste espiritual.

Não é quimera do cérebro comparar a pureza ao lírio e o amor à rosa. A ideia a transmitir pela pureza é a brancura — a cor do amor é o vermelho, e todos os matizes que pintam as nuvens do céu tornar-se-ão estudo do espírito humano e farão parte das suas posses. Não só isso, mas o próprio pensamento será reconhecível pela sua forma. Assim, doces palavras já não poderão enganar, pois a forma do pensamento que as inspira será tão capaz de ser vista e examinada quanto um grão de areia. A cristalização da ciência espiritual numa base firme será a solução da questão.

Mas antes que uma ciência se estabeleça, terá de passar pelo crivo do preconceito popular. Se o Espiritualismo, em vez de ter de gastar vinte anos a tentar estabelecer reputação, pudesse ter concentrado toda a sua atenção na consideração dos seus pontos cardeais, hoje esses pontos estariam estabelecidos. Se, em vez de perdermos tempo a formar especulações e teorias, ou a tentar reconciliar o Espiritualismo com a velha teologia, tivéssemos tentado conciliá-lo com o bom senso, teríamos feito muito maiores progressos e demonstrado ao homem os seus vastos poderes para o bem. O Prof. Hare, disse a oradora, provou muito nesta ciência com o seu dial e outros meios; agora que alguém pegue no fio e dedique anos ao estudo e evolução do pensamento espiritual; que o faça

por amor — uma vez estabelecida a verdade, ela encontrará o seu caminho.

O astrónomo não temia a teologia, pois as estrelas eram o seu livro de texto; o geólogo não a temia, pois a terra era a sua Bíblia; o químico não a temia, pois podia ver a escrita de Deus, em caracteres de fogo, nas vastas cavernas da terra; o homem de ciência não a temia, pois a sua alma estava revestida com a pura armadura do intelecto, que o capacitava a lutar com os males que o rodeavam. Então, deveria o pensamento temer a teologia — o pensamento, que está à porta de um templo cujas portas nunca se fecham? Não! O estudante do pensamento espiritual detém numa mão as forças da natureza física e na outra os poderes espirituais da mente, e porque razão deveria temer investigar livremente?

É verdade que em certos meios, como na Igreja Romana, por exemplo, essa investigação individual para o conhecimento mental era considerada um crime; contudo, o Deus que fala no átomo ou na estrela manifestar-se-á no crescimento — e esse crescimento será proporcional à medida que cada um de nós descobrir que tem pensamentos que lhe dão permissão para entrar no grande templo da compreensão espiritual.

Alguém poderá dizer: “Nunca vi ou senti um espírito, nem tive uma impressão espiritual.” É bem provável. Como poderia alguém obter progresso em qualquer ciência sem estudo? Como poderia alguém viver sem comer, ou ter saúde sem sol? As faculdades espirituais foram ignoradas durante séculos; primeiro pela superstição, depois pelo materialismo, e essa falta de poder é o resultado de gerações de empobrecimento espiritual.

Na Igreja Romana, o facto do conhecimento espiritual é mantido entre os canonizados, mas as massas não sabem mais dele do que a esponja ou o molusco sabem dos poderes divinos da alma humana. Entre certos sábios franceses, afirma-se hoje que o germe da vida orgânica existe em toda a parte, e só precisamos do conhecimento científico para o trazer à existência. Assim também esta vida espiritual está à nossa volta, e apenas necessita do poder do desejar-claro (clarivolência) para se abrir à nossa visão.

“Como devemos proceder para pensar com clareza?”, pergunta alguém. Não há uma regra que se aplique a todas as mentes, tal como não há o

mesmo alimento para todos. Mas uma coisa é certa: sempre que tiverdes uma impressão ou ideia, procedeis claramente à análise dessa ideia; fazei do pensamento uma prática tão concreta quanto o exercício físico é para o acrobata ou o pugilista; dedica tempo e atenção a preparar-te para os problemas mentais, tal como eles se preparam para os feitos físicos. Não podes esperar atingir de imediato o conhecimento de todas as coisas, ou que a harmonia espiritual te seja concedida quando não estás preparado para a perceber e valorizar.

Que aqueles que fizeram disso uma ciência revelem os seus pensamentos e os resultados da sua experiência, para que deles possas aprender acerca deste poder da alma. Se houvesse vontade suficiente nesta sala, e cultura adequada, todo o mundo espiritual seria desvelado à vossa vista. Se houvesse vontade suficiente, se as correntes do pensamento não estivessem enferrujadas, cada um seria recipiente das comunicações angélicas dentro de si mesmo, e não precisaria de recorrer a um poder intermediário ou terceiro.

Cada família tornar-se-ia um templo, onde pronunciamentos mais potentes e verdadeiros do que os registos das páginas sibilinas chegariam nas asas da oração! Se esta faculdade do desejar claro estivesse mais difundida, o homem poderia receber conhecimento ininterrupto do país das almas, e os pensamentos poderosos dos grandes que partiram viriam até ti como relâmpagos do fio elétrico. Em vez de leis bafientas e legislação errada, terias novas e vivas regras de ação, e uma execução correta das mesmas. Este poder, bem cultivado, esclareceria o sistema complicado das finanças nacionais e colocá-lo-ia numa base que uma criança poderia compreender — enquanto agora está para além da compreensão até dos mais poderosos do nosso país — nenhum deles capaz de o apreender plenamente.

Era costume da Igreja Católica Romana, em qualquer grande calamidade pública, reunir os seus fiéis e entoar o solene “Miserere”, como se esperasse assim influenciar as leis da Natureza. Ora, pode haver alguma verdade nisto. Se se considerar que o pensamento é substância, e os pensamentos de todas as pessoas forem direcionados para determinado fim, podem conter uma força capaz de influenciar o curso de uma peste ou afetar a propagação do miasma. Orar numa certa direção tenderá a concentrar a vontade do povo nesse sentido, e assim proporcionar certa dose de segurança.

Dá suficiente poder de vontade, e este sustentará a humanidade em qualquer doença, assim como os médicos passam pelos corredores do hospital, ano após ano, expostos à doença mas imunes a ela pelo poder da vontade. Mas se a força de vontade numa certa direção for fraca, o indivíduo é como uma fortaleza desguarnecida nesse ponto, e cairá perante a força atacante. Isto é totalmente verdade para os males espirituais que se supõe serem obra de Satanás, que, segundo a Escritura, “anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa devorar.”

Estes só podem ser enfrentados no seu próprio terreno.
E assim, em todas as várias fases da ciência espiritual, se pode traçar a relação entre o pensamento claro e a vasta filosofia que sustenta este positivismo — pois há nela uma ciência e verdade tão positiva que pode ser demonstrada e provada; e por ela podemos compreender a ação de uma mente sobre outra, tão claramente como o químico compreende o funcionamento das leis conhecidas da sua ciência. Sob este princípio do desejar claro, as afeições, até aqui consideradas como resultados de circunstâncias variáveis ou de cultivo, passam a ser reconhecidas como as nascentes da existência terrena, e os pensamentos claros das almas lúcidas que já partiram espalham-se em redor de nós, formando os cristais da nossa coroa.

Platão não está ausente de nós, e Sócrates faz brilhar na mente as pulsações da sua alma de longo alcance. Sob este princípio podemos comungar com o que já foi; aqui o artista pode deliciar-se nas glórias de galerias espirituais; aqui Miguel Ângelo ergue outros templos além de São Pedro, cujas cúpulas de glória se inclinam contra o amplo céu, e pensamentos ecoam através do espaço como o órgão pelas naves trémulas. Aqui podemos seguir cada dia das nossas vidas e ver como os bons atos se tornam flores no jardim do ser espiritual.

E, finalmente, quando te confrontares com a tua própria vida, verás que os pensamentos que engendraste, como tantas flores ou espinhos, estarão espalhados pelo caminho da tua vida futura. Por isto és ensinado a tecer aqui as substâncias que na vida espiritual se tornarão a tua veste; e percebes mais claramente o que Cristo queria dizer ao falar do homem a cometer um crime — “pecar no coração”.

Este princípio era o poder que animava os videntes e profetas de outrora, permitindo-lhes ver o espírito nas suas vestes claras ou escuras, à medida que os clarões se entrelaçavam na veste espiritual. Nesse estado, onde já não é possível enganar, verás a posição de cada alma, e perceberás que cada espírito possui a chave do grande mistério da vida eterna — e essa chave é a Clarivolência.

TERCEIRA PALESTRA — 31 de Janeiro

Como as lições das crianças, repetidas vezes, decorrem as lições da verdade espiritual, para que não só pelo preceito e explicação, mas pelo próprio crescimento, se fixem na mente. Os germes da ciência espiritual, da religião completa e racional, não podem ser colhidos num dia; e ao longo dos rápidos atalhos da vida, não os podemos prender a nós como um adorno.

A dificuldade das antigas religiões é que dependeram quase totalmente desse desejo de exibição nas mentes humanas. O problema da Free Religious Society de Boston é desejar reunir intelecto na proclamação do pensamento livre e aberto, sem referência ao crescimento correspondente que esses pensamentos devem trazer à alma. É uma exibição intelectual, uma espécie de fogo de artifício, para mostrar ao povo quanto pode ser dito por várias mentes cultas sobre o tema da religião livre.

A oradora afirmou que as igrejas de hoje não só são construídas no mais refinado estilo arquitetónico, como a música tem de ser de tal ordem que atraia audiência, como num teatro ou concerto; e que o ministro não deve achar que foi apenas chamado a pregar, mas deve também possuir o poder de realizar façanhas mentais tão espantosas como as do acrobata, e que envolvem tanta preparação e estudo como as dos artistas do palco. O ser humano não se contenta em trilhar os caminhos lentos do crescimento — no seu desejo de progresso rápido, a espiritualidade ficou para trás. Com uma mudança que substitua o espetáculo pela espiritualidade, surgirá uma religião mais verdadeira — maior do que a Teologia Cristã, para adornar o mundo com flores de amor e caridade, onde antes reinava o anátema.

Se quisermos uma geração a crescer à nossa volta cheia de excelência espiritual, temos de começar pelo germe e trazer esse resultado pelo

processo do crescimento real. O autor de “Vestiges of Creation” declarou, na prática, que, segundo a ciência física, Deus, o espírito da luz, serviu-se das mudanças do crescimento efetivo para produzir resultados. Já passou o tempo da aceitação da teoria da criação de “algo a partir do nada”. E agora a outra ideia, de fazer algo a partir de algo em seis dias, está rapidamente a seguir o mesmo caminho; pois a ciência revelou que Deus não completa um mundo em menos de milhões e milhões de anos. Este facto é demonstrado por toda a forma de Natureza orgânica à nossa volta.

E se isto é verdade para o arbusto, a árvore, a rocha e o solo, quanto mais para o espírito humano, na sua ascensão pela treliça da verdade eterna? Quanto mais verdade será para essas almas gigantes que, como carvalhos da floresta, procuram crescer para apoiar os seus ramos poderosos nos céus? Não condenes, pois, em vão, qualquer dos métodos pelos quais esse crescimento possa ser obtido. É costume de muitos espiritualistas dizer dos fenómenos espirituais: “Desprezo os toques (raps); não têm valor para mim.” Mas se não têm valor para ti, têm para outra pessoa. Todos na Terra são em certa medida escravos dos sentidos. Se não o fores de modo algum, estás imediatamente pronto para dar as mãos aos anjos e comungar com eles sem intervenção de terceiros; mas se fores, terás de depender de algo que possa ser apreendido pelos teus sentidos.

Ora, se estabeleceres o facto de que um espírito pode controlar substâncias tangíveis independentemente do poder humano, estabeleceste a base da ciência espiritual. Tem cuidado, por isso, para que, no teu desejo de progresso, não faças como os primeiros pais da Igreja Cristã, que não reconheceram a existência dos dons espirituais entre eles até estes lhes serem retirados, restando apenas o registo frio e árido do que tinha existido, sobre o qual fundaram a divindade. Não podes ser independente destes factos físicos. Os espiritualistas não podem ser demasiado cuidadosos, não só em perpetuar a memória de cada manifestação, mas também a descrição das condições que acompanharam tal manifestação, para que possa ser repetida, tal como as notas da melodia que acabámos de ouvir.

Imagina que, assim que um músico aprendesse a sua arte, deixasse de praticar o instrumento, declarando que a música dependia das notas, em vez dos sons de que essas notas não passam de indicadores, e se

apresentasse diante de uma audiência tentando executar as sublimes criações de Mozart e Beethoven apenas lendo, na pauta, os sinais impressos! Assim é com a religião. O Cristianismo escreveu as suas notas nas eras passadas e depois fechou o livro a todas as novas inspirações; e agora tenta ler do volume como se fosse a melodia viva. Por mais verdade que seja que os grandes mestres tiveram de ter inspiração para produzir os seus grandiosos resultados, também é verdade que esses resultados dependem do som para se expressarem à humanidade. Sendo assim, não abandones demasiado cedo o laboratório espiritual.

Se os fenómenos são de ordem inferior, deves esforçar-te por torná-los mais elevados. Nem sempre é um espírito pouco desenvolvido que provoca uma manifestação física, tal como Franklin não era pouco desenvolvido quando utilizou um instrumento tão humilde como uma pipa para trazer o pensamento dos céus, cujos resultados varreram todo o mundo. Assim, os pequenos toques ou o movimento de uma mesa não são feitos apenas para entreter a curiosidade humana, mas para provar o grande facto científico de que a mente desencarnada pode penetrar e influenciar substâncias materiais.

A oradora referiu-se aqui aos fenómenos das mãos espirituais, e disse que, quando falecem os médiuns que eram agentes nessas manifestações, é dever dos espiritualistas manter os factos desses casos vivos na memória. Foi comprovado por mais de doze testemunhas fiáveis em Nova Iorque que um corpo humano inteiro foi produzido, gradualmente, diante deles, traço a traço. Isto deveria ser investigado, e as condições compreendidas, para que o fenómeno pudesse ser repetido em benefício de outras mentes inquiridoras.

Também foi produzida música sem qualquer toque mortal, apenas pela presença do médium na sala. Pela preservação destas condições estes poderes devem ser mantidos, para que possam ser mostrados à mente investigadora. Deveriam ser criados laboratórios espirituais e erguidos templos espirituais para acolher os que procuram a verdade, com o mesmo cuidado e labor com que Daguerre perseguiu o seu ideal da pintura solar, ou o químico seguiu os mistérios da sua maravilhosa arte.

Por muito grande que seja a espiritualidade em alguns, na maioria das pessoas há poucas naturezas que alguma vez cultivaram ou prestaram atenção à parte espiritual do seu ser; e esses terão de chegar ao

conhecimento da sua natureza espiritual pelo lento processo do crescimento na ciência. E a verdadeira ciência consiste em tomar um facto e deixar que ele conduza às suas próprias deduções. A oradora disse que, se um único facto físico pudesse ser comprovado dentro dos limites da Universidade de Harvard, e esse facto permanecesse — como acontece com o Espiritualismo, que nunca retrocede depois de ser introduzido — não haveria mais perigo da influência do credo sobre os seus estudantes.

Raciocinando a partir deste ponto, é absolutamente necessário, para o progresso da ciência espiritual, que as manifestações físicas sejam preservadas e encorajadas. Quando, em vossa casa, tiverem um rap, por exemplo, não digam: “Preferia uma comunicação escrita, ou o discurso de um orador em transe.” Ficai satisfeitos; deixai estar; é um apelo aos sentidos de algum dos vossos amigos investigadores.

Não nos interpreteis como dando demasiada importância a estas coisas; são importantes apenas na medida em que levam a mente a olhar para mais alto. A Igreja Católica Romana compreende isto, e deve à sua longa linha de santos canonizados, com o seu poder de auxílio aos mortais — auxílio este só obtido pela intervenção de padres e prelados — a maior parte do seu poder entre os homens de hoje. Se se retirasse do credo: “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos”, uma grande parte do seu poder desapareceria para sempre.

Vede que não percais contacto com estas verdades físicas enquanto procurais novas; vede que preservais estas provas da vossa fé. A oradora referiu-se aqui a vários exemplos que deveriam ser preservados para referência, como os avisos premonitórios da morte de amigos, a transmissão simultânea de pensamento, e a aparição (como aconteceu consigo própria numa ocasião) do espírito num local a mil milhas de distância, estando ainda o corpo vivo.

Estes factos devem ser registados como estando entre os poderes do espírito humano, encarnado ou desencarnado. Quando todos estes factos forem reunidos na forma de provas, vede que preservais o registo das faculdades e das condições pelas quais essas manifestações são produzidas. Sempre que receberdes estas manifestações, observai o estado da vossa mente, e esforçai-vos por vos colocar novamente nessas condições. Estas formam parte do grande testemunho colateral pelo qual o mundo há de adquirir conhecimento da revelação espiritual —

são as vias pelas quais a ciência espiritual alcançará um lugar entre as ciências regularmente admitidas.

Não tenhais demasiada pressa em tentar alinhar a vossa fé com os sistemas religiosos do dia. Não é nosso papel formar um credo espiritual. As igrejas forjam correntes suficientes para a mente. O que queremos é o facto. Uma vez que um facto seja estabelecido como não devendo a sua existência a nenhuma lei comum conhecida, há pouco perigo a temer dos credos. Que este facto seja estabelecido, e arriscamos o progresso do materialismo em França e na Alemanha; é, portanto, vosso dever perpetuar a verdade, não deixar passar qualquer oportunidade sem a registar para benefício do mundo investigador.

Nem todos no mundo podem voltar-se para a investigação da ciência espiritual; mas se acumulardes estes factos até assumirem o aspetos de testemunho fiável — se um número suficiente daqueles que se dedicaram ao estudo da Filosofia Espiritual incorporar a sua experiência, teremos uma base, um alicerce para a nossa nova religião, que levará o investigador a querer conhecer melhor os seus preceitos e ensinamentos.

É fácil para a ciência espiritual alcançar o coração; mas não é tão fácil para a inteligência espiritual alcançar a mente, e, embora muitos desejem que estas coisas sejam verdade, há entre eles um receio de que estas verdades não possam satisfazer os sábios e filósofos do mundo. A estes indivíduos devem-se calar as bocas com factos, e dirigir as suas mentes para o exame dos fenómenos, a não ser que o preconceito os afaste disso. Uma vez conseguido isto, haverá tempo suficiente para perguntar: Como melhor conservar os poderes deste movimento; como melhor lançar este raio de verdade contra as fortificações da teologia; como melhor dizer aos credos: Temos uma verdade contra os vossos sofismas — espíritos em vez de sepulturas?

O milagre vivo do século XIX é que a liberdade de expressão, o livre pensamento, a liberdade religiosa e o crescimento espiritual absoluto existem em todas as partes do mundo civilizado. O grande milagre religioso de hoje é que uma nova religião se está gradualmente a infiltrar em todas as classes da sociedade e a tomar o seu lugar ao lado da teologia.

O milagre vivo de hoje é que esta criança nasceu — um novo Jesus ou um novo Evangelho — avançando com as flores da verdade na mão, e olhando para o céu, dizendo: “O espírito não está morto — o espírito do Deus vivo, e o espírito de todas as almas vivas.” O milagre de hoje é a demonstração de que os poderes da mente são suscetíveis de desenvolvimento infinito. Esta religião, teoria ou poder, que há dez anos atrás, deste mesmo púlpito, foi denominada Espiritualismo, é o verdadeiro Cristo do século XIX, destinado a moldar todas as religiões à sua imagem. É este mesmo espírito que há de permear a ciência e a filosofia da terra, acendendo nos seus altares um fogo mais brilhante que o de Prometeu. Foi este mesmo espírito que falou ao antigo profeta e vidente, que veio a Moisés entre os trovões do Sinai, que brilhou no Monte da Transfiguração e conversou com João em Patmos.

Foi este espírito que inspirou os Quacres; foi este que apareceu no meio das dores e amarguras da feitiçaria da Nova Inglaterra. Seja qual for o nome que lhe deis — Espiritualismo ou Espiritualismo — é a nova criança, a nova religião — o poder que quebrou as correntes do escravo, e do sepulcro de uma falsa república fez nascer a liberdade viva. A oradora referiu-se aqui às orações feitas numa certa igreja, num recanto próximo, onde o povo e o pastor suplicavam a Deus que esmagasse o poder da liberdade de expressão nesta cidade, e afirmou que esse poder despótico está hoje esmagado por este espírito poderoso, que avançará por fogo e espada, se necessário for, até aos altos cumes da verdade! É este mesmo espírito que hoje nos chama a seguir em frente, para que todas as almas possam adorar Deus no santuário livre dos seus próprios corações, e “ninguém se perturbe, e ninguém tema.”

CONDIÇÃO DE UM SUICIDA NA VIDA ESPIRITUAL

(CONFORME NARRADO PELO PRÓPRIO) TRANSMITIDO ATRAVÉS DA SRA. CORA L. V. RICHMOND.

UM RELATO INSTRUTIVO DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA PESSOA QUE COMETEU SUICÍDIO PORQUE SUSPEITOU DA ESPOSA DE INFIDELIDADE — ELE DESCOBRIU QUE ELA ERA FIEL, MAS TARDE DEMAIS

O discurso que será dado esta noite é de alguém cuja vida foi tirada pelo seu próprio ato. É um relato típico; mas desejamos que fique claramente entendido que a personalidade não controla esta oradora, mas que o seu controlo habitual dá voz ao que ele tem a dizer. É mais importante que saibais que as experiências individuais são reais, e que, em grande medida, o instrumento ou a pessoa através da qual tal experiência é dada, em maior ou menor grau, partilha a condição do espírito que a transmite. Portanto, é requerido ou solicitado que tenhais a devida apreciação e o devido entendimento disto, e que um instrumento que está sintonizado com tal narração deve necessariamente ser mantido livre de qualquer vibração áspera.

Sabemos que dareis a vossa atenção simpática. Não há razão, amigos, para que esta narrativa seja dada, exceto pelo facto de ser verdadeira, e de que retrata um estado de existência espiritual, resultado da própria condição de alguém, e de que serve como instrução e aviso para outras vidas humanas. Aquele que vos dirige, de quem vem este relato, era desconhecido para vós. Não conheceríeis o nome se ele fosse anunciado. Claro que a personalidade, portanto, não tem interesse, mas o relato terá interesse pelas circunstâncias peculiares do caso.

Fui admitido à ordem dos advogados e exerci advocacia numa grande cidade. Dediquei-me exclusivamente ao meu negócio e à minha esposa e filhos. Não tinha ambição, exceto a de ter sucesso na minha profissão, com o propósito de proporcionar um sustento adequado à minha família e para outros fins honrosos que os homens geralmente têm. Desejava ter sucesso na minha profissão para agradar aos meus clientes, para que pudesse também aumentar o meu negócio.

Na altura em que atingi os quarenta e cinco anos de idade, possuía uma prática tão boa quanto qualquer um poderia desejar. Não podia deixar essa prática para aceitar o cargo de juiz num dos tribunais superiores, porque os muitos interesses dos meus clientes estavam envolvidos e eles não consentiriam na transferência desses interesses para outro. Mas eu não desejava o manto judicial, não desejava as vestes judiciais. Portanto, continuei a minha profissão como advogado. A minha esposa era filha de um homem algo eminente; era a escolha do meu coração.

Tanto quanto sei, nunca houve uma palavra áspera entre nós. Que diferíssemos inteligentemente em alguns assuntos é natural. Homens e mulheres seriam quase imbecis se não o fizessem. Mas não tínhamos

diferenças de afeto ou outros interesses que fossem comuns. Eu prosseguia a minha vocação habitual, profundamente interessado em vários dos meus casos que requeriam muito pensamento e energia, quando, num dia fatídico, uma mulher veio ao meu escritório, pálida, atormentada e desgastada, evidentemente com muitas vigílias e uma grande preocupação corroedora no coração. Veio sem saber o que fazia, e disse:

"O meu marido é um cliente vosso e está a torturar-me a vida. Entrei na posse destas cartas que me convencem do seu mau caminho, e vim ter convosco para conselho. Vim perguntar-vos o que devo fazer para proteger os meus filhos?" Eu nunca tive nada a ver com tais casos; nunca consenti em aceitar qualquer caso que envolvesse as relações domésticas de marido e mulher. Mas havia algo de comovente no apelo desta mulher. Ela disse que ouvira o meu nome através do marido, e pensou que eu poderia fazer algo para o fazer — como sabia que eu havia tratado de alguns negócios legais para ele — perseguir um curso de vida diferente; e entregou-me o pacote de cartas. Ao olhar para a sobrescrita, pensei reconhecer a caligrafia. Parei por um momento e o meu coração parou.

Então reuni toda a minha energia e abri uma carta. Era da minha esposa para o marido desta mulher! Estava endereçada nos termos mais carinhosos. Não podia haver engano na caligrafia. Eu estava demasiado familiarizado com a escrita para não saber. Havia muitas pequenas formas de expressão com as quais eu estava familiarizado. Amigos, ela era uma mulher exaltada; era refinada; era uma mulher de rara inteligência; era uma mulher ideal, e esta era a sua caligrafia. Li as cartas palavra por palavra, frase por frase, inteiramente. Havia compromissos; havia precauções para não serem descobertos. Havia toda a indicação de que a minha esposa mantivera uma correspondência com este homem durante algum tempo. Dos termos de carinho usados, só podia chegar a uma conclusão. Reli as cartas.

Disse à mulher: "É tudo o que tem?" Ela disse: "Sim." Eu disse: "Farei o que puder." Quando ela saiu, peguei nas cartas, dobrei-as com muito cuidado e fui até ao fogão no meu escritório e, uma a uma, queimei-as todas. Esse foi o meu primeiro ato. Depois espalhei os meus papéis de direito não na ordem correta, mas para mostrar que eu estivera muito ocupado, e como realmente tinha alguns casos muito difíceis, os papéis dos quais foram tornados mais proeminentes. Então, sem qualquer outro

pensamento, saí do meu escritório num dia cinzento de outono e, pela primeira vez na minha vida de casado, em vez de virar para a minha casa, caminhei diretamente para longe dela.

Continuei a caminhar e ninguém me notou, até que na sombra cinzenta iminente do fim daquele dia outonal sombrio entrei no rio. Ninguém me viu, ninguém impediu o meu progresso. Afoguei-me deliberadamente. Não havia tristeza quando o fiz. Não havia outra maneira. Não podia vê-la. Não podia dizer nada sobre isto que viera para as minhas mãos. Não podia encontrar os meus filhos, eles eram filhos dela, ela tinha de fazer o que quisesse com eles. Pensei em tudo isso durante aquela caminhada. Na manhã seguinte, o meu corpo foi encontrado. Havia um parágrafo no jornal afirmando que fulano, "evidentemente absorvido no grande stress do negócio legal que o pressionara durante algum tempo, numa crise de distração ou caminhara ou caíra no rio."

Esse foi o fim. Ninguém pensou que fosse um suicídio; todos acreditaram que os casos de direito me haviam absorvido a tal ponto que eu não estava ciente do que fazia. Assim, claro, após o primeiro choque passar, tudo continuou no grande turbilhão dos assuntos no mundo precisamente da mesma forma. Não me arrependi quando despertei para a perceção de estar na vida espiritual. Fui imediatamente rodeado pelos meus amigos. Mas havia um olhar tão comovente nos seus rostos, especialmente no rosto da minha mãe, que quase me senti arrependido de ter uma queixa, pois interpretei esta pena como tristeza pelo grande mal que me fora feito. Permaneceu assim por um período, cuja duração não sei. Mas senti na interação e comunhão com os meus amigos espirituais, que pareciam ter tanta pena de mim, que havia algo retido, que havia certa restrição, e que eu era o considerado.

No entanto, eles não o diziam, e não havia nada nas suas ações que me dissesse isso. Mas aquela espécie de perceção que um homem sabe quando os seus amigos o consideram como não inteiramente certo, e finalmente, após a retrospetiva que vem aos espíritos de todos os que passaram pela mudança chamada morte, quando examinei toda a minha vida. Notei as minhas falhas — todos os homens têm falhas —, notei tudo o que havia nas minhas relações com a minha esposa que não tivesse sido plena e efetivamente bondoso; mas nunca reconheci, na minha retrospetiva, que houvera a mais ligeira frieza, alienação ou mudança de maneiras entre nós. Nunca, até àquele dia fatal, sonhei que

pudesse haver alienação entre nós. Ainda assim, havia um olhar tão indagador e piedoso nos olhos da minha mãe que finalmente disse:

"O que é, mãe? Tens pena de mim por eu ter ficado tão desapontado, por eu ter sido tão enganado? Não tenhas, pois continuarei a existir nesta vida com o teu amor, e tentarei esquecer todos os maus sentimentos; na verdade, não tenho nenhum em relação a ela." "Mas, meu filho," disse ela, "já te ocorreu que o teu ato foi precipitado?" "Como poderia ser precipitado? Não havia outro lugar para mim senão junto de ti; não tinha lar. Em uma hora, o meu lar fora destruído para mim." "Mas," disse ela, "os teus filhos?" "Deixei o suficiente para os sustentar." "Mas," disse ela, "eles precisam de algo mais do que serem providos com necessidades materiais.

Precisam dos cuidados de um pai; tu também terias alguma voz na sua criação e educação." "Oh, mas mãe, eu não podia. Eu não poderia ter escolha; ela ou eu teríamos de decidir renunciar aos filhos." Ainda assim, havia esta pena absorvente e penetrante. "Minha mãe, porque me tens pena? Vê, não me arrependo do que fiz; saí da vida terrena porque não podia ficar nela; longe do meu lar, não haveria vida para mim. A minha profissão não oferecia nada em termos de ambição. Não tinha ninguém para servir que não pudesse ser servido por outro igualmente bem. Agora olhas para mim como se lamentasses algo que eu tivesse feito. É porque me retirei da existência mortal? Se assim for, estou disposto a suportar qualquer penalidade que daí possa advir." "Ah!" disse ela, "meu filho, tu não sabes."

Depois, por um tempo, afastou-se de mim. Outros ministraram como puderam, mas ainda assim havia algo entre nós. Havia companheiros da minha infância, estes eram bondosos e muito amorosos. Então pensei: "Será possível, será possível! que este único ato de tirar a minha própria vida física, que teria sido um fardo para mim e, portanto, para os outros, seja uma ofensa tal que se interponha entre mim e todos aqueles que amei, honrei e respeitei?" e pareceu crescer dentro de mim o sentimento mais ansioso, um pressentimento como os que por vezes temos na vida humana, mas como o que não tive no dia em que aquela mulher estranha veio ao meu escritório, um pressentimento no meu pensamento e coração de uma grande provação iminente, de algo terrível.

Eu disse: "Já não estou na terra, não há choque horrível que possa vir ao meu corpo, e não há terramotos que possam destruir estes belos

espaços e pavilhões de luz que estão além de mim." Pois, ai de mim! Eu não estava neles. Comecei a pensar em toda a formação religiosa que tivera acerca do suicídio ou da autodestruição. Perguntei-me se a destruição do corpo físico era pior do que destruir a natureza moral ou intelectual de alguém por vício, avareza e as várias coisas em que vira homens no mundo envolvidos que morriam do que se chama uma morte natural? Comecei a ponderar. "Será que isto é realmente o resultado de não ter deixado a minha esposa saber?" Pois no meu coração e pensamento, afastara-me dela tão completamente como se ela fosse uma completa estranha. Essa era a única forma de me impedir de expressar um julgamento áspero. Eu disse: "Esta mulher não é a mulher que amei, que tomei por ser." Assim, não pensei mais nela. Após ter tido esta iluminação parcial quanto ao meu estado, a minha mãe veio novamente.

Disse: "E o que entrou na tua mente acerca da tua esposa?" Eu disse: "Não sinto indelicadamente para com ela. Saí da sua presença porque não podia permanecer na terra onde não havia lar para mim." Ela disse: "Já te ocorreu o pensamento de que poderias estar enganado?" "Enganado! mãe! O que queres dizer? Não estou enganado nas minhas ideias de honra, nas minhas ideias de integridade, nas minhas ideias de veracidade e lealdade. Não estou enganado nem nas minhas ideias de justiça. Não sinto indelicadeza.

O que queres dizer?" Ela disse: "Já te ocorreu que a tua esposa é inocente?" "Ora, mãe! Não tive eu a evidência dos meus próprios sentidos? Sou um perito em caligrafia, se a minha própria intuição e coração não me tivessem ensinado a caligrafia da minha esposa. Não podia estar enganado nos termos de carinho; nos dias fatais dos seus próprios compromissos, estavam gravados na minha memória." A minha mãe ainda disse: "Já pensaste que a tua esposa pode ser inocente?" "Nunca." "Irás ter com ela?" "Não posso." "Mas ela está a chamar por ti o tempo todo." "Por mim? Como pode ela, como ousa ela chamar por mim?"

Confrontarei a minha mãe com um sentimento de severidade e rebelião, tal como se ergueria em qualquer coração humano em circunstâncias semelhantes. Ah! disse, então ela tem remorsos? "Meu filho," disse a minha mãe, "seja um tempo longo ou curto, seja um ano ou séculos, seja uma hora ou uma eternidade, terás de ir ter com ela algum dia." "Mas diz-me o que queres dizer?" "Quero dizer," disse ela, "que agiste

precipitadamente, sem o teu habitual bom julgamento; que deixaste a tua esposa numa tristeza do tipo mais profundo e os teus bebés sem um momento de pensamento, porque o teu afeto, não o teu julgamento, decidiu. Agora vou-te dizer; não sei qual será o efeito sobre ti, mas não podes sair do universo, embora tenhas saído do teu corpo.

Essas cartas foram escritas pela tua esposa, mas foram escritas a um irmão recreante e indigno, que deixara o seu lar e desgraçara a sua família em anos anteriores, que voltara ao lugar onde costumava viver, sob um nome assumido, com a sua esposa e família, e que estava sempre a pedir dinheiro à sua irmã. Estava sempre a meter-se em problemas desgraçados — como sabes, recusaste-te a atuar mais como seu advogado. Mas ela, por causa do laço natural entre eles, e porque não queria que fosses incomodado com os seus assuntos, deu-lhe dinheiro e esforçou-se por redimi-lo, porque pensava que havia algo que podia ser salvo e redimido.

Assim, viu-o muitas vezes. Mas esta mulher, a esposa dele, não sabia que ela era a sua irmã e, portanto, supôs que esta correspondência era errada. Agora, sem qualquer explicação da parte dela, sem qualquer oportunidade de a ver, tiraste a tua vida física; cortaste-a do intercâmbio e comunicação com o companheiro do seu coração. Só te disse isto porque terias de o saber, meu filho."

Então e ali, queridos amigos, pareceu-me como se o universo em si fosse caos, como se o Grande Poder Supremo tivesse esquecido a Sua missão, como se eu tivesse sido lançado numa tempestade de raios contra as rochas, como se um destino impiedoso me tivesse conduzido a essa condição. Não podia retroceder os meus passos. O que havia de fazer? Ali estava a querida mulher a quem eu havia prometido "honrar, amar, estimar e proteger, até que a morte nos separasse". Eu separara-nos para todos os efeitos e propósitos por este ato meu. Mas deixo-vos julgar qual era a condição do meu espírito. Toda a turbulência da minha natureza ergueu-se contra o destino, a lei, a eternidade ou o que quer que pudesse ter permitido que isto acontecesse.

Eu, sem um pensamento de buscar uma explicação, aceitara aquilo que me parecia, como advogado e como homem, evidência prima facie da culpa da minha esposa. Eu partira deliberadamente para longe de toda a oportunidade de uma explicação, para o mundo invisível, do qual ela não sabia exceto através daquela fé exaltada que as mulheres sempre têm,

uma fé no amor divino, e de que tudo estaria bem connosco no mundo seguinte se cumpríssemos o nosso dever no estado humano. Teria eu cumprido todo o meu dever?

Ah! ali estava; teria o amor sido a coisa de que me gabara, teria sido a coisa de que me lisonjeava possuir; teria eu sido o homem exaltado em vez da criatura que descobri ser, teria ido à minha esposa e pedido uma explicação. Mas o amor não triunfou. Foi o meu pobre e fraco orgulho humano, foi o afeto ultrajado, foi aquilo a que os homens chamam a sua honra. Foi, portanto, a minha vez de desejar ser aniquilado, de desejar, no grande batismo de aflição que se abatera sobre mim, ser apagado. A minha mãe disse: "Irás ter com ela?"

Eu encolhi-me. Disse: "Não te aproximes; não deixes que nenhum amigo olhe bondosamente para mim; não permitas que ninguém me conforte. Sou eu quem está amaldiçoado pelo meu próprio ato." Poderia, como disse antes, terem sido dias, poderia ter sido uma hora, pareceu um século ou uma era de tempo quando toda esta grande sombra me oprimia e me mantinha na sua escuridão terrível e medonha. Talvez nunca tenhais feito algo a outro que não pudésseis reparar; nunca alvejado uma menina ou menino na caça nem ferido alguém ou algo pela vossa própria mão que não pudésseis remediar pela vossa bondade de espírito. Se o fizestes, poderíeis saber algo do que me veio então. Pareceu-me então, e parece-me agora, que nunca me recuperarei disto. Mas veio um tempo em que a minha mãe disse:

"Tens de ir ter com ela. Mesmo que ela não possa ver, pode perceber a tua presença; mesmo que não possa entender, pode saber que estás lá." "Mas não posso ir, mãe. Não tentaria sobrecarregar a sua mente com o conhecimento do meu ato indigno. Ela nunca sonhou senão que saí da vida terrena por excesso de trabalho, e pensa que os meus pensamentos sobre ela eram o que os dela foram sobre mim. Posso eu ir à sua presença — eu que me sinto tão absolutamente indigno de estar perto dela?" Assim argumentámos tantas, tantas vezes. Mas veio tal fome e anseio, no meio deste desespero, de ir ter com ela, que por fim encontrei-me lá. Ah! mas a grande dor havia imposto o seu castigo ao coração dela, havia colocado o seu selo na vida dela.

Ela assumira com toda a verdadeira devoção o duplo trabalho de ser o pai e a mãe daqueles filhos, e através de todos aqueles anos que se haviam intercalado, nunca um pensamento sobre mim senão o de um

amor suplicante, piedoso e absorvente. Eu podia ver nas puras fontes do seu coração e espírito pensamentos como estes: "Oh, ele lutou tanto por nós; suportou este fardo por nossa causa; tomou todo este problema sobre si para que pudéssemos ter conforto da forma que é o nosso costume." Ela chorava suavemente junto à cama, e depois secava as lágrimas para que os filhos não a vissem e a questionassem sobre estar triste.

Continuava como todas as mulheres corajosas fazem, cumprindo a sua tarefa terrena, fazendo o seu trabalho; por vezes pensando suavemente que talvez eu pudesse saber onde ela estava e como se saía, que ela não se queixava, que ainda me amava, que esperava pela alegre reunião. Amigos, ela ainda está na vida terrena. Não sabe desta coisa terrível que fiz; e teremos de nos encontrar quando ela passar da vida terrena. Enfrentarei o olhar das suas olhos espantados e tal medida de repreensão como sei que conterão, e essa é a minha hora de tortura.

De agora até lá esforçar-me-ei, e todos estes anos tenho-me esforçado para a ajudar; todos estes anos tenho-me esforçado e esforçar-me-ei para tornar os seus fardos mais leves. Mas o que dirá ela, o que pensará de mim quando souber a verdadeira cobardia do meu ato? Falai do Hades! este fogo consome sem destruir. Falai de tortura! esta é a tortura que é minha. Não vos peço que me ajudeis a suportá-la, não podeis; simplesmente peço-vos que leveis a lição para as vossas vidas. Nunca façais aquilo que possais descobrir depois ser um erro irremediável. Os reinos da vida celestial estão todos diante de mim.

Os belos, os sábios, os bons estendem sempre uma mão bondosa para mim, mas eles sabem, sabem da grande cobardia desta suspeita e deste pensamento que entrou no meu coração, e que esta lealdade e amor que deveriam estar acima de toda a suspeita, não existiam no meu coração ou não poderia ter duvidado daquele coração imaculado que é verdadeiro. Assim, queridos amigos, criei o meu purgatório, o meu hades; não tenho outra luta na vida espiritual, mas tenho estado nela por muitos anos. Ainda não o tornei conhecido à sua consciência, àquela que tem de o saber tudo. Poderia dar-lhe uma mensagem talvez; poderia alcançá-la através de alguns daqueles instrumentos com os quais estais familiarizados. Mas a vida dela está ocupada de outras formas.

Embora não despreze estes métodos, nunca os procurou. A sua própria natureza firme e espírito exaltado encontram força espiritual sem isso; e

tenho sido relutante, queridos amigos, tenho sido relutante em rasgar o véu e deixá-la saber. Ela virá no decurso do tempo para este reino. A primeira que os seus olhos espirituais verão será alguém indigno de os enfrentar. Serei um covarde, encolhido como um bebé. No entanto, a minha mãe diz que não será assim; que haverá algo no amor dela, no conhecimento dela, na intuição dela, que me restaurará de imediato. Ela diz tudo isto e tenta fazer-me acreditar.

Talvez o faça quando, após mais anos e mais luz, e o grande conhecimento do amor infinito para ajudar, me torne ciente de que as minhas próprias provações e sofrimentos expurgaram o meu coração desta ofensa contra a lealdade do amor, a enfrentarei possivelmente sem medo, mas não até aprender dela, dos seus próprios lábios ou espírito, e do seu próprio coração que, sabendo o que fiz, ela ainda me ama.

Poderia falar-vos daqueles outras mentes e vidas exaltadas que procuraram conquistar-me; poderia falar-vos daqueles mentes brilhantes da terra que adorastes erroneamente; poderia falar-vos das sombras que repousam sobre incontáveis corações e espíritos humanos que não conheceis; mas estes gentis ministrantes que estão todos à minha volta dizem que a sombra não é o eu real, que a melhor parte prevalece; que esta grande luz de verdade e amor que brilha todo o tempo sobre mim daqueles que estão perto de mim restaurará a minha mente e espírito. Mas nunca o fará até ela vir.

ACERCA DO MUNDO ESPIRITUAL E DO QUE OS HOMENS SABEM DELE. UMA ORAÇÃO INSPIRADA PROFERIDA PELO SR. JAMES J. MORSE, LO.G.T., NAS SALAS DE ASSEMBLEIA DA BROAD STREET, EM BRIGHTON, NA SEXTA-FEIRA À NOITE, 13 DE MARÇO DE 1874.

O Sr. Morse, tendo entrado no transe inconsciente sob a influência dos seus guias espirituais, proferiu uma invocação adequada. Em seguida, prosseguiu com o seguinte DISCURSO. Temos de falar esta noite sobre um tema que deve apelar às sensibilidades de todos os corações presentes. Poderíamos ir quase ao ponto de dizer que em todas as épocas da história do mundo, desde o passado distante e remoto até ao presente imediato, a grande questão sempre esteve perante a humanidade:

"Se um homem morrer, viverá ele novamente; e se viver novamente, qual será o seu estado e circunstâncias?" Não importa a que religião nos

voltemos, ou que povo escolhamos como exemplo, o facto patente está sempre perante nós; e em todas as terras, e com todas as línguas, a questão é proposta e uma resposta é procurada: "Acerca do mundo espiritual, e do que os homens sabem dele." No passado distante, muitas noções estranhas e peculiares foram entretidas e promulgadas em referência a esta questão. Nada de definitivo, talvez, nada de muito substancial ou real, foi transmitido até ao presente como os restos dessas noções; mas ainda assim, flutuando nebulosamente pelo pensamento do dia presente, encontram-se as imagens esfarrapadas dos dias passados.

Os campos de Elísio, povoados pelas hostes dos bons e dos grandes; as planícies de Tártaro, repletas com as almas daqueles que desobedeceram aos mandamentos de Deus, e se colocaram em oposição aos grandes princípios de pureza e bondade; esse estado fabuloso ao qual o hindu aspira com carinho, e que é erroneamente suposto ser a absorção absoluta na Divindade; o estado futuro do maometano, um paraíso de delícias sensuais; o lar do futuro tal como retratado pela principal religião do Cristianismo, por um lado todo felicidade e beleza, por outro toda miséria e escuridão: todas estas e muitas outras conceções flutuaram perante a mente do mundo, e misturaram-se com o seu pensamento em todos os tempos.

O dia presente, com todo o seu avanço jactancioso, falha em dar realmente uma resposta racional ao problema sobre como é o mundo espiritual, e onde está localizado. Suponha, para fins de ilustração, que apelássemos a um dos líderes populares do sentimento religioso ortodoxo do dia, e lhe perguntássemos algo como isto: "Acredita na existência de um estado futuro. Se esse estado existir, deve ser uma realidade. Sendo uma realidade, deve ocupar uma localidade algures; deve ser algo que é real, uma condição de vida que tem uma relação positiva com o presente. Por favor, diga-nos onde está."

Esta é uma pergunta simples que é feita por todo o lado hoje, à qual dizemos que toda a comunidade religiosa falha completa e totalmente em dar qualquer resposta satisfatória. Pense nisso. Todos vós sois almas imortais destinadas a passar deste mundo para outro. Onde está esse mundo? O eco responde: Onde? Pense sobre este assunto, e depois volte ao facto triste e miserável de que sois profundamente ignorantes quanto a onde essa terra está, e pergunte a si mesmo o que realmente sabeis em relação a ela. Se um mundo espiritual existir, é da mais alta

importância para a humanidade que algum conhecimento preciso dele seja possuído por cada indivíduo vivo.

Sem este conhecimento, o mundo carece de algo que o tornaria brilhante e belo; o homem carece de algo que seria a base da sua vida — invisível, admitimos, mas ainda assim permitindo-lhe erguer-se ereto em toda a glória da sua imortalidade. Ai de nós! O que diremos? Vejamos por um momento a conceção popular da imortalidade; e não penseis que, ao tratar desta conceção popular do estado futuro como entretida pela vasta maioria dos professantes religiosos, temos o menor desejo de lançar ridículo sobre ela. Longe disso; pretendemos apenas analisar calmamente e desapassionadamente o que se acredita agora em referência ao estado futuro, e depois, se formos bem-sucedidos, substituir no lugar daquilo que pensamos ser ineficiente e infundado, outras matérias que sejam substanciais e verdadeiras — matérias que sobrevivam ao assalto do ceticismo, triunfem sobre toda a oposição, e voem para os céus banhadas na luz da verdade eterna.

Se pudermos fazer isto por vós, extirpar velhos erros e substituir novas verdades, tanto melhor para a família humana, pois deve tender ao seu enriquecimento. A conceção popular do estado futuro divide-se em duas cabeças. E quais são elas? O céu para os virtuosos, o inferno para os ímpios. Tomaremos o item mais glorioso primeiro. O que envolve esse item? Uma condição de existência onde as almas dos homens justos são tornadas perfeitas e felizes. Ninguém aqui, talvez, discutirá tal proposição, ou tal definição. Mas quando analisamos essa definição, descobrimos que significa algo muito diferente.

Devemos então tomar exceção a ela, pois não descobrimos que este céu está tão adaptado àqueles que viveram na terra como alguns supõem. O céu foi declarado ser um lugar composto de joias, com ruas de ouro, e portões de pérola: mas toda a parafernália do céu cristão é tão bem conhecida de todos, que mal há necessidade de nos determos intimamente nesta porção do argumento. E o mesmo com a ocupação daqueles que se supõe habitarem esta cidade; os habitantes da Nova Jerusalém supõem-se estar sempre a cantar hosanas, vestindo robes brancos, agitando ramos de palma, e portando coroas de ouro. A isto não oferecemos objeção, se o supremo prazer e a mais alta felicidade do homem consistirem em estar assim empregados. Mas é este o único fim da vida humana?

É este o único uso a que a imortalidade pode ser posta? São as condições nomeadas possíveis, e se o forem, são elas suscetíveis de conduzir à felicidade desejada? Agora vejamos o outro lado. Aqui temos um quadro cheio de escuridão e terror — o inferno com os seus recessos cavernosos ressoando com gritos e gemidos, o seu fumo sulfúreo enrolando-se como serpentes através da sua câmara abobadada. Por vezes uma luz lúgubre irrompendo das profundezas ardentes abaixo; e entre os gritos dos torturados, e o riso dos torturadores, o inferno, com todos os seus horrores, é trazido perante vós. E isto, dizem-nos, é o castigo infligido aos seus filhos pelo nosso Pai Deus! No entanto, São João diz: "Deus é amor." Não há algo de muito terrível em tudo isto?

Se estas coisas existirem como realidades, devem ter uma localidade; devem estar situadas algures. Perguntamos, como centenas perguntaram antes de nós: Onde está este céu ou este inferno? Mais uma vez descobrimos que o eco responde: Onde? A velha conceção era que o inferno estava lá em baixo, debaixo da terra; que o céu estava lá em cima — para além das estrelas. A ciência, de olhos de lince e aguçados, voou para o infinito do azul circundante que se estende indefinidamente; o seu olhar poderoso encontrou espaço sobre espaço, até que por fim se perde na densa escuridão negra para além, impenetrável na sua profundidade.

A ciência da geologia desvendou o emaranhado novelo da história da terra; arrancou o segredo das páginas de pedra rugosa e granito. Esta ciência revela a história passada e o progresso da terra onde agora viveis. Debaixo da crosta terrestre, desceu ao granito primevo; debaixo disto, bateu no oceano de fogo que ainda rola e se contorce no centro do globo; e calculou, sacrílega como é, que se todos os seres humanos que se diz terem ido para as regiões infernais fossem reunidos, seria impossível colocá-los nas regiões do inferno, tal como se supõe existirem dentro desta terra!

A ciência sondou as profundezas da vida, e escalou as vastas alturas para além, e regressando disse: Explorámos a face da terra, e sondámos as profundezas do globo, e não encontramos lugar onde um inferno pudesse existir, não encontramos localidade adequada para um céu! Mas os Espiritualistas, que deram alguma atenção à questão que discutimos esta noite, chegaram a resultados muito diferentes; descobriram que alguma resposta mais racional à questão "O que é o mundo espiritual" deve ser dada do que aquela fornecida pelos cientistas

materialistas ou pelos teólogos ortodoxos. Regressamos, então, para considerar a fraqueza do quadro ortodoxo em relação ao céu. Antes de o fazermos, temos de vos perguntar se é possível ao homem saber algo do estado futuro, se é uma ordem de existência?

Certamente pensamos que está dentro da possibilidade, e que é uma das necessidades da vida que o homem saiba algo do futuro para o qual tende; e pela frase "saber algo" não queremos dizer aquilo com que ele se contenta facilmente como evidência e argumento na fé, mas algum conhecimento prático, algum facto sólido que lhe revele inconfundivelmente a natureza do mundo para o qual tende. Perguntaríamos, se fôsseis fazer uma viagem para um país longínquo, uma terra que nunca tivésseis visitado antes, seríeis considerados sensatos e sãos se, sem a menor indagação quanto à natureza desse país, sem a menor preparação para a viagem, sem o menor esforço para vos familiarizardes com os seus costumes e maneiras, partísseis na vossa expedição e visitásseis essa terra distante?

Os vossos amigos sorririam e talvez batessem significativamente nas testas e pensassem que éreis muito moles mesmo. Quanto mais, então, em relação a esse lar maior, essa terra mais brilhante cujos habitantes são os espíritos ascendidos de parentes que outrora habitaram aqui convosco; não é necessário que tenhais conhecimento preciso para que possais preparar-vos para essa viagem enquanto nesta vida? Se houver algum sentido no argumento que estamos a usar, deve certamente apelar aos sentimentos de todos. A fraqueza do céu teológico consiste neste facto: está completamente em desacordo com a natureza do homem.

Mas podemos ser confrontados com o argumento contrário: Sabemos que tal condição de pureza e bondade e adoração e louvor está completamente em desacordo com a natureza do homem; mas antes de os bons e os piedosos entrarem nessa condição, há uma transformação maravilhosa efetuada nas suas naturezas. São mudados num piscar de olhos, e tornados aptos a desfrutar desse alto estado de pureza e paz! Suponha que admitamos a validade deste argumento.

Fá-lo-emos, e depois analisaremos as deduções a que necessariamente leva, que são estas: Se o homem for mudado quando entra no mundo dos espíritos, é outra pessoa que entra nesse mundo, e não o homem que conhecestes aqui nesta vida. Se algum dos nossos amigos fosse

transladado desta vida para a que está para além, e no ato de transladação fosse mudado inteira e completamente do que é agora para algo mais, quem seria imortal?

Não o nosso amigo; porque aquilo que é o nosso amigo agora não seria parente então. Vedes a inferência. Se o homem for imortal, isso deve envolver a retenção da sua identidade ou a aniquilação dela. Podeis, claro, aceitar a teoria que quiserdes; mas, no que diz respeito à verdade, o equilíbrio da opinião deve sempre pender a favor da retenção da personalidade e identidade com que o grande Criador vos dotou. Quais são os prazeres da vida? Não se resumem eles na única palavra: a identidade da vossa própria existência? Como é que as grandes e nobres mentes imprimiram a sua marca na época em que viveram, e que se fez sentir desde os seus tempos até ao presente? Sem essa personalidade brilhante e reluzente, sem essa identidade forte, o que se teria conhecido deles pelos seus semelhantes?

O que teríeis conhecido de Demóstenes ou Galileu, de Shakespeare ou Milton, das luzes brilhantes e reluzentes dos dias modernos, se não fosse o facto de estes homens exibirem no mais alto grau esse poder impressionante de individualidade e identidade que é o facto central da carreira de todo o ser humano? Quão repletos de bem e utilidade foram os nomes mencionados! Aceitaremos, então, a ideia de que, quando sois transladados, a própria essência do vosso poder para o bem, o facto central e integral da vossa consciência e ser, vos será arrancado, extraído de vós? Vivereis o fantasma do vosso antigo eu, sem nada restar desse poder para o bem que, na comunidade da vida, era tão incalculável?

Se a imortalidade envolvesse a perda da identidade, da personalidade, da individualidade, então a imortalidade não poderia ser apreciada pela mente no sentido de ser conhecida e compreendida, pois as condições da imortalidade sendo totalmente dissimilar e distintas das do vosso ser no presente, com faculdades dissimilar às agora exercidas por vós, não poderíeis compreender ou apreciar intelectualmente aquilo que é distinto e estranho à vossa existência ordinária.

Mas, por outro lado, se a identidade e a personalidade do indivíduo forem retidas, então segue-se como uma sequência necessária que a condição de vida a que o indivíduo entra deve ter alguma relação com as personalidades que a desfrutam. Sendo assim, haverá alguma

similaridade entre as condições da primeira experiência no mundo seguinte e a experiência da humanidade neste; deve haver alguma relação, ou como poderiam as faculdades ser capazes intelectualmente de conhecer ou compreender a administração da existência no mundo espiritual?

Chegamos agora face a face com o facto importante e surpreendente de que deve haver, de acordo com o nosso raciocínio, alguma relação e simpatia entre o homem neste e no mundo seguinte. Por outro lado, se a personalidade do homem for destruída, não pode haver relação e simpatia; não importa o que o homem é ou quais as condições do mundo que habita. Mas aceitamos esta teoria, distinta e enfaticamente — que após a morte há uma retenção da consciência, que há uma perpetuação da identidade e personalidade; e o reconhecimento deste facto ajudar-nos-á a saber algo da natureza do mundo espiritual. Estando, então, como estamos agora, com uma imortalidade racional perante nós, seremos talvez acusados de derrubar a conceção do Cristianismo, e de pisar as crenças de épocas aos nossos pés.

Aceitamos a situação, não porque a desejemos, mas porque a consequência inevitável se impõe a nós. Sabeis bem que a inteligência depende sempre da organização para a sua expressão; portanto, se todos os poderes que constituem o homem nesta vida, todos os poderes intelectuais, morais e espirituais que fazem o homem aqui forem retidos e perpetuados na vida para além, a inteligência que anima e dirige esses poderes deve ser retida também, como uma parte inseparável do próprio princípio consciente de si. Se, por outro lado, a inteligência existir no mundo para além, podeis ver muito facilmente que a organização deve ser necessária e essencial à expressão dessa faculdade da alma do homem.

Os nossos amigos pensarão talvez que estamos a entrar num estado horrivelmente materialista, dispersando no ar rarefeito, como estamos a fazer, essas conceções sublimes e transcendentais de espiritualidade e do mundo espiritual em que a humanidade tanto se deleitou durante tanto tempo. Bem, é muito melhor limpar o céu das suas teias de aranha — mentalmente falando —, é muito melhor apagar das vossas mentes toda a superstição e ignorância, para que possais ter o vosso horizonte mental claro e livre, e para que a luz da verdade possa brilhar sobre os caminhos escurecidos da vida humana. É muito melhor fazermos isto do que nos curvamos perante a superstição venerável ou perante erros há

muito acarinhados pelo povo. Tudo isto deve vir; a ferida deve ser removida, e então, quando a chaga estiver curada, o paciente agradecerá ao médico — sim, agradecer-lhe-á até pela dor necessária incidente à operação.

Há talvez um nome a que poderíamos referir-nos, alguém que fez mais pelos tempos modernos do que qualquer outro, e que lançou muita luz sobre este assunto particular — Emanuel Swedenborg. Swedenborg foi um escritor de muita volumosidade e profundidade maravilhosa, e estava intimamente familiarizado com o problema das condições espirituais da humanidade. Este autor revelou nos seus escritos muitas coisas respeitantes à existência post mortem dos homens que são de valor incalculável para o mundo.

O grande corpo da humanidade civilizada que leu as suas obras chegou à conclusão de que são meras divagações de um sonhador, que são os derramamentos de uma imaginação doentia, que não têm fundamento em facto ou realidade. Mas, estranho dizer, quando o Espiritualismo moderno surgiu, que foi visto como uma nova ilusão, um novo desvio da verdade, e outra impostura — quando revelações foram feitas pelos povos espirituais que se dizia comunicarem do outro mundo, descobriu-se que em muitos aspetos o Espiritualismo substancialmente corroborava os testemunhos do vidente sueco.

Foi muito estranho que Swedenborg precedesse o desenvolvimento atual do Espiritualismo moderno, que, por assim dizer, tivesse traçado as linhas e colocado as fundações pelas quais o Espiritualismo deveria viajar e sobre as quais deveria construir. No entanto, tal é o facto, e se os nossos amigos se derem ao trabalho de ler certos dos seus escritos, descobrirão que os detalhes são substancialmente os mesmos que estamos prestes a trazer perante vós. Mas não penseis que estamos a proferir isto simplesmente porque Emanuel Swedenborg ou qualquer outro escritor registou estas opiniões; estamos simplesmente a proferi-las para vós como a nossa perceção dos factos, como o nosso conhecimento das verdades envolvidas na existência destes factos.

A existência do homem, então, envolve no mundo seguinte a presença de uma organização e a posse dos poderes racionais. Agora, quem há entre vós no momento presente, mesmo que fosse tão bom e puro como nenhum outro homem ou mulher foi antes, que, se fosse transportado para o mundo seguinte com todos os seus poderes — mentais, morais e

espirituais — ainda intactos, se importaria com o céu teológico que vos descrevemos? Quem se importaria com a felicidade e o prazer particulares que se diz serem a sorte de todos os que entram nesse lugar? Quem há que se importasse em estar sempre a cantar e a louvar o Senhor, sempre a agitar ramos de palma, sempre a vestir robes brancos e coroas de ouro?

O eco responde: Quem? Não há um que possa pousar sinceramente a mão sobre o coração e dizer que desejaria sempre estar assim ocupado; não há um que possa dizer: "Estou apto a louvar o Senhor para sempre na terra do dia infinito." Aquele que o dissesse seria instantaneamente rotulado como um fanfarrão e um gabarolas; a profissão vaidosa seria vista com suspeita, e o fervor e zelo religiosos que se diria motivarem a expressão seriam valorizados pelo seu justo valor. Perguntamos, então, se fôsseis transportados para o mundo seguinte com todos os vossos poderes intactos, qual seria a conceção mais racional que entreteríeis da vossa condição? Substancialmente esta: Esses prazeres superiores da vida, essas ações e expressões de intuição e razão que constituem o maior prazer da mente pura e verdadeira, ocupariam a vossa atenção e consideração.

Procuraríeis resolver os poderosos problemas da Divindade, desvendando os fios da vida e traçando-os até aos seus fins e questões, reunindo assim um fundo de sabedoria e informação, armazenando as vossas mentes com uma riqueza de tal conhecimento, procurando continuamente a Causa suprema que controla a existência; e quanto mais soubésseis, quanto mais descobrísseis das obras de Deus, melhor poderíeis louvar e adorar esse Ser. Sentimos que, se a humanidade fosse transformada num lote de autómatos cantores de palmas, agitando ramos de palma e vestidos de robes brancos — se fôssemos arrastar uma eternidade de forma tão miserável —, a imortalidade seria o fim mais vil da vida.

Mas se houvesse um estado futuro para vós, onde os brilhantes e puros pudessem desfrutar um estado elevado e elevado de existência — onde cada faculdade da alma pudesse expandir-se e desenvolver-se —, onde, olhando para cima com um olhar confiante e confiante para o grande futuro ainda perante vós, procurando a inspiração do grande Deus que governa tudo — onde, sob tal condição, o homem pudesse pôr em evidência a flor e a beleza das faculdades que Deus lhe deu —, nessa

condição o homem encontraria a única felicidade que a sua alma foi feita para compreender e apreciar.

A imortalidade, então, significa uma de duas coisas — a retenção da individualidade e consciência, ou a sua aniquilação. Uma envolve-vos numa eternidade de atividade e utilidade, a outra numa eternidade de nada. A atividade e a utilidade são assuntos familiares à alma humana, e preenchem os requisitos da nossa humanidade comum. Aquele que lê a lição do tempo sente a necessidade de trabalhar para o avanço de si mesmo, para que possa ser o meio de efetuar o desenvolvimento da sua própria mente e a melhoria dos seus semelhantes.

A auto-melhoria é, em suma, um meio de avançar a civilização. Chegamos, então, ao mundo espiritual como descoberto a partir da natureza e do ponto de vista daqueles que o habitam. Suponde-vos na posição a que chegámos, e suponde que este mundo seguinte de que falámos, e sobre o qual a humanidade parece ter noções tão vagas, se revelasse a vós como simplesmente uma condição de nada, de névoa e vapor, sem terra, sem objeto, sem realidade, mas algo que não poderíeis realmente descrever ou dar a conhecer aos vossos sentidos, e enquanto flutuásseis no ar supostamente desfrutando disto como imortalidade, como vos sentiríeis felizes, como a vossa alma estaria satisfeita com a grandeza, a sublimidade e a nobreza desse estado futuro!

Supondo que fosse o quadro do céu, tal como pintado pela ortodoxia e pela teologia; tendes lá pouco prazer em ouro e joias e pedras preciosas, coisas que são apenas as bugigangas da vida terrena, o mero refugo flutuando na superfície da ambição do mundo e desejos egoístas, coisas procuradas e prezadas, não pelo bem que fazem à humanidade, mas pelas distinções que conferem ao possuidor. Se, então, o céu a que aspirais fosse construído destas falsidades da vida terrena, destes pedaços reluzentes de matéria consolidada, variando nas suas formas, e em si mesmos tão mesquinhos que uma alma morta para os pensamentos mundanos, e vestida na brilhante pureza da sabedoria, os despreza como coisas apenas para serem pisadas aos pés; se estas coisas preenchessem a natureza do lar a que aspirais, poderíamos dizer com toda a sinceridade:

"Ó céu, salva os teus filhos de tal destino!" Mas, por outro lado, supondo que o fim da vida fosse a presença de um fogo líquido fervente correndo pelas profundezas mais negras do inferno; supondo que o fim de toda a

existência, e o cumprimento da ira de Deus, significasse a condenação e tortura eternas dos seus filhos em tal condição; supondo que isso fosse o único fim e propósito de toda a existência, "Céu, salva-vos de tal destino!" é novamente a oração que surge dos nossos lábios — um destino que nunca foi nem nunca poderia ser feito a manifestação da sabedoria de Deus nosso Pai.

Devemos, então, procurar uma interpretação mais racional deste estado futuro do que qualquer que o mundo tenha recebido até agora. Mesmo o céu do maometano não pode responder aos requisitos da vida cultivada; é um apenas de mero prazer e gratificação sensual. Os princípios espirituais envolvidos na existência desse céu foram tão cobertos pela grosseira perversão a que estão sujeitos, que se perderam de vista nos tempos modernos.

Tomai qualquer outra conceção que quiserdes, a verdade real ainda não veio ao mundo. Se dissermos que o Espiritualismo professa revelá-la, não nos acuseis de egotismo; dizemos apenas que o Espiritualismo vos dá uma das respostas mais inteligentes, e deixamos para vós decidir se é a melhor que o mundo já recebeu. E a resposta que ele fornece revela-se nestas palavras: Ele, o mundo espiritual, deve satisfazer os requisitos do habitante que nele entra. Assim, nos dias luminosos do verão, o céu está sem nuvens, e o sol irradia sobre vós num dilúvio de glória tal que toda a Natureza parece banhada num mar tremeluzente de ouro.

Ao longe, as colinas azuis elevam-se para o céu; perto de vós está o relvado sorridente de verde esmeralda; correndo através do amplo planalto há um riacho, brilhante e faiscante como diamantes líquidos; e à vossa volta há flores brilhantes e esplêndidas e árvores ondulantes com folhagem emplumada. O canto dos pássaros torna o ar musical; o mugido das vacas, o balido das ovelhas, tudo contribui para o encanto e esplendor da cena; e sobre este quadro caminha o homem e a mulher, a mais nobre obra das mãos do grande Criador, respirando amor e pureza, e cada ação uma de ritmo e música.

Quão grandioso o quadro! Mudai-o! Colinas áridas e rochas estéreis, a catarata espumante, e o riacho sibilante e fervente irrompendo das profundezas abaixo, a cabra escalando os penhascos escarpados, o céu coberto de nuvens, a chuva caindo, talvez, em chuveiros impiedosos, o ribombar do trovão rolando pela encosta da montanha. O homem fica aterrorizado perante a força mais poderosa da Natureza governada pelo

nosso Deus. Ide para o mundo espiritual! Ficai lá onde as colinas imponentes, os prados agradáveis e as pastagens floridas — onde os riachos brilhantes e todas estas coisas e apetrechos da vida espiritual que lhe conferem tal beleza, e revelam de forma tão brilhante e clara a habilidade divina do Poderoso Arquiteto — se encontram, e observai que, se estas coisas não estivessem lá, a nossa presença na ausência delas seria absurda.

O homem, retendo todas as suas faculdades, sente a necessidade de tal estado. Ponde-o a vós mesmos, ponde-o nos vossos próprios corações, e chegareis à mesma conclusão. Instamos junto de vós, pois, agora a responder à questão: se o mundo espiritual não for um mundo real, diversificado por todo o pathos e grandeza que pertencem aos de uma ordem mais nobre e superior; se não tiver todas as coisas que tornam a Natureza bela, e revelam a presença do Autor da Natureza, então, em nome do céu, o que pode ser esse mundo espiritual? Qual é a vossa condição quando passais daqui, se não for desfrutar de uma condição tão real, tão atual, e mais gloriosa do que aquela que acabastes de deixar?

Espiritual, concedemos-lhes, refinada, admitimos, mas ainda assim uma condição tão real e verdadeira e substancial como aquela que agora desfrutais. Esta é a resposta apresentada pelos Espiritualistas; esta é a esperança entretida pelos Espiritualistas — a esperança, notai, que se funda no conhecimento prático dos factos envolvidos. Permitamo-nos, então, tendo ido tão longe, entrar no mundo espiritual, e por um momento dirigir a nossa atenção às suas condições de vida. Mas, antes de o fazermos, resumamos as várias porções do nosso discurso na medida em que avançou.

Primeiro afirmámos que houve um vasto número de respostas à questão sobre o que é o mundo espiritual? Estas respostas, não importa de onde recebidas ou por quem dadas, até ao presente provaram-se insatisfatórias. Mais uma vez, descobrimos que era o desejo de todos os homens que tivessem um grão de sentido — há alguns deficientes nesta última qualidade, mas orgulhando-se da posse dela — aprender algo do mundo seguinte. Aquele que professa não se importar um jota ou til com um estado futuro, que ri da ideia com desdém, que pensa que a imortalidade em si é apenas um sonho entretido pelos supersticiosos e ignorantes — aquele que diz ter sondado as profundezas da Natureza, e escalado as suas alturas, e não encontrou lugar para ela no esquema da

natureza, nenhum espaço para ela na economia do universo — que declara que a imortalidade e um estado futuro são dogmas explodidos por completo, observai tal homem de perto.

Vede a doença aproximar-se como um fantasma hediondo, e pousar a mão na testa de um dos seus filhos; observai o rubor da saúde partir do rosto; vede o olho ficar baço, faltando-lhe o brilho; observai os membros perderem a força; vede a forma definhar e decompor-se. Por fim, vede a calmaria morta espalhar-se sobre as feições; vede os olhos fecharem-se para sempre; vede a forma estendida sem vida perante o professor do materialismo. Então observai as lágrimas de agonia correrem pela sua face; e se tiverdes o poder, derramai as vossas palavras no seu coração, e perguntai-lhe se, no centro do seu ser, perante o seu filho morto, ele pode descrer da imortalidade, quando cada faculdade da sua natureza está em conflito com a existência, e pede uma resposta à questão:

"O meu filho está morto, ou vive ela?" Interpretar a sua resposta pelo que seriam os vossos sentimentos então, e encontrareis aquilo que é correto. Todos os homens sem exceção, assim parece, têm um anseio desejo de saber como é o mundo futuro. Apelámos aos sentimentos religiosos populares do dia. As respostas que deram às nossas questões devolvemo-las, pronunciando-as insatisfatórias. Depois citámos a natureza do homem tal como ele é aqui nesta vida, e a conceção popularmente entretida da sua natureza na vida seguinte; rejeitámos a mudança milagrosa nessa natureza como inconsistente com a descrição da imortalidade, e afirmámos que a existência do homem no mundo seguinte, como geralmente definida, está em desacordo com o que sabemos serem os requisitos do homem neste. Depois analisámos a natureza do homem e mostrámos que a imortalidade deve ser uma existência sensata e racional.

Disso traçámos o quadro do que o mundo seguinte realmente é. Colocai-o lado a lado com o que sabeis da natureza do homem, e deveis encontrar que os dois se encaixam completamente, cada um satisfazendo as condições do outro. Aqui, então, paramos — paramos perante um quadro da condição de vida no mundo seguinte no qual podeis entrar como seres racionais e sensatos. Agora dirigimos a vossa atenção às condições que realmente prevalecem nesse mundo seguinte. A conceção popular do céu e do inferno, dissemos, e repetimos, nunca expressou nem expressará a justiça do nosso Pai, Deus.

Perguntamos-lhes, onde, neste mundo de espíritos que agora descobrimos, há espaço para qualquer uma destas duas condições? Não há espaço para o inferno teológico, nem para o céu teológico. Não penseis, porque contestamos a existência destes dois estados, que negamos a possibilidade de castigo ou recompensa. Não o fazemos; e é precisamente sobre esta questão que desejamos falar-vos agora. Se fizésseis o circuito da vida humana, seria absolutamente impossível descobrir um homem que fosse a encarnação de tudo o que é grandioso e nobre, garantido sem a menor fenda ou falha; e, por outro lado, se procurásseis um que fosse total e absolutamente depravado, dentro de cuja mente ou coração nunca houvesse ou pudesse haver o menor germe de verdade e pureza, ficaríeis tão desapontados nessa busca como na outra. Se, então, não podemos encontrar pureza absoluta e mal absoluto, qual é a utilidade de tais condições no mundo para além? Pela própria demonstração do argumento, as fundações do céu e do inferno são assim minadas até ao cerne.

São inúteis porque não há ninguém apto a viver num, e ninguém cuja pecaminosidade justifique ser lançado no outro. No mundo seguinte encontrareis, muito o mesmo que aqui, que o semelhante se associa ao semelhante. Olhai para os reinos da vossa própria sociedade, e perguntai-vos se o camponês iletrado alguma vez se encontra em associação com o intelecto finamente afinado do poeta. A terra brilhante que se abre ao seu olhar seria morte e pestilência para o camponês. Olhai para os virtuosos e sábios. Encontrariam eles prazer e conforto se se associassem a caracteres degradados? Aqueles que são imorais, que estão contaminados pelo que nos agrada chamar vício e os crimes da vida, não encontrariam prazer nem felicidade na mesma esfera de trabalho com os bons e virtuosos. Vinde, então, e vede os habitantes do mundo espiritual tal como realmente existem!

Lembrai-vos, ao virdes, das palavras de Alguém cujas declarações geralmente tendes cuidado em atribuir alguma importância, que disse: "Na casa de meu Pai há muitas moradas." Estaríamos inclinados a dizer que as muitas moradas são para a habitação dos inumeráveis graus de desenvolvimento individual que continuamente para elas passam. Encontrareis aqui nesta vida graus na virtude, graus no vício, um afinando-se para o outro até chegardes ao que pensais ser a linha de demarcação, que não podeis apreender porque é tão fina, é tão difícil dizer onde a virtude termina e o vício começa. No mundo seguinte — todos vão para lá — aqueles que foram moderadamente bons e

moderadamente maus, e aqueles que foram positivamente bons e positivamente maus, mas estão lá não misturados como aqui; pois no mundo espiritual a lei que governa o espiritual do homem é que o semelhante se associa ao semelhante.

Sendo assim, encontrareis inumeráveis sociedades de indivíduos no mundo dos espíritos; encontrareis que aqueles que seguem certas ocupações se congregam juntos; aqueles de diferentes graus de moralidade e virtude serão todos encontrados nas suas sociedades apropriadas, e residindo nas suas seções e localidades definidas. Uma palavra agora sobre o que é o castigo do vício, e o que é a recompensa da virtude. Há um velho provérbio, que geralmente estamos inclinados a citar, e é neste sentido: "A virtude é a sua própria recompensa." Quantos de vós podeis dizer que estais amplamente contentes e satisfeitos com a consciência de ter feito uma boa ação, e sois totalmente indiferentes a que essa ação seja conhecida? Receamos tristemente que haja muita ostentação ligada ao fazer o bem. Pode gratificar a vaidade do fazedor do bem, mas parece-nos mais em harmonia com os princípios de uma boa vida se o bem fosse feito em quietude, e o fazedor do bem "corasse ao encontrar a fama."

Que recompensa quereis pela vossa bondade? Quereis ser elevados ao "lugar mais alto na sinagoga", coroados com uma coroa, vassalos para vos obedecerem, milhares para vos adorarem? Quereis ser o centro de uma fação, porque vivestes aqui uma vida o melhor que pudestes? Se assim for, fie na vossa virtude, fie na vossa nobreza e bondade! É apenas o meio para a aquisição de poder, que, da parte dos seus possuidores, em noventa e nove casos em cem, geralmente termina na opressão daqueles abaixo deles. Se a virtude for da natureza apropriada, será como aquela referida pelo filósofo quando disse: "A virtude, quando praticada, deve atuar na vida do indivíduo, e produzir uma virtude interna;" — e essa ação interna é em si a melhor e maior e única recompensa que o homem tem direito a esperar por fazer o bem que foi destinado a realizar. A compensação nesta luz é reação. Assim, o desenvolvimento e a expansão constituem uma das recompensas com que o homem é abençoado neste mundo.

Mas suponde que nesta vida os vossos esforços tivessem sido mal interpretados, os vossos propósitos destruídos, e todo o vosso desinteresse dado ao vento, no entanto continuastes a trabalhar para realizar o propósito perante vós, e guiados pela Providência haveis

sucedido quando passais para esse mundo, onde as escamas caem dos olhos dos homens, onde vedes claramente, face a face com o bom e o verdadeiro; eles reconhecem plenamente o desinteresse dos vossos esforços passados, derramam o seu amor e simpatia sobre vós, e colocam-vos no caminho de atingir a vida superior, e de alcançar as coisas ainda além de vós.

A compensação, então, é a grande lei da recompensa espiritual. Se isto for verdade, o que diremos daqueles que conscientemente e voluntariamente seguem os caminhos do mal? Se a reação for verdadeira no caso da virtude, assim no do mal; exatamente na proporção da profundidade e negrume das vossas iniquidades, assim será a quantidade de reação nas vossas próprias almas quando passardes para o mundo seguinte. Quantos de vós que talvez tivestes o poder de fazer uma boa ação escolhestes antes fazer uma má? Pouco a pouco aumenta, e muito torna-se mais, e mais torna-se vasto. Tão fácil fazer uma pequena ação, boa ou má, e se for uma pequena ação boa, esse pouco pode ser aumentado, até que por fim a prática da virtude se torne fácil e agradável.

Também é fácil começar ações más, e aquilo que era difícil no início torna-se costumeiro e parece agradável; e, por fim, a retribuição espera, como uma espada suspensa sobre a vossa cabeça, para desferir o golpe fatal. Pensai, então, antes de fazer uma ação má, que a reação dessa ação será tão grande em extensão como foi o ato em si. Mais uma vez, para considerar mais intimamente o ponto, qual é o destino dos bons e maus neste mundo de espíritos? Inquiramos se os maus estão eternamente condenados a um estado de escravidão, e os bons para sempre mantidos nesse estado brilhante de bondade em que entram no início. Se assim fosse, todo o esquema da existência seria um fracasso. Repetimos que se a condição precisa em que o indivíduo entra no início no mundo espiritual fosse para sempre mantida, o poderoso esquema da existência seria um fracasso. Progresso, vida, energia, estas são as características do mundo onde viveis, e das vossas próprias naturezas também.

Estais sempre a viver no futuro, não tanto no presente; estais agora a desfrutar do passado que outrora para vós era o futuro. Progresso, atividade, vida, energia — estas são as características vitais subjacentes da vida futura do espírito, e são tão reais e sólidas como a rocha de granito. Não se perdem porque o espírito foi desincorporado; não perdeu

um único atributo; nem uma única porção da sua autoconsciência foi aniquilada. Portanto, o progresso deve ser o destino do desincorporado. Então pode ser que quando a reação do vício tiver cumprido o seu propósito, e o indivíduo tiver sido purgado e purificado através da tristeza e do sofrimento, que fique livre para sair da escuridão, para longe das terras de provação e desespero, para as agradáveis estradas da paz e pureza.

A ação e reação da virtude sendo factos existentes no mundo seguinte, a reação dos mortos virtuosos causará um desvelamento das faculdades, e levará o indivíduo a aspirar a maiores alturas, a voos mais grandiosos de utilidade e atividade. Então cada dia é desfrutado, cada alma realiza os seus próprios poderes, e sente que quanto mais conhece do mecanismo da vida, melhor pode adorar e compreender a paternidade e presidência de Deus. O destino de todas as almas no mundo dos espíritos é o progresso: o castigo devido, e apenas o castigo devido, é administrado e isso auto-infligido, em virtude do facto de que toda a lei que procurais violar traz sobre a vossa própria cabeça o castigo devido. Evidentemente o mundo até agora tem sido ignorante quanto à natureza do mundo espiritual, e à condição dos seus habitantes; à luz do argumento usado esta noite, que é simplesmente o do Espiritualista, produz-se uma conceção definida e racional.

Colocai os dois lado a lado, a conceção indefinida e vaga flutuando pelo mundo, e a conceção racional e filosófica que colocámos perante vós, e pedimos-lhes que aceiteis ou rejeiteis qualquer uma como vos parecer melhor. Perguntar-se-á: Que prova há de que o que dissemos é verdadeiro? Há vários milhões de seres humanos que professam ter recebido comunicações de fontes supramundanas, que estes espíritos são na realidade as pessoas desincorporadas, as pessoas que outrora habitaram corpos humanos; e destes comunicantes inteligentes, tudo, substancialmente, o que afirmámos esta noite foi comunicado ao mundo.

A evidência de cientistas e filósofos, escritores e oradores, foi dada ao mundo confirmatória destes factos. Os milhões de pessoas comumente chamadas Espiritualistas tomaram o assunto em mãos também; e em todos os estratos da sociedade, desde o mais humilde ao mais exaltado, o fio brilhante da comunhão espiritual pode ser traçado, e podeis receber evidência de que a comunicação espiritual foi recebida por todas as classes da comunidade civilizada; e se o testemunho concorrente tiver algum valor, especialmente quando fortificado por grandes nomes e

intelectos poderosos, diríamos certamente que um caso muito justo, prima facie, foi estabelecido a favor de tudo o que instámos em relação à existência, à natureza e à condição do mundo espiritual.

Deixamos, então, o argumento à consideração dos nossos amigos; tratámos a questão "Acerca do mundo espiritual, e do que os homens sabem dele" da melhor forma das nossas capacidades. Pode, claro, ser possível que não tenhamos satisfeito os requisitos de muitos, mas fizemos o nosso melhor para cobrir todo o terreno, e podemos apenas sentir que a audição paciente que nos concedestes é alguma evidência pelo menos de que não fomos sem sucesso.

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA ASSEGURAR

A COMUNICAÇÃO MAIS PLENA E LIVRE COM O MUNDO ESPIRITUAL;

E OUTROS ASSUNTOS

Discurso Inspiracional proferido pela Sra. Cora L. V. Richmond, em Chicago, Ill. Domingo de manhã, 18 de fevereiro de 1877

(Este e os seguintes assuntos nesta Palestra foram entregues na plataforma por membros da audiência.)

A comunicação com o mundo espiritual não é de modo algum nova, nem os seus métodos foram recentemente descobertos;

mas, no que diz respeito a qualquer conhecimento geral das leis relativas a essa comunicação, o mundo está, talvez, tão ignorante hoje como sempre esteve.

As manifestações entre os dois mundos aumentaram nos últimos meio século, pela razão de que a condição aproximada da humanidade é maior na direção da vida espiritual, e de que necessariamente existe uma atmosfera melhor.

Dizemos que é maior na direção da vida espiritual, porque a tendência do mundo é avançar; porque a disseminação de ideias sobre todos os assuntos é mais universal, e porque a condição média da humanidade

hoje está num estado moral e espiritual melhor do que em qualquer período anterior de tempo.

Mas a comunhão com a vida espiritual só pode ser facilitada pelo crescimento espiritual.

Quaisquer que sejam os métodos científicos dessa comunhão, eles não alcançarão além de um certo nível, a menos que a condição espiritual também atinja além disso; e, para o benefício da humanidade, é certamente desejável, não que as manifestações se tornem gerais, como tal, mas que um conhecimento das leis espirituais se torne geral, para acompanhar as manifestações e dar evidência do seu significado.

Fenomenalmente falando, as manifestações espirituais existiram nos últimos trinta anos num grau cem vezes maior do que em qualquer período antigo ou tempo de poder espiritual.

Fenomenalmente falando, as maravilhas que foram manifestadas são tais que não só desafiam a análise científica nas interpretações usuais da ciência, mas apresentam no presente uma barreira quase total a qualquer investigação através de métodos científicos usuais, uma vez que a ciência não tem os instrumentos, os termos apropriados, nem as fórmulas necessárias para investigar com sucesso uma classe de fenómenos que depende de forças inteiramente desconhecidas para a ciência.

Portanto, aqueles que procuram maior facilidade de investigação através de qualquer coisa que o mundo científico possa desenvolver no seu atual estado de inquirição, ficarão desapontados.

O que o homem científico faz é geralmente aprender o abecedário da comunicação espiritual, quando presencia as manifestações que existem hoje, e, no que diz respeito a dar qualquer poder adicional aos investigadores, ou quaisquer métodos adicionais, ele é geralmente frustrado por não ter uma compreensão adequada dos poderes que são empregados pelos espíritos.

A atual facilidade de investigação surge das condições mencionadas pouco antes disto, e da maior atividade na vida espiritual, ao entrar em contacto com essas forças ocultas, e da investigação adicionada das próprias mentes espirituais; e enquanto os batimentos e várias outras formas de manifestações eram conhecidos, nada como um sistema

preciso de investigação foi estabelecido no mundo espiritual até ao último século, e mesmo como a eletricidade se tornou aqui o principal método de comunicação entre homem e homem, assim na vida espiritual essas forças espirituais tornaram-se o principal método de comunicação entre espírito e espírito, e através disso tornaram-se o principal meio de comunicação entre espíritos e seres humanos.

Como o telégrafo magnético espantou o mundo há meio século, com mesmo os vislumbres da sua possibilidade; e como o poder do vapor mal era acreditado quando os próprios experimentos da sua força estavam a ser testados: assim nas esferas da vida espiritual, os poderes que agora se manifestam para comunicação com mentes terrenas, estiveram sob experimento e teste, e a interpretação tornou-se tão geral, e os métodos de comunhão espiritual na vida espiritual tornaram-se tão universalmente adotados, que as manifestações aqui são os resultados dessas maiores facilidades lá.

O que queremos dizer com métodos de comunicação não são as evidências externas que tendes aqui de sons e de movimentos de objetos externos.

Essas são apenas a expressão mais recente, ou melhor, a expressão mais externa, do poder espiritual; mas a influência da mente sobre a mente, como ensinada por Anton Mesmer; o poder de leitura da mente, como revelado na clarividência e psicometria; a interpretação de todo o pensamento, como manifestado por aqueles que são leitores da alma; a influência que uma mente tem sobre outra que está em simpatia direta com essa mente — todos estes assuntos foram o tema de investigação de filósofos mentais, que partiram recentemente para a vida espiritual, e o próximo assunto foi descobrir a força oculta mais próxima ligada à vida humana, que tornaria essas manifestações tão disponíveis aqui como na existência espiritual.

Essa força oculta é o poder que rodeia os médiuns e que permite aos espíritos, tendo conhecimento prévio das condições mentais, adaptarem-se a este estado.

Mas tão subtil é este elemento, tão diferente mesmo da eletricidade, ou dos elementos mais subtis que empregais, que é afetado por coisas que a eletricidade não é afetada;

por exemplo, uma corrente elétrica é interrompida pela proximidade de um íman, e uma agulha magnética desvia-se do seu curso pela presença de qualquer aço, ferro, ou outros corpos possuindo poder de atração magnética.

Um navio foi enviado para fora do seu curso muitos quilómetros por causa disto, às vezes; e a análise dos corpos celestes é frequentemente interrompida por ilusões óticas, que são os resultados de raios de luz refratados.

Estes experimentos subtis são familiares à ciência.

Então, quando considerais que há outra força, ainda mais subtil do que a eletricidade, que a eletricidade não é suficientemente abundante nem suficientemente subtil para responder aos propósitos das manifestações espirituais, mas é uma das forças mais externas empregadas, mas raramente, se alguma vez, constitui a força que é empregada pelos espíritos: quando considerais que a força que é empregada deve ser ainda mais subtil, e que se uma corrente elétrica pode ser interrompida por uma tempestade na atmosfera; se a agulha magnética pode desviar-se do seu curso pela presença de outros corpos magnéticos, esta força subtil que é empregada pode ser mudada, alterada, ou de muitas maneiras perturbada pelo próprio poder do pensamento; considerareis quão subtil é a força que é empregada pelos espíritos para comunicar com os mortais.

A raiva, o medo, o ódio, qualquer tipo de animosidade, suspeita, desvia esta força oculta dos seus canais legítimos e úteis.

As forças espirituais que permeiam o corpo humano são tantos pontos de vida espiritual, e qualquer coisa que interfira na sua circulação harmoniosa e correta é como a interrupção súbita da circulação do sangue.

Esta força espiritual, quando flui harmoniosamente, constitui a avenida da manifestação espiritual, e quer seja através de manifestações físicas — como o movimento de corpos tangíveis, quando a força é assim desviada do corpo do médium, e lançada ao redor do objeto que se deseja mover; ou quer seja escrita mecânica, quando a força é mudada do seu curso usual e enviada rodopiando pelo braço, que vibra rapidamente; ou quer seja inspiração, quando a força é desviada dos

seus canais usuais para alimentar o corpo geralmente, e um poder adicional é trazido para incidir sobre o cérebro, não importa no que diz respeito à força em si.

É o mesmo poder, e a operação dele depende do conhecimento e do poder de vontade do espírito que o emprega, e da condição, organização, temperamento e desenvolvimento do médium.

Todos os seres humanos são médiuns; isto é, todos têm espíritos, todos têm estes elementos subtis que conectam o espírito com o corpo; e como o corpo é sustentado e alimentado pela atmosfera externa, assim a conexão espiritual entre o espírito e o corpo é mantida viva pela atmosfera espiritual.

Cada pessoa é mais ou menos inspirada, movida, atuada, influenciada, governada, pelos espíritos no corpo e por espíritos fora do corpo.

Vós pouco compreendeis quão influenciados sois uns pelos outros, que correntes subtis de vida se entrelaçam com as vossas, e mudam as ações ou o pensamento de um dia.

Às vezes uma pessoa pobre passando na rua põe a mente num certo canal de pensamento para o dia inteiro; vós ficareis a perguntar-vos como resolver os problemas da pobreza e da riqueza.

Às vezes uma pessoa que está deprimida cruza o vosso caminho, e ledes no rosto a expressão de tristeza, e para o dia inteiro estais deprimidos por essa consciência.

Às vezes um amigo vos encontra e uma palavra passa — mal é uma palavra — e sois inconscientemente irritados por ela, e para o dia inteiro estais perturbados, ou até que alguma atmosfera mais congenial se aproxime de vós e ponha os nervos magnéticos na sua ordem apropriada novamente.

Às vezes um pensamento inadvertidamente, sem uma palavra, sem expressão, atinge a vossa mente — pareceis ensombrados por ele como por asas protetoras.

Tudo isto parece muito subtil, e no entanto forma tanto uma porção da vossa vida mental diária como a luz do sol e o ar formam da vossa vida física, que não vedes, mas cuja ausência certamente sentis se dela sois

privados. Desta maneira o mundo espiritual se aproxima de vós; não longe, mas entrelaçado com a vossa vida.

Espíritos recentemente desencarnados, ou a quem tendes laços muito fortes de atração, influenciam inconscientemente, e movem-vos para algum ponto que possam ter em vista; esforçam-se por vos ajudar, talvez, de maneiras externas, ou em algum problema mental, e mesmo vos guiar por sinais e indícios inconfundíveis.

Antigamente estes sinais e indícios vinham em sonhos, no que os vossos ancestrais chamavam premonições, e às vezes em sinais audíveis, como três batidas altas, que em algumas famílias indicam uma premonição certa da dissolução próxima de algum membro da família.

Ultimamente esta forma de manifestação assumiu a forma de intuição ou impressão, e embora muitas pessoas suponham estar impressionadas, que não são guiadas corretamente, isso não faz diferença quanto ao valor da impressão.

Sois impressionados por seres externos que não vos impressionam corretamente, e os espíritos não são mais oniscientes nem infinitos em conhecimento do que os seres humanos, no entanto o facto da impressão permanece o mesmo, e os métodos dessa impressão são a simpatia entre a vossa mente e o espírito que vos impressiona, ou alguma condição de mente ou corpo pela qual são postos em rapport convosco.

Para facilitar a influência dos espíritos mais elevados sobre os mortais, para facilitar a expansão dos poderes de mediunidade, que sejam para o melhor proveito da humanidade, para ter a certeza de que as impressões que recebeis não são apenas da vida espiritual, mas são mensuravelmente corretas, depende inteiramente do crescimento espiritual, do padrão médio da mente individual, e da finura, da qualidade e da entoação (se pudermos usar esse termo) do próprio cérebro.

Há tanta diferença na textura dos cérebros humanos como há entre as diferentes qualidades de instrumentos musicais, e enquanto a trombeta pode soar um sopro, a harpa e a lira são necessárias para as melodias mais finas e requintadas, e enquanto o órgão, que é como uma composição de homens e anjos, pode soar também as notas mais altas, é capaz de imitar o gorjeio mais suave do pássaro.

Tal é a variedade infinita das mentes humanas, e tal a textura variada das faculdades empregadas e dos órgãos sobre os quais a própria mente deve trabalhar, que uma mão mestra na vida espiritual governará mesmo o cérebro melhor do que o indivíduo que ocupa esse cérebro.

Isso é sempre o caso com médiuns inspirados, musicais, falantes ou outros, que manifestam tais poderes de eloquência quando sob influência espiritual, mas que não têm quase tão bom controlo do seu cérebro externo como o espírito na vida espiritual.

A razão disto é que há um instrumento fino ali, pronto para ser tocado, mas que a pessoa que o possui não entende todos os registos, todas as teclas, todas as possibilidades maravilhosas que estão escondidas ali.

O espírito na vida espiritual, tendo maior conhecimento e um âmbito mais preciso e poder de vontade, pode tocar as teclas que estiveram silenciosas, pode desenvolver todos os recursos escondidos dessa organização, e produzir um som de melodia ou um poder de pensamento que transcende por muitos anos de desenvolvimento o estado normal do médium.

Gradualmente o estado normal eleva-se com esta ação da mão do espírito mestro, e o verdadeiro médium é verdadeiramente ensinado pelo espírito que o controla.

Às vezes os médiuns possuem poderes maravilhosos no sentido de serem afetados por toda a influência.

Isso é geralmente suposto ser uma condição deplorável;

mas, quanto mais facilmente afetado, mais prova que há uma organização sensível, capaz, se bem gerida e guardada, de apresentar as provas mais elevadas da vida espiritual.

Quando encontrais tal médium, e depreciativamente dizeis: “Oh, qualquer influência pode aproximar-se desse médium!” soa como uma repreensão; mas não vos queixais se o vosso relógio mantém o tempo preciso, ou se uma bateria elétrica é sensível à corrente elétrica, ou se, cuidadosamente ajustada, a agulha magnética oscila de um lado para o outro; vós afastais objetos desviantes, mas não vos queixais da sensibilidade que a torna facilmente desviada.

Agora, um médium controlado por quase qualquer classe de espíritos é o médium mais valioso para comunicação espiritual direta, pela razão de que a mediunidade atinge a necessidade de cada classe de seres humanos.

Adequadamente rodeado e abrigado, com círculos adequados e influências harmoniosas, tal médium torna-se o porta-voz dos espíritos mais elevados.

Rodeado por discórdia, por antagonismo, por suspeita, por observações que são pouco caritativas, o médium torna-se sujeito a influências como aquelas que são atraídas por esses arredores, e imediatamente dá evidência disso em alguma comunicação rude, subdesenvolvida ou não espiritual.

Isso desgosta o investigador; mas ele esquece que o mundo espiritual não é povoado inteiramente por anjos, mas por espíritos exatamente como aqueles que diariamente saem do vosso meio; que se os seus pensamentos como investigador são indignos, ele é mais provável que seja acompanhado por um espírito da mesma ordem; se os seus pensamentos são de suspeita, e estão no nível do pensamento humano mais baixo, ele é mais provável que seja acompanhado por espíritos que refletirão o seu próprio pensamento no médium.

Assim, a necessidade de guardar cuidadosamente os médiuns é o único ponto que desejamos incutir em vós.

Com uma organização sensível, uma que manifeste poderes de mediunidade, ou se na vossa própria pessoa descobrirdes que há poderes e impressões que não podeis explicar, é então tempo para estudardes para serdes cuidadosos com os vossos arredores, para vigiardes o desdobramento destes poderes, e para vos assegurardes de que eles não são desviados do objetivo da vida espiritual por quaisquer motivos egoístas ou pessoais.

A principal barreira entre o mundo espiritual e o vosso é o egoísmo da humanidade, a materialidade individual, o corpo exterior que tanto valorizais, e que vale tão pouco, a substância do eu externo, que o tempo todo se ergue entre vós e o sujeito da investigação espiritual, o mesmo tipo de eu que para sempre se interpõe entre homem e homem, entre o

homem e as conquistas mais elevadas da vida humana, entre o homem e o seu trabalho mais nobre aqui.

Assim, num sentido subtil, e de uma maneira mais usual, o egoísmo do indivíduo sempre se interpõe entre vós e a investigação da vida espiritual.

Haveis ouvido falar de cristãos que dizem que, quando chamados a Cristo, se entregaram.

Ora, esse é o sentimento que todos deveriam ter quando em busca da verdade.

Não vos propondes a interpor-vos como uma barreira entre a luz do sol e as flores aos vossos pés; não podeis interpor-vos como decisores entre o mundo e qualquer grande problema espiritual.

Se interromperdes a corrente numa direção, ela encontrará outra.

Não é crédito para um homem colocar um carril na via férrea e parar um comboio, ou quebrar um fio telegráfico, e interromper uma mensagem.

Sem dúvida ele pode fazê-lo; mas fá-lo-á, se não for criminoso?

Ora, há muitas pessoas que se aproximam do Espiritualismo como um guerreiro vai para a batalha, vestido com uma armadura intelectual completa, preparado para detetar engano, fraude, fingimento, ou o que quer que seja, além da verdade; preparado e cingido com qualquer quantidade de teorias; se uma teoria não bastar, aqui está outra pronta à mão; e este homem ou mulher tem a audácia de se reclamar investigador.

Poderíeis chamar amigo a um homem que entrasse na casa com o propósito de vos disparar.

Poderíeis supor que um homem estava num estado harmonioso de mente que estivesse a delirar e a enfurecer-se no mais alto estado de raiva.

Ele arma-se contra a verdade, e depois diz: “Agora, se isto for verdade, gostaria que me fosse provado.”

Quem é o “eu”, para que a Verdade ande à caça de um advogado, quando milhares de pessoas no mundo anseiam por ela?

Quem é o “eu”, para que o mundo espiritual lute uma batalha simulada, e se envolva em ginástica intelectual com, pelo mero prazer de vencer uma porção de mentes, e de argumentos externos que não valem o esforço?

Quando o espírito precisa da verdade, procurá-la-á;

e embora o mundo espiritual se aproxime mesmo de tais mentes, elas não são as que são recolhidas primeiro no jardim da verdade.

Devem ansiar, devem aspirar, devem esperar, devem crescer; e embora recebam evidência intelectual da vida espiritual, não se tornam os seus valiosos e espirituais expoentes; param nesse estágio crónico de fenómenos e começam a investigar, e param aos vinte anos exatamente onde começaram, com as formas mais externas de manifestações.

Todas estas coisas provam simplesmente que a receção da verdade não depende da existência da verdade em si, mas da condição da mente que a vai receber; e que um certo estágio de crescimento, e equidade, que não significa credulidade, que não significa fé cega; mas uma recetividade que responde a qualquer poder de prova, é o estado mais elevado de investigação humana.

Alguém disse em conexão com manifestações espirituais, que há uma credulidade de descrença no mundo, que é muito mais surpreendente do que qualquer coisa que os crédulos que acreditam na imortalidade tenham adotado, a credulidade de acreditar em toda a teoria que professa explicar manifestações espirituais, exceto a única hipótese que não requer tanta credulidade; e esta é a mania que anda pelo mundo hoje.

Qualquer coisa menos a verdade; qualquer coisa menos aquilo que, de acordo com as evidências mais claras da lógica, é o mais fácil de explicar as manifestações; qualquer outra solução disso, vagueai pelo mundo, saí de todo o âmbito da lógica e da filosofia.

Eles realizarão ginástica intelectual e saltos mortais em qualquer extensão requerida, para explicar aquilo que tem uma linha simples de sequência de causa e efeito, e que qualquer um não tão predisposto aceitaria com base na evidência oferecida.

Além disto, aqueles que são mediúnicos e aqueles que investigam manifestações espirituais aproximam-se disso com a questão ou com o pensamento principal na mente: “O que é que isto tem a ver comigo individualmente? O que é que isto tem a ver com as minhas ideias preconcebidas, as minhas opiniões, a minha teologia, a minha religião, o meu pensamento social, a minha filosofia?”

O sujeito em si nada tem a ver com as vossas filosofias; não é responsável por elas, não é obrigado a reconciliar-se com elas.

Isso é negócio vosso.

Compreendereis prontamente que se a luz do sol penetrar pela primeira vez numa fenda escura da terra, não é responsável pelo que possa ser revelado ali.

Compreendereis que se a atmosfera for introduzida num quarto onde houve vapores e humidade, a atmosfera em si não é responsável pela comoção que possa ser criada no armazém de detritos, teias de aranha, mofo e escuridão, que ali residem; e que a luz da verdade espiritual iluminando todas as câmaras da mente, que estão mais ou menos escurecidas, é susceptível de revelar coisas que não são agradáveis.

Mas suponde que o faz?

Excluiremos a luz do sol por causa disto?

Não haverá investigação porque os seres humanos não podem suportar a luz da investigação?

Certamente não.

O crescimento deve vir após a decadência, e a velha casca que rodeou a vossa mente, na filosofia, na religião, na teologia, deve, talvez, ser superada e quebrada, e o germe deve irromper para outra vida, e se houver lutas neste processo não será, portanto, culpa da filosofia em si ou da verdade em si.

“Condições harmoniosas” é sempre a injunção nos círculos.

A primeira palavra do mundo espiritual, se tiverem uma avenida de comunicação, é “Cantai; sede harmoniosos.”

A razão disto é que a música, mesmo música indiferente, atua sobre todos os nervos como uma espécie de equalizador, através dos sons harmoniosos produzindo as correntes necessárias que fluem nas regiões ocultas da vida que pertence ao espírito, e cantar, ou outros meios de produzir harmonia, é o único meio direto de convidar ou invocar a influência do mundo espiritual.

As mentes devem ser mantidas num estado harmonioso; a excitação de todos os tipos, anterior aos períodos estabelecidos em que invocais a presença dos espíritos, deve ser evitada — excesso de mente e corpo em todas as direções.

Caso contrário, convidais influências extremas.

Todas as abordagens ao espírito humano devem ser guardadas pela vigilância atenta da mente, para que a única avenida possa estar aberta ao mundo espiritual.

Procurando estas coisas no mais elevado estado de espírito, o mundo espiritual faz mais do que metade da sua porção do trabalho, aproximando-se de vós quando estais inconscientes disso, guardando-vos quando não estais cientes, e por admoestação de sonho e impressão amorosa procurando afastar o perigo, enquanto o grande crescimento do mundo, com passo solene, marcha, muito atrás do crescimento dessa vida espiritual, que, como outra atmosfera arqueando o vosso mundo, encontrou a verdade e espera pelos meios da sua expressão aqui.

Fazei bem a vossa parte, tanto quanto o conhecimento é possuído por vós, e as avenidas para a comunhão espiritual não só serão rapidamente aumentadas, mas a comunicação em si será mais ampla e mais elevada, e a verdade recebida será tal que levará os homens mais perto do reino dos céus sobre a terra.

PERGUNTAS RESPONDIDAS PELA SRA. RICHMOND

O Espírito Controlador explicará como é Possível aos Espíritos Penetrarem através de Massas Ponderáveis de Matéria, como as Paredes de uma Sala?

O segredo desta explicação reside no facto de que os termos empregados pela ciência são apenas termos relativos.

Substâncias ponderáveis não são substâncias sólidas; substâncias imponderáveis não são imateriais; mas ao mesmo tempo uma substância menos densa do que aquela que forma a parede de uma sala pode facilmente penetrar essa substância que é porosa.

Mesmo as rochas são porosas, e o poder ou substância espiritual é tão subtil que não desintegra as partículas para passar através das paredes porosas de uma sala; pelo contrário, como o fumo, que se adapta a qualquer abertura de escape, o corpo espiritual pode ser alongado, dividido, e subdividido sem no mínimo ser desintegrado; e portanto isto explicará a passagem através de substâncias aparentemente sólidas dos elementos que compõem o corpo espiritual.

O corpo espiritual é material, mas é, claro, de substância mais fina do que qualquer que tendes na terra, é governado por leis de atração, e tem uma organização que pode ser desintegrada à vontade e reunida novamente sem destruir a fibra.

As substâncias das vossas vestes materiais ou corpos materiais são tão grosseiras que se assim divididas seriam, claro, separadas para sempre.

Mas não assim com o espírito que absorve o seu corpo dos elementos da atmosfera, lança fora, muda, adapta-se às condições em que se encontra, e pode entrar ou sair de um apartamento sem qualquer abertura que seja visível aos sentidos do homem.

Além disso, os espíritos podem estar presentes e ainda assim estar a mil milhas de distância.

O que queremos dizer com isto é que não há espaço na vida espiritual; e quando falais de uma pessoa estar numa sala referis-vos, claro, ao seu corpo físico; a sua mente pode estar noutro lugar.

O espírito está sempre presente onde o pensamento está envolvido, e a atmosfera interveniente não oferece barreira a essa presença, mesmo que haja a distância referida.

Podeis compreender isto facilmente permanecendo nos vossos lugares e pensando nas vossas casas.

O pensamento pode atravessar não só instantaneamente o espaço, mas podeis em retrospeção passar pela rua, passar por todas as mudanças

necessárias para chegar à vossa casa na vossa mente sem uma vez cruzar o limiar desta sala.

Portanto, a mente e o espírito agindo juntos, a ação simultânea do espírito sobre o corpo espiritual pode projetar essa presença na vossa mente, ou, permanecendo na vida espiritual, pode influenciar-vos dessa altura como os raios do sol, através de milhões de milhas de distância, afetam as flores aos vossos pés.

A NATUREZA, NO MUNDO ESPIRITUAL, E AS LEIS DA SUA OPERAÇÃO

Por “natureza” supomos que o inquiridor quer dizer aquilo a que estais acostumados a chamar natureza externa ou material aqui.

Não há natureza no mundo espiritual separada da vida espiritual.

Ao contrário da terra e de outros corpos materiais, as substâncias da existência espiritual são todas empregadas, são todas governadas pelo pensamento, são todas influenciadas pela influência e poder da mente que as possui.

Portanto, um lar, arredores externos, paisagens, coisas que correspondem à vida externa da terra devem ser tomadas na ordem inversa da existência aqui.

Chamai-lhes aqui objetivas; então se são objetivas aqui, na vida espiritual são subjetivas.

Se são subjetivas aqui, o que contendemos, então na vida espiritual são objetivas.

O espírito influencia as substâncias pelas quais está rodeado.

Aqui o homem é influenciado pelas substâncias.

O espírito move-se sobre, cria, destrói, produz efeitos, tudo em resposta ao estado mental ou espiritual.

Aqui leva séculos para produzir uma impressão sobre a matéria, e então na maior parte a impressão é varrida pela primeira tempestade que passa.

Esses elementos antigos, a terra, o ar, e o céu, as várias divindades que pareciam presidir sobre o universo externo, pareciam mover o homem ao seu comando, embora vencidos pelo homem em detalhe, como resultado geral ele produziu muito pouco efeito sobre eles.

Tudo isto é invertido na vida espiritual.

A mente mais material é a que tem menos poder na vida espiritual.

Aquele que foi mais influenciado na terra por influências materiais é o que, entrando na vida espiritual, está menos consciente do que fazer.

Ele não tem poder para moldar as imagens, os pensamentos, os elementos que o rodeiam; ele está curvado e acorrentado pela recordação dos seus sentidos terrestres e dos métodos da vida terrestre, e se proceder na vida espiritual à maneira da vida terrestre falha em tudo; tudo desaparece e evade o seu toque; as rochas não farão casas, a árvore não dará fruto, o jardim não tem flores.

Se inverter o método, se começar de dentro, se o motor da vida e o princípio da vida estiverem lá, se não buscar arredores externos mas trabalhar no seu pensamento e mente, encontrará os seus arredores a segui-lo; eles crescerão sob a sua mão; ele aparecerá exatamente como é.

Ele molda-se a si mesmo e molda a sua morada sem recolher uma massa de detritos e cinzelar paredes de pedra para erguer um templo.

Mas se pensar bons pensamentos e estiver firmemente empregado na direção de dons espirituais e vida espiritual, o seu templo ergue-se à sua volta e os átomos nos quais se move e sobre os quais trabalha tornam-se transformados e transfigurados e ele é em embrião um criador.

Esta é em resumo a resposta.

Claro que requereria um discurso completo para responder adequadamente à pergunta.

A EXISTÊNCIA INDIVIDUAL DOS ANIMAIS É CONTINUADA ALÉM DA VIDA TERRENA?

Tudo no universo tem uma existência dupla, aquilo que é visível e aquilo que é invisível.

Cada átomo, cada flor, cada árvore tem uma individualidade, por assim dizer, que nunca se perde, mas permanece sempre um indivíduo na direção da sua existência.

Por exemplo, acredita-se pelos swedenborgianos que cada flor e cada pássaro e cada animal tem um protótipo espiritual na vida espiritual.

Aproximadamente isto é verdade; mas há uma vida espiritual para eles.

Queremos dizer que a atmosfera rodeando a terra e as flores da terra está povoada com o espírito das flores;

que os animais que habitam na terra existem num estado espiritual ao redor do reino animal, e que há uma perpetuação, não da imortalidade individual, pois isso pertence a uma volição e consciência que é completa na sua natureza e forma o círculo da existência, mas uma vida espiritual que é tão bem adaptada a cães e cavalos como a vida espiritual dos seres humanos é adaptada a eles, e onde as linhas se fundem muito juntas na terra geralmente se fundem juntas na vida espiritual, uma vez que o homem que é devotado a cães e cavalos geralmente não passa muito além da atmosfera da terra quando parte da terra — pelo menos não imediatamente.

Assim, é bem verdade que eles possam ver cães e cavalos na vida espiritual como aqui — porque não se elevam acima da atmosfera que os contém: e esta vida nunca se perde, nunca se funde noutra vida, mas constitui para sempre a cadeia subtil da vida em criações semelhantes neste ou noutros planetas, exatamente como as substâncias do corpo constituem os elos subtis formando as criações externas de homem e mulher.

Isto, como a outra pergunta, no entanto, requereria uma elaboração mais extensa.

PERGUNTA RESPONDIDA PELA SRA. CORA L. V. RICHMOND, EM CHICAGO (Medium 375)

OS MALES E O REMÉDIO DO NOSSO ATUAL SISTEMA SOCIAL

O estado social do mundo muito mais do que o teológico ou político é a resposta imediata à condição espiritual da humanidade, e isso é uma questão de crescimento.

Dizei-me o que há na sociedade e dir-vos-ei o estado espiritual da sociedade.

Mostrai-me os resultados de qualquer existência social e dir-vos-ei o crescimento espiritual dos indivíduos que a formam.

Os males da vida social, se brotarem em extremos, provam um extremo noutro lugar; se brotarem em inércia geral ou indiferença mostra uma estagnação dos impulsos sociais e superiores da humanidade.

Todo estado social é o florescimento da civilização que representa, e como no período intelectual da Grécia e Roma a condição social era a mais corrupta, assim provou que o coração, a vida social e espiritual foram empobrecidos para sustentar os esplendores da mente; como em períodos anteriores e posteriores o estado social foi sacrificial às condições políticas prova que o poder da ambição tinha maior influência do que o poder do amor.

Quaisquer que sejam as perturbações aparentes, as dificuldades aparentes na superfície da sociedade hoje, o estado social médio do Cristianismo é a expressão mais elevada das civilizações do passado.

Nunca houve um período de tempo em que homens e mulheres juntos na arte, na ciência, na literatura, na música, na religião, na filosofia pudessem sentar-se, ou caminhar, e falar, e conversar juntos como fazem no século XIX.

Os resmungões podem dizer o que quiserem do estado imoral da sociedade; o estado da sociedade é melhor do que os seus olhos podem ver, e a condição média do mundo é muito mais elevada do que tais homens e mulheres podem possivelmente perceber.

Mas os males que são transmitidos de geração em geração, os males crónicos do mundo, tais como são visíveis nas classes criminosas, nas classes que são geralmente imorais na sociedade, devem ser rastreados até costumes antigos.

Primeiro, a prevalência da força; depois, o ajustamento das leis humanas para o governo do homem que tornou a mulher ilegalmente o seu adjunto de muitas maneiras; a associação juntos de seres humanos numa desigualdade devida à força física, e portanto à riqueza física que se tornou finalmente o poder aumentado do mundo; título hereditário, a transmissão de propriedades hereditárias, casta — todas estas coisas de que sofreis, e as classes criminosas cresceram no velho mundo como consequência direta deste favoritismo e distinção de classes.

As classes criminosas neste mundo estão a tornar-se cada vez menos tenazes, por causa da publicidade do crime, e por causa da oportunidade geral dada a todos os que a desejam para uma vida mais elevada e igual com os restantes.

Não deveis esperar que maravilhas sejam operadas num século.

Um mundo que teve muitos milhares de anos de corrupção alternada e tentativas de justiça humana não pode esperar ser renovado num dia.

Leva milhões de anos para fazer um mundo — por que não milhões de anos para fazer anjos de seres humanos?

PSICO-DINÂMICA; OU, ESPIRITUALISMO versus CIÊNCIA.

Uma Oração proferida pela Sra. Cora L. V. Tappan, sob a Inspiração de "Benjamin Franklin", na Concert Hall, Lord Nelson Street, Liverpool, na Sábado à Noite, 12 de Junho de 1875.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores — O tema que vai prender a vossa atenção esta noite é denominado "Espiritualismo versus Ciência" uma vez que no mundo da ciência tudo o que está ligado à mente ainda não sofreu investigação, e uma vez que no mundo da matéria se denomina ciência aquilo que pertence unicamente às evidências dos sentidos humanos.

Mas se tivéssemos de vos dar um termo distintivo, e se o vosso orador atual analisasse aquilo que deve ser expresso pela palavra "Espiritualismo", diríamos que é a encarnação da ciência, uma vez que lida não só com todas as leis conhecidas pelo mundo, mas com todo

esse reino inexplorado de leis ainda desconhecidas e inexploradas no mundo da matéria.

O devoto no santuário do materialismo e da ciência material comete este erro quando declara que qualquer conhecimento do espírito é impossível.

Nenhum homem com pretensões a conhecimento científico ousará afirmar que está familiarizado com todas as leis da natureza.

Entre as substâncias humanas e materiais que compõem a matéria terrestre e a organização e o infinito de uma mente Divina, há um reino infinito de causa e efeito, cujas leis mais externas foram descobertas pela ciência material, e cujas mais internas não foram sonhadas por qualquer mente na terra.

Quem quer que declare, portanto, que o mundo da mente e do espírito é um mundo incognoscível, e que certas manifestações ligadas à força psico-dinâmica são impossíveis de acordo com as leis da natureza, declara uma inverdade palpável, uma vez que não pode estar em posição de saber o que é possível no universo, e só pode julgar pela sua própria experiência.

Há dois lados no universo — aquele lado que é palpável aos sentidos externos do homem, que sofre a observação externa dos sentidos e é passível do controlo de poderes humanos aplicados externamente; e esse vasto outro lado que não é passível do controlo humano, e que, controlando a terra da matéria e o próprio homem, é de longe a maior porção do universo de causa e efeito.

Para esse lado, até agora inexplorado e desconhecido, convidamos a vossa atenção esta noite.

Para essa região, até agora suposta oculta, e da qual o homem, tateando na cegueira dos sentidos externos, tem sido incapaz de extrair qualquer conhecimento ou qualquer informação, convidamos a vossa contemplação e a vossa apreciação justa e sincera, tendo em mente que foi dito, não só nos dias antigos, mas pelo próprio Montaigne, que "Quem julga sem conhecimento exibe, portanto, a sua própria ignorância, e quem, tendo conhecimento, julga pelos outros, exibe a sua própria tolice."

Aquele que assume pronunciar julgamento, portanto, sobre esse reino do qual confessa nada saber, coloca-se na categoria daqueles que são cegos e não querem ver, e tendo ouvidos não querem ouvir.

A verdade reside em todo esse reino de investigação que para a mente e intelecto humanos é possível, e onde quer que essa possibilidade se estenda, quer seja aos círculos externos ou internos da mente, aí o pensamento disposto e um propósito honroso se estenderão.

A investigação interna daquilo que pertence ao controlo do homem sobre a matéria não tem sido até ao último meio século um tema de suposta ciência humana, e a Psicologia é uma ciência ou tema tão novo no mundo da investigação humana que ainda não foi classificada no seu lugar apropriado.

Só nos últimos seis meses é que uma Sociedade Psicológica foi formada na Grã-Bretanha com o propósito de investigar fenómenos da mente pelo mundo da ciência.

Sociedades psicológicas em ligação com manifestações espirituais existiram, mas o grande corpo de sábios no mundo da ciência ignorou os fenómenos da mente como estando para além do plano usualmente aceite de investigação científica.

Mas os factos tornam-se coisas teimosas, e quando uma série de factos que um quarto de século e mais de análise inteligente falharam em desmentir são empilhados à porta da ciência pedindo admissão, não há corpo de homens no mundo que possa resistir ao seu testemunho, especialmente quando acompanhados por prova absoluta da integridade individual, e fiabilidade pessoal daqueles que os investigaram.

De um século, portanto, de observação de ambos os lados desse plano de existência que agora ocupais, pedir-vos-ei que considereis o lado espiritual do universo, a sua fusão com o mundo exterior, e a possibilidade de aproximar o conhecimento de forças espirituais, mesmo enquanto estais em contacto com a matéria.

É afirmado amplamente pelo mundo da ciência que uma substância física não pode ser movida sem contacto externo conhecido.

A substância de que o corpo humano é composto é material;

move-se em obediência à vontade humana; nenhuma análise científica, salvo aquela que foi revelada pela inteligência psico-espiritual, alguma vez desvendou ao mundo como o espírito do homem governa o corpo material, e o faz mover em desafio das proposições da ciência.

Diz-se que o espírito não pode, sem dispositivos mecânicos adequados e apropriados, aplicados externamente e de acordo com leis conhecidas, mover qualquer substância externa em variação com as leis conhecidas da gravitação.

Foi provado pela ciência psico-espiritual que substâncias podem ser movidas em contravenção das supostas leis da gravitação sem quaisquer forças físicas adequadas observáveis aos sentidos humanos ou detetáveis de qualquer ponto de vista humano.

Do ponto de vista espiritual isto é facilmente explicado.

A mesma lei que permite ao espírito humano, quando encarnado, controlar por uma série de efeitos psico-dinâmicos sobre o sistema nervoso, a aura nervosa, e toda a estrutura do corpo humano, permite a um espírito desencarnado pelo mesmo processo, infinitamente elaborado, mover substâncias externas através de leis conhecidas e palpáveis.

O último século revelou certos avanços distintos e absolutos nos fenómenos externos da ciência; o próximo século, se não me engano, revelará um avanço incalculável no mundo da ciência espiritual.

A primeira proposição que tenho de vos apresentar esta noite é a polaridade dos átomos que constituem não só a estrutura física e orgânica da terra, mas a estrutura física e orgânica do sistema humano, na medida em que onde a eletricidade é lançada em ângulos retos durante a noite, assim esta força elétrica é lançada do sistema humano precisamente da mesma maneira, com toda a devida permissão para as diferentes posições e condições variadas do corpo humano.

Portanto, que cada ser humano é ou magnético ou elétrico em períodos alternados de dia e noite; e sempre que o ser humano é magnético ou elétrico, essa força que é denominada magnetismo ou eletricidade é a força pela qual a mente do homem governa o corpo, causa contacto com a criação externa, e produz efeito físico.

Esta força, estendida a todos os átomos infinitesimais de matéria que jazem entre o organismo externo do homem e o mundo que é denominado o mundo da mente, é uniforme na sua ação, governada pelas mesmas leis, passível das mesmas forças, e capaz de desenvolvimento na produção de poder.

Portanto, quando se descobre que os átomos constituindo a atmosfera da terra estão mais ou menos carregados com esta força de eletricidade positiva ou negativa, e uma força contrária intervém para destruir esse efeito, prova que para além das causas e correntes usuais de eletricidade ou vida magnética há outro poder superior.

Para conveniência, denomino esse poder superior a força psico-espiritual; e pertence não só à mente desencarnada, mas a todas as mentes encarnadas;e quem quer que tenha sido trazido a esta sala esta noite por inclinação, poder de vontade, curiosidade, razão, julgamento, ou aspiração, foi trazido por um processo da sua mente individual agindo através deste poder psicológico sobre o sistema nervoso, sendo trazido desta forma, e mostrando a vossa independência da atmosfera externa e das leis da vida orgânica externa.

Um espírito desencarnado está aqui pelo mesmo processo; e se for possível para vós, em desafio das leis usuais de inércia que controlam substâncias sólidas, trazer os vossos organismos físicos construídos com qualquer quantidade de matéria externa e substância sólida, para esta sala em obediência a este poder psico-dinâmico, então também é possível para uma mente desencarnada — ou qualquer número delas — reunir-se nesta sala através da mesma lei, e sobre os átomos da mesma atmosfera que vos rodeia, pelo mesmo processo, mover-se sobre as vossas mentes, dar expressão a estas palavras, e de várias maneiras alcançar os organismos dos vossos corpos externos, e assim alcançar os vossos espíritos.

Mas o processo de controlo espiritual da estrutura orgânica da atmosfera espiritual, devo definir antes de prosseguir.

Como afirmei, a atmosfera externa é composta de átomos polarizados, cada um dos quais obedece às leis de controlo magnético ou elétrico.

A atmosfera espiritual, precisamente da mesma maneira, mas com uma estrutura infinitesimamente mais fina, e composta de substâncias

infinitamente mais finas, obedece às leis de controlo espiritual magnético ou elétrico; e sobre esta atmosfera mais fina, e em obediência a esta lei mais rara, as mentes de todos os seres humanos inteligentes agem, quer encarnados quer desencarnados;e não é mais um milagre que um espírito desencarnado possa mover-se sobre um cérebro humano para vos falar esta noite do que um espírito encarnado possa fazê-lo, uma vez que o mesmo processo permite a ambos realizar o mesmo resultado; e quando o meu honrado amigo, o Presidente, vos fala e vos move para uma compreensão do seu pensamento — ele sendo um espírito encarnado — não é mais impossível para mim, sendo uma alma desencarnada, mover-me sobre um cérebro externo que está vivo com estas partículas de força elétrica produzindo a mesma ação mecânica sobre os órgãos vocais, as mesmas vibrações na estrutura mental, o mesmo processo de estímulo aos gânglios nervosos, assim falando os pensamentos, desejos, propriedades e poderes que pertencem ao mundo dos espíritos.

Entre os dois mundos a ligação conectiva não está tão afastada, nem tão impossível de análise, como o mundo da ciência vos fará acreditar.

Para cada átomo físico último posso mostrar-vos uma força espiritual correlativa; para cada resultado físico último posso mostrar-vos uma causa espiritual correlativa; para cada manifestação no mundo da matéria, definida pela ciência e comparativamente compreendida, posso mostrar-vos uma manifestação ou uma causa no mundo dos espíritos não definida pela ciência, mas capaz de ser tão bem compreendida.

Os átomos que compõem a atmosfera desta sala são invisíveis para cada um de vós.

Partículas decimais que compõem toda a vitalidade que atualmente inalais são impalpáveis, no entanto pouco a pouco contribuem para a construção da estrutura física, e sem elas seríeis uma massa morta de argila.

Os átomos espirituais que jazem atrás destes são tão inestimáveis e tão necessários à vossa vida espiritual e física como os átomos físicos; e se o vosso corpo requer oxigénio num estado elevado de refinamento na atmosfera para sustentar a vida física, assim as vossas mentes requerem pensamento num estado elevado de refinamento, ou há morte para a vossa estrutura mental e espiritual.

Esta estrutura mental e espiritual, e os elementos que a alimentam, chamamos o oxigénio da alma, pertence à própria esfera de investigação psicológica que atualmente está a ser revelada ao homem, e constitui uma época tão grande no mundo da ciência como quando, há cem anos, o Dr. Priestley foi perseguido, quando, descobrindo o elemento do oxigénio na atmosfera externa, encontrou também esse outro elemento de liberdade espiritual, sendo este último a causa principal da sua perseguição.

Hoje anunciamos o oxigénio da atmosfera espiritual, que é a mesma força psico-dinâmica destinada a desempenhar um papel tão importante no mundo da investigação científica no futuro como o oxigénio com as suas várias combinações desempenha hoje.

Tudo o que a vitalidade da estrutura externa é composta através das combinações conhecidas na ciência química, a mesma vitalidade da estrutura espiritual é composta de combinações conhecidas no mundo da ciência espiritual.

Este mundo da ciência espiritual de gradação em gradação encontra o vosso mundo exterior mais do que a meio caminho, e move-se sobre a atmosfera que rodeia as vossas mentes, produzindo vibrações, impressões, pensamentos, aspirações, orações, emoções, e a elevação de tudo o que permite ao homem elevar-se acima das meras funções brutas da existência na vida; e sem esta vibração que começa do Espírito Mais Interno do Universo, e através de círculos sucessivos de gradação externa governa a mente mortal, o homem, com todo o seu orgulho e intelecto e poder físico gigantesco, não teria aspiração além das funções materiais que expressam a sua vida externa, e morreria como o bruto morre — inconsciente da imortalidade.

É sobre as asas deste poder subtil, e em gradações diretas de pensamento absoluto, que o mundo espiritual governa o mundo mortal hoje; e a fusão dos dois estados de ser são tão íntimas e constantes como a fusão das vossas vidas com a atmosfera externa, ou os raios de luz com aquilo que constitui o vosso ser.

Como foi recentemente descoberto que a luz tem um poder de força assim como o poder de vibração atómica, assim pode ser descoberto no curso da investigação científica que o pensamento tem poder de força assim como tem o poder de vibração ou impressão; e quando se souber

como facto que embora a força elétrica seja ainda inaplicável aos grandes propósitos mecânicos, ainda assim tem sido descoberto que é apropriada como portadora de mensagens do mundo, assim a luz em si, apropriada à iluminação e distribuição de todas as forças vitais na natureza, tendo maior poder dinâmico do que qualquer outra força em existência, pode ser descoberta como contendo os próprios elementos do novo poder motor pelo qual a terra atualmente anseia; e se o poder, revelado no Espiritualismo Moderno pela elevação de corpos pesados, pela criação e condensação de aparências na atmosfera, pela reunião das forças e elementos vitais da natureza em formas absolutas, se tornar utilizado e comum no mundo dos propósitos humanos, então descobrir-se-á que o poder psico-dinâmico é maior do que todas as outras forças combinadas, uma vez que não só governa o universo visível, mas todo esse universo que jaz entre vós e a causa última de todos os efeitos — a própria Divindade.

Descobrimos, portanto, que este poder pertencente inatamente à esfera da mente é a causa imediata de todos os efeitos externos do contacto do homem com a matéria.

Descobrimos que cada vibração do pensamento humano é mais importante no mundo dos resultados dinâmicos do que as revoluções de todos os planetas no sistema solar.

Descobrimos que há mais força numa única aspiração da mente humana (quero dizer perpetuamente e eternamente) do que em todos os dispositivos mecânicos que o mundo possui hoje.

Descobrimos que um objetivo bem dirigido não só governa uma geração de mentes e uma sucessão de eventos de geração em geração, mas governa séculos de tempo e milhões de seres humanos e centenas de gerações pelos seus resultados.

Vi que um único pensamento propelido de uma mente gigantesca mesmo na direção do ódio ou da ambição tem poder para influenciar multidões de seres, e que estes têm poder para governar a terra e torná-la passível do seu propósito; e dos mares de derramamento de sangue na terra ao cântico ou oração mais elevado que vibra através das regiões seráficas, o poder do pensamento permanece sozinho supremo.

É o pensamento que controla o poder motor da terra hoje; é o pensamento que causa a transmissão de mensagens pela bateria galvânica ou elétrica; é o pensamento que lavra os mares com miríades de navios construídos pela invenção humana e passíveis da mão do homem; é o pensamento que influencia e governa o destino de impérios e nações até ao fim de fazer o deserto e o ermo florescerem como a rosa, e construir cidades densamente povoadas onde se concentram inteligência, ciência, poder e saber; e se esses elementos primordiais e antigos da terra às vezes desafiam a habilidade da ciência moderna, é só porque a ciência ainda está na sua infância, e os ventos e as marés e as grandes forças arrebatadoras e controladoras do universo são igualmente governados pelo pensamento, para além da compreensão do homem, e aliados à própria Divindade.

Se estes resultados podem ser operados pelo homem dentro da província da história humana e dentro dos registos de muitas mentes agora vivas, o que não poderão ser os resultados operados, quando, adicionado à esfera da ciência presente, visível e reconhecida, vier o processo atual da própria mente e as leis que governam o vasto reino que jaz para além do mundo externo mas é palpável e real?

Afasto-me, portanto, a afirmar que não há descoberta da ciência humana e nenhuma invenção de conquista externa sobre a matéria senão o que é passado em gradações diretas do mundo das causas espirituais para o mundo da mente encarcerada na forma humana.

Afasto-me a afirmar que nenhum Galileu alguma vez sonhou com os processos maravilhosos da revolução da terra sem que esse pensamento, nas asas de um serafim, tivesse sido transmitido através de esferas sucessivas de vida inteligente.

Afasto-me a afirmar que nenhum princípio novo ou poder motor foi revelado ao homem que não tenha sido conhecido a inumeráveis idades no mundo da mente acima da matéria, e estes são revelados tão depressa quanto os estágios lentos e rastejantes da vida externa do homem o admitem.

Apodrecestes os vossos profetas; perseguis o avanço da ciência; escarneceis e depreciais os descobridores de novos princípios; em poucos séculos de tempo erigis estátuas às suas memórias, e embelezais os seus nomes nas páginas da história.

Fui escarnecido nos anos da minha carreira mortal porque me atrevi a afirmar que o elemento da eletricidade nas suas fases positiva e negativa ainda governaria o mundo do homem.

Hoje dependes disto como o teu mensageiro; e esse pensamento escarnecido pelo mundo da ciência torna-se hoje a elevação de milhares e milhões de corações do desespero e angústia.

Posso prever positivamente que o cordão de comunicação ou o meio de comunicação entre os mundos espiritual e material, será, num século de tempo, tão frequentemente reconhecido e recorrido como o telégrafo elétrico-magnético de hoje; e que a força que agora é escarnecida e depreciada, mas que apressamos com asas prontas como portadores de mensagens à terra, tornar-se-á a força prevalecente, não só de comunicação entre o mundo dos espíritos e o mundo da matéria, mas de comunicação entre mente e mente; de modo que um pensamento em Liverpool ou Londres, com poder de vontade adequado e acompanhante, alcançará uma mente em Nova Iorque ou no Japão sobre o próprio processo de vibração dinâmica antes referido.

E se isto parecer improvável e selvagem, é apenas o mesmo parecer que fez parecer improvável que o relâmpago fizesse o comando do homem, ou que a terra girasse sobre um centro da sua própria criação.

Este processo espiritual e dinâmico o mundo dos espíritos está a empregar hoje, governando mentes na terra onde quer que seja praticável, e provando que há mais força num pensamento inteligente e bem dirigido do que em todo o mecanismo empregado para a construção de pirâmides, ou que causa o transporte da vossa mercadoria de um país para outro.

Este poder do pensamento introduzimo-lo a vós; tornamo-lo possível para vós dirigi-lo e governá-lo; tornamo-lo também uma nova ciência, e uma descoberta na filosofia, que através deste poder psico-dinâmico o universo em si é movido por uma sucessão de causas espirituais, cada uma tendo uma fonte inteligente e bem dirigida.

Não tenho queixa a fazer contra o método da ciência; professa lidar com resultados e não causas; é necessariamente de passo lento por causa da experiência e observação; deve lidar com esses resultados que são provados uma e outra vez, antes de poderem ser declarados ao mundo.

Mas para além disto é pretensão declarar que porque a ciência não descobriu um princípio, ele portanto não existe; para além disto que a voz da ciência permaneça silenciosa enquanto a da intuição se move para sempre, de pé rápido e com visão profética, anunciando idades adiante aquilo que a ciência depois é compelida a admitir como verdadeiro.

Não tenho guerra a travar com os pensamentos prevalecentes no mundo que são lentos a adotar um novo princípio, e lentos a reconhecer a existência de uma força recém-descoberta.

Mas travo guerra para sempre com essa ignorância e tolice inevitável que declara que porque o indivíduo não viu, portanto uma coisa não pode ser, ou porque a humanidade não descobriu um princípio, portanto ele não pode atuar.

Quando Herschel, com a visão profética da ciência matemática, declarou que havia outro planeta e outro sol central para além do sistema solar, para além do alcance das lentes então em voga, foi apenas essa profecia de toda a ciência verdadeiramente precisa que antecipa os sentidos e fornece telescópios melhorados para a visão do homem.

Quando o telescópio de Herschel foi erigido, ali, na própria parte dos céus onde a sua profecia o revelara, estava o planeta que completava o sistema solar.

Oferecemo-lhes um telescópio espiritual; aquilo que, adicionado aos vossos sentidos externos e intuição, vos permite descobrir esse reino jazendo para além do plano das causas externas, que foi predito por profeta, vidente e sábio, e sem o qual o homem na terra era o mais mendigo pedindo às portas da natureza pela imortalidade, e recebendo uma pedra em vez de pão; sem o qual todas as aspirações da ciência eram como uma bugiganga e um sonho; e Humboldt, com as suas magníficas teorias e análises, e Platão, com o seu divino Kosmos, eram como bugigangas à vista do Deus Infinito.

Peço-lhes que considereis a existência destes instrumentos de força e poder espiritual que são colocados sob condições apropriadas à vossa disposição, e que tornam o mundo espiritual tanto um mundo de causas como o mundo externo o torna dentro do âmbito da análise mental e visão humana, e revelam os espaços povoados preenchidos com mentes

inteligentes e ativas, cada uma intencionada na sua missão de conhecimento e misericórdia, distribuindo os seus dons tão bem quanto podem.

Embora, se as mentes neste planeta — que é o terceiro no sistema solar — estiverem apenas fracamente avançadas e lentas, possa haver outros mundos de mentes com poderes mais elevados e avanço mais espiritual, que voam onde agora tateais; que saltam onde agora tropeçais; que fendem o ar do espaço espiritual com as asas do pensamento onde agora vos inclinais para a terra, arrastando as vossas asas na lama do dogmatismo e materialismo.

"Ó! que haja luz!" não foi apenas o tema do moribundo Goethe; mas desde o próprio início da criação a mente do homem imurada em argila pede instrumentos adicionais de visão e conhecimento para que possa abranger todo esse espaço intermédio que jaz entre ele e os mundos maravilhosos que, como lâmpadas, iluminam os céus.

Como a ciência aborrece um vácuo, assim a natureza aborrece o espaço; e entre vós e estes mundos há esferas intermédias palpáveis de existência, cada uma povoada por seres do vosso e de outros planetas; cada uma tendo intenções, pensamentos, propósitos, emoções, inteligência e poderes num grau inferior ou superior de cultura; governados por uma sucessão de leis espirituais, das quais as mais fracas e externas são vistas e conhecidas pela ciência humana, mas das quais as mais internas e as maiores pertencem a essas mentes gigantescas que, vendo através e penetrando para além das névoas da vida externa, governam, controlam, guiam, dirigem átomos nas suas asas de pensamento e visão, movem-vos com a majestade do seu poder e movimento.

Este é o mundo que jaz para além de vós; este é o poder que, por detrás da matéria, eleva e governa como inumeráveis pilares a estrutura e edifício do universo.

Este elemento espiritual e subjacente, sem o qual o ouro era escória, e a matéria um mero nome, e os pensamentos do homem, empilhados montanha alta, não tendo essa fonte, e não sendo sustentados por ela, eram como bolhas brilhantes no ar vazio.

Ó! acreditai-me, a ciência ainda está nos seus cueiros, a infância da raça humana está aqui, e toda essa região maravilhosa e todos esses elementos subtis que aqui e ali manifestam a sua presença e o seu poder ainda estão para ser conhecidos, agarrados, e conquistados pelo homem.

Se o homem conquistou o deserto e as feras selvagens da floresta, também tem um reino maior para conquistar nas causas e forças espirituais da natureza.

Paixões humanas — ódio e medo, inveja maligna, desdém e ignorância — são as feras selvagens no deserto da vida humana.

Do mundo das causas humanas estas devem ser expungidas; e o homem tem de vencer primeiro a si mesmo, e então verá que este reino suposto ser povoado com fantasmas e duendes, com todo o tipo de demónios de cabeça de górgona, com demónios de terror, é um mundo de seres inteligentes erguendo-se gradação sobre gradação, governados pela mente, dirigidos por propósitos, movendo-se sobre e movidos pelo mundo da mente até que todos estejam ligados num todo gigantesco ao Propósito Infinito e ao Espírito Infinito.

Até agora, os homens partiram em busca da religião como os cavaleiros de outrora, preparados para enfrentar todo o tipo de terrores; preparados, também, para olhar para baixo sobre um Geena ardente e fervente; mas quando estes males forem abrogados, e o homem descobrir que não tem maior inimigo do que aquele que está dentro de si mesmo, pode partir na sua jornada de religião bem assegurado de que entre ele e a Divindade não há poder interveniente possível se dirigir a sua bússola para o céu, e apontar os seus pensamentos com o verdadeiro piloto magnético para a estrela polar da segurança — a Verdade.

Até agora, os homens partiram em perseguição da ciência com um esgar nos lábios e ceticismo nos corações, preparados para ignorar toda a revelação como preconceito e ignorância, e preparados, também, para que no fim venha a aniquilação, e o homem durma com os brutos.

Entre estes dois extremos, e acima deles, apresenta-se a solução filosófica das grandes questões do universo; e torna-se a parte importante do Espiritualismo Moderno, como revelado agora e a ser revelado através da vossa investigação, para preencher esse vasto

abismo, esse golfo que separou a religião da ciência, e torná-las ambas as aias da alma humana.

Foi a minha sorte conhecer intimamente um homem de intelecto gigantesco, que era chamado infiel; é a minha sorte conhecer intimamente muitos de espiritualidade gigantesca que são céticos sobre a ciência.

Digo que entre o mundo da ciência e da religião não há guerra; entre a ciência atual e a espiritualidade atual há uma escala gradual deslizante, que, como as ondas espirais de harmonia, ou as gradações espirais de luz, se estendem do interior para o exterior, da divindade para o homem, do espírito para a matéria, e continuam numa cadeia ininterrupta de harmonia.

Averiguai verdadeiramente qualquer lei da natureza, e tendes religião; averiguai verdadeiramente qualquer lei do espírito, e tendes ciência absoluta.

Entre a regra de ouro e a matemática não há vazio incompreensível.

Tudo é abrangido e ligado pela arcada da ciência espiritual, compreensível, simples, clara e perfeita, de modo que aquele que corre possa ler, e a criança ao joelho da mãe, respirando uma oração não de medo mas de amor, saiba que a borboleta alada e a tempestade que aterroriza são igualmente governados por leis inabaláveis e benéficas.

Não mais perante o santuário de uma natureza cega e sem alma devem os homens adorar, mas perante o santuário de uma causa inteligente e ativa, cuja cidadela é o universo, cujo templo é o espírito humano, cujo vestíbulo exterior é a forma humana e a própria Natureza, ligados por elos gigantescos de pensamento intermédio, cada um dos quais encarna um sistema, e todos governando e controlando as almas de homens, espíritos, anjos e arcanjos, mesmo até à Divindade.

Do mais interior deste santuário espiritual, com um impulso de pensamento puro e conhecimento, os espíritos fendem o espaço que vos divide da compreensão do seu mundo, e pedem-vos que vejais com que inumeráveis círculos de luz, com que gradações de matéria, mesmo o átomo e a molécula desempenham o seu trabalho e função; e quão belamente a borboleta alada e a estrela revelam os propósitos e harmonia do pensamento do universo!

Do mais interior deste santuário o mundo espiritual apresenta-vos factos, não pelo amor de jargão externo nem pelo prazer de se misturar com sensualidade e corrupção externas, mas apenas para que ao fazê-lo possam derrubar as muralhas do materialismo em que a alma humana está encarcerada, e do outro lado da existência deixar um poder alado que eleve a terra do desespero.

Tende a certeza de que não é um prazer especial nem suportar os escárnios e zombarias do homem nem deleitar-se nos seus métodos externos, ou nas suas ciências externas; mas é um prazer que nenhuma alma imortal, quer na terra quer no céu, pode possivelmente negar a si mesma para revelar uma verdade, para falar uma palavra de revelação, promessa e esperança ao homem.

Carregando essa mensagem com as suas pinhas velozes e carregadas, e assegurando-vos de que no mundo de causas visíveis e externas é e será amplamente manifesto; falo-vos esta noite não pelo amor de contacto com a natureza externa, mas pelo amor da verdade, que me impeliria, mesmo do céu mais elevado, a romper as muralhas e barreiras para que pudesse levar a mensagem ao mais baixo na terra: "Tendes uma alma imortal; vivereis para sempre!"

A nova época que está a alvorecer sobre a terra humana, o tempo que agora está na sua infância, é uma época da revelação de causas espirituais através de um processo sistemático e direto de ciência e conhecimento humanos, arranjado de modo que a criança na escola possa aprender, e o ancião de cabelos grisalhos possa ver o caminho claro perante si.

A nova época que está a alvorecer é uma que eleva o homem do mero padrão de uma razão didática externa para uma razão inspirada pela esperança, profecia, imortalidade, e a certeza de uma existência individual continuada.

Tudo o que até agora apenas os favorecidos e isolados no mundo da humanidade tiveram a certeza disto; tudo o que até agora apenas profetas, videntes e salvadores podiam revelar ao mundo.

Há agora um número infinito de mensageiros esperando sobre as asas do pensamento por uma avenida ou porta aberta, ou médium psico-dinâmico, pelo qual possam manter conversa com seres humanos; e a

única mensagem que carregam no fardo carregado dos seus pensamentos e nas pinhas da sua mente é que na mente, como na matéria, não há morte; no mundo do espírito, como no mundo da força externa, não há aniquilação; que cada princípio último e cada átomo último no universo é imortal; e que a alma do homem não é sozinha uma zombaria na criação.

A única mensagem elevadora que carregam é que da esfera mais elevada de que os espíritos têm conhecimento até à criança mais baixa da terra há uma ligação conectiva de inspiração e controlo que mesmo na cela da masmorra, e mesmo em cadeias de perjúrio e vício, dá esperança a essa alma, elevando-a do pântano do desânimo para a região da esperança e promessa e amor.

E asseguro-vos que senão para romper este silêncio, senão para revelar os métodos pelos quais isto possa ser atingido, não percorreria o meu caminho através das esferas que ainda estão contaminadas com paixão terrestre, através dos vapores e névoas que se erguem, espirituais ainda mais do que físicos, da vossa terra, através da dúvida e dissonância e escuridão que para um espírito iluminado parecem pairar com um manto sobre a terra.

Senão por isto voaria o meu caminho para alguma estrela mais feliz, onde, sobre as asas da luz do sol, e em obediência à magia do pensamento da alma humana, cada átomo é radiante e cada forma transparente com a luz do Espírito, onde flores abundam que não murcham, e onde as vozes que se ouvem são de harmonia e não de discórdia; onde serafins residem, cada um uma chama alada de luz.

Tendo conquistado avanço e poder pelo conhecimento da própria alma para carregar esta mensagem, declaro-vos de mais de um século de experiência no tempo e no espírito que há comunhão palpável, contínua e ininterrupta entre todos os mundos, e que a nova época do tempo será quando o pensamento, e não os sentidos externos, governará a humanidade; quando a aspiração, e não o apetite, será o poder controlante; quando a espiritualidade, e não o materialismo, será a força dominante; e quando a oração abiding e controlante do espírito se expressará em palavras e atos de santidade;

quando a matéria em si será passível do controlo constante do homem, e um sopro de pensamento ou aspiração verdadeiramente elevado

alcançará os serafins alados que guardam o trono da Verdade noite e dia, e entre vós e essa Alma infinita haverá comunhão ininterrupta e palpável agora e para sempre.

DISCURSO SOBRE OS DECRETOS

IMUTÁVEIS DE DEUS E O LIVRE ARBÍTRIO DO HOMEM

Por Sra. Cora L. V. Hatch, de Nova Iorque

Proferido na City Hall, Newburyport, Mass., Domingo, 22 de Novembro de 1857

Relatado fonograficamente por James M. Pomeroy (Nova Iorque, B. F. Hatch, M.D., 1858)

PREFÁCIO (por B. F. Hatch, M.D.)

Os decretos imutáveis de Deus e o livre arbítrio do homem têm sido, em todas as eras do mundo, a questão debatida pelos doutores da divindade, e provavelmente permanecerá aberta para discussão para sempre.

Até que possamos traçar a linha divisória entre o finito e o infinito, e determinar até que ponto o homem pode agir completamente desconectado de toda influência da Mente Divina, se é que o pode, haverá uma diversidade de opiniões sobre este assunto de suma importância.

Digo importante, pois parece-me ser a pedra angular do arco que se estende do homem a Deus e sobre o qual repousam as grandes estruturas teológicas de todos os tempos.

É evidente que, se Deus realmente governa o universo, Ele o faz mental e moralmente, assim como fisicamente.

Aqueles que defendem o que é chamado de livre arbítrio o fazem a partir de uma perfeita consciência de um poder dentro de si mesmos para agir como desejam.

Isso não atinge a raiz da dificuldade; pois a questão não é se o homem é controlado por força física; mas até que ponto ele, como indivíduo, pode separar a sua mente do grande corpo de mente pelo qual está rodeado, tanto visível como invisível; e então agir independentemente de todas as condições, tanto mentais como físicas.

Se o homem deseja ser perfeitamente livre, e independente de todas as outras coisas, deve estar num lugar onde Deus não esteja, e rodeado por nenhuma circunstância ou condição.

Mas enquanto estiver dentro do Universo de Deus, está sob a influência da Mente Divina e de todas as coisas que Ele criou.

Admite-se que este é o tema mais metafísico em teologia, e um dos mais inexplicáveis.

Quão bem e habilmente é tratado no discurso que se segue, deixamos ao critério do leitor sincero e crítico.

A Sra. Hatch, no momento da entrega deste discurso, tinha dezassete anos e sete meses de idade.

Depois de ela ter subido ao palco, em minha companhia, convidei a audiência a selecionar um Comité de três pessoas competentes para designar um tema para o discurso da noite.

Esse Comité foi devidamente escolhido e votado pela audiência.

Eu então declarei que eles tinham o privilégio de apresentar qualquer questão ou tema em Filosofia, Ética Moral ou Religiosa para elucidação.

Eles apresentaram a seguinte questão: -- "Os decretos imutáveis de Deus interferem ou dificultam a liberdade de ação no homem?"

Ela imediatamente se levantou; e após entoar e oferecer graças a Deus, prosseguiu com uma elucidação do seu tema.

Entrego-o ao leitor sem alteração de uma palavra, a partir do manuscrito do Repórter, para que ele o tenha como veio da oradora, num estado de transe.

A partir desta afirmação, ver-se-á que o discurso é inteiramente improvisado, e proferido sem um minuto de oportunidade para reflexão ou arranjo de ideias.

Como N.P. Willis [Nathaniel Parker Willis (1806-1867), poeta e ensaísta americano] diz de outro discurso, proferido pela Sra. Hatch numa ocasião anterior, "Como explicá-lo, com a sua idade, hábitos e educação, é o verdadeiro ponto em questão."

B. F. Hatch, M.D.

PALESTRA

Os serviços foram abertos por observações introdutórias do Dr. HATCH, que foram seguidas pelo entoar da Oração do Senhor, pela Sra. HATCH.

O Comité foi então nomeado, a pedido do Dr. Hatch, pela audiência, para escolher um tema para o discurso da noite, após consulta, eles apresentaram o seguinte assunto: -

"OS DECRETOS IMUTÁVEIS DE DEUS INTERFEREM OU DIFICULTAM A LIBERDADE DE AÇÃO NO HOMEM?"

DISCURSO

O tema apresentado para nossa consideração é um que tem ocupado a atenção dos teólogos mais profundos, em todos os países e eras, um que, desde que a mente começou as suas operações, desde que o homem tem sido versado nos princípios divinos da religião e teologia, tem recebido a atenção de todos os pensadores e escritores sobre assuntos morais e teológicos.

É necessariamente um tema abstrato, um que envolve tanto metafísica como teologia, e que devemos necessariamente visualizar a partir do nosso próprio ponto de vista de desenvolvimento.

Não é nossa intenção citar, nesta ocasião, qualquer autoridade teológica, pois tal autoridade, em geral, quando aplicada a indivíduos, confunde, em vez de ajudar, no argumento.

Vamos visualizar este assunto na base simples da razão e inteligência do homem, aparte das revelações teológicas que se supõe terem um impacto sobre ele.

Apresentaremos os nossos próprios pensamentos, baseados nas nossas mais altas conceções de justiça e equidade, mas com a devida deferência aos princípios religiosos dos outros.

É admitido, por todas as nações, que existem um ou mais princípios neste universo, que o controlam e guiam, que são as fontes radiantes e a vida de todas as coisas, e, consequentemente, são infinitos, supremos e eternos.

Concentrando todas as ideias religiosas juntas, temos esta, que é mais consistente com a razão, com a intuição, com a revelação; é o GRANDE JEOVÁ, ou Espírito Infinito, quando literalmente traduzido do hebraico significando o Futuro, o Presente e o Passado, aquilo que foi, que é, e que sempre será.

Todos os elementos divinos do universo estão concentrados nesta única palavra e neste único poder, -- JEOVÁ, o Infinito.

Agora, de que maneira este Jeová, esta Mente Divina age, não nos cabe dizer.

Podemos apenas perceber a Sua infinitude pela infinitude da nossa própria observação; podemos apenas compreender a Sua divindade por tanto do divino quanto possuímos nós mesmos; podemos apenas ver a Sua omnipotência ao visualizar as obras da Sua mão; podemos apenas conceber a Sua presença pelos princípios eternos de vida que permeiam todas as coisas.

Estes, para o observador comum, transmitem apenas uma pequena pista da Mente Divina, mas para a alma desperta para tudo o que é belo e perfeito na natureza, cada objeto no universo é um oráculo proclamando a presença e o poder de Deus.

Não tentaremos convencer o cético de que existe um Deus.

Não tentaremos provar que as ideias teológicas de todas as nações são fundadas na verdade.

Podemos apenas assumi-lo, a partir do facto de que homens em todas as nações e climas adoraram um Deus ou Deuses, acreditaram em Jeová.

A partir deste facto, devemos ou estabelecer o princípio de que existe um Deus, que governa o universo, ou que o todo é um fracasso estupendo, uma grande obra do acaso, na qual homens e mulheres passam pela terra como insectos num dia de verão, vivendo por uma hora, depois passando da existência.

Mas com esta assunção e esta evidência de toda a humanidade, devemos proclamar, na face do nosso argumento, que existe um Deus infinito.

Infinitude significa algo mais do que somos levados a crer por professores comuns, algo mais do que qualquer seita, partido ou nação nos levou a descobrir, algo mais do que toda a teologia nos pode dizer; significa algo mais do que a eternidade pode contar.

Significa Tempo ilimitado, Poder ilimitado, Ser ilimitado.

Significa não só aquilo que foi, mas aquilo que será, aquilo que sempre é, o Espírito, e o Poder, e a Vida, que controla o universo.

Podemos dividi-lo em tantos períodos, tantas eras, quantas quisermos; podemos assumir que é composto por uma ou mais pessoas; mas ainda assim temos um Princípio Infinito; é uma Unidade; é um Uno; e é isso que constitui a sua infinitude.

Os homens são apenas partículas, átomos, algo criado; as nossas almas são apenas como um sopro fugaz de vento, comparadas com este Poder Eterno, este Deus Infinito.

Agora temos apenas de julgar os atributos deste Ser infinito pelas observações que podemos fazer através da nossa própria inteligência, através da compreensão que nos é dada, através da razão e julgamento, através da intuição, da revelação, da história da raça humana.

Primeiro, julgamos dos Seus atributos ao perceber os atributos do homem, como era costume nas eras iniciais da religião personificar Deus pelas paixões e inclinações das pessoas.

Consequentemente, nessas nações, o seu Deus possuía amor, raiva, ódio, guerra, vingança; todas as paixões que caracterizavam essas nações anteriores eram personificadas em vários deuses, os quais, encarnados em madeira e pedra, assemelhavam-se às conceções interiores, conforme formadas por esses povos, destas paixões às quais a mente e a alma humana são herdeiras.

E quando o ser do homem se tornou mais desenvolvido, após essas nações anteriores, foi recebido por Moisés, o hebreu, uma ideia distinta da existência de um único Deus, um Jeová infinito, um Governante e Controlador do universo, desconhecido, invisível, inaudível, mas sentido e acreditado por ele.

O que de verdade pode estar encarnado nos Dez Mandamentos revelados na dispensação mosaica não nos cabe julgar.

Vemos, nas palavras ditas por Moisés, evidência de uma inspiração alta e pura; vemos um amanhecer de uma luz mais brilhante do que aquela que caracterizava as nações egípcias e outras pagãs, vemos conceções mais elevadas de algo que a sua própria alma finita concebia, de facto, mas que era chamado por algum princípio interior, algum princípio mais divino da sua natureza.

Agora, examinando a história de todas as religiões, percebemos que as ideias religiosas da humanidade avançaram sensivelmente, desde esses períodos iniciais, e somos levados a crer que o homem tem um ser finito e está constantemente a progredir.

A ideia então apresenta-se, -- o Infinito progride?

O homem é apenas uma parte da criação infinita.

A Divindade é o Infinito.

Aquilo que é uma unidade, perfeito, imutável, auto-existente, nunca pode progredir, sendo Ele todo-penetrante, sendo tudo o que É, tudo o que foi, tudo o que será.

Com esta ideia de Divindade, descemos às conceções da alma humana.

Foi reconhecido e acreditado, em todas as eras, que o homem contém, na sua alma divina e interior, o princípio da bondade, esse princípio é, em maior ou menor grau, predominante na mente e coração humanos, e que quando deixado ao seu próprio ditame e controlo, conduzirá a alma humana à beleza, felicidade e paz.

A manifestação mais distinta de bondade, personificada na forma humana, foi em Jesus de Nazaré; e no entanto, nas suas próprias palavras, ele proclama distintamente que não é bom, que ninguém além de Deus é bom.

Então, segue-se necessariamente que se descobrirmos o que chamamos de bondade, ou algo que para sempre supera a depravação da natureza do homem -- que se os homens possuem isto num grau finito -- a Divindade deve possuí-lo num grau infinito.

Se Deus for bondade infinita, então Ele não pode reconhecer nenhum princípio de mal, ou erro.

Consequentemente, todas as Suas obras são o nascimento dessa infinitude de bondade perfeita.

Se isto for verdade, certamente a ideia de um princípio positivo de mal deve ser abandonada.

Certamente a ideia personificada na mente humana como o princípio do mal não pode existir.

O princípio do mal, ou, em outras palavras, um princípio oposto a Deus, não pode, como muitos supuseram, ser rastreado na mente humana.

Deixaremos de lado, para esta noite, todas as ideias relativas a um diabo pessoal, e simplesmente assumiremos como facto que se descobre, na constituição humana, algures, um princípio de mal.

Assim descobrimos que ele deve ter uma fonte.

Havendo apenas uma fonte e um Criador, devemos rastreá-lo de volta a Ele, e Ele deve ser infinitamente mau.

Uma destas duas proposições é verdadeira; ou a alma humana contém um princípio de bondade, e esse princípio no grau finito é o representante da bondade infinita, ou então a alma contém um princípio de mal que é diametralmente oposto à bondade, e a fonte disso deve ser o mal infinito.

Pensamos que isto será admitido por todas as mentes que raciocinam a partir da regra estrita da filosofia e da lógica.

Pensamos que deve ser admitido por todos que veem a alma humana como sendo filha da Divindade, por todos que afirmam adorar um Pai celestial e um Deus divino.

Afirma-se que o nosso Deus é um Deus parcial, um Deus vingativo, um Deus de ódio, e malícia, e vingança, e, na mesma respiração, que Ele é um Deus justo, misericordioso e amoroso.

Somos levados a crer que deve haver muitos Deuses, e muitos governantes, para personificar por estes caracteres.

Pois, quando os homens dotam a Divindade de todas estas propriedades, devem lembrar-se, que se eles, e todos, as possuem num grau finito, Ele deve possuí-las num infinito.

E tal Deus, personificado com bondade infinita, e, na mesma respiração, com ódio infinito, com beleza infinita e vingança infinita, é um absurdo.

Ou Ele é um ou outro destes Deuses.

Ou devemos dividir Deus contra o Seu próprio reino e o Seu próprio universo, e assim cortar as asas da Omnipotência, ou assumir que Ele é um Deus de bondade, e nunca pode tolerar qualquer princípio de mal na sua criação.

Com esta visão dos atributos da Divindade, suporemos que Ele contém todas as qualidades favoráveis que foram descobertas na mente humana.

E, certamente, é um facto impressionante, se o mal for um princípio, e um princípio infinito no universo, que a bondade deve triunfar sobre o mal.

Foi a história da humanidade que, não obstante todos os crimes profundos que foram perpetrados, em todas as eras, há uma alma, um princípio de bondade, que supera todo princípio de mal, e que faz o homem brilhar como um ser divino; há um princípio de conhecimento, que supera a ignorância, sendo a ignorância, na nossa visão, apenas outro nome para o mal.

E na proporção exata em que os homens se tornam esclarecidos, e familiarizados com o seu próprio ser, nessa proporção o crime e o mal partem.

Sabemos que é afirmado por muitos, que todos os homens e mulheres desta era estão a afastar-se cada vez mais de Deus; mas certamente todo princípio de humanidade ou justiça nos proíbe de entreter tal opinião.

Quais são as vossas ideias da força comparativa do bem e do mal, qual a vossa estimativa da excelência da moralidade, que vos permite sustentar tais visões?

Concebemos que é uma calúnia contra Deus e a humanidade, proclamar que o homem está a piorar cada vez mais, enquanto, na verdade, a voz clara, tanto da razão como da experiência, declara que ele melhora cada vez mais, -- acusar o Deus infinito de que Ele cometeu um erro na criação do mundo, e deu vida a um ser que pode frustrar os Seus planos.

Não temos dados dos quais julgar, salvo as revelações da história.

Certamente foi o caso que a verdade, no final, tem sido triunfante, que a luz superou a escuridão, que o conhecimento venceu a ignorância e a depravação, onde quer que tenha sido encontrado, que na proporção em que os homens se tornam esclarecidos, pelas várias capacidades do seu próprio ser, o crime, a miséria, a depravação, todos os males dos quais se diz que a carne é herdeira, partem.

Assim, compelidos a decidir entre a existência de um princípio infinito de bem ou de mal, devemos, a partir destes factos, e com as nossas visões de justiça, assumir o primeiro.

Com esta conceção de Divindade, como um ser de bondade infinita, ou amor infinito, todas as ideias da Sua vingança, da Sua malícia, ódio, de um sistema de punição eterna, toda ideia que não esteja estritamente

ligada ao pensamento de um Deus de justiça, misericórdia e amor, deve desaparecer, e temos o nosso Pai, Jeová, simplesmente como o Governante do Universo, um ser infinito, mantendo todas as coisas na sua compreensão que já foram ou que serão doravante.

E assim temos o nosso Deus retratado e personificado, não em qualquer imagem ou forma, mas num espírito divino e perfeito que é, e sempre será, a vida do universo.

Então surge a questão proposta, -- se os decretos da Omnipotência de alguma forma interferem com a livre ação da mente humana.

Claro, esta é a questão longamente disputada do livre arbítrio do homem, apresentada em linguagem diferente, mas expressando a mesma ideia.

Com a nossa ideia de Divindade, esforçar-nos-emos por ter uma visão imparcial do assunto, não dando a nossa opinião como infalível, mas simplesmente como a nossa própria, de acordo com as nossas mais altas conceções de verdade.

Concebemos que a distância entre a infinitude de Deus e as conceções finitas do homem é tão grande, que as ações da Divindade, comparadas com as da humanidade, perdem todas as grandes ideias de comparação, que não podemos fazer nada que o homem possa fazer, ou faz, representar as nossas ideias de Divindade.

Cremos que Ele age infinitamente, e consequentemente age sobre todas as coisas no Seu universo, -- que a mesma lei, o mesmo poder, a mesma ideia, que são a lei, o poder, a ideia de amor nesse Deus, pulsam tão perto de cada coração como o pulsar do vosso próprio, estão perto de nós todos como a mãe do filho, como o perfume da flor, e que esta ideia, que Deus fez tudo no infinito, enquanto a mente finita adapta estas regras infinitas aos requisitos das suas próprias afeições, é o ponto direto em questão.

Se a Divindade é infinita, e compreende o passado, o presente e o futuro, então Ele deve ter compreendido, desde todo o tempo, tudo, cada homem, cada ação, que devia estar no seu universo.

Se a Sua grande mente partiu, em qualquer criação ou em qualquer decreto profundo, então tudo incluído nessa criação está sob o controlo das mesmas leis.

No caso da chamada para fora, pela Sua mente divina, de uma criação superior, então todas as coisas dessa criação devem estar sob a influência de certas leis.

E se, como o último destas produções, como o mais elevado e perfeito na terra, ou no universo, a alma humana é a criação, então todas as mentes e almas humanas devem estar sob o controlo da mesma lei infinita.

Mas com esta infinitude, nada há que impeça o livre arbítrio do homem.

Com este grande desenvolvimento da Mente Infinita, nada há que impeça a aspiração individual.

Pois todas as ideias de todos os homens sobre o livre arbítrio não podem transcender a liberdade do infinito Jeová.

Nunca podeis ir para fora do universo de Deus.

Podeis ir tão longe quanto quiserdes de qualquer trilho batido traçado pelos vossos antepassados, ou por qualquer homem; podeis divergir tão amplamente quanto quiserdes dos caminhos do conhecimento, da moral ou da religião, traçados por quaisquer que vos precederam; mas lembrai-vos de que nunca podeis ir para fora da Divindade.

Tendes eternamente perante vós -- nunca podeis ir além -- essa presença eterna, esse eterno Agora, que encara a vossa alma para sempre.

Se o homem está acostumado a crer que Deus não interfere nos seus assuntos diários da vida, está muito bem.

Talvez Deus, o Infinito Jeová, não esteja diretamente presente em cada ato que realizais, mas Ele conhece as pulsações do vosso ser, os batimentos do vosso coração, e nunca vos deixa; senão seríeis nada.

Se Jeová não estivesse em toda a parte, em todo o tempo e em todo o lugar, o caos sobreviria.

Não mais poderia uma alma existir, por um momento, sem a presença positiva e o poder do Espírito de Deus, do que poderia uma estrela revolver no universo, sem um centro, em torno do qual revolver.

Não mais poderiam os ovos das flores mais minúsculas que brotam, afastados no deserto, viver sem este princípio positivo de vida, em Jeová, do que poderia a mesma estrela revolver sem qualquer órbita fixa, ou qualquer fonte de vida.

Não mais poderia a águia, que parece voar à vontade, e construir o seu ninho no pico mais alto da montanha, velejar em majestade e beleza pelo ar, sem as pulsações deste Espírito Divino, do que poderia a forma física do homem existir sem uma alma, do que poderia a flor desabrochar, a menos que o germe seja plantado no solo. Não; é inútil tentar escapar da Divindade, atribuir as vossas ações e pensamentos aos vossos próprios poderes finitos, ou aos poderes do diabo, ou de qualquer outro espírito.

Quando os homens, com as suas conceções débeis da Divindade, proclamam que a humanidade é um fracasso, que Deus cometeu um erro na criação do mundo, que os homens estão a tornar-se piores e piores, todos os dias, gostaríamos de incutir em vós esta ideia, -- Deus nunca está tão longe que a mais leve pulsação do vosso ser não reverbera através de todos os corredores e corredores da eternidade, como faz a gota de água, quando lançada no oceano, causar o círculo na superfície expandir-se, em belas ondulações, sobre essa vasta extensão de águas, até alcançarem a costa; assim cada pensamento, e cada pulsação da vossa vida vibra através do grande oceano do Seu ser, e nem uma partícula senão é afetada por isso, nem um elemento profundo senão é causado a tremer.

Com esta apresentação da Divindade, e esta ideia da mente finita, chamaríamos simplesmente a vossa atenção, mais diretamente e rigidamente, para a questão específica apresentada.

"Agora," diz o homem de negócios, enquanto prossegue o seu cansativo percurso pelas margens do Tempo, -- Deus não vê cada pensamento meu;

Deus não controla cada ação minha, ou vigia-me em cada negócio que faço; Deus não se rebaixa para me dirigir, nem no caminho certo nem no errado. O meu próprio livre arbítrio dirige o meu curso."

Meu amigo, quem quer que sejas, esqueces que, não obstante o teu livre arbítrio, és finito nessa agência. Deus é infinito na Sua agência.

Podes ser tão livre que, não obstante todas as leis de Deus, cometas um ato que te mergulha na degradação e miséria.

Mas embora possas continuar tal curso, a tua liberdade para fazer isto não está fora da liberdade de Deus para te chamar de volta.

A tua liberdade para pecar não está fora da liberdade de Deus para te envolver nos Seus braços e proclamar-te Seu filho.

O belo exemplo de Jesus de Nazaré ensina-nos a todos que, não obstante o livre arbítrio de cada ser humano, há ainda um princípio e um poder que, quando chamado à atividade, superará a depravação mais baixa.

E isto é um livre arbítrio superior a qualquer princípio do qual o homem possa julgar.

Os homens esquecem, nas suas visões deste assunto, que estão a julgar de um ponto de vista finito; são suscetíveis de esquecer que não são Deus, que o estão a visualizar apenas à luz da compreensão das suas próprias mentes, que contêm apenas uma faísca, da qual a Divindade é a chama viva, -- que o único bem perfeito é Deus.

São suscetíveis de esquecer a linguagem de Jesus, o Cristo, quando dizem: Eu sou bom, ou este ou aquele princípio é bom.

Esquecem que há apenas Um bom, e Ele o Pai Eterno, que todas as conceções de bondade são apenas relativas, comparadas com o Eterno e Positivo, que é a Sua luz, e o Seu sol, que desvela algo ao homem.

Ilustraríamos o livre arbítrio do homem por uma lei astronómica e filosófica.

Comparamos a alma humana aos mundos que compõem o vosso sistema solar.

A Divindade comparamo-la ao sol.

Vós, como mundos, individualmente girando em torno desse sol; vós individualmente girais em torno de um eixo vosso próprio, não em virtude da vossa própria vida e poder, mas em virtude dessa vida que vos é implantada pela influência deste sol central.

Assim contendes, em essência, todas as propriedades do sol; assim num grau finito, contendes o que Deus é no infinito.

Assim girareis sobre um eixo vosso próprio; assim podeis estar sujeitos a convulsões, terramotos e tornados, no mundo espiritual, mas nunca podeis deixar de girar nesta órbita, deveis sempre girar em torno deste sol, deveis sempre depender dele para a vossa luz e o vosso calor.

Esta é estritamente a posição do homem, em relação à Divindade. Sois um planeta, girando em torno do Pai Eterno. Pode haver crimes e depravações profundas na vossa natureza espiritual. A vossa alma pode brilhar fracamente, e ainda assim deveis obedecer à lei do vosso ser que vos torna sujeitos a Ele.

Nem uma provação na história dos indivíduos -- e a história dos indivíduos constitui a história da nação -- nem um evento, senão é a sua luta após a autopurificação, num grau finito. E isto é apenas o prelúdio para esse belo e perfeito desenvolvimento que caracterizará o mundo, após, por eras sobre eras, ter rolado na sua órbita. Estas são as nossas conceções. O homem é livre para fazer o bem ou o mal. A verdade foi apresentada a ele, o erro foi apresentado a ele; ele é livre para julgar qual tomará; mas apenas livre na medida em que a Divindade é Bondade Infinita; e como não há princípio infinito de mal, ele não pode ir nessa direção para além dos limites morais da alma, enquanto na bondade pode ir para diante para sempre, para Jeová.

Ele está aqui para julgar qual tomará, o bem ou o mal, mas ao mesmo tempo não é livre para tornar o mal permanentemente triunfante, pois nunca pode ser assim. O bem é o infinito, e consequentemente predomina sempre sobre a ignorância, o erro e a escuridão.

"Mas," diz um, "isso é Universalismo. É simplesmente a doutrina que os Universalistas pregam."

Não estamos cientes, precisamente, quais são as visões entretidas pelos Universalistas, sobre este assunto. Mas, com toda a certeza, é a nossa opinião, quer seja Universalismo ou a crença de qualquer outra classe de homens. É certamente a nossa crença fixa.

Não com os Universalistas proclamaríamos que todos os homens, após a morte, devem ser instantaneamente colocados no gozo de pureza e

felicidade perfeitas, por pouco desenvolvidos que possam estar nas suas naturezas espirituais.

Mas diremos que não pode haver eternidade tão escura, nenhum tormento tão terrível, nenhum inferno tão forte, nenhum diabo tão infinito, que na infinitude de Deus Ele não possa arrebatar os seus filhos deles.

Dizemos que por mais profundos que possam ser os tormentos da consciência do homem, por mais depravado que ele possa ter sido enquanto nesta etapa de existência, por mais grandes que sejam os males consequentes da sua depravação, por mais que os homens falem de Adão e Eva, e digam que a raça humana está tão caída, cremos que Deus não cometeu um erro desde que o Tempo ou a Eternidade começaram, -- que Ele não cometeu tal erro como fazer uma terra cheia de amor e beleza, e depois colocar sobre ela um ser depravado, como criar todas as glórias do sistema solar, e todas as leis das revoluções solares, e toda a vida atómica que pulsa nesse vasto universo, e depois, quando, por fim, o homem, o ápice desta criação, foi colocado no palco, pronunciá-lo impróprio para preencher o seu lugar, totalmente depravado.

Não podemos, em justiça para com a Divindade, para com o Deus Infinito, acreditar nisso.

Devemos crer que há um objeto, um fim, na existência do homem, e que esse é a perfeição da sua natureza individual e finita, que Deus não cometeu um fracasso, que todos os piores pecados das nações, todos os crimes profundos, todo o derramamento de sangue, e toda a opressão, quando pesados na balança da verdade e da justiça, não serão encontrados em falta.

Cremos que a iniquidade nas suas formas mais baixas e degradantes, que o crime, nos seus esconderijos mais profundos, onde anda ousadamente, e se proclama senhor da terra, que o diabo, agora dito estar solto sobre a terra e a tentar a humanidade -- que todos esses poderes combinados nunca, nunca podem tocar, em qualquer grau, a bondade perfeita de Deus, que o homem possui estes princípios da Divindade, que ele é um agente livre no seu possuir, num grau finito, a bondade do Infinito, que a bondade o levará para longe de toda a escuridão, que se aqueles que estão tão empenhados em provar que os homens estão a correr cada vez mais longe do seu Deus, que o homem

degenerou desde os dias de Jesus de Nazaré, esperarem apenas até que a eternidade termine, aprenderão que Deus triunfa sobre a ignorância e o erro, -- que o princípio de Cristo, ensinado por Jesus, guiará todos os homens para a paz e felicidade perfeitas, desde que lhes seja permitido exercer o seu livre arbítrio.

É costumeiro para os homens falar sobre o livre arbítrio, enquanto ao mesmo tempo persistem cegamente na ideia de que há apenas um caminho verdadeiro e perfeito para o reino dos céus, e que é o seu próprio caminho.

Eles pregam o livre arbítrio, e dizem-vos que tereis o direito de escolher o caminho que quiserdes para ir ao céu, mas que há apenas um curso, e esse muito difícil.

Isto serve para ir com a ideia de predestinação e pré-ordenação, mas não com a ideia de um Deus Infinito de bondade ilimitada.

Serve para ir com a ideia daqueles que fazem os seus ídolos de madeira e pedra, e os dotam com os seus próprios gostos e apetites, mas não com o espírito do Século XIX, quando as mentes dos homens estão à procura do Deus Infinito -- um Deus de amor e misericórdia.

Ó que a coroa e a cruz, os emblemas de Jesus, o manso e humilde Jesus de Nazaré, pudessem ser mais respeitados pelo seu verdadeiro valor, e não como os sinais de seitas! Ó que os emblemas de toda a verdade pudessem ser pendurados ao pescoço do Universo! Ó que os emblemas de toda a bondade pudessem ser brilhantemente retratados perante a vossa visão, para que pudésseis ver por detrás deles a bondade infinita e perfeita! Ó que a eternidade pudesse ser mais compreendida! Ó que o Tempo, que se diz ser um monstro, pudesse ser posto de lado, e que pudésseis sentir e saber que o princípio vivo e eterno é Agora; que em toda a eternidade tereis apenas Agora! Agi agora.

Se não agora, descobrireis que tudo o que chamais amanhã, e o futuro, é apenas hoje -- "o presente vivo."

Quando chegardes a ele, torna-se hoje -- não há amanhã, para sempre. Ó que as conceções do homem da sua liberdade para fazer o mal pudessem ser diminuídas, e as suas conceções da sua liberdade para fazer o bem ampliadas! Ó que a Divindade não fosse circunscrita dentro

dos limites estreitos do ser do homem pelo próprio homem! Ó que o Omnipotente Jeová não fosse circunscrito dentro dos limites de qualquer credo, senão o de toda a bondade, e toda a verdade, e toda a beleza! Que em vez de instruir as crianças da humanidade, como fazem os vossos professores, nas doutrinas da depravação e punição eterna, de escuridão total, eles apresentassem imagens de bondade e beleza.

Não é costumeiro, quando quereis que uma criança julgue entre o bem e o mal, apresentar-lhe imagens apenas do mal.

Quando os professores instruem alunos ignorantes do próprio abecedário da aprendizagem, têm de lhes ensinar os elementos da linguagem, apresentar todas as suas características e esforçar-se por levar as suas mentes gradualmente a uma perceção da sua beleza e assim desenvolver um desejo de se familiarizarem com os seus princípios, e um amor pelo estudo no qual ele os vai guiar.

Quando os artistas desejam cultivar um gosto perfeito, não escolhem uma pessoa anã ou deformada para o seu estudo, escolhem a forma mais simétrica que pode ser encontrada.

Assim, quando queremos instruir uma alma humana numa conceção de bondade infinita, não lhe retrataríamos depravação infinita. Tal curso está em guerra com todos os elementos de instrução.

Quando os vossos professores religiosos se apresentam perante vós no púlpito e vos dirigem como crianças, retratam às vossas mentes bondade e beleza infinitas, poder infinito, amor infinito, enquanto ao mesmo tempo vos estão a instruir no abecedário do mal infinito e depravação infinita.

Onde a consistência entre a lição e o professor, entre o objetivo a ser realizado e aquilo que vos é apresentado? Onde a consistência entre a ideia de amor e ódio, bondade perfeita e mal perfeito? Para as nossas mentes, não há nada razoável na devoção cega a tal instrução. Cada um e todos vós, que sois agentes livres, deveis julgar quem serão os vossos professores, e quais serão as vossas lições.

Se cada um de vós começar esta hora, este momento, a contemplar a humanidade com um olho para a bondade positiva, beleza e perfeição, encontrá-la-eis.

Se começardes, este dia, a estudar os males e erros da humanidade, podeis continuar para sempre, e sempre encontrar males e erros.

Se começásseis agora a exercer o vosso próprio julgamento quanto a quem e o que serão as vossas lições e professores, deveis começar com os elementos de justiça na vossa própria alma.

Deveis raciocinar a partir de todas as coisas que produzem luz e beleza, a partir dessas faculdades da natureza do homem que o tornam verdadeiro e perfeito, que fazem a diversidade que existe na masculinidade.

Toda a natureza é caracterizada pela diversidade.

Não se podem encontrar dois grãos de areia, ou seixos, na praia do mar, exatamente iguais. Não se podem encontrar duas folhas na mesma árvore sem alguma diferença. E no entanto nenhuma delas discute com a outra porque não é como ela própria.

Cada uma cumprindo os objetos do seu próprio ser, revolve no Universo sem questionar os objetos da existência de outra. Nenhuma duas almas são feitas para desempenhar a mesma parte na terra; senão porquê a humanidade?

Não é bom, se o vosso irmão, a vossa irmã, o vosso amigo difere de vós, em opinião, em educação, ou vida, para vós julgardes que eles não estão a agir de forma elevada e pura.

O juiz é Deus. Ele, o Infinito, é Aquele que julga e que julga.

Proclamamos, não obstante todos os elementos profundos da religião ortodoxa opostos a nós, que não há um crime, nem um grau de depravação ou miséria, por mais baixo, nem um, que não possa ser superado pelo conhecimento.

Portanto, o único objetivo que deveis ter em vista é adquirir conhecimento, por quaisquer meios.

Se o conhecimento do vosso amigo o faz diferir de vós mesmos, ele, como uma estrela, é livre para revolver em qualquer órbita que lhe aprouver, desde que não interfira com a vossa; e vós sois igualmente livres, na mesma condição.

Cada homem tem direito aos seus desejos e afeições peculiares, desde que não interfiram com os dos seus vizinhos. Quando o fazem, os dois devem pesá-los nas balanças juntos, e fazer um equilíbrio. Mas num estado perfeito todos os desejos dos homens os levariam a fazer sempre o bem, e nenhum poderia então interferir com os desejos de outro.

Se o Comité não estiver satisfeito com a nossa elucidação, ou se houver quaisquer inquirições adicionais em relação a este assunto, responderemos a quaisquer questões que possam ser oferecidas.

Se não houver nenhuma, diremos apenas que vos agradecemos pela vossa amável atenção. Apresentámos as nossas ideias mais elevadas sobre o tema sugerido. Se interferimos com as vossas próprias opiniões, perdoai-nos. A nossa é a liberdade de expressar as nossas visões, a vossa a liberdade de as rejeitar.

E se, no futuro brilhante e eterno que está perante nós todos, a conceção de todo o conhecimento e a encarnação de toda a verdade nos for dada, a bênção será para Ti, Deus Infinito, por tanta verdade quanto recebemos e receberemos.

De Ti obtivemos a faísca de luz celestial;

enviamo-la de volta a Ti, sabendo que Tu a podes tornar brilhante e jubilosa, que Tu podes acender a faísca numa chama viva.

E assim Te bendizemos, para sempre e sempre.

Os serviços foram então encerrados pelo seguinte Canto: --

Os anjos estão a cantar,
Os anjos estão a voar
Pelo céu em seu trajeto.
Inclinam-se em asas leves,
Trazem mensageiros breves
Da eternidade eterno.
Ó, tocam as harpas cordas
Com acordes de amor suaves!
Ó, a cadência bendita
Que soa das alturas graves!
Mortais, uni-vos ao coro --
Mortais, uni-vos ao coro --

Aleluia! Aleluia!
Deus é amor!
Anjos sussurram brandos
Aos filhos da terra,
Anjos murmuram mansos,
"Não choreis os perdidos."
Anjos vêm eternos
Nas asas do amor;
Anjos nunca partem,
Murmurando, "Deus é amor."
Mortais, uni-vos ao coro,
Das esferas do amor;
Anjos sempre cantando, --
Amigos mortais, boa-noite!
Boa-noite, boa-noite, boa-noite.

PALESTRA, 11 DE DEZEMBRO DE 1859

A Sra. Hatch discursou na Dodworth's Academy, na manhã de domingo, 11 de Dezembro, sobre a extensão da influência dos Espíritos nos mortais, e sobre a responsabilidade do homem.

Ela disse: Os factos sobre a influência dos Espíritos são demasiado conhecidos para que ela precise de apresentar provas perante uma audiência de espiritualistas.
Disse ainda: É absurdo o homem ignorar tudo o que não se torna tangível para os seus sentidos naturais. A inspiração tem a sua causa, a sua origem, apesar da sua intangibilidade. Todos acreditam que, em algum momento, os homens foram influenciados por Espíritos. A prova disto é a fé que os homens tiveram em todas as épocas. Todas as pessoas são controladas, em maior ou menor grau, pelas circunstâncias, algumas das quais podem preceder o nascimento. Se uma pessoa pudesse ser separada da sociedade, não teria qualquer objetivo ou energia vital. A sociedade é o laço da simpatia humana. Não obstante Deus ter criado cada indivíduo e o ter rodeado de circunstâncias controladoras, existe sempre uma causa externa para cada palavra ou ato.

Muitas vezes, os homens são avisados e protegidos do perigo por alguma fonte intangível. Os homens são travados de cometer males pensados por essa mesma influência, a qual é inútil ignorar. É igualmente inútil negar que influências boas e más são exercidas sobre os homens pelos Espíritos. Muitas vezes condenamos onde seria merecida a piedade; desconhecemos a influência que impele a pessoa. Há tanta diferença entre responsabilidade e vontade como entre a luz do dia e a escuridão.

Ninguém pode dizer, de forma absoluta, “eu farei isto ou aquilo”; nenhuma liberdade de vontade concede o poder do controlo pessoal. As circunstâncias hereditárias e educacionais, os pais, irmãos, irmãs e a sociedade exercem influências positivas, tal como também o fazem inteligências invisíveis. Porque, então (admitindo que os Espíritos influenciam os mortais), negar que podem influenciar o homem para o bem ou para o mal? Uma mãe, no mundo dos Espíritos, pode encorajar ou repreender os atos dos seus filhos tal como se estivesse na Terra.

Os homens são frequentemente confirmados ou travados nos seus propósitos de negócio; frequentemente, um homem é levado por uma voz ou influência interior a falar ou agir contra o ditame da razão, sendo que essa fala ou ato revela-se essencial para o sucesso. Se disserem que esse ato ou fala foi provocado por uma causa, nós reclamamos igual direito a afirmar que foi um espírito, tal como vós o atribuís ao destino. Os destinos das nações muitas vezes mudam por pormenores ínfimos, geralmente atribuídos ao acaso; acreditamos, porém, que em todos os casos essas influências determinantes foram o resultado de uma mente. Os resultados tenderam sempre para o melhor interesse da humanidade, o que evidencia influência Divina.

Dado que Deus é maior do que o mal — e que a verdade há de suplantar o erro, segue-se que a verdade acabará por prevalecer. É uma teoria dos teólogos que Espíritos malignos vêm influenciar os mortais. Se isso é verdade, então perguntamos: por que razão o homem não pode ser igualmente influenciado por bons Espíritos? Os teólogos atribuem todas as boas influências a Deus e o contrário a Satanás. Isto é uma questão da mente individual. Mas, se Espíritos malignos comunicam ou influenciam o homem, não poderão Espíritos bons fazer o mesmo?

Não responsabilizamos um homem débil mentalmente, nem esperamos perfeição de quem é deformado. Mas a sociedade não ajuda tal pessoa a

reformar-se, antes a faz sofrer. Regozija-se com a queda do homem. Os indivíduos não são agentes livres; não têm o poder de controlar a vida. Podem estabelecer um padrão de ação do qual não gostariam de se desviar, mas poucas mentes conseguem manter a sua integridade. Devemos lançar o manto da caridade sobre todo o erro, pois desconhecemos a sua origem, ou a causa que o produziu, ou quanto o indivíduo lutou contra ele. Se os homens tivessem piedade dos seus semelhantes em vez de se regozijarem com a sua queda, muitos mais seriam recuperados, e o governo e as leis teriam menos vítimas. Se os pais tentassem corrigir, em vez de se rirem dos pequenos vícios e erros dos filhos, muitos seriam poupados às prisões e à forca.

O homem nunca está livre da tentação. O bem e o mal estão sempre diante dele, e o seu próprio esforço individual guia-o. Se os homens rejeitarem a verdadeira luz e viverem na sua própria luz artificial, não terão flores, nem fruição. Mas que cada um busque a verdadeira luz e seja sábio.

PALESTRA Domingo, 4 de Dezembro de 1859

A Sra. Hatch iniciou um compromisso de cinco domingos para discursar na Dodworth's Academy. O seu tema naquela noite foi A Origem da Raça Humana.

Começou por fazer uma breve revisão das várias teorias existentes sobre a origem do homem e apresentou as suas razões para as rejeitar. Disse que a ciência envolvia o tema em misticismo e sofismas; afirma que todos os tipos existem numa manifestação precedente; que o inferior tem as capacidades do superior, e cresce ou desenvolve-se até se tornar nele. Reivindica perfeição a partir da imperfeição; faz com que os resultados sejam superiores às causas. Ela considera que isto não pode ser; pensa que a mente é superior à matéria e não pode ser produzida por, nem a partir, da matéria. A ideia de que o instinto se transforma em mente, e que a mente se transforma em divindade, parece-lhe absurda. Pelo contrário, defende que o homem não pode ter outra origem senão na mente divina. Ilustrou o tema dizendo que as pedras existem antes dos edifícios, mas não se transformam por si próprias em edifícios. É a inteligência do homem que dispõe as pedras em ordem e constrói o edifício.

O ferro nada pode, mas a mente e engenho do homem fazem dele máquinas a vapor. Para ela, é tão absurdo dizer que a matéria faz o homem como dizer que as pedras constroem casas ou que o ferro constrói máquinas a vapor. A matéria, diz ela, não possui em si mesma poder de vida, movimento ou construção. Apesar de não conseguirmos conceber o homem separado da Terra, não há prova de que o homem tenha surgido exclusivamente da Terra.

Os teólogos consideram que todas as raças de homens tiveram origem num único tipo. Mas pergunta-se: se Deus podia insuflar vida no barro e criar o homem, porque não o faz agora, e em todo o lado? Diz-se também que uma raça de homens difere de outra; que a raça caucasiana difere das outras na origem e constituição. Ela defende que animais e homens tiveram tipos e origens distintas.

Diz que não se pode provar que algum animal tenha tido origem num tipo inferior e, por isso, mantém que o primeiro tipo de humanidade era tão perfeito e tão próximo do Criador como nós somos, e que a origem do homem remonta ao próprio início da criação e provém da divindade. Deus continua a falar e a agir hoje, revelando as belezas da sua mente divina. A forma humana veio, é certo, da superfície da terra; mas onde está o arquiteto? Certamente não está na matéria. Não perguntamos onde está a tela e a tinta, mas sim onde está o artista.

Não há diferença de elementos entre homens e animais. A inteligência constitui a única diferença. Por isso, para cada espécie houve um tipo correspondente que foi manifestado pela mente divina. O progresso existe no infinito, não na divindade. A inspiração revela a qualidade da alma. Se a alma fosse o resultado da matéria, deixaria de existir. A criação é. Não foi, não será, mas é. A criação está em cada sopro. O homem é divino quanto à sua origem, e na relação que existe entre ele e o seu Criador. O homem é imortal, pois o tempo antecede-o. Para concluir, afirmou que a raça humana, enquanto tipo, não poderia ter outra origem senão a conceção absoluta e positiva da mente divina.

A sala estava bem preenchida. A Sra. Hatch está comprometida a palestrar durante cinco domingos.

Excerto — Banner 1880

Pergunta — Quando a uma pessoa muito doente é administrado cloral para aliviar a dor, e durante dias deixa de reconhecer quem quer que seja, onde está o espírito e quais as suas condições?

Resposta — Todos os estados de coma parcial ou total, ou qualquer condição antinatural provocada por meios artificiais, são estados em que o espírito se retira temporariamente do corpo físico: referimo-nos à sua atividade mental. O vínculo vital permanece, mas mesmo durante o sono os espíritos dos mortais mantêm comunhão com os seus amigos desencarnados, e frequentemente têm consciência de ter tido conversas com eles, embora por vezes apenas se lembrem de ter visitado terras belas e visto maravilhas que gostariam de recordar, mas que continuamente fogem à mente desperta.
Sob a influência de remédios como o cloral, a ação do espírito não é tão saudável nem tão natural como durante o sono. Contudo, durante o sono induzido pelo magnetizador, ou em transe, o espírito aproveita a expulsão temporária do cérebro físico para visitar cenários espirituais. Frequentemente, em casos de transe ou coma, induzidos por epilepsia ou catalepsia, a pessoa tem consciência de ter visitado reinos invisíveis, conversado com anjos, e muitas vezes descreve imagens do céu. O estado parcial de inconsciência é aquele em que o cérebro exterior está suficientemente ativo para se encontrar num estado de delírio.

A verdadeira inconsciência é, no fundo, a ausência ou separação do corpo físico. Poder-se-ia chamar a isto a vida dual do homem, não fosse o facto de a consciência, por mais transitória que seja a sua expressão ou ausência, só poder estar ativa num lugar de cada vez. Pode haver uma interpenetração dos dois estados, o exterior e o interior.

O espírito pode estar ciente das coisas espirituais, enquanto o corpo, por vezes, permanece sensível a coisas externas. Em todos os casos, porém, de suspensão da consciência externa, o espírito nunca está inconsciente, antes pelo contrário, está desperto noutro mundo, e, quando tiverdes passado pela mudança chamada morte e despertardes plenamente do sonho da vida física, encontrareis cenas, rostos e lugares familiares e exclamareis a cada passo: “Já estive aqui antes.”

Pergunta — Estamos a realizar sessões, buscando sinceramente conhecimento espiritual. Um espírito manifestou-se numa das nossas sessões e disse que estava morto há três anos. Posteriormente, soubemos que ainda estava vivo. Tivemos outros casos semelhantes.

Por favor, diga-nos porque é que isto nos acontece, quando apenas procuramos a verdade?

Resposta — Muitas vezes, espíritos que deixam temporariamente os seus corpos podem comunicar sem qualquer noção do tempo; frequentemente também descrevem o estado espiritual em vez do físico. Esse indivíduo pode ter estado morto para toda a utilidade, para qualquer efeito material, no que respeita à sua vida espiritual. Conhecemos um caso em particular, que podemos atestar. Um espírito comunicou, dando todos os detalhes da morte, onde ocorreu, em que circunstâncias, e verificou-se que a pessoa estava viva. Passado exatamente um ano, essa pessoa morreu, nas circunstâncias que a comunicação descrevera, o que revela uma previsão do espírito do indivíduo, enquanto estava temporariamente fora do corpo, relativamente à forma da sua morte. Para o espírito, tal poderia parecer já ter acontecido. Há outras razões e explicações para estas mensagens, que não são tão raras como se poderia supor.

Uma senhora do Oeste recebeu uma mensagem do irmão. Acreditava que o irmão tinha deixado a vida terrena, e, duas ou três semanas depois, soube que ele estava vivo e bem. No momento em que recebeu a mensagem, contudo, ele estava num estado de coma profundo, sob o efeito de morfina, e provavelmente, em espírito, acreditava que o corpo já estava morto. Ocorrências deste género levam muitas vezes à reflexão sobre a natureza do espírito, ausente do corpo físico mesmo quando o corpo parece ativo, e conduzem provavelmente à descoberta de que tempo e espaço, no que toca ao conhecimento deles na vida espiritual, frequentemente deixam de existir, sendo o tempo apenas reconhecido por simpatia com mentes humanas, e não dependendo de condições espirituais, onde tempo e espaço não são necessários nem fazem parte da existência espiritual, tal como reconhecida na Terra.

Pergunta — Sobre a transmigração das almas, tomamos outra forma e continuamos num ciclo constante de progressão? Por outras palavras, uma alma reentra por vezes noutro corpo, por vezes melhor ou pior que o seu?

Resposta — No que toca à palavra transmigração, não a aceitamos no que se refere à alma humana, já que no Oriente aplica-se ao espírito humano em conexão com possível encarnação em cão, cavalo ou outros animais, e também a outros graus inferiores de vida, o que não é

ensinado pelos videntes do Oriente, nem pelo mundo espiritual nas suas instruções sobre reencarnação.

Dever-se-ia usar a palavra como “encarnações”, no plural; a experiência do espírito em encarnações separadas, ou impulsos para a Terra, é, em geral, um ciclo contínuo de progresso; mas os seres humanos não têm capacidade para julgar, em todos os casos, o que seria progresso e o que seria retrocesso; pois alguém pode considerar que passar do estatuto de camponês para o de César é progresso, outro pode considerar o oposto como sendo o verdadeiro progresso. Cada espírito é incarnado sucessivamente nas formas que o próximo passo de crescimento exige, seja qual for esse passo na experiência individual. Se hoje estás cheio de orgulho, poder, autoridade e tirania, é certo que o próximo passo necessário ao teu progresso é uma lição de humildade.

Isso pode parecer retrocesso, mas é, na realidade, um avanço para o indivíduo que a vive. Cada encarnação ou impulso é um desdobramento direto do espírito, no ciclo da sua completação espiritual, formando, se revisitada, uma espiral ou cadeia, na qual, começando pelo mais fraco e imperfeito, acabas por ascender à expressão mais elevada e perfeita da vida humana.

Pergunta — Os planetas são habitados, e os espíritos visitam-nos para conhecer o seu estado de desenvolvimento, em comparação com os habitantes da Terra?
Resposta — Os planetas são habitados. Os planetas inferiores à Terra, e aqueles apenas um ou dois graus além da Terra em desenvolvimento, podem ser visitados por espíritos deste planeta, mas planetas mais avançados estão demasiado afastados em progresso espiritual para espíritos que não sejam esclarecidos. Só aqueles em graus angélicos superiores podem manter verdadeira comunicação interestelar com espíritos dos planetas de ordem mais elevada, através de vários graus de mensageiros angélicos.

Através dos espíritos mais desenvolvidos da Terra recebemos conhecimento de planetas mais remotos e evoluídos. Aqueles que estão próximos da Terra, como Marte e até Júpiter, e os que estão dentro da órbita da Terra, mais perto do Sol, como Mercúrio e Vénus, podem ser visitados por espíritos da Terra. Os espíritos desses planetas e os da Terra podem comunicar entre si. Frequentemente, espíritos da Terra

passam para a atmosfera espiritual desses planetas para adquirir experiência, ou para servir, conforme o caso.

Em todos os casos, o desenvolvimento da vida encontra-se em grau exatamente correspondente à posição do planeta. Mercúrio é considerado o menos desenvolvido, Vénus o seguinte (falando em termos gerais), depois a Terra, e assim sucessivamente até ao planeta mais distante do sistema solar; o grau médio de desenvolvimento avança um passo em cada planeta. Espíritos de planetas dentro da órbita da Terra não podem aproximar-se da Terra senão por instrução, por permissão; os que estão para além da Terra, desenvolvidos espiritualmente, frequentemente aproximam-se da Terra para assistir espíritos próximos de vós, ou transmitir mensagens às vossas mentes quando não podem ser transmitidas pelos vossos anjos ou espíritos guardiães.

Pergunta — Por favor, dê a sua opinião sobre a revelação de Cristo à Humanidade.
Resposta — A mensagem essencial de Cristo foi uma mensagem espiritual, em contraste com a mensagem mosaica, que era literal. Queremos dizer que, enquanto a dispensação mosaica representava a Lei, a de Cristo representava o Espírito da lei. Consideramos a sua expressão espiritual como a mais elevada até hoje concedida à Terra. O último Messias exprime o mais elevado, o próximo será um grau além de Cristo, aquilo que ele próprio anunciou.

Consideramos a “Regra de Ouro” a mais elevada regra até hoje dada à orientação do homem, ainda que já tivesse sido ensinada antes, mas foi incorporada na qualidade espiritual de Cristo e na sua vida; constituiu a síntese dessa lição. Consideramos o “Sermão da Montanha” a mais elevada expressão de promessa e espiritualidade dada ao homem, razão pela qual se mantém para sempre como a síntese dessa dispensação espiritual. Quando o Consolador, prometido por Cristo, realmente vier, então compreendereis mais profundamente o sentido da sua dispensação.

Cada dispensação é mais desenvolvida pelo seu sucessor do que no seu próprio tempo. Cristo desenvolveu mais profundamente o espírito da dispensação hebraica; um novo Messias desenvolverá cada vez mais o espírito da dispensação de Cristo, pois a cada passo acrescentado, esse passo torna-se mais geral, enquanto a oposição do mundo se dirige ao

novo. Na nova dispensação, os que acreditam em Cristo terão sido reunidos ao reino espiritual que ele possui, enquanto um novo anjo agitará as águas e chamará aqueles que darão o próximo passo.

Pergunta — Podem os nossos amigos espirituais ver as condições naturais presentes e futuras dos amigos terrenos durante a sua vida na Terra? Ou seja, conseguem os nossos amigos espirituais ver o fim desde o princípio, de modo a estarem conscientes do que nos aguarda enquanto permanecermos aqui na Terra?
Resposta — A capacidade de conhecer o futuro depende do conhecimento que o espírito tem das leis espirituais, e da intuição proveniente de fontes superiores. Os espíritos, mais do que os mortais, discernem o desfecho dos acontecimentos, sendo capazes de ver um grau além dos mortais — aquilo que está para vir.

Existem espíritos de graus superiores, e anjos, que percebem o fim desde o princípio da vida humana; mas nem todos os espíritos desencarnados percebem o futuro; apenas podem perceber um grau além do que os mortais conseguem, em alguns casos — noutros nem tanto, se o seu discernimento não estiver desperto ao nível do vosso; mas há graus de vida espiritual onde a profecia é tão clara como a memória, e onde o futuro se julga como se julga o passado, por determinadas linhas de vida conhecidas do espírito. Nesses casos, se forem os vossos espíritos guardiães ou anjos, podem saber com certeza que muitos acontecimentos que considerais desafortunados e deprimentes não são senão preparações para estados mais elevados: e conseguem ver claramente para além das nuvens, enquanto vós ainda estais no meio delas.

Pergunta — Entram os espíritos desencarnados num reino de conhecimento absoluto sobre os muitos mistérios para os mortais?

Resposta — Os espíritos desencarnados não entram num reino de conhecimento absoluto acerca dos mistérios para os mortais, exceto no facto da existência para além da morte; e nem todos os espíritos desencarnados adquirem imediatamente esse conhecimento. Tudo o que qualquer espírito pode reivindicar é um passo adicional além do que possuía na Terra, e oportunidades de progressão espiritual.

Tudo o que os espíritos afirmam é dar a sua opinião e o conhecimento, na medida em que chega ao seu entendimento — sobre qualquer

assunto. Nenhum espírito reivindica infalibilidade; nem mesmo os anjos nas suas moradas celestiais afirmam possuir conhecimento absoluto. Existem muitos caminhos de perceção, de intuição, de tudo o que pertence ao poder espiritual de discernimento; estes estão mais desenvolvidos. O intelecto humano tateia na escuridão dos efeitos externos, enquanto o espírito percebe mais de perto as causas aproximadas das coisas; mas nenhum espírito reivindica infalibilidade, nenhum reivindica conhecimento absoluto — só o Infinito pode possuí-lo.

A SEGUNDA MORTE

Pergunta — Poderia a inteligência controladora explicar a “segunda morte”, ou se as diferentes mudanças de um plano para outro se materializam na vida espiritual? São elas semelhantes à morte do corpo físico para o espiritual?

Resposta — Não consideramos que a “segunda morte” referida nas Escrituras se refira apenas a mudanças nos estados espirituais; pensamos que se refere também aos da Terra. Explicaremos o que se quis dizer e depois responderemos à questão colocada. A segunda morte referida na Bíblia é, sem dúvida, o desaparecimento de tudo o que na vossa natureza impede o crescimento espiritual. Enquanto o corpo pode morrer, o espírito pode estar vivo; enquanto o corpo pode viver, o espírito pode estar preso na morte.

Uma pessoa pode, por algum enlevo, algum estímulo, seja do ambiente ou influência psicológica, durante algum tempo ser atraída para uma verdade superior e depois recair. Esta recaída, como tem sido chamada no mundo, é denominada “segunda morte”, pois revela que a condição do homem ou da mulher era pior do que se supunha: mas isto não é eterno, tal como não era a condição anterior.
Mudanças na vida espiritual não podem ser designadas como morte, a não ser que se refiram ao crescimento contínuo e gradual que faz, todos os dias, com que um novo pensamento substitua um antigo, uma nova condição suplante a que a precedeu. Não reconhecemos que, no progresso do espírito, haja qualquer introdução formal noutro plano de vida semelhante àquilo que se assemelha à morte.

No que toca a estados espirituais, se o espírito voltar a entrar na vida humana, como é ensinado por nós, como sabem, e por outros que controlam médiuns, então isso pode referir-se à segunda morte; mas, na

vida espiritual, não há rejeição da forma material, correspondente à que ocorre ao deixar a vida terrena; assim, não há mudança genérica; há um desdobramento gradual e um embelezamento gradual da forma espiritual, que continua até se atingir a vida angélica. A morte, portanto, que o questionador deseja ver explicada, é aquela que acontece todos os dias e a toda a hora, quando se abandona uma condição antiga e se assume ou se avança para uma nova.

Pergunta — Quais são as condições físicas e climáticas daquela parte da Terra conhecida como Pólo Norte? E, sendo habitada por seres humanos, descreva as suas condições físicas, mentais e morais.

Resposta — Não consideramos o Pólo Norte nem habitado nem habitável; consideramos que o eixo da Terra representado pelo Pólo é o exato equilíbrio ou nulidade do globo; que, no ponto específico que o Pólo Norte representa, existe quase nada, tanto quanto possível de se exprimir no universo, caso contrário não seria o Pólo, nem o ponto de equilíbrio magnético da Terra.

O Pólo magnético exato não é exatamente paralelo ao Pólo Norte, mas sim à Estrela Polar; nem esse é, neste momento, o grau exato, devido às várias mudanças astronómicas, mas a polaridade dos átomos e atmosferas da Terra centrando-se no Pólo Norte deve ser considerada como prova de que não existe vida ali; existe ali equilíbrio, e o equilíbrio não pode sustentar o que chamam vida orgânica.

A esfera polar, ou a influência dessa esfera, irradiando para outras superfícies da Terra, apresenta várias oportunidades para o exercício de poderes espirituais, e no que toca a correntes magnéticas, um ponto muito próximo do Pólo Norte, talvez a um ou dois graus de distância, constitui o ponto de distribuição das forças magnéticas que percorrem a superfície da Terra para voltar de novo, não só do interior da Terra, mas da atmosfera que a envolve; assim se forma uma corrente dupla, com ponto de distribuição em ambos os Pólos, mas principalmente no Pólo Norte. Esta é a nossa opinião, tal como a resposta anterior.

Pergunta — Em que sentido foi o homem feito à imagem de Deus? — Génesis ii:17
Resposta — No sentido da vida eterna, da consciência eterna. O ato de criação é um ato divino. O homem, ao incorporar a vida espiritual na forma exterior, torna-se, como Deus, um criador. Por isso é feito à sua

imagem à medida que avança mais no reconhecimento disso, à medida que reconhece a sua relação, o seu parentesco, e a imagem que transporta da divindade. Não se refere aqui à forma exterior, mas à atividade espiritual, e à essência da própria alma, semelhante a Deus.

Pergunta — O Prof. Peirce proferiu há algum tempo uma palestra no Lowell Institute, nesta cidade, sobre o arrefecimento da Terra e do Sol. Foi um discurso disperso sobre um assunto importante, e como quem pergunta não compreendeu a hipótese do Professor, apela agora à ciência na vida espiritual para esclarecimento.
Resposta — Não somos responsáveis pelas opiniões do Prof. Peirce, e como o assunto não nos foi apresentado para consideração, preferimos não responder numa sessão a uma questão que exigiria pelo menos uma palestra inteira, pois discutir adequadamente os vários processos de formação e desintegração dos planetas certamente exigiria mais tempo do que uma simples resposta.

Contudo, é verdade que todos os corpos planetários do sistema solar estão a passar gradualmente do estado de vapor para um de completa solidificação ou cristalização; esse processo de arrefecimento demora milhões de anos, durante os quais os planetas cumprem as suas funções ao dar origem a várias formas de vida genérica.

Tendo-se manifestado nestas várias formas de ser, a Terra deixará então, sem dúvida, de existir como planeta, passando a outras formas, talvez de caos original ou desintegração gradual pelo movimento. O próprio Sol, provavelmente, experimentará um arrefecimento semelhante e cessará de emitir luz, mas isso acontecerá apenas daqui a incontáveis milhões de anos, pois o processo é extremamente gradual.

Pergunta — Diz-se que Newton declarou que a gravitação é a simples expressão da lei pela qual os planetas tendem para o Sol. Newton estava correto neste ponto?
Resposta — Gravitação é o termo usado para significar a atração dos corpos em movimento para o centro, ou dos átomos entre si. À medida que os planetas giram em torno do Sol, o movimento concêntrico produz uma tendência para o Sol.

Qualquer que tenha sido o poder que originalmente os expulsou ou separou do Sol, mantém-nos numa certa posição relativamente ao Sol. Um certo grau de movimento fará com que um objeto gravite para o

centro desse movimento; daí que os planetas têm duas leis de gravitação, uma para o centro ou eixo do planeta, outra para o centro do sistema solar, que é o Sol.

A maior gravitação é para o Sol, mas a gravitação percetível à superfície da Terra é para o centro da Terra, como se pode comprovar pelo facto de que os objetos que estão à superfície da Terra, mesmo entre vós e o Sol, gravitarão para o centro da Terra e não para o Sol. Se não fosse assim, quando fosse noite para vós e dia na China, tudo na China voaria para o Sol, e a Terra rapidamente ficaria despovoada; mas como tudo é atraído para o centro de gravidade ou de movimento da Terra, a gravitação para o Sol apenas mantém o planeta na sua posição e dá vitalidade às substâncias na Terra.

Pergunta — Há algum momento em que cada espírito individual tem um começo?
Resposta — Não há momento em que cada espírito individual tenha um começo, a menos que haja um momento em que cada espírito individual tenha um fim. As funções individuais da vida material têm começo e fim: a inteligência espiritual, a entidade, não tem começo nem terá fim.

Pergunta — Todas as pessoas têm espíritos guardiães? E, se sim, é sempre o mesmo espírito? E podemos saber com certeza quem é o espírito?

Resposta — Todas as pessoas têm espíritos guardiães; todas as pessoas têm anjos guardiães. O anjo guardião nunca muda, está convosco desde o momento do nascimento terrestre, e antes. O espírito guardião muda conforme a vossa condição e necessidade, sendo nomeado ou escolhido pelo vosso anjo guardião. O espírito guardião de hoje pode ser uma criança, um pai ou mãe, ou alguém do vosso círculo familiar; pode ser um irmão, irmã ou um amigo querido.

Pode haver mais do que um espírito guardião; pode haver apenas um anjo guardião, e este pode ser-vos dado a conhecer, se tiverdes desenvolvimento de comunhão espiritual, ou se for sábio para vós saber quem é. Nem sempre é aconselhável, pois os seres humanos por vezes dão demasiada importância a nomes terrenos e pensam que, se o espírito guardião tiver um nome exaltado, isso lhes dá algum crédito ou honra. Podeis ter um espírito guardião que foi muito humilde em vida, mas que, apesar disso, vos pode ajudar.

Por vezes, é sabiamente determinado que não saibais; mas se forem membros do vosso próprio círculo ou amigos queridos que partiram, há formas de se reconhecerem, através da vossa própria intuição ou por comunicação direta através de médiuns. Normalmente, os vossos pensamentos estão mais em sintonia com aquele que é o vosso espírito guardião. Se pensam continuamente nele, se a vossa mente volta para ele, podeis ter a certeza de que está perto e vela por vós. Pode ser uma criança amada, um pai ou mãe, um irmão ou irmã; em cada caso notarão que os vossos pensamentos se voltam mais para essa pessoa do que para qualquer outro espírito; assim podem reconhecê-lo como vosso guardião.

Pergunta — Até que ponto no passado se calcula, segundo inteligências espirituais, que o primeiro homem apareceu na Terra, e em que condição?

Resposta — Como acabámos de responder a uma questão relacionada, dizendo que provavelmente não existiu um primeiro homem, mas primeiros tipos de homens, assim responderemos. Calcula-se, em relação à idade do planeta, que as primeiras aparições humanas devem ter ocorrido há cerca de cem milhões de anos. Que as formas de vida humana à superfície da Terra foram criadas é verdade, e as primeiras expressões, em quase todos os casos, eram de gigantes ou anões, ou das formas mais inferiores de vida humana observáveis. No entanto, não se segue necessariamente que essas formas se assemelhassem ao que conheceis como bosquímanos, ou a quaisquer formas de vida animal inferiores ao homem, mas que cada forma de vida era humana — humana na sua fase mais inferior, provavelmente; essa fase mais inferior não inclui necessariamente maior semelhança com o reino animal do que se encontra hoje na humanidade, mas apenas menor capacidade de expressão através das funções orgânicas e tecido cerebral.

Pergunta — De que raça descendem os ciganos?

Resposta — A verdadeira origem dos ciganos não é conhecida pela história humana, mas, tanto quanto se consegue traçar, estas tribos errantes têm a sua origem distinta em magos orientais de má reputação, que, vivendo em vários países e enfrentando vários obstáculos, aumentaram em número com pessoas de todas as nações da Europa. Na América não existem ciganos originários, exceto talvez alguns que nos últimos dez anos emigraram para este país.

Perguntas — Qual é a origem e qual o destino dos índios norte-americanos?
Resposta — Tanto quanto sabemos, os índios norte-americanos são remanescentes de nações outrora poderosas que habitaram as regiões oeste e sudoeste deste continente. Estas tribos são nitidamente asiáticas no seu tipo e origem. As civilizações, cujas ruínas hoje se encontram na América Central e no México, revelam um grau de cultura e esclarecimento que atualmente não é conhecido pelas tribos errantes da América do Norte, mas estas tribos possuem uma semelhança fisionómica distinta com a raça japonesa, sendo evidente que, em tempos, as duas civilizações eram uma só.

Por uma divisão, vulcânica ou outra, o Oceano Pacífico formou-se, separando o continente original; por outra divisão, o Oceano Atlântico separou outro continente; o centro da América do Norte era onde existia um oceano, e toda a terra foi depois unida, tendo a parte mais oriental deste país estado em tempos ligada a um continente a leste, e a parte mais ocidental ligada à Ásia a oeste: assim, estas nações do Novo Mundo são anteriores à Europa em muitos centenas de milhares de anos. Comparativamente, todo o território europeu é de formação recente.

O índio americano parece destinado a desaparecer sob o domínio daquele tipo de direito que prevalece pela força. Se isto será uma vantagem para as vossas civilizações ou não, é bastante certo que o mal que causa a sua exterminação não o será. O índio americano, se fosse corretamente aproveitado, teria trazido um elemento ao vosso carácter como nação que agora vos falta profundamente. Deixamos ao vosso juízo qual será esse elemento.

Pergunta — Os gémeos siameses estão unidos na vida espiritual, como estavam aqui, ou são cada um um indivíduo separado e distinto?

Resposta — Como eram indivíduos separados e distintos aqui, não há razão para supor que seja diferente na vida espiritual. O laço físico que os unia não se mantém, exceto por hábito, durante algum tempo. Existe uma simpatia psicológica na associação terrena que continua por algum tempo, mesmo na vida espiritual, mas estes dois eram tão distintos quanto o podem ser indivíduos, e embora fossem fisicamente simpáticos, muitas vezes detetavam-se mentalmente um ao outro; por isso, não existiria lei de atração que os mantivesse juntos na vida espiritual. Sem

dúvida, o laço terreno teve alguma influência subtil ou pré-natal que determinou a associação, para disciplina espiritual.

Pergunta — O espírito de um homem, alguma vez, por escolha ou por compulsão, torna-se ocupante do corpo de um animal ou de uma ave?

Resposta — Tanto quanto sabemos, nunca. A antiga ideia da transmigração das almas difere essencialmente da reencarnação em formas humanas, e tem origem numa verdade sobre a reabilitação da forma humana, mas não conhecemos qualquer caso em que o espírito humano possa ocupar a forma de qualquer vida inferior à sua. Sendo o espírito o criador do seu próprio organismo, não seria possível a um ser humano produzir qualquer forma que não a humana.

Pergunta — Qual é a principal causa da grande prevalência do crime atualmente neste país?

Resposta — Tanto quanto sabemos, há duas causas; uma é que o crime sempre existiu no mundo, mas atualmente há maiores facilidades para a descoberta e divulgação do crime; outra razão é que, segundo declarações feitas por este e outros instrumentos do mundo espiritual, este é um período de culminações. Tal como o periélio dos planetas é a culminação de certos ciclos sociais e espirituais, é também uma culminação em certos aspetos criminais; assuntos que estiveram adormecidos durante muito tempo, e causas que foram alimentadas na sociedade, acarinhadas indiretamente durante anos e séculos, vêm agora à superfície. É a erupção de uma doença antiga; é o resultado do que a sociedade há muito tempo gerou. O crime dormiu — foi alimentado nas fontes da vida social. Estais a colher o que semearam, a recolher a colheita do que o mundo plantou; mas a presente culminação deve-se à dupla acumulação de causas espirituais e físicas resultantes do periélio dos planetas.

Pergunta — O que entendeis por diferença entre alma e espírito?

Resposta — Usamos estas palavras à nossa maneira; as nossas definições devem ser compreendidas como próprias, não como arbitrariedades sobre as opiniões de outros espíritos. Usamos a palavra alma para exprimir a entidade espiritual mais interna; usamos a palavra espírito para expressar essa forma que hoje, amanhã, ou em qualquer período definido de tempo, pode manifestar-se — o espírito da criança, o

espírito do homem; mas a alma não é criança, homem, nem mulher, mas anjo.

Pergunta — Não haverá menos crime agora do que em épocas anteriores, proporcionalmente à população?

Resposta — Acreditamos que existe menos crime no mundo do que em qualquer outro período anterior da história mundial, porque todas as formas de vida humana estão a progredir, e a vida humana média de hoje, considerando o número de habitantes à superfície da terra, representa um grau mais elevado de desenvolvimento moral, assim como o nível médio da vida humana apresenta um grau mais elevado de perfeição física. Houve quem dissesse que o mundo está a deteriorar-se; que a raça é inferior às anteriores, ou aos vossos antepassados. Isto não é verdade! Num torneio realizado há alguns anos em Inglaterra, a armadura que a raça moderna pretendia usar para celebrar as grandes vitórias dos seus ancestrais, revelou-se demasiado pequena, na maioria dos casos, por vários centímetros.

Está comprovado que as nações que representaram a civilização e o crescimento esclarecido dos séculos, também apresentam maior perfeição física; o crescimento médio em direção à perfeição é muito maior. Claro que os espartanos tinham heróis, e estes seriam apenas aqueles que entre os antigos gregos possuíam força e capacidade física; mas isto deve-se ao facto de que os outros eram cuidadosamente eliminados; os bebés conhecidos por serem fisicamente imperfeitos eram eliminados. Deixando a humanidade seguir o seu curso natural, a melhoria média é manifesta, tanto nos mundos físico como moral.

Não é verdade que haja mais crimes em comparação com o número total de habitantes do que antes, antes pelo contrário. É verdade, contudo, que há uma maior distribuição de conhecimento; que é mais fácil saber o que se passa em qualquer parte do globo do que antes, enquanto no passado, com os antigos piratas, com os bandoleiros que ocupavam o lugar de reis, podiam ser cometidos assassínios sem que qualquer lei civil exigisse resposta. Facilmente se percebe que não há agora um acúmulo de crime maior do que o sujeito às leis que referimos, mas sim que as facilidades para descobrir a iniquidade humana são maiores. O mundo, no seu conjunto, avança e repudia o crime muito mais do que em qualquer outro momento da sua história.

CRIAÇÃO

3 de Janeiro de 1858 Brooklyn

Chamo a vossa atenção, esta tarde, para o tema da Criação — não como expresso em qualquer forma de filosofia, nem em qualquer doutrina ou credo religioso, mas no verdadeiro significado desse termo, e apenas nesse. Envolve religião, ciência e moral. Criação, no seu significado distinto e verdadeiro, não significa algo que é moldado, que é evoluído, mas sim algo que é feito a partir do nada; ou, por outras palavras, implica um poder de dar existência ao que não a tem.

Que existe um Espírito Divino, que governa e controla o Universo, a quem chamamos Deus, um Ser Divino e Omnipotente, creio que todos vós estais convencidos.

Eternidade implica todo o tempo — aquilo que foi, aquilo que é, aquilo que será. Dizeis que estão a começar um novo ano. Nós dizemos que estão a começar um ano que existiu em toda a eternidade, que será para sempre. A eternidade não conhece novo começo. Não pode conceber um novo ano, nem eras. É todo o tempo, todo o espaço, toda a vida, toda a existência, todo o poder: é Deus!

Jeová, uma palavra hebraica cuja definição já demos várias vezes em público, implica este Espírito Eterno — Je, o futuro; Ho, o presente; Vah, o passado. Assim, temos incorporado nesta palavra “Jeová” a própria eternidade de que vamos falar. Porque este Deus, personificado na forma que quiserem, é um Deus eterno; e é tudo o que existiu no passado, o que existe no presente ou existirá no futuro.

Não podemos conceber qualquer criação. Não nos entendam mal. Antes de terminarmos o nosso discurso, provaremos que não limitamos os poderes de Deus: apenas os tornamos maiores, mais vastos e mais divinos. O cristão tem a sua Bíblia, o primeiro livro da qual se chama “Génesis”, onde estão registadas as revelações dadas a Moisés, supostamente escritas por ele, por inspiração do Espírito Santo, ou de Deus.

Nos primeiros capítulos deste livro está uma história da criação, ou, por outras palavras, um relato da criação do mundo, apresentado em poucos versículos, mas dando-vos uma ideia clara de que, quando Deus formou esta Terra, também formou todos os universos e todas as estrelas para

servir as suas necessidades; que o homem é a mais alta produção da criação de Deus, foi feito do pó, e o sopro da vida foi-lhe insuflado pelo Pai Divino e Omnipotente.

O nosso objetivo não é desmentir isto, mas não nos é dito de que materiais a Terra e todos os céus estrelados foram formados; e por isso o mundo teológico foi levado a acreditar que foram criados, querendo com isso dizer que todos os mundos giratórios foram produzidos ou feitos do nada. Mas quanto nada seria preciso para fazer alguma coisa, deixam-nos conjeturar. E para realizar tudo isto, o período de tempo foi concentrado em sete dias.

Dias podem significar eras, séculos, centenas de séculos. Representam apenas períodos indefinidos de tempo. Não acreditamos que todos os planetas tenham sido feitos para servir este globo; que o sol foi colocado nos céus apenas para iluminar esta terra; que o homem foi feito exclusivamente para este planeta; ou que as dez mil “estrelas, que pavimentam os caminhos da Divindade, foram ali colocadas exclusivamente para brilhar sobre os habitantes desta terra. Nunca!

Sejam quais forem as interpretações dos teólogos, não podemos aceitar a afirmação original nem a sua tradução. Mas gostaríamos de a ampliar. Consideramos esses relatos como a mais alta conceção de verdade do escritor; e são importantes, como marcos para orientar o estudante da criação nas suas investigações. Vemo-los como tendo sido dados apenas para que o homem não se perdesse nesse labirinto.

Cientificamente, são falsos; religiosa e teologicamente, são feitos para parecer verdadeiros. Moisés não poderia ter recebido uma inspiração sobre a perfeição das leis da geologia ou da química, pois não as poderia compreender. Era um homem da antiguidade, sem dúvida muito sábio, mas incapaz de abranger o Infinito; e mesmo o poder e bondade infinitos não lho poderiam dar, pois era finito.

Criação, essa palavra impressionante, que fez os teólogos tremerem, que fez muitos lábios arderem de eloquência e lágrimas surgirem nos olhos dos que contemplam a vastidão do Universo — essa palavra tem de ser riscada da linguagem, o seu significado apagado, antes que possamos compreender Deus, a Eternidade, o Infinito.

Se Deus é o princípio vivo do poder, o Espírito Infinito — se habitou toda a eternidade — poderia ter havido algum período nessa existência em que tenha feito algo de novo? Milhões e milhões de eras atrás, Deus permeava todo o espaço e todos os universos como agora. As substâncias que formam os mundos; a mente agora personificada nas vossas formas; estrelas, sóis e universos, que giram em harmonia, sempre existiram.

Como poderia então Deus ter feito uma criação? É inútil que os teólogos digam que a Divindade existia sozinha na eternidade, e finalmente despertou da sua inatividade, dizendo que iria fazer um Universo. Nunca houve mais criação do que hoje, ao nascer ou pôr-do-sol; não há mais criação do que quando os átomos se organizam. Tudo é criação; tudo é uma eliminação da Divindade; tudo é uma expressão da Sua Mente Divina. Cada dia e cada hora anunciam o nascimento de uma nova e divina luz para a mente finita.

Os anjos sempre cantaram; mundos, sóis e sistemas sempre giraram; e os átomos sempre se agregaram. Não há átomos novos no Universo. Todos os seus elementos são tão antigos quanto a Divindade. A flor, e cada um dos seus perfumes, é tão antigo quanto a mente de Deus. Os átomos que compõem toda a existência ou vida são coevos de Deus.

Dizem-nos que quando Deus fez o Universo e o declarou bom, houve grande alegria no céu, e um frémito de alegria vibrou em todos os corações dos anjos. Oh, meus amigos, os anjos sempre olharam com temor e admiração; sempre entoaram hinos de louvor; sempre contemplaram um novo Adão e uma nova Eva, ao entrarem na Terra, como encarnação da Mente Divina que existe para sempre!

Conseguem conceber algo de novo? É a luz do sol nova? São as gotas de chuva novas? Não serão os mesmos elementos, os mesmos átomos, que sempre existiram? Nem um só foi acrescentado ou retirado. Se Deus existiu sempre e em toda a parte, e é eterno, nunca poderia ter havido caos, nem morte, nem trevas, nem ausência de vida, de poder, de beleza, de encanto, ou de mente. Tudo existiu eternamente.

Não devemos então acreditar que todos os mundos têm habitantes? Será possível que sejamos os únicos seres humanos? A criação nunca teve início. Se Deus é eterno, quem dirá que ele foi criado? E se tudo foi formado por ele, deve participar da sua mente, e, consequentemente, é

uma parte do seu ser. “Como!” diz o materialista, “pretende afirmar que este mundo em que pisamos é Deus; que os átomos que o constituem são Deus; que eu, que o meu corpo físico, é Deus?” O que pretendemos afirmar é que o elemento vital de tudo o que existe é Deus; que aquilo que faz existir é Deus. O vosso corpo reduzir-se-ia a nada se Deus não estivesse aí. A flor não exalaria um só sopro de perfume se Deus, a vida e a beleza do Universo, não estivesse nela.

Se alguma vez foi feito algo novo, isso prova, de acordo com as regras da filosofia mais rigorosa, que chegará o dia em que poderá deixar de existir. Se a alma humana, o epítome da chamada criação segundo os filósofos externos, foi literalmente criada a partir do nada, então deverá chegar o momento em que essa alma se tornará nada. É por isso que filósofos materialistas sustentaram que a alma não era imortal — porque acreditavam na aniquilação do espírito humano. Mas, visto que não foi criada, mas eliminada da mente da Divindade, existirá para sempre. Assim como o pó de que o corpo humano foi formado nunca foi criado — apenas aperfeiçoado, apenas desenvolvido — pelo mesmo princípio podemos dizer que a matéria pode regressar aos seus elementos primitivos, mas nunca deixará de existir.

Isto pode parecer, a quem está habituado a raciocinar segundo outros princípios e a partir de outros pressupostos, transcendentalismo. Reconhecemo-lo. Mas se não estivermos presos ao que fomos ensinados a acreditar, então temos de reconhecer que esta teoria é a única que verdadeiramente faz da Divindade um ser perfeito, absoluto, omnipotente e divino.

Lendo a história das nações, sabeis bem que todas formam uma conceção da Divindade que corresponde à sua própria natureza. Cada homem atribui à Divindade as suas próprias características, tal como o rapaz imagina a grande cidade que nunca viu como sendo apenas uma aldeia maior do que a sua. Assim, cada ser humano diz: “O meu Deus é como eu”.

Assim, quando os homens realmente adoram, só podem adorar esta Majestade Infinita, ou aquilo que projetam como divino perante o seu olhar, como uma imagem de si mesmos. Quando personificamos a Divindade, concebemo-la sempre em forma humana. A mente humana não consegue conceber nada mais alto do que esta majestade perfeita do homem. A Divindade é concebida por alguns como um grande,

gigantesco homem, que governa a criação. As vossas crianças, quando lhes falam da grandeza e majestade de Deus, imaginam-no como um Ser revelado no trovão, no relâmpago, no tornado, em todas as manifestações majestosas da Natureza.

Oh, o que é ele, onde está ele, quem é ele? Nenhuma mente pode responder. Só pode saber tanto de Deus quanto habita na sua própria existência; só pode conhecer tanto dessa vida e poder quanto alcança as suas próprias capacidades. Como, então, poderemos sondar as profundezas da vida e poder infinitos? Como poderemos fixar qualquer padrão de perfeição ou beleza? Isso nunca poderá ser feito por seres que estão constantemente a progredir para uma conceção mais elevada da Divindade.

Tem-se dito frequentemente nas histórias que certos indivíduos originaram novos pensamentos; criaram novas imagens e expressões; ou, na verdade, forjaram novas verdades e deram-nas ao mundo; que Galileu, Newton e Franklin deram novas ciências ao mundo. Isto não é verdade. Ninguém que alguma vez viveu no mundo finito criou uma nova verdade ou uma nova ciência. Galileu não concebeu uma nova verdade, mas simplesmente uma nova manifestação de uma verdade antiga. Nem sequer foi uma nova manifestação, exceto para ele.

Para Deus, era tão antiga quanto Ele próprio, o facto de a Terra ser redonda. Newton descobriu a lei da gravitação — não descobriu uma nova verdade ou um novo facto — quando a maçã caiu. Apenas a sua mente se expandiu para compreender a sua filosofia. Ele ensinou-vos as revoluções astronómicas; mas a ciência não era nova. Têm a geologia e a química ensinadas nas vossas escolas; mas é a ilustração da ciência que concebem como nova, porque a vossa mente finita não pode abarcar o funcionamento do Universo Infinito.

Assim é também nas vossas naturezas espirituais. Não existe nova verdade em teologia, na moral ou na vida prática; pois as verdades são princípios, e são eternas. Não existe nova ciência, nem nunca pode haver, pois todas as ciências são tão antigas quanto aquele de quem se originaram. O magnetismo animal e a psicologia, ou o vosso poder mental e físico uns sobre os outros, existiam no início da criação.

Mas há factos que ocorrem constantemente, que são apenas manifestações das verdades; pois as verdades são princípios imutáveis e

imutáveis, sendo atributos de Deus. Por exemplo, é verdade que a construção do sistema solar é esférica, e que os planetas giram em torno do Sol em proporção exata, distância, densidade, etc. Mas isso só se tornou um facto há poucos anos; portanto, definimos verdade como um princípio último, inalterável, eterno, tudo permeando, e apenas compreendido pela mente de Deus.

A criação nunca foi, pois a matéria existiu eternamente, sendo coeva do espírito. Foi moldada pela Divindade, e tornou-se uma expressão exterior do seu ser, que é permeado pela sua vida, e assim Deus está em todo o lado — tanto na pequena flor como no trono do céu. A vida existe em todas as coisas, e onde há vida há Deus. A matéria é apenas a forma de que Deus é o Espírito, e foi eliminada do seu ser.

Os princípios do Cristianismo existiam antes de Cristo, ou nunca poderiam ter sido ensinados por ele. Ele foi a sua encarnação em forma humana, ele o tipo da viva personificação divina: mas não eram novos; vieram da Divindade.

A mãe, quando o seu filho aprende pela primeira vez a balbuciar o seu nome, pensa que é algo novo. Mas as crianças sempre aprenderam a dizer “Mamã”; sempre aprenderam a andar; sempre balbuciaram o nome do nosso Pai quando lhes foi ensinado; e tentaram em vão expressar em linguagem os pensamentos que lhes brotam no peito.

Há quanto tempo florescem as flores com tanta beleza? Há quanto tempo os botões e folhas rebentam, e os pequenos caules, um por um, crescem e desabrocham? Pensam que nunca houve flores como as vossas, porque as vigiaram e cuidaram no vosso próprio jardim, marcaram toda a sua beleza de desenvolvimento, observaram o seu crescimento, viram os botões abrir-se, e inalaram o seu perfume. No entanto, a mesma luz do sol brilhou, as mesmas gotas de chuva caíram, o mesmo orvalho da manhã cintilou nas flores, desde que as flores começaram a desabrochar. As vossas flores não são novas; o germe era antigo, e o germe desse germe era antigo; e, recuando pela eternidade, descobrem que a flor é tão antiga quanto a Divindade.

A astronomia ensina-vos que existem outros mundos, no que diz respeito à revolução, ao movimento e à receção da luz do sol; mas imaginam que realmente não há seres humanos neles. É algo novo para vós que existe um Universo profundo, eterno, povoado de seres como vós. Supondes

que foi uma novidade quando Deus fez esta pequena terra. Mas não foi. Era tão antiga quanto o tempo, tão antiga quanto a eternidade! Portanto, não esperem resolver o mistério da Criação.

Nem o mundo foi feito do nada. Não há lugar, em todo este vasto Universo, onde possa existir o nada. Deus nunca fez mundos, universos e almas a partir do nada. Fê-los a partir da majestade viva da sua própria mente, da compreensão profunda do seu próprio poder, da perfeição da sua própria eternidade e da divindade do seu próprio Infinito! Na verdade, não há nada de novo.

Começámos um novo ano. Esforcemo-nos por ver se podemos ser melhores, mais verdadeiros, mais puros, mais santos, nas manifestações da nossa vida, do que no ano passado.

Mas sabiam que todos os dias começa um novo ano? Sabiam que palavras amigas e saudações gentis não devem ser reservadas para aquilo a que chamamos Dia de Ano Novo, mas que todos os dias devem ser preenchidos com amizade, com palavras e ações amáveis? Sabiam que cada dia das nossas vidas deve ser um dia para novas resoluções de uma vida mais pura e elevada? Gostamos dos feriados e das celebrações do Natal e do Ano Novo. Mas as vossas prendas e saudações de Natal e Ano Novo, e todas as emoções de bondade que brotam nas vossas mentes nesses feriados anuais, deviam pertencer a todos os dias do ano.

Não há um dia em que não possam dar o dom de um olhar ou palavra amável, não há um dia em que não possam fazer um novo ano no coração de alguém, erguendo o abatido e o degradado, não há um dia em que não possam iniciar um novo ano de vida mais elevada e santa no vosso próprio ser. Se chamarem a cada dia um Dia de Ano Novo, quantos mais anos terão do que agora! E quantas mais joias serão acrescentadas à coroa da vossa imortalidade, se assim acrescentarem à beleza e utilidade da vossa vida terrena!

Contudo, nenhum dia é realmente novo; pois em toda a eternidade é o mesmo dia. É o mesmo dia que veem no oriente todas as manhãs, no ocidente todas as tardes. É o mesmo dia que vos ilumina hoje, amanhã, por toda a eternidade. Não é que concebam novos pensamentos, novas aspirações, mas que captam pela primeira vez os mesmos pensamentos, as mesmas aspirações, as mesmas emoções, que pulsaram nos peitos

de seres humanos através de todas as longas eras do passado e que existiram, tal como tudo o que agora existe, tanto tempo quanto a própria Divindade.

Assim vos apresentámos as nossas ideias sobre o tema da Criação. Se entram em conflito com as vossas crenças anteriores, se vos parecem chocantes, rejeitem-nas. Mas recebam-nas ao menos como as nossas convicções de verdade, e considerem-nas com toda a possível sinceridade, e com desejo de conhecer a verdade por ela mesma. Não dissemos tudo o que desejaríamos sobre este tema; e anunciamos agora que falaremos, no próximo domingo, numa continuação deste mesmo tema — sobre a Criação, e a sua aplicação à Religião e às teorias da igreja cristã.

DARWINISMO

Mrs. Cora L. V. Richmond responde a perguntas importantes em Grow's Hall, domingo, 17 de Junho de 1877.

Pergunta — "Os controladores podem dar a sua opinião sobre a teoria darwiniana?"

Resposta — A teoria da evolução não é totalmente uma invenção de Darwin. Certas afirmações e o seu culminar tiveram origem no seu pensamento, mas muito antes do próprio Darwin, pensadores alemães cuidadosos, cientistas da Academia Francesa e das escolas mais avançadas de ciência já defendiam ideias avançadas sobre o assunto. A teoria do desenvolvimento gradual desde os estágios primordiais da vida até formas superiores há muito que vinha a fazer progressos percetíveis. Na verdade, com as descobertas da geologia e o desenvolvimento gradual das ciências naturais, não teria sido possível alcançar tanto sem admitir esse progresso na natureza. E se uma espécie foi alguma vez eliminada a partir de outra, ou se a natureza mantém-se estritamente fiel ao tipo original, esse é o ponto de contenda entre as duas escolas.

O ramo da ciência do qual Darwin é o culminar defende a teoria de que uma espécie ou tipo pode evoluir de outro através de longas mudanças, o que Spencer chama de diferenciação; que esta diferenciação resulta na organização de uma nova espécie; que não há dois peixes, aves ou

seres humanos exatamente iguais, e que deles se vai desenvolvendo gradualmente um novo tipo por meio desta diferenciação.

Acredita-se que se encontram elos suficientemente indicativos de mudança na estrutura física entre espécies superiores e inferiores, de modo a provar que pode ocorrer uma transformação distinta, e que não existe necessidade, na natureza, nem de germes nem de tipos ou atos criativos especiais. Huxley, Spencer, Tyndall e muitos homens de ciência favorecem esta teoria. Também nas escolas francesas e alemãs há alguns que a defendem da mesma forma. Na América, o número de mentes científicas está praticamente dividido.

A outra teoria defende a lei do avanço e progressão gradual, mas que em cada tipo deve existir uma origem comum distinta correspondente ao tipo — seja da célula primordial, seja de qualquer outro poder criativo distinto que desdobre o tipo seguinte. O grande debate está entre estas duas escolas, e embora a ciência tenha avançado ao ponto de descobrir a necessidade da célula primordial, depois abandona essa necessidade ao admitir que existe uma propriedade protoplasmática que não é elemento da célula ou tecido: primeiro mostrando que a ciência descobre que toda a vida deriva da célula primordial, e depois abandona essa teoria ao provar que ela existe fora da célula primordial.

Da nossa parte, consideramos que ambas as teorias são aproximadamente verdadeiras; ninguém pode negar isto ao testemunhar a melhoria gradual dos tipos; ao ver o desenvolvimento gradual do inferior para o superior. Mas que Darwin, ou qualquer dos seus contemporâneos, tenham conseguido estabelecer a teoria da transformação de um tipo noutro, devemos negá-lo enfaticamente. Existe evidência aproximada na semelhança entre o homem e os mamíferos inferiores, e essa semelhança pode, admitimos, estender-se até ao réptil, mas que se tenham descoberto tipos intermédios que expliquem satisfatoriamente a diferença dentro de um só tipo natural, continuaremos a negar até que Darwin o prove de forma mais convincente.

Os evolucionistas afirmam mais do que o próprio Darwin. Saltam sobre o abismo que ele reconhece e preenchem-no com a sua fértil imaginação; e ainda assim, quando pressionado, ele admite que foi necessária alguma força criativa específica em certas ordens. Os evolucionistas, pelo contrário, declaram que não é necessária qualquer criação, mas que todos os tipos evoluíram.

O Professor Agassiz opinava que a natureza é extremamente zelosa dos seus tipos primordiais, e que nenhuma espécie ou forma de existência transferida para outra pode perpetuar a sua espécie nem permanecer muito tempo como tipo ou espécie. Se, por hibridização, dois tipos se unem para formar um terceiro, não existe ali poder criativo nem função permanente para perpetuação; todos os tipos primários da natureza são estritamente preservados. A destruição de uns serve para dar lugar aos seguintes.

Dizemos, da nossa parte, que acreditamos que cada teoria é parcialmente verdadeira, mas aderir inteiramente a qualquer uma delas equivale a acreditar numa falsidade. O desejável na ciência é fundamentar uma teoria que admita o que parece ser verdade, e estar pronto para esperar pelo que vier a revelar-se. Nenhum método científico pode chegar à verdade absoluta. Cada nova descoberta de ontem é apenas uma verdade relativa, e até estar claramente estabelecida, é em grande parte especulativa; e só quando todos os factos da criação forem conhecidos de qualquer mundo, pode a sua filosofia ser claramente expressa.

A ciência não deve agarrar-se a qualquer teoria que precise de forçar os factos para se sustentar. Mas os factos são estes e aqueles, e cada pessoa pode tirar as suas próprias conclusões. É muito importante que cada passo alcançado no conhecimento seja cuidadosamente registado, e que cada avanço seja devidamente sustentado.

Mas qual das teorias é a mais correta? A teoria de Huxley era puro disparate e sofisma. Ele esforça-se por provar aquilo que não existe. Quando as pessoas aprenderem a distinguir entre a especulação de um sábio e a verdadeira revelação da ciência, então Huxley, Tyndall, Darwin e outros ocuparão o seu devido lugar como simples líderes ou especialistas, e apenas serão reconhecidos como tal. Mas revelar, a partir de uma só fase da natureza, a teoria final da criação — isso não é dado a nenhum homem de ciência, já que ainda não abarcaram todo o alcance do poder criativo. Mas é verdade que os tipos de vida animal preservados de forma inteligente são mais perfeitos e melhor adaptados ao uso do homem.

Daqueles tipos de vida não preservados, e que não têm qualquer poder inteligente benéfico para o homem, muitos deterioraram-se bastante. Se tivesse sido escolha do homem adaptar o leão, o leopardo ou o urso

como animais de carga, e tê-los adaptado às suas necessidades, não há evidência na teoria darwinista ou noutra qualquer de que não teriam, eventualmente, sido adaptados a algumas necessidades humanas e grandemente melhorados.

O cavalo, o cão, a ovelha, a cabra e a vaca, fornecendo produtos de que o homem necessita, foram os animais mais valiosos; isto resulta da sobrevivência dos que o homem considerou mais adaptados aos seus fins. Enquanto o camelo tem qualidades especiais que o tornam um animal de carga, se nunca tivessem visto o deserto, não saberiam da sobrevivência desse animal como o mais apto. Em todos os outros domínios da natureza, onde a utilidade possa ser demonstrada, o homem não tem consciência disso, pelo simples facto de não ter conhecimento disso.

É a necessidade que o põe em contacto com a utilidade, e a inteligência que indica certas capacidades, na aptidão de cada domínio do reino animal para o seu uso específico. Se a humanidade reconhecer qualquer lei na natureza, ou controlo, que de alguma forma possa produzir aquilo que a teoria científica declara ser verdade, então pode ser adicionado outro efeito por aqueles que conhecem os princípios superiores que regem o universo.

Só metade da verdade sobre a criação está incorporada em qualquer das escolas científicas. Não há evidência absoluta de que diferentes espécies tenham evoluído a partir de um só tipo. A linha entre o pêssego e a maçã nunca é cruzada. A linha entre o tipo a que o homem pertence e as ordens inferiores de qualquer criação especial nunca foi definida como tendo sido cruzada. Que exista semelhança entre a natureza e os seus diferentes domínios, é certo; que se pode reconhecer um artista pelo tom e cor característicos das suas obras, mas supor que este quadro ou aquele são iguais porque a mesma mão os pintou, é ridículo.

O facto de uma ordem inferior de mamífero anunciar uma superior não indica que o homem se tenha desenvolvido a partir deles, mas antes que a mente por detrás deles começa a preparar o mundo para um tipo mais elevado, e que isso continuará até que, finalmente, o tipo mais elevado, do qual os anteriores eram apenas uma prefiguração, se manifeste. Se são necessárias três, cinco ou dez criações especiais, pode-se admitir cem, mil, ou mais; não seria mais impossível.

Como a natureza tem recursos aos quais se mantém fiel com rigor, é tão razoável supor que estes desenvolvimentos especiais são invenção do universo, como afirmar que o génio criativo do homem, na fabricação de diferentes coisas, é prova de mente, mas não evoluído por ele. Assim, esta inteligência por trás da natureza é um princípio que a ciência procura para completar o seu sistema: prescindindo de qualquer criação inteligente, a ciência tenta obrigar a natureza a fazer coisas para as quais ela não tem inteligência.

Vai além de si mesma para estabelecer a lei sem um legislador. Afirma que tudo indica um propósito, mas não há nenhum controlador. Finalmente, admite ver ordem no desdobramento da criação, o que é ainda mais impossível do que admitir uma substância inteligente que, agindo gradualmente, anima com o seu próprio espírito uma vida inteligente.

Mas a ordem mais elevada seguinte é tão separada no nascimento do poder espiritual como o nascimento que anima a vida humana, ou a lei que, a partir do caos, cria ordem — que os homens produzem nas cidades, no comércio, nos negócios e no governo. O método do homem é uma expressão exata da Divindade. O homem prepara-se para construir o templo utilizando pedra, tijolo e mármore, e cortando florestas, moldando inteligentemente o templo de antemão, mas em nenhum momento do seu crescimento se pode afirmar que o seu gradual acabamento não foi dirigido pela mente.

Assim também, este Templo da Natureza — a Inteligência divina — prepara o caminho para o culminar da vida na terra através de passos intermédios que não se desenvolvem uns dos outros, mas que são resultado de alguma lei primordial ou impulso divino. Assim como se diz que houve seis dias de criação, e a ciência declara que houve muitos períodos, não é irrazoável supor que esta terra, sob o impulso do poder criador, desenvolveu quer as funções quer os germes de diferentes espécies, umas extinguindo-se e outras seguindo-se. A terra pode conter germes de corpos de que mal suspeitam, tal como a vida humana contém o germe do espírito ainda não nascido, mas que se desdobra por ela.

Podemos acreditar com aqueles que defendem a ideia de que a alma do homem é o resultado legítimo do que o homem deve ser.

Nenhuma espécie de Espiritualismo ou religião, ou pensamento daí desenvolvido, pode fazer do espírito do homem um produto do corpo. Vê-se facilmente que os impulsos espirituais que animam a matéria não podem ser criados pela terra, tal como os impulsos espirituais do homem não podem ser criados pelo corpo; a organização representa um passo no crescimento, mas não o próprio espírito.

A organização do homem é o resultado de diferentes passos de crescimento pelos quais a natureza, com impulsos criativos especiais, fez a vida orgânica a partir da substância inorgânica. À medida que o espírito do homem se vai desdobrando mais nele, assim a matéria se torna mais perfeita e refinada. O espírito do homem não pode existir sem o germe espiritual, tal como a natureza não pode existir sem o espírito daquela vida que lhe deu forma inteligente.

O espírito do homem não provém do macaco, do símio ou de qualquer forma de vida inferior a ele. O macaco, o chimpanzé e várias ordens consideradas elos intermédios são apenas o resultado de impulsos da natureza em direção à perfeição. Mas o corpo do homem existe para o espírito do homem.

Enquanto a evolução da vida espiritual não for estudada com o mesmo cuidado que a vida material, não deve existir qualquer filosofia técnica que obscureça as operações subtis da natureza. A religião mantém-se à margem desta questão; coloca o seu Deus da criação distante, como um fazedor de milagres, mas inacessível ao homem. A ciência afasta-se da criação sem inteligência; dá expressão à lei com propósito, e até que ambas estejam dispostas a unir-se numa filosofia comum da vida espiritual, que forme a esfera da existência espiritual, admitindo o gradual desdobramento das substâncias rumo ao espírito até que ambas se fundam e se integrem na economia da criação, que é o homem, a confusão de ideias prevalecerá.

Tal como das alturas descritas por Swedenborg, quando almas imperfeitas, com calma contemplação e com conhecimento terreno, aguardam pelo momento em que exteriormente hão de nascer, e os germes do espírito, como sementes de flores, guardam em si as maravilhosas possibilidades da vida futura, assim também do Infinito das almas, cada uma vem à vida terrena revelando o seu poder especial, e regressa à vida espiritual com maiores possibilidades — e assim, a partir do pó, da monada, da díada, da tríada e da molécula, e à medida que a

forma organizada passa por cada processo de vida organizada, os elementos que compõem os seus corpos formam-se: mas nunca antes, até que os impulsos humanos dominaram esses átomos, é que se assemelharam aos seres humanos que os habitam. Ainda imperfeita na perfeição da vida, a humanidade avançará, a terra desenvolver-se-á cada vez mais, até que o homem, um pouco inferior aos anjos — a sua forma revelando plenamente aquela perfeição que finalmente permanecerá no espírito — prepare a terra para ser a morada dos anjos e das almas perfeitas.

Pergunta — A linha de demarcação entre o homem e a ordem inferior dos animais?
Resposta — Será necessário existir uma linha de demarcação, se não existe contenda? Se fosse como os animais inferiores, seria um deles. Não é necessário, devido a semelhanças em certas qualidades, definir a diferença nas restantes. A inteligência que liga todas as formas, árvore, flor ou animal, segue uma linha, e tem um, dois ou três atributos, tal como os átomos, monadas, etc., de acordo com a atração. A inteligência do homem é uma esfera completa; tem atributos desenvolvidos, que, quando despertos, representam toda a inteligência, tal como um departamento da natureza; assim, se pudesse ver o germe da inteligência humana, os germes que permeiam a natureza ou as ordens superiores dos animais, veria que o cavalo, o cão e esses animais que manifestam maior inteligência desenvolvem-se em linhas designadas em direção ao homem, mas não é o caso dos animais inferiores; assim, enquanto o cão é fiel, o elefante manifesta sagacidade e o cavalo certos traços ao contacto com o homem, tornou-se evidente que, onde essa inteligência é muito desenvolvida, desenvolveu-se pelo contacto com o homem. Se qualquer espécie for removida desse contacto, não pode continuar a melhorar; pelo contrário, degenera.

Pergunta — Espíritos e animais; a ação dos primeiros sobre os segundos.
Resposta — Os espíritos influenciam os animais. Por vezes agem sobre os cães; não os possuem em sentido absoluto. As aves também são muito sensíveis e suscetíveis; o mesmo se passa com os cavalos, igualmente nervosos. São facilmente afetados por influências magnéticas ou espirituais. Em muitos casos, os animais têm sido intercessores entre o mundo espiritual e o homem.

Pergunta — Existe na vida espiritual a mesma diferença de opiniões que aqui, relativamente à evolução?
Resposta — Sim, sem dúvida. Nunca afirmamos dar mais do que a nossa opinião individual. O grupo de doze que controla este médium foi instruído na esfera da vida espiritual em que reside. Se pensar bem, verá que há uma semelhança de opiniões entre todos os que habitam o mesmo grau de vida espiritual.

Pergunta — A questão da Evolução é discutida lá?
Resposta — Sim, é discutida. O principal método de instrução é semelhante ao de Sócrates e de Cristo: o mestre é reconhecido pelo seu saber superior e habilidade prática. O método de ensino é pelo desdobramento, pela apresentação de ideias pelo mestre à medida que a mente dos outros está preparada para as receber.

Pergunta — O espírito não se desenvolve melhor no seu organismo terreno?
Resposta — Sim, tudo o resto sendo igual. Pessoas propensas a excessos físicos, ao exercício desmesurado das paixões, têm o organismo destruído antes de considerarem questões espirituais. Mas atualmente, as maiores verdades espirituais vêm daqueles que têm uma constituição física delicada — não porque isso seja efetivamente o melhor, mas porque onde existe saúde física perfeita há demasiadas tentações para viver no plano passional. O tempo chegará em que será possível para os seres humanos possuir saúde sem a abusarem.

Pergunta — Se a propagação da raça humana é o objetivo da união dos sexos, essa união não deveria basear-se nas leis ou ciência da Natureza? Então, não será a atual relação conjugal da civilização moderna, com todas as suas incongruências e desarmonias, os males infligidos à mulher, e a sua dependência do homem para sustento, algo antinatural e contrário à produção e desenvolvimento favoráveis de uma humanidade saudável e feliz?

Se assim é, qual deveria ser a ordem para a união dos sexos e em que épocas e ocasiões deveria essa união ser consumada?
Resposta — O tema do casamento, como todos os outros temas referentes à humanidade, é uma questão de crescimento. As leis matrimoniais da atual civilização são simplesmente um reflexo do estado atual dessa civilização. Podem ter a certeza de que aqueles que não encontram felicidade nas atuais relações matrimoniais do mundo, não a

encontrariam em nenhum outro sistema. Dado que a condição em que os seres humanos se juntam, seja física ou de outra natureza, reflete o estado da sociedade em que vivem. O casamento nas antigas nações e no Oriente era poligamia, e ainda é, e sendo esse o modelo da ordem mosaica, sob essa forma de casamento, a vida física e a lei eram aumentadas e perpetuadas, em grande prejuízo da mulher.

E quando se recorda que era uma época degradante, e que a lei tinha origem em condições físicas, e que segundo a lei física o lugar da mulher era aquele em que se encontrava, tal devia necessariamente ser, porque não tinha a força física correspondente; e, considerando que quando uma nação se civilizava, como os gregos e romanos, a mulher era colocada lado a lado com o homem, e que a lei cristã do casamento monogâmico é considerada a mais elevada e melhor por ser a mais equilibrada, verá que, afinal, é a inteligência que está por trás da humanidade que governa estas coisas, conforme as necessidades da raça; e logo que a humanidade se aproxime de algo próximo da perfeição, essa perfeição manifestar-se-á no casamento, na vida social, intelectual e religiosa.

Nada de arbitrário no casamento atual que não seja passível de ser governado por homem ou mulher, para lá de leis, não resíduos de antigas barbaridades. Mas o casamento entre homem e mulher, o casamento monogâmico, aquele que a natureza reconhece como espiritual e físico, apropriado e regular, será o mais elevado avanço de hoje. A educação dos jovens, igualmente nas leis de saúde espiritual e física, a educação de homens e mulheres de forma igual, deve ser sempre o objetivo. No casamento, a intenção é a perfeição dos indivíduos nesta vida. A perpetuação da espécie é o fruto do casamento. O casamento é a perfeição da vida individual, a coroa da existência humana, aquilo que, se perfeito, faz o homem igual aos anjos; se não for aproximadamente perfeito, degrada.

NOVA IORQUE, DOMINGO À NOITE, 7 DE ABRIL DE 1863

A MORTE E A ALMA HUMANA
Uma conferência de Cora L. V. Hatch, no Dodworth’s Hall, Nova Iorque, Domingo à noite, 7 de Abril de 1861.

Como anunciado, continuamos nesta ocasião o nosso discurso sobre o tema “A Morte e a Alma Humana”, ou “Imortalidade”. No último discurso falámos da Morte em referência a substâncias inanimadas e aquelas formas de vida que se supõe não terem consciência; das relações entre o Sono e a Morte, apontando para o facto de que cada substância material, no seu crescimento e vida, está a sofrer uma mudança que pode ser chamada de Morte e que, portanto, não existe tal coisa na Natureza como Morte no sentido de destruição ou aniquilação, mas aquilo a que se chama por esse nome é apenas uma mudança na forma de existência e, consequentemente, um germe de vida ressuscitada.

Aplicámos esta visão às várias formas de ser, orgânicas e inorgânicas, desde minerais e vegetais até animais, culminando no homem, que pode ser considerado o epítome do último. Propomos agora ilustrar a imortalidade da alma humana apontando as várias analogias da natureza em seu apoio e mostrando até que ponto a imortalidade é claramente provada, de um ponto de vista material.

Tudo na Natureza está sempre a passar por um processo de morte. Tudo o que é acrescentado a qualquer forma de existência deve ser retirado. Tal como as flores exalam o seu perfume, recebem alimento compensador através das raízes, sem o qual rapidamente perderiam a força e morreriam. A história da humanidade mostra claramente que nenhum crescimento jamais foi alcançado senão através da morte de algo. Nenhuma verdade científica foi alguma vez revelada sem a decadência e morte daquela que substituiu.

Nenhuma nação prosperou senão à custa da queda de outra. Nenhum indivíduo ascendeu à grandeza sem privar outros indivíduos da vida e liberdade, ou da satisfação de esperanças acarinhadas. Neste sentido e até este ponto, todas as formas de organização dependem da Morte e, por isso, é a mais certa evidência de Vida quando se veem antigas formas a ruir e a decair; luta e comoção são condições necessárias de vitalidade, assim como a escuridão é precursora da aurora.

Assim, quando aplicamos este princípio ao organismo humano, verificamos que as suas várias mudanças são uma sucessão constante de mortes e reconstrução; e, de facto, é afirmado por cientistas que os nossos corpos sofrem uma mudança total a cada sete anos, mostrando que o homem de hoje, para além do pensamento e consciência, é um ser vastamente diferente do mesmo homem de há alguns anos, e que cada

partícula de matéria que compõe a sua forma realmente morreu e foi substituída por outra, num processo tão constante e gradual que se torna impercetível.

Isto é verdade para o homem mental e moral, bem como para o físico; e, portanto, encontramos hoje um homem a fazer e pensar o que teria ridicularizado há sete anos; assim, sem memória e consciência, um homem não se reconheceria por muito tempo. Para algumas pessoas, e em certos períodos da vida, esta mudança é mais percetível do que noutras, como durante a transição da infância para a juventude, e da juventude para a idade adulta, quando a morte e substituição, sob formas novas e muito diferentes, dos nossos recursos mentais é tão evidente quanto o nosso crescimento em estatura física.

É apenas a consciência espiritual imortal e inalterável do homem, que não conhece tempo nem espaço, que lhe dá o poder de comparar o seu estado mental presente com o que era antes; é simplesmente a ação da matéria, e vive tanto no passado, como no futuro, assim como no presente. Os poderes deste espírito infinito são absolutos quanto a sentimentos, pensamentos e ideias; e o mecanismo do cérebro humano está simplesmente adaptado às funções da vida material; requer crescimento e expansão para se adaptar a essas funções, e por isso sofre, como todos os outros órgãos, uma constante alternância de decadência e renovação.

Falámos da morte como análoga ao sono, em que todos os seres vivos precisam de passar uma parte das vinte e quatro horas. Ora, a causa desta necessidade é que toda a substância animada possui uma quantidade de vida vital, que é chamada pelos raios do sol; portanto (com a exceção de alguns animais noturnos), o dia é o período de trabalho e a noite é destinada ao repouso, que se assemelha à morte, na medida em que é uma suspensão de todas as funções voluntárias da vida, cessação de todos os atos que se relacionam com a existência exterior, de modo que, exceto quando a memória, ou alguma função desordenada, interfere, o sono é realmente o mais parecido possível com a morte; a única diferença é que a morte é o sono do corpo quando este se cansou da vida, e que se estende às funções orgânicas involuntárias.

O mecanismo do sistema humano necessita, por vezes, de estar parado, caso contrário a sua atividade constante gastá-lo-ia, não dando oportunidade de repor a sua reserva de energia nervosa, tal como a flor

que se abre ao sol da manhã. Quando o sono é profundo e sem sonhos (como deveria ser, pois sonhar é sempre sinal de perturbação no sistema nervoso ou digestivo), é o melhor restaurador do organismo; mas muitas vezes encontramos, entre os seus fenómenos, além do sonho, uma consciência despertada da alma, que produz um acréscimo de vigor e uma renovação de propósito e de força; e muitas vezes, sob esta influência, acordamos, mesmo de um sono sem sonhos, com uma consciência indefinível e prazerosa, algo de profético de vantagem, que fortalece as nossas energias morais e traz uma reconstrução da nossa vida interior.

Ora, o processo geral de reconstrução ocorre diariamente, de forma tão impercetível que não perdemos um único elo na cadeia das operações físicas e mentais conscientes. Mas chega o tempo em que, como uma flor totalmente aberta, ou uma árvore madura, o mecanismo do corpo atingiu o seu máximo desenvolvimento; e começa então o período de declínio, durante o qual se recebe menos vida do que aquela que se exala, perde-se mais vitalidade do que se recupera; e esta perda aumenta cada dia, até trazer a morte, que é apenas outro sono. Assim, se, depois de ir dormir esta noite, o seu corpo não acordar, seria simplesmente porque a morte tem um domínio mais forte sobre ele do que a vida; e a vida deve dar lugar a uma forma mais elevada de reconstrução.

Mas e a alma? Durante todo esse período, tão curto para a mente em expansão, que vai desde a infância até aos muitos anos da juventude, cheios de prazer e de esperanças; ou através dos anos decrescentes da maturidade, e dos invernos velozes da velhice, tem consciência da mesma consciência pessoal; algo, que é sempre o mesmo, liga e permeia todos estes sucessivos decaimentos e reconstruções, estes sonos e despertares que marcam a existência. Não fosse assim, poderia acordar uma manhã e não se lembrar da sua existência anterior.

Se não houvesse algo independente do cérebro, que, quando o corpo repousa, guarda a máquina vital como um engenheiro o seu motor a vapor, não haveria despertar, ou outra entidade ou forma de vida ocuparia o seu lugar; mas as mudanças que sofre são tão graduais, e tão constante o reconhecimento da alma ao longo delas, que, desde a infância mais precoce, o espírito sabe que a sua existência está para vir, e, na velhice, lança os seus pensamentos para o passado; e, mesmo que o cabelo esteja grisalho e os olhos turvos, a alma ainda se lembra, e

essa memória é o elo que liga a vida orgânica mortal à eterna, e uma evidência de que há uma parte de nós que nunca morre.

Enquanto a Ciência nos permite compreender as mudanças que a forma material sofre, não podemos senão, admitindo a nossa imortalidade, explicar o que acontece às exalações da mente. Pois sabemos que uma grande mente nada perde da sua grandeza por dar expressão às suas conceções; e que estas podem viver de geração em geração; e se aquilo que procede de uma alma individual pode assim ser tornado Imortal por ser assimilado e incorporado nos pensamentos e atos das gerações sucessivas, qual será então o destino dessa alma? Seguramente, a fonte não pode ser inferior àquilo que dela deriva. Se visse uma fonte a borbulhar ao sol, diria que não tem nascente, ou que pode durar mais do que a nascente?

Ninguém afirmará que um raio de luz pode durar mais do que a sua origem. Portanto, a imortalidade das grandes conceções, dos pensamentos do génio, deve ser a gloriosa evidência da imortalidade da alma. Não fosse essa imortalidade, o pensamento evoluído hoje esvanecer-se-ia amanhã. Sabemos, como verdade científica, que o perfume exalado das flores, mesmo voando em asas invisíveis para outros reinos, nunca pode ser destruído; e quem poderá dizer que este subtil aroma não possa transportar os germes de vegetação invisível para adornar os pavilhões amarantinos de mundos distantes!

Do mesmo modo, não sabemos se os átomos que são continuamente libertados na decadência e reconstrução da vida material não venham a formar os germes de uma estrutura humana mais elevada e pura; pois, tal como não conhecemos nenhuma forma em que o perfume da rosa possa entrar que não seja a própria rosa, também não podemos conceber como o pensamento humano, liberto pela morte, possa entrar na composição de algo que não seja o ser humano renovado e perfeito.

Nesta perspetiva, a transmigração das almas, doutrina outrora tão generalizada, e ainda hoje acarinhada por uma parte tão significativa da humanidade, revela-se um erro, pelo facto de que formas superiores de ser não podem regredir e tornar-se inferiores. Por exemplo, o calcário que faz parte do mármore, e o calcário dos ossos humanos, são quimicamente a mesma substância; mas o último aumenta o valor produtivo do solo, enquanto o primeiro o destrói, porque o calcário das

rochas não pode passar da forma mineral para a de componente da estrutura animal, entrando no crescimento da vegetação.

Com base neste princípio, a alma humana, que uma vez passou por uma forma de existência material, nunca pode ser reabsorvida no grande reservatório da mente, porque recebeu a característica distintiva e indelével da individualidade. Em suma, nenhum processo de raciocínio, nenhum elemento da ciência material, dá qualquer apoio à noção de que a alma humana não é imortal; pelo contrário, a alternância do dia e da noite, as revoluções dos planetas e as leis que regulam as funções da vida, em todos os domínios da natureza, provam claramente que ela é o exemplo da imortalidade. Nunca conhecemos um inverno sem uma primavera a seguir, nem vimos uma flor decair sem que houvesse provisão para outra ocupar o seu lugar; e, certamente, quando atingimos a forma mais elevada e nobre de existência, não podemos considerar tudo isto apenas uma ilusão das esperanças que mais contribuem para elevar e alegrar a alma.

Louvamos a beleza, o silêncio balsâmico da noite, porque sabemos que, sob o seu véu de escuridão, cada flor, cada criatura viva, recolhe em sono novo vigor para os trabalhos e os prazeres do dia seguinte; e, quando esse sono chega à forma humana da qual não se desperta mais, negaremos ao seu princípio vital uma existência futura, só porque a nossa visão mortal não consegue penetrar até à alvorada da sua manhã noutra esfera? Não! Quanto maior o silêncio, mais profundo o mistério desse sono, mais completa e bela será a reprodução para a qual ele é preparação.

Os mais sedutores esplendores das nossas noites terrenas esbatem-se perante a mente esclarecida, comparados com os prodigiosos mistérios tão cheios de profecias de uma aurora vindoura, tão impregnados de imagens estelares de esperança e imortalidade, que se agrupam em torno da noite da Morte; e a sua manhã será tão gloriosa que os mais sumptuosos esplendores de um nascer do sol terrestre parecerão tão pálidos como a estrela da tarde perante a sua presença; de facto, as glórias concentradas de todos os sóis do universo empalideceriam diante dos seus raios! E a alma despertada, como do seu sono sem sonhos—tanto mais refrescante por ser sem sonhos—se erguerá e estenderá as suas recém-descobertas asas e prepará-las-á para o seu voo eterno?

O repouso da morte—quão perfeito!—e, no entanto, tanto o adormecer como o despertar são tão graduais e harmoniosos, que o espírito saúda a luz do sol da eternidade com aquele sentimento exultante de vida abundante e energia conquistadora que enche o homem saudável ao romper do dia. Portanto, não condenes a Morte! Pois em todas as dores e desesperos que traz consigo, ela é apenas ainda mais sugestiva de vida. Se a Morte viesse menos sorrateira e silenciosamente, escolhendo aqui e ali com parcialidade uma vítima, poderíamos dizer que não era a precursora da vida imortal; mas ela chega de igual modo a todas as criaturas, em todas as estações e sob todas as formas, e diremos nós que é o esquecimento? Não! Lembremo-nos de que, assim como o período mais escuro da noite é aquele que precede a aurora, também as dores mais difíceis de suportar são as que precedem o despertar da esperança e da paciência na alma; e assim a Morte, nossa preparação, é misteriosa, silenciosa e furtiva—assim como a vida que se lhe segue é bela, perfeita, gloriosa e divina.

Estuda o livro da Natureza, ou o livro da Revelação, e não obterás outra resposta. Estuda toda a experiência humana, e não conduz a outra conclusão. Perscruta as profundezas da tua própria alma, e ela dirá: Bendita é a Morte, a anunciadora da vida! Todos vós louvais o sono, o fenecer das flores e o Inverno, como símbolos de vida e vegetação renovadas. Muito mais devíeis acolher a Morte, e com olhar ansioso entregar os vossos entes queridos aos seus braços, como depositais o vosso infante a dormir, sabendo que, pela manhã, ele acordará com nova força e beleza. Não culpes a Divindade pela Morte; mas, ao agradecê-lo pelas bênçãos materiais da abundância e da paz, lembra-te de que mais preciosa do que todas é a sua bênção da Morte—o precursor da Vida Eterna.

A MORTE E A VIDA PARA ALÉM

UM DISCURSO, CONFORME REPORTADO PELO
THE INDEPENDENT, PROFERIDO
NO FUNERAL DE
MARY MILLISACK M’CARROLL,
EM OTTUMWA, QUARTA-FEIRA,

31 DE MAIO, POR MRS. CORA L. V.
RICHMOND.

“O Senhor é o meu Pastor; nada me faltará. Ele leva-me para junto das águas tranquilas. Ele faz-me repousar em verdes pastos; Ele restaura a minha alma.”

“Ele dá sono aos seus amados. Há um corpo natural e há um corpo espiritual. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E não haverá mais morte. Alguém na Arábia disse: ‘Entro na casa da Vida e é triste, porque o nascimento do homem está cheio de tristeza. Entro na casa da Morte e regozijo-me porque a morte conduz a uma alegria sem fim.’”

Amados, temos hoje o privilégio de estar convosco ao lado do caixão mortal da nossa amiga e irmã, Mary Millisack, depois Mary Millisack McCarroll; tudo o que resta da sua vida pertence ao pó. Aquilo que erradamente se chama morte tocou apenas o corpo, mas o espírito, aquilo que amastes, aquilo que foi parte da vossa vida e luz enquanto conviveu convosco na forma que agora está livre do sofrimento, esse espírito entra num novo nascimento. É um erro dizer que morrem; estão apenas a entrar numa herança maior—no legítimo passo seguinte da existência, e até o corpo é transmutado, por uma suave mudança, em doces flores e ervas ondulantes e frutos, e faz parecer que isto é Vida em vez de Morte, mas quanto à outra parte, essa existência excelente, aquilo que podia amar e trabalhar e ser forte, aquilo que deu a sua vida pelos outros, aquilo que tornou a vida mais bela, essa está a avançar para o próximo patamar superior da vida, como fruto legítimo do que aqui foi feito.

É natural, talvez, que numa hora tão pesada corram lágrimas quando os laços do coração humano se separam por tamanha tristeza. É natural que, quando o santuário terreno por um momento parece desfeito, haja pranto no altar da dor humana, mas somos ensinados por todas as religiões que uma tristeza excessiva pelos que partiram é egoísta e pecaminosa; e somos ensinados por todas as religiões que aqueles que ficam não devem sentir que a sua perda é inconsolável, mas devem partilhar de toda a alegria e deleite dos que passaram adiante.

Na infância pensamos que aquele corpo era demasiado jovem para partir; poderia ter ficado mais algum tempo, e na juventude dizemos,

estas vidas estão apenas a começar, porque deveriam ser retiradas, e na idade adulta, dizemos, porque estes homens e mulheres tão úteis, porque não poderiam ficar, e mesmo quando quase chegam aos setenta anos, ainda dizemos, mas não podemos dispensá-los ainda; que fiquem só mais um pouco.

No entanto, no reino da vida espiritual, há necessidade de crianças; há também necessidade dos jovens para cumprir a grande obra do amor do Pai, e há necessidade dos fortes que, na sua maioria, viveram cumprindo os seus deveres terrenos, e certamente, quando a vida mortal está quase a atingir o seu fim; quando o espírito da vida mortal se aproxima do limiar do outro mundo, seria de facto muito egoísta desejar que permanecessem.

Além disso, há mãos que acenam do outro lado, daqueles que já partiram; eles desejam a presença, o auxílio e o serviço de alguém assim. Vejamos quais os tesouros que ela trouxe para a casa do amor; e quais os tesouros que aqui deixa como herança para os que ficam. Nascida de uma família que amava a humanidade; que amava a liberdade, que trabalhou pelo próximo; herdou o verdadeiro espírito dessa liberdade, desse trabalho; se não tivesse mais nenhuma qualidade além do amor à humanidade, esse desejo de fazer o bem aos outros já teria tornado a sua vida completa; grande na sua humildade e trabalho incessante pelos outros. No entanto, a sua era a coroa quádrupla da existência da Mulher; a da verdadeira feminilidade na sua natureza.

Ela foi a filha ideal; a irmã ideal; a esposa ideal; a mãe ideal. Estas quatro constituem a coroa da vida da mulher, mas a tudo isso juntava-se a amiga ideal, trazendo à existência tal verdade e integridade de propósito, tais desejos e vontade de ajudar os outros, tal força das suas convicções, que não eram agressivas, mas úteis no desejo de fazer e ser para a humanidade tudo o que uma só vida poderia ser; e, mesmo sem ambição de brilhar ou ser vista no mundo, trabalhou sempre de forma constante, dedicada e amorosa pela humanidade que era tudo para ela; e essa humanidade, que ainda sofre em todo o lado, e que em algum momento e lugar especial sempre precisou de auxílio!

Para trazer à existência tamanha modéstia de amor individual com tamanha utilidade para o próximo; para gastar as energias da sua própria vida a ajudar os outros, mesmo com grandes exigências no seu próprio lar; para ter tempo para pensar e manifestar-se aos outros, mesmo

quando havia serviço constante requerido pelos que eram frágeis e precisavam dela mais do que o habitual, e além de tudo o habitual, mas enfrentando tudo como sempre fez; isso demonstra tamanha excelência de carácter que, se tivesse sido necessário, como foi nos tempos antigos, para uma mulher tomar o leme de um navio ou chefiar um governo, ou fazer qualquer coisa para ajudar os outros, ela teria tido coragem para isso.

Ela tinha sempre a coragem das suas convicções e, com tal humildade e vontade de ajudar os outros, fazia com que todos a amassem mesmo sem concordar com ela. Entre os homens respeita-se quem é verdadeiro e fiel às suas convicções, pois qualquer pessoa que o seja, e queira ajudar o próximo, é capaz de ajudar. Entre as mulheres, sentiu que havia uma necessidade de auxílio. Sentiu que talvez metade da utilidade nos assuntos do mundo fora esquecida, e o seu desejo era que o lar, a escola e também os salões de decisão fossem enobrecidos pelo rosto e pelo espírito das mulheres; nunca pensou que as mulheres deviam ser como os homens, mas tinha a convicção essencial de que metade daqueles que trabalham, não só deviam ser apreciados, mas deviam contribuir para reforçar as necessidades do governo e refrear a mão da destruição desnecessária, para cultivar o amor pela verdade, alegrar a república livre do mundo, e o seu pensamento era sempre que na religião cada um devia seguir a sua própria consciência e todos deviam ter o privilégio de adorar segundo os ditames da sua consciência.

Amava a sua religião; tinha conhecimento da vida após a morte; adquiriu esse conhecimento nestes últimos tempos, quando a nova luz enche o mundo, e manteve-o firmemente, amou-o e seguiu-o; o seu pensamento era semelhante ao dos primeiros cristãos, que acreditavam em reinos espirituais. Pensava na comunhão dos espíritos, no auxílio daqueles que partiram antes, e a isso foi fiel e dedicou o seu apoio e força. Não era agressiva, mas avançou sempre, cumprindo o seu trabalho em todos os domínios da vida quotidiana.

Muitas vezes se diz, entre as pessoas, que quando os homens morrem deixam grandes riquezas, legam milhões para universidades e instituições de caridade, e serão recordados durante muitas gerações. Podemos dizer da sua vida, deixou uma plenitude de memória em si; memórias que gostam de recordar. Atos de bondade como sabem os que foram seus vizinhos e amigos por mais de um quarto de século, tal luz de pensamento, tal capacidade de ajudar outros que será recordada quando

os tesouros terrenos forem esquecidos. Tais impressões de bondade para com os necessitados, segundo as suas possibilidades, e depois as memórias de carinho que se agrupam em torno de uma vida bem vivida, uma luz no lar, esse lar grande e cheio de muitos deveres, mas ela sempre o centro e a luz.

Há algo que torna todo o lar sagrado quando o pai e a mãe se amam e ambos estão presentes, e a mãe é considerada o centro nesse santuário de amor. Agora—quando o centro é transferido para o próximo estágio da existência, quando o santuário está lá em vez de aqui, ou quando, por essa presença e poder aceites pelos Apóstolos, acreditados pelos profetas que dizem que não há separação entre os dois mundos, mas cuja presença é importante. Que santuário belo é esse onde o amor a chama novamente para o reino celeste, para a casa de muitas moradas para ela e para ele, que foi o seu companheiro em todos os anos de vida conjugal.

Quando aqui estivemos nesta mesma sala há apenas oito anos, para falar dele, que foi o seu companheiro de vida, e vos deixou para ir para o outro mundo, não sabíeis quão cedo ela o seguiria. Mas agora, o que é isto? Em vez do que chamais morte, a separação é a alegre reunião num mundo maior, no reino do Pai celestial; é entrar em todos os estados de utilidade; é receber a nova luz e novos deveres das mãos do grande Mestre. Se todo o trabalho estivesse feito ao mudarmos de vida mortal, se não houvesse mais nada para espíritos e anjos fazerem em toda a eternidade, ela ainda assim teria uma herança mortal para vos deixar, e entraria na terra celeste com as memórias de amor que a sua vida quotidiana forjou na sua utilidade; mas pensa em todos os graus de utilidade que existem lá.

Dizia-se do grande Mestre de Nazaré que foi visitar os espíritos em prisão; se os visitou, não foi certamente para os escarnecer, mas para os ajudar. Não será isto exemplo para todos, que também possam visitar os espíritos em prisão, em prisão na Terra, em prisão de força, em prisão de medo, em prisão de ignorância e sombra da materialidade, e os que partiram aprisionados em trevas no domínio humano. Era sua convicção que dia após dia cada um se prepara para a habitação espiritual; era seu pensamento que dia após dia o auxílio espiritual é dado, não por mãos, mas por pensamento, aspiração e boas obras. É dado a cada um, em algum momento como este, pensar: se fosse chamado à habitação celeste, que riquezas do espírito teria para oferecer ao Pai celestial?

Haveria aspiração; haveria pureza; haveria boas obras; haveria bondosas ações e pensamentos caridosos? E esses esforços egoístas diários roubam também à humanidade o espírito e o conhecimento. Eles fecham os olhos espirituais e dizem: é suficiente viver num mundo de cada vez. Gostaríamos de perguntar ao grande agnóstico e materialista: o que é um mundo?

Não será a preparação para o reino espiritual tão importante como a preparação para a morada terrena? Porque não havemos de pensar no que é necessário quando formos chamados para o grau mais elevado da grande educação divina? Que preparação se faz dia após dia? Ah! É verdade que cada vida tem a sua disciplina, é verdade que cada vida é vivida de forma verdadeira e real, e estas são cheias de experiência, mas também é verdade que o conhecimento do espírito é tão essencial e tão valioso para a vida diária como o conhecimento da ciência, da matemática ou de qualquer outra das artes e ocupações úteis da existência.

Para se compreender a existência, é necessário também ser educado espiritualmente, e repleto de gratidão está o espírito que olha para a vida e para as suas essências com conhecimento espiritual. Estes pensamentos surgem quando se está junto ao portal da vida imortal, e esse portal abre-se e mãos de anjos e espíritos correspondentes acenam para vós. Não sabeis quão cedo podereis entrar por ele, e não será melhor estar sempre preparado? Não estais prontos e dispostos? A vida que agora se agarra às mudanças deste mundo só encontraria as suas esperanças destroçadas se no instante fosse feito o chamado. Tudo isto nasce do espírito; o espírito é o grande factor da vida humana, é essencial nesta vida.

Quão bela se torna agora a mudança, pois apesar de terem havido horas de sofrimento e dias de dor, ainda assim é como o início de um dia de outono; como a bela espiga quando a colheita é reunida, e quão maravilhoso que todos os do seu lar, os amigos que a rodearam e a guardaram nas suas vidas, pois ela sabia que neste grande mundo de tristeza e sofrimento há muitas vidas que não são amadas nem preservadas como ela foi; sabia que havia muitas mães cujos corações sofriam em solidão porque foram esquecidas pelos filhos, ou cujos passarinhos voaram do ninho para nunca mais voltar.

Sabia que havia mãos endurecidas pelo trabalho e rostos vincados pela tristeza, para quem ninguém olharia, sem mão forte, sem filha de coração bondoso nem irmão ou irmã para socorrer, e por isso era grata e feliz por este amor do seu lar, por todos os amigos e vizinhos, e por todos os que a conheceram no seu círculo mais vasto de vida. Que herança deixar! Neste momento estes corações pensam nela; neste instante palpitam com o conhecimento das suas boas obras e agora todos pensam e olham com ânsia para ver se os seus entes queridos também têm consciência de que ela partiu.

Quantos tesouros todos vós tendes nesse outro reino; quão felizes estão os vossos amados neste momento; quão perto parecem estar; as barreiras do tempo e do espaço já não vos separam deles como noutros tempos, e sabeis que em breve os portais se abrirão e eles estarão à espera para vos receber; e não há muitas horas em que sentis que até a presença deles está perto para vos ajudar e amparar? Que a comunhão dos santos, de que se fala na igreja, é feita dessas pessoas correspondentes de que Lutero falava, pois foi Lutero que disse: “Se retirarmos da nossa religião o conhecimento da visitação dos espíritos, ficamos quase sem consolo”; assim nesta vida, sem a vida espiritual, já não poderíamos viver, já não poderíamos manter e fazer avançar a obra do espírito.

Agora, queridos, depois de termos assim percorrido o labor do seu amor, sigamos em frente. Há apenas poucos dias, dela havia fraqueza e debilidade e um anseio de partir. Agora é a manhã da nova existência; é como se estivesse novamente adornada para aquele feliz enlace que a fez outrora noiva; já não uma noiva da terra, mas do céu, na doçura do reino celestial reunida não só ao pai e à mãe e amigos, mas a todos e a ele.

Antes havia fraqueza; agora há força; era o crepúsculo, agora é a manhã; era o cinzento frio do rio que por vezes temeis atravessar; agora é a outra margem, e a presença luminosa dos entes queridos. Senteis que o espaço em casa é maior; sentis que algo se perdeu no amor e no sol do dia, e os vossos corações puxam com uma dor indizível, quando pensam na grande vida daquela que já não tem forma mortal. Mas o grande Pai nunca deu uma vida que pretendesse destruir; nunca deu tesouro que pretendesse tirar-vos para sempre; foram removidos para uma morada mais alta, para uma habitação maior—são vossos e permanecerão para sempre.

É porque todo o tesouro verdadeiro existe que podeis suportar a dor física da separação, e assim, quando compreendereis que Ele emprestou ao mundo terreno aquilo que pertence para sempre ao mundo espiritual, e que sereis reunidos na habitação celeste, quão prontamente reconhecereis toda a sua sabedoria. É porque, na casa da vida terrena, sentis o vazio humano e as lágrimas têm de correr, mas até esse amor é justo, e por fim, através de toda essa dimensão celeste, encontrais os vossos; são-vos restituídos para além de toda a dúvida e medo.

É porque estas ofertas de flores são dadas em memória dela, e as suas oferendas de incenso permanecem sempre, e as vossas memórias são flores no seu jardim nessa casa. É porque fora da vossa visão aqui, os entes queridos são transplantados para aquela altura que por instantes parece que ela se perdeu e não podeis seguir para essa vida de verdura, mas eis que, finalmente, o amor abre largo o caminho e contemplais o amor quase divino.

Queridos amigos e vizinhos, pela bondade ela diria, se aqui estivesse em corpo mortal; agradece-vos a todos pelos pensamentos e gestos de bondade nestes anos em que estiveram próximos, e se houve alguma coisa que pudesseis sentir como sombra, lembrai-vos da sua vida e do seu amor.

Queridos do lar, não há necessidade de dizermos a palavra que ela tantas vezes proferiu; ela não está morta, mas ainda convosco; para os jovens, os netos, que a recordem sempre como próxima e lhes deem conhecimento desse país celestial que afasta as sombras da morte e faz a sua presença parecer cada vez mais manifesta.

Aos que lhe eram próximos e queridos, os seus filhos, as vidas que se ligaram à dela de ano para ano, a bênção da sua presença ainda permanece. Irmãs, irmãos, todos os queridos; este lar amoroso não está quebrado, os que estão acima e os que estão abaixo continuam a misturar-se, e aqueles de vós que serviram em todas as horas para ela lembrem-se que ela continua fiel a esse serviço no seu coração, e permanece convosco sob o amor de Deus.

Nosso Pai celestial, cujo amor e luz trouxeram tudo à existência, toda a forma de vida; que dá às aves as suas asas e o seu canto, e às flores a sua beleza e fragrância, e a toda a vida humana a experiência da alegria e da dor, a Ti nos voltamos; que a Tua misericórdia e bondade repousem

sobre os Teus filhos; que se lembrem do grande Mestre do Amor; da separação dos que ficam e da alegria que virá na feliz reunião. Que Te conheçam como o único supremo e, na hora da tristeza, assim repares os seus corações pela força e pelo auxílio vindos do alto, e que a luz desse amor e a mensagem dessa voz aliviem todos os oprimidos, esmagados e sofredores, até que todos entremos nas Tuas muitas moradas. Que permaneçam em paz; que trilhem os caminhos da vida com amor e dedicação e que se voltem para Ti no momento supremo desse nascimento mais elevado, louvando-Te, nosso Pai no céu, para sempre. Ámen.

A EXPERIÊNCIA DE MORTE DE ADIN BALLOU

Os ensinamentos de A. A. Bailou, através da condição de transe da Sra. Cora L. V. Richmond

Fostes inconsciente ao morrer? Quem foi o primeiro a encontrar-vos na vida espiritual? Como estavas vestido? Podem os espíritos passar por portas fechadas e paredes espessas? O corpo espiritual desorganiza-se durante o processo da morte? Existem zonas espirituais que envolvem a Terra, e há linhas de demarcação entre elas? Tens uma residência na vida espiritual e, se sim, por quem foi construída? E quanto aos animais e pássaros no mundo espiritual? Consideras Deus uma inteligência pessoal? Para ti, qual é a perspetiva atual do espiritualismo?

Submeti as perguntas acima às inteligências que controlam a Sra. Cora L. V. Richmond. Foram prontamente respondidas pelo espírito A. A. Ballou.

Não experimentei qualquer inconsciência; mal houve sinal dela. Pelo contrário, a consciência tornou-se cada vez mais intensificada; em vez de a sensação se amortecer, todas as vias de sensação se tornaram mais apuradas, e a consciência da vida espiritual misturou-se com a consciência de uma vida terrena a esvair-se. Aquilo a que se chama o desvanecer da consciência exterior é meramente a substituição da consciência exterior pela consciência espiritual. Existem espíritos que experimentam o que se pode chamar uma semi-consciência, que resulta mais da perplexidade do que de qualquer falta de atividade mental; mas este estado varia conforme o espírito de cada indivíduo.

Quando o espírito se afasta do corpo, está a despertar para outra vida. O período de repouso que algumas mentes experienciam é causado pela mudança de condição da vida terrena para a espiritual e, como qualquer choque súbito, deixa a mente sem memória, nada de vívido, e o espírito pode supor que esteve inconsciente durante esse período.

Fui recebido por alguém a quem chamarei a minha outra mãe, e por amigos pessoais imediatos, alguns dos quais eram familiares, outros não. Existe na vida espiritual, e mesmo no primeiro despertar na vida espiritual, uma consciência de reconhecimento daqueles que conhecemos mentalmente. Refiro-me àqueles cujas obras lemos com interesse, cujos ensinamentos seguimos, e aos companheiros da nossa solidão, que nunca vimos em forma, mas cujas mentes são una com a nossa. Estes encontram-nos na vida espiritual; e eu próprio fui recebido por aqueles com quem só tinha comungado através dos seus escritos ou obras na Terra.

A minha vestimenta era de um tecido drapeado; tinha consciência disso, e de que não tomava a forma estereotipada das roupas terrenas; mas pouco pensei nisso, a não ser que, quando um pensamento de alegria atravessava a mente em cada novo reconhecimento de um amigo espiritual, havia uma vibração por todo o corpo que se comunicava à vestimenta e à atmosfera à minha volta. Que os nossos amigos estejam preparados para nos receber na vida espiritual é certo; mas a roupa espiritual, aquilo com que nos adornam, aquilo que muitos espíritos [clarividentes] veem como trajes, é na realidade as suas afeições manifestando-se sobre a atmosfera que, como uma luz resplandecente, nos envolve; e tal como o nosso vestuário não é tecido de matéria, mas da agregação de substâncias espirituais, também o pensamento e a simpatia dos nossos amigos nos adornam; vestimo-lo como trajes brilhantes; a atmosfera ilumina-nos e envolve-nos; estamos vestidos de atmosferas...

Os espíritos podem, de facto, passar por qualquer substância considerada “sólida” na Terra. A matéria orgânica não tem efeito sobre o espírito inorgânico. Sendo o espírito inorgânico, não pode ser desintegrado; e como essência ou forma espiritual é mais subtil do que qualquer substância sólida, o espírito pode, à vontade, entrar e sair de uma sala, mesmo que esta seja feita de ferro, vidro, aço, ou da substância mais sólida e compacta. O espírito pode, e de facto passa, por prisões, cavernas, recantos de todo o tipo.

Não há impedimento na matéria para o progresso do espírito. O único impedimento existente é a falta de conhecimento ou de vontade. Um espírito pode ser impedido de entrar numa sala por acreditar que não o pode fazer; mas se souber que a matéria não é obstáculo, e tiver sincero desejo de estar na presença de alguém, verifica que a parede material não é obstáculo, e que o desejo ou vontade é mais forte do que qualquer obstáculo orgânico. Não existe resistência atmosférica ou outra à passagem do espírito pelo espaço e pela matéria.

Talvez seja oportuno esclarecer ainda mais. Sendo a simpatia a lei que governa o espírito em grande medida, e como toda a força empregue pelo espírito é uma força mental que age sobre o físico, caso seja requerida manifestação física, assim a relação de um espírito desencarnado com todas as substâncias orgânicas ou encarnadas é a relação de um poder positivo com um poder negativo, e o negativo não é de modo algum obstáculo à passagem do espírito de um ponto a outro.

O único obstáculo é quando o espírito deseja controlar a matéria para comunicação inteligente com mentes encarnadas; aí a resistência tem efeito, não sobre o espírito, mas sobre a manifestação que o espírito pode desejar fazer. O espírito, sendo inorgânico, não tendo em si qualquer conformação material ou genérica, não está sujeito à desintegração. Não há perigo de dissolução; as partículas unem-se livremente; não há nada na natureza da matéria que possa separar as partículas. Assim, tal como a luz passa através de uma substância transparente, todas as substâncias são transparentes para a passagem do espírito, salvo apenas uma contra-vontade. Um espírito pode ser impedido de entrar numa sala, não por paredes, não por vidro ou metais, não por substâncias sólidas ou portas trancadas, mas pela vontade, resistência, recusa ou falta de afinidade das mentes presentes...

O homem espiritual não se desorganiza nem se desintegra. O corpo passa pela desorganização, e a morte é o selo firme dessa dissolução. O espírito, porém, permanece. Como disse, o meu espírito já estava vestido. Experimentei uma sensação acrescida de vida, mas não dissolução no sentido de desintegração espiritual. O corpo recua; a maré está vazia. O espírito, como a maré-cheia, está em posse de tudo o que tem, retém isso, leva consigo a sua própria atmosfera para a vida espiritual, e é adornado pela simpatia, afeto, inteligência e demais experiências mentais que acompanham imediatamente a morte.

Quanto à dissolução ou desorganização da forma espiritual para o efeito de se retirar do corpo físico, seria tão sensato dizer que um homem se desorganiza quando tira a roupa à noite. O ponto importante para o mundo entender é que todo o espírito existe como espírito, embora possua corpo material; que a mudança chamada morte não cria nem o espírito nem a sua forma.

Compreende-se que, ao testemunhar o processo de dissolução do ponto de vista material, mesmo com visão clarividente, alguém possa supor que a forma espiritual é uma emanação em partículas do corpo físico. Tal é a ilusão inerente ao facto de habitar uma forma material, e mesmo olhando com visão clarividente a partir do ponto de vista material; mas não é esse o caso do lado espiritual. A diferença é como a de estar debaixo das nuvens e acima delas...

As esferas espirituais não envolvem a Terra no sentido em que por vezes se ensina, e não existe uma linha apreciável de demarcação em qualquer sentido físico ou outro conhecido do homem entre elas. Uma esfera espiritual é o raio ou atmosfera de uma condição mental, de um desenvolvimento espiritual. No mesmo espaço terrestre podem ser encontradas a esfera celestial e a terrena—querendo isto dizer, as condições espirituais mais altas e mais baixas. Espíritos em estado terrenal podem, por atração, pairar mais próximos da Terra.

Mas não há uma faixa ou camada—antes, manchas de nuvens, vistas do outro lado, acumulações de atmosferas espirituais que são densas em certos locais e mudam de lugar conforme muda o interesse ou a atração. Essas manchas comunicam-se com estados espirituais correspondentes em outros locais além da Terra, principalmente outros planetas; e há linhas de escuridão correspondentes às linhas de luz que ligam estados mais altos ou angélicos entre si. Nem estas linhas são fixas; nem ocupam sempre o mesmo ponto no espaço.

Uma esfera espiritual está presente esta noite em correspondência com a mente ou mentes que controlam estas palavras. Dizemos: esta é a esfera do grupo que controla o médium. Ora, isto não é fixo; não temos de estar aqui a não ser que haja algo a fazer; e a nossa esfera pode passar de um ponto a outro da Terra sem ser perturbada como esfera, ou sem deixar qualquer marca especial que possa ser delineada fisicamente.

Uma esfera espiritual é o raio da atividade das mentes que a compõem; pode ser grande ou pequena, potente ou não, conforme o desenvolvimento. Até onde sabemos, não há limites arbitrários, fronteiras no espaço, nem números arbitrários de esferas. Sete esferas, doze esferas, qualquer número harmónico serve como representação dos estágios do crescimento espiritual; e há certos estágios melhor definidos por esses números do que outros.

Por isso, é costume descrever as esferas em números, mais para facilitar a compreensão das mentes terrenas do que por haver um número fixo ou arbitrário na vida espiritual; mas como há certos ciclos que só os números podem representar, os espíritos, ao descrever estados últimos, usam os números, para melhor indicar quando esses estados atingiram o seu auge. Mas as esferas espirituais estendem-se em várias direções e não em linhas arbitrárias; são antes correntes da Terra para qualquer planeta ou ponto interestelar onde os espíritos dessa esfera tenham trabalho a realizar.

“Uma casa não feita por mãos, eterna nos céus.” Esta citação descreve melhor uma habitação espiritual. Eterno significa que o pensamento é duradouro; que toda a impressão ou vibração da mente produz um efeito na atmosfera com a qual o espírito está associado; que a localização, em referência à condição astronómica ou atmosférica, não é essencial.

A casa ou o lar do espírito deve ser essencialmente composto da substância que rodeia o espírito, deve ter a natureza exigida pelo espírito e deve situar-se no local da utilidade ou do trabalho do espírito. Tal como o calor e o frio, o inverno e o verão, a pobreza e a riqueza, a fome e o excesso, todas as mudanças de ordem física não têm efeito sobre o espírito; tal como o espírito não precisa de proteção contra os raios do sol, nem contra as geadas e tempestades do inverno; assim as nossas habitações são compostas exatamente das substâncias e situam-se precisamente nos locais que as nossas necessidades espirituais exigem. Quais são essas necessidades? Atividade.

A mente nunca dorme; o espírito nunca deixa de agir. Por isso, não necessitamos de uma habitação fixa onde possamos depor o fardo das preocupações materiais e descansar ou dormir, como fazem os mortais. Falo apenas por mim. Outra das nossas necessidades espirituais é a existência e a presença daqueles por quem nutrimos afeição. As nossas habitações, portanto, são em grande parte as nossas afeições. Vivemos

nelas; elas formam a atmosfera que nos envolve. Essa atmosfera assume formas de beleza, variedade, luz, sombra, proporção arquitetónica, arte, cor, linha, forma, conforme as nossas afeições; e não construímos por construir, nem para testemunhar como espetáculo a estrutura que erguemos.

Tudo o que há de edifício ou imagem, de arte ou paisagem, na atmosfera do nosso lar, é o resultado das nossas vidas, do nosso esforço, da ação e pensamento que compõem a nossa existência.

O nosso lar está agora aqui, porque a nossa atmosfera está aqui, e veríeis a atmosfera espiritual desta habitação impregnada por nós e por esta presença. O próximo ponto do nosso labor será então o ponto da nossa habitação espiritual. Se for junto de um amigo na terra, ali será o nosso lar por esse tempo; se for alguma esfera espiritual que devamos visitar, outra condição de vida espiritual a que nos propomos ajudar, então onde quer que encontremos esse espírito, ali será o lar por esse tempo.

Não há conflito de localização, nem apropriação das posses dos outros. Esferas inconciliáveis não se encontram nem se misturam; repelem-se e separam-se; não há ocupação das posses alheias. Só posso possuir aquilo que é meu. O meu lar é o meu trabalho espiritual, a minha consciência, a minha atmosfera, o meu ambiente; seguem comigo; não ficam em lado nenhum quando estou ausente; são minhas posses; permanecem comigo para sempre...

Espíritos em estreita simpatia com a vida terrena cultivam campos e jardins. As suas esferas espirituais, as suas habitações, as suas ocupações, são protótipos do que existe na Terra, porque não conhecem nada diferente. Continuam a executar o trabalho, continuam a existir na sua atmosfera, absorvem-se na sua presença e possuem as coisas que têm existência terrena. Para esses, todo o objeto assume a forma da vida terrestre, ou de um objeto semelhante da vida terrena, e os hábitos ou métodos da existência terrena são, em grande medida, repetidos na vida espiritual; mas, como referi, o seu lar espiritual então está na Terra.

Em outras palavras, para condensar e clarificar esta afirmação, aquela existência a que se chama objetiva na Terra não tem realidade na vida espiritual, enquanto a existência a que se chama subjetiva na Terra é o objetivo no espírito. Os nossos pensamentos, as nossas afeições, as

nossas memórias, as nossas aspirações, as nossas orações, esses são os objetos da existência em espírito. Casas e terras, jardins e flores, vida orgânica em toda a sua variedade, tornam-se para nós o subjetivo. Tê-los-emos, se as nossas afeições os exigirem; não os teremos se os nossos pensamentos estiverem além, ou ocupados noutras direções...

Todas as formas de vida animada estão abrangidas pela resposta à pergunta anterior. Não existe crescimento orgânico, vida animal ou vegetal, na existência espiritual elevada. Por orgânico entendo crescimento físico genérico. Toda a forma de beleza, cada pássaro, árvore, flor, paisagem, templo, é o resultado de uma ação imediata da mente, ou da inteligência, sobre a atmosfera; e sobre as partículas que compõem essa atmosfera da vida espiritual estão as imagens vivas das mentes que habitam essa existência.

Não são, em si, separadas ou distintas das entidades humanas, como pássaros, flores e árvores são na Terra, parecendo existir independentemente de serem vistas pelo homem ou não. Não temos florestas inexploradas, nem aves que cantem e desperdicem o seu brilho numa atmosfera invisível ao homem. Quaisquer pássaros são mensageiros; quaisquer flores são ofertas de paz ou atos de amor; quaisquer templos são ações consagradas à liberdade, à verdade, à justiça, à religião; qualquer objeto de beleza é expressão de um pensamento nascido nas afeições do espírito...

Consideramos Deus a personalidade infinita, a inteligência infinita do universo, tanto centro como circunferência, aquilo que está dentro e fora, que tudo preenche, tudo guia, tudo possui, tudo conhece, a personalidade infinita. A personalidade do homem está dentro, dentro dessa infinitude; certamente não pode estar fora dela; mas o homem não é essa infinitude, porque é finito. A palavra central não pode aplicar-se à infinitude, tal como circunferência. O que pertence à infinitude é o todo; mas quero que se entenda claramente que acreditamos na individualidade infinita. O facto da infinitude não diminui a individualidade.

Houve uma mudança decisiva do fenómeno para o espírito, do corpo para a substância; o Espiritualismo passou o seu segundo estádio e está agora no terceiro estádio de expressão. O primeiro, o segundo e o terceiro manifestaram-se simultaneamente; mas o primeiro e o segundo já tiveram o seu tempo de domínio; ou seja, a vaga de cada um atingiu o seu auge, ou clímax, e agora está a recuar. O Espiritualismo é, na sua

forma presente, um poder tríplice, e terá sempre três atributos: apelar à consciência exterior do homem por meio da manifestação tangível; apelar à consciência intelectual do homem por métodos de razão e indução; apelar à consciência espiritual e religiosa do homem por intuição individual e experiências de dons espirituais.

As manifestações por dons espirituais aos outros constituem o primeiro; a aceitação intelectual da filosofia e dos fenómenos constitui o segundo; o terceiro e poder duradouro é o que agora ganha ascendência, para além da manifestação, para além da expressão intelectual—é a voz do espírito divino, o testemunho vivo; e o Espiritualismo funde-se cada vez mais nessa voz.

O fenómeno não teria valor sem isto; a filosofia seria letra morta, tão vazia como muitas filosofias da Terra. O espírito que tudo perpassa tem mais da natureza de uma religião universal, uma religião que não está encerrada em dogma, credo, seita, definição, denominação, mas exprime-se numa apreciação plena e uniforme da Divindade como espírito infinito e do homem como espírito finito. O Espiritualismo não resvalará para o sectarismo.

O espaço é demasiado vasto. As aberturas no templo são demasiado grandes para o sol. Quem tentar construir um credo, fá-lo-á com outro nome e outro material que não Espiritualismo. Vários já foram criados, ou tentados, mas não são chamados Espiritualismo. A palavra em si é um testemunho perpétuo contra a construção de credos. É ampla, alta, larga, profunda, inclusiva; significa tudo quanto pertence ao espírito de Deus ou do homem, e por isso não pode ser construída num credo. O influxo constante da vida espiritual na existência humana está contido no seu pensamento.

Por isso, resolverá os mistérios. A sua tendência atual é encontrar os pontos de semelhança entre religiões, filosofias e todas as eras da Terra, unindo-os no seu poder. É um solvente, como a luz do sol, como a atmosfera, e não pode ser diminuído, limitado, confinado, apartado, mais do que estes. Quanto mais forem permeados por ele, menos probabilidade terão de construir credos. Quanto mais cheios estiverem do seu espírito, da sua essência, do seu poder, menos pessoais se tornarão.

Exalta a personalidade e a ideia de Divindade. Tornam-se impessoais à medida que se tornam profundamente individuais. Cultiva-se a individualidade, esquece-se a personalidade. O espírito é desenvolvido, o homem é realizado no seu sentido mais elevado e pleno, mas a criatura humana, a lagarta, é exaltada à borboleta. O Espiritualismo, entrando no seu terceiro aspetos, é inclusivo. Inicialmente foi apenas manifestação, depois desintegrador; agora é inclusivo, ou universal.

A COLHEITA DA MORTE ENTRE GRANDES HOMENS: E O QUE ELES ENCONTRARAM NO OUTRO MUNDO

Proferido no First Spiritual Temple, esquina das ruas Exeter e Newbury, Boston, Mass., a 5 de Março de 1893, pelos Guias de MRS. CORA L. V. RICHMOND

Homens notáveis nem sempre são grandes. Homens de destaque local ou mesmo nacional nem sempre são verdadeiramente grandes. Grandes homens não são tão frequentes na vida humana, nem tão reconhecidos no seu próprio tempo, que sejam um tópico quotidiano de discussão. Os verdadeiramente grandes raramente são assim considerados enquanto vivem; são perseguidos por estarem à frente do seu tempo, ou ridicularizados como fanáticos ou excêntricos, e não raramente condenados à morte por serem considerados incendiários e perigosos para o bem público.

Existe uma apreciação crescente, na vida humana, para aqueles que vivem em qualquer período. E pode chegar o tempo em que não sejam necessários séculos para que um homem seja apreciado e compreendido. Contudo, como o mundo é hoje, não se deve dar demasiado crédito aos elogios, deve-se ser muito cauteloso ao aceitar demasiado aplauso. Nem sempre significa que um homem é tão grande quanto pode ser só porque o mundo o elogia em excesso; e há uma certa suspeita de que aqueles que são demasiado elogiados no seu próprio tempo e geração são muitas vezes esquecidos, enquanto vidas que não foram elogiadas, mas perseguidas, são depois recordadas.

Contudo, um certo toque de humanidade ressoa pela nação quando grandes homens aparecem em grandes crises, como aconteceu com a vida de Abraham Lincoln em ligação com a crise deste país. Por consenso geral ele foi considerado grande. Por comum e universal

simpatia, a sua vida preencheu um lugar na emergência nacional que fez o mundo compreendê-lo.

Seria difícil comparar vidas umas com as outras; isso é sempre injusto; contudo, não haverá outros grandes homens como ele até que surja uma nova grande emergência, que, se estiverdes à beira dela agora, talvez esse homem surja. Mas o tempo e a ocasião trazem os homens necessários à hora.

A vossa nação foi recentemente chamada a notar a partida de três homens eminentes; o vosso próprio Estado partilhou o que as pessoas geralmente chamam de perda. E pensastes, ao rever os anais do ano e aquilo que agora vos acontece, que esta colheita recentemente recolhida para o reino espiritual é uma perda para a Terra e um ganho para o reino celeste, e para aqueles que já passaram além.

As vidas só são valiosas de duas formas que se possam considerar — pelo seu registo de verdade e pelo seu valor para os seus semelhantes. O indivíduo será preservado, mas o que os homens fazem pela humanidade, e aquilo em que o seu registo de verdade é maior do que a humanidade do tempo em que vivem, esse será o seu legado e a sua grandeza no mundo.

Os políticos nem sempre são estadistas. Muitos são estadistas, embora sejam acusados de demagogia. O sentimento partidário, especialmente aquele que acompanha todas as eleições locais e nacionais, impede-vos de ver a grandeza individual de muitos homens; o vosso Estado perdeu alguém que, durante a guerra e no seu final, por dons singulares, tanto judiciais como militares, ajudou a levar o governo ao sucesso na grande crise do Sul: referimo-nos, naturalmente, ao General Butler.

Talvez nenhum outro homem na nação tenha percebido tão rapidamente a questão militar essencial da guerra; nem mesmo Abraham Lincoln, sonhando com a liberdade dos escravos para um futuro distante; nem mesmo William H. Seward, sonhando com a grandeza da liberdade do escravo. A primeira proposta que tornou a abolição exequível foi concebida pelo General Butler. E qual foi ela? Que o negro era contrabando de guerra. Inicialmente era uma proposição militar, e essa proposição abriu caminho para que os negros fossem empregados para ajudar o exército da União; essa proposição levou à organização do primeiro regimento de soldados negros pelo General Butler no Sul; e

essa ideia foi conduzida, passo a passo, até que a emergência da guerra tornou a abolição uma necessidade.

No entanto, talvez, ao rever a história desse tempo, sejam poucos os que conseguem realmente ligar o resultado à causa, como o fizemos hoje. Sem a designação militar dada pelo General Butler; sem a sequência lógica que se seguiu, de que podiam apreender os escravos e utilizá-los contra os antigos senhores, em rebelião; sem a adição do direito de empregar os negros como parte das necessidades da guerra, todos os passos seguintes não poderiam ter sido dados, e o sonho de tantos abolicionistas poderia ter sido adiado indefinidamente.
A reconstrução também fez parte da obra do General Butler.

É duvidoso que outro homem no país estivesse tão bem qualificado como ele estava em Nova Orleães para exigir o devido reconhecimento da autoridade federal. O próprio Lincoln teria, talvez, sido demasiado brando; qualquer outro general do exército poderia ter tido demasiada consideração por certos precedentes militares. A emergência exigia ação; e no meio de profundo ódio, amargura e injúrias, não havia outro homem na nação que os do Sul, recentemente vencidos fisicamente, mas não mental ou moralmente, respeitassem tanto quanto ao General Butler.

Demagogia, partidarismo, político e outros, tiveram, como é natural, o seu tempo e o seu discurso; mas agora podemos olhar para trás, passados vinte e cinco anos, e vós podeis também olhar de forma imparcial e ver como a força de uma tal mente, talvez apenas a um grau de ser muito grande — ajudou e impulsionou as novas medidas que com sucesso permitiram superar aquele tempo terrível de perigo e desastre; e apertando a mão daqueles do partido oposto, vendo propostas que os do partido oposto não conseguiam ver, discernindo claramente cada passo de cada medida necessária para reconstruir este grande governo. As medidas do General Butler foram sempre claras, distintas, concisas e objetivas, e sempre tiveram tanto peso porque eram dadas a favor de uma causa à qual, pela tradição política, se supunha que ele se opunha.

Ao lado, na história da nação desse tempo, está o Sr. Blaine. Claro que foi um dos "cavalos de guerra" da nação; um dos baluartes políticos e nacionais na hora da prova. Claro que suportou, em pleno conflito, tanto do peso da grande luta da nação como qualquer outro homem público; e desde então foi o líder incontestado do partido a que pertencia.

Os amigos presentes perdoar-nos-ão por o dizermos, pois há um momento em que se pode ser demasiado partidário; quando as questões mudam, os políticos podem mudar sem perigo. Não há verdadeira grandeza em ser eternamente consistente com uma posição tomada em relação a questões passadas: a consistência que faz um homem na Geórgia votar sempre em Andrew Jackson; a consistência que inclui sempre as mesmas propostas no credo político e religioso de alguém; a consistência que mantém sempre alguém à frente de certas propostas políticas quando já não o são.

Este foi o único erro do Sr. Blaine. Se ele tivesse visto claramente que em um quarto de século a nação mudaria tanto que haveria novas questões; se tivesse percebido que essas questões iam constantemente numa direção oposta àquelas que, por consenso do seu partido, ele assumira; ou se soubesse que todas as questões de há vinte e cinco anos estão agora totalmente apagadas, que a nação está a entrar numa nova era com novas propostas e novos partidos, talvez, com aquele cérebro e aquela presença marcante, aquela visão clara mas nem sempre profética, tivesse sabido o que fazer.

Fez o melhor que pôde, liderando o partido, e não há críticas a fazer desse ponto de vista; e a nação recorda o grande homem que foi, na hora da emergência tão grande político, tão grande estadista, tão importante a impulsionar as medidas necessárias para a vitória na guerra, e tão grande a perceber o vasto alcance do país como qualquer dos principais políticos do seu tempo.

Se ousássemos, em estrita fidelidade às nossas convicções, chamaríamos ambos os homens que nomeámos de estadistas. Mas parece-nos que a palavra estadista significa algo que se eleva além das questões políticas de um século ou quarto de século, e vê claramente, como fez Charles Sumner e tantos dos vossos maiores homens, o que o desfecho deveria ser. Houve muitos estadistas que nunca foram ao Congresso. Houve muitos homens no Congresso ligados ao governo que não eram estadistas. Mas estes homens deixaram marca e influenciaram tanto o século em que foram ativos que serão lembrados entre os estadistas quando as questões e diferenças políticas desaparecerem.

Certamente todos os que se preocupam com o bem do país verão onde o Sr. Blaine falhou em alcançar o seu objetivo final: apenas por não perceber o passo que a nação estava prestes a dar. E certamente, se o

General Butler alguma vez teve ambições nesse sentido, ninguém lamentará não o terem proposto para o cargo mais alto da nação, pois na sua vocação própria foi maior assim como era. Fora da vida humana ativa, depois de uma longa existência terrena, estes dois homens ativos, enérgicos e exemplares partiram.

Não pretendemos mencionar todos os que recentemente partiram, mas estes do domínio político, o Sr. Lamar no judiciário, os poetas que há pouco partiram do vosso meio, e aquela grande mente que iluminou, em sentido teológico, esta parte específica do mundo, comporão o quadro que temos a apresentar. O Sr. Hayes não foi uma figura nacional, exceto como ocupante do seu cargo.

Contudo, na quietude e simplicidade, na austeridade da vida, em muito do que pode ser considerado exemplo para políticos, certamente se destacou; sobretudo pela humildade que acompanhou o seu cargo e que o acompanhou até à reforma. O Juiz Supremo Lamar foi uma das figuras brilhantes na prática jurídica. Pela sua ligação eminente à nação deixou um registo que poucos conseguiram igualar, ainda que não de todo em sintonia com as maiores decisões do país que tornaram alguns homens famosos e outros infames no passado. Corre ainda uma linha clara, distinta, brilhante, de erudição por toda a sua vida, e no resumo do seu percurso judicial revela-se um julgamento perfeitamente justo e imparcial.

Mas que dizer daqueles que partiram, e que são tão conhecidos, do reino da poesia? Cabelos nevados a florescer com os anos; grandes por não buscarem reconhecimento, simples na sua grandeza porque nunca suspeitaram da própria grandeza. Foi há pouco tempo que lembrastes o florescer para a vida imortal de Longfellow; e este ano trouxe a sua colheita plena de imortalidade a Whittier. Não conseguis imaginar vê-lo, no branco e límpido inverno da sua vida, a cada dia mais claro, mais brilhante e mais puro para o reino do espírito, cantando o seu cântico triunfal? Pois ele foi o poeta que cantou a liberdade dos escravos, muito antes de as necessidades militares da rebelião tornarem a liberdade possível. Foi o poeta que fustigou com o fino látego da poesia a tirania da escravatura, e apontou em verso—como William Lloyd Garrison e Wendell Phillips fizeram em discurso—a Nemesis infalível que a liberdade traz.

Foi ele, de raízes Quacre vigorosas, que pôde romper o silêncio em canções que anunciaram a chegada do novo dia. E foi justo que tenha

vivido para ver a grandeza e beleza de vida alcançada quando, finalmente, foi declarada aquela liberdade pela qual lutou e cantou na sua humildade. Nunca imaginou que ajudava a realizá-la, nunca pensou que o seu cântico simples impulsionava corações para o combate; nunca sonhou que curava as feridas da guerra, ou que, no seu espírito simples, divino, de fé e conhecimento da imortalidade, mantinha viva a esperança em outros. Tudo isto sucedeu aos soldados que ele ajudou sem saber. Defendeu a causa da liberdade antes que fosse seguro fazê-lo em Boston: todos os cânticos podiam ser entoados, pois aos poetas tudo é permitido, já que podem cantar o que outros não ousariam dizer em sobriedade e serem respeitados por isso.

Devemos mencionar, então, além-mar, o poeta laureado, que há vinte e cinco anos era o poeta clássico de todas as vidas jovens e aspirantes? Podemos afirmar que, pela rima e ritmo puros, e pela inspiração do pensamento e mente clássicos, Tennyson foi o poeta desta era? Mas, em tudo o que acompanha o coração humano, naquilo que toca mais de perto as vidas humanas, no que sente os pulsos do povo, ele ficará sempre afastado, enquanto os nossos próprios poetas cantam ao lar, proclamam os princípios da liberdade ao mundo. Podemos dizer que esse escritor clássico fez tanto pela humanidade como Longfellow ou Whittier?

É bom que cada homem viva a sua própria vida, sonhe os seus próprios sonhos, cante as suas próprias canções, mas os poetas de uma era têm de declarar algo que o mundo possa ansiar. Em "In Memoriam" de Tennyson, ele toca o cume que se aproxima da esperança que Longfellow cantava clara e constantemente. Na "Memoriam" a que nos referimos, homenagem ao seu amigo de juventude, que teria sido ainda mais próximo se não tivesse partido cedo, Arthur Hallam, escreveu:

"Quão puro de coração e lúcido de mente,
Com que divinas afeições ousadas,
Deve ser o homem cujo pensamento sustém
Uma hora de comunhão com os mortos."

Depois, prossegue a descrever esta comunhão e este estado constante e presença do seu amigo amado. Em nenhuma outra parte da poesia de Tennyson toca tão de perto essa fronteira, o limiar que, na época em que a escreveu, conhecia intimamente, pois não só a perda deste amigo o levou a meditar sobre o mundo futuro, como adquiriu algum

conhecimento da comunicação espiritual através da irmã a quem Arthur Hallam estava noivo, por quem chegaram mensagens desse reino imortal. Não admira que tenha conseguido descrever como possível essa comunhão, que mais tarde a sua mente erudita excluiu dos seus poemas, levando-o apenas ao domínio da canção e verso clássicos.

Ainda outro, tão americano como as Montanhas Rochosas ou o Niágara, tão pouco compreendido pela maioria dos poetas ou leitores, mas dotado de um pensamento original e distinto, que seria insubstituível na literatura americana—referimo-nos ao "poeta da natureza", o vendaval, o turbilhão, os ribeiros de montanha, o mar, o rio, Walt Whitman. Talvez os anos vindouros o revelem mais. Vão conhecendo mais sobre Wagner na música; talvez o verso de Whitman venha a significar algo para vós; e aqueles que agora gastam horas a decifrar o possível significado dos versos de Robert Browning, talvez venham a voltar-se para esta tempestade de poeta e descobrir o seu sentido.

Se tocamos num tema que esteve próximo de muitos corações e centenas de vidas, e possivelmente já esteve na boca de muitos, o tema de quem viveu de forma tão eloquente que, mesmo sem proferir palavra, teria já pregado o seu maior sermão; alguém que esteve entre os eclesiásticos sem ser deles; que vestiu o traje da igreja sem ser moldado pela igreja; que conferiu honra às formas e cerimónias da igreja por se conformar a elas para cumprir a sua missão de vida—referimo-nos a Phillips Brooks. Se falamos dele, não é porque o seu nome está em toda a parte ou é muito elogiado, ou porque conquistou muitos corações e vidas para lhe reconhecerem mérito, mas para completar o quadro.

Depois do louvor do Estado aos estadistas ou políticos, da nação aos grandes homens da pátria, depois do louvor dos que os amaram aos cantores e poetas, depois de todas as palavras e panegíricos proferidos por voz humana, depois das homenagens dos humildes e dos grandes, depois de cada retrato escrito, o país, de certo modo, mergulhou em silêncio: os visíveis partiram da vista mortal e vivem apenas na memória e nas suas obras; e os estadistas, políticos, magistrados, poetas e ministros do evangelho que partiram não são realidades vivas na mente de muitos hoje.

O que significa isto? Significa que a grandeza de um homem na morte é a sua herança e a herança do povo, mas que os portais para além da morte ainda não estão abertos ao pensamento e perceção humanos, e

tal coisa como uma vida continuada para o General Butler, para James G. Blaine, para o Juiz Lamar, para os poetas Whittier, Longfellow, Whitman, Tennyson, e para Phillips Brooks—vida e labor continuados—mal é sequer sonhada. Ensina-se, é a lição dominante do momento, é algo que até toca as religiões comuns do mundo, embora apenas pela fé se elevem aos céus, ao reino dos céus, onde se presume que todos entraram, mas não é uma realidade. Onde estão eles?

O que fazem agora? Que atividades, ambições e aspirações os movem? Como será o seu estado, que não está tão distante das condições terrenas como do toque da mão? Aqui no vosso meio, aqui na vossa consciência, a sua memória é mantida viva. Sem dúvida milhares continuarão a reverenciar a sua memória, mas qual é o dever ativo do espírito que partiu?

Nunca suponhais, nem por um momento, que, como na receção de homens públicos, ou uma inauguração presidencial, ou o regresso de heróis vitoriosos, os espaços estejam alinhados de espíritos em festa para receber o espírito que parte da Terra; nunca suponhais que haja arcadas enfeitadas de flores pelo caminho do espírito, nem que hosanas estrondosos sejam entoados pelos seus amigos espirituais em celebração da sua chegada.

Ninguém suponha que haja qualquer formalidade na receção de espíritos em qualquer momento. Toda a preparação necessária, toda a solicitude prevista pelos guardiões e amigos do espírito, todo o cuidado e ternura que o estado do espírito requeira, tudo isto é cuidadosamente e com antecedência providenciado,* mas não há vestes celestiais, nem coroas de flores, nem diademas de glória, nem cânticos de louvor a anunciar a passagem de qualquer grande homem ou humilde do estado terreno para o estado espiritual.

**NT: Contudo, se o falecido não tiver conhecimento do que o espera, pode não conceber nem ver nada disso.*

Para o indivíduo que atravessa a mudança chamada morte, para o general do exército ou o advogado da sua atividade particular, há, contudo, preparação: uma preparação interior, uma preparação para o desabrochar de uma nova vida, uma preparação para aquilo que vai encontrar—não as formas objetivas, os fins e aspirações que o encontraram aqui, mas o novo estado em que todas as realidades da

vida são subjetivas, onde aquilo que se pensou é muito mais importante do que aquilo que se fez, onde o que se disse é mais importante do que aquilo que outros disseram sobre si, e onde o verdadeiro propósito da vida, sem disfarce, sem culpa, sem louvor, se revela.

Ninguém é tão mau quanto os seus inimigos afirmam, nem tão bom quanto os seus amigos demasiado parciais julgam que seja; todos estão cientes de imperfeições e defeitos de que mais ninguém ousa falar, e todos sabem que são mais sinceros nos seus propósitos do que aqueles que os julgam suspeitam. Assim, pesado nesta balança impenetrável, o espírito passa do estado terreno ao estado espiritual; por vezes consciente, por vezes não, mas sempre com um aumento de poder, sempre com a consciência de uma expansão, sempre sentindo que estiveram presos e limitados, e sempre se regozijando, inicialmente, com a liberdade.

O primeiro pensamento de todo o homem, mulher e criança ao deixar a terra é declarar o seu estado aos seus amigos, dizer-lhes: "Estou feliz, estou livre, não tenho dor, já não estou preso nem limitado como antes", a maravilhosa sensação de liberdade; a liberdade do pensamento em vez das amarras do corpo, a liberdade da perceção em vez das amarras dos sentidos. E isto acontece a todos, a não ser que o estado seja tal que não exista qualquer perceção espiritual. Mas isso é raro.

Para aqueles que descrevemos, de acordo com os seus estados individuais, assim é a exultação e a liberdade. O primeiro reconhecimento é dos que lhes são mais próximos e queridos, como se estivessem lá desde sempre e soubessem o que estava para acontecer. Embora o espírito, ao partir, experimente, por instantes, surpresa, aqueles que o rodeiam e se manifestam primeiro não se mostram surpreendidos, antes parecem ter sempre sabido de tudo. É esta naturalidade, assim como esta liberdade, que constitui o elemento surpreendente para cada espírito; por mais bem preparado que esteja para partir, há sempre surpresa; se não estiver preparado, também a há; e mesmo aqueles que pensam saber mais sobre o estado espiritual, e sentem-se totalmente prontos e em casa quando a mudança vier, não podem conceber o que será quando o verdadeiro despertar chegar.

Para o homem de muitas preocupações, dedicado à aplicação desta ou daquela medida, conhecedor das leis e livros humanos, mas com natureza afetuosa e aspiração por algo acima e além, há uma revelação

de si próprio, e essa revelação chega pela introspeção. O reconhecimento acontece primeiro, e depois o espírito fica entregue a essa introspeção. Não é um estado de solidão, mas de descoberta súbita de que se está num reino onde o único valor da existência é aquilo que o espírito traz consigo, e que o poder que deve ser usado no estado espiritual reside inteiramente em si próprio.

Para aqueles a quem se chama "self-made men", como os primeiros que mencionámos, para os que sempre confiaram nas suas energias, inteligência e poderes individuais aqui, nada disto é novo; mas é novidade (e convém que tenham isso presente) que o espírito perceba, cedo ou tarde, que nenhuma ajuda exterior, nenhuma avaliação superficial dos amigos, nenhum dos métodos habituais de sucesso humano, pode ter efeito algum no reino espiritual; que quem seguiu certas atividades ou profissões poderá não continuar a fazê-lo na vida espiritual, a menos que essas ocupações sejam compatíveis com a convicção do espírito:

Um homem pode ser bom advogado sem ter verdadeira convicção sobre o seu caso; pode ser bom juiz, julgar imparcialmente segundo a lei, e mesmo assim as suas convicções não estarem envolvidas; pode exercer qualquer profissão e segui-la rigorosamente do ponto de vista profissional, sem nunca ser perturbado por uma convicção interior.

A força espiritual reside na sinceridade; a força espiritual reside na crença; sem convicção não há poder espiritual. Assim, ajudar alguém em quem não acreditamos, defender um caso que sabemos ser falacioso e não de acordo com a lei, com a equidade ou com a justiça, é impossível. O advogado deve abandonar a profissão como profissão. Pode ajudar quem quiser, pode assistir alguém, mas deve interessar-se verdadeiramente. Se for apenas uma proposta mental, o espírito descobre que não há ocupação a não ser empregar a mente ou inteligência para levar avante o verdadeiro propósito da vida individual.

Se a ambição de um homem tomou conta da sua vida a tal ponto que a vida do espírito, da nação e de uma determinada posição são idênticas, haverá desilusão; a desilusão vem de não existirem apoios exteriores ou superficiais, nem brilho de grandeza externa, nem provas palpáveis de consideração, como aquelas a que se está habituado quando se lida com outros seres humanos de quem se espera algo, e a quem se pretende dar algo, ainda que hipoteticamente.

Assim, quem está habituado a ser louvado, arrisca-se a desiludir-se. Os verdadeiros amigos estão lá: a mãe, a irmã, a esposa, todos os companheiros espirituais, os mais próximos do coração, os mais queridos à afeição; mas nenhum do brilho exterior jamais entra na presença do espírito desperto; ninguém ousaria forçar a entrada para dar ou receber felicitações sem que haja desejo, aspiração e vontade de quem desperta de os ver.

Tal é o estado espiritual: só os mais afins se podem aproximar do indivíduo. Assim, em vez de filas de pessoas que, por mera curiosidade, se juntam na terra a qualquer desfile onde esteja uma figura pública, estão simplesmente os membros discretos do lar do coração, sejam quem forem: aqueles que acompanharam o espírito na sua peregrinação terrena durante os tempos solitários de dura desilusão. É nesse recato e silêncio, relativamente, que o espírito entra antes de perceber qualquer um dos companheiros dos triunfos terrenos. Chegará, por fim, o tempo em que cada indivíduo se reencontrará com os amigos; mas é um encontro não de homens públicos, mas de amigos pessoais; não para reconhecimento público e cerimónia, mas entre aqueles que partilham propósitos e interesses semelhantes na vida espiritual.

Ninguém pode aceder à companhia de camaradas ou amigos apenas ao toque da corneta ou ao som da trombeta; mas se houver unidade de propósito, interesse pelo mesmo tema, algo que una mais do que as simples atividades externas da terra, então são atraídos uns pelos outros. Nunca suponhas, nem por um instante, que aqueles que aqui se associaram estão impedidos de se reencontrar, mas não são atraídos por laços exteriores ou arranjos prévios; só pela afinidade dos espíritos.

Os principais a dar as boas-vindas ao vosso soldado-cidadão, os principais a rodeá-lo, foram aqueles que ele ajudou na sua dor, aqueles que tentou amparar, talvez contra o Estado ou contra as circunstâncias e a adversidade, aqueles que os homens chamaram criminosos, aqueles que ele auxiliou na hora da condenação; e estes, como o incenso do inesperado, como flores que algum amigo bondoso trouxe hoje, foram-lhe oferecidos como aroma de gratidão, como doce reconhecimento das vidas que ele procurou tornar menos miseráveis.

De tudo quanto um homem pode fazer tendo poder e eloquência, e sendo grande no seu chamamento, ajudar os que o mundo condena é supremo. Nesses casos, a gratidão do espírito é derramada sobre o seu

altar. Melhor louvor é este do que as homenagens dos grandes homens ou os tributos humanos que acompanham alguma glória reconhecida.

Depois, o homem da nação, que nos últimos anos da sua vida parecia curvado pelo sofrimento, a quem uma adversidade após outra parecia abater, que foi chamado a suportar, talvez, nos últimos anos da sua existência, tanto sofrimento humano quanto costuma caber a um mortal durante toda a vida, a menos que esta seja inteiramente de adversidade:

Despertar e encontrar o sofrimento acabado, a luta terminada, perceber que ninguém espera dele qualquer esforço por causa pública, e perceber que, no reino mais suave do juízo espiritual, aquilo que na Terra foi dor e disciplina, e o braço forte da Providência, se suavizou em experiência humana, tornando o seu espírito melhor pela mudança – eis a grandeza da morte, eis a sua maravilhosa simplicidade, que põe de lado todos os pertences superficiais e restabelece o espírito, declarando que as verdadeiras posses do espírito são as que vêm de dentro.

O poeta canta os seus cânticos agora? Ah! melhores que qualquer canção entoada em vida terrena são os poemas do espírito! E quem fez da vida um poema pode ir para a vida espiritual sem um cântico sequer ser entoado, pois não será o maior poema aquele que, do nascimento à juventude, da juventude à maturidade, e da maturidade ao pleno florescer dos cabelos brancos, revela a verdadeira vida? Sim! Ter uma vida assim e levá-la adiante no reino do espírito é ouvir um poema imortal. Mais do que reis louvados, mais do que todas as palavras de eruditos, mais do que todos os tributos cantados, preferiríamos ver o florescer dessa vida na eternidade.

Sim, os poetas cantam canções, não aos estadistas, aos grandes das nações, aos orgulhosos e poderosos; mas cantam para corações cansados, derramam os seus tributos sobre vidas humildes. Na bela companhia que recebeu o poeta idoso, não havia quem elogiasse o seu verso, nem quem lhe dissesse quanto tinha cantado, mas todos estavam ali para o saudar e amar, até que o seu coração e espírito pareciam florescer num cântico eterno.

Não ouviste dizer que os mestres da música sonharam músicas que nunca puderam retratar? Não ouviste que os poetas deixam por cantar o melhor das suas almas, e só respiram aquilo que pode ser escrito em linguagem humana? Não sabes que patriotas e estadistas deixam por

exprimir os seus melhores pensamentos? Enquanto a nação vibra com a sua eloquência, eles escutam temas maiores, pois o que é mais profundo está dentro. Assim cantam os poetas sobre vidas até estas florescerem em esperança, sobre corações desesperados até se elevarem, sobre os que sofrem até serem consolados; é este o cântico do poeta na vida espiritual.

O poeta de cabelos brancos, o poeta da natureza, foi recebido pelo seu próprio símbolo, que o envolvia como montanhas, vales, rios e oceano. Mas se pudéssemos imaginar o que foi esse nascimento para a vida espiritual para Walt Whitman, seria como ser submerso num mar de vida eterna; não afogado em desastre, mas apenas preenchido de imaginações divinas.

Devemos imaginar a entrada na vida espiritual daquele cuja eloquência vos prendeu os corações durante um quarto de século, cujas ligações à igreja lhe valeram o respeito e elogio de muitos que não concordavam com a sua teologia, e cuja vida simples conquistou o vosso afeto, até vos parecer que teria sido igualmente grande sem qualquer ligação eclesiástica? Simples como uma criança, discreto como um santo, sem consciência de merecer algo, salvo cumprir o seu papel.

A sua vida terrena, abruptamente interrompida, foi uma conclusão tão natural quanto se tivesse sido antecipada durante meses ou anos; e o passar do estado mortal ao espiritual foi, talvez, menos surpresa para ele do que para muitos, pois credo, dogma e igreja não têm poder para prender o conhecimento do espírito, já que cada um pode escolher fazer o seu trabalho da forma que quiser, associado a qualquer tipo de ser humano, sabendo sempre que, para lá da forma exterior e do credo visível, há apenas um caminho simples entre o espírito e Deus, uma única revelação que a morte pode trazer: que o espírito fica frente a frente consigo mesmo.

Assim, o eloquente pregador, o homem das ordens clericais, aquele que Igreja, Estado e imprensa acorreram a louvar, entrou na vida espiritual como uma criança, encontrando amigos para o receber; aqueles que aqui consolou, não tanto os que confortou publicamente, mas mais nos gestos discretos de amor, na palavra de conforto, que nunca recusou e que era tão natural que nem lhe parecia de especial mérito.

Agora vos dizemos que os elogios das bocas humanas, as palavras ditas depois da sua morte e todos os panegíricos à sua memória não produziram ondulação alguma na sua vida espiritual, que ele não está consciente deles, mas apenas focado, com a medida, o alcance e o poder do seu espírito, em ver o que pode fazer; que nenhum dos bem-aventurados esperou sair do seu caminho ou abandonar os seus labores para o receber. E, contudo, esse é o seu estado.

Há toda a luz desta revelação sobre o espírito: ele vê e compreende que agora o caminho está aberto onde antes estava limitado, que a luz é mais distinta onde antes era difusa, e que o percurso que trilhava, embora fosse o mais elevado dos caminhos humanos, ainda não é o caminho direto para o reino que está dentro; mas todos os caminhos conduzem à luz perfeita e à consciência do espírito, e a alegria de ser um com cada humilde filho da terra é a alegria que o saúda agora; não com palavras, nem com grande agitação da vida humana e da simpatia humana, mas com uma presença penetrante que descobre o vosso sofrimento para o consolar, a vossa fraqueza para a fortalecer, a vossa sombra para a iluminar.

Esta vida que ressurgiu será ouvida entre os seus iguais. Mas não em concílios de clérigos, não em altares ecuménicos, não em tribunais eclesiásticos, nem em lugares de doutrinas humanas. Mas será ouvida ao serviço da humanidade, pois é o despir das vestes sacerdotais juntamente com as vestes da vida mortal. O espírito livre e sem grilhões descobre os caminhos pelos quais deve cumprir a sua missão, e a esses caminhos se adaptará, em silêncio ou em voz, na sombra ou na luz.

Cada um destes, ministro, poeta, estadista ou político, levará adiante a sua existência espiritual segundo a luz que habita em si; é um grande e glorioso dia o que existe no mundo: saber que há espaço, em todo o reino celeste, para toda a obra, para toda a vida, e que aqueles que aqui julgais maiores e mais poderosos talvez descubram que, nas verdadeiras posses do espírito, são os menores, enquanto algumas das vidas humildes que podem ter partido do vosso convívio desconhecidas e ignoradas pelos homens, ou aqueles que condenastes à morte e perseguiste injustamente, serão, no reino do espírito, mais poderosos do que os grandes, brilhantes e sábios a quem cantais louvores para celebrar a sua entrada na vida espiritual.

Lembrai-vos de que falamos do reino da realidade. Lembrai-vos que estes estados exteriores revelam a possibilidade da vida humana, mas não a sua finalidade; que nenhuma vida terrena ilustra plenamente o valor da grandeza humana, a menos que seja tão divina que sejam precisas eras para que a humanidade compreenda o seu significado. Quando tal vida surge na Terra e parte deste mundo, os olhos dos homens estão cegos, os lábios mudos ou cheios de crítica; mais tarde, olham para trás e dizem: Vede o que perderam os que não reconheceram a sabedoria de Platão; vede o que perderam os que não souberam que Jesus era forte no amor. Recordemos os menores como os maiores; lembremos que não é numa só vida, mas numa eternidade de vidas, que todas as almas são grandes no reino de Deus.

EXISTIRÁ COISA TAL COMO DESTINO?

Um discurso proferido pelos guias da Sra. Cora L. V. Richmond, no Teatro Hooley, na manhã de domingo, 24 de Fevereiro de 1895.

Discurso:
“Há um destino que molda os nossos fins, por mais que os tentemos talhar à nossa vontade.” “Pois ele viu o fim desde o princípio.”

O poeta disse:
“E sorri ao pensar que a grandeza de Deus
Flui à volta da nossa incompletude,
Em torno do nosso desassossego repousa o Seu descanso.”

Temos de aceitar ou a teoria do Agnóstico — que é uma espécie de fatalismo —, segundo a qual tudo é governado por uma lei inconsciente e não inteligente; ou aceitar a proposta de que tudo é governado pelo acaso; ou ainda uma terceira proposição: que o universo é governado por uma inteligência adequada às necessidades de cada uma das suas partes e do todo. Aceitar a primeira proposição é anular a própria razão, pois uma lei não inteligente é uma proposição absurda; não pode haver lei sem inteligência, seja ela criada por si própria ou por outro poder. Assim, se existe uma lei, há dentro dela uma inteligência plenamente suficiente, ou além da lei, um poder legislador.

Não conhecemos leis que não sejam moldadas por uma inteligência legisladora superior à lei. Nenhum ser humano espera que as leis de um

país, de uma sociedade, de uma cidade ou mesmo de um reino permaneçam imutáveis. Quando Licurgo, o grande legislador grego, se isolou e exilou do seu país, depois de consultar os oráculos e de formular o que julgava serem as melhores leis jamais feitas, obteve dos seus compatriotas a promessa de que não alterariam essas leis durante um século. Ele poderia saber, quer durassem um século, quer dez, que haveria de chegar o momento em que essas leis seriam mudadas; não porque o direito, a justiça e a liberdade mudassem, mas porque a sua aplicação na vida humana seria alterada.

Quando “o homem do destino” — como Napoleão, o Grande, era chamado — apanhou um pequeno ramo de violetas que caíra da cesta de um jardineiro e o levou para os seus humildes aposentos, disse: “Qualquer que seja o destino destas flores, esse será o meu destino.” Num pequeno vaso de terra, ao brilho ténue do sol, colocou as violetas; elas desabrocharam, cresceram e floresceram, oferecendo a sua flor púrpura; então soube que seria o governante de França, e a violeta púrpura tornou-se um dos emblemas do seu império.

Esta história, seja ela verdadeira ou não, mostra como pequenas coisas podem designar os destinos de grandes homens. Quando Madame Le’Normande, sob inspiração de um poder além de si mesma, utilizando o método externo das cartas, lhe anunciou que seria imperador e morreria no exílio, ele aceitou avidamente a promessa, mas esqueceu o exílio. Diz-se que sempre soube estar destinado a ser imperador de França.

Anos antes da guerra da secessão, foi retratado por algum escritor romântico, e talvez seja verdade, que Abraham Lincoln, o homem das fronteiras e barqueiro do rio, viu numa visão da nação o conflito vindouro entre o Norte e o Sul, a grande luta por causa da escravatura e o papel que poderia desempenhar nela. O episódio ilustra que, nas profundezas do espírito humano, ou na própria alma, existe uma presciência e um conhecimento prévio maiores do que a mente ou a razão exterior, dependentes de sequência, de causa e efeito, e que não podem conhecer o futuro.

O vosso alcance de visão física, como bem sabeis, é limitado a determinado número de vibrações da luz, e diferis nesse aspeto, uns vendo mais perto e outros mais longe; poucos possuem uma visão igualmente perfeita para o perto e para o longe. Para além do vosso

alcance de visão, existem vibrações de luz infinitesimais que não podem ser registadas pela retina do olho, mesmo com todas as suas múltiplas lentes; para além da vossa visão na distância, há miríades de objetos que não podem ser percebidos, mesmo recorrendo ao microscópio e ao telescópio para aumentar o alcance da visão.

Supondo que a inteligência do homem fosse tão limitada que o alcance da visão fosse para ele o limite do universo; há quem seja suficientemente cego para afirmar que “não acreditará em nada que não possa ver”; se se limitarem a isso, o seu conhecimento será muito pequeno. Mas não será antes que pretendem referir-se à evidência da mente? Não querem dizer os sentidos, certamente, pois só a mente poderia ter sugerido o telescópio.

A matemática foi a visão que permitiu ao homem saber que, suplementando a visão com lentes artificiais, poderia transcender a visão natural por muitos milhões de vibrações de luz. Claro que o limite ainda não foi alcançado; o homem ainda não vê, com o microscópio e o telescópio, tudo o que poderá vir a ver, pois, quando se adiciona a clarividência, as pessoas tornam-se capazes de perceber coisas à distância, não com a visão, mas com a perceção; é apenas uma outra forma de pensamento, uma manifestação do poder do espírito.

Essencialmente aceitais estas coisas; quando o astrónomo prevê um eclipse, ou prediz o aparecimento de um cometa errático, ou anuncia quando haverá combinações de planetas — se estarão em oposição, periélio ou conjunção —, aprendestes a aceitar essas afirmações sem a menor prova direta de que estão corretas, apenas porque é costume e, principalmente, porque têm uma base matemática. Mesmo que normalmente estejam certos, deverá haver por vezes uma ligeira diferença, pois existe algo muito para além do alcance astronómico atual que incluirá o sistema presente e o retificará. Ainda assim, não considerais grande credulidade aceitar, de um modo geral, essas afirmações.

O mesmo se aplica, em parte, à geologia e à química: o que em tempos antigos era conhecido como alquimia, e era quase considerado sobre-humano ou sobrenatural, hoje é tido como corriqueiro no laboratório do químico. Estas luzes que iluminam este local de assembleia teriam sido vistas, na Idade Média, como resultado de ação satânica, embora as leis

elétricas fossem já conhecidas numa era anterior, agora os ciclos do desdobramento da mente humana trouxeram-nas de volta.

Por outras palavras, estais dispostos a admitir que até as tempestades, os terramotos, as mudanças de estação, quer sejam adversas ou benéficas para o homem, resultam de leis que têm um propósito manifesto no que respeita à conservação do universo visível, e que é vosso dever, tanto quanto possível, adaptar-vos a essas leis, ou, se possuís capacidade intelectual, superá-las.

Tudo o que o homem realizou no comércio; tudo o que construiu em cidades, no desvio de rios do seu curso, na conquista das alturas das montanhas, na criação de enorme poder mecânico através das forças dinâmicas da natureza como a água, o vapor e o ar, e, finalmente, a eletricidade e a luz; em tudo isto, o homem obedece e transcende as leis da matéria: obedece-lhes na medida em que estão em conformidade com a lei natural, transcende-as ao dobrá-las à sua vontade. Torna-se, assim, árbitro do destino; noutros casos, submete-se ao destino geral do universo.

Sempre que surge a força moral, parece haver um reino separado e distinto, um código de leis ou perceções de ordem próprio. O homem, pelo intelecto, pode regular essas leis em conformidade com o que considera benefício exterior, ou pode transcender todas as coisas externas e agir segundo as suas convicções morais, totalmente independente do código material geralmente aceite. Ao fazer isto, torna-se o árbitro do seu próprio destino e, muitas vezes, do destino dos outros. Assim, torna-se maior do que as forças materiais à sua volta, ou mesmo que as forças intelectuais governadas pela matemática ou outras supostas leis fixas do universo.

Chegamos agora, portanto, ao que denominamos o reino do Destino: O sol central de um sistema destinado, por lei, a governar o poder de focalização e difusão da matéria, ilustra o que quer que se possa chamar de força material do universo. Tudo o que o ser humano faz na construção de estruturas, ao forçar caminho pelo oceano desconhecido, ao descobrir a navegação aérea, ao domar o relâmpago para cumprir a sua vontade, ao transcender as leis usuais da natureza desviando estas forças para cumprir um propósito; de facto, sempre que há intervenção da inteligência nas leis, que são para o governo e orientação específica das forças físicas do universo, esse poder deve criar um destino próprio.

Existe outro destino para além daquele que normalmente serve os átomos.

Fatalidade é a servidão cega das leis cegas da natureza. Quando alguém diz “é o destino”, há uma entoação diferente daquela que se ouve quando se diz “é fatalidade”. A fatalidade é o decreto frio, impiedoso e inflexível, talvez, de uma lei material não inteligente; o destino é o cumprimento daquilo que está dentro, auxiliado por todas as forças correlacionadas do universo.

O destino da semente manifesta-se no seu desdobramento; podeis plantar cem outros tipos de sementes ou estacas, mas nunca tereis uma rosa a não ser da roseira: isso é destino. Mas não é um destino causado pelo que está fora; é o destino daquilo que está dentro do germe, pois aí está a rosa, e todas as forças benéficas do ar, do sol e das propriedades químicas do solo tendem para o cumprimento desse destino.

Podeis murchar a rosa, mas não a podeis tornar noutra coisa que não ela própria. Todas as tentativas de hibridar os reinos vegetal, floral e animal resultaram nisto: que os tipos primordiais se mantêm rigorosamente sempre que têm oportunidade. Só por cultivo contínuo se pode preservar a mudança em relação aos tipos primordiais; estes, por sua vez, recusam-se a perpetuar-se; a rosa regressa ao seu estado original de cinco pétalas, doce, na natureza, e os lírios, como aqueles que cresceram em Belém, erguem os seus cálices estrelados em desafio a toda a cultura. O tipo primordial da raça humana pode ter sido retomado, mas não sabeis o que eram.

Hoje, na Terra, não existem tipos primordiais: não assistis a nenhum desses chamados processos de evolução nas mudanças à vossa volta. As raças avançam para o cumprimento do seu destino e depois declinam; estais no meio desse cumprimento agora. Mesmo que o homem exterior pareça degenerar, o destino do homem está na mais alta expressão da humanidade; quer tenha sido atingido por poucos ou por muitos, a promessa é para todos.

As pessoas, ao considerar assuntos desta natureza, tendem a limitar-se aos pequenos detalhes da vida quotidiana. Suponhamos um explorador, cujo destino é a realização de determinado propósito, que considerasse que os pequenos aborrecimentos e detalhes da sua viagem frustraram o destino que tinha em mente. Com Livingstone e Stanley, quaisquer que

fossem os incidentes das suas viagens, os objetivos primordiais do seu destino foram atingidos. Mesmo que muitos embarquem em viagens nunca concluídas, e sofram naufrágio pelo caminho, o seu destino ainda assim cumpre-se.

Quando um amigo vos visita de longe, mesmo que, após algum tempo, vos interesse ouvir as várias vicissitudes e experiências da viagem, o que realmente importa é que o amigo está aqui. Não importa se veio numa diligência ou no comboio mais moderno e veloz: o que importa é que veio; os incidentes ou desvios podem fazer parte da experiência, mas o propósito era ver-vos.

Assim é no cumprimento do destino da vida: Aqui está alguém destinado a ser músico; achais que todos os obstáculos que lhe possam surgir podem mudar ou alterar esse destino? Nasce algum génio com colheres e cálices de ouro postos à boca? Encontram-se grandes estadistas e patriotas, de repente, nas salas de legislação, sem esforço? Não será, desde o princípio e a partir de algum ponto de partida, o esforço que leva ao cumprimento do que está dentro? Tanto o esforço como o cumprimento são o destino. Quando outros fazem esforço semelhante e fracassam, isso não prova falta de sucesso nas suas vidas. Terá sido o General Grant ou alguém antes dele que disse: a seguir a uma grande derrota, nada há de mais desastroso do que uma grande vitória? As pessoas tendem a pensar que o fracasso numa determinada área do esforço humano é um fracasso de vida.

Conhecemos muitos que apostaram tudo numa só oportunidade de especulação, a chance de uma vida, e quando essa falhou, julgaram que as suas vidas haviam fracassado. Enquanto o destino do poeta, do filósofo, do vidente ou do profeta aponta para o glorioso cumprimento interior, mesmo que estejam condenados ao martírio ardente, à cela do calabouço, ou à forca, que importa isso, desde que o pensamento encontre expressão?

Quando alguém faz, por convicção interior, aquilo que realmente ama, não pode haver martírio — isto é, não pode haver sentimento de martírio. Outros, de natureza mais fraca, poderão dizer: “que vergonha crucificar e matar os mestres e salvadores do mundo.” Prova-se o glorioso cumprimento do seu destino quando as pessoas já amadureceram o suficiente para gritar “vergonha!” A afirmação da verdade é tão valiosa, tão querida, que nos sentiríamos obrigados a dizer o que cremos ser

verdade, mesmo que todos vós se afastásseis. Isso não seria martírio para nós, nem para aquele através de quem falamos, pois a verdade, quando percebida, é muito mais preciosa do que o louvor humano; é o amor de afirmá-la que faz o sucesso.

Feliz é aquele ou aquela cujo destino é pronunciar a palavra que está à frente do seu tempo; que conhece os pensamentos que circulam no futuro longínquo da humanidade; que vos diz, como o pai diz ao filho: “hoje sois crianças, daqui a alguns anos sereis homens e mulheres.” As crianças muitas vezes perguntam porque é que as coisas não lhes podem ser explicadas de modo que entendam agora; simplesmente porque não estão preparadas. Mas seria um pai negligente, ou uma mãe antinatural e sem intuição, quem não sugerisse os pensamentos, sentimentos e emoções que um dia moldarão as vidas que lhes foram confiadas.

Façam os pais o que fizerem, que isto vos sirva de consolo: façam o que fizerem, existe outro poder para além do vosso, ao qual tendes de confiar os vossos filhos; ou seja: a guarda das suas próprias almas e a Guarda Infinita em que todos estão incluídos. Muitas vezes culpabilizais-vos pelo que vos parece uma falha fatal no vosso filho, quando, tirando a lição, sois inocentes. Frequentemente vos repreendeis a vós próprios, e aprendeis com isso, mas no fim das contas, no absoluto, nenhuma alma está na guarda de outra alma.

Os acidentes na vida humana, que tantos desejariam evitar, como referimos recentemente no discurso sobre “naufrágios”, não são “acidentes” no sentido mais lato: aquilo que tantas vezes parece um desastre é, na verdade, a própria oportunidade do destino. Se, por algum aparente acidente, ficardes numa posição materialmente melhor, nunca deixareis de agradecer o dia que trouxe tal “calamidade”.

Conhecemos pessoas a quem o conhecimento espiritual chegou em horas de sofrimento e provação: Um cavalheiro, que magoou o braço ao ponto de ficar incapacitado de exercer a sua profissão habitual, disse que não trocaria aquelas seis semanas por todas as outras semanas da sua vida; pois aí teve tempo para pensar noutras coisas e surgiram-lhe capacidades espirituais e mentais que nunca conhecera antes.

Uma senhora veio ter connosco, como tantas outras, em profunda angústia, perguntando o que poderia fazer, pois tudo parecia correr mal:

o negócio do marido falhara, ele perdera o emprego, tinham responsabilidades a cumprir e uma família para sustentar, “haverá uma mudança para melhor?” Dissemos-lhe: dentro de um ano haverá uma mudança. No fim do ano voltou, sorridente e radiante, dizendo: “Se possível, as circunstâncias exteriores estão ainda piores do que há um ano, mas estou perfeitamente feliz.”

Onde tinha ocorrido a mudança? Não foi em nada do que supunha constituir a sua felicidade, mas sim na sua própria mente e espírito — a vitória transcendental sobre si mesma foi alcançada; pois, ao olhar para o infortúnio, deixara de se considerar vítima das circunstâncias ou influências negativas, e essa grande vitória trouxe-lhe também sucesso exterior.

Tudo flui, no estado atual da vida humana, para aqueles que seguem a busca de Mammon; contudo, se olhardes mais de perto, por cada mil que tentam, um consegue e novecentos e noventa e nove fracassam — é mais ou menos essa a proporção; isto é: fracassam em alcançar, na vida exterior, a vitória que procuram.

Mas esses novecentos não são génios ao serviço de Mammon, não estão atrelados, corpo e alma, ao seu carro; são vidas humanas que estão a iniciar a experiência que, no fim, compõe a força, o triunfo e a vitória — e essa vitória é a herança gloriosa de um martírio ardente, pois é o fogo que consome as impurezas. O objetivo aparente da vida, portanto, é a vitória exterior; o verdadeiro objetivo é alcançar aquilo que aquela senhora alcançou, sem uma única mudança das circunstâncias exteriores, a não ser para o que se poderia considerar pior.

Aqui estão duas pessoas, ambas amam igualmente os seus filhos; duas mães: uma, junto à campa, é inconsolável, a outra está triunfante. O que constitui a diferença (sendo iguais os afetos)? A morte está lá, a frieza do corpo está lá, a criança já não está na guarda da mãe em forma física; não há diferença na realidade exterior: uma curva-se de dor até ao chão, a outra triunfa na esperança, mesmo que as lágrimas da ternura surjam nos olhos.

Onde está a diferença? No coração daquela que venceu está o conhecimento do verdadeiro destino da vida, da vitória sobre a morte, daquilo que está para além da sombra dos sentidos; na outra não há esse despertar. No entanto, mesmo que fosse possível, não retiraríamos

essa experiência da vida dessa mãe, pois seria a única maneira de ela vislumbrar o que está para além. Este é o significado da tristeza, da dor e do sofrimento.

Esse sofrimento é o destino da vida humana enquanto aqui estiver, até que a vitória seja conquistada, todos o devem admitir. Que é este o propósito, todos o verão claramente, se seguirem estes significados internos da vida humana. Se não fosse assim, mais valia enlouquecer (ou ser) cego, surdo e mudo no meio deste magnífico universo, se não for verdade que estas experiências fazem parte da vossa vida exterior para o cumprimento do destino que está dentro.

Quem poderia privar o deus Pã do doce som da sua flauta de cana? Mas quem, senão um génio, ou o deus da música, poderia tirar um junco dos pântanos e encantar o mundo com as suas melodias? Quem, senão o sinónimo da música do mundo, poderia afinar a sua lira no meio das florestas até que todo o mundo ouvisse a doce música do sussurrar das folhas e do suspiro dos pinheiros e soubesse que é a sinfonia da natureza?

Mas a própria natureza, por si só, não o sabe. Quem, senão esses deuses representados no alto do Olimpo, pode personificar o destino da raça humana: a força de Hércules, o triunfo de Eros?

O esforço e a luta da multidão são o polimento do grande lapidário. As pessoas não se isolam a não ser que sejam eremitas ou reclusos, ou tenham cometido algum crime terrível. Façam os filantropos o que fizerem, não conseguem quebrar a agregação dos seres humanos uns com os outros. Tornam-se mutuamente infelizes para poderem tornar-se mutuamente felizes ao limarem as arestas. Esta constante luta pode ser desagradável, mas que fariam se estivessem isolados, sem essa fricção, sem o contacto com os outros que suaviza a rudeza da natureza humana, para que finalmente possam triunfar expressando aquilo que está por baixo de tudo: a grande caridade, a bondade e o amor que têm uns pelos outros. Muitas famílias estão sempre a discutir, mas têm grande afeição entre si, o que provavelmente as mantém unidas para disciplina mútua.

Nessas condições, quem aprende a paciência alcançou uma grande vitória; nessas condições, quem aprende a tolerância obteve um grande triunfo. Quando alguém nos diz: “Acho que teria melhor desenvolvimento

espiritual se o meu ambiente fosse mais harmonioso", sentimos vontade de dizer: "tens precisamente o ambiente de que precisas; a harmonia é extraída da desarmonia: se és melhor do que o teu ambiente, podes vencê-lo; se não és, então precisas dele."

Assim, o destino final da vida não está nos caminhos, meios ou métodos: não é nem o mecanismo pesado nem o ágil que faz o destino da vida humana, nem a força dos exércitos, nem o grande triunfo do comércio, nem a construção de cidades, nem os navios que descem ao mar; mas é o pensamento consciente dentro da alma que deve manifestar-se e moldar esta substância à sua obediência e triunfar diretamente sobre as circunstâncias, como o músico triunfa sobre as dificuldades do instrumento: mais ainda, ele cria o instrumento sobre o qual se há de exprimir.

Referimos, por vezes, um órgão tão perfeitamente construído que, ao ouvido humano, parecia a própria perfeição da harmonia; onde há uma nota num órgão vulgar, havia trinta e seis subdivisões de cada nota dita completa; só o homem que o construiu o podia tocar. Se o ouvísseis, lá no alto da pequena igreja onde foi construído, diríeis que parecia a música das esferas. Quando o mundo estiver pronto para tal harmonia, esse órgão provavelmente será reproduzido; mas o construtor já partiu. O seu destino triunfante foi saber que, na atmosfera da Terra, essa harmonia foi uma vez ouvida; que, algum dia, cada átomo da atmosfera da Terra vibrará com música tão perfeita quanto aquela que ele criou.

Também as vidas mais elevadas nos caminhos espirituais, que deixaram a sua marca na Terra, apontam para o glorioso destino de cada alma e dizem, como diz essa música: "poderá ser em mil anos, poderá ser em um milhão, mas a atmosfera da Terra e as pessoas responderão um dia a pensamentos tão abençoados e puros como estes." Então o homem terá cumprido o seu destino aqui e terá passado para uma herança gloriosa que nunca foi nomeada na vida terrena; como nem um vislumbre, mesmo nos cumes mais altos da transfiguração, jamais vos conseguiu revelar aqui.

E, no entanto, para sempre em diante. Pois o destino está em tudo; todos os poderes acima e além trazem arcas de poder esplêndido e transcendente para ajudar no desdobramento e cumprimento desse Destino Imortal.

(Poema improvisado, o tema sendo sugerido por um membro da assistência.)
Frederick Douglass.

Nascido de um povo cujo destino
Parece ser dor e servidão sem fim,
Mas nele brilhou, com luz de menino,
O génio a dar-lhe a força do sim—
Não pelo poder da nação e da lei,
Que devia ser direito e nunca foi,
Mas de uma fonte interna, tão cheia,
Que conquistou a liberdade que sonhou.

Com cabeça, mãos e pés cansados,
Quando a vitória estava tão perto,
Ultrapassou as noites, os fados,
Venceu o espaço do deserto.
O desejo de liberdade sempre o guiou,
As hostes do sonho o protegeram,
Por fim a sua voz de prata ecoou,
E por todos foi reconhecido, ouviram.

Ganhou seu povo, em luta sangrenta,
O lugar por direito merecido,
E se a multidão em volta lamenta
A liberdade que lhe era pedido,
Essa mesma liberdade, tu valorizas
E viste quando a língua eloquente
Inspirava as almas indecisas,
E disse: "Nunca mais serei servente!"

E a sua voz, firme e segura,
Triunfou sempre pela liberdade,
Até ver a sombra destruída,
Reconhecido, enfim, na sociedade.
A vitória, afinal, foi-lhe concedida
Pela bondade, génio e valor,
Por livros e leis tão lidas,
Por dores que viu com ardor.

Viu os erros do vosso sistema cruel,
Pelo triunfo constante dos anos,
Enfrentou o poder, firme e fiel,
Ignorando as piedades e enganos.
Conheceu o poder do destino interior,
O triunfo sobre a dor e o mal,
Que a sua vida seja o esplendor
Da esperança para todo o mortal.

No sofrimento e na adversidade,
Quando seguis em frente e ascendeis,
Há sempre vitória, mesmo na ansiedade,
Desde que jamais esmoreçais.
Hoje, com cabelos prateados,
Jaz em repouso, rei coroado,
Com honras maiores que qualquer monarca,
Pois um destino ainda mais elevado
Recebeu: o louvor nacional,
De um país que antes o caçara,
Por trilhos de liberdade imortal
E o quis de volta, com a velha tara.

“Nasceu para a escravidão”, diziam,
“Não tinha direito à flor da liberdade”;
Mas após o baptismo de sangue e poesia,
O seu dom abençoou a humanidade.
Hoje detém o púrpura e o ouro,
E louvores do país, seu tesouro.

BENÇÃO

Na sombra ou na luz a brilhar,
Na pele escura ou clara em visão,
Que o destino da alma venha a ganhar
A vitória, até à consagração.
E quando a glória for alcançada,
Seja ouvida a vitória tão desejada.
Ámen.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE OCULTISMO, TEOSOFIA E CIÊNCIA ESPIRITUAL?

DISCURSO PROFERIDO NO ENCONTRO DE CASSADAGA LAKE, DOMINGO, 22 DE JULHO DE 1888

Discurso
Senhor Presidente e amigos: se nos desviarmos dos métodos habituais ao tratar deste tema, é porque é privilégio individual de todos os oradores na tribuna espiritualista expressarem o que consideram ser verdadeiro. Compreendam-nos: ninguém é responsável pelo que dizemos; expressamos as nossas próprias ideias. A responsabilidade cabe apenas a nós.

As palavras “Ocultismo” e “Teosofia” e a expressão “Ciência Espiritual”, no sentido em que são usadas nos tempos modernos, consideramos bastante desnecessárias. Para nós, há apenas uma palavra que exprime, nos tempos modernos, tudo o que está incluído no significado do antigo “Ocultismo”, e essa palavra é Espiritualismo. Para nós, “Espiritualismo” abrange o que foi, o que é e o que será a natureza do Espírito e a sua relação com o Universo; por isso, quando nos pedem para comparar estes três termos, consideramos que só se pode fazer comparação onde há diferença, ou onde há tamanha semelhança que cause dificuldade em detetar a diferença.

O ocultismo, tal como ensinado na antiguidade, começando com os egípcios e terminando nos teosofistas modernos e seus seguidores, nada mais é do que um registo dos Dons do Espírito em várias épocas, sob diferentes nomes, sob diversas formas de expressão e ministração. Não reconhecemos que a palavra “Ocultismo” signifique mais hoje por ter sido revista, nem consideramos que o seu renascimento acrescente algo à riqueza dos Dons Espirituais existentes no mundo.

Só isto importa: se estudarmos com perfeita sinceridade os registos do passado, como os teólogos não fizeram; se reconhecermos, à luz do Espiritualismo, o que foi registado no passado, revelando as várias fontes e práticas dos poderes do Espírito, verificamos que, não só nos ritos místicos dos egípcios, entre os sacerdotes e sacerdotisas de Osíris e Ísis e as suas belas cerimónias — se pudermos seguir as suas tradições às margens do Nilo — eram reconhecimentos e promessas dos Dons do

Espírito, as ministrações e os dons que existem no homem. Se o fizermos, cumpriremos tudo o que é essencial.

Sem dúvida, os sacerdotes que ministravam nos antigos templos de Ião, e aqueles que, em período ainda mais remoto, combinaram ciência com religião — que foram os primeiros intérpretes da ciência física e da arte através da inspiração — eram dotados de dons espirituais semelhantes aos de quem hoje possui os Dons do Espírito. Todo o conhecimento passado, aliás, todo o verdadeiro conhecimento de qualquer época, deve ser, primeiramente, resultado da inspiração — ou seja, as perceções espirituais são despertadas para receber das inteligências que existem para além e acima do estado terrestre, tanto as coisas espirituais como materiais.

Memnon, ao acender os fogos do conhecimento nos antigos altares do ser e dar linguagem aos antigos egípcios; os sacerdotes nos seus templos e cavernas, descobrindo as fontes secretas da alquimia pelo poder espiritual; aquilo que pertencia aos antigos filhos de Hermes, não o Hermes da história ou da mitologia grega, mas da filosofia ainda mais antiga — Hermes o Divino; a religião diretamente inspirada, que Hermes o primeiro transmitiu, a inspiração das verdades primordiais do universo ao homem, apontando para o verdadeiro centro de luz e movimento, vivificado pela alma — esta é a base da fé hermética antiga. O fundamento de todos os antigos mistérios é o espírito.

O conhecimento que chegou aos egípcios não veio da educação externa ou da observação exterior, mas as manifestações e observações exteriores eram apenas empregues para verificar aos sentidos humanos, para aqueles que não podiam receber pelo espírito, as verdades já declaradas — pois os princípios da vida são os que se relacionam com o espírito; e isto podemos traçar, seja no antigo ritual egípcio, onde é estritamente preservado como conhecimento das coisas divinas; seja seguindo-o pela Índia e China, através da fé bramânica; seja pela fé zoroastriana, e na Pérsia encontramos os elementos secretos que eram apenas símbolos desta Luz Divina.

Tudo o que era oculto na antiguidade dizia respeito ao espírito, tal como a palavra vida em cada língua antiga significa o sopro da alma; tudo o que não era oculto era apenas mecânico, experimental, e era totalmente secundário ao poder do espírito, personificado naqueles dotados dos dons do conhecimento pelos deuses.

Todos os registos antigos tornam meio-divinos, semi-mortais, os seres que trouxeram as verdades primordiais ao mundo, como Hermes; essas verdades primordiais não só foram percebidas a priori em todas as épocas, mas, se devidamente interpretadas, foram transmitidas quase na mesma linguagem em todas as eras. A perceção da Verdade é Oculta; a sua demonstração aos sentidos é apenas intelectual. Esta perceção dos Princípios Primordiais da Verdade no Universo deve ter existido em todas as épocas, pois até os estudiosos começam a entender que os registos da Antiguidade, longe de serem apenas registos de superstição e fruto do fanatismo e ignorância, contêm em si os mesmos elementos essenciais da Verdade Divina.

O saber cabalístico preservou, de forma algo fragmentária, evidências dos antigos mistérios simbólicos até aos dias de hoje: do Egipto através das Igrejas Hebraica e Católica Romana, conservam-se alguns fragmentos deste saber cabalístico; mas a verdadeira interpretação dos mistérios ocultos do passado só pode vir do mundo espiritual. Nenhum homem, com a razão exterior ou com o saber puramente terreno, pode decifrar os símbolos, cerimónias, registos, inscrições e fórmulas cuja verdadeira interpretação pertence apenas ao Espírito. A Verdadeira Palavra da Vida nunca foi transmitida por fonte externa; passou de geração em geração através daquele método misterioso conhecido na igreja como Descendência Apostólica, mas conhecido no Espírito como Filiação Direta da Alma.

Assim, cada época teve os seus profetas e videntes; mas, para proteção, e para que os segredos revelados por esses meios misteriosos não fossem corrompidos pelo contacto com a matéria — porque as pessoas, no estado material da vida, não podiam compreender essas verdades interiores e símbolos científicos — foram instituídas ordens secretas para a prática destes ritos sagrados, secretos e misteriosos.

Hoje, o pensamento da humanidade é tal que aquilo que é sagrado, secreto e misterioso já não é necessariamente visto com temor, não é proibido externamente, mas significa apenas o que é “Sagrado”; à luz dos antigos mistérios, a palavra “sagrado” significava o que só era conhecido pelo espírito. Os antigos sabiam que a inspiração é a verdadeira chave para tal conhecimento, de modo que se alguém se aproximasse desses mistérios sem cultivo espiritual não os poderia compreender.

Estas perceções e dons ocultos não estavam tanto relacionados com o poder do espírito humano enquanto cativo, mas sim com o Estado Divino do espírito humano depois de muitas formas de vida terem sido expressas: a capacidade de perceber a natureza absoluta do espírito; os profetas e videntes de cada época eram tidos como almas reencarnadas, que já haviam existido muitas vezes na Terra e noutros planetas, trazendo sempre consigo novos dons e funções; enquanto todas as divindades da antiguidade eram aquelas que tinham conquistado muitos mundos, vivido aqui muitas vezes e, por isso, habitavam numa atmosfera de superior desenvolvimento espiritual, o que lhes permitia dar a Verdade da Mente Divina.

Assim foi com Hermes, que se acreditava ser um deus. A razão era que, tal como os Messias, habitara a Terra até lhe serem revelados todos os seus mistérios e, conhecendo-os, transmitiu aos poucos seguidores — apenas àqueles que podiam aceitar as suas verdades — os segredos do domínio sobre a matéria. Este poder de controlar a matéria só pertencia àqueles que atingiram certo grau de desenvolvimento, ou seja: controlar a matéria de forma absoluta, não apenas por meios mecânicos ou orgânicos.

O primeiro segredo da antiga química ou alquimia sob os Mestres Divinos era o segredo do Espírito e do seu poder sobre a matéria; depois vinham os segredos orgânicos, como os que existiam no ar, na terra e na água, mas principalmente no fogo. Na etapa seguinte veio a ciência mais externa da matemática, levada à sua mais alta perfeição no Egipto, apesar da sua antiguidade. A matemática do Egipto é a ciência de hoje.

A força oculta, em vez de ser derivada da experiência e da observação exterior, era obtida de dentro, impulsionada pelas Energias Divinas aí existentes, sempre auxiliada pela Inteligência Divina que emana do Espírito, e não de fontes materiais, e que deu todo o verdadeiro saber existente no mundo. Consideramos que a razão {…} {que fontes materiais-Ed.} pode formular e organizar esse saber apenas para os fins superficiais da existência exterior.

O verdadeiro ocultismo era o domínio das coisas materiais e espirituais pelo espírito, independentemente dos meios orgânicos habituais; queremos que saibam o que queremos dizer com isto. Desejamos deixar claro que as forças ocultas dos antigos diferiam tanto das suas forças mecânicas quanto o poder do espírito hoje difere da máquina a vapor: a

força oculta era a força interior; era o poder da vontade, vontade esclarecida, governando os agentes materiais, ativadas pelas energias divinas desenvolvidas através de várias formas de severidade e ascetismo. Talvez isso fosse essencial para se adaptar à natureza da matéria na antiguidade, e diferia das cerimónias modernas porque essa era uma época diferente, a própria terra era mais densa, a matéria ainda não estava tão espiritualizada como hoje.

Por isso, era necessário que aqueles que queriam contactar e dominar as agências espirituais, e ser por elas guiados, se preparassem, se separassem da escravidão aos sentidos, que os seus corpos não os dominassem, que não fossem governados pelas várias formas superficiais de vida que são costumeiras na existência humana. Isto porque os sentidos eram mais poderosos então, o mundo mental não era tão amplo, o poder do Espírito era ilustrado por muito poucos, ainda não se tinha adicionado aquela outra camada da vida espiritual, como hoje; só alguns podiam separar-se dos muitos para receber os dons espirituais, porque só poucos podiam suportar a severidade de vida e renúncia essenciais à prática dos Dons do Espírito.

Em qualquer manifestação de poder oculto, não basta que a vida exterior se conforme aos requisitos, tem de haver o verdadeiro dom interior; assim, se duas pessoas desta audiência começassem a jejuar e a adotar a severidade da vida antiga, decidindo afastar-se do mundo e de todas as tentações exteriores, uma poderia ter Dons do Espírito e a outra não. Isto porque, num caso, haveria dons que a outra não teria. A razão é que a experiência e expressão de uma alma é diferente da de outra.

Nem todos entram na vida na mesma base, nem todos vivem na terra da mesma maneira; algures na Eternidade as vidas são equilibradas e igualadas, mas não aqui ao mesmo tempo: por isso, os mestres, profetas e aqueles que praticavam uma vida de ascetismo para exercer os Dons do Espírito eram, desde logo, dotados desses dons, e afastavam tudo o que os separava da adaptação a esses princípios.

Voltando à antiguidade egípcia, a história que lá conduz é imperfeita; só se pode confiar na Inspiração e no Conhecimento de fontes espirituais para ensinar que a religião primitiva, assim como o saber do antigo Egipto, tinham o seu fundamento nos Dons Espirituais, e que até a ciência dos números, considerada a mais perfeita das ciências externas, provinha da Inspiração, era um dom dos deuses. Os egípcios levaram a

ciência matemática a tal perfeição que hoje somos obrigados a voltar às suas tábuas e registos como base da nossa ciência matemática. Seguindo esta linha, chegamos à Índia, aos vários países de fé bramânica, e constatamos que muitos dos mistérios da ciência oculta antiga ainda aí são perpetuados.

Lendo “A Luz da Ásia” e outros poemas publicados por Edwin Arnold, ou pesquisando os registos que estão hoje no Museu Britânico, percebe-se que a base da fé bramânica e da fé de Zaratustra era o Espírito Absoluto; que esta verdade era saber sagrado; que os seus exemplos, tão elevados quanto a verdade, tornavam claro, nessa época, aquilo que foi aperfeiçoado e desenvolvido por certas vidas que se mantiveram afastadas do mundo e conheciam os segredos, e que, pela severidade de vida, praticavam os Dons do Espírito, desenvolvendo os poderes que lhes foram dados pelos deuses que dominavam certos mortais capazes de comunicar com esse mesmo poder.

A religião bramânica decaiu deste estado original, os seguidores de Zaratustra foram engolidos pela idolatria moderna — sabem porquê? Porque o fundamento dessas religiões só se preserva nos muitos ritos e cerimónias do Oriente; contudo, hoje ainda se vê tanto a expressão verdadeira como a falsa desses poderes no Oriente: os verdadeiros Adeptos, dotados de todos os dons, e os ilusionistas, que executam truques de feitiçaria e magia diante dos mortais, imitadores dos verdadeiros praticantes. Os Dons do Espírito só podiam ser praticados com a sanção da Autoridade Sagrada, não para satisfazer a curiosidade de olhos curiosos; havia quem imitasse o verdadeiro sem conhecer o verdadeiro. Entre as autoridades judaicas também surgiram estas duas linhas: alguns não podiam praticar como Adeptos, só podiam transmitir o que lhes era ensinado, como no caso de Aarão, instruído nos mistérios e ritos revelados ao povo; depois havia o que era esotérico, considerado sagrado por Rameses, o protótipo, o verdadeiro Moisés, cujos dons eram exercidos sob dominação do espírito.

Enquanto Moisés se retirava ao monte e ali recebia as tábuas de pedra e a mensagem de Deus, o que é uma afirmação cabalística de inspiração maravilhosa, Aarão praticava o que era compreendido pelo povo, dava o que fora ensinado pelos sacerdotes para transmitir ao povo. Os verdadeiros dons do Espírito eram mantidos separados e eram sagrados em Horeb e no Sinai. As verdadeiras tábuas eram os planisférios que testemunhavam a Inspiração da Verdade. Nesta forma, a afirmação da

Inspiração, da qual resultaram os dez mandamentos do Decálogo, era a mais simples imitação. Não temos tempo para entrar na história completa das fontes desses mistérios ocultos, pois incluiria a história interna de todas as nações; basta afirmar que existiram, foram preservados: provas dos Dons e poderes espirituais praticados em condições e circunstâncias especiais por Iniciados e Adeptos.

Agora, a diferença entre os Iniciados e Adeptos e aqueles que hoje praticam os Dons Espirituais é simplesmente esta: naquela época, para se protegerem de governantes materialistas e espiritualmente ignorantes, invejosos de quem exercia os Poderes do Espírito, criaram-se associações para garantir que os que diariamente praticavam os Dons Espirituais tivessem paz e estivessem livres de interrupções para receberem o conhecimento desses dons — foi por isso que se formaram ordens misteriosas.

Sem dúvida, ainda poderão existir algumas hoje, mas na sua maioria dispersas; os Dons Espirituais foram distribuídos por mais países e terras, há quem acredite na interpretação cabalística do que é misterioso. Mas não existem mais do que doze na face da terra que realmente conhecem o significado e o fundamento original destas verdades ocultas; os que hoje dizem conhecê-las receberam-nas, na maioria, em segunda mão de quem ouviu relatos ou de contacto com a religião de forma exterior; enquanto os que possuem o verdadeiro Conhecimento da Fonte Divina dão as mãos à Índia, à Arábia, à China, ao Egipto, através do grande cinto dos anos e das eras que se interpuseram, e sabem do que falam pela Luz do Espírito.

A Teosofia é uma tentativa de reviver, de forma compreensível, esses mistérios do passado, segundo uma teoria religiosa — um arranjo de base que o pensamento moderno possa entender. E acreditamos que, em certa medida, tenha tido êxito; mas que constitua algo mais do que uma tese, ou uma busca estética e ascética para a mente intelectual, não se pode afirmar à luz do espiritualismo. Pois todos os que professam essa fé e a compreendem têm de ser espiritualistas; quem não a compreende, não pode dizer que encontrou o verdadeiro significado do que defende.

É, noutros termos, uma tentativa de tornar o Budismo compreensível e de tornar as Religiões do passado, excluídas do pensamento moderno, mais facilmente organizadas e ajustadas. Parece ser desejo dos

Teosofistas incluir todas as religiões do mundo numa declaração geral adaptada ao entendimento humano. Até agora, não consideramos que a Teosofia seja uma forma distinta ou arranjo de pensamento esotérico, nem que seja mais do que um renascimento do pensamento religioso de mestres como Buda, para o tornar compreensível ao homem. Não parece ser um arranjo, plano ou esquema mais vasto, pois não consideramos que qualquer tentativa de reviver uma inspiração passada possa ser chamada renascimento na presença de algo que está vivo e poderoso hoje.

Para nós, o Espiritualismo significa tudo o que é reclamado pelo Ocultismo, tudo o que está incluído na palavra Teosofia, e tudo o que não encontramos na expressão Ciência Espiritual. Com isto queremos dizer que as palavras “Espírito” e “Ciência” são, para nós, incompatíveis. Permitam-nos explicar: “Ciência” é uma afirmação formulada de factos experimentais organizados para conveniência da mente terrena, destinada a transmitir uma ideia de lei terrena e material. “Ciência” é apenas lei formulada, declaração do que parece ser o resultado do saber humano por experiência arbitrária.

Por exemplo: a Ciência da Astronomia é o estudo dos corpos celestes segundo o sistema autenticado de Copérnico, pela matemática direta; se há algo além disto, é especulativo e não é ciência. A Ciência da Química é a formulação de certos elementos considerados primordiais, e sua ação e reação; a proporção química é uma experiência formulada para revelar a outros a fórmula, esclarecendo o mundo quanto a certas combinações químicas encontradas nas coisas. Ora, “Espírito” e “Ciência” são, para nós, tão opostos como o dia e a noite: o que é Espírito é Absoluto, a priori; é alcançado por perceção e intuição. E, perdoem-nos, é diminuir o poder da mente e do Espírito dizer “Ciência Espiritual”. “Ciência” é tão menor do que “Espírito”, que seria como usar esta pequena terra para qualificar os Céus.

Para nós, não há fórmula nos métodos do Espírito: o Espírito é direto, é revelado pela perceção da Verdade. Essa perceção é absoluta. O fundamento primordial da ciência, na verdade, não é assim, porque o fundamento da ciência relaciona-se com coisas, enquanto o fundamento do Espírito relaciona-se com aquilo que não é coisa, mas é a fonte de todas as coisas. Por isso, dizemos àqueles que aceitam o termo “Ciência Espiritual” para explicar qualquer dos processos do espírito que

preferimos usar apenas a palavra “Espírito”, deixando-a sem qualificativo, seja adjetivo ou substantivo.

Consideramos que “Espírito”, “Alma”, é a base de qualquer facto que se encontre no Universo, pois é a expressão do seu próprio poder. Quando as pessoas afirmam trazer esclarecimento sobre a “ciência espiritual” (e aqui pedimos desculpa novamente), consideramos que é simplesmente uma tentativa que pode servir para abrir caminho através da mente exterior para receber aquilo que já existe no Absoluto. Não podemos ensinar o Espírito a ninguém, não podemos ensinar a existência de uma “ciência espiritual”; o conhecimento do Espírito tem de ser uma perceção — ou não é —, e poderíamos ensinar eternamente aquilo que seria considerado uma ajuda para o desdobramento do que vem de dentro, mas se esse interior não estiver suficientemente desdobrado para corresponder ao ensino material, não há ciência que o possa declarar.

O Espírito é a perceção da Verdade, os métodos da sua ministração são os métodos que existem. Se vos falamos hoje, é aos vossos espíritos que falamos; eles têm consciência da vida que vem das vossas Almas; ou reconheceis a verdade do que dizemos, ou a recusais, mesmo que o intelecto esteja mil vezes convencido, mesmo que a razão o aprove, se o Espírito a rejeitar não haverá aprendizagem. Iludido pela razão do intelecto, pelo fascínio dos sentidos, pode-se chamar “Verdade” ao que não o é, e rejeitar a Verdade até que haja crescimento perfeito.

Consideramos que a aceitação e presença dos fenómenos espirituais no mundo atual, aqueles que têm origem em fontes espirituais, são prova de um crescimento maior, uma atmosfera ampliada; que o mundo está preparado e é por isso que já não é preciso o isolamento que se praticava outrora. Assim também, a vida futura é mais verdadeira e cheia da sua própria consciência e convicção, e à medida que esta grande atmosfera mental e moral se instala no mundo, aqueles que são os instrumentos escolhidos do Poder do Espírito são assim sustentados.

Damos ainda um passo mais e dizemos que há certos mensageiros no mundo, alguns que têm Iluminação Espiritual: que têm dons e conseguem transmitir Verdades que antes estavam confinadas a cavernas, eremitérios e ritos secretos de outrora; porque as chamas dos altares foram acesas por toda a Terra, porque os Dons do Espírito foram derramados em múltiplos tempos e lugares, porque aquilo que antes exigia condições especiais pode agora ser realizado em circunstâncias

mais gerais, sob a luz aberta do dia, sem estar rodeado pelas dificuldades e condições do passado. A própria humildade, a própria Terra tornam-se mais espirituais à medida que a vida no homem se desdobra.

Acreditamos que os termos propostos para este tema estão todos incluídos no Espiritualismo da atualidade, desde as manifestações exteriores até ao mais alto ensinamento: qualquer facto que tenha surgido ligado ao Espiritualismo Moderno é um facto que outrora teria sido chamado de Oculto; é um facto que, na Teosofia, seria considerado Oculto; é um facto que não precisa ser chamado de “ciência espiritual”, mas apenas de “expressão do poder do Espírito”, e que hoje, a partir dos ensinamentos que recebestes, com os fenómenos que os acompanham, tendes todo o poder, toda a ilustração do que antes estava escondido em grutas e altares secretos dos tempos antigos.

Mais ainda: o próprio Sol derrama o seu esplendor sobre uma era iluminada. Tendes mais do que isso, pois as fontes da inspiração jorram diariamente na vida humana. Sempre que uma criança pequena pronuncia uma mensagem dos céus, ou um adulto vos transmite palavras de sabedoria vindas do alto, isso é uma expressão que, nos tempos antigos, teria sido registada como Oculta.

Os anos passaram, o tempo está maduro, a hora está cheia destes Mistérios Divinos, sob o nome que lhes derem — não os ignoraríamos — , mas também não ignoramos o nome que foi dado à presente Luz Espiritual, o nome que o Mundo Espiritual declarou para a sua manifestação exterior hoje. Quem quiser pode aceitar outros nomes, não há limite para a liberdade humana; mas nós escolhemos um nome tão vasto quanto o Sistema Solar, tão amplo quanto os Céus, tão inclusivo como o Universo, que inclui não só o Espírito do homem e o espírito de todas as almas, os Anjos no Céu, os Arcanjos na sua mais Alta Esfera, mas o poder desse Deus que, nos mais Altos Anjos, nos Espíritos Ministrantes e nos mortais mais dotados, deu nesta época tudo o que foi dado em épocas passadas — e mil vezes mais; fez destes templos e altares e desses lugares de culto o vosso próprio coração; e através destas Comunhões Sagradas abris os mistérios deste Reino Divino.

Lembrai-vos de que estais ainda apenas no limiar, talvez já entrado no vestíbulo, desse Templo Divino da Verdade Espiritual. Cuidai para que o nome que vos foi dado, a palavra que está guardada no vosso coração, a

Verdade que implica, não seja poluída por nada inferior, que nunca seja limitada por credo, nem dogma, nem ritual, que não seja restringida no seu alcance, na sua verdade, mas que inclua tudo o que possa caber nas necessidades espirituais do homem.

Mas se chegar o tempo em que o nome do Espiritualismo, como o nome de Cristo, como o nome de Buda, como o nome de Brahma, como os nomes dos Grandes Maravilhadores Espirituais do Oriente, se tenha degenerado em materialismo e dogmatismo, se a sua pureza de vida e preceitos for esquecida, se o desdobramento que possais receber for limitado pela vossa compreensão estreita e preconceitos, então, seja qual for o nome dessa hora, seja qual for o nome que as Asas da Luz e o Amor de Deus traçarem sobre o mundo com as Maravilhas do Espírito, aceitaremos esse Nome; mas até lá, para tudo o que é Oculto, para tudo o que é Teosófico, para tudo o que diz respeito à Alma do homem, escolhemos o termo único, abrangente e omnipresente: “Espiritualismo”.

BENÇÃO

Que tal Luz abençoada, como Anjos e
Espíritos Ministrantes vos possam trazer, seja vossa;
e que a Luz do Espírito, a partir da Alma,
ilumine assim o vosso entendimento,
preencha assim as vossas mentes e penetre assim os vossos corações
para que a Verdade Divina seja cada vez mais vossa,
no tempo e na eternidade.
Ámen.

ENTRARÁ, A CIÊNCIA, EM CONFLITO COM A BÍBLIA?

Tema escolhido pelo comité, Lyceum Hall, Boston, domingo, 5 de Julho de 1863

“Entra a ciência em conflito com a Bíblia?” é o tema que nos foi apresentado para reflexão. Como não tivemos escolha quanto ao tema, também não podemos escolher a forma de o discutir. O que está bem estabelecido não necessita de desculpas; portanto, falaremos a verdade — aquilo que é considerado tal — o que pode ser defendido sem referência às consequências.

A ciência, propriamente dita, ainda está na sua infância, especialmente aquelas ciências que têm relação direta com o assunto em debate, sendo a mais importante a geologia, ainda relativamente recente. Enquanto a astronomia, sob a forma de astrologia, e a química, sob o nome de alquimia, existem há épocas indefinidas, essa forma particular de ciência chamada geologia é relativamente nova, estando, assim, aberta a muitas críticas e não estando ainda bem estabelecida em muitos dos seus fundamentos. Mas os factos que são comprovados podem ser claramente provados pelos sentidos tangíveis da humanidade e pelas regras habituais da lógica e da razão.

A “Bíblia” é um termo muito indefinido, mas supomos que o comité se refere ao registo judaico conhecido como Antigo Testamento, já que o Novo Testamento contém pouco que se possa aplicar a este tema. Supomos que se refere mais especialmente aos relatos da criação no livro do Génesis e a alguns dos chamados milagres da Bíblia; mas sobretudo ao relato geral mosaico, tal como é conhecido e aceite na cristandade.

Em primeiro lugar, em nenhuma comunidade inteligente é tida como verdadeira a letra do Antigo Testamento sobre este assunto, e não insultaríamos a inteligência de qualquer audiência supondo que assim o consideram. Aqui, mesmo sob a asa de uma das mais antigas escolas teológicas do país, onde os professores de ciências ignoram totalmente os relatos mosaicos da criação, não seria apropriado supor que os aceitais; especialmente quando essa escola (a Universidade de Cambridge) dá ao mundo algumas das mentes científicas mais notáveis da época, que, nos seus desenvolvimentos, claramente revelam a falácia dos historiadores teológicos sobre os relatos da criação.

Além disso, mesmo as escolas de teologia que afirmam adotar a Bíblia tal como está, também reclamam para si uma interpretação espiritual desse texto. Portanto, não podemos confiar nelas. E, sendo tantas as formas de interpretação e tradução desse livro pelos teólogos, dificilmente podemos confiar em qualquer delas. Se tomarmos o registo tal como está traduzido, só podemos afirmar, clara e distintamente, sem qualquer hesitação, que está em absoluto desacordo com a ciência, e que a ciência, tal como hoje se desenvolve, o contradiz plenamente. Em primeiro lugar, o relato mosaico, na sua forma atual, é reconhecidamente imperfeito, sempre assim foi considerado pelos próprios judeus. Supõe-

se que tem um objetivo distinto, e esse objetivo é apenas um: a linha genealógica e o nascimento de Jesus de Nazaré, o Salvador do mundo.

Todos os outros assuntos parecem secundários, sendo o essencial fornecer a linha correta da Casa de David, de onde, se diz, descende Jesus de Nazaré. Este parece ser o objetivo do relato; se tomarmos este relato para obter todas as tradições judaicas ou registos sobre a criação, estaríamos enganados, pois nos seus próprios registos está afirmado que ninguém pode compreender o princípio do mundo.

Mas, tomando a Bíblia literalmente, como tem sido compreendida e aceite pelo mundo cristão durante muitos anos, surgem à mente inconsistências tão estranhas que julgamos ser sensato, para que a nossa posição fique clara, enumerá-las brevemente. Diz-se que o mundo e os céus foram criados em seis dias (e noites, supomos), e que o sétimo dia foi dedicado ao descanso. Mas se observarmos o relato, veremos que afirma que os céus foram criados primeiro, e que demorou quase seis dias a formar a terra.

Ora, sabe-se que a terra, comparada com o universo, é como um átomo em relação a uma montanha imensa; e se Deus pôde criar o sol, a lua e as estrelas num só dia, e precisou de mais cinco para criar a terra, então o seu poder criativo ficou aquém, pois encontramos outros mundos de maior magnitude, densidade e poder, sendo o sol o centro de todo o sistema solar. Estes seis dias e noites literais supostamente completaram a criação.

Alguns geólogos tentaram demonstrar — e falharam — que esses “seis dias” se referiam a períodos de tempo de imensa duração; que seriam períodos ou eras distintos, que os judeus, ou a língua original, para abreviar, chamaram “dias”; que seriam ciclos na grande escala do desenvolvimento. Então perguntaríamos: quando começou o sétimo dia, e quando terminará? Se os seis dias referidos são ciclos infinitos de tempo, terá Deus estado a descansar desde então? E quanto tempo dura o sétimo dia? E que foi feito do Sábado? Se não são períodos de tempo, é estranho que Deus não pudesse criar o mundo tão rapidamente quanto o sol e as estrelas.

Além disso, é claramente demonstrado pelas ciências da astronomia e da química, que nos falam da geografia dos céus e das propriedades da terra, mas sobretudo pela geologia, que o mundo tem mais de seis mil

anos; que é impossível que as datas do relato chamado Bíblia estejam corretas; e como está bem demonstrado por essa ciência, é praticamente impossível determinar quando começou a Terra. Quanto à questão de saber se sempre existiu na sua forma atual, é um problema para a ciência do futuro resolver; mas que terá decorrido um tempo tão longo para a criação de certas formas que prova o erro do relato mosaico, é certo, segundo as revelações conhecidas da ciência, as histórias visíveis na estrutura da terra, e a natureza da matéria antes da sua organização.

A teoria geológica sobre este assunto é, resumidamente, a seguinte: todos os mundos estiveram no início num estado caótico; a substância de que são feitos nunca foi tirada e adicionada ao universo; toda a matéria deve ter existido desde sempre — por não haver lugar fora do universo onde a matéria pudesse ter origem; sob alguma forma — como vapor ou substância condensada — teria de existir; pode não ter havido forma nas várias partes do universo, mas algures no universo deveriam existir sistemas, sóis, mundos desde tempos imemoriais; a mente infinita e o espaço infinito não existiram sozinhos, sem matéria; se pudessem existir assim, não haveria lugar fora deles de onde a matéria viesse, e tudo o que está dentro do universo deve ter estado sempre dentro do universo; o tempo apenas muda a sua forma. Agora, a questão é: como muda de forma, e por que processo são feitos mundos e sistemas? Não há resposta definitiva para esta questão.

Várias teorias têm sido propostas por astrónomos. Uns supõem que os mundos se originam em substâncias nebulosas existentes na atmosfera, e vagueiam desorganizados. Outros pensam que são fragmentos de planetas partidos, que assumem talvez outra posição. Outra teoria é que o sol elimina todos os mundos a partir do seu disco, que são periodicamente criados, assumindo uma órbita e provocando uma mudança completa no sistema solar. Outros acreditam que os cometas são mundos em formação, lançados pelos planetas, assumindo uma revolução em torno deles como satélites e, por fim, tornando-se mundos. Todas estas teorias podem ter alguma probabilidade; nenhuma poderá estar correta.

Mas supõe-se que os mundos e sóis estão em estado progressivo, ou seja, em mudança. Pode não haver progresso absoluto, mas no início do mundo, e na sua organização inicial, há caos; esse caos resulta da matéria, sem atmosfera, girando numa fase inicial de progresso e, por fim, através das suas revoluções, produzindo uma atmosfera; a vida

orgânica começa, primeiro nas formas mais baixas, como supõe a teoria geológica, e finalmente, através de infinitas mudanças e gradações, até à mais elevada forma conhecida de existência: a humanidade.

Entre os geólogos foi comum a teoria de que este sistema de progresso era tal que cada espécie era a fase avançada da anterior, e que, finalmente, o ser humano seria o ser avançado dos que o antecederam na ordem. Mas, seja qual for a teoria verdadeira, uma de duas coisas é certa: ou a teoria geológica da criação está correta, ou o mundo é muito mais antigo do que supõem mesmo os geólogos; e nesse caso, a teologia está errada. Se, como se supõe pelos relatos geológicos, o mundo esteve em caos e, segundo os cálculos conhecidos da ciência, girando em torno do sol no seu eixo e na sua órbita atual, teria de decorrer pelo menos seis mil anos até qualquer forma de vida orgânica poder existir à sua superfície.

Com as propriedades conhecidas da própria terra, se em estado caótico, e esse caos resultado do calor — como se supõe entre os homens de ciência —, não teria sido criada atmosfera suficiente pela revolução em menos de seis mil anos, nem sequer para produzir a forma mais baixa de matéria orgânica. Depois, considerando a infinidade de formas, cada uma das quais requer períodos quase infinitos para atingir a perfeição antes de a atmosfera se preparar para qualquer forma de vida superior, assumindo a veracidade do relato geológico, seriam necessários, para as formas atuais de vida à superfície da terra, mais de cem mil anos.

Os geólogos dividem a estrutura da terra em várias classificações, conhecidas como períodos geológicos, dos quais mencionamos alguns dos mais proeminentes: o período siluriano, o período carbonífero, os períodos de arenito superior e inferior, e finalmente, as formas superiores resultantes da combinação de matéria vegetal e animal. Cada um destes, segundo supõem, em todas as partes da terra, representa um período relativamente semelhante, demonstrando não o tempo exacto do desenvolvimento da terra, mas a sua ordem e arranjo. Nenhum geólogo pretende datar estes períodos com precisão; apenas os compara relativamente entre si, demonstrando que, fosse qual fosse o tempo necessário para os aperfeiçoar, tais e tais períodos, em diferentes regiões, existiram em simultâneo e foram resultado de combinações geológicas semelhantes. Estes, além disso, não ilustram nem podem ilustrar qualquer período definido de progresso; e, segundo os cálculos

conhecidos em relação aos fósseis, os depósitos são muito superiores a seis mil anos…

de vários outros períodos muito mais remotos e anos, existiam essas formas de vida — por exemplo, grandes animais, e, nalguns lugares, encontram-se restos fósseis gigantes de animais que não existem hoje; enquanto noutros sítios, massas de árvores, em forma completa, mas já transformadas totalmente em rocha sólida, são descobertas — e está provado que devem ter existido há mais de seis mil anos, talvez doze mil.

Quando se sabe que cedros e pinheiros de dimensões imensas foram encontrados em certas regiões dos Estados Unidos e na América Central, debaixo da superfície da terra, com seis ou sete estratificações a cobri-los, sendo que cada uma dessas camadas teria exigido mais de mil anos para crescer, morrer e desaparecer, pode então calcular-se quanto tempo seria necessário para formar as imensas jazidas de carvão e minerais que existem no subsolo, pertencentes ao período carbonífero; quanto tempo levaria a formar os depósitos que constituem o período siluriano; quanto tempo demoraria a formar os períodos de arenito, superior e inferior; quanto tempo para os diversos depósitos de cal, minerais e pedras preciosas; e, finalmente, para tudo o que existe à superfície da terra enquanto vida orgânica e animada, dotada de sensação.

Para além disto, várias experiências e descobertas mostram que, ao estimar o crescimento gradual de uma única classe de vida animal, são necessárias idades. Por exemplo, aquilo a que vulgarmente chamam “inseto do coral”. Estais habituados a chamar “depósitos” aos restos destes animais. Não é isso: são apenas conchas descartadas, tal como os corpos em decomposição de qualquer espécie, que gradualmente se acumulam até, supostamente, formarem ilhas; em todo o caso, compõem grande parte da vida oceânica.

Sabe-se que é preciso determinado número de anos para produzir uma camada com uma polegada de espessura; e quando se descobre que pode ser necessário cem anos para tal, conclui-se que, para produzir as imensas jazidas encontradas em certos locais do oceano, seriam precisos pelo menos vinte e três mil anos. Isto, juntamente com outros dados, mostra que não só os períodos passados, mas até as formas de vida atuais à superfície da Terra diferem, quanto ao tempo da sua

criação, em muitos milhares de anos relativamente à história registada na Bíblia.

Além disto, embora dependamos das nações alexandrina e helénica para os nossos registos de civilização, temos outras provas, que recentes investigações e experiências noutros países nos fornecem. Referimo-nos à Índia e à China, que durante milhares de anos estiveram isoladas do resto do mundo. Aí, afirmam possuir registos próprios há pelo menos doze mil anos, e traçam a sua origem até esse período. No período helénico, diferentes povos afirmavam ter existido antes do sol e antes da lua e das estrelas, mostrando a antiguidade que atribuíam à sua origem, mesmo três ou quatro mil anos atrás.

Dos chineses temos, nos seus próprios escritos sagrados, provas de antiguidade maior do que Moisés, maior do que a origem, segundo o relato da Bíblia, dos primeiros pais no Éden; maior do que qualquer relato supostamente existente na terra; outros textos sagrados datam o nascimento das suas divindades muito antes da suposta criação do mundo, segundo Moisés. Seja isso verdade ou não, na sua leitura literal, mostra que, fora dos cristãos e dos judeus, ninguém aceita o relato mosaico como correto; pelo contrário, todos os outros povos creem que o mundo é mais antigo e afirmam possuir registos absolutos desse facto.

Se, na destruição das bibliotecas de Alexandria, se perderam manuscritos que podiam revelar isto, é incerto; mas é verdade que, entre os judeus antigos, especialmente os egípcios, existia o que se acreditava ser uma ideia ou versão correta da primeira criação. Eles julgavam conhecer corretamente a origem, não só da terra, mas da espécie humana — essa origem não transcendental ou sobrenatural, mas passível de explicação científica. Isto perdeu-se na história, e hoje dependemos ou de historiadores tendenciosos a favor de alguma religião, ou daqueles que, sem religião, dependem de sofismas, ou então da ciência moderna.

Só há duas maneiras de alcançar conhecimento positivo. Uma é pela evidência absoluta dos sentidos; a outra, pela correta compreensão matemática da mente. Quando unidas, podem fornecer um saber fixo e definido. Ora, sabe-se positivamente, na ciência geológica — embora discordemos dos geólogos em muitos dos seus pontos principais —, que os vários períodos geológicos conhecidos na estrutura da Terra (e a superfície do planeta, comparada com o seu volume, é como a casca de

um ovo) teriam exigido muitos mais milhares de anos para a sua formação do que afirmam os teólogos quanto à idade do mundo. Sabe-se também, pelos historiadores, que civilizações existiram e desapareceram antes da suposta criação segundo o relato mosaico.

Sabe-se ainda que, nas traduções das Bíblias, foram feitas alterações e interpolações propositadas para corresponder ao desejo dos cristãos e ao objetivo da religião revelada. Sabe-se igualmente que, em todas estas compilações de textos sagrados, nada é totalmente fiável além do facto de os judeus, enquanto nação, terem existido; que as suas tribos eram nómadas; que cometeram toda a espécie de opressões e atrocidades; que foram feitos prisioneiros pelos egípcios e mantidos em escravidão; que foram libertados por Rameses (Moisés) e entraram em Jerusalém; e que eram temidos por todas as tribos em redor. Entre eles, não é reconhecido nem se acredita que a sua história tivesse qualquer referência a Jesus de Nazaré, e continuam a esperar ansiosamente o rei que há-de governá-los e ser seu soberano.

Assim, se Cristo era o Salvador dos judeus, e devia ser o seu rei literal, todos falharam em reconhecê-lo; e, não estando certos quanto ao seu rei esperado, podemos supor razoavelmente que também estejam errados quanto à origem do mundo. Certamente Adão não deixou registo algum. Nem Noé, seu descendente; não sabemos que homem poderia ter sabido e entendido claramente a criação de Adão e Eva no Éden. E como temos, na astrologia antiga, um tipo verdadeiro de Adão e Eva, nos signos e símbolos do sistema solar, podemos razoavelmente supor que tiveram origem entre os antigos sacerdotes, talvez os egípcios eruditos, que, por conveniência, deram nomes às constelações, nomes esses que mais tarde foram introduzidos nos relatos mosaico e judaico como factos literais.

É certo que muitas das personagens bíblicas têm origem direta na ciência astronómica; e, se tivéssemos tempo, poderíamos apontar referências não só a Cristo e seus discípulos, mas também a cada personagem proeminente da Bíblia, até Adão e Eva.

Se o relato mosaico fosse verdadeiro, bastaria uma simples pergunta a qualquer leitor: parece que Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel; que Caim, matando o irmão Abel, foi banido, e a marca do Todo-Poderoso foi posta nele, para que nenhum homem o matasse; e que foi então para uma região chamada terra de Nod, onde tomou uma mulher

por esposa. Ora, se Adão e Eva eram os primeiros pais, quem seria então a mãe da esposa de Caim? Existem muitas outras coisas triviais nesse relato que surpreenderiam, talvez abalarão a mente mais crédula; mas a única resposta dos teólogos que afirmam crer em toda a Bíblia é que Deus pode tudo: nada lhe é impossível. Isto, para a mente científica, não é satisfatório, e nem mesmo a mente teológica o aceita.

Hoje não ouvimos, em nenhuma igreja, nem nas mais fiéis ao credo ortodoxo, nada acerca deste relato da criação. Ouvimo-los apelar, em vão, contra a ciência. A Igreja tentou, durante muito tempo, combater este equilíbrio chamado geologia, que revela tão claramente o registo da criação de Deus. Não conseguiu; e, finalmente, tenta fazer com que ambas caminhem de mãos dadas; nas universidades teológicas entregam-nos a Bíblia como a palavra revelada de Deus numa mão, e, na outra, um tratado de geologia, pedindo que acreditemos em ambos: um, revelado por Deus, que diz que o mundo tem apenas seis mil anos e foi criado em seis dias.

O outro, escrito por homens, que afirmam que não é verdade, e dizem que, se foram dias, seriam períodos longos, ou tentam, por algum meio, dar aos dias e noites do relato mosaico uma duração suficiente para abarcar a criação. Hugh Miller, tentando em vão fazer corresponder a Bíblia às revelações geológicas, perdeu a razão, e por fim a vida. Assim acontecerá a qualquer mente que tente conciliar as falsidades do relato teológico com as provas irrefutáveis da ciência. Temos de renunciar a um ou negar o outro.

Com isto, não afirmamos que a Bíblia esteja totalmente errada. Não negamos os ensinamentos espirituais da Bíblia. Dizemos apenas que a ciência, então, não estava tão avançada como hoje; que quem interpretou a Bíblia não podia ter sido inspirado, mesmo que os autores originais o fossem — portanto, podem ter-se afastado do significado original; que quem compilou a Bíblia não foi inspirado, mesmo que os intérpretes o fossem, e reuniram apenas os manuscritos que lhes serviam os interesses individuais, para perpetuar uma forma particular de religião; que a Bíblia não tem outro propósito na Igreja Cristã senão mostrar a descendência de Jesus da Casa de David e, por consequência, do Cristianismo, e, portanto, como obra científica, não pode ser considerada fiável.

E, no entanto, no livro de Job e nos Salmos, encontramos maior conhecimento científico do que muitos ainda possuem hoje — uma consciência das correntes de ar, das revoluções da terra — que, se tivessem sido dispostos segundo os manuscritos originais, talvez mostrassem que não só entre os judeus, mas entre os egípcios — que foram sem dúvida os seus mestres —, existia grande saber científico, que, contudo, foi soterrado por superstição e preconceito, e em que se introduziu tanta mitologia pagã que a verdade científica ficou indistinguível do falso, e daí a superstição que acabou por prevalecer; que a escuridão da Idade Média provavelmente obscureceu muito do brilho da história antiga sobre assuntos científicos; e, se soubéssemos a verdade, talvez entre os povos helénicos e os primeiros períodos dos povos de Alexandria encontraríamos tanto verdadeiro conhecimento científico, embora reservado, quanto existe hoje.

É certo que, em muitos cálculos astronómicos, estavam corretos. É certo que, após a introdução do sistema copernicano, embora se tenha mudado a forma material da criação, muitos pontos registados eram semelhantes aos que tinham sido revelados em épocas muito anteriores. Mas tudo isto se perde na crença literal, material e superficial na letra da Bíblia. Esquecemos o espírito e ficamos apenas pelas palavras, acreditando porque nos mandam acreditar, enquanto duvidamos dos nossos sentidos, que nos dizem o contrário. Porque, nesses tempos, acreditava-se que a terra era plana, sustentada por uma tartaruga, e essa tartaruga por uma serpente; que as estrelas giravam em tubos de vidro transparentes; que o sol e a lua giravam em torno da terra, cada um criado para ser igual ao outro e dar luz, um de dia, o outro de noite.

Devemos acreditar nisso porque a Bíblia assim parece sugerir? Devemos aceitar isso porque a revelação não nos diz melhor? De modo algum. Devemos acreditar naquilo que, segundo a ciência e as leis da matemática, é verdadeiro; rejeitar todo o resto. E, se ainda existisse dúvida nas mentes modernas sobre o tema, essa dúvida seria dissipada pelas revelações da geologia e pelo progresso alcançado pela ciência.

Naqueles tempos, supunha-se que a Terra era realmente o único planeta importante existente; enquanto agora, com a ajuda dos telescópios e o avanço da ciência da astronomia, descobrimos mundos sem conta, qualquer um dos quais poderia conter talvez cem Terras, e todos variando em tamanho, força e brilho, conforme a sua posição. Então supunham que essas estrelas eram apenas satélites, minúsculos pontos

a girar em torno da Terra; e nas histórias mais antigas encontram-se apenas três planetas referidos como sendo de alguma importância, sendo um deles a própria Terra.

História, geologia, química e astronomia acabarão por compor os quatro lados do quadrado que, por fim, revelará ao mundo, talvez, o verdadeiro segredo da vida. A geologia é quase o oposto da ciência chamada teologia, pois é o movimento contrário do pêndulo, e reclama demasiado nas suas revelações, enquanto a teologia reclama sempre o inverso. Isto será corrigido com o tempo. Entre os geólogos, não há mais harmonia de opiniões sobre a ordem e estrutura da criação do que entre os teólogos; mas há isto a considerar: a geologia é passível de evolução, a teologia não; a geologia não reivindica perfeição, a teologia sim; a geologia, com cada nova escavação, diz:

“Podemos encontrar nova luz sobre este assunto”; quando uma pá revolta o solo, esperam encontrar algo novo para a ciência que estudam; sempre que se faz uma escavação na terra, supõem que se vira uma nova página no livro da criação; sempre que sobem às montanhas, encontram ali a palavra escrita de Deus, que fala do passado e do presente; por onde quer que se movam, encontram provas da existência passada da criação; encontram montanhas outrora submersas; oceanos onde antes houve terra firme; rios cujo curso mudou com o passar dos séculos; vastas planícies onde antes havia lagos e mares interiores; percebem que estas mudanças exigem tempo e esperam, por meio delas, descobrir os segredos do passado. Mas isto sabemos: não existe homem, nem revelação, nem obra que possa dizer quando começou a criação.

Isto sabemos: não existe mente, por mais profunda, nem livro, por mais cuidadosamente escrito ou matematicamente composto, que possa dizer quando Deus começou a trabalhar, ou quando o seu trabalho terminará. Isto sabemos: nem a ciência nem a religião nos podem dizer quando as partículas que compõem a flor foram sopradas pela primeira vez à vida, ou quando os átomos que constituem a atmosfera que respirais tiveram início, ou quando as formas cujas partículas vieram da terra e do ar começaram a existir. Só podemos julgar a mudança de forma, nunca o início.

Das mudanças graduais de posição, podemos julgar pela observação do presente e por testemunhos do passado que, embora mudos, falam alto

da grandeza e poder da Natureza. Nas montanhas e nas rochas, no leito profundo do oceano e na caverna silenciosa, nas florestas com milhares de séculos, nos recifes de coral, no brilho das pedras preciosas e no minério enterrado, há um volume que não pode ser confundido — letras, palavras, frases, volumes escritos pela mão cuidadosa da Natureza; Natureza, que segura a sua pena, mergulha-a no céu da manhã e no brilho do entardecer, escrevendo em cada folha e flor o registo da sua criação. Não comete erros. Não tem intérpretes senão as formas que vivem à sua superfície.

Para ela, não há língua que não entenda, nem segredo que não possa ser revelado. Ao verdadeiro amante da Natureza, ela mostra toda a vida e toda a história passada; e ali, e só ali, encontrareis a marca da mão de Deus. Guardados nas cavernas da terra, enterrados no solo, em cavernas de rocha, jazidas de carvão, minério de ferro, minas de minerais e pedras preciosas, vemos o trabalho da Natureza. Nos palácios esculpidos do mar, nas conchas de animais de várias formas e hábitos, nas diversas plantas que crescem sob o mar, onde não há luz nem som, a não ser o que os ventos fazem à superfície, aí está escrita a palavra de Deus. Mergulhai ali e trazei os tesouros à luz — encontrar-los-eis com séculos de existência. Arrancai os recifes de coral, e vereis que têm milhares de anos.

Analisai as rochas, e vereis nelas a marca de eras de crescimento. Investigai a estrutura da terra, montanhas e vales, e vereis onde, ao longo das idades, o curso do rio mudou gradualmente. Viajai até ao Niágara, onde a sua espuma cai sobre cavernas rochosas, e vereis onde, ano após ano, foi desgastando as rochas, até talvez cem milhas terem mudado. Isto não se fez num só dia. Observai o vasto leito do Mississípi, ou as grandes pradarias do Oeste; onde, com braços abertos e verdes prados, convidam o lavrador, onde outrora o índio remava a sua leve canoa, mas onde agora se agitam campos verdejantes e colheitas abundantes, e vereis provas de mudança. Ano após ano, primeiro sob a forma de simples ervas e plantas aquáticas, e finalmente por depósitos de solo, estes lagos e rios mudaram o seu curso; e não seria em um nem em vinte séculos que se poderia contar o preenchimento gradual do solo assim formado.

Certamente, não há quem possa dizer o princípio destas coisas. Não há registo que possa indicar quando nasceram os braços do imenso Mississípi, nem quando mudou pela primeira vez a corrente dos grandes

lagos interiores deste país; nem quem possa descrever as mudanças ocorridas em terras distantes; e, por fim, não podemos afirmar que o mundo não esteja ainda em movimento, em ciclos vastos de progresso infinito.

Contudo, lê bem este registo. A Natureza, em todos os seus volumes, é verdadeira, correta; e para quem a ama, nunca falha, pois podeis repousar, confiantes, no seu seio, que nunca vos enganará. Os registos e interpretações do homem falham: as línguas esquecem-se ou desaparecem, os hieróglifos egípcios e persas podem ser esquecidos; mas a Natureza nada perde, nada esquece, e sempre revela, na mesma linguagem, a sua história viva. O Deus nela fala, dizendo que é eterna — eterna — eterna. Assim são a ciência e a teologia.

O senhor do Comité, ou a audiência, é convidado a colocar novas questões sobre este tema. Se não sustentámos alguma posição, ou se nos quiserem criticar, estejam à vontade.

PERG. — Se o mundo não tem princípio nem fim, e a cronologia fixa se torna necessária para explicar o sétimo dia, não será o sétimo dia apenas passado?
RESP. — Talvez não entendamos exatamente a pergunta. É necessário, tal como a vida humana é, mas só pode agir em relação à matéria e aos objetivos definidos pelos seres humanos. Quanto ao sétimo dia, não pensamos que pertença ao passado nem ao presente, pois todos os dias, em relação à revolução da Terra, são iguais; todos os dias, para cada nação, são iguais; mas cada povo e cada crença têm os seus próprios dias de culto, os seus dias sagrados; entre eles, os sábados cristão e judaico são conhecidos. É só isso. É apenas uma consideração ligada às coisas sagradas introduzidas, supomos, pelos judeus, para benefício espiritual e temporal do homem.

P. — É sensato, no atual estado de progresso do mundo, sugerir que a ciência entra em conflito com a revelação?
R. — Sem dúvida; pois não pode ser evitado, se se quiser progresso científico. Ou aceitas o estigma de incoerência, ou aceitas o que a ciência revela.

P. — A Bíblia diz: “No princípio Deus criou os céus e a terra”. Quando foi esse princípio?
R. — Não sabemos; e tem sido difícil perceber como é que eles sabiam.

P. — Que mais sabem os espíritos sobre a criação do que aquilo que já nos revelaste esta noite?
R. — Talvez nada. O que o comité queria saber não era que conhecimento têm os espíritos, mas apenas se a ciência entra em conflito com a teologia.

P. — Têm os espíritos algum meio de estudar o passado que os mortais não têm?
R. — Como o espírito, livre da matéria, pode perceber mais claramente, talvez sim; e como tudo do passado está daguerreotipado na Natureza, toda a história pode ser assim compreendida, quando a mente estiver suficientemente avançada. Até onde podemos seguir, vemos mudança sem fim, mas não um princípio.

P. — Se, segundo a geologia, a existência humana só acontece pela manipulação da matéria orgânica, como pode ser que a alma, que estava com Deus desde o princípio, habite o corpo humano e, passado algum tempo, regresse a Deus?
R. — Não é uma questão geológica, mas teológica. Não podemos dizer o motivo de qualquer forma de criação; só sabemos que existem; que, na ordem do universo, a vida surge e depois passa para outra forma de ser. Assim deve ser com a alma.

Sabemos que as formas organizadas existem por avanço gradual de formas inferiores, ou, tecnicamente, por combinações; e como não descobrimos combinações de alma, mas apenas um elemento, assumimos — e não pode haver dúvida disso — que a alma, sendo um elemento simples e não composto, regressa à esfera da vida ou da alma. Mas não há prova de que seres organizados, com alma, não tenham sempre existido. A teologia assume isso, mas a teologia não sabe.

P. — Existe alguma evidência, na geologia, de que a alma alguma vez existiu?
R. — A geologia não trata da alma, mas da matéria.

P. — Falou da alma a regressar a Deus e pareceu assumir a sua existência como facto.
R. — Respondemos à pergunta do cavalheiro. A geologia trata da matéria. Supõe-se que a alma habite a forma de matéria chamada humanidade. Outro nome, se quiser, poderia servir; mas algo existe ali. Seja o que for esse “algo”, ele desaparece quando o corpo morre, e deve

regressar ou mudar de posição em relação ao corpo; ou retorna à fonte primitiva da alma, ou existe como substância separada noutro local.

P. — Então, simplesmente escolhe chamar a isso, por conveniência, “alma”?
R. — Não é por conveniência. Chamamos assim porque se acredita ser isso mesmo.

P. — Em que assenta essa crença?
R. — Nas consciências de cada indivíduo.

P. — Isso também é muito indefinido.
R. — De modo nenhum. É muito tangível.

P. — O que pode ser tangível, se assenta na consciência?
R. — A inteligência é apenas consciência, e, no entanto, a inteligência é a única prova tangível da existência humana.

P. — Oh não: temos evidência física de existência.
R. — Não sem consciência. O sentido nada é sem inteligência. Nervos, músculos, tendões, veias, tudo o que compõe a sensação nada é sem inteligência.

P. — Sim, mas essa inteligência está contida no corpo.
R. — Os sentidos são físicos. A inteligência, através dos sentidos, toma conhecimento dos objetos externos. Não se pode dizer que a inteligência é física.

P. — Sim, é; porque, se interferirmos com o físico do indivíduo, destruímos os sentidos.
R. — Não destrói mais a inteligência do que destrói o músico ao partir as cordas de um instrumento.

P. — O homem sempre existiu como criatura ou animal distinto?
R. — Essa é a questão. Não sabemos de nenhum tempo em que o homem começou a existir, assim como não sabemos quando a criação começou.

P. — Bem, há alguma razão para supor que o homem, individualmente, após a morte, continua a existir, enquanto toda a outra natureza animada deixa de existir?
R. — Não há prova de que a natureza animada deixe de existir; apenas

muda de forma de existência. No entanto, há razão para supor que, como a inteligência que existe no homem não é composta, não resulta de combinação, não pode ser analisada, vive noutro estado. Pode haver, com justiça, perguntas sobre essa forma entre diferentes tipos de crentes, mas que existe, é tão palpável quanto a água existe, mesmo que se transforme em vapor.

P. — Bem, é possível que uma parte do organismo seja destruída, e outra parte continue a viver?
R. — A alma, segundo a nossa perspetiva, não é parte do organismo. O organismo é material; passa para outras substâncias materiais. A alma não é material, portanto vive sem substância material.

P. — Uma das duas deve ser necessária à outra. A alma é necessária ao organismo ou o organismo à alma?
R. — A alma é necessária ao organismo. Nunca conheceu um organismo vivo sem alma.

P. — Diz-se que algumas almas são muito pequenas, mas, ainda assim, pode ter razão.
R. — É apenas culpa das janelas por onde olham. Consegue conceber espaço sem matéria, não é?

P. — Sim.
R. — Então pode conceber uma alma sem forma. Não pode conceber matéria viva onde não há espaço para existir.

P. — Não; mas sem matéria não pode haver prova da existência da alma, que precisa da matéria para se manifestar; não a pode reconhecer sem matéria.
R. — Certamente não; mas sendo a matéria universal, e havendo vários tipos de matéria, a alma pode manifestar-se, mesmo não sendo pelo corpo físico.

P. — Não conhecemos nenhum canal por onde possa manifestar-se senão um físico.
R. — Existem outras substâncias além das que compõem o organismo físico, mais subtis, que nem os sentidos detetam; e mesmo assim a alma pode manifestar-se através delas.

P. — Nada que os sentidos não possam detetar tem verdadeira existência, no que toca à inteligência humana.

R. — Os sentidos são auxiliados pela inteligência. Há muitas coisas que os sentidos não detetam de início, mas que a inteligência depois ajuda a descobrir. Todas as ciências são assim criadas. A inteligência precede os sentidos, e não o contrário.

P. — Sei que os sentidos são apenas agentes.
R. — Então, o que é inteligência?

P. — O resultado do organismo humano.
R. — Diz que não pode haver inteligência sem sensação; agora diz que os sentidos são apenas agentes.

P. — Exatamente; mas sem os sentidos nada poderia manifestar-se para nós.
R. — Se os sentidos são agentes da inteligência, a inteligência deve ser superior aos sentidos.

P. — Precisa dos sentidos para se manifestar.
R. — Admitimos isso, enquanto a inteligência permanecer no corpo humano; pode não precisar dos sentidos depois.

P. — Se me é permitido mudar de assunto, gostaria de pedir informação sobre outro tema. Li, recentemente, num jornal publicado em Boston — penso que o Boston Investigator — que médiuns espíritas afirmavam ter o dom da profecia. Creio que o seu nome foi listado junto com o de Mr. Colby, salvo erro. O escritor dizia que reivindicava o poder de profetizar. Não sabia que tal pretensão tivesse sido feita por si, e gostaria que esclarecesse publicamente se faz tal reivindicação, para além do que qualquer mortal ordinário possa possuir.

R. — Para benefício do cavalheiro, e de quem possa interessar, diremos simplesmente que nunca foi feita tal reivindicação. Quanto às nossas “profecias”, expomo-las a partir de causas conhecidas; se fizermos alguma afirmação, é com essa responsabilidade, não com base em qualquer poder de profecia suposto para mortais ou espíritos. Ainda que não neguemos o dom, não reclamamos exercê-lo.

P. — Isso é uma explicação qualificada.
R. — Então afirmamos, simples e categoricamente, que nunca professámos, nem com outros nem sozinhos, fazer profecias a não ser aquelas baseadas em causas e efeitos naturais.

P. — Fico contente em ouvi-lo dizer isso. Coloca-o na posição correta perante o público e os amigos. Não sei se o editor do tal jornal está presente, mas, se estiver, espero que tome nota desta declaração.
R. — Não nos preocupamos. Quem nos ouviu sabe que nunca fizemos tal declaração; quem não ouviu, não deveria ter a liberdade de o afirmar.

P. — Gostaria de saber se existe inteligência nos animais?
R. — Existe inteligência nos animais sob a forma de instinto. É palavra indefinida; mas, para ilustrar, é o mesmo tipo de inteligência que leva a flor a crescer com determinada forma, devido à sua organização genérica; que lhe confere determinada cor, devido à mesma organização. Cada classe de animal tem determinado grau de inteligência, mas não é uma inteligência criativa nem progressiva. É apenas inteligência instintiva, adaptada à espécie que a possui. Por exemplo, a organização do olho da águia, para visão à distância e atacar a presa; o instinto das aves para construir ninhos — para quê?

Para perpetuação da espécie, e só isso. Não há instrução na arte de construir ninhos; toda a ave sabe fazê-lo instintivamente, enquanto o homem, não possuindo inteligência instintiva numa única direção, possui inteligência criativa em todas. Entre estas duas inteligências existe essa distinção: as aves, os animais — toda a vida animal — possuem apenas a inteligência instintiva, enquanto a humanidade tem uma inteligência intuitiva ou superior, capaz de instrução, progresso e avanço.

P. — Se Deus não é revelado na Bíblia, como acontece que Deus nunca foi descoberto em lado nenhum, exceto onde existiram as revelações da Bíblia?
R. — Terá sido descoberto aí?

P. — Sim.
R. — Então, dizemos apenas isto: onde se reconhecem as revelações bíblicas, encontra-se um Deus com faculdades humanas, paixões e preconceitos semelhantes aos do ser humano; onde se aceitam Natureza e Ciência, encontra-se um Deus semelhante à criação. A diferença está entre um Deus de paixões humanas e um Deus do universo. O facto de a Ciência rejeitar o Deus da teologia não significa que não tenha encontrado nenhum Deus.

P. — Suponho que o seu argumento é, em suma, que se não houvesse Deus, seria preciso criá-lo.

R. — O argumento é simplesmente este: não pode haver criação sem inteligência. Chamamos a essa inteligência, Deus. Esse é o nosso argumento.

P. — Isso é o mesmo que eu disse. Criam um Deus porque é uma necessidade.
R. — Não o criamos. Apenas afirmamos o que é evidente: sem inteligência não há ordem nem harmonia; portanto, assumimos a existência de inteligência. Sabendo que ela existe, deve haver uma fonte para essa existência. Não podendo encontrar essa fonte senão na própria inteligência, então tem de haver um Deus inteligente.

P. — A ciência geológica fornece alguma informação sobre anjos ou espíritos em forma angélica?
R. — Decididamente não: não reclama fornecer conhecimento sobre anjos ou espíritos, nem sequer sobre a mente. Trata-se apenas de uma ciência relacionada com a estrutura da Terra.

Se não houver mais perguntas, concluímos agradecendo-Te, ó Pai Infinito, por toda a luz e conhecimento que possuímos. Faz-nos saber que Tu és infinitamente eterno; que a Tua mente é indestrutível, imutável; que mesmo que todos os mundos mudem de forma, a mente é perfeita e eterna, nunca podendo mudar. E ao Teu nome, que é verdade eterna, e ao Teu conhecimento, que dura além de todo o tempo, sejam os nossos louvores e agradecimentos para sempre. Ámen.